
3 1761 03611 8073

HOMENAGEM

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

Á

MEMORIA

DE

SUA MAGESTADE O SENHOR D. PEDRO II

HOMENAGEM

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

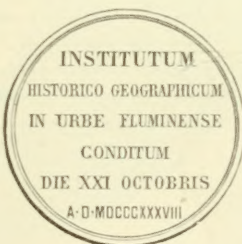
Á

MEMORIA

DE

SUA MAGESTADE O SENHOR D. PEDRO II





RIO DE JANEIRO
COMPANHIA TYPOGRAPHICA DO BRAZIL
93 Rua dos Invalidos 93
1894





INDICE





D. Pedro II

IMPERADOR DO BRAZIL

AUGUSTO PROTECTOR IMMEDIATO

do

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

Mesa e commissões para o anno de 1893

Presidente
Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

1° *Vice-Presidente*
Visconde de Beaurepaire Rohan.

2° *Vice-Presidente*
General Dr. João Severiano da Fonseca.

3° *Vice-Presidente*
Conselheiro Manoel Francisco Correia.

1° *Secretario*
Henrique Raffard.

2° *Secretario*
Dr. Alfredo do Nascimento Silva.

1° *Secretario Supplente*
Major Joaquim José Gomes da Silva Netto.

2° *Secretario Supplente*
Commendador João Xavier da Motta.

Orador
Commendador José Luiz Alves.

Thesoureiro
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

Commissão de Fundos e Orçamento
Commendador José Luiz Alves.
Dr. Liberato de Castro Carreira.
Dr. Cesar Augusto Marques.

Commissão de Estatutos e Redacção
Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Barão de Alencar.
Henrique Raffard

Commissão de Revisão de Manuscriptos

Conselheiro Manoel Francisco Correia.
Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.
Primeiro Tenente Arthur Indio do Brazil.

Commissão de Historia

General Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. Cesar Augusto Marques.
Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake.

Commissão Subsidiaria de Historia

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Alfredo do Nascimento Silva.
Major Joaquim José Gomes da Silva Netto.

Commissão de Geographia

Marquez de Paranaguá.
Barão Homem de Mello.
Capitão de Fragata José Egydio Garcez Palha.

Commissão Subsidiaria de Geographia

Capitão de Mar e Guerra José Candido Guilhobel.
Capitão de Fragata Francisco Calheiros da Graça.
Conselheiro Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro.

Commissão de Ethnographia

Dr. Feliciano Pinheiro de Bittencourt.
Commendador João Xavier da Motta.
Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares.

Commissão de Archeologia

Conselheiro Ladislau de Souza Mello e Netto.
Conselheiro Epiphanio Candido de Souza Pitanga
Dr. Luiz Cruls.

Commissão de Pesquizas de Manuscriptos

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Coronel Alfredo Ernesto Jacques Ourique.
João Capistrano de Abreu.

Commissão de Biographias

Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake.
Commendador José Luiz Alves.
Visconde de Beaurepaire Rohan.

Commissão de Admissão de Socios

Conselheiro Manoel Francisco Correia.
Barão de Capanema.
Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo.



Advertencia

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tendo-se reunido a 7 de Dezembro de 1891 para tratar de resolver sobre o modo de manifestar sentimentos de profunda magoa pelo infausto passamento do seu Augusto Protector, deliberou observar diversas disposições, sendo uma do theor seguinte: « Os Secretarios da mesa ficam encarregados de fazer em um livro especial a compilação de todos os artigos que houverem sido publicados com relação á pessoa de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II desde o dia 5 do corrente. »

Em obediencia a esta deliberação, o Primeiro Secretario chamou a si a tarefa de compôr o livro que agora apresenta.

*

A referida compilação, por decisão da mesa, foi limitada ás publicações da cidade do Rio de Janeiro, não só por constar acharem-se distinctos cavalheiros incumbidos de missão identica (em

São Paulo, etc.) como tambem porque será sempre possivel ao Instituto occupar-se mais tarde das publicações de outras procedencias, não o permittindo na actualidade os escassos recursos de que dispõe (*).

Reproduzio-se indistinctamente tudo quanto se póde encontrar, guardando-se fielmente a fórma; é, comtudo provavel, que se venha a verificar a falta de publicações extraviadas ou que ficaram desconhecidas.

Em um capitulo supplementar juntou-se o que havia sido esquecido a extractos e apontamentos uteis ao fim que se tem em vista, qual o de reunir dados para a historia do Illustre Morto.

Tarde, porém, notou-se a ausencia do artigo sob a epigraphe « A Morte do ex-Imperador » estampado no « Jornal do Commercio » de 11 de Dezembro de 1891 e ao qual referencias foram feitas nas paginas 497 e 500 d'este volume.

Ainda por decisão da mesa, deixaram de ser reproduzidos os trabalhos biographicos acerca do Sr. D. Pedro II, aliás já publicados, bem como os escriptos tratando dos mesmos, porque foram objecto de deliberação no Instituto Historico e Geographico Brazileiro, como consta das actas de 1892 e 1893.

Quanto á acta da sessão celebrada pelo Instituto a 4 de Março de 1892, em commemoração do fallecimento de S. M. o Senhor D. Pedro II, na qual fulguram a brilhante allocução feita pelo Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro e o elogio historico proferido pelo Commendador José Luiz Alves, já foi distribuida em volume separado, o qual forma com o presente um conjuncto, parecendo corresponder á intenção da muito reconhecida Associação.

Cumpre tambem ponderar, que para melhor justificar a razão de ser do livro em questão, entendeu o Primeiro Secretario dever principial-o com uma breve noticia do Instituto Historico e Geographico

---

* *Os diversos artigos da Imprensa Britanica foram reunidos em um interessante livro* **In Memoriam Dom Pedro The Second The Magnanimous Emperor of Brazil.** *Em honra ao seu autor damos o respectivo prefacio apos esta advertencia.*

Brazileiro, tornando bem patente o interesse que por elle sempre manifestou S. M. o Sr. D. Pedro II, trabalho quasi todo de compilação para maior authenticidade dos factos que passam a ser relatados e que pelo mesmo motivo foram ás vezes repetidos.

O presente livro, que sem as restricções do seu programma poderia ser de mais amena leitura, é necessariamente incompleto, e além de outros senões devidos a causas multiplas contém, como todo trabalho typographico, erros que não precisam ser indicados.

Assim só observaremos: que á pagina XLVIII linha 30 se disse **ominosa** *existencia em lugar de* **luminosa** *existencia e linha 32* **nos** *innumeros em vez de* **aos** *innumeros; que á pagina 249 — linhas 16 e 17 se deve lér:.....* **para qualquer eventualidade, embora contrario ás guerras. Buscava assim evital-as....** *e que o respectivo documento « Fé de Officio » inserido nas paginas 248 á 252 foi primeiro publicado pelo « Jornal do Commercio » em 28 de Maio de 1891.*

*

Fechando esta ligeira advertencia, só me resta manifestar o desejo de que sirva o presente livro para a feitura de trabalho melhor coordenado, mais completo e original a respeito do magnanimo **Senhor D. Pedro II.**

Dezembro de 1893.

Henri Raffard



IN MEMORIAM

DOM PEDRO THE SECOND

THE MAGNANIMOUS

EMPEROR OF BRAZIL

Extracts, Telegrams, etc.

Quando ullum inveniet parem?

. . . .

Multis ille bonis flebilis occidit.

—Hor. Carm. xxiv., lib i.

« A pious custom covers with flowers the bier of the beloved departed. They symbolise the grief of friendship in a most pathetic and poetical way; a protest, we might say, of life against death, by the contrast between their brilliant colours and the sombre funereal decorations.

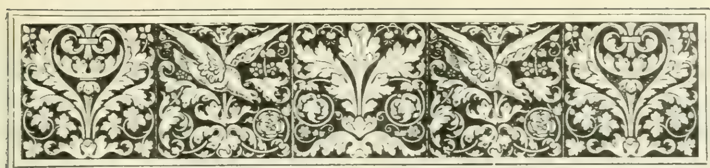
« Such testimonials of affection and deep sorrow were not wanting at the funeral of Dom Pedro, the Emperor of Brazil, who died in exile after having reigned for half a century over one of the largest countries in the world. Not only the countrymen of the illustrious sovereign but great numbers of his French friends, with the impulsive and generous character of that nation, paid this last tribute to the man who was called by one of their greatest poets, *the grandson of Marcus Aurelius.*

« Those flowers may fade and the wind sweep away their withered petals, but in the memory of the Brazilians will be kept in everlasting remembrance the image of Dom Pedro the Second in its serene majesty; while in their hearts will remain a filial love towards the monarch who during his long reign was so remarkable by his patriotism, his self-denial, and his intense interest in the welfare of his people.

« Nobody ever approached the Late Emperor who was not at once charmed by the simplicity and plainness of his manners, and struck at the same time with admiration at the extent of his great learning and the strength of his memory.

« To bring together in a permanent form the various articles published on that sad event by the English press, which appreciates equally and with noble independence the actions both of the living and of the dead, will be our tribute of respect and sorrow at the grave of the late monarch.

« It is a fact worthy of recollection that the only wreath on his coffin was the one sent by Queen Victoria, a touching tribute rendered by a sovereign whose virtues enable her to estimate those of the deceased Emperor.»



INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

E

Seu Augusto Protector Immediato S. M. o Senhor D. Pedro II

> « L'histoire va vite de notre temps, comme la vie elle même. Le recul historique, qui permet seul de juger les hommes et les évènements, se fait en bien peu d'années ». (*Le Temps*— Paris le 23 Octobre 1893).



Instituto Historico e Geographico Brazileiro foi fundado no Rio de Janeiro a 21 de Outubro de 1838.

Tendo sido acceita, em 19 de Agosto d'esse anno, a respectiva proposta apresentada ao conselho administrativo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, pelos seus secretarios marechal de campo Raymundo José da Cunha Mattos e conego Januario da Cunha Barbosa, — que foram, portanto, os iniciadores da nova instituição — vinte e sete membros d'aquella sociedade, pessoas das mais notaveis, reuniram-se a 21 de Outubro de 1838, n'uma sala do pavimento inferior do Museu Nacional, onde costumavam celebrar as suas sessões, e declararam installado o Instituto.

Estiveram presentes á essa sessão: o marechal de campo Francisco Cordeiro da Silva Torres e Alvim, depois Visconde de Jerumirim que a presidiu — o senador conselheiro Visconde de São Leopoldo — o marechal de campo

Raymundo José da Cunha Mattos — o conego Januario da Cunha Barbosa — o desembargador Candido José de Araujo Vianna, depois Marquez de Sapucahy, mestre do Imperador e presidente da camara dos deputados — os engenheiros coronel Conrado Jacob de Niemeyer e major, posteriormente marechal de campo, Pedro de Alcantara Bellegarde, lente da academia militar—os professores do collegio D. Pedro II, Drs. Joaquim Caetano da Silva e Emilio Joaquim da Silva Maia—o conselheiro e desembargador José Antonio da Silva Maia, procurador da corôa e soberania nacional — o senador Caetano Maria Lopes Gama, depois Visconde de Maranguape— os deputados, conselheiros e desembargadores José Clemente Pereira e Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, depois Visconde de Sepetiba — Rodrigo de Souza da Silva Pontes — Francisco Gé Acayaba de Montezuma, depois Visconde de Jequitinhonha e Joaquim Francisco Vianna, contador-geral do thesouro — os officiaes-móres da secretaria de estrangeiros conselheiro Bento da Silva Lisboa, da do Imperio Antonio José de Paiva Guedes de Andrade, e Alexandre Maria de Mariz Sarmento, da contadoria geral da revisão do thesouro —os conselheiros Ignacio Alves Pinto de Almeida, secretario da junta do commercio, fabricas e navegação — João Fernandes Tavares, physico-mór de Portugal, depois Visconde de Ponte-Ferreira e José Antonio Lisboa, deputado da junta do commercio — os Drs José Lino de Moura, contador da caixa da amortização, José Marcellino da Rocha Cabral e Antonio Alves da Silva Pinto, advogados —e os negociantes José Silvestre Rebello e Thomé Maria da Fonseca.

Approvados os estatutos á 25 de Novembro e estando constituida a mesa directora, marcou-se o dia 1º de Dezembro de 1838 para a primeira sessão ordinaria. N'esta foi resolvido, entre varias medidas, conferir o titulo de socio honorario ao membro fundador e presidente da Sociedade Auxiliadora — marechal de campo Francisco Cordeiro da Silva Torres e Alvim, depois Visconde de Jerumirim, assim como acceitar a feliz lembrança do conego Januario para melhor amparar a recente associação, lembrança de que me occuparei mais adiante.

Na referida reunião de 25 de Novembro de 1838 o 1º secretario conego Januario da Cunha Barbosa formulou por assim dizer o programma do Instituto n'estas palavras :

« Começamos hoje um trabalho que, sem duvida, remediará de alguma sorte os nossos descuidos, reparando os erros e enchendo as lacunas que se encontram na nossa historia. Nós vamos salvar da indigna obscuridade—em que jazem—muitas memorias da patria, e os nomes de seus melhores filhos ; nós vamos assignalar com a possivel exactidão o assento de suas cidades e villas, a corrente de seus caudalosos rios, a área de seus campos, a direcção

de suas serras, a capacidade de seus innumeraveis pastos. Esta tarefa, em nossas circumstancias, bem superior ás forças de um só homem, ainda o mais emprehendedor, tornar-se-ha facil pela coadjuvação de muitos brazileiros esclarecidos das provincias do Imperio, que attrahidos ao nosso Instituto pela *Gloria Nacional que é o nosso timbre*, trarão a deposito commum os seus trabalhos e observações, para que sirvam de membros ao corpo de uma historia geral e philosophica do Brazil. As forças reunidas dão resultados prodigiosos: e quando os que se reunem em tão nobre associação apparecem possuidos do mais acendrado patriotismo, eu não duvido preconisar um honroso successo á fundação do nosso Instituto Historico e Geographico. »

Nos annos de 1851, 1862 e 1890 foram modificadas as leis sociaes, porém o Instituto sempre teve por fim: colligir, methodisar, publicar ou archivar os documentos concernentes a historia e geographia do Brazil e após Setembro de 1847, occupar-se tambem da archeologia e ethnographia americana.

« Quando em 1838 fundámos o Instituto, — lembrou o orador effectivo Manoel de Araujo Porto Alegre na sessão anniversaria de 1855 — faziamos nossas sessões em uma sala baixa, escura e sem forro, despida de moveis e de todo o accessorio; mas no meio d'esta pobreza tinhamos o coração ardente dos fundadores: as nossas sessões eram numerosas, e os nossos trabalhos o que mostra a *Revista*. José Lino de Moura alli se via a animar os operarios do novo edificio e a estudar e promover os recursos materiaes para o progresso do Instituto; a sua bolsa estava sempre aberta e nunca nos fez esperar por uma impressão qualquer.

« Tenho saudades, meus nobres collegas, d'aquelles varões respeitaveis d'aquelles velhos que, por amor da patria se privavam do descanso e de seus conchegos nas horas de repouso. Como eram alegres e bondadosas aquellas faces venerandas do Visconde de S. Leopoldo, do conego Januario, de Rodrigo Pontes, de Aureliano, e como ellas se harmonisavam com a gravidade melancolica das dos nossos benemeritos finados José Silvestre Rebello, Thomé Maria da Fonseca, José Lino de Moura e o conselheiro José Antonio Lisboa!

« Recordemos de vez em quando estes nomes sagrados para o Instituto, afim de que os modernos e os estranhos os respeitem como nós, e assim venerem os primeiros lidadores que combateram os madraços, os apostolos do regresso, os defensores da inercia, capeada pela duvida, com este exemplo luminoso e triumphante!

« A maior parte dos thesouros accumulados nos 17 volumes da nossa *Revista* seria perdida, si o espirito de adiamento tivesse prevalecido no animo dos fundadores do Instituto. Os homens que esperam pelo tempo esperam pela morte.

« Para nós todos, o trabalho não é pena, nem uma alavanca mercenaria: porque o consideramos como um dever sagrado, como um tributo exigido pela patria, e como um meio honroso de bem merecer do Imperador e dos Brazileiros.

A respeito da *Revista*, o 1º secretario conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro na sessão anniversaria de 15 de Dezembro de 1874 ponderou o seguinte: « Desafiam a malevolencia as paginas da *Revista*, o mais vasto e completo archivo historico que possue o idioma portuguez e cada vez mais cubiçado pelas academias, sociedades e individuos de todas as nacionalidades.»

Eis como se exprimio o coronel Augusto Fausto de Souza na sessão de 15 de Dezembro de 1887: « Começou logo a impressão do seu orgão a *Revista Trimensal*, a qual com a publicação de trabalhos de ambos os fundadores laureou duplamente os seus nomes, porque, segundo a opinião de Plinio o moço referindo-se ao historiador Tacito: *Si são igualmente benemeritos aquelles que praticam acções dignas de serem escriptas, e os que escrevem paginas dignas de serem lidas, muito mais benemeritos ainda, são aquelles que promovem o exercicio d'essas duas preciosas faculdades.*»

E na sessão solemne do quinquagenario do Instituto, a 21 de Outubro de 1888, o Dr. João Severiano da Fonseca referio-se á *Revista* n'estes termos: « Seu primeiro volume sahio á luz em 18 de Maio de 1839. O que ella é dil-o a opinião do mundo scientifico, dil-o o afan com que é procurado esse valioso repositorio de noticias da patria. Desde os mais antigos documentos sobre a invenção do Brazil até factos hodiernos, — é copioso o numero dos que ahi ficam archivados. »

O Instituto tem publicado com regularidade sua *Revista* periodica que já conta 55 volumes, alguns com supplemento, e muitos trabalhos avulsos de reconhecida utilidade.

Verdadeiras preciosidades possue o Instituto na sua bibliotheca e no seu museu, devendo breve ficar prompta a nova catalogação a que se está procedendo. A bibliotheca contém mais de 20.000 volumes (não fallando dos duplicados) em boa parte relativos a assumptos americanos e principalmente brazileiros, grande numero de manuscriptos e mappas importantes, curiosos desenhos e varias pinturas. O museu, que foi um tanto sacrificado em beneficio de outras instituições — aliás muito proveitosas e talvez mais apropriadas para a conservação de certos objectos — é hoje alvo de mais especial attenção.

O Instituto tem procurado desempenhar condignamente a sua missão e o que tem feito deve-o não sómente aos esforços de seus socios, como

tambem ao efficaz auxilio do Governo, pois foi quem solicitou do Corpo Legislativo uma subvenção annual que de Rs. 1:000$000, concedida em 1839, foi elevada em 1840 a Rs. 2:000$000, passando a ser de Rs. 4:000$000 em 1856, de Rs. 5:000$000 em 1859. Rs. 7:000$000 em 1866 e Rs. 9:000$000 á partir de 1882. (*)

O Governo recorreu por diversas vezes á cooperação do Instituto, como provam, entre muitos, os factos seguintes:

Sessão de 20 de Julho de 1850: foi lido um officio do Ministerio dos Negocios do Imperio pedindo informações solicitadas pelo Senado sobre os trabalhos de José Fernandes Gama relativos á provincia de Pernambuco.

Sessão de 16 de Agosto de 1850: foi lido um officio do Ministerio dos Negocios do Imperio pedindo cópia das noticias e informações de que se achava conhecedor o Instituto á respeito dos mineraes do Brazil.

Sessão de 18 de Setembro de 1866: foi lido um aviso do Ministerio dos Negocios do Imperio communicando que, tendo sido o Governo convidado pelo Congresso Archeologico e Historico de Antuerpia para se fazer ahi representar, commettia esta incumbencia ao Instituto. Satisfazendo o pedido foi encarregado da commissão o socio Manoel de Araujo Porto Alegre que não a poude cumprir e teve por substituto o socio Miguel Maria Lisboa.

Sessão de 23 de Junho de 1882: foi lido um officio do Ministerio dos Negocios do Imperio pedindo o parecer do Instituto sobre o projecto da creação de uma Universidade na Capital do Imperio.

Sessão de 5 de Junhode 1885: foi communicado terem sido mandadas as obras solicitadas para a Exposição de Antuerpia.

O Instituto por seu lado recorreu tambem aos Ministros e Presidentes de Provincia que sempre o attenderam do melhor modo possivel, além de lhe mandarem os seus relatorios sem que fosse preciso pedil-os.

Na sessão de 11 de Julho de 1856: foi resolvido solicitar dos Presidentes de Provincia encarregarem pessoas habilitadas da tarefa de colligir tradições e documentos da historia do Brazil.

N'este anno de 1856 o Instituto pedio ao Governo a nomeação de uma commissão de engenheiros e naturalistas nacionaes para explorar algumas

(*) Este subsidio, ora restabelecido para 1894, foi apenas de 4:500$000 no anno corrente; votou-se a sua reducção em 1892 quando mais comprehensivel teria sido o seu augmento, pois que tudo augmentára de preço, chegando as cousas a terem valor duplo e mesmo triplo do que tinham outr'ora, em consequencia, principalmente, da depreciação do nosso papel-moeda, baixando o valor em ouro de mil réis até 9 dinheiros sterlinos, poucos annos depois de ter se achado á 28, isto é, acima do par — ou de 27, dinheiros sterlinos.

provincias menos conhecidas do Brazil e formar collecções para o Museu Nacional.—Respondeu o Governo, dizendo no officio lido em 28 de Julho, que compenetrado das vantagens que poderiam resultar dos trabalhos de uma commissão scientifica nos termos indicados, acolhia e acceitava a idéa para cuja realização incumbia o Instituto de indicar pessoas que lhe parecessem no caso de bem desempenhar a referida commissão. O Instituto constituio então a commissão com seus associados: Dr. Francisco Freire Allemão para a secção de botanica; Dr. Guilherme Schüch de Capanema para a de geologia e mineralogia; Dr. Manoel Ferreira Lagos para a de zoologia; conselheiro Candido Baptista de Oliveira para a de astronomia e geographia: Dr. Manoel de Araujo Porto Alegre para a de ethnographia e narrativa de viagens. Os dous ultimos foram depois substituidos por Gonçalves Dias e Gabaglia. A commissão sob a direcção de Freire Allemão, comprehendendo 40 membros, incluindo uma força para defesa contra os indios, as féras, etc., seguio viagem em Janeiro de 1858, dirigindo-se primeiro ao Ceará e depois ao centro do paiz e regressou em Julho de 1861, porém os relatorios só puderam ser apresentados mais tarde.

Certo é que o Instituto tem prestado bons serviços á historia e á administração e para comproval-o vou recorrer ao relatorio já citado do Dr. João Severiano da Fonseca.

« Deve-se ao Instituto, por intermedio do sabio Lund, o descobrimento de restos paleontologicos de éras prediluvianas e do homem da Lagôa Santa, cujo craneo indica antiguidade de seculos e seculos.

« Deve-se ainda ao Instituto o descobrimento da sepultura do descobridor do Brazil: em 1839, na sacristia do convento da Graça, em Santarém de Portugal, achou-a o incançavel pesquizador dos tombos municipaes e dos tombos europeus, Warnhagen, Visconde de Porto Seguro. E tambem a certidão de obito de Bartholomeu Lourenço de Gusmão, o inventor da aero-navegação, fallecido em Toledo, no hospital da Misericordia em 19 de Novembro de 1724, fugido á perseguição dos inquisidores de Portugal.

« Deve-se ao Instituto, em grande parte, a immensa cópia de conhecimentos historicos colhidos nos archivos da Europa, á esforços de seus socios Drummond, Gonçalves Dias, Warnhagen, Joaquim Caetano, João Francisco Lisboa, Porto Alegre e ultimamente o Dr. José Hygino Duarte Pereira, que, entre outros documentos historicos do mais alto valor, trouxe-nos a *viagem* de Kenivet e o *diario* de Matheus van den Broech, por elle traduzido do hollandez.

« Deve-se ao Instituto a idéa das estatuas do fundador do Imperio e do patriarcha da Independencia. Foi, em 12 de Maio de 1854, o Sr. Joaquim

Norberto quem propoz que se representasse á assembléa geral sobre a conveniencia e necessidade de levar-se á conclusão o monumento do Ypiranga; de erguer-se uma estatua equestre ao fundador do Imperio, na praça da Constituição: e levantar uma cruz colossal em Porto Seguro, restaurando a que ahi Cabral erigira em 1° de Maio de 1500. A de José Bonifacio foi ainda proposta do Sr. Norberto em 14 de Junho de 1861. »

Lembrarei de passagem que a 13 de Junho de 1861, na presença do Imperador, foi approvada a proposta para a realização d'este monumento, sendo a respectiva commissão organisada com os socios: conselheiro Euzebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara—presidente, Joaquim Norberto de Souza Silva—secretario, Barão de Mauá—thesoureiro, Dr. João Manoel Pereira da Silva, conselheiro Thomaz Gomes dos Santos, Dr. Claudio Luiz da Costa, Dr. José Ribeiro de Souza Fontes, Dr. Fernando Sebastião Dias da Motta e coronel Henrique de Beaurepaire Rohan. Tendo fallecido o conselheiro Euzebio, o Instituto nomeou em seu logar, no mez de Novembro de 1868, o Barão do Bom Retiro que, na sessão de 9 de Dezembro de 1872, e então Visconde, participou que a commissão cumprira a sua honrosa tarefa, pois estava o monumento de José Bonifacio entregue á Camara Municipal (*) accrescentando ter chegado para todas as despezas o producto das respectivas subscripções.

O Instituto, que como já foi dito representou o Brazil no Congresso Archeologico e Historico de Antuerpia no anno de 1866, teve como delegado no Congresso dos Americanistas em Luxemburgo o Dr. José Maria da Silva Paranhos nomeado em 1876; figurou em 1881 no Congresso de Veneza; (**) foi premiado na Exposição de Industria Nacional inaugurada a

(*) A 14 de Junho de 1857 foi inaugurada no Hospicio de D. Pedro II a estatua do seu creador, o finado José Clemente Pereira, senador e socio do Instituto Historico e Geographico do Brazil, esculpida pelo Dr. Fernando Pettisch por ordem de S. M. o Sr. D. Pedro II.

(**) N'um relatorio sobre este *Congresso Internacional Geographico de Veneza* se lê o seguinte:

« A secção brazileira primava pela excellente collecção de mappas, e obras de interesse essencialmente geographico, entre ellas uma collecção da « Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil. »

« Os doutos, que se dedicam ao estudo d'este ramo dos conhecimentos humanos deram o devido apreço a esta importantissima publicação, com tão bom resultado elaborada por uma pleiade de brazileiros illustrados, movidos pelo amor da patria, e consagrados ao culto das letras, e ás arduas investigações da historia patria.

« O Imperio Americano ficou excepcionalmente aquinhoado na distribuição dos premios, feita pelo respectivo jury, obtendo a exposição brasileira seis premios, comprehendendo dous diplomas de distincção, a maior recompensa das que se conferiram e superior á medalha de ouro.

« Além d'isto deu-se ao governo imperial um diploma de distincção pela « Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico » — publicação, que foi muito bem acolhida pelos homens da especialidade. »

12 de Dezembro de 1881, como tambem na Continental Sul Americana de Buenos-Ayres em 1882 : a 26 de Outubro de 1883 designou para fazer parte do Jury da Exposição Pedagogica o conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, que já fôra seu representante no Congresso da Instrucção Publica: contribuio para a Exposição de Geographia Sul Americana organisada em 1888 pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro : em 1889 realisou uma exposição de livros e objectos chilenos e foi contemplado com duas medalhas de ouro da Exposição Universal de Paris; commissionou o socio Barão de Teffé para compartilhar dos trabalhos do 1° Congresso Italiano de Geographia effectuado em Genova em 1892 para commemorar o 4° centenario da descoberta da America: celebrou a 12 de Outubro de 1892 uma sessão solemne em homenagem a Christovão Colombo, sessão na qual muito se salientou o trabalho historico do 2° secretario Dr. Alfredo do Nascimento Silva e foram distribuidos varios livros relativos á festa do dia; e tomou parte na Exposição Colombiana que se effectuou este anno em Chicago. (*)

Na sessão de 15 de Dezembro de 1868, o presidente Visconde de Sapucahy, alludindo aos que prognosticaram ephemera duração á sociedade, quando ella foi fundada em 1838, observou que « a fé e perseverança dos fundadores, patriotismo dos Brazileiros, auxilios do Governo e sobretudo a protecção pessoal do Monarcha sustentaram a empreza, zombando do malfadado agouro ».

(*) Eis a lista das exposições realizadas na segunda parte do corrente seculo, disse o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro em seu numero de 23 de Novembro de 1893:

1. *Exposição de Londres em* 1851. — Foi visitada por 6.039.000 pessoas. Occupava uma superficie de 8 1/2 hectares; durou 144 dias; contava 17.000 expositores.

2. *Exposição de Pariz em* 1855. — Occupava 10 hectares de superficie, contava 21.774 expositores, foi visitada por 5.162.000 pessoas e esteve 200 dias aberta.

3. *Exposição de Londres em* 1862. — Esteve aberta 171 dias, occupava 9 hectares de superficie, contava 28.653 expositores e foi visitada por 6,211.000 pessoas.

4. *Exposição de Pariz em* 1867. — Occupava 15 hectares de superficie: esteve aberta 217 dias, foi visitada por 10,200.000 pessoas e tinha 50.236 expositores.

5. *Exposição de Vienna em* 1873. — Occupava 16 hectares de superficie, tinha 42.000 expositores, foi visitada por 7,254.000 pessoas e durou 186 dias.

6. *Exposição de Philadelphia em* 1876. — Occupou 24 hectares de superficie, tinha 60.000 expositores, foi visitada por 9,000.000 de pessoas e durou 190 dias.

7. *Exposição de Pariz em* 1868. — Occupava 24 hectares de superficie, tinha 32.000 expositores, esteve aberta 194 dias e foi visitada por 13,000.000 de pessoas.

8. *Exposição de Pariz em* 1889. — Occupava 30 hectares de superficie, contava 60.000 exportadores, esteve aberta 183 dias e foi visitada por 32,000.000 de pessoas.

9. *Exposição de Chicago em* 1893. — Faltam ainda pormenores.

Como se vê muito tem augmentado a frequencia d'essas exposições.

Eis como se exprimia o orador do Instituto, Dr. João Franklin da Silveira Tavora, na sessão de 15 de Dezembro de 1884, depois de ter-se occupado com os consocios fallecidos n'esse anno:

« Senhor, permitta Vossa Magestade Imperial que, para não ser de todo mediocre este elogio, eu me inspire, antes de o concluir, no realce que Vossa Magestade tem dado a nossa associação.

« Ha 39 annos que, com pequenas interrupções determinadas por viagens fóra do Imperio, vós, Senhor, honraes com a vossa presença a sessão solemne anniversaria da installação do Instituto. Não é precisamente a este facto que eu quero referir-me, ainda que seja altamente honroso.

« O primeiro realce, fonte de vida para o Instituto, é a presença de Vossa Magestade em nossas sessões ordinarias no longo periodo de 35 annos.

« Antes de completar uma década de sua existencia o Instituto sentio-se enfraquecer.

« Comquanto fundado no cimento do patriotismo em que se engrandeciam as nobres almas dos iniciadores de tão bella obra, só estes não sentiram esfriar o primeiro enthusiasmo, passadas as primeiras festas, como geralmente succede.

« Poucos, porém, em numero, fracos em meios, alguns ainda mais fracos pela idade, prevendo inevitavel morte do filho querido que tivera quasi regio nascimento, encaminharam-se para vós, seu immediato protector, e pediram a promettida protecção.

« Esta não se fez esperar, tendo por primeira manifestação a vossa presença nas sessões. Desde esse momento volveu, com energias novas, á vacillante associação a vida que fugia.

« O vosso exemplo foi attracção irresistivel. O vosso gosto pelas lettras, o vosso espirito de indagação nos conhecimentos humanos, o vosso estudo sobre controversias da historia deram animo aos tibios, fé aos descridos, emulação aos indifferentes. As lettras tiveram novo e radiante alvorecer. O poeta, o romancista, o dramaturgo, o critico, o philosopho, emfim todos os sublimes artistas da nossa litteratura de ha meio seculo para cá, isto é, quando ainda verdadeiramente não tinhamos litteratura, relacionaram-se proxima ou remotamente, com o centro onde vos é devido o logar culminante que occupais. E se alguns dos nossos homens de lettras ainda não nos acompanham, o facto é naturalissimo; em todas as partes do mundo as lettras andam desunidas, pelo espirito de systema, rivalidades e indoles diversas.

« Não me é preciso ir mais longe. Quarenta volumes da *Revista Trimensal*, attestando dentro e fóra do paiz, a utilidade do Instituto Historico, dispensam-me de proseguir.

« N'esta pequena bibliotheca, Senhor, está uma grande parte da gloria do reinado de Vossa Magestade Imperial, gloria que não ha de envelhecer com as instituições. »

Recorro agora ao relatorio apresentado na referida sessão de 15 de Dezembro de 1884 pelo 1º secretario Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, onde encontra-se o seguinte:

« Durante 35 annos o Imperador nos tem acompanhado. Não se abre uma sessão sem a sua presença, e tem Elle nos ensinado essa constancia, persistencia, fé e robustez no trabalho. Sua tenacidade é invencivel e digna de ser imitada. Como esses trabalhadores infatigaveis e obstinados persiste o augusto Principe entregue aos gozos do estudo, procurando chamar á estrada do progresso, que é ampla e vasta, aquelles que pelo patriotismo e pelo talento, mostram-se dedicados ao trabalho e á sciencia. Se a protecção fica bem aos poderosos e dá-lhes uma aureola de gloria e poesia, o que Vossa Magestade tem concedido á esta associação fará com que a historia da nação vos colloque n'esse olympo magestoso onde acham refugio as grandes intelligencias. »

Na sessão anniversaria de 1886 foram proferidas palavras que empresto ao relatorio do 1º secretario interino Dr. Joaquim Pires Machado Portella:....« este Instituto, que, na phrase de Fernandes Pinheiro, *uma augusta vontade ergueu á categoria de instituição nacional*, completa, senhores, 48 annos de existencia, — de existencia, é certo, afanosa, mas tambem cheia de gloria devida ao concurso patriotico e efficaz de denodados athletas do engrandecimento intellectual do paiz, sacerdotes, magistrados, militares, medicos, politicos, diplomatas, estadistas, que, aproveitando diligentemente o tempo que lhes podem dispensar os obrigatorios labores de suas profissões e empregos, têm contribuido com os esforços de sua dedicação, com os recursos de sua intelligencia e actividade, com os opimos productos de suas lucubrações litterarias. E' que têm elles bem comprehendido que, em vez de ser antagonicas a vida pratica e a vida das lettras, póde dar-se entre ellas uma alliança amoravel e fecunda em proveitosos e brilhantes resultados.

« Como prova da veracidade d'este acerto nenhum exemplo posso apresentar mais palpitante e convincente que o do nosso primeiro socio, o primeiro cidadão do Imperio, que, não obstante as multiplas, constantes e onerosas occupações de seu elevadissimo cargo, jámais deixa de assistir

a uma sessão siquer d'este Instituto, animando-o com a sua Augusta presença, amparando-o com a sua inexgotavel munificencia, honrando-o com a sua luminosa e fraternal collaboração, dando-lhe assim reconhecido e inapreciavel prestigio no paiz e no estrangeiro ».

São do commendador Joaquim Norberto de Souza Silva os topicos abaixo, tirados do discurso que proferio como presidente interino na citada sessão de 15 de Dezembro de 1886:

« Trago á lembrança estas recordações porque sempre é bom, util e agradavel revivel-as, para que não se esqueça que a creação do Instituto Historico foi uma necessidade e é e sel-o-ha a sua continuação. Ha queixosos, ha pessimistas entre nós que não conhecem trabalho algum do Instituto que tenha utilidade ou haja produzido beneficio para o paiz.

« E' pena porque taes accusações, por demais injustas, pois estão banhadas de falsidade, não partem da ignorancia. Felizmente ellas se perdem de encontro a uma columna, de quasi meio seculo de existencia. Essa columna, como o Memnon do antigo polytheismo, falla aos raios do sol da intelligencia. Pois não merecerão ser tidos em boa conta os importantissimos trabalhos sobre todos os ramos da nossa historia contidos em perto de cincoenta volumes? — Pois poder-se-ha dizer á face do Imperio que esta instituição não haja produzido cousa alguma de util em beneficio do paiz ? — Pois o exemplo de apreço pelas cousas patrias, quando mais não fosse, não seria por si só sufficiente para aquilatal-o ?

« Parece que os fundadores da nossa Associação previram semelhante accusação. Ao menos um d'elles, o conego Januario da Cunha Barboza, predisse que a grande utilidade que se podia colher dos estudos historicos e geographicos marcaria por isso mesmo uma época gloriosa em nossa patria e concluio assim :

« *O Brazil guarda nas entranhas de suas terras e assim tambem nos peitos de seus filhos e sinceros amigos thesouros preciosos, que devem ser aproveitados por meio de constantes e honrosas fadigas. Sem trabalho, sem persistencia nas grandes emprezas jámais se conseguirá a gloria que abrilhanta o nome dos bons servidores da patria. A geographia é a luz da historia, e a historia tirando da obscuridade as memorias da patria, honra por isso mesmo aos que lhe consagram constantes desvellos.*

« A Europa, a America, todas as nações cultas saudaram a inauguração do Instituto Historico com o mais vivo enthusiasmo, prevendo os beneficios que de sua fundação colheria o Imperio e até o mundo culto, que ostenta em suas bibliothecas as nossas publicações. Varões eminentes em todos os ramos de conhecimentos humanos não se dedignaram de acceitar os nossos diplomas.

« Então Eugenio de Monglave, secretario perpetuo do Instituto Historico de França, disse á face da Europa:

« Vê-se que o Brazil começa a sentir toda a sua importancia e deseja ter parte no grande movimento que impelle a humanidade a um brilhante futuro, querendo occupar o logar que lhe convém em meio das grandes nações. E de certo pertencia ao unico paiz que tem na America a sua litteratura nacional, principiar a explorar outras partes do immenso campo que se tem aberto á intelligencia do homem. Começar pela geographia e pela historia é começar bem; é lançar uma vista sobre o passado para obter esclarecimentos que sirvam de illuminar todos os momentos do tempo presente; é unir o estudo das cousas positivas ao estudo d'aquelles que lhe dão a vida.

« Doze annos passados, quando acolhia o Imperador o Instituto Historico nos seus passos, ponderou o nosso finado presidente o conselheiro de Estado Candido José de Araujo Vianna, depois Marquez de Sapucahy, que esse beneficio sobrelevava a todos os outros que o Instituto havia recebido de seu augusto Protector e era de um alcance extensissimo a prol dos estudos historicos e geographicos e a prol talvez de toda a litteratura brazileira ».

Hoje que completou onze lustros de existencia — sem duvida bem aproveitada — e apenas necessita alguma attenção dos associados para conservar as suas varias collecções e continuar a publicação da *Revista*, afim de não desmerecer o bom nome que tem adquirido graças a Augusta protecção de S. M. o Imperador, é permittido avançar que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro se acha garantido para o futuro e continuará preenchendo os seus fins além da espectativa dos seus fundadores.

*
* *

São precisos alguns pormenores para tornar-se mais completa a minha exposição e ao mesmo tempo explicar como teve o Instituto força bastante para tanto se distinguir no paiz e no estrangeiro. Chegou pois o momento de tratar da boa inspiração á que me referi fallando das resoluções tomadas na 1ª sessão ordinaria realizada no dia 1º de Dezembro de 1838, e de que dá noticia o importante relatorio apresentado pelo Dr. João Severiano da Fonseca a 21 de Outubro de 1888, na sessão solemne do Jubileu, nas linhas que transcrevo:

« Desde a sua primeira sessão ordinaria uma idéa de maximo alcance appareceu no Instituto. Visava-se ao seu futuro: temia-se a adversidade nos

elementos dissolventes do passado: pretendia-se um arrimo, um amparo, uma garantia para o porvir.

« Essa garantia era o Monarcha; e aquella aspiração vós o sabeis, senhores, como foi correspondida.

« Era Elle, então, um menino... mas que revelava dotes extraordinarios de intelligencia e applicação. Seu mestre Araujo Vianna dava d'isso testemunho; sabia-o a maior parte dos socios.

« Por proposta de Januario, o Instituto solicitou e obteve a augusta protecção e mais uma data memoravel ficou indelevel nos fastos da sua historia: — 19 de Março de 1839.

« O que foi a protecção do menino Imperador todos o sabem; a immediata mudança de livros preciosos e preciosissimos manuscriptos da sua bibliotheca para a do Instituto; o prenuncio—nas suas forças—do que viria a ser, em futuro breve, o interesse, o amor, a dedicação pelas lettras e pelo Instituto, do homem esclarecido, hoje cidadão do mundo; Elle, cujo cabedal de sabedoria o mundo inteiro admira; Elle, cujos dotes d'alma o mundo inteiro respeita; Elle, a unica Magestade verdadeira que Victor Hugo encontrou.

« O Imperador tornou-se a encarnação do Instituto e a vida d'este prende-se toda a do seu Protector.

« Felizmente, senhores, todos confirmam essa verdade—sem peccado de lisonja. »

A 19 de Março de 1839, pelas 10 horas da manhã, no Paço da Boa Vista, em audiencia propositalmente marcada, o Imperador se dignou receber a commissão incumbida de fazer a entrega do diploma de Protector do Instituto Historico e Geographico Brazileiro « o representante das idéas de illustração que em differentes épocas se manifestaram n'este continente », na opinião do presidente Visconde de S. Leopoldo, expandida na sessão de 4 de Fevereiro de 1839.

O joven Monarcha franqueou o seu Paço da cidade para a celebração da primeira sessão anniversaria da creação do Instituto, communicando n'esta occasião que comquanto desejasse muito assistir a tão interessante acto, não o poderia fazer, devendo elle realizar-se a 3 de Novembro de 1839 (não o tendo sido possivel a 21 de Outubro) por ser este o tempo em que costumava passar alguns dias na sua fazenda de Santa Cruz e tudo estar já disposto para a partida. (*) A solemnidade foi comtudo abrilhantada com a presença do Regente e dos Ministros do Imperio.

(*) Sua Magestade El-Rey D. João VI passava annualmente alguns mezes no seu palacio de recreio em Santa Cruz, então a doze horas da capital. Ao que parece foi continuada essa praxe pelos Imperadores o Sr. D. Pedro I e mesmo o Sr. D. Pedro II

A 4 de Agosto de 1840, ás 5 horas da tarde, nova deputação, tendo ido ao Paço da Boa Vista para felicitar Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, por se achar no exercicio pleno dos direitos politicos que lhe competiam nos termos da Constituição do Imperio, o presidente da commissão, Candido José de Araujo Vianna (posteriormente Marquez de Sapucahy), vice-presidente do Instituto e Ministro do Imperio, concluio seu discurso, dizendo: « Nasceu o Instituto Historico e Geographico Brazileiro sob os auspicios immediatos de Vossa Magestade Imperial, tem crescido com os dias do seu augusto Protector e dará de certo fructos de gloria nacional, continuando a merecer tão valioso e elevado patrocinio. Digne-se Vossa Magestade Imperial acolher as sinceras felicitações de uma associação litteraria que tem por fim immortalisar os nomes e os feitos de illustres Brazileiros; e que, contemplando em V. M. I. um Principe ainda em tenra idade já tão amante das sciencias e das lettras, se ufana de ter a honra de merecer a augusta protecção de Vossa Magestade Imperial. Mediante ella, Senhor, o Instituto desempenhará o seu nobre e glorioso fim; o tão benevolo patrocinio será mais um feito illustre que a historia consignará em suas paginas para eternisar o nome do primeiro Monarcha que vio a luz no novo mundo ».

No faustissimo dia 7 de Setembro d'esse anno, uma deputação de 8 membros apresentando-se no Imperial Paço da cidade foi recebida pelo Soberano na sala da audiencia geral onde fez um discurso adequado o socio sargento-mór Pedro de Alcantara Bellegarde.

A 24 de Outubro, outra commissão se dirigio a Augusta presença do Imperador para agradecer a graça que fizera ao Instituto cedendo-lhe uma das salas do Paço da cidade para suas sessões ordinarias, e tendo faltado o orador effectivo improvisou uma allocução apropriada o conego Januario.

No dia anniversario do natalicio de Sua Magestade uma deputação foi, como era do seu dever, comprimentar o mesmo augusto Senhor.

O Instituto, aliás em observancia dos seus estatutos, jámais deixou de tomar parte nos diversos cortejos do Paço, tendo ficado estabelecida a praxe de terminarem elles com os comprimentos de sua representação que era sempre imponente, porque das alas que na sala do throno faziam os dignitarios do Imperio, retiravam-se Ministros, senadores, conselheiros de Estado, camaristas e outros personagens — a tempo para se juntarem aos collegas devidamente commissionados.

---

provavelmente até o anno de 1847, em que pela primeira vez a Familia Imperial foi passar uma temporada em Petropolis, installando-se na casa hoje occupada pelo Mill's Hotel. A partir de 1849 a Augusta Familia habitou o seu palacio que só ficou completamente concluido em Dezembro de 1856, tendo sido a primeira pedra collocada a 18 de Julho de 1845.

Tornou-se, tambem, praxe para todas as sessões anniversarias, o ceremonial observado na sessão de 27 de Novembro de 1840.

Parece conveniente trazer aqui a noticia d'esta sessão tal qual como se acha inserida no *Tomo II* da *Revista* do Instituto :

« O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tendo de celebrar a segunda sessão publica anniversaria de sua installação, e anhelando fazer este acto o mais solemne possivel, nomeou uma deputação do seu seio afim de convidar Sua Magestade Imperial para que se dignasse honrar com sua augusta e sempre appetecida presença a sessão anniversaria de uma associação de que é Immediato Protector; rogando-lhe outrosim o favor, em caso de annuir ao convite do Instituto, de haver por bem marcar o dia e hora da sessão e igualmente a graça de conceder uma das salas do Paço Imperial da cidade para n'ella ser celebrada a dita festividade. Sua Magestade o Imperador acceitou o convite do Instituto e marcou o dia 27 de Novembro, pelas 5 horas da tarde, para assistir a esta sessão anniversaria. Então o Instituto deliberou que Sua Magestade Imperial e suas Augustas Irmãs fossem recebidas na porta da entrada do Paço Imperial por todos os socios que se achassem presentes ; e tambem nomeou uma deputação composta de cinco membros para receber na sala immediata á da sessão os Exms. Srs. Ministros e Secretarios de Estado e Bispo Capellão-Mór ; e outra composta de tres membros para receber os Exms. Srs. do Corpo Diplomatico : e para melhor ordem e distincção igualmente deliberou que os Exms. Srs. Ministros de Estado tomariam assento á direita de Sua Magestade o Imperador, seguindo-se logo o Exm. e Rev. Sr. Bispo Capellão-Mór, os Exms. Srs. Ministros estrangeiros, e depois todos os mais convidados promiscuamente : que no lado esquerdo da sala principiando do throno de Sua Magestade Imperial se collocasse a Mesa do Instituto, onde se deviam achar os vice-presidentes, seguindo-se logo o secretario perpetuo, o 2.° secretario e o orador e que os demais socios se assentassem promiscuamente.

« No dia e hora marcada, achando-se na sala da sessão um grande concurso de membros e convidados, e sendo annunciada a chegada de Sua Magestade o Imperador e suas Augustas Irmãs, todos os socios do Instituto que se achavam presentes desceram logo da sala da sessão para receberem á entrada do Imperial Paço o seu Augusto e immediato Protector, que se dignou honral-os com signaes de estima e urbanidade. A' entrada da sala foi Sua Magestade o Imperador recebido pelos convidados que ahi se achavam reunidos, formando um corpo de pessoas gradas e litteratas, tanto nacionaes como estrangeiras, hoje residentes na Côrte do Imperio, incluindo n'este numero todos os Srs. membros do Corpo Diplomatico

e Consular, Bispo Capellão-mór, Bispo de Anemuria, prelados das Religiões, commandante superior das Guardas Nacionaes, commandantes e alguns officiaes dos vasos de guerra surtos no porto d'esta cidade, e grande numero de sabios do Brazil e de varias outras nações. Sua Magestade o Imperador, acompanhado de todos os seus Ministros de Estado (á excepção do da marinha que por enfermo não compareceu) saudou ao Corpo Diplomatico, aos socios do Instituto, e aos demais convidados ; tomou assento á direita de suas Augustas Irmãs, e fez signal para que todos se sentassem ; e desde que Sua Magestade o Imperador entrou no salão, até que occupou a cadeira do throno, uma excellente orchestra, que se achava na sala contigua á da sessão, tocou o hymno nacional.

« Depois que Sua Magestade o Imperador sentou-se, o Exm. Sr. Aureliano de Souza Oliveira Coutinho, Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios Estrangeiros, como vice-presidente do Instituto e presidindo a este acto solemne na ausencia de seu digno presidente o Exm Sr. Visconde de S. Leopoldo, alcançada permissão do Augusto Protector do Instituto, abrio a sessão anniversaria por um eloquente discurso, o qual foi acolhido com geral approvação do illustre auditorio ; e findo o discurso, levantando-se do seu assento, e dirigindo-se ao throno de Sua Magestade o Imperador, offereceu-lhe uma rica caixinha contendo tres medalhas, uma de ouro e duas de prata, que o Instituto fizera cunhar em memoria de sua fundação ; e mais duas medalhas de prata ás Serenissimas Senhoras Princezas, que se dignaram aceital-as com a urbanidade propria das pessoas da Familia Imperial.

« As medalhas representam em uma de suas faces um genio gravando com buril na rocha do Pão d'Assucar o dia da fundação do Instituto, tendo em uma parte superior o lettreiro—**Auspice Petro Secundo** ; e na inferior—**Pacifica scientiæ occupatio** ; e no reverso o seguinte —*Institutum Historico-Geographicum in urbe Fluminense conditum die XXI octobris A. D. MDCCCXXXVIII.*

« Depois da offerta das medalhas seguio-se o relatorio dos trabalhos do segundo anno social, pelo secretario perpetuo o Illm. Sr. conego Januario da Cunha Barbosa. Este relatorio, apezar de ser um pouco extenso pela superabundancia de materias que se deviam relatar ao publico em prova dos progressos do Instituto, todavia a ordem com que foi arranjado fez desapparecer a monotonia que de ordinario acompanha taes relatorios e foi ouvido com a geral satisfação com que são sempre ouvidos os discursos do nosso secretario perpetuo.

« Findo o relatorio seguiram-se o elogio historico do finado membro honorario o conselheiro Balthazar da Silva Lisboa, recitado pelo orador do

Instituto o Sr. major Pedro de Alcantara Bellegarde e o do celebre botanico brazileiro o padre mestre Fr. José Mariano da Conceição Velloso e recitado pelo 2º secretario.

« Nos intervallos, de discurso a discurso, a orchestra tocou diversas escolhidas peças de musica, e finda a leitura do Elogio do padre Velloso, não se pôde continuar a sessão, lendo os Srs. Dr. Maia e José Silvestre os seus discursos em razão de uma de suas Altezas Imperiaes se achar bastante encommodada ; em consequencia do que o Exm. Sr. presidente levantou a sessão ás 9 horas da noite, e Sua Magestade o Imperador e suas Augustas Irmãs retiraram-se com as mesmas formalidades da sua entrada, honrando a todos com a sua costumada affabilidade, e deixando os membros do Instituto possuidos de inexprimivel contentamento, por gozarem da sua Augusta presença, e da sua immediata protecção. »

Embora não assistisse a todas as sessões ordinarias do Instituto, Sua Magestade acompanhava os trabalhos como mostra a carta que passo á reproduzir :

« Illm. e Exm Sr. — Havendo Sua Magestade o Imperador por bem, no intuito de animar as pessoas que se dedicam aos importantes trabalhos de que se occupa o nosso Instituto Historico e Geographico, estabelecer o premio de uma medalha de ouro á pessoa que sobre o Brazil, ou algumas das suas provincias, apresentar melhores trabalhos estatisticos : e de outra a que melhores trabalhos historicos offerecer ao Instituto no corrente anno : e finalmente o de uma tereeira medalha, á que apresentar a melhor Geographia d'este Imperio—Assim o participo a V. Ex., para que, fazendo-o presente ao Instituto, sejam estes premios addicionados aos que elle propôz na sua ultima sessão solemne. Deus Guarde á V. Ex.—Paço, em 11 de Janeiro de 1842.—*Candido José de Araujo Vianna.* -Sr. Visconde de São Leopoldo. »

Da Secretaria d'Estado dos Negocios do Imperio veio a competente communicação com data de 11 de Janeiro de 1842 e a assignatura de Antonio José de Paiva Guedes de Andrade.

Foi na sessão anniversaria de 1847, effectuada a 7 de Setembro, que obtiveram medalhas por seus trabalhos :—o Dr. Carlos Frederico Martius—Francisco Adolpho de Warnhagen, depois Visconde de Porto Seguro—tenente coronel José Joaquim Machado de Oliveira—Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães, mais tarde Visconde de Araguaya— coronel Conrado Joaquim de Niemeyer —Joaquim Norberto de Souza Silva. No momento em que os illustres premiados recebiam de Sua Magestade o Imperador aquelle triumpho publico de suas lucubrações, toda a assembléa se levantava segundo se lê na *Revista* do Instituto.

No dia 6 de Abril de 1848, o Instituto Historico e Geographico Brazileiro celebrou uma sessão publica no Paço da cidade para inaugurar solemnemente os bustos de seus dous principaes fundadores —marechal de campo Raymundo José da Cunha Mattos e conego Januario da Cunha Barbosa. Esta reunião, a primeira no seu genero no Brazil, foi honrada com a presença de Suas Magestades Imperiaes concorrendo ao acto mais de 400 pessoas, tanto estrangeiras como nacionaes, entre as quaes se notavam Ministros e conselheiros de Estado, senadores, deputados, diplomatas, consules, medicos, advogados, engenheiros, militares, religiosos e litteratos.

Não posso copiar a longa noticia que se acha no *Tomo XI* da *Revista* e apenas emprestarei a um dos discursos pronunciados—o do presidente effectivo Candido José de Araujo Vianna (depois Marquez de Sapucahy) as palavras que se seguem:

« Não pôde o marechal Cunha Mattos ver realizadas as esperanças que nutria acerca do estabelecimento—a morte o arrebatou tres mezes depois da fundação. Mais feliz do que elle o conego Cunha Barbosa, em sete annos que lhe sobreviveu, gozou do aspecto consolador do progresso e prosperidade da instituição e lhe prestou relevantes serviços de que somos testemunhas. »

Quando falleceu o conego Januario, achava-se em Porto Alegre o presidente do Instituto, Visconde de S. Leopoldo, que a 28 de Junho de 1846 escreveu ao Sr. Manoel Ferreira Lagos, substituto do finado, uma carta da qual extracto a primeira parte:

« Illm. Sr. O funesto acontecimento, que nos privou do nosso benemerito secretario perpetuo o Sr. conego Januario da Cunha Barbosa, tambem nos legou o triste dever de eterno tributo de gratidão e de saudade á sua memoria. Muitos e relevantes foram os serviços que o nosso consocio fez á litteratura brazileira; mas a concepção mais sublime d'aquella grandiosa alma, e aquella que mais de perto nos toca, foi sem duvida este nosso Instituto, no qual figurou como um dos seus fundadores: o preço e vantagens d'esta instituição não é occasião de explanar, pertence já ao dominio da historia: bastará só para justificação e desafogo da nossa dôr recordarmo-nos do acerto e previsão com que o nosso consocio, pelos seus conselhos, soube dissipar as sombras, os máos agouros e aplainar os obstaculos que de ordinario se levantam no começo de taes creações, até que esta adquirio força e estabilidade pela immediata protecção de Sua Magestade Imperial: a nação deve á sua collaboração este horoscopo, que marca a época da nossa illustração, verdadeiramente um luzeiro, e depois da independencia, o primeiro congresso de doutos; que, apenas formado, teve credito para enlaçar-se com as mais distinctas sociedades scientificas da Europa, e para

inscrever no catalogo dos seus membros—notabilidades litterarias, attrahidas pela maravilha de tão depressa, apenas livre, brotar e medrar planta tão esperançosa no solo virgem do Brazil.»

A partir de 1850 as sessões anniversarias foram celebradas á 15 de Dezembro porque foi n'este dia do anno 1849 que pela primeira vez o Monarcha honrou com a sua presença uma sessão ordinaria do Instituto, tornando-se desde então assiduo á quasi todas as suas reuniões e só faltando quando doente ou ausente da Côrte.

Na sessão de 15 de Dezembro de 1874 o 1º secretario conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro disse o seguinte: « Por certo que nenhum de nós poderá jamais olvidar-se da solemnissima sessão de 15 de Dezembro de 1849 em que o Monarcha Brazileiro, descendo do fastigio do throno dignou-se de tomar assento em nosso gremio, proferindo por essa occasião palavras tão confortivas que fizeram surgir da crysalida do indifferentismo a iriante borboleta litteraria, que ora se pavonêa ao sol dos tropicos. »

Não podem ser aqui dispensadas a acta de tão memoravel sessão e respectiva noticia da *Revista* publicada por uma associação de literatos sob a direcção de Manoel de Araujo Porto Alegre, Antonio Gonçalves Dias e Joaquim Manoel de Macedo.

« A's 5 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. membros da mesa administrativa, conselheiro Candido José de Araujo Vianna, presidente— Manoel de Araujo Porto Alegre, vice-presidente e orador— Manoel Ferreira Lagos, 1º secretario— Dr. Francisco de Paula Menezes, 2º secretario – Drs. Joaquim Manoel de Macedo e Ludgero da Rocha Ferreira Lapa, secretarios supplentes— João José de Souza Silva Rio, thesoureiro e os Srs. socios Visconde de Monte Alegre, conselheiro Eusebio de Queiroz Coutinho Mattoso Camara, conselheiro Jacyntho Roque de Senna Pereira, conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, Dr. Joaquim Caetano da Silva, Dr. Guilherme Schuch de Capanema, Antonio Gonçalves Dias, Joaquim Norberto de Souza Silva, Dr. José de Assis Alves Branco, Dr. José Maria da Silva Paranhos e Miguel Maria Lisboa; abre-se uma das portas que dá ingresso para o interior do Paço Imperial e immediatamente apparece Sua Magestade o Imperador, que sendo recebido com todo o respeito que lhe é devido, toma a cadeira da presidencia e ordena que se dê começo á sessão.

« O Exm. Sr. presidente, dirigindo-se a Sua Magestade, pronuncia o seguinte discurso:

« Senhor. — O Instituto Historico e Geographico Brazileiro em acto solemne, e no dia mais faustoso aos Brazileiros, deu já, pelo orgão do seu orador vice-presidente, publico testemunho de profundo reconhecimento

pela mercê, que só a impulsos da imperial munificencia e do amor das lettras aprouve a Vossa Magestade Imperial fazer-lhe, designando no Paço Imperial e mandando entregar-lhe prompta e convenientemente alfaiada esta sala para as suas sessões ordinarias, e para a bibliotheca e archivo. Agora, Senhor, o Instituto honrado com a presença augusta de Vossa Magestade Imperial, que para cumulo de favores se digna de assistir a esta primeira sessão aqui celebrada, rende por tão ponderoso motivo novas graças á Vossa Magestade Imperial.

« Muitos são os beneficios que da liberal mão de Vossa Magestade tem recebido o Instituto: e todos de subido quilate: mas o que Vossa Magestade Imperial acaba de outorgar é, no meu conceito, de um alcance extensissimo á prol dos estudos historicos e geographicos, e á prol talvez dos de toda a litteratura brazileira, que o Instituto poderá abranger um dia, alargando no futuro o circulo de suas investigações.

« Em verdade, Senhor, esta como filiação, que Vossa Magestade Imperial faz do Instituto em sua Imperial Casa, a honra cuja repetição elle respeitosamente supplica, de ver testemunhado em sessão ordinaria e de perto apreciado por Vossa Magestade Imperial o procedimento dos associados no desempenho dos deveres a que se ligaram, não podem ser alavanca poderosa, que dê movimento extraordinario a patriotica empreza a que nos compromettemos ?

« Eu assim o espero: os membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, continuando os arduos trabalhos hão de requintar em zelo, para de algum modo corresponderem as paternaes intenções de Vossa Magestade Imperial e á solicitude com que Vossa Magestade Imperial incessantemente promove tudo quanto concorre para a prosperidade e esplendor da nação.»

« Sua Magestade se dignou de responder da maneira seguinte:

« *Senhores. — Penhorado sobre maneira dos sentimentos de dedicação e respeitoso reconhecimento, que me manifestaes, por intermedio do vosso presidente, ainda em signal de minha gratidão, e como primeiro socio e primeiro interessado no progresso do Instituto, não posso deixar de fallar-vos um pouco d'este estabelecimento, ou antes de sua* «Revista». *indeclinavel testemunho do que houverdes feito a bem da historia e geographia do Brazil.*

« *Sem duvida, Senhores, que a vossa publicação trimensal tem prestado valiosos serviços, mostrando ao velho mundo o apreço, que tambem no novo merecem as applicações da intelligencia: mas para que esse alvo se attinja perfeitamente, é de mister que não só reunaes os trabalhos das gerações passadas, aos que vos tendes dedicado quasi que unicamente, como tambem, pelos vossos proprios, torneis aquella a que pertenço, digna realmente dos elogios da posteridade: não dividaes pois as vossas forças, o amor da sciencia é*

exclusivo, e, concorrendo todos unidos para tão nobre, util, e já difficil empreza erijamos assim um padrão de gloria á civilisação da nossa patria.

« Congratulando-me desde já comvosco pelas felizes consequencias do empenho, que contrahis, reunindo-vos em meu palacio, recommendo ao vosso presidente que me informe sempre da marcha das commissões assim como me apresente, quando lhe ordenar, uma lista, que espero será a geral dos socios que bem cumprirem com os seus deveres; comprazendo-me aliás em verificar por mim proprio os vossos esforços todas as vezes que tiver a satisfação de tomar parte em vossas lucubrações.

« Ardua é a tarefa que emprehendestes, Senhores, mas por meio de vossa constancia, alcançareis a palma da victoria, e as recompensas devidas aos amigos das lettras, coroando tantas fadigas, despertarão ainda mais os vossos brios. »

« Depois de tão animadoras e honrosas expressões, o Sr. 1º secretario perpetuo. apresenta esta proposta que é unanimemente approvada:

« Devendo o Instituto Historico e Geographico Brazileiro apreciar devidamente a subida honra que Sua Magestade o Imperador do Brazil acaba de lhe conferir presidindo em pessoa a esta sessão. propomos que o mesmo Instituto lavre em memoria uma acta solemne. assignada por todos os socios presentes, a qual será collocada na sala das sessões.

« Propomos mais, para complemento d'este facto notavel na historia das lettras brazileiras. que se mande gravar uma medalha para memorar este dia e perpetual-o de uma maneira digna.

« Sala das sessões no Paço Imperial, 15 de Dezembro de 1849. — *Manoel de Araujo Porto Alegre. — Manoel Ferreira Lagos.* »

« Passa em seguida o Sr. 1º secretario á ler o expediente. . . . .

. . . .

« Finda a leitura do expediente, o mesmo Sr. secretario expende os motivos porque não se acha concluida a impressão da *Chronica do Padre Jaboatão* e outras publicações determinadas pelo Instituto, sendo o principal d'elles a falta de recursos pecuniarios: então Sua Magestade indaga do estado financeiro da sociedade e o Sr. socio thesoureiro satisfaz dando conta minuciosa da divida activa e passiva, e explicando as causas do atrazo do cofre. devido a falta dos pagamentos regulares das prestações mensaes.

« Sua Magestade o Imperador ordena a leitura dos programmas já approvados para assumptos de dissertações e distribue os quatro abaixo transcriptos:

« Ao Sr. Antonio Gonçalves Dias: comparar o estado physico, intellectual e moral dos indigenas da quinta parte do mundo com o estado physico,

intellectual e moral dos indigenas do Brazil, considerados uns e outros na época da respectiva descoberta, e deduzindo d'esta comparação quaes offereciam n'essas mesmas épocas melhores probabilidades á empreza da civilisação.

« Ao Sr. conselheiro Duarte de Ponte Ribeiro:

« Que usos, costumes, palavras e phrases dos incolas do Brazil andam hoje no trato commum de sociedade polida dos Brazileiros? »

Ao Sr. Dr. Francisco de Paula Menezes:

« O estudo e imitação dos poetas romanticos promove ou impede o desenvolvimento da poesia nacional? »

« Ao Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva:

« O descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso, ou teve elle alguns indicios para isso? »

« O Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva participa ter prompta uma memoria sobre as aldeias de indios da provincia do Rio de Janeiro e pede permissão que lhe é concedida para apresental-a na proxima reunião.

« Achando-se a hora adiantada, Sua Magestade retira-se acompanhado até a sahida do Paço por todos os socios, aos quaes o Exm. Sr. presidente convida depois a tomarem assento outra vez e propõe que se nomeie uma deputação para agradecer a Sua Magestade a subida honra que acabava de conferir ao Instituto: o que sendo unanimemente approvado, o mesmo senhor incumbe a mesa administrativa d'esta obrigação, convidando tambem para o mesmo fim a todos os senhores socios presentes que quizerem fazer parte da referida deputação.

« Propõe tambem o Sr. Porto-Alegre que o Instituto mande lithographar o authographo da allocução do seu Augusto Protector para se ajuntar ao numero da *Revista* em que fôr impressa a acta d'esta reunião. Unanimemente approvado

« Levanta-se a sessão ás 9 1/2 horas da noite. »

Em seguida á acta lê-se na *Revista*: que um dos mais illustrados e prestantes membros do Instituto, o Sr. Manoel de Araujo Porto-Alegre — mais tarde Barão de Santo Angelo — dando conta no *Guanabara* da sessão acima mencionada, com a sua habitual eloquencia assim termina o artigo que escreveu a tal respeito:

« Abrio-se a pagina d'ouro da época actual: o primeiro e o mais vivificante raio da luz creadora derramou o seu benigno influxo: a existencia das lettras prosegue d'ora avante com uma nova vida, superior a comprehensão do passado, e acima de todos os factos d'este genero nos dois mundos, que fallam a lingua de Camões.

« O anno de 1849 foi sellado com este grande e notavel acontecimento, que na vida do Sr. D. Pedro II será sempre olhado com admiração pela posteridade: a emancipação do litterato está consummada, as suas lucubrações recompensadas e a sua jerarchia collocada no devido gráo que as sociedades civilisadas costumam merecer-lhe.

« Ao litterato já não pertence essa existencia secundaria na ordem social, essa vida de um crepusculo que só depois da morte se devia engrandecer: os serviços intellectuaes do ministerio das idéas foram nivelados com os outros elementos niveladores, e a sua gloria igualada á do general, do magistrado, e do estadista: os élos da cadeia civilisadora se acham entrelaçados fraternalmente, e caminhando para a mesma direcção. Este triumpho tão solemne, e que tanta luz vai derramar sobre a historia da America, é equivalente aquella lei providencial, aquella reivindicação que pelos actos da posteridade o tempo concede ao genio.

« O seculo que é testemunha de semelhantes actos é muito mais nobre do que aquelle que ergue estatuas e mausoléos á memoria dos benemeritos, que houverem em premios de seus trabalhos senão a perseguição, ao menos a indifferença contemporanea: os cenotaphios erigidos após a sepultura, e quando já não resta do homem vestigio algum de sua mortalidade são como uma expiação da humanidade, são como uma vingança postera dos soffritos, das injustiças que colhera na mão dos seus.

« O egoismo e todas as suas filiações pertencem ao presente de todas as gerações: a posteridade é de uma imparcialidade constante para com o passado: é o tribunal da civilisação, e a depositaria que enthesoura todas as riquezas que lhe foram legadas por seus antepassados: a severidade contemporanea é adoçada pela indulgencia dos vindouros: o trabalho do homem de genio é como um monumento visto ao longe: admira-se a sua massa imponente, a harmonia de suas linhas geraes, os contornos de suas partes, sem se descer á analyse microscopica de seus mais pequeninos detalhes. A posteridade acceita a obra como uma herança pingue: estima-a e a considera como producto de uma mão desconhecida que a mimoseára: não ha mais o individuo, não ha mais o terrivel eu, que é o germen de todos os senões das obras humanas.

« As nações que conquistam uma parte do que pertence ao futuro, e que d'est'arte encurtam os tempos e apressam as recompensas, são verdadeiramente civilisadas: o homem ou o povo que procrastina a justiça, e que deixa ao futuro o remate de uma boa obra, que estava em seu poder acabar, engana-se á si mesmo e nunca attinge aquelle gráo de perfectibilidade que lhe é dado, e para o qual deve marchar sem parar.

« A pagina d'ouro do livro da gloria, da legitima e modesta gloria, está aberta.

« E quem é esse Messias de nova especie, que no meio do positivismo do seculo marcha triumphante e escoltado de tantos idéalistas: quem é esse homem notavel, essa especie de semideus, que se eleva tão alto, e despede da sua fronte olympica a luz da civilisação, e illumina o escuro canto do salão com o clarão de sua magestade, e mostra aos outros homens nos bancos da gloria: quem é este americano, que desce do solio augusto e depõe todos os attributos da magestade para sentar-se no recinto da intelligencia, irmanar todas as categorias civis, collocar-se no coração do philosopho, nos labios do poeta heroico, e nas paginas do historiador, escurecendo a gloria de muitos dos seus antepassados, e conquistando uma nova, tão grande como o novo mundo em que nascera ?

« Quem é este novo filho do céo, que começa á colher todos os epithetos consagrados aos homens que fizeram as delicias da humanidade ? ! »

O IMPERADOR

« Amanhã, quando a nova Fama das cem boccas, a imprensa, tiver espalhado do Prata ao Amazonas as vozes do Soberano do Brazil, o litterato, até agora collocado, na estima secundaria da ordem social, se erguerá da mesa, tendo na mão as suas obras, olhará em torno de si, e dirá como Corregio á vista de um quadro de Raphael : — « Anch'io sono pittore » : tambem eu sou homem, tambem me posso sentar diante do Soberano ! —As minhas obras são os meus titulos de nobreza.

« Certamente, que poucas emoções havemos experimentado em uma vida errante de extasis e de contemplação, como a do dia 15 de Dezembro de 1849 !

« Um novo ser se despertou em nossa alma : sentimos um justo orgulho de pertencer á uma nação que é dirigida por um Principe, que tão nobre e espontaneamente se desenvolve : e que planta com a sua propria mão as balizas d'esse futuro que haviamos entrevisto nos nossos sonhos dourados, e nos anhelos mais puros e mais cordiaes do nosso patriotismo.

« Ah ! não ; não foi tempo perdido para o Brazil e para a gloria aquellas horas empregadas tão dignamente, e que tanto hão de fructificar : o Sr. D. Pedro II conquistou em tres horas tres seculos de immortalidade. »

São aqui precisos alguns topicos do relatorio que apresentou em Dezembro de 1887 o secretario coronel Augusto Fausto de Souza :

« Chegou o anno de 1849.

« O Principe que se assentava no unico throno da America, joven na idade, mas deixando ver já no semblante e nas acções os traços de um sabio e de um philosopho, sentia-se attrahido para a, tambem joven, associação. Duas correntes magneticas o solicitavam, procurando estabelecer a communicação entre a sua alma generosa e o Instituto: A natureza dos trabalhos e dos estudos d'este, era a primeira corrente, já por si bastante forte; mas a segunda corrente tinha um poder irresistivel de attracção.

« Quando o Soberano, abysmado na dôr, chorava sentindo estalar as fibras do coração pela perda de D. Affonso, o seu amado primogenito, o gracioso menino que tanto promettia ao pai e ao povo, o Instituto Historico chorou com Elle! e as lagrimas ardentes que se crystalisaram nas paginas do *Tomo XI* da *Revista*, foram um balsamo suavissimo para o coração do amargurado pai.

« E quereis que vos diga de que modo o Soberano pagou ao Instituto a divida de pai? Eu vol-o digo, senhores! deu-lhe o logar que ficára vasio no seu coração. O Soberano adoptou o Instituto por filho!

« No dia 15 de Dezembro de 1849, em uma hora como esta, festejava o Instituto o seu 11º anniversario, quando vio-se entrar um novo e prazenteiro conviva: era o Imperador. Elle assentou-se aqui, em uma d'essas cadeiras, assistio attento a toda a solemnidade; depois dirigio phrases de animação aos trabalhadores congregados, inquirio solicito das difficuldades da associação, das suas necessidades, dos seus projectos de futuro; prometteu a sua poderosa coadjuvação, e a sua phrase... foi palavra de rei!

« Esperaes talvez, que eu vá contar-vos de que modo o Monarcha cumprio a sua promessa? Não, senhores! não o espereis; o tempo que tenho para fallar-vos é limitado; e sem limites é a narração d'aquillo que o Instituto lhe ficou devendo. Bastará dizer-vos o que todos vós sabeis; desde que esse dia memoravel, o Imperador foi o presidente, foi o Protector Immediato, foi o pai extremoso do Instituto Historico.

« Oh! por Deus e pela patria! (exclamou em um dos arroubos de sua eloquencia, o nosso saudoso Dr. Macedo na sessão anniversaria de 1852.) Que esse justo orgulho não nos cegue, á ponto de não vermos toda a grandeza, toda a magestade d'esse acontecimento glorioso! O dia 15 de Dezembro de 1849 não pertence só ao Instituto, pertence ao Brazil inteiro! A porta que se abrio para dar passagem ao Imperador, na sala do Instituto Historico, é tambem a porta de uma nova éra aberta a todos os Brazileiros que cultivam as lettras. »

Seguem alguns factos comprovando o interesse com o qual Sua Magestade o Imperador se occupava do Instituto.

Na sessão de 26 de Setembro de 1851 o Sr. D. Pedro II distribuio trabalhos a onze socios entre os quaes o Dr. Perdigão Malheiro e Dr. José Ildefonso de Souza Ramos: dignando-se communicar n'esta sessão um officio do consocio Dr. Antonio Gonçalves Dias, tratando do estado dos cartorios e bibliothecas da provincia do Maranhão, onde se achava em commissão.

Na sessão de 21 de Novembro de 1851 o Marquez de Abrantes desenvolveu a these de que fôra incumbido pelo Imperador — Qual a origem da cultura e commercio do anil entre nós e quaes as causas do seu progresso e de sua decadencia?

Na sessão de 13 de Junho de 1856 Sua Magestade offertou um rico exemplar do livro do Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães — *A Confederação dos Tamoyos* que sahio á lume á expensas de quem era incontestavelmente o primeiro protector das lettras brazileiras e a primeira força do Instituto, como observou o bacharel João Franklin da Silveira Tavora, uns trinta annos mais tarde.

Foi na sessão de 17 de Outubro de 1856 que o presidente agradeceu ao Sr. D. Pedro II em nome do Instituto a valiosa e importante dadiva da bibliotheca que pertencera ao Dr. C. F. Martius. Sabe-se que custou dez contos de réis esta rica collecção, constando de 800 volumes de obras relativas ao mundo de Colombo, em varios idiomas e alguns já bem difficeis de serem encontrados, os quaes tinham sido precedidos em 1854 de outros muitos igualmente adquiridos do Dr. Martius e doados ao Instituto pelo seu Augusto Protector.

Muitas offertas foram feitas pelo Sr. D. Pedro II ao Instituto desde 1839 e apenas indicarei algumas de que tomei nota:

Na sessão de 22 de Maio de 1857 — o Catalogo da collecção de manuscriptos relativos ao Brazil feito por ordem do Governo Imperial e a Dissertação sobre a historia ecclesiastica do Brazil recitada em 1724, na Academia dos Esquecidos, pelo padre Gonçalves Soares da França.

Quatro medalhas a 4 de Maio de 1858 e a 11 de Maio de 1860 diversas obras e documentos colhidos em sua viagem nas provincias do Norte do Imperio.

Na sessão de 11 de Outubro de 1878 — dous grossos volumes manuscriptos com apontamentos historicos, geographicos, biographicos, estatisticos e noticiosos da provincia de São Paulo, seguidos da chronologia dos acontecimentos mais notaveis desde a fundação da Capitania de S. Vicente até o anno de 1870, colligidos por Manoel Euphrasio de Azevedo Marques — trabalho

que foi impresso por ordem do Instituto depois de examinado pelos socios conselheiros Olegario Herculano de Aquino e Castro e Tristão de Alencar Araripe. que obtiveram para a viuva do autor a cessão gratuita de 500 exemplares.

A 6 de Julho de 1883 — duas medalhas commemorativas da fundação do Instituto. cópias de quatro cartas depositadas na Secretaria do Estado de Washington com os respectivos certificados : á 9 de Novembro de 1883 — o original do relatorio que o Director Geral dos Indios de Matto Grosso dirigira ao Ministro ; a 8 de Agosto de 1884 — um maço de manuscriptos do fallecido escriptor João Francisco Lisboa.

O Imperador as vezes tomava parte nas questões que se aventavam no Instituto — tendo o Dr. Maximiano Marques de Carvalho proposto na sessão de 24 de Julho de 1885 que por intermedio do seu secretario se dirigisse ao consocio Cezar Cantú rogando-lhe corrigir inexactidões relativas ao Brazil e offensivas á verdadeira historia. Sua Magestade honrou a discussão com algumas observações que fizeram adiar a questão. Novamente tratada a 21 de Agosto de 1885 mostrou o Imperial consocio que na traducção franceza da Historia Universal de Cezar Cantú — edição de 1843 — não se achava o trecho a que se referira o Dr. Maximiano Marques de Carvalho, o qual porém encontrou na edição italiana de 1855, cujo primeiro volume apresentou e finda a leitura do alludido ponto expendeu Sua Magestade algumas considerações no sentido de haver sido ou não uma correcção ou accrescimo procedendo do mencionado historiador, após o que declarou ter providenciado para obter todas as edições d'aquella obra.

Lembro-me bem que mais de uma vez eu vi o Imperador insistir em sessão para o fiel cumprimento dos estatutos, mórmente quando surgia alguma pretenção para uma cadeira de membro effectivo ou mesmo correspondente sem titulo sufficiente para a admissão. Perdi o nome de um a cujo respeito Sua Magestade ponderou conhecel-o muito como autor de obras que indicou, todas de grande merecimento, e saber que era pessoa capaz de escrever alguma nas condições precisas para a admissão de socio do Instituto, mas que, entretanto, ainda não o tinha feito.

A proposito de escrupulo citarei a carta lida na sessão de 22 de Outubro de 1880. pela qual o Conde A. de L..., membro de muitas sociedades e autor de varios livros — estranhos ao objectivo do Instituto e não apresentados — pedia pela terceira vez a sua nomeação de socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro — o que não foi possivel satisfazer em vista dos estatutos remettidos ao candidato.

Lembro-me ainda que não bastavam as aptidões litterarias, pois que muito influiam as condições moraes do candidato, cuja admissão as vezes

ficava suspensa annos e annos, afim de evitar qualquer desarranjo no accordo harmonico dos co-associados, e, como não se facilitava em demasia o ingresso no seio da associação, tornára-se justamente cubiçado o diploma de membro do Instituto Historico e Geographico Brazileiro instituição por muitos considerada como uma especie de Senado das Lettras Patrias.

No Instituto, nos dias de sessões, findos os trabalhos, Sua Magestade dispensava alguns minutos de attenção a cada um dos presentes. Era tão conhecida a excellente disposição do espirito do Monarcha quando se achava n'esta sua predilecta instituição, que pessoas estranhas á ella, apezar do facillimo accesso perante o Sr. D. Pedro II, solicitavam permissão para assistirem ás reuniões, afim de terem o ensejo de fallar ao Imperador patrocinados por um dos membros do gremio.

Aos olhos do bondoso Soberano muito mereciam os seus consocios do Instituto, a quem fez autorisar por Decreto Imperial de 2 de Março de 1860 o uso de um uniforme nas sessões anniversarias e todas as festividades nacionaes.

Dando-se o fallecimento de um d'elles promptamente concordava Sua Magestade em que fosse levantada a sessão como demonstração de pezar e para comproval-o trago aqui a acta da sessão de 25 de Julho de 1862 :

« A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Visconde de Sapucahy, Dr. Macedo, Joaquim Norberto, conegos Fernandes Pinheiro e Pinto de Campos, Drs. Souza Fontes, Carlos Honorio, Homem de Mello, D. de Paschoal, Coruja, conselheiro Freire Allemão, Drs. Silva Capanema, commendador Lagos, Braz Rubim, Boulanger, Borges, Lapa e Mariano de Azevedo e recebido Sua Magestade com as honras do estylo, o Sr. presidente, ao mesmo Augusto Senhor se dirigio nos seguintes termos : « Senhor está aberta a sessão, mas eu peço venia á Vossa Magestade Imperial para suspendel-a já. No dia em que os jornaes dão a infausta noticia do fallecimento do Dr. Antonio Gonçalves Dias, não póde o Instituto trabalhar com serenidade. Seja este acto uma demonstração de saudade, um testemunho do apreço em que o Instituto tem os serviços do nosso consocio, brazileiro distincto, cuja perda as lettras patrias, não só o Instituto, devem deplorar e profundamente sentir. Ao que Sua Magestade declara que sim, que era a mais justa homenagem ao talento e recompensa devida aos serviços feitos ao Instituto por seu finado consocio. Em seguida suspendeu-se a sessão. »

Assim succedeu tambem á 20 de Novembro de 1874 em consequencia dos fallecimentos de Francisco Freire Allemão e Dr. Luiz Antonio de Castro á 4 de Junho de 1875 em homenagem á Candido José de Araujo Vianna elevado de Visconde a Marquez de Sapucahy, que se conservou 28

annos presidente effectivo do Instituto e teve por successor o conselheiro Dr. Luiz Pedreira do Couto Ferraz, successivamente Barão e Visconde de Bom Retiro—a 28 de Setembro de 1877, em seguida á moção de jubilo do Instituto, sobre proposta do Dr. Pinto Junior, pelo feliz regresso de S. M. o Imperador, foi levantada a sessão em signal de profundo pezar pela morte de Alexandre Herculano—a 5 de Julho de 1878 por causa da morte de F. A. Warnhagen, Visconde de Porto Seguro—a 9 de Maio de 1879 *in memoriam* dos socios sepultados durante as ferias—a 4 de Julho de 1879 pela do Dr. José Tito Nabuco de Araujo—a 14 de Maio de 1880 para honrar os finados socios : Manoel de Araujo Porto-Alegre, Barão de Santo Angelo ; Eduardo Laemmert ; Leverger, Barão de Melgaço ; Theodoro Taunay ; Duque de Caxias e outros—a 11 de Junho de 1880 o Dr. Pedro Guilherme Lund—a 16 de Julho de 1880 o conselheiro Antonio Pereira Rebouças—a 12 de Novembro de 1880 o Visconde do Rio Branco—a 1 de Julho de 1881 o Dr. Carlos Honorio de Figueiredo—a 9 de Junho de 1882 o Dr. Joaquim Manoel de Macedo—a 21 de Julho de 1882 o Visconde de Araguaya, Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães.

Na sessão de 11 de Agosto de 1882 approvou-se o parecer da commissão de estatutos e redacção sobre uma proposta de 1881 para que dado o fallecimento de um socio, não coincidindo o facto com o dia da sessão, em vez de suspenderem-se os trabalhos se inserisse na acta um voto de pezar pelo infausto acontecimento, o que se verificou a 7 de Dezembro com o Dr. Manoel de Valladão Pimentel, Barão de Petropolis—á 22 de Agosto de 1884 com o general Ricardo José Gomes Jardim (que nas disposições de sua ultima vontade lembrou-se do Instituto deixando-lhe sua livraria e duas apolices de um conto de réis cada uma) — á 4 de Julho de 1886 com o Dr. A. M. de Miranda Castro — e suspendendo-se á sessão a 14 de Setembro de 1883 por ter fallecido n'este dia o socio Antonio Paulino Limpo de Abreu, Visconde de Abaeté.

Mui longa seria a relação « d'aquelles de cujas luzes vio-se privado o Instituto pela mão fatal da nivelladora morte » (palavras do Visconde de Bom Retiro) andam para mais de 400 e tambem bastante longa a dos 200 vivos. Tive e ainda terei ensejo de mencionar muitos socios nacionaes, porém poucos estrangeiros pelo que vou citar mais alguns ao acaso entre mortos e vivos : Francezes : Alp. de Lamartine, Vicomte de Chateaubriand, Aug. de St Hilaire, F. P. G. Guizot, Ad. Thiers, Ferdinand Denis, Vivien de Saint Martin, Paul Gafarel, Sadi-Carnot. — Allemães : Baron A. de Humboldt, Principe Maximilian v. Wied-Neuwied, D. P. Muller, H. E. Ludwig. — Russo : Baron v. Maltitz. — Austriaco : Baron Gustav v. Schreiner. — Belgas : de

Selys-Longchamp, Charles van Lede. — Suissos: I. I. von Tschudi, Louis Agassiz. — Inglezes: Robert Southey, William Smith, John Russel Bartlett, Woodbrice Parisch, Arthur Brook. — Hespanhol: D. Carlos Ibañez Marquez de Mulhácen. — Portuguezes: Duque de Saldanha, Latino Coelho, Gomes de Amorim, Pedro Venceslau de Brito Aranha, Marquez de Penafiel, Serpa Pinto. — Italianos: Principe E. de Saboia-Carignan, Pietro de Angelis, Fernando de Luca, Carlo Zuchi, Anibal Ferero, Cardeal Rampolla. — Venezuelano: José Vargas. — Equadoriano: Thomas C. de Mosquera. — Peruanos: Mariano Eduardo de Rivera, Francisco Garcia Calderon, Agostinho Guillermo Charén. — Boliviano: José Rozendo Gutierrez. — Chilenos: André Bello, Domingos Santa Maria, Diogo Barros Arana, Benjamin Vicuña Makenna. — Oriental: Dr André Lamas. — Argentinos: general W. Paunero, general B. Mitre. — Norte-Americanos: James C. Fletcher, Alex. W. Bradford, William Hunter.

Na sessão de posse da mesa administrativa do Instituto para o anno de 1887, effectuada em 1° de Março, sendo communicado que adoecêra o Imperador, foi resolvido enviar ao camarista de semana este telegramma: « O Instituto Historico faz votos pelo proximo restabelecimento de Sua Magestade. »

O Sr. D. Pedro II se dignou mandar agradecer e logo que regressou á Côrte, vindo da fazenda do Sr. Barão de Aguas Claras, onde fôra convalescer, apresentaram-se na residencia imperial commissionados pelo Instituto os Srs. Dr. Franklin Tavora e conselheiro Tristão de Alencar Araripe que se inscreveram no livro dos visitantes.

Passado algum tempo o commendador Joaquim Norberto e Dr. Franklin Tavora foram á presença do Imperial Senhor que lhes participou a sua partida para o estrangeiro afim de procurar allivio á seus soffrimentos e recommendou que se désse principio ás sessões do Instituto, accrescentando que breve estaria prompto para auxilial-o nos seus trabalhos.

Embarcou o Augusto Enfermo a 30 de Junho e por tal fórma cercado e saudado pela ovação popular, que a mesa do Instituto não poude d'elle despedir-se collectivamente.

Na acta da sessão de 15 de Julho, a primeira realizada n'esse anno, encontrámos a exhortação que fez o presidente commendador Joaquim Norberto de Souza Silva:

« Cumpre-nos agora mais do que nunca trabalhar — para assim cumprirmos a recommendação da despedida do Augusto Protector do Instituto Historico, e Sua Alteza o Sr. Conde d'Eu, como nosso presidente honorario, seja testemunha ocular de nossos esforços, e possa dizer ao Imperador em seu

regresso á capital do Imperio: *Cumpriram. Senhor, com as vossas recommendações.* »

Não posso deixar de fallar da sessão anniversaria de 15 de Dezembro de 1887 na qual se fizeram ouvir na fórma do costume o presidente, o 1º secretario e o orador, e no fim da mesma uma commissão da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, cuja congratulação farei seguir a presente parte do discurso do coronel Augusto Fausto de Souza, 2º secretario, servindo de 1º :

« Senhores !

« Os antigos guerreiros, quando iam arriscar a vida em atrevidas emprezas, os velhos bardos antes de começarem os seus canticos cheios de fé e patriotismo, invocavam os seus manes, as suas divinidades favoritas, pedindo-lhes o valor e a inspiração. Eu quero escudar-me com tão piedoso costume : e no meu desamparo, a quem invocarei, senão ao Genio Bemfeitor, ao Nume d'este Instituto, ao Senhor D. Pedro II ?

« E' a Elle, pois, que eu invoco ! E' a Elle, que tambem todos vós já invocastes no pensamento ao penetrar n'esta sala porque a ninguem é permittido separar da idéa, o Instituto Historico e o seu Augusto Protector: é a Elle, que, se não parece estar presente, os olhos de nossa alma, avivados pela saudade, já nol-o fizeram descobrir aqui, assistindo á nossa modesta festividade ; é a Elle, que de tal modo se identificou com a nossa associação que, ainda mesmo no zenith do poder e da magestade, no meio dos attributos de gloria e da realeza, nunca esquece, e até ostenta, o titulo de membro do Instituto Historico Brazileiro !

«Sim, meus senhores ! Eu ouso affirmar, que um só d'entre vós não deixa de perceber n'este recinto, a presença, posto que invisivel, d'Aquelle que perigrina agora por longes terras, em busca da preciosa saude que tanto barateou em proveito de seu povo ! Eu ouso ainda affirmar-vos que, n'este mesmo instante, onde quer que Elle se ache, a sua grande alma se associa comnosco : porque, todos vós o sabeis, a data de 15 de Dezembro nunca foi por Elle olvidada, ha 40 annos !

« Alegrai-vos, pois, todos vós que estaes presentes ! Elle se acha aqui em espirito. Elle é um dos convivas mais attentos do nosso pequeno banquete litterario ! Elle vae ouvir comvosco o inventario dos nossos trabalhos e a commemoração d'aquelles que este anno nos precederam no tumulo ! E si alguma duvida nos restasse de sua presença aqui, bastava que Elle soubesse, como de certo sabe, que vós, Senhora, sua filha dilecta, o anjo tutelar do Imperio do Cruzeiro, tambem Vos achaes aqui comnosco. »

. . . .

CONGRATULAÇÃO

« A *Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro* commetteu-nos a honrosa incumbencia de represental-a n'esta solemnidade com que o *Instituto Historico e Geographico do Brazil* commemora mais um anno de sua proveitosa e utilissima existencia.

« Cumprindo com o maior prazer esse mandato, felicitamos cordialmente a distincta corporação pelos assignalados triumphos que tem coroado a boa vontade e o ingente esforço despendido no longo periodo de quasi meio seculo de sua existencia. A constancia com que affrontou a indifferença geral, não esmorecendo um só dia, guiado sempre pelo amor da patria e da sciencia, é digna dos maiores applausos de todos que comprehendem a importancia e benefica influencia do trabalho que, em boa hora, encetou e tem realizado com os maiores sacrificios e rara dedicação.

« Inspirada pelo nobre exemplo do *Instituto Historico e Geographico do Brazil*, a *Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro* envidará seus esforços para acompanhal-o na gloriosa senda que ha percorrido, julgando-se muito feliz si algum dia puder occupar o posto mais humilde ao lado do illustre Instituto, a quem hoje rende o maior preito de homenagem, fazendo votos pela sua futura prosperidade. Rio de Janeiro, 15 de Dezembro de 1887.—*I. M. da Silva Coutinho.—A. Indio do Brazil.—Francisco de Faria Lemos.* »

N'esse anno 1887, no dia do anniversario natalicio do Augusto Protector Immediato do Instituto apresentou-se no paço na forma habitual uma commissão e á seu respeito lê-se no *Tomo L* da nossa *Revista*:

« O Sr. senador Taunay communica que, como orador d'este Instituto, fizera a Sua Alteza Imperial, no dia 2 de Dezembro a seguinte allocução:

«Senhora!

Desde os primeiros clarões da aurora, o dia de hoje alvoroça o coração de Vossa Alteza, de modo estranho e intenso, indisivel mixto de alegria e de tristeza, em que predomina insistente a melancolica influição de ineffavel saudade. Alegria—por ser mais uma data assignalada na cara e ominosa existencia de vosso Augusto Pai; e essa doce e funda emoção, a partilha da nação inteira, reconhecida nos innumeros beneficios que da sua acção sempre emanaram e á dedicação patriotica, de que elle se tornou o mais perfeito e incontestavel symbolo. Tristeza—por vel-o longe da patria, a viajar em busca da saude fortemente combalida no serviço constante do Brazil; e ainda ahi, Imperial Senhora, pulsa o vosso coração de pleno accôrdo com a mais sincera vibração do affecto nacional.

«Mas tambem, que inexprimivel jubilo para todos nós, dos confins do Amazonas á extrema do Rio Grande do Sul e aos mais distantes recantos de Goyaz e Matto Grosso, ao sabel-o, em época talvez bem proxima, de volta robustecido, prompto para recomeçar a conscienciosa lida da governação do Estado, a que de corpo e alma se entregou ha mais de meio seculo!

« Perpassará então por todo o dilatadissimo e magestoso Brazil, um frémito valente, espontaneo, incoercivel, de enthusiasmo, augmentado ainda pelo commovente espectaculo da admiravel soffreguidão com que a extremosa filha lhe entregará a fulgente corôa da mais sensata e liberal monarchia do mundo, e nas adestradas mãos do pai deporá o magnanimo sceptro que ella em seu logar sustenta.

« Esse dia ha de chegar—tenhamos fé na vossa estrella, e tão grande, que só haverá modo condigno de o solemnizar—entregarmos ao Sr. Dom Pedro II, um Brazil para todo o sempre limpo da odiosa mancha, que nos envergonha perante a civilisação. «Vinde (diremos), entrai em vossa estremecida capital com animo em festa, despreoccupado e sem mais sombras. Dissipou-se, emfim, a negra e temerosa nuvem, que, por tantos e tantos annos, vos entenebrecia o largo e generoso pensamento; quebrou-se o agudo espinho que, por tão largos decennios vos pungia o bondoso e justiceiro coração: esgotou-se, para nunca mais apparecer, acerba e copiosa fonte de vexame, que cortou de amargo travo a vossa magestatica existencia: findou, findou o estigma, que vos fazia corar por todos nós, pois sois o fiel espelho da consciencia nacional!

« E então nos hymnos de ardente saudação, ouvir-se-hão vozes, que até agora faltavam, repassadas de intensissima gratidão. Serão as preces dos escravos, já então homens livres como nós e que poderão, da insignificancia da sua posição social, encarar face a face, o soberano que tanto fez por elles—espirito aquilino, librado no pino do espaço a contemplar angustiado e compassivo os soffrimentos e dôres de desgraçados e infimos seres; estadista peado em seus impulsos e aspirações, mas a calcular de continuo os immensos damnos moraes e economicos, da humilhação de uns e da compressão de outros; philosopho e philanthropo, a seguir paciente e pertinazmente a sua idéa, a collimar o escôpo, que nas mais adiantadas e orgulhosas republicas não passa ainda de uma utopia—a igualdade.

« Quanto mais depréssa o dia da libertação geral, mais nos chegaremos ao formoso e tangivel ideal, mais rapidamente encetaremos o activo e ascendente labor da regeneração nacional, pela qual ardentemente anhela hoje a vontade firme de todo o paiz, sem mais oscillações, sem mais constrangimento, sem mais obsessão de lugubres e aterradores vaticinios: mas pelo contrario,

com fé immensa no futuro e impellido pela corrente dos vehementes e nobres sentimentos, que na hora das mais terriveis difficuldades, e no meio das violentas conjecturas, exaltam o homem e lhe centuplicam os recursos e as forças.

« Essa data imminente está o Instituto Historico e Geographico Brazileiro ancioso por poder registrar nos fastos da historia patria, tendo certeza, além de tantos outros ponderosos e elevadissimos motivos, de que o Sr. D. Pedro II, nosso incansavel protector, a considera o fecho mais invejavel, mais brilhante do seu longo e trabalhoso reinado.

« Eis a razão, Imperial Senhora, porque, depositando ante o excelso throno, os mais leves e fervorosos votos de prosperidade e prompto regresso do inclyto monarcha, vosso augusto pai, a esta manifestação associamos a consoladora esperança de que em breve, todos livres no imperio americano, possam acclamar o grande Brazileiro, e no auge do enthusiasmo, bradar aos céos risonhos e recamados de fulgurantes scintillações: «Gloria! Gloria ao Sr. D. Pedro II!

« Ouvido no meio do mais respeitoso silencio, foi este discurso vivamente applaudido por todos os membros presentes, os quaes, desejando que se tornasse bem manifesta a inteira approvação que merecêra, apresentaram varios alvitres, ficando resolvido, por proposta dos Srs. monsenhor Manoel da Costa Honorato e Dr. Maximiano Marques, que se declarasse em acta, que o Instituto fazia suas todas as palavras e sentimentos do nosso illustrado orador e de mais, que o discurso em sua integra, assim como esta resolução, fossem publicados no *Jornal do Commercio*.

« O Sr. senador Escragnolle Taunay agradece, declarando que, ao expressar-se do modo porque o fizera, tinha certeza de representar fielmente o pensamento do Instituto Historico.»

. . . .

Continuemos a nossa narração:

A 16 de Maio de 1888 celebrou o Instituto uma sessão extraordinaria para deliberar sobre os modos de testemunhar a sua satisfação pela decretação da Lei n. 3353 cuja *concisão* no dizer do presidente commendador Joaquim Norberto *só tem de comparavel a sublimidade do « Fiat lux » da tradição biblica « E' declarada extincta a escravidão no Brazil »* e foi resolvido: expedir um telegramma dando parabens á Sua Magestade o Imperador; enviar uma commissão saudar a S. A. a Princeza Imperial; dirigir mensagens de agradecimento ás duas Camaras Legislativas e ao Ministerio; lançar na acta um voto de louvor á imprensa de todo o Imperio e a todos aquelles que de qualquer modo contribuiram para o triumpho incruento da santa causa da Redempção; collocar na sala das sessões os bustos dos finados consocios

Dr. Perdigão Malheiro que em sua obra « A escravidão no Brazil » procurou lançar as bases para a abolição da escravidão e Visconde do Rio Branco que foi quem com a Lei de 28 de Setembro de 1871 iniciou a realização da abolição do elemento servil no Brazil.

Approvou-se ainda, sob indicação do Dr. Cezar Augusto Marques «que se nomeasse uma commissão para felicitar S. A. o Sr. Conde d'Eu, nosso Augusto Presidente Honorario, nosso compatriota, e que com todo desvelo está ao lado do povo, quando este soffre e tambem compartilha de nossas glorias. »

Ficára addiada a indicação do Dr. Maximiano Marques de Carvalho que elle mesmo transformou em proposta á 15 de Junho n'estes termos: « que este Instituto autorise nosso illustrado thesoureiro a abrir uma subscripção nacional para se levantar no campo da Acclamação uma columna de bronze bem alta, tendo na base a Lei de 13 de Maio e no vertice o symbolo da justiça representada pela Princeza Imperial Regente do Imperio Brazileiro. » Como substitutivo foi proposto pelo Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake e outros consocios : « que o Instituto mandasse cunhar medalhas commemorativas da sancção da lei aurea. »

Estando porém o assumpto em discussão, na sessão de 22 de Junho, o presidente procedeu a leitura da carta de Sua Alteza o Senhor Conde d'Eu :

« Paço de S. Christovão, 21 de Junho de 1888

« Sr. Joaquim Norberto,

« A Princeza, tendo conhecimento das propostas de que se occupou o Instituto Historico na sua ultima sessão, encarregou-me de communicar-lhe, que pelas razões que são obvias e das quaes a primeira é o exemplo de Sua Magestade o Imperador, ella não pode annuir a que por qualquer motivo se lhe erija uma estatua ; e espera portanto, que n'esta parte não seja acceito pelo Instituto o projecto apresentado com o justo intuito de commemorar a lei que extinguio a escravidão. Rogo-lhe, pois, que na occasião opportuna communique a seus collegas do Instituto este desejo da Princeza Regente.

« Gastão de Orleans. »

Alludia Sua Alteza Real e Imperial a carta que Sua Magestade dirigio ao Ministro do Imperio conselheiro Paulino José Soares de Souza, assim concebida :

« Sr. Paulino,

« Leio no Diario que se pretende fazer uma subscripção para elevar-me uma estatua. O Senhor conhece meus sentimentos, e desejo que declare, quanto antes á commissão, de que falla o mesmo Diario, que si querem perpetuar a

lembrança do quanto confiei no patriotismo dos Brazileiros para o desaggravo completo da honra nacional e prestigio do nome brazileiro, por modo que não me contrarie na minha satisfação de servir a minha patria unicamente pelo cumprimento de um dever de coração, muito estimaria eu, que só empregassem seus esforços na acquisição do dinheiro preciso para a construcção de edificios apropriados ao ensino das escolas primarias de instrucção publica. O Senhor e seus predecessores sabem como sempre tenho fallado no sentido de cuidarmos seriamente da educação publica, e nada me agradaria tanto como vêr a nova éra do paiz firmada sobre o conceito da dignidade dos Brazileiros começar por um grande acto de iniciativa d'elles a bem da educação publica.

« Agradecendo a idéa que tiveram da estatua, estou certo de que não serei forçado a recusal-a.

« 19 de Março de 1870.

« D. Pedro II.

Quanto á proposta do Dr. Maximiano Marques de Carvalho, lê-se na acta de 22 de Junho que considerando ser dictada por um excesso de modestia a resolução tomada por Sua Alteza Imperial, insiste entretanto o autor em que seja approvada a sua indicação supprimindo-se as palavras finaes — representado pela Princeza Imperial Regente do Imperio Brazileiro.

N'essa occasião foram mandados a mesa novos substitutivos de Henrique Raffard 1° que o Instituto promova uma subscripção nacional para que se levante em uma das praças da Côrte um modesto monumento que atteste aos vindouros o faustoso acontecimento da redempção dos captivos no Brazil: — 2° — que o Instituto represente ao Governo pedindo que para perpetuar a data da abolição da escravidão no Brazil faça cunhar medalhas commemorativas em numero sufficiente para que possam ser remettidas á todos os governos, instituições nacionaes e estrangeiras como museus e universidades.

A commissão, formada com os Srs. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Visconde de Beaurepaire Rohan e Barão de Miranda Reis, apresentou o seu parecer em 10 de Agosto propondo em conclusão que o Instituto fizesse cunhar as medalhas commemorativas e commettesse á pessoa competente o encargo de escrever uma memoria contendo a historia resumida de tudo quanto se refere ao assumpto de que se trata, desde a fundação do Imperio.

Na sessão de 14 de Setembro o conselheiro Olegario pedio que se deliberasse sobre o parecer e declarou que a commissão acceitava qualquer modificação, que parecesse conveniente, então o Dr. Maximiano Marques de

Carvalho propoz que se votasse pelas conclusões do luminoso parecer, as quaes ficaram approvadas porém com a reserva proposta pelo socio Henrique Raffard de se aguardar occasião opportuna para se resolver sobre a elevação de um monumento commemorativo.

As medalhas foram cunhadas na Casa da Moeda do Rio de Janeiro sob a inspecção do conselheiro Tristão de Alencar Araripe, sendo 2 de ouro para Sua Magestade o Imperador e Sua Alteza a Princeza Imperial, 50 de prata e 500 de cobre que foram devidamente distribuidas.

Eis o fac-simile das medalhas :



« O Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, pede a palavra (acta da sessão de 24 de Maio de 1889) e como relator, que foi, da commissão encarregada da entrega a Suas Magestades e Altezas Imperiaes das medalhas commemorativas da extincção da escravidão, declara que, no dia aprazado ás 7 horas da noite, foi a commissão recebida no Paço Imperial por Suas Magestades e Altezas Imperiaes, pronunciando elle o seguinte discurso :

« Senhor! As medalhas commemorativas, que em nome do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, temos a honra de offerecer n'este momento á Vossa Magestade e a Sua Alteza a Serenissima Princeza Imperial, trazem gravadas a effigie da Inclyta Redemptora dos captivos e uma data auspiciosa, que, mais do que no ouro ou no bronze, perdurará brilhantemente inscripta em caracteres indeleveis na memoria da patria e no coração agradecido dos Brazileiros, recordando o mais grandioso feito, que ennobrece as paginas gloriosas da nossa historia contemporanea.

« Ha mais de meio seculo prenunciavam os fundadores da nossa nacionalidade a extincção da escravidão como o complemento necessario da

nossa emancipação politica: o fanal que nos guiaria seguros na marcha do progresso e da civilisação: o titulo de honra que faria do Brazil uma nação livre, feliz e respeitada.

« Foi ardua a empreza; longo e doloroso o estadio percorrido; mas somos afinal chegados á desejada méta das nossas mais justas e nobres aspirações. A's negras sombras da triste escravidão succederam as rutilantes galas do astro, que illumina um povo inteiramente livre.

« Bem hajam aquelles que tão alto souberam elevar o monumento de nossas grandezas nacionaes!

« A Vós, Senhor, cujos sentimentos de acendrado patriotismo e indefectivel amor da justiça e da humanidade se manifestaram sempre favoraveis á causa sacrosanta da liberdade, cabe a immarcessivel gloria de haver iniciado o generoso movimento que, de accordo com a opinião nacional, veio em boa hora realisar a inestimavel conquista da razão esclarecida sobre os deploraveis erros do passado: a vós, Senhora, a ineffavel satisfação de haver assellado com o vosso bem louvado nome a liberal reforma, dictada pela religião, pela moral e pelo direito, e que hoje constitue o mais esplendido padrão de nossa dignidade nacional.

« As benções do Deus da igualdade, da caridade e do amor, as cordiaes saudações e fervorosas preces dos miseros redimidos, a estima e a veneração da patria e da posteridade, serão em todo o tempo solemne consagração das glorias que reflectem serenas e purissimas sobre as Augustas frontes dos bemfeitores de uma raça inteira de opprimidos.

« Senhor, quando longe da patria, ha um anno, sentieis vossas forças alquebradas ao peso da enfermidade que vos affligia, e a todos nós profundamente magoava, transpondo os mares, vos enviámos a feliz nova, que com tanto jubilo acolhestes, de que reinaveis já sobre uma nação em que todos os vossos subditos eram tambem vossos concidadãos.

« São hoje nossos mais ardentes votos, que a Deus praza conceder-vos ainda vida bastante para que possais testemunhar o engrandecimento progressivo d'esta patria, que vos é tão cara, que tanto vos deve, e a qual tendes dedicado todos os esforços, todos os affectos de vossa illustrada intelligencia e magnanimo coração.

« Assim presta o Instituto suas respeitosas homenagens á Vossa Magestade e á Sua Alteza Imperial, no primeiro e faustoso anniversario da Lei de 13 de Maio de 1888, que, com geraes applausos do mundo civilisado, declarou para sempre extincta a escravidão no Brazil.

« Ao que Sua Magestade o Imperador dignou-se de responder: **Agradeço muito ao Instituto; e nada mais digo, porque o Instituto bem sabe que eu sou todo d'elle**.

« O Sr. presidente declara que o Instituto ouve reverente e com o mais profundo reconhecimento as palavras do Soberano, as quaes, sendo mais uma revelação do seu devotamento e entranhado amor ao Instituto, são tambem uma affirmativa de que o Instituto não tem desmerecido do seu alto apreço, e a maior e mais significativa recompensa aos nossos esforços em buscarmos corresponder com o trabalho a essa especial protecção, toda originada no desvellado e inexcedivel culto á sciencia, por parte do Imperador. E que palavras tão significativas e tão honrosas deverão perdurar em lettras de ouro nos annaes do Instituto, como indeleveis ficam nos corações dos seus associados. »

No livro do Jubileu do Instituto do qual já fallei, um dos socios o Dr. Cesar Augusto Marques, inserio uma carta inedita O. D. C. á Sua Alteza a Serenissima Princeza Imperial que trata do finado consocio Manoel Odorico Mendes, um dos mais activos e diligentes promotores da revolução que deu logar a abdicação do Augusto fundador do Imperio em Abril de 1831.

Vou dar aqui a segunda parte da mencionada carta:

. . . .

« Muito infeliz na verdade ainda foi Odorico Mendes!

« Não vio realizado o seu pensamento de todos os dias, qual a libertação de todos os escravos!

« Companheiro n'essas idéas de Diogo Antonio Feijó, de José Bonifacio — o velho, do Dr. Antonio Ferreira França — o philosopho, nenhum d'elles conseguio quebrar as pesadas algemas da escravidão, que manietavam os pulsos de milhares de entes humanos.

« Não vio a brilhante aurora do dia 13 de Maio de 1888!

« Não logrou ver a liberdade a scintillar no firmamento e a illuminar todo o Brazil!

« Não ouvio o doce ciciar da brisa, os échos das montanhas, os rugidos do mar; o som das cachoeiras dos rios, os gorgeios dos passarinhos e as vozes de todos os bons brazileiros entoando graças ao Altissimo, quando a Serenissima Princeza Imperial do Brazil, a virtuosissima Condessa d'Eu quebrou as cadêas dos captivos, alliviou tantos afflictos, sanou tantas dôres enxugou tantas lagrimas, deu tantas consolações, transformou para sempre em risos e lagrimas de alegria, entre flores e expansões de jubilo, o maior flagello que por seculos arredou o Brazil dos caminhos do progresso em busca da gloria a que tem direito o Imperio da Santa Cruz.

« Ah ! já que Deus não lhe deu a ventura de gozar esse ineffavel prazer, eu, seu conterraneo, eu que fui testemunha d'esse feito tão glorioso, invoco o seu espirito, que sem duvida está hoje na presença do Altissimo, e em nome de nós todos que tributamos preito de homenagem e de respeito a virtuosa Senhora, que então mais abrilhanta o throno do Brazil, eu lhe rogo que do alto dos céos olhe para o regio manto que circumda a Serenissima Princeza Imperial, que observe como elle está recamado de estrellas, (mimoso pensamento do sabio Barão de Paranapiacaba—Nota de C. A. Marques) de diamantes, em que se crystallisaram as lagrimas de seiscentas mil creaturas, cujas algemas do captiveiro Ella quebrou.

« Eu lhe rogo que, encarando o esplendido sol da liberdade, que Ella accendeu, lá no assento ethereo onde elle reside, reunindo-se aos espiritos de todos os justos, ore ao Omnipotente e á excelsa Rainha dos anjos que recompense o importante e sem igual serviço, que Ella prestou á humanidade em geral e ao Brazil em particular no sempre grandioso dia 13 de Maio de 1888, permittindo que sua existencia seja muito longa, sempre abençoada por Deus, e um constante hymno de alegrias ao lado do seu Respeitavel consorte, de ha muito nosso concidadão, e como tal nosso companheiro dos dias de pezar e de alegrias ; e que a vida de seus idolatrados filhinhos seja tecida pela felicidade, honrando sempre os seus benemeritos antepassados.

« Quando um dia, lá bem longe, lá no futuro, arrefecidas as paixões do momento, emmudecidas as vozes do despeito e restabelecida a verdade para a posteridade severa e justiceira, com a penna imparcial da historia, escrever a pagina dourada dos sete dias gloriosos do mez de Maio do presente anno sem duvida alguma todos os povos catholicos, lendo a *Vida e Feitos* da Princeza D. Izabel, a filha dilectissima de Jesus Christo, e como tal pelo pai da christandade distinguida com a *Rosa de Ouro*, reservada só ás Soberanas de exemplar e pia virtude, pedirão a sua beatificação, e a par de Santa Izabel de Hungria, Duqueza de Thuringia, canonisada pelo papa Gregorio IX—que se assignava o servo dos servos de Deus—em 1° de Junho de 1235, e de Santa Izabel, Rainha de Portugal, canonisada pelo papa Urbano VIII, em 25 de Maio de 1625, pedirão que seja tambem sanctificada a consoladora dos afflictos, o espelho da justiça, a causa da nossa alegria : e no calendario dos santos ler-se ha um dia o nome da Santa Izabel, Condessa d'Eu—como a Redemptora dos Captivos no Brazil »

O Dr. Ferreira de Araujo, redactor-chefe da *Gazeta de Noticias*, escreveu no album de autographos offerecido ao Imperador : « que orgulho para um rei, que satisfação para um pai — assistir a apotheose de sua filha ! »

Não são menos interessantes os demais escriptos contidos n'esta *Polyanthéa* (*) mas não podem elles caber no quadro restricto do presente trabalho, no que não existe o menor inconveniente, achando-se todos reunidos em um volume que corre impresso e alguns tendo sido reproduzidos no livro do Dr. Affonso Celso, intitulado: *O Imperador no Exilio* e editado em 1893 pela casa Magalhães & C., do Rio de Janeiro.

Eis como se exprimio o autor d'este livro á respeito do album:

« Em Agosto de 1888, após crudelissima enfermidade no estrangeiro, regressou ao Brazil o Sr. D. Pedro II.

« Não se apagaram ainda da memoria publica as estrondosas e espontaneas expansões de amor filial, respeito e reconhecimento com que foi acolhido. Na capital sobretudo, prodigalisou-lhe o povo enthusiasticas ovações. Dir-se-hia pai idolatrado volvendo ao seio de extremosa familia.

« Entre os muitos delicados mimos que então lhe foram feitos sobrelevou um album, composto de uma collecção de escriptos que illustres brazileiros dedicaram a Sua Magestade.

« Exprimiam estes selectos autographos na formosa phrase do digno offertante, o Sr. Barão de Loreto, o conceito unanime relativo aos peregrinos dotes de espirito e coração do Imperador, celebrando ao mesmo tempo varios feitos com que havia engrandecido longo e prospero reinado.

. . . .

O Sr. conselheiro Barão de Loreto tambem escreveu no album a seguinte poesia:

A' SUA MAGESTADE IMPERIAL O SR. D. PEDRO II

BEMVINDO

Longe da patria, quasi na agonia,
Ouves a esposa, santa mensageira,
Murmurar-te que a gente Brazileira
E' toda livre e acclamações te envia.

(*) *Polyanthea* é o titulo do referido Album de autographos cuja edição impressa sahio em 1892 da typographia A. Mollaret de Voiron, na França.

Já despertas á vida que fugia:
Jubilo immenso as dores te aligeira;
Abençoas a Filha, padroeira
Da redempção, tua maior porfia.

O extremo anhelo estava satisfeito!
Mas Deus, na sua omnipotente alçada,
Dos favores duplica-te a partilha.

Quiz que do grande povo o Rei perfeito
Visse a patria de todo emancipada,
Qu'inda o Pai abraçasse a cara Filha!

BARÃO DE LORETO.

Rio, 22 de Agosto de 1888.

Voltando a occupar-me do livro do Jubileu que contém trabalhos teressantes e a acta da Sessão solemne, realizada a 21 de Outubro de 1888, em homenagem ao quinquagenario do Instituto, limitar-me-hei a transcrever uns extractos dos discursos proferidos n'esta occasião, precedidos da dedicatoria do referido volume:

A

SUA MAGESTADE IMPERIAL

O SENHOR

D. PEDRO II

VENERANDO E INCANSAVEL PROTECTOR DO INSTITUTO

CONSAGRA ESTE LIVRO

O INSTITUTO

A' Vós, Senhor, este livro.

« E' elle a felicitação, o parabem dos socios actuaes da respeitavel associação que, patrocinada e guiada por Vós. tem imperterrita passado atravez dos escolhos onde tantas naufragam, e hoje, celebra a festa do seu semi-centenario.—*o nosso Jubileu*, para o qual se voltam as vistas de todos os que, reconhecendo os sinceros serviços prestados durante meio seculo, por essa instituição — hostilisada por alguns e mal julgada por outros, longe de se reunirem á estes na sentença iniqua.—esperam o momento da nossa remuneração de gloria, para lhe darem vulto com o seu generoso consenso.

« Seja elle a consagração do Instituto a Aquelle que desde os mais tenros annos o tomou sob a sua protecção de Monarcha, constituindo-se o primeiro dos seus socios e o mais interessado no seu auspicioso porvir.

« A' Vós, Senhor, este livro. »

Topicos do discurso de abertura proferido na sessão de 21 de Outubro de 1888 pelo presidente Commendador Joaquim Norberto de Souza Silva :

. . . .

« Assim tornou-se uma realidade a fundação do Instituto Historico, graças ao patriotismo de dous illustres varões que não contaram com as difficuldades inherentes ao tirocinio das associações : e as nações dadas aos trabalhos da intelligencia applaudiam com acoroçoamento a crescente instituição. Abrio-se para logo atravez dos mares a correspondencia litteraria e scientifica, e, pois, fomos nós o primeiro povo da America do Sul que estabelecemos as permutações bibliographicas internacionaes.

« Lutaram os fundadores em seus dez primeiros annos com precaria existencia. Surgiram de todos os lados obstaculos que seriam invenciveis a não ser a grande, a generosa protecção que encontraram no Imperador, que entre nós assaz tem protegido as lettras e as sciencias, como não ha exemplo entre muitos povos.

« Desde então tem prosperado o Instituto Historico. Com a sua protecção, com o seu acolhimento, com o seu exemplo, ganhou a litteratura, que teve um famoso periodo, no qual fulguraram notaveis talentos, cujos nomes não esquece a patria.

« E hoje se completam cincoenta annos de sua existencia, e hoje o seu jubileu, é a prova mais cabal da constancia da nossa actividade no

trabalho emprehendido por nossos predecessores e continuado por nós com os melhores resultados para a patria, embora o negue a inveja que nos desconsidera pela consideração que merecemos.

. . . .

« O periodo que acaba de percorrer o Instituto Historico e que festejamos no dia de hoje, á mesma hora da sua inauguração, foi verdadeiramente interessante por todas as faces porque seja examinado. Util, consciencioso e constante em suas lides, acompanhou a par e passo o presente reinado, cuja narrativa patenteia paginas dignas das epopéas da historia, a que assistem ou tomam parte não menos de duas gerações.

« Aos futuros historiadores cumpre, mais do que a nós, burilal-a em lettras de ouro, e praza a Deus que as novas gerações continuem animadas e fervorosas na missão não ingloria que lhes legamos. Tenham ellas a mesma dedicação, o mesmo desinteresse com que até aqui havemos dado provas evidentes de nosso patriotismo.

. . . .

« Senhores! A gratidão do Instituto Historico não póde ser indifferente á tão illustrada concurrencia, pois as festas litterarias não têm por certo a amenidade attractiva das reuniões que fazem o encanto da sociedade.

« Aos representantes da imprensa fluminense, que tão relevantes serviços tem prestado ao paiz;

« A' todas as associações litterarias, artisticas e scientificas representadas aqui pelas commissões, e sobretudo a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional a quem tanto deve o Instituto Historico;

« ás distinctas pessoas do clero, do exercito e da armada;

« aos dignos membros do ministerio e seu presidente;

« aos augustos representantes da nação;

« aos preclaros membros do corpo diplomatico;

« á todas as senhoras presentes;

« emfim, á todo este illustrado auditorio:

« apresenta o Instituto Historico as suas cordiaes homenagens.

« A' Vossa Alteza, Principe (o Sr. D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo e Bragança) folga o Instituto Historico de vos ver pela primeira vez honrando-o com a Vossa serenissima presença.

« Senhora! — Vós sois o anjo tutelar do Imperio que realizastes as esperanças de um grande povo, o qual unisono vos acclama — Isabel a Rdemptora.

« Ao glorioso acontecimento, que applaudiram enthusiasticas as nações do novo e velho mundo, e que abençoou o chefe da christandade, não podia mostrar-se indifferente o Instituto Historico, e a nobre effigie de Vossa Alteza Imperial realça a medalha que n'este momento fazemos cunhar para commemoração da Aurea Lei.

« Honrando esta reunião com a Vossa graciosa presença nos enlevaes com a maior satisfação e não temos palavras de agradecimento para quitação de tamanha divida.

« E Vós, Sr. Principe (Gastão de Orleans, Conde d'Eu), que tanto tendes ennobrecido as nossas sessões durante o impedimento de nosso Protector nos animando em nossos estudos, recebei em penhor de Vossa benevolencia o nosso reconhecimento.

« Senhora! — Vós sois o enlevo dos Brazileiros! Viveis em nossos corações admirada pelas virtudes, que mais do que os diamantes tanto brilho dão ao diadema imperial que Vos cinge a fronte, e ainda mais pela dedicação com que ultimamente Vos assignalastes ante a Europa, Vos interessando santa e desveladamente pela saude de Vosso esposo como um verdadeiro anjo da caridade.

« O comparecimento de Vossa Magestade Imperial a esta festa das lettras mais e mais augmenta o seu prestigio, e nos é grato, porque nunca Vos mostraes indifferente ás nossas reuniões, que tão generoso abrigo encontram n'este Paço.

« Senhor! — Tudo n'este mundo é providencial, e o dedo de Deus guia as nações em sua marcha — as fortalecendo em suas provações — as preparando para o logar condigno a que a destina a humanidade, e a sua nobre missão confere Elle aos seus escolhidos. Então ao bater da hora suprema, nos campanarios celestes resoa na immensidade a Sua voz potente e realizam-se os Seus decretos.

« Uns livres — outros escravos, era a maior desigualdade que reinar podia em um Imperio que proclamára a sua independencia á luz do sol do Ypiranga, constituindo-o tão livre como as nações mais livres do universo. Dolorosamente depois da nossa emancipação politica, que comprehende o espaço de sessenta e seis annos, e apezar do mais solemne protesto dos mais eminentes Brazileiros, sinão de toda a nação, conservou-se isolada no meio da nossa liberdade uma decima parte de sua população, como si essa mancha que figura no céo do Brazil, ao lado do Cruzeiro, prophetisasse a eterna escravidão da raça negra na terra da Cruz.

Fomos os ultimos povos da America na missão liberal e civilisadora; mas na phrase divina são os ultimos os primeiros, e a evolução humanitaria santa divina, nos deu a supremacia entre os outros povos, pois não nos custou uma gotta de sangue, nem nos arrancou um lamento siquer, a não ser vago queixume que felizmente não se desprende da pureza das consciencias.

« E para gloria do Instituto Historico foi o estudo da extincção da escravidão antecipadamente uma de nossas memoraveis tarefas, e o illustrado conselheiro Perdigão Malheiro mereceu a honra de ser ouvido por Vossa Magestade Imperial, quando leu em nossas sessões paginas magistraes consagradas á redempção dos captivos.

« Deus inspirou o Pai, o Pai inspirou a Filha e a bandeira auriverde luzio sem a nodoa do passado; e desde então os derradeiros e opprimidos filhos d'essas bemditas e magnificas plagas puderam ver compensados na balança da igualdade os seus deveres pelos seus direitos.

« Assim fechou-se com a extincção da escravidão o primeiro cyclo do Instituto Historico, assim abre-se o novo cyclo com a liberdade de todos.

« Senhor!—O Instituto Historico saudou a Vossa Magestade Imperial n'esse solemne dia do complemento á liberdade, transmittindo pelo fio electrico atravez dos abysmos do Oceano Atlantico as suas congratulações. E si infelizmente Vossa Magestade Imperial jazia enfermo no leito da cruel enfermidade, a extincção da escravidão no Brazil, applaudida pelo mundo enthusiasmado, Vos despertou da lethargia -e Vós, Senhor, e Vós resuscitastes para a igualdade de todos os brados da patria.

« O que mais nos cumpre fazer sinão ainda uma vez nos inclinarmos agradecidos ante a presença de Vossa Magestade, o maior realce d'esta festa, que d'ora avante será para nós de gratas e saudosas recordações. »

Final do relatorio apresentado na sessão solemne do Jubileu pelo Dr. João Severiano da Fonseca

. . . .

« Não, não é uma festa completa a que celebramos hoje. Faltou-nos tempo, faltaram-nos forças. Apezar do immenso desejo e de mais vivos empenhos, reunimo-nos, apenas, para saudar o dia do quinquagenario:—que a consagração operosa que ideamos para essa data de glorias só mais tarde poderá apparecer. Queriamos condensar em um volume a contribuição de todas as provincias em homenagem a esse anniversario.

« Causa inamovivel e inesperada sustou-nos o esforço... Vossa molestia, Senhor. Depois, chegando Vossa Magestade são e salvo, faltou-nos o tempo—por faltar-nos o braço herculeo que podia supprir o tempo—d'aquelle Franklin Tavora, cujos ultimos dias, cujas horas ultimas foram labutações ainda para a festa de hoje, e pela honra do Instituto e tambem, Senhor, por honra Vossa, que elle sabia o quanto Vós, Senhor,—a encarnação do Instituto, havieis de apreciar esta festa.

« E é inutil agradecer-Vos, Senhor, nem cabe ao secretario do Instituto o direito de agradecer a Magestades e Altezas presentes a honra d'essa presença.

« Mas cabe-lhe o direito de expressar sentimentos que são os do Instituto, que são os dos assistentes aqui, que são os dos bons Brazileiros.

« Não fallará á Soberana, por todos appellidada —a Mãi dos Brazileiros —que titulo mais simples e mais grandioso, mais doce e mais santo—para um coração de mulher!

« Não fallará á Princeza, que o povo chrismou e a historia consagrará, com o sublime qualificativo de—Redemptora dos Captivos.

« Não fallará aos Principes, homens sãos e honestos, e em tudo dignos de Vossa augusta respeitabilidade.

« Não. Concretisará em Vós, Magestade, os seus sentimentos e os seus dizeres. E isto basta.

« Fostes feliz, Senhor. Concedeu-Vos o Omnipotente o supremo favor—por nenhum outro jámais gozado—de ouvirdes em vida o juizo que de Vós a posteridade fará: de presenciardes vivo, os sentimentos de dor e desolação da patria, receiosa de perder-Vos: de terdes, em vida, a prova—livre de adulação e baixeza dos servis—do quanto o povo do Brazil, nacionaes e estrangeiros, quer, estremece e respeita—o guia dos destinos da patria: quer, estremece e respeita o homem justo, honesto e são, o *justum ac tenacem propositi virum*, que ha perto de cincoenta annos, tambem, o dirige e conduz na trilha de todos os progressos, apresentando-se como o espelho do maior patriotismo e dos maiores devotamentos.

« Sois um predestinado, Senhor! N'essa luta pela vida, não Vos acompanharam as condolencias obrigadas de adulação official. O povo anciava pelas noticias—não pelo espirito de reportagem, da novidade mexeriqueira —não tanto pela dedicação ao bom Monarcha: mas muito pelo sentimento de puro affecto por um ente caro — o Pai — um Irmão, enfermo e agonisante.

« E foi essa anciedade, foi esse terror que entibiaram, sem dar tempo a remedio, o jubileu de hoje.

« Esmoreceram nossos esforços as noticias desoladoras de Vossa molestia, da qual — hoje se póde dizer — chegámos a desesperar, por suppol-a irresistivel aos mais fortes combates da medicina, mesmo aos esforços sublimes de Mota Maia e dos próceres da sciencia européa.

« Só recuperamos a calma e a consciencia do dever social quando Vos vimos restituido á patria são e salvo.

« Mas, já era tarde para atavios do jubileu. O livro, homenagem litteraria que devia ser hoje lido, só mais tarde virá.

« E, que importa esse pezar, si prazer nos contenta?

« Viestes salvo e são! Deus Vos conserve a vida e saude por longos annos — Venerando Protector do Instituto — para bem da nossa associação e, mais que tudo, para o progresso e gloria do nosso Brazil. »

Principio da allocução do Orador Senador Alfredo de Escragnolle Taunay

« Senhor! Este anno de 1888 tem sido para o Brazil o anno das grandes emoções!

« Violentos e encontrados abalos de continuo saltearam a alma da patria, exalçando-a ás alturas da mais intensa alegria ou então mergulhando-a nos mais afflictivos transes, que felizmente findaram todos por estrepitosa e inolvidavel exultação.

« E, jámais, em todas as paginas da nossa historia, laços mais intimos, nem ligações mais estreitas, prenderam o nobre povo brazileiro, que os experimentava, ao excelso throno em que se assenta a Augusta familia de Vossa Magestade Imperial.

« Foi, Senhor, o anno da abolição: e bastam, por certo, estas simples palavras para eloquentemente representarem á mente dos contemporaneos ou da mais remota posteridade o delirio que se apoderou d'esta generosa nação e fez do seu seio irromper espontaneo e enthusiastico hymno de gratidão a Deus, por havermos, sem effusão do sangue de irmão, sem candentes lagrimas, sem odios inextinguiveis, mas entre flores, congratulações e vivas e festas, podido prestar á civilisação e á humanidade o preito completo e definitivo que ellas de nós impacientemente esperavam.

« No meio, porém, do inebriamento, eis que echôa, vinda de bem longe, uma nota plangente, que repercutio logo fundo em todos os corações, e n'elles de chôfre sopitou e enregelou as expansões do orgulho e do jubilo.

« A milhares de leguas do extremecido Brazil jazia prostrado no leito em perigo de vida, o Imperador, e seus olhos prestes, não podiam, como suprema consolação, contemplar os céos brazileiros e fitar aquella mystica e formosa constellação do Cruzeiro que é o lábaro do seu Imperio !

« Conturbou-se de subito o espirito da patria e da explosão do sentimento nacional, da sinceridade de angustiosa espera por noticias, fossem ellas quaes fossem, surgio a energia pura e intemerata, a mais esplendida homenagem que jámais um povo livre e altivo offereceu a um homem, ao seu Monarcha.

« Não podia a electricidade com toda a sua rapidez vertiginosa satisfazer a soffreguidão publica, e a imminencia da solução fatal arrancava lagrimas de muitos, já de longa data affeitos á dor e ás agruras da vida.

« N'esses crueis momentos de anciedade, todo o brazileiro, em intima resenha, recordava de si para si, já a somma enorme, incalculavel de esforços e sacrificios feitos por Vossa Magestade em prol d'este paiz na sua longa e afanosa existencia, já as acerbas tribulações da consorte heroica, a encarar sem pavor a morte, que adejava por sobre o leito do adorado esposo, para melhor ajudar a sublime batalha da Sciencia, empenhada contra a terrivel mensageira da destruição.

« E quantas ancias, que indisiveis affiicções, quantos embates no peito da Princeza Regente, aqui, tão distante, tão afastada do theatro d'aquellas decisivas scenas, a passar dos extremos da confiança mais fundada aos desalentos da mais sombria desesperança !

« E, no torvelinho de todos esses sacudimentos, os implacaveis deveres de chefe do Estado a amargurarem, mais e mais, os impetos e exigencias do amor de Filha.

« Assim se arrastaram pesadas e penosas horas e os dias, voltados todos para esse ponto da Italia, tão formosa e garrida, mas que para nós brazileiros só então significava sombrias perplexidades e duras inquietações até ao momento em que d'ella nos veio alfim grata e fagueira segurança !

« Estava salvo o Imperador, e dentro em breve esta Capital e o Brazil em peso como que se atiravam ao seu encontro, cobrindo de bençãos e flores os Monarchas que regressavam !

« Ao saltar na terra americana, pisou Vossa Magestade um solo novo. Fosse aqui, no centro da sociedade e da politica brazileira, fosse no mais obscuro ponto d'esta vastissima costa de duas mil leguas, acariciada pelas ondas do Atlantico, por toda a parte havia desapparecido a mancha da escravidão, motivo, durante tantos e tantos annos, entre todas as Vossas instantes presumpções, de continuo e gravoso pesadello.

« E' que já raiara a grande aurora, pois Vossa inclyta Filha, intimamente identificada com a maior das aspirações d'esta nação, puzera o ultimo termo á paciente evolução, passo a passo preparada com tamanha solicitude, cautela, patriotismo e philantropia, pelo alevantado espirito do Estadista e do Soberano. »

. . . .

Na sessão anniversaria de 15 de Dezembro de 1888 o Presidente Sr. Joaquim Norberto de Souza Silva terminou o seu discurso de abertura com estas palavras:

« Senhor! Ante Vossa Magestade Imperial inclina-se reconhecido mais uma vez o Instituto Historico pela distincção, pela honra que se digna de lhe conferir com sua Augusta presença.

« Essa importancia outorgada por Vossa Magestade Imperial, que com tamanho empenho tomou a protecção das lettras, das artes e das sciencias, sob todos os pontos que ennobrecem o povo, o qual em vez da Imperial estatua, que seria o symbolo de seu reconhecimento, aponta para os palacios da instrucção publica, monumentos da mais magnanima opção, é a prova mais cabal que temos de nossa valia ante o paiz, ante os dous mundos, e isto nos basta.

« E isto nos basta, porque nada falta á gloria de Vossa Magestade Imperial e Vossa Magestade Imperial não falta á nossa gloria. »

A 4 de Julho de 1889 reunio-se o Instituto em sessão extraordinaria exclusivamente dedicada á commemoração do Centenario de Claudio Manoel da Costa a quem a Arcadia de Roma chamou *Glauceste Saturnio*, os posteros deram a qualificação de Metastasio brazileiro e o destino tornou primeiro martyr precursor da liberdade nacional, pondo-lhe nos labios o lemma — *Aut libertas, aut nihil!* que é o nosso brado — Independencia ou morte!

« Claudio Manoel da Costa! — disse Alfredo de Escragnolle Taunay — Vem só! No caminho dos martyres d'esta grande terra brazileira, que não poucos já os conta, é o primeiro, mas, reparai não longe, em distancia que representa curtos annos — tres quando muito — se adianta outro vulto, cercado tambem de estranhas scintillações... E' Tiradentes, o cumplice e fiel, embora renegado, companheiro, quer dos sonhos de poeta, quer da desillusão da vida real, quer da morte pela liberdade!

« E atraz d'elles alarga-se a estrada e se esclarece, enche-se de pressurosos neophytos, avidos de luz e de provanças — sulco aberto em densas e aterradoras trevas e salpicado de sangue, em que cada particula de gotta

resplende á maneira d'essa poeira de ouro que, nos céos immensos, risca a faixa da mysteriosa via-lactea !

« Onde estão, porém, onde ficaram os rancorosos perseguidores, onde os carrancudos arbitros d'essas consciencias, os barbaros juizes d'essas almas ingenuas e intemeratas, ardentes e nobres, que iam beber no mundo da fantasia inspirações e estimulos de patriotas ? que logar lhes reserva a historia no centenario que hoje se completa ?

« Que transformação !

. . . .

A sessão aberta e fechada com a venia de S. M. o Imperador durou das 6 1/2 ás 8 1/2 horas da noite e como o escreveu o secretario do Instituto — Dr. João Severiano da Fonseca : « O Augusto e Venerando Protector do Instituto demorou-se ainda cerca de uma hora percorrendo o salão, lendo e examinando as inscripções e discreteando com os socios : retirando-se depois com as formalidades do estylo, não sem manifestar seu alto agrado pela festa commemorativa e declarar que viria sempre que lhe fosse possivel presidir nossas sessões. »

No seu discurso de abertura o presidente, commendador Joaquim Norberto dirigio ao magnanimo Soberano estas palavras :

« O throno de Vossa Magestade Imperial resplandece á luz da gloria e da liberdade, e ante elle brilha a justiça da historia.

« Felizmente (disse um dos nossos consocios em uma de nossas sessões magnas, dando conta da leitura da historia da conjuração mineira) felizmente para nós já a luz que faltou á esses tempos tenebrosos póde fulgir em todo o seu esplendor ante o throno diamantino.

« Tomando (repetio outro consocio sobre o mesmo assumpto) tomando sobre si o nobre encargo de rehabilitar a memoria d'esses homens, cuja idéa por prematura se mallográra, quiz o autor render sincera homenagem ao excelso Principe, em cujo reinado póde fulgurar a verdade em todo o seu esplendor.

« E ainda hoje a honrosa presença de Vossa Magestade Imperial n'esta apotheose litteraria dá innegavel testemunho de quanto vós, Senhor, prezaes a gloria nacional, e é mais uma prova de vossos generosos e liberaes sentimentos, e de vós, Senhor, póde-se dizer melhor do que de D. João II disse Camões :

« *Que ensinou a ser rei aos reis do mundo*

« O enthusiasmo com que acolhestes a deliberação do Instituto Historico não nos surprehendeu : contavamos com elle, pois não era mera

lisonja á magestade, mas homenagem a um poeta nacional—mas glorificação de um martyr da liberdade.

« Agradecido e em nome da patria, que vê reinvindicada a gloria de seus filhos, inclina-se o Instituto Historico e Geographico Brazileiro ante Sua Magestade Imperial, dizendo :

« *Honra aos heróes que a patria glorifica*
« *Gloria á patria tambem que os filhos honra.* »

Na sessão de 13 de Setembro de 1889 na Augusta presença de S. M. o Imperador foi unanimemente approvado o seguinte : « Propomos que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, considerando o grande alcance da convenção, que acaba de ser assignada entre o Brazil e a Republica Argentina para que seja resolvida a questão das Missões, ha tanto tempo pendente, mande cunhar uma medalha commemorativa d'este facto, conferindo o titulo de presidente honorario d'este Instituto ao Sr. Dr. Don Miguel Juarez Celman, Presidente da Republica Argentina—e de socios honorarios aos Exms. Srs. D. Estanislau S. Zeballos, socio do Instituto : D. Enrique B. Moreno, Representante da Republica n'esta Côrte ; conselheiro João Francisco Diana, Ministro dos negocios estrangeiros no Brazil e Barão de Alencar, Ministro do Imperio junto á Republica Argentina. »

A 17 de Setembro foi igualmente proclamado socio honorario o Dr. Don Norberto Quirno Costa, Ministro das relações exteriores da Republica, signatario do referido acto conjunctamente com o Ministro do Brazil.

O titulo de presidente honorario só se havia concedido a Soberanos e Principes da Imperial familia do Brazil, abrio-se assim um precedente que deu logar na reforma dos estatutos em 1890 á determinar que só poderia ser conferido a chefes de Estado.

Da interessante sessão de 27 de Setembro, abrilhantada com a Augusta presença de S. M. o Imperador, de Suas Altezas o Sr. Conde d'Eu e D. Pedro Augusto, apenas emprestarei o ultimo periodo do discurso proferido por D. Enrique B. Moreno ao tomar posse de sua cadeira de membro do Instituto.

« Señores, esta altissima honra se traduse en fuerza, porque es estimulo. Prometo dedicar a los trabajos del Instituto tantas fuerzas cuantas sean necessarias para hacer-me digno de ocupar un lugar entre un grupo de hombres, que, presididos por el mas sabio de los Soberanos contemporaneos han levantado ante proprios y ante estraños el nivel intellectual de la America ».

O Instituto que devidamente apreciára a obsequiosidade com a qual foram acolhidos no Chile os officiaes do *Almirante Barroso*, ao saber da proxima chegada nas aguas da Guanabara do *Almirante Cochrane*, resolveu celebrar uma sessão extraordinaria em honra da respectiva officialidade, merecendo os applausos de S. M. o Imperador que apresentou algumas idéas relativas ao modo de ser prestado este obsequio e quando adoptado o projecto de uma exposição dos livros e mais objectos procedendo ou tratando da Republica Chilena, Sua Magestade designou Henrique Raffard para tratar do alludido commettimento cujas despezas em grande parte correriam por conta do seu bolsinho.

Deve-se fazer justiça ao Sr. Barão de Loreto, Ministro do Imperio, pela boa vontade com a qual interveio, approvando e rubricando os orçamentos depois de ter declarado que para o respectivo pagamento tambem contribuiria o Ministerio do Imperio, porém assim não quiz o destino...

Durante os trabalhos preparatorios da exposição de livros e objectos chilenos organisada pelo Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o Imperador ia constantemente animal-os, chegando a fazel-o varias vezes no mesmo dia. Entretinha-se com todos e principalmente com os Srs. commendador Joaquim Norberto e Barão Homem de Mello, passando-se as horas bem agradavelmente.

Concorreram para a Exposição: o Instituto, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, as Bibliothecas: Nacional, Fluminense, de Marinha, do Exercito, das Escolas Militar e Polytechnica, o Ministerio da Agricultura, o Principe D. Pedro Augusto e S. M. o Imperador.

Entre os volumes destinados pelo Monarcha á bibliotheca do couraçado chileno destacavam-se dous pequenos folhetos tendo por titulo *Homenagem ao Chile na pessoa do poeta Ercilla*, um em prosa e outro em verso com esta nota do proprio punho do Sr. D. Pedro II «Da minha traducção da Araucania que fiz ha annos e revejo agora em 1889.»

De uma parede, pendia, entre estandartes e festões, um quadro feito de ordem de Sua Magestade pelo pintor historico Aurelio de Figueiredo, representando um araucano defendendo a bandeira do Chile que empunha desfraldada e n'um escudo se liam estes versos da *Araucania* de Alonzo Ercilla traduzidos pelo Imperador:

« Não houve nunca rei que sujeitasse
Esta soberba gente libertada,
Nem estranha nação que se jactasse
De haver em seus confins posto pegáda,

Nem terra comarcan - que já ousasse
Contra ella se mover e erguer a espada;
Sempre isenta, indomita e temida,
Livre de leis e de cerviz erguida.

Obtive de Sua Magestade o referido quadro para o Instituto como lembrança da festiva sessão effectuada a 31 de Outubro de 1889 que findou com o discurso proferido pelo chefe da officialidade chilena D. Constantino Bannen concluindo com estas palavras: « Tenho a maior honra em inclinar-me respeitosamente ante Vossa Magestade Imperial, a personificação da sabedoria, do patriotismo, do progresso e da gloria de sua patria: e em saudar ao presidente e ao Instituto, reconhecido pela solemne manifestação que n'esta noite recebemos d'este centro de estudo e de luz.»

Após a sessão foi inaugurada a exposição que ficou franqueada ao publico até 5 de Novembro e posteriormente distribuio-se o livro *Chile e Brazil,* publicado em homenagem á Nação Chilena e contendo além da acta da sessão uns trabalhos propositalmente escriptos por membros do Instituto e a Memoria *Brazileiros e Chilenos* reproduzida com a devida autorisação do *Jornal do Commercio* que a traduzira do original hespanhol de Justo Abel Rozales.

A proposito d'este livro recordo-me que o Imperador, dirigindo-se para o salão onde se achava funccionando a commissão do Codigo Civil, ao ver-me, perguntou por elle e sendo informado que as provas estavam em meu poder Sua Magestade as pedio e levou, apezar de serem provas de *paquets*. Passados dias e quando não eram mais esperadas estas provas, substituidas por outras, o Sr. D. Pedro II as mandou, porém emendadas e com annotações que foram tomadas em consideração pelo socio Dr. José Alexandre Teixeira de Mello para seus *Traços biographicos de litteratos e estadistas chilenos socios do Instituto.* As alludidas provas acham-se no museu do Instituto.

Recordo-me ainda que vendo photographar as salas da sessão e da exposição Sua Magestade lembrou que se mandasse igualmente tirar a photographia das demais salas do Paço, no primeiro andar e lado esquerdo, sem exceptuar a Sala do Throno... Não se diria que o Imperador teve presentimento da transformação d'estas salas em prazo breve?... Não se pôde attender logo ao Imperial desejo e muitos poucos dias depois soára o de 15 de Novembro de 1889.

Outras lembranças:

Dispensando o local do Museu Nacional em 1840, o Instituto principiou a realizar as suas sessões ordinarias no pavimento terreo do antigo convento

dos Carmelitas, annexado ao Paço da cidade; mais tarde passou para o segundo andar, onde se conservou até hoje, sem que desde logo o occupasse todo, pois teve primeiro o goso de uma sala, em 1856 conseguio mais outra e só em 1881 tres novas.

N'este anno de 1881 contribuio o Imperador com cerca de tres contos de réis para pagamento da mesa, das estantes e armarios, assim como das caixas de folha nas quaes tinham de ser conservados os manuscriptos.

O apparelhamento da bibliotheca e as compras de mobilias feitas anteriormente o foram igualmente á expensas do Augusto Protector do Instituto, que foi tambem quem mandou fornecer os castiçaes e serpentinas usados em todas as sessões e que o deverão ser sempre para conservar-se mais esta tradição dos tempos idos; quatro magnificos lustres tambem devidos á munificencia imperial e cuja falta tem sido muitas vezes sentida, foram devolvidos á mordomia do Paço para conserval-os emquanto não se fizessem, na sala das sessões, os concertos então considerados imprescindiveis para serem utilisados apparelhos de grande peso, porém não mais voltaram ao Instituto e nem se sabe que destino tiveram.

O Imperador, acompanhado de um de seus semanarios e precedido por um dos criados particulares conduzindo uma serpentina com luzes, vinha ao Instituto pela escada central que punha em communicação os dous andares superiores do edificio, escada que servia anteriormente aos frades para se recolherem ás suas cellas e que não existe mais, tendo sido retirada pela Repartição de Estatistica, creada ha tres annos e installada no primeiro andar e pavimento terreo do referido edificio tambem occupado pelo Instituto que ficou desde então (1891) com todo o segundo andar, aproveitando-se de salas que Sua Magestade promettera conceder-lhe depois de concluidos os trabalhos da commissão do Codigo Civil dissolvida em 1889. (*)

No topo da referida escada interna ainda subsiste uma porta de grade que se conservou, a qual só se abria para dar passagem ao Monarcha nos

---

(*) A commissão nomeada pelo Governo Imperial em 1º de Julho de 1889 para a organisação de um projecto de Codigo Civil Brazileiro funccionou com toda a regularidade, desde 12 do mesmo mez até 8 de Novembro d'esse anno, em uma das salas do Paço da cidade, sob a presidencia de S. M. o Imperador, que por diversas vezes tomou parte na discussão,como consta das Actas lavradas pelo respectivo secretario.

Apresentado o plano e assentadas as bases d'esse importante trabalho, começava a ser redigido e impresso, quando foi dissolvida a commissão por acto do Governo provisorio datado de 20 de Novembro citado.

Faziam parte da commissão os conselheiros d'Estado Manoel Pinto de Souza Dantas, Olegario Herculano d'Aquino e Castro, José da Silva Costa, conselheiro Affonso Augusto Moreira Penna, Antonio Coelho Rodrigues e Barão de Sobral, que servia de secretario. Foi presente a todas as sessões o Ministro da Justiça senador Candido Luiz Maria de Oliveira.

dias de sessão. Era ahi que os membros do Instituto aguardavam a chegada ou se despediam do seu Augusto Protector, salvo no dia da sessão de 7 de Novembro de 1889, ultima a que assistio o Sr. D. Pedro II, que veio como de costume pela dita escada e penetrou na sala das sessões pela porta sobre a qual se acha inscripta a gloriosa data de 15 de Dezembro de 1849 e por cima está collocado o retrato de Sua Magestade n'aquella época—mas n'esse dia 7 de Novembro o Imperador retirou-se do Instituto pela porta geral, na outra extremidade da sala junto á portaria, porta pela qual nunca viera e só d'esta vez sahio...

Trago aqui parte do discurso de abertura da sessão magna de 15 de Dezembro de 1876 proferido pelo Dr. Joaquim Manoel de Macedo por causa das reminiscencias que contém:

« Senhora. — A munificencia imperial, abrindo as salas d'este Paço á exposição annual dos trabalhos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, conferio a esta sociedade, além de tão distincto favor, o prestigio de circumstancias locaes e adequadas, que emprestam certo enlevo ás suas sessões solemnes anniversarias.

« Este palacio tem voz, voz que falla precisamente ao Instituto Historico, a voz da historia de mais de cem annos, que em sua passagem foram deixando lembranças memoraveis que os echos vindos do passado repetem, e furtando á indiscrição d'esses echos segredos politicos que a posteridade em suas conquistas de luz arrazará ou não.

« N'este palacio, o Conde de Bobadella apadrinhou a installação da academia dos *Selectos*, a primeira sociedade litteraria que teve o Rio de Janeiro, e de uma das janellas d'elle o mesmo Gomes Freire de Andrade assistio ao embarque dos jesuitas fulminados pelo banimento que o Marquez de Pombal conseguira de D. José I.

« N'este palacio o Conde da Cunha deixou lição dolorosa d'aquella cegueira que foi a illimitada confiança em subalterno tornado arbitro do governo; o Conde de Azambuja resvalou esteril por ephemero vice-reinado; o Marquez de Lavradio, o vice-rei estadista, decretou futuros, mandando plantar o cafeeiro, e creando ou protegendo industrias novas: Luiz de Vasconcellos, o obreiro, ordenou que se abrisse uma rua onde havia um espigão de uma serra, e que se improvisasse bello jardim onde havia lagôa pestifera, e deu a cidade agua, flôres e noite de festa; o Conde de Rezende dissolveu a Academia Scientifica, fez prender alguns de seus membros, e perseguio aos outros a sonhar conjurações, e deixou o Rio de Janeiro e o Brazil como em noite de tempestade; D. Fernando José de Portugal foi aurora facilmente risonha depois do vice-reinado

das trévas, e o Conde dos Arcos apenas teve tempo de improvisar hospedagem para receber em 1808 a Familia Real portugueza, a fugir das aguias de Napoleão em frenesi de irresistivel vencedor.

« Afóra o Conde de Bobadella, sete vice-reis, e quarenta e cinco annos de vice-reinado com um *bastão* por symbolo do poder. Sete despotas e oppressores; mas dous ao menos fazendo perdoar o despotismo e a oppressão por grandes beneficios publicos, que realizaram.

« Agora em duas épocas, 80 annos (*) apenas distantes, dous contrastes, duas contradicções politicas sobre a mesma idéa, primeiro crime de forca; depois monumento á benemerencia.

« Em 1792 desceu pela escadaria, e sahio pela porta principal d'este palacio, o vice-rei Conde de Rezende para assistir ostentoso no campo do Rosario á execução de Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, morto na forca pelo crime de conjuração para a independencia de sua patria; e a 7 de Setembro de 1872 desceu pela mesma escadaria e sahio pela mesma porta o Sr. D. Pedro II para ir inaugurar na praça de S. Francisco de Paula a estatua de José Bonifacio, o principal Ministro da revolução da independencia do Brazil.

« D'este palacio partio o manifesto em que o Principe Regente, depois Rei D. João VI elevou a sua voz do seio do novo Imperio que viera erguer: d'aqui lavrou o Conde de Linhares a serie de decretos creadores de instituições condignas da nova capital da Monarchia e da civilisação do paiz que já deixara de ser colonia.

« De uma d'estas janellas, que olham para aquella praça, foi repetido ao povo em multidão fervente o faustoso—*Fico no Brazil*—a 9 de Janeiro de 1822, primeiro élo da corrente gloriosa que teve por ultimo annel o 7 de Setembro.

« Ainda cem recordações antigas e modernas; mas é força cerrar ouvidos á voz dos echos do passado, que, tornados cantos de serêas, nos levariam para longe da linha que nos cumpre seguir.

« Cale-se a memoria, como o cirio do templo que se apaga; antes, porém, de apagar-se, o cirio cedendo ao sopro dobra sua flamma e extingue-se, deixando extremo raio de luz em despedida.

« E' a ultima lembrança da memoria que se fecha. Em 1839 o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, de poucos mezes fundado, teve aqui seu berço de aguia nas magestosas alturas da hospedagem imperial.

(*) Erradamente sahiu impresso na *Revista* 30 annos.

« Essa distincção insigne, que faz d'este palacio alcaçar da historia patria, mais de 30 vezes renovada, hoje, como sempre, munificente se repete, pondo em disputa de primazia o orgulho e a gratidão do Instituto.

« A' presente sessão solemne e anniversaria falta, como faltou ás nossas sessões ordinarias d'este anno, a Augusta presença; e porque não o diremos bem democraticamente?... o fraternal concurso de Sua Magestade o Imperador, desde Março ultimo ausente do Imperio: ao partir, porém (em viagem de coração e de intelligencia, o Sr. D. Pedro II deixou-nos suavissima consolação e instante recommendação de solicitudes.

« A consolação suavissima está alli radiando na cadeira de seu Augusto pai.

« A recommendação instante, dez vezes reiteirada, insistente na despedida: Cuidem do nosso Instituto Historico—nós temos a consciencia de activo zelo em procurar desempenhal-a, lembrando o Imperial protector e cumprindo o nosso dever em todo caso de generoso tributo de patriotismo.

« Levou-nos comsigo o Imperador o nosso presidente o Sr. Visconde de Bom Retiro, que não póde ter substituição interina que mitigasse as impressões desalentadoras, filhas de inexoravel comparação: e tambem o Sr. Dr. José Ribeiro de Souza Fontes, nosso 1º secretario por morte do illustrado conego Fernandes Pinheiro, que o era: mas ainda bem que foi aquelle substituido interinamente pelo Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, que em fulgores de intelligencia e em apuramentos de esmero o mais dedicado, sem diminuir saudades do irmão finado, bem servio ao nosso Instituto, como nenhum outro dos seus prestimosos antecessores mais e melhor se glorificou n'aquelle oneroso cargo de multiplices e diarias tarefas.

« A infeliz interinidade do actual presidente do Instituto obrigou á do orador, igualmente interino: essa, porém, foi afortunado evento que deu o logar da velhice abatida e rugosa á juventude lucifera e florentemente viçosa; a fallas rotineiras, fatigadas e fatigantes, eloquencia arrebatadora do enthusiasmo da idade das flores e das erupções deslumbrantes de espirito, que ainda não quebrou as azas batendo nos gelos petreos das desillusões, e que ainda é sol de brilhantes esperanças que zomba das nuvens negras do horisonte, e nem lembra, porque está ao meio-dia, o occaso, que é sepultura do sol.

« No anno social de 1876 o Instituto cultivou solicito o campo da respectiva seára em suas sessões ordinarias e por vezes se desvaneceu graciosamente, honorificado por Sua Alteza Imperial a Regente e Sua Alteza Real o Sr. marechal Conde d'Eu, seu esposo, que ambos chegaram a olvidar em

mais de um caso o estado de sua saude perturbada para pessoalmente trazer animação e incentivo aos nossos labores.»

. . . .

Após a sessão de 7 de Novembro de 1889, foi só á 29 do mesmo mez que de novo se reunio o Instituto, sendo então proferidos dous memoraveis discursos :

Do presidente commendador Joaquim Norberto de Souza Silva:

« Senhores! Imperioso dever do meu cargo me força a annunciar-vos, que jámais n'essa cadeira se assentará Aquelle que durante quarenta annos (*) desempenhou verdadeiramente o titulo de protector de nossa associação, elevando-a á face das nações cultas a grande consideração, que gosa actualmente. Das actas das sessões de nossos trabalhos e de nossas sessões magnas, celebradas na sua casa com todo o esplendor e solemnidade, consta e constará sempre, o que foi o Imperador D. Pedro II para com o Instituto Historico, que lhe retribuio numerosos favores com a maior gratidão, por consideral-o como seu primeiro alumno e por tel-o sempre como seu desvelado protector.

« Os que têm acompanhado a marcha dos trabalhos do Instituto Historico durante meio seculo não podem deixar de reconhecer, que só por amor da patria e da gloria aqui nos reuniamos sob o exemplo da assiduidade de quem foi entre nós o primeiro. Ao transpor aquelle liminar desapparecia o Monarcha, e vinha o alumno sentar-se n'esse throno da democracia e tomar parte em nossas suadas lucubrações, que a tantos aniquilaram a saude sem que jámais visassemos nas graças da cornucopia de sua munificencia a menor recompensa que empanasse o brilho da gloria da nossa voluntaria dedicação.

« A politica tem as suas necessidades intransigentes, não nós que, Vestaes d'este templo da historia, collaboramos para a posteridade n'esta *pacifica scientiæ occupatio*: e pois a gratidão, um dos mais bellos caracteres da humanidade, viverá na nossa tradição até quando o ultimo de nós tiver baixado á sepultura, em que já dormem os nossos mais distinctos consocios, sem que a queiramos antepor de modo algum á ordem das novas cousas estabelecidas e a que nos curvamos, certos de que o governo do povo pelo povo será uma realidade para a terra á qual Deus outorgou por symbolo a cruz

(*) De 1839 a 1849 o Sr. D. Pedro II como já ficou dito só assistio a sessão anniversaria que se realisava em cada anno.

da sua redempção, e a quem imploramos, que a republica seja tão livre como foi o imperio de Pedro II.

« Amparemos com redobrados e novos esforços uma das mais bellas associações de nossa patria. Deixal-a perecer seria para nós mais do que um erro, — seria um opprobrio. Quando os nossos antepassados, seus fundadores, a crearam, se dirigiram ao Eterno, supplicando com psalmos de Izaias a sua protecção. Faremos hoje o mesmo, para que no meio da indifferença da patria se não esborôe o archivo de nossas tradições e se não despedace o crysol de nossa historia. »

Do Dr. João Severiano da Fonseca, servindo de 1º secretario:

« Sr. presidente, Srs. consocios. Quaesquer que sejam os sentimentos patrioticos, que animam os Brazileiros, quaesquer que sejam os arroubos d'alma por esta ou aquella idéa de liberdade, ha logar, ha sempre logar, senhores, para o são, o justo, o honesto, para o sentimento de hombridade e dignidade humana; sentimentos cuja ausencia são o indice de que periclita a honorabilidade social; sentimentos cuja ausencia bem se define na expressão conhecida — falta de sentimentos.

« O advento da Republica Brazileira trouxe-nos uma perda immensa e um immenso pezar — o afastamento do nosso Augusto e Venerando Imperador. — Sahio —, mas o Instituto sabe, que sua retirada não foi um castigo: foi a consequencia imperiosa, imprescindivel, fatal, da nova ordem de cousas: foi uma necessidade inevitavel, foi a garantia, não só para estabilidade da nação, como para a individualidade do Imperador. E com Elle seguiram todo o respeito, estima e veneração que os Brazileiros devem e tem a esse Grande e Virtuoso varão. Sahio, porque não podia ficar. Não é um decahido: é antes um aposentado: retirando-se com todas as honras e distincções.

« Senhores. Sua Magestade o Sr. D. Pedro de Alcantara era o protector, o pai do Instituto. E eu levanto-me aqui, solemnemente para pedir ao Instituto, que, no meio dos seus arroubos pelos esplendores da mãi patria, não se esqueça da gratidão, que deve Aquelle que foi seu protector e pai.

« Proponho, Sr. presidente, que, emquanto fôr vivo S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara, aquella cadeira se conserve inoccupada e coberta por um véo, e que o Instituto, fazendo votos ao Omnipotente pela saúde e felicidade do venerando Monarcha e de sua nobilissima consorte, insira na acta a seguinte moção: O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, submettendo-se ao novo estado de cousas, no sentido altamente patriotico de não prejudicar os interesses da nação, envidará todos os seus esforços em beneficio da patria

adorada. O Instituto sente profundamente não ver mais em seu gremio, animando-o e dirigindo-o, o seu Augusto e Venerando Protector, que desde seus começos o amparou com especial e indescriptivel amor; que ha quarenta annos tamanho lustre lhe deu presidindo pessoalmente seus trabalhos. O Instituto faz votos ao Omnipotente pela saúde e felicidade do Sr. D. Pedro de Alcantara e sua virtuosissima consorte; espera, que lá do exilio o grande e magnanimo Brazileiro não se esquecerá da sua associação predilecta; e inserindo em acta seus sentimentos de saudade,—levanta a sessão. »

O general Dr. João Severiano da Fonseca fallou extremamente commovido, tinha os olhos cheios de lagrimas que lhe corriam pelas faces e suas palavras, constantemente entrecortadas, impressionaram á todos que espontaneamente se haviam levantado afim de melhor secundar o inspirado consocio no justo preito de homenagem que propunha ao Instituto de prestar —como prestou—ao seu Augusto Protector Immediato.

Concluido o discurso, foram todos abraçar o orador, chegando primeiro Don Enrique B. Moreno, o Representante da Republica Argentina que pouco tempo antes, isto é, nas vesperas do dia 15 de Novembro, ideára promover o concurso de todas as nações americanas e principalmente das meridionaes para se festejar em 1891, com extraordinario brilhantismo, o Jubileu do effectivo reinado do Sr. Dom Pedro II o Magnanimo.

Não só o diplomata, mas tambem outros muitos distinctos filhos do Prata, como das demais regiões terrestres, tinham no maior conceito as eminentes qualidades do venerando Monarcha brazileiro e vem a proposito dar em seguida o artigo estampado a 15 de Novembro de 1889, no « El Americano » pelo seu illustrado director e redactor-chefe Don *Hector F. Varela.*

De onde viria a feliz inspiração que levou este escriptor americano a traçar com sua penna justiceira as benevolas palavras que sem duvida suspenderão qualquer juizo máo que porventura pudesse provocar as novas das occurrencias do Rio de Janeiro transmittidas pela electricidade horas depois da distribuição dos 10,000 exemplares d'aquelle periodico de Barcelona? — a resposta é intuitiva...

Bastava a circumstancia extraordinaria de ter sahido á luz no dia 15 de Novembro de 1889 ou a gentileza do autor para com o Augusto Protector do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, seu confrade na republica das lettras, mórmente tendo ambos desapparecido de entre os vivos (*)

(*) Hector Florencio Varela falleceu no Rio de Janeiro em 1891 poucos dias antes de seguir para a Europa na qualidade de correspondente do Jornal fluminense *O Paiz.*

para se tornar obrigatoria no presente trabalho a copia das linhas que se seguem :

DON PEDRO II

EMPERADOR DEL BRASIL

« Coloco hoy en la página primera de este periódico, el retrato de un hombre ilustre, de un verdadero demócrata de un soldado entusiasta del progreso, cuya luz centellea en la frente de la generación presente : de Don Pedro II, Emperador del Imperio Brasilero.

« En dia no lejano, en el hermoso Paraninfo de la Universidad de Madrid, el dia que en sesión solemne, presidida por el Rey Don Alfonso, se inauguraban las sesiones del *Congreso de Americanistas*, tuve la rara fortuna de ser uno de los dos oradores, miembros de ese Congreso, que en su seno hicieron uso de la palabra.

« Al concluir mi discurso improvisado—pues fui sin la intención de usar de la palabra habiéndolo hecho por recoger una alusión simpática del Ministro Albareda dirigida á mi América querida—dirigiendome al Rey Don Alfonso, le dije :

« En la República he nacido, Señor : vivo en ella á la luz de su sol brillante, y espero que cuando para mi llegue la hora misteriosa de emprender el *eterno viaje*, sean sus colores immortales los que cubran mi modesta tumba : pero sin renegar por un instante de esa mi tradición Republicana, yo puedo saludar respetuoso, á un Rey de las condiciones de V. M., que inspirándose en las tradiciones gloriosas de su raza, que es también la mia, permite confiado que la bandera de la libertad se agite en las gradas del trono, sin miedos, ni cobardias, ofreciendo asi respeto á todas las opiniones, y á todos los partidos que en España se agitan.

« Si me encontrase en presencia del Emperador del Brasil, yo podria repetirle esas mismas palabras, aun cuando en medio de las tempestades politicas de los pueblos del Plata — tan vecinos del Imperio — al ocuparme del Emperador, siempre le hice como periodista, la justicia que se merecia.

« Y ¿ cómo no hacerla ?

« Ha gobernado cincuenta años, y en ese largo espacio de tiempo, no ha cesado un solo dia, puede decirse *una hora*, de ser el gobernante demócrata y liberal, cuyo corazón estuvo siempre abierto a las grandes expansiones de la libertad : que en nombre de esa libertad gobernó, ligando su nombre y su prestigio de mandatario, á todas las grandes reformas é inicia-

tivas que han hecho de aquel immenso pedazo de América una de las naciones que más la honram á ella, y al mundo.

« Una mancha aparecia en la bandera del Brasil: *la esclavitud*, verdadera monstruosidad en los dias de libertad que corren, sangrienta ofensa á los eternos principios por que se ha derramado tanto sangre, desde el dia en que Cristo apareció clavado en la Cruz.

« El Emperador lo comprendia: nacido en la Virgen América donde todo parece, que convidase al hombre á los goces, á los encantos, y á las delicias de la libertad, asi que á comprender llegó *que la esclavitud podia ser abolida en su Patria* sin grandes trastornos, y sin la perturbación de valiosos intereses creados por *ese comercio indigno*, concibió el grandioso pensamiento de su abolición, y para que este acto grandioso, sublime, lleno de ternura, que debia remontar su espiritu á las regiones de luz donde este experimenta todos sus goces, quiso que fuese una mujer, una hija suya, la que tuviese la gloria inmortal de refrendar la *Ley de la abolición.*

« Cuentam que para proporcionarle esta dicha inefable, preparó su viaje á Europa, y á ella vino con el propósito de recibir aqui la *nueva feliz.*

« Asi sucedió, in efecto.

« Cruzó los mares, y á este viejo mundo se vino, llamando por doquier la atención, por la brillantez de su hermoso talento, la solidez de su instrucción, la generalidad de sus conocimientos, la delicadeza de sus gustos literarios, y la sencillez, verdaderamente encantadora de sus modales, que en todas partes le hacian aparecer, *no como el Emperador de una nación de diez millones de habitantes:* sino como un modesto viajero que de América venia á ser ungida la frente por el óleo de la civilización europea.

« ¡Es un gran patricio, y el más liberal de los hombres que haya ceñido una corona!

« Postrado en lecho por la enfermedad que tan seriamente amenazó su existencia —á todos querida— se encontraba, cuando las chispas de oro del telégrafo trajeron á Europa esta noticia: ! *Ya no existe la esclavitud en el Brasil!*

« Como el, yo también me encontraba á la sazón en esta ciudad postrado en cama, que al fin algunos puntos de contactos hemos de tener los más humildes con los más poderosos, cuando me llegó la gran noticia de que *ya no habia esclavos en el Brazil!!*

« Bajo el imperio del verdadero delirio que la noticia me produjo, porque yo amo la América con la pasión frenética que nos hace quemar las

palmas de nuestras ternuras en el altar de los amores castos ó voluptuosos —dirigi al Emperador la siguiente carta. (*)

AL EMPERADOR DEL BRASIL

« Nobre hijo de mi patria, la América.

« Señor:

« De paso para la República Argentina, hace dos años tuvo V. M. la exquisita deferencia de recibirme en su palacio de *San Cristóbal*, modesto como morada de un soberano, espléndido por los encantos que le rodean, en aquella tierra, donde los árboles y las flores y las palmeras crescen en delicioso abandono, como si Dios hubiese comprendido que alli no se puede vivir sin su sombra placentera y delicado perfume.

« Apacible estaba la tarde: el sol, orgulloso de haber dorado con sus rayos de fuego casas y minaretes, prados y montañas, doblaba ya perezoso su cabeza para reclinarla en las tintas del crepúsculo, al canto de las aves que con sus trinos delicados parecian saludar aquella agonia solemne, cuando llegué al imperial alcázar.

« ¡ Qué sencillez !

« ¡ Qué modestia, Señor !

« Más que la soberbia morada de un Emperador, parecia aquélla la modesta habitación de un humilde Presidente de República, sin boato, sin pompas y sin guardias pretorianas á la puerta.

« Me habia dado cita V. M. con la misma amabilidad con que un amigo se la podia dar á otro amigo.

« ¿ Y, por qué no decirlo ? La ternura de aquel *rendez-vous* me impresionó y commovió.

« Asi llegué: bajo el imperio de gratisima impresión, que tomó nuevas formas de encanto al ver la sencillez, la cordialidad, casi estaba por decir la humildad con que V. M. se adelantó hacia mi, y con la sonrisa en los labios, afectuoso me tendió la mano.

« Un instante después departimos—en la tibia atmósfera que alli flotaba impregnada de delicioso perfume—sobre las grandes transformaciones operadas en nuestra América, y sobre el porvenir que la Providencia tiene reservado á ese continente, que parece resumir todos los esplendores de la creación.

(*) Esta carta que por vez primera publicó en esta ciudad *El Diario Mercantil*, mereció los honores de ser reproducida por varios otros de España, más de doscientos de América, y traducida al francés e italiano en los principales órganos de esos paises.—(*Nota de Varela*).

« — Pero — me permití decir á V. M., sin creer por ello faltar á ningún respeto ni á conveniencia alguna—¿cuándo podremos tener la dicha de entonar un *Te-Deum* solemne, de redención, de amor, de eterna gloria, *saludando la abolición de la esclavitud en el Brasil?*

« Al haber pronunciado estas palabras, me estremecí como Séméle en el Olimpo cuando lanzó el rayo : tuve miedo de haber dirigido á V. M. aquella pregunta : *me pareció que habia ido demasiado lejos...*

« Pero... ¡ que engaño tan feliz !

« Habia sido lo contrario : suave sonrisa asomó á los labios de V. M., y como si hubiese sentido vibrar en la lira de su alma el eco que más la enternecia en horas solitarias de meditación, me contestó V. M.:

« ¡ La esclavitud ! ¿ Cree usted que haya en el Brasil nadie, ninguno de mis « compatriotas, que desee la abolición más ardientemente que yo ? Ninguno, « señor Varella : y los primeros en saberlo son los mismos que se hallan al « frente del hermoso movimiento de la emancipación, algunos de los que « me atacan con tan marcada injusticia, creyendo que yo retardo la hora más « feliz de mi reinado : aquella en que pueda annunciar al mundo, que ya no « existe un solo esclavo en mi patria, y que el último de esos desgraciados « es tan libre como yo : pero, bien lo sabe usted, *la abolición inmediata*, de « hoy, del momiento, no se puede decretar sin otra consulta que las nobles « y generosas impresiones del corazón, de que participamos todos: *hay que « prepararla*, para que la libertad repentina acordada á los esclavos, no « lastime profundamente grandes intereses, que deben ser respetados... »

« Se detuvo V. M. unos segundos, y me agregó después :

« Pero yo puedo asegurar á usted que, quizás mucho antes de lo que se « cree, *ya non tendremos esclavos en el Brasil*, desapareciendo asi de su « gloriosa bandera—que tiene los colores de la esperanza, según la frase de « usted en el último *meeting* abolicionista—la única mancha con que flota « en los aires. » (*)

« ¿ Lo recuerda V. M. ?

« Al escuchar de labios tan autorizados aquellas palabras, eco de tan grande, de tan hermosa, de tan consoladora promesa, no pude contener un movimiento de alegria infinita, y faltando quizás á los respetos que á V. M. debia, le tomé expresivamente la mano, para testimoniarle toda la gratitud,

---

(*) A los dos dias de llegar á Rio Janeiro, capital del imperio, de paso para Buenos-Aires, se celebró un *meeting* abolicionista, al que se me hizo el honor de invitar. Aludido por todos los oradores, tuve que pronunciar el discurso á que aludia S. M. (*Nota de Varela*).

todo el entusiasmo con que acababa de oirlas, pareciéndome que asistia ya al momiento histórico, regenerador y largo tiempo anhelado por los hijos de América, en que nos fuera dado anunciar á todos los pueblos de la tierra, que en aquélla—la nuestra—destinada á todos los encantos de la libertad, se habian despedazado las cadenas que oprimian al esclavo, ¡ arrancando de manos del amo el látigo con que salvajes le cruzaban el cuerpo !

« ¡ Dos años han corrido desde entonces, Señor, y aquella generosa promesa de V. M. y aquella brillante esperanza de mi espiritu, acaban de convertirse en hermosa y espléndida realidad, trofeo de luz, de vida y justicia, que levanta en los espacios la mano potente del Brasil como hostia consagrada al pie de los altares de la regeneración humana !

« La Sibila de los tiempos modernos—como se ha dado en llamar á los alambres misteriosos del telégrafo,—acaba de anunciar al mundo, *que ya no hay esclavos en el imperio*: que la emancipación ha sido decretada en medio de las aclamaciones de un pueblo, que delirante y febril saludó aquella nueva y brillante alborada de su existencia, y que, en vez de los ayes desgarradores del negro infeliz a quien el *dueño* implacable martirizaba entre cadenas, sólo escucháran las bendiciones con que los redimidos saludarán el nombre de los que les han ungido la frente con el óleo del derecho, poniéndoles en posesión de su Augusta personalidad.

« ¡ Si ! Que benditos sean Señor, y que sea glorificado el nombre de V. M. que postrado por crueles sofrimientos en un pedazo de suelo extranjero lejos de la patria que ama y del pueblo á cuja ventura consagró una vida entera de patriotismo y de bondad, habrá recibido la fausta nueva con todo el entusiasmo del que ve coronada una grata esperanza, llegando feliz al puerto que su fantasia vislumbraba en el horisonte.

« ¡ Ya no hay esclavos en el Brasil !

« ¡ Qué hecho tan trascendental, Señor!

« ¡ Qué conquista tan espléndida, para la justicia y el derecho !

« Al conocerla en mi patria, en los pueblos que bañan las aguas del Plata—con cuyos soldados alguna vez se encontró V. M. en los campos de batalla peleando por la libertad—ya debe saber V. M. *todo cuanto alli acaba de acontecer* : ha sido un verdadero jubileo de entusiasmo, un delirio de expansiones, en los que han tomado indistintamente parte los ancianos y los niños, los brillantes cruzados de la nueva generación, y los *gauchos* humildes de los campos ; nacionales y extranjeros, todos, alegres, felices y contentes, confundidos al dulce calor de un mismo y grandioso sentimiento, y saludando la abolición de los esclavos, como si fuese á ellos á quienes habian arrancado del cuerpo las cadenas que los martirizaba.

« A juzgar por lo que dicen los periódicos argentinos y orientales, V. M. ha de conocer ya lo que han sido aquellas fiestas y regocijos populares, á que se han mezclado más de doscientas mil almas, que al son de alegres músicas, y vivas emanados de nobles corazones, recorrian calles y plazas festejando entusiastas el grandioso acontecimiento.

« Permitame V. M. que á las felicitaciones que de mis compatriotas ha recibido, se agregue también esta mia, que no por ser modesta, será la menos afectuosa y cordial, embriagado de orgullosa satisfacción como me encruentro al pensar que los pedazos de ese hierro empapado ayer en lágrimas, servirán hoy para hacer clavos con que fijar en ia puerta de los templos la ley inmortal, que decretando la libertad de dos millones de esclavos, los redime de su cautiverio eǹ nombre de la santa igualdad, que hace de todos los pueblos una sola é inmensa familia, cuya morada es la do tierra entera.

« Saludo á V. M. con el más profundo respeto.—*Héctor F. Varela* ».

. . . .

Não cabe aqui tratar dos acontecimentos do dia 15 de Novembro de 1889 cuja consequencia foi o embarque da Familia Imperial a 17, deixando o Instituto profundamente magoado pela ausencia que se tornou eterna do seu Augusto Protector Immediato.

Lembra-me a ultima data as palavras de *D. Izabel a Redemptora* referidas pelo Visconde de Taunay no seu livro *Algumas Verdades* que não estranhei pois, fazendo parte da commissão nomeada pelo Instituto para saudar a Regente do Imperio por causa da abolição da escravidão no Brazil, ouvi a corajosa Princeza dizer que não tinha receio das consequencias porque procedera de accordo com a sua consciencia.

« Essa illustre senhora (escreveu o Visconde) com os olhos aljofrados de pranto, teve nas horas de maior angustia, um movimento sublime, um rasgo digno da neta de Maria Thereza. Foi quando, ao passar pela ultima sala do Paço Imperial, bateu com energia e pulso de homem, na mesa em que firmára a luminosa lei de 13 de Maio e exclamou: *Se tudo quanto acontece provém do decreto que aqui assignei, não me arrependo um só momento. Ainda hoje o assignaria* ».

Pouco tempo depois veio a noticia do passamento de S. M a Imperatriz D. Thereza Christina Maria, succedido na cidade do Porto a 28 de Dezembro de 1889 e o Instituto, associando-se á justa dôr do seu Venerando Protector, commetteu a seus socios residentes em Portugal a missão de irem,

presididos pelo illustre litterato Pinheiro Chagas, apresentar á S. M. o Sr. D. Pedro II os mais sentidos pezames do Instituto.

Em acatamento á memoria de tão Virtuosa quão Augusta Senhora consigno aqui alguns extractos de periodicos estrangeiros:

« L'Europe saluera respectueusement cette impératrice morte sans trône, et on dira en parlant d'elle: sa mort est le seul chagrin qu'elle ait causé à son mari pendant 46 ans de mariage.» (*Le Figaro* du 29 Décembre 1889).

« La vie de l' impératrice du Brésil a été toute de dévouement et d'effacement volontaire.

« C'était la femme vertueuse et bonne dont l'histoire parle peu, parce qu'il n'y a pas de mal à en dire. » (*Le Gaulois* du 29 Décembre 1889).

« Très modeste, très charitable, très pieuse, elle mena une vie toute de dévouement à l'empereur et de bonnes œuvres : aussi depuis la chute de la monarchie au Brésil, on ne citerait pas un journal qui n'ait consacré quelques lignes émues à l'exilée, pas un qui ait eu pour elle une parole dure ou malveillante. » (*Le Moniteur Universel* du 30 Décembre 1889).

« Elle ne comptait pas un ennemi: et au milieu des luttes qui ont précédé et suivi son départ de Rio, pas une injure n'a été proférée contre elle, pas un reproche ne lui été adressé.

« Cette constatation est le plus bel éloge que l'on puisse faire de celle qui vient de mourir. » (*La Gazette de Lausanne* du 30 Décembre 1889).

« Les dernières paroles de l' impératrice furent les suivantes: Hélas !... Brésil!... Brésil!... si joli pays... puis pas retourner... (*Le Nouvelliste de Rouen* du 1 Janvier 1890).

Ao tomar posse da sua cadeira de socio, á 21 de Outubro de 1890, o Sr. Barão de Alencar iniciou o seu discurso com esta phrase: « Sr. presidente.—Peço licença para dirigir a minha primeira saudação á S. M. o Imperador D. Pedro II, cuja cadeira n'este recinto, embora desoccupada, marca o logar que aqui lhe compete por todos os titulos e como que afigura, na falta de sua presença, que continúa alentando os trabalhos do Instituto Historico e Geographico Brazileiro a sombra augusta de seu socio Protector.»

Na sessão de 5 de Dezembro de 1890 diz a respectiva acta que « o Sr. conselheiro Alencar Araripe pede a palavra para communicar, que em virtude da deliberação tomada pelo Instituto elle expedio para Cannes um telegramma concebido nos seguintes termos: Rio, 2 de Dezembro de 1890. — D. Pedro de Alcantara — Instituto Historico sauda Sua Magestade. » E

na sessão de 12 do mesmo mez o presidente communica ter recebido esta resposta: « Cannes, 3 Décembre 1890. — Président Institut Historique— Très reconnaissant reçois félicitations mon Institut.—D. Pedro de Alcantara. »

Continuando a relatar os factos na sua ordem chronologica encontram-se os discursos e relatorios da sessão anniversaria de 15 de Dezembro de 1890, dos quaes vou transcrever alguns topicos:

Discurso de abertura do presidente commendador Joaquim Norberto de Souza Silva

« Senhores! Ha pouco mais de um anno ... via-se o Paço Imperial da cidade convertido em alcaçar das lettras, illuminado e florido, pernoitando em festa. Uma guarda de honra collocada em frente empunhava o estandarte auri-verde e no seu recinto uma banda marcial tocava de espaço em espaço. O individuo que via, que parava, e que indagava sabia, que Novo Carlos Magno presidia, sentado no seu throno, a uma sessão solemne de lettras, tendo por escolhido auditorio uma reunião esplendida de damas e cavalheiros das mais nobres e distinctas classes da nossa sociedade. Comprehendia então quanta importancia merecia ao Chefe da Nação o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, do qual era Elle o protector que o hospedava em sua casa — do qual era Elle o presidente que honrava as suas sessões; e esse individuo, era o povo!

« Assim Napoleão, o grande general da primeira geração d'este seculo, quando o contemplavam quarenta seculos de cima das pyramides, que deram nome a uma das suas gloriosas batalhas, não esquecia, que tanto o ennobreciam o titulo de chefe do exercito do Oriente como tambem o de director da commissão scientifica, que em nome do Instituto de França perlustrava o Egypto. Assim pedia elle a seus guerreiros o respeito, a consideração e a estima para com os membros de uma tal commissão, e jámais se deslembrára de fallar n'ella e seus estudos.

« Uma evolução rapida, como a mutação de um Kaleidoscopio, mudou a face de todas as cousas entre nós. Voltamos ao tempo dos sete — a pobreza do asylo , mas não ao desanimo de então. Sim, não ha desanimo para nós sempre que encaramos o nosso palladio, e o nosso palladio é a *Revista Trimensal*,— a alma de nossa associação que se irradia pelo mundo culto — a prova dos trabalhos de tres gerações pertencentes a um longo e liberalissimo reinado e a qual o Imperador classificára em seus juvenis annos de

— *indeclinavel testemunho do que haviamos feito a bem da historia e geographia da patria.*

« Vio o Instituto Historico empallidecer a sua estrella, e longe de esmorecermos, como esses rudes e ignorantes povos, que se assombram aos eclipses dos astros, reunimos todos os nossos esforços para lutar com as contrariedades da sorte. Fitos os olhos em nós, ahi nos contemplavam as associações nacionaes e estrangeiras, e prediziam o nosso desapparecimento. Protestamos contra o vaticinio e começamos por não nos esquecer de que a gratidão é um dos mais bellos caracteres da humanidade, e que, como bem disse o nosso illustrado 1º secretario, as revoluções tambem deixam logar para ella e por proposta sua, velamos com o manto do respeito e da saudade a cadeira, que alli vêdes, proscripta a qualquer uso emquanto viver quem foi e ainda é o seu Protector, e que tanto se gloria d'essa honra que ainda no dia do seu ultimo anniversario natalicio o chamou de *Seu Instituto.* »

. . . .

Relatorio do secretario Dr. José Alexandre Teixeira de Mello

« Senhores. — Achamo-nos em um campo neutro, onde não entra a politica com as suas tergiversações e subtilezas. Lá fóra esbraveja de noite e de dia o ruido dos interesses desencontrados e antagonistas ; o sorriso que mascára o rancor e o despeito ; a phrase assucarada que encobre o pensamento ; o patriotismo, que é santo e nobre, encarado por prismas diversos. Aqui o silencio de quem medita ; a paz e a serenidade de animo do que se afadiga por honrar o renome nacional, zelando o renome de seus filhos illustres e archivando os factos memoraveis da historia patria. Lá fóra a paixão doudejante correndo atraz de phantasmas illusorios que a razão fria desvanece. Aqui a calma dos desambiciosos, que tudo antepõem ao conhecimento da verdade para a transmittir intacta ; que á porfia dos prolfaças materiaes de momento, aliás tão seductores, preferem a porfia incruenta e desinteressada da civilisação contra a barbaria e labutam pelo congraçamento da familia humana. Aqui, apropriando-me da sentença do inimitavel epico portuguez :

« Vereis amor da patria, não movido
« De premio vil, mais alto e quasi eterno :
« Que não é premio vil ser conhecido
« Por um pregão do ninho meu paterno.

« Seja-me permittido antes de tudo evocar a lembrança saudosa d'Aquelle que foi o desvelado protector da nossa associação e sem cujo paternal influxo não teria ella atravessado tão longa serie de annos por entre a indifferença do maior numero e os apodos e remoques de muitos, que, sem procurarem conhecer da vida intima que calumniavam por desfastio, nos julgavam méros discursadores de nonada, suporiferos de erudição sem alicerce e sem objectivo. Não attentavam elles em que, a não serem a nossa diligencia e perseverança, se teriam perdido muitos documentos preciosos, sem os quaes difficil se tornará a tarefa dos que houverem de inventariar, á luz da verdade historica, os nossos progressos de povo civilisado pela senda da perfectibilidade humana.

« Sem a constante animação do egregio fundador do Instituto, teria elle sem duvida fraquejado na sua luta titanica e diuturna com o tempo e as injustiças e não dariamos ao mundo o exemplo da pertinacia no labor encetado em 1838, apresentando ao futuro narrador das cousas patrias tão farta cópia de materiaes preciosos armazenados nos cincoenta e tres volumes da nossa *Revista*, todos os dias reclamada pelas associações sabias do mundo.

« Fructos serodios serão, mas d'elles se aproveitará gostosa a mocidade futura.

« Nós fomos os herdeiros da geração de 1830, que não desdenhamos do seu legado : augmentada a herança com o nosso modesto peculio, ahi a deixamos á geração feliz que tem de assistir ao descambar de um seculo de grandes maravilhas em outro de maravilhas mais estupendas ainda. Os iconoclastas de todos os tempos que tripudiem á vontade sobre esses despojos gloriosos de uma vida em commum, que não foi portanto inutil »

. . . .

Antes de proseguir devo fazer uma observação :

O iniciador do Brinde Nacional para os medicos que no anno de 1888 com todo o desvelo trataram S. M. o Imperador, enviou em 1891 para o museu do Instituto as quatro medalhas de ouro mandadas cunhar com o producto de uma subscripção popular ; entendendo porém que o novo estado de cousas não impedia de respeitar a intenção primitiva de honrar os personagens que tinham feito jus á gratidão dos Brazileiros e muito especialmente dos membros do Instituto, a mesa recorreu ao offertante e com o seu consentimento remetteu as medalhas para seus legitimos donos — todos socios do Instituto —Drs. Charcot, Semmola, de Giovanni e Mota Maia que derão conhecimento da devida entrega.

Justo é lançar aqui palavras de saudade, para o prezado consocio — commendador Joaquim Norberto de Souza Silva, laureado escriptor que

occupou com zelo inexcedivel diversos logares no Instituto e sendo seu presidente falleceu á 14 de Maio de 1891, tendo soffrido muito por causa de questões infelizes com relação ás obrigações do Instituto para com o seu Augusto Protector.

O Sr. D. Pedro II acabava então de dispôr de suas ricas collecções de livros e objectos recolhidos na Bibliotheca e Museu da Quinta da Boa-Vista em São Christovão e contemplando o Instituto na distribuição de seus dons, Sua Magestade deu mais uma prova de seu constante e illimitado affecto demonstrando cabalmente que o Imperador não dissera aereamente *ser todo d'elle.*

Recorro a acta da sessão de 31 de Julho de 1891 onde se acha relatado o facto alludido :

« O Sr. presidente (conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro) communica ter recebido, ha dias, do Sr. conselheiro José da Silva Costa, advogado e procurador do Sr. D. Pedro de Alcantara o officio que passa á ler :

« Illm. Exm. Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro. Em nome de Sua Magestade o Imperador, e conforme suas ordens, peço a V. Ex., que de accordo com os Exms. Srs. Visconde de Taunay, Visconde de Beaurepaire Rohan e Dr. João Severiano da Fonseca (todos membros do Instituto) se sirva separar d'entre os livros do mesmo Augusto Senhor, aquelles que possam interessar ao Instituto Historico, afim de fazerem parte da respectiva bibliotheca, devendo esses livros ser collocados em logar especial com a denominação de D. Thereza Christina Maria ; sendo os outros livros destinados a Bibliotheca Nacional, (*) que os collocará em logar especial tambem e com igual denominação. Sua Magestade dôa, além d'isso, ao mesmo Instituto o seu museu, no que tenha relação com a ethnographia e a

---

(*) Illm. Sr. H. Raffard—Satisfazendo do melhor modo possivel ao seu pedido de informações sobre a Bibliotheca Nacional, respondo :

1.°—A « Bibliotheca Nacional e Publica do Rio de Janeiro » tal é o seu titulo official provelo da « Real Bibliotheca da Ajuda » e da do Infantado, em Lisboa, para aqui transportadas por D. João VI, principe regente, de fins de 1807 a principios de 1808 quando estabeleceu a séde da monarchia no Rio de Janeiro, aqui permanecendo ate 1821.

2.°—D'ahi pois data a existencia da Bibliotheca Nacional n'esta cidade.

3.°—Aqui foi ella, por decreto de 29 de Outubro de 1810 accommodada no local então occupado pelas catacumbas dos religiosos da Ordem Terceira do Carmo, á rua do Carmo, de onde foi removida em 1858, na administração de Fr. Camillo de Montserrate para a casa do Largo da Lapa n. 48, comprada pelo Governo Imperial por 125 apolices da divida publica de um conto de réis cada uma, onde subsiste.

4.°—O local em que desde então funccionou, sempre se denominou « Largo da Lapa. »

5.°—O predio occupado pela Bibliotheca só teve e tem esse destino. Até porém a administração do Sr. Dr. João de Saldanha da Gama (1889) n'elle residiram os bibliothecarios e respectivas familias.

historia do Brazil; destinando ao Museu do Rio de Janeiro (*) a parte relativa a sciencias naturaes, a mineralogia, bem como os herbarios, o que tudo deve ser collocado em logar especial sob a denominação de Princeza Leopoldina — Na esperança de que V. Ex. acceitará esta incumbencia, antecipo os devidos agradecimentos e subscrevo-me com a segurança da minha distincta consideração. De V. Ex. attento venerador, criado e obrigado. *Dr. José da Silva Costa*—Rio de Janeiro, 6 de Julho de 1891.

« O Sr. presidente accrescenta, que em officio posterior datado de 8 do mesmo mez, foi feita a seguinte rectificação: — A denominação que deve ser dada a collecção de ethnographia e historia e parte da bibliotheca é de Imperatriz Leopoldina e não Princeza Leopoldina.

« Em desempenho d'esta honrosa commissão, diz o Sr. presidente que os acima nomeados estão tratando de levar á effeito a separação ordenada, afim de terem em tempo tão preciosos objectos o devido destino; corre-nos

---

6.º— A « Bibliotheca Nacional e Publica do Rio de Janeiro » possue actualmente 240,000 volumes de obras impressas, 35,000 manuscriptos, na sua maxima parte referentes ao Brazil. e 30,000 estampas. Possue 1389 mappas impressos, sem contar os que, por duplicados (e não foram ainda classificados) lhe advieram da bibliotheca do Imperador. Possue tambem uma importante collecção de milhares de moedas e medalhas, nacionaes e estrangeiras, cujo inventario ainda não se poude fazer.

7.º— Quanto ás outras bibliothecas d'esta capital nenhuma informação posso prestar-lhe.

No mais, collega, etc.— Dr. *Teixeira de Mello* ».

Parece-me interessante accrescentar os dados do *Jornal do Commercio* de 28 de Abril de 1893

A maior bibliotheca do mundo é a Bibliotheca Nacional de Paris, que conta mais de dous milhões de livros impressos e cêrca de 200.000 manuscriptos.

A differença entre a Bibliotheca Imperial de São Petersburgo e o British Museum é apenas de 12.000 volumes.

No British Museum, ha 1,500.000 volumes. A Bibliotheca Real de Munich contém agora cêrca de 500.000 volumes, mas entre estes ha grande numero de pequenos pamphletos.

A Bibliotheca Real de Berlim contém 800.000 volumes; a de Copenhague. 510.000; a de Dresden, 500.000; a da Universidade de Goettingen (na Allemanha), 500.000.

A Bibliotheca Imperial de Vienna possue 400.000 volumes, e a da Universidade da mesma cidade, 370.000.

Em Buda-Pesth, tem a Bibliotheca da Universidade 300.000 volumes, e a Bibliotheca correspondente de Cracovia tem quasi o mesmo numero.

(*) El-Rey D. João VI, sendo Ministro Thomaz Antonio Villa-Nova Portugal, ordenou por Decreto de 6 de Junho de 1818, a creação do Museu do Rio de Janeiro. Para esse fim foi adquirido mediante a quantia de 32:000$000 por compra feita ao respectivo proprietario João Rodrigues Pereira d'Almeida, que foi depois o Barão de Ubá, o predio do Campo de Sant'Anna canto da rua dos Ciganos, posteriormente Campo da Acclamação canto da rua da Constituição. Ahi foi installado e conservou-se o Museu até a sua remoção para a Quinta da Boa Vista, em virtude do Decreto n. 766 A, de 8 de Março de 1892.

Em certa época, parte do pavimento terreo foi occupado pela Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional e pelo Instituto Fluminense de Agricultura. No anno corrente servio todo o edificio para a Exposição Preparatoria da Secção Brazileira no Grande Certamen Columbiano e em seguida foi utilisado para deposito de materiaes bellicos para o exercito. (Em parte segundo as informações do Sr. Dr. Neves Armond).

agora o dever de agradecer ao nosso Augusto e sempre generoso Protector, mais esta prova de interesse, de favor e de consideração com que se digna honrar o Instituto Historico, que se preza de ser grato e reconhecido á quem por tantos titulos é credor de toda a nossa estima, respeito e profunda veneração.

« O Sr. presidente observa, que a offerta está feita, o beneficio recebido e apenas falta fazer-se a arrecadação que depende do Instituto e assim desde já deve elle manifestar o seu agradecimento por tão precioso e raro donativo e n'este intuito propõe, que se dirija á Sua Magestade o Sr. D. Pedro de Alcantara o officio cuja leitura faz, sendo approvada a redacção para ser assignada pela mesa e pelos demais socios, que o quizerem fazer.

« O Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia propõe ainda, que na acta de hoje se lavre um voto do mais profundo reconhecimento do Instituto Historico e Geographico Brazileiro a seu excelso Protector por essa dadiva tão grande como excepcional e por isso sem exemplo até hoje, o que é approvado.»

Na sessão de 14 de Agosto de 1891 diz a respectiva acta: « O Sr. presidente traz ao conhecimento do Instituto que o officio dirigido a Sua Magestade o Sr. D. Pedro de Alcantara se acha assignado por diversos socios e é do theor seguinte:

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

« *Rio de Janeiro, 31 de Julho de 1891.*

« A Sua Magestade o Sr. D. Pedro de Alcantara.

« O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, acaba de ter conhecimento, por intermedio de seu presidente, da importantissima doação de numerosos e apreciados livros e raros objectos de valor historico que dignase fazer-lhe o seu immediato e sempre generoso Protector. Tão significativa prova de interesse e obsequiosa benevolencia foi pelo Instituto recebida com a mais viva satisfação e justo apreço; e, por si só penhoraria de todo a gratidão do Instituto, se por outros titulos de inestimavel valia, já não fosse elle devedor do mais profundo reconhecimento a quem de longa data lhe tem prodigalisado os inesgotaveis thesouros da mais extremosa bondade.

« Não tem o Instituto meios de condignamente corresponder á tanta delicadeza e grandiosa munificencia, e ante o novo favor agora recebido, nada mais faz do que reiteirar os protestos de seu sincero acatamento ao excelso e illustrado Bemfeitor, que no fastigio da gloria, como nas agruras do exilio, jamais tem deixado de manifestar o nobre empenho de honrar as lettras, promover a instrucção e concorrer por todos os modos para o

desenvolvimento e progresso d'esta patria, que agora, como sempre lhe é tão cara.

« Hão de ser cuidadosamente recolhidos e classificados os livros e mais objectos que vão enriquecer a bibliotheca e o museu do Instituto, de conformidade com as recommendações recebidas, e os augustos nomes da saudosa mãi dos Brazileiros, a pranteada Imperatriz D. Thereza Christina Maria e da virtuosa e veneranda Imperatriz Leopoldina hão de ornar as preciosas collecções, que em todo tempo exaltarão a memoria das inclytas Senhoras que vivas se acham sempre no pensamento e no coração de todos os Brazileiros.

« O Instituto Historico, que se orgulha de continuar a merecer a benevola e particular attenção do seu desvelado chefe, e que por longos annos foi guiado pelo seu exemplo, instruido pelas suas lições e engrandecido pelos seus beneficios, ha de procurar, quanto em si couber, desempenhar a honrosa missão a que se destina e para a qual vem concorrer efficazmente a opulenta dadiva que ora lhe é feita; e na effusão dos sentimentos que o animam, é com o maior prazer que ainda uma vez cumpre o dever de tributar ao seu magnanimo Protector as puras homenagens da mais respeitosa estima e profunda veneração. — *Olegario Herculano de Aquino e Castro.— Visconde de Beaurepaire Rohan.*— Dr. *João Severiano da Fonseca.— Tristão de Alencar Araripe.*— Dr. *José Alexandre Teixeira de Mello.— Henri Raffard.— José Egydio Garcez Palha.— Luiz Rodrigues de Oliveira.—José Domingos Codeceira.—Barão de Capanema.—Joaquim José Gomes da Silva Netto.—Manoel Francisco Correia.— José Luiz Alves.— Arthur Sauer.— Guilherme A. Seoane.—João Manoel Pereira da Silva.—José Verissimo.*—Dr. *Augusto Victorino A. do Sacramento Blake.— Francisco Calheiros da Graça.— Barão de Miranda Reis.*—Dr. *Alfredo do Nascimento Silva.—Marquez de Paranaguá. —Joaquim Pires Machado Portella.—Antonio Joaquim de Macedo Soares.— Barão do Ladario.—João Alfredo Corrêa de Oliveira.* »

Na escolha e separação dos livros, deploravel divergencia dividio os membros da commissão referida pelo illustrado procurador, por má interpretação sem duvida das intenções aliás claras do Imperial doador em favor do *Seu Instituto*.

Mas, como bem disse o conselheiro Olegario, na sessão de 9 de Outubro de 1891, attenta a subida importancia da bibliotheca de Sua Magestade, (*) será ainda assim de grande valor a parte que tocar ao Instituto e consistindo principalmente no que se refere aos paizes americanos.

(*) Penso util consignar que nas diversas salas nas quaes se achavam guardados os livros do Sr. D. Pedro II verificaram-se vestigios de innumeros actos de pilhagem e vandalismo; das encadernações de luxo e objectos de valor, foram arrancados

Já vieram para esta associação muitas obras relativas á historia e geographia da America com outras poucas sobre assumptos diversos e que foram encontradas em duplicata e mesmo triplicata; quando teria sido muito conveniente juntar-lhes as de historia e geographia de varias nações estrangeiras que se acham intimamente ligadas com a historia e geographia do Brazil e dos mais paizes do novo mundo, tanto mais quando a bibliotheca do Instituto não é exclusivamente americana.

Não se quiz recorrer directamente e desde logo ao unico juiz competente — o Sr. D. Pedro II — receiando-se desgostar com semelhante questão a Sua Magestade que se achava em melindroso estado de saude.

---

todos os ornamentos de metal amarello e mesmo branco, modelos diversos de navios ou apparelhos, moveis, etc., quebrados ou muito maltratados, e mesmo depois de iniciado o trabalho da separação dos livros como se vê na noticia seguinte:

« Relativamente ao desapparecimento de livros da Quinta da Boa Vista, escreve-nos o Dr. Teixeira de Mello, o seguinte:

Sr. Redactor. — A *Varia* dada pelo *Jornal do Commercio* de hoje, ácerca do facto occorrido na Quinta da Boa Vista, carece de rectificação.

Designado pelo Governo, com annuencia do director da Bibliotheca Nacional e pelo Instituto Historico, como seu 1º secretario que então era, para proceder á contagem dos livros, mappas e estampas existentes na Bibliotheca Imperial, em S. Christovão, e a descriminação dos que deviam tocar áquella Bibliotheca e ao Instituto, dei começo a esse trabalho efficazmente auxiliado pelo Sr. Imbuzeiro, amanuense da Bibliotheca Nacional, a 4 de Agosto do anno passado e exactamente hoje terminou aquelle trabalho com a entrega ao Instituto dos mappas e estampas que lhe couberam.

Durante as ferias regulamentares da bibliotheca, que foram de 15 de Novembro a 15 de Janeiro, interrompemos a nossa ida a S. Christovão. Quando lá voltamos, a 10 de Fevereiro, achamos aberto o cadeado da porta da primeira das tres grandes salas que constituiam a bibliotheca do ex-Imperador, a qual ficou, portanto, a mercê de quem nella quizesse penetrar, não sei por quantos dias em que ficou aberta. A maior parte dos livros apeados das estantes estavam sobre o pavimento da sal a principal não pude por isso verificar se algum fôra subtrahido: nos que ainda se achavam nas respectivas estantes não notei differença alguma. Nos cavalletes, porém, em numero de quatro, em que estavam arrumados as estampas e grandes e pequenos volumes de collecções iconographicas e obras relativas ás bellas-artes, via-se distinctamente que não reinava a ordem antiga e que consideravel depredação alli se fizera ou que pelo menos, houvera grande baralhamento nos objectos alli accumulados. Como era do meu dever, communiquei immediatamente o facto ao Sr. Visconde de Taunay, presidente da commissão encarregada da partilha da Bibliotheca Imperial.

Devo entretanto accrescentar que com effeito desappareceram livros preciosos, e não sei se tambem manuscriptos, que deviam constar d'aquella opulenta livraria, como, por exemplo, o exemplar da edição dos « Luziadas » de 1572, que pertenceu ao proprio poeta, foi descripto pelo conselheiro J. Feliciano de Castilho e trazia na folha do rosto: « Luiz de Camões, seu dono »; e um exemplar da edição de Coimbra, 1595, da « Arte de grammatica da lingua mais usada na costa do Brazil », de José de Anchieta Essas obras e algumas das poucas que o ex-Imperador pedira que lhe reservassem não foram por mim encontradas na bibliothca da Quinta da Boa Vista.

Eis o que me parece dever informar a esta illustrada redacção, para o exacto conhecimento da verdade.

Rio, 12 de Março de 1892. — Dr. *Teixeira de Mello.* »

N. B. — Segundo informam os membros da commissão de selecção dos livros da Imperial Bibliotheca jamais houve distincção entre os mesmos, de onde se deprehende que « bona fide » se equivocou o Sr. Dr. Teixeira de Mello considerando um d'elles presidente.

Tudo quanto ha occorrido sobre este desagradavel incidente consta das Actas de 9 e 23 de Outubro e 6 de Novembro de 1891; 2 e 9 de Dezembro de 1892; 30 de Junho e 28 de Julho de 1893 e Relatorio á pag. 447 do vol. 55 da *Revista*.

Está se trabalhando com actividade no catalogo dos livros e objectos arrecadados, trabalho que não poderá entrar no prélo antes do anno vindouro. Pode-se, entretanto, apresentar uma avaliação approximativa: cerca de 10.000 volumes encadernados (comprehendendo os da sala do despacho cuja remoção da Bibliotheca Nacional ainda não foi resolvida)—1.000 brochados—500 de duplicatas encadernados e brochados,—uns 1.400 mappas, 200 estampas ou vistas que conforme as instrucções do augusto doador foram collocadas em duas salas com as devidas denominações —*D. Thereza Christina Maria* — e — *Imperatriz Leopoldina*—.

Reconstituio-se no Instituto, tanto quanto possivel, a Sala do Despacho, tal como existia no Paço de S. Christovão de onde foram removidas as estantes, mesas, cadeiras, tão singelas quão preciosas para a nossa historia como tenho dito no relatorio que apresentei na sessão magna de 15 de Dezembro de 1892.

N'uma cadeira foi collocada uma placa prateada com esta inscripção: *Cadeira em que se assentava S. M. o Sr. D. Pedro II quando presidia o conselho de Ministros e o de Estado. 1889.*

E na cadeira que se conservará sempre no logar da presidencia da mesa, na sala das sessões do Instituto, foi igualmente collocada uma placa com os dizeres: *Cadeira em que se assentava S. M. o Sr. D. Pedro II quando presidia as sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.*

Na sessão de 1 de Julho de 1892 foi unanimemente approvado denominar-se *Sala D. Pedro II* a das sessões na qual estão os bustos de alguns dos mais prestimosos membros da associação, salientando-se debaixo de um docel auri-verde, entre Cunha Mattos e Januario da Cunha Barbosa, a magestosa figura do Sr. D. Pedro II.

A 2 de Dezembro de 1891 o presidente dirigio por telegramma em nome do Instituto respeitosas saudações a Sua Magestade e na sessão do dia 4 quando o communicou ao Instituto, os socios presentes estavam bem longe de pensar que n'aquelle momento em que se fallava na ligeira indisposição do seu Augusto Protector agonisava o Venerando Sr. D. Pedro II, que exhalou o ultimo suspiro ás 9 horas e 30 minutos d'esta mesma noite no Rio de Janeiro, ou em Paris, á 1 hora e 20 minutos da madrugada de 5 de Dezembro de 1891.

Não procurarei descrever o effeito que produzio a noticia affixada no *Jornal do Commercio* na manhã seguinte .. duvidou-se da sua veracidade até a chegada da communicação official publicada nas folhas do dia 6 n'estes termos : « O Sr. Ministro das relações exteriores recebeu hontem do Ministro do Brazil em Paris, o seguinte telegramma : « Falleceu hoje D. Pedro ex-Imperador.—*Piza.*»

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, a 7 de Dezembro reunio-se em sessão extraordinaria, sob a presidencia do conselheiro Olegario.

Diz a acta :

« A's 7 horas da noite, achando-se presentes os socios Srs. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, general Dr. João Severiano da Fonseca, Henrique Raffard, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, commendador José Luiz Alves, conselheiro Manoel Francisco Correia, Dr. Cesar Augusto Marques, Barão de Capanema, Dr. Maximiano Marques de Carvalho, Major Joaquim José Gomes da Silva Netto, Marquez de Paranaguá, Dr. Alfredo do Nascimento Silva e Dr. Feliciano Pinheiro de Bittencourt, servindo de 2º secretario, abre-se a sessão.

« O Sr. presidente communica em sentidas phrases o lamentavel fallecimento do Immediato Protector do Instituto : diz, que já remetteu em nome do mesmo Instituto um telegramma de pezames a S. A. a Sra. Condessa d'Eu ; mandou, que ficassem cerradas as portas do edificio durante sete dias e fez convocar a presente sessão extraordinaria para se tratar de resolver como serão manifestados os sentimentos de profunda magua de que se acha possuido o Instituto pelo infausto passamento de S. M. o Sr. D. Pedro II ; accrescenta parecer-lhe, que deve-se mandar suffragar a alma do illustre finado e que os consocios tomem luto pelo espaço de tempo que entenderem conveniente.

« Usam da palavra diversos socios e as propostas apresentadas, depois de resumidas pelo Sr. presidente, são adoptadas nos termos seguintes :

I. Ficam approvadas as providencias já tomadas.

II. Os Srs. socios tomarão luto pelo tempo que julgarem conveniente.

III. O Instituto mandará celebrar uma missa de setimo dia pelo eterno descanço do pranteado morto, sendo convidado para o acto o distincto consocio Sr. Bispo de Olinda.

IV. A mesa fica constituida em commissão para assistir ás solemnes exequias mandadas celebrar pelo Sr. Bispo diocesano.

V. Cobrir-se-ha de crepe, durante um anno, a cadeira em que se sentava Sua Magestade para presidir as sessões do Instituto.

VI. Corôas de louros serão collocadas sobre o busto do Sr. D. Pedro II e o respectivo pedestal ficará coberto de luto.

VII. Os socios Conde de Mota Maia, Barão de Penedo e Barão do Rio Branco são nomeados para assistirem as exequias em Paris e depositarem corôas sobre o feretro em nome do Instituto.

VIII. Os socios Manoel Pinheiro Chagas, Major Serpa Pinto e Pedro Wenceslau de Brito Aranha, são nomeados para assistirem as exequias em Lisboa, e depositarem corôas em nome do Instituto.

IX. Celebrar-se-ha no dia 5 de Janeiro proximo vindouro, trigesimo dia do fallecimento, uma sessão commemorativa, na qual, depois de aberta pelo presidente, que em breve allocução declarará o fim especial da mesma, será dada a palavra ao orador para fazer o elogio do venerando finado, e em seguida á quaesquer outros membros do Instituto, que com antecedencia de 15 dias tiverem avisado á mesa, que querem d'ella usar.

X. A sessão anniversaria, que deveria ter lugar no dia 15 do corrente, se realizará no mez de Janeiro proximo futuro ; quanto á sessão de eleições geraes, effectuar-se-ha no dia marcado pelos estatutos.

XI. O Instituto deferirá um premio, que consistirá em uma medalha de ouro, a quem apresentar dentro do prazo de oito mezes, a contar de 5 de Janeiro proximo futuro, o melhor trabalho historico e biographico do illustre fallecido, devendo a mesa pronunciar-se sobre a preferencia que houver de ser dada aos trabalhos apresentados. O preferido será publicado pelo Instituto.

XII. Os secretarios da mesa ficam encarregados de fazer em um livro especial a compilação de todos os artigos que houverem sido publicados com relação á pessoa de S. M. o Sr. D. Pedro II, desde o dia 5 do corrente mez.

XIII. Consigne-se na acta o voto ardente, que faz o Instituto para que, o mais breve possivel, os restos mortaes do grande cidadão brazileiro sejam trasladados para a terra da patria que tanto amava.

XIV. O presidente fica autorisado a providenciar, como tiver por melhor, a respeito da execução das deliberações tomadas.

« O 1º secretario Sr. Henrique Raffard, obtendo a palavra, participa ter recebido cartas dos socios commendador Luiz Cruls, annunciando que não póde assistir á presente sessão, tendo de se ausentar hoje da capital por motivo de serviço publico, e capitão de fragata José Egidio Garcez Palha, declarando deixar de vir á sessão por incommodo de saude e ponderando que seja qual fôr a manifestação que o Instituto queira patentear pelo fallecimento do grande patriota que se chamou no Brazil e no mundo — Pedro II — a ella se associa e de coração a subscreve.

« Levanta-se a sessão.— *Dr. Feliciano Pinheiro de Bittencourt*, servindo de 2º secretario. »

Foi só á 4 de Março de 1892, que pôde ter logar a sessão extraordinaria em commemoração do fallecimento de S. M. o Sr. D. Pedro II. N'esta solemnidade occuparam a tribuna o presidente conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro dando mais uma prova de seu brilhante talento; o vice-presidente conselheiro Manoel Francisco Correia que como sempre proferio palavras eloquentes: o Dr. Cezar Augusto Marques lendo uma breve noticia no impedimento do autor o Barão de Capanema: e o commendador José Luiz Alves um estudo biographico do egregio finado. A acta d'esta sessão, formando um volume in-4.º de 132 paginas, tendo já sido publicada, eu deveria limitar-me á referencia aqui feita, mas não posso deixar de repetir o principio do discurso do conselheiro Olegario:

« Senhores. — Não poucos dias já se tem passado depois da triste nova aqui chegada á 5 de Dezembro do anno findo. e ainda sob a dolorosa impressão do rude golpe que tão profundamente ferio-nos, venho hoje, em observancia de um sagrado dever, que não foi mais cêdo cumprido por motivos estranhos á nossa vontade, por vós bem conhecidos, abrir a presente sessão extraordinaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, destinada especialmente á commemoração do infausto e lamentavel passamento de S. M. o Sr. D. Pedro II. primeiro socio e Immediato Protector d'este Instituto.

« As significativas e espontaneas manifestações de pezar que na patria e no estrangeiro têm sido tributadas á memoria do grande Brazileiro, que infelizmente para nós desceu ao tumulo, são provas inequivocas do muito que merecia o illustre morto, e do respeito e admiração que pelas suas eminentes qualidades soube inspirar, no longo percurso de uma existencia gloriosa, a todos quantos prezam a honra, a dignidade e a virtude.

« As nações engrandecem-se com as homenagens prestadas a seus varões illustres » disse o Sr. D. Pedro II, respondendo ao Instituto, por occasião de ser inaugurada a estatua do velho José Bonifacio, elevada por iniciativa d'esta associação: e hoje repete o Instituto as mesmas palavras, como justamente applicaveis a quem tão patrioticamente as proferira ha quasi 20 annos.

« E' de rigoroso dever para o Brazil todo e especialmente para nós que representamos o Instituto, dilecta associação sempre distinguida pelo mais zeloso e incansavel protector das lettras e da instrucção nacional, honrar o nome e perpetuar os feitos de quem por tantos titulos penhorou de ha muito todo o nosso affecto e eterna gratidão. »

. . . .

Na sessão de 11 de Março de 1892 informou o presidente ter recebido durante as ferias os officios seguintes do Sr. Conde de Aljezur: um datado de Pariz a 3 de Dezembro de 1891 para agradecer de ordem de S. M. o Sr. D. Pedro II as saudações dirigidas pelo Instituto ao mesmo Augusto Senhor no dia 2 d'aquelle mez e outro de Lisbôa com data do dia 14 agradecendo ao Instituto de ordem da Sra. D. Izabel e seu esposo, o Sr. Conde d'Eu e mais Principes da Familia Imperial, as condolencias que lhes foram dirigidas pela dolorosa noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro II.

A 5 de Dezembro de 1892 o Instituto recebeu um retrato á oleo de S. M. o Imperador seu Augusto Protector (meio corpo, proporções naturaes, offerta do vice-presidente Dr. João Severiano da Fonseca.

Brilhando como sempre que faz um discurso, o conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, na sessão anniversaria de 15 de Dezembro de 1892, fez referencia ao inolvidavel finado ponderando na sua falla presidencial: « ... grandes e irreparaveis perdas havemos soffrido, sobrelevando entre todas a do augusto e sempre generoso Protector d'esta associação, que ainda uma vez hoje deplora o lamentavel acontecimento que tão profundamente a veio ferir. »

. . . .

« Ninguem mais do que o Sr. D. Pedro II tinha direito ao tributo de honra que de coração aqui prestamos-lhe.

« Cumprio o Instituto imperioso e sagrado dever de gratidão e de amor, de veneração e saudade, celebrando uma sessão commemorativa em homenagem á memoria d'Aquelle que vivo será sempre em nossa lembrança. »

E assim o devem entender quantos baterem ás portas do Instituto, tendo presentes as palavras que empresto ao discurso proferido pelo Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo ao tomar posse da sua cadeira de socio effectivo na sessão de 24 de Março de 1893:

« *Auspice Petro Secundo, Pacifica Scientiæ Occupatio*—eis a divisa do Instituto, nenhuma tão bella e galhardamente suggestiva.

« Significa que n'este recinto vibra immortal a saudade do extraordinario espirito que tanto o amou, o qual feito de bondade, sabedoria e moderação durante meio seculo presidio gloriosamente os destinos nacionaes, emulando com as figuras culminantes da humanidade na pratica ininterrupta de todas as virtudes particulares e publicas e que, na desgraça,—naufragio de tantas altanerias,—soube mostrar-se superior ainda á grandeza passada (e era immensa) — mais magestoso, mais augusto, mais soberano

do que quando transformava, perante o orbe attonito, o unico sceptro da America no seu maior symbolo de paz e de liberdade.

. . . .

« Inspire-nos sempre o luminoso espirito a que me referi. Transmitta-nos a sua superna intuição—Insufle-nos o seu amor ao estudo, os seus patrioticos designios, os seus exemplos em tudo.—Subsista em nós,—nos avigóre e nos guie. »

Esta invocação recorda-me outra feita pelo presidente de uma associação estrangeira infinitamente menos obrigada que o Instituto para com S. M. D. Pedro II, a sua transcripção parece-me bem cabida aqui, mesmo como homenagem á nobre nação franceza que tanto honrou o corpo do pranteado Protector do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

Na sua *Chronique de Cannes* de Janeiro de 1892, publicada em 27 de Março do mesmo anno no periodico « L'Avenir d'Antibes » o Sr. L. D. de Savignac dá conta de uma festa no Instituto Stanislas n'estes termos :

« Dernièrement l'Académie d'Emulation inaugurait la série de ses matinées littéraires et musicales par une fête brillante au profit des pauvres. Devant l'auditoire choisi, toujours heureux d'accepter l'aimable invitation de Mr. le directeur, le président, M. L. Fournier, a prononcé une allocution touchante. Saluant le Mâitre invisible, mais présent dans tous les cœurs, Sa Majesté Dom Pedro d'Alcantara, il a rappelé la science universelle, les vertus chrétiennes, la bienveillance paternelle de celui qui fut et sera toujours président d'honneur de l'Académie d'Emulation. Ces quelques mots émus, trouvant écho dans la salle entière, ont été chaleureusement acclamés. Après ce pieux hommage à la glorieuse mémoire de l'Empereur du Brésil, des élèves de six à sept ans ont récité . . . .

. . . .

« Cette fête charmante de l'esprit et du cœur, offerte par l'Institut Stanislas à ses nombreux amis, nous laissera longtemps un agréable souvenir. Aux zélés directeurs, nos félicitations sincères pour l'heureuse composition du programme des matinées littéraires et musicales. Dieu et Patrie ! Arts et Sciences ! Telle est la devise — cri de guerre tout pacifique ! —de l'Institution où grandissent les patriotes de l'avenir. Que l'ombre vénérée du Souverain qui aima son peuple ingrat jusqu'à la mort, les accompagne dans le chemin de l'honneur et du devoir !

« Il fut le Père des Lettres et des Sciences, le Charlemagne du Brésil .... noble Empereur à la barbe fleurie......

« Saluez ! Il est plus grand que nous tous ! .....

Nós membros do Instituto Historico e Geographico Brazileiro — o *Instituto de D. Pedro II* como justamente deveria ser denominado — não seremos ingratos e prestando culto á saudade, não nos descuidaremos de louvar os feitos d'Aquelle cuja memoria veneramos, ainda n'este ponto cingindo-nos ás nossas disposições regimentaes, visto a intima ligação da vida do Grande cidadão e Augusto protector do Instituto com a historia do Brazil — principal objectivo d'esta associação.

O grande vulto, cuja morte foi universalmente chorada, está sempre presente no espirito dos membros do Instituto e para comproval-o basta trazer aqui alguns extractos da sua *Revista* como os seguintes tirados do *Tomo LIV* de 1892:

Around and about South America, vinte mezes de estudos e investigações é o bom livro que o Sr. Frank Vincent remetteu ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro como prova de idoneidade para ser recebido seu socio correspondente — A commissão de historia concluio o respectivo parecer com as seguintes palavras :

. . . .

« Excellente, excellente livro, no geral. E ainda mais predispõe a seu favor a pequena dedicatoria a D. Pedro II, feita quando elle Imperador — e publicada quando o Immortal Brazileiro não era mais o Monarcha americano dispensador de graças e de favores, mas simplesmente o desterrado philosopho *scholar and scientist*, como diz o Sr. Vincent, que melhor o retrata n'estas simples e verdadeiras palavras — Protector das artes e lettras, estadista consummado, modelo dos monarchas, cujo reinado de meio seculo foi com o maior zelo e successo consagrado á instrucção publica, ao desenvolvimento das industrias e a abolição da escravidão, — em todo o vasto e opulento Imperio do Cruzeiro do Sul.

« O Sr. Frank Vincent é digno de pertencer ao Instituto.

« Sala das Sessões do Instituto em 25 de Novembro de 1892.

« Severiano da Fonseca, relator. — Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake. — Dr. Cezar Augusto Marques. »

Franck Vincent, o mais intelligente e mais observador dos viajantes (na opinião de varios periodicos de New-York, Boston, Philadelphia, Chicago, etc.), em um outro livro *In and out of Central America* posteriormente publicado por D. Appleton and Company de New York dedicou um capitulo ao Sr. D. Pedro II *The Exiled Emperor* o qual não chegou á tempo de ser examinado pela commissão acima referida do Instituto que já o fez seu socio correspondente.

Transcrevo alguns trechos:

« Born to a throne, he never prated of the right divine. Glorified by the nimbus of a crown, he put it on and off as a gentleman dons and doffs his hat. He used his scepter to free the enslaved. It became in his hands a divining rod by which he found out where evil flourished that he might charm it away if possible. He was more democratic not only in manner, but in feeling than many a self-made millionaire who fought his way from the gutter among the democracy of our own United States ».

. . . .

« The ruler was respected and beloved by all classes. The merit of his character gave glory to his royal investiture. The Kinghood of the man gave mannhood to the King. This fact will connect his name imperishably with the history of Brazil. » . . . .

. . . .

« His character had numerous facets. There was nothing of the uncut diamond about him. He was developed upon many sides morally, mentally, and physically. He had seduously prepared himself for his social and political duties. What Lord Chesterfield was as a more man of the world, Dom Pedro tried to make himself within the radius of a much more extended and august influence. He neglected the body no more than the mind. He liked to take long drives and walks, and his less nature days delighted in athletic exercises ».

. . . .

Anteriormente outro norte-americano illustrado —, o Presidente da Delaware Car Works Coy — William S. Anchincloss C. E. — no seu livro *Ninety Days in the Tropics or Letters from Brazilian — Wilmington*, Del: 1874—disse:

« The typical man of the whole nation is also the Emperor D. Pedro II. This doubtful whetter any other living monarch can boast the same scientific and classical accomplishments as his Magesty; neither is there a brewer. on the battle-field. In physique he is equally royal, being six feet four inches in height and of robust form, so that he wears the crown with grace and dignity. This is not a mere matter of heorsay for we were honored by a special reception at the palace in Petropolis, and during the conversation which tasted upward of an hour, we were convinced that the Brazilians are a most fortunate people in being ruled by a monarch at once so accomplished, brave and warm-hearted ».

Topicos do discurso proferido por João Damasceno Vieira Fernandes ao tomar posse de sua cadeira de socio correspondente na sessão de 29 de Julho de 1892.

. . . .

« Tabernaculo santo erguido aos hombros de dedicados levitas, o Instituto tem atravessado sobranceiro a geração contemporanea, através de todas as tempestades politicas que convulsionam o nosso bello paiz, e ao passo que lá fóra bramem, latentes ou explosivas, paixões nem sempre justas, revoltas nem sempre patrioticas, elle guarda no sacrario de seu seio, como arca hebraica, as suas tradições eternas como graniticos monumentos, os thesouros das suas constantes investigações no mundo da intelligencia, e bem assim os testemunhos eloquentes de veneração pelas mentalidades superiores que illustraram a nossa patria.

« A galeria de mortos assignalados, que vejo em torno de mim, desde Januario da Cunha Barbosa, o sacerdote conspicuo, um dos benemeritos iniciadores d'esta instituição, até Gonçalves Dias, a lyra de ouro tristemente despedaçada pelo Atlantico ; desde o vulto ascetico de Mont'Alverne, a aguia da eloquencia sacra, que cegou por muito haver fitado o sol da gloria em todo o seu esplendor, até o conego Fernandes Pinheiro, o escriptor polygrapho, e abnegado apostolo das lettras e da instrucção da sociedade ; desde o Visconde de São Leopoldo, o erudito autor dos *annaes* do meu Estado natal, até aquelle busto singelo e magestoso de D. Pedro de Alcantara, cuja fronte o Instituto teve a nobreza de cingir de louros : todas estas venerandas imagens, como si as animasse a chamma vital, fallam-me de certames litterarios, da mesma sorte que fallavam de victorias as estatuas guerreiras alçadas no Capitolio romano!

« Grande e precioso é o cabedal que o Instituto tem accumulado em sua tarefa semi-secular, mas o Brazil é um gigantesco viveiro de ouro, que deve ser explorado em todos os sentidos. A natureza e a sociedade são dous documentos sempre lidos e inesgotaveis de assumptos.

. . . .

Na sessão de 14 de Outubro de 1892 exprimia-se o Sr. Commendador João Xavier da Motta da seguinte fórma:

« Senhores. No cumprimento de um dever eu agradeço-lhes a subida honra que me deram, conferindo-me o titulo de socio effectivo d'essa sabia

instituição laureada pelo saber de todos aquelles que se lhe dedicarem fazendo d'ella o templo da historia patria, que o presente reverencia e o futuro glorificará !

« Ser socio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro é honra que deslumbra ; é ter direito a um logar junto dos benemeritos das lettras, junto d'aquelles que no largo espaço de cincoenta e quatro annos encheram de vida este corpo luminoso. Esses benemeritos são todos aquelles que dia a dia colhem novos louros para a grande corôa do Instituto : é a memoria dos Mortos-Vivos consagrados no quinquagenario ; é a memoria radiante e inolvidavel d'Aquelle que durante quasi meio seculo dirigio com desassombrado patriotismo os passos ainda vacillantes do «gigante americano» que, attonito vio o tempo derribar esse vulto que foi o exemplo bom de todos aquelles que aquilataram as virtudes, — o « Venerando e Incansavel Protector do Instituto » respeitado e admirado pelos sabios dos dous mundos, — o que exhalou o ultimo suspiro em terra estrangeira mas amiga, abraçado a imagem da patria querida, da patria que amava como pai carinhoso !

« D'aqui, d'este centro dos melhores patriotas, melhores patriotas— porque tem arrancado das garras do esquecimento e da ficção trechos brilhantes para o grande livro perpetuador do passado e do presente do Brazil, d'aqui, onde pousa a divisa *Laus virtuti ubique quando cumque*, tem sido communicado aos dous mundos que este paiz foi e ainda é vasto campo de investigações scientificas e historicas, e que sabios e estudiosos dos mais afamados tem archivado as suas lucubrações e pesquizas felizes nos cincoenta e cinco tomos da *Revista do Instituto* que as bibliothecas d'aquem e d'além mar guardam como optimos productos de illustres obreiros do saber, que eu reverencio como o menor dos admiradores de tudo que é grande e ensina o caminho do bem.

. . . .

Motivou discussão no Instituto, ficando resolvido ouvir-se opportunamente o parecer de uma commissão especial, o trabalho biographico do Sr. D. Pedro II publicado no *Jornal do Commercio* de 2 de Dezembro de 1892 pelo Sr. Dr. Pedro Eunapio da Silva Deiró e do qual reproduzimos os topicos seguintes :

« Não escreveremos aqui o resumo de uma existencia consagrada ao cumprimento do dever ; só agruparemos alguns dos seus traços principaes.»

. . . .

« Pela nossa parte pensamos poder fallar—*sine ira et sine studio* — de um homem morto, mas que, durante a vida, podia ser admirado como um

bello exemplo de virtudes civicas, que fazem a honra da raça humana e nobilitam o seu paiz. »

. . . .

« Elle não precisa do brilho ephemero, que se lhe tem emprestado para engrandecer a sua memoria. Uma grandeza illusoria e vã é inteiramente inutil a quem sobejam as exuberancias de virtudes reaes, praticadas modestamente no throno durante meio seculo. »

. . . .

« Se a historia pesar o bem e o mal do reinado, a concha da balança do bem lhe será favoravel. »

. . . .

« Nós—os brazileiros—preferimos que, em logar de favor se faça justiça a este homem eminente, que, por todos os titulos, é digno de nossa veneração.

« Sem distincção de opiniões politicas, a alma nacional é tão nobre, que não recusa a homenagem devida á seu nome.

« Não : não são o seu genio e a sua sciencia, que nobilitam a sua patria e immortalisam a sua memoria : são os admiraveis exemplos de grandeza moral, de abnegação e de patriotismo.

« São estes o pedestal de sua gloria e n'estas alturas fulgurantes não o podem collocar todos os sabios do Instituto de França, mas só e unicamente a opinião publica do Brazil, que foi constante testemunha de sua magnanimidade e consagrou-a durante o laborioso periodo de seu reinado. »

. . . .

A 12 de Dezembro de 1892 o *Jornal do Commercio* publicou igualmente diversas observações mandadas de S. Paulo pelo Dr. Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, lente da Faculdade de Direito d'esta capital, contrariando algumas das opiniões emittidas com relação á seu pai o Sr. Visconde de Sepetiba e nos dias 17 e 18 do mesmo mez as replicas do Sr. Dr. Deiró. Quanto a Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho, Visconde de Sepetiba, *cujo nome* — no dizer de seu maior adversario Bernardo Pereira de Vasconcellos — *estava gravado na base da monarchia brazileira*, contém interessantes dados seu elogio funebre feito na sessão anniversaria do Instituto em 15 de Dezembro de 1855 por Manoel de Araujo Porto-Alegre, Barão de Santo Angelo.

O unico trabalho historico-biographico submettido á consideração do Instituto no concurso que para esse fim foi aberto anteriormente, não foi

julgado no caso de ser premiado, tendo sido unanimemente approvado na sessão de 2 de Junho de 1893 o respectivo parecer n'estes termos :

« Conformemente á honrosa incumbencia que me foi commettida pelo nosso Instituto, li, com a maior attenção, o manuscripto intitulado — Biographia de D. Pedro de Alcantara 2.º Imperador do Brazil e cujo autor se assignalou com a lettra A.

« A respeito d'esse documento não me é possivel dar um parecer tão desenvolvido quanto o exigiria a natureza do assumpto. A isso se oppõe o estado precario de minha saude. Limitar-me-hei, pois, a dizer que si o autor é algumas vezes justo nas suas apreciações á respeito do caracter muito nobre de D. Pedro II, todavia alarga-se tambem em minudencias que não interessando de modo algum a posteridade, destoam completamente dos fins a que se propoz o Instituto, quando poz em concurrencia a biographia do distincto monarcha. O que nós queremos como justa homenagem á memoria do nosso Augusto Protector, é um trabalho que, sem exageração, ponha em relevo as grandes qualidades que o distinguiram e tornaram digno de universal estima, empreza facil da qual bem póde ser encarregado qualquer dos membros do nosso Instituto. Tal é a minha succinta opinião que submetto ao juizo de meus illustres collegas. Rio de Janeiro, em 12 de Maio de 1893.— *V. de Beaurepaire Rohan.* »

O Instituto creando um premio para o melhor estudo historico e biographico apresentado no anno que seguio o fallecimento de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II não pretendia obter trabalho completo e definitivo, mas tão sómente fornecer aos contemporaneos o ensejo de livremente contribuir com trabalhos analyticos ou tão sómente dados para auxiliarem os futuros historiadores.

« E' evidente que esse trabalho de analyse (diz o Sr. Dr. Pedro Eunapio da Silva Deiró no seu já referido estudo) deve ser feito pelas gerações contemporaneas, que viram o homem : que conheceram a causa de seus actos, e soffreram as consequencias funestas, ou utilisaram-se dos resultados beneficos.

« Os posteros são incompetentes para fazel-o, embora o historiador futuro tenha outras vantagens sobre os contemporaneos : tenha mais ampla liberdade : não se veja empecido pelo temor de ferir as susceptibilidades e pela cobardia de callar a verdade, ou de pervertel-a como uma testemunha corrupta.

« Falta-lhes, porém, o sentimento da vida. Não os anima a paixão que dominava ou inspirava o tempo. Emquanto o historiador contemporaneo copia do vivo e tem o modelo real ante os olhos, o historiador futuro, que

não dispõe senão da difficil intuição do passado, é condemnado a pedir á analogia e á inducção os fundamentos dos juizos, que reconstituirão a obra da época, em que elle não vivera; ou recorrerá ás tradições, ás fabulas e legendas, que interpretará segundo o proprio temperamento, ou nos dará uma historia, que será a manifestação subjectiva do seu pensar e sentir: e não da realidade. »

Identicos pensamentos determinaram, por parte do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, a compilação em um livro especial de tudo quanto se publicou com relação a pessoa de S. M. o Sr. D. Pedro II, á partir de 5 de Dezembro de 1891, trabalho preparatorio para o panegyrico do Grande Brazileiro morto, de que se tem encarregado o 1.º secretario e se acha concluido.

A referida biographia, cuja autoria reivindicou o conselheiro Christiano Benedicto Ottoni, foi publicada por S. Ex. no *Jornal do Commercio* pelos ultimos dias de Junho de 1893 e posteriormente em pequenos livros. Tem dado logar a observações de A. C. C. M. na *Gazeta da Tarde* de 1 e 7 de Julho; a um protesto de Martim Francisco Junior no *Jornal do Commercio* de 2 de Julho; ao aviso do Dr. Affonso Celso no *Jornal do Commercio* de 3 de Julho; e aos escriptos estampados á 26 e 29 de Agosto no *Jornal do Commercio*. Respondeu o conselheiro Ottoni no *Jornal do Commercio* á 4 e 13 de Julho e 4 de Setembro ultimo.

O Sr. Christiano Benedicto Ottoni diz á proposito da libertação dos escravos:

« E' este o florão de gloria de D. Pedro de Alcantara. E' o diadema de luz, com que se apresenta ao Tribunal da Historia. Libertou um milhão de homens, sujeitos ao duro captiveiro, por tres seculos consolidado.

« Lançaram-lhe em rosto que só tinha em vista a sua gloria pessoal: e em verdade, estudados os pró e contra do seu caracter, vê-se que não foi o puro sentimento de humanidade, não foi o coração que o inspirou; foi a cabeça; fez acto de Estadista.

« Visava ao proprio renome; mas que nobilissima ambição! é das que só inspiram acções heroicas. »

. . . .

« A Princeza Regente, sanccionando a lei, não fez mais do que pôr um remate glorioso á obra do empenho do seu Augusto pai.

« E quem escreve estas linhas, sente-se feliz por ter encontrado um assumpto que póde tratar até o fim, sem uma palavra de censura ao illustre morto. »

Em outro capitulo eis como se exprime o Sr. conselheiro Ottoni:

« Desde a madrugada de 16 de Novembro de 1889 até a sua morte, a attitude de D. Pedro foi altiva e nobre.

. . . .

« Curvar-se calmo á força maior, marchar para o desterro com o pé firme e rosto sereno, é de animo varonil.

« O seu acto, a rejeição dos cinco mil contos que o Governo Provisorio lhe offerecera é mais que louvavel, é admiravel.

. . . .

« Sua vida na Europa, foi sempre sizuda; evitava o mais possivel toda a allusão aos acontecimentos do Brazil, continuava a cultivar a intelligencia, convivia com os sabios. »

No seu bello discurso na sessão de 4 de Março de 1892 disse o conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro—« E' cedo ainda para ajuizar com segurança o verdadeiro merito ou demerito de muitos actos por alguns não bem conhecidos, por outros mal apreciados, em suas causas e effeitos e em que tomaram parte vultos proeminentes da politica, sempre incerta e embaraçosa na solução dos mais importantes problemas da administração publica. Para Aquelle que a dirigio, o futuro que, como dizia Lomenie, se occupará muito menos com as nossas discordias do que com as nossas glorias, será certamente mais generoso do que o presente e então ser-lhe-ha feita inteira e cabal justiça. »

Parece-me ter lugar aqui uma phrase de Xenophonte lembrada na sessão anniversaria de 15 de Dezembro de 1877 pelo então orador do Instituto, Senador Taunay, quando ia fallar dos nossos mortos d'esse anno: « Sim, dizia Socrates já com a taça fatal em punho, levo d'esta vida profunda convicção — é que os homens honrarão a minha memoria. Para opprimidos, o juizo é outro, que não para oppressores. Consagrar-me-ha o tempo esse testemunho que nunca fui injusto para com ninguem, e, longe de ter sido corruptor, incessantemente trabalhei para tornar melhor aquelles que commigo conviveram. »

«A historia me fará justiça—eis minha fé consoladora», dizia o proprio Imperador em Pariz ao Sr. Affonso Celso que no seu citado livro ponderou:

« A historia do Sr. D. Pedro II é cedo ainda para tentar escrevel-a.

« D'aqui a cem annos assumirá proporções legendarias.

« Na vida incomparavel do monarcha americano encontrará um grande poeta, no genio do qual corra o estro parelhas com a philosophia, opulentos themas para a epopeia serena da virtude.

« E a radiosa culminação de tal epopeia será a parte consagrada á desgraça do imperial proscripto. »

. . . .

—

Entre as disposições estatuarias do Instituto Historico e Geographico Brazileiro acha-se uma que precisa se tornar bem saliente, a qual consiste no seguinte :

« Cap. IX — art. 68. — O Instituto terá uma arca de sigillo onde guardará todos os manuscriptos secretos, que devam ser publicados em época determinada.

. . . .

§ 8.º Toda a memoria ou documento enviado ao Instituto para deposito temporario na arca de sigillo deve ser lacrado pelo proprio autor, e virá acompanhado de uma carta ao 1.º secretario com assignatura do autor ou de pessoa conhecida, com declaração do tempo em que deverá fazer-se a abertura. »

A 8 de Abril de 1892, approvada a acta da sessão anterior, os Srs. presidente e thesoureiro, como clavicularios, procederam a abertura da arca de sigillo, que encerrava dous manuscriptos entregues pelo conselheiro Manoel Francisco Correia, de conformidade com os estatutos, nas sessões de 26 de Setembro e 10 de Outubro de 1890. Um tendo a indicação de ser lido tres mezes após o fallecimento d'elle, continuou archivado; porém o outro, declarando o envolucro que se deveria proceder á sua leitura depois da morte do Sr. D. Pedro II, foi aberto e como se acha consignado na acta respectiva — « o conselheiro Correia ahi lê a transcripção e apreciações de algumas das muitas notas á lapis, lançadas pelo ex-Imperador ás margens das paginas do livro de E. de Pressensé intitulado *Les Origines*, o qual lhe fôra pelo proprio Monarcha offerecido em 6 de Maio de 1884. Declara o autor que a sua Memoria tem em vista mostrar quanto o ex-Imperador se entregava aos estudos scientificos e patentear a sua orientação philosophica em que transparecem as crenças de catholico convencido. Finda a leitura o autor offerece ao Instituto o livro precioso que encerra essas notas e que será conservado como valioso documento para a biographia do seu annotador. Nos termos dos estatutos vai esse manuscripto á commissão de redacção, especialmente encarregada de pronunciar-se sobre o seu merecimento, sendo nomeado o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan para substituir o Sr. conselheiro Correia, autor da Memoria, e servir de relator. »

O parecer que foi apresentado na sessão de 22 de Abril é do theor seguinte :

« A' commissão de estatutos e redacção da *Revista Trimensal* foi presente a Memoria a cuja leitura procedeu o illustre socio honorario o Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia, na sessão especial de nosso Instituto Historico e Geographico de 8 do corrente mez. O que constitue o singular merecimento d'esta Memoria são as notas feitas pelo fallecido Imperador o Sr. D. Pedro II a diversos trechos do livro de E. de Pressensé *Les Origines*. Este documento é mais uma prova do elevado criterio e sabedoria do nosso Augusto Protector, de saudosa recordação, e como tal deve honrar as paginas da nossa *Revista*. Rio de Janeiro, em 20 de Abril de 1892.— *Visconde de Beaurepaire Rohan.— Tristão de Alencar Araripe.— Dr. Cesar Augusto Marques.* »

O Dr. Joaquim Galdino Pimentel, fez para o *Institut de France* uma versão franceza da mencionada Memoria a qual foi impressa e distribuida em avulso, tendo o original sido transcripto no *Jornal do Commercio* que tambem reproduzio (dias 10, 11 e 12 de Março de 1892) as refutações e rectificações do Sr. D. Pedro II á topicos da biographia do conselheiro F. J. Furtado escripta pelo conselheiro Tito Franco de Almeida — O exemplar assim annotado foi offertado ao Instituto Historico á 26 de Agosto de 1892 pelo conselheiro Correia em nome do Sr. Luiz José de Carvalho e Mello Mattos, filho do Dr. Mello Mattos que tendo acceito do Marquez de Sapucahy a incumbencia de explanar as notas de Sua Magestade fel-o brilhantemente nas suas *Paginas de Historia Constitucional 1840—1848— Rio de Janeiro 1870.*

Obtendo a palavra na sessão de 25 de Novembro de 1892 o conselheiro Correia apresenta esta carta :

« Rio, 11 de Novembro de 1892.

« Illm. e Exm. Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia.

« No livro do conselheiro Tito Franco de Almeida — Biographia do conselheiro Francisco José Furtado — offerecida pelo filho do finado Dr. Luiz José de Mello Mattos ao Instituto Historico e Geographico Brazilheiro, por intermedio de V. Ex. ha muitas notas á lapis, que foram escriptas por mim. Devo, entretanto, por lealdade declarar á V. Ex. para o fazer constar ao Instituto, á bem da verdade historica, que não fiz senão transcrever alli as que me foram confiadas pelo proprio Imperador o Sr. D. Pedro II.

« A Elle, portanto, devem ser attribuidas como seu autor que é.

« Aproveito o ensejo para renovar a V. Ex. a segurança da minha particular estima e alta consideração. — *M. P. de Souza Dantas.* »

Na referida sessão de 25 de Novembro o conselheiro Manoel Francisco Correia offereceu mais um artigo do Visconde de Taunay com um opusculo *Curiosidades do Paraná* escripto pelo mesmo Visconde e annotado pelo Imperador, cujas preciosas annotações foram communicadas aos leitores do *Jornal do Commercio* a 26 de Novembro de 1892, destacarei a seguinte com as observações do Sr. Visconde:

« A pag. 46, ao lado das ligeiras notas biographicas relativas ao meu venerando pai Felix Emilio Taunay, Barão de Taunay, fallecido a 10 de Abril de 1881 disse Sua Magestade: — «.Devo-lhe muitissimo, principalmente quanto ao amor do bello e seu cultivo. » — E traduzio o epitaphio por elle proprio feito e gravado na pedra marmore do seu tumulo (cemiterio de S. João Baptista):

« Philologue, à demi poète,
Spectateur éternel du beau,
Je perdis mon temps à sa quête . . .
Un doux regard sur mon tombeau. »

« Philologo, meio poeta,
E do bello sempre cultor,
Tempo perdi com essa méta . . .
Olhai-me a tumba com amor. »

No dia 18 de Dezembro o *Jornal do Commercio* continha um artigo do Visconde de Taunay contendo interessantes reminiscencias e uma carta do Sr. Dr. José Pires Brandão assim concebida:

« — Sr. Visconde. Veio a sua carta avivar-me a saudade, despertando no meu espirito a lembrança das bellas horas que passei em Cannes, ao lado do nosso Immortal Imperador. — Tive a ventura de poder admirar a sua egregia mente e sentir, a cada instante, a magnanimidade d'aquella alma, sem duvida, a primeira grandeza moral do nosso seculo! Não articulava a menor queixa; não fazia a mais leve exprobração.

« No throno o poeta da Legenda dos seculos comparou-o a Marco Aurelio; no exilio, foi exemplar unico!

« Fallava do Brazil com o amor e a ternura de um filho ausente e apreciava os seus homens com a mesma imparcialidade e justiça com que os governou.

« Incapaz de odios e desejos de vingança póde se applicar áquella Serena Magestade o que Rénan escreveu de Marco Aurelio — « Toute sa vie fut une étude à rendre le bien pour le mal. »

« Era o nosso paiz o assumpto favorito das suas conversas. Aprazia-se particularmente em recordar os tempos da sua infancia e seus mestres.

« Em uma d'essas occasiões conversava meu sogro, conselheiro Ferreira Vianna com Sua Magestade sobre os meritos de Fr. Pedro, bispo de Chrysopolis. Sua Magestade, confirmando o juizo do seu interlocutor, pronunciou estas textuaes palavras :

« Tem razão, era mathematico e bom mathematico : mas a quem tudo devo é ao velho Taunay. Espirito vasto, versado em quasi todos os ramos dos conhecimentos humanos, este, sim, foi o meu verdadeiro mestre.

« Recolhi logo este juizo de Sua Magestade ao meu livro de apontamentos de viagem, a par de outros sobre homens e cousas da nossa patria.

« Repetindo agora por escripto o que de viva voz já lhe referi, appelle se quizer, para o testemunho de meu sogro e do illustre brazileiro o Sr. Conde de Mota Maia, presente tambem na occasião. »

A 13 de Fevereiro de 1893 o *Jornal do Commercio* publicou novo escripto do Sr. Visconde de Taunay á proposito das annotações de Sua Magestade ao seu opusculo *Algumas Verdades* as quaes não cabem aqui, porém são de real valor historico e não podiam ficar sem referencia alguma.

O Sr. Visconde de Taunay por intermedio do Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia fez depositar na arca do sigillo do Instituto a 26 de Agosto de 1892 um envólucro que só deve ser aberta e o conteúdo publicado depois de 1943—Na sessão de 3 de Março de 1893 o commendador José Luiz Alves em nome do conselheiro Manoel Francisco Correia fez entrega de um enveloppe lacrado igualmente para ser guardado na arca do sigillo e aberto em época especialmente indicada.

—

Entre os livros removidos da Bibliotheca Particular do Sr. D. Pedro II muitos contém curiosas annotações de Sua Magestade, que serão opportunamente examinadas. Dentro de uma pasta foi encontrada uma quadrinha que se sabe ser da lavra do finado Imperador, a qual tem *profundo conceito* na opinião de quem a fez reproduzir nas Varias do *Jornal do Commercio* a 27 de Setembro de 1891 como segue :

« Muito vence, quem se vence,
Muito diz, quem não diz tudo ;
A um discreto pertence
A tempo fazer-se mudo. »

Tambem foi encontrado com versão portugueza do proprio punho do Sr. D. Pedro II o romance para piano e canto *Passiflore* (*) musica de Ambroise Thomas e palavras da Sra. Condessa de Chambrun, propriedade do editor Henri Heugel rue Vivienne 2 bis em Paris, tendo esta dedicatoria:

« A Sa Majesté Dom Pedro d'Alcantara. En hommage de la plus profonde et plus humble reconnaissance. Comtesse Jeanne de Chambrun Villa Chambrun 18 Février 1888. »

« Voici sur mon déclin la fleur que j'ai choisie
« N'este meu declinar é a minha flor querida
« D'autres l'appelleront fleur de la passion!
« Chame-n'a outros, embora, só flor da paixão
« Je la nomme fleur de la vie! fleur de la vie!
« Eu a chamo flor da vida! flor da vida!
« Qu'importe? c'est le même nom!
« Ha, pois, differença? não!

« Elle a la couronne d'épines,
« D'espinhos, tem a corôa,
« Et l'échelle qui mêne au ciel,
« Escada aos ceus se elevando,
« Et l'éponge, aux gouttes divines,
« Divinas gottas escôa,
« Tour à tour d'hysope ou de miel!
« Hysope ou mel distillando!

(*) Na publicação promovida pelo Revd. P. M. Fr. Polydoro de N. Senhora da Lapa — *Viagens ao interior do Brazil* — etc., etc., por João Mawe — Lisboa, na Impressão Regia — Anno 1820 — acha-se a seguinte descripção da flôr do Maracujá ou flôr da paixão — Passiflora — :

« He na forma redonda, qual Diadema,
« De pontas como espinhos rodeada.
« A columna no meio, é hum claro emblema
« Das chagas Santas, e da Cruz Sagrada.
« Vem-se os tres cravos, e na parte extrema
« Com arte a cruel lança figurada;
« A côr he branca; mas de um roxo exangue
« Salpicada, recorda o pio sangue. »

« Elle a le vert de l'espérance

« Tem o verde da esperança

« Elle a le violet du deuil !

« Tem do luto o ar roxeado !

« C'est la joie et c'est la souffrance,

« E' alegria, é dor que cança,

« C'est le berceau, c'est le cercueil !

« Berço, tumba de finado !

« C'est donc sur mon déclin, la fleur que j'ai choisie,

« E', pois, em meu declinio, a minha flor querida,

« D'une teinte pareille au jour qui va pâlir !

« Do dia qu'enlanguece tem o claro-escuro !

« Elle est l'image de la vie !

« E' ella imagem da vida !

« C'est le passé, c'est l'avenir !

« E' o passado, é o futuro !

O Sr. D. Pedro II gostava de fazer versos — porém ao correr da penna, não podendo por este motivo ser sempre feliz—e modesto em tudo jámais se considerou poeta, o que podem testemunhar distinctas personagens que privavam com Sua Magestade. Tambem era apreciador da musica.

El-Rei D. João VI, como é sabido, tinha no Rio de Janeiro uma orchestra sacra composta de cem artistas de nome sob a direcção de Marco Portogallo que auxiliava o cavalheiro Segismundo de Neukomm, discipulo favorito de Haydn, outra celebridade ao serviço de Sua Alteza a Princeza Leopoldina, que foi a primeira Imperatriz do Brazil.

O Sr. D. Pedro I é o autor de varias composições musicaes e apreciava os artistas como o Padre José Mauricio e outros. Elle mesmo tocava flauta. O Sr. D. Pedro II que aprendeu a tocar piano, deleitava-se em ouvir boa musica a ponto de tomar nota das phrases que mais lhe agradavam e transmittio seus gostos artisticos á sua Augusta filha a Sra. D. Isabel. Recordo-me que finda uma sessão do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, Sua Magestade recommendou ao Dr. João Severiano da Fonseca de proseguir nas suas buscas das musicas dos indios Brazís.

Na relação do occorrido na viagem do Principe Adalberto da Prussia no Brazil lê-se que no dia 8 de Setembro de 1842 o Sr. D. Pedro II mostrou ao seu hospede trabalhos de Daguerreotypia e que no dia 19 de Outubro o Imperador obsequiou a Sua Alteza Real com um retrato á oleo de Frederico II, pintado por Sua Magestade mesmo e que foi levado para Monbijou a residencia do Principe Adalberto.

O Sr. D. Pedro II era universalmente conhecido pela sua affabilidade para com todos, dispensando toda especie de etiqueta, a excepção comtudo das occasiões em que apparecendo officialmente sabia como poucos revestir-se de toda a dignidade de seu alto cargo e de passagem observarei que jámais deixou de responder na lingua nacional aos discursos dos diplomatas estrangeiros que apresentavam as suas credenciaes.

Em um livro que pertenceu ao Imperador encontrei a carta abaixo cujo theor me pareceu conveniente reproduzir em abono do que tenho dito.

« New-York June 26/76

« Emperor Dom Pedro

« Continental Hotel

« Philadelphia Pa

« Dear Sir

« In making your selection for purchases of works of art allow me to call your attention exhibit no 7225 in the Women's Pavilion (East entrance). It is a copy in Tapestry of Pierre H. Cot's celebrated oil painting entitled « Spring Time » which took the prize at the Paris Exposition. The piece on exhibition will commend itself to lovers of art who will admit there is nothing superior of its kinds.

« Enclosed I hand you photograph of the piece from one who saw it was in New-York City.

« Respectfully

« I. Francis Schiffield ».

Ahi seguem outras cartas igualmente achadas dentro de um livro da Bibliotheca Imperial — se bem que tratando de assumptos bem differentes

tambem mostram quão sabido era que S. M. o Imperador se preoccupava com todas as questões e sobre ellas era consultado e respondia como simples particular e bom patriota.

SOCIETA' ANONYMA BANCA COOPERATIVA PARTENOPEA
CAPITALE ILLIMITATO
Via Oronzio a Massa Flavio Gioia n. 16
NAPOLI

Napoli, 3 Marzo 1887
A Sua Maestá D. Pedro II
Imperatore del Brasile

Maestá

« Vi sembrará strano ch'io misero direttore di una Banca Popolare, mi dirigga a Voi Imperatore di una immensa regione: eppure feci ció dopo aver lungamente pensato, e mi son deciso a farlo quando ho saputo che nella persona dell'Imperatore havvi un cuore affettuosissimo pel suo popolo, e per tutti coloro che a Lui si diriggono.

« Maestá, perdonate la mia impertinenza se vengo con questa mia a chiedervi un consiglio, sul quale si fonda tutto l'avvenire di diverse persone.

« Maestá, alcuni miei amici sapendo che ho molto viaggiato han chiesto il mio parere sulla convenienza di stabilirsi nel Brasile, ed acquistare, ed avere in concessione, terreni atti a sviluppare l'agricoltura e l'industria.

« A costoro si é detto che nella Provincia di S. Paolo si potrebbe far molto, che il governo concede terreni coltivabili a mite prezzo, che incoraggia l'agricoltura e le industrie, che accorda garanzie morali a coloro che si vengono a stabilire costá, e fu detto ció ai miei amici da persone talmente serie, che essi avevan deciso partire per costá col Piroscafo del 22 Maggio prossimo, portando seco loro un discreto capitale.

« Io consigliai questi miei amici a dirigersi a persone piú competenti di me, ma loro hanno voluto assolutamente incaricarmi di un fatto tanto delicato onorandomi della direzione di questa novella associazione Agricola-Industriale.

« Maestá pria di accettare cosa di tanta responsabilitá ho pensato di dirigermi a Voi, a Voi, che siete tanto affettuoso per noi altri italiani.

« Ripeto ardisco troppo, ma una Vostra risposta potrebbe o farmi accettare l'offertami onerovole carica, o farmi sconsigliare i miei amici dalla resoluzione presa.

« Se la Maestá Vostra si degnerá rispondere che nel Brasile e particolarmente nella Provincia di S. Paolo si hanno concessioni di terreni atti alla coltivazione e queste concessioni vengono date dall'Imperiale

Governo, e da questi si facilitano le operazioni degli emigranti, i quali debbono, naturalmente, con la loro onestá e probitá a tanto affetto dimostrato dalla Maestá Vostra, io proporró ai miei amici di partir subito, acompagnandoli io stesso fino costá e ció a solo scopo di potere ossequiare la Maestá Vostra personalmente: se invece esser dovrebbe inconsiderato il passo che loro vorrebbere fare, io li sconsiglieró, e cosi tutti Vi dobbiamo essere grati per l'alto favore che la Maestá Vostra ci rende.

« Maestá, il dí che riceveró la risposta Vostra sará, per me, giorno d'immenso gaudio e vieppiú affermeró nell'animo mio il profondo affetto che sento per la Maestá Vostra.

« Ed ora nel chiedere alla Maestá Vostra perdono per tanto ardimento, mi raffermo della Maestá Vostra

« Devoto servo

« Pietro Serra Caraniolo ».

Berlin, d. 18. März 1888.

Allergrossmächtigster

Kaiser und Herr!

Unter den glücklichen Auspicien Ew. Kaiserlichen Majestät erscheint seit mehr als vier Decennien das umfassendste Florenwerk, welches die Welt zeitigte, die «Flora brasiliensis», mit deren Vollendung ein litterarisches Denkmal unseres Jahrhunderts geschaffen sein wird. Eine stattliche Reihe von Gelehrten der verschiedensten Nationen haben an dem Gelingen des Riesenwerks ihre Kraft gesetzt. Vor allem war die Seele und die Triebfeder für den rüstigen Fortgang des Werkes ein Gelehrter, dessen Hinscheiden nicht nur die deutsche Gelehrtenwelt bedauert, um welchen vielmehr die keine Grenzen der Nationen kennende Wissenschaft trauert. Vor etwa Jahresfrist, am 2. März 1887 starb zu Berlin der königliche Professor

Dr. August Wilhelm Eichler,

welchem seit nahezu zwanzig Jahren auch von Ew. Majestät hochwohllöblichen Regierung die Herausgabe der Flora brasiliensis anvertraut war.

Die Erinnerung an den Verstorbenen der Nachwelt zu überliefern war eine heilige Pflicht, und so versuchte es denn der unterthänigst Unterzeichnete ein Lebensbild des Verewigten in dem Nachrufe zu entwerfen, welchen Ew. Majestät in Ehrfurcht zu überreichen gestattet sein

möge. Das allzeit hohe Interesse, welches Ew. Majestät der Litteratur, auch der des Auslandes, entgegenbringt und das Bewusstsein, dass Ew. Majestät ein besonderes Wohlwollen für litterarische Erzeugnisse hegen, welche mit der wissenschaftlichen Erforschung des Ew. landesväterlichen Fürsorge sich erfreuenden Reiches verknüpft sind, ermuthigen Ew. kaiserlichen Majestät tiefergebenen Verfasser, den Nachruf mit der Bitte zu übergeben, denselben höchstgeneigtest antgegennehmen zu wollen als von

Ew. Majestät

ehrfurchtsvoll

ergebensten

Dr. Carl Mueller

königl. Assistenten am botanischen Institute der königlichen Landwirthschaftlichen Hochschule zu Berlin.

O Imperador na verdade considerava todos os homens de espirito culto e com alguns mantinha relações cordiaes.

Muitos e variados eram realmente os estudos que occupavam o Sr. D. Pedro II nas horas de lazer que lhe deixavam as funcções magestaticas, e nos ultimos annos de sua laboriosa existencia, apezar dos incommodos moraes e physicos que o acabrunhavam, nunca deixou de trabalhar.

Uma das ultimas producções litterarias do Augusto finado é o livrinho offertado ao nosso Instituto pelo Sr. Conde de Mota Maia—Poésies Hebraico—Provençales du Rituel Israélite Comtadin traduites par S. M. Dom Pedro II d'Alcantara Empereur du Brésil Avignon Séguier Frères Imprimeurs Editeurs, 13 Rue Bouquerie — 1891 — trabalho iniciado em Cannes no correr de Abril de 1891 e concluido em Vichy durante o mez de Julho.

Na respectiva introducção o Augusto autor tendo feito referencia a B. Mossé, o grande rabbino de Avignon, os editores puzeram em nota estas linhas: *Officier de l'Instruction publique, Fondateur et Rédacteur en chef de* La Famille de Jacob. *Membre des Académies de Marseille et de Madrid, auteur d'un grand nombre d'ouvrages d'exégèse, de littérature, d'éducation et d'histoire, entr'autres de la* Traduction littérale et littéraire des Psaumes, de l'histoire des Femmes de l'antiquité judaïque, *et tout récemment de* la vie de S. M. D. Pedro II Empereur du Brésil.

Os Israelitas em geral e mais especialmente os de Londres sempre tiveram o Sr. D. Pedro II na mais alta estima e consideração.

A presença de S. M. na *Central Synagogue* da *Great Portland Street*, durante o officio divino no Sabbado 8 de Julho do anno 5631, foi muito

apreciada e para comproval-o a respectiva congregação constituida pelos Srs. Revd. Dr. U. M. Adler. *Chief Rabbi*; Baron Ferdinand de Rothschild *Warden*; Barnett Meyers, Esquire, *Warden*; S. S. L. Miers, Esquire, *Treasurer*; Revd. A.L. Green, *Minister*; Revd. S. Lyons, *Secretary*; — offereceu ao seu Augusto visitante a reproducção manuscripta em caracteres hebraicos e a traducção ingleza dos termos da benção e oração *(Blessing and Prayer)* então proferidos em attenção ao Imperador do Brazil, a Imperatriz e todos os membros da Familia Imperial.

Sua Magestade recebeu tambem do *London Committee of Deputies of the British Jews* assignada em 14 de Julho de 1871 pelo presidente Moses Montefiore *(on Behalf of the Board)* uma declaração de apreço pela paz e segurança em que se acham os seus co-religionarios no Brazil sob o bondoso e paternal governo do Sr. D. Pedro II.

No Instituto Historico e Geographico Brazileiro existem ainda diversos documentos interessantes dos quaes indicarei dous que são do seguinte theor:

WASHINGTON NATIONAL MONUMENT SOCIETY

Resolutions of thanks to the Emperor of Brazil

Resolved

That the Washington National Monument Society return their heartfelt thanks to

His Majesty the Emperor of Brazil for

his highty appreciated present of a handsome and massive stone to be placed in and become a part of the Washington Monument : that they regard it as an expression of his admiration and veneration for the character and memory of Washington, and of the friendly interest he takes in the government established by the father of their country, and of the amity that exists between Brazil and the United States which they hope and believe will be perpetual, and of incalculable benefit to both nations.

Resolved. That the Society tender to His Majesty their earnest desire for the preservation of his health and the successful administration of his Government, and that they feel assured that he will go down in history as a good and great Emperor whose only ambition like that of Washington, was to secure the happiness and prosperity of his people.

City of Washington. District of Columbia.

United States of America. April 3rd A.D. 1879.

CORCORAN, Vice-President

Mo B. BLAKC, Secretary.

From a Convention of the Frieds of the Slave assembled from various parts of the World for the purposes of promoving the immediate, entire and universal abolition of Slavery, and the Slave Trade by those means wihch are of a moral, religions and pacific character, held in London, an the 12th and by adjournment to the 23rd of june 1840.

To His most faithful Majesty

Dom Pedro the Second, Emperor of the Brazil.

May it please Your Majesty.

«Righteousness exaltetd a nation, but sin is a reproach to any people: Righteousness is comprehended and enforced in this precept of the Lord Jesus Christ—» All things *whatsolver* ye would that men should do to you, do ye even so tho them.»

God hath made of one blood all nations of men for to dwell on all the face of the earth. «We are all of whatever nation» and clime, by nature the children of Adam, with the great Creator of all things, there is no respect of persons: all men are our *Brethren* and in this relation of *Brotherhood,* they are all entitled to te equal enjoyment of personal and civil liberty.

Slavery and the Slave Trade are violations of this great principle. The assumption by man of a right of property in man is in open opposition to the pure and righteous Law of God, and hence the herpetration of these crimes has ever been found to obstrud the happiness of man. Oppression and cruelty are their certain attendants: the have their origin in pride and avarice and they foment and streng then all the evil passions of the human heart.

In later years, the attention of the World has been increasingly directed to these enormous sins, and the Congress of the Representatives of the Sovereign assembled at Verona in November 1822 declared that they considered the Slave Trade «as a scourge which has too long desolated Africa, degraded Europe, and afflicted humanity.» The Slave Trade continues to exist in an aggravated form.

His estimated that upwards of Three hundred thousand human beings are annually sacrificed on the Continent of Africa, in the prosecution of this wicked traffic. In addition, upwards of Seventy thousand are annually transfered from the older the more navly settled Slave States in the United States of North America. Millions of the human race are also still retained in unrighteous and cruel bondage.

This Convention, therefore, being solemnly impressed with a sense of the national sin of Slavery and the Slave Trade, and under a settled conviction that the arly effectuel means to put an and to the Slave Trade is to abolish Slavery, does most earnestly and respectfully appeal to the Emperor of the Brazils, to employ all that influence and power with which Divine Providence has entrusted him, to secure immediate and inconditional liberty to the Slave.

His high time that the civilized World, and more especially those nations which bear the Christian name, should purge themselves from these foul abomination. We open our mouth far the dumb and pead for our brethren who cannot plead for themseves. The Lord Jesus Christ died upon the Cross equally for them as for us.

Great Britain has at length manumitted the Slaves in the West India and in other Colonies. It has been declared by the Law of the British Government, that Slavery shall for ever ceas in those Colonies. The appiests results have ensued.

Most gratifying reports have been now presented, showing that the Negroes have peaceably exchanged a state of Slavery for one of Freedom. Industry prevails, prosperity increases, and Christianity is honored and practised.

We desvie reverently to commit this cause to God. We implore his blessing ou this appeal. We prahy that throung the power of the Holy Spirit., rulers and subjects may in all Countries be brought to receive and to act upon the Gosphel of our Holy Redeemer and that the day may be hastened when violence shall no more be heard througnhout the habitable earth wasting or destruction within her borders.

On behalf of the Convention.

Tomas Clarkson, President.

27 New Broad Street, London.

Transportamos do *Jornal do Commercio* de 7 de Janeiro de 1893 estas linhas:

« Foi-nos mostrada uma carta do Dr. Seybold datada de Waiblingen (Württemberg) aos 5 de Dezembro ultimo da qual extractamos os seguintes topicos :

. . . .

. . . .

« A edição do « Vocabulario da lingua guarany de 1722 » ficará terminada no mez de Janeiro proximo e será consagrada á memoria

eterna do grande Imperador. Ufano-me de ter, graças ao immortal D. Pedro II, salvaguardado da destruição e do esquecimento tres grandes monumentos da lingua guarany, preciosos para as lettras americanas e para o Brazil, que nos annos do injusto e cruel exilio, tão reprovado pelo mundo civilisado, jamais sahio, um instante siquer, da lembrança do illustre monarcha, tanto amor, tamanha adoração lhe consagrava! E sempre tão meigo para com todos, a desculpar tudo, a mitigar resentimentos, a impedir juizos acrimoniosos, defendendo até aquelles que sempre se haviam mostrado republicanos. Mal se póde comprehender a immensa, inexcedivel elevação d'esse espirito, de alma tão superior. Sem exageração alguma, tinha muito de divino; tambem não o chamo senão « divus Petrus ». E quando Trajano, Tito, Antonino, Marco Aurelio e outros imperadores romanos merecceram semelhante titulo, não é muito que se appellide assim esse Brazileiro tão grande, tão justo, tão magnanimo, tão acima das contingencias humanas.

« Só quem o vio, quem o ouvio, quem esteve ao seu lado! Chegava a inspirar-me um respeito mystico, de assombro!

« Considero-o o autor intellectual, por um complexo de circumstancias que fôra longo demais narrar, d'aquellas grandes obras guaranys, levadas a fim por um dos muitos admiradores do seu genio, sim, genio!

« Em Londres, no Congresso Internacional dos Orientalistas e em Palos-Huelva, no Congresso Internacional dos Americanistas, mandei ler uma Memoria em homenagem ao Imperador, de que remetterei breve exemplares. »

Abstive-me de reproduzir no presente resumo das relações do Instituto com o seu Augusto Protector dados relativos ao homem de Estado, penso porém poder insistir sobre o seu caracter como particular e fazer referencias ao Monarcha, Protector das lettras estrangeiras como das patrias — confundindo-se com o povo nas festas academicas, palestras litterarias do Collegio D. Pedro II, conferencias da Gloria, etc., e que se dignou acceitar numerosos diplomas dos quaes se acham recolhidos no Instituto Historico e Geographico Brazileiro, os que forão encontrados na Quinta da Boa Vista, e cuja relação darei depois, sendo certo que muitos desapparecêrão. (*)

(*) Das muitas condecorações que tinha o Sr. Dom Pedro II só forão encontrados e levados para o Instituto os diplomas de Cavalleiro do Tosão de Ouro, Grã-Cruz de Leopoldo e bulla da Grã-Cruz do Santo Sepulchro; e das innumeras irmandades e associações religiosas, apenas os titulos seguintes: Santissimo Sacramento da Freguezia de N. S. da Candelaria (Rio de Janeiro) S. José e N. S. das Dores do Andarahy Grande (Rio de Janeiro) N. Senhora da Concelção dos Militares (Recife) N.S. do Amparo (Olinda), N. S. da Lapa (Porto) N. S. da Misericordia (Porto).

Eis como se exprimio o Sr. Albert Dubois em seu livro *La Belgique et l'Emigration Le Brésil* - Mons—Byx et Loret. Imp. Edit. 1883.

« Dom Pedro d'Alcantara II est une des figures les plus sympathiques parmi les souverains régnants. Il a compris que la science était le plus beau fleuron dont le chef d'un Etat pût enrichir sa couronne. Aussi s'est-il mis depuis longtemps en relation avec tous les savants d'Europe et d'ailleurs. De nombreuses académies s'honorent de le compter au nombre de leurs membres. Dom Pedro II est doué d'une activité remarquable, il travaille sans cesse. Quand les affaires de l'Empire n'absorbent pas son temps, il consacre ses loisirs à toutes les questions qui éveillent l'attention du monde scientifique. Il découvre même des astres et les signale à l'attention des spécialistes.

Il suffit du reste d'avoir vu Dom Pedro pour l'apprécier à sa juste valeur. On s'imagine difficilement un homme d'allures plus ouvertes. Sa tête où brille l'intelligence, encadrée de cheveux grisonnants et d'une barbe pleine, respire l'aménité. Rien de compassé ni d'apprêté. Aussi charme-t-il ceux qui l'approchent. Et tenez voici une anecdote qui prouve jusqu'à quel point S. M. pousse la délicatesse et l'urbanité.

« L'Empereur avait rencontré à Edimbourg, si mes souvenirs sont exacts, un éminent professeur d'une de nos Universités. Un beau jour pendant un voyage qu'il fit en Europe, traversant la gare de la ville où siège cette Université, il fit mander un commissionaire et lui donna l'ordre d'aller remettre sa carte de visite à ce professeur M. V. B. Le procédé est-il assez délicat ? Point n'est besoin de dire que le savant professeur fut profondément touché d'une semblable marque de bienveillance qu'il ne savait comment reconnaître. J'eus l'honneur peu de temps après, revenant d'un voyage en Hongrie, de faire la connaissance de M. V. B. et c'est lui-même qui me signala ce fait, non sans témoigner combien il avait été ému de l'aimable attention dont il avait été l'objet. »

Anteriormente o Sr. João José Moreira já fizera identica referencia (Cenni biografici di D. Pedro II Imperatore del Brasile — Roma — Stab. Typ. di Mambilla e Bernabei — 1871) dizendo: Quando l'augusto monarca si trovava in Milano gli venne vaghezza di vedere Alessandro Manzoni, uno dei piú grandi ingegni del secolo nostro, un caposcuola di letteratura italiana, e si portó o Brussuglio, dove attualmente dimora il sommo poeta, per ossequiarlo. Dopo un lungo colloquio tra i due illustri personaggi, il Manzoni volle com maniere gentili manifestare la sua riconoscenza per l'onor compartitogli da Dom Pedro : ma questi, quasi commosso, con

accento rispettoso gli rispose—Son io che mi onoro di essere stato ricevuto da voi: i secoli ricorderanno Alessandro Manzoni mentre gli anni avranno fatto perdere la memoria di Dom Pedro d'Alcantara.—Massima degna di quegli antichi saggi, la quale dà a dividere che la mente dell' Imperatore é grande e sublime.»

Existe no Instituto uma collecção de artigos cortados de jornaes europeus escriptos na occasião da primeira viagem de SS. MM. o Imperador e a Imperatriz, dos quaes vou reproduzir aqui alguns trechos:

« Marseille, 9 Février soir.—L'Empereur du Brésil, de retour ici, a visité ce soir le cercle de l'Union Artistique.

« Dom Pedro II s'est longuement entretenu de littérature et de beaux-arts, et a parlé provençal: il a invité à dîner pour demain Mistral l'auteur de Mircis. » (*Du Figaro le 11 Février 1872*)

« Nous trouvons dans le 19eme numero des *Guêpes*: dont nous publions plus loin le sommaire, la chronique suivante qu' Alphonse Karr a intitulée—Un homme très poli.

« Comme jeudi je revenais de Nice. Le chef de gare me dit: Ce matin, lorsque le train de 8 heures 19 minutes, venant de Cannes, s'est arrêté ici comme de coutume, un monsieur très poli m'a demandé si vous étiez à Saint Raphael: je lui ai répondu que vous étiez absent.—Ayez, m'a-t-il dit, l'obligeace de lui dire, à son retour, que j'ai regretté de ne pas l'avoir vu.—Alors, ai je dit à mon tour, monsieur voudra bien me dire son nom;—vous avez raison, a répliqué le voyageur en souriant, je suis l'Empereur du Brésil.

« Et le train de 8 heures 19 m. est reparti.

« Rentré chez moi, j'ai trouvé une dépêche arrivée de la veille et ainsi conçue: « De Nice pour Saint Raphael — M. Alphonse Karr — Maison Close, à Saint-Raphael.

« Un de vos lecteurs de prédilection, l'Empereur du Brésil, passera demain jeudi à Saint-Raphael, et sera charmé de faire votre connaissance personnelle. Sa Majesté quittera Cannes par le train de 7 heures 19 m.—Comtesse de Barral.

« Je me suis empressé de mettre à la poste une lettre qui, je l'espère, rejoindra l'Empereur, et lui portera mes remerciements, mes respects et mes regrets.

« C'est une petite circonstance qui peut tenir sa place dans l'éloge d'un souverain, que la pensée de vouloir connaître une sorte de philosophe sauvage et un diseur de vérités. « (*Du Journal de Nice, le 18 Février 1872*).

« L'Empereur et l'Impératrice du Brésil sont arrivés à Madrid avant hier matin.

« Une escorte et des voitures de la cour les attendaient à la gare du Nord où les autorités civiles et militaires ont reçu les Augustes voyageurs.

« Le lendemain de son arrivée, Dom Pedro assistait à une grande solemnité littéraire, à la séance annuelle de l'Académie Espagnole. Sa Majesté brésilienne a même prononcé, en castillan, un éloquent discours auquel a répondu le Marquis de Molin, président de l'Académie Espagnole. » (*Du Journal de Paris, le 21 Février 1872.*)

« Nous avons dit que l'Empereur du Brésil avait visité vendredi l'exposition de tableaux du Cercle Artistique. Dans la soirée du même jour, il s'est rendu au Lycée de notre ville où il a demandé à voir les élèves qui suivent le cours de grec moderne.

« Sa Majesté était acompagnée de M. Mélas jeune, un des membres les plus distingués de la colonie hellénique. On avait préparé un fauteuil et au milieu de la classe, mais Dom Pedro a voulu s'asseoir sur le banc des élèves et quand l'un de ces jeunes gens s'est avancé pour faire un compliment au Monarque, qu'elle n'a pas été la surprise des assistants d'entendre l'Empereur répondre en grec moderne avec une pureté d'accent qui a étonné M. Mélas lui-même : J'ai beaucoup étudié le grec moderne, a-t-il dit, et j'ai eté fort désappointé en ne trouvant pas à Paris un seul cours consacré à cette langue. Je vois avec plaisir que Marseille qui doit tant à la Grèce, n'oublie pas son origine — Et comme un élève lui demandait un jour de congé pour tous ses condisciples. — Non, mon ami, a répondu Dom Pedro, je ne suis pas ici comme souverain mais seulement comme simple particulier et d'ailleurs je suis peu partisan de ces vacances supplémentaires qui nuisent toujours aux bonnes études.

« A' sa sortie du Lycée, l'Empereur s'est dirigé à pied vers la rue de Lodi où il a assisté au cours d'arabe professé par M. Reynaud » (*Du Sémaphore de Marseille, le 12 Février 1872.*)

« Un des professeurs les plus distingués de notre Faculté de médecine nous adresse la relation suivante :

« Le principal motif du séjour de Dom Pedro à Montpellier a été le désir de connaître à fond notre Faculté de médecine dont la réputation était parvenue jusqu'à lui et dont le glorieux passé avait fait, parait-il une profonde impression sur sa haute intelligence.

L'Empereur du Brésil s'est rendu à la Faculté de médecine à sept heures du matin. Arrivé à l'improviste et sans avoir fait annoncer l'heure de sa visite, il n'a trouvé pour le recevoir, qu'un fort petit nombre de professeurs. Il s'est entretenu longuement avec ceux qui étaient présents, et, dans cette conversation, il a donné les preuves d'une connaissance approfondie de la doctrine médicale de Montpellier : il a cité des ouvrages et des noms de manière à faire comprendre qu'il possédait sur ce sujet des idées très exactes et puisées directement dans la lecture de certains livres publiés par quelques-unes de nos célébrités. Les travaux de Lordat et de Lallemand paraissent lui être familiers, et il a rappelé avec beaucoup d'à propos et de finesse les relations anciennes d'une partie notable du corps médical brésilien avec notre Faculté.

« Il a désiré parcourir en détail toutes les parties de l'établissement et s'est complu à demander les renseignements les plus minutieux sur les diverses branches de l'enseignement. Il a été vivement impressionné par l'aspect monumental de notre beau conservatoire d'anatomie et s'est arrêté avec satisfaction dans les salles de la bibliothèque : la collection des desseins originaux et des manuscrits, qui en constituent la principale richesse, a attiré son attention et provoqué de sa part des remarques piquantes et pleines de sens. La galerie des portraits des anciens professeurs ne l'a pas moins intéressé, et il a émis sur quelques-uns d'entr'eux des jugements bien motivés et généralement justes.

« Il s'est longtemps arrêté dans le laboratoire de chimie, dont le professeur lui a fait les honneurs avec le plus grand entrain. Sa Majesté a écouté d'une façon fort intelligente l'exposé de quelques-uns des travaux sortis de ce laboratoire et révélé dans une curieuse discussion qui en a été la suite, des connaissances à coup sûr fort inattendues. Il a demandé lui-même à être introduit dans la salle de dissection, la partie la moins attrayante assurément de notre Faculté et la plus négligée, en attendant que le pavillon en construction ait mis, par sa bonne installation, cette partie de l'établissement au niveau des autres. Enfin nos richesses botaniques ne pouvaient être oubliées dans cette inspection et les notions que possède Dom Pedro sur cette branche de nos connaissances, les désignaient déjà d'avance à son examen. Il y a consacré quelques instants que le mauvais temps l'a malheureusement contraint d'abréger.

« La visite dont nous venons de raconter les divers incidents a eu lieu sans apparat, en public, au milieu d'un groupe d'élèves attirés à la Faculté par la curiosité ou le souci de leurs études. Sa Majesté brésilienne a emporté, comme elle en a donné l'assurance à plusieurs reprises,

une bonne impression de son inspection matinale. Tous ceux qui ont pu l'approcher et l'entendre ont été frappés de l'étendue de son érudition et de la netteté de son intelligence, non moins que de l'aménité de ses manières et de la facilité de son abord.

« De la Faculté de médecine l'Empereur du Brésil s'est transporté à la Faculté des sciences où il a donné de nouvelles preuves d'un esprit investigateur, pénétrant et cultivé.

« Il est bon de retenir cet épisode de notre histoire locale ; il met en lumière la nature des souvenirs que réveille le nom de Montpellier et le genre d'attraits qu'il offre aux nations les plus éloignées. Il importe surtout de ne pas les laisser tomber dans l'oubli ou s'éclipser par une négligence compromettante : et nos efforts communs doivent tendre à élever, par d'indispensables perfectionnements, nos établissements scientifiques à la hauteur de cette renommée qui a fait la gloire et forme encore aujourd'hui comme le patrimoine de notre cité. *(De l'Union Nationale de Montpellier, le 13 Février 1872).*

« Nous complétons, en les rectifiant sur quelques points importants, les détails que nous avons donnés, d'après des indications erronées, sur la visite faite à nos établissements d'instruction, par l'Empereur du Brésil.

« A peine arrivé à l'hôtel Nevers, samedi à onze heures du soir, Sa Majesté a témoigné le désir de voir immédiatement M. le docteur Benoit, professeur de notre Faculté de médecine. L'Empereur a demandé à M. Benoit de l'aider à régler le programme scientifique de la matinée du lendemain. Je suis très avare de mon temps, lui a-t-il dit, et je suis venu à Montpellier surtout pour connaître sa Faculté de médecine et la collection minéralogique de sa Faculté des sciences. L'honorable professeur ayant demandé s'il ne serait pas agréable à l'Empereur d'être reçu par la faculté toute entière.—Non, a-t-il répliqué vivement, recevez-moi comme un visiteur ordinaire qui désire s'instruire, en tête-à-tête si c'est possible et sans aucune cérémonie. Epargnez-moi ces réunions nombreuses ou officielles qui font perdre le temps et détournent l'attention. — Cependant, il l'a autorisé à prévenir les professeurs des sciences chimiques et minéralogiques, dont il voulait obtenir des renseignements particuliers pour lesquels le docteur a déclaré son incompétence.

« Ensuite, dans une conversation pleine de verve, il a adressé des questions relatives à l'enseignement de l'Ecole de Montpellier, à sa philosophie, aux modifications amenées par les progrès de la science moderne, à l'histoire de ses illustrations. Le professeur Benoit n'ayant pu s'empêcher de manifester sa surprise de voir l'Empereur parler sur ces

différents sujets en homme compétent et bien informé, citer même un mémoire tout à fait spécial du professeur Lordat :—Ne vous en étonnez pas, a-t-il dit, je dois à Montpellier mon premier médecin, Thomas Gomes dos Santos, reçu docteur dans votre Ecole, qui me parle toujours de Montpellier, de ses maîtres: Baumes, Lallemand, Delpech, Lordat, Risueno d'Amador, dont il fut le compétiteur malheureux dans un concours scolaire. Vous me montrerez les régistres où se trouve consignée sa réception au doctorat. Vous me montrerez les portraits de ses maîtres... Je tiens à lui être agréable, car je suis bien aise de vous le dire, c'est *mon meilleur ami*, et il sera bien heureux quand je lui rapporterai des souvenirs de Montpellier.

« Le lendemain dimanche, à huit heures du matin, M. Benoit a reçu l'Empereur à la Faculté et lui a montré tout ce qui pouvait l'intéresser. Sa Majesté était accompagnée de son médecin ordinaire. Elle a exprimé une vive satisfaction en visitant le magnifique musée de la Faculté, sa riche bibliothèque et la salle des dessins originaux des grands maîtres. M. Kuhnholtz-Lordat, bibliothécaire, a particulièrement excité son attention en lui soumettant des manuscrits antiques, la correspondance de la Reine Christine de Suède, un manuscrit du Tasse, etc.— L'Empereur a voulu tout voir: les régistres où sont consignés la réception de Rabelais, le texte de la bulle du légat Conrad instituant l'Université de Montpellier, en 1220. Il a voulu même visiter les pavillons d'anatomie.

« M. M. les professeurs Béchamp et Moitenier l'ont entretenu, dans leurs laboratoires, de leurs travaux spéciaux et des recherches qui les occupaient actuellement.

« De la Faculté de médecine, l'Empereur s'est rendu, à pied, à la Faculté des sciences, où l'attendaient M. Chancel, doyen, professeur de chimie, et M. de Rouville, professeur de géologie. C'est surtout dans la salle de minéralogie qu'il a manifesté sa satisfaction de savant. L'illustre visiteur y a prouvé une compétence parfaite, et a provoqué des descriptions avec des détails techniques. M. de Rouville lui ayant présenté des roches brésiliennes, l'Empereur a exprimé, en termes d'un gracieux à propos, son désir d'être éclairé particulièrement sur les minéraux de la localité et sur les travaux géologiques dont le département a été l'objet et qui sont dûs surtout à M. de Rouville. Il s'est montré au courant des découvertes accomplies dans notre région, et, par exemple, des familles des cavernes de Lunel-Viel, à l'occasion desquelles il a rappelé les

dernières discussions sur l'origine et l'antiquité de l'homme, qui ont paru lui être très familières.

« Sa Majesté brésilienne a passé ainsi deux heures et demie dans nos deux établissements scientifiques où tout avait été préparé pour lui faire une réception digne du but sérieux poursuivi par le noble visiteur.

« Il est inutile d'ajouter que l'Empereur s'est montré très affectueusement reconnaissant de l'accueil qui avait été ainsi improvisé et grâce auquel il a déclaré avoir retiré de sa visite à Montpellier tout le fruit qu'il en attendait.—Ici, comme partout, il a donné des témoignages d'une intelligence très élevée, d'un savoir très étendu, unis à une bienveillance et à une amènité parfaites. » (*Du Messager du Midi de Montpellier, le 13 Février 1872.*)

Embora me torne longo demais, vou consignar aqui varios documentos do Instituto de França que achei entre os livros removidos da Bibliotheca Particular do Sr. D. Pedro II.

INSTITUT DE FRANCE

ACADÉMIE DES SCIENCES

« Paris, le 3 Juillet 1877

« Sire

« L'Académie, en appelant votre Majesté à prendre place parmi ses associés étrangers demeure fidèle à la plus ancienne tradition; elle n'avait pas d'autre manière de témoigner la reconnaissance qu'elle éprouve pour un souverain qui met au service de la science toutes les forces de son vaste Esprit et toutes les richesses de son vaste Empire; elle ne pouvait déclarer d'une manière plus éclatante, combien elle est sensible à l'intérêt profond que Votre Majesté prend à ses travaux.

« L'Académie avait le rare bonheur de rencontrer à la fois dans une seule personne, le Protecteur le plus élevé des sciences et le représentant le plus autorisé de l'ensemble des connaissances humaines; l'opinion publique lui dictait son choix.

« A côté de ces grands suffrages, je ne me permettrai qu'avec hésitation de placer l'expression particulière des sentiments que cette élection m'a fait éprouver, si depuis longtemps les bontés particulières de Votre Majesté ne m'y avaient autorisé.

« J'ai l'honneur d'être, Sire, de Votre Majesté le très obéissant et très dévoué serviteur.— *Dumas.* »

INSTITUT DE FRANCE

ACADÉMIE DES SCIENCES

« Paris, le 4 Juillet 1877

Les Secrétaires perpétuels de l'Académie à Sa Majesté D. Pedro d'Alcantara.

« Sire

« Nous avons l'honneur de transmettre à Votre Majesté l'ampliation d'un Décret rendu par Monsieur le Maréchal Président de la République Française le 30 Juin 1877 et approuvant son élection à la place d'Associé Etranger, vacante par le décès de Monsieur Ehrenberg de Berlin.

« En décernant ce titre à Votre Majesté comme un témoignage de la vive gratitude pour les services qu'elle a rendus à la science et comme l'expression du respect que la Compagnie professe pour votre Auguste personne, l'Académie des Sciences est heureuse de resserrer les liens qui l'unissaient déjà à Votre Majesté et de lui prouver combien elle est touchée de l'intérêt qu'elle daigne accorder à ses travaux.

« Nous sommes avec le plus profond respect, Sire, de Votre Majesté les très obéissants serviteurs. — *Dumas*. — *Bertrand*. »

INSTITUT DE FRANCE

ACADÉMIE DES SCIENCES

« Paris, le 4 Juillet 1877

« Décrèt

« Le Président de la République Française sur le rapport du Ministre de l'Instruction Publique, des Cultes et des Beaux-Arts.

« Vu le Procès Verbal de la séance tenue le 25 Juin 1877, par l'Académie des Sciences de l'Institut de France,

« Décrète :

« Article I. Est approuvée l'élection faite par l'Académie des Sciences de Sa Majesté Dom Pedro d'Alcantara, Empereur du Brésil, pour remplir la place d'Associé Etranger, devenue vacante par suite du décès de Monsieur Ehrenberg.

« Article II. Le Ministre de l'Instruction Publique, des Cultes et des Beaux Arts est chargé de l'exécution du présent Décret.

« Fait à Paris le 30 Juin 1877 (signé) *Mac-Mahon.*

« Par le Président de la République, le Ministre de l'Instruction Publique, des Cultes et des Beaux Arts (signé) *J. Brunot.*

« Pour copie certifiée conforme. — Les Secrétaires perpétuels de l'Académie des Sciences.—*Dumas.* -*Bertrand.* »

Rapport fait à l'Académie des Sciences par M. E. Chevreul au nom d'une commission chargée de présenter des candidats a une place vacante d'associé étranger.

On lit dans l'histoire de l'Académie des Sciences de 1720 que le Czar Pierre 1er assista à l'une de ses séances, le 19 de Juin 1717, et que plus tard Elle le nomma à l'une de ses places d'associé étranger. Cette nomination fut —elle regrettable? La lecture de l'éloge du Czar écrit par Fontenelle répond négativement à cette question. Quel était le peuple Moscovite à l'avènement du Czar Pierre 1er ? L'historien de l'Académie dit:

« Il régnait partout une extrême dépravation de mœurs et de sentiments qui n'était pas seulement comme ailleurs cachée sous des dehors légers de bienséance ou revêtue de quelque apparence d'esprit et de quelques agréments superficiels. Cependant ce même peuple était souverainement fier, plein de mépris pour tout ce qu'il ne connaissait point: *et c'est le comble de l'ignorance que d'être orgueilleux.* »

Pierre 1er mourut âgé de 52 ans, le 28 de Juin 1725, il avait régné conjointement avec son frère aîné Jean, dont la santé était faible. dit Fontenelle, et l'esprit imbécile, jusqu'en 1696 que ce frère mourut.

En définitive dans un règne de 24 ans, Pierre fut le Fondateur de l'Empire de Russie, et les progrès incessants du peuple Moscovite sous ses successeurs témoignent hautement que le Czar ne s'était point trompé dans les institutions qu'il avait données à l'Empire.

Quelle en est la cause?

C'est que sans tradition, sans précepteur, sans conseiller, Pierre avait en lui même tout ce qu'il fallait pour mériter le titre de *Grand* que l'histoire lui a conservé.

Quel principe le dirigea avant tout autre?

Le désir d'apprendre ce qu'il ignorait et de l'apprendre bien.

Comment le but fut-il atteint?

En choisissant des instructeurs, des maîtres capables et des juges indépendants et fermes, capables de prononcer sur la question de savoir si le Czar étudiant était capable de s'élever à une étude supérieure, comme s'il se fut agi d'un simple particulier. C'est ainsi que progressivement de grade en grade, le Czar de *simple tambour* devint vice-amiral.

Avec le besoin qu'il sentait de savoir, et de l'exemple qu'il voulait donner à son peuple, il quitta la Russie pour passer deux années dans les chantiers de la Hollande afin d'apprendre l'art des constructions navales.

De l'ancienne Académie des Sciences, passons à la première classe de l'Institut de France.

Une place d'associé étranger, vacante en 1802 était donnée non plus à une tête couronnée, mais à un Suédois d'origine, qui, selon les uns comptait dix-huit générations d'ancêtres établis en Angleterre, tandis que suivant les autres, il n'en représentait que la troisième. Quoiqu'il en soit, Georges Cuvier commençait en ces termes, le 2 Avril 1821, l'éloge de cet associé étranger.

« Les ouvrages que laisse après lui l'homme dont nous avons à vous « entretenir, *se réduisent à quelques feuilles, leur importance n'est pas* « *beaucoup supérieure à leur étendue, et cependant son nom brillera avec* « *éclat dans l'histoire des sciences.* »

La première classe de l'Institut de France pensait donc, en 1802, qu'un homme sans avoir attaché son nom à des œuvres scientifiques proprement dites, n'était pas indigne du titre d'associé étranger de l'Institut.

L'homme d'origine Suédoise, naturalisé Anglais, était Sir Joseph Banks, Chevalier Baronet, Conseiller d'Etat du Roi d'Angleterre, Grand-Croix de l'Ordre du Bain, Président de la Société Royale de Londres.

Certes, les premières lignes de Cuvier que l'on vient d'entendre sont trop fortes pour ne pas résumer les titres qu'il cite ensuite à l'appui des paroles qui terminent ces lignes : *et cependant son nom brillera avec éclat dans l'histoire des sciences.*

... !! Enfin, dit Cuvier, c'est le principal de ses titres à nos hom- « mages. Il, (Banks) a constamment regardé quiconque travaillait aux « progrès des sciences comme ayant des droits acquis à son intérêt et à « son assistance. Pendant cette guerre de vingt deux ans, qui a porté « des ravages sur presque tous les points des deux mondes, partout le « nom de Mr. Banks a été un palladium pour ceux de nos compatriotes « qui se livraient à des recherches utiles : Si leurs collections étaient « enlevées, il suffisait qu'ils s'adressassent à lui pour qu'elles leur fus- « sent rendues, si leur personne était détenue, le temps de lui faire

« parvenir leurs réclamations était le seul délai qu'éprouvât leur mise en
« liberté.

« ... On trouvera sans doute que de pareils services *équivalent à bien
« des livres* : et si, dans ce discours, c'est principalement la reconnaissance
« dûe à de nobles actions que nous avons à exprimer, ce n'est point trop
« augurer de nos auditeurs que d'espérer que ce sentiment ne sera pas
« moins vivement partagé par eux, que n'aurait pû l'être l'admiration pour
« de grandes découvertes.

En nommant associé étranger, l'ancienne Académie des Sciences, le Czar Pierre, et la première classe de l'Institut de France, Joseph Banks elles n'eurent jámais lieu d'encourir le reproche d'avoir manqué à la dignité des sciences dont elles sont en France la plus haute expression.

Voilà le passé, voyons le présent.

La commission nommée, pour présenter des candidats á l'une des deux places vacantes d'associés étrangers s'est réunie après discussion elle s'est décidée à présenter S. M. Dom Pedro II. Empereur du Brésil. et par un sentiment qui m'a vivement touché, elle m'a nommé á l'unanimité son rapporteur. Mes confrères de l'Académie m'ont accoutumé à trop de bienveillance pour leur taire les objections que je me suis faites avant une acceptation définitive. C'est d'une part, l'estime profonde pour le candidat, et d'une autre part. une reconnaissance trop vive pour ne pas être troublée de la pensée d'encourir après l'évènement, le reproche d'avoir accepté une charge au dessus de mes forces.

Des différences de temps, de climats, de mœurs distinguent les populations Russes des populations Brésiliennes : comme des différences de caractères. d'aptitudes et d'esprit distingueront toujours le Czar et Dom Pedro II : cependant un trait de ressemblance les rapproche l'un de l'autre: c'est *le besoin d'apprendre*. Mais lorsque le Czar trouvait des instructeurs, des maîtres aptes à le familiariser à la pratique de choses qui. selon lui, étaient des connaissances indispensables au Souverain de populations barbares livrées á des habitudes déplorables. Dom Pedro II gouvernant des populations sauvages. dispersées sur un vaste continent. et une population Européenne à laquelle lui même appartient et dont la civilisation remonte au monde Romain. aspirait à des idées bien différentes et de l'ordre le plus élevé. Dom Pedro II étudie solitairement. et avant tout. l'ensemble de ce que les sciences ont fait de merveilleux dans les temps modernes pour satisfaire aux besoins intellectuels des esprits les plus cultivés en même temps qu'au bien être matériel de tous. Ce qu'il sait, il en est redevable aux livres : sans doute ceux-ci parlent à l'intelligence par l'intermédiaire

des yeux, mais, ils sont muets aux questions qu'on voudrait adresser à un maître.

Si l'instruction solitaire, puisée dans des livres, est louable en principe, tel lecteur prendra l'erreur pour la vérité ; et tel autre, s'abandonnant à une imagination dominant la raison, s'éloignera plus ou moins du but qu'il voulait atteindre.

Dom Pedro II n'a pas subi les examens auxquels le Czar Pierre s'était soumis volontairement : mais il n'a pas reculé devant des épreuves bien autrement graves et plus multipliées. Il a voulu voir les savants, et ceux particulièrement dont il avait étudié les écrits. Dans des conversations pleines d'amitié, où le Souverain n'apparaissait que par la simplicité la plus noble, il était à l'unisson des savants les plus distingués avec lesquels il s'entretenait.

Les visites ont été répétées des années entières dans le monde savant, et les jûges, d'un commum accord, reconnaissent qu'aucun Souverain n'a jámais montré un esprit aussi éclairé par la science, ni un amour égal pour le progrès de la civilisation que l'Empereur du Brésil. Ici, le rapport d'un fait restera, je pense, sans contradiction.

Quand une guerre fatale eut désolé la France ; que des bombes eurent ruiné les serres d'un grand établissement scientifique, où des plantes tropicales avaient été réunies à grands frais, Dom Pedro intervint comme une Providence et les désastres furent réparés.

Nous ne pouvons prononcer le mot « *guerre* » sans nous laisser aller à l'esperance qu'elle deviendra de plus en plus rare. Mais envisager les choses comme ce bon abbé de Saint Pierre, serait quitter la salle où nous sommes, et, une fois dehors, s'abandonner, dirait-on, *à la folle des logis*, car le mot de Fontenelle est encore vrai : « *Les peuples ne s'accordent qu'à n'entendre point leurs intérêts communs.*

Restons donc sur le terrain de la réalité, et si dans ces derniers temps des faits douloureux ont affligé les cœurs patriotes, heureusement des faits contraires rassurent les hommes qui pensent que la *seule espèce perfectible* à laquelle ils appartiennent n'a pu être créée pour s'anéantir elle même. Le croire est une pensée de lèze humanité, est c'est méconnaître à la fois ce que le cœur de l'homme a de bon, ce que l'intelligence a d'élèvation et ce qu'a de vrai le calcul des probabilités. Repoussons donc cette triste pensee, et voyons si l'amour de la science en s'étendant de plus en plus dans le monde, n'est pas le moyen de propagande le plus puissant pour resserrer les liens de fraternité entre les peuples, et amener définitivement quelque jour le triomphe da la paix.

D'après cette double considération, nous ne pouvons séparer la jeune Amérique de la vielle Europe et particulièrement de la France à laquelle plus d'un lien scientifique la rattache encore.

N'oublions pas qu'en 1785, trois géomètres de l'Académie des Sciences, Bouguer, de la Condamine et l'astronome Gudin allèrent au *Pérou* mesurer un arc du méridien. Moins d'un siècle s'était écoulé, que le modeste monument élevé pour perpétuer la mémoire des savants français était tombé en ruine. Qui le fit réédifier ? Un Président de la République de l'Equateur. E'tait-t-il étranger à la France ? Non : il avait fait ses études à Saint Germain en Laye chez Mr. Mestro ; et, en 1805 sous le nom de Rocafuerte, il étudiait la chimie dans le laboratoire de Vauquelin.

De la Condamine avait eu le project d'acclimater les *cinchona* dans le vieux monde, mais son zèle et ses soins furent déçus, tous les plants étaient morts lorsqu'il s'embarqua pour retourner en France.

Plus tard, il ne dépendit pas d'un jeune français qui en Amérique avait servi comme ingénieur en même temps que des recherches de physique terrestre inscrivaient son nom dans l'histoire de la science à la suite de celles de Alexandre de Humboldt ; il ne dépendit pas de lui, répétai-je, qu'il ne realisât l'idée de la Condamine ; malhereusement le Ministre auquel il s'adressa ne comprit pas l'importance de la proposition qui lui était faite : elle n'eut pas de suite.

Heureusement à l'époque actuelle, le *bon* ne périt pas ; il reste *en puissance*. Ce qu'un peuple n'as pas fait, un autre le fera. Ainsi la France n'a pas acclimaté les *cinchona* dans le vieux monde : aujourd'hui le fait est accompli. Honneur à la Hollande qui la première a acclimaté, dès 1852, les *cinchona* à Java, sous le règne de Guillaume III et Mr. Pahud ministre. Honneur à l'Angleterre qui, depuis 1858, a déployé un zéle égal à son activité pour les acclimater dans l'Inde britannique! Reconnaissance à Mr. Harkart d'avoir répondu dignement à la mission dont il fut chargé par le gouvernement néerlandais! La décision du gouvernement britannique pour l'acclimatation des *cinchona* dans le Himalaya se fit longtemps attendre car la première proposition remonte à l'an 1830. Et cependant son auteur réunissait tous les titres à la confiance du gouvernement. C'était le Dr. Royle botaniste et savant remarquable par son érudition et ses connaissances variées concernant les antiquités et les arts industriels des peuples de l'extrême orient de l'Asie. Depuis 1830 il ne manqua pas une occasion de réitérer sa demande. Enfin 28 ans s'étaient écoulés, lorsque le ministre anglais le chargea de cette mission ; mais, quelques mois écoulés, la

mort l'avait frappé. Marchant, son successeur, l'accomplit avec succès, et il eut dans l'Inde un excellent coopérateur, Mac-Yvor.

Il sembla à la conférence du *Journal des Savants* que ses lecteurs ne seraient point indifférents à quelques articles consacrés à ce grand fait international accompli dans les colonies néerlandaises et l'Inde anglaise, surtout après une publication détaillée et fort intéressante insérée dans le *Journal de la Société d'Acclimatation* par M. M. Delondre fils et Soubeyran, deux de ses membres.

Pardon à l'Académie de cette digression, mais si elle n'eût pas été faite, une injustice était commise et la partialité aurait pu être reprochée au rapporteur. Après cette remarque, le fait suivant expliquera la digression.

Lors du premier voyage de Dom Pedro à Paris, le rédacteur des articles du *Journal des Savants* apprit à son grand étonnement qu'ils avaient été lus de Sa Mageste, et, à cette occasion, Elle lui parla de ses essais d'acclimatation qui remontaient au-delà de 1860. Des graines avaient été semées si près de la résidence d'Eté, qu'Elle pouvait en voir le développement sans sortir de ses appartements. Elle ajouta que des centaines d'arbres en pleine végétation prospéraient dans les montagnes des environs. Il y a donc justice à dire. Honneur à Dom Pedro qui a démontré l'acclimatation des *cinchona* possible dans le nouveau monde, loin des contrées où ces arbres croissent naturellement!

Des faits trop importants en faveur des idées qui ont dicté ce rapport, faits que je tiens de l'amitié du jeune ingénieur français devenu aujourd'hui une autorité pour les agriculteurs du monde entier, m'ont si vivement frappé que je me reprocherais toujours de les avoir passés sous silence.

Le jeune français, au moment de quitter Paris, faisait une dernière visite à Humboldt : dans une conversation qu'il n'a jamais oubliée, à sa grande surprise, le savant de tant de recherches et de travaux si divers exécutés en Amérique, lui donne *rendez-vous à Mexico* dès qu'il aurait satisfait à son engagement d'ingénieur. Mais la surprise cessa par l'exposé des raisons suivantes. De Humboldt et son compagnon de voyage, le célèbre botaniste français Bonpland, après des mois, des années passées dans les solitudes des Andes, visitent en 1800 des villes, dans quelques unes ils rencontrent des hommes qui les comprennent : ainsi, à Santa Fé de Bogotá leur surprise est au comble. Un Espagnol né à Cadix, Mutis, y est fixé ; il les entretient de ses travaux géodésiques, de ses observations astronomiques, de ses herborisations. Il y a plus, de jeunes savants créoles, élèves de Mutis, ont herborisé, tenu compte des altitudes où vivent les plantes, et de grands dessins coloriés reproduisent fidèlement leurs organes.

Des faits si inattendus produisent une vive impression sur de Humboldt. Il pense que dans un pays où il y a des hommes tels que Mutis et ses élèves, le progrès des sciences dépendait désormais non d'explorations passagères mais de centres fixes, où des savants distingués dirigeraient les travaux de pléiades de jeunes gens animés du feu de la science et qui auraient à leur disposition tout les moyens dont on peut faire usage aujourd'hui pour interroger la nature à l'aide de l'observation et de l'expérience.

Voilà l'explication du *rendez-vous donné à Mexico* où de Humboldt avait le projet, de se rendre après la publication de son voyage. Certes l'idée était excellente, et mon cher confrère me permettra d'ajouter à son récit qu'il y avait une prophétie dans ce *rendez-vous donné à Mexico*.

Evidemment, à mon sens, la perspicacité de Humboldt lui avait donné le pressentiment de l'avenir du jeune ingénieur, et déjà il le considérait comme un de ses successeurs dans l'étude de la physique du globe.

Mais le prophète fut en defaut quand il crut que les Espagnols américains, affranchis de la métropole, s'abandonneraient aux charmes de la paix en cultivant les sciences. Des guerres civiles imprévues survinrent, et le *rendez-vous à Mexico* n'eut pas d'effet.

Si l'opinion de Humboldt sur l'utilité des centres scientifiques heureusement répartis à la surface du globe était vraie lorqu'il l'exprimait à M. Boussigault, combien l'utilité s'en est—elle accrue aujourd'hui, quand l'attention fixée sur la vaste étendue de l'Empire du Brésil, on considère la richesse de sa faune et de sa flore, toutes les recherches dont elle peut être théâtre au double point de vue de la physique du globe et de la chimie appliquée à l'examen des minéraux et des principes immédiats des êtres vivants qu'elle nourrit ! Si passant à une autre ordre de faits, on prend en considération ses populations, où trouver des témoignages plus rassurants que la guerre ne viendra pas troubler la sécurité des savants livrés à leurs recherches?

Quand nous voyons ce Souverain après deux ans d'absence de son empire, y rentrer sans autre préoccupation que d'y faire le bien des populations Brésiliennes, nous revenons sur nos pas en demandant si les réflexions suivantes ne se présentent pas naturellement à tous ceux que l'étude de l'esprit humain intéresse quant à la manière dont il procède chez les hommes animés d'une vocation incontestable à laquelle ils doivent et *la conscience du bien et l'amour du vrai*, amour qui leur impose le devoir de rechercher pour la raison si l'imaginationou toute autre cause ne les a pas égarés du but qu'ils s'étaient proposé d'atteindre.

Nous l'avons dit, l'instruction puisée dans les livres muets au lecteur qui éprouve le besoin d'éclaircissements ne suffit pas pour instruire tous ceux qui s'en servent, mais les esprits vigoureux remettent à une occasion favorable l'éclaircissement de leurs doutes.

N'est-ce pas ce que Dom Pedro a fait dans ses premiers voyages, en consultant tout ceux qu'il jugeait capables de l'éclairer? Mais cette épreuve ne lui a pas suffi : de nouvelles méditations ont amené de nouveaux besoins de savoir, et le Souverain n'a-t-il pas jugé que deux nouvelles années de voyages d'informations et d'études étaient encore nécessaires à son but?

Faut-il s'étonner maintenant de la profonde estime qu'il a inspirée à tous ceux qui l'ont approché?

N'ont-ils pas acquis la conviction qu'en lui l'amour du progrès scientifique est égal à l'amour du progrès d'une civilisation capable d'assurer le bonheur de tous?

C'est à ce double titre que la candidature de S. M. Dom Pedro II est sympathique à la commission! — *E. Chevreul.*

O Sr.ª D. Pedro II, como é sabido, fallava bem o maior numero das linguas vivas da Europa, e estudára sériamente o latim, o grego, o sanscrito, o hebraico, o arabe, o persa, e o nosso tupi : tambem possuia reaes conhecimentos dos diversos ramos scientificos e como li algures—foi Elle talvez o homem de maior erudição que teve o Brazil.

Não menos notoria era a actividade de Sua Magestade : quer no paiz ou no estrangeiro, visitava estabelecimentos publicos e particulares de toda especie e a todos reconfortava com palavras animadoras.

Foi um Monarcha bondoso e de habitos simples o que não precisa mais ser demonstrado.

Em summa foi sempre o mesmo e aos 60 annos era o que fôra aos 25, em parte tão fielmente retratado no discurso que a proposito do finado Visconde de Sepetiba proferio Porto Alegre, na sessão de 15 de Dezembro de 1851 :

« A cidade do Rio de Janeiro, a de Nitheroy e Petropolis lhe devem serviços reaes : tres corôas torreadas adornam o pedestal de sua grata memoria.

« Falleceu em dias luctuosos, na força da epidemia e no emtanto de toda parte concorreram numerosos amigos ao funeral. O seu nome já pertence á historia.

« Se por um lado vemos baixar á sepultura homens tão caros á moral publica, pelo outro recebemos o mais bello lenitivo a tanta dôr.

« A nossa época apresenta um espectaculo digno da contemplação do futuro; a acção moral civilisadora prorompe e se manifesta; a caridade multiplicou-se debaixo da fórma de todas as virtudes sociaes, e os melhoramentos materiaes proseguiram diariamente atravez da peste: os ricos abriram os seus cofres. os pobres dividiram os seus bens, o seu pão e o seu trabalho; e o futuro no meio d'estes sublimes exemplos colherá mais esta pagina digna dos annaes da maior nação do mundo.

« O Imperador n'um dia visitava todos os desgraçados acommettidos da peste, no outro vinha sentar-se nos bancos do Instituto e nivellar-se com o cidadão; em outros inspeccionava as escolas. as fabricas, as casernas e os trabalhos dos filhos das musas.

« No Paço Imperial se renova a escola palatina; o Principe estuda e abre conferencias; discute o passado e prepara o futuro; compra livros na Germania, e engrandece a nossa bibliotheca americana. Estes factos não caminham isoladamente com as obras aconselhadas e intermittentes: vai ás aulas primarias, inspecciona a educação da familia que o hade circular na madureza da vida, e occupa-se do seu futuro; penetra a cella do franciscano, onde jaz o monge cego e quebrantado; honra a imagem fugitiva do grande orador sagrado, e dá-lhe como em signal de sua estima e veneração aquella cadeira antiga, onde o apostolo brazileiro o veneravel Anchieta. estudou a pratica de suas memoraveis conquistas, e d'ella subio tranquillo á presença do Senhor Deus!»

Eis agora um trecho de uma das paginas publicadas em 1891 pelo Sr. Visconde de Taunay que as escreveu para os estudiosos do futuro sob a denominação de *Algumas Verdades*:

« Ah! é uma historia curiosa e complicada essa do Sr. D. Pedro II, e tenho por sem duvida que a posteridade a analysará com a maxima attenção, prestando então homenagem inteira a uma das mais extraordinarias organisações de soberano, empenhado de coração em cumprir todos os seus deveres, philosopho da maior elevação já no throno, já no exilio e na desgraça, e mil vezes mais republicano. pelo estudo, por indole e meditação de que quantos se lembraram de fazer d'este paiz uma republica.»

Qualquer que seja o regimen vigente no Brazil, parece impossivel que a memoria de tão illustre varão não seja por todos os cidadãos acatada e considerada quer uma gloria patria, quer americana e mesmo universal, pois foi Elle um d'esses homens que honram a humanidade inteira.

O conego Januario da Cunha Barbosa foi propheta na sessão de 10 de Dezembro de 1843 em que terminou seu discurso com as palavras seguintes: « *podendo eu dizer agora como orgam do Instituto, que tanto se honra da immediata protecção de V. M. Imperial, o mesmo que dissera um nosso poeta epico :*

Deixareis monumentos gloriosos
A uma longa e feliz posteridade,
E ganhando obtereis com tanta gloria
Um nome eterno nos padrões da historia.

(Caramurú —Canto X, cit. 38)

. . .

Penso ter ligeiramente esboçado o que é o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o que foi para elle o seu Augusto Protector e o que ficou sendo a memoria de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, mas ao terminar lanço ainda mão de topicos dos discursos proferidos pelo orador do Instituto Dr. Joaquim Manoel de Macedo, nas sessões anniversarias de 1874 e 1877:

. . . .

« Os heróes redivivos que a musa inflammada de poetas descreve atravessando o espaço, ou visitando os campos de suas proezas, estão longe, de ser creações de todo imaginarias.

« No passado d'essa ficção fulge o dom providencial da immortalidade na terra pelo renome que os feitos e trabalhos grandiosos perpetuam, e nas proprias crenças absurdas que vem surgir das sepulturas pallidas e frias; mas em seus vultos de outr'ora, com o seu andar, com os seus modos, e até com a sua voz de outr'ora, finados a um ou cem annos, refulge a verdade da alma immortal, refulge a luz divina da eternidade.

« Ha redivivos: Homero ainda passa diante de nós, cantando e esmolando pelas cidades da Grecia; Platão com a sua republica; Socrates vendo Deus nos proprios momentos em que bebia a cicuta, ainda estão passando ante nossos olhos, depois d'elles conquistadores, philosophos, idealistas; no nosso seculo, emfim, os maravilhosos heróes da intelligencia e do trabalho: são redivivos: não atravessam, porém, o espaço, atravessam a nossa memoria: porque com o seu renome atravessaram os seculos e perduram na historia.»

. . . .

« Senhores. — Ha uma cobiça que é santa, como são commoventes e sublimes as ternas avarezas do amor maternal : é a cobiça do inventario das acções illustres dos finados benemeritos; mas n'aquellas avarezas ha sempre extremoso egoismo que Deus perdôa, sorrindo, e n'esta cobiça se expandem o zelo da gloria da patria e a gratidão da humanidade que Deus abençôa satisfeito.

« Do benemerito que morre, a avultante riqueza não está na fortuna ainda a mais opulenta que os herdeiros recolhem, fulgura na memoria dos feitos exemplares e das virtudes, e quanto mais se espalha, menos se esbanja; porque o radiar do justo renome é como a luz do sol que immensa se derrama e nunca se gasta, nem diminue.

« Este precioso legado moral tem o privilegio de tornar incompleta a morte; porquanto a sepultura do sabio, do heróe, do assignalado bemfeitor da humanidade é como o Hecla coberto de gelo e cheio de fogo, gelo de morte no cadaver sepulto, fogo de redivivo na inclyta memoria. Matal-os de todo só poderia outra morte não contada entre as parcas da antiga fabula, a morte assassina atroz e dissimulada, monstro que não tem olhos, nem ouvidos, nem coração, matando fria aos poucos e sem parecer que mata, a indifferença que é filha da insensibilidade, irmã do inverno, e mãi do olvido ; mas a indifferença, herva rasteira, vil damninha que prejudica, e desanima a florescente vegetação nos campos da vida, murcha e desapparece á porta do cemiterio ; porque alli na chamada mansão do silencio rompe de todas as cóvas fechadas e de todos os tumulos a voz que falla a todos os amores e a todas as gratidões, repetindo a saudosa expressão dos myosotis do Rheno e o grito supremo de Carlos I da Inglaterra — *Lembra-te*!... »

. . . .

Lembra-se com effeito o *Instituto Historico e Geographico Brazileiro* e como a sua lei organica lhe ordena colligir, methodizar e publicar documentos concernentes á historia do Brazil, saberá elle, honrando a memoria do seu Augusto Protector Immediato, cumprir a grata missão de trabalhar para que se faça luz e luz completa sobre a historia patria durante o reinado de *D. Pedro II*.

Novembro, 1893.

Henri Raffard

Relação de diplomas conferidos a S. M. o Sr. D. Pedro II, e que se acham recolhidos no Instituto Historico e Geographico Brazileiro com séde no Rio de Janeiro.

TITULOS DAS RESPECTIVAS INSTITUIÇÕES	SÉDE DAS INSTITUIÇÕES	CATEGORIA DOS TITULOS	ANNO DA EXPEDIÇÃO DO DIPLOMA.
Société Générale des Naufragés et de l'Union des Nations.	Paris.	Socio Protector.	1837
Olisiponensis Scientiarum Academia	Olisipone.	Socio.	1840
Institut Historique de France . . .	Paris.	Socio Protector.	1842
Real Sociedade das escripturas dos antigos povos boreaes do norte.	Copenhague.	Socio Fundador.	1842
Sociedade dos Artistas.	Bahia.	Primeiro Protector.	1844
British Academy of Universal Industry, Science and Arts . . .	London.	Socio.	1852
American Antiquarian Society. . .	Chicago.	Socio.	1858
Zoologische Gesellschaft	Frankfurt a m.	Socio Honorario.	1859
Sauveteurs du Midi.	Marseille	Presidente Honorario.	[illegible]
Société de Géographie	Paris.	Socio.	[illegible]
Institut Egyptien.	Alexandria.	Socio Honor rio.	1871
Societá Entomologica Italiana. . .	Firenza.	Socio effectivo.	1871
Société libre pour le développement de l'instruction et de l'éducation populaires	Paris.	Presidente Honorario.	1871
Société Nationale d'Encouragement au Bien.	"	" "	1871
Institut de Sauvetage Maritime . .	Marseille	[illegible]	1872
Société Hospitalière pour les Etrangers	"	Alto Protector.	1872
Société Botanique de France . . .	Paris.	Socio.	1872
Real Academia Sevillana de Buenas Letras	Sevilha.	Academico Eminente.	1872
Associação Humanitaria «A Phenix»	Lisboa.	Socio Protector.	1872
Sociedade Philantropico-Bemfeitora	Coimbra	Socio Bemfeitor.	1872
Academia Real de Bellas-Artes . .	Lisboa.	Academico Honorario.	1872
Real Academia Española.	Madrid.	" "	1872
Institution of Civil Engineers . . .	Westminster.	Socio Honorario.	1872
Ateneo Garganico di Scienze, Lettere ed Arti.	Sansevero.	Alto Protector.	1872
Real Associação Central de Agricultura Portugueza	Lisboa.	Presidente Honorario.	1872
Académie des Sciences, Arts et Belles-Lettres	Dijon.	Socio Honorario.	1873
Societas Botanica	Edinburgh.	" "	1874
Geographische Gesellschaft	Munchen.	" "	1874
Sociedad Economica Madrilense de Amigos del pais.	Madrid.	Socio correspondente.	1875
Associazione Nazionale Italiana degli Scienziati Litteratti ed Artisti	Napoli.	Socio Honorario.	1875
Athénée Oriental.	Saint. Etienne.	" "	1875
Academia Pittagorica.	Napoli.	Alto Protector.	1875
Berliner Gesellschaft fur Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte	Berlin.	Socio.	1875
Societas Caesarea Naturae Curiosorum Mosquensis	Moscow.	Socio effectivo.	1876
Sociedad Economica de Guatemala.	Guatemala.	Socio Honorario.	187[illegible]
Universitas Cæsarea Mosquensis.	Moscow.	" "	1876
Academy of Natural Sciences. . .	Philadelphia.	Socio correspondente.	1876
Société d'Anthropologie	Paris.	Socio Estrangeiro.	1876
Societas Medica Massachussetensis	Massachusset.	Socio Honorario.	187[illegible]
Académie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts de Belgique, ...	Bruxelles.	Socio.	1876

TITULOS DAS RESPECTIVAS INSTITUIÇÕES	SÉDE DAS INSTITUIÇÕES	CATEGORIA DOS TITULOS	ANNO DA EXPEDIÇÃO DO DIPLOMA.
Regia Scientiarum Societas Upsalensis	Upsal.	Socio Honorario.	1876
Northernhouse for friendless children.	Philadelphia.	Socio Perpetuo	1876
Université Impériale de St. Pétersbourg	S. Petersburgo.	Socio Honorario.	1876
Université Impériale de la Nouvelle Russie.	Odessa.	» »	1876
Université Impériale de St. Vladimir	Kiel.	» »	1876
Société Imperiale des Sciences Naturelles d'Anthropologie et d'Ethnographie attaché a l'Université de Moscow	Moscow.	Membro Associado.	1876
Société d'histoire et des antiquités sous le patronage de feu l'Empereur Alexandre II.	Odessa.	Socio Honorario.	1876
Sociedade Philologica Grega em Constantinopla	Constantinopla.	» »	1876
Sociedade Philologica «o Parnaso».	Athenas.	» »	1876
Sociedade Philomatica Grega do Cairo «Unidade»	Cairo.	» »	1877
Sociedade Amigo da Instrucção Homero	Smyrna.	Presidente Honorario.	1877
Sociedade Archeologica de Athenas	Athenas.	» »	1877
Accademia della Crusca.	Firenza.	Academico Correspondente.	1877
Société Centrale d'Horticulture de France	Paris.	Socio Honorario.	1877
Société Zoologique de France. .	»	» »	1877
Société Française d'Hygiene . . .	»	Presidente Honorario.	1877
Société Nationale Polonaise et des amis de la Pologne	Rapperswyl.	Socio.	1877
Reale Instituto Veneto di Scienze Lettere ed Arti.	Veneza.	Socio Honorario.	1877
Société de Géographie d'Anvers. .	Anvers.	Presidente Honororio.	1877
Société Centrale d'Agriculture de France	Paris.	Socio Estrangeiro.	1877
Reale Instituto di Studi superiori praticie de perfezionamento. .	Firenza.	Academico Honorario.	1877
Société Américaine de France, . .	Paris.	Socio Estrangeiro.	1877
Reale Associazione dei Benemeriti Italiani	Palermo.	Alto Protector.	1877
Sociedade de Geographia.	Lisboa.	Socio Correspondente.	1877
Société d'Ethnographie.	Paris.	Socio Estrangeiro.	1877
Société Centrale de Sauvetage de Naufragés	»	Membre Fondateur.	1877
Academia Panormitana Scientarum ac Litterarum	Panormi.	Socio Effectivo.	1877
Real Accademia Palermitana . . .	Palermo.	Academico.	1877
Société Polymatique du departement du Morbihan	Vannes.	Socio Honorario.	1877
Institut Confucius de France . . .	Bordeaux.	Alto Protector.	1877
Société Genevoise pour la protection des animaux	Geneve.	Socio Honorario.	1877
Royal Historical Society	London.	» »	1877
Associazione dei Reduci delle Patrie Campagne de 1848-49 al 1867. . .	Napoli.	Socio Honorario e Alto Protector.	1877
Authropological Institute of Great Britain and Ireland	London.	Socio Honorario.	1877
Associazione di Mutuo Socorso e Rappresentanza degli Operai Prestinai Meridionali	Napoli.	Socio Honorario e Alto Protector.	1877
Félibrige	Avignon.	Socio.	1877
Societa Italiana d'Antropologia ed Etnologia	Firenza.	Socio Honorario.	1877
Accademia Romana di S. Luca. .	Roma.	» »	1877

TITULOS DAS RESPECTIVAS INSTITUIÇÕES	SÉDE DAS INSTITUIÇÕES	CATEGORIA DOS TITULOS	ANNO DA EXPEDIÇÃO DO DIPLOMA.
Circolo Frentano, Scientifico. Letterario. Artistico, etc.	Larino.	Socio Alto Protector com medalha de ouro	1877
Academia Romulideun Senatus. .	Roma.	Accademico.	1877
Hospitaliers Sauvetenis Bretous. .	Rennes.	Alto Protector.	1877
Società Internazionale d'Incoraggiamento per le Scienze, Lettere Arti, Industrie, etc.	Napoli.	Alto Protector e medalha de ouro.	1877
Académie Poétique de France. . .	Paris.	Official Academico.	1879
American Bible Society	New-York.	Socio Perpetuo.	1879
Société des Chevaliers Sauveteurs des Alpes Maritimes	Nice.	Alto Protector.	1879
Société Normande de Géographie.	Rouen.	Socio Honorario.	1879
Société Académique Hispano-Portuguaise	Toulouse.	Alto Protector.	1880
Congresso Gymnastico Portuguez	Rio de Janeiro.	Socio Honorario	1880
Club de Leitura Porto-Cimense . .	Porto de Cima.	Presidente Honorario.	1880
Société des Amis des Muses . . .	E'vreux.	Socio Honorario.	1880
Wester Litterary Society	WesterMaryland	» »	1880
Freie Deutsche-Hochstift.	Frankfurt a/m.	» »	1880
Club dos Libertos contra a escravidão	Nictheroy.	Socio Benemerito.	1882
Gabinete de Leitura « Atheneu Ubatubense »	Ubatuba.	» »	1882
Sociedad Geographica Argentina.	Buenos-Ayres.	Protector Honorario.	1882
Instituto Geographico Argentino.	» »	Socio Honorario.	1882
Associação Promotora da Instrucção	Rio de Janeiro.	Socio Benemerito.	1882
Société contre l'abus du tabac. . .	Paris.	Socio Perpetuo.	1882
Reale Accademia Lucchese di Scienze Lettere ed Arti	Lucca.	Socio Correspondente.	1883
Reform Club	Fortaleza.	Socio Benemerito.	1883
Société de Typographie de France	Paris.	Presidente Honorario.	1883
Sociedad Mexicana de Historia Natural.	Mexico.	Socio Honorario.	1883
Club Litterario Caruarense. . . .	Caruarú.	» »	1884
Société de Géographie	Lyon.	Socio Perpetuo.	1883
Universitas Catholica Louvaniensis	Louvain.	Doutor.	1884
Corpo Collectivo União Operaria. .	Rio de Janeiro.	Protector.	1884
Club Litterario Victoriense	Victoria.	Socio Honorario.	1884
Société de Géographie	Tours.	» »	1884
Reale Accademia Eraldico-Genealogica	Pisa.	» »	1885
Associação Protectora da Infancia Desamparada.	Rio de Janeiro.	Presidente Honorario	1885
Société Royale des Sciences . . .	Liege.	Socio.	1885
Universitas Academica Edimburgensis.	Edimburgo.	Doutor em Letras.	1885
Cercle Nationali de Bienfaisance Sténographique.	Paris.	1º Socio Honorario.	1886
Sociedade de Geographia.	Rio de Janeiro	Presidente Honorario.	1886
Club Piraporense	Villa da Piedade	» »	1886
Société de Sauvetage du Département de la Corrère.	Breve.	Alto Protector.	1886
Accademia Poetica Stesicorea . .	Catania.	» »	1886
Instituto Polytechnico Brazileiro. .	Rio de Janeiro	Presidente Honorario.	1886
Société de Géographie.	Marseille.	Socio Honorario.	1887
Sociedade de Beneficencia Brazileira em Portugal.	Lisboa.	» »	1887
Union Protectrice des animaux. .	Cannes.	Alto Protector.	1888
Società Italiana di Mutuo Soccorso gli Artisti lirici e Maestri officiei	Milano.	Socio Protector.	1888
Association des Dames Françaises	Paris.	Socio Honorario.	1888
Accademia agricola - industriale letteraria - artistica « La Stella d'Italia ».	Chiete.	Alto Protector.	1888
Accademia dei Luicei	»	» »	1888

HOMENAGEM

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

em commemoração do fallecimento

DE

S. M. O SR. D. PEDRO II

TELEGRAMMAS ESTRANGEIROS

PARIZ, 3 de Dezembro (9 p. m.).

Continúa fraco o estado do Sr. D. Pedro II.

PARIZ, 4.

O Sr. D. Pedro de Alcantara passou a noite de hontem regularmente, hoje porém, durante o dia manifestou-se muito abatido e debil; sua fraqueza é grande.

(*Jornal do Brazil*, 5 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 4 de Dezembro (6 hs e 25 m. da tarde).

O estado do Sr. D. Pedro II aggravou-se. Os professores Charcot e Bouchard e Conde de Motta Maia não perdêrão ainda toda esperança de salvar o Augusto enfermo.

PARIZ, 4 (9 hs. e 33 m. da noite).

Augmenta a febre. O estado gravissimo do doente não permitte esperar que sobreviva mais de 48 horas. Os medicos guardão pouca esperança.

PARIZ, 4 (11 hs. e 25 m. da noite).

O Sr. D. Pedro II está agonisante. Foi-lhe dada a extrema-uncção pelo cura da igreja da *Madeleine*.

(*Jornal do Brazil*, 6 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 4 de Dezembro (11 hs.e 25 m. da noite).

D. Pedro está agonisando.

O cura da parochia da Magdalena acaba de ungil-o e dar-lhe a absolvição.

PARIZ, 4 (11 hs. e 55 m. da noite).

O ex-Imperador está expirando.

Seu quarto é o pequeno que fica contiguo e á direita da sala geral de recepção no segundo andar do Hotel Bedford,onde ha pouco hospedou-se o Sr. D. Pedro.

Já não tem mais pulso.

Depois da extrema-uncção ficou mais calmo.

Tem a sua cabeça branca pendida para o lado esquerdo

Perto do leito, está uma pequena mesa com um crucifixo.

Nos pés da cama ardem velas de cêra.

Em derredor estão ajoelhados em oração a Sra. D. Izabel, o Conde d'Eu e D. Pedro de Saxe.

D. Augusto é esperado de Vienna a todo o momento,

Mal se ouve a respiração do illustre enfermo.

E' impossivel descrever a solemnidade da occasião.

Achão-se presentes, no quarto e no immediato, os Srs. Condes de Aljezur, de Motta Maia e de Nioac; Viscondes de Cavalcanti e da Penha; Barões da Estrella, S. Joaquim, Penedo, Muritiba e Nioac: conselheiro Silva Costa, Alfredo Rocha, Dr. Eduardo Prado, Calogeras e Seybold, e as Sras. Condessa de Motta Maia, Baroneza de Muritiba e Silva Coutinho.

PARIZ, 5 (12 hs. e 30 m. da manhã).

Expirou o grande Brazileiro.

PARIZ, 5 (12 hs. e 45 m. da manhã).

Logo depois de expirar, as pessoas de sua familia, e as demais que se achavão presentes conservárão-se recolhidas em oração por algum tempo.

A Princeza levantou-se depois e foi abraçar o corpo de seu pai, retendo por muito tempo nas suas mãos a dextra paterna.

Todos os presentes beijárão então a mão do finado.

O Sr. D. Pedro parece apenas estar dormindo, tal é a placidez e compostura do seu venerando rosto.

(*Jornal do Commercio*, 6 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 5 de Dezembro (1 h. e 10 m. da manhã).

A' meia-noite e dez minutos o pulso do augusto enfermo torna-se filiforme, a respiração fraca e entrecortada, cahindo a cabeça sobre o hombro esquerdo.

O Sr. D. Pedro II recebeu a extrema-uncção no quarto situado junto ao grande salão do 2º andar do Hotel Bedford, cujas janellas dão para a rua de *L'Arcade*.

Foi armado um altar com crucifixo e tochas no quarto.

A Sra. Condessa d'Eu, em prantos, está ajoelhada junto ao leito do seu augusto pai, achando-se igualmente de joelhos os Srs. Conde d'Eu, Duque de Saxe e D. Pedro Augusto.

Estão presentes: Conde de Motta Maia (medico particular) Visconde de Aljezur (camarista de S. M.) Barão de Penedo, Visconde de Cavalcanti, Barão da Estrella, conselheiro Silva Costa, Barão de Albuquerque, Eduardo Prado, Alfredo Rocha, Sebastião Guimarães, Barão de S. Joaquim, Calogeras, professor Seybold (mestre de hebraico de S. M.) Ferdinando Hex, Condessa de Motta Maia, Baroneza de Muritiba, viuva Silva Coutinho e seis criados da casa.

PARIZ, 5 (1 h. e 15 m. da manhã).

A' meia-noite e vinte e nove minutos deixou de existir o grande Brazileiro, honra de sua patria.

(*Jornal do Brazil*, 6 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 5 de Dezembro (1 h. e 55 m. da manhã).

Falleceu hoje, ás 12 horas e 40 minutos da madrugada, o Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil.

PARIZ, 5 (3 hs. da manhã).

O Conde de Motta Maia, auxiliado pelos fieis criados do ex-Imperador, Camerlower e Boucher, acaba de vestir o cadaver.

Repousa este em um pequeno leito de madeira preta, adornado com bambinellas de seda azul.

Erigio-se no aposento um altar, onde ardem duas velas.

D. Pedro tem entre as mãos cruzadas um crucifixo de prata, abençoado pelo Papa.

A Princeza e outras senhoras brazileiras se acham ajoelhadas em oração.

O cadaver torna-se mais pallido. O rosto assume a côr de marfim branco.

O Sr. Conde de Aljezur acabou de lavrar o Auto de fallecimento que foi assignado pela familia e pessoas presentes.

(*Jornal do Commercio*, 6 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 5 de Dezembro (3 hs. e 40 m. da m.).

O Auto de fallecimento foi lavrado pelo camarista Conde de Aljezur, sendo assignado pelos membros da familia imperial e por todas as pessoas presentes á morte.

(*Jornal do Brazil*, 6 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 5 de Dezembro (5 hs e 20 m. da manhã).

Assim que se espalhou a noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro, as immediações das ruas *Pasquier* e de *L'Arcade*, para onde tem frentes o Hotel Bedford, enchêrão-se de povo, que ainda não se havia recolhido e que mostrava o maior sentimento pela morte de um homem, que é tão conhecido e respeitado aqui.

Dizem os medicos que esta ultima enfermidade do ex-Imperador era esperada e que o seu triste desfecho fôra previsto.

Emquanto pôde fazer uso das duchas, gozou de immunidade relativa contra accidentes pulmonares e resfriados.

Desde Junho, porém, quando foi atacado pela gangrena no pé, sendo obrigado a suspender as duchas, ficou sujeito aos perigos das constipações.

Ha quinze dias insistio em ir a uma sessão do Instituto, e depois d'ella deu, contra a vontade do seu medico, um passeio de carro até Saint-Cloud, pela margem do Sena. A noite estava fria e a cabeça do carro descida; o resultado foi o ataque de *influenza* ou *grippe*, de que dei noticias opportunamente. O insulto parecia ceder, mas recrudesceu com o resultado fatal de hoje.

PARIZ, 5 (8 hs. e 30 m. da manhã).

Todas as folhas d'esta manhã dão noticia da morte do Sr. D. Pedro.

Apezar da hora adiantada em que falleceu, todos puderão exprimir o profundo pezar que causa o fallecimento de um monarcha tão illustre pelo seu saber, pela sua bondade, pelo seu longo e pacifico reinado. Todos lembrão com gratidão a profunda sympathia que elle sempre mostrou pela França.

(*Jornal do Commercio*, 6 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 5 de Dezembro (8 hs. e 30 m. da m).

Todos os jornaes da manhã são unanimes em elogiar o Sr. D. Pedro II, quer como homem particular, quer como soberano.

(*Jornal do Brazil*, 6 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 5 de Dezembro (ao meio-dia).

A certidão do obito, assignada pelos Drs. Charcot, Bouchard e Motta Maia, dá como causa immediata da morte a pneumonia do pulmão esquerdo.

O corpo vai ser embalsamado pelo Dr. Poirier.

Não ha nada decidido ainda quanto ao funeral.

Hoje, ás 8 horas, houve missa no aposento mortuario, a que assistirão, além de grande numero de brazileiros, os Duques de Némours e de Chartres.

Fez-se declaração formal da morte na *Mairie* do 8º *Arrondissement* em que está encravado o Hotel Bedford. Espera-se o medico da *Mairie* para a verificação official do obito.

(*Jornal do Commercio*, 6 de Dezembro de 1891).

PARIZ, **5 de Dezembro** (1 h. e 10 m. da tarde).

Os professores Charcot e Bouchard e Conde de Motta Maia declarão, na certidão de obito, que a morte foi devida a pneumonia aguda do pulmão esquerdo.

Foi feita a declaração de obito na *Mairie* do 18º districto pelos camaristas Visconde de Cavalcanti, Barões de Penedo, de Muritiba e da Estrella.

Esta manhã foi rezada uma missa na Camara mortuaria com assistencia de grande numero de brazileiros.

O Dr. Poirier foi incumbido de embalsamar o corpo.

LONDRES, **5** (2 horas da tarde).

O *Times* publicou hoje um longo artigo sobre o Sr. D. Pedro II, lamentando que esse soberano, que tinha tanto amado e tão bem servido o seu paiz, se tornasse, em algumas horas um exilado, condemnado a soffrer crueis provações e a succumbir em terra estranha.

(*Jornal do Brazil*, 6 de Dezembro de 1891).

LONDRES. **5 de Dezembro** (2 e 45 da tarde).

A noticia da morte de D. Pedro é muito sentida aqui pois o ex-Imperador era geralmente respeitado.

(*Jornal do Commercio*, 6 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 5 de Dezembro.

Falleceu hoje ás 12 horas e 45 minutos da madrugada o Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil.

(Serviço da *Agencia Havas* — publicado em varios jornaes de 6 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 5 de Dezembro.

Depois do nosso ultimo telegramma, noticiando a opinião do Dr. Figueiredo de Magalhães, que, observando pessoalmente, em sua qualidade de clinico abalisado, reputava proximo o desenlace fatal, o que fielmente transmittimos, o Sr. D. Pedro de Alcantara mostrou-se cada vez mais abatido, de fórma que os seus intimos receiavão que expirasse sem os soccorros da igreja, repentinamente, em um momento em que a sua attenção desvelada se distrahisse.

No começo da noite de hontem, os Drs. Charcot e Motta Maia estavão de accôrdo em que o passamento não se podia demorar muitas horas e assim realizou-se, dando o ex-Imperador do Brazil o ultimo suspiro ás 12 horas e 40 minutos da madrugada de hoje, e 28 minutos pelo meridiano de Pariz, correspondente a 9 horas da noite, segundo o meridiano do Rio de Janeiro.

PARIZ, 5.

O Conde e Condessa d'Eu havião sido chamados a Pariz desde que os soffrimentos do Sr. D. Pedro de Alcantara assumirão caracter assustador.

E desde a sua chegada, um só momento não abandonárão a cabeceira do Augusto enfermo. As pessoas mais intimamente ligadas á ex-familia imperial, das colonias portugueza e brazileira, estiverão tambem presentes até a hora do fallecimento.

Os jornaes da manhã, sem distincção de côr politica, referem-se hoje á pessoa do finado em termos dignos de menção, relembrando os serviços que D. Pedro prestára ao Brazil, frisando o seu amor á terra do nascimento.

O passamento já foi telegraphado a todas as côrtes européas e começão já a affluir os telegrammas de condolencias.

Notámos os de SS. MM. D. Carlos e D. Amelia, de Portugal; os dos Condes de Pariz. Em derredor do corpo do finado têm sido collocados bellissimos ramalhetes de flôres naturaes e artificiaes.

O Sr. D. Pedro de Alcantara recebeu os ultimos

sacramentos da igreja, que lhe forão administrados pelo cura da Magdalena, seu amigo particular.

Contão-se por centenas as pessoas da melhor sociedade pariziense que têm ido dar os pezames á Condessa d'Eu.

PARIZ, 5.

D. Pedro de Alcantara, desde a sua chegada n'esta capital, fôra residir no Hotel Bedford, situado na rua *L'Arcade*.

Diversos aposentos ahi occupára com a sua comitiva. O seu gabinete de dormir, porém, era o quarto n. 391, onde passou os dias de sua enfermidade e falleceu.

O ex-Imperador do Brazil, em tempo noticiámos, adoecera da influenza, agora endemica. Em seu organismo debilitado, a molestia não tardou a degenerar em pneumonia e a esta enfermidade succumbio.

A hora exacta do passamento foi meia-noite e dez minutos, ou pelo meridiano do Rio de Janeiro 8 horas e 48 minutos da noite de 4 de Dezembro.

Achavão-se então ao seu lado o Conde e a Condessa d'Eu, o Principe D. Pedro Augusto, os Condes da Penha e da Estrella, o Visconde de Cavalcanti, os Drs. Silva Costa e Eduardo Prado.

Não assistirão á agonia, porque não a houve. D. Pedro de Alcantara recebeu todos os sacramentos das mãos do cura da Magdalena, e calmo aguardou a morte, lembrando-se até o ultimo momento da patria, fazendo votos pela felicidade e prosperidade do Brazil.

Forão estes os seus ultimos pensamentos e palavras. Os que se achavão ao seu lado dizem que extinguio-se-lhe a vida, sem que o seu rosto denotasse o minimo soffrimento.

Como dissemos em um dos nossos telegrammas de hoje, affluem a cada minuto os visitantes ao Hotel Bedford. E ahi deixão cartões de pezames. A Condessa d'Eu continúa a receber immensos telegrammas de condolencias.

O corpo vai ser embalsamado e será transportado para Lisbôa. O dia d'esta trasladação ainda não foi

designado, sendo certo que a esta ceremonia precederá officio funebre solemne na igreja de Magdalena, onde o corpo será depositado em Capella ardente.

(*O Paiz*, 6 de Dezembro de 1891).

PARIZ. 5 de Dezembro (3 hs. e 40 m. da manhã).

A camara mortuaria é uma verdadeira capella de flôres. Não ha mais espaço onde collocar os tributos floraes que estão chegando.

Nas duas ruas do Hotel fazem comprida e ininterrupta cauda grande multidão de pessoas, anciosas por inscreverem seus nomes nos registros que se achão para esse fim no escriptorio do Hotel.

O pateo interior d'este, assim como suas proximidades, estão repletos de tudo que Pariz conta de mais notavel nas Lettras, Artes, Politica, Finanças. Commercio e Industria, e tambem na aristocracia franceza.

— O Presidente Carnot, achando-se ausente de Pariz, ordenou a todo o seu Estado-maior militar que, em seu nome, fôsse apresentar seus pezames á Sra. Princeza D. Izabel.

Com effeito vierão esta noite n'essa commissão, trajados com a farda de grande gala, o general A. J. Brugère, general de divisão, secretario geral do Presidente e chefe de sua casa militar, o almirante Jaureguiberry, os coroneis de Chamoin e Dalstem e o chefe de esquadra Pistor, que saudárão a Princeza pelo Sr. Carnot.

—A Sra. D. Izabel foi tambem vísitada pela ex-Rainha D. Izabel II da Hespanha, e pela Infanta D. Maria Eulalia, sua terceira filha.

— A Princeza tem recebido grande numero de despachos telegraphicos de toda a Europa e da America.

Entre elles notei os do Imperador da Austria-Hungria, do Rei Oscar II da Suecia-Noruega, que era enthusiastico admirador do Imperador, do velho Rei Christiano IX, da Dinamarca, em seu nome e no de seus filhos, da Rainha regente da Hollanda, dos Grão-Duques de Hesse-Mecklemburgo, de Baden, do Luxemburgo, dos Duques de Gotha, da Imperatriz viuva da Allemanha.

— Devem chegar amanhã a esta capital as Princezas D. Januaria e de Joinville, irmãs do finado Imperador.

— Amanhã (domingo), ás 9 horas, será o corpo embalsamado pelo Dr. Poirier.

Depois d'isto será depositado na Capella ardente.

Dahi será conduzido para a igreja da Magdalena antes de ser transportado para Lisboa, onde encontrará repouso final na igreja de S. Vicente de Fóra, ao lado do da Imperatriz. (1)

PARIZ, 5 (5 hs. e 20 m. da tarde).

O Conde d'Ormesson, introductor dos embaixadores, veio em commissão do Ministro dos Negocios Estrangeiros apresentar á Princeza, em nome do Governo e do povo francez, os sentimentos de seu profundo pezar pela morte de seu pai, e fazendo sentir a Sua Alteza que o Governo da Republica Franceza deseja prestar ao corpo do finado, por occasião do sahimento, as maiores honras funebres, que póde decretar (2)

PARIZ, 6 (1 h. e 25 m. da tarde).

O Sr. Freycinet, presidente do conselho e ministro da guerra, veio apresentar os pezames á Princeza, acompanhado dos generaes, seus ajudantes de campo.

— Os livros da porta já têm mais de 40 paginas, cada um, cheios de assignaturas.

— O grande pintor Bonnat escreveu uma tocante carta lastimando que, por enfermo, não possa vir a Pariz, retratar o Imperador.

— Madame André Jacquemart fez o retrato do defunto, no seu leito.

— Começárão agora a transformar o aposento em Capella ardente.

Estão forrando o quarto com velludo preto com estrellas de prata.

Continuão a chover flôres e telegrammas. (3)

---

(1) Reproduzido no *O Brazil* do dia 8 de Dezembro de 1891.

(2) Reproduzido no *O Brazil* e no *Correio do Porto* de 8 de Dezembro de 1891.

(3) Reproduzido no *O Brazil* de 8 de Dezembro de 1891.

PARIZ, 6 (4 hs. e 55 m. da tarde).

O cadaver foi embalsamado pelo Dr. Poirier, ajudado pelos Drs. Charcot Junior, Tramand e Baudiau.

Seis litros de chloridrato de zinco e aluminio forão injectados na carotida em presença de Mr. Caseneuve, magistrado delegado pelo tribunal local.

Não se fez autopsia.

O cadaver está vestido com o uniforme de general, com as fitas das grã-cruzes das ordens brazileiras, e envolvido em uma bandeira.

Em frente ao altar ha quatro enormes lampadarios de prata, com tochas accesas.

— Os despachos telegraphicos recebidos até este momento já excedem de 2,000.

Os dos soberanos são especialmente calorosos nos elogios que fazem ao Imperador, sobretudo os do Imperador Guilherme da Allemanha e do Rei da Italia, que mandão condolencias em nome de seus povos.

A Princeza tem recebido muitos despachos dos Estados-Unidos, Chile e da Republica Argentina. (4)

PARIZ, 6 (6 hs. e 40 m. da noite).

N'este momento começa a affluir muita gente para vêr o cadaver na Camara ardente. Nas ruas adjacentes ao Hotel é enorme a concurrencia de povo desejoso de penetrar n'aquella Camara. Notão-se a burguezia, sobretudo professores, grande numero de brazileiros que residem modestamente em Pariz e mesmo pretos e pretas que por meio de soluços manifestão o seu pezar.

Dous sacerdotes fazem oração junto ao cadaver.

Está resolvido que o funeral será realizado quarta-feira.

Os jornaes de Nova-York trazem artigos em que, desenvolvidamente, mencionão os grandes serviços prestados ao Brazil pelo fallecido. (5)

PARIZ, 6 (7 hs. e 40 m. da noite).

O Conde Ormesson voltou ao Hotel para de novo

(4 e 5) Reproduzido no *O Brazil* de 8 de Dezembro de 1891.

communicar á Princeza a intenção do Presidente da Republica de prestar as honras funebres de que acima fallei, accrescentando que o Governo francez e a opinião publica desejavão extremamente que fôsse acceita essa homenagem.

A Princeza accedeu então a essas instantes solicitações, e ordenou ao mesmo tempo que o cadaver seja conduzido terça-feira, á tarde, para a igreja da Magdalena.

Depois das exequias que se realizarão quarta-feira, partirá o cortejo funebre em direcção á estação da estrada de ferro ; d'ahi seguirá o feretro para Lisboa.

O Ministro da Guerra mandou telegraphar ás guarnições das provincias mais proximas de Pariz ordenando aos respectivos commandantes que fação partir as forças de que dispoem que virão reunir-se ás já existentes n'esta capital, afim de prestarem as honras militares.

Todo o ministerio e corpo diplomatico comparecerão officialmente ao acto. (6)

BUENOS AYRES, 6.

Toda a imprensa traz artigos encomiasticos ao finado Imperador do Brazil. A *Patria Italiana* publica o seu retrato.

(*Jornal do Commercio*, 7 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 5 de Dezembro (3 hs. e 50 m.)

A Camara mortuaria está cheia de flôres, enviadas por Brazileiros e Francezes.

Amanhã ao meio-dia será exposto o corpo embalsamado.

O registro dos visitantes está cheio de assignaturas das summidades d'esta capital, representantes de todas as classes da sociedade.

O Presidente da Republica, M. Carnot, mandou todo

---

(6) Reproduzido no *O Brazil* e no *Correio do Povo* de 8 de Dezembro de 1891.

o seu estado-maior militar, tendo á sua frente o general Brugère, apresentar as suas condolencias.

Têm chegado já telegrammas de soberanos e principes dirigidos á Condessa d'Eu.

PARIZ, 5 (5 hs. e 20 m. da manhã).

Os telegrammas recebidos de todas as partes do mundo são tão numerosos, que não foi possivel ainda abrir-se a quarta parte d'elles.

PARIZ, 5 (12 hs. e 35 m.)

Antes das 10 horas havião sido recebidos o Principe de Joinville, os Duques de Aumale, de Nemours, de Chartres, que, como o Conde de Nioac, se retirárão, não suppondo tão proximo o desenlace fatal da molestia.

As unicas pessoas presentes na occasião da morte são as que mencionei no meu telegramma anterior.

A extrema-uncção foi administrada por monsenhor Rebours, cura da Magdalena. O illustre enfermo havia recebido a communhão no dia 2 de Dezembro por occasião da missa que se celebrou no seu quarto.

— A agonia durou duas horas, e as suas unicas manifestações forão a perda dos sentidos e a respiração fraca. O rosto emmagrecido, cercado da sua bella barba branca, não apresenta signal algum de dôr. Logo que cessou de respirar, a Princeza, derramando copiosas lagrimas, mas conservando perfeita dignidade na sua grande dôr, levantou-se e beijou a mão de seu Augusto pai. Todas as pessoas presentes a imitárão.

— O corpo será embalsamado, e far-se-hão exequias solemnes na igreja da Magdalena. Será depois levado para Lisboa, onde será depositado no tumulo da Casa de Bragança.

— Por occasião dos funeraes, ser-lhe-hão prestadas aqui as honras militares.

— Alguns jornaes da manhã annuncião já a sua morte em termos muito sympathicos.

O artigo de Ed. Hervé, membro da academia franceza e director politico do *Soleil*, começa assim : — « Desappareceu d'este mundo um grande homem, um homem de bem. »

No artigo dos *Débats* se lê : — « D. Pedro inaugurou uma éra de prosperidade até então desconhecida. Exilado, infeliz, pobre, tendo recusado a pensão que lhe foi offerecida, D. Pedro veio encontrar de novo em França a mesma hospitalidade que aqui recebêra em dias melhores. »

O *Figaro* disse :—« As tristezas do exilio tornão esta magestade duas vezes sagrada para nós. Consumio a vida inteira no estudo,nas reformas e no amor do seu paiz. »

O *L'Eclair* escreveu : — « D. Pedro foi até a sua morte philosopho, humanitario, liberal e um tanto ideologo. »

O *Petit Journal* :— « Póde-se dizer que tudo quanto se fez de generoso no Brazil,de ha 50 annos para cá, foi inspirado por elle. Apezar de tantos serviços que prestou, foi desthronado por uma rebellião militar no Rio. »

L'Echo de Paris : — « Era um Imperador philosopho. Fazia lembrar Marco Aurelio quando visitava a Europa e Trajano quando estava no Brazil. Os Francezes acompanhão com um sentimento de sympathia este Imperador desthronado, que foi, sobretudo para elles, um hospede amavel e academico livre. »

A *Lanterne* : — « Foi um soberano illustrado e liberal, tanto quanto póde ser liberal um Imperador. Tinha consolidado o governo constitucional no Brazil. »

O *Mot d'Ordre* : — « Instruido, muito trabalhador, era um homem de sciencia em toda a accepção da palavra. »

O *Temps* disse : — « No reinado de D. Pedro, o Brazil havia alcançado a estabilidade interna que o distinguia do estado cahotico das republicas vizinhas. A sua politica externa, temperada de firmeza e moderação nas guerras gloriosas, que tinhão por fim destruir as tyranias de Rosas e de Lopez, havia dado ao Brazil uma preponderancia incontestada na America do Sul. Discipulo fiel dos reformadores philantropos do XVIII seculo, tudo fez para extinguir a nodoa da escravidão. A abolição, preparada desde 1871 e realizada em 1888, será para a historia a honra imperecivel desse reinado de meio seculo. »

O artigo termina com as seguintes palavras : — « elle desapparece no momento em que, por todos os lados, seja qual fôr o ponto para onde alguem se volte, nuvens sombrias toldão o horizonte da patria, que elle nunca cessou de amar. »

O *National*:— « Não lhe hão de faltar demonstrações de respeito por parte dos Francezes. Saberemos honrar um soberano que, occupando um throno, soube conservar-se homem e philosopho. Nem derogamos lei alguma republicana, prestando homenagem aos seus manes. »

O *Le Jour* : — « Elle havia conquistado em França uma popularidade real ; e ha de ser sentida a sua morte no logar mais recondito das nossas provincias, como se fôsse a de um dos bemfeitores da França. »

A *France* publicou : — « Elle poderia servir de exemplo a muitos republicanos : reinou meio seculo sobre um vasto imperio sem se enriquecer ; para elle a corôa foi um peso, os republicanos francezes envião, todos elles, a esse morto a expressão de sua sympathia e de seus pezares. »

A *République Française* : — « Foi com respeitosa sympathia que os parizienses souberão da morte d'essa nobre figura de soberano emmoldurada na sua bella barba branca de um sabio da antiguidade. Seu longo reinado será considerado como um dos periodos mais pacificos, prosperos e felizes da historia do Brazil. Após sua quéda, a paixão generosa pelas cousas do espirito foi sua consolação. »

Todos os jornaes prestão-lhe homenagem á excepção do *Radical* e da *Bataille*, o primeiro diz umas poucas de sandices e o segundo profere injurias contra « o tyranno, homem interesseiro, que vivia de uma pingue pensão paga por seus adversarios. »

PARIZ, 6.

Entre os numerosos visitantes, que levárão pessoalmente os seus pezames á Augusta Familia do ex-Imperador, contão-se o Sr. de Freycinet, presidente do conselho de ministros e ministro da guerra, e o general Brault, chefe do gabinete e ajudante de campo.

PARIZ, 6.

O corpo do Imperador foi embalsamado esta manhã, tendo começado a exposição do cadaver ás 4 horas da tarde. Enorme multidão estende-se em cauda pela rua de *L'Arcade*. O cadaver está com uniforme de marechal do exercito brazileiro, tendo ao peito ás grã-cruzes do cruzeiro e da rosa e a facha de seis ordens honorificas. Está com a antiga bandeira brazileira, cujo escudo, entretanto, desapparece sob o montão de flores. Innumeras corôas têm sido de todas as partes enviadas.

Os salões e a escadaria do Hotel estão repletos de visitantes de todas as classes, que renovão-se incessantemente. Continuão a chegar, por centenas, telegrammas de todos os pontos.

PARIZ, 6.

As exequias do Sr. D. Pedro II serão celebradas quarta-feira, ao meio-dia, na igreja da Magdalena.

O corpo ficará depositado na crypta da igreja durante alguns dias e depois irá para Lisboa.

PARIZ, 6.

O Governo francez prestará ao illustre morto as mesmas honras reaes, que fôrão prestadas a Sua Magestade o ex-Rei do Hanover.

— O ministro de Portugal, junto ao governo francez, acompanhará o corpo até Lisboa.

LONDRES, 6.

Toda imprensa exprime-se com admiração e respeito em relação ao Sr. D. Pedro II.

BRUXELLAS, 6.

Todos os orgãos da imprensa d'esta capital prestão homenagem á memoria do Imperador.

BERLIM, 6.

Os jornaes berlinenses são unanimes nas suas manifestações de respeito ao Sr. D. Pedro II, exalçando as suas eminentes qualidades.

ROMA, 6.

A imprensa d'esta manhã consagra toda ella palavras de elogio e veneração ao Imperador do Brazil.

NOVA YORK, 6.

N'este paiz produzio profundo pezar a noticia da morte do Imperador do Brazil. Os jornaes d'esta cidade publicão artigos que todos fazem a maior honra ao fallecido soberano.

BUENOS-AYRES, 6.

Os jornaes d'esta cidade lamentão a morte de D. Pedro de Alcantara. A *Patria Italiana* deu o seu retrato. (7)

(*Jornal do Brazil*, 7 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 6 de Dezembro.

A imprensa européa, sem distincção de crenças politicas, publica hoje em suas columnas artigos editoriaes sobre o Sr. D. Pedro II, elogiando-o, quer como soberano, quer como homem particular.

LISBOA, 6.

As côrtes portuguezas votárão unanimemente os sentimentos de pezar pela morte de D. Pedro de Alcantara.

O cadaver do illustre morto, que deve ser embalsamado em Pariz pelo Dr. Poirier, é esperado n'esta capital, onde serão feitos os funeraes.

(Serviço da *Agencia Havas* — publicado em varios jornaes).

PARIS, 5 de Dezembro.

Multidão enorme afflue a todo o momento ao Hotel Bedford. Reconhecemos nos que ahi comparecem, todas

(7) Reproduzido na *Gazeta da Tarde* de 8 de Dezembro de 1891.

as illustrações d'esta capital, os cavalheiros mais distinctos, diplomatas, representantes de todos os jornaes e correspondentes de folhas estrangeiras.

Sua Alteza a Condessa d'Eu franqueou a todos os visitantes o accesso da sala mortuaria. E' o proprio quarto de dormir do Sr. D. Pedro de Alcantara.

O ex-Imperador do Brazil ainda se acha no leito onde exhalou e ultimo suspiro. O rosto pallido guarda todos os traços de sua physionomia caracteristica. Nota-se que os transes da morte não lhe alterárão a imponencia habitual. Vê-se immediatamente que passou da vida ao sommo eterno com a serenidade do justo, perfeitamente calmo.

Envolve-lhe todo o corpo o pavilhão brazileiro, do tempo do Imperio. Sobre o peito repouza um crucifixo de prata, ultima dadiva de S. S. Leão XIII, ha poucos mezes enviada de Roma e benta pelo pontifice.

O embalsamamento só se realizará amanhã,nas primeiras horas do dia. A' tarde continuará em exposição o cadaver do Principe.

São muito notaveis os artigos da imprensa parisiense em relação ao illustre morto. Os jornaes da tarde tratão miudamente dos ultimos instantes do Sr. D. Pedro de Alcantara, referindo todas as demonstrações de pezar até agora prestadas.

PARIZ, 6.

Procedeu-se hoje de manhã ao embalsamamento do Sr. D. Pedro de Alcantara.

Cerca do meio dia foi vestido o cadaver com a farda de marechal e collocado de novo sobre o leito mortuario, onde ficará em exposição até quarta-feira proxima.

Quinta-feira, segundo foi determinado, realizar-se-ha na igreja da Magdalena a ceremonia do funeral, de accordo com o ritual, prestando-se-lhe honras imperiaes.

Sua Alteza a Sra. Condessa d'Eu continúa muito visitada e tem recebido telegrammas de condolencias enviados por todos os soberanos europeus, principes, summidades litterarias, scientificas e financeiras. O Sr. Sadi Carnot, presidente da Republica Franceza, foi dos pri-

meiros a dar os pezames, sendo para este fim representado pelo coronel commandante de sua casa militar.

Procurámos informações sobre as ultimas vontades manifestadas pelo ex-Imperador e soubemos que o Sr. D. Pedro de Alcantara não deixou testamento.

A inhumação é provavel que se realize em Lisboa. Está sempre resolvido que o corpo seja trasladado para a capital portugueza, não tendo sido ainda fixado o dia em que se realise.

(*O Paiz*, 9 de Dezembro de 1892).

PARIZ, 7 de Dezembro (10 horas da manhã).

E' improficuo e impossivel resumir todos os testemunhos de reverencia da imprensa franceza a vida do Imperador.

Ha só uma nota, unisona de elogio á sua memoria, a imprensa mostrando-se especialmente grata á particular estima que o Sr. D. Pedro tinha pela França.

Houve, entre os 60 jornaes de Paríz, tres sons discordantes n'este côro,—os dos anarchistas *Intransigeant*: *Bataille e Radical.*

Sómente por amor de curiosidade menciono suas opiniões que constituem, por assim dizer, o lado comico d'esta solemne e imponente manifestação.

O *Intransigeant* diz que *D. Pedro était un souverain passable.*

O Bataille ensina a seus leitores que *"l'Empereur était un vieil avare, enfui du Brésil avec une bonne partie du Trésor Notional.* „

O Radical, depois de *mostrar* que os serviços allegados de Sr. D. Pedro são muito exagerados, cita a emancipação, para a qual se affirma que elle cooperára efficazmente.

Negando isto, diz a folha citada que " *Dom Pedro n'a rien fait pour l'abolition de l'esclavage, qui fut l'œuvre des deux grands Brésiliens, José do Patrocinio et Angelo Agostini.*»(8)

---

(8) Reproduzido na *Gazeta da Tarde* de 8 de Dezembro de 1891.

NOVA-YORK, 6 (meio-dia, retardado).

A noticia da morte do Imperador tem causado aqui a mais profunda sensação. D. Pedro era geralmente respeitado e admirado, sua visita de 1876 tendo deixado as mais gratas recordações.

A noticia da morte chegou aqui ante-hontem muito tarde, de modo que só hoje se pôde a imprensa manifestar ácerca da vida e serviços do finado.

O *New York Herald* diz que « em outro seculo os seus antigos subditos terião glorificado a D. Pedro rendendo-lhe as maiores honras. Seria conhecido na historia sob a denominação de *Pedro o Bom*.

Em todo o caso, a boa memoria do seu nome não póde deixar de ser perpetuada no paiz que por tanto tempo governou, e com tanta benignidade e doçura, tendo commettido tão poucos erros, e fazendo e espalhando o bem. D. Pedro era de certo um dos maiores vultos da actualidade. Era melancolico e imponente o espectaculo que nos apresentava este velho, carregado de serviços á sua patria, recebendo d'esta como recompensa dos esforços de sua vida inteira, o isolamento e o exilio ! »

O *New-York Tribune* faz uma longa revista do seu reinado, e mostra como foi feliz, pacifico e moderado. Por muito tempo a memoria de D. Pedro será cara aos brazileiros, aos quaes lembrará, entre outros serviços immensos, a sua cooperação para a libertação dos escravos do seu paiz.

O *Sun* diz que o Sr. D. Pedro lega ao mundo um nome e uma memoria para sempre veneravel. Ao passo que outros monarchas occupão-se em guerras, em conquistas, em intrigas, em má vida particular, este dedicou sua longa vida de soberano ás obras de paz e de progresso, e a uma conducta que era o exemplo do seu povo.

O *Mail & Express* falla enternecidamente da grandeza d'alma com que o Imperador no seu exilio se houve para com aquelles mesmos que o banirão.

O *Public Ledger* de Philadelphia (principal periodico d'esta cidade) occupa-se extensamente da morte

do Imperador que, diz, será pranteada em seu paiz para o qual foi sempre tão bom. Nunca exerceu elle o poder imperial senão para felicidade de seus subditos. (9)

PARIZ, 7 (11 horas da manhã).

Esperava-se excellente trabalho do talento de Madame André Jacquemart, que, como telegraphei, ficou incumbida de fazer o retrato do Imperador no seu leito de morte.

A eximia artista, porém, excedeu todas as expectativas. Seu desenho tem arrebatado de admiração a quantos visitantes ao Hotel Bedford o têm visto. Não só é admiravel a semelhança do perfil em que se vê estampada a calma, cheia de bondade e magestade, mas o proprio desenho está traçado com verdadeiros rasgos artisticos.

O Duque de Aumale, notavel conhecedor, comprimentou a artista e lembrou que esta obra prima devia ser confiada a algum dos grandes gravadores em aço d'esta capital, para reproduzil-a.

PARIZ, 7 (4 hs. e 30 m. da tarde).

A cidade de Cannes resolveu mudar o nome do seu principal Boulevard para o de *Boulevard de Dom Pedro*.

PARIZ, 7 (9 1/2 horas da manhã).

Acaba de ser rezada uma missa na Capella ardente.

PARIZ, 7 (10 horas da manhã).

Não ha Brazileiro em Pariz que não sinta-se grato pela liberalidade e attenções do Governo francez á memoria do nosso grande compatriota.

Mais que todos, está a Princeza captiva da nobreza do procedimento d'este povo e governo, e em signal de reconhecimento mandou que o peito do defunto seja ornado da placa da Legião de Honra.

Ao mesmo tempo mandou que tambem se lhe puzesse o collar de Santiago, de Portugal. (10)

(9 e 10) Reproduzido na *Gazeta da Tarde* de 8 de Dezembro de 1891.

PARIZ, 7 (10 1/2 hs. da manhã).

O governo hespanhol annuncia que, quando o comboio funebre do Sr. D. Pedro II passar pelo territorio de sua jurisdicção, dar-lhe-ha honras imperiaes.

Representantes do governo real irão á fronteira franceza para acompanharem o cadaver. (11)

PARIZ, 7 (5 hs. da tarde).

Acabo de saber que a colonia portugueza em Pariz resolveu enviar á Lisboa uma commissão acompanhando o comboio funereo.

— E' enorme o prestito que tem desfilado diante do corpo.

Mais admiravel ainda é vêr o respeito e emoção d'esta multidão ao passar pelo cadaver.

Ainda ha muita gente que deseja entrar, mas n'este momento fechou-se a porta.

Officiaes da *Garde Républicaine* entrão para montar guarda na Capella ardente, por ordem do governo da Republica.

PARIZ, 7 (5 hs. e 40 m. da tarde).

Chegarão ao Hotel tres caixões, um de chumbo, revestido de setim branco, outro de carvalho envernizado e, o de fóra,de carvalho coberto de velludo preto.

O caixão de chumbo tem a parte superior de crystal.

PARIZ, 7 (7 horas da noite).

A seguinte inscripção vai ser gravada na placa de prata do principal caixão :

D. O. M.
HIC REQUIESCAT IN
PACE ÆTERNA
MEMORIA PRÆCOLENDUS
AUGUSTISSIMUS DOMINUS
PETRUS SECUNDUS
BRASILIÆ IMPERATOR
PETRI PRIMI, IMPERII BRASILIENSIS FUNDATORIS
ET LEOPOLDINÆ FILIÆ FRANCISCI GERMANIÆ
POSTEA AUSTRIÆ IMPERATORIS
FILIUS

(11) Reproduzido na *Gazeta da Tarde* de 8 de Dezembro de 1891.

JUSTITIA CLEMENTIA LIBERALITATE HUMANITATE,
POPULI SUI PATER
SERVORUM AD LIBERATEM CONDUCTOR
LITTERARUM ARTIUMQUE LUMINIS
PER VASTISSIMUM IMPERIUM PROPAGATOR
ANIMI MAGNITUDINE INGENII
ACUMINE MEMORIÆ IMMENSITATE
SCIENTIÆ VALENTE
INCOMPARABILIS

—

NATUS ANTEDIEM QUARTUM NONARUM
DECEMBRIS A. D. MDCCCXXV
IN CIVITATE FLUMINENSI
REGNUM NECNON ACCESSIT
A. D. MDCCCXL
OPTIME SEMPER PER
REGNUM SEMISECULARE
DE PATRIA MERITUS RERUM ILLIUS
A. D. MDCCCLXXXIX
CONVERSIONIS TURBINE CESSIT UT ILLUSTRISSIMUM SERENISSIMÆ
BENIGNITATES
CONSTANTIÆ SAPIENTIÆ, EXEMPLAR
SINCERO ARBORUM ORBIUM
PLANCTU LUCTUQUE DEPLORATUS,
FORTITER AC PIE
OBIIT PARISIIS
NONIS DECEMBRIS MDCCCXCI (12)

—

Debaixo d'esta inscripção latina lê-se outra de Camões :

Ditosa Patria que tal filho teve,
Mas antes Pai :
Emquanto o Sol rodêa
Este globo de Céres e Neptuno,
Sempre suspirará por tal Alumno.

---

(12) Reproduzido na *Gazeta da Tarde* do dia 8 e *Jornal do Brazil* de 9 de Dezembro de 1891.
O *Jornal do Commercio* do dia 9 de Dezembro, accedendo a varios pedidos, reproduzio a Inscripção acima, escoimada das faltas typographicas do numero anteror, assim como publicou a Traducção.

PARIZ, 7 (11 hs. da manhã).

Procede-se n'este momento á distribuição de logares para as exequias solemnes na quarta-feira, na igreja da Magdalena. Este trabalho que se torna muito arduo em consequencia dos innumeros e instantes pedidos que ha, está sendo executado por um representante do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, que se installou no Hotel Bedford, onde consulta o Conde d'Eu.

Inscripção

—

D. O. M.
Hic Requiescat in
Pace Æterna
Memoria Præcolendus
Augustissimus Dominus
PETRUS SECUNDUS
Brasiliæ Imperator
Petri primi, Imperii Brasiliensis Fundatoris
et Leopoldinæ filiæ Francisci Germaniæ
Postea Austriæ Imperatoris
Filius
Justitia Clementia Liberalitate Humanitate,
Populi Sui Pater
Servorum ad libertatem Conductor
Litterarum Artiumque Luminis
per Vastissimum Imperium Propagator
Animi Magnitudine Ingenii
Acumine Memoriæ immensitate
Scientiæ Valente
Incomparabilis

—

Natus antediem quartum nonarum
decembris A. D. MDCCCXXV
In Civitate Fluminensi
Regnum minor A. D. M. DCCCXXXI accessit
Major A. D. MDCCCXL
Optime semper per
regnum semiseculare
De patria meritus rerum illius
A. D MDCCCLXXXIX
Conversionis turbine cessit ut Illustrissimum Serenissimæ
Benignitatis
Constantiæ Sapientiæ, Exemplar
Sincero Arborum Orbium
Planctu Luctuque Deploratus,

—

fortiter ac pié
Obiit Parisiis
Nonis Decembris MDCCCXCI

Entre os presentes estarão os ministros de Estado, o corpo diplomatico, os juizes, os membros do Instituto, do Conselho de Estado,commissões do Senado e da Camara.

— A Princeza exprimio o desejo de que não haja oração funebre.

— Governo da Republica continúa a fazer grandes preparativos para o sahimento.

Já está determinado quaes sejão os carros que devem compôr o trem funebre.

Traducção

—

A DEUS OPTIMO MAXIMO
AQUI REPOUSE EM
PAZ ETERNA
DE MEMORIA COLENDISSIMA
O MUITO AUGUSTO SENHOR
DOM PEDRO SEGUNDO
IMPERADOR DO BRAZIL
DE PEDRO PRIMEIRO, FUNDADOR DO IMPERIO BRAZILEIRO
E DE LEOPOLDINA FILHA DE FRANCISCO DA ALLEMANHA
DEPOIS IMPERADOR DA AUSTRIA
FILHO.
POR SUA JUSTIÇA CLEMENCIA LIBERALIDADE HUMANIDADE
PAI DE SEU POVO
GUIA DOS ESCRAVOS PARA LIBERDADE
PROPAGADOR DA LUZ DAS LETTRAS E DAS ARTES
POR SEU VASTISSIMO IMPERIO
INCOMPARAVEL PELA MAGNITUDE DA ALMA E DO ENGENHO
PELA AGUDEZA DA MEMORIA E PELA VALIOSA E IMMENSA SCIENCIA

—

NASCIDO ANTES DO DIA QUARTO DAS NONAS
DE DEZEMBRO DO ANNO DO SENHOR MDCCCXXV
NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.
SENDO MENOR SUBIO AO THRONO NO ANNO DO SENHOR MDCCCXXXI
SENDO MAIOR TOMOU AS REDEAS DO GOVERNO NO ANNO DE MDCCCXL
BEM MERECENDO SEMPRE
DURANTE UM REINADO DE MAIS DE MEIO SECULO
PELAS PERTURBAÇÕES QUE SOFFREU O ESTADO
RETIROU-SE NO ANNO DO SENHOR DE MDCCCLXXXIX
COMO ILLUSTRISSIMO EXEMPLAR
DE BENIGNIDADE, CONSTANCIA, SABEDORIA
CHORADO COM SINCERO PRANTO E LUTO
POR AMBOS OS MUNDOS

—

COM FORTALEZA E PIEDADE
FALLECEU EM PARIZ
NAS NONAS DE DEZEMBRO DE MDCCCXCI.

A estação da estrada de ferro está sendo ornada de crépe preto.

— Grande numero de pessoas pretende acompanhar o corpo até Lisboa.

O embaixador de Portugal, por ordem do Rei, irá represental-o no prestito.

PARIZ, 7 (2 hs. da tarde).

Veio apresentar seus pezames á Princeza uma commissão da Escola Polytechnica de Pariz.

Tambem vierão comprimental-a todo o estado-maior da marinha, e o commandante militar da praça de Pariz, o general Saussier com os seus coroneis.

PARIZ, 7 (7 hs. 40 m. da noite).

Está resolvido que o cadaver repousará em um pouco de terra trazida do Brazil.

— Os professores do Museu offertárão hoje grande numero de flôres do Brazil.

— Continuão a chegar muitos tributos floraes, alguns mandados trazer por ordem telegraphica do Brazil.

— Chegou uma corôa mandada pela Associação Commercial do Rio de Janeiro.

— Forão tambem recebidos dois galhos de cafeeiro e de fumo.

PARIZ, 7 (8 hs. da noite).

Ha pouco foi o corpo transportado para o grande salão de recepção do Hotel. Ahi foi o caixão fechado.

Os medicos collocárão o corpo do Sr. D. Pedro II em um pouco de terra do Brazil que o Imperador havia mandado buscar ha alguns mezes, dizendo que seria para quando morresse poder descansar em um pouco de terra da sua cara patria.

Este facto que, apezar de sabido de alguns amigos, era ignorado de muitos outros, causou a mais profunda impressão em Brazileiros e Francezes.

— Todos se retirão do salão, excepto a Princeza, seu esposo e filhos, que orão fervorosamente.

Depois entrão muitas pessoas, que attendem ao

Memento recitado pelo Abbé d'Angely, com assistencia dos presentes.

— Retirão-se todos, excepto a familia.

De fóra, ouvem-se os adeuses lacerantes da Princeza.

— Procede-se agora á soldagem do caixão de chumbo.

A tampa de christal cobre o corpo inteiro.

— Volta o esquife ao salão (13).

(*Jornal do Commercio*, 8 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 7 de Dezembro.

Continúa a ser enorme a affluencia de pessoas ao Hotel Bedford, desejosas de vêr o corpo de D. Pedro II na Camara ardente.

A Princeza D. Izabel accedeu a intenção do Sr. Sadi Carnot, Presidente da Republica Franceza, de prestar as honras funebres, que serão feitas com grande pompa, depois de amanhã, ao meio-dia, sendo conduzido o feretro á igreja de Magdalena.

Depois da ceremonia, o corpo será depositado na crypta da mesma igreja e d'ahi levado á estação da estrada de ferro de Orleans, seguindo para Lisboa, onde será sepultado na igreja de S. Vicente de Fóra, ao lado da Imperatriz.

(Serviço da *Agencia Havas*—publicado em diversos jornaes).

PARIZ, 7 de Dezembro (6 hs. e 25 m. da tarde).

Hoje á noite o corpo de D. Pedro II será collocado no ataúde sobre uma camada de terra brazileira, mandada vir propositalmente na previsão do fallecimento do ex-Imperador e por ter elle sempre desejado dormir o ultimo somno em terra da sua patria.

Terça-feira será o corpo depositado na igreja da Magdalena, onde, na quarta-feira ao meio dia, se realizarão solemnes exequias.

---

(13) Reproduzido na *Gazeta da Tarde* de 8 de Dezembro de 1891.

Apoz as ceremonias funebres ha de ser o corpo conduzido á estação da estrada de ferro do Norte, pelo caminho de ferro circular, até a estação da estrada de ferro de Orleans, da qual partirá para Lisboa ás 8 horas e 20 minutos da noite, onde deverá chegar no sabbado pela manhã.

PARIZ, 7 (7 hs. e 30 m. da tarde).

O programma das ceremonias funebres ficou determinado de accordo com o conde d'Ormesson, introductor dos embaixadores, que veio para este fim ao Hotel, pela seguinte fórma:

O cadaver de D. Pedro sahirá do Hotel Bedford acompanhado pelos membros das altas corporações do Estado, pelo corpo diplomatico e pelas pessoas officialmente convidadas.

O exercito de Pariz formará alas ao longo das ruas desde a igreja da Magdalena até a estação da estrada de ferro do Norte e escoltará o feretro.

O povo brazileiro póde ficar certo de que o governo da Republica Franceza tomará a peito dar as maiores demonstrações de sympathia e respeito ao illustre principe que foi uma das mais bellas figuras d'este seculo.

D. Pedro II terá funeraes tão pomposos como os teria o mais poderoso soberano que aqui morresse.

A' passagem do comboio conduzindo o cadaver pelo territorio da Hespanha, ser-lhe-hão ahi prestadas honras militares.

A Princeza D. Izabel, o Conde d'Eu, o Principe do Grão Pará, D. Pedro Augusto, o Duque de Saxe, o ministro de Portugal em Pariz, os Condes de Aljezur e de Motta Maia, os Viscondes de Cavalcanti e de Muritiba, os Barões de Penedo, da Estrella e de S. Joaquim acompanharáõ os despojos mortaes de D. Pedro II até Lisboa.

PARIZ, 7 (7 hs. e 30 m. da tarde).

Durante todo o dia foi enorme a affluencia de visitantes á Capella ardente em que se acha exposto o corpo de D. Pedro II, o qual foi collocado ás 7 horas da tarde no caixão.

(*Jornal do Brazil*, 8 de Dezembro de 1891).

LISBOA, 7 de Dezembro.

O *Diario do Governo* publica hoje um decreto em que El-rei D. Carlos resolve tomar luto nacional por vinte dias, pela morte de seu tio o Sr. D. Pedro de Alcantara.

O cadaver de D. Pedro é esperado aqui sabbado proximo, devendo realizar-se imponentes exequias segunda-feira na igreja de S. Vicente de Fóra nesta cidade.

(*Gazeta de Noticias*, 8 de Dezembro de 1891).

LISBOA, 7 de Dezembro.

A familia real portugueza e sua côrte tomam luto pesado, durante vinte dias, pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara.

PARIZ, 7.

Ha muito tempo esta capital não presenceia tantas e tão espontaneas homenagens como as que vão sendo prestadas á memoria do Sr. D. Pedro de Alcantara.

Uma procissão enorme, interminavel, todos os dias, desde manhã, encaminha-se para a rua Arcade. De um extremo a outro o povo, em grande massa movediça, guardando aliás a compostura de respeito devido ao illustre morto.

A circulação faz-se penosamente. Ha *sergents de ville* postados alli, principalmente diante do Hotel Bedford, onde a agglomeração é compacta, inconcebivel. E as pessoas que entrão levam longos minutos a abrir-se passagem, auxiliadas pela policia.

A onda dos visitantes iguala quasi o numero dos que ahi ficam do lado de fóra. Senhoras, mulheres de todas as classes sociaes, vão até junto do leito do illustre brazileiro e ahi deixão ramalhetes, flores soltas e bellas coroas de flores artificiaes.

Sua Alteza a Condessa d'Eu tem resolvido que os funeraes antecedão aqui a data já determinada. Effectuar-se-hão depois de amanhã, afim de aproveitar, para o transporte do corpo até Lisboa, o Sud-Express, que n'este mesmo dia, á tarde, sahirá.

Os funeraes serão desusadamente pomposos, visto como, já o dissemos, honras imperiaes prestar-se-hão ao

finado. Imagine-se todo o grande ceremonial do culto catholico que terá a solemnidade e a imponencia do prestito militar, formando os 80.000 homens da guarnição de Pariz. sob o commando do general Saussier.

Esta parte da solemnidade está definitivamente resolvida. Todos os regimentos de infantaria formaráõ alas desde o Hotel Bedford até a Igreja da Magdalena e mais tarde até a estação da estrada de ferro. Ao descer o corpo da sala mortuaria e ao entrar no templo salvará a artilharia dos regimentos montados. As mesmas honras depois da solemnidade religiosa, correspondendo-se com as salvas dos fortes do circuito militar da capital. A divisão de cavallaria acompanhará o feretro.

No comboio que transportará até Lisboa o corpo do Sr. D. Pedro de Alcantara, além das pessoas de sua familia, irão representantes de todos os jornaes parisienses e estrangeiros, as pessoas de maior notoriedade da colonia brazileira e diversos portuguezes que residirão em tempo no Brazil. Entre estes contão-se os Srs. Visconde de Azevedo Ferreira, Visconde de Gomiei (Dr. Figueiredo Magalhães), commendador Joaquim Dolivaes Nunes, commendador Boaventura Gaspar da Silva e commendador Camillo de Moraes.

Estes cavalheiros apresentaráõ, em nome dos seus concidadãos, as condolencias á Serenissima D. Izabel, collocaráõ sobre o tumulo, no jazigo da Casa de Bragança, uma riquissima corôa e assistiráõ ao enterramento.

Até hoje o corpo do Sr. D. Pedro de Alcantara conservou-se no leito mortuario.

Amanhã á tarde será collocado no triplice caixão, que o levará até á sepultura.

(*O Paiz*, 8 de Dezembro de 1891).

BUENOS-AYRES, 7 de Dezembro.

O director e pessoal da redacção e administração de *La Prensa* pedem ao seu correspondente no Rio de Janeiro para represental-os nas exequias solemnes que ahi se celebrem por alma de D. Pedro II.

PARIZ, 8 (9 horas da manhã).

Hontem a Academia das Sciencias celebrava a sua sessão hebdomadaria.

Sendo communicada a noticia do passamento de D. Pedro, socio estrangeiro d'aquella Academia, levantou-se logo a sessão em signal de pezar pela perda de tão illustre consocio.

Entre os Brazileiros que aqui estão acha-se o conselheiro Gaspar da Silveira Martins que tem ido todos os dias ao Hotel Bedford derramando lagrimas ao pé dos restos mortaes do monarcha.

Hontem effectuou-se a ceremonia do encerramento do corpo do augusto finado nos caixões que já descrevi. A scena foi das mais commoventes. Todos os circumstantes choravão.

Chegão corôas e grinaldas de todos os pontos da Europa. Algumas d'ellas primão pela riqueza. Muitas têm sido encommendadas por meio de telegrammas vindos do Brazil.

A corôa que depuz em nome da redacção do *Jornal do Commercio* é inteiramente composta de esplendidas flôres de orchidéas brazileiras.

Para transportar as principaes corôas e grinaldas até Lisboa, suppõe-se que serão necessarios dous vagões. (14)

LONDRES, 7 (6 hs. e 50 m. tarde).

Toda a imprensa ingleza é unanime em elogiar o Sr. D. Pedro.

Lembra o seu reinado como época de liberdade, legalidade e honestidade.

O *Times* consagrou á sua memoria um artigo de fundo em que diz que se a bondade, clemencia e humanidade do Imperador foram recompensados pelo exilio, esta ingratidão do povo brazileiro é passageira, pois não póde esquecer os immensos serviços que lhe prestou D. Pedro, que, elle mesmo, devia chorar pelos proprios que o expulsárão da sua patria.

— Os negociantes mais importantes d'esta praça, que têm negocios com o Brazil, reunirão-se hoje e resolverão pedir ao advogado Dr. Silva Costa, em Pariz,

(14) Reproduzido na *Gazeta da Tarde* do dia 9 e *Gazeta de Noticias* de 10 de Dezembro de 1891.

para apresentar á Sra. D. Izabel os seus sentimentos de pezar. (15)

PARIZ, 8 (6 hs. e 50 m da tarde).

Estão determinados todos os pormenores da ceremonia.

As cartas de convite para a igreja dizem:

Na quarta-feira 9 de Dezembro de 1891 serão celebradas ao meio-dia em ponto, na igreja de Santa Magdalena, as exequias solemnes de Sua Magestade o ex-Imperador do Brazil o Sr. D. Pedro II. (Segue-se a assignatura).

A casa Borniol, que está encarregada pela Princeza dos preparativos do funeral, mandou imprimir esses convites em varias côres indicando as diversas entradas e secções do templo em que estão os respectivos assentos.

— Quanto ao ceremonial a seguir-se, ficou resolvido pelo Governo francez que será o mesmo adoptado para as exequias do Rei do Hanover, unico soberano fallecido em Pariz até aqui.

Continúa a haver grande numero de pedidos para entradas no templo. As autoridades têm facilitado todo o seu concurso aos organizadores da ceremonia.

— (6 hs. e 55 m. da noite).

Continuão a chegar muitas corôas.

Uma das mais interessantes é a que veio por indicação dos Voluntarios da Patria do Rio do Janeiro e que traz a seguinte inscripção em portuguez:

« Ao Grande Imperador por quem se batêrão Caxias, Osorio, Andrade Neves e outros heróes. »

— Tambem foi entregue uma corôa pelo Sr. Conde de Aljezur, em nome da redacção do *Brazil*, do Rio de Janeiro.

— A colonia chilena em Pariz cotisou-se e offereceu uma riquissima grinalda (16)

(*Jornal do Commercio*, 9 de Dezembro de 1891).

(15 e 16) Reproduzidos na *Gazeta da Tarde* do dia 9 e *Gazeta de Noticias* de 10 de Dezembro de 1891.

LISBOA, 8 de Dezembro.

O comboio funebre que traz o corpo de D. Pedro II é esperado n'esta capital sabbado proximo.

(Serviço da *Agencia Havas*—publicado em diversos jornaes de 9 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 8 de Dezembro.

Não cessão as demonstrações de pezár pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara. O numero de corôas, cada qual riquissima, collocadas no quarto funerario, é maior de duzentas.

A exposição do cadaver continúa, com as mesmas cautelas, visto a enorme massa de pessoas que desejão penetrar até junto do corpo.

Amanhã, como já dissemos, realisa-se a ceremonia pomposa dos funeraes, com a assistencia de todos os officiaes da casa militar do Presidente da Republica.

O Sud-Express que á tarde transportará o corpo para Lisboa, parte da estação de Orleans, segundo os desejos da Condessa d'Eu, que preferio-a á do Norte.

LONDRES, 8.

Apezar de ter sido já materia de publicidade, communicámos com as necessarias reservas constar que D. Izabel de Bragança vai publicar manifesto ao povo brazileiro, declarando que não renuncia aos direitos ao supremo governo de sua patria.

(*O Paiz*, 9 de Dezembro de 1891).

LISBOA, 9 de Dezembro.

E' esperado sabbado nesta capital o comboio funebre que traz o corpo de D. Pedro II.

(*Gazeta da Tarde*, 9 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 8 de Dezembro (meia noite).

Hoje, á noite, ás 9 horas, já a multidão das visitas não podia mais circular no salão e nos corredores do Hotel Bedford, apinhados de gente, que se encontrava, ao retirar-se, com os portadores de novas corôas e

grinaldas remettidas de todos os pontos da França e do estrangeiro.

Então os mestres de ceremonia pedirão aos circumstantes que tivessem a bondade de se retirar.

Fechou-se o salão, e logo os empregados das Pompas Funebres penetrarão na Capella ardente, onde os pannos pretos desappareciāo litteralmente encobertos por grinaldas de flôres.

Os empregados tirarão os grandes candelabros de prata, apagarão as tochas de cêra, e descêrão do alto da éça, o caixão triplice em que estão encerrados os restos mortaes do antigo monarcha. Através da tampa de crystal, enxerga-se o semblante do augusto finado.

Ha dous dias que o corpo foi embalsamado, e tem agora um aspecto de marmore branco com expressão commovente de serena magestade. A tampa de carvalho está recoberta com velludo cheia de estrellas de prata, e é segura por grandes parafusos tambem de prata.

O caixão sahio do salão, carregado pelos empregados das Pompas Funebres, e passou diante de toda a familia alli reunida, atravessando a ante-sala, apinhada de brazileiros. Desceu pela escadaria e foi levado ao pateo do Hotel que dá para a rua *Pasquier*.

. Defronte da porta do Hotel já estavão paradas seis carruagens collossaes, com arranjos em fórma de altas pyramides, destinadas a carregar as corôas para a igreja da Magdalena.

O corpo sahio pelo portão do Hotel que dá para a rua da *Arcade*.

O caixão foi collocado em riquissimo carro funebre adornado com estofos pretos, tendo pennachos pretos os cavallos d'esses carros, cujas lanternas, veladas de crêpe estavão accesas. A antiga bandeira com corôa imperial envolvia o caixão.

O prestito encaminhou-se na ordem seguinte : logo depois do carro funebre que levava os restos mortaes do ex-Imperador, precedidos do mestre de ceremonias, vinham o Conde d'Eu e seus filhos, principe Grão-Pará, D. Luiz e D. Antonio, o Principe D. Pedro Saxe, os camaristas do velho monarcha, o Conde de Motta Maia, os representantes da colonia brazileira e da colonia

portugueza e multidão enorme de amigos e admiradores do finado.

Posto que a hora do sahimento não tivesse sido annunciada, era grande a multidão n'aquellas vizinhanças.

O prestito funebre depois de percorrer breve trecho da rua da Arcade, penetrou no Boulevard Malesherbes, cheio de gente de cabeça descoberta, e chegou á esquina da praça da Magdalena, seguindo para a Igreja do mesmo nome. A luz electrica dos candelabros d'aquella praça e dos da rua Royale, illuminando a massa negra de povo, dava em cheio no carro e fazia sobresahir os matizes da bandeira auri-verde.

O carro funebre foi parar diante das grades lateraes, ao pé de uma porta que dá entrada para a crypta da igreja. Alli estava, rodeado do clero da parochia, o padre Lerebours, cura da Magdalena, que recebeu o corpo.

O caixão foi transportado para a crypta, acompanhado pela familia, a que se unirão o Duque de Chartres, irmão do Conde de Pariz, e o Principe de Joinville, cunhado do Imperador.

Antes de se retirarem, todos os circumstantes deitárão agua benta ao caixão e fechou-se a crypta.

Fóra, ainda permanecia compacta multidão respeitosa, que só se dispersou lentamente.

Dous sacerdotes passárão a noite. em preces, junto do corpo.

A Sra. Condessa d'Eu tinha ido á igreja em landau e foi a ultima pessoa que d'alli se retirou, voltando ao Hotel, debulhada em lagrimas.

No interior da igreja, tem-se trabalhado e trabalhar-se-ha todo o resto d'esta noite, em preparativos para a ceremonia de amanhã. As paredes do templo estão forradas de preto ; as columnas cobertas de panno preto com estrellas de prata e com as armas imperiaes suspensas ás paredes.

No meio da nave ergue-se immensa eça formando zimborio, do qual pende um crépe preto ornado com retalhos prateados, estando as sanefas e cortinas reerguidas para a abobada.

No cimo do zimborio, magnificamente adornado, erguem-se enormes pennachos de plumas pretas.

Hoje, ás 11 horas da manhã, o caixão que contém o corpo será collocado na eça, sobre a qual se destaca uma rica bandeira, bordada a ouro e adornada com pedras.

Ao meio-dia, será celebrado o officio funebre, com missa solemne, durante a qual tocaráõ todos os grandes orgãos da igreja, cantando toda a *maêtrise*, composta de afamados artistas. (17)

PARIZ, (11 horas da manhã).

O corpo é transportado da crypta para o catafalco, de onde pende a antiga bandeira imperial, lindamente bordado a ouro e adornado de pedrarias.

A igreja começa a encher-se de tributos floraes das familias reaes.

Chegão cedo a Rainha D. Izabel II, da Hespanha, a Infanta D. Eulalia, sua filha; a familia dos Orléans, a do Rei de Napoles.

Mais adiante já tomárão assento os diversos membros do corpo diplomatico, todos trajados com seus uniformes de grande gala, formando um grupo fulgurante, com suas dragonas, bordados e condecorações.

Ao redor do catafalco distribuem-se personagens importantes da colonia brazileira, d'entre elles destacando-se o vulto solido e massiço de Gaspar da Silveira Martins.

De permeio com estes, vejo quasi todos os membros do Instituto de França, trazendo o seu uniforme classico com palmas verdes.

D'ahi a um instante chega o estado-maior militar do Presidente Carnot,—o general de divisão Brugère, o Visconde de Maignet, o coronel de Chamoin, o chefe de esquadra Pistor e outros.

Ao mesmo tempo apparece na secção respectiva o grande chanceller da Legião de Honra, e, successivamente, senadores, deputados, a Princeza D. Izabel com

(17) Reproduzido na *Gazeta da Tarde* e *Cidade do Rio* do dia 10 de Dezembro de 1891 e no *O Brazil* e *Gazeta de Noticias* de 11 de Dezembro de 1891.

seu filho o Principe do Grão-Pará, o Conde d'Eu e os Principes Luiz e Antonio, o Duque de Saxe, genro do Imperador, o Principe D. Pedro.

Mais um minuto e chega o Cardeal Arcebispo Richard, acompanhado do seu capitulo, que occupa o seu logar, no throno ao lado do altar-mór.

O magnifico templo acha-se mais imponente que nunca com milhares de vellas accesas, e seus enormes lampadarios d'onde se projectão chammas verdes.

— (Uma hora da tarde).

O serviço funéreo começou ao meio-dia exactamente.

Tem-se ouvido salvas de artilharia de um parque collocado perto do *Hotel des Invalides*.

O côro e sólos da Magdalena, que são dos mais celebres na Europa, levanta mysticos cantos que preparão o espirito do auditorio para a elevada funcção, á que veio assistir.

Depois da missa solemne, cantada por Msgr. Lerebours, cura da Magdalena, o Cardeal Arcebispo desce do altar para dar absolvição depois do que volta ao altar.

Terminou agora o serviço funebre.

A familia vem lançar agua benta no catafalco e depois d'ella o corpo diplomatico e os outros personagens. O ataúde, sempre coberto com a antiga bandeira imperial, é tirado da eça.

N'este momento, o embaixador inglez, o Conde de Lytton, em nome da Rainha Victoria deposita sobre o caixão uma corôa enviada por Sua Magestade.

O caixão é então levado á grande porta da fachada principal do templo, que abre para a rua Royale e praça da Concordia, e onde se achava o carro funebre.

O carro é puchado por oito cavallos, levados á mão por criados a pé; nos quatro cantos do ataúde anjos de prata sustentão a corôa imperial.

O carro funebre só servio para os funeraes do cardeal Morlat, Duque de Morny e Thiers.

As tropas, distribuidas nos boulevards Malesherbes e de Magdalena, são commandadas pelo general de Saint-Marc; ouve-se o som de grande numero de clarins.

Os couraceiros chegão a galope pela rua Royale e dirigem-se para a praça da Concordia, abrindo o cortejo.

Segue depois o ataúde, precedido por musicas tocando a grande marcha funebre de Chopin.

A familia Imperial e Principes vão em doze grandes carros cobertos de luto.

Nos cordões segurárão os Srs. Gaspar da Silveira Martins, Visconde de Cavalcanti, Barão da Estrella, Conde de Aljezur, Conselheiro Silva Costa, Barão de Muritiba, Conde de Motta Maia, General José Vieira do Couto Magalhães, Conde de Nova Friburgo, Conde de Villeneuve, Conde de Nioac e Visconde da Penha.

Por ordem da Princeza, depois da rua Royale, podiam os Brazileiros que manifestassem desejo, segurar os cordões até á estação de Orléans.

Depois dos empregados das Pompas Funebres seguia grande numero de personagens.

Dos dois lados do cortejo desenvolvião-se duas extensas alas de tropas, com as armas em funeral e formadas por oito regimentos de infantaria e dois de artilharia.

Era enorme a multidão que enchia as ruas.

Não se via uma só janella que não estivesse apinhada de gente.

A multidão, respeitosa, descobria-se perante o prestito.

O sol, que se occultára quasi toda a manhã, radiou brilhante ao passar o cortejo pela praça da Concordia, derramando ondas de luz.

Foi um espectaculo que não poderá jámais ser esquecido por quem o vio.

Nos campos Elyseos, no jardim das Tulherias, nos cáes do rio Sena é enorme a multidão de pessoas de sexos differentes, em attitude respeitosa, á espera da passagem do prestito funebre.

Depois da ponte da Concordia, passando o prestito em frente á Camara Legislativa, grande numero de deputados, descendo a escadaria do palacio, veio á rua e inclinou-se respeitosamente diante do cadaver.

N'essa occasião são apresentadas e collocadas no coche funebre duas palmas verdes de palmeiras brazileiras, como homenagem respeitosa do Museu de Historia Natural ao finado ex-monarcha —em vida D.Pedro II enriquecêra o jardim do Museu das bellissimas plantas brazileiras que, crescidas hoje, fornecerão as palmas funerarias. Essa manifestação sincera e espontanea do Museu de Historia Natural abalou profundamente os que acompanhavão o prestito : em mais de um rosto rolárão n'essa occasião lagrimas de saudade.

No Boulevard Saint-Germain extraordinaria multidão dá as mais significativas demonstrações de reverente sympathia.

Em frente da Faculdade de Medicina todos os estudantes em alas descobrem-se respeitosamente diante do morto.

Atravessa-se então os quarteirões mais populares, e os operarios parizienses são tão respeitosos como os burguezes. Todos se descobrem.

As numerosas corôas excitão murmurios de admiração, as côres vivas da bandeira cobrindo o caixão fazem o povo dizer : «Como é bonita!»

Chega-se á estação da estrada de ferro, situada no cáes de Austerlitz : pára o acompanhamento. Os coches de estado e da familia entrão no pateo da estação e collocão-se ao lado do esquife.

As tropas começão então a desfilar perante o coche funebre, as continencias sendo feitas pelos generaes ; e ao passar cada regimento abate sua bandeira perante o ataúde.

O desfilar das tropas durou perto de uma hora. Depois da infantaria vierão a cavallaria e a artilharia, e por ultimo o estado-maior do commandante em chefe, o general de Saint-Marc.

Este vem em ultimo logar, e, depois de ter feito a continencia ao ataúde, fez outra á Princeza.

Finda esta ceremonia, o caixão é deposto em uma pequena Capella, que se erigio no cáes da estação, onde ficará até ás 8 horas da noite, quando será conduzido para Lisboa no comboio que se preparou especialmente

e pelo qual tambem partirão a Condessa d'Eu e sua familia, seus camaristas e o Dr. Gaspar Martins. (18)

PARIZ, 9.

O comboio funebre partio ás 8 horas da estação.

A legação de Portugal, familias e membros da colonia brazileira que pretendião acompanhar o corpo a Lisboa, fôrão no mesmo trem. (19)

PARIZ, 9 (6 hs. e 45 m. da tarde).

Acho conveniente dar uma explicação ácerca das honras prestadas ao corpo do Sr. D. Pedro pelo Governo da Republica Franceza.

Estas honras são, como já telegraphei hontem, iguaes ás que este Governo concedeu ao Rei do Hanover, que havia sido deposto pela Allemanha, que conquistára o Hanover e que, por esse procedimento da França, mostrou-se tão irritada.

O Presidente da Republica entendeu que, havendo prestado aquellas honras ao Rei deposto, devia da-las tambem ao ex-monarcha do Brazil.

E' por isso que se fez representar nas exequias e que os membros do ministerio tambem alli estiverão presentes.

Quanto ao facto de se ter feito acompanhar a corôa Imperial e a antiga bandeira brazileira, pelo exercito francez, deve ser elle attribuido ao immenso prestigio pessoal do Sr. D. Pedro e á estima em que era tido aqui e em toda a Europa.

Ouvi dizer que a legação brazileira, que não esteve presente ao funeral, insistio e empenhou-se muito com o Governo da Republica para a suppressão de algumas das honras por este propostas — mas sem o minimo resultado.

Está claro que ministros que ha dias estavão

---

(18) Reproduzido na *Gazeta da Tarde* e *Cidade do Rio* do dia 10, na *Gazeta de Noticias* e *O Brazil* de 11 de Dezembro de 1891.

(19) Reproduzido no *O Brazil* de 11 de Dezembro de 1891.

servindo a um dictador despotico não podem fallar muito de Republica. (20)

(*Jornal do Commercio*, 10 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 8 de Dezembro (7 hs. e 35 m. da noite, recebido no dia 9 ás 8 hs da manhã).

Os quatro salões do Hotel Bedford estão litteralmente cheios de corôas e flôres que continuão a chegar incessantemente. Entre mais de duzentas soberbas corôas destacão-se, por seu fino gosto e riqueza, as da Associação Commercial do Rio de Janeiro, do Jockey-Club e do Lycêo de Artes e Officios.

Hontem á noite o conselheiro Gaspar da Silveira Martins demorou-se ajoelhado longo tempo e chorando junto ao ataúde do Imperador, em meio da mais profunda emoção dos assistentes.

— Esta noite, ás 9 horas, será o corpo transportado para a igreja da Magdalena. A Princeza acompanhará o prestito a pé.

— A Magdalena está interiormente forrada de panno preto recamado de estrellas de prata com escudos das armas imperiaes. Sobre o sarcophago foi estendido um magnifico estandarte imperial bordado a ouro e cravejado de pedrarias.

— Para facilitar o completo desdobramento das forças o prestito seguirá directamente, logo após as exequias, para a estação do caminho de ferro de Orléans pela rue Royale, a praça Concordia, o Boulevard Saint-Germain e o caes S. Bernardo.

— Serão seguros os cordões do caixão pelos Srs. Conde de Aljezur, camarista de serviço, Visconde de Cavalcanti, conselheiro Silveira Martins, conselheiro Silva Costa, general Couto de Magalhães, antigos conselheiros de estado, marechal Visconde da Penha, Condes de Nioac e de Carapebús, camaristas, Barões do Penedo, de Muritiba, Conde de Nova-Friburgo e Barão da Estrella,

---

(20) Reproduzido na *Cidade do Rio* do dia 10, na *Gazeta de Noticias* e o *O Brazil* de 11 de Dezembro de 1891.

veadores, Conde de Motta Maia e Conde de Villeneuve, ex-enviado extraordinario.

— O coche funebre, puxado por oito magnificos cavallos, é o mesmo que servio ás pompas funeraes do Duque de Morny e do Presidente da Republica A. Thiers.

— O coche será escoltado por um regimento de couraceiros. Atrás, a pé, seguiráõ os representantes do Presidente Carnot, o ministerio, as mesas do Senado e da Camara, o corpo diplomatico, convidado por intermedio do ministerio dos negocios estrangeiros, os membros das cinco academias do Instituto de França.

— As tropas formaráõ alas em todo o percurso, incorporando-se ao prestito á medida que este passar.

PARIZ, 9 (6 hs. 40 m. da tarde).

Ao meio dia em ponto começárão na Magdalena as exequias do Imperador e n'esse mesmo momento salvou o canhão dos Invalidos.

A fachada e o interior do templo, conforme já descrevi, estavão forrados de preto, recamados de estrellas de prata e ornados de escudos, com as armas imperiaes.

No centro da igreja eleva-se magnifico catafalco, coberto pelo estandarte imperial.

Diante do altar-mór, á direita, estava a Princeza; por trás os Principes da familia imperial e todo o corpo diplomatico, com excepção da legação do Brazil, que recebeu ordem para não comparecer á ceremonia. A' esquerda do altar-mór achava-se o general Brugère, representando o Sr. Carnot, acompanhado dos officiaes da casa militar do chefe do Estado; seguião-se o Sr. Le Royer, presidente do Senado, Floquet, presidente da Camara dos Deputados, os ministros de Estado ou seus representantes, muitos senadores e deputados e o Instituto de França, na quasi totalidade dos seus membros.

As honras militares forão prestadas pelos 31°, 36°, 39°, 76°, 115°, 117°, 124° e 130° de infantaria; 6° e 8° de couraceiros; 22° e 31° regimentos de artilharia, formando uma divisão, sob o commando do general Saint-Marc, tendo sob suas ordens os generaes Saint-Julien e Madelor.

Não se fizerão, portanto, as honras imperiaes annunciadas, o que não quer dizer que, em todo o caso, o povo brazileiro não deva guardar profundo e perpetuo reconhecimento á intenção manifestada n'aquelle sentido pelo Governo e Povo francezes e ás homenagens extraordinarias tributadas ao Grande Brazileiro.

A's 2 horas começou a desfilar o prestito funebre, precedido e acompanhado pelas tropas. As bandeiras e os tambores estavão cobertos de crépe.

Duas seges conduzião os representantes da Igreja; seguião-se dois coches com as corôas de flôres e o carro funebre, encimado pela corôa imperial, e ornado de escudos. O ataúde ia coberto pela antiga bandeira brazileira, e sobre elle o ministro da Inglaterra depoz em nome da Rainha Victoria uma riquissima grinalda.

Duas carruagens conduzião a Princeza, os Principes; logo após vinhão a da Presidencia e numerosissimas outras, com os ministros, os diplomatas e as summidades das sciencias, das lettras e das artes. Centenares de pessoas acompanhavão o prestito a pé. Immensa multidão, em attitude respeitosa, assistio ao desfilar do cortejo, em toda a extensão do seu percurso.

Chegado á estação do caminho de ferro de Orléans, o carro funebre parou, para esperar a continencia das tropas, que atravessárão a ponte de Austerlitz, o cáes de La Rápée e a ponte de Bercy, desfilando generaes e coroneis, com as bandeiras em continencia ao morto.

Entre as corôas notava-se uma com folhas de louros e fitas pretas, tendo a seguinte inscripção : *A D. Pedro II, que deu ao Brazil meio seculo de liberdade, progresso e gloria, nos tempos felizes em que o pensamento, a palavra e a penna erão livres e em que o Brazil libertava povos opprimidos.*

Outra corôa tinha esta inscripção : *Ao grande Imperador por quem se batêrão Caxias, Osorio, Andrade Neves e tantos outros heróes — Os Voluntarios da Patria.*

Uma soberba corôa enviada pela Associação Commercial do Rio de Janeiro era entretecida de ramos de fumo e de café.

PARIZ, 9.

Em nome do Lycêo de Artes e Officios foi deposta uma rica grinalda sobre o corpo do Sr. D. Pedro II.

(*Jornal do Brazil*, 10 de Dezembro de 1891).

———

PARIZ, 9 de Dezembro (á 1 h. da tarde).

A's 9 horas da noite de hontem foi o corpo do finado ex-Imperador transportado do Hotel Bedford para a igreja da Magdalena sobre um coche funebre de 3ª classe, seguido de toda a familia a pé — a Princeza D. Isabel, o Conde d'Eu, o Duque de Chartres, a Princeza de Joinville, todos os netos de D. Pedro, os dignitarios da Côrte e muitos brazileiros.

O corpo ficou depositado sobre o ataúde expressamente erigido na igreja para ahi aguardar a ceremonia de amanhã.

E' enorme a multidão de povo nos arredores da igreja da Magdalena.

PARIZ, 9 (5 hs. e 55).

Durou cerca de hora e meia a ceremonia na igreja da Magdalena.

Assistio toda a familia do ex-Imperador, a Princeza de Joinville, Duque de Nemours, Duque d'Aumale, Duque de Chartres, ex-Rainha de Hespanha e todos os antigos dignitarios da Côrte.

Toda a colonia brazileira estava presente.

O presidente Carnot fez-se representar.

Estiverão tambem presentes os presidentes da Camara e do Senado, membros do Instituto, corporações litterarias, embaixadas e legações estrangeiras.

Vião-se muitos uniformes brilhantes e toda assistencia com vestuario de etiqueta.

Estava representada toda a imprensa pariziense e estrangeira.

Segurárão nos cordões do caixão os srs. Visconde de Cavalcanti, conselheiro Dr. Silva Costa, Visconde da Penha, Conde de Aljezur, conselheiro Gaspar da Silveira Martins, Conde de Nioac, Conde de Carapebús, Conde

de Villeneuve, Conde de Friburgo, general Couto de Magalhães.

O tempo chuvoso e sombrio aclareou cerca do meio dia.

A's 3 horas chegou o cortejo á gare de Orléans.

O feretro era precedido por oito batalhões de infanteria, quatro esquadrões de cavallaria, duas baterias de artilheria, commandados por seis generaes, acompanhados por numeroso e luzido estado-maior.

Era grande a multidão de povo em todo o trajecto do cortejo.

As janellas estavão apinhadas de curiosos.

Teve grande solemnidade a parada do cortejo para depositar o feretro na gare. Fez-se um silencio significativamente profundo.

Depositado o feretro, as tropas fizerão continencias ás bandeiras que se achavão cobertas de crépe.

Tocavão quatro bandas regimentaes.

O trem especial para Lisboa deve partir ás 8 horas, conduzindo o feretro.

Vão dois comboios cheios de corôas mortuarias.

A comitiva compunha-se de 32 pessoas, entre as quaes 4 sacerdotes.

Acompanhão o corpo o conselheiro Gaspar, Dr. José Paranaguá, Godofredo Taunay, João Dantas, Alfredo Rocha, Calogeras e Silva Telles.

(*Gazeta de Noticias*, 10 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 9 de Dezembro.

Celebrárão-se hoje, ao meio-dia, com grande pompa, as exequias solemnes do Sr. D. Pedro II na igreja da Magdalena.

Foi enorme a concurrencia e é indiscriptivel o numero de commissões, sociedades e corporações de que se compunha o cortejo funebre. A ceremonia foi das mais imponentes.

As tropas prestárão ao illustre morto as honras militares, decretadas pelo Governo francez.

Findas as exequias, na igreja, o corpo foi conduzido

á estrada de ferro de Orléans com destino a Lisboa, onde é esperado sabbado proximo.

(Serviço da *Agencia Havas* — publicado em diversos jornaes).

LISBOA, 9 de Dezembro.

O corpo embalsamado do Sr. D. Pedro de Alcantara é aqui esperado no proximo sabbado e será recebido com honras excepcionaes.

Sua Magestade D. Carlos I mandou preparar o paço das Necessidades e ahi terão hospedagem a Condessa d'Eu e sua familia.

PARIS, 9.

Realizárão-se as solemnes exequias commemorativas do passamento do Sr. D. Pedro de Alcantara. A ceremonia excedeu a todas as espectativas, já pela austera imponencia da igreja da Magdalena, cheia das pessoas da maior notoriedade n'esta capital, já pelo aspecto magestoso e solemnissimo do prestito funebre, que desfilava vagarosamente por entre as fileiras dos regimentos da guarnição, que se apresentou em grande uniforme e completa, difficilmente contendo a multidão que se agglomerava nos boulevards.

Calcula-se em 200,000 pessoas as que assistirão á passagem do cortejo. E os curiosos equilibravão-se nos galhos das arvores, nos telhados, em posições incriveis, para poderem presenciar o grandioso sequito.

O carro funebre que conduzia o corpo foi o mesmo que transportou Thiers. Seguião-se na marcha duas carruagens repletas de grinaldas, corôas e ramalhetes.

Depois de terminadas as exequias com o mesmo ceremonial e acompanhamento militar, encaminhou-se o prestito para a estação de Orlèans, onde o caixão foi logo depositado no wagon que o transportará até Lisboa.

A partida do Sud-Express effectuou-se ás 4 horas da tarde, tendo antes os Condes d'Eu recebido os comprimentos de muitas pessoas que para este fim comparecêrão á estação. De passagem do mesmo trem vão cerca de cem cavalheiros das colonias brazileira e

portugueza e muitos jornalistas, todos com destino a Lisboa, para ahi assistirem aos funeraes.

(*O Paiz*, 10 de Dezembro de 1891).

PARIS, 10 de Dezembro.

Partio hontem, ás 8 horas da noite, o trem especial composto de varios carros-salões, de um vagon com a Capella ardente e de dous carros cheios de flôres.

O *Jornal do Brazil,* foi representado na ceremonia dos funeraes pelo Dr. João Dantas, e seu correspondente segue no trem até Lisboa.

Não é exacto, como dizem alguns jornaes que as honras prestadas ao Sr. D. Pedro II forão aquellas a que têm direito os condecorados com a grã-cruz da Legião de Honra. As tropas que formárão diante da igreja da Magdalena erão muito mais numerosas.

Comquanto o Governo francez tivesse querido fazer ainda mais, a França acaba de dar uma grande prova de sympathia pela nação brazileira.

Segundo diz o jornal *Le Matin* é opinião de todos que os funeraes do Imperador excedêrão em solemnidade e brilho aos que se fizerão ao Rei do Hanover.

Quando o Conde d'Ormesson declarou que o Governo francez desejava tomar parte nos funeraes, um membro da familia de Orléans foi de opinião que se não annuisse.

A Princeza, porém, resolveu logo aceitar o offerecimento, dizendo : « Eu e meu marido somos brazileiros como era meu pai ; não posso, portanto, recusar as homenagens que se quer prestar a elle e á nação brazileira. »

Na estação do caminho de ferro a Princeza encarregou o general Brugère de apresentar ao Presidente Carnot a expressão do seu reconhecimento.

(*Jornal do Brazil*, 11 de Dezembro de 1891).

LISBOA, 10 de Dezembro.

S. M. o rei D. Carlos I, sua real Côrte e toda a colonia brazileira residente n'esta cidade esperaráõ sabbado

proximo, na *gare* de Lisboa, o cortejo funebre que traz o corpo do Sr. D. Pedro II. Será em seguida levado e depositado no jazigo da familia real em S. Vicente de Fóra, onde o Cardeal Patriarcha de Lisboa, que alli reside, irá esperar o cortejo á porta do templo.

Parte da colonia brazileira residente no Porto assistirá á missa em suffragio da alma do illustre morto.

(Serviço da *Agencia Havas*—reproduzido em diversos jornaes de 11 de Dezembro de 1891).

IRUN (fronteira hespanhola) 10 de Dezembro 8 hs. da manhã).

O comboio funebre atravessou a França durante a noite e aqui chegou n'este momento.

A's 6 horas da manhã o trem parou em Bayonna, em cuja estação havia enorme agglomeração de povo que alli veio descobrir-se ante o esquife do ex-monarcha.

Em Hendaye tambem estivemos parados alguns minutos e todos os brazileiros que acompanhão o corpo sentirão-se, n'esta ultima parada em territorio francez, tristes por deixarem o solo d'este povo generoso.

Pouco adiante d'essa villa está a ponte que divide os dous paizes e entrámos em terra hespanhola, fazendo nossa primeira parada n'esta pequena cidade.

Ao entrar o trem na estação, que fica perto do Bidassoa, vimos formadas tropas hespanholas, que o Governo da Regente mandára para prestar honras ao corpo do finado Imperador.

Achava-se tambem alli uma banda militar, que tocou o hymno nacional do Brazil e o da Hespanha.

Em Irun ha mudança de comboios, procedentes da França, tanto mais quanto a bitola das linhas hespanholas é maior por 30 centimetros que a das francezas. O corpo do finado foi transportado por seis soldados hespanhóes.

A estação está repleta de uma multidão compacta.

Achão-se presentes todas as autoridades civis e militares do logar.

O governador geral da provincia de Guipuzcoa, o Sr. Acuña, em uniforme de grande gala, apresentou á

Princeza as homenagens da Rainha Regente e do Governo hespanhol.

O Sr. Conde de Azevedo, que representava Sua Magestade Fidelissima no acompanhamento do corpo volta d'aqui para Pariz hoje mesmo.

No trajecto do comboio funebre pela Hespanha, será Sua Magestade representada pelo encarregado de negocios n'este paiz o Sr. Sequeira Tedio. (21)

MIRANDA DE EBRO, 10 (6 hs. da tarde).

Temos de parar aqui por alguns minutos.

Ao sahirmos de Irun, já de volta da estação telegraphica, verifiquei que o Marquez de Hoyos havia tomado o trem. comnosco, como representante da Rainha Regente.

Em todas as estações da linha de Irun, que, até este ponto, mede 180 kilometros, houve manifestações de respeito.

Ao chegarmos a este ponto, uma banda de musica tocou uma marcha funebre, e forão depositadas no carro mortuario muitas grinaldas, e sem numero de flores soltas.

Por todas as provincias por que vamos passando não só os respectivos governadores mas os capitães geraes dos districtos militares sobem ao trem para apresentar seus respeitos á Princeza.

D'aqui a Madrid a distancia é de 450 kilometros. Esperamos lá chegar amanhã ás 8 horas da manhã.

MADRID, 11 (11 1/2 da manhã).

Ha meia hora que o nosso trem entrou na estação do Norte, d'esta cidade.

Na estação e pelo Paseo del Rey até a Puerta de San Vicente estavão formados quatro regimentos com os estandartes cobertos de crépe, honrando os restos terrenos do Sr. D. Pedro.

Mais adiante a artilharia salvava.

(21 Reproduzido na *Gazeta da Tarde* do dia 12 de Dezembro de 1891.

A Rainha Regente, que tinha feito tenção de ir á estação, adoecêra hontem e ficou privada de abraçar a Princeza D. Izabel.

Mandou, porém, represental-a na recepção do corpo o *mayordomo mayor*, o Duque de Medina Sidonia e o Duque de Casa Rujo.

Estiverão tambem presentes na estação todos os ministros de estado, parte do corpo diplomatico, inclusive o Sr. Barão de Alencar, enviado extraordinario do Brazíl e muitas autoridades civis e militares.

Forão numerosos os tributos floraes que a população de Madrid mandou para o comboio funebre.

Vamos agora pelo caminho de ferro circular á estação das Delicias, ao sudeste da cidade onde, depois das necessarias manobras, sahiremos para a fronteira portugueza ao meio-dia em ponto.

(Meio-dia).

Ao chegarmos á estação das Delicias, o trem foi recebido com outras honras addicionaes.

Achão-se aqui formados quatro regimentos, e no trajecto pela orla da cidade no trem de *cintura* a população mostrava-se respeitosa e jogava no comboio muitas flores naturaes.

Aqui na estação o trem encheu-se de grinaldas e ramos.

Partimos já. (22)

(*Jornal do Commercio,* 12 de Dezembro de 1891).

PORTO, 11 de Dezembro.

Chegou hoje pela manhã, a esta capital, o trem sahido de Pariz ante-hontem, que traz o corpo do Sr. D. Pedro de Alcantara.

Na *gare* achava-se postado um forte contingente de tropa, que prestou as honras militares.

---

(22) Reproduzido na *Gazeta da Tarde* do dia 12 de Dezembro de 1891.

Depois de curta demora, o trem tornou a partir em direcção a Lisboa, onde chegará amanhã.

Foi enorme a agglomeração de povo que alli se achava.

(Serviço da *Agencia Havas* — publicado em varios jornaes de 12 de Dezembro de 1891).

LISBOA, 11 de Dezembro.

Partio para o Entroncamento, afim de acompanhar o corpo do ex-Imperador do Brazil, sua Alteza o Sr. Infante D. Affonso, acompanhado do seu estado-maior.

Uma força composta dos regimentos 2° e 7° está estacionada em Santa Apollonia, com o ministro da guerra.

O feretro será transportado amanhã para S. Vicente de Fóra, cuja igreja está ricamente ornada.

Hontem de manhã foi rezada uma missa na igreja da Lapa, no Porto. Foi muito concorrida, assistindo muitos Portuguezes que estiverão no Brazil.

(*Gazeta de Noticias,* 12 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 10 de Dezembro.

Seguiu no trem mortuario o distincto escriptor Hugues Le Roux, antigo redactor do *Temps* e actual correspondente do *Jornal do Brazil* em Pariz, encarregado de representar essa folha durante a viagem e nas ceremonias de Lisboa. Tambem nas exequias na Magdalena aquelle notavel jornalista representou o *Jornal do Brazil* conjunctamente com o engenheiro Dr. João de Souza Dantas.

IRUN, 10 (11 hs. da manhã).

Telegraphamos do comboio mortuario. Esperava-nos o trem hespanhol. Forão prestadas as honras militares, achando-se presente o governador da provincia de Guipuzcôa, representando as autoridades locaes e o governo hespanhol. O transporte do corpo de um para outro trem foi feito aos hombros de oito soldados do regimento 23 de infanteria. Grande multidão em attitude respeitosa assistia. Muitas corôas forão depositadas sobre o ataúde.

MADRID, 11 (12 hs. e 9 m).

Sua Magestade a Rainha Christina de Hespanha enviou uma rica grinalda para ser collocada sobre o caixão do Sr. D. Pedro II.

Os ministros do interior e da guerra estiverão na estação da estrada de ferro, e ahi assistirão á passagem do comboio funebre, fazendo as honras da recepção em nome de Sua Magestade a Rainha,que se acha enferma.

Estiverão tambem presentes alguns membros do corpo diplomatico e autoridades d'esta capital. Alguns regimentos da guarnição salvárão á passagem do comboio.

O marechal Jovellar partiu para Lisboa como representante de Sua Magestade para assistir alli aos funeraes.

LISBOA, 11.

O Infante D. Affonso, o ministro do exterior e o das obras publicas, além de grande numero de cidadãos, vão esperar na estação do Entroncamento o corpo do Sr. D. Pedro, ex-Imperador do Brazil.

Os funeraes aqui serão sumptuosos. Assistiráõ Sua Magestade El-Rei o Sr. D. Carlos e sua Augusta Esposa, representantes enviados por Suas Magestades o Imperador da Allemanha e Rainha de Hespanha.

Os Srs. Conde e Condessa d'Eu e a sua comitiva hospedar-se-hão no palacio das Necessidades.

(*Jornal do Brazil*, 12 de Dezembro de 1891).

MADRID, 11 de Dezembro.

Chegou hoje pela manhã n'esta capital o trem sahido de Pariz ante-hontem, que traz o corpo do Sr. D. Pedro II.

(*Diario de Noticias*, 12 de Dezembro de 1891).

PARIZ, 10 de Dezembro.

Toda a imprensa d'esta capital publica a declaração official do Governo francez, dizendo que as honras

funebres prestadas ao Sr. D. Pedro de Alcantara não forão honras imperiaes e que jámais teve semelhante intenção.

Este desmentido categorico aos boatos a respeito propalados é acompanhado de palavras honrosissimas á Republica dos Estados Unidos do Brazil.

O Sud-Express chegou hoje a Madrid. Na estação achava-se a Rainha Regente, que cumpriméntou a Sra. Condessa d'Eu e apresentou-lhe as suas condolencias.

Durante o tempo em que o comboio ahi esteve parado, uma força do exercito hespanholprestou as honras militares.

(*O Paiz*, 12 de Dezembro de 1891).

LISBOA, 11 de Dezembro.

E' esperado amanhã o cortejo funebre que traz o corpo de D. Pedro de Alcantara. O Rei D. Carlos I, sua Côrte e a colonia brazileira vão esperar na *gare* o cortejo.

MADRID, 12.

Chegou a esta capital o trem que traz o corpo de D. Pedro de Alcantara.

Depois de curta demora o trem tornou a partir em direcção a Lisboa. Na *gare* era enorme a agglomeração de povo.

Um contingente de tropa prestou as honras militares.

LISBOA, 12.

Chegou hoje a esta capital o corpo do ex-Imperador do Brazil.

Os funeraes forão sumptuosos e a elles assistirão o Rei D. Carlos I e sua Esposa, representantes enviados pelo Imperador da Allemanha e Rainha de Hespanha.

Esperárão o corpo na estação do Entroncamento o Infante D. Affonso com seu estado maior, os ministros do exterior, das obras publicas, da guerra e uma força composta dos regimentos 2° e 7°.

Grande multidão enchia a estação.

O feretro foi conduzido para S. Vicente de Fóra, cuja igreja está cheia de povo.

(*Gazeta da Tarde*, 12 de Dezembro de 1891).

LISBOA, 12 de Dezembro.

Hoje, ás 8 horas da manhã, chegou á estação do Entroncamento o comboio funebre.

Achava-se alli o trem que havia sido despachado de Lisboa para encontral-o.

A bordo d'esse trem forão o Infante D. Affonso, o ministro das obras publicas, o ajudante de ordens do ministro da guerra, o Sr. Ramalho Ortigão, o Sr. Mariano Pina, o Sr. commendador José Gonçalves Pereira e outros cavalheiros.

A' chegada do trem de Madrid formou-se a tropa que o governo havia mandado alli para prestar as honras militares ao corpo do finado ex-Imperador, tropa que consistia de um regimento de artilheria.

Estiverão presentes tambem as autoridades civis do logar.

Depois da necessaria demora largou o comboio para Lisboa, onde chegou á estação de Santa Apolonia ás onze e meia horas da manhã.

Achava-se alli Sua Magestade El-Rei D. Carlos, acompanhado de sua casa civil e militar.

O Sr. D. Carlos, evidentemente commovido, abraçou os Condes d'Eu.

Pouco depois procedeu-se á abertura do vagon funebre e o ataúde foi transportado para o coche funebre da casa real.

Pegárão nos cordões os Srs. Marquez de Sabugosa, Marquez de Fayal, Marquez de Pomares, Marquez de Vallada, Duque de Palmella, Duque de Loulé e Conde de Ficalho

Na Praça da Estação formou-se logo o prestito.

Abria-o uma força de cavallaria, seguindo grande numero de carruagens com os presidentes e membros dos tribunaes superiores, das duas camaras legislativas, da camara municipal, conselheiros de estado, ministros de estado.

Vinhão depois os coches de grande gala da casa real.

O primeiro continha S. M. El-Rei, a Princeza D. Isabel, o Conde d'Eu e Principe do Grão-Pará.

No segundo ião D. Pedro Augusto e o Infante D. Affonso.

Seguião-se outros occupados por personagens da Côrte, depois do que vinha um carro de respeito, conduzindo as corôas e outros tributos.

Depois d'estes é que vinha o coche com ataúde, ao lado do qual ia o coche da real camara com tochas e os moços da estribeira.

Fechava o prestito um corpo de cavallaria.

Até S. Vicente de Fóra o cortejo passou por entre alas de infanteria, postadas em todas as ruas do trajecto.

As janellas estavão apinhadas de gente e nas ruas o povo dava muitas mostras de profundo pezar e respeito.

Ao chegar o prestito a S. Vicente de Fóra, a Rainha D. Amelia que ali se achava saudou a Princeza D. Isabel.

O feretro foi então conduzido até o meio da igreja pela irmandade da Santa Casa da Misericordia de Lisboa, rezando-se responsorios durante a ceremonia.

Depois foi o caixão descansado na segunda éça no centro da quadratura patriarchal e começárão os officios.

A uma das tribunas achavão-se a familia real e a familia imperial; e em outra, as damas da Côrte.

O corpo diplomatico, com a unica excepção do ministro do Brazil, occupava outra tribuna, e mais outra foi reservada para os pares e deputados.

De cada lado do catafalco estavão a casa civil e militar do Rei e o corpo ecclesiastico, composto do Patriarcha de Lisboa e de 12 bispos.

A decoração do templo era a mais rica e pomposa que se tem feito.

Terminados os officios, que produzirão grande impressão, foi o corpo transportado para o jazigo da Casa de Bragança e collocado entre os tumulos da Imperatriz do Brazil D. Thereza Christina e da Rainha de Portugal D. Amelia, mulher de D. Pedro IV, o primeiro Imperador do Brazil.

Do deposito do caixão no jazigo assignárão-se dous termos.

Uma das chaves foi entregue ao Patriarcha, assignando o termo o ministro da justiça.

A segunda chave foi entregue ao mordomo.

Forão depositadas no jazigo corôas que tinhão sido remettidas pela :

Sociedade de Beneficencia Brazileira de Portugal ;

Irmandade da Cruz dos Militares do Rio de Janeiro ;

Estudantes Brazileiros de Medicina, de Lisboa ;

Instituto Historico e Geographico do Brazil ;

E outra dos advogados do Rio de Janeiro, com a seguinte legenda : *Ao defensor das liberdades civicas da sua patria.*

A estas ceremonias assistio o representante especial da Rainha da Hespanha, o capitão-general Jovellar.

A Princeza D. Isabel acha-se muito fatigada e alquebrada.

Parte na segunda-feira para Madrid, onde permanecerá até quinta-feira, em curta visita á Rainha Regente da Hespanha.

A imprensa d'esta capital publica artigos elogiosos do Imperador.

(*Jornal do Commercio*, 13 de Dezembro de 1891).

Lisboa, 12 de Dezembro.

Realisou-se hoje o enterro de D. Pedro de Alcantara.

Foi uma ceremonia imponente á que concorrêrão cerca de dez mil pessoas.

O cortejo funebre chegou a *gare* de Santa Affonsina ás 11 horas e partiu ao meio-dia.

Achava-se formado um esquardrão de cavallaria. Entre a enorme multidão que afluio á *gare* vião-se os presidentes do Supremo Tribunal de Justiça, do Tribunal de Contas, da Relação de Lisboa, membros da Côrte, os presidentes da Camara dos Pares, commissões de diversas corporações litterarias e scientificas, membros do Conselho de Estado, o ministerio.

O caixão foi collocado em um coche da casa real e coberto com a bandeira do Imperio.

Era ladeado por moços da camara e estribeiros a pé segurando tochas e descobertos, e seguido por uma força composta pelos regimentos da guarnição.

Chegado o feretro á igreja de S. Vicente de Fóra, foi ahi recebido pelo Patriarcha.

Os irmãos da Misericordia tirárão o caixão do coche, que foi depois collocado na eça, segurando nas borlas os altos dignitarios.

O Patriarcha rezou uma missa, e officiou nas ceremonias religiosas, findas as quaes foi o caixão depositado no jazigo, junto ao da ex-Imperatriz.

Forão depois lavrados os respectivos Autos e, fechado o jazigo, as chaves entregues ao Patriarcha.

Foi muito notada e desfavoravelmente commentada a ausencia do pessoal da legação e do consulado brazileiro.

Tanto mais que as honras tinhão um caracter de serem prestadas a um tio de El-Rei e não a um Imperador desthronado.

Entre a multidão de corôas, notámos as que forão offerecidas por El-Rei D. Carlos e pela Rainha D. Amelia, com a simples dedicatoria — *A seu tio* — a da Rainha D. Maria Pia, do Infante D. Affonso, a dos advogados do Rio de Janeiro — *ao defensor das liberdades civicas* — a do Dr. Candido de Mendonça, do Instituto Historico, da Beneficencia Brazileira em Lisboa, dos estudantes brazileiros da Escola Academica, e todas que vierão de Pariz.

Os portuguezes que residirão no Brazil e se achão nas provincias do norte vão mandar celebrar exequias.

(*Gazeta de Noticias*, 13 de Dezembro de 1891).

LISBOA, 12 de Dezembro.

Chegou hoje, pela manhã, vindo de Madrid, o comboio funebre trazendo o corpo de D. Pedro II.

As honras militares forão prestadas ao fallecido como membro da familia real e tio de S. M. o Rei D. Carlos I, mas não como a um Principe reinante.

(Serviço da *Agencia Havas* — publicado em varios jornaes de 13 de Dezembro de 1891).

LISBOA, 12 de Dezembro (8 hs. e 30 m).

A Sociedade de Beneficencia Brazileira mandou celebrar uma missa e depoz uma corôa sobre o caixão.

Todos os jornaes d'esta capital, tanto os monarchicos como os republicanos, em longos artigos pranteião a morte do ex-Imperador, notando e reconhecendo o espirito bondoso e liberal do finado.

A Côrte portugueza tomou luto por vinte dias. O parlamento manifestou o seu pezar suspendendo os seus trabalhos. Na Camara dos Pares foi levantada a sessão, depois de fallarem, honrando o morto, os srs. Hintze Ribeiro, José Luciano, Thomaz Ribeiro e Mathias Carvalho.

LISBOA, 12 (recebido a 13 pela manhã).

Realizou-se hoje á tarde com grande pompa o enterro do Sr. D. Pedro II, cujo feretro foi conduzido á igreja de S. Vicente de Fóra e ahi transportado para o jazigo de Bragança e collocado entre os tumulos de D. Thereza Christina, Imperatriz do Brazil e de D. Amelia, Rainha de Portugal e esposa de D. Pedro IV.

Os officios fôrão feitos pelo Cardeal Patriarcha de Lisboa auxiliado por alguns bispos.

Assistirão a todas as ceremonias a Princeza D. Izabel e sua familia, o Rei e a Rainha de Portugal, os ministros, o corpo diplomatico e crescido numero de altos personagens.

Representou n'essa occasião S. M. a Rainha da Hespanha o marechal Jovellar.

O Duque de Brunswick, que quizêra assistir a esse acto solemne, perdeu o trem especial que partia para Lisboa.

As corôas recebidas contão-se por dezenas, tornando-se notaveis entre essas a da *Colonia Brazileira de Lisboa e a da Commissão de Beneficencia Brazileira estabelecida n'esta cidade.*

(*Jornal do Commercio*, 13 de Dezembro de 1891).

LISBOA, 13 de Dezembro (á tarde).

A Princeza D. Izabel e toda sua familia assistio hoje a missa que se rezou no Pantheon, por alma de D. Pedro II; o templo estava repleto, notando-se personagens da mais alta aristocracia lisbonense.

A Princeza D. Izabel recebeu pessoalmente da colonia brazileira em Lisboa comprimentos de sinceros pezames.

Sua Alteza parte amanhã para Madrid, onde demorar-se-ha tres dias, seguindo depois para França.

(Serviço da *Agencia Havas* — publicado em diversos jornaes de 13 de Dezembro de 1891).

LISBOA, 14 de Dezembro.

Acaba de chegar aqui o Duque de Brunswick, portador de varias corôas ricas de S. M. o Imperador da Allemanha ao Sr. D. Pedro II.

A Sra. D. Izabel e sua familia deixárão hoje, á tarde, esta capital, partindo para Versailles, sendo acompanhadas até á *gare* pela colonia brazileira em Lisboa.

(Serviço da *Agencia Havas*—publicado em diversos jornaes de 15 de Dezembro de 1891).

TELEGRAMMAS NACIONAES

S. PAULO, 5 de Dezembro.

A morte de D. Pedro de Alcantara causou pezar ao povo, tem sido objecto das conversações, lastimando-se o facto.

VICTORIA, 5.

Pezames ao paiz pela morte do sabio Brazileiro e patriota D. Pedro de Alcantara.—*Antonio do Nascimento.*

(*Jornal do Comm.*, 6 de Dezembro de 1891).

CAMPOS, 5 de Dezembro.

A noticia da morte do Sr. D. Pedro de Alcantara foi recebida com pezar pela população.

Algumas casas commerciaes cerrárão as portas.

PORTO-ALEGRE, 5.

A noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara causou aqui geral sentimento de pezar.

Todo o corpo consular hasteou bandeiras a meio páo.

(*O Paiz*, 6 de Dezembro de 1891).

S. PAULO, 5 de Dezembro.

Causou aqui dolorosa consternação a noticia da morte do ex-imperador D. Pedro de Alcantara.

(*O Tempo*, 6 de Dezembro de 1891).

S. PAULO, 5 de Dezembro.

Causou pezar n'esta cidade a noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara.

(*Diario de Noticias*, 6 de Dezembro de 1891).

JUIZ DE FORA, 5 de Dezembro.

A noticia do fallecimento de D. Pedro de Alcantara causou aqui a mais profunda impressão. Todo o commercio cerrou as portas, fazendo o mesmo as redacções dos jornaes.

Organizão-se exequias em homenagem á sua memoria (1)

(*Correio do Povo*, 6 de Dezembro de 1891).

S. PAULO, 6 de Dezembro.

A noticia da morte de D. Pedro de Alcantara causou aqui geral consternação.

(*Gazeta da Tarde*, 6 de Dezembro de 1891).

PORTO-ALEGRE. 5 de Dezembro (retardado).

Foi bastante sentida aqui a morte do Sr. D. Pedro de Alcantara.

Muitas casas cerrárão suas portas, e os consulados, club caixeiral e outras sociedades hasteárão suas bandeiras em funeral.

A imprensa, com excepção da *Federação*, lamenta esse successo.

(*O Tempo*, 9 de Dezembro de 1891).

JUIZ DE FORA, 5 de Dezembro.

O commercio d'esta cidade continuou hoje a demonstração de seu pezar, cerrando meia porta á tarde.

---

1 Publicado tambem no *Jornal do Commercio*, na *Gazeta de Noticias* e *Diario do Commercio*.

OURO PRETO, 6.

A noticia do fallecimento do Imperador do Brazil causou consternação geral, tristeza penetrante, dôr immensa; toda a cidade commovida.— *Diogo de Vasconcellos.*— *Pedro Feu.*— *J. Periquito.* (2)

VALENÇA, 6.

Em Valença produzio dolorosa impressão a noticia do fallecimento de D. Pedro II, e n'este momento repercutem na cidade os sons plangentes dos sinos de todas as igrejas, carpindo a morte de tão bondoso cidadão.— *Cardim.*

OURO PRETO, 7.

Hontem, ás 9 horas da noite, as igrejas dobrárão a finados.

Têm havido aqui geraes demonstrações pela morte de D. Pedro.

Preparão-se solemnes exequias e missas em todas as igrejas. Os operarios, a Escola de Minas, varias irmandades e associações preparão demonstrações de pezar.

Por ordem do presidente fecharão-se as repartições publicas.

N'esta cidade projecta-se levantar um monumento á memoria de D. Pedro de Alcantara.

Os habitantes de muitos pontos d'esta cidade tomárão luto.

(*Gazeta de Noticias,* 7 de Dezembro de 1891).

VICTORIA, 6 de Dezembro.

Causou profundo pezar a morte de D. Pedro. O commercio fechou os estabelecimentos. Grande numero de cidadãos tomárão luto.

BARBACENA, 6.

Causou dolorosissima impressão o fallecimento do ex-Imperador.— *Gonçalves.*

---

(2) Igualmente dado na *Gazeta de Noticias* e *Gazeta da Tarde.*

BARRA-MANSA, 6.

Causou geral consternação n'esta cidade a noticia da morte de D. Pedro de Alcantara. O commercio cerrou as portas em signal de pezar e homenagem á memoria do eminente Brazileiro. Projecta-se celebrar solemnes exequias no setimo dia de seu fallecimento. — *Manoel Ribeiro de Souza Barata.*

(*Jornal do Brazil*, 7 de Dezembro e *Gazeta da Tarde* do mesmo dia).

PARÁ, 7 de Dezembro.

A noticia da morte do Sr. D. Pedro de Alcantara foi aqui recebida hontem á tarde pela *Provincia do Pará*, que immediatamente fez circular em boletim a triste nova e abateu a bandeira em funeral.

Hoje na cidade forão geraes as demonstrações de pezar por esse motivo.

Amanhã a *Provincia* dará artigo inedito do pranteado Dr. Assis, fundador do jornal, escripto em Maio de 1888, quando a todo o instante aguardava-se o fallecimento do então Imperador do Brazil.

MARANHÃO, 7.

A noticia da morte do Sr. D. Pedro de Alcantara contristou profundamente a população. O commercio fechou as portas. Os consulados, os edificios de todas as corporações e os navios hasteárão bandeira em funeral. Os sinos das igrejas durante todo o dia dobrárão a finados. (3)

OURO PRETO, 7.

O fallecimento do venerando ex-Imperador do Brazil causou geral consternação. As matrizes e capellas da capital dobrárão a finados. As repartições publicas não

---

(3) Tambem publicado no *Jornal do Brazil* de 8 de Dezembro.

funccionárão. Esta homenagem do digno presidente Dr. Alvim ao illustre morto foi geralmente louvada. Diversas casas hasteárão bandeira em funeral. Preparão-se exequias solemnes.— Redacção *d'A Ordem.* (1)

(*O Paiz*, 8 de Dezembro de 1891).

BANANAL, 7 de Dezembro.

A noticia do fallecimento de D. Pedro de Alcantara produzio aqui dolorosa impressão.

Todas as igrejas dobrárão a finados. Muitas casas cerrárão as portas. Preparão-se solemnes exequias.

(*Gazeta de Noticias*, 8 de Dezembro de 1891).

BARBACENA, 6 de Dezembro.

O fallecimento do Imperador foi muito sentido aqui. Alguns amigos farão celebrar missas. — *Fonseca Costa*.

OLIVEIRA, 6.

Profundo pezar pela morte do Imperador. Sentimento geral. — Dr. *Coelho de Moura*.

MARIANNA, 7.

Pezames á Patria pelo fallecimento do illustre Brazileiro D. Pedro de Alcantara. O commercio e officinas cerrárão as portas, em signal de luto. Os sinos dobrão a finados. Sentimento geral.

(*O Brazil*, 8 de Dezembro de 1891).

SANTA LUZIA DO CARANGOLA, 7 de Dezembro.

Sentidos pezames pelo fallecimento do primeiro Brazileiro, o ex-Imperador. Haverá aqui officios funebres. — Padre *Candido Cerqueira* e *Salermo Barboza*, redactor d'*A Opinião*.

(1) Igualmente dado pelo *Jornal do Commercio* de 8 de Dezembro.

S. PAULO, 7.

O Dr. João Mendes de Almeida promove uma subscripção cujo producto será destinado a exequias solemnes ao ex-Imperador.

As ceremonias serão celebradas no dia 28 do corrente, por ser o anniversario do fallecimento da Imperatriz.

Será eleita uma commissão directora, a qual fará convites a diversas corporações, para se associarem a esta manifestação de pezar.

SANTOS, 7.

E' geral aqui o sentimento de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara.

Os consulados, a Praça do Commercio, a Sociedade Humanitaria, a Intendencia conservão hasteada a bandeira a meio-páo.

(*Jornal do Brazil*, 8 de Dezembro de 1891).

BELEM, 6 de Dezembro.

A noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro II foi recebida n'esta capital com profundo pezar.

O commercio e os estabelecimentos bancarios fechárão as portas. Os consulados e navios mercantes, surtos no porto, têm a bandeira em funeral.

BELEM, 7.

A commissão da Praça do Commercio, em um boletim, convida o commercio a cerrar suas portas nos dias 7, 8 e 9, em signal de sentimento pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara.

OURO PRETO, 7.

Hontem, á noite, foi recebida aqui a noticia da morte do ex-Imperador, causando geralmente grande pezar. Todas as igrejas dobrárão a finados e o commercio em geral cerrou as portas. Na Escola de Minas, que elle fundou, foi hasteada a bandeira coberta de crepe e suspensas as aulas.

O Prado Ouro-Pretano, que deveria ser inaugurado amanhã, transferio a inauguração para o proximo domingo.

O Presidente do Estado, interpretando os sentimentos geraes, ordenára que fossem suspensos todos os trabalhos nas repartições publicas, dizendo que a Republica honra-se honrando a memoria do grande Brazileiro.

Promovem-se suffragios.

OURO PRETO, 7.

Lentes e alumnos da Escola de Minas resolvêrão, como manifestação de seu pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, conservar a Escola fechada durante tres dias, ter o pavilhão d'esta em funeral e coberto de crepe e mandar dizer uma missa de setimo dia. E' geral o sentimento pelo fallecimento do protector da Escola. — *Dr. Sena.* — *Bello.* — *Rives.* (5)

OURO PRETO, 7.

Hontem, ás 8 horas da noite, todas as igrejas da cidade dobrárão a finados pelo ex-Imperador. Tem havido demonstrações geraes de pezar. Vão ser celebradas exequias e haverá missas mandadas rezar em varias igrejas pelos operarios, Escola de Minas e Irmandades. As repartições forão fechadas por ordem do Presidente. Projecta-se erigir n'esta gloriosa cidade um monumento para perpetuar a memoria de Sua Magestade. Em todas as localidades circumvisinhas são geraes os sentimentos de pezar.

CANTAGALLO, 7.

A noticia da morte do Sr. D. Pedro II causou n'esta cidade profundo pezar.

(*Jornal do Comm.*, 8 de Dezembro de 1891).

S. PAULO, 7 de Dezembro (retardado).

Causou aqui geral desagrado o artigo publicado pelo *Diario da Manhã*, de Santos, no qual desrespeita o

(5) Publicado no *Jornal do Brazil* de 8 de Dezembro.

ex-Imperador Sr. D. Pedro de Alcantara depois de sua morte.

Os outros jornaes têm publicado artigos elogiando as qualidades do eminente morto.

S. PAULO, 7 (retardado).

Desde hontem que se fazem aqui demonstrações de pezar pela morte do Sr. D. Pedro de Alcantara, tendo diversas sociedades e clubs hasteado suas bandeiras á meio páo.

— O Dr. João Mendes de Almeida promove entre os monarchistas uma subscripção com o fim de celebrar exequias em homenagem ao Sr. D. Pedro de Alcantara.

(*O Tempo*, 9 de Dezembro de 1891).

PARA', 8 de Dezembro.

O commercio d'esta praça tomou luto pela morte do Sr. D. Pedro de Alcantara até amanhã.

Toda a imprensa lamenta a morte do illustre Brazileiro. A *Provincia do Pará* insere diversos artigos necrologicos, inclusive o inedito do Dr. Assis, todos, entre tarjas.

(*O Paiz*, 9 de Dezembro de 1891).

CORITIBA, 8 de Dezembro.

A noticia da morte do Sr. D. Pedro de Alcantara foi geralmente sentida aqui.

Promovem-se exequias em homenagem ao illustre morto.

(*Diario do Comm.*, 9 de Dezembro de 1891).

MARANHÃO, 8 de Dezembro.

Sentimento geral pela morte de D. Pedro. O commercio cerrou as portas.

BARRA MANSA, 8.

O povo d'este municipio, sem distincção de partidos, projecta mandar celebrar solemnes exequias no

setimo dia do fallecimento do Grande Brazileiro D. Pedro de Alcantara.— *Barramansense.*

BELÉM, 8.

Continuão os consulados e navios mercantes a conservar a bandeira em funeral. Os bancos e casas commerciaes fechárão completamente as portas. Os sinos de todas as igrejas dobrão a finados.

INDAYASSU' 8.

A infausta noticia do passamento do venerando Sr. D. Pedro II causou no povo de Limiar, (Friburgo) grande pezar. O luto é geral por tão grande perda.

(*Jornal do Comm.*, 9 de Dezembro de 1891).

BAHIA, 9 de Dezembro.

A noticia do fallecimento do ex-monarcha produzio geral consternação. Grande numero de casas particulares e de estabelecimentos commerciaes cerrou as portas. A imprensa refere-se ao illustre morto fazendo justiça ao seu patriotismo e elevado merito. O *Jornal de Noticias* dedicou a sua edição de hoje ao fallecido soberano cujo retrato estampou na primeira pagina.

S. PAULO, 9.

No setimo dia do fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara serão celebradas muitas missas n'esta capital.

OURO PRETO, 9.

Celebrarão-se hoje, com muita solemnidade, na capella das Mercês dos Perdões, missas com *Libera-me* por alma do Sr. D. Pedro II. O templo estava completamente cheio, havendo representantes de todas as classes.— *José Martins Coelho.— Camillo de Paula Ferreira.— João de Paula Moreira.* (6)

(*Jornal do Comm.*, 10 de Dezembro de 1891).

---

(6) Publicado tambem pelo *Jornal do Brazil* e *Gazeta de Noticias* de 10 de Dezembro. *Jornal do Commercio* e *O Brazil* do dia 11.

OURO PRETO, 9 de Dezembro.

A Escola de Minas, em reconhecimento á memoria do Sr. D. Pedro de Alcantara, protector enthusiasta da mesma escola, deliberou tomar a iniciativa das manifestações funebres que serão celebradas aqui.

A congregação de lentes resolveu suspender as aulas por tres dias e conservar nas janellas do edificio a bandeira da escola, coberta de luto.

Os alumnos e lentes mandárão telegramma de condolencias á Sra Condessa d'Eu e fazem rezar missas no setimo dia.

O commercio tambem prepara manifestações de pezar.

(*O Tempo*, 10 de Dezembro de 1891).

OURO PRETO, 8 de Dezembro.

A classe operaria de Ouro Preto, tendo á sua frente, o tenente Abilio Murce, reunio-se hoje na praça publica, em numero superior a 500 homens, e deliberou mandar suffragar a alma do Sr. D. Pedro de Alcantara, no dia 11 do corrente, na igreja de S. José.

OURO PRETO, 9.

Causou profundo pezar a noticia do fallecimento de D. Pedro de Alcantara. Estão preparadas varias manifestações de pezar.

Os alumnos da Escola de Minas reunirão-se e deliberárão mandar telegramma de condolencias á familia do finado e rezar missa em reconhecimento á memoria do Fundador e Protector da escola.

A congregação dos lentes, associando-se ás manifestações, resolveu suspender as aulas por tres dias e ter alçada n'este espaço de tempo a bandeira da escola coberta de luto.

BAHIA, 9.

Em demonstração de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, estiverão com bandeiras em funeral os edificios dos consulados: portuguez, italiano

e hespanhol; os das sociedades de Beneficencia Portugueza, Gabinete Portuguez, Associação Commercial, Euterpe, Club Caixeiral, Gremio Litterario, Lyceu de Artes e Officios, Monte Pio dos Artistas, Club Atheniense; os navios portuguezes surtos no porto; algumas casas particulares e edificios de companhias.

Muitas casas commerciaes cerrárão as portas e muitos cidadãos tomárão luto pesado. A cathedral e outras igrejas dobrárão a finados. Alguns particulares promovem solemnes exequias por occasião do trigesimo dia do passamento.

— A imprensa d'esta capital, sem excepção de nenhum dos seus orgãos, fez honrosas referencias ao finado ex-Imperador do Brazil.

(*O Paiz*, 10 de Dezembro de 1891).

TAVARES, 8 de Dezembro (retardado).

O povo chapeouvense, reunido hontem, nomeou uma commissão composta dos Srs. Domingues Barbosa, Joaquim Antonio do Carmo, Antonio Carneiro, Christovão de Lima e Antonio Teixeira Carvalho, para fazer as exequias solemnes de D. Pedro de Alcantara. — Pela commissão, *Christovão Lima.*

(*Gazeta de Noticias*, 10 de Dezembro de 1891).

OURO PRETO, 9 de Dezembro.

Dura ainda o profundo pezar causado pela noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro II. O commercio d'esta capital prepara solemnes exequias para o setimo dia. A Escola de Minas, em reconhecimento aos favores e protecção que recebeu do ex-Imperador, deliberou tomar a iniciativa das manifestações. A congregação resolveu suspender as aulas por tres dias e conservar a bandeira da Escola coberta de crepe. Os lentes e alumnos mandárão telegramma de pezames á Senhora Princeza D. Izabel, e mandão rezar uma missa por alma do grande morto.— *Do nosso correspondente.*

(*Jornal do Brazil*, 10 de Dezembro de 1891).

OURO PRETO, 10 de Dezembro.

Amanhã rezão-se missas em suffragio da alma do Sr. D. Pedro de Alcantara.

(*O Tempo*, 11 de Dezembro de 1891).

VICTORIA, 10 de Dezembro.

Na igreja da ordem do Carmo, realizão-se amanhã solemnes exequias em suffragio da alma do Sr. D. Pedro de Alcantara. A solemnidade é feita por subscripção popular.

(*O Paiz*, 11 de Dezembro de 1891).

S. JOÃO D'EL-REI, 9 de Dezembro (retardado).

Na sessão do jury, hoje, o promotor publico requereu se consignasse um voto de profundo pezar em nome d'este municipio, pela morte do primeiro Brazileiro e primeiro Patriota D. Pedro II, sendo unanimemente apoiado.—Promotor publico *Vicente Teixeira.* (7)

(*Gazeta de Noticias*, 11 de Dezembro de 1891).

MARIANNA, 8 de Dezembro.

Sentimento geral pela morte do Imperador. Hontem o commercio fechou-se. Todos os sinos dobrárão por largo tempo. Celebrarei missa de *Requiem*, sexta-feira, no Carmo. Haverá communhão geral pelo fallecimento do Monarcha.— Monsenhor *Telles.*

INDAYASSU' 9.

A noticia do passamento do illustre Brazileiro D. Pedro II, causou no logar de Friburgo, geral consternação. O povo d'aqui faz votos para que seja satisfeito o seu ardente desejo de dormir o somno da morte no Brazil. – *Guilherme Henrique Spitz.*

(*O Brazil*, 11 de Dezembro de 1891).

---

7) Encontra-se tambem no *O Paiz* e *O Brazil* de 11 de Dezembro.

BAHIA, 9 de Dezembro (retardado).

A morte do Sr. D. Pedro de Alcantara despertou n'esta capital geraes demonstrações de pezar; os consulados de Portugal, Italia e Hespanha, diversas associações, navios portuguezes e estabelecimentos commerciaes, tiverão a bandeira em funeral. A secretaria ecclesiastica cerrou as portas. Todas as igrejas dobrárão a finados. Preparão-se exequias solemnes para o trigesimo dia. Todos os jornaes fazem honrosas referencias ao grande morto.

(*Jornal do Brazil*, 11 de Dezembro de 1891).

ESTAÇÃO DE S. SEBASTIÃO, 8 de Dezembro.

A Sociedade Club Sciencia e Caridade d'esta villa, em sessão funebre de hoje, resolveu celebrar exequias solemnes por alma do nosso immortal ex-Imperador D. Pedro II. Consternação geral.—O presidente *G. F. de Souza.*

THEREZINA, 9.

O commercio fechou as portas ao ter conhecimento da morte do Sr. D. Pedro II. No setimo dia haverá missa solemne.

VALENÇA, 10.

Os valencianos mandão celebrar exequias solemnes por alma de D. Pedro II, no dia 19. Aqui os sentimentos têm sido de geral consternação. —*A Actualidade.*

PIRAHY, 10.

Celebrou-se hoje missa por alma de D. Pedro II, a qual foi muito concorrida. Reunidos os devotos, sem côr politica ou social, ouvírão as sentidas palavras proferidas pelo proprio celebrante, Revdm. conego Paschoal de S. Martinho, tocando harmonium o professor publico d'esta cidade.

(*Jornal do Comm.*, 11 de Dezembro de 1891).

PORTO-ALEGRE, 10 de Dezembro (retardado).

Amanhã o cabido celebra solemnes exequias em memoria do Sr. D. Pedro de Alcantara.

O *Jornal do Commercio* publicará o retrato do ex-imperante.

No dia 30 realizar-se-hão as exequias que serão feitas por meio de subscripção popular, a qual já monta a tres contos de réis.

(*O Tempo,* 12 de Dezembro de 1891).

OURO PRETO, 10 de Dezembro.

O povo de Ouro-Preto dirigio ao Exm. Ministro da França, no Rio, o seguinte telegramma:

« O povo ouro-pretano, orgão do povo mineiro, pede-vos bondade para transmittir a S. Ex. o Sr. Sadi Carnot os sentimentos de sua immensa gratidão ao heroico povo francez pelas provas consideraveis prestadas ao idolatrado compatriota fallecido Imperador. Sadi Carnot merece personificar a nação chefe da civilisação do mundo e no povo mineiro creou dominio absoluto de toda a sympathia. — *Diogo de Vasconcellos. — Pedro Feu. — J. Periquito. — Padre Camillo Velloso. — Padre Candido Velloso. — Mariano Soares.— Alfredo Catta Preta.—Santos. —Arnaldo Oliveira.*

(Publicado em varios jornaes de 12 de Dezembro de 1891).

BAHIA, 10 de Dezembro.

O Bispo de Eucarpia, governador do arcebispado, ordenou que todas as igrejas dobrassem a finados, em homenagem ao Sr. D. Pedro de Alcantara, e que pelo mesmo motivo se fechasse a secretaria ecclesiastica.

A Camara Municipal, os consulados da Austria, Inglaterra, Allemanha, Dinamarca, Republicas Argentina e Oriental içárão tambem bandeiras a meio páo, desde que tiverão noticia do fallecimento.

A mesa administrativa da capella do Bomfim faz celebrar sabbado missa por alma do finado. O conego Bernardino Souza, ex-capellão do Sr. D. Pedro de Alcantara, celebrará missa pelo illustre morto, segunda-feira.

A Associação Commercial, prestando igualmente homenagem ao ex-imperador do Brazil deliberou effectuar solemnes exequias, por occasião do trigesimo dia do passamento, na igreja cathedral, e para este fim nomeou commissão encarregada de angariar donativos; conservar encerrado o edificio de sua séde, durante oito dias, e enviar um telegramma de condolencias á Condessa d'Eu.

Algumas familias da cidade de Itaparica tambem promovem exequias.

S. PAULO, 10.

No dia 28 do corrente realizão-se solemnes exequias pelo Sr. D. Pedro de Alcantara.

S. PAULO, 11.

Em sessão de hoje a Intendencia d'esta capital resolveu suspender os trabalhos, como demonstração de sentimento pela morte de D. Pedro de Alcantara, e deliberou tambem dar esta denominação á rua Direita.

PORTO-ALEGRE, 11.

Na igreja do Rosario, um admirador do Sr. D. Pedro de Alcantara mandou rezar missas em suffragio de sua alma. Foi grande a concurrencia.

O *Jornal do Commercio* e a *Reforma* abrírão listas de subscripção, para que se effectuem exequias. O primeiro d'estes dous diarios deu hoje edição illustrada com o retrato do finado.

Por parte do clero d'esta capital, realizarão-se na cathedral solemnes exequias.

O templo achava-se ricamente ornado de luto. Ao centro erguia-se magestoso catafalco, com o retrato de D. Pedro e encimado pela corôa Imperial.

Estiverão presentes muitas pessoas da nossa melhor sociedade, principalmente grande numero de senhoras.

A imprensa fez-se representar.

S. JOÃO d'EL-REI, 11.

Causou geral consternação a noticia da morte do ex-Imperador do Brazil. Celebrou-se hoje missa de setimo dia e assistio grande numero de pessoas.

BAHIA. 11.

O Tribunal da Relação, em sessão de hoje, por proposta do presidente, inserio em acta um voto de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara. O desembargador Alvaro Costa propoz e foi approvado que se tomasse luto por oito dias e suspendesse os trabalhos.

O edificio do consulado dos Estados-Unidos teve hoje a bandeira em funeral.

Sabemos ainda das seguintes homenagens á memoria do ex-Imperador do Brazil:

Os parochianos da freguezia de Sant'Anna fazem celebrar segunda-feira missas em diversas igrejas da capital.

Muitas familias do arrabalde do Rio Vermelho mandão igualmente rezar missas amanhã.

Em todos os logares do exterior onde já é chegada a noticia do fallecimento, consta que são geraes as manifestações de pezar.

(*O Paiz,* 12 de Dezembro de 1891).

S. PAULO, 9 de Dezembro.

Diversas corporações mandão rezar missas de setimo dia pelo fallecimento do ex-Imperador.

PETROPOLIS, 11.

Imponente missa na matriz, em suffragio da alma do ex-Imperador. Esteve presente todo o corpo diplomatico e a melhor sociedade.

S. JOÃO d'EL-REI, 11.

Na igreja do Rosario foi hoje commemorado com a maior solemnidade o setimo dia da morte do ex-Imperador. Houve grande concurrencia, sendo geral a consternação.

CHIADOR, 11.

Celebrou-se hoje na igreja de Santo Antonio a missa de setimo dia por alma do Sr. D. Pedro de Alcantara.

A concurrencia foi regular, apezar de não ter havido convites, e tocou durante o acto a banda de musica do Sr. Deolindo Fernandes.

(*Gazeta de Noticias,* 12 de Dezembro de 1891).

BAHIA. 11 de Dezembro.

Por proposta do presidente do Tribunal da Relação d'este Estado ficou resolvido que se inserisse na acta um voto de pezar pelo passamento do Sr. D. Pedro II.

O desembargador Alvaro Costa propoz que pelo mesmo motivo se tomasse luto por oito dias e fosse suspensa a sessão, o que foi igualmente approvado pelo mesmo tribunal.

Por iniciativa particular serão celebradas missas em diversas freguezias. (8)

IBITURUNA, 11.

O representante da firma Gonçalves Pinto & C. mandou hoje celebrar missa de setimo dia por alma de D. Pedro II. (8)

VICTORIA, 11.

Hoje na capella da Ordem do Carmo houve solemnes exequias por D. Pedro II. A concurrencia foi enorme e estiverão presentes os deputados Serzedello e Moniz Freire.

O padre Antunes Siqueira produzio bellissima oração.

(*Jornal do Brazil*, 12 de Dezembro de 1891).

BAHIA, 10 de Dezembro.

Durante o dia de hoje continuárão as demonstrações de pezar pela morte do ex-Imperador. Muitas casas do bairro commercial fechárão as portas. Consideravel numero de pessoas de posição social e do povo tomou luto pesado por esse infausto passamento.

Projectão-se grandes exequias para o trigesimo dia do fallecimento, mandadas celebrar pela Associação Commercial. O Cabido metropolitano tambem fará solemnes ceremonias funebres.

De todos os pontos do Estado chegão noticias de grande pezar. Em Itaparica serão celebrados officios funebres com grande pompa.

---

(8) Reproduzidos na *Gazeta da Tarde* de 12 de Dezembro de 1891.

Todas as igrejas da capital dobrão continuamente á finados. Todos os consulados hasteárão bandeira a meio páo.

A imprensa continúa a occupar-se do illustre morto, exaltando suas virtudes.

(*Jornal do Comm.*, 12 de Dezembro de 1891).

BAHIA, 12 de Dezembro.

Conhecem-se mais as seguintes manifestações de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara:

O juiz substituto da 1ª vara civel mandou consignar no protocollo um voto de profundo sentimento.

A Directoria do Lyceu de Artes e Officios suspendeu a sessão e manda celebrar missa na proxima sexta-feira.

S. PAULO, 12.

Causou má impressão o texto do voto de pezar pela morte de D. Pedro de Alcantara approvado pela Intendencia d'esta capital.

A redacção, na acta, diz pelo fallecimento de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, Imperador do Brazil.

Essa corporação pretendeu denominar D. Pedro II a rua do Marechal Deodoro; o Dr. Clementino de Castro, na qualidade de presidente, não consentio essa outra manifestação sebastianista.

Como n'essa capital, todas as provas de condolencias assumem accentuadamente caracter politico, as subscripções para as exequias não se afastão d'esta norma.

Contra todos estes factos já se vai fazendo aliás a necessaria reacção, por parte do povo indignado.

RIO GRANDE, 12.

Realizou-se hoje n'esta cidade missa solemne por alma do Sr. D. Pedro de Alcantara, na igreja da Santa Casa de Misericordia.

Em Pelotas effectuarão-se exequias. Ambas as ceremonias religiosas forão muito concorridas.

Aqui forão nomeadas commissões para angariar donativos entre os negociantes para celebrar outra commemoração.

Consta que os estrangeiros residentes em Pelotas pretendem solemnisar o passamento.

(*O Paiz*, 13 de Dezembro de 1891).

S. PAULO, 12 de Dezembro.

O espirito da população está vivamente impressionado pelo procedimento do Dr. Americo e seus amigos, em vista dos seguintes factos:

O Dr. Barreto, um dos principaes sustentadores do governo local, publicou hoje um artigo assignado, appellando para os partidos monarchicos, afim de sustentarem o Dr. Americo.

A Intendencia da capital, recentemente nomeada, votou moção de pezar pela morte de D. Pedro de Alcantara e substituio o nome da rua Direita pelo de D. Pedro II.

O Conde de Pinhal, senador do Estado e sustentador do Dr. Americo, assignou a subscripção iniciada pelo Dr. João Mendes, e exclusivamente dirigida aos monarchistas, para se fazerem as exequias do ex-Imperador.

O povo protesta contra este facto, que diz offender os seus sentimentos republicanos e attribuido ao governador.

Receião-se graves perturbações da ordem.

OURO PRETO, 12.

O Tribunal da Relação lançou na acta um voto de pezar pela morte de D. Pedro de Alcantara e mandou que se officiasse á Serenissima Princeza D. Izabel, exprimindo seu sentimento pelo fallecimento do eminente e preclaro Brazileiro D. Pedro II, e levantou a sessão. O juiz de direito de Ouro Preto, em audiencia de hoje, interpretando o sentimento do povo e do fôro, mandou que os escrivães lançassem em seus protocollos um voto de profundo pezar pelo infausto acontecimento, que enluta a alma nacional, presentes todos os advogados. (9)

(9) Publicado por diversos jornaes.

PRADOS, 12.

Celebrou-se hoje uma missa solemne com *Libera-me* por alma de D. Pedro II. Enorme concurrencia assistio á ceremonia religiosa.

CAXAMBU', 12.

Por iniciativa do conego Marcos Nogueira, realizarão-se hoje em Baependy, solemnes exequias por D. Pedro de Alcantara. Libertos chorosos diante do retrato em crepe. Matriz repleta.

ESPIRITO SANTO DO PINHAL, 12.

Forão celebradas hoje exequias solemnes pelo pranteado ex-Imperador D. Pedro de Alcantara. —Vigario, *Tertuliano de Castro*—*Honorio de Villela* — *Pereira Soares.*

TAUBATÉ, 11.

Tiverão hoje logar as solemnes exequias pelo fallecimento do ex-Imperador do Brazil D. Pedro II. Estiverão na altura do acontecimento, a igreja matriz toda armada de preto, no corpo d'ella erguia-se rico catafalco tendo na face principal o retrato do chorado monarcha, o templo regorgitava de povo de todas as classes sociaes. A Intendencia fez-se representar por uma commissão. Em todas as physionomias lia-se profundo pezar: fez o elogio funebre do finado o vigario padre Nascimento Castro em phrases inspiradas e justas. O commercio cerrou as portas desde hontem á tarde e esteve em exposição a igreja depois de armada; o povo affluia pressuroso a contemplar o retrato do ex-Imperador em piedosa romaria, que prolongou-se até meia noite, e em muitas faces deslisárão lagrimas de pezar.— A commissão: *Visconde de Tremembé.* *Barão de Pedra Negra.*—*Barão de Jambeiro.*— Vigario *Nascimento Castro.*—Dr. *Crescencio Costa.*—Dr. *Emilio Winther.*—Dr. *Camara Leal.*— *Carlos Adolpho.*—*Carlos Pinto.*

IPIABAS, 12.

Celebrou-se na igreja matriz d'esta freguezia, missa de setimo dia com *Libera-me* por alma do Sr. D. Pedro

de Alcantara. Houve grande concurrencia, sendo geral a consternação.—*M. P. Guimarães.*

(*Gazeta de Noticias* e *O Brazil*, 13 de Dezembro de 1891).

SABARA', 11 de Dezembro

O Revdm. padre João de Santo Antonio celebrou hoje missa de setimo dia por alma do Imperador do Brazil.

S. JOÃO D'EL-REI, 11.

Celebrarão-se hoje solemnes exequias no templo do Carmo por alma do Sr. D. Pedro II, Imperador do Brazil, concorrendo ao acto grande multidão de povo. Produzio esplendida oração funebre o grande João Pimentel.—*Ernesto Assis Silva.*—*Antonio Justiniano Paiva.* —*Lyra S. Joannense.*

ITAOCARA, 12.

Hoje, setimo dia do passamento do Grande Brazileiro D. Pedro de Alcantara, rezou-se na matriz d'esta villa uma missa, comparecendo grande numero de cavalheiros e senhoras. Tocou durante o acto a banda de musica Lyra Congressista. Sentimento geral.—*Hygino Honorio da Fonseca.* — *Raul Santiago Garcia.* — *José Joaquim Pereira.*

Communicão-nos que tambem se achavão presentes á missa ante-hontem mandada celebrar por esta folha os Exms. Srs. Visconde e Barão de S. Clemente e suas familias, a Exma. Sra. D. Alice Dantas, esposa do Sr. Conselheiro Rodolpho Dantas e o Sr. Dr. José Caetano Rodrigues Horta.

(*O Brazil*, 13 de Dezembro de 1891).

S. PAULO, 12 de Dezembro.

No Tribunal de Justiça d'este Estado, seu presidente Dr. Fleury, propoz e foi approvada uma moção, contra o voto do Sr. Arruda, para que se consignasse na acta um voto de pezar pelo fallecimento do ex-Imperador do Brazil e resolveu mais o Tribunal que seus membros

tomassem luto por oito dias e se mandasse rezar uma missa por alma d'aquelle benemerito Brazileiro.—Desembargador *Furtado.*

TAUBATÉ, 11.

Realizarão-se hoje solemnes exequias pelo ex-Imperador D. Pedro II. A matriz estava toda ornada de preto; no centro erguia-se rico catafalco, tendo na face principal o retrato do chorado ex-Monarcha. O templo estava cheio de povo de todas as classes sociaes, fazendo-se a Intendencia representar por uma commissão e notando-se em todas as physionomias signaes de profundo pezar. Fez o elogio do finado, em phrases inspiradas, o vigario padre Nascimento Castro. O commercio cerrou as portas desde hontem á tarde e a igreja esteve em exposição depois de armada, affluindo o povo pressurosamente afim de contemplar o retrato do fallecido, prolongando-se a romaria até meia-noite. Em muitas faces deslisavão-se sinceras lagrimas de pezar.—A commissão: *Visconde de Tremembé.—Barão de Pedra Negra.— Barão de Jambeiro.* —Vigario *Nascimento Castro.*— Dr. *Crescencio Costa.* — Dr. *Emilio Winther.*—Dr. *Camara Leal.—Carlos Adolpho.* —*Carlos Pinto.*

UBA' 11.

Rezou-se hoje n'esta cidade uma missa por alma do ex-Imperador. O templo regorgitava de povo. Tristeza geral.—*Gazeta de Ubá.*

IPIABAS, Valença, 12 de Dezembro.

Celebrou-se hoje uma missa com *Libera-me* por alma de D. Pedro de Alcantara, á qual assistirão todas as pessoas gradas d'esta freguezia.

Aqui acceitou-se com enthusiasmo a lembrança de erigir-se um monumento á França, idéa que em bôa hora o Dr. Carlos Perdigão apresentou ao povo brazileiro.

(*Jornal do Commercio,* 13 de Dezembro de 1891).

RODEIO, 12 de Dezembro.

Realizou-se hoje ás 10 horas a missa mandada rezar na capella da Soledade, por alma de D. Pedro II. Comparecêrão ao acto muitas pessoas e a banda de musica d'este logar.—*A commissão.*

VIÇOSA, 12.

Com grande concurrencia de representantes de todas as classes, celebrou-se hoje, na matriz d'esta cidade, missa com *Libera-me*, pelo fallecimento do eminente e sempre pranteado ex-Imperador do Brazil, cujo victorioso nome, jámais se apagará da historia.—*Particular.*

MORRO ALTO, 13.

Foi celebrada hontem uma missa solemne por alma de D. Pedro II, havendo grande concurrencia.—*Cunegundes Ferreira Paula.*

(*Gazeta de Noticias,* 14 de Dezembro de 1891).

CORITIBA, 13 de Dezembro.

Foi recebida com sentimento de geral pezar a noticia do fallecimento do Grande Brazileiro D. Pedro de Alcantara. Preparão-se exequias e outras demonstrações de respeito á sua memoria.

(*Jornal do Brazil,* 14 de Dezembro de 1891).

BAHIA, 14 de Dezembro.

Continúa a sentimentalidade desenvolvida desde o fallecimento de D. Pedro de Alcantara. As bandeiras hasteadas ainda se conservão em funeral. Muitas missas particulares têm sido celebradas.

Os parochianos de Sant'Anna fizerão hoje, celebrar solemnes exequias, com extraordinaria concurrencia.

Crescido numero de senhoras ladeava o catafalco, erguido em meio da igreja. Uma alluvião de pobres empunhava tochas.

Junto ao retrato do finado, uma criança empunhava a antiga bandeira do 40º batalhão dos voluntarios da patria.

Findo o acto diversas pessoas beijárão aquelle pavilhão ennegrecido pelo fumo dos combates e esfarrapado pelas balas da campanha do Paraguay, onde pelejou o legendario batalhão.

(*O Paiz*, 15 de Dezembro de 1891).

OURO PRETO, 14 de Dezembro.

A Associação de Caridade Santa Izabel Rainha de Hungria fez celebrar na capella de S. Francisco de Assis missas em suffragio da alma do ex-Imperador D. Pedro II, ás quaes assistirão todas as associadas e grande numero de pessoas de todas as classes. — A directora *Amalia Bernhanes*.—A thesoureira, *Maria Clara Palhares*.—A secretaria, *Emilia Augusta de Lima Brandão*.—A indicadora *Virginia Salles Couto*. (10)

QUELUZ, 12.

Os habitantes da cidade de Queluz, S. Paulo, mandárão celebrar hoje uma missa solemne com *Libera-me*, pelo descanço eterno do pranteado e immortal D. Pedro II. A igreja estava repleta, tendo comparecido brazileiros de todas as classes e grande numero de representantes das colonias italiana e portugueza. Posso assegurar que é a maior manifestação de pezar que tem havido n'esta cidade.— *Dr. Oliveira Borges*.

APPARECIDA, 13.

O major Antonio Martiniano de Oliveira Borges mandou celebrar hoje uma missa com *Libera-me*, por alma de Sua Magestade D. Pedro de Alcantara.

A esta manifestação de pezar associou-se a população d'esta localidade, assistindo ao acto religioso.

---

(10) Publicado em varios jornaes de 15 de Dezembro de 1891.

QUELUZ, 12.

Amigos de D. Pedro de Alcantara mandárão celebrar no dia 11 uma missa com *Libera-me*. A musica executou marchas funebres. Ha grande consternação— *Nemesio.*

VISTA-ALEGRE, 12.

Celebrou-se hoje aqui missa solemne por alma de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II. Comparecêrão cerca de mil pessoas. O Revdm. vigario do Laranjal orou brilhantemente, exaltando as eminentes qualidades do finado.— *A commissão.*

MARIA DA FÉ, 13. (Pedra-Branca, 11).

Continúa aqui geral consternação pelo fallecimento do Imperador. Foi celebrada uma missa no setimo dia havendo numerosa concurrencia.— Vigario *Monte-Raso*

GUARANY, 13.

Celebrei hoje uma missa por alma do nosso Imperador. Foi concorrida.

A banda de musica prestou-se bondosamente. Ha consternação geral n'esta freguezia pela morte do Pai dos brazileiros.— *Vigario.*

QUELUZ, 14.

Na cidade de Arêas celebrou-se no dia 12 missa com *Libera-me* por alma de Sua Magestade D. Pedro II. No centro da igreja matriz erguia-se imponente catafalco coberto de crepe, em cuja base lia-se em lettras grandes esta inscripção:— A' memoria do glorioso D. Pedro II. —O templo regorgitava de povo.— *Dr. Oliveira Borges.*

(*O Brazil*, 15 de Dezembro de 1891).

JOÃO GOMES, 15 de Dezembro.

Realizarão-se hontem na matriz d'esta cidade exequias solemnes por alma de D. Pedro II.

Na nave central da igreja levantou-se sumptuoso catafalco, encimado pelo busto do ex-Imperador, coberto

de crepe e circumdado de magestosas grinaldas, goivos e saudades.

Os officios funebres forão de antemão preparados pelo professor Amorim, que se encarregou da regencia da orchestra. O conego José Augusto fez a necrologia do morto, tendo assistido ao acto numerosas familias e pessoas gradas.— Dr. *Monte Claro.— Braga & Moraes. Commissão do commercio e da lavoura.*

MACAHÉ, 15.

A colonia portugueza, residente n'esta cidade, manda dizer missa solemne suffragando a alma de D. Pedro de Alcantara, no dia 21 do corrente.

A commissão: *Diogo Maia.— Pereira Pinheiro.— Augusto Xarand.* (11)

BAHIA, 21 (12 hs. e 57 m. da t.).

O coronel Moreira Cesar, chefe de segurança provisorio, publicou um edital prohibindo que, nas ceremonias funebres que se vão celebrar, em suffragio da alma do ex-Imperador, seja a sua effigie levada em procissão civica e hasteada a bandeira republicana a meio páo, vedando tambem o uso das antigas bandeiras, ainda mesmo que seja substituida a corôa imperial por estrellas.

(*Jornal do Comm.*, 22 de Dezembro de 1891).

BELÉM, 22 de Dezembro.

O conselheiro Tito Franco, Barões de Anajás e Matta Bacellar, Drs. Jayme Bricio, Clementino Lisboa, Brígido Abreu, Souza Cabral, Cardoso, Danin e Maranhão mandárão fazer hoje exequias solemnes, na igreja de Nazareth, em homenagem de respeito e gratidão ao fallecido ex-Imperador D. Pedro de Alcantara. Enorme quantidade de pessoas assistio ao acto. Fez brilhante discurso Monsenhor José Gregorio Coelho. Houve musica a grande instrumental. A igreja estava ricamente ornada

(11) Publicado em varios jornaes de 16 de Dezembro de 1891.

e com muito gosto. O Revdm. Bispo diocesano esteve presente. Os vapores da Companhia Pará-Amazonas conservárão as bandeiras em funeral durante o dia.

(*Jornal do Comm.*, 23 de Dezembro de 1891).

JUIZ DE FORA, 4 de Janeiro.

Celebrar-se-hão amanhã solemnes exequias pelo Sr. D. Pedro de Alcantara na capella da igreja-matriz; na qual foi armada riquissima eça toda coberta de crepe e o templo está ornamentado de luto pesado.

S. LUIZ, 4.

Forão muito concorridas as exequias pelo Sr. D. Pedro de Alcantara. Produzio a oração funebre o conego Damasceno Ferreira.

(*Jornal do Comm.*, 5 de Janeiro de 1892).

BELÉM, 5 de Janeiro.

Os moradores das ruas da Industria e Santo Antonio mandárão hoje celebrar solemnes exequias na igreja de Sant'Anna pelo Sr. D. Pedro de Alcantara.

Assistio ao acto crescido numero de pessoas, fazendo-se representar diversas classes sociaes.

O templo estava ornado com precisa pompa funebre. A orchestra, com grande instrumental, foi regida pelo professor Roberto de Barros.

Fez o penegyrico do illustre morto o padre Dr. Mancio Caetano Ribeiro, cujo discurso foi muito eloquente.

BAHIA, 5.

Effectuarão-se hontem as exequias solemnes promovidas pela Associação Commercial em suffragio da alma do Sr. D. Pedro de Alcantara.

A igreja cathedral não pôde ser decorada exteriormente por prohibição da policia, porém no interior apresentava aspecto imponente.

Todo o templo estava coberto de luto; cortinas, sanefas, brazões e corôas adornavão suas paredes; antigas bandeiras destacavão suas côres vivas sob o crepe. No meio da nave principal elevava-se uma eça de 30 metros de altura, encimada pela corôa imperial, tendo na frente a effigie do illustre morto; 20 candelabros de 50 luzes rodeavão o funebre monumento e uma guarda de honra composta de 40 negociantes dos mais notaveis da nossa praça, ladeava o catafalco.

As tribunas erão occupadas por familias distinctas d'esta capital. O templo estava inteiramente cheio, sendo muito maior o numero das pessoas que não puderão penetrar.

A orchestra executou a marcha funebre do maestro Colás, feita para as exequias de D. Leopoldina e a grande missa de *Requiem* de Luiz Rossi. Nas absolvições tocou-se uma partitura de J. Giordani.

O alto clero compareceu e se fizerão representar muitas corporações, sociedades particulares, collegios e casas pias.

O elemento official absteve-se inteiramente de comparecer.

Todo o commercio fechou e as officinas e tendas particulares suspendêrão os trabalhos.

A capital apresentava a feição de um dia feriado.

Grande numero de carruagens e vehiculos de toda a especie transportavão desde manhã enorme massa de povo trajando luto, para a praça Conde d'Eu, onde está situada a igreja-cathedral. Os sinos de todas as igrejas, mosteiros e capellas dobrárão continuamente.

QUELUZ, 5.

Os libertos do municipio de Queluz, de S. Paulo, mandárão celebrar hoje exequias pelo descanço eterno do Sr. D. Pedro de Alcantara.

Na nave da igreja erguia-se imponente catafalco, em cujo centro encimado por duas corôas destacava-se o retrato do finado, e das portas lateraes pendião ricas bandeiras de velludo preto, tendo em lettras douradas as seguintes inscripções: — «Lei de 28 de Setembro de 1871» — «Lei de 13 de Maio de 1888».

Foi enorme a concurrencia ; tocárão durante o acto as bandas de musica d'esta localidade, tendo pronunciado uma bella e tocante oração o Revdm. vigario. — *Oliveira Borges*.

(*Jornal do Comm.*, 6 de Janeiro de 1892).

S. PAULO, 11 de Janeiro.

A sessão do Instituto dos Advogados foi muito concorrida, presidindo o Barão de Ramalho. Foi approvado um voto de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara. O Dr. João Mendes apresentou um estudo sobre a questão.—Se á vista do disposto na Constituição, art. 83, subsistem os decretos do Governo Provisorio alterando leis anteriores, como a lei hypothecaria, a de sociedades anonymas, o codigo penal, etc., declarando que parece-lhe que esses decretos não forão acceitos pelo Congresso e por isso illegal tem sido o procedimento dos juizes e tribunaes que os executão, como se a Constituição não os houvesse approvado.

Apresentou outra questão relativamente á taxa do sello, para que se estude, de accôrdo com a Constituição Federal, lei de orçamento e regulamento do Estado, resolvendo se o sello estadoal deve ser exigido nos papeis forenses, nas transmissões privadas por escriptura, letras, cheques e vales, ou se deve continuar a ser empregada taxa do sello da União.

O Dr. Paulo Egydio apresentou questão respectivamente ao codigo criminal, indagando qual o systema, em que escola se inspira, quaes os defeitos, etc.

(*Jornal do Comm.*, 12 de Janeiro de 1892).

S. PAULO, 17 de Janeiro.

No dia 10 realizarão-se na cathedral as exequias pelo Sr. D. Pedro de Alcantara, tendo officiado o Bispo diocesano e se encarregado do elogio do finado o arcediago Dr. Francisco de Paula Rodrigues.

O presidente da commissão organisadora foi o Barão de Pirapetinguy e o iniciador das exequias, o Dr. João Mendes de Almeida, tendo-se elevado as despezas a 18:000$000.

— A congregação da Faculdade de Direito, reunida, ouvio a leitura e approvou o parecer da commissão composta do Barão de Ramalho e Drs. Mamede de Freitas e Alfredo Lima sobre os bens dotaes das Princezas Izabel e Leopoldina, pedido pelo Ministro do Interior.

A commissão fundamentou o parecer, collocando os dotes na mesma relação juridica do morgadio, que, apezar de instituições politicas, é protegido pelas leis civis. O lente Dr. João Monteiro não concordou com esse fundamento, declarando que, em obediencia ás leis civis, ao tratado que regula taes dotes e á solemne promessa aos direitos adquiridos, votava pela conclusão do parecer, que é – sómente de poderem os bens reverter ao Estado, caso morrão as Princezas sem descendencia legitima.

O Dr. Brasilio dos Santos apresentou um parecer que não foi tomado em consideração. O da commissão foi approvado, tendo faltado á sessão os Drs. Americo Braziliense, Lessa e Vieira de Carvalho.

(*Jornal do Comm.*, 18 de Janeiro de 1892).

BAHIA, 26 de Fevereiro.

A directoria do Instituto Agricola, em sessão que é a primeira celebrada este anno, fez inserir na acta um voto de profundo pezar pela morte de D. Pedro de Alcantara, seu fundador e bemfeitor.

(*Jornal do Comm.*, 28 de Fevereiro de 1892).

SANTOS, 5 de Dezembro.

As missas celebradas em suffragio da alma de D. Pedro de Alcantara forão concorridissimas.

Forão distribuidos entre trinta viuvas pobres 300$ e pelos demais pobres 100$000.

A quantia excedente vai ser empregada na compra de um premio para ser offerecido á alumna do Asylo de Orphãos que mais se distinguir nos exames d'este mez. — *A Commissão*.

OURO-PRETO, 5.

Rezarão-se hoje nas igrejas d'esta cidade missas por alma de D. Pedro de Alcantara, officiando gratuitamente os sacerdotes.

A concurrencia de fieis foi grande.

JUIZ DE FORA, 5.

Celebrou-se uma missa hoje em suffragio da alma do ex-Imperador D. Pedro de Alcantara. O acto religioso esteve muito concorrido.

(*Jornal do Comm.*, 6 de Dezembro de 1892).

PORTO-ALEGRE, 5 de Dezembro.

A's 2 h. e 10 m. da tarde—*Demorado por affluencia de serviço.*

(Do correspondente especial.)

Celebrarão-se hoje n'esta cidade officios religiosos por alma do ex-Imperador, sendo grande a concurrencia de fieis.

(*Jornal do Comm.*, 7 de Dezembro de 1892).

OPINIÃO DA IMPRENSA

5 de Dezembro de 1891

O EX-IMPERADOR DO BRAZIL

A noticia da morte do Sr. D. Pedro de Alcantara, que o telegrapho acaba de nos transmittir, não nos sorprehendeu e era esperada por todos que reflectissem um pouco nos ultimos acontecimentos e nas consequencias logicas d'estes. Quando o Sr. D. Pedro de Alcantara foi a Europa pela penultima vez, a procura de melhoras para sua saude e devidamente autorisado pelo parlamento, o primeiro ministro das Relações Exteriores da Republica Brazileira, noticiando este facto na folha de que era redactor-chefe, resumio tudo n'esta concisa mas expressiva phrase : « O *Gironde leva o esquife da monarchia* ».

Effectivamente d'aquella data em diante o Sr. D. Pedro de Alcantara não viveu mais ; sem espirito de decisão, com a intelligencia decahida, sem conhecer os acontecimentos que se davão em torno de si, sem vontade propria, ora, joguete das tyrannias do seu medico, cidadão inteiramente refractario aos assumptos politicos, ora, automato dos caprichos e phantasias de sua filha, senhora de acanhada intelligencia, hysterica, fanatica, obediente instrumento de corrilho, que tinha por chefe

o nuncio e algum bispo, só fez o Sr. D. Pedro II o que lhe dizia o seu medico ou o que queria a princeza.

Os homens que o cercavão e que tinhão a responsabilidade do poder, exploravão por intermedio do soberano decrepito, em proveito dos seus corrilhos, e por isso deu-se o seguinte facto indecoroso: quando os conservadores estavão no poder asseguravão que o soberano estava na plenitude de suas faculdades intellectuaes, o que era contestado calorosamente pelos liberaes, então em opposição. Quando os liberaes no poder estes e os conservadores sustentavão inteiramente o contrario. D'ahi nasceu na maioria do paiz a profunda convicção de que um systema de governo assim praticado e que estando no poder estes ou aquelles, commettião-se os mesmos abusos, as mesmas injustiças e desacertos ; era systema condemnado que devia ser logicamente substituido por um novo em que não pudesse estar a testa do governo um homem inconsciente e impedido intellectualmente. D'ahi a Republica, feita pela unica classe que havia no paiz, organisada com certa regularidade e que foi acceita unanimemente pela nação.

A verdade rigorosa, porém, é o que o Sr. D. Pedro II se foi pessimo soberano constitucional, fazendo pesar demasiado nas cousas publicas a sua intervenção pessoal, deveu isto principalmente a tres causas: ao seu temperamento lymphatico e ao sangue empobrecido de sua familia, á educação fradesca que recebeu, á improbidade de caracter da maioria dos seus conselheiros.

Todavia, deve-lhe o Brazil muitos serviços relevantes, taes como : não haver-se celebrado a paz com Lopez e não haver-se retirado o exercito brazileiro do Paraguay senão victorioso ; o primeiro impulso dado á libertação dos escravos ;

haver sustentado sempre o benemerito Christiano Ottoni na gigantesca luta de levar a Estrada de Ferro Central ás margens esplendidas do Parahyba.

Como homem não tinha paixões, mas era dominado por uma grande vaidade, o que prejudicou-o muitas vezes, pois cahio no ridiculo em fazer ostentação de erudição que não possuia, sendo no emtanto homem illustrado e de intelligencia lucida.

Mas, de facto, nunca perseguio pessoa alguma durante o seu longo reinado; teve uma vida particular assás pura e mostrou sempre o maior desinteresse possivel pelo dinheiro, não permittindo jámais que se augmentasse a sua dotação, já reenviando para a algibeira do contribuinte tudo o que d'este recebia, por intermedio do thesouro. A revolução de 15 de Novembro foi feita contra as instituições que elle personificava, mas, que não estavão mais de accôrdo com o espirito-democratico da maioria da nação e tal revolução nada teve de pessoal, em relação ao Sr. D. Pedro II, para quem o novo governo foi até certo ponto generoso e justo a principio.

Com a morte do Sr. D. Pedro II desapparecem os derradeiros monarchistas do Brazil, pois estes só erão até o fim do segundo reinado e actualmente a monarchia não tem representante sério em relação ao Brazil.

Sem contar os chefes de pequenos principados ou de insignificantes ducados da Allemanha e Italia, foi o Sr. D. Pedro II um dos muitos soberanos que n'este seculo hão morrido expatriado. Falleceu Napoleão I em Santa Helena, Carlos X na Austria, Luiz Felippe e Napoleão III na Inglaterra, onde tambem falleceu o ultimo rei de Hannover e Carlos Alberto na cidade do Porto.

Presentemente só resta Francisco II, ex-rei de Napoles, que reside ora em Pariz, ora em Roma, e Izabel II, ex-rainha de Hespanha.

O estado de saude em que estava o Sr. D. Pedro de Alcantara, quando teve logar a revolução de 15 de Novembro, e com os choques que depois recebeu, entre os quaes sobresahe a morte da sempre saudosa e virtuosissima Sra. D. Thereza Christina, era de esperar-se o que acaba de acontecer.

Nem todos os soberanos são da tempera da ex-Imperatriz dos francezes, que perdeu a corôa, o seu marido e o seu filho unico e tem a rara energia de quando passa por Pariz alojar-se no *Hotel do Rheno*, nos mesmos commodos em que residia quando era simples Condessa de Montijo, onde conheceu o principe Luiz Napoleão, então simples representante da Nação.

Si a memoria do imperio brazileiro é effectivamente execranda, não será jámais a do ultimo Imperador, que teve virtude desconhecida de outros soberanos, desthronados como elle n'este seculo.

Usando de attribuições constitucionaes, eliminou, de facto, ha trinta annos, de nossas leis a pena de morte e jámais consentio que se tocasse na liberdade da imprensa, que já foi violada sob dous ministerios republicanos ou intitulados taes, quando fazião parte do governo jornalistas que usárão e abusárão desbragadamente de tal liberdade, hostilisando a monarchia, a quem, pessoalmente devião favores.

Si morreu com a lucidez no espirito devia ter soffrido torturas intimas e crueis ao lembrar-se d'esta grande terra, onde nasceu, de nosso ardentissimo sol, dos rios caudalosos, florestas, mattas, e d'esse povo que o vio nascer, crescer, mas não o vio morrer, pois que só o abandonou quando,

avassallado pelas correntes das idéas, entregou-se completamente á soberana do mundo moderno — a democracia.

Com a morte do Sr. D. Pedro II desapparece a ultima esperança de restauração monarchica e os homens que têm a responsabilidade do poder devem aproveitar a opportunidade para firmarem a verdadeira Republica, isto é, o regimen da liberdade, da decencia, da justiça e da moralidade, que nos tem faltado desde o dia 15 de Novembro de 1889, por se ter collocado sempre os interesses pessoaes acima das conveniencias publicas e do supremo interesse da patria, que hoje está de luto pelo infausto acontecimento.

O governo da Republica se honraria á si, á patria, e daria grande exemplo ao mundo, mandando celebrar funeraes nacionaes pelo passamento do Grande Brazileiro, que foi o mais activo factor na organisação da patria, e que por sua nobre conducta depois de 15 de Novembro, passará a historia como uma das grandes figuras moraes do nosso seculo.

(Da *Gazeta da Tarde*).

D. PEDRO DE ALCANTARA

Os nossos collegas do *Jornal do Commercio* affixárão hoje ás 7 horas um telegramma noticiando o fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil.

O acontecimento, com quanto mais ou menos esperado, causou a mais profunda sensação.

Nem um só brazileiro até mesmo os adversarios politicos do ex-Monarcha, deixa de prantear seu passamento.

Abrem-se para elle as paginas da historia, vae fallar á justiça.

Por meio seculo dirigiu o illustre morto a Nação que o exilou a 15 de Novembro de 1889.

Durante esse periodo fruimos quasi completa tranquillidade interna e até no periodo da lucta com o governo do Paraguay, gosamos no estrangeiro de illimitado credito.

Tudo cresceu, tudo progrediu, as lettras, as artes, o commercio e a industria.

As datas que mais assignalão a nossa civilisação : 28 de Setembro de 1871, 28 de Setembro de 1885, 13 de Maio de 1888, estão ligadas perpetuamente ao seu nome.

Emquanto outros monarchas exilados, passárão despercebidos no velho mundo, D. Pedro de Alcantara ao contrario d'elles, aproveitou-se do exilio para mais salientar o nome do Brazil, no exemplo que deu de evangelica resignação e no estudo não interrompido das lettras e das sciencias.

Para dizer o que forão os grandes homens, ou chegão poucas palavras ou não bastão grandes volumes ; D. Pedro de Alcantara está n'este caso.

O dia de hoje, é dia de luto para o Brazil, que na pessoa do ex-Imperador, perdeu um dos mais dedicados e o mais illustre de todos os seus filhos.

(Do *Novidades*).

D. PEDRO DE ALCANTARA

Falleceu hoje, em Pariz, ás 12 horas e 45 minutos da manhã, na idade de 66 annos, o illustre e venerando Brazileiro, que por mais de meio seculo dirigiu os destinos de nossa patria.

Inclinamo-nos com as mãos cheias de saudades deante do seu tumulo, porque menos grande

pela sua eminente hierarchia social e pela escolha do destino, que por suas virtudes civicas e particulares, seu patriotismo, seu amor ao estudo, seu culto ao dever, sua pureza immaculada de caracter e de vida, elle foi não só um dos mais illustres filhos do Brazil, como um dos mais importantes vultos da segunda metade d'este seculo.

Sagrado no seu exilio pela veneração do mundo inteiro, porque em nenhum outro chefe deposto registra a historia tantos exemplos de sublime resignação, abnegação, desinteresse, honestidade, e amor á patria, a sua morte não póde deixar de ser pranteada por todos os brazileiros sem distincção de crenças politicas.

Durante o seu governo muitas vezes o atacárão pelos erros de sua politica e a sua queda foi o corollario natural da falta de expansão ás liberdades publicas e sobretudo da escravisação das antigas provincias ao circulo de ferro da centralisação administrativa. Os seus erros forão grandes, porém maiores forão as suas virtudes.

Investido do poder pessoal, pela condescendencia ou fraqueza dos politicos do imperio e pela corrupção eleitoral, tendo em suas mãos todos os poderes da Nação e sendo elle o seu arbitro supremo, nunca abusou da sua força para vingar-se dos seus inimigos ou para fartar a ganancia dos seus bajuladores, enriquecendo-os do dia para a noute — transformando o poder em balcão de negocios mercenarios e traficancias inconfessaveis.

Foi um chefe de Estado honesto e puro.

A monarchia era uma planta exotica no solo ardente da America e havia de fenecer como feneceu, estorricada pelo calor da alma popular.

Como cidadão o ex-Imperador do Brazil era estimado e querido, como Monarcha era apenas tolerado pelas suas virtudes, porque o governo

monarchico era incompativel com as aspirações do nosso futuro e da nossa grandeza.

Desthronando-o e banindo-o, o Brazil cedeu ao impulso do seu patriotismo, rasgou ao futuro novos e grandes horisontes.

Não fomos ingrato ao nosso illustre e benemerito concidadão, fomos justos, cumprimos um sagrado dever. Deante do seu tumulo illuminado pelos grandes clarões da gloria e da immortalidade, que já em vida o cercavão, o Brazil inclina-se cheio de pezar, porque n'elle perdeu um filho que estremecia de enthusiasmo e de orgulho o seu vasto e nobre coração.

(Da *Cidade do Rio*).

A' REPUBLICA

O homem illustre que na madrugada de hoje cerrou para todo o sempre as palpebras á Vida, deveria ter n'esse momento a imagem sagrada da patria diante da pupilla em que a luz rareava, bruxoleante e baça, porque sempre, no exilio, de seus labios cahirão palavras de amor pela terra em que nasceu.

E' justo que a Republica veja n'esse que tão longe morreu, um cidadão estimado, errando como politico, mas amando a sua terra com todo o enthusiasmo de brazileiro; assim, pois, em honra da nossa generosidade, em honra mesmo do nosso brio, esse corpo inanimado pertence-nos.

Mandemo-lo buscar.

Que a sua alma ao menos tenha essa recompensa. Respeitemos a sua mais ardente vontade — dormir o somno eterno na terra em que vio a claridade do primeiro dia.

Oh ! O Brazil é tão generoso e grande que não lhe póde negar os minguados palmos de um pedaço de terra nem a memoria de uma lousa.

Honra ao Vencido e recompensa ao Bom.

(Da *Cidade do Rio*).

6 de Dezembro de 1891

O SR. D. PEDRO DE ALCANTARA

Longe da terra que o vio nascer e que elle sempre soube amar, como os que mais a amárão, longe dos olhos enternecidos de uma população inteira que lamenta hoje, com a irreparavel perda, o infortunio de não poder acolher o seu derradeiro suspiro, certamente exhalado para a sua patria, que é a nossa, finou-se hontem, em terra estrangeira, o Brazileiro illustre, o homem probo, a consciencia illibada, o coração amantissimo, o caracter immaculado, o patriota purissimo, que durante quasi meio seculo sustentou nas suas mãos o pesado encargo da governação suprema de um povo e que o tendo tomado em um periodo ainda confuso, cheio de perturbações, sem uma accentuação clara e determinada, soube através de mil escólhos, torna-lo uma nação forte e respeitada, encaminhando-a com o gozo de todas as liberdades, para destinos gloriosos.

A patria brazileira ajoelha-se n'este momento compungida e lacrimosa diante de um tumulo que se abre inopinadamente para receber os despojos de um homem, cuja memoria não achará juizes assás severos que lhe não tributem o preito da mais sincera e da mais justa admiração.

Ainda nos fallece a nós, seus contemporaneos, sobre quem se exerceu a sua acção, que fomos testemunhos e ainda sentimos o fragôr das agitações e das paixões da época, a perspectiva do tempo, que dá essa impassibilidade, com a qual deve ser proferido o Juizo definitivo da historia. E'-nos, porém, licito, antecedendo esse julgamento, assignalar desde já o largo e glorioso periodo que percorremos sob a direcção d'esse Brazileiro illustre, cujo reinado foi uma longa éra de paz, em que se mantiverão illesas todas as nossas liberdades, todas as nossas garantias, todos os nossos direitos, e que influio de um modo poderoso e indelevel para a formação e affirmação da nossa nacionalidade.

Essa é que é a justiça que se lhe ha de fazer, essa é que é a base do aresto que a posteridade lançará sobre elle.

Os sinos que hoje dobrão funerariamente, a compuncção que vai em todas as almas, a tristeza verdadeira — que hoje não precisa afivelar mascara hypocrita, por isso que elle é morto e a sua herança politica se acha de ha muito despedaçada— a tristeza que hoje nos punge pela perda d'aquelle que tocantemente dizia ter sido apenas o pastor de seu amado povo, accusão, sem receio de erro, essas linhas fundamentaes do processo que se lhe instaurará no tribunal do futuro.

E' por isso que n'esses ultimos annos, depois das vicissitudes politicas que tão poderosamente decidirão da sua vida, o povo brazileiro, levado de justiça e gratidão, acompanhava de longe com a mais maternal solicitude e com a mais dolorosa anciedade, os preciosos dias d'esse ancião respeitavel que não se sabe onde fôra mais digno, se na patria, no meio das grandezas, das riquezas e das magestades do seu cargo, que elle desdenhava, se

na terra do exilio, mantendo a mais correcta e mais nobre attitude, e onde a sua figura mais se realçava agora pela magestade do infortunio. Ha poucos dias acommettido ainda de grave insulto morbido, certamente determinado pela enfermidade que lhe minava desde annos a existencia, tão attribulada ultimamente por incomparaveis abalos moraes, não estava desvanecida a esperança de ser preservada ainda d'esta vez a vida preciosa do Sr. D. Pedro de Alcantara do novo e terrivel transe a que havia de succumbir. Não tardou a desillusão. O Sr. D. Pedro de Alcantara não existe. Consummou-se o seu martyrio. Teve termo com a sua agonia physica a sua compungente agonia moral. A natureza recebeu o tributo que reclamava do organismo depauperado, alquebrado e extenuado do homem que muito se havia dedicado ao trabalho, durante não curta vida, por amor da grande missão que o berço lhe commettêra e da qual soube desempenhar-se com patriotismo e desinteresse que ficárão e hão de, para todo o sempre, permanecer proverbiaes, offerecendo o exemplo nobilissimo a todos aquelles a quem couber a ingente tarefa do governo dos povos.

O Sr. D. Pedro de Alcantara, o acontecimento ainda está vivo na memoria de todos nós, foi forçado a deixar a 15 de Novembro de 1889 o throno do Brazil, e com elle desappareceu a fórma de governo que desde a Independencia regêra os destinos da patria. A revolução triumphante n'aquelle memoravel dia houve de exigir o summo sacrificio como impreterivel necessidade dictada pelas circumstancias. E', porém, preciso que se diga que nem a inspirou, nem a guiou o odio, nem outro sentimento hostil ao venerando ancião. A mensagem dirigida pelo triumpho ao infortunio, o documento com que houve de ser annunciado ao

Chefe do Estado a sua deposição e a de sua familia, permanecerá na historia como testemunho indelevel e eloquentissimo do acatamento dos Brazileiros pelo seu ultimo Imperador e da confiança com que poderia appellar-se para o nunca desmentido patriotismo do Sr. D. Pedro de Alcantara.

Ha, pois, toda a razão para dizer que o Brazil inteiro, sem discrepancia de sentimentos, ao través de todas as opiniões e de todas as reminiscencias, lamentou e lamentará profundamente este lutuoso acontecimento, honrando a memoria do Brazileiro a quem jámais foi conhecida paixão mais ardente que a do amor da patria.

Nós, os nossos filhos, toda a posteridade fará justiça a este homem extraordinario, para quem o progresso do Brazil, o seu bem estar, a sua prosperidade e a sua grandeza constituirão em longos annos de laborioso reinado objecto permanente de ininterrupto desvelo, de actividade indefesa, de cogitação aturada, de applicação diuturna de poderosas faculdades robustecidas pelo estudo.

Aquelle que se chamou D. Pedro II e com este nome recebeu um paiz na infancia para o entregar cheio de vida e lançado na carreira de todos os progressos, passará para a historia como um dos homens mais notaveis do nosso seculo pela influencia que exercerão no destino dos povos. Será perante aquelle tribunal supremo das grandes individualidades que o seu merecimento terá de ser aferido com imparcialidade serena e criterio seguro.

O segundo reinado, porém, durou tanto tempo, illustrou-se por tamanha devoção á causa publica, esmerou-se por tal fórma no bem servir a todas as liberdades e adeantamentos, que desde já podemos venerar a memoria de D. Pedro como a de um homem que soube encher duradoura, gloriosa e ardua missão, sem jámais ter desmaiado, nem

affrouxado nas suas rectas intenções, que ninguem teve, nem terá mais puras.

E' impossivel que não tenha errado quem por tão dilatados annos teve nas mãos poder tamanho. A maior sabedoria não está isenta d'este tributo, que é tanto mais duro quanto mais elevada e complexa a responsabilidade. Ha de errar muitas vezes quem quer que muitas vezes haja de escolher a róta mais propicia ao bem publico. Não por ambição do mando, da qual foi sempre desapegado, mas pelo seu espirito de analyse, inclinação para o estudo e longa e esclarecida experiencia dos negocios, que todos manuseava solicito, o Sr. D. Pedro de Alcantara exerceu consideravel influencia que, não raro, as circumstancias na ordem politica mais dilatárão. Mas elle queria sempre o bem ou aquillo que ao seu criterio se figurava tal. Jámais a ira, jámais o despeito, jámais sentimento menos digno actuou no seu culto espirito para lhe quebrantar a integridade. Elle amava a patria como quem seja capaz de ama-la. Queria sobretudo a felicidade do seu povo. A sua unica ambição era a da grandeza do Brazil em todas as espheras da actividade. Nunca usou da prerogativa sua sinão para corresponder aos votos que lhe parecião bem manifestados pela opinião. Buscou sempre governar com o povo e para o povo, tanto quanto permittia a instituição de que era o representante permanente.

* * *

Nasceu o Sr. D. Pedro a 2 de Dezembro de 1825, na cidade do Rio de Janeiro, palacio da Boa-Vista, em S. Christovão. A 7 de Abril de 1831, aos cinco annos e quatro mezes, era elevado ao throno por effeito da abdicação de seu pai, D. Pedro I, o Principe cavalheiresco que, nascido Rei de Portugal, e acclamado Imperador do

Brazil, houve de renunciar duas corôas depois de haver fundado o unico Imperio Sul-Americano e de lhe haver outorgado a Constituição Politica a cujo influxo prosperárão por tanto tempo as nossas liberdades.

O periodo regencial, o mais agitado da nossa historia de nação independente, trabalhado pela lucta vivissima dos partidos, despertou a aspiração de antecipar a maioridade do joven Principe em cuja educação se havião esmerado os eminentes Brazileiros successivamente chamados á suprema gerencia dos negocios do Estado. Em 1840, após tentativas empenhadas e mallogradas nas duas casas do parlamento para a decretação legal da maioridade do Imperador, a providencia extraordinaria do adiamento da assembléa geral precipitou o acontecimento ardentemente desejado por numerosos homens illustres.

Cedendo o Principe ao appello dirigido ao seu patrimonio para que, assumindo desde logo o exercicio das attribuições magestaticas, salvasse o throno e a Nação, foi a 23 de Julho proclamado Maior. A pacifica revolução tinha-se completado e o joven Imperador, constituindo immediatamente o seu primeiro ministerio e concedendo geral amnistia aos crimes politicos, poz mão assidua e desvelada na collossal tarefa que devia preencher até quasi o termo da vida.

Em 1843 recebeu em matrimonio a Sra. D. Theresa Christina Maria, filha de Francisco I, Rei das Duas Sicilias, a Princeza bondosa, que nunca tendo feito fallar de si, senão pelas suas eminentissimas virtudes, e tanto havendo contribuido para que o lar imperial, pudesse ser apontado por irreprehensivel modelo de singeleza, de amenidade e de honestidade, rasgou pela sua morte vacuo profundo no coração de seu esposo.

D'esta alliança nascerão quatro filhos : D. Affonso, D. Pedro e D. Leopoldina, prematuramente finados, e D. Isabel, a ex-Princeza Imperial, a quem coube presidir tres periodos regenciaes, havendo tido a gloria de ligar o nome aos dous grandes actos legislativos de 28 de Setembo de 1871 e de 13 de Maio de 1888. A educação dos Principes foi para o Sr. D. Pedro alvo constante de paternal vigilancia. No meio das fortes preoccupações dos negocios do Estado, patentêou sempre viva solicitude pela missão do pai de familia.

Não se deslisou tão pacifico o segundo reinado quanto era desejo vehemente do ex-Imperador. No primeiro decenio teve de sopitar movimentos revolucionarios em varias provincias, mas buscou sempre poupar quanto possivel a effusão de sangue, tentando todos os meios brandos de pacificação e apagando magnanimo pelo perdão e pela amnistia os vestigios das luctas. A amnistia tinha a sua verdadeira significação na alma do Sr. D. Pedro. No scenario politico do segundo reinado brilhárão homens cujos nomes podem ser achados em primeiro plano na chronica das revoltas. A nenhum recusou a consideração a que houvesse direito pelas qualidades ou pelos serviços.

Tres vezes, no correr do segundo reinado, teve o antigo imperio de empunhar armas contra nações estrangeiras: em 1849 contra o General Rosas, presidente da Confederação Argentina ; em 1864 contra a Republica do Uruguay e, acto continuo contra o general Solano Lopez, presidente da Republica do Paraguay. A historia reconhecerá, na sua indefectivel imparcialidade, que as circumstancias não permittirão ao Brazil outras dignas soluções dos conflictos, que nos arrastárão á guerra. A victoria das armas imperiaes, digámos para a honra do Brazil, não accrescentou palmo de territorio ao

nosso territorio vastissimo. Nas duras emergencias, o Sr. D. Pedro elevou-se a toda altura do seu patriotismo. Na mais renhida e prolongada das tres guerras, a guerra formidavel do Paraguay, o Imperador desenvolveu actividade pasmosa. Logo que o inimigo poz pé em terra do Brazil, D. Pedro deu-se pressa, primeiro voluntario da patria, a tomar parte no cêrco de Uruguayana, onde assistio ao acto da rendição. Em todo o doloroso periodo, não partio do Rio Janeiro um só contingente que não levasse em amplexo estreito do Imperador o amplexo ancioso e inquieto da patria. Fortalezas, arsenaes, quarteis, depositos, officinas e aprestos bellicos, o Imperador via tudo, examinava tudo, tudo previa, de tudo inqueria, e a todos os ramos do extraordinario serviço imprimia a actividade e communicava ardor, ao mesmo tempo que lidava assiduamente no andamento de outros negocios publicos, reunindo o seu conselho de Estado em conferencias successivas, para estudar a questão do estado servil, e compartindo e presidindo ás deliberações do governo em todas as espheras de administração.

Bem poderiamos omittir que n'essa angustiosa phase de sacrificios renunciou D. Pedro, até que terminou a guerra, a quinta parte da sua dotação, d'essa dotação relativamente pequena em que aliás a sua generosidade achou sempre fartas sobras para applicações de caridade e obras de utilidade geral. Essa bellissima feição do seu caracter desenhou-se de modo tão vivo que o seu desinteresse e desapêgo dos bens da fortuna puderão arrasta-lo até á situação embaraçosa que o exilio desvendou aos olhos do mundo.

Summa honra para este homem morrer pobre, tendo sempre vivido desapparatosa vida! Bastava-lhe para si mesmo o necessario, quasi o estrictamente indispensavel.

Elle personificou o exemplo de um rei sem luxo. N'elle só resplandecia a grandeza moral.

Ao tratar-se da primeira viagem á Europa, a Camara dos Deputados manifestára a intenção de decretar valioso subsidio com que o Imperador pudesse occorrer aos gastos da longa excursão. Não se fez demorar a formal e grata recusa, sendo aliás notorio que de nenhuma reserva dispunha a mordomia da imperial casa. Nas duas viagens subsequentes estava bem patenteada a resolução de D. Pedro para que se cogitasse de proporcionar-lhe meios extraordinarios que o Parlamento do Brazil certamente não lhe regatearia na escala em que fossem necessarios. Deposto do throno não acceitou D. Pedro o subsidio de cinco mil contos com que o Governo Provisorio deliberou habilital-o para condigno estabelecimento no paiz da Europa que ao ex-Imperador aprouvesse escolher para sua residencia. Além dos donativos espontaneos que representão cabedal avultado, D. Pedro dava a quem lhe pedia, mesmo sem inquirir do estado do seu bolso. Manteve numerosos pensionistas de diversas categorias, a uns soccorrendo contra a penuria e a invalidez, a outros ajudando na carreira das artes ou das lettras, sem que jámais a liberalidade se fizesse publica senão pela indiscripção agradecida. Fundou e custeou escolas modelos, que fez apparelhar com os aperfeiçoamentos mais modernos do ensino. Nunca faltou com o seu concurso a nenhuma obra util, para a qual lhe o impetrassem.

Muito estudou e muito sabia o Sr. D. Pedro de Alcantara. Dotado de memoria prodigiosa e de intelligencia prompta, aguda e clara, denotava ancia de saber. Estava sempre em dia com o movimento scientifico do mundo. Versado em linguas vivas e mortas, possuia em gráo elevado noções geraes de muitas sciencias e de algumas dizia

profundamente. Não lhe era desconhecida nenhuma das grandes producções do genio humano, modernas e antigas. No seu dia tinha horas obrigadas ao estudo, as quaes disputava, minuto por minuto, aos outros seus multiplos labores, sabendo repartir o tempo com tanta arte que pôde sempre corresponder á rigorosa pontualidade nas ceremonias e solemnidades a que tinha por timbre assistir. O homem de vida tão cheia por obrigações que o seu espirito analytico multiplicava, occupando-se das grandes e das pequenas questões, sem lhe escapar minucia, achava tempo para dar-se ao estudo de linguas orientaes, auxiliando-se com a lição e o conselho de competente professor. A juizo de homens eminentes, nacionaes e estrangeiros, possuia cabedal vasto de erudição em variados ramos dos conhecimentos humanos. Sciencias, lettras e artes, merecião-lhe particular devoção. Acolhia com especial favor os homens feitos ou que apenas se iniciavão n'estas carreiras, incitando-os e honrando-os. Eleito membro correspondente da Academia das Sciencias de Pariz, distincção parcimoniosamente dispensada, prevaleceu-se d'este caracter para dirigir a douta corporação todas quantas communicações podião contribuir para realce do progresso scientifico do Brazil. Não poderiamos dizer que a instrucção publica, nos seus diversos gráos, constituiu preoccupação permanente, porque na realidade é impossivel discernir qual a esphera da administração a que tenha dedicado maior zelo. Quanto lhe permittia o regimen constitucional, foi verdadeiro ministro de todas as repartições ministeriaes pela iniciativa, pela suggestão, pelo conselho e pela experiencia.

A sêde de saber despertou no espirito do Sr. D. Pedro II desejo intenso de viajar, e, graças á sua robusta organisação e excepcional actividade,

póde ser apontado como um dos homens que mais tenhão visto. Visitou quasi todas as antigas provincias do Brazil, deixando por toda a parte recordação gratissima; recebeu nos Estados Unidos testemunhos fervorosos de sympathia e de apreço, e, em tres viagens á Europa, nas quaes percorreu quasi todo o velho continente, pôde contemplar e examinar n'aquella antiga officina do pensamento e do trabalho todos os productos da actividade humana. Universidades, musêos, laboratorios, escolas, collecções, galerias, officinas, obras de todo o genero, D. Pedro vio tudo com o seu meigo olhar perscrutador e avido de instrucção; confraternisou com os maiores homens do nosso tempo, sorprendendo-os pela simplicidade, pela amenidade do trato e pela erudição vária; encantou pela bondade as populações no meio das quaes houve de demorar-se; attrahirão-no ao seu seio numerosas associações; e dos sabios, dos estadistas, dos homens de lettras, dos homens da imprensa, dos artistas, recebeu demonstrações não menos gratas ao seu coração do que quantas porfiárão no tributar-lhe os magistrados supremos das nações e os representantes das familias dynasticas ou principescas.

Não poderião algumas paginas enfeixar a historia de um reinado de quasi meio seculo. Este longo estadio está cheio da intervenção activa do grande homem. Elle está em tudo, elle influio poderosamente em todos os acontecimentos d'esta phase da vida nacional. Desambicioso de poder, pôde muito, mas sempre para o seu ideal do bem publico. N'este meio seculo muitas idéas modificárão-se e outras definirão-se a bem do aperfeiçoamento d'esse melindroso systema representativo, que tão difficil é dirigir com pericia; o Imperador não ficou aquem d'este movimento, antes soube acompanhal-o com summo tacto. Nos ultimos annos adoptou

francamente praticas novas, das quaes deu testemunhos claros. Sem abdicar nenhuma das suas prerogativas, temperou-lhes brandamente o exercicio. Foi assim que limitou ou quasi circumscreveu a interferencia do poder neutro na organisação dos ministerios á designação do presidente do conselho, tendo firmado desde muito a norma invariavel de tirar do parlamento os ministros de Estado. Na escolha de senadores não só procurou quasi sempre dar força ao seu governo, mas é certo que teve occasião de reconsiderar pelo conselho dos seus ministros deliberação annunciada.

No correr do segundo reinado, o poder não passou das mãos de um para as de outro partido por effeito da manifestação directa da vontade nacional. Em rigor as situações politicas durárão todo aquelle tempo pelo qual aprouve a D. Pedro mantêl-as e sustental-as, e d'ahi a necessidade, amargamente experimentada para o ex-Imperador, de appellar para a soberania da nação mais frequentemente do que teria feito em condições diversas d'aquellas nas quaes se achou. Esta actividade do poder neutro, digámos a verdade, alternativamente solicitada pelos partidos constitucionaes e alternativamente defendida e arguida por victoriosos e vencidos, deduzia-se das circumstancias como corollario forçoso, necessidade imposta pela outra essencial necessidade de revezar na suprema gerencia dos negocios a representação das opiniões diversas. Sem a ingerencia periodica da corôa, e D. Pedro perscrutava solicitamente a opportunidade desta intervenção, a flexibilidade das antigas instituições poderia ser posta a duras provas que a sabedoria mandava evitar. Isto reconhecendo, ninguem mais do que o Imperador, entre os estadistas do segundo reinado, patenteou zêlo pela regularidade do systema eleitoral. Os seus ministros não fazião

mysterio da solicitude com que D. Pedro procurava resguardar e cercar de garantias a liberdade do voto. Elle bem sabia que todo o seu afan não bastaria a assegura-la no vastissimo territorio, mas fazia o que podia a bem da elaboração da obra do futuro. Todos os homens do seu conselho são accordes no affirmar que D. Pedro de bom grado alliviaria a sua grande responsabilidade, desde que lh'o consentisse a organisação eleitoral.

Ameno e cortez nas suas relações com os ministros, D. Pedro entendia no estudo e exame de todos os ramos do serviço, que todos conhecia profundamente, como quasi ministro permanente. Objectava, discutia, indicava precedentes, levava emfim a cada solução o concurso inapreciavel do opulento cabedal da experiencia. Triumphante umas vezes, a sua opinião era de outras vencida e a responsabilidade ministerial talvez em raros casos haja tido perfeito direito de inculcar-se constrangida, nunca violentada. Se do longo reinado póde ficar lembrança de qualquer solução na qual D. Pedro haja empenhado mais do que a sua autoridade de estadista provecto, ou mais do que o conselho, a persuasão e a advertencia suave, tenhamos por certo que dos annos e do estudo recebeu o ex-Imperador orientação nova. O confronto dos primeiros com os ultimos decennios do reinado deixa ver distinctamente o sulco profundo da sabedoria no espirito do ex-Imperador.

Foi por virtude d'esses altos dotes moraes que a revolução triumphante a 15 de Novembro procurou solicita cercar o ex-Imperador de todas as mostras de veneração. O banimento decretado contra D. Pedro e suspensão de pagamentos da sua dotação forão providencias tão sómente de natureza politica que, pudessem ou não ter sido poupada, não tiverão o intuito de punir o ex-Imperador

por nenhuma quebra de patriotismo nem interpretarião o sentimento nacional se houvessem por alvo desconhecer os grandes serviços com que D. Pedro se recommendou ao reconhecimento e ás sympathias do Brazil. Nem precisamos erguer o véo de uma desconfiança cruel, por isso que recentemente o Congresso Brazileiro, com applauso geral da nação, fixava uma pensão annual, com que se pudesse manter com dignidade aquelle que por tantos annos regera patrioticamente os nossos destinos.

Não pretendemos, nem é nossa missão, repetimos, traçar o julgamento d'esse homem cuja perda o Brazil hoje deplora. As paixões ainda não estão de todo extinctas, a sua acção ainda é sensivel sobre o nosso meio social, as ondas ainda se agitão com violencia, para que possámos discutir com segurança o fundo verdadeiro das cousas. Ninguem porém negará a esse homem os seus altos dotes pessoaes, a pureza das suas intenções, a honestidade da sua vida, o seu patriotismo nunca desmentido em tão longo periodo, o seu amor ardente pela nossa terra, para a qual se volvião continuamente, como para um pólo magnetico, os seus olhares já cançados. N'esse momento apagão-se todos os odios, todas as discussões diante de um tumulo tão grande. As rivalidades politicas desapparecem para deixarem que todos os filhos d'esta terra deplorem em commum, para a grandeza do acto e a perda d'aquelle que teve tanta simplicidade no seio das prosperidades como magestade na desgraça e que soube acima de tudo ser um representante digno de um povo nobre.

(Do *Jornal do Commercio*).

O SEGUNDO IMPERADOR

PRINCIPAES ACONTECIMENTOS DO SEU REINADO

D. Pedro de Alcantara, João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Raphael Gonzaga, nasceu n'esta cidade, na Quinta da Bôa-Vista, em S. Christovão, a 2 de Dezembro de 1825, nove mezes depois de promulgada a Constituição de 25 de Março de 1824, circumstancia que fez com que um dos seus biographos dissesse que elle e a Constituição erão irmãos. Seu pai, D. Pedro I, tinha então 27 annos de idade apenas, e sua mãi, a archiduqueza d'Austria Leopoldina, falleceu no anno seguinte (11 de Dezembro de 1826), quando elle tinha apenas pouco mais de doze mezes de idade. O nascimento o ligava ás mais illustres dynastias da Europa: aos Braganças de Portugal, aos Bourbons da França, das Duas Sicilias, de Parma e da Hespanha, aos Hapsburgo da Austria. «Este menino, escrevia Auguste de Saint-Hilaire, é o unico d'entre os Brazileiros que ligue o presente ao passado, e pertencendo inteiramente á sua patria, poderá, comtudo, formar laço feliz entre ella e o velho mundo».

Tinha o joven principe pouco mais de cinco annos de idade, quando os acontecimentos de 7 de Abril de 1831 obrigárão seu pai a abdicar, deixando-lhe a corôa e nomeando para seu tutor e das princezas suas irmãs (D. Januaria, nascida a 11 de Março de 1822, casada em 28 de Abril de 1844 com o Conde d'Aquila; D. Francisca, nascida a 2 de Agosto de 1824 e casada a 1° de Maio de 1843 com o Principe de Joinville) ao patriarcha da independencia José Bonifacio de Andrada e Silva. Pela abdicação de seu pai, ficára elle Imperador do Brazil, e n'essa qualidade foi

acclamado no Largo do Paço, constituindo-se logo uma regencia para governar durante a sua menoridade. Compunha-se ella então do general Francisco de Lima e Silva, e dos senadores Vergueiro e Marquez de Caravellas, sendo a 17 de Junho d'aquelle mesmo anno de 1831 substituidos esses dous senadores pelos deputados Costa Carvalho e Braulio Muniz, que occupárão o cargo até 13 de Outubro de 1835.

Os primeiros tempos da menoridade forão calamitosos. O paiz inteiro parecia caminhar para inevitavel dissolução. Na capital do Imperio, as revoltas militares succedião-se umas ás outras; a guerra civil assolava conjuntamente ou successivamente as provincias do Pará, Maranhão, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul, emquanto os tres partidos então existentes guerreavão-se uns aos outros á porfia, divididos em liberal moderado, liberal exaltado e restaurador ou Caramurú. Representava este ultimo os *sebastianistas* d'aquella época, que almejavão pelo regresso de D. Pedro I; tão afouto se mostrou que mandou a Antonio Carlos de Andrada a Lisboa, no anno de 1833, para ver se obtinha que D. Pedro I voltasse, facto que causou a substituição de José Bonifacio pelo Marquez de Itanhaem no cargo de tutor do joven Imperador.

A regencia, no intuito de acalmar a agitação federalista e separatista, fez votar em 1834 o Acto Addicional, e D. Pedro II, entretanto, proseguia nos estudos com rara applicação. Presidia á sua educação o Bispo de Chrysopolis *in partibus infidelium*, que lhe ensinava a doutrina christã, o latim e as mathematicas, secundado por Alexandre Vandelli para as sciencias naturaes, o Marquez de Sapucahy para a litteratura, A. Boulanger para a leitura, Boiret para o francez, Nathaniel Lucas para

o inglez, o Dr. Roque Schuch para o allemão, Simplicio Rodrigues de Sá para a pintura, Felix Emilio Taunay para a geographia e historia, e diversos outros. Estava elle entregue a esses estudos, quando achou-se completamente orphão com menos de nove annos de idade, havendo fallecido seu pai, D. Pedro I, a 24 de Setembro de 1834, em Lisboa.

Com o soberano que, na phrase de um prégador celebre, foi rei que cingio duas corôas e general cuja espada libertou dous povos, e que fallecia aos trinta e seis annos de idade, baixava ao tumulo o partido restaurador, e simplificava-se a situação interior do paiz. A 12 de Outubro de 1835 Diogo Feijó era empossado como unico regente e já havia pacificado o Pará e domado a cabanagem, quando, em 29 de Setembro de 1837, succedia-lhe na regencia Pedro de Araujo Lima, depois Marquez de Olinda. Mas não só a Bahia, Pernambuco e o Maranhão ainda estavam convulsionados, como tambem o Rio Grande do Sul em armas já se apoderára de parte da provincia de Santa Catharina e de Curityba, pertencente então á provincia de S. Paulo.

N'essas condições foi que os liberaes de então unidos a alguns conservadores, pensaram em anticipar a data da maioridade do imperador, contra a lettra expressa da Constituição vigente, Hollanda Cavalcanti, Visconde de Albuquerque, os Andradas, Vergueiro, Alvares Machado, por parte d'aquelles, e Villela Barboza, Marquez de Paranaguá, o Conde de Lages e o general F. de Lima e Silva (Caxias), por parte d'estes, fizeram com que tres annos antes do periodo marcado pela Constituição, fosse o joven imperador proclamado maior pela assembléa geral legislativa, a 23 de Julho de 1840.

« Uma revolução, a 7 de Abril de 1831, escreveu o Sr. J. M. Pereira da Silva, na sua *Historia do Brazil*, compellira D. Pedro I a renunciar a corôa brazileira e a transferil-a para o Sr. D. Pedro II, ainda na infancia. Outra revolução, a de 23 de Julho de 1840, proclamou a maioridade do joven monarcha, antes da época para ella fixada na Constituição Politica do Imperio, sem que pelo menos uma lei a respeito houvessem as Camaras mais ou menos regularmente votado, dispensando nas instituições o que n'ellas se estabelecêra. Fôra a primeira commettida por povo e tropa em armas e na praça publica; a segunda, pelas minorias das duas casas do Parlamento, reunidas sem caracter official nos paços do Senado. Ambas promovidas e executadas pelo partido denominado liberal ».

A 18 de Julho de 1841, effectuava-se na cathedral d'esta cidade a ceremonia da sagração e coroação de D. Pedro II, que, ao tomar as redeas do Governo no anno precedente, chamara para seus ministros os liberaes: Hollanda Cavalcanti, Visconde de Albuquerque, Antonio Carlos, Martim Francisco, Aureliano de Souza, Visconde de Sepetiba, substituidos, d'esde 23 de Março de 1841, pelos conservadores, tendo á sua frente Villela Barboza, Marquez de Paranaguá.

O Imperio, porém, ainda não estava pacificado. O Maranhão só o foi em 1841, pelo general que mais tarde foi conhecido debaixo do nome glorioso de Duque de Caxias.

Minas Geraes e S. Paulo, que se tinham sublevado, foram igualmente pacificados por elle em Agosto de 1842, depois da conhecida batalha de Santa Luzia.

A 23 de Julho d'esse mesmo anno de 1842 assignou-se, na capital da Austria, o contrato de casamento de D. Pedro II com a Princeza

Thereza Christina Maria de Bourbon, filha do Rei Francisco I das duas Sicilias (1777—1830), irmã da Grã-Duqueza da Toscana, do Conde d'Aquila e do Conde de Trapani, mais velha do que D. Pedro II, pois nascera a 14 de Março de 1822. Em Março de 1843, a fragata *Constituição*, commandada pelo capitão J. J. Maia, arvorando o pavilhão do contra-almirante Eleodoro de Beaurepaire, a corveta *Dous de Julho*, commandada pelo capitão Pedro Ferreira de Oliveira, a corveta *Euterpe*, commandada pelo capitão João Maria Wandenkolk, sahiam d'este porto (5 de Março) e chegavam a Napoles no dia 21 de Abril, com José Alexandre Carneiro Leão, visconde de S. Salvador de Campos, embaixador do Augusto esposo, que, a 30 de Maio, casava na sumptuosa capella palatina, por procuração, sendo representado pelo principe de Syracusa. Só a 2 de Julho de 1843 regressava a divisão naval brazileira, escoltada por uma divisão napolitana, composta do navio *Vesuvio* e das fragatas *Amelia*, *Elizabeth* e *Partenope*, tendo a seu bordo a virtuosa Imperatriz, que desembarcou n'esta cidade a 4 de Setembro.

A 20 de Janeiro de 1843, o gabinete Paranaguá fôra substituido por outro ministerio conservador presidido por Carneiro Leão, Marquez de Paraná, que pedio demissão a 31 de Janeiro de 1844, voltando então os liberaes ao poder com Almeida Torres, Visconde de Macahé (2 de Fevereiro de 1844), por não ter querido organisar gabinete um dos chefes conservadores, Costa Carvalho, Marquez de Monte Alegre.

Os liberaes conservaram-se no poder por mais de quatro annos e meio : de 2 de Fevereiro de 1844 a 29 de Setembro de 1848, tendo organisado cinco gabinetes: o de 2 de Fevereiro de 1844 com o Marquez de Monte-Alegre, o de 5 de Maio de 1846

com o Visconde de Albuquerque, o de 22 de Maio de 1847 com Alves Branco, Visconde de Caravellas, o de 8 de Março de 1848 com o Visconde de Macahé e o de 31 de Maio do mesmo anno com Paula e Souza. Tiveram elles que arcar com mais de uma difficuldade : pacificaram a provincia do Rio Grande do Sul, graças a Caxias (1º de Março de 1845), e soffreram com o Brazil inteiro os actos de prepotencia praticados pela Grã-Bretanha em virtude do famoso *bill Aberdeen*, votado em 1845 e applicado de modo que, triumphando o nosso amor proprio nacional, não conseguio diminuir, senão fomentar o vergonhoso trafico de escravos africanos.

A 29 de Setembro de 1848, Araujo Lima, Marquez de Olinda, o ex-regente, prestigioso chefe conservador, organisava gabinete com Costa Carvalho, Marquez de Monte-Alegre, que fizera parte da segunda regencia, com Euzebio de Queiroz, M. F. de Souza Mello e Rodrigues Torres, Visconde de Itaborahy. O novo ministerio teve que luctar com uma revolução fomentada em Pernambuco pelos liberaes, e que foi a ultima revolução séria do derradeiro reinado (Fevereiro de 1849).

Assim, pois, por annos depois de reinar em pessoa D. Pedro II achava-se o paiz inteiramente pacificado. Os conservadores aproveitaram-se d'essa situação favoravel para se manterem no poder até 3 de Setembro de 1853, durante quasi cinco annos. Verdade é que, d'esde 6 de Outubro, em consequencia das occurrencias havidas com o dictador argentino Rosas, retirara-se o chefe do gabinete, marquez de Olinda, procedendo-se a uma reorganisação ministerial, da qual fizeram parte o Marquez de Monte-Alegre, como presidente do conselho, Paulino de Souza — Visconde de Uruguay — como ministro dos negocios estrangeiros, Tosta—Marquez

de Muritiba—o energico ex-presidente de Pernambuco, com a pasta da marinha. Os novos ministros acharam o caminho desembaraçado e podiam deixar vestigios de sua administração ! Em 1850, a 4 de Setembro, Euzebio de Queiroz tomava as medidas mais energicas e efficazes contra o trafico dos escravos. N'aquelle mesmo anno, inaugurava-se a primeira linha de vapores entre o Brazil e a Europa

Era, porém, o Brazil que intervio nos negocios de Montevidéo, abonando, d'esde 1º de Julho, áquella praça os subsidios necessarios para a sua defesa. A 23 de Setembro, o general Guido, Ministro de Rosas no Rio, pedio os passaportes e retirou-se do Rio, onde, conforme nota do Ministro Araña, reinava um *enemigo asqueroso.* A 25 de Dezembro, o Brazil unia-se ao Paraguay, contra Rosas,e enviava á capital d'esta ultima Republica e a Humaitá diversos officiaes (o general Bellegarde, o commandante Leverger, francez naturalisado brazileiro, Villagran Cabrita, Porto Carrero) para instruirem o exercito paraguayo. A 16 de Março de 1851, o Imperio annunciava a sua resolução de defender o Governo de Montevidéo contra o exercito de Oribe. A 29 de Maio, o Brazil, o Uruguay e o Estado de Entre-Rios, cujo Governador era Urquiza, assignaram em Montevidéo um tratado de alliança ; 20,000 Brazileiros, commandados por Caxias, penetravam na Republica Oriental, e a armada brazileira, commandada por Grenfell, protegia a passagem das tropas alliadas e ameaçava Buenos-Ayres. A 19 de Outubro, Oribe capitulava e levantava o cêrco de Montevidéo, que tinha durado dez annos, cedendo á força do exercito de Entre-Rios. A 21 de Novembro, novo tratado contra Rosas era assignado entre o Brazil, Uruguay, Entre-Rios e Corrientes. O primeiro exercito dos alliados foi atacar Buenos-Ayres ; Grenfell

a 17 de Dezembro, forçou a passagem de Tonelero, e, a 3 de Fevereiro de 1852, o general Urquiza, commandante do exercito alliado, em que figurava a divisão brazileira, capitaneada pelo general Marques de Souza—Conde de Porto-Alegre—a batalha de Monte-Caseros punha termo á dictadura de Rosas, que embarcou para a Inglaterra, entrando em Buenos-Ayres o exercito alliado a 18 de Fevereiro.

O Imperio salvava duas Republicas.

A 6 de Setembro de 1853, Carneiro Leão—Marquez de Paraná—era chamado para constituir um gabinete de conciliação, em que se acharam confundidos representantes dos dois partidos, situação que durou até 1858.

O desarmamento relativo dos partidos servio grandemente os interesses do paiz. Construiram-se então as primeiras vias ferreas e estabeleceram-se as primeiras linhas telegraphicas; fundaram-se as primeiras linhas de navegação fluvial; cuidou-se com algum esmero da instrucção publica; tratou-se da immigração; executaram-se diversas reformas uteis.

Tendo fallecido o Marquez de Paraná a 3 de Setembro de 1856, foi chamado Caxias, ministro da guerra, para a presidencia do conselho e, a 4 de Maio de 1857, Caxias cedeu o logar ao Marquez de Olinda. Com este findou a conciliação, subindo então ao poder os conservadores, que governaram durante quatro annos, de 1858 a 1862, com tres gabinetes successivos. O do Visconde de Abaeté a 12 de Dezembro de 1858; O de Ferraz a 10 de Agosto de 1859; e o de Caxias a 2 de Março de 1861.

Desde 1852 tinha obtido o Brazil dos seus vizinhos do Rio da Prata a liberdade da navegação do Uruguay e do Paraná para todas as bandeiras,

e, em 1858 conseguio do governo do Paraguay abertura do rio Paraguay ao commercio estrangeiro.

Em 1862, o incidente promovido pelo ministro inglez Christie deu azo aos Brazileiros e ao seu soberano de ostentarem o seu patriotismo. O governo imperial teve de ceder á força brutal, pagando á Grã-Bretanha a indemnisação que reclamava. Mas não fez sem protestar altamente, rompendo as relações diplomaticas com a Inglaterra. E' conhecido o feliz desfecho deste triste incidente. Graças á intervenção amigavel d'El Rei de Portugal, o litigio foi submettido a arbitramento, sendo escolhido como arbitro o finado rei dos Belgas, que deu razão ao Brazil, reatando-se em 1865 as relações entre os dois paizes.

Em 1862, os liberaes voltaram ao poder até 1868, organisando-se n'esses seis annos os seguintes gabinetes: 24 de Maio de 1862, Zacarias de Góes e Vasconcellos; 31 de Maio de 1862, Marquez de Olinda; 15 de Janeiro de 1864, Zacarias; 31 de Agosto de 1864, Francisco José Furtado; 12 de Maio de 1865, Marquez de Olinda; 31 de Agosto de 1866 Zacarias.

Durante essa situação foi que D. Pedro II casou suas duas filhas. Do seu consorcio com a santa Imperatriz Thereza Christina, tinha elle tido dois filhos, D. Affonso e D. Pedro, que morreram em tenra idade, e duas filhas, D. Izabel, nascida no Rio a 29 de Julho de 1846; e D. Leopoldina nascida na mesma cidade a 13 de Julho de 1847. A primeira, a princeza D. Izabel, casou a 15 de Outubro de 1864, com S. A. R. o Principe Gaston d'Orléans, Conde d'Eu, filho mais velho do Duque de Nemours e neto de Luiz Philippe I, Rei dos Francezes; a segunda, a princeza D. Leopoldina casou a 15 de Dezembro de 1864, com S. A. o Principe Augusto, Duque de Saxe.

Quando casaram as duas princezas já se achava o Brazil empenhado em uma guerra que lhe custou avultadas sommas e consumio o melhor sangue de seus filhos: a guerra do Paraguay.

O conflicto começou com o Uruguay, que repellira diversas reclamações do Imperio. A 9 de Agosto de 1864, o Sr. Saraiva levou um *ultimatum* a Montevidéo e sendo este repellido, sahio elle de Montevidéo e a Republica Oriental foi invadida por um exercito brazileiro, commandado pelo general J. P. Mena Barreto — Barão de S. Gabriel. De accôrdo com o general uruguayo Flôres, chefe do partido colorado, apoderou-se de Paysandú a 2 de Janeiro de 1865, e marchou com as forças de Flôres para sitiar Montevidéo, cujo porto foi bloqueado pelo almirante Tamandaré, e que se rendeu a 20 de Fevereiro. N'esse mesmo dia o general Flôres e o governador de Montevidéo assignaram, com approvação de J. M. da Silva Paranhos — Visconde do Rio Branco — uma Convenção, pela qual Flôres era reconhecido governador provisorio da Republica, que se alliava ao Brazil contra o Paraguay. De facto, desde 12 de Novembro de 1864, Lopez, dictador do Paraguay, abrira hostilidade contra o Brazil, apossando-se do vapor *Marquez de Olinda*, aprisionando todos os passageiros, entre os quaes figurava o presidente nomeado para Matto-Grosso, deputado Carneiro de Campos, e mandando que os generaes Barrios e Resquin invadissem Matto Grosso.

Em Abril de 1865, Lopez invadio tambem, sem declaração de guerra, a Republica Argentina, onde entraram 30.000 homens, tendo á frente o general Robles, e teve esta que unir-se ao Brazil, assignando-se a triplice alliança em Buenos-Ayres a 1° de Maio de 1865.

E' excusado relembrar aqui os episodios da guerra, que estreou-se pela victoria de Riachuelo a 11 de Junho de 1865; a rendição de Uruguayana a 18 de Setembro de 1865, achando-se presentes D. Pedro II e seus generaes; o desembarque de tropas de Osorio, secundadas pelo contra-almirante Alvim, na Confluencia; a tomada do fortim de Itapirú; a victoria de Paso de la Patria; Tuyuty; Boqueron; o xaque de Sauce; o assalto de Curuzú; a derrota de Curupaity; os combates de Paré-Cué, de Tatagibá, de Potrero Obella, de Tayi; o cêrco de Humaytá; a tomada das fortificações de Tebicuary; a lucta na ponte de Itororó; Avahy; Lomas Valentinas; a rendição de Angustura; todos estes factos qne estão na memoria detodos e que cobriram de gloria o exercito e a armada do Brazil.

A 30 de Dezembro de 1868, Caxias entrava em Asuncion.

Mas a guerra não estava terminada. Em Janeiro de 1869, Caxias, doente, voltava para o Rio, a 16 de Abril, o Conde d'Eu tomava o commando em chefe do exercito; a 12 de Agosto, tomava de assalto Piribebuy, e a 1 de Março de 1860, o general Camara sorprendia Lopez em Cerro-Corá, na margem esquerda do Aquidaban, junto das fron teiras do Paraguay e de Matto-Grosso, e alli succumbio o dictador, ao fugir.

Para libertar o Paraguay do jugo de Lopez II, o Brazil tinha gasto seiscentos mil contos e tinha sacrificado 40.000 homens!

D'esde 1868 os conservadores tinham voltado ao poder até 1878, tendo durante esses dez annos quatro gabinetes: o do Visconde Itaborahy, em 16 de Julho de 1868; o do Marquez de S. Vicente, a 21 de Setembro de 1870; o do Visconde do Rio Branco, a 7 de Março de 1871, e o duque de Caxias, a 25 de Junho de 1875.

Terminada a guerra do Paraguay, pôde o paiz em plena communhão de idéas com aquelle que então era seu chefe, cuidar de sanar uma das chagas que o corroia: a escravidão.

A 23 de Janeiro de 1866, Pimenta Bueno—Marquez de S. Vicente—apresentava ao soberano um projecto de emancipação gradual dos escravisados. D. Pedro mandou que o Marquez de Olinda submettesse o projecto ao Conselho de Estado. O chefe do gabinete era contrario á idéa, de sorte que a secção consultada, composta de Souza Franco e Marquez de Sapucahy, opinou para que tudo ficasse adiado, até findar a guerra. Em Julho de 1866, a sociedade franceza para a abolição da escravidão dirigia um appello a D. Pedro, e este respondeu que o seu governo trataria da questão d'esde que as circumstancias o permitissem, como «reclama o espirito do Christianismo». A resposta, redigida pelo proprio Imperador, foi assignada por Martim Francisco Ribeiro de Andrada, então ministro da justiça.

Os projectos de Pimenta Bueno, patrocinados pelo chefe do Estado, só foram discutidos em Abril de 1867 pelo Conselho de Estado, que adoptou-lhes as principaes disposições, rejeitando uma unica, devéras importantissima, visto como determinava ella que a emancipação total deveria estar terminada a 31 de Dezembro de 1869. Nabuco foi encarregado, de redigir o projecto definitivo, que foi de novo discutido pelo Conselho de Estado em Abril e Maio de 1868, declarando então o Conselho de Estado que o governo só deveria usar do seu direito de iniciativa, depois de terminada a guerra.

Entretanto, aos liberaes succediam os conservadores com o Visconde de Itaborahy a 16 de Julho de 1868. Esse gabinete manifestou-se contrario á projectada reforma a despeito dos desejos

manifestados pelo monarcha e a reforma ia ser adiada quando o Sr. Jeronymo José Teixeira Junior— Visconde do Cruzeiro—levou a questão á tribuna da Camara, requerendo que se elegesse uma commissão especial para redigir o projecto de emancipação gradual. O requerimento foi aceito pela Camara, e, a 15 de Agosto de 1870, a commissão pelo Sr. Teixeira Junior apresentou um projecto de lei analogo ao que já fôra discutido pelo Conselho de Estado e propondo a emancipação dos nascituros.

Divergencias a respeito d'essa reforma fizeram com que o Visconde de Itaborahy se retirasse, succedendo-lhe na presidencia do conselho Pimenta Bueno, Marquez de S. Vicente, a 29 de Setembro de 1870. Esse gabinete teve existencia ephemera, e a 7 de Março de 1871, Rio Branco era chamado á presidencia do conselho.

D. Pedro II, que nunca tinha sahido de seu paiz e que acabava de soffrer golpe tremendo com o passamento prematuro de sua filha mais nova a princeza D. Leopoldina, fallecida no principio d'aquelle anno em Vienna d'Austria, resolveu ir á Europa, para onde seguiu a 25 de Maio de 1871, deixando como regente do Imperio sua filha a Princeza D. Isabel.

Durante essa sua excursão pela Europa foi que se travou a lucta nas Camaras a proposito da emancipação, effectuando-se uma dissidencia no partido conservador, dissidencia sustentada na Camara pelos Srs. Andrade Figueira, Ferreira Vianna, Duque-Estrada Teixeira, Perdigão Malheiro e muitos outros, capitaneados pelo Sr. Paulino de Souza; e no Senado pelo Visconde de Itaborahy e o Barão, depois Marquez de Muritiba, que encontraram poderoso auxiliar em Zacarias, chefe liberal.

D. Pedro II estava em Alexandria, no Egypto, quando foi informado de que a 28 de Setembro

de 1871, fôra votada a lei que emancipava o berço dos escravisados. Quando voltou ao Imperio ninguem mais ahi nascia escravo.

O ministerio Rio Branco, livre das preoccupações que suscitara essa reforma, consagrou a sua actividade a outros assumptos, dando os seus cuidados principalmente á instrucção publica.

A 25 de Junho de 1875, o Duque de Caxias, succedeu ao Visconde do Rio Branco, e o partido conservador só cahio do poder em 1878; sendo organisado o primeiro ministerio liberal pelo Sr. Sinimbú, a 5 de Janeiro d'aquelle anno.

Depois, vieram ainda os Srs. Saraiva, a 28 de Março de 1880; Martinho Campos, a 21 de Janeiro de 1882; Lafayette Pereira, a 24 de Maio de 1883; Paranaguá, a 3 de Julho do mesmo anno; Dantas, a 6 de Junho de 1884, e Saraiva a 6 de Maio de 1885. Toda essa época foi assignalada pela brilhante campanha abolicionista, que teve como primeiro resultado o projecto apresentado a 15 de Julho de 1884, pelo deputado Rodolpho Dantas, de accôrdo com o gabinete, providenciando sobre o augmento do fundo de emancipação e propondo a alforria dos sexagenarios. Queriam os abolicionistas libertar o tumulo depois do berço. O ministerio encontrou tenaz opposição, e a Camara foi dissolvida a 3 de Setembro.

A nova Camara não concordou com o gabinete, que se retirou, sendo chamado para succeder-lhe o Sr. Saraiva, autor da lei sobre eleição directa adoptada em 1881 com o concurso dos conservadores. Já a lei relativa aos sexagenarios havia sido votada pela Camara e começava a discussão no Senado quando esse parlamentar resignou o poder, sendo chamados os conservadores. O Barão de Cotegipe organisou ministerio a 20 de Agosto de 1885, com os Srs. Antonio Prado e Francisco Belisario como

principaes collaboradores, e fez com que a lei fosse votada pelo Senado, sendo sanccionada a 28 de Setembro d'aquelle anno de 1885. Já as provincias do Ceará e Amazonas, dando nobre exemplo, tinham abolido a escravidão em seu territorio, e a onda abolicionista crescia sempre.

Em principios de 1887, D. Pedro enfermou gravemente, e a 30 de Junho, a conselho dos medicos, partiu para a Europa, ficando sua filha como regente do Imperio. Esteve elle successivamente em Pariz, Baden, Milão e Aix-les-Bains, gravemente enfermo.

Em Março de 1888, o gabinete Cotegipe retirava-se, e o ministerio João Alfredo punha-se á frente dos abolicionistas para realisar a desejada reforma, que, com effeito effectuou-se a 13 de Maio, por entre enthusiasticos applausos do mundo civilisado.

D. Pedro II estava então moribundo em Milão, e a grata noticia lhe foi dada pela virtuosa esposa quando já os medicos desesperavam de salval-o.

Testemunhas d'essa scena commovente narram que, ao saber da noticia, D. Pedro exclamára: « Grande povo ! grande povo ! » e arrebentára em lagrimas de jubilo intimo.

A 5 de Agosto de 1888, embarcou em Pouillac para regressar ao Brazil, onde foi recebido com affecto estrondoso, embora nos ultimos tempos a propaganda republicana houvesse ganho muito terreno.

Em Junho de 1889, os conservadores cediam o poder aos liberaes, sendo substituido o ministerio João Alfredo por um gabinete organisado pelo Sr. Affonso Celso—Visconde de Ouro-Preto.

Os factos que d'esde então se deram ainda estão presentes a todas as memorias, e não é aqui o logar para recordarmos a imprevista quéda da

monarchia a 15 de Novembro d'aquelle anno, o banimento da familia reinante e as tristezas do exilio d'aquelle que governára este paiz durante perto de meio seculo. Elle foi o contemporaneo de todas as nossas glorias e o consolador de todas as nossas provações. Um de seus biographos, o Sr. Anfriso Fialho, póde dizer com razão que, para definil-o, deviam reunir-se os predicados de muitos soberanos.

No exilio mostrou-se elle tão grande como nos mais bellos dias do seu reinado, e aquelles que recebiam as suas raras confidencias sabem que elle, antes de tudo, queria o bem-estar d'esta sua querida terra, ainda mesmo que ella tivesse de ser feliz sem a sua dynastia.

N'este solo americano, onde, depois que a civilisação está implantada, ainda não houve monarcha que morresse no throno, D. Pedro II soube ser um philosopho e um pastor do seu povo, e, um dia talvez, quando as paixões tiverem perdido a sua agudez, hão de descançar aqui os seus restos mortaes, merecendo elle o epitaphio analogo do d'esse principe a quem se ergueu monumento cincoenta annos depois de morto.

Do Amazonas, que elle franqueou a todas as nações amigas a 7 de Setembro de 1867, ao Prata, que lhe deve a sua libertação do jugo dos dictadores, ha de ser sentida a morte do grande cidadão, e as lagrimas de povos livres hão de ser doces á sua grande alma liberal.

(Do *Jornal do Commercio*).

A MOLESTIA E A MORTE DE D. PEDRO II

Data de 1887 o depauperamento das forças do Sr. D. Pedro II, e só o seu privilegiado organismo resistiria até hontem no meio dos maiores

desgostos moraes á acção destruidora do soffrimento que ha tanto o alquebrava.

Foi em Petropolis, quando assistia, no verão d'aquelle anno, a um concerto no Hotel Bragança, que primeiro se manifestou ao publico o grave caracter da enfermidade de Sua Magestade. O Imperador foi então acommettido de uma febre palustre, que, sob o fundo diabetico do organismo atacado, produzio as peiores consequências.

Foi preciso remover o illustre enfermo primeiro para as Aguas Claras, depois para a Tijuca, e mais tarde para a Europa, onde S. M. chegou em Julho d'aquelle anno, acompanhado pelo seu medico Dr. Motta Maia, a cuja dedicação, hoje que acabou a sua tarefa, é preciso render a mais convencida homenagem de reconhecimento, foi o Imperador examinado pelas principaes summidades medicas da Europa que todas chegaram a um diagnostico seguro a respeito do seu mal, permittindo assim ao seu medico assistente tratal-o com a maior segurança de sua responsabilidade.

Depois de estar em Pariz, S. M. seguio para Baden-Baden, mais tarde para o Mediterraneo, d'onde fez uma excursão á Italia, tendo cahido gravemente doente em Milão, em Maio de 1888. Está ainda viva na memoria de todos a emoção d'aquelles dias em que se esperava, a cada momento, a noticia do fatal desenlace.

Ainda d'esta vez, porém, a sciencia dos medicos, entre os quaes é preciso contar, além do professor Charcot, que foi de Pariz expressamente visital-o, os Drs. Semmola e De Giovanni, pôde reanimar o organismo debilitado do doente e mezes depois nós o viamos desembarcar no Rio de Janeiro, resistindo ás emoções de um acolhimento que excede tudo de que ha exemplo em nosso paiz, como demonstração de sentimento publico.

Sempre, sob a acção da enfermidade que se aggravava physicamente, deixando-lhe, porém, intacta a personalidade moral, o imperador retomou o peso dos negocios publicos sem que sua saude de fórma alguma cedesse a ella. A' força de hygiene e de regra elle pôde continuar, como d'antes a presidir a administração do Estado e durante os anciosos dias de Novembro de 1889, os ultimos que passou n'este paiz, elle deu um exemplo de fortaleza d'animo, que só podia provir d'um organismo, em parte reconstituido.

O Imperador supportou as emoções da viagem repentina, as agonias moraes do desterro, a morte da Imperatriz, com uma consistencia de animo verdadeiramente stoico e que encobria inteiramente a destruição interior que esses abalos lhe causavam.

Em Cannes, onde permaneceu a maior parte do tempo, gosou elle de saude relativa, mas era visivel para todos que a sua constituição tinha tocado a um ponto em que a minima circumstancia a podia aniquilar. Uma pequena ferida no pé esquerdo determinou a gangrena, que ainda mais o enfraqueceu em Vichy, onde elle tinha ido em Julho ultimo, fazer uso das aguas. Elle já tinha quasi perdido o uso das pernas, quando foi transportado para Versailles, onde illustres patricios nossos tiveram a honra de vel-o e conversar com elle, quando já não mais se levantava de uma *chaise-longue*.

A sua curiosidade, invencivel a todos os assedios da doença, fel-o desejar voltar a Pariz, cuja vida intellectual lhe foi sempre tão sympathica e, segundo nos referiram os telegrammas ultimos, foi em uma visita ao Instituto de França que elle contrahio o germen da ultima complicação morbida que o matou.

Os nossos leitores puderam acompanhar dia a dia a marcha do mal, que agora os Drs. Charcot, Bouchard e Motta Maia declaram ter sido uma pneumonia aguda no pulmão esquerdo.

ULTIMOS MOMENTOS

Pode-se com os nossos telegrammas á vista reproduzir a scena final da vida do Imperador no Hotel Bedford, em uma manhã de Dezembro, no coração d'este inverno, excepcionalmente rigoroso, segundo as noticias que chegam.

S. M. sempre se recusou, quando lhe fallavam n'isso, a tomar casa no estrangeiro, considerando-se apenas um viajante fóra de seu paiz. Por isso entendeu, como principio, morar sempre em hotel, o que era talvez um modo de illudir-se a si mesmo e minorar as tristezas do exilio. O amor que elle sempre teve a Pariz te-lo-hia feito preferir a capital intellectual do mundo latino para n'ella exhalar o ultimo suspiro fóra do seu paiz, mas póde-se dizer que nunca o abandonou a esperança de morrer entre nós, sendo essa ultimamente a idéa que mais lhe aprazia exprimir e que manifestava sob todas as fórmas, que o amor da patria lhe suggeria.

Infelizmente o desenlace tinha que vir como todos e não como elle o antecipava, e foi, em um quarto de hotel, que se passou a ultima scena do triste drama do exilio.

O nosso correspondente de Pariz nos descreve a ultima hora da agonia. Foi o cura da Magdalena quem lhe levou os ultimos soccorros espirituaes. Pelo facto de S. M. não se ter podido confessar, é licito concluir que a febre, no lance final, o tinha privado da posse de si mesmo.

Das 11 horas até á meia-noite e vinte e nove minutos em que se deu o passamento, o

agonisante esteve cercado das pessoas de sua familia presentes em Pariz e de grande numero de Brazileiros dedicados, que guardarão sempre como um privilegio a lembrança de terem estado alli, áquella hora, a representar o sentimento de tão grande numero de seus patricios ausentes.

Estavam alli a Sra. Condessa d'Eu, debulhada em pranto e de joelhos em torno do leito mortuario, o Conde d'Eu, o Duque de Saxe e o Principe D. Pedro Augusto, e em redor d'elles o conde de Motta Maia, que via extinguir-se a vida sobre a qual elle tinha tão devotadamente velado, conde de Aljezur, servidor leal e desinteressado dos dias amargos do infortunio; barão de Penedo, visconde de Cavalcanti, barão da Estrella, conselheiro Silva Costa, o barão de Albuquerque, Eduardo Prado, Alfredo Rocha, Sebastião Guimarães, barão de S. Joaquim, Calogeras, professor Seybold, e outros, além dos devotados servidores da casa.

A' meia noite e 29 *minutos*, diz o nosso correspondente em phrase cuja singela e tocante expressão revela a testemunha dominada pelo pathetico da scena que tinha diante dos olhos, *deixou de existir o grande Brazileiro, honra de sua patria*.

Nem lhe faltou mencionar, como que pensando n'essa hora de emoção religiosa em um outro *consummatum est*, que foi inclinando a cabeça sobre o hombro esquerdo que elle expirou.

(Do *Jornal do Brazil*).

D. PEDRO II (1)

Fechou os olhos D. Pedro II. A longa agonia do desterro acabou na paz intermina da morte e o fim d'essa lucta, que o Brazil e o mundo consternados acompanhavam ha mezes, abre definitivamente para o augusto varão o juizo sereno e inflexivel da historia. Sua memoria, aliás, não pertence unicamente á nação de que elle foi guia e pai; pertence tambem ao seculo de que foi lustre e honra, ao Novo Mundo de que foi no seu tempo o mais respeitado representante, á humanidade inteira na qual ficará sendo uma das personificações mais gloriosas, mais dignificadoras e mais comprehensivas da virtude moral.

N'este sentido é que se ajusta perfeitamente a D. Pedro II a phrase celebre: o *homem fazia honra ao Homem;* e sob esse aspecto superior e bemfazejo, é que o seculo XIX alistará no patriciado das suas glorias e inscreverá no Pantheon dos seus heróes o nome d'esse Imperador, com ufania não menos legitima do que pelos titulos da sciencia recolhe os de Darwin e de Pasteur, pelos direitos do genio os de Gœthe e de Hugo, pelos progressos maravilhosos que transformaram a vida em nosso planeta os de Lesseps e de Edison. Cabe, porém, ao Brazil reivindical-o especialmente como a maior figura de sua historia, a qual se confunde com a do Grande Morto n'estes 50 annos em que a nação se formou para a liberdade, para o trabalho e para a civilisação, allumiada pela sabedoria, guiada pela virtude e dirigida pelo patriotismo do preclaro soberano. O seu reinado, por justa mercê da Providencia, enche elle só esse largo periodo inicial da nossa vida independente, durante o qual modelaram-se todos os orgãos essenciaes á

(1) Transcripto na *Gazeta da Tarde* do dia 6 de Dezembro de 1891.

existencia nacional, affeiçoaram-se as instituições á indole do povo, firmaram-se as allianças internacionaes, cujo vinculo a sua tradição originaria ha de cada dia apertar; no interior alargou-se e no estrangeiro elevou-se o credito á altura alcançada pelas primeiras nações modernas, estabeleceu-se a viação terrestre, fluvial e maritima, consolidaram-se as industrias e o commercio, constituio-se o exercito e a marinha nas longas provações de uma guerra patriotica, tornou-se o paiz um dos mais conhecidos centros da immigração européa, as lettras, a eloquencia e a politica produziram os nossos mais bellos nomes, e afinal dignificou-se o trabalho isento gradativamente da macula original do captiveiro colonial e por ultimo assentado eternamente na lei de liberdade necessaria ao seu prestigio, á sua efficacia e aos seus effeitos moralisadores. Pedro II formou-se n'esse periodo e formou-o á sua imagem.

Certo não é obra sómente sua esse opulento e glorioso cabedal, cuja laboriosa accumulação se consummou durante o seu reinado semi-secular. Obra tão vasta e complexa não poderia ser o producto de uma só individualidade, nem ha de jámais dispensar a cooperação de numerosissimos factores: os antecedentes, o periodo, os auxiliares, o povo coadjuvaram com a sua collaboração a D. Pedro II no pensamento de dar á massa ainda plastica da nacionalidade brazileira os caracteristicos que lhe imprimem a sua feição propria e distincta no quadro dos povos civilisados. O espirito superior do soberano, sua alta razão, seu coração magnanimo affeiçoaram, porém, com tão profundo relevo á sua imagem a evolução operada n'esse largo periodo, que não haverá como desconhecer a influencia preponderante do seu genio nas vastas transformações que o seu reinado realizou.

O seculo XIX chamar-se-ha por isso na historia brazileira o seculo de Pedro II com jus não menor que o seculo de Augusto em Roma ou o de Luiz XIV em França. Effectivamente se não se lhe deve tudo quanto o seu reinado produzio, mais certo ainda é que a nada do que sua longa existencia de rei presidio elle foi estranho. D'esde os melhoramentos materiaes até á reformas sociaes e politicas, e d'esde estas até as victorias nas guerras estrangeiras, em todos os factos e em todos os fastos de seu tempo, a influencia que melhor se discerne é a de suas grandes qualidades, tão honrosas para o homem quanto propicias ao soberano e ao desempenho de suas funcções magestaticas : a prudencia, a justiça, o desinteresse, a tolerancia, a bondade, a moderação, o culto supremo das forças e dos interesses moraes, a fé no progresso, sem allucinações, a confiança no futuro, sem impaciencias, a crença, sem limites, mas tambem sem fanatismo, na liberdade, o sublimado amor da patria sobre todas as cousas. O justo equilibrio d'essas qualidades preparou-o para exercer a realeza constitucional com a mais elevada e superior despreoccupação de tudo quanto ao seu espirito não parecia a conveniencia fundamental da patria. Visto no seu conjuncto, o seu reinado é uma obra prima de paciencia humana e de dedicação patriotica. Nada era mais facil do que inutilisar no dia seguinte á Maioridade a boa vontade e a esperança dos que não viam outro meio de sahir da olygarchia senão a sua coroação. No emtanto elle teve a habilidade de conseguir por perto de meio seculo a quasi unanimidade nacional em apoio do seu throno e de sua pessoa.

E' essa unanimidade que hoje se refaz em torno do seu feretro, em um sentimento de saudade pungente e de gratidão sem limites. O Brazil todo

sente que desappareceu o primeiro dos Brazileiros, o primeiro pelo patriotismo, o primeiro pelo desinteresse, o primeiro pelo martyrio.

Diante da sua grandeza moral, eterna como as grandezas physicas de nossa terra, desapparecem todas as outras personalidades, o paiz não tem ainda na commoção do choque senão a consciencia de que desabou uma immensa porção do edificio nacional.

(Do *Jornal do Brazil*).

O SEGUNDO REINADO

O segundo reinado encerra-se em um parentheses revolucionario.

Circumstancias identicas ás que arrancaram-lhe o sceptro a 15 de Novembro de 1889, antecipando-se de poucos annos á solução pacifica pela morte, deram a 7 de Abril de 31 o throno a D. Pedro II.

As revoluções têm d'estas impaciencias, e a segunda tão soffrega quanto a primeira descontou no fim do segundo imperio o que a outra tinha adiantado.

Nascido a 2 de Dezembro de 1825, no paço da Boa Vista, este imperador de cinco annos herdava um imperio immenso e responsabilidades quasi tão grandes.

A nação estava constituida, mas ainda não pacificada. As rivalidades entre brazileiros natos e brazileiros adoptivos, as luctas apaixonadas dos partidos, exaltadas até certo ponto por D. Pedro I, que tinha em coragem impetuosa o que lhe faltava em vontade tenaz ; o descontentamento que lavrava nas provincias, fóra do alcance de providencias immediatas, a carencia de verdadeiro espirito publico, de tradições administrativas, de educação

politica, creavam uma situação difficilima para o governo que se iniciava sob o nome d'essa criança, ao peso de uma corôa que a sedição arrancára da cabeça de seu pai.

D. Pedro I, já a bordo, quasi a partir, ouvio ainda o rumor das acclamações ao segundo imperio.

Mais que o oceano, separavam o pai do filho as vicissitudes politicas, e o exilio que já começára para o primeiro imperador, então, póde-se dizer, em terra estranha, porque pisava as taboas de um navio inglez.

Apeado do throno pela revolução, ia continuar na sua patria a agitação que encontrou no Novo Mundo ; a viagem foi um intervallo ao vai-vem e ás tempestades politicas.

O infortunio é fecundo em ensinamentos ; a chamma de uma lucta civil illumina mais do que a claridade tranquilla de muitos annos de paz : então os acontecimentos assumem feição nova ; forças ainda intactas, caracteres ignorados, energias anonymas até á vespera, paixões invisiveis, sentimentos que actuavam surdamente, perdidos na multidão de outros mais apreciaveis, embora muito menos poderosos, revelam-se subitamente aos olhos do espectador ; e quando se tem a calma e a força necessarias para desprender da emoção que estes acontecimentos despertam a lição e o exemplo que offerecem, não ha experiencia por mais longa, que valha esta lição de cousas politicas, aprendidas no curto espaço de uma convulsão social.

Foi esta a escola primaria de D. Pedro II.

Não tirou logo, é certo, d'aquelles acontecimentos a sua philosophia.

Ainda era cedo para isto.

Mas as impressões que então se gravaram na sua memoria, fecundadas mais tarde por este

exame retrospectivo da intelligencia, voltando ao passado em busca de reflexões e de lembranças, foram para elle incontestavelmente mais uteis que as suggestões dos seus conselheiros ou as reflexões de suas leituras.

Começando sob tão graves auspicios do seu reinado, D. Pedro II tinha, entretanto, um ponto de apoio que faltou a seu pai, o sentimento genuinamente nacional.

O paiz retalhado por sérias rivalidades entre os brazileiros e portuguezes que adheriram á causa da independencia, via então, com grande jubilo, á frente dos negocios publicos, um principe nascido no Brazil.

Uma das causas que mais decisivamente influiram sobre os insuccessos do primeiro imperio, foi incontestavelmente a dubiedade de D. Pedro I, entre os seus conterraneos e os seus subditos, tentando conciliar interesses oppostos, procurando, para assegurar as sympathias populares, contentar o sentimento brazileiro, sem desapegar-se comtudo das sympathias que se originavam do berço.

Os seus adversarios exploravam esta tendencia com todos os exageros da furia partidaria, e não havia circumstancia que deixassem de aproveitar para fazerem sentir ao povo a preferencia da monarchia pelos portuguezes.

Basta recordar a agitação com que foi recebida n'esta capital a noticia da aggressão que soffreu no largo da Carioca David Pamplona, vergastado por um soldado portuguez que lhe attribuira um artigo publicado na *Sentinella* sob o pseudonimo de *brazileiro resoluto*.

O facto foi acaloradamente discutido na Constituinte, e a opposição responsabilisou o monarcha por esta aggressão feita aos brazileiros na

pessoa... de um portuguez. David Pamplona era natural dos Açores, mas nem por isto, n'aquella agitação, o facto perdeu, assim rectificado, a significação que a principio lhe deram.

D. Pedro II subio ao throno sem o peso d'esta suspeita; era um rei brazileiro. Não lhe faltaram, apezar d'isto, grandes difficuldades no começo do seu reinado.

Installado o governo provisorio regencial composto do marquez de Caravellas, Francisco de Lima e Silva e Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro, foram chamados para occuparem de novo as suas pastas os ministros que D. Pedro I demittira.

Esta resolução prudente tranquillisou o espirito publico.

O ministerio cuidou desveladamente da ordem.

Dispensando do exercito os estrangeiros, entregando as presidencias de provincia e os commandos das armas a homens que inspiravam confiança e, sobretudo, amnistiando os presos politicos, o governo deu as providencias mais acertadas e urgentes que as circumstancias aconselhavam.

Mas não podia levar a pacificação aos espiritos, nem acalmar os odios entre brazileiros e portuguezes, suspeitos de partidarios de D. Pedro I.

Durou pouco tempo a serenidade com que foi acolhido o novo governo.

As rivalidades entre brazileiros natos e brazileiros adoptivos ensanguentaram dentro em pouco a capital e as provincias, principalmente a da Bahia e a do Pará.

A este infortunio junte-se a calamidade da guerra civil e teremos em resumo a historia d'este

periodo o mais sanguinolento de toda a nossa vida politica.

O movimento de 7 de Abril ainda se continuava sob o novo governo.

Aquella convulsão abalára todos os fundamentos da nação nova, ainda palpitante das luctas da independencia.

A revolução se effectuára pela pressão da opinião publica sobre a força armada.

O primeiro imperio cahio pela acção combinada da tropa e do povo; mas o triumpho desmoralisou a tropa pela indisciplina e desorientou o povo pela anarchia.

A revolução substituio-se á ordem, tanto nos quarteis quanto na praça publica. D'esde então, por qualquer motivo, mesmo o mais injustificavel e o mais insignificante, um batalhão se revoltava, ou a multidão se insurgia.

As deposições e as insurreições se succediam. Os officiaes viam quebrados os laços que os prendiam aos seus subordinados, e factos dos mais significativos, como por exemplo o assasinato do general Felisberto Caldeira, na Bahia, demonstram quanto foi nefasta a influencia das idéas revolucionarias sobre o exercito.

A regencia foi a anarchia em todo o Imperio.

Entretanto não faltou aos homens que dirigiam o paiz n'aquella época a coragem e a decisão, a energia e a firmeza.

Do fundo d'este quadro sombrio avultam notavelmente a figura de Evaristo da Veiga — que encarnava a um tempo as mais puras aspirações liberaes e o mais notavel espirito de moderação, e o perfil heroico do padre Feijó, que representava o sentimento conservador, a tenacidade patriotica e a mais forte organisação de homem de governo que o paiz talvez tenha tido até hoje.

Evaristo foi, no jornalismo, o mais intransigente adversario do primeiro imperio. Não era, entretanto, um revolucionario, agitado pelo furor da demolição e pela intransigencia do odio.

Consummada a obra de 7 de Abril, a sua palavra foi — *moderação*, e n'este sentido collaborou nobremente com o governo, resistindo á maré da reacção insensata.

Diogo Antonio Feijó foi um homem talhado para as circumstancias. O momento exigia mais vigor de vontade do que alto descortino intellectual.

A desgraça do paiz vinha da desordem. Carecia-se antes de um braço robusto, do que de um cerebro poderoso. Feijó foi este braço.

Ao assumir a pasta da justiça, a mais espinhosa n'aquella época, exigio dos seus collegas de governo a mais ampla liberdade e a mais absoluta confiança nos seus meios de acção.

Este homem forte e inquebrantavel valeu por exercitos. Quanto mais assustadores eram os perigos, mais viril se mostrava a sua energia. Conteve o povo com a tropa, e quando a tropa sublevou-se nos dias 13 e 14 de Julho de 31, encontrou o ministro no povo o apoio e a força precisos para combatel-a.

São incalculaveis os serviços que deve a patria a este jornalista e a este ministro, os mais nobres e corajosos defensores da ordem, n'aquelle periodo agitado.

O contagio da revolução ganhou no emtanto as provincias do Ceará, da Bahia, de Pernambuco, Pará, Maranhão, Minas Geraes, Matto Grosso e Rio Grande do Sul.

A desgraça mais temerosa de todas, n'aquelle tempo, foi a desmembração do Imperio, e esta possibilidade mais de uma vez afigurou-se inevitavel.

A bandeira da federação protegia esses intuitos de desordem, egoismo, vinganças partidarias, rivalidades pessoaes; o partido liberal moderado, que então governava o paiz, fez as possiveis concessões a esta agitação, sem diminuir-lhe, no emtanto, as exigencias.

O insucesso da primeira regencia fez com que fosse esta substituida por um regente, que podia trazer assim ao governo unidade de vistas politicas.

O padre Feijó, que já se immortalisára como ministro da justiça, occupou este cargo em 12 de Outubro de 1835.

A morte de D. Pedro I, em 1834, aniquillou o partido da restauração, mas não supprimido as forças de que dispunha e que foram mais proficuamente utilisadas nas filheiras dos liberaes moderados.

Feijó como regente, prestou ainda grandes serviços ao paiz, como por exemplo a pacificação do Pará, pelo general Andréa, militar digno d'este nome, porque significava a coragem subordinada ao dever, o valor pessoal ao serviço da disciplina.

Da opposição parlamentar surgio o partido conservador, sob a direcção de Bernardo de Vasconcellos e Araujo Lima.

A victoria d'este partido, em 36, pelas urnas, a opposição bem dirigida que fazia ao governo, deram-lhe o poder.

Araujo Lima succedendo em 37 ao padre Feijó, no posto de regente mostrou-se tambem energico, e conseguio suffocar a revolução que arrebentou na Bahia, em 37.

Esta revolução já estava d'esde muito planejada pelos liberaes exaltados e pelos moderados unidos contra o padre Feijó.

A mudança de regente desfalcou as forças revolucionarias. Os liberaes moderados que se

organisaram em partido distincto, abandonaram os seus companheiros logo que Araujo subio ao poder.

A revolução da Bahia — A Sabinada — a do Rio Grande do Sul que continuava, e a guerra civil do Maranhão, puzeram em prova a energia do novo regente.

A convicção de que o paiz tinha, na phrase de um politico de nota « feito a experiencia dos governos electivos », a esperança de que só um poder superior ás contigencias dos partidos poderia pacificar os espiritos, fizeram com que no parlamento liberaes e conservadores, homens prudentes e patrioticos, tomassem a iniciativa de confiar ao Imperador o exercicio do poder que, pela Constituição, só lhe devia ser entregue d'ahi a tres annos.

D. Pedro accedeu ao pedido que lhe foi feito; e a 23 de Julho de 1840, a Camara e Senado, reunidos em assembléa geral, declararam-n'o maior.

A 18 de Julho de 1841 celebrou-se a ceremonia da sagração e coroação, no meio das maiores demonstrações de regosijo nacional.

A obra que mais urgentemente se impunha ao segundo imperio era a da pacificação do paiz agitado até o fundo por dez annos de regencia, depois de um movimento como o de 7 de Abril.

De um momento para outro não podia o governo do imperador conseguir este resultado; conseguio-o entretanto em um prazo relativamente curto.

Em 1841 pacificou-se a provincia do Maranhão.

A revolução de S. Paulo e a de Minas-Geraes em 1842 foram tambem suffocadas.

O Duque de Caxias avulta n'este periodo de nossa historia: foi o vencedor dos insurgidos do Maranhão, Minas-Geraes e Rio-Grande do Sul.

A revolução de 1848, em Pernambuco, terminada em 2 de Fevereiro do anno seguinte, fechou o periodo das revoluções.

O Imperio foi a paz.

O seu primeiro ministerio compunha-se de liberaes : Hollanda Cavalcanti, Aureliano de Souza depois Visconde de Sepetiba, Antonio Carlos e Martim Francisco.

Aos liberaes succederam em 1841 os conservadores, com o gabinete de Villela Barbosa, Marquez de Paranaguá.

Seguio-se o ministerio do Marquez de Paraná, organisado em Janeiro de 1843 ; o do Visconde de Macahé (liberal), 1844 ; o do Visconde de Albuquerque, em 1846 ; o do Visconde de Caravellas, em 1847 ; o do Visconde de Macahé, em 8 de Março de 1848, e o de Paula e Souza, em 31 de Maio d'este mesmo anno ; o do Marquez de Olinda (conservador), em 29 de Setembro de 1848.

Em 6 de Outubro de 1849, retirou-se do governo o Marquez de Olinda, que foi substituido pelo de Monte-Alegre. Este ministerio demittio-se em 1852, por fazer parte do Senado a maioria dos seus membros, depois de ter reprimido o trafico africano e garantido a independencia do Uruguay e a do Paraguay, trucidados pela caudilhagem.

Em menos de dez annos o paiz entrou na ordem, e o que eleva extraordinariamente, na gratidão nacional, o nome de D. Pedro II, é que conseguio este enorme resultado sem repressões violentas, sem perseguições crueis ; vencia as revoluções e perdoava os revoltosos, completando a obra da justiça com a collaboração de sua magnanimidade.

Muitos d'estes homens, a quem a sedição armou o braço representaram depois no Imperio papel importante.

Conseguindo a pacificação no interior, o Brazil teve de intervir á mão armada nos negocios do Rio da Prata.

A Confederação Argentina gemia sob o despotismo de Rosas, um dos que mais genuinamente encarnaram o espirito da dictadura militar na America.

Rosas aspirava ao dominio da Republica Argentina, do Uruguay e do Paraguay, e preparava-se, depois de conseguido o que visava no Prata, para fazer a guerra ao Brazil.

Em 1844 D. Pedro II encarregou o Marquez de Abrantes de entender-se com a França e a Inglaterra sobre a necessidade de garantir a independencia do Uruguay.

A Inglaterra e a França, reconhecendo a vantagem de uma intervenção, agiram n'este sentido, dispensando porém o concurso do Brazil.

A consequencia foi que, como suas esquadras não obtiveram grande cousa, deixaram o Prata nas garras de Rosas, retirando-se a esquadra ingleza em 1847 e a franceza em 1848.

Desde 1º de Julho de 1850, o governo brazileiro começou a fornecer ao governo de Montevidéo as sommas necessarias para a continuação da resistencia.

A 23 de Setembro d'este anno o ministro argentino, no Rio de Janeiro, pedio os seus passaportes, e pouco depois deixava o Brazil.

Tres mezes depois o Brazil assignava um tratado de alliança com o Paraguay, contra Rosas.

No anno seguinte o governo publicava a resolução que tomou de defender o governo de Montevidéo contra as forças de Oribe e a 22 de Maio assignava-se o tratado entre o Brazil, o Uuguay, e o estado d'Entre-Rios.

Oribe capitulou em 19 de Outubro e a 21 do mez seguinte assignava-se, contra Rosas, outro

tratado entre o Brazil, o Uruguay, Entre-Rios e Corrientes.

A passagem de Tonelero e a batalha de Monte-Caseros terminaram a campanha, pela victoria dos alliados. Rosas fugio e a entrada dos alliados em Buenos-Ayres foi celebrada com enthusiasmo extraordinario. Os Brazileiros receberam por esta occasião as mais ruidosas demonstrações de reconhecimento, que deviam ter sido sinceras.

Assegurada a paz interna e externa, conjurados os receios de desaggregação da patria, D. Pedro II encaminhou a sua actividade para o desenvolvimento moral e material do paiz.

Já o anno de 1850 assignala-se por dous factos de alta relevancia: a abolição do trafico africano e a inauguração da primeira linha de paquetes entre o Brazil e a Europa.

Poucos annos depois, o paiz tinha já caminhos de ferro, linhas telegraphicas, linhas de navegação fluvial ; ao mesmo tempo que desenvolvia-se a immigração e a instrucção publica.

Em menos de vinte annos a Nação era outra. Poucos lustros de politica moderada e sábia bastaram para a consecução d'esses resultados extraordinarios.

O intuito de utilisar sómente em vantagem do paiz actividades que se consumiam, em grande parte, na luta por vezes ingloria da politica, determinou em 1853 a politica chamada da conciliação; o partido conservador e o liberal, fundiram-se, e a união traduzio-se no governo, pelo gabinete de 6 de Setembro, composto de membros dos dous partidos, presidido pelo Marquez de Paraná.

A conciliação durou quasi cinco annos.

Fossem quaes fossem as vantagens d'essa fusão dos partidos, não podia absolutamente ser duradoura, e, caso prolongada, traria os mais

serios embaraços á pratica do systema constitucional.

Mantendo cada metade d'este todo o seu programma particular, a sua feição propria, teriamos um hybridismo sem nome.

Fundindo-se n'um programma accomodaticio as divergencias de idéas, por meio de reciprocas concessões, ou prevalecendo uma das bandeiras antigas, com a suppressão da outra, ter-se-hia em rigor um partido, e em breve um outro se organisaria, com os antigos descontentes e com os novos espiritos que não pudessem encerrar as suas idéas nos moldes da politica então vigente.

Separados os partidos, o conservador ficou occupando o poder até 1862. Seguiram-se os liberaes até 1868.

A 16 de Julho d'este anno abrio-se para os seus adversarios uma situação de dez annos.

Os liberaes occuparam de novo o posto por sete annos, até 20 de Agosto de 1885 e reconquistaram-no a 7 de Junho de 1889, perdendo-o a 15 de Novembro, pelo movimento militar que fez a Republica.

*
* *

O Brazil não tem necessidade de ser uma potencia militar.

Entretanto mais de uma vez, as circumstancias levaram-no a pedir ás armas ou o desaggravo do seu brio, ou a liberdade de seus visinhos.

As circumstancias impuzeram-lhe esta necessidade para assegurar a independencia do Paraguay e para garantir o direito e a justiça na Republica Argentina e no Uruguay.

Em 1851 a guerra contra Rosas e Oribe, em 1864 a guerra contra Solano Lopez. Mas n'um e no outro caso, não era luta com os povos vizinhos

mas com o despotismo que os esmagava. E se n'estes dous casos conquistámos triumphos, elles conquistaram o que tinham perdido : a liberdade.

Na luta contra Rosas, tinhamos do nosso lado o espirito liberal do mundo, sem exceptuar mesmo a alliança de todos os compatriotas do tyranno, que amavam a patria e a liberdade.

Lopez, a semelhança de Rosas, tinha a ambição da conquista e o phrenesi da guerra.

D. Pedro II representava o espirito da liberdade contra a tyrannia dos dous chefes de Estado ; e, os mais intransigentes democratas,—isto é, os que prezam a liberdade verdadeira, e não esse embuste traiçoeiro, esse disfarce de carnaval com que se mascara a tyrannia para engodo dos imbecis— não hesitariam de certo em responder que a civilisação e a dignidade humana não estavam n'esta pugna com a republica d'aquelles sicarios, mas com a monarchia d'este rei liberal e magnanimo.

As victorias que o Brazil obteve então avultam na historia pelo seu alcance civilisador e pela sua influencia, a mais fecunda, a mais alta e mais nobre, sobre a confraternidade americana, porque não consistio no cortezanismo que friza a cobardia ou a ingenuidade, na candura de quem se deixa roubar ou na humilhação de quem adula; mas na preoccupação nobilissima de servir o ideal da humanidade, sem sacrificar-lhe o sentimento, igualmente sagrado, da patria.

Das nossas campanhas no Prata que resultou? A independencia das nações flagelladas, a liberdade da navegação para todos os pavilhões, dos rios Uruguay, Paraná e Paraguay, a libertação dos escravos no Paraguay.

A calumnia que o não poupou nem no throno, nem no exilio, tão sereno quanto a morte, e que nem ao menos o deixará tranquillo no tumulo,

descobrio na intervenção do monarcha, na politica do Prata, desejos de conquista.

E' inutil, hoje, destruir este aleive; assim como será desnecessario, d'aqui ha alguns annos, inutilisar a ballela de que D. Pedro II estava disposto a ceder parte do territorio nacional.

Hontem accusavam-no de querer augmentar o Brazil, despojando os vizinhos; agora accusam-no de ter pretendido diminuir a patria, para augmentar a dos argentinos.

As duas falsidades se valem; a pretendida conquista tem a mesma seriedade da imaginaria cessão. A historia não confundirá os factos.

Ainda não terminára a luta que o Imperio abrira com o governo de Montevidéo, porque este desattendêra a justas reclamações do gabinete brazileiro, e já o Brazil estava a braços com o Paraguay.

E' conhecida a historia de Solano Lopez, mais cruel e mais ridiculo do que Rosas.

A viagem que fez á Europa exaltou-lhe extraordinariamente a ambição. Deslumbrado pelo luxo da côrte do segundo imperio, quiz reproduzir na America a epopéa napoleonica. Sonhou transformar a republica em um imperio, augmentado pela conquista; e pretendeu parodiar Bonaparte, mas se acaso ha em sua vida cousa que se assemelhe a Waterloo, não ha nada que se pareça com Marengo ou Austerlitz.

A invasão de Paysandú e a rendição de Montevidéo liquidaram a nossa pendencia no Uruguay, com exito igual ao que conseguiramos em Tonelero e Monte-Caseros.

A 12 de Novembro de 1864 Lopez aprisionava o vapor brazileiro *Marquez de Olinda*, que levava para Mato-Grosso o coronel Carneiro de Campos, deputado geral, que ia assumir o governo d'aquella

provincia, e se não nos falha a memoria, um dos que não acreditavam nos intuitos hostis de Solano.

O nosso compatriota e todos os seus companheiros de viagem, assim como o pessoal do vapor ficaram prisioneiros.

Pouco depois 9.500 soldados paraguayos invadiam aquella provincia, que então tinha apenas uma guarnição de 800 homens dispersa em destacamentos.

A necessidade de abrir logo e logo a guerra impoz ao paiz duras contingencias.

Lopez, dominado pela ambição de conquista, quando era apenas ministro do dictador seu pai, organisára cuidadosamente a força armada; tinha bôa marinha e um exercito de oitenta mil homens.

O Brazil tinha apenas quinze mil.

Lopez contava com a obediencia passiva dos seus compatriotas. N'este ponto a influencia dos jesuitas aplainára o caminho á dictadura e esta já encontrou o povo meio bestialisado, o que sempre acontece quando a tyrannia impera.

Mas, se os paraguayos iam a combater com a cegueira de escravos, nós estavamos dispostos a resistir com a altivez de homens livres que eramos.

Então notou-se no paiz um movimento de opinião, tão forte como não tivemos mais senão uma vez, na questão abolicionista.

A paixão da guerra, ou antes a paixão da dignidade, fez o milagre das multiplicações dos soldados.

Todos sentiram que é mais facil improvisar-se um heróe do que um cidadão, e que, se somos capazes de soffrer os mais dolorosos ultrajes aos nossos direitos civicos, não soffreriamos sem protesto, a minima hostilidade do inimigo externo.

O voluntariado creou o exercito De todas as provincias vinham levas e levas de soldados, sahidos

de todas as classes, da officina dos operarios, do commercio, da industria, das academias.

O governo teve que conter esta onda, e dizer —*basta* ao patriotismo que attrahia, com uma fascinação irresistivel, o povo para o sul. A situação liberal que começava, estava a altura das emergencias.

O paiz inteiro ajudou-a n'esta grande empreza, mas cabe ao governo a gloria de ter utilisado proficuamente o enthusiasmo nacional, provendo rapidamente ás exigencias da guerra.

Quando o partido conservador subio ao poder em 16 de Julho de 1868, só teve que seguir a orientação dos antecessores.

A influencia do imperador foi notavel n'esta época, cedeu para as despezas da guerra a quarta parte da sua lista civil. A sua actividade proverbial augmentou-se ainda mais; visitava os arsenaes, administrava o serviço; a sua solicitude não teve limites; o seu ardor em animar os que partiam dava ás suas palavras a emoção da voz da patria. A' animação com que exaltava mais, se é possivsl, o patriotismo dos soldados, seguio-se, mais tarde, o zelo com que procurava recompensar os serviços da guerra.

Ninguem mais do que elle presou os combatentes de 64 a 70.

Não sabia só a historia da guerra; conhecia tambem a biographia do soldado: — e o seu grande coração foi sempre tão fiel quanto a sua extraordinaria memoria.

A maior garantia de quem lhe pedia favor ou justiça, era a allegação de que fôra voluntario.

Para estes estabeleceu certos e determinados empregos; e, n'estes casos, a melhor carta de recommendação era a fé de officio; a cicatriz, o mais valioso empenho.

Desmintam esta verdade os politicos a quem tamanha fidelidade aos compromissos descontentou muitas vezes, ou os voluntarios que deveram a segurança da subsistencia e a tranquilidade no trabalho, ao monarcha que só se esquecia, quando a sua memoria prejudicava á magnanimidade do seu caracter.

A guerra do Paraguay foi, para o Brazil, uma série de victorias.

A de Riachuelo, abrio-nos o caminho triumphal.

Em 18 de Setembro de 65 rendiam-se os paraguayos em Uruguayana, triumpho a que assistio o imperador.

E' a historia de hontem : quem não a conhece?

Passo da Patria, Itapirú, Humaytá, Boqueirão, Tuyuty, Curuzú, Curupaity, (onde uma victoria apagou um revez), Estabelecimento, Itororó, Avahy, Lomas Valentinas, Angustura, Peribebuy, Campo Grande, — são nomes a cujo poder evocativo surge a lembrança de milagres de resignação e de tenacidade, de feitos de heroismo que ora tocava á loucura, ora tinha a serenidade da firmeza estoica.

E não foram só os feitos d'armas, os unicos sacrificios d'esta guerra.

Seria diminuir muito sensivelmente o valor dos brazileiros, esquecer que tendo contra si um exercito disciplinado e valente, bem provido de material bellico e de meios de subsistencia, dirigido por officiaes europêos de competencia — lutaram ainda contra a resistencia da natureza, n'um paiz desconhecido quasi totalmente para nós, contra as epidemias, a fome, a sêde, a infecção dos pantanos ; e que se expuzeram virilmente tanto ás balas dos inimigos quanto ás devastações do cholera ; avançaram sempre, quer quando a terra lhes recusava

uma gotta d'agua para matar a sêde, quer quando desenrolava diante d'elles a extensão dos alagadiços, a dureza das escarpas, o emmaranhamento das florestas, as mil traições com que a natureza collaborava nas dos inimigos.

Barroso, Inhaúma, Delphim de Carvalho, Tamandaré, Mariz e Barros, Caxias, Herval, Porto Alegre, Camara, e tantos outros, que seria impossivel enumerar, — estão para sempre associados ás glorias d'esta campanha.

O paiz inteiro esteve lá ; e tão dignamente se representa na historia pelos generaes em chefe e pelos almirantes, quanto pelos mais humildes : os heróes de quem só se sabe o nome, como Marcilio Dias, os captivos que só tiveram patria quando foi preciso morrer por ella no solo inimigo, recebendo ao mesmo tempo o baptismo de sangue e da liberdade.

E porque não recordar tambem os que não sendo, pelo nascimento, compatriotas nossos, combatêram como brazileiros, desde Augusto Levergier, que antes de declarada a guerra, conteve, em distancia, não com os seus dous mil homens, mas com o seu nome que não era desconhecido a Lopez, os nove mil homens de Barrios e Resquin, que invadiram Matto-Grosso, até o Conde d'Eu, a figura mais saliente da segunda phase da guerra ?

Em outras condições não mencionaremos o seu nome senão na grande lista dos que honraram a farda.

Hoje, não, desde que não lhe querem negar a porção de gloria correspondente aos sacrificios, bravura pessoal, sciencia de homem de guerra, tenacidade e sangue frio, qualidades estas que elle revelou em alto gráo, n'uma phase das mais criticas da campanha, quando commandando em chefe, depois de Lomas Valentina, internou-se no

Paraguay, para soffrer entre as hostilidades de um sólo ingrato, as hostilidades de um tyranno em desespero.

Não passaram ainda tantos annos, depois d'esta guerra, que não haja um sobrevivente aos que combateram no sul.

O testemunho dos companheiros d'armas do Conde d'Eu, basta para demonstrar que não se póde escrever a historia da guerra do Paraguay sem lembrar, honrando devidamente o seu nome.

Terminada a guerra do Paraguay a questão abolicionista enche o reinado.

Se quizermos remontar até as origens mais afastadas, buscariamos antes, muito antes da independencia, os primeiros raios percursores de 13 de Maio; o negro já se destaca no crepusculo da vida colonial, quer iniciando em Palmares, o que a serra de Cubatão ultimou, quer servindo ás explorações revolucionarias dos inconfidentes de Minas, como depois tinha de entrar ainda nos calculos dos adversarios do terceiro reinado.

No escrutinio secreto das nossas conspirações entrava sempre a bola negra do captiveiro.

Não deixaria de ser curioso o estudo da utilidade do captivo, não no serviço da lavoura, mas no serviço da politica. Elle teve a noção do muito que fez pela fortuna dos senhores; mas ignora sem duvida qual foi a sua influencia na fortuna dos partidos e dos governos.

Mais curioso ainda seria estudar, nas collecções dos jornaes, nos pamphletos, nos discursos dos centros de lavoura e dos *meetings* nas discussões parlamentares, as feições varias da opinião no tocante ao papel do imperador, n'esta grande questão.

Quando a abolição não era uma questão victoriosa, quando se apresentava como uma

importuna, de sacola, supplicando nos theatros, esmolando nos leilões de prendas, aproveitando o enternecimento das festas intimas para balbuciar uma supplica, quando as cartas de alforria citavam-se com elogios e sorpreza, como provas de magnanimidade,— n'uma verba testamentaria, entre os adereços de um dote rico, como um incidente de um jantar de baptisado — não havia grande empenho em recusar ao imperador o titulo de abolicionista.

Mais tarde quando a idéa fazia e desfazia governos, a opposição via no imperador um abolicionista, tanto que durante o gabinete 6 de Junho, como tinham feito em 71, sob o ministerio de 7 de Março não cessavam de açular contra o monarcha os resentimentos dos agricultores.

Em 84 não hesitaram até em ameaçal-o com a morte, dizendo-lhe que onde *não chegasse a palavra poderia chegar uma bala*.

Fautor da abolição para uns, inspirando pelo telegrapho o gabinete do Visconde do Rio Branco, ou animando a guerra á propriedade pelo *pacto* com o gabinete Dantas — D. Pedro II era tambem para os que conheciam que o nome de abolicionista glorificava mais o rei, o patrocinador do escravismo. Reprimio e supprimio o trafico em 50, cedendo á ameaça dos canhões inglezes. Deixou que libertassem os nascituros em 71, para se fingir de rei liberal aos olhos da Europa, e dos signatarios da famosa carta em que assignavam, entre outros, o duque e o principe de Broglie, Laboulaye, Guizot, Henri Martin. Acceitou em 84 o projecto de 15 de Julho visando engodar o abolicionismo, com as apparencias de uma convicção que desmentia, pelos mil embaraços que creava,á politica do gabinete. (E convém dizer que este ministerio foi, no dizer dos seus adversarios, o mais violento que já se

conheceu. E o projecto abolicionista, depois de ser o *projecto-féra*, antes da abolição, foi considerado depois d'ella feita um projecto atrasado!) Em 88 permittio que a lei de 13 de Maio coroasse a obra do abolicionismo, não só porque a libertação já não era uma reforma, sim uma medida de ordem publica, mas tambem porque convinha attrahir para a corôa as sympathias da abolição.

Ha visivel erro n'estas opiniões extremas. D. Pedro II foi abolicionista tanto quanto póde ser um rei; compenetrado da sua missão de chefe de Estado, incompativel com a de chefe de partido, por mais sympathico que seja o seu programma.

Mas por mais fortes que fossem os sentimentos abolicionistas do imperador, elle não podia esquecer de que era rei n'um paiz em que a fortuna publica assentava na agricultura, e a agricultura no captiveiro.

Se a sabedoria politica consistisse no radicalismo do bem e da philantropia, todos poderiam ser estadistas, com excepção dos homens crueis.

O imperador, quanto ao abolicionismo, mostrou-se moderado e prudente. Não fosse elle chefe do Estado, e talvez não houvesse emancipador mais intransigente do que elle.

A lei de 7 de Novembro de 31 abolira o trafico, a lei, porém, não foi executada. O governo nos annos climatericos da regencia, mal dispunha de recursos para reprimir a anarchia: como fazer respeitar uma lei a que fugiam tão facilmente os traficantes de escravos, ajudados por audacia, fortuna, e sobretudo pela vastissima costa do Brazil, que não podia ser bem vigiada?

O segundo imperio, de 1840 a 1849, foi absorvido pela grande obra de pacificação interna.

A sua marinha, muito limitada então, combatia no norte e no sul do paiz.

Demais, ainda quando pudesse o governo, sem affrouxar a sua luta contra o espirito da revolta, iniciar tambem uma guerra contra o trafico, — poderia n'aquelle momento commetter esta imprudencia, alienando do throno a classe mais poderosa então, a mais conservadora, a que mais efficazmente collaborava com elle em firmar a ordem ameaçada, e conseguir a paz ?

A Sabinada, por exemplo, foi uma revolução localisada na capital da Bahia, e se facilmente conseguiram suffocal-a deve-se em grande parte o resultado ao auxilio proficuo dos agricultores da provincia, que ajudaram com dinheiro e armas, o governo central. Estivesse esta classe conservadora divorciada da regencia, e esta teria contra si não mais uma cidade, mas a provincia inteira.

O imperio não vingaria se ousasse fazer então guerra de esterminio ao captiveiro. Quando em 1845 o *bill Aberdeen* entregou os traficantes á vingança das esquadras inglezas, mesmo em aguas do Brazil, o imperio concluira apenas a sua obra mais inadiavel e mais importante: a da unidade nacional.

O paiz passou então por grandes provações: Não podia reagir pelas armas contra as violencias da Inglaterra, e demais, soffria no interior a pressão dos traficantes que exploravam a indignação publica aconselhando que ceder da pirataria era capitular covardemente antes as ameaças do estrangeiro.

A opinião do imperador não era desconhecida de ninguem : queria effectivamente a abolição do trafico e soffria com a sua patria a humilhação que lhe inflingia a Inglaterra.

Mas os seus sentimentos philantropicos eram contrariados, porque, como dizia o governo em nota diplomatica, se era difficil convencer os que viviam do captiveiro da necessidade de abolir o

trafico, os obstaculos tornavam-se insuperaveis, porque uma questão de honra complicava o problema, e exigia-se do Brazil, pela força, « uma reforma que elle desejava fazer voluntariamente. » « Estes excessos, accrescentava ainda o gabinete, referindo-se á intervenção ingleza, diminuem a autoridade do governo imperial sobre seus agentes administrativos e judiciarios e sobre o povo. »

Em 1850 o governo conseguiu então reprimir o contrabando negro, depois do insuccesso dos navios inglezes.

O gabinete do Marquez de Olinda fez executar com firmeza a lei votada pelo parlamento, contra o trafico.

Eusebio de Queiroz, ministro da justiça, n'este gabinete, foi implacavel contra os negreiros, quer mandando vigiar toda a costa, quer punindo severamente os criminosos.

A escravidão tornou-se, depois d'estas medidas, um commercio puramente nacional ; cessára a importação negra. Isto, entretanto, não bastava.

A' lei de 7 de Novembro de 31, e á de 4 de Setembro de 50, juntou-se a de 28 de Setembro de 71. D. Pedro II, encontrou no Visconde do Rio Branco um homem digno da confiança que depositára em Eusebio de Queiroz.

Os que attribuem a attitude do imperador, como emancipador, durante o gabinete de 7 de Março, á carta da Sociedade Franceza em favor da abolição, falseam ou ignoram os factos. A carta é de Julho de 1866.

Ora, sem recordar ainda uma vez a attitude do imperador em 1850, quando sustentando Eusebio de Queiroz, pôz fim ao trafico, temos que D. Pedro II não cedendo a influencias estranhas, mas obedecendo simplesmente aos seus sentimentos de homem e ás imposições de sua philantropia, revelou por

factos eloquentes que desejava cordialmente a emancipação.

Entretanto as expansões de seu coração se se revelassem inteiramente prejudicariam ao seu papel de monarcha; era uma necessidade a abolição do captiveiro, mas era tambem um dever eliminal-o gradualmente; e a habilidade da politica, em face d'este temeroso problema, consistia em conciliar as exigencias da humanidade com as exigencias das circumstancias.

A eloquencia dos conferenciadores ou a vehemencia dos poetas, podiam inflammar-se em aspirações humanitarias as mais radicaes, mas a paixão, que dá o sublime ás odes, póde emprestar o ridiculo aos decretos. Juvenal recommendou a indignação aos vates, e não aos legisladores.

Rei constitucional e, portanto, devendo nortear-se pela opinião, não podia perante a lei e as conveniencias politicas, emprehender uma reforma d'esta natureza, sem o concurso do povo.

A agitação abolicionista é de data recente. Até certo tempo, não se encarnava em um partido, residia apenas no espirito ou no coração d'aquelles que por seu descortino intellectual ou por sua elevação moral, excediam o nivel commum.

O Imperador, entre os primeiros, reconheceu a necessidade de uma reforma emancipadora e não cessou de manifestar os seus desejos, sempre que a occasião o favoreceu.

As sociedades abolicionistas ou antes emancipadoras, que então se formaram, receberam muitas vezes do imperador animação e applausos.

Favoreceu largamente as manumissões «conferindo recompensas, titulos e condecorações a quem libertava escravos.»

Eis o que diz a este respeito o Sr. Mossé, um escriptor bem informado sobre a politica brazileira

no seu excellente estudo sobre o grande monarcha :

« Quando a Ordem dos Benedictinos, em capitulo geral, no dia 3 de Maio de 1866, proclamou a liberdade dos filhos de escravos, que possuia, e que elevavam-se a 1.600, o Imperador foi pessoalmente ao mosteiro de S. Bento do Rio, felicitar o abbade geral, a quem entregou em mão propria um presente.

« A imprensa inteira deu noticia d'esse passo do chefe do Estado, e applaudio-o calorosamente.

« Como Imperador D. Pedro II tinha o usufructo de certo numero de escravos, chamados escravos da Nação. Considerava-os antes protegidos do que escravos. Recebiam salario do seu trabalho. Elles ou seus filhos frequentavam as escolas fundadas pelo Imperador, e ahi recebiam a instrucção primaria e religiosa.

« Quanto aos escravos de dominio particular, dos quaes podia dispôr livremente, deu-lhes sem excepção, liberdade.

« Durante a guerra do Paraguay, favoreceu a libertação dos escravos que desejavam entrar no exercito.

« Em sua propriedade de Santa-Cruz, perto do Rio de Janeiro, encarregou-se da educação de muitos filhos d'estes libertos que partiam para a guerra, e libertou á sua custa, as mulheres e os filhos d'estes defensores da patria. »

Estes factos, todos nós conhecemos. Mas a verdade proclamada por um estrangeiro, filho de um paiz republicano, tem um caracter de insuspeição e de imparcialidade incontestaveis.

Ainda ninguem esqueceu, além d'isto, as palavras do imperador quando a camara municipal, não ha muitos annos, festejando o anniversario

natalicio da monarchia, deu, por esta occasião, algumas cartas de liberdade.

Ninguem esqueceu tambem a ultima viagem do imperador a S. Paulo, sob o ministerio Cotegipe, e as palavras significativas que, por mais de uma vez, pronunciou, manifestando as suas convicções emancipadoras, e traduzindo o seu interesse condoido pelos infelizes escravos que encontrava nas cadêas.

Não foi, apenas, como homem, que o Sr. D. Pedro II esforçou-se em favor dos captivos.

Desde 1865 fez sentir sempre aos seus ministros a necessidade de cuidarem no grande problema, que devia ser resolvido com prudencia, pela emancipação gradual.

A sinceridade de sua opinião demonstrou pelo acolhimento que deu, em Janeiro de 1866, aos projectos do conselheiro Pimenta Bueno, que foram logo apresentados ao Marquez de Olinda, então presidente do conselho, para serem submettidos ao conselho de estado.

A opposição do Marquez de Olinda á forma e á opinião dos conselheiros de estado Souza Franco e Sapucahy, allegando que emquanto durasse a guerra do Paraguay não era conveniente tratar d'esta questão, adiaram a solução do problema.

Zacarias de Góes e Vasconcellos, presidente do gabinete de 3 de Agosto de 66, não tinha contra a reforma as prevenções do Marquez de Olinda.

Em 67 os projectos de Pimenta Bueno, foram discutidos pelo conselho de estado.

Mas a maioria do conselho de estado se bem que acceitasse as idéas de Pimenta Bueno, com excepção da emancipação total para 1899, lembrou ainda que só depois de feita a paz com o

Paraguay, o governo deveria apresentar o projecto.

Terminada a guerra, o ministerio que então governava oppoz-se á reforma.

O ministerio S. Vicente não pôde encaminhar a reforma que foi feita, como se sabe, pelo gabinete de 7 de Março, presidido pelo Visconde do Rio Branco, depois de fortissima luta, em que este homem defendendo a reforma contra uma opposição grande pelo numero e maior ainda pela tenacidade e pelo talento, revelou-se superior estadista e orador consummado.

O imperador estava em Alexandria quando teve a noticia de que fôra votada a lei de 28 de Setembro de 71, libertando os filhos de escravas, o seu jubilo foi extraordinario.

Cerceada pela repressão do trafico e pela libertação dos nascituros, a escravidão terminaria pela acção natural do tempo e da morte.

Mas uma legitima e patriotica anciedade não permittio que entregassemos a estes dous factores cegos da abolição a solução do grande problema.

Em 1879 abrio-se a campanha memoravel do abolicionismo que só terminou a 13 de Maio de 1888.

Em 1880 fundava-se a *Sociedade Brazileira contra a Escravidão*; multiplicaram-se em todos os pontos do imperio, não só nas capitaes, mas no interior das provincias—clubs abolicionistas.

A luta foi tenaz, porém a propaganda abolicionista manteve-se geralmente moderada, suffocando muitas vezes as expansões dos mais legitimos sentimentos.

A idéa abolicionista teve no ministerio de 6 de Junho o seu mais legitimo representante no governo.

Organisado em 84, e tendo por presidente de conselho o Sr. conselheiro Dantas, arvorou

em programma o projecto de 15 de Julho apresentado na camara dos deputados pelo Sr. conselheiro Rodolpho Dantas.

A idéa capital do projecto era a libertação dos sexagenarios *sem indemnisação*.

Era o golpe mais forte que no momento um governo podia desfechar em uma instituição que não podia ser eliminada de um traço.

O projecto de 15 de Julho tinha este grande alcance: libertando sem indemnisação, desconhecia a legitimidade da propriedade escrava; emancipando os sexagenarios arrancava não só ao captiveiro os que effectivamente tinham attingido esta idade, mas tambem um grande numero de africanos que, importados clandestinamente depois da abolição do trafico, tiveram na matricula augmento de idade; foi o recurso que a especulação inventou para mascarar a fraude.

Os interessados na perpetuação do captiveiro sentiram a gravidade da situação, e d'ahi a quéda do ministerio, combatido no atalho de uma moção de desconfiança, a celebre *moção das vaias*, não em batalha campal, no terreno dos principios.

Mas o espirito que animava o 6 de Junho impoz aos ministerios que lhe succederam a necessidade de cuidar da questão que foi finalmente resolvida pelo ministerio 10 de Março, presidido pelo honrado Sr. conselheiro João Alfredo e em grande parte tambem pelo desanimo dos fazendeiros que alforriavam em massa no intuito de prender os libertos ás fazendas pela gratidão: pela fuga dos captivos, animados pelos propagandistas; pela recusa do exercito em obedecer a ordem de tolher o exodo dos escravos; pelo acoutamento exercido em larga escala, com a maior publicidade, como protesto á lei votada; pela abolição da pena de açoites, infligida aos captivos.

A noticia da promulgação da lei de 13 de Maio, como a da lei de 71, sorprendeu o monarcha no estrangeiro; mas esta vez a grata nova ia, póde-se dizer, encontrar um moribundo. Já os soccorros da religião o tinham preparado para o lance final.

Dir-se-hia que o destino só esperava que soasse o ultimo momento do captiveiro, para extinguir a vida do monarcha. Os que o cercavam hesitavam em communicar-lhe o grande successo.

Temiam que a emoção apressasse-lhe a morte, e que a vida se desprendesse pelo arranco d'esse coração sobresaltado pelo jubilo e quebrado pela enfermidade. Mas reflectiram tambem em que seria crueldade verem-no partir da vida ignorando o acontecimento que encheu-o de tantas esperanças e de tantas apprehensões. Esta noticia viria, quem sabe, illuminar as sombras de sua agonia, dar-lhe, antes do somno que não acaba, a santa alegria de um grande sonho realizado.

Roubavam-lhe talvez algumas horas de vida, se se póde chamar assim a estes momentos em que se percebe a invasão lenta da morte. Mas quem não trocaria a prolongação d'esta angustia pelo abalo subito, pelo jubilo fulminante que terminasse tudo isso?

Demais, já envolvido por este mysterioso crepusculo, sem enxergar talvez os que o cercavam, sem saber que mãos apertavam mais as suas, sem perceber—por entre o nevoeiro da morte os olhos que orvalhavam de lagrimas as suas barbas brancas—procurasse em vão a filha e a patria, ambas distantes, mas ambas voltadas tambem para este leito de agonisante, ambas agitadas por emoções contrarias, prevendo que um grande infortunio viria ennevoar um grande triumpho; que a dôr e o regosijo se irmanariam pelos mesmos prantos sem que

se distinguissem os que deviam cahir na cova do captiveiro, ou no feretro do rei.

Era mais consolador e mais humano mostrar-lhe uma e outra, fraternisando pelos mesmos receios, identificados pelos mesmos enthusiasmos, envoltas no fulgor, que as transfigurava, da mesma idéa.

E se esta sorpreza tivesse o prestigio de uma resurreição!

A sua augusta consorte deu-lhe a noticia.

A vida concentrou-se no olhar do moribundo. «Não ha então mais escravos no Brazil ?» E tendo a confirmação do grande facto accrescentou : « Rendamos graças a Deus ; enviem a Isabel a minha benção e as minhas felicitações á nação e ao parlamento. »

Seguio-se um silencio e disse : « Oh ! grande povo ! grande povo ! » E as lagrimas sagraram a sinceridade d'esta emoção.

A historia do reinado de D. Pedro II é a historia do Brazil de 1840 a 1889 : tanto se identificavam o coração da patria e do povo, a vontade do rei e a dos seus subditos.

Não ha um acontecimento notavel, n'este periodo, a que seja alheia a influencia benefica do imperador.

A ordem publica restabelecida, fortalecida a união do imperio, pacificados os animos mais hostis, suffocados os assomos de rebellião, quer pela energia em combater os rebeldes, quer pela magnanimidade em perdoal-os, após a victoria da legalidade; o imperador, depois de ser a paz, foi a civilisação.

Entretanto, todas as vezes que o brio nacional offendido reagio, o imperador inspirava-se nos mesmos sentimentos de sua patria.

E' altamente expressiva a sua attitude durante a guerra do Paraguay, por occasião do *bill* Aberdeen, e da questão Christie.

Personagem notavel na revolução franceza, propoz a morte de Luiz XVI *sem phrases*.

A historia, para glorificar D. Pedro II, póde adoptar o laconismo de que servio-se Siéyes.

Em frente as audacias da industria negreira e aos conselhos do que lembraram-lhe a conveniencia de transigir, por amor á ordem publica, elle soube dizer que *preferia perder a corôa a consentir na continuação do trafico*.

A mesma firmeza revelou quando lhe aconselhavam que tratasse com Solano Lopez, no sentido de terminar a guerra do Paraguay.

A sua energia não era, entretanto inconciliavel com a extrema bondade.

A caridade e a benevolencia foram duas grandes virtudes d'este rei.

O palacio em que residia tinha em certos dias o aspecto d'esses conventos sitiados pela pobreza. Grande parte dos seus vencimentos consumiam-se em esmolas.

E d'essas audiencias de caridade ninguem sahia desesperançado.

O lar do rei era tão accessivel aos necessitados quanto o de qualquer dos seus subditos.

A viuvez, a orphandade, as familias desamparadas dos servidores do Estado, o talento desprotegido, não batiam em vão á sua porta.

Não será difficil nomear os homens de sciencia, os homens de lettras, os artistas, que foram conduzidos por essa mão bemfeitora.

E quando—o que succedeu não raras vezes—o esquecimento d'estes beneficios era a unica retribuição de tamanha generosidade, uma queixa sequer não partia do protector desinteressado, que tinha o espirito sufficiente para conhecer os homens e o coração muito grande para não desprezal-os. Se o remorso não pungia os ingratos elles

ficavam impunes, por que nem a mais ligeira recriminação lembrava-lhes o favor esquecido.

Subindo ao throno n'um periodo agitado, amnistiou todos os rebeldes. Não pesa sobre o seu nome, não mancha a sua memoria nenhuma d'essas violencias que ás vezes as circumstancias justificam.

A sua philantropia corrigio sempre a dureza do codigo penal: a pena de morte, marcada na lei, depois de certa época nunca mais foi autorisada pelo monarcha.

Quando, ultimamente, a 16 de Julho de 1889, um desvairado attentou contra a sua existencia, ninguem duvidou sequer da magnanimidade de sua alma e da infallibilidade do seu perdão.

A propaganda republicana contou sempre com a sua tolerancia sem limites. Ninguem apontará um facto sequer que desminta esta serenidade inalteravel, diante das aggressões mais injustas, que ás vezes indicavam mais o desrespeito por uma autoridade que, sabiam todos, não toleraria a menor reacção, do que a sinceridade de crenças politicas radicaes.

A imprensa, durante o seu reinado, nunca teve peias. Basta dizer que no mais acceso da guerra do Paraguay, um jornalista francez na capital do imperio apoiava a Lopez e ridiculisava até pela caricatura a generaes brazileiros, sem que a publicação da folha fosse interrompida.

Ha facto que demonstra mais irrecusavelmente a tolerancia superior do seu espirito do que o appello que, mais de uma vez lhe dirigiram os partidos perseguidos pelos adversarios, e que, entretanto, não lhe pouparam censuras e offensas?

As queixas que chegavam até ao seu throno, não eram baldadamente formuladas.

A sua pasmosa actividade permittia-lhe ouvir os perseguidos que lhe pediam protecção, e ler nos jornaes os protestos dos descontentes contra o governo.

De pontos extremos do imperio, de localidades longinquas vinham foragidos invocar o seu auxilio : os partidos em opposição voltavam-se para elle. As victimas de violencias policiaes, de arbitrariedades de mandões de aldêa, de sentenças iniquas ; ou pela imprensa, em artigos sob a conhecida rubrica —*A Sua Magestade o Imperador*, ou verbalmente, appellavam para a sua justiça que nunca negou a ninguem.

Esta vigilancia phenomenal, esta solicitude indefinivel com que procurava conhecer até as mais intimas particularidades os negocios publicos, eram o amparo dos fracos e a confiança dos desanimados.

Não via no povo apenas a massa amorpha, em que as parcellas se confundem e se annullam na somma total.

Ia além, buscava enxergar no todo o detalhe das physionomias, e a vida dos individuos.

Sabia a historia do paiz, e a historia de muitos de seus subditos.

A sua retentiva admiravel era o mais prodigioso dos diccionarios biographicos. E esta sciencia não era uma simples curiosidade, uma bisbilhotice banal. Tinha na memoria o processo do seu tempo e folheava-o com interesse de um juiz integerrimo.

Conhecia muitos dos seus compatriotas melhor do que os proprios vizinhos ou affeiçoados; e quanto esta miraculosa memoria não prestou de relevantes serviços á moralidade do governo e á dignidade da patria !

*
* *

A instrucção publica foi um dos grandes cuidados do seu reinado.

Não é licito desconhecer os serviços que prestou n'este sentido, ora educando, a expensas suas varios moços, ora animando a multiplicação das escolas, ora suggerindo reformas e melhoramentos de elevado alcance.

« Se não fosse imperador, desejaria ser mestre-escola », disse uma occasião, e com effeito, mais de uma vez, demonstrou a sinceridade d'esta phrase, antepondo os interesses do ensino aos interesses de sua posição.

« Que! — replicava, aos seus ministros que lembravam-lhe a conveniencia de edificar um palacio imperial — cuidar em palacio quando não possuimos escolas, nem estabelecimentos de ensino em numero sufficiente!

« Actualmente precisámos cuidar de vias de communicação, de immigração e de escolas. »

Quando a municipalidade e a população do imperio, após a noticia da terminação da guerra do Paraguay, quizeram elevar-lhe uma estatua, em reconhecimento á sua firmeza patriotica, em não ceder ás apprehensões dos que desanimavam da victoria, elle recusou a offerta do monumento e pedio que o producto da grande subscripção popular aberta para esse fim, fosse applicada á creação de escolas.

« Uma democracia coroada » eis a definição que deu Gladstone da monarchia brazileira, sob o governo de D. Pedro II.

A historia dos ultimos cincoenta annos justifica plenamente a asserção do illustre estadista.

O governo do Brazil era uma excepção dos outros paizes da America, não sómente sob o ponto de vista das instituições, mas tambem no tocante ao espirito verdadeiramente liberal que o distinguia.

A monarchia nunca foi, em nosso paiz, um obstaculo á liberdade ; e o monarcha foi antes o mais firme defensor que ella encontrou.

Cercado de republicas, constituido em unidade quanto á forma de governo, o Brazil soube annullar as desconfianças que porventura d'esta singularidade se originavam, compensando o privilegio de um sceptro pelo privilegio tambem de um regimen que associava ás qualidades que um governo puramente popular deve ter, as condições que geralmente não possue.

O caracter do monarcha explica em grande parte o caracter da monarchia.

D. Pedro I e D. Pedro II são duas figuras que se distinguem mais pela dissimilhança das feições do que se approximam pela identidade dos traços.

N'elles as divergencias eram mais caracteristicas do que os pontos de contacto.

D. Pedro I tinha as qualidades precisas á conquista do sceptro; D. Pedro II as virtudes indispensaveis á sua conservação.

No primeiro a imaginação predominava ; no segundo a reflexão. Aquelle fundou o imperio e não soube conserval-o; este consolidou pela paz e pela tolerancia o poder que a revolução lhe entregou.

Não sabemos se D. Pedro II daria o grito Ypiranga: mas podemos affirmar que D. Pedro I não atravessaria tão prudentemente os perigos dos primeiros annos do segundo reinado, nem resolveria com tamanho acerto os arduos problemas de meio seculo de administração.

Arrebatado e apaixonado, energico sem tenacidade, e forte sem calma, podendo improvisar soluções felizes, mas incapaz talvez de medital-as longamente; preferindo, nos momentos difficeis,

para abrir caminho, arrombar as portas do que dar volta á chave; espirito transbordante e temperamento inquieto, ora, como nos dias que precederam o 7 de Abril, parecendo disposto a arrostar tudo; ora, como se vio depois, deixando precipitadamente o throno, o paço e a cidade; amando os exercicios physicos violentos, guïando com maior pericia um carro do que o governo; quanto differente foi moral e physicamente do filho, mais amigo do gabinete do estudo do que da sella do cavallo, rei philosopho e não rei cavalleiro, norteando-se antes por Marco Aurelio do que por Cesar; amando mais nos *Commentarios* os dotes do escriptor do que os feitos do guerreiro; reservado e calmo, mais observador do que apaixonado; cheio d'esta serenidade que resulta da intelligencia educada na reflexão e do coração santificado pela bondade; sem affectação e sem expansões levianas; tendo, na physionomia desde os primeiros annos esta expressão de austeridade que parecia a sombra deixada pela revolução?

Uma solida cultura intellectual preparou-lhe o espirito para o governo; a experiencia fecundou o producto d'estas leituras.

A sua memoria prodigiosa exerceu-se em todos os ramos do saber humano: as litteraturas antigas e modernas, as sciencias physicas e naturaes, o estudo dos problemas politicos e das questões administrativas. As suas viagens eram excursões scientificas. Descançava variando de occupações, sem esquecer comtudo, n'esta multiplicidade de trabalhos, os seus deveres de chefe de Estado.

N'este particular a sua actividade era incrivel. Lia todos os jornaes da capital e muitos das provincias. Tinha funccionarios incumbidos de extractar e marcar os escriptos que se relacionavam com a

administração, principalmente os que lhe eram particularmente dirigidos.

A sua minuciosidade em inquerir de todos os detalhes do governo, fez com que dessem o nome de *sabbatina* aos despachos ministeriaes, que geralmente prolongavam-se até á madrugada.

Visitou o paiz mais de uma vez, e se fatigava os seus ministros nos despachos, cansava a sua comitiva nas viagens.

Escolas, cadeias, repartições, quarteis, monumentos, curiosidades naturaes, nada escapava á sua curiosidade.

E não se limitava a percorrer os edificios publicos : interrogava os homens e conversava com as crianças; ouvia os presos, escutava os pretendentes; e quantas vezes a reparação de injustiças, a recompensa de serviços ignorados, a protecção ao infortunio, não resultava d'essas conversas tão rapidas, que se succediam e que faziam suppôr aos circumstantes que o espirito do monarcha esqueceria as palavras que ouvira e que julgaram provocadas apenas por uma curiosidade indifferente.

A popularidade do imperador não deveu-a elle entretanto ás suas qualidades de chefe de Estado, sim ás suas virtudes.

O pequeno numero dos que souberam distinguir na obra do desenvolvimento nacional a influencia do monarcha, estes sómente podem dar completo testemunho em favor do patriotismo de sua politica.

O povo, em geral, julga por outro processo que é seguro tambem. Erro seria acreditar que os brazileiros prezavam no imperador sómente a suprema autoridade do Estado. Elle amou, antes de tudo, n'elle o homem, e do homem as suas virtudes; o concidadão e não o rei. Esta affeição tinha um

cunho de ternura filial E a virtude do imperador que mais captivou o povo foi a bondade.

Quantas vezes o cidadão perseguido não invocou em vão o auxilio das autoridades locaes? Quantas vezes o pretendente, certo do seu direito, não vio frustradas as suas tentativas? Quantas vezes não foi recebido com máo humor ou despedido com desprezo?

Entretanto este homem, repellido pelos seus iguaes, conseguia fallar mais facilmente ao imperador do que a um ministro ou a um chefe de repartição. Recebia d'elle um acolhimento que funccionarios subalternos julgavam indigno de sua posição liberalisar.

O povo via os partidos cavar entre os cidadãos divergencias infindaveis. Via os membros de um partido negar aos adversarios justiça e merecimento. Assistia as crueldades da politica, os attentados que commettiam em nome d'ella contra a propriedade, a vida, o brio e a lei.

E entretanto sabia que o rei corrigia sempre que era possivel os excessos do partidarismo.

Os foragidos das localidades assoladas pelas reacções partidarias deveram muitas vezes a elle a paz e a protecção.

Além d'isso emquanto as inimisades politicas tornavam geralmente os homens irreconciliaveis, o imperador dava-lhes o exemplo de summa tolerancia e de nobreza, utilisando nos cargos mais elevados o talento e o merito dos que o tinham aggredido implacavelmente. A nossa historia politica está cheia de exemplos de tão elevado desprendimento. Nem mesmo exceptuava os que, com as armas na mão, tentaram abater-lhe o throno. A viuva de Nunes Machado não encontrou talvez protecção nos correligionarios de seu marido, no partido adverso ao throno; teve-a

entretanto no imperador, e d'elle recebeu até morrer uma pensão.

Não é pequeno o numero dos que assistiram as devastações do cholera-morbus n'esta capital. Estes não terão esquecido a abnegação, a solicitude, os sacrificios do imperante e de sua augusta consorte.

A sua caridade inesgotavel absorvia a maior parte do seu dinheiro. Muitos dos seus subditos tinham um tratamento mais fidalgo do que elle. Desaffectado, inimigo do luxo, servio-se sempre das carruagens do tempo de D. João VI, e o seu palacio accusava o desprezo da opulencia.

A sua probidade ninguem ousou negar. Tentaram no emtanto desfigurar algumas das suas virtudes, porque seria de um impudor sem nome contestal-as.

Mas ainda assim as invencionices não parecem menos ineptas.

Não podendo dizer que lhe faltavam bondade, tolerancia, aventuraram que essas virtudes apparentes indicavam o plano machiavelico de enganar as sympathias publicas! O povo apezar de instruido pela perspicacia d'estes psychologistas, não ficou prezando menos o monarcha. São os que explicam a probidade pelo medo do codigo, e pelo horror á cadeia.

Ser-lhes-hia difficil dar de suas proprias qualidades uma prova extreme de suspeitas analogas.

Desmoralisou os partidos, allegam, e esquecem que assim confessam a fraqueza d'estes partidos em resistirem ás ambições, á avidez dos interesses.

E como explicariam os desatinos dos partidos no periodo da regencia, quando o poder do imperador ainda não se fazia sentir?

A intervenção do imperante nas lutas da politica foi incontestavelmente benefica e moralisadora.

Corrigio-lhe os excessos, impedio as reacções desatinadas, velou sem descançar pela moralidade do poder.

Ha quédas ministeriaes de uma significação indubitavel. Nem carecemos de alludir a ellas.

Corrompeu até republicanos! isto é, não fechou-lhes o caminho da politica, o accesso aos cargos publicos. Os republicanos prefeririam que elle se esquecesse d'elles, para accusarem-no de votar ao ostracismo cidadãos uteis, ou que os perseguisse, para chamarem-no então de tyranno!

Desvanecia-se da nomeada de que gozava na Europa, e procurava recommendar-se lá como um typo de rei democrata.

Esquecem que prestou um serviço immensuravel á sua patria, tornando-a conhecida e amada no estrangeiro, porque a consideração e respeito de que gozava o imperador — e a que deveu por mais de uma vez ser escolhido para arbitro em pendencias internacionaes — reflectia-se sobre o Brazil.

Esta celebridade elle não a procurou; conquistou-a pela sua grandeza moral, não na Europa mas no seu paiz, visitado constantemente por estrangeiros os mais illustres, que observaram o rei governando, que ouviram a opinião dos politicos, que escutaram as conversações do povo.

Aqui mesmo os testemunhos insuspeitos não faltam. Dariam para um grosso volume os depoimentos dos republicanos em favor das virtudes de D. Pedro II.

Não poucos, no mais acceso da propaganda contra o throno, reconheceram o seu alto merecimento.

Outros aguardavam a sua morte para então abrirem campanha decisiva.

Quando deu-se o attentado contra a sua existencia associaram-se ás demonstrações de indignação com que receberam todos 'a nova do crime e as de regosijo por verem frustrada a tentativa.

Hoje mesmo os mais intransigentes apontam o seu nome como exemplo, e quando traçam um parallelo entre o que foi e o que existe, não raro a conclusão é desfavoravel ao presente.

Ainda não ha muito o Sr. conselheiro Saldanha Marinho, o chefe do partido republicano, reconhecia em uma carta que toda a imprensa publicou, as excellencias do grande patriota, a quem confiaria o cargo de presidente da Republica.

Um irmão do ex-presidente, membro do Instituto Historico, propoz que a cadeira em que o exilado se sentava, ficasse coberta de um véo.

Os que o baniram deram-lhe do erario publico que estava á discrição d'elles cinco mil contos e asseguraram-lhe uma pensão, que elle recusou nobremente.

A constituição republicana concedeu-lhe tambem uma pensão.

Exilado por sorpreza, partio sem uma queixa. Guardou no infortunio um silencio digno, que só quebrava para attenuar a severidade com que julgavam a injustiça de que foi victima, e os erros do novo regimen.

As amarguras do exilio não turvaram a sua bondade. Não aceitou a offerta dos que o depuzeram, e deu á patria que o obrigaram a deixar a sua grande bibliotheca e documentos de alto valor historico.

Foi um rei que amou a patria, e que muito foi amado por ella.

As suas viagens pelos estados tiveram a solemnidade de marchas triumphaes. Quando, nos ultimos tempos do seu reinado, partio enfermo para a Europa, a unanimidade do sentimento nacional acompanhou-o, soffrendo de todas as incertezas e apprehensões que o seu estado inspirava.

O dia do seu regresso foi um dia de gala nacional. A emoção com que o acolheram assumia antes o tom carinhoso de uma familia que revê o chefe estremecido do que de uma nação que recebe o soberano.

E porque escurecêl-o ? Quando pela derradeira vez deixou a patria, não lhe faltaram demonstrações sinceras de saudade e pezar.

Inaugurava-se um regimen. O paiz estava oppresso, assistindo ao que faziam em seu nome ; as ambições acotovellavam-se, os pretendentes caminhavam apressados para o poder que surgia ; cada qual lidava por mostrar-se mais dedicado e mais sincero.

Mas acima do alarido das ovações, do tumulto das festas pairou a dor do povo inconsolavel.

Muda embora, a dor nacional impunha-se ás preoccupações positivas d'esse momento a que não quadravam os sentimentos desinteressados. Era occasião propicia á ambição e não á saudade.

E comtudo os dominadores sentiram a pressão d'esta magua, reconheceram-na até : apressando o momento supremo, porque da dedicação dos seus não estavam tão certos quanto da amargura que inspirava a partidarios dos exilados, e não consentindo que o dia allumiasse a despedida.

Os que cercavam então o governo nascente não viram nada d'isto, e contestaram talvez este surdo movimento da opinião.

Outros, porém, que auscultaram o coração popular, sentiram que nunca talvez o monarcha inspirou emoções mais intensas.

. . . .

Ha quasi sessenta annos, no largo do Paço uma multidão acclamava em delirio uma criança de cinco annos, herdeiro de um grande imperio.

Impossivel lhe seria imaginar que muitos annos depois atravessaria, á noite, a mudez d'esta praça, em caminho do exilio.

O imperador pela revolução tornára-se o banido pela revolta.

O segundo imperio terminava por um desastre igual ao que victimára o primeiro.

Mas em 31 a patria não chorava o desthronado; e em 89 o mesmo sentimento estreitava o monarcha que partia e o povo que ficava. E á tristeza d'esta despedida, atravessando dous annos de exilio, chega palpitante ainda, a borda d'este tumulo aberto, fiel como outr'ora a este homem superior, tão ausente, como d'antes, mas talvez ainda mais amado.

(Do *Jornal do Brazil*).

A FÉ DE OFFICIO DO REINADO (2)

Trata-se de um homem cuja voz durante cincoenta annos foi sempre em conselho de ministros a expressão da tolerancia, da imparcialidade, do bem publico, contra as exigencias implacaveis e as necessidades ás vezes immoraes da politica. Se chefes de partido disseram que com elle não se podia ser ministro duas vezes foi porque elle os impedio de esmagar o adversario

(2) Extrahido da brochura *Agradecimento aos Pernambucanos*.

prostrado. Elle se esforçou dia por dia sem desanimar para que os partidos excluissem da *partilha dos despojos*, na phrase Americana, os grandes serviços publicos alheios á confiança politica, como o exercito e a marinha, a magistratura e a policia, o culto e a instrucção. Elle pôde dizer com toda a verdade ao Sr. Saraiva, alludindo ao programma do liberalismo adiantado e insistindo com esse estadista para aceitar o poder : « O senhor sabe que eu nunca fui um embaraço a nenhuma reforma desejada pela nação.» A lista das suas intervenções pessoaes no desenvolvimento de nossa civilisação de 1840 a 1889 poderia quasi ser feita pelo numero dos dias decorridos. De todo esse longo periodo o seu caracter sahiria mais illeso da arguição de patronato, favoritismo, ou causa propria, do que o de qualquer dos homens da republica dias apenas depois de sua posse.

Na questão da abolição, nem por instincto nem por impulso, por ser um conservador e não um creador, elle teria nunca feito o que fez sua filha ; o que o impedia, porém, de um grande lance heroico, não era o amor do throno, mas a convicção de que a monarchia era necessaria ao povo brasileiro, e de que abalal-a no momento de fazer uma grande reforma equivalia a inutilisar a unica força que podia obstar a reacção. A verdade é que á princeza só coube abreviar de tres a quatro annos no maximo a liberdade da ultima série de escravos, ao passo que o imperador reduzio o prazo da escravidão de seculos que era a esses tres ou quatro annos de agonia. A grandeza do sacrificio da filha augmenta em vez de diminuir, reflectindo-se que foi feito para poupar, não cyclos, porém mezes, e por ultimo até horas do captiveiro, a uma raça que já se via livre, mas isso mesmo prova os grandes resultados do reinado do pai.

O que, porém, será julgado o traço principal d'esse caracter de principe é uma tolerancia inquebrantavel, á prova de todas as tentações e de todos os gravames pessoaes, e que por todos os titulos merece o nome de magnanimidade.

O imperador errou de certo muitas vezes ao julgar os homens, e póde-se dizer mesmo que transigio com os vicios e as fraquezas dos partidos, escolhendo em diversas occasiões os menos dignos, mas fêl-o depois de apontar aos ministros que a responsabilidade era d'elles e fêl-o em escala infima relativamente á massa de corrupção que inutilisou com a sua resistencia.

Sómente para elle é que as opposições appellavam das perseguições do poder.

A Historia do movimento republicano é a sua justificação. Não só elle nunca tentou a virtude dos republicanos, como tambem não consentio, ainda quando o appello revolucionario era feito directamente á força armada, que se limitasse a liberdade absoluta dos ataques contra o throno. Nada abalava as duas idéas do imperador : de que não se devia tocar na imprensa, e de que as opiniões republicanas não inhabilitavam nenhum cidadão para os cargos que a Constituição fizera só depender do merito.

Elle deu á opinião um salvo-conducto para penetrar incolume por toda a parte, porque era do seu interesse que não houvesse na administração segredos para o paiz, nem elle precisou nunca do voto das camaras para legitimar alguma vantagem que tivesse conferido a si mesmo.

Se o Sr. Saraiva teve a sua confiança, foi que elle levou todo o seu reinado a reclamar pureza nas eleições e a impugnar as candidaturas forçadas, e pensava só ter conseguido formar aquelle discipulo.

Se a sua indulgencia foi inexgotavel, o seu desinteresse foi absoluto. Depois de um governo em que poderia ter facilmente accumulado uma fortuna colossal, se não tivesse em si a consciencia nacional encarnada, o imperador só trouxe dividas para o desterro. Nem faz honra ao governo provisorio ter accusado esse homem, que fundou o credito nacional e defendeu incorruptivel o patrimonio publico durante meio seculo, de ter aceito no Brazil « a liberalidade » do governo para depois rejeital-a na Europa por suggestão de outros. Essa tentativa sinistra para fazer baquear em ponto de desinteresse a reputação de D. Pedro II será frustrada perante a historia pelo testemunho de uma nação inteira. Em uma época em que as idéas as mais puras são pesadas nas balanças da corretagem administrativa, e em que não ha aspiração nacional ou necessidade publica de qualquer ordem que não tenha a sua cotação na praça, a tradição que o imperador deixa deve ser conservada como uma reliquia nacional. Ella póde ser um amuleto contra as *economias* republicanas que causam a bancarota de tantos paizes.

Sabe bem d'isso o povo, o qual durante cincoenta annos o encontrou de pé na galeria de S. Christovão ou no Paço da cidade, ouvindo a todos, sem enganar a ninguem, superior ao resentimento, fazendo uma unica propaganda: a do renome do Brazil; mostrando uma só aspiração: a de ver os brazileiros de todas as opiniões formarem nma só familia, e para isso tolerantes, complacentes e justos, uns com os outros. A sua porta esteve sempre mais franca do que qualquer outra no paiz, e quando se deixava de tratar com elle para fallar aos poderosos todos sentiam que a vaidade da posição começava abaixo do throno.

Representar um papel d'estes durante meio seculo sem sinceridade teria sido o maior dos

disfarces da historia, mas ainda assim provaria a superioridade moral do auctor que escolhesse uma tal caracterisação. A sua personalidade, porém, foi posta á prova da ingratidão e do exilio, e mostrou-se igual a si mesma. De seus labios ainda não partio uma queixa contra aquelles mesmos que elle elevou para o derribarem na sua velhice, e não parece lembrar-se que tenha sido em sua terra senão um brazileiro como os outros. Não protestou até hoje contra o 15 de Novembro, porque o Brazil não era d'elle, elle é que era e é do Brazil.

Para julgar esse reinado de cincoenta annos basta dizer que a revolução não articulou contra o soberano deposto uma só queixa, e compareceu diante d'elle sómente com desculpas. O proprio partido republicano tinha solemnemente annunciado um armisticio emquanto elle vivesse e declarado guerra sómente ao seu successor. Semelhante singularidade na historia das revoluções dispensa qualquer commentario.

Depois d'ella, o nome do Imperador pode ser riscado pelos *parvenus* do despotismo das ruas e praças, e até dos monumentos e institutos devidos aos seus esforços e iniciativa, como o de um tyranno cuja memoria se quizesse apagar.

O que ha, porém, de mais tocante na sorte de D. Pedro II é ter sido elle assim tratado pelo exercito, elle o unico verdadeiro amigo que o exercito teve em nossa politica.

As nossas campanhas só elle as sabia de cór, pagina por pagina, quasi nome por nome. Não houve um voluntario da patria que não devesse a elle exclusivamente o cumprimento da promessa nacional feita durante a guerra. Não houve um official de merito, de terra ou de mar que não lhe devesse o palladio mysterioso que protegeu a sua carreira.

O seu apego ao territorio e ao prestigio do Brazil fel-o passar por vezes no Rio da Prata como um visinho incerto, mas não houve mais sincero amigo da paz.

Elle foi «o mais tenaz, o mais dedicado e talvez o mais prudente dos campeões da desaffronta nacional» disse o Sr. Saraiva, e o mesmo estadista acrescentou, explicando as guerras libertadoras do reinado: «Fizemos, defendendo nossos direitos, a liberdade no exterior; Monte-Caseros, Paysandú e Aquidaban exprimem tres tyrannias baqueadas.»

O imperio deixou terminada a questão dos limites com a republica Argentina pelo arbitramento dos Estados-Unidos, a mais democratica e americana de todas as soluções possiveis.

Se o imperador não a resolveu pela partilha foi pela repugnancia que tinha de transigir com territorios que sempre teve por tão legitimamente nossos como o Porto-Seguro de Cabral ou o Rio de Janeiro de Vespucio.

E' uma das decepções da historia que a esse homem que durante os cinco annos de guerra do Paraguay foi a personificação do exercito e da armada nacional, e a quem os nossos generaes e soldados feridos levantavam o seu ultimo *Viva*, symbolico da immortalidade da patria, um governo militar prohibisse possuir uns miseraveis bens na terra que seu pai deu um reino para tornar independente, que elle fez livre e una, e onde sua filha apagou as ultimas divisas do captiveiro.

Não ha melhor prova de que a revolução de 15 de Novembro não foi a revolução do soldado nem do marinheiro. Se o movimento interpretasse a alma popular da fileira, um *referendum* unanime teria ha muito revogado esse acto de ingratidão.

Eu receio muito que um dia, no futuro distante, quando se descobrir no estrangeiro o tumulo emprestado ao ultimo representante da nossa monarchia, se reconheça que elle foi sepultado á moda dos heróes antigos, com o que mais caro lhe fôra em vida : a liberdade e a unidade do seu paiz.

JOAQUIM NABUCO.

(Do *Jornal do Brazil*).

DIA A DIA

Acaba de findar-se o exilio e a vida do grande brazileiro ; um dos menos ditosos, talvez ; o maior, sem duvida nenhuma.

O luto official não lamenta esta morte. A artilheria não trôa ; a bandeira nacional não se cobre de crepe ; o exercito não lhe presta honras funebres ; a pompa e o rumor dos funeraes da realeza não acompanham até a mudez do tumulo o cadaver do rei desthronado.

Anima, entretanto, este silencio a dôr unanime dos seus concidadãos.

O véo que não enluta o estandarte brazileiro fluctua sobre a alma da patria. A tristeza nacional vibra n'uma voz mais augusta que a do canhão, e o desfilar dos regimentos substitue-se pelo cortejo de um povo.

Todas as preoccupações desapparecem diante d'este acontecimento. Os resentimentos e as decepções politicas dividem hoje a familia brazileira. Mas esta morte identifica-a pela solidariedade da mesma angustia. Ainda ha pouco os nossos concidadãos confundiam o seu sangue como inimigos, hoje confundem as suas lagrimas como irmãos que o mesmo golpe ferio.

Esta devia ser a commemoração da morte do monarcha cujo reinado foi a garantia da união nacional.

Elle consegue, já no seu feretro, o congraçamento que emprehendeu e realizou no seu throno, e que se quebrou com o seu exilio.

Abatido e desolado por esse passàmento, o paiz soffre por elle e por si mesmo. Não é, porém, o morto o mais digno de lastima.

Elle cahio, certo de sua immortalidade; e nós vamos viver inseguros do nosso porvir.

A sua autoridade de rei isto é, o labor de meio seculo, a agitação de um só dia arrebatou.

A sua memoria, porém, firma-se inabalavelmente; ninguem a desthronará.

O exilio não prevalecerá contra ella, porque a historia registra as revoluções, mas não lhes serve.

Dignificado por um longo reinado de paz, de tolerancia, de liberdade, de reformas proficuas, de altas inspirações patrioticas; e sobretudo sagrado pela dignidade do seu exilio, em que a nobreza associou-se á resignação, e o silencio mais tocante consorciou-se á mais serena altivez; este homem que foi, a um tempo, pelo destino a primeira autoridade, e por suas virtudes o primeiro cidadão de sua patria, sente-se hoje tão honrado pela saudade de seus concidadãos como não o seria mais se descesse do throno para a morte, sem passar pelo infortunio e pelo banimento.

A' sua memoria foram de certo bemditas as provações do lance final de sua vida. Mostraram, pelo menos, que a sua estatura moral não precisou nunca do pedestal que a sorte lhe deu e a revolução lhe tirou.

Ao contrario, a desgraça tornou-o mais respeitado e mais amado, purificou-lhe o animo estoico,

engrandeceu-o mais do que nunca na admiração universal: porque arrancando lhe a corôa, só deixou que lhe aureolassem a fronte, a velhice veneranda e o soffrimento austero.

Findou-se o exilio. Quantos não invejarão este final, quantos não ambicionarão as lagrimas d'este passamento!

C. A.

(Do *Jornal do Brazil*).

D. PEDRO DE ALCANTARA

Não é um homem, que, n'este momento, cahe nas tenebrosas profundezas do tumulo.

E' uma grandeza soberana do passado, que se abysma, lançando sobre a lousa o ultimo clarão d'uma esperança, que se extingue...

Póde uma revolução triumphante supplantar, ou destruir as instituições, que elle representava; póde pulverisar sceptros e corôas, mas não lhe é dado apagar nas paginas da historia, obliterar nas reminiscencias vivas e gratas dos contemporaneos um nome que enche e illustra um longo cyclico da vida d'um povo.

Na presente conjunctura muitas considerações se poderiam fazer, as quaes, porém, deixamos para melhor opportunidade, porque ellas não deixam de interessar a situação do paiz.

O silencio, diante d'este tumulo, seria uma indignidade no povo brazileiro, porque o seu dever é sagrar, com o verbo augusto da liberdade, a memoria, que deve ser honrada, sinão abençoada.

Os povos livres têm virtudes e magnanimidade; cabe-lhes a omnipotencia da historia para testemunhar perante a posteridade os titulos d'aquelles que foram benemeritos do genero humano.

O Sr. D. Pedro II, ex-imperador do Brazil, durante o largo espaço de tempo em que occupou o throno, que lhe fôra legado pela revolução patriotica da independencia nacional e no qual o collocára a revolução parlamentar de 1840, não exerceu o poder imperial, sinão inspirando-se em acrisolados sentimentos de sincero patriotismo.

Esse benemerito das causas humanitarias; este redemptor dos captivos; este constante adversario da pena capital; este fervente apostolo, que derramava o baptismo de luz sobre a fronte das classes populares, promovendo, propagando, diffundindo a instrucção; este prototypo de desinteresse e abnegação; este exemplar cidadão, que amava a sua terra e se ufanava de merecer a estima de seus compatriotas; este soberano revestido d'um poder, quasi absoluto e immenso e que tinha pelas leis do seu paiz o culto religioso d'uma consciencia leal e pura; este amigo dedicado da causa sempre bella e sempre chara da liberdade constitucional e parlamentar, da preemnencia dos direitos do pensamento, da palavra, da imprensa e da consciencia humana altiva e independente, acaba de fallecer em Pariz, deixando ao Brazil, sinão ao mundo, o mais esplendido exemplo da resignação do patriotismo; o mais admiravel e opulento legado de probidade, de desinteresse e de honra politica.

O Sr. D. Pedro II poderia dizer, em sentido inverso de Luiz XIV, O ESTADO SOU EU.

De facto a biographia do ex-imperador contém a vida do povo brazileiro, suas horas de gloria, ou de triumpho; seus dias de prosperidade, ou de infortunio.

E' certamente a narração do desenvolvimento progressivo da civilisação do paiz; é a consubstanciação da realeza e do povo; do homem e do Estado; do soberano e do cidadão.

Fôra até escusado dal-a como mortalha para envolver augustos despojos, que a veneração e gratidão nacional hão de sagrar e resguardar da inclemencia dos tempos e da ira dos fados.

A biographia do ex-imperador é como a tradição viva, sabida, fallada, que os paes transmittiram aos filhos e as gerações successivas irão perpetuando na alma dos posteros.

A nação brazileira, á despeito da infelicidade, que Tacito outrora assignalára em Roma, devéras tem justos motivos de prantear o passamento d'aquelle, que foi seu guia e seu exemplo, seu companheiro strenuo nas luctas vertiginosas da fundação e consolidação d'uma patria, que nobilitasse o cidadão pelo orgulho legitimo da posse de uma liberdade real, pela consciencia de direitos inviolaveis.

A nação que zelou, amparou e defendeu o berço do orphão em 1831, resgate-se da fraqueza de havel-o abandonado ao exilio pondo, agora, por sobre a pedra tumular a oblação dolorosa da saudade, e a expressão sincera da justiça, que hade perdurar afeixando, como um sello sacrosanto.

Si a morte amnistia os sceleratos, transfigura e illumina os homens que, pela grandeza d'alma, pelo bem que fizeram, são os eternos modelos da dignidade humana.

N'este pedestal que lhe ergue a morte, o Sr. D. Pedro de Alcantara apparece, de longe, aos olhos do Brazil bello de surpreza e espanto como uma victima de sua dedicação pela causa da prosperidade do povo que elle governou, *aborrecido e fatigado de aturar máos governos.*

E' n'este ponto que a historia ha de ter crueis severidades com a maioria dos homens d'Estado que, nas mãos imperiaes, preferiam a subserviencia á hombridade de conselheiros responsaveis de um governo de um povo livre.

E' n'este ponto, sem duvida, que, apezar da magestade dos infortunios de sua velhice, o ex-imperador não passará incolume de censura no meio das turbas submissas que o viram cahir sem um protesto siquer — *nullo observante* ; que viram se lhes rasgar o regio manto sem a coragem, que se eleva e engrandece no sacrificio.

E era do seio d'essa multidão creada ao bafo imperial que surgiam esses máos governos, que, na hora suprema deluzo e afflictivo – o destronado expunha aos stygmas da historia.

Não importa – qualquer que seja a cumplicidade, que o ex-imperador possa compartir, é certo porém, que elle fez ao paiz relevantissimos serviços; foi um obreiro infatigavel do seu progresso ; foi um verdadeiro paladino da causa popular, um patriota intemerato, e, (como não póde haver a lisonja para com os mortos) ousemos dizer, alto e bom som que, apezar dos erros, o Sr. D. Pedro II, avultará no presente e na posteridade, como um brazileiro que illustrou a sua patria e a respeito de tão alta individualidade se póde dizer com um notavel philosopho e publicista—elle é o orgulho e a honra de seus concidadãos.

(Do *Diario do Commercio*).

BIOGRAPHIA

Em seguida publicámos alguns dados biographicos do illustre principe, cuja morte todos lamentamos.

D. Pedro de Alcantara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Raphael Gonzaga, nasceu em 2 de Dezembro de 1825, no palacio da Quinta da Boa-Vista em S. Christovão n'esta capital.

Seus paes foram D. Pedro I, Imperador do Brazil e IV de nome, Rei de Portugal, fundador da

monarchia brazileira e a Imperatriz D. Maria Leopoldina Josepha Carolina, princeza notabilissima pelos dotes intellectuaes, mais ainda pelas virtudes de um coração angelico, filha do Imperador Francisco II,da Allemanha e I da Austria, Rei da Hungria, muito cedo roubado á estima e gratidão dos seus reconhecidos subditos, pois falleceu em 11 de Dezembro de 1826, tendo chegado ao Rio de Janeiro em 5 de Novembro de 1817.

Nasceu D. Pedro de Alcantara, 2.º Imperador do Brazil, em épocas difficeis para o Imperio, no meio das agitações dos primeiros annos do Estado Brazileiro, e sua infancia vio perturbados os seus brinquedos descuidosos de criança pela revolução de 7 de Abril de 1831, que trouxe a abdicação do seu pae e sua elevação ao throno. Seu pae retirou-se do Brazil logo após a abdicação, deixando privado assim de suas paternaes vistas o filho amado, sem os amigaveis conselhos paternos nos 6 annos incompletos, como sem os carinhos maternos, já estava desde que completára apenas um anno de idade.

Na orphandade da mãe e do pae teve D. Pedro como primeiros amigos e directores : sua segunda mãe na estima, a Condessa de Belmonte D. Maria de Verna Magalhães, virtuosa senhora e seu tutor o Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva—o benemerito brazileiro nomeado pelo Imperador D. Pedro I, para esse cargo de extrema confiança por um acto datado de 6 de Abril de 1831.

Andrada e Silva não pôde logo tomar conta da tutela e por isso, por decreto de 11 de Abril, foi nomeado tutor interino o Marquez de Itanhaem, mordomo-mór, o qual mais tarde succedeu a José Bonifacio, conservando-se até á maioridade.

Foi nomeado aio do Imperador menor o gentil-homem Francisco Maria Telles, fidalgo da

melhor linhagem, que bem servio esse cargo sob as tutelas de Andrada e Silva e do Marquez de Itanhaem.

Os mestres de D. Pedro de Alcantara foram:

Boulanger, de primeiras lettras;

Nathaniel Lucas, de inglez;

Boiret, de francez;

Dr. Roque Schuch, de allemão, italiano, etc.;

Felix Emilio Taunay, de geographia e historia;

Simplicio, de dezenho e pintura;

Padre-mestre Fr. Pedro de Santa Mariana, bispo de Chrysopolis, de religião, mathematica e rudimentos de latim;

Candido José de Araujo Vianna, que falleceu Senador do Imperio e Marquez de Sapucahy, de latinidade, sciencias positivas e litteratura;

Alexandre Vandelli, de sciencias naturaes.

Desde os primeiros estudos revelou D. Pedro de Alcantara uma notavel applicação e intelligencia.

O Sr. D. Pedro II foi um menino, cuja docilidade e submissão faziam entrever o homem inclinado a verdade e ao bem, diz um escriptor nacional e que seria o exemplo do respeito que mais tarde infundiria a seus subditos por todas as instituições da lei, e sua intelligencia e applicação não vulgares, e a estima e veneração que votava a seus preceptores, o recommendavam ao paiz como um luzeiro que offuscaria a todos os luzeiros do mundo e as lettras como seu protector nato e filho predilecto.

De um caracter reservado e austero, mostrando grande tino para a administração, preparou-se o Imperador no meio das agitações do paiz em sua menoridade, das lutas internas e das difficuldades com que tiveram de lutar as regencias, para o seu

longo reinado, que começou propriamente com a sua maioridade ; facto que teve logar no dia 23 de Julho de 1840, prestando elle juramento no Paço do Senado ás 3 horas da tarde d'esse dia.

E' notavel a energia que revelou o joven monarcha n'essa occasião, accedendo com enthusiasmo, mas digno, ás instancias que lhe faziam para acceitar desde logo as rédeas do governo. Seu caracter altivo e recto, sua intelligencia se mostraram bem claramente em momento tão decisivo, patenteando que seus actos correspondiam completamente ao pensamento que mais tarde annunciou nas seguintes palavras : « Quando tenho de resolver-me consulto só á razão e não me abala nem a lisonja, por mais insinuante, nem o vituperio por mais ferino. »

E' bem que a historia registre tambem uma phrase sua poucos dias antes d'esse acontecimento pronunciado e que deixe bem claro o seu bom senso, a sua sisudez desde tão poucos annos como os que contava n'essa época. Brazileiro notavel se dirigia a elle ; mostrando-lhe que nas condições tumultuosas do paiz, havia mister um braço forte e um espirito superior, de sabio ; só elle reunia as qualidades precisas, pelas seguintes palavras : « Senhor! Acha-se, pois, em tanto risco a paz do Imperio com a causa da monarchia. Só um braço ha, que a ambas possa salvar, é o de Vossa Magestade. Antevemos desde já um porvir de venturas, confiadas a tão alta sabedoria. » O Imperador promptamente perguntou-lhe : « Será certo que com pouco mais de 14 annos de idade possa haver sabedoria ? »

Feita a sua maioridade, seguiram-se a Sagração e Coroação que se effectuaram em 18 de Julho de 1841, no meio de geral contentamento do povo, que estimava devéras o seu Imperador, pois o recebêra dos braços do pae aos 5 annos de idade,

acompanhára sua educação e por uma revogação do artigo constitucional, proclamára-o maior, como que elegendo-o por força de sua soberania. O throno do novo Imperador consolidava-se d'essa fórma, pois, que o novo monarcha não só o recebia por direito de succesão, mas ainda por assim dizer, por eleição da nação, como succedêra a seu pae.

Em 30 de Maio de 1843 casou-se por procuração, com S. M. a Imperatriz D. Thereza Christina Maria de Bourbon, filha do Rei de Napoles Francisco I, Princeza italiana, fiel e dedicada companheira de todo o seu reinado e idolatrada mãe dos brazileiros por sua muita caridade e virtudes veneraveis.— A 4 de Setembro do mesmo anno tendo chegado a esta Capital S. M. a Imperatriz recebiam os felizes conjuges a benção nupcial.

D'este consorcio houveram elles os seguintes filhos:

— D. Affonso — nascido no Rio de Janeiro, em 23 de Fevereiro de 1845 e fallecido na mesma cidade em 11 de Junho de 1848, sendo sepultado no convento de S. Antonio.

— D. Pedro Affonso — nascido tambem no Rio de Janeiro a 19 de Julho de 1848 e fallecido n'esta Capital na Imperial Fazenda de Santa Cruz, em 10 de Janeiro de 1850, sendo sepultado como seu irmão, na igreja do Convento de S. Antonio d'esta cidade.

— D. Izabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga, nascida em 29 de Julho de 1846 no palacio da Quinta da Boa Vista, S. Christovão, n'esta capital, e casada em 15 de Outubro de 1864 com S. A. o Principe D. Luiz Felippe Maria Fernando Gastão d'Orleans, Conde d'Eu.

D. Leopoldina, Duqueza de Saxe, nascida no mesmo palacio da Quinta da Boa Vista em 13 de

Julho de 1847, casada em 15 de Dezembro de 1864 com S. A. o Principe D. Luiz Augusto Maria Eudes de Coburgo e Gotha, Duque de Saxe, e fallecida em 7 de Fevereiro de 1871 em Vienna d'Austria, sendo o seu cadaver trasladado d'essa cidade para a de Coburgo na Allemanha, onde repousa.

Prestado o juramento de Imperador, nomeou D. Pedro II, seu primeiro ministerio, do que fizeram parte algumas das influencias dos acontecimentos de que resultou a maioridade.

O gabinete ficou assim constituido em 24 de Julho de 1840: *Ministro do Imperio*, Antonio Carlos Ribeiro de Andrade Machado e Silva; —*da Fazenda*, Martim Francisco Ribeiro de Andrade; —*de Estrangeiros*, Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho; —*da Justiça*, Antonio Paulino Limpo de Abreu; —*da Marinha*, Antonio Francisco de Paula Hollanda Cavalcanti de Albuquerque; —*da Guerra*, Francisco de Hollanda Cavalcante de Albuquerque.

Citado o seu primeiro ministerio, vamos abandonar a historia detalhada da politica do reinado que assim começou. Não narramos as paginas negras das luctas internas dos primeiros annos d'esse reinado, tão generosamente terminadas pela magnanimidade do Principe que concedeu amnistia a todos os revoltosos, nem tão pouco rememoraremos os feitos gloriosos das campanhas do Sul e especialmente d'essa longa guerra do Paraguay, em que mais era o empenho humanitario de beneficiar a um povo do que o desejo de vingar uma offensa

N'esses dias de luctas, n'esses dias em que a patria reclamava o sacrificio da vida de seus filhos, o Imperador D. Pedro se apresenta com enthusiasmo e coragem, prompto a marchar ao lado dos seus fieis vassallos.

Nós o vemos em 1862 na questão Christie, tendo convocado o conselho de estado para consultal-o, quando o povo exaltado se reunia em torno d'elle, disse cheio de nobre coragem e amor da patria: « *Eu sou primeiro que tudo brazileiro e como tal mais do que ninguem empenhado em manter illezas a dignidade e a honra da nação; e assim como confio no enthusiasmo do meu povo, confie o povo em mim e no meu governo, que vai proceder como as circumstancias requerem, mas de modo que não seja ultrajado o nome de brazileiros, de que todos nós nos ufanamos. E lá onde succumbir a honra e a soberania da nação, eu succumbirei com ellas.* »

Pouco depois, declarada a guerra ao Paraguay, lá segue o Imperador, com seus genros, a incitar por seu exemplo, aos cidadãos a cumprir o seu dever e embarcando a 10 de Julho de 1864, o povo ouvio-lhe estas palavras: «*Sou defensor perpetuo do Brazil, e, quando meus concidadãos sacrificam suas vidas em holocausto sobre as aras da patria em defesa de uma causa tão santa, não serei eu que os deixe de acompanhar.*» E não se enganando na influencia poderosa do seu patriotico exemplo, socegava as pessoas que, inquietas, d'elle se despediam dizendo-lhes: « *Levo na minha pessoa a garantia do triumpho.* »

Com effeito foi gloriosa a excursão de D. Pedro II ao theatro da guerra: a praça da Uruguayana, occupada por forças paraguayas, cahiu em nosso poder, a 18 de Setembro de 1865, capitulando sua guarnição, sob as ordens do coronel Estigarribia, que entregou sua espada ao Monarcha brazileiro.

Mas se assim se revelava cheio de coragem D. Pedro II, não era no campo da batalha a sua maior gloria; porém n'outros combates não menos gloriosos, da organisação de uma nação nova, nos

trabalhos do progresso nacional, na administração dedicada d'esse paiz, a que tanto amou sempre.

Comprehendeu bem o conselho de Elpino :

« Despreza d'esses Cesares soberbos
As palmas, em humano sangue tintas,
Teus povos ama, em doce paz os rege,
Sê d'elles pae e amigo.»

Podemos a tal respeito lembrar as palavras de Plinio no seu panegyrico de Trajano : *não lhe elevemos altares como se faz a um deus ou a um tyranno* ; *fallemos d'elle como de quem foi*, *não de um senhor mas de um cidadão*, *de um pae*. *Tratou-nos o Imperador como seus eguaes e quanto mais a nós se pretendeu equiparar*, *tanto mais excellente*, *tanto mais eminente se nos patenteou*.

Lembremos a sua abnegação, a sua caridade, nunca desmentida, que o levou a procurar os enfermos de cholera e de febre amarella, n'esses annos calamitosos de 1848, 49 e 50, quando a população fugia espavorida, abandonando os pobres enfermos, que morriam a mingua de cuidados e de carinhos.

Admiramol-o nas visitas aos estabelecimentos de instrucção, protegendo aos sabios e aos artistas, discutindo com elles e com elles esforçando-se por augmentar a instrucção popular, que em seu reinado se desenvolve animada pelo Mecenas imperial,

Vamos vel-o, como simples homem de estudos presidindo as sessões do Instituto Historico e Geographico,honra por elle dada a essa importante corporação scientifica desde 15 de Dezembro de 1849, ou, nas palestras litterarias ha poucos annos, por elle inauguradas no ex-Imperial Collegio D. Pedro II, hoje Instituto Nacional de Instrucção Secundaria.

E nos collegios, em visitas quasi diarias, nas academias, assistindo as aulas e aos concursos,

nos laboratorios dos sabios, nos museus, nas bibliothecas, nas conferencias, n'esses logares todos em que o homem de estudo tem admissão, D. Pedro de Alcantara podia ser visto com o povo, com elle confundido nos trabalhos do estudo.

Acompanhemol-o no interesse pelas industrias, illustrando o seu governo pela introducção no Imperio de todos os melhoramentos do progresso humano.

Ouçámos essas palavras que elle pronunciou na abertura da primeira Exposição Nacional em 2 de Dezembro de 1861 : « *As festas da intelligencia e do trabalho são sempre motivo do mais fundado regosijo. Minhas animações nunca deixaram de procurar a quem concorrer para o engrandecimento de nossa patria.* » Palavras que seus actos tantas vezes confirmaram.

Apreciemol-o como verdadeiro patriota, prompto sempre a sacrificar sua pessoa ao interesse nacional, como se revela no seguinte facto que a Historia registrará para sua gloria. Observavam-lhe que precisava elle de um novo palacio, pois, eram pobres os que possuia e não dignos de um monarcha e sua resposta foi : « *Se é possivel, pensai n'isso mais tarde, nos termos da Constituição. Cumpre agora cuidar nas estradas, nos bancos e nas colonias.* »

Vamos vêl-o caridoso enchendo de beneficios aos pobres que d'elle se acercam e cumprindo as palavras do Evangelho occultando essas esmolas. Vamos sorprehender o segredo de uma acção generosa que ainda bastante moço praticou, e que se não fôra a gratidão do beneficiado, não teria o povo mais esse exemplo de grandeza d'alma e delicadeza do Monarcha.

Estava o Imperador em viagem com sua familia, que carecia de restabelecer a saude ; achava-se

em logar de poucos recursos e notavel habitante offereceu a casa mais regular que havia ahi, a sua, para hospedar a familia Imperial. Soube D. Pedro II que seu Amphitrião devia avultadissima quantia que não podia pagar e por cujo reembolso instava o credor; sem nada dizer, a pessoa alguma, ao sahir da casa hospitaleira, agradeceu ao dono d'ella os seus cuidados e attenções e recommendou-lhe que não deixasse mal guardado na gaveta de uma commoda de um dos quartos papel que devia interessal-o muito e por certo ahi esquecêra. Partido o monarcha, vai verificar o dono da casa a causa da observação do imperante e com admiração vê o recibo do seu debito, que o hospede generoso saldara sem sua sciencia.

Seu desinteresse era notabilissimo, e mais de um facto o revela: D. Pedro II não queria o dinheiro para as grandezas e o fausto, antes o empregava em beneficiar ao necessitado, não só com a esmola em especie, mas ainda com toda a sorte de protecção, começando pela mais efficaz — pela instrucção. Sabe-o empregado, de categoria, de sua imperial casa, que indo levar-lhe o balanço e a conta das despezas annuaes, em certa occasião, se mostrava ufano por uma economia de 18 contos de réis que realizou, e D. Pedro II, longe de louvar-lhe o zelo, lhe dissera que não desejava saber dos saldos nas suas contas, mandando que a quantia economisada fosse empregada na construcção da *Escola da Fazenda de Santa Cruz*.

Obtida a paz interna pelas medidas acertadas do governo e conseguida a victoria no exterior, o reinado D. Pedro de Alcantara vio realizar-se toda a serie de reformas e melhoramentos de que carecia então a nossa patria.

Em noticia biographica publicada na Europa por occasião da primeira viagem de Sua

Magestade lemos acerca do seu reinado justa apreciação :

« Quand on jette un regard sur le règne de D. Pedro II et que, pour s'en rendre un compte exact, l'on compare le Brésil de 1831, époque de l'avènement au thrône de cet Empereur, époque où la richesse nationale était pour ainsi dire insignifiante, où l'existence même de la société était sérieusement menacée par l'anarchie, où il n'y avait presque pas de moyens de communication á l'intérieur, au Brésil d'aujourd'hui, avec son commerce et son industrie agricole jouissant d'une grande prospérité, avec son littoral et ses fleuves parcourus par de nombreux bateaux á vapeur, avec ses lignes de chemins de fer et le télégraphe passant par des lieux où l'on ne voyait que des forêts vierges, avec ses établissements d'instruction de tous les degrés, avec ses puissants moyens de défense ; —quand on compare ces deux époques séparées seulement par un intervalle d'une quarantaine d'années, et que l'on réfléchit au progrès immense qui s'est réalisé pendant cette courte période, progrès qui se traduit par ces mots : richesse, tranquillité, respect, bonheur — il y a lieu de s'étonner et de se demander si tout cela est l'œuvre d'un seul homme.»

« Certes, toutes ces belles choses n'ont pas été accomplies exclusivement pas l'Empereur actuel du Brésil : mais comme chef permanent du gouvernement, il lui en revient, et à bon droit, presque toute la gloire, car c'est sous sa direction qu'ont été prises les grandes mesures de haute administration : c'est lui qui a le droit d'approuver ou de rejeter les projets de réforme ; c'est lui, enfin, qui a choisi les hommes qui se sont assis a ses côtés, pour l'aider dans la réalisation de l'idéal que la philosophie révèle comme étant le but des peuples, et qu'il a si bien compris. »

« Aussi, les Brésiliens lui rendent hautement justice et lui savent gré de la position que leur patrie occupe déjà parmi les nations civilisées. Presque aussi grand que l'Europe et d'une nature beaucoup plus riche que tout autre pays du monde, le Brésil est, en effet, l'État le plus prospère et le plus puissant de l'Amérique du Sud, et dans l' Amérique entière, il vient, sous ce rapport, immédiatement après les États-Unis : « Si jamais, disait le savant naturaliste Agassiz, les facultés morales et intellectuelles du peuple brésilien se mettent en harmonie avec la beauté merveilleuse et les richesses immenses que le pays tient de la nature, jamais contrée plus heureuse ne se sera vue sur le globe. »

« Nous ne doutons pas un seul instant que cette prophétie ne devienne une réalité, surtout si les futurs gouvernements de l'empire brésilien prennent pour modèle la sage administration de Dom Pedro II» (3).

A influencia do Imperador nos negocios publicos manifestou-se sempre nos termos da Constituição ; illustre Brazileiro, que fez parte dos conselhos da corôa, dizia a tal respeito : « Os que têm servido nos conselhos do Imperador sabem até que ponto é elle soberano constitucional. Deixa-lhes com a maior lealdade o que a Constituição lhes dá, nada pratica senão pelos seus ministros, nem ainda houve ministerio que lhe não merecesse inteira confiança ; usa apenas da prerogativa pessoal que lhe confere a Constituição : é sobre rolda dos ministros ; e como, não é um automato e tem superior intelligencia, faz as observações que julga conveniente ao bem do estado sem

---

3) *D. Pedro II, Empereur du Brésil*, par Anfriso Fialho. —Bruxelles—Typ. de Mlle. Weissenbruck—1876.

coagir a vontade alheia (que é a responsavel) contra a qual tem o recurso constitucional em caso extremo. »

E' verdade reconhecida que D. Pedro II cumprio sempre fielmente o juramento que prestára; foi o verdadeiro monarcha constitucional de harmonia com o seu modo de pensar revelado nas seguintes palavras: *« Procuro comprehender e realizar a verdade do systema constitucional, a mais feliz concepção da razão moderna.»* Dentro dos limites marcados na Constituição, elle foi o inspirador das reformas em proveito do progresso nacional no seu governo.

. O Brazil havia progredido muito, mister foi, pois, cuidar de dar mais autonomia ás provincias; a creação das assembléas provinciaes e municipaes; as reformas eleitoraes dando maior amplitude aos direitos de eleitor attenderam ás necessidades da politica e administração.

A creação de um novo ministerio o da Agricultura, Commercio e Obras Publicas foi decretado em 28 de Julho de 1860 e inaugurado o serviço em 11 de Março de 1861 pelo conselheiro Manuel Felizardo de Souza e Mello. Antes d'isso a creação do Conselho de Estado, em 23 de Novembro de 1841 para consulta nos casos difficeis de administração, e outras medidas sabias contribuiam para melhorar a administração do Imperio

No seu reinado foi o municipio d'esta Capital separado da provincia do Rio de Janeiro pelo Acto Addicional, foi creada a provincia do Amazonas, com territorio desmembrado da provincia do Pará, pela lei de 5 de Setembro de 1850; de S. Paulo separou-se pela lei de 29 de Agosto de 1853, o territorio do Paraná; crearam-se muitas cidades e villas; organisaram-se novos municipios, attestando o desenvolvimento da população e das

necessidades publicas, exigindo a creação de novas delegações do poder central. A abertura da navegação dos rios Amazonas e outros, os commercios das nações amigas, em 7 de Setembro de 1867; as leis relativas ao commercio e á navegação, permittiram o desenvolvimento de nossas relações com os outros povos.

O poder judiciario, objecto de muitas attenções, soffreu reformas e ficou estabelecido de modo a garantir aos cidadãos os seus direitos e a permittir-lhes inteira confiança na administração da justiça.

As leis relativas aos bancos attendendo á marcha progressiva d'esses estabelecimentos de credito e a creação das Caixas Economicas, diversas medidas financeiras, attestam o zelo com que eram olhadas as questões economicas.

Mas foi principalmente a instrucção publica que mais cuidados especiaes mereceu do governo do sabio monarcha que tornou realidade o direito á instrucção primaria gratuita declarado na Constituição do Imperio. Foi extraordinario o numero de escolas publicas creadas, quer mantidas directamente pelo Estado, quer pela municipalidade e até por sociedades particulares, despertada e mantida a iniciativa particular pelo exemplo, animação e protecção do soberano.

Reformas successivas permittiram ao Brazil acompanhar a evolução das sciencias e das lettras, da arte pedagogica nos paizes mais adiantados, em todos os gráos do ensino.

O ensino technico vio a creação das escolas e institutos agricolas, as escolas de engenharia militar, a Escola Central substituindo a Militar e por sua vez substituida pela Polytechnica para o estudo dos diversos ramos da engenharia, das sciencias physico-mathematicas e physico-naturaes, a Escola

de minas, estabelecida em um meio em que a industria da exploração das minas exigia essa creação.

Em escala inferior as escolas de artifices e os lycêos de Artes e Officios, que a iniciativa particular levantou por todo o Imperio, á imitação do fundado por Bethencourt da Silva n'esta Capital, inaugurado em 9 de Janeiro de 1858, no consistorio da igreja do S S. Sacramento, vieram nobilitar a classe dos operarios e trazer-lhes a luz de que careciam para serem verdadeiros factores da riqueza nacional.

Nos estudos superiores as Faculdades de Medicina reformadas, as Academias de Direito reorganisadas, o projecto da organisação de uma universidade na Capital, sem prejuizo dos estabelecimentos de instrucção superior instituidos nas provincias, attestam impulso consideravel á instrucção da nação.

Do proprio bolso do Monarcha, de sua diminuta dotação sahiam os meios para a manutenção de muitas escolas primarias e o auxilio para outras, que pertenciam a associações particulares.

O Imperador queria ver e saber tudo quanto se fazia no Imperio em relação á instrucção, elle proprio tinha escolhida bibliotheca, museu de sciencias naturaes, e observatorio astronomico em seu palacio e nós já lembramos as visitas que quotidianamente fazia aos estabelecimentos da educação na Capital e quando, em viagem nas provincias e no estrangeiro, elle assistia aos concursos dos professores e por suas mãos entregava os premios aos alumnos nas escolas.

E' impossivel enumerar aqui o que se fez n'esse reinado com relação á instrucção publica, occupação predilecta do sabio soberano, do que com razão dizia notabilidade européa. « *C'est une*

tête encyclopédique qui porte une couronne» e outro escriptor pensava: «*E' fortuna para um povo ter um homem tal no throno, mas seria fortuna ainda maior, se, em escola menos alta, a sociedade aproveitasse o que tal intelligencia podia produzir.*»

As creações de assistencia publica se iniciam e mnltiplicam no reinado de D. Pedro II, favorecidas pela protecção do Principe, quando não creadas por seu governo. A saude publica fica confiada a uma corporação especial a Inspectoria Geral de Hygiene Publica, progresso realizado ultimamente em relação á organisação d'esse serviço. Os hospitaes, os hospicios, os asylos attestam a caridade do povo, reflexo da alma generosa do Monarcha.

Os corpos de Bombeiros para a extincção dos incendios e especialmente o da Capital podem rivalizar com os melhores do mundo.

Na ordem dos melhoramentos materiaes é impossivel pretender dar resumida idéa das grandes obras realizadas: a introducção do telegrapho, cuja repartição foi organisada pelo aviso do ministerio da justiça de 17 de Março de 1855; a adopção do telephone ainda ha poucos annos (1880); o estabelecimento de grande numero de vias ferreas cuja rêde em trafego é hoje superior a 10.000 kilometros, sendo a primeira a de Mauá a Petropolis, inaugurada em 24 de Abril de 1854; a abertura de grande numero de estradas de rodagem; a introducção dos tramways ou bonds, que appareceram em 1868, produzindo verdadeira revolução nos habitos da população; a illuminação a gaz, inaugurada na Capital em 25 de Março de 1854 e hoje adoptada em grande numero das cidades do Imperio; modernamente os ensaios da luz electrica, que começa a ser acceita e a applicação da electricidade como força motriz, na enseada; a navegação por paquetes a vapor entre o Brazil e a

Europa, começada por uma companhia ingleza em 1851; o estabelecimento de systema de esgotos introduzido no Rio de Janeiro em 1866; as canalisações d'agua para as cidades principaes, tornando-se notavel o monumental serviço do novo abastecimento ao Rio de Janeiro, inaugurado em 12 de Maio de 1880.

A industria fabril desenvolveu-se muito, e nas exposições nacionaes realizadas desde 1861, até 1876, preparatorias do nosso comparecimento aos certamens internacionaes, o Brazil tem revelado continuo caminhar na evolução das manufacturas especialmente nas que se referem a marceneria e tecelagem.

O que são as vias ferreas entre nós revelou-o a recente exposição dos caminhos de ferro brazileiros, realizada o anno passado no Lycêo de Artes e Officios.

Outras creações attestam os serviços de D. Pedro II ao Imperio do Brazil: O Imperial Observatorio Astronomico, creado em 22 de Julho de 1846; o Hospicio de D. Pedro II, para os alienados, em 1852; o Instituto dos Meninos Cegos em 1854; o Novo Banco do Brazil em 1854, o Novo Instituto de Surdos e Mudos em 1873, o Novo Asylo de Mendicidade em 1879, e como iniciativa particular, sob a protecção de Sua Magestade, o Imperial Lycêo de Artes e Officios, inaugurado em 9 de Janeiro de 1858 no consistorio da matriz do S S. Sacramento, e tantos outros estabelecimentos de instrucção e de caridade.

As viagens de Sua Magestade ás diversas provincias do Imperio, ao tempo que permittiam ao Monarcha estudar as necessidades do seu vasto imperio, foram a aurora de melhoramentos e o ponto de partida do progresso das regiões visitadas. As viagens ao estrangeiro, á Europa, em 1871, e aos

Estados-Unidos e Europa, em 1876, realizadas pelo Imperador, servindo para levantar o nome brazileiro nos paizes que visitou, Monarcha tão sabio e tão democrata, trouxeram tambem beneficas influencias para a administração do Imperio.

Taes foram as obras do reinado de D. Pedro II.

O Sr. S. A. Sisson, na sua Galeria de Brazileiros illustres, posto que a publicasse em 1859, descreve bem o que foi a vida do pranteado Imperador D. Pedro II :

« Os actos da vida publica do Sr. D. Pedro II attestam sua capacidade intellectual e uma erudição invejavel. As nações estrangeiras consideram-n'o como um dos mais illustres Monarchas. »

« E' o primeiro a collocar-se á testa de todo o movimento litterario e industrial inaugurado no Imperio, e um protector extremo das siencias, lettras e artes. Não ha um dia em que o Sr. D. Pedro II não honre com sua presença alguma das faculdades da Capital, alguma associação litteraria e constantemente visita aquelles collegios que mais serviços têm prestado a educação e instrucção dos Brazileiros confiados á solicitude dos seus directores. »

« A bolsa do nosso Imperador abre-se sempre ao pobre que lhe supplica uma esmola. Milhares de familias abençoam a mão imperial que as livra dos tormentos da fome. Milhares de familias de servidores do Estado dirigem fervorosas supplicas ao Omnipotente pela conservação da vida d'aquelle que, por meio de pensões, mitiga-lhes os soffrimentos que infelizmente ainda hoje cabem ás mulheres e filhos de homens encanecidos no serviço da patria ».

« Nos dias de epidemia vai consolar em sua choupana o filho ingrato da fortuna que estorce de dor no seu leito de palha, visita os differentes hospitaes e ordena que parte de sua insignificante dotação seja distribuida pela classe pobre.»

E para completar a gloria de seu nome a abolição total da escravatura no Imperio, decretada em 13 de Maio, fecha com uma apotheóse de bençãos e de esplendores o reinado que terminou.

Toda a questão de abolição foi agitada no reinado de D. Pedro II, a datar do primeiro passo, na lei de 7 de Novembro de 1831 que consagrou o principio de que seria considerada pirataria a introducção dos negros da Costa d'Africa a partir de 13 de Março de 1830, conforme o tratado entre o Brazil e a Inglaterra de 23 de Novembro de 1826, até a lei n. 3353 de 13 de Maio de 1888.

A cessação do trafego pela lei de 24 de Setembro de 1850, a lei de 28 de Setembro de 1871, assignada por sua Alteza Imperial Regente, actual Imperatriz, a nova lei de 28 de Setembro de 1885 e finalmente a abolição completa da escravidão, decretada este anno, são datas brilhantes e victoria para a causa da emancipação.

N'essa importante questão não se póde negar a influencia do Soberano, cujos sentimentos tão bem soube interpretar Sua Augusta Filha, a angelica signataria dos decretos mais importantes relativos a essa questão.

« *Que a acção individual do Imperador foi empregada, sobretudo desde* 1845 *até* 1850 *em favor da suppressão do trafico, resultando n'aquelle ultimo anno nas medidas de Eusebio de Queiroz e de* 1866 *a* 1871, *em favor da emancipação dos nascituros, resultando n'esse ultimo anno na lei Rio Branco, é um facto que o Imperador, se quizesse escrever Memorias e contar o que se passou com os diversos gabinetes dos dous periodos, poderia firmar historicamente com um sem numero de provas. A sua parte no que se tem feito é muito grande e quasi a essencial.* » Disse o Sr. Joaquim Nabuco na

sua obra *O Abolicionismo*, publicada em Londres, em 1883.

Em outro trabalho (4) publicado tambem na Europa em relação ao Sr. D. Pedro II se póde lêr: «L'abolition de l'esclavage était déjà depuis plusieurs années l'objet des soins tout particuliers de Dom Pedro, non seulement á cause de ses idées bien connues de philantropie, mais aussi parce qu'il avait reconnu—et il ne cessait de le dire á ses ministres—que tous les efforts employés pour établir un courant d'émigration vers le Brésil, semblable á celui qui existait pour les Etats-Unis, seraient complètement inutiles tant que l'esclavage subsisterait.»

E assim pensando S. M. o Sr. D. Pedro II não cessou de influir até ultimamente, cabendo a conclusão da questão á Sua Augusta Filha, pois a cruel enfermidade não lhe permittia a governação do Estado.

O Monarcha manifestou mais de uma vez os seus sentimentos a respeito, significando, nas festas da abolição da Illma. Camara Municipal da Capital, desejo de não fallecer sem ter visto liberto o ultimo escravisado, satisfação que a Divina Providencia não lhe negou.

Os trabalhos de toda ordem que em beneficio do Brazil tiveram logar no seu reinado, não podia ter melhor terminação do que a que lhes deu destino com a decretação da lei n. 3353. D. Pedro II morreu satisfazendo a prophecia do conego Januario da Cunha Barbosa, enunciada no discurso por elle pronunciado em 10 de Dezembro de 1843 na solemnidade do 5° anniversario da fundação do

(4) D. Pedro II. Empereur du Brésil—já citado.

Instituto Historico e Geographico, empregando os versos seguintes do poema *Caramurú*.

Deixareis monumentos gloriosos,
A uma longa e feliz posteridade,
E ganhando obtereis com tanta gloria
Um nome eterno nos padrões da historia.

Na vida privada, no seu lar, D. Pedro II era o verdadeiro chefe de familia, bom, carinhoso, sem coleras, reprehendendo com brandura e premiando com justiça e satisfação. Auxiliado pelas virtudes de sua santa companheira a Imperatriz D. Thereza Christina, D. Pedro II fizera de sua casa um templo á familia, nobre exemplo, digno de ser imitado por todos os seus subditos, no meio dos muitos que fazeres dos negocios publicos e de seus estudos, tinha sempre occasião de dedicar horas agradaveis ás expansões da cordialidade e sincera amisade de uma familia bem constituida.

N'esta atmosphera pura de bons sentimentos, respirava satisfeito o Monarcha, que, a imitação do que praticava no lar, considerava outra familia o povo brazileiro, a que acolhia a toda a hora com a maior urbanidade, sem as etiquetas e as formulas da pragmatica da realeza. D. Pedro II era accessivel a todos : nobre ou plebeu, rico ou pobre, approximavam-se com igualdade perfeita da pessoa do Soberano, que estendia a mão e ouvia a supplica ou a queixa, sempre disposto a attender com justiça aos desejos dos que o procuravam.

Quão cheia de exemplos salutares é a vida d'esse Augusto Soberano, que a morte nos acaba de roubar : vida publica, vida privada; serviços de monarcha, de cidadão, de chefe de familia sempre pautados pela regra severa do dever e da virtude.

D. Pedro II não pedio a sua corôa e ao seu throno o renome e a gloria, pois para elles tinha merito de sobra a sua pessoa.

« A corôa é ouro: o throno é um pedaço de pau; a mão do operario e do artista reduzio aquillo tudo ás magnificas e fascinadoras fórmas em que o vemos ».

Mas o que constitue a verdadeira grandeza da realeza e do homem é o merito proprio : é este o que constitue uma posição vantajosa, é este que traz o rei : que põe no primeiro plano o homem ; é a unica solida garantia e duração ; o mais forte antemural que o póde levantar entre si e as vicissitudes. O povo de dia em dia se engrandece ; e o Monarcha brazileiro é do seu tempo ; engrandece-se com elle. Sua consciencia lhe disse o que o grande poeta disse aos reis :

« Soyez de votre temps, écoutez ce qu' on dit
« Et tachez d'être grands, car le peuple grandit.

São eloquentes expressões de um bello pensamento, como são todas as concepções do distincto poeta brazileiro (5) que as escreveu e que dizem a verdade ácerca do finado Soberano do Brazil, cuja morte pranteámos.

*
* *

DESCENDENTES SOBREVIVENTES DO SR. D. PEDRO II

FILHA

D. Izabel Christina Leopoldina Augusta Michaela Gabriela Raphaela Gonzaga, nascida em 29 de Julho de 1846, no Palacio da Boa-Vista,

---

(5) Dr. Luiz Delphino, na descripção de uma visita feita por S. M. o Imperador ás officinas de instrumentos de optica do Sr. José Maria dos Reis, no interessante poriodico de Novaes : *O Futuro*.

S. Christovão, no Rio de Janeiro e casada em 15 de Outubro de 1864 com S. A. R. o Sr. D. Luiz Felippe Maria Fernando Gastão de Orleans, Conde d'Eu, Conselheiro de Estado, Marechal do Exercito Brazileiro.

NETOS

Pela Princeza D. Izabel :

S. A. I. o principe D. Pedro de Alcantara Luiz Felippe Maria Gastão Miguel Gabriel Raphael Gonzaga ; nascido em 15 de Outubro de 1875, em Petropolis, provincia do Rio de Janeiro.

S. A. o principe Sr. D. Luiz Maria Felippe Pedro de Alcantara Gastão Miguel Raphael Gonzaga ; nascido em 26 de Janeiro de 1878, em Petropolis, provincia do Rio de Janeiro.

S. A. o principe Sr. D. Antonio Gastão Felippe Francisco de Assis Maria Miguel Gabriel Raphael Gonzaga; nascido em 9 de Agosto de 1881, em Pariz.

Por S. A. a Princeza Sra D. Leopoldina, casada com S. A. R. o Sr. Duque de Saxe :

S. A. o principe Sr. D. Pedro Augusto Luiz Maria Miguel Gabriel Raphael Gonzaga ; formado em Engenharia Civil pela Escola Polythechnica do Rio de Janeiro, actualmente na Europa, tendo seguido em companhia do Sr. D. Pedro II. Nasceu em 19 de Março de 1866 no Rio de Janeiro.

S. A. o principe Sr. D. Augusto Leopoldo Felippe Maria Miguel Gabriel Raphael Gonzaga ; 2.° tenente da Marinha Imperial. Nasceu em 6 de Dezembro de 1867, na cidade de Petropolis, provincia do Rio de Janeiro.

S. A. o principe Sr. D. José Fernando Francisco Maria Miguel Gabriel Raphael Gonzaga, na Europa em companhia do seu avô paterno, nascido em 21 de Maio de 1869, no Rio de Janeiro.

S. A. o principe Sr. D. Luiz Gastão Clemente Maria Miguel Gabriel Raphael Gonzaga, tambem em companhia de seu avô, na Europa. Nasceu em 16 de Setembro de 1870, no Castello de Ebenthal, na Austria, Europa.

***

CONDECORAÇÕES QUE POSSUIA S. M. O IMPERADOR

Grã-Cruz de todas as ordens brazileiras.

— Grã-Cruz da ordem de S. Estevão, de Hungria, da Austria.

— Grã-Cruz da ordem de Leopoldo, da Belgica.

— Grã-Cruz da ordem da Estrella, da Roumania.

— Cavalheiro da ordem do Elephante, da Dinamarca.

— Grã-Cruz das ordens de S. Fernando e S. Januario, das Duas Sicilias.

— Grã-Cruz da ordem da Legião de Honra, da França.

— Grã-Cruz da ordem do Salvador, da Grecia.

— Grã-Cruz da ordem do Tosão de Ouro, de Hespanha.

— Grã-Cruz da ordem de Leão Neerlandez, de Hollanda.

— Cavalheiro da ordem da Jarreteira, da Inglaterra.

— Grã-Cruz das ordens Pontificias de Malta e do Santo Sepulchro.

— Grã-Cruz da ordem Imperial Angelica Constantiniana de S. Jorge de Parma.

— Grã-Cruz das ordens de N. S. da Conceição de Villa-Viçosa e da muito Nobre e antiga ordem da Torre e Espada de Valor, Lealdade e Merito de Portugal.

— Grã-Cruz da ordem da Aguia Negra, da Prussia.

— Grã-Cruz de todas as ordens da Russia.

— Cavalheiro da ordem da Annunciada, da Italia.

— Grã-Cruz das ordens da Estrella do Norte e dos Seraphins da Suecia.

— Grã-Cruz da Imperial ordem de Medjidié, da Turquia, de 1ª classe.

*
* *

ASCENDENTES DO SR. D. PEDRO II

Linha paterna

D. PEDRO I, imperador do Brazil, seu pae, rei de Portugal, IV do nome, filho primogenito de

D. JOÃO VI, rei de Portugal, primogenito sobrevivente de

D. MARIA I, rainha de Portugal, primogenita dos quatro filhos de

D. JOSÉ I, rei de Portugal, successor de seu pae

D. JOÃO V, rei de Portugal, filho sobrevivente de

D. PEDRO II, tambem rei de Portugal, irmão de

D. Affonso VI e filho de

D. JOÃO IV, rei de Portugal, oitavo Duque de Bragança, neto da Sra. D. Catharina, filha do Sr. D. Duarte, filho de El-Rei D. Manuel e sobrinho do Cardeal rei D. Henrique, tambem filho de D. Manuel, elevado ao throno de Portugal pela revolução de 1º de Dezembro de 1640, que poz termo a dominação hespanhola.

D. MANUEL, denominado o *Venturoso*, rei de Portugal, em cujo reinado teve logar o descobrimento do Brazil, filho do Infante D. Fernando,

neto de El-Rei D. Duarte e primo dos reis seus antecessores D. Affonso V e D. João II.

D. DUARTE, rei de Portugal, filho primogenito de

D. JOÃO I, o mestre de Aviz, fundador da Dynastia de Aviz, rei de Portugal, irmão de El-Rei D. Fernando e filho de

D. PEDRO I, successor e filho primogenito de

D. AFFONSO IV, rei de Portugal, filho de

D. DINIZ, soberano portuguez, primogenito de

D. AFFONSO III, irmão de seu antecessor, o rei D. Sancho II, ambos filhos de

D. AFFONSO II, rei de Portugal, cognominado o Gordo, filho de

D. SANCHO I, primogenito e successor do fundador da monarchia portugueza:

D. AFFONSO HENRIQUE, rei de Portugal, filho unico do Conde de Portugal D. Henrique, neto materno de

D. AFFONSO VI, rei da Gallisa de Castella e de Leão,

BERMUTTO III, rei de Leão.

O Conde de Portugal D. HENRIQUE, era filho do Duque de Borgonha D. Henrique, este por sua vez filho do Duque Roberto e neto de Roberto, rei de França; de sorte que o Conde de Portugal D. Henrique era bisneto de

ROBERTO II, rei de França, que era filho de

HUGO CAPETO, fundador da terceira dynastia dos reis de França no anno de 987 e que era filho de

HUGO O GRANDE, duque reinante de França, que não quiz uzar do titulo de rei de que usou seu pae Roberto I, em opposição com os reis Carlovingios.

ROBERTO I, era irmão do rei de França Eudes, o filho do Conde de Pariz:

ROBERTO, O FORTE, que recebeu de Carlos, o calvo, o ducado de França em 861 é tronco da

raça dos Capetos. Acerca da ascendencia de Roberto divergem as opiniões: pretendendo alguns historiadores que elle descendia do Saxonio *Witikind* e outros que era descendente de CHILDEBRAND, irmão de Carlos Martel.

Linha Materna

A Imperatriz D. MARIA LEOPOLDINA, mãe do Sr. D. Pedro II era filha do Imperador.

FRANCISCO I, da Allemanha e I da Austria, rei da Hungria e da Bohemia, irmão do grã-duque de Toscana Fernando e filho de

LEOPOLDO II imperador da Allemanha, rei da Hungria e da Bohemia, irmão do imperador D. José II, da rainha de Napolis, Maria Carolina, mulher do rei Fernando I e da rainha de França Maria Antonietta, mulher de Luiz XVI, 2º filho de

FRANCISCO I, grão-duque de Toscana, marido da celebre imperatriz da Allemanha Maria Thereza, rainha da Hungria e da Bohemia, chamada a *mãe da patria*, filha do imperador

CARLOS VI, da Allemanha, filho de

LEOPOLDO I, imperador da Allemanha successor e 2º filho de

FERNANDO III, imperador da Allemanha, rei da Bohemia e da Hungria, filho e successor de

FERNANDO II, imperador da Allemanha, neto e successor de

FERNANDO I, imperador da Allemanha, irmão mais moço de Carlos V, rei da Bohemia, da Hungria e dos Romanos e filho de *Philippe o Bello*, archiduque d'Austria e de *Joanna-Louca* neto de

MAXIMILIANO I, imperador da Allemanha, casado com Maria de Borgonha, filha de *Carlos o Temerario*, Duque de Borgonha, filho de

FREDERICO III, imperador da Allemanha por morte de seu primo Alberto II, ultimo imperador

que se fez coroar em Roma e que primeiro adoptou a celebre divisa A. E. I. O. U:— *Austria est imperare orbi universo*.

Continuando assim, se vae de sceptro em sceptro até S. Estevão, rei da Hungria sob o nome de Estevão I, que succedeu a seu irmão Geysa, 4º Duque da Hungria, reinando de 997 a 1038.

*
* *

Ainda entre os ascendentes de S. M. o Sr. D. Pedro II se notam :

Os reis de Hespanha : D. Felippe IV, D. Felippe III, D. Felippe II, seu pae o imperador Carlos V.

Os reis de Aragão : D. Fernando II e V de Castella, chamado o Catholico ; D. João II, tambem rei de Navarra : D. Fernando I, chamado o *Justo* ; D. Pedro IV, D. Affonso IV, D. Jacques II, D. Pedro III, chamado o *Grande* ; D. Jayme I, o *Conquistador*; D. Pedro II, D. Affonso II, D. Ramiro II, D. Sancho Ramiro e D. Ramiro I, filho do imperador D. Sancho III, chamado o *Grande* ; o qual era neto de D. Sancho II, bisneto de D. Sancho I e descendente directo de Inigo Arieta, Conde de Bigorra, fundador do reino de Navarra.

Os reis de Castella e Leão : D. João II pae da rainha D. Izabel, mulher de D. Fernando, o Catholico ; D. Henrique III, D João I, D. Henrique II, D. Affonso XI ; D. Fernando IV ; D. Sancho IV, chamado o *Bravo* ; D. Affonso X, chamado o *Sabio* ; e D. Fernando III, que foi canonisado em 1671.

Os reis de Leão : D. Affonso IX e D. Fernando II.

Os reis de Castella: D. Affonso, o Nobre ; D. Sancho, o Desejado, ambos descendentes do Imperador da Hespanha D. Affonso VIII, neto de

D. Affonso VI, bisneto de D. Fernando I, o Grande, rei de Castella e Leão, irmão de D. Garcia IV, rei de Navarra, de D. Gonsalo, rei de Sobrave e Riparoge e de Ramiro I, rei de Aragão, todos filhos do imperador D. Sancho III, o Grande, já acima nomeado.

Os reis de França : Luiz XIII, filho de Henrique IV, descendente, por seu pae, de Roberto, Conde de Chermont filho de Luiz IX (S. Luiz); Luiz VIII, o Leão ; Felippe Augusto ; Luiz VII, o Moço ; Luiz VI, o Gordo ; Felippe I ; Henrique I ; Roberto I e Hugo Capeto, como ja foi citado acima.

*
* *

Pouco mais de um anno depois da sua chegada da Europa, entre flores e ovações de um povo inteiro, estava proclamada a republica e banido o velho Imperador.

(Do *Diario do Commercio*).

O SR. D. PEDRO II

Já não existe o Sr. D. Pedro II.

Telegrammas expedidos de Pariz e affixados hontem pela manhã á porta de varios jornaes annunciaram ao Rio de Janeiro a funebre noticia, que logo circulou de boca em boca, enchendo a todos de profundissima consternação.

Ha poucos dias ainda nós nos prostravamos ante os altares de Deus Vivo e misturavamos as nossas preces ás dos outros catholicos que na casa do Senhor se tinham congregado, festejando com esta piedosa manifestação o anniversario natalicio d'aquelle, aquem já podemos chamar — o grande homem. Em nossas paginas de honra escreveramos, para esse mesmo dia, um artigo, pobre na fórma,

mas em que vibrava a dedicação que sempre lhe tributámos, e ainda mais nos transes do seu immerecido infortunio do que na quadra da sua pujança politica... E mal cuidavamos que, quando novamente tomassemos da penna para nos occuparmos com o Imperador banido, fal-o-hiamos com os olhos humedecidos de lagrimas, e para saudar no seu cadaver insepulto o termo da gloriosa existencia que marcou uma tão longa éra de tranquilla prosperidade nacional...

A historia d'esse homem excepcional encheria volumes, abrangendo a melhor parte dos fastos brazileiros e registrando as irradiações da sua poderosa individualidade até ás vizinhas nações. Assim não pretendemos fazel-a, mas apenas em seu extenso periodo governamental escolher os factos culminantes que melhor caracterisam a immensidade da sua funcção politica.

Chefe de estado desde 7 de Abril de 1831, começou D. Pedro II a effectivamente reinar quando o declararam maior em 23 de Julho de 1840.

Soberano aos 15 annos, na idade em que para outros espiritos o exercicio do poder seria o pretexto para a satisfação de gozos e vaidades, o moço Imperador ardentemente se applicou ao estudo dos negocios publicos e, nas multiplas amnistias com que logrou pacificar as inquietas populações de algumas provincias, não tardou a exhibir provas daquella inexhaurivel magnanimidade e espirito de conciliação que constituiam uma das mais bellas feições de seu caracter.

« No Brazil, escrevia um republicano, Carlos de Ribeyrolles, em 1850, no Brazil desde muitos annos que não ha processos politicos, nem prisioneiros de estado, nem condemnações de jornalistas, nem conspirações, nem deportações. O pensamento ahi

não tem que dar contas á policia, não o perseguem na alfandega, não é suspeito, nem passivel de ferrete. A alma é livre em todas as suas confissões, e o cidadão em todos os seus movimentos. A razão de estado não tem que fazer...

« E porque? porque D. Pedro II poz a magestade não na prerogativa, não na pessôa, mas no caracter e nas obras... »

De 1851 a 1852 o Imperio teve que luctar com inimigo estrangeiro. A passagem de Tonelero e a batalha de Monte-Caseros elevaram no conceito da Europa o valor do nosso exercito e da nossa esquadra— esse valor que se affirma nos combates em prol da causa da patria, e não o que se immiscue na politica interna derribando instituições e governando em nome da nação ameaçada.

A interferencia do Imperador n'essa memoravel campanha foi estrictamente constitucional, mas altamente patriotica. O seu amor á paz nunca foi até preferir a humilhação do Brazil, e d'este modo de sentir deu evidentes provas mais tarde, já por occasião do incidente Christie, quando em torno do chefe venerando se agrupava o povo d'esta Capital, magoado em sua dignidade pela attitude hostil do personagem que mal comprehendêra os sentimentos amistosos da Inglaterra para com o nosso paiz; já na inolvidavel campanha do Paraguay, quando foi invadido o Rio Grande do Sul, para onde marchou o Imperador como o primeiro voluntario da Patria.

Entre as campanhas contra Rosas e contra Solano Lopez estendeu-se uma phase de pacifico desenvolvimento. Multiplicaram-se as rendas publicas, crearam-se estradas de ferro, linhas telegraphicas, fundaram-se escolas e por toda a parte se patenteou a inflorescencia de uma nacionalidade vigorosa e que, á sombra de tranquillidade que faltava ás demais

nações sul americanas, socegada e progressivamente caminhava para attingir esplendidos destinos.

O papel do Imperador, n'essa obra imperecivel, está na consciencia publica. Nós o vimos prompto a levar o contingente de sua boa vontade a todos os tentamens honestos e uteis. Trabalhou, não quanto podia, porém mais do que pôde. Deu o exemplo de indefesa actividade em terra onde a influencia enervante do clima imperiosamente requer a interrupção do labor. Nobres e mal recompensados esforços! D'essa lucta de quasi cincoenta annos tombou exhausto... para morrer na terra do exilio!

Terminada a campanha do Paraguay, o Imperador a quem as emoções da formidavel pugna tinham prematuramente encanecido, e que constante se mostrou na consideração e no affecto tributados aos bravos militares que n'ella se tinham empenhado e aos heroicos voluntarios da Patria, os quaes no seu primeiro camarada sempre encontraram solicito protector, — metteu hombros a outra e não menos ingente empreza, a extincção do elemento servil.

Em suas propriedades particulares, libertou a todos os seus escravos: e na fazenda de Santa Cruz, tomou a si a educação dos libertos.

Desde 1866, o Imperador, respondendo a uma petição de philantropos francezes, entre os quaes figuraram o Duque de Broglie, Guizot e Laboulaye, declarou, de accordo com o ministerio, que o governo imperial brevemente se occuparia de uma medida – reclamada pelo espirito do christianismo. Dest'arte o grande homem confirmou o seu procedimento de 1850, quando com o distinctissimo Euzebio de Queiroz dera o golpe de morte no abominando trafico de africanos. A guerra do Paraguay empeceu, durante alguns annos, a prosecução

de taes idéas; mas em 1871 deu-lhes o Imperador robusto impulso com o gabinete Rio Branco.

Este foi o athleta parlamentar que com as fulgurações do seu genio inscreveu na historia nacional a aurea data de 28 de Setembro, em que se votou a libertação do ventre escravo. N'essa época D. Pedro II estava ausente, deixando que pela filha idolatrada fosse firmado o grandioso decreto; mas quando, bem longe do Brazil, no Egypto, terra das gigantescas necropoles e das antigas maravilhas, o Augusto viajor soube da nova que de uma feita redimia as futuras gerações, certo que bem poderia com justa razão apropriar-se da mór parte d'essa admiravel victoria.

No progredir da idéa libertadora, o Imperador, tanto quanto lh'o permittiam os seus deveres de chefe constitucional, foi um infatigavel batalhador. « Perdemos o nosso melhor amigo!» — dizia-nos, ha pouco, um homem de côr... E esse homem disse a verdade: fallava por elle o espirito da sua raça desopprimida!

Si de algum testemunho particular carecessemos para authenticar esta asserção, que a consciencia popular se patenteia com o brilho da evidencia, nós iriamos pedir ao mais extrenuo campeão do abolicionismo, aquelle em quem como que se incarnou o desinteresse cavalheiroso dos brancos pelos descendentes de africanos, nossos irmãos em Deus e na patria. Será preciso nomear Joaquim Nabuco?

« E' certo—escreveu elle—que a acção pessoal do Imperador se exerceu, sobretudo desde 1845 até 1850, no sentido da suppressão do trafico, e desde 1866 até 1871, em prol da emancipação dos escravos. Foi esta influencia que produzio a lei Euzebio de Queiroz em 1851, e a lei Rio Branco em 1871. Si o Soberano quizesse escrever memorias e narrar

a historia dos seus ministerios, poderia demonstral-o com grande numero de documentos. A parte que cabe ao Imperador em tudo que se tem feito pela causa da libertação, é grande, é essencial.»

Era já um enfermo o autor de tantos e de tão nobres feitos, quando em sua ausencia se consummou a obra libertadora com a lei de 13 de Maio. A heroica decisão de uma mulher sublime puzera termo ás vacillações da politica mais prudente que generosa. A então Princeza Imperial assignara, a sorrir o acto que nunca mais lhe perdoarão os proprietarios de homens, logo transformados em intransigentes republicanos. Não importa! O velho Imperador, de regresso a terra natal, e acolhido como um pae por seus filhos, no meio dos transportes do mais espontaneo regosijo, pôde considerar-se feliz, porque no Brazil todos eram livres...

O resto é a historia de hontem. O republicanismo engrossado pelo despeito de muitos insuflou a sedição nos depositarios da força publica. O 15 de Novembro compoz-se, por partes iguaes, do rancor escravista e do tresvario philosophante. A confusão fez o resto. De innumeros militares que tomaram parte no movimento, temos ouvido que não sabiam para onde eram levados, e que, livremente consultados, jamais teriam acquiescido á deposição do velho Imperador.

Seja como fôr, não é menos verdade que o obrigaram a partir, alta noite, sob a pressão e com o apparato das armas, para o desterro de que não devia mais voltar...

Fizeram mais: baniram-n'o pelo crime de não ter acceitado as mancheias de ouro, que improbamente haviam tirado do publico thesouro e com que tencionavam degradar-lhe o infortunio.

D. Pedro II não morreu cidadão brazileiro, porque era um banido. Entre as allegações de benemerencia que para se escoimar de monarchismo invocaram os congressistas em seu manifesto, figura a d'esse acto ignobil—o de haverem mantido, contra o mais illustre e patriota de todos os brazileiros, uma pena que expressamente fôra revogada na Constituição republicana!

A pensão que lhe outorgaram os pretensos representantes da nação, foi objecto de mesquinhos e odiosos debates. Regateou-se dinheiro ao homem que jámais o acceitaria, elle que vivêra a dispartir tudo quanto recebeu!

Stoico na desgraça como soubera ser magnanimo no poder, D. Pedro II nunca se queixou. Da sua longanimidade no apreciar os homens e cousas do levante, dão testemunho os que se lhe acercaram na Europa. Para as injustiças, o grande homem só tinha voltada uma face da sua bella alma, e era a do perdão.

A morte, que parecia hesitar em dar-lhe o bote derradeiro, acommetteu-o por fim e golpeou-o fatalmente. Avido de sciencia e d'ella cultor em variados ramos, o Imperador nunca se divorciou da religião. Quaesquer que hajam sido os seus erros no tocante á comprehensão do padroado, demasiado pesquisara a verdade para não comprehender que ella não se póde achar toda nos livros e nos laboratorios, onde apenas se percebem as leis do mundo physico — d'esse mundo que, na bella phrase do Ecclesiastes, Deus entregou as disputas dos homens.

E a divina religião do Crucificado lá esteve junto ao leito do Imperador moribundo, dando-lhe na Hostia Sacramentada o corpo do mesmo Deus para segurança da vida eterna...

Quinze Brazileiros, angustiados contempladores d'esse tramite confortado pela pureza da

consciencia e pelos soccorros da fé, alli tambem representaram a Patria, que hoje se curva respeitosa ante o leito mortuario do seu primeiro cidadão.

A esta, á Nação Brazileira, as nossas condolencias repassadas da mais pungente magoa, pela perda que acabámos de soffrer; e por igual se endereça o nosso pezame a Sua Magestade a Sra. D. Izabel, herdeira dos grandes exemplos do segundo Imperio, para cuja gloria tão valorosamente collaborou.

....

Com D. Pedro II parece que vai descer ao tumulo uma parte da grandeza nacional, á qual na serie dos tempos marcou inexcedido apogêo; mas nem os principios, nem os destinos dos povos perecem com os homens, por mais agigantada que seja a sua estatura.

A Patria, inspirada nas virtudes e no patriotismo do venerando morto, saberá retomar o caminho da prosperidade que elle traçou.

(D'*O Brazil*).

O CADAVER...

Um dos constantes desejos do Sr. D. Pedro II foi morrer no Brazil.

Em sua infinita sabedoria não lhe concedeu o Senhor a satisfação d'esse voto. Não regressará, vivo, á terra do seu nascimento; mas a todos os bons Brazileiros impõe a gratidão o dever de reclamar, como propriedade da Patria, os restos inanimados do grande Imperador.

E' aqui, debaixo d'este céo purissimo do nosso paiz, tão estremecido pelo ancião patriota, que devem repousar os seus despojos mortaes.

Que se juntem para comnosco pedil-o os milhares de corações a quem veio traspassar a noticia do infausto successo.

Em seu numero de hontem, á tarde, um collega cujas idéas republicanas não podem ser suspeitas aos dominadores da época, a *Cidade do Rio*, endereçou á republica palavras nobremente inspiradas, e que pedimos venia para transcrever.

Disse o collega :

« O homem illustre que..................

....

....

« Honra ao Vencido e recompensa ao Bom. »(6)

E os poderes da republica não o poderão refusar ao appello nacional.

Era um Orleans que occupava o throno da França quando da solidão de Santa Helena foi trasladado ás margens do Sena o cadaver do primeiro Napoleão. A republica, no Brazil, não deve ser mais timorata.

Erraria comprimindo o sentimento popular.

Será mais politico não se amedrontar diante de um cadaver.

(D'*O Brazil*).

D. PEDRO II

Depois de noticias descrevendo-nos o estado de D. Pedro II como muito grave, quasi desesperado, chegaram outras affirmando que Sua Magestade achava-se enfraquecido, mas em vias de completo restabelecimento. O telegrapho cortou

(6) Vide as pag. 100 e 101.

brutalmente taes esperanças ; já não pertence ao numero dos vivos quem durante meio seculo representou a Nação Brazileira.

Elevado ao poder accidentalmente, D. Pedro, no foco em que se dissipam as mais fortes e melhores energias, soube apural-as e adquirir outras e maiores. Cada anno que passou, desde que subio ao throno, marcou uma identificação maior d'elle com o povo, uma approximação mais intima do povo para elle. Houve momentos em que concentrou a consciencia nacional, como os houve em que todo um povo projectou a consciencia imperial.

Começada no meio de tumultos domesticos, continuada entre as mais cruentas dissensões intestinas, foi sua missão estabelecer a paz e estabeleceu-a. Em corpo amorpho como o Brazil de sua infancia, introduzio a crystallisação. Onde todos os elementos divergiam, organisou a convergencia. Deixou a patria inteira e unida como fortuitamente a encontrara, e implantou a união e integridade com tal força em todos os corações, que para affirmal-as mais de uma vez, e ainda ha poucos dias, correu o sangue brazileiro. A revolução do Rio Grande, que salvou-nos o brio e a honra, é o unico epitaphio digno d'aquelle diante de quem capitulou Uruguayana.

Quando acontecimentos muito recentes para que se precise rememoral-os, atiraram para o exilio quem o povo acclamara seu defensor perpetuo, poder-se-hia philosophar sobre o que possuem de illusorio-titulos que implicam perpetuidade.

Entretanto mesmo longe de nós, nas terras frias, inhospitas para os filhos dos tropicos, foi elle o nosso defensor, pela dignidade com que se houve, pela serenidade com que encarou os acontecimentos, pela magestade com que defrontou as

desgraças que o flagellavam, pela confiança que nunca o abandonou, de ver o povo que encarnára digno da America, a que pertencia.

Se póde dizer-se com alguma razão que com D. Pedro II abandonaram-nos a sisudez, a probidade e o decoro das altas regiões, sirva-nos ao menos de consolo a esperança que sua alma, livre das contingencias, pairará sobre nós, restituindo-nos quanto symbolisara durante meio seculo de reinado.

(Da *Gazeta de Noticias*).

D. PEDRO II

D. Pedro de Alcantara João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Raphael Gonzaga, nasceu no Rio de Janeiro a 2 de Dezembro de 1825.

Teve por pae D. Pedro I, o proclamador da independencia do Brazil, e por mãe D. Leopoldina, Archiduqueza d'Austria. A Imperatriz falleceu a 11 de Dezembro de 1826. O pae casou novamente em Outubro de 1829 com D. Amelia de Leuchtemberg. N'este intervallo e alguns annos antes, dominou imperiosamente na côrte a celebre Marqueza de Santos Foi, portanto de abandono, de orphandade e tristeza a primeira quadra da existencia do futuro Imperador.

A 7 de Abril Pedro I abdicou n'elle a corôa, embarcando depois para a Europa. Deixou-lhe por tutor José Bonifacio, o collaborador na empreza da Independencia, o adversario depois da Constituinte, e a quem na occasião suprema declarou «seu verdadeiro amigo, muito probo, honrado e patriotico cidadão». A assembléa legislativa decidio que a nomeação do tutor era de sua competencia e a

30 de Junho tratou de eleger outro. Foi, porém, novamente eleito José Bonifacio, que tinha por competidores Nicolau Vergueiro e o Marquez de Caravellas. Este logar occupou até 15 de Dezembro de 1833, quando foi cercado o Paço de S. Christovão, e o Patriarcha da Independencia preso, suspenso de suas funcções, e mandado para a ilha de Paquetá.

Succedeu-lhe o Marquez de Itanhaem, nomeado a 14 de Dezembro. Nas contas que apresentou desde o anno seguinte até o de 1840, estão as melhores informações sobre a infancia de D. Pedro e sobre sua educação.

Parece que começou a ler em idade muito tenra, porque a 12 de Abril de 1831 o Duque de Bragança, de bordo da náu ingleza a que se acolhera, escreveu agradecendo-lhe uma carta que escrevera: « Meu querido filho e meu Imperador, muito lhe agradeço a carta que me escreveu, e mal a pude ler, porque as lagrimas eram tantas que me impediam o vêr : agora que me acho, apezar de tudo, um pouco mais descançado, faço esta para lhe agradecer a sua e para certificar-lhe que, emquanto vida tiver, as saudades jamais se extinguirão em meu dilacerado coração. » Entretanto só depois de 1834 temos informações authenticas.

N'este anno descreve-o o Marquez de Itanhaem com constituição debil, temperamento nervoso ; em Outubro soffrera de febre cerebral, de que se curara sem difficuldade ; lia, escrevia bem, traduzia inglez, francez, aprendia geographia, musica, dança, desenho, em que fazia progressos.

Em 1835 informa o professor de inglez que elle estuda este idioma, o de francez que já traduz e vai fallando, conhece o globo terrrestre, as capitaes, os accidentes physicos mais importantes; vai bem na dança, assegura o mestre ; lê musica com

perfeição, combina muito bem as mãos no piano, em que promette ser habil; mostra notavel aptidão para o desenho. Em Junho d'este anno começa a tomar lições de equitação, tendo muita disposição para esta arte.

Em 1836 informa Boiret que elle comprehende tudo quanto se diz em francez, falla-o, decora trechos escolhidos, conhece a carta da Europa e da America, e vai passar á da Asia; assegura Lucas que os progressos não são tantos como foram para desejar, mas o adiantamento é real em inglez: Taunay declara regulares os estudos e proveitosos; Sua Magestade percebe com summa facilidade e muitas vezes resolve difficuldades acima do que se deveria esperar; segundo Mazzioti, vai ganhando força e desenvolvimento no piano, tira as lições por si. Em dança aproveitava as lições quanto se podia esperar da sua idade e do tempo quelhe sobra de outras lições.

Em 1837, informa o Marquez de Itanhaem que começou latim, em que vai bem; faz com promptidão as operações arithmeticas de inteiros, fracções e complexos, não conhecendo ainda a parte philosophica; lê, falla e escreve francez, deixando pouco a desejar; lê e traduz com pouca difficuldade, mas não escreve ainda o inglez; applica-se com vantagem á historia. Itanhaem descreve-o como «dotado de vivacidade, penetração e reminiscencia em gráo eminente».

Em 1838 dedica-se com gosto ao latim e já traduz prosa; encaminha-o na litteratura o Dr. Roque Schuch, pai do futuro barão de Capanema; mostra decidido amor pela historia e pelos assumptos heroicos.

Em 1839 começa o estudo do allemão com Roque Schuch. Araujo Vianna, nomeado mestre de litteratura e sciencias praticas, dá as informações

mais lisongeiras a seu respeito; em latim verte prosa com facilidade, compõe sem erros, traduz versos com desembaraço, mostrando predilecção por Virgilio; estuda a grammatica comparada entre o latim e o portuguez; prepara-se para o estudo philosophico da historia e da sciencia do governo; traduz bem e lê francez e inglez, escrevendo-os facilmente, adianta-se no allemão; progride na musica e no desenho; mostra firmeza e agilidade na arte da esgrima, em que é dirigido por Luiz Alves de Lima, o futuro duque de Caxias. Revela desejo de saber, docilidade e talento.

Em 1840, diz Araujo Vianna que Sua Magestade, sem deixar a lição dos classicos latinos e portuguezes, com applicação opportuna dos preceitos de Quintiliano, começa o estudo da philosophia e continúa o da historia pelo Atlas de Le Sage. As observações de que são acompanhados estes estudos, mostram a rectidão do juizo de Sua Magestade, e dão as mais lisongeiras esperanças.

Em Julho de 1840, D. Pedro II foi declarado maior, e não existem mais informações sobre seus estudos. Sabe-se, porém, que os continuou com o maior cuidado: cultivou o grego e as linguas orientaes, iniciou-se na astronomia e adiantou-se na mathematica. De seus primeiros mestres, a dous mostrou sempre o maior acatamento: a Araujo Vianna, que fez Marquez de Sapucahy e que foi visitar á hora da morte, e a Fr. Pedro de S. Marianna, seu preceptor desde 1835, que nunca mais deixou sahir do paço, cujo enterro acompanhou, e por quem todos os annos ia á Lapa ouvir uma missa, no anniversario do seu passamento.

Para terminar este periodo da vida do Imperador, damos em seguida um trecho de um relatorio da camara, em que, apezar do colorido

violento de moda nas éras regenciaes, encontra-se um quadro expressivo.

O deputado Raphael de Carvalho escrevia em Agosto de 1837:

« Os divertimentos que fazem parte de uma boa educação, são tão escassos para as pessoas imperiaes, que se não póde passar em silencio uma tão grande falta. O tanque de que fallei, onde navegava um bote, e o jogo dos cavallinhos, eis a que se reduzem os divertimentos do exercicio; o jogo das cartas e o theatrinho são os do entendimento.

« Sobre este ultimo tenho de fazer algumas observações. Este tem a capacidade necessaria e está arranjado com gosto e simplicidade; o panno deboca merece particular attenção. Este panno representa o Brazil nos seus tres estados de cathegoria. Em um porto acha-se ancorado um navio de tres mastros, muito grandes, e, se bem me lembro, sem bandeira; na praia estão em um canto alguns homens trajados affonsinamente, levantando uma grande e pesada cruz, com a qual mal podem as suas forças; ao longo da mesma praia acham-se alguns indigenas trajados marcialmente, assentados sobre montes de bananas, cajús, e ananazes, de costas viradas para tão grandes novidades. A sua postura indolente, o seu ar de estupida indifferença e o seu arreganho marcial fazem uma tal desharmonia, que se diz, ou que elles não partilham a natureza humana, ou que o pintor fez um painel de fantasia.

« Um anjo suspenso no ar tem na mão esquerda abaixada, a bandeira do Reino Unido, com a qual está fazendo foscas áquella Santa Cruz; e na direita, a bandeira imperial, conservando o braço tão levantado, que a insignia serve de ventilador á divindade.

« N'este theatrinho representam as pessoas imperiaes, e ahi se exercitam na declamação comica. Mas quanto é para lastimar que essa declamação seja na lingua franceza ! Isto parece incrivel, mas é um facto. Quem despreza a lingua nacional, é porque não conhece o valor que ella tem, é porque não tem idéas sãs de cousa alguma.

« O Imperador tem seu jardinzinho, onde se distrae algumas vezes plantando flores ; se pelo que vi tenho de julgar da assiduidade, ella é muito escassa. A Princeza Imperial não tem um jardim seu, e nem a Princeza D. Francisca, existindo n'aquelle paço um só jardim muito pequeno, mal collocado e muito pobre. A administração não deveria ter sido tão negligente a este respeito ; não ha um palacio, dos imperiaes, que tenha um jardim. »

*
* *

Quando D. Pedro II herdou o throno, o paiz inteiro era um vulcão. Seu pai abandonara-o, ou porque desejasse em theatro mais vasto realizar planos grandiosos, reunindo a Hespanha e Portugal sob a corôa de um imperio sonhado, ou porque, depois de alienar as sympathias indigenas, não soubesse congregar as tropas estrangeiras, com as quaes poderia resistir, pois a dedicação a sua pessoa internara entre ellas fundas raizes ao principio.

A sua partida desencadeou as revoltas e motins. Houve-os no Amazonas, que queria separar-se do Pará ; no Pará, no Maranhão, no Piauhy, onde as differentes raças componentes da população tendiam a affirmar-se ; no Ceará, onde Pinto Madeira levantava a bandeira de uma restauração impossivel ; em Pernambuco, na Bahia, no Rio Grande do Sul. Na capital do Imperio não fallemos : os assasinatos eram diarios, a tropa insubordinava-se por qualquer cousa, os odios de nacionalidade

estuavam com violencia, e dentro da propria nacionalidade os partidos conspiravam, atacavam-se como feras.

O progresso ia sem duvida seu caminho; porém se era real, não era visivel. A agricultura continuava na rotina; as communicações com o velho mundo eram difficeis; parte do interior segregava-se do littoral. A idéa de um Brazil forte, poderoso, unido do cerro de Roruima ao Quarahim e da ponta de Timbahú ao Javary, não encontrava adeptos. Acostumadas a vida isolada das colonias, as velhas capitanias aspiravam separar-se do grande todo e distribuir-se em pequenos grupos como a America Hespanhola.

A situação affigurava-se tão grave, que mesmo depois de tudo quanto se fizera para serenal-a os homens mais reflectidos só encontravam um remedio: violar a Constituição; dar ao menino de 15 annos o que ella só concedia ao maior de 18.

Foi tudo inutil para estorval-o; o senado repellio a idéa; repellio-a a camara; um ministro *à poigne*, Bernardo de Vasconcellos, promptificou-se a reagir, movendo as tropas, adiando as camaras.

E quando tudo parecia prompto, declarou-se a favor da maioridade a classe militar, e camara e senado, onde a idéa maioristica fôra derrotada, improvisaram-lhe a victoria, a 23 de Julho de 1840.

Antes de acompanhal-o rapidamente nos 48 annos de seu reinado, vejamos o que disse d'elle nos primeiros annos um viajante estrangeiro que percorreu o nosso paiz, publicando sobre elle um bello livro.

O principe Adalberto da Prussia, que o conheceu em Setembro de 1842, descreve-o assim:

« D. Pedro II está notavelmente adiantado em vigor mental e conhecimentos para sua idade: é de estatura pequena, um tanto corpulento, cabeça

regular, cabellos louros e feições bem feitas; seus olhos azues, expressivos, indicam seriedade e benevolencia. Embora não conte mais de dezesete annos, tem a gravidade de porte de homem maduro. Manifesta grande prazer no avanço e na acquisição de conhecimentos, e cultivou cada ramo completamente. A historia é o seu estudo predilecto, embora se interesse por varios outros assumptos, entre os quaes a botanica. O joven Soberano manifesta tambem grande talento na arte, na pintura; aqui evidencia-se o seu interesse por tudo quanto é grande e nobre, pois geralmente escolhe para assumptos de seu lapis o retrato dos grandes reis, celebrados na historia, cujo exemplo deseja emular.

« O Imperador levanta-se ás 6 horas da manhã e consagra-se aos negocios do Estado: grande parte do tempo que lhe sobra, passa-o a lêr, no que auxilia-o grandemente uma memoria excellente. Ha um nobre espirito de ambição no joven Imperador, de educar-se cada vez mais para sua posição excelsa, porém ardua, ambição que não podemos senão respeitar e admirar. Que felicidade para este bello paiz ser governado por quem conhece tão perfeitamente os deveres de sua posição, e tão seriamente deseja fazer a felicidade do seu povo! Abençoem-lhe os céos os esforços! »

A estes primeiros annos do Imperador prendem-se dous factos que interessam sua vida particular: a coroação, realisada a 8 de Julho de 1841, e seu casamento com D. Thereza Christina Maria, consummado a 4 de Julho de 1843.

O que foi esta santa Senhora, não precisamos repetil-o. Sabe-o todo o Brasil, que no golpe que ferio profundo o ex-Imperador, lembrou-se que era justa e universalmente proclamada a Mãi dos Brazileiros.

E D. Pedro II, temos certeza, menos que a perda do throno sentio a de sua leal e incomparavel companheira de existencia.

Ao ser declarada a maioridade de D. Pedro II, o governo regencial já subjugara a maior parte dos movimentos revolucionarios que convulsionavam o Brazil. As revoltas de S. Paulo e Minas que a seguiram pouca resistencia offereceram; mas a do Rio Grande do Sul, que começou em 1835, proseguia ainda com vehemencia. As amnistias por mais de uma vez decretadas não trouxeram resultado.

Foi preciso que Caxias se puzesse á frente do exercito legalista, que ao mesmo tempo revelasse força para vencer os rebeldes e benevolencia de acolher suas propostas e acceder aos seus desejos, para que cedesse a republica de Piratiny, em março de 1845. Depois de cessar a tormenta, foi Sua Magestade visitar a provincia heroica, e conseguio concilial-a e conserval-a unida lealmente.

Com a pacificação do Rio Grande do Sul poder-se-hia affirmar que encerrou-se o cyclo revolucionario no Brazil, se não fôra a revolução praieira em Pernambuco. Pouco durou, porém; desfeitas as forças adversas, condemnados os chefes do movimento, Sua Magestade não se demorou em commutar-lhes a pena e por fim perdoar-lhes. Desde então reinou a paz do Imperio de um a outro extremo.

Com o anno de 1851, começou nova éra para o Imperador e para nossa historia.

A guerra contra o sul indubitavelmente foi de maior importancia para nossos visinhos, pois libertou o Uruguay dos ataques de Oribe, e a Argentina do dominio ominoso de Rosas, do que para nós, que n'ella empenhámos poucas forças, e pouco nos demoramos.

Mas no interior os progressos foram grandes. Graças á energia de Euzebio, cessou o trafico, e os grandes capitaes que a sua suppressão deixava disponiveis, puderam entrar na circulação normal, e encontrou-se um homem, o Barão do Mauá, que ficou á altura da situação. O Rio de Janeiro perdeu desde esta época sua feição de cabeça de colonia; operou-se a ligação a vapor com a Europa; desenvolveu-se a navegação interna; e muitas reformas se realizaram. Dous ministros representaram o pensamento imperial: Paraná, que animou as artes, e promovendo as eleições por provincia, desthronou muitas das influencias separatistas e dos representantes dos sentimentos antigos e poderosos, contribuindo assim para tornar mais profunda a união nacional, embora em sua fórma exterior, — a centralisação; Bom Retiro, que reformou o ensino, tentou, embora com grande infelicidade, a exploração scientifica do paiz, e encarregou de estudar e colher documentos para nossa historia a homens como Gonçalves Dias e João Francisco Lisboa. N'esta década, planejaram-se e começaram a ser executadas as primeiras estradas de ferro de nossa patria. O Imperador visitou grande parte das provincias do Norte, onde foi acolhido com o maior enthusiasmo, e deixou profundas dedicações.

A partir de 1861, mais que nunca se identifica a historia do Brazil com a de D. Pedro. Na questão Christie elle encarnou a honra nacional; na guerra contra o Uruguay, conquistou um pouco de paz para aquella republica irrequieta, que em outro tempo marchava sob a nossa bandeira; na do Paraguay, continuando as tradições que a um seculo constituem o patrimonio da America, e que herdámos de Franklin e Washington, arrancou o sceptro ao ultimo tyranno que envergonhava o nosso continente, e mostrou-se um grande americano.

A' distancia póde-se fallar mal da guerra contra o Paraguay, estranhar que durasse tanto, suggerir que foi util exclusivamente aos nossos vizinhos e quiçá nossos inimigos ; transformal-a no aniquilamento de uma nação por causa de um homem. Não o fará, porém, quem se lembrar da violencia com que repellimos o insulto que nos foi atirado, do enthusiasmo com que marchámos contra o inimigo, da emoção que acolhia de um extremo a outro da patria todas as victorias que colhiamos. Foi uma grande força inspiradora aquella campanha de cinco annos. Ainda hoje nos conserva : deixa confusos os estrangeiros malevolos e myopes, que não comprehendem revoluções sem sangue.

Ainda não terminara a guerra, e já um grande problema occupava o espirito de D. Pedro: a abolição da escravidão. Propol-o Zacharias, afastou-o Itaborahy, palpou-o S. Vicente, promoveu-lhe a primeira solução Rio Branco. A solução definitiva deu-se depois, quando ainda vivia o grande Brazileiro, e foi o remedio mais efficaz na luta que travou em Milão contra a morte e da qual sahio vencedor.

Estava terminada a obra de D. Pedro e da monarchia : o Brazil unido e sem escravos.

Não fallaremos da revolução que o derribou. Houve o 15 de Novembro que todos conhecem, e o que só a historia conhecerá porque os documentos são poucos ainda e só depois de 4 de Novembro d'este anno chegámos a posição em que se póde começar a entrevel-o. D. Pedro não recriminou contra nem um dos dous, nem nós o faremos. Mas quem comparar o que se dava nos tempos em que seu espirito claro e sua consciencia moral dominavam a situação, com o que se vio depois, ha de dizer que o *Alagoas* não levou só para a Europa os membros de uma familia e os representantes de

uma instituição, que aliás já não tinha razão de ser, e, até onde póde alcançar a providencia humana, nunca mais brotará entre nós.

(Da *Gazeta de Noticias*).

PERFIL DE D. PEDRO

Que nos deixou D. Pedro á 15 de Novembro?

Tres guerras externas, em que tres paizes irmãos foram livres de tyrannos que os espoliavam, tratados com cinco nações que garantem a nossa integridade territorial na maior parte de sua extensão; communicações com a Europa tão frequentes, que o Brazil já se vai integrando na occidentalidade, e uma idéa apenas semeada além, arborece e frutifica em nosso clima quente: centenas de kilometros de estradas de ferro sulcando o sólo; milhares de kilometros telegraphicos conjugando Belém a Palmas e Uruguayana; escolas publicas, faculdades superiores, imprensa livre, commercio prospero, litteratura progressiva, movimento scientifico incipiente, credito firme, novas industrias, soluções mais ou menos satisfactorias de crises agudas.

Sem duvida nem tudo se deve a elle. Exactamente porque o Brazil estava atrazado, muita cousa tornou-se exequivel, facil espontaneamente. Mas no que elle podia influir, nunca deixou de fazel-o, e desde que a 24 de Julho de 1840 organisou seu primeiro ministerio, até deixar em Novembro de 1889 o trigesimo quinto de sua larga administração, nem um facto houve importante para que não contribuisse, que muitas vezes não antecipasse.

Governar um paiz europeu, em que a historia é conhecida e avultam a geographia e a estatistica, embora difficil, não se póde considerar inexequivel.

Mas governar o Brazil, sem historia investigada, e talvez sem historia aproveitavel, porque cada dia do seculo XIX assignala uma revolução que rompe com todos os precedentes e os inutilisa ; governar um paiz em que a primeira tentativa de estatistica, feita a uns trinta annos, quasi generalisou uma rebellião, e a provocaria se o governo não houvesse recuado a tempo ; governar esta mole confusa, infusa, heterogenea, incoherente, onde nem uma luz esclarece e nem um fio conduz, é tão difficil, que poucas pessoas podem comprehender adequadamente em que consiste a tarefa e a difficuldade.

Durante 49 annos elle governou o Brazil. A posteridade dirá o que elle fez, se o seu systema era bom ou se era o melhor.

Sem bussola que o guiasse, difficilmente poderia nortear-se por plano completo de governo, e não cremos que o fizesse. Mas a sua grande superioridade assenta exactamente n'isto : foi o homem dos detalhes. Como não podia restaurar de uma feita o edificio, reparava-o a cada instante. Trabalho insano, ante o qual nunca esmoreceu.

Havia um concurso ? Lá ia elle seguir todas as provas, impôr a seriedade a consciencias que nem sempre a davam de si, colher dados para uma opinião que nem um sentimento egoista viciava.

Sabia de qualquer injustiça ? Procurava informar-se e tratava de reparar quanto competia em suas forças.

Sem as feições medievaes, póde-se bem dizer que tinha muito de um seu antepassado, Pedro o Justiceiro.

Entre nós, não raro formam-se commanditas que, sob apparencia de hostilidade, exploram juntos uma presa facil. O Imperador podia não percebel-as ; mas se por qualquer casualidade chegava ao conhecimento d'ellas, não hesitava em nome do

principio inviolavel que representava e da posição de que o investiam as leis, declarava-lhes guerra e vencia-as.

Por isso no espirito popular era a incarnação da justiça. Ninguem nutria duvidas sobre sua rectidão. Mesmo quando, coagido pelo systema de cunhas, escolhia o refugo das listas senatoriaes, eram raros os que o estranhavam. Dizia-se que era melhor escolher uma nullidade para legislar permanentemente, do que soffrer a pressão de politicões de vistas tacanhas.

Uma das consequencias de sua politica de detalhes foi tornal-o excessivameute pessimista : póde dizer-se que de sua vida passou metade a procurar um homem, metade a reconhecer que o homem que encontrara não era o que esperava e concebia. Caracteristico d'esta tendencia é que a pessoa de quem foi ou quiz mostrar-se maior amigo, o Visconde de Bom Retiro desde que insinuou-se na intimidade augusta, nunca mais quiz ser ministro e quasi deixou de ser senador, pois no grande numero de casos seu voto era symbolico.

Não teve, pois, validos. Os que lhe attribuiam mostrava o pouco caso em que os tinha, fazendo-os portadores de pasta e até presidentes de conselho.

Não menos que pessimista, era elle um realista. Não havia quem o aterrorisasse e a quem elle considerasse incompativel. A um que rugia como os pampeiros, açaimou appellidando-o homem de caracter. Outro que arvorava o barrete phrygio, colheu pasta, curul, embaixada. Só havia uma classe que atirava de si com desdem : a dos nullos. E como a sua escolha era despreoccupada ! qualquer que fosse o genero de merecimento, reconhecia-o, acolhia-o, favoneava-o. Talvez seja o melhor juizo de seu reinado, affirmar-se que fez o bem que pôde, e não fez o mal que podia.

Que diremos do homem ?

A julgar pela fundação mallograda do Anjo Custodio, de que occupou-se nos primeiros annos de seu governo, o idéal que mirava era a magnificencia : o impulso que levou seu avoengo D. João V a cobrir Portugal de monumentos, agitava-se-lhe ainda no sangue.

Mais tarde, seu desejo foi fazer de seu reinado uma especie de seculo de Pericles ou Leão X. E como, segundo a rhetorica do tempo, a tragedia e a epopéa eram as fórmas superiores da arte, n'ellas tiveram de empregar-se todos os que gravitavam em torno d'elle.

Mais tarde ainda, quando a presidencia assidua do Instituto Historico pol-o em contacto com os cultores da sciencia, attrahio-o o movimento scientifico. Foi esta a expressão final de sua intelligencia mathematica, sciencias naturaes, linguistica, ethnographia, tudo o chamava, tudo o occupava. Se em nem uma attingio, pelo que sabemos a eminencia, em todas andava admiravelmente informado de todos os progressos. Era provavelmente o homem mais erudito do Brazil.

As suas qualidades pessoaes escusam enumeração : a sua accessibilidade em contraste com o inaccessivel dos ministros ; a sua affabilidade que permittia a todos expôr as suas queixas e lhe facultava penetrar assim no coração do povo mais fundo que ninguem ; a sua curiosidade invencivel que o levava a procurar Victor Hugo ; o seu desprendimento de fortuna, que o fazia despender toda a lista civil com outros, ficando apenas com as migalhas... tudo isto e o mais que poderemos enumerar, está ainda vivo na memoria de todos.

Póde-se dizer que foi o ultimo dos reis, porque, em seculo utilitario como o nosso, elle teve esta

singularidade: nunca soube o que era dinheiro. Quantos homens em nosso tempo são capazes de tamanho heroismo?

Qualquer que seja a critica, se D. Pedro II, o Imperador, fôr lesado, D. Pedro de Alcantara o individuo, ficará illeso.

Dizia o Imperador Nicoláu da Russia, que na vasta extensão de suas terras dois homens haviam honestos: elle e o seu filho, que havia de succeder-lhe.

De D. Pedro II dirá a historia, que no Brazil elle pelo menos era honesto.

(Da *Gazeta de Noticias*).

O IMPERADOR DO BRAZIL (7)

Em 1877, D. Pedro de Alcantara Imperador do Brazil, visitava pela segunda vez a França. Tinha elle o mais vivo desejo de vêr Victor Hugo, o que deu logar a incidentes curiosos.

Como Luiz XIV, o Imperador lastimava a alta posição que o prendia, e sentia que certas regras da etiqueta viessem contrariar-lhe o desejo.

Por intermedio da legação brazileira, tinha elle mandado perguntar a Victor Hugo, se o poeta visital-o-hia, e o poeta respondeu que não visitava ninguem. O Imperador mandou de novo perguntar ao poeta se poderia encontrar-se com elle em algum logar, para lhe ser apresentado.

Victor Hugo respondeu que na sexta-feira seguinte iria a Versailles e que, se o Imperador do Brazil quizesse ir até lá, elle esperal-o-hia n'um gabinete do senado. Assim ficou marcada a entrevista

(7) Do livro *Victor Hugo chez lui*.

para esse terreno neutro. N'isto houve o successo de 16 de Maio, e o encontro do Imperador e de Victor Hugo, que devia ter logar na sexta-feira 18, não se deu...

Então D. Pedro rompeu com toda a etiqueta e mandou simplesmente pedir ao poeta o favor de receber, em sua casa, o visitante, que apresentar-se-hia sósinho, sem camaristas nem mestre de ceremonias.

Na terça-feira 22 de Maio, ás 9 horas da manhã, entrava o Imperador do Brazil em casa de Victor Hugo. Ao comprimentar o poeta, elle disse estas palavras, que a historia deveria recolher: « Sr. Victor Hugo, me anime, eu sou um pouco timido».

Victor Hugo fêl-o entrar para a sala e sentar-se ao lado d'elle

« — Sentando-me ao lado de Victor Hugo, disse então o Imperador, cuido pela primeira vez que estou n'um throno.»

Depois, esses dous homens, a força e a grandeza, o poder e o genio, puzeram-se a conversar.

D. Pedro mostrou-se tal qual era, um amigo da França, da luz e do progresso; e, referindo-se aos outros soberanos, disse a Victor Hugo: « Não queira muito mal a meus collegas; elles vivem tão rodeados, tão imbaidos e enganados, que não pódem ter as nossas idéas.»

E Victor Hugo respondeu-lhe: «—Sois unico.»
— Felizmente.

*
* *

Pouco tempo antes tinha Victor Hugo publicado *L'Art d'être grand-père*. Depois de exprimir ao poeta a sua admiração, e de repetir-lhe versos d'esse delicioso livro, D. Pedro pedio ao mestre o obsequio de ser apresentado a Mlle. Jeanne.

Victor Hugo mandou chamar os netos...

— Jeanne, disse o poeta, apresento-te o Imperador do Brazil.

— Quer dar-me um beijo, minha menina? disse D. Pedro.

E como Jeanne lhe apresentasse a fronte:

— Dá-me tambem um abraço, continuou elle.

— Então, passando-lhe os braços em roda do pescoço, Mlle Jeanne apertou-o com tanta força, que Victor Hugo disse-lhe a rir:

Então queres acaso dar-te ao luxo de estrangular um Imperador?

— Senhor, proseguio o mestre, tenho a honra de apresentar o meu neto Jorge á Vossa Magestade.

E o Imperador, voltando-se para Jorge e alisando-lhe os bellos cabellos negros:

— Meu filho, disse, aqui não ha mais que uma magestade (mostrando Victor Hugo), eil-a.

*
* *

Victor Hugo offereceu *L'Art d'être grand-père* ao Imperador.

— O que vai escrever na primeira pagina? perguntou este.

— Vosso nome e o meu.

— E' o que eu ia pedir...

E Victor Hugo escreveu: «A D. Pedro de Alcantara, Victor Hugo.»

Depois do que, continuou a palestra.

— O senhor me preoccupa muito, disse o Imperador ao poeta. A cada instante pergunto-me a mim: «Que estará fazendo Victor Hugo a esta hora? Eu quizera saber como emprega o seu dia.»

O poeta contou-lhe então a sua vida, que acordava cedo e quanto trabalhava todos os dias.

« Depois de almoçar, por volta de uma hora da tarde, eu saio, accrescentou o poeta sorrindo, e faço uma cousa que o senhor não poderia fazer! — trepo nos omnibus.

— Porque não, objectou o Imperador, é uma cousa que me convinha perfeitamente, *a imperial*!

* * *

O poeta perguntou a D. Pedro se elle não tinha receio de deixar o seu Imperio por tanto tempo.

- Não, repondeu o Imperador, os negocios fazem-se muito bem na minha ausencia; ha na minha terra tantas pessoas que valem tanto ou mais do que eu...

« Eu aqui não perco o meu tempo, accrescentou elle. Reino sobre um povo joven, e para esclarecel-o, tornal-o melhor, fazel-o marchar para a frente é que eu uso de meus direitos...»

E, corrigindo-se:

« Perdão, eu não tenho direitos, quero dizer, o poder que me coube pelos acasos da fortuna e do nascimento. »

Proferindo estas palavras, disse-lhe Victor Hugo:

« — Senhor, sois um grande cidadão; sois o neto de Marco Aurelio! »

Era meio-dia quando o Imperador e o poeta despediram-se, e dias depois, o *neto de Marco Aurelio* vinha ainda como simples cidadão sentar-se á mesa do poeta.

GUSTAVE RIVET.

(Da *Gazeta de Noticias*).

FÉ DE OFFICIO

Creio em Deus.

Fez-me a reflexão sempre conciliar as suas qualidades infinitas : Previdencia, Omnisciencia e Misericordia.

Possuo o sentimento religioso : innato ao homem, é despertado pela contemplação da natureza.

Sempre tive fé e acreditei nos dogmas.

O que sei, devo-o sobretudo, á pertinacia.

Reconheço que sou muito somenos no que é relativo aos dotes da imaginação, que posso bem apreciar nos outros.

Muito me preoccuparam as leis sociaes ; e não sou o mais competente para dizer a parte que de continuo tomei em seu estudo e applicação.

Sobremaneira me interessei pelas questões economicas, estudando com todo o cuidado as pautas das alfandegas, no sentido de proteger industrias naturaes até o periodo do seu prospero desenvolvimento.

Invariavelmente propendi para a instrucção livre, havendo sómente inspecção do Estado quanto a moral e á hygiene, devendo pertencer a parte religiosa ás familias e aos ministros das diversas religiões.

Pensei tambem no estabelecimento de duas universidades, uma no norte e outra no sul, com as faculdades e institutos necessarios, e, portanto, apropriadas ás differentes regiões, sendo o provimento das cadeiras por meio de concurso.

Igreja livre, no Estado livre ; mas isso quando a instrucção do povo pudesse aproveitar de taes instituições.

Estudei com cuidado o que era relativo á moeda corrente e se prendia á questão dos bancos.

Quanto a legislação sobre privilegios, oppuz-me aos que se ligam a propriedade litteraria, sustentando assim as opiniões de Alexandre Herculano, antes que elle as tivesse manifestado.

Cautelosa e insistentemente estudei questões de immigração sobre a base da propriedade e o aproveitamento das terras, explorações para o conhecimento das riquezas naturaes, navegações de rios e differentes vias de communicação. Pensava na installação de um observatorio astronomico, moldado nos mais modernos estabelecimentos d'esse genero. Segundo minhas previsões e estudos, poderia ser superior ao de Nice.

Cogitei sempre em todos os melhoramentos para o exercito e a marinha afim de que estivessemos preparados para qualquer eventualidade. Embora contrario ás guerras, buscava assim evital-as.

Preoccupavam-me seriamente os estudos de hygiene publica e particular, de modo a nos livrar das epidemias; e isso sem grande vexame para as populações.

Acompanhava-me sempre a idéa de ver o Brazil, que me é tão caro, o meu Brazil, sem ignorancia, sem falsa religião, sem vicios e sem distancias.

Para mim o homem devia ser regenerado e não supprimido; e por isso muito estudava a penalidade, tomando grande parte no que se fez relativamente a prisões, e pensando todas as questões modernas que tendiam a seu melhoramento.

Procurei abolir a pena capital, tendo-se encarregado o Visconde de Ouro Preto de apresentar ás Camaras um projecto para a abolição legal da mesma pena.

Pacientemente compulsava todos os processos para a commutação da pena ultima: quando não encontrava base para isso guardava-os, sendo a incerteza já uma pena gravissima para os réos.

Muito me esforcei pela liberdade das eleições e como medida provisoria pugnei pela representação obrigada do terço; preferindo a representação uninominal de circulos bem divididos, pois o systema, ainda por ora impraticavel, deve ser o da maioria de todos os votantes de uma nação.

Conselho de Estado, organisado o mais possivel como o de França, reformando a Constituição para que pudesse haver direito administrativo contencioso.

Provimento de 1º logar da magistratura por concurso perante tribunal judiciario para formar lista dos mais habilitados, onde o governo pudesse escolher e concurso tambem para os logares da administração, categorias de presidencias para que se propuzessem os que deviam regel-as, conforme a importancia de cada uma.

Trabalhei muito para só votar quem soubesse ler e escrever, o que suppõe riqueza moral e intellectual, isto é, o melhor, sempre procurei não sacrificar a administração e politica.

Cogitava na construcção de palacios para os ramos legislativo e judiciario e para a administração, para a Bibliotheca e exposições especiaes, para conferencias publicas.

Nunca me descuidei da sorte physica do povo, sobretudo em relações a habitações sulubres e a preço commodo e a sua alimentação.

Nunca deixei de estudar um só projecto, discutindo com os seus autores e procurando esclarecer-me.

O meu dia era todo occupado no serviço publico e jámais deixei de ouvir e fallar a quem quer que fosse.

Lia todas as folhas e jornaes da Capital e alguns das provincias, para tudo conhecer por mim quanto possivel, e mandava fazer e fazia extractos

nos das provincias dos factos mais importantes que as ligavam á administração com a idéa constante de justiça a todos. Assistia a todos os actos publicos para poder ver e julgar por mim mesmo. E no estremo gostei do theatro dramatico e lyrico, cogitando sem cessar na idéa de um theatro nacional.

Nunca me esqueci da Academia das Bellas Artes, pintura, esculptura, dezenho e gravura e fiz o que pude pelo Lycêo de Artes e Officios.

Desejava estabelecer maior numero de dioceses conforme comportasse o territorio, assim como differentes seminarios.

Sempre me interessei pelas expedições scientificas, desde a do Ceará, que publicou trabalhos interessantes, lembrando-me agora dade Agassiz e de algumas que illustraram nossos patricios no continente Europeu. Presidia ultimamente a commissão encarregada do codigo civil e esperava que em pouco tempo apresentasse este trabalho digno do Brazil.

Pensava na organisação de um instituto scientifico e litterario, como o da França, utilisando para isso alguns estabelecimentos de instrucção superior que já possuimos, e para isso encarreguei o Dr. Silva Costa e outros de formarem projecto de estatutos.

Sempre procurei animar palestras, sessões, conferencias scientificas, litterarias, interesando-me muito pelo desenvolvimento do Museo Nacional. O que ahi fez o Dr. Couty tornou este estabelecimento conhecido na Europa; muitos dos trabalhos do musêo são hoje citados e applaudidos.

Preoccuparam-me as escolas praticas de agricultura e zootechnia. Dei toda a attenção ás vias de communicação de todas as especies no Brazil, tinha feito, além de outros, estudo especial dos trabalhos do celebre engenheiro Haukshaw relativos aos melhoramentos da barra do Rio Grande do Sul.

Do mesmo modo, tudo quanto se referia a estabelecer a circulação do Brazil por agua desde o Amazonas até ao Prata e d'ahi ao S. Francisco, da foz para o interior, ligando-se por estradas de ferro a região dos Andes ás bacias do Prata e Amazonas.

Oxalá pudesse a navegação por balões aerostaticos tudo dispensar e, elevando-se bem alto, assim como a submarina aprofundando-se bastante, nos livrassem ambos das tempestades.

São porém devaneios...

Nas preoccupações scientificas e no constante estudo é que acho consolo e me preservo das tempestades moraes.

D. PEDRO DE ALCANTARA.

Cannes, 23 de Abril de 1891.

(Da *Gazeta de Noticias*).

D. PEDRO DE ALCANTARA

Depois de longos e crueis padecimentos, falleceu hontem na Europa, o Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil.

A noticia que o telegrapho transmittio-nos foi recebida geralmente com pezar pela população d'esta Capital, que deu logo provas de seu affecto pelo illustre morto, cerrando, parte do commercio as suas portas, assim como alguns bancos, jornaes e associações diversas.

Não ha duvida alguma que o Sr. D. Pedro de Alcantara, como cidadão e como brazileiro — soube fazer-se amado, attrahindo para si, pela delicadeza de seu trato e pureza dos seus sentimentos, a todos quantos não se envolviam nos meandros

da politica partidaria e não podiam sentir os effeitos de sua habilidade machiavelica.

Possuidor de um talento privilegiado e de uma illustração, pouco commum, entre os principes, o ex-Imperador soube fazer-se respeitado no estrangeiro, onde um grande numero de seus admiradores — o proclamaram sabio. D'ahi essa aureola, em grande parte merecida, que cerca o seu nome honrado, como homem e como rei.

Em todo o seu longo reinado de meio seculo não se encontra um só facto que manche a sua reputação de Chefe de Estado, nem que tisne a sua probidade administrativa. D'ahi o respeito e veneração dos brazileiros pela sua pessoa, pelo cidadão, sómente.

Mas, fóra da estreiteza da vida domestica, da vida intima, não se encontra em todo o seu reinado um só rasgo de verdadeira abnegação, um só rasgo verdadeiramente patriotico, da parte do ex-Imperador, além da sua ida ao sul do paiz, quando os paraguayos invadiram as nossas fronteiras.

N'essa occasião o Sr. D. Pedro de Alcantara, impulsionado por um sentimento verdadeiramente patriotico, resistio com toda a força e com todo o enthusiasmo ás exigencias dos seus ministros, que não queriam consentir em sua partida. Mas até ahi e d'ahi até 15 de Novembro de 1889, não nos consta que a historia tenha inscripto um facto só que possa enaltecer o nome do ex-Imperador. Ao contrario, muitos são aquelles que demonstram a maleabilidade do seu caracter affeito a caminhar e a recuar ao mesmo tempo.

E' mui recente ainda a nossa entrada na vida politica; mas ainda assim, o que conhecemos do Sr. D. Pedro de Alcantara nos autorisa a respeitar o seu nome como brazileiro, mas nunca a veneral-o como homem de estado.

Nos fastos gloriosos da nossa historia não se encontra uma só pagina destinada aos seus triumphos como estadista, e se lá está inscripto o nome do venerando morto, não o é, por certo,como rei, mas como patriota.

O ex-Imperador não sabia arrostar difficuldades, conquistando terreno palmo a palmo, quer por actos de habilidade politica, quer por actos de energia pessoal; e então, quando os impecilios se lhe apresentavam, ao envez de os remover geitosamente, procurando com elles ferir os seus adversarios, elle o Sr. D. Pedro de Alcantara humilhava-os, estragava-os —corrompendo-os, ora fazendo consules, ora nomeando ministros, como os Srs. Lafayette e Ferreira Vianna.

Em vez de aproveitar a sua grande intelligencia, preparando os homens para o governo, o ex-Imperador armava-se da corrupção para conquistar os transfugas. D'ahi o legado que nos deixou : um paiz estragado, fraco e corrompido, quando nos podia legar uma patria grande e poderosa pela immensidade de nossa riqueza e vastidão do nosso territorio, altiva — pelo brio e valor de seus filhos, tantas vezes demonstrados nos campos de batalha, independente e respeitada — pela diversificação do nosso clima e intelligencia dos nossos compatriotas.

Intelligente e querido, o Sr. D. Pedro de Alcantara foi o senhor absoluto d'este paiz durante o seu reinado. Mas qual é o facto notavel d'esses cincoenta annos que se foram?

A escravidão ?

Ella é uma prova de sua politica machiavelica.

Todos conhecem a historia da lei de 28 de Setembro de 1871 e ninguem ignora essa outra historia do pacto entre Sua Magestade e o ministerio

6 de Junho, rompido pelo ex-imperador, que, depois de ter avançado para a liberdade— recuou para a escravidão.

Feita a revolução de 13 de Maio de 1888, em sua ausencia o Sr. D. Pedro de Alcantara, chegou a tempo da Europa para negar seis vezes a demissão pedida pelo gabinete 10 de Março, depois de haver, directa ou indirectamente, assegurado ao presidente do conselho a dissolução da Camara.

Estes actos indicam a falta de firmeza que o ex-Imperador tinha em suas resoluções e que prejudicava grandemente a boa marcha dos negocios publicos.

Entretanto, pelo prestigio do seu nome, pela clareza de sua intelligencia, pela força de que dispunha, tudo podia ter feito pelo Brazil, si tivesse querido, porque Sua Magestade reunia em si todos os poderes, e contra a Constituição— reinava, governava e administrava— tudo sem responsabilidade! E tanto isto era assim, que, se porventura algum ministro resistia a sua vontade, a excommunhão era immediata. Não sabia perdoar e uma vez marcado um nome qualquer com o seu lapis fatidico, podia-se escrever— era um homem morto, e d'isto ha innumeras provas, principalmente nas nossas academias.

Nós conhecemos um caso da Escola Polytechnica, que confirma categoricamente esta proposição.

Depois de um concurso, ao qual compareceram quatro candidatos, que foram approvados e classificados em ordem de merecimento, sob proposta da congregação, levados tres dos nomes á consideração do governo, o ex-Imperador pensou em alterar a ordem da escola, e, como as vagas a preencher eram tres, elle queria que os dois ultimos da lista fossem os nomeados cathedraticos e o classificado em primeiro logar, substituto.

O candidato que tinha sido classificado em quarto logar, sabendo da proposta do rei ao ministerio, correu aos membros d'este para protestar, declarando que não acceitaria a nomeação para lente, porque á congregação competia julgar os candidatos e não ao governo.

Caso virgem talvez na historia dos candidatos, foi muito commentado nas rodas escolares, merecendo enthusiasmo da parte do ministro do imperio de então, que para satisfazer o candidato que se contentava com o logar de substituto, e não queria acceitar a cadeira de cathedratico, sustentou com firmeza a proposta da congregação.

D. Pedro assignou os decretos no terceiro despacho depois de muita reluctancia, mas tanto o ministro como o professor que impedio a tal alteração, foram inscriptos no livro negro, e d'ahi o não ter sido nomeado, como lhe competia, na qualidade de substituto e de accôrdo com o regulamento da escola, lente da cadeira da qual era substituto e a que tinha direito, por lei, havia sete annos!

E' certo que houve ministros que oppuzessem a sua vontade á do ex-Imperador, mas elles quando sahiam do governo maldiziam a propria sorte, como aconteceu com Euzebio de Queiroz, Zacharias de Vasconcellos e outros.

O Sr. D. Pedro de Alcantara possuia qualidades inapreciaveis para Chefe de Estado e que o tornavam amado dos seus concidadãos, mas tambem havia alguma cousa que tisnava os seus merecimentos de Rei e eram essas pequenas vinganças que enfraqueciam a sua superioridade incontestavel.

Não fôra o seu machiavelismo e as suas dubiedades, que nenhum outro Rei seria mais notavel do que o Sr. D. Pedro de Alcantara. Elle,

porém, não quiz ser o que deveria ter sido, e d'ahi o seu descahimento como rei, para ser sómente grande como homem.

Immaculado em sua probidade, puro em seus sentimentos e sincero em seu patriotismo, D. Pedro foi um grande cidadão e um patriota eminente. E a prova está em sua attitude depois do seu banimento, conservando-se silencioso e sempre amigo do Brazil.

Para nós D. Pedro de Alcantara foi o inverso de Luiz XI : pessimo rei e grande cidadão.

(Do *Diario de Noticias*).

O SR. D. PEDRO ALCANTARA

O telegrapho acaba de transmittir-nos a noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil.

O desenlace funesto dos longos padecimentos do illustre Brazileiro que regeu os destinos d'esta nação estava na previsão de todos os espiritos, mas nem por isso será menos sincero o sentimento do pezar despertado pela sua morte.

O simples facto de haver estado hontem a bandeira da republica a meia haste em tantos edificios e o de se haverem cerrado as portas de quasi todo o commercio, prova que o ex-Soberano do Brazil era, como homem, justamente estimado pelas suas nobres qualidades pessoaes.

Diante do sarcophago que vai receber o despojo mortal d'aquelle que foi o Imperador do Brazil, um só sentimento podemos nutrir e manifestar — o da mais respeitosa homenagem ás virtudes privadas que ornaram o caracter do homem que acaba de desapparecer d'entre os vivos.

Não nos propomos escrever a biographia do Sr. D. Pedro de Alcantara, nem este é o momento opportuno para fazer a critica dos actos realizados durante o seu longo reinado, sob a inspiração do seu criterio pessoal e sob a direcção exclusiva da sua vontade.

A historia da sua vida está enlaçada com a historia do nosso paiz no largo periodo de quasi meio seculo, e difficilmente se poderia separar uma da outra.

Ora, esse periodo abrange a evolução da sociedade brazileira na formação da nossa nacionalidade e no modelamento das instituições creadas pelo nuto imperioso e arbitrario do fundador do Imperio e da dynastia por elle imposta ao Brazil.

***

O Sr. D. Pedro de Alcantara, filho do fundador do Imperio, D. Pedro I, e da Imperatriz D. Carolina Leopoldina, nasceu a 2 de Dezembro de 1825 e foi baptisado a 9 d'esse mesmo mez e anno.

O periodo em que veio á luz o herdeiro da nascente monarchia não podia ser politicamente mais tormentoso.

O primeiro Imperador divorciara-se dos elementos liberaes e sãos que haviam propiciado a sua elevação ao throno, e ingrata e rudemente se havia lançado na carreira da reacção violenta e tyrannica.

Inaugurando franca e ousadamente o regimen da autocracia, dissolveu violentamente e á mão armada a Assembléa Constituinte por elle proprio convocada para o fim de dotar a Nação Brazileira com a sua Constituição Politica.

Este acto de prepotencia e arrogancia provocara a revolução de Pernambuco e a consequente separação de algumas provincias do norte do

Brazil, que se congregaram em uma confederação e proclamaram ao mesmo tempo a sua separação e a sua constituição como estados independentes sob a fórma republicana e sob o titulo de Confederação do Equador.

Essa revolução foi suffocada em sangue pela preponderancia das forças imperialistas mandadas para debellar a revolta das provincias unidas, e os actos posteriores de reacção e vingança, pela creação das celebres commissões militares e a execução summaria de varios patriotas illustres e de alguns estrangeiros que adheriram directa ou indirectamente á causa liberal, abalaram profundamente a consciencia nacional e despopularisaram o principe, alienando-lhe a estima e a confiança de todos os bons brazileiros.

Para aggravação das difficuldades internas, sobreveiu no anno de 1825 a sublevação da Provincia Cisplatina, incorporada ao Imperio e supprimida á autoridade da monarchia portugueza, effectuando os patriotas orientaes a legendaria invasão do territorio d'essa provincia, invasão que, após alguns encontros sangrentos, todos desvantajosos para as armas imperiaes, provocou a guerra entre o Brazil e as Provincias Unidas do Rio da Prata.

*
* *

O fallecido ex-Imperador D. Pedro de Alcantara nasceu no mesmo mez em que foi declarada a guerra ás referidas provincias pelo celebre manifesto de 10 de Dezembro do anno de 1825.

Foi n'este mesmo anno que, após alguns episodios pouco decorosos, foi finalmente reconhecida por Portugal, a instancias do governo inglez, a

independencia do Brazil, firmada e reconhecida pela convenção de 29 de Agosto.

Pouco tempo depois occorreram os seguintes importantes successos: a viagem de D. Pedro I a Bahia, d'onde regressou precipitadamente: a morte de D. João VI; a abdicação da corôa portugueza por parte de D. Pedro na cabeça de sua filha D. Maria da Gloria; a reunião da primeira assembléa legislativa do Imperio do Brazil; a viagem do Imperador ao sul, afim de activar as operações da guerra e levantar o moral das tropas abatidas por frequentes revézes; a morte da Imperatriz D. Leopoldina, mãi do augusto infante, que assim ficou orphão dos carinhos maternos na tenra idade de um anno e poucos dias; o regresso precipitado de D. Pedro I a capital do seu Imperio, sem nada haver adiantado com relação a guerra do sul; o desastre da força naval do Imperio em operações no Rio da Prata e, finalmente, a derrota do exercito imperial nos campos de Ituzaingo.

Desde então, começou a eclipsar-se a estrella do primeiro Imperador, e o anno de 1828 foi para elle um anno de successivas amarguras.

No Rio de Janeiro sublevaram-se as tropas estrangeiras engajadas pelo governo; pouco depois chegou a esquadra franceza que veiu reclamar em som de guerra contra o apresamento, no Rio da Prata, de alguns navios francezes pela esquadra brazileira em operações contra os estados do Prata; finalmente, foi o Imperador obrigado a submetter-se á lei dos vencidos, assignando o tratado preliminar de paz, pelo qual teve de reconhecer a independencia da antiga Provincia Cisplatina, elevada á categoria de estado americano.

Perturbado simultaneamente pelos eventos do Brazil e de Portugal, d'onde teve de regressar a princeza sua filha, mais tarde a Rainha D. Maria II

por achar o seu throno *usurpado* (?) por D. Miguel, seu proprio tio, o Imperador Pedro I encontrou-se no anno de 1829 nas mais apertadas conjecturas.

Foi n'esse mesmo anno que o Imperador contrahio segundas nupcias com a Princeza D. Amelia, duqueza de Leuchtemberg.

*
* *

Desde o dia do seu novo enlace matrimonial póde-se dizer que o Imperador D. Pedro I não teve um momento de tranquillidade.

Os desgostos, os resentimentos e as convulsões politicas foram pronunciando-se de modo ameaçador.

O Imperador partio para a provincia de Minas Geraes a 22 de Fevereiro de 1831, mas a recepção que encontrou foi tal que teve de regressar precipitadamente, accentuando-se então o movimento revolucionario, que determinou a sua abdicação e consequente retirada do Brazil a 7 de Abril de 1831.

*
* *

Tinha o Sr. D. Pedro de Alcantara n'essa época pouco mais de cinco annos de idade, tendo ficado entregue por seu pai ao veneravel paulista José Bonifacio de Andrada e Silva, na qualidade de seu tutor.

Abrio-se então o periodo regencial, periodo tormentoso, quanto aos eventos politicos que abalaram a Nação, ainda mal affirmada na sua integridade e autonomia, mas periodo admiravel pelo patriotismo de que deu prova a geração politica d'esse tempo, e pela generosidade, sem exemplo, com que o povo brazileiro deixou consolidar o throno do joven herdeiro da monarchia.

Como não escrevemos a historia da fundação do Imperio, não nos é permittido fazer n'esta resenha a critica dos acontecimentos; mas simplesmente englobar os successos que rodearam o berço do segundo reinado e propiciaram a acclamação d'aquelle que até 15 de Novembro de 1889 imperou sobre o Brazil e cuja longevidade politica encherá uma grande parte da nossa historia nacional.

Desde 1831 até 1840, a vida social e politica da Nação foi agitada por varias convulsões revolulucionarias, protestos isolados, mas não menos eloquentes por isso, dos patriotas illudidos na sua aspiração e desencantados do regimen monarchico pela triste e dura experiencia do primeiro reinado.

Prevaleceu, porém, no espirito dos proprios brazileiros adiantados, a preoccupação funesta de ver despedaçado, pela revolução e pela Republica, o elo da unidade nacional, já virtualmente quebrado pela separação da provincia do Rio Grande do Sul, alçada em armas e constituida em Estado Republicano, sustentando heroicamente a sua independencia contra as forças reunidas de todo o Imperio.

Assim chegou-se, no meio de uma verdadeira anarchia governamental, e atravez das contendas dos partidos politicos, sem orientação, sem cohesão, sem disciplina, ao anno de 1840, quando, por uma conspiração aulica, favorecida pelo despeito de um dos partidos, se tramou a illegal proclamação da maioridade do Sr. D. Pedro de Alcantara, cujo projecto foi apresentado ao senado em 13 de Maio d'esse anno, tendo o joven Monarcha apenas 15 annos de idade.

*
* *

O Sr. D. Pedro de Alcantara declarado maior assumiu logo, em toda a plenitude, as funcções magestaticas, sendo sagrado e coroado Imperador a 18 de Julho de 1841.

Desde então exerceu como chefe de Estado o poder omnimodo e incontrastavel que a historia terá de registrar como a formula mais perfeita do personalismo cesariano, que succedeu ao regimen do absolutismo monarchico feudal estabelecido pelo fundador do Imperio.

Não podemos, n'este momento, apreciar todas as causas que concorreram para a consolidação d'esse poder e para o prestigio do Soberano, cuja autoridade foi incontestavel e incontestada durante todo o longo periodo do seu reinado, até que a enfermidade, enfraquecendo-lhe as faculdades e a energia, o inhabilitou para continuar a governar.

A historia d'esse governo excepcional, gerido com todas as exterioridades do systema constitucional representativo, intrinsecamente o governo pesoal mais acatado d'entre todos quantos têm existido no mundo, póde ser synthetisado por estas palavras — foi o governo da abdicação voluntaria do povo, delegados todos os poderes da soberania nacional no homem estimado pelas suas virtudes pessoaes e respeitado pelo seu caracter.

A historia, fazendo justiça ao fallecido ex-Monarcha, ha de reconhecer que todo o seu prestigio e toda a sua força estribaram-se n'estes dous pontos de apoio, realmente efficazes — a sua probidade pessoal e o seu desprendimento quanto aos bens materiaes da fortuna.

Estas virtudes, que, como acima dissemos, influiram mais do que os dotes do seu espirito para tornal-o estimado, merecem realmente o apreço do mundo, porque raras vezes a uma tão consideravel somma de poder se allia, como succedeu com o Sr. D. Pedro de Alcantara, o comedimento e o recato no uso das faculdades discricionarias de que elle podia ter abusado.

Os beneficios moraes resultantes d'essa feliz disposição do seu animo só devem ser attribuidos a indole da sua natureza, e n'isso consiste o alto merecimento pessoal do homem que acaba de finar-se em terra estrangeira, tendo seguramente no seu espirito vivamente retratada a imagem da patria que elle amou, mas a qual, politicamente, não pôde felicitar na medida dos seus e dos desejos de todos os seus compatriotas.

*
* *

Para julgar-se a um homem é necessario estudar o desdobramento das suas faculdades no meio em que elle existio e de accôrdo com as origens da formação do seu caracter.

O Sr. D. Pedro de Alcantara sob este ponto de vista offerece o raro exemplo de um homem subtrahido ás condições do *meio* em que se achou pela força intrinseca das suas boas inclinações naturaes.

Filho de um pai como o Sr. D. Pedro I, a quem faltaram os bons exemplos e a boa educação domestica, fogoso e indomavel na sua indole naturalmente rebelde, dando livre expansão aos seus instinctos desordenados, irascivel e apaixonado, capaz de bravura e capaz de baixezas, ao mesmo tempo fidalgo pelo orgulho da raça e burguez, grosseiro pela educação que lhe deram e pela laia dos familiares que mais privavam na sua intimidade, mixto de contradicções, emfim, porque ao lado de sentimentos generosos era susceptivel do mais bastardo egoismo, impetuoso, arrogante, violento e extremamente autoritario, dissoluto nos seus costumes e levando a falta de escrupulos até a obcecação da consciencia, não era de certo o primeiro Imperador o que poderia pela lei do atavismo transmittir ao filho as qualidades solidas que tanto

elevaram o caracter privado do Sr. D. Pedro de Alcantara.

Orphão de mãi, ao fallecido ex-Imperador faltou na mais tenra infancia o principal elemento para a formação da indole e do caracter de um homem, faltou-lhe o agazalho moral do amor materno e as caricias que afagam e affeiçoam, no molde da brandura, as ingenitas asperezas de indole infantil.

Quasi simultaneamente ficou igualmente privado das affeições e dos cuidados paternos, recebendo a impressão, que ficou sem duvida indelevel no seu espirito, da desgraça de seu pai, forçado a abdicar a corôa e a abandonar, no meio de uma revolução popular, o Imperio que elle fundara.

Desde então, privado de todas as affeições naturaes, o joven principe ficou rodeado de physionomias estranhas e de autoridades impostas, que se encarregaram da sua educação, sob o regimen de uma existencia toda convencional, como parecia necessaria a um infante destinado a occupar o throno e cuja natureza e caracter deviam ser inaccessiveis a todas essas sublimes expansões e nobres fraquezas de coração, que são o apanagio dos simples mortaes.

Moralmente, a sua natureza foi affeiçoada de fórma que os impulsos do seu coração jámais pudessem romper a camada do convencionalismo que devia abafar n'elle os germens de todos os sentimentos pessoaes.

Pelo receio de que no futuro se inclinasse a ter validos, como monarcha, ensinaram-lhe cedo a não ter amigos, nem a manifestar preferencia por quem quer que fosse.

Litterariamente, prepararam-lhe o espirito para os estudos classicos e para as sciencias abstractas, como sendo essa a ornamentação condigna

de um homem destinado a ser o superior entre todos os outros.

Sociologica ou politicamente, as unicas lições que lhe deram foram destinadas a gravar bem no seu espirito a consciencia da sua autoridade, como um ente quasi de origem divina, fadado pela vontade de Deus e pela acclamação dos homens a ser o arbitro supremo dos destinos de uma grande nação.

Assim chegado á puberdade, foi ainda sob o regimen do convencionalismo official que o induziram a escolher uma esposa, destinada, como quasi todas as princezas, menos a fazer, a sua felicidade individual do que a ser a progenitora da successão que devia garantir a perpetuidade da sua dynastia.

A sorte o favoreceu n'este ponto, dando-lhe como companheira do seu destino a virtuosa Senhora que foi venerada pelas suas virtudes; mas, no ponto de vista da formação do caracter humano e da formação da familia, ninguem poderá sustentar que seja preferivel e acertado o systema d'estes enlaces matrimoniaes, que só têm por base— a razão de estado.

Taes antecedentes puderam muito logicamente ter influido para tornar sombrio e suspicaz o caracter do joven Monarcha e, se assim não aconteceu, só á sua boa indole individual deve o facto ser attribuido.

*
* *

Não podemos, por legitimo escrupulo e pelo receio da inopportunidade do momento, apreciar, sob a sua verdadeira luz, o papel politico desempenhado pelo fallecido ex-Imperador no decurso do seu longo reinado.

A historia investigará certamente que causas ou que influencias determinaram a importancia de

quem tudo podia fazer em beneficio da communhão social, cujo progresso e cuja prosperidade não lhe eram entretanto indifferentes.

De nenhum modo preparado para o officio que hereditariamente lhe foi destinado; não considerando as idéas politicas senão como aspirações mal definidas do espirito de um povo ainda atrazado para o gozo de certas reformas; e não considerando os partidos nem os homens politicos senão como instrumentos, mais ou menos habeis, da sua vontade reguladora do bem geral, o ex-Imperador D. Pedro de Alcantara foi, sob certo aspecto o monarcha mais coherente que tem existido— porque nunca assentio em ceder da superioridade da sua razão, aceitando ou legitimando a preponderancia de qualquer systema ou pessoa que não fossem previamente por elle proprio indicados.

Uma só excepção a historia registrará talvez— o da sua annuencia, apparentemente a contra-gosto, á adopção do regimen do voto directo proclamado pela ultima lei monarchica da reforma eleitoral.

Mas o segredo d'essa annuencia só mais tarde poderá ser desvendado.

Se da obra politica de todo o seu reinado se tiver de julgar pelos resultados que colheu, não haverá motivo para admirar a sabedoria do seu governo, porque, á parte o influxo das suas virtudes pessoaes no temperamento brando e humano da sua regencia omnimoda e quasi omnipotente, não se descobre um só ponto onde a construcção social fosse verdadeiramente solida.

Apezar d'isto, se a enfermidade que lhe minou a existencia nos ultimos annos de seu reinado não o houvesse inhabilitado para o governo, dando logar á suppressão da sua influencia pessoal, reduzindo-o a uma sombra e permittindo que ao abrigo

d'esta começassem a campear as influencias bastardas dos chefes dos corrilhos politicos; se, por esse eclypse da sua razão e energia moral, não houvesse começado a preponderar a vontade dos regentes occultos, que antecipadamente se assenhoreavam do poder e da direcção politica do estado – provavelmente o Sr. D. Pedro de Alcantara houvera expirado no throno.

A Nação Brazileira, sem desconhecer os meritos pessoaes do homem que fôra por tantos annos o regulador dos seus destinos; sem lhe fazer nem injustiça nem violencia, antes rodeando-o até á ultima hora de todas as deferencias; reconhecendo que acima do bem-estar de uma familia estava a felicidade de tantos milhões de brazileiros, a sua propria honra e a sua propria gloria, entendeu dispensal-o do exercicio, já nominal, do seu poder, destruindo o throno brazileiro pela revolução incruenta de 15 de Novembro de 1889, mas amparando com a sua generosidade os ultimos dias do envelhecido e enfermo ex-Monarcha.

A republica, que na hora do seu triumpho foi magnanima; hoje, no momento em que desapparece d'entre os vivos o Sr. D. Pedro de Alcantara, só póde ter e só deve ter para com a sua memoria o respeito devido a um Brazileiro illustre, que ao menos pelo seu caracter e virtudes pessoaes, não deshonrou o Brazil e desempenhou como pôde, ou como soube, com boa intenção e animo recto, as altas funcções de que foi investido como chefe supremo da Nação Brazileira.

Q. BOCAYUVA.

(D'*O Paiz*).

D. PEDRO DE ALCANTARA.

Aguardava-se o fatal acontecimento que o telegrapho hontem nos annunciou, mas a esperança que nunca se apaga em corações humanos, bruxoleava em todos, no almejo de ver ainda dilatados os dias de D. Pedro de Alcantara, segundo do nome e ultimo Imperador do Brazil.

A emoção da funebre noticia não foi menos sensivel no povo que elle regeu e dirigiu em mais de meio seculo de reinado. Esse passado tão distante e que é a nossa historia politica, o nosso ensinamento, a nossa estructura de povo livre, surgio de repente á mente popular como o ultimo lampejo de uma luz que se extingue para sempre.

E' assim que desapparecem os homens que dominam uma época e personificam um povo. D. Pedro II foi o Brazil independente e monarchico constitucional e se não podia dizer legalmente como Luiz XIV— o estado sou eu—de facto era o alpha e o omega da Nação Brazileira. Se não foi propriamente um monarcha do molde do legitimismo europeo, foi o *imperator* da fórma romana.

Era tudo e foi tudo e de tamanho poder e de tantas cortezanias de subditos avidos do seu favor, não teve, na hora suprema do perigo, nem dedicações nem sacrificios. O abandono e o isolamento foram a sua sorte.

Não o amesquinharam por isso, elevaram-o; tal desprendimento provou das grandezas e da autoridade que violentamente lhe arrancaram. Talvez fosse o profundo conhecimento dos homens do seu tempo e do seu sequito. O desprezo é tambem uma consolação.

Os factos não o desmentiram, porque os que corriam soffregos á sua mercê, despidas as formulas

da facil etiqueta dos paços do philosopho, passaram a vergar o dorso sob os tectos de outros paços mais cheios.

Não eram nem monarchistas nem republicanos; eram publicanos.

Elles os conhecia.

* * *

Ha quatro annos D. Pedro II entrára na posteridade, pois não se póde levar á conta da sua mentalidade sã, os dias que se seguiram á enfermidade que o acommettera em Petropolis, só lhe deixando periodos mais ou menos longos de força, e de lucidez. Bem divisava o futuro o mestre que no bojo do *Gironde* vio em 30 de Junho de 1887 o esquife da monarchia no Brazil. O Imperador era animado ainda, mas a instituição que representava já não tinha a alma que a mantinha havia cincoenta annos.

Foi o corpo inanimado da monarchia que balouçou nos agitados annos de 1887 a 1889 antes de cahir, destruindo sob o seu peso a instituição secular da escravidão. A ultima pagina tornou-se assim a mais fulgida e a mais gloriosa da sua e da nossa historia.

Como todos os soberanos de longo reinado, D. Pedro II tinha a sua lenda. Era um homem bom, esposo e pai exemplar, sem rancores, sem odios, sem vinganças ruidosas, sem amores e sem amizades exclusivas; soberano sem favoritos e sem dedicações fanaticas.

Parecia que n'elle tudo se pautava á razão de estado e que não era nem o homem, nem o principe que agia, mas a politica que não tem visceras.

N'elle trabalhou mais o cerebro do que o coração.

A impassibilidade do seu porte, a inteireza do seu caracter individual, a exactidão dos seus actos como monarcha foram sempre formulas prescriptas de ceremonial necessario. A sua natureza de Rei devia ter outro envolucro e outro aspecto da natureza humana. Christo era humano e era Deus.

Entretanto nenhum principe desde os de outros tempos foi mais cauto, mais modesto, mais simples do que elle. A historia nos deixou o exemplo da simplicidade dos Antoninos, das familiaridades de Henrique IV, da bonacheirice de Frederico II e de tantos e tantos monarchas que se mostraram ou se fingiram de homens, mas nenhum igualou na singeleza ao ultimo Imperador do Brazil.

Não despio tanto, porém, o fausto da realeza, que todos não vissem no homem o Rei.

Rei foi elle sempre; na vontade, no mando, no poder.

Philosopho, como se prezava de ser, nunca teve companheiros; só teve subditos.

*
* *

A sua acção politica na organização do Brazil independente e na educação do povo brazileiro foi immensa e ainda sentimos o Brazil que elle fez e o povo que elle educou. Muitos annos ainda o sentiremos.

A individualidade de D. Pedro II não se vinculou estreitamente no povo brazileiro e os acontecimentos recentes o demonstram; ella pairou sempre sobre a nacionalidade, encobrindo-a muitas vezes e guiando-a outras como a nuvem phanal dava o rumo aos israelitas no deserto. Nas crises dos primeiros annos da maioridade, na guerra do Paraguay, o patriotismo do Imperador foi verdadeiramente aceito pelos brazileiros para sua orientação nacional.

Não ha negal-o. O Imperador que acaba de expirar no exilio, si não foi um americano, foi brazileiro, e o sentimento patriotico aconselhou-o em certas crises melhor do que os seus conselheiros officiaes.

*
* *

E' estreito o quadro de um artigo, excessivo trabalho para quem traça estas linhas, lembrar aqui a historia e as lições de tão longo reinado. Sob a impressão primeira do acontecimento e na memoria recente do facto em que perdeu o poder e a patria, devem ser rapidos esses conceitos de critica historica, talvez errados, mas sinceros.

D. Pedro II foi um porphyrogeneto, pois o pai fundador do Imperio governava quando elle nasceu n'esta cidade. Ainda na infancia perdeu a Imperatriz sua mãi e a protecção paterna que a revolução lhe tirou.

A fraqueza da sua situação, a orphandade em que o pai o deixava, despertou no povo carioca aquella generosidade poetica que existe sempre nas multidões fortes e conscias do seu poder. Tornou-se o pupillo da Nação Brazileira que o adoptou quando o podia engeitar com o seu augusto progenitor. O verdadeiro e legitimo titulo de D. Pedro II á corôa e ao throno não lhe veio do nascimento tanto como da acclamação de 7 Abril de 1831.

Os politicos brazileiros de então eram grandes homens que faziam grandes obras.

Só caracteres da ordem de Evaristo Ferreira da Veiga, Lima e Silva e tantos outros podiam ter a resistencia gigante para afastar a republica ante um povo victorioso de principio despota e devasso.

Não o conseguiriam, entretanto, sem as reacções populares que preencheram a minoridade do Imperador.

Aprendeu na adversidade e na infancia a contensão do espirito e, digamos a verdade n'este tribunal da posteridade que não admitte embustes, aprendeu a dissimular com aquella arte com que se tornam os principes dignos de reinar. O seu preceptor, um frade egresso que o discipulo Imperador fez bispo, formou-lhe a mente e rodeou-lhe o coração d'aquella triplice trincheira de que falla o poeta.

Aproveitou, porque aos 14 annos era Imperador acclamado por uma conspiração parlamentar palaciana. Acaso ou fatalidade? !. . . O seu advento ao poder supremo proveio de uma acclamação na praça publica, com a deposição do gabinete que constitucionalmente organizara a regencia em seu nome. A sua quéda do throno não teve, cincoenta annos depois, outra fórma de processo.

Isso porém é uma nuga da historia ; toda a legitimidade foi no seu começo uma illegalidade ; todo o poder procede de uma revolução.

*
* *

Eis o moço D. Pedro II maior por acto da sua vontade e da dos seus admiradores e principia a reinar e a governar. Os conspiradores que queriam ter um *roi fainéant*, illudiram-se como se tem illudido muitos conspiradores que acharam um senhor quando julgavam manejar um instrumento. Não tiveram um madeiro, tiveram um grou que os devorou.

O ministerio liberal de Antonio Carlos fautor da illegal maioridade, tropeçou no primeiro tapete da quinta e cahio para fazer logar ao partido conservador, menos suspeito e n'essa época resquicio do devotamento dos antigos subditos ao rei nosso senhor.

Tal o joven Campeador, podia repetir o novel Soberano, que « *pour ses coups d'essai, il faisait des coups de maître* ».

Entretanto o partido liberal ainda estuado na febre revolucionaria, procurou reagir pela força contra o poder pessoal que percebeu logo na sua incipiencia. Foi vencido em S. Paulo, em Minas, em Pernambuco. O Rio Grande cedeu á mesma pericia e ás armas do Barão de Caxias.

Fechado o templo de Jano abrio-se o templo da politica dos partidos plasticos de Sua Magestade. Foi a época mais feliz do reinado, essa da mocidade e da virilidade do Imperador.

Em quietação tamanha a historia sómente póde colleccionar discursos, poesias, memorias e livros cantados e escriptos em honra do Soberano. O Imperador era um polyglotta e um sabio e convivia com litterattos e sabios. O parque de S. Christovão foi durante quarenta annos o jardim de Academus.

*
* *

Tempestade em céo limpido e sereno foi a questão Christie em Janeiro de 1864.

D. Pedro II, que até então governava de seu palacio, fazendo ministerios e desfazendo camaras pelo sorites que dez annos depois devia enunciar no senado o conselheiro Nabuco; o Imperador, que só apparecia nos dias de festa, de ceremonial ou de gala, desceu á cidade e levantou o povo na repulsa da exigencia do diplomata inglez. Conhecemos o termo do conflicto; pagou-se indemnisação aos canhões da fragata *Forth* e a questão do desacato aos officiaes inglezes foi decidida a nosso favor por arbitramento do Rei Leopoldo I da Belgica.

Marca esse conflicto memoravel o segundo periodo do reinado.

*
* *

D. Pedro II intervem directa, ostensiva e activamente na administração publica. E' a phase da actividade ; visita arsenaes, fortalezas, estabelecimentos publicos e encommenda encouraçados (*Brazil*) e armamento.

Conheceu n'aquelle grande estremecimento patriotico que o que elle suppunha feito não existia. Tudo estava por fazer, e como o unico poder era o seu, força lhe foi agir por si mesmo.

A guerra do Paraguay provocada pela impericia da sua diplomacia, foi o despertar do povo brazileiro. Ante os exercitos do despota Lopez, a Nação pareceu readquirir aquelle estimulo brioso dos homens da independencia e cercou o Imperador como a sua bandeira. Elle correspondeu á confiança n'esses dias de provação e de perigos. Não foi a expedição de Uruguayana que o fez soldado da guerra paraguaya, foi a persistencia civica, a constancia patriotica em levar a guerra ao unico desfecho admissivel para o Brazil; a queda do tyranno.

N'essa commoção em que se manteve a Nação Brazileira durante seis annos de incertezas e de alegrias, perdeu o povo a apathia do periodo da quietação e principiou a cogitar dos seus proprios negocios.

O Imperador em plena guerra não hesitou em lembrar a Nação que no Brazil havia escravos e que era preciso acabar com a escravidão. Isto foi em 1867 e vinte e um annos depois, a sua Augusta Filha de gratissima lembrança, rubricava a lei que extinguia a nefanda instituição no Brazil.

N'esses quatro lustros, porém, os acontecimentos se succederam celeres á transformação do Brazil.

Terminada a guerra, decretada a emancipação do ventre da mulher escrava, a propaganda da

abolição levantada no parlamento pela palavra eloquente e convencida de Joaquim Nabuco, alastrou-se por todo o paiz. O altar e o throno, a escravidão e a monarchia pareciam tradicionalmente inseparaveis e os proprietarios de escravos o comprehenderam, unindo-se ao grosso dos conservadores.

O imperador si não recuou do programma de 1871, contemporisou.

O gabinete Dantas que se formára para fazer a ultima obra da emancipação, foi sacrificado á furia do escravagismo. Por impudencia comprehensivel nos exploradores da vida e do trabalho dos seus semelhantes, esses intitulados sustentaculos do throno ameaçaram destruil-o por abolicionista.

N'essa época tão proxima o partido conservador em que mais confiava D. Pedro II se dividio contra a sua autoridade omnimoda.

Os conservadores representantes dos grandes proprietarios territoriaes procuravam modificar o poder pessoal transformando-o em dogato. Pela voz dos seus mais ardentes oradores atiraram rudes golpes ao imperador e á sua politica.

Um dos mais eloquentes, em repto oratorio que entrou profundamente na opinião, exclamou syntheticamente, alludindo ao reinado todo: — quarenta annos de perfidias e de mentiras! Outro conservador dizia: — Façam a abolição e iremos assistir os funeraes da monarchia.

Os liberaes não governistas não eram menos energicos nos ataques ao throno, e sendo a transferencia do poder acto exclusivo da vontade do imperador, a acrimonia das criticas variavam com as turmas que se mudavam com os ministerios. Todas porém, tendiam ao enfraquecimento do regimen.

*
* *

Veio a abolição.

E' a pagina aurea da monarchia, o credito que deixou á gratidão da nação brazileira, a glorificação da posteridade ao impulso forte que lhe deu e ao heroismo com que a concluio.

Indeciso, talvez receioso, talvez prudente, o imperador deixou no caminho ao gabinete Dantas e voltou aos conservadores, chamando ao poder o gabinete especial do Sr. Saraiva e o gabinete Cotegipe. Ainda assim, obrigou-o a transigir com a sua vontade e com a opinião cada vez mais exigente na questão abolicionista, porque a lei iniqua, nefanda, immoralissima de 1885 foi para os escravagistas uma transacção em que elles, os roubadores, se julgavam lesados.

Foi no auge da reacção tremenda, do escravagismo contra a abolição, que o imperador cahio gravemente doente em Petropolis. Nunca mais recuperou a lucidez do seu espirito, a superioridade do seu tino, a segurança da sua experiencia.

Foi o occaso.

A monarchia estava assediada entre a revolução abolicionista, cujo desfecho fatalmente seria a republica com a libertação e as reivindicações dos grandes proprietarios territoriaes que a aniquilariam, realizando o sonho dogato.

Em taes circumstancias, toda a energia, actividade, o prestigio do Sr. D. Pedro II era mais do que nunca necessario, e elle enfermára.

Podia o Barão de Cotegipe, com a sua provecta habilidade e o conhecimento dos homens politicos e do povo, conjurar adiando a borrasca que elle mais do que ninguem sabia estar prestes a desabar sobre o Imperio. Mas rebentou a questão militar...

Em regimen em que tudo se concentrava na pessoa do principe, o desfallecimento d'este era a perdição e a desordem. O proprio chefe do gabinete

não soube solver a crise por amor ao somno do imperador.

Julgou receber simples ecchymoses, quando era fundamente ferido na autoridade de chefe do governo.

*
* *

Por fim partio o *Gironde* para a Europa levando o corpo do imperador e o espirito da monarchia.

A princeza regente, inspirando-se no seu coração e na pureza da sua alma, que não admittia corrupções nem crimes, em breve separou-se do gabinete escravagista, e, apezar dos energicos conselhos do Barão de Cotegipe, arriscou a sua corôa na redempção dos captivos. E' a gloria immarcessivel do seu nome, é o tributo de bençãos que lhe devem os redimidos.

Sem tirar, porém, as consequencias de seu grande feito, collocando-se resoluta á frente do novo Brazil para a reorganisação democratica da patria livre, recuou tambem e deixou que o enfraquecido pai voltado a patria fosse enredado por uma camarilha que o devia trazer á perdição.

Na presumpção do tristissimo acontecimento que pranteámos, quiz que se fizesse o terceiro reinado sem o povo e pela força, e o resultado foi que o velho monarcha teve que ser deposto pela força. O povo, que não entrava na conta de nenhuma combinação, confirmou o esquecimento com a sua ausencia.

*
* *

Entrámos na phase augusta da vida do illustre Brazileiro que se finou em terra extranha sem côrte, sem honrarias e apenas rodeado dos seus poucos amigos.

Poucos homens têm sido tão grandes no infortunio como foi o Sr. D. Pedro II. O desapego das

vantagens e dos proventos terrenos, caracteristico do seu longo governo, manifestou-se no mais fulgido brilhantismo na desgraça e no exilio.

Reinando, despresou a fortuna material e as riquezas; banido, nem cuidou de salvar o que legitimamente podia gozar.

Levantou-se ainda mais pela comparação da cobiça e da avidez dos que antes o haviam hostilisado. Morreu pauperrimo em aposento modesto de hotel secundario, ante o espectaculo dos ricaços formados em dez mezes de contractos e de especulações de bolsa.

Foi um homem puro, e deve-se-lhe a justiça de quanto pôde para impedir e punir a concussão e o peculato, elle fez.

O seu governo commetteu erros gravissimos, a sua autoridade absorvente aniquilou e deprimio o caracter do povo brazileiro, mais foi moralisador tanto quanto lhe permittiram as necessidades da sua politica.

E' certo que grandes escandalos foram denunciados no seu reinado, mas ninguem ousará contestar que elle os combateu e afastou de si seus autores.

A deshonestidade politica não era pouca nos partidos que revezava no poder, mas repellio sempre a politica financeira associada a banqueiros.

Em seu reinado houve sempre especuladores audazes e sem escrupulos, mas a influencia d'esses especuladores nunca chegava a governar o Estado.

Tolerou abusos, mas não viveu d'elles. Esse serviço dos logares baixos da politica deixava elle aos seus agentes secundarios.

Não foi um grande estadista que desappareceu, mas um illustre brazileiro que deixou de existir.

Com a memoria do Sr. D. Pedro II não ficam nem malquerenças nem odios, nem vinganças. Não

perseguiu violentamente a ninguem, fez o bem que pôde e estamos certos de que só errou inconsciente e involuntariamente.

Podemos render-lhe a homenagem do nosso sentimento pela sua morte na terra do exilio a que o levou a crise provocada para transição do reinado, e, com as apprehensões que enchem o nosso espirito, reconhecer e proclamar as suas virtudes e o seu desinteresse. Deixa-nos exemplo e lição; é o melhor legado que um cidadão póde dar ao seu paiz.

Perdure a sua boa memoria tão longamente quanto existirem os padrões do seu reinado e a unidade do Brazil que tanto zelou.

Os erros expiou-os todo no longo infortunio e no odioso abandono em que o deixaram. Agora que a luz eterna o illumina, julgue-o a historia e a justiça dos coévos.

(D'*O Tempo*).

D. PEDRO DE ALCANTARA

Tréguas ás paixões politicas!...

Quando se abre o tumulo para receber o corpo de um homem da estatura moral de D. Pedro de Alcantara, brazileiro illustre que deixa atraz de si cincoenta annos de reinado, atravessados pela mais exemplar honestidade, é justo que os seus concidadãos se curvem respeitosos ante á sua memoria.

O povo d'esta capital, e, convencidos estamos, de toda a Republica Brazileira, comprehendeu perfeitamente este dever, porque, logo que a corrente electrica do telegrapho nos transmittio a noticia do seu passamento, e que ás portas dos jornaes foram affixados boletins noticiando a triste nova, formaram-se grupos compactos á frente das respectivas

redacções e na physionomia do povo percebia-se a consternação da alma nacional.

E' que D. Pedro de Alcantara, a quem o acaso do nascimento fez principe, guardava em si todas as grandes virtudes de homem particular; a prudencia e a tolerancia excessivas de primeiro magistrado da nação e o grande amor patriotico que o acompanhou através do exilio.

Estas altas qualidades moraes foram, sem duvida, os principaes elementos que o sustentaram no throno durante o largo periodo de 50 annos e através de muitas revoluções, e que, por fim, na occasião da quéda do regimen que representava, quando as condições excepcionaes do paiz o forçaram a ausentar-se da patria, fizeram ainda que o seu nome fosse acompanhado das sympathias e do respeito dos seus concidadãos, sem distincção de credos.

No isolamento da politica não ha brazileiro que negue as suas grandes virtudes; que desconheça o seu espirito justiceiro; a simplicidade de sua existencia; o grande amor ao trabalho e, sobretudo, o seu grande coração, sempre aberto para receber os queixumes das desgraças alheias.

Commetteu erros e nem podia deixar de commettel-os, o homem que durante meio seculo foi senhor absoluto dos destinos de uma nação, e que, segundo elle mesmo affirmou no momento cruel de deixar a Patria, *reinou cincoenta annos e consumio-os em carregar máos governos.*

O seu reinado começou por uma revolução que deu em resultado o banimento de seu pai, em 7 de Abril de 1831.

«Com este acontecimento diz um escriptor notavel, o paiz entrou em um periodo regencial de nove annos, época de lutas sem tréguas, encarniçadas e ininterrompidas, porque o partido monarchico, que já vinha divisionado do primeiro reinado,

extremou-se em duas facções irreconciliaveis, das quaes a principio, uma pretendia a restauração do imperador deportado e a outra sustentava a regencia e depois uma procurava espaçar o dominio regencial e a outra reunia todos os esforços para entregar o governo da nação ao herdeiro presumptivo da corôa.»

O resultado d'isto foram os movimentos revolucionarios que se desdobraram de 1831 a 1833, levando a morte e o assombro ás antigas provincias de Pernambuco, do Pará, do Maranhão e outras, e bem assim, de 1835 a 1838, ás provincias do Pará, Rio Grande do Sul, Bahia e ainda ao Maranhão.

O espirito republicano que em 1710 surgira pela primeira vez no Brazil, em Pernambuco, na occasião da *guerra dos mascates* e que chegou mesmo depois da victoria dos *naturaes*, a ser proposta aquella fórma de governo pelo patriota Bernardo Vieira de Mello, passou depois a organizar a *inconfidencia mineira*, estendendo-se ainda pela provincia da Bahia e de Pernambuco em 1793 e depois em 1817, até que, finalmente, veio disciplinar-se na capital do antigo Imperio, através ainda de alguns pequenos movimentos, construindo as bases politicas contidas no manifesto de 1870, e, bem assim, no orgão official do partido *A Republica*, que principiou a ser publicado no mesmo anno.

D'essa época em deante é que começaram a desenvolver-se regularmente as forças do partido republicano, tendo á sua frente a responsabilidade immediata de illustres homens politicos que se entregavam de corpo e alma á propaganda d'aquellas idéas.

Comtudo, o movimento democratico fazia-se apenas por meio da imprensa e, timidamente nos clubs.

Não haviam apparecido ainda os tribunos populares, e, tanto é isto verdade, que a *Republica* em seu artigo de apresentação, disse: *Não temos d'esses patriotas ruidosos de praça publica que em cada passo que dão se acercam de uma multidão applaudidora.*»

Estes appareceram mais tarde e a seus esforços deve-se em parte a corrente de antipathias populares contra os governos do Imperio, que ao envez de irem ao encontro das necessidades palpitantes da nação, parece que se compraziam em desgostar os elementos com que ainda podia contar a monarchia.

O movimento republicano que se desenvolveu prodigiosamente n'esta capital, de 1879 a 1883, foi enfraquecido pela bem organisada propaganda abolicionista, em que se confundiram homens politicos de todos os matizes.

Glorificado o principio da abolição pela conquista das suas idéas e subdivididos e totalmente desorganisados os partidos manarchicos, deram occasião a que o partido republicano se reconstruisse, chamando para o seu seio parte do elemento militar, que vinha de longa jornada batido pelas injustiças do governo do Imperio.

A enfermidade do velho monarcha e os erros dos seus governos que ao envez de estabelecerem medidas compativeis com a aspiração nacional, procuravam antepôr-se á corrente vertiginosa do elemento democratico, que enveredava pelos caminhos amplos das liberdades publicas, enfraqueceram ainda mais o prestigio do regimen monarchico.

A Republica entrou francamente no dominio de todas as consciencias, e aquelles que ainda resistiam á influencia de suas idéas, não era porque defendessem a monarchia, mas sim porque não a desejavam senão depois da morte do velho soberano.

Esta prova de respeito e veneração ao imperador, transparecia constantemente, isolando-a da responsabilidade governamental que impellia o Brazil para a ruina.

Da propria mensagem do governo provisorio, que transcrevemos e bem assim a resposta dada n'aquella occasião, pelo illustre morto, vê-se o que avançámos. (8)

«Senhor! — Os sentimentos democraticos da nação ha muito tempo preparados, mas despertados agora pela mais nobre reacção do caracter nacional contra o systema de violação, de corrupção, de subversão de todas as leis, exercido em um grão incomparavel pelo ministerio 7 de Junho; a politica systematica de attentados do governo imperial n'estes ultimos tempos, contra o exercito e a armada, politica odiosa á nação, e profundamente repellida por ella, o esbulho dos direitos d'essas duas classes que, em todas as épocas, têm sido entre nós a defesa da ordem, da constitução, da liberdade e da honra da patria, a intenção manifestada nos actos dos vossos ministros e confessada na sua imprensa, de dissolvel-as e aniquilal-as, substituindo-as por elementos de compressão official, que foram sempre entre nós objecto de horror para a democracia liberal, determinaram os acontecimentos de hontem, cujas circumstancias conheceis e cujo caracter decisivo certamente podereis avaliar.

«Em face d'esta situação, pesa-nos dizer-vol-o e não fazemos senão em cumprimento do mais custoso dos deveres, a presença da familia imperial, no paiz, ante a nova situação que lhe creou a revolução irrevogavel do dia 15, seria absurda, impossivel e provocadora de desgostos que a salvação publica nos impõe a necessidade de evitar.

(8) Estes documentos foram publicados em varias folhas.

«Obedecendo, pois, ás exigencias do voto nacional, com todo o respeito devido á dignidade das funcções publicas que acabaes de exercer, somos forçados á notificar-vos que o governo provisorio espera do vosso patriotismo o sacrificio de deixardes o territorio brazileiro, com a vossa familia, no mais breve termo possivel.

«Para esse fim se vos estabelece o prazo maximo de 24 horas que contámos não tentareis exceder.

«O transporte vosso e dos vossos para um porto da Europa correrá por conta do Estado, proporcionando-vos para isso o governo provisorio um navio com a guarnição militar precisa, effectuando o embarque com a mais absoluta segurança, de vossa pessoa e de toda a vossa familia, cuja commodidade e saude serão zelados com o maior desvello na travessia, continuando-se a contar-vos a dotação que a lei vos assegura, até que sobre esse ponto se pronuncie a proxima Assembléa Constituinte.

«Estão dadas todas as ordens afim de que se cumpra esta deliberação.

«O paiz conta que sabereis imitar na submissão aos seus desejos o exemplo do 1º imperador em 7 de Abril de 1831. — Rio de Janeiro, 16 de Novembro de 1889. — *Manoel Deodoro da Fonseca*.»

Foi esta a resposta do monarcha deposto:

«A' vista da representação escripta que me foi entregue hoje ás 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao imperio das circumstancias, partir, com toda a minha familia, para a Europa, amanhã, deixando esta patria, de nós estremecida, a qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação, durante quasi meio seculo em que desempenhei o cargo de chefe do Estado.

« Ausentando-me, pois, eu com todas as pessoas da minha familia, conservarei do Brazil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade.

« Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889. — *D. Pedro de Alcantara.* »

***

E com effeito, todos aquelles que conhecem de perto a existencia na Europa, do velho monarcha deposto, só podem tecer louvores ao seu patriotico procedimento.

Descobrindo-nos respeitosos diante da sua memoria, fazemos votos para que as maguas que no exilio feriram o coração do virtuoso brazileiro, transformem-se na felicidade da Patria, por quem soffreu e que tanto amou.

(Do *Correio do Povo*).

D. PEDRO II.

Pelo telegrapho chegou ao Brazil a triste noticia do fallecimento do Monarcha expulso do Brazil, que teve logar hontem em Pariz, as 12 horas da noite.

Falleceu com 66 annos e alguns dias, passando-os quasi todos na Patria, todo votado a seu serviço e engrandecimento e procurando em tudo eleval-a, enobrecel-a, firmando seus creditos e influencia politica.

As artes, sciencias, lettras e industrias, muito lhe deviam.

Confiando muito em seu povo, e não querendo vêr a ingratidão que se occultava sob a hypocrisia, garantindo todas as liberdades, foi apanhado traiçoeiramente na rêde da sedição militar de 15 de

Novembro de 1889, foi de chôfre transportado para Europa, deportado com toda familia. Embarcou na madrugada do dia 17.

Em Portugal soffreu o golpe terrivel da morte da Imperatriz, e este golpe com outros soffrimentos, desgostos, e as noticias que iam do Brazil, com certeza apressaram a morte que, com razão, presumimos fosse de um Monarcha catholico.

Morreu no exilio, mas foi sempre grande, generoso, resignado e patriota.

A historia lhe fará justiça.

Sua morte foi geralmente sentida n'esta capital e quasi todos os Bancos como a Bolsa e algumas casas commerciaes cerraram suas portas.

(Do *Apostolo*).



7 de Dezembro de 1891

LEMBRANÇAS DA SEMANA.

O Brazil está de luto.

A esta hora, até onde chega o alcance das communicações telegraphicas, sem distincção de opiniões politicas ou sympathias pessoaes, não ha um brazileiro que não lamente a morte d'aquelle que foi para o Brazil, não um monarcha, mas o monarcha D. Pedro II.

O movimento historico da emancipação nacional levou-nos a necessidade de nos separar do paternal soberano. Aquelles mesmos, porém, que personificaram a obra do destino, n'essa terrivel contingencia, impondo-a pessoalmente ao principe deposto, tinham o coração traspassado de magoa.

Agora augmenta-se irremediavelmente essa separação...

Attenue o nosso pezar a certeza que podemos ter de que o ex-imperador morreu, sabendo que era ainda prezado d'aquelles que foram o seu povo, e cheio da consciencia de que nos legava, como preciosa herança, um exemplo e um precedente de honestidade feita poder supremo, que, fazendo o seu renome, seria para os seus continuadores, no governo do Brazil uma imponentissima lição.

(Do *Jornal do Commercio*).

CORRESPONDENCIA DE BERLIM

Coincidindo com a quéda da dictadura do marechal Deodoro, a morte do Sr. D. Pedro II, para o publico em geral totalmente imprevista, vem trazer aos moralisadores amplo assumpto para se extasiarem sobre as vicissitudes d'este mundo. Não era menos popular na Allemanha do que na França aquelle que a si mesmo chamava agora D. Pedro de Alcantara e causou geral pezar a noticia da sua morte, havendo nos jornaes das opiniões as mais diversas, unanimidade completa em pagar seu tributo de louvor eadmiração ao monarcha philosopho que na opinião da Europa toda passa com mais ou menos razão por ter levado o Brazil ao gráo de cultura, desenvolvimento e consideração no mundo que está occupando á hora actual.

« O que é o Brazil, o que tem de ser, foi, pela parte a mais essencial, obra d'aquelle homem sendo reservado ás gerações futuras pagar a sua memoria a divida que para com elle contrahiram os pais. »

Tal é o pensamento geral que em todos os jornaes se encontra acompanhado com a longa enumeração dos progressos materiaes ou intellectuaes realizados com tão espantosa rapidez, no meio

seculo que durou o reinado de D. Pedro II. A revolução de 15 de Novembro de 1889, com effeito, encontrou sempre aqui na Allemanha absoluta desapprovação por motivos *subjectivos*, direi eu na phrase aqui usada, por ser a lealdade e fidelidade para com o soberano virtude cardeal, no modo de sentir e pensar do allemão essencialmente monarchista e ferir-lhe todas as delicadezas da consciencia a idéa de um exercito mettido em politica, professando opiniões republicanas, e sublevando-se contra seu chefe e imperador. São cousas incompativeis com as nações aqui tidas e recebidas no que toca aos deveres do subdito para com o soberano, as quaes tiram ao allemão verdadeiro a possibilidade de comprehender o que se tem passado no Brazil. Cada povo tem os seus preconceitos.

Não foi sómente, porém, d'aquelle ponto de vista «local e nacional», direi ainda, que foi aqui encarada e julgada a vida de D. Pedro II.

No fallecido monarcha louvou a imprensa o sabio e o philosopho, o iniciador de todos os progressos, o filho extremoso e saudoso da terra natal, em cujo coração nada conseguira enfraquecer o amor ao Brazil e aos Brazileiros, mas sobretudo o soberano constitucional, cuja regra constante fôra o respeito da Constituição e dos direitos do povo.

E, sem duvida alguma, tinha em mente a *Gazeta de Colonia* a celebre mania do Sr. Guilherme II, que ainda hoje tantos commentarios continúa a suscitar: *Voluntas regis suprema lex*, quando fallando de D. Pedro II escreveu estas linhas: « Jamais se afastou o Imperador (D. Pedro) do caminho que lhe fôra prescripto pela Constituição; jamais se esqueceu do principio que acima do Rei estão Deus e a Lei: *Rex in regno suo superiores habet Deum et leges*.»

Qualquer, porém, que pudesse ser a intenção segunda da folha rhenana, nunca houve, de certo,

elogio mais justo e merecido; e, na campa d'aquelle que melancolicamente descansa na terra do exilio, nenhum epitaphio se poderia gravar mais exacto de que este: *Superiores kabuit semper Deum et leges*, se sómente se addirem mais duas palavras: *patriæque amorem!*

(Do *Jornal do Commercio*).

GENEALOGIA

Um amigo nos remette os seguintes dados genealogicos sobre o ex-Imperador:

Chefe de notabilissima familia, o Sr. D. Pedro II descende directamente de tres das principaes casas reinantes de toda a Europa e conta entre os seus ascendentes um grande numero de testas corôadas.

Tudo quanto Portugal, França e Italia contêm de mais elevado as casas de Bragança e Bourbon, acha-se com elle ligado pelo lado paterno.

Tudo que ha de mais augusto na Allemanha, a casa de Habsburg, elle o reune pelo lado materno.

Filho do Sr. D. Pedro I, fundador do que foi grande Imperio do Brazil, elle o é tambem da Sra. D. Maria Leopoldina Josefa Carolina, archiduqueza d'Austria, primeira imperatriz do Brazil e irmã da Sra. D. Maria Luiza, imperatriz de França, segunda mulher de Napoleão I.

São suas irmãs a Sra. D. Maria da Gloria, rainha de Portugal, já fallecida, a Sra. D. Januaria, mulher do Sr. conde d'Aquila, irmão do fallecido rei de Napoles e de S. M. a Sra. Thereza Christina Maria, ex-imperatriz do Brazil, já fallecida; e a Sra. D. Francisca, mulher do principe de Joinville, filho do fallecido rei de França, Luiz Felippe I.

Pelo lado paterno é o Sr. D. Pedro II, neto do Sr. D. João VI, rei de Portugal, e da Sra. D. Carlota Joaquina, infanta de Hespanha, irmã do rei D. Fernando VII do mesmo paiz e da infanta D. Isabel, segunda mulher de Francisco I, rei de Napoles, irmã da rainha de Sardenha D. Christina, mulher do rei Carlos Felix e da rainha de França Maria Amelia, mulher do rei Luiz Felippe.

Pelo lado materno é neto do Imperador Francisco II da Allemanha e I da Austria, rei da Hungria e Bohemia e irmão do grão-duque de Toscana Fernando.

E' segundo neto pelo lado paterno do Sr. D. Pedro III e da Sra. D. Maria I, rainha de Portugal e do Sr. D. Carlos IV, rei de Hespanha; e pelo lado materno, do imperador da Allemanha Leopoldo II, rei da Hungria e Bohemia, irmão do imperador e rei D. José II, da rainha de Napoles Maria Carolina, mulher do rei Fernando I e da rainha de França, Maria Antoinette, mulher de Luiz XVI.

E' terceiro neto pelo lado paterno, do Sr. D. José I, rei de Portugal, e de sua mulher a Sra. D. Maria, a princeza de Saxonia; e pelo lado materno, da Imperatriz Maria Thereza, mulher de Francisco Estevão de Lorena, grão-duque de Toscana, irmão da rainha de Sardenha, D. Isabel, mulher do rei Carlos Manoel III.

E' quarto neto, pelo lado paterno do Sr. D. João III, rei de Portugal, e de sua mulher a archiduqueza de Austria D. Marianna, irmã dos imperadores da Allemanha Carlos VI e José I; do Sr. Felippe V, rei de Hespanha, e de sua mulher D. Isabel Farnêse; e pelo lado materno, do imperador de Allemanha Carlos VI, rei da Hungria e Bohemia, e de sua mulher D. Isabel Christina de Brunswick Blanckemburgo.

E' quinto neto, pelo lado paterno, do Sr. D. Pedro II, rei de Portugal, e de sua mulher D. Maria Sophia Isabel, filha do eleitor palatino do Rheno; do Delphim de França, chamado Monsenhor, avô do rei Luiz XV, casado com a princeza Lezinska, filha de Estanisláo, rei da Polonia; e pelo lado materno, do imperador e rei Leopoldo I, irmão da rainha de Hespanha D. Marianna, mulher do rei Felipe IV e da rainha da Polonia, D. Leonor, mulher do rei Miguel Wiesnoweski.

E' sexto neto, pelo lado paterno do Sr. D. João IV, rei de Portugal, duque de Bragança, elevado ao throno em 1640 pela revolução que acabou com o dominio hespanhol; de Luiz XIV, rei de França, e de sua mulher a infanta de Hespanha D. Maria Thereza, irmã do rei Carlos II, e pelo lado materno, do imperador da Allemanha Fernando III, rei da Hungria e Bohemia, irmã da rainha da Polonia Cecilia René, mulher do rei Ladisláo IV.

São mais seus ascendentes:

Os reis de Hespanha, D. Felippe IV, D. Felippe III, D. Felippe II e seu pai o imperador Carlos V.

Os reis de Aragão: D. Fernando II e V de Castella, chamado o Catholico; D. João II, tambem rei de Navarra; D. Fernando I, chamado o Justo; D. Pedro IV; D. Affonso IV; D. Jacques II; D. Pedro III, chamado o Grande; D. Jaime I, o Conquistador; D. Pedro II; D. Affonso II; D. Ramiro II; D. Sancho Ramiro e D. Ramiro I, filho do Imperador D. Sancho III, chamado o Grande, o qual era neto de D. Sancho II, bisneto de D. Sancho I e descendente directo de Inigo Arista, conde de Bigerra, fundador do reino de Navarra.

Os reis de Castella e Leão; D. João II, pai da rainha D. Isabel, mulher de D. Fernando o Catholico; D. Henrique III; D. João I; D. Henrique II;

D. Affonso XI; D. Fernando IV; D. Sancho IV, chamado o Bravo; D. Affonso X, chamado o Sabio e D. Fernando III, que por suas muitas virtudes foi canonisado em 1671.

Os reis de Leão, D. Affonso IX e D. Fernando II.

Os reis de Castella: D. Affonso o Nobre e D. Sancho III o Desejado; todos os quatro descendentes do imperador da Hespanha, D. Affonso VIII, neto de D. Affonso VI, bisneto de D. Fernando I o Grande, rei de Castella e Leão, irmão de D. Garcia IV, rei de Navarra, de D. Gonsale, rei de Sobrave, e Riparoge e de D. Ramiro I, rei de Aragão, todos filhos do imperador D. Sancho III, o Grande, já acima nomeado.

Os reis de Portugal; D. João I, D. Pedro I, D. Affonso IV, D. Diniz, D. Affonso III, D. Affonso II, D. Sancho I e D. Affonso Henriques, filho do conde D. Henrique de Borgonha, bisneto do rei Roberto, filho de Hugo Capeto.

Os reis de França; Luiz XIII, filho de Henrique IV, descendente por seu pai, de Roberto, Conde de Chermont, filho de Luiz IX, (S. Luiz); Luiz VIII, o Leão; Felippe Augusto; Luiz VII, o Moço; Luiz VI, o Gordo; Felippe I, Henrique I, Roberto I e Hugo Capeto, tronco da dynastia d'este nome, eleito e coroado rei no anno 987, neto deRoberto, o Forte, duque de França e conde de Anjou, que uns fazem descender de Clovis, outros de Pepino Heristal, outros de Carlos Magno e outros ainda dos duques de Baviera.

Os imperadores da Allemanha: Fernando II, Fernando I, Maximiano I, Frederico III, Alberto I, Rodolpho de Habsburgo, tronco de antiga casa da Austria, eleito imperador em 1273.

Segundo a arte de verificar as datas, poder-se-hia ainda accrescentar os imperadores Verner II,

Othon, Verner I, Kapoton, Kanselin, Gontran, o Rico, Luitfrid III, Luitfrid IV, Luitfrid III, Hugo, Luitfrid II e Luitfrid I.

(Do *Jornal do Commercio*).

RECORDAÇÃO

Um de nossos correspondentes manda-nos as seguintes notas de algumas recordações recentes de seu intercurso com D. Pedro em Pariz.

«As relações intimas do illustre professor Charcot com o ex-Imperador do Brazil datam da época em que, acommettido de grave molestia, chegou Dom Pedro a Pariz em Junho de 1887. Eram collegas do Instituto, pertencendo ambos á Academia das Sciencias, e essa circumstancia ainda mais os unio. O professor Charcot, depois de tratar de D. Pedro em Pariz, foi chamado a Milão, em consulta, no principio de Maio de 1888, quando a molestia do augusto enfermo se aggravou. Ahi, verificando que a molestia se prolongaria, Charcot pedio á familia que fosse ter com elle, e, de facto, para lá seguiram Mme. e Mlle. Charcot. Durante a convalescença de D. Pedro, Mlle. Charcot, tanto em Milão como em Aix-les-Bains, tirou uma série de photographias do soberano, em uma das quaes, feita com apparelho instantaneo, está o velho soberano a atravessar uma rua, tendo ao pé de si, entre outras pessoas, os Srs. Barão de Itajubá e Dr. Vieira Monteiro, aquelle, presentemente ministro em Berlim, e este, em Bruxellas.

«D. Pedro era socio estrangeiro do Instituto de França, titulo que não se deve confundir com o de correspondente do Instituto. Os correspondentes não fazem parte do Instituto, não pódem tomar parte nas votações nem revestir o uniforme d'aquella

egregia corporação. O numero dos socios é muito restricto; o de correspondentes é relativamente avultado. O Sr. Barão de Teffé é correspondente da Academia das Sciencias. D. Pedro II era socio estrangeiro, tendo sido mero correspondente durante alguns annos.

—«Sem fallar das honras que, porventura, queira o governo da Republica franceza tributar ao grande Brazileiro que alli falleceu, eis aqui as que lhe são devidas alli, a menos que em testamento elle as dispensasse ou que a familia não queira que lhe sejam rendidas: como Grã-Cruz, que era, da Legião de Honra, deverá ter honras militares, comparecendo um regimento com parque de artilharia para dar as salvas de estylo; como socio estrangeiro do Instituto, a Academia das Sciencias, de que fazia parte, levantará a sessão, depois de lido o expediente, e o presidente d'essa corporação designará uma commissão que irá assistir ás exequias proferindo o elogio funebre do finado um dos membros da commissão, a menos de disposições contrarias manifestadas antes do obito.

—«D. Pedro de Alcantara conhecia pessoalmente quasi todos os sabios e litteratos da Europa. A sua cabeça era um verdadeiro catalogo de livros e um rol de nomes. Todavia, poucos d'entre elles viviam na sua intimidade. Entre os sabios francezes aquelle que mais o visitava era o Sr. Daubrée, do Instituto, director honorario da Escola de Minas, e, entre os litteratos, mórmente de 1887 para cá, eram o eximio escriptor Maxime Du-Camp e o Sr. Stéphen Liégeard. O primeiro é socio da Academia Franceza; o segundo quiz entrar para o gremio dos quarenta Immortaes, amparado por D. Pedro, mas a sua candidatura não vingou.

—«D. Pedro II nos annos mais brilhantes do seu reinado nunca teve gosto pela musica. Nos

ultimos annos, porém, manifestára grande propensão pela musica, e deleitava-se em ouvir piano, chegando até a notar as suas impressões, a lapis, em uma caderneta, quando ouvia alguma peça que mais lhe agradava.

—« A sua popularidade nos paizes democraticos, em França, na Suissa, nos Estados-Unidos e até nas Republicas hispano-americanas, era vasta.

Não era tão grande nos Estados monarchicos, onde as suas theorias liberaes e os seus modos singelos destoavam algum tanto, porque sobretudo em viagem pelo estrangeiro, menoscabava estas etiquetas palacianas.

—« Nos primeiros tempos do seu exilio evitava fallar das cousas do Brazil com pessoas que não fossem da maior intimidade. Ao cabo de uns seis mezes, entrou a fallar constantemente da patria ausente, embora as mais das vezes não tocasse em assumptos politicos. O autor d'estas linhas foi o primeiro a communicar-lhe os resultados das eleições geraes effectuadas no Brazil a 15 de Setembro do anno passado. Principiou dando-lhe os resultados das eleições na *Capital Federal*.

—«A' proporção que ouvia os nomes ia elle fazendo os seus commentarios, e, como eu não tivesse a honra de conhecer a um dos eleitos, o senador Laper, declarou elle que « já sabia » quem era e que conhecia a familia do recem-eleito.

—« O Sr. João Severiano da Fonseca era tido com particular estima pelo illustre exilado, que só pareceu mudar de conceito a seu respeito depois do discurso que proferio contra o contra-almirante Custodio José de Mello.

—« Queixava-se muito de falta de livros, por ter deixado aqui a sua riquissima bibliotheca. Queixou-se d'isso ainda mais em fins de Setembro quando o

Sr. conselheiro M. P. de Souza Dantas transmittio-lhe o desejo do Sr. Dr. G. de Piza, ministro da Republica em Pariz, de conversar com elle a respeito dos limites da Guyana Franceza com o Brazil. Declarando-se prestes a dar ao representante da Republica todos os esclarecimentos que tivesse, pedio a alguem que lhe mandasse certos livros e mappas para poder conversar utilmente sobre o assumpto.»

(Do *Jornal do Commercio*).

O QUE SE ARGUE AO IMPERADOR

Não se póde dizer qual dos orgãos politicos d'esta capital exprimio com mais sentimento e com mais força sua admiração pelas virtudes particulares e pelo acendrado patriotismo de D. Pedro II; e se sómente os nossos autorisados collegas da *Gazeta de Noticias* forão ao ponto de lamentar que com elle nos tivessem abandonado a sisudez, a probidade e o decoro das altas regiões, foram todos accordes em reconhecer que essas nobres qualidades ainda não tiveram entre nós mais alta e mais completa personificação.

Em apreciar, porém, o modo por que o fallecido imperador exerceu as funcções de rei constitucional não é igualmente unisono o juizo da imprensa. A arguição do poder pessoal, que muitas vezes lhe fizeram os partidos, é ainda agora repetida. Será ella confirmada pela historia?

Ha manifesta contradição em reconhecer-se a clara intelligencia, a illustração, a experiencia, o desinteresse, a pureza de intenções do imperador e não admittir-se como consequencia necessaria a ascendencia que devia exercer entre os que com elle collaboraram no governo do paiz. Sua intervenção

não excedia d'esses limites, e sempre que se fazia sentir era justificada pelos intuitos patrioticos e pela grandeza das causas.

Na mudança das situações politicas é que ella mais frequentemente apparecia, mas ahi era inevitavel, desde que a nação não chegou a ter a plena consciencia dos seus direitos para fazel-os valer pelas urnas eleitoraes. As dissoluções eram, pois, o unico meio de não se perpetuarem os partidos no poder, e a verdade é que, só depois de enfraquecidos e gastos no governo, se operava o revesamento exigido pela natureza das instituições parlamentares.

De todas as questões que se agitaram e se resolveram durante o longo reinado foi a da escravidão a que mais vezes deu lugar á accusação de poder pessoal, e assim era natural, porque foi o maior e o mais difficil problema de todo esse periodo. *Felix culpa!* dever-se-hia exclamar mesmo quando se reconhecesse a procedencia d'ella.

Quem tenha ouvido uma só vez pronunciar o nome de Alexandre II sabe que a elle se deve a emancipação dos servos na Russia. A historia para ser justa, ha de associar do mesmo modo ao nome de D. Pedro II a emancipação dos escravos no Brazil. O parallelo não vai além, pois que os processos seguidos pelos dous soberanos não podiam ser os mesmos, sim mais difficeis para o segundo que para o primeiro.

D. Pedro II foi adiante dos estadistas do seu tempo no pensamento de promover e preparar a liberdade dos escravos; sua acção não podia deixar de ser lenta, e só poderia ser efficaz se fosse constante; elle carecia convencer os homens politicos e attrahir o concurso da nação. Percebe-se hoje que n'esse trabalho as interrupções não foram senão apparentes, mas para chegar aos resultados, elle não quebrou os moldes que a Constituição lhe traçara.

A prova está nas arguições contradictorias que lhe eram feitas nos ultimos tempos : por uns de ir muito de pressa, por outros de recuar no meio do combate. Tivesse elle querido, como lhe exprobravam, apparecer a todo custo perante os philantropos europeus como principe humanitario e não teria em 1868 chamado ao poder o visconde de Itaborahy logo depois de ter, em uma falla do throno, recommendado a questão ao estudo do corpo legislativo. Mais recentemente, e mesmo em situações liberaes, não teria chamado ao poder estadista, radicalmente contrario á reforma.

Mas o que aos olhos da posteridade ha de dar o maior relevo á figura de D. Pedro II é que todas as sinistras prophecias feitas pelos adversarios da emancipação dos escravos, para os quaes era infallivel que ella havia de trazer a ruina total d'este paiz, a unica que se realizou foi a de que concorreria para a perda do throno. E' inutil discutir sobre o quilate das convicções dos que por este motivo se separaram da monarchia; é certo que entre os elementos, seu apoio mais natural, o espirito revolucionario fez as mais sorprendentes conquistas.

No dia em que o mais eminente chefe conservador, senador do imperio e conselheiro de estado, declarou-se *sem a autoridade e a força precisas para conter nos que o seguiam as represalias do resentimento*, poude-se avaliar em toda a sua extensão o sacrificio da monarchia pela sagrada causa da liberbade dos escravos.

Por este lado ella póde ser comparada aos povos escolhidos pela Providencia para em seu seio se operarem as grandes transformações da humanidade e que, segundo o Sr. Rénan, pagam sempre esse favor com a perda da existencia nacional.

Libertador de uma raça — quem já entrou para immortalidade com melhor titulo?

(Do *Jornal do Brazil*).

MENSAGEM DA PRINCEZA

O *Jornal do Commercio* publicou hontem o telegramma, que a augusta Princeza D. Isabel endereçou ao general Lassance.

« Queira fazer publicar o seguinte: Aprouve a Deus ferir-me com o golpe o mais doloroso, chamando a si meu muito amado Pae. Junto do leito, em que expirou, meu primeiro pensamento é annunciar a minha desgraça aos meus patricios, certa de que elles hão de associar-se á minha dôr pela perda de quem, em sua longa existencia, consagrou todos seus desvellos á felicidade e grandeza de nossa patria. »(9)

Eis ahi um verdadeiro documento para a historia dos nossos tempos.

Sob um regimen democratico, em que todas as liberdades sociaes, politicas e individuaes constituem a essencia da republica, o telegramma da augusta Princeza não podia deixar de ser publicado.

De certo a sua publicação não só attesta o respeito e a garantia, que o governo brazileiro lealmente consagra a todos os direitos, mas tambem evidencía que a constituição republicana dos Estados Unidos do Brazil segura e inabalavel — não teme a concurrencia da antiga forma politica do Estado.

---

(9) Esta mensagem foi publicada em varios jornaes.

Só a velha Inglaterra e os Estados Unidos da America do Norte sabem dar d'estes exemplos de racional tolerancia e da consciencia da propria superioridade e força.

No primeiro d'aquelles dois paizes, Mazzini — o republicano irrequieto e imperterrito—pregou, durante 30 annos, os seus dogmas de anarchia e de revolução; combateu a monarchia sob as suas differentes fórmas; despertou os brios da *nova Italia, nove senza nochiero*—para insurgir-se *ridenta* e *unita*.

Na America do Norte, assevera P. Janet, um jornal, d'este longo tempo, evangelisa doutrinas monarchicas, demostrando a sua excellencia em contraste com o regimen republicano e conseguindo contar mais de 80 mil assignantes sem calcular o numero de leitores, que o lêem e applaudem.

Os governos inglez e americano, adstrictos ao religioso respeito das leis, convencidos de que os costumes publicos e a opinião nacional não permittiriam, nem tolelariam violencia contra o direito de exprimir o pensamento, nunca se oppuzeram á propaganda e muito menos tentaram supprimir o respectivo orgão.

A experiencia e o tempo verificaram que a practica d'estes dois governos produzio resultados mais efficazes, do que não n'os daria a violencia do arbitrio, amordaçando a imprensa.

De facto, si seriamente o regimen republicano está acceito, generalisado e bemquisto entre as populações brasileiras, o manifesto da augusta Princeza D. Izabel não produzirá n'alma nacional, sinão um sentimento de admiração pela piedade filial da ex-herdeira da Corôa; sinão uma tardia reminiscencia d'esses desvellos e serviços alludidos; sinão a mais pronunciada sympathia por essa moça, tão digna de veneração de seus patricios á cujos

affectos ella sabe fallar com a irresistivel sciencia do coração feminino; com a eloquencia dominadora d'um appello feito ao patriotismo e aos sentimentos d'um povo generoso diante de immerecidos infortunios.

A augusta Princeza, porém, sob esta fórma de communicação, pratíca um acto que tem outra significação na historia das dynastias decahidas.

Sem transpor as fronteiras da França, deparam-se repetidos exemplos.

O conde de Provence, (futuro Luiz XVIII) apenas Luiz XVI foi guilhotinado, dirigiu uma mensagem á França, notificando o começo do seu reinado.

O conde de Chambord, tambem envolto na bandeira branca — inquebrantavel — consummiu toda sua existencia a dirigir inutilmente manifestos ao povo francez.

A mensagem prenuncía outro documento, em que a successora da Corôa segundo o antigo regimen, sustentará, ou pelo menos reclamará pelos direitos que julga lhe pertencer em virtude do caracter de perpetuidade da dynastia, um dos dogmas immutaveis do regimen imperial, fundado pela soberania nacional, nas explosões patrioticas da revolução da independencia.

A origem do direito monarchico hereditario, entre nós, certamente, não se perde na noite dos tempos.

Não julgamos azada a occasião para fazer conjecturas, acerca de um facto que, apenas se desenha — indeciso — das manifestações dolorosas, arrancadas na hora de suprema angustia — junto do leito, em que expirou o ex-imperador.

Entretanto o sentimento, que impulsionou a princeza imperial, indica ter ella profunda confiança não só no patriotismo, como na dedicação, que o povo brazileiro lhe consagra.

Na previsão dos futuros successos parece que releva considerar o passamento do Sr. D. Pedro II sob as suas relações e influencia com as tendencias, ou orientação do espirito do povo brazileiro.

O ex-imperador por indole e por certa indolencia de philosopho, jamais ousaria tentar uma restauração ; os herdeiros do seu nome e dos seus direitos, porém, dotados de outro temperamento, sem as desillusões, que o scepticismo e a experiencia dos homens geram no espirito, naturalmente alimentam outras aspirações, das quaes não desistirão, recordando as lições da historia das monarchias dos Bourbons em França e na Hespanha, dos Stuarts na Inglaterra.

O *sebastianismo*, que até hoje não passava de uma chimera— que se ostentava apenas pela nobre e viril audacia e dedicação de homens, como o Visconde de Taunay , o Dr. Oliveira Borges, ex-juiz de direito de Rezende, o Dr. Joaquim Nabuco, o Dr. Carlos de Laet e outros bem raros, que sem rebuço, publicamente, faziam profissão de sua fé sincera, mesmo temeraria, a dynastia deposta—o *sebastianismo* agora resurgirá esperançoso no futuro.

De certo os sebastianistas, como os christãos, no tempo dos Domicianos refugiaram-se nas catacumbas e não ousavam confessar a crença no evangelho : o medo lhes entorpecia a voz...........

....

A palavra prestigiosa da Princeza aviventará a fé nas almas de uns, e illuminará a intelligencia de outros..................................

....

Si o actual governo tem raizes no coração popular, ha de manter a republica, promovendo o bem publico, melhorando a condição de todas as classes, removendo todos os elementos que empecem

o progresso do paiz, fazendo da paz publica um grande poder, e do respeito dos direitos do cidadão um titulo de benemerencia.

D'est'arte supplantará o *sebastianismo*, e poderá dizer da Republica — *Sine clade victrix*.

(Do *Diario do Commercio*.)

D. PEDRO DE ALCANTARA.

ULTIMOS MOMENTOS

Telegrammas recebidos por nossos collegas d'esta capital e informações nossas assim descrevem os derradeiros dias de vida e a morte do ex-imperador:

Desde a vespera, em conferencia entre o professor Charcot e conde da Motta Maia, esses clinicos reconheceram que era impossivel uma esperença de melhor prognostico para o seu doente. A morte era inevitavel.

Com o organismo debilitado, D. Pedro de Alcantara vivia cercado dos maiores cuidados, e só a esse perenne trabalho de vigilancia podia-se garantir-lhe a vida. Nas estações frias conduziam-n'o para os sitios temperados do sul, e, ora em Nice, ora em Cannes, conseguiam manter o seu doente immune ás duras consequencias do rigoroso inverno europeu.

Ultimamente, porém, D. Pedro foi residir em Versailles. Já a viagem foi-lhe difficil e penosa, porque, depois do accidente que lhe trouxe a gangrena em um pé, elle ainda mais debilitado ficou, sendo preciso transportarem-n'o em cadeirinha das *gares* da estrada de ferro para os hoteis.

De Versailes veiu para Pariz. Ahi uma noite fez um passeio de carro, depois da sessão do Instituto. A noite estava fria, e comprehende-se que,

sujeito a resfriamentos, elle sentiu a impressão da temperatura impropria e inconveniente ao seu organismo: declarou-se-lhe um ataque de *influenza*, com manifestações graves para o apparelho respiratorio.

Em extremo debilitado, luctando com a pertinacia da molestia que ha annos o minava, o seu organismo não podia de certo resistir a mais essa aggressão. Sobreveiu a pneumonia, e contra esta nada puderam os esforços da medicina.

Dizem os telegrammas publicados, que elle quasi não teve agonia. O alento faltava-lhe pouco a pouco, desde as 5 horas da tarde, extinguindo-se-lhe a vida serenamente.

No hotel Bedford, onde tomára aposentos, cercavam-n'o as pessoas de sua familia e os seus amigos mais dedicados, pertencentes á sua comitiva, e brasileiros residentes ou de passagem em Pariz.

A's 11 horas da noite recebeu a extrema uncção e a absolvição, que lhe foram dadas pelo cura da parochia da Magdalena, seu amigo pessoal.

Depois de ungido, pareceu ficar mais calmo. A respiração mais lenta e menos completa denunciava o processo derradeiro: expirava. Faltou-lhe o pulso ás 11 horas e 55 minutos da noite; a cabeça pendida para o lado esquerdo, os olhos sem brilho, parecia já não viver, tão fracamente respirava.

Perto do leito, sobre uma pequena mesa um crucifixo; aos pés da cama ardem velas de cêra.

Em roda do leito estão ajoelhados a Sra. D. Izabel, o Conde d'Eu, o Principe D. Pedro Augusto; e presentes no quarto os Srs. Conde de Aljezur, de Motta Maia, de Nioac, Viscondes de Cavalcanti e da Penha, Barões da Estrella, de S. Joaquim, de Penedo, de Muritiba e de Nioac; conselheiro Silva Costa, Drs. Alfredo Rocha, Eduardo Prado, Calogeras e Seybold, Condessa de Motta Maia e Baroneza de Muritiba.

A' meia noite e 45 minutos o Sr. D. Pedro exhalou o ultimo suspiro. A Condessa d'Eu, extremamente commovida, levantou-se e beijou a mão do illustre morto; todos os outros presentes imitaram-n'a n'esse acto de piedade filial.

A figura do morto por essa occasião parecia a de uma pessoa que estivesse dormindo, tal a placidez e a compostura do seu rosto.

Vestiram o cadaver os Srs. Conde de Motta Maia e os criados Camerlower, do ex-Imperador, e Boucher, do Principe D. Pedro.

O cadaver foi collocado sobre um pequeno leito de madeira preta, forrado de bambinellas de seda azul.

No mesmo quarto foi armado um altar, onde ardem cirios. Nas mãos cruzadas do cadaver foi collocado o crucifixo que lhe déra o Papa.

Foi então lavrado o auto do fallecimento, que foi assignado por toda a familia e pessoas presentes. Escreveu o auto o Sr. Conde de Aljezur.

Quanto á certidão de obito firmada pelos Drs. Charcot, Bouchard e Motta Maia, dá como causa immediata da morte a pneumonia do pulmão esquerdo.

Junto do cadaver, que será embalsamado pelo Dr. Poirier e transportado, depois das exequias, para Lisboa, afim de ser collocado ao lado do da finada ex-Imperatriz, foi rezada, ás 8 horas da manhã, uma missa, a que assistiram a familia, grande numero de brasileiros, os Duques de Nemours e de Chartres.

*
* *

As immediações do hotel onde vivia o ex-Imperador, ficaram logo cheias de povo, assim que se espalhou a noticia da sua morte e embora a adiantada hora da noite.

No dia seguinte já os jornaes da manhã traziam artigos necrologicos rememorando os meritos d'aquelle illustrado varão, tão estimado quão respeitado pela população de Pariz e em geral pelos francezes. De toda a parte affluiram telegrammas de condolencias, dirigidos a Sra. Condessa d'Eu.

Relativamente aos funeraes, que deviam ser celebrados na Magdalena, nada fôra ainda resolvido.

(Da *Gazeta de Noticias*).

ECHOS DA CIDADE

Foram respeitosas e respeitadas as manifestações de amor e veneração que as corporações e uma parte do povo d'esta cidade prestaram á memoria do illustre brazileiro, do patriota que se finou em um hotel de terra estranha e longinqua.

N'esse preito de concidadãos e de amigos não vai nem cortezanismo, nem interesse de galardão da familia que deixou, banida, sem patria e sem thesouro.

O povo é sempre generoso e justo quando os estos da furia revolucionaria não o transviam e não o cegam. Ao ex-Imperador reconheceu o que devia reconhecer: amor da patria, honestidade, e boa vontade. Elle era a instituição monarchica, e o respeito popular á sua pessoa segurança da monarchia, e tanto que o conceito corrente nos ultimos annos de sua laboriosa existencia era: « terceiro reinado é impossivel. »

A moratoria dada á monarchia era a vida do monarcha cidadão, desinteressado e bom. A filha herdeira nada fazia para não merecer o mesmo acatamento e respeito, pois partilhava das qualidades moraes dos seus progenitores sem entretanto ter o tino e o conhecimento da arte de reinar de seu pai.

Como compensação da sua impopularidade inexplicavel, mas que era um facto, fez mais pela grandeza do Brazil do que todo o reinado. Fez a abolição.

Não devemos ser ingratos occultando uma verdade que a historia proclamará: sem a cooperação da vontade da Sra. D. Izabel a abolição não se faria a 13 de Maio de 1888 e do modo por que se effectuou.

*
* *

No balanço da monarchia manda a justiça que se leve esta verba immensa — a abolição — para compensar o *deficit* enorme que deixou.

Talvez o Imperador não sacrificasse o gabinete Cotegipe nas bernardas de Março; a resolução e os actos de energia não estavam na sua indole, mas a filha demittiu o gabinete escravagista em seu nome e por conta e risco da corôa. O Brazil e a humadidade devem-lhe isso.

Dizer porém que da abolição resultou-lhe a perda do throno pela vingança dos escravagistas tornados republicanos, não é dizer a verdade. Os factos estão bem proximos e d'elles fomos testemunhas.

Quasi todos os republicanos de 14 de Maio, falsos pedintes de liberdade por lhe tirarem escravos; esses conversos suspeitos de reivindictas contra a justiça, estavam engabellados com os auxilios «do gabinete Ouro-Preto» e já um pouco consolados com outras perspectivas de indemnisação, quando surgiu o 15 de Novembro. Na revolução não tiveram outra parte além da acclamação do facto consummado.

Essa, teve tambem a grande maioria dos monarchistas enthusiastas de 14 de Novembro.

A republica fez-se por uma successão de acontecimentos politicos e mui especialmente pelo descredito que os estadistas e os politicos da monarchia lançaram sobre a orientação do fallecido Imperador.

* * *

O augusto personagem, cujo passamento todos sinceramente lamentamos, foi mais hostilisado pelos homens que o serviam e que sentaram-se nas suas camaras e nos seus conselhos do que pelos adversarios do regimen que elle representava.

Compulsemos a nossa historia contemporanea que encontraremos mais verrinas contra o Imperador lançadas por monarchistas do que pelos republicanos. Salva a excepção de algum indignado ou mais exaltado, os escriptos publicados em nome e com a responsabilidade do partido republicano respeitavam sempre a pessoa do monarcha.

Foi no *Libello do Povo* que se fez a mais cruenta analyse da dynastia do ex-Imperador e o livro era de um deputado, que foi senador, conselheiro de estado e titular. Foi na *Conferencia dos Divinos* que se synthetisou a politica do novo Augusto.

Nos *Annaes* do parlamento cada pagina é a crucificação não só do Imperador como do homem e feita por personagens que deviam conhecêl-o de perto; pelo menos suppunha o povo que elles o conheciam.

Euzebio de Queiroz deixava dizer sem contestar que um estadista não podia ser duas vezes com dignidade, ministro no Brazil. Zacarias lançou em 1869 a sua tremenda accusação de *desacerto* a um acto que o Imperador affirmava ser da sua attribuição privativa e provocou a discussão em que se provou que constitucionalmente « o Imperador reinava e governava. »

Zacarias ainda disse annos depois, a proposito da opposição imperial á eleição directa e alludindo ao fim do reinado de D. Pedro I: --« a barra do Rio de Janeiro não está mais estreita do que estava em 1831.»

Foi esse estadista de monarchismo insuspeito que predisse assim o 17 de Novembro.

Nenhum republicano cogitára de tal ante o Sr. D. Pedro II, esperando o termo do seu reinado.

MAXIMO JOB.

(D'*O Tempo*).

7 de Dezembro de 1891

RAPIDAMENTE

Agora não ha virtude que não tivesse o seu logar no coração de D. Pedro de Alcantara. Elle era o Bom, elle era o Justo, elle era o Pai dos Brazileiros, elle era quasi o Impeccavel. Cerram-se as portas do commercio a varejo. Molles e tristes dependuram-se bandeiras meio-páo abaixo.

E' preciso que digamos as cousas como as cousas são. Deixemos de vez, na imprensa principalmente, esse detestavel habito de obedecer servilmente á opinião geral, no intuito pouco digno de colher sympathias com o sacrificio da opinião propria.

Ora, esse caso de manifestações publicas de pezar pela morte do ex-imperador deve ser reduzido ás suas proporções justas.

Em primeiro lugar, essas demonstrações são nascidas do nosso sentimentalismo doente, do nosso

coração inchado de povo que tem o costume de descobrir um heróe em cada vencido.

Nós temos eternamente um vidro de augmento para ver os que cahem e outro de diminuição para ver os que sobem. Não ha mediocridade que, morrendo, não tome as proporções de um grande vulto nas secções de necrologia e no cerebro do publico que lê. D. Pedro de Alcantara não era, é certo, um qualquer João Manoel de Souza, funccionario publico « geralmente estimado »; — mas não era absolutamente esse grande homem e esse grande rei que os europeus imaginavam e em que muitos brazileiros acreditavam. Era um velho intelligente, e era um velho honesto.

Mas ser honesto e ser intelligente é pouco. Passando em revista os seus cincoenta annos de reinado mais são para encontrar os prejuizos do que os beneficios que elle trouxe a este paiz que amava, é certo, — no que, aliás, não fazia mais do que todos nós brazileiros.

Em segundo logar, essas manifestações de pezar, digamol-o sem ambages, têm um caracter accentuadamente politico. O commercio a varejo, estrangeiro quasi em sua totalidade, não perde occasião de exhibir o seu monarchismo toda vez que isso não lhe custa coragem nem lhe custa dinheiro. E' o commercio manhoso que fecha as portas nos dias santificados para as escancarar nos dias de festa nacional da Republica, — e que faz conspirações pouco arriscadas de elevar de mais dois ou tres tostões o preço do genero nacional, pelo qual não paga direitos na Alfandega. Essa gente que manifeste como quizer a sua dôr; que se vista de preto, que amarre crepe ao braço, que cubra o chapéo com fumo : — mas não tem o direito de pôr a meio-páo a bandeira de um paiz que lhe não pertence e que é cousa muito mais séria do que a

bandeira multicor de uma sociedade musical e dançante.

E como manifestação politica, essa manifestação de pezar que por ahi se vê tem apenas o defeito da covardia, que caracterisa os adversos da instituição republicana. Incapazes da coragem elementar de assumir a responsabilidade de uma opinião, elles que vivem a se occultar, escondem-se agora atraz do cadaver de D. Pedro.

G.

(Do *Diario de Noticias*).

8 de Dezembro de 1891

D. PEDRO II

E' por este nome que o conhecerá a historia, em que pese aos nossos jacobinos — quasi tão adiantados como os que, ha mais de um seculo, chamavam Luiz Capeto a Luiz XVI. E' com este nome, ou antes, sob este nome, que desejo estudar hoje uma das physionomias mais interessantes d'este seculo, tão rico em physionomias interessantes. Tarefa difficil, arduissima mesmo, e que só a petulancia do nosso jornalismo, obrigado a fazer a historia dia por dia, explica e justifica: estudar uma vida de rei, uma longa vida complicada e multipla de homem de estado, um dia, que digo eu? um momento após a sua morte ou, tantas vezes um instante depois de sua quéda. Philaucia fôra a nossa em querer fazer definitivos estes juizos — e quem sabe se os ha em alguma cousa definitivos? — feitos no mais acceso das nossas lutas politicas, com todas as nossas paixões, ou pelo menos, com todos os

nossos preconceitos, com a pressa que exige o nosso moderno jornalismo.

Eu admiro e invejo aquelles, de si tão seguros, que acreditam de uma vez assentados os conceitos que a respeito de um d'estes vultos historicos externaram, e penso que, se na vida a fé é um bello auxiliar e um seguro conforto, esta segurança do seu juizo deve dar ao escriptor uma deliciosa tranquillidade — sómente comprehensivel e apreciavel por aquelles para quem a verdade é, acaso, uma cousa intangivel.

Somos, porém, assim feitos, que por menos que confiemos em nossos juizes, nos não podemos forrar a dizel-os quando se nos antolha propicia occasião.

Salvemos, entretanto, essa contradicção da nossa natureza com a duvida manifesta dos nossos proprios julgamentos e sendo nós os primeiros a desconfiar da sua inteira exactidão.

De todas as paixões, de todos os defeitos humanos nenhum talvez me repugna tanto como o fanatismo ; a confiada segurança dos nossos juizes sobre phenomenos historicos que estamos vendo com os nossos olhos apaixonados e interessados, é tambem uma especie de fanatismo que me repugna. Falso como um necrologio, é já expressão ganhando fóros de annexim. O que será quando o morto é um monarcha deposto e banido, ao redor de cujo cadaver adejam as saudades de uns, os resentimentos de outros, os odios d'estes e as paixões, boas ou más, propicias ou adversas, de todos?

Eu não sei se a historia de nosso tempo não será a mais difficil de escrever, para o historiador do seculo XXII ou XXIII.

Quiçá esta mesma multiplicidade de fontes de consulta que lhe fornecerão o jornalismo, a

imprensa, as revistas e todos os modernos processos de informação e todo o nosso systema de publicidade, lhe será embaraço para, em meio da complexidade da nossa vida, descobrir a verdade dos factos e assentar a exacta feição dos homens e de suas obras. Em todo caso, nós, por nossa conta, vamol-a fazendo, a essa historia, deixando ao futuro o trabalho de verifical-a. A mais elementar prudencia manda entretanto, que não confiemos demasiado n'ella. Com esta reserva talvez não tenhamos influencia sobre os homens, que querem ser enganados, mas talvez não sejamos desmentidos um dia, o que de ante-mão consola.

A D. Pedro II coube a temivel responsabilidade de governar um povo novo no inicio, por assim dizer, da sua vida nacional e no mais melindroso periodo da formação de sua nacionalidade.

De como se houve n'essa tarefa, variam infinitamente as opiniões e não é já que as podemos dar e aceitar como seguras.

De parte as que o respeito da morte e a justa veneração por um grande e acaso immerecido infortunio, inspirou com uma digna unanimidade, desencontradas são ellas.

Não é meu proposito, se algum tenho, decidir entre ellas; pergunto apenas a mim mesmo, e como sei e posso, me respondo, qual o papel d'este homem no desenvolvimento da mentalidade brazileira, e qual a sua influencia sobre a nossa cultura, o que o mesmo é estudal-o como homem e como monarcha.

Não me parece que D. Pedro II haja sido um d'esses homens inteiriços, cuja physionomia facilmente se apanha e cujo caracter é possivel definir em um traço, em uma phrase, em uma palavra. Esse homem que teve uma educação fradesca, foi

um voltairiano pouco amado dos padres; esse herdeiro de um dos maiores thronos do mundo e descendente da mais velha talvez das actuaes dynastias, foi um democrata que desagradou os seus pares, os dynastas europêos.

Como estas ha uma porção de contradicções no seu caracter, fazendo na sua vida soluções de continuidade, desvios, paradas quasi inexplicaveis.

Não quero dizer que ella seja inteiramente descosida e desconnexa. Ao contrario, todas essas contradicções do seu caracter e todas essas desigualdades da sua vida são como apagadas por uma caracteristica superior que dá a essa vida de quarenta annos de reinado uma unidade quasi admiravel: a bondade.

D. Pedro II foi um bom. Elle que não foi talvez grande, apezar do seu desinteresse e da sua magnanimidade, elle que não soube desviar de si a suspeição de artificioso em que o tinha seu povo, soube ser, toda a vida, sem descontinuidade, logicamente ou instictivamente, mas consequentemente bom. Essa nunca desmentida bondade póde ser ainda uma fraqueza. D. Pedro II não foi capaz dos grandes odios nem talvez dos grandes amores. A bondade revestia n'elle essa fórma ironica, indifferente e doce das almas desilludidas nas quaes a piedade pela miseria humana ou o mesmo despreso da humanidade se esconde na compaixão. Póde ser justa esta explicação, mas que importa a fonte do regato, cuja agua crystalina e pura nos mata a sede? A bondade em D. Pedro II, é a nota dominante do caracter; as suas outras qualidades, como o desinteresse, que n'elle foi eminente, como alguns dos seus defeitos, são n'elle ainda uma fórma da sua bondade. Sentindo-se bom, elle não podia crer que realmente o não amassem e, como qualquer outro, deixou-se illudir com as manifestações com

que o povo — esse grande e eterno cortezão — parecia corresponder a essa bondade. A' ultima hora do seu reinado, elle não cria ainda que o depuzessem, e quando o seu derradeiro ministerio fallou-lhe em prender aquelle que ia ser a alma da revolta, á qual se aluia o seu throno, a sua resposta foi: — Prender o Benjamin? Isso nunca. O Benjamin é meu amigo, tem aquellas idéas, mas não faz mal...

E no exilio esse rei desthronado não só não disse talvez uma palavra de queixa ou de censura, mas as teve de louvor e de apreço para aquelles que lhe tiraram o throno e a patria. Atacando-o, os seus inimigos de antemão contavam com o perdão; e a igualdade de sua bondade, n'este ponto quasi evangelica, pois dava sem olhar a quem, tinha a virtude de lhe crear descontentes, senão desaffectos, nos que se julgavam com mais direito a ella.

Com esta immensa copia de bondade, não platonica, mas activa e constante, D. Pedro II não conseguio, entretanto, de sua nação nem a inteira confiança, nem o amor profundo, d'esse amor que se revolta e defende o objecto amado. E' que, parece, havia falhas n'esse caracter e defeitos graves n'esse homem. Um d'elles é que foi porventura igual demais. O egoismo humano não perdôa a igualdade com que nos tratam e aos outros. Todos nós julgamo-nos com direito á distincção.

O ex-Imperador foi, póde-se dizer, o amigo de todos, e o homem, como o Alcestes de Molière, não crê no amigo do genero humano.

Eu não sei se D. Pedro II era um homem superior, ou, e digo melhor, um estadista superior. Afigura-se-me que não e que n'elle o homem de estado era inferior ao simples particular.

A opinião publica, esta nossa singular opinião publica brazileira, chamou-o um corruptor e accusou-o de estragar todos os homens que se lhe

approximavam. Alguns d'esses homens, ao deixarem os seus conselhos, mexericavam cousas desagradaveis ao monarcha, como lacaios despedidos vingam-se dizendo mal dos amos que os dimittiram. Se é verdadeira a accusação popular, ao que parece corroborada pela maledicencia dos ex-ministros, esse facto assentaria a superioridade de D Pedro II e a inferioridade do povo brazileiro, representado na governação do paiz não por um, mas por cem estadistas, que se deixavam corromper e estragar. Ora, se isso fosse verdade, seria humilhante para nós e eu não vejo nenhum facto que mais depuzesse contra os nossos sentimentos e contra o nosso caracter nacionaes. Eu, por honra nossa e por honra do ex-Imperador—prefiro crêr que isso não é verdade, e que, se alguns se estragaram e corromperam na politica, é porque eram, para parodiar Lombroso, corruptos-natos.

Deixar-se corromper é no homem uma tão vergonhosa fraqueza como é na mulher deixar-se seduzir, e não sei que nenhuma se possa justificar e recobrar a estima publica, allegando que cedeu á seducção. Não cedesse—é ainda a mais moral, e mais prompta e a mais logica resposta. Penso, quanto ao ex-Imperador, que o contrario é a verdade e que o seu erro foi encerrar-se demasiado nas formulas do regimen da monarchia constitucional. Certo foram grandes os nossos progressos, mas muito maiores poderiam ter sido se á frente da nação houvesse estado não um homem bom sómente, mas um estadista energico. Esta qualidade, parece-me, faltou a D. Pedro e em lugar de governos de acção tivemos muitas vezes governos de expediente.

O jogo tambem dos nossos partidos politicos, sem nenhuma differenciação de ideias que os distinguisse e, ao cabo do imperio, quasi sem razão de ser,

pois se haviam confundido, separado, apenas pela organisação, pelo pessoal e pelas paixões, o mesmo jogo dos partidos politicos, ao qual elle, monarcha constitucional, tinha de obedecer, obrigava-o e constrangia-o. O Sr. Joaquim Nabuco, que, apezar do seu honrado e cavalheiresco affecto á cahida dynastia, vio claro e bem, em muitas cousas da historia do nosso paiz, diz uma verdade incontestavel quando affirma que o não consentir o Imperador que o partido no poder esmagasse o adversario, foi causa da má vontade de seus servidores.

Como estadista faltou-lhe, todavia talvez a mais relevante qualidade do estadista : o conhecimento dos homens e o acerto na sua escolha. Se o segundo reinado possuio uma pleiade de notaveis homens de Estado, deve-se ao proprio esforço d'esses homens e ao mecanismo do regimen parlamentar que os destaca e impõe. Não sei se acertaria notando que justamente os mais queridos do Imperador foram talvez os mais mediocres.

O que torna ainda difficil julgar este homem, é a opinião de então e a opinião de hoje, d'aquelles que o serviram e que o frequentaram. Desde que a conquista do poder tornou-se a unica preoccupação dos partidos monarchicos, e que a boa fé cedeu o passo á intriga, os chefes perderam a imparcialidade que os tornariam benemeritos de credito. E a nação assistio ao curioso espectaculo dos ex-ministros virem cá fóra descobrir os defeitos do imperante. Um d'esses cujo espirito caustico inventou uma porção de formulas de uma incisão mordente e cruel, com que, mais ninguem, elle, conservador, desmoralisou o imperio, agora, quando lhe fallavam no monarcha deposto, erguia-se theatralmente e solemnemente dizia : « D'esse homem não se falla senão de pé ».

Até certo ponto póde-se explicar este singular phenomeno pela natureza absorvente do Imperador, confundida talvez com a intenção do poder pessoal.

A sciencia de D. Pedro II, que uns affirmam variada, profunda e extensa e outros contestam, para me servir de uma expressão de um seu amigo, tinha pouca profundidade mas abrangia uma larga superficie, em meio dos nossos politicos, dava-lhe um relevo e senão uma superioridade, uma confiança em si proprio que, sem querer, os offuscava e offendia.

D. Pedro II foi muito denominado protector das lettras.

Penso que elle proprio estimava este titulo e esforçava-se por merecel-o. Monarcha pacifico, liberal e philosopho, aprazia-lhe apparecer sob este aspecto aos olhos do seu povo e do mundo. Se as lettras podem hoje em dia dispensar protecções, o dar-lh'as não deixa por isso de ser um merito e um monarcha que presta ás causas da intelligencia a homenagem do seu acatamento, mostra pelo menos a intelligencia do seu tempo. No desenvolvimento da intellectualidade brazileira, D. Pedro II não teve uma acção directa; grande, porém, foi a sua influencia indirecta. D. Pedro II era a negação mesma do sentimento esthetico. O gosto e discernimento critico lhe eram totalmente estranhos. Sem embargo d'isto, elle mostrou sempre muito gosto e muito interesse pelas lettras, pelas artes e pelas sciencias. Não era um temperamento de escriptor, mas de litterato; não era uma alma de artista, mas de bibliographo e de bibliophilo. Creio mesmo que havia alguma vaidade e alguma pose n'esse seu gosto pelas cousas de intelligencia, e ao mesmo tempo me parece que se não fosse natural seria porventura mais intelligente. Se elle

teve, como não quero duvidar, o amor das lettras, faltou-lhe, entretanto, a intelligencia, senão d'ellas, d'esse sentimento. O que eu disse dos estadistas, posso dizer dos homens de lettras, foram os mais nullos e mediocres que elle acolheu, considerou e protegeu. Ao redor d'este Augusto não se contam nem Virgilios nem Horacios, e os famosos serões litterarios do Paço quasi seriam, como litteratura, apenas um assumpto de poema heróe-comico.

As lettras, por sua natureza aristocraticas, não podem ser bem vindas aos paços dos potentados— quer sejam reis, quer presidentes de republica, pois não sómente aquelles tem cortezãos e aulicos.

A democracia não é litteraria, porque é a igualdade, e a intelligencia, que ella pretende nivelar, é forçosamente, indispensavelmente, aristocratica. Nada mais aristocratico do que o grande poeta da democracia Victor Hugo. A litteratura ou a arte democratica não existem; sendo manifestações de que ha de melhor e de superior na intelligencia humana são forçosamente aristocraticas. Se exceptuarmos Athenas, essa democracia excepcional, e a moderna democracia franceza tão aristocratica e acaso a unica que áquella haja arremedado, as sciencias, as lettras e as artes jamais floresceräo nos estados sociaes onde impera a democracia. Os Estados-Unidos, com a sua mediocridade espiritual, são exemplos d'isso.

Sendo, porém, aristocraticas as lettras não podem ser palacianas, porque o seu caracter é serem independentes, tanto d'esse soberano, o povo como do outro soberano, o rei. Acontece, pois, que o rei protector das lettras de regra geral apenas encontra a mediocridade para proteger.

Os espiritos de eleição e as grandes personalidades, esses furtam-se a uma protecção que,

quando não é humilhante, é funesta porque asphixia a atmosphera onde a respiram. D'ahi o não se encontrar junto aos thronos, mesmo quando occupados por um homem como D. Pedro II, nem junto ao povo, monarcha tão gostoso de lisonja como os outros soberanos, nenhum d'esses eminentes espiritos que são a honra e a gloria da humanidade.

Transtornando-se o modo de ser da vida litteraria, desnecessaria é á sciencia, á litteratura ou á arte a protecção do povo soberano ou do soberano rei. E se um ou outro podem honrar o artista, o sabio, o poeta, o escriptor, só a si se honram honrando a qualquer das manifestações da intelligencia humana.

O seu amor ás lettras e o seu interesse pelas cousas de espirito, manifestou-as D. Pedro II pela attenção que lhe mereciam todos os seus factores e todos os seus productos. A mais notavel associação litteraria do paiz, o Instituto Historico, deveu-lhe a mais singular protecção e assidua frequencia.

Na sua capital, era certo achal-o em todas as festas academicas. Estudava, com prazer extraordinario para um soberano, as linguas e as litteraturas antigas, festejava os homens de lettras, considerava quantos se lhe apresentavam como taes. Parece que exagerou mesmo este interesse, e que, falho de espirito critico, mais de uma vez confundio merecimentos enormemente differentes dando não raro preferencia aos que nenhuma tinham e que especulavam com aquelles sentimentos. Mantinha correspondencia activa com os sabios estrangeiros, e na Europa escandalisou as Côrtes, os conservadores e a gente *bem pensante* visitando os rabbinos, os livres pensadores, os republicanos e os impios, como Rénan, como Hugo, como Littré. No Brazil,

entretanto, a sua roda litteraria era composta de personalidades, muito dignas sem duvida, mas de terceira ordem, e podemos ter d'elle a justa queixa da guerra que, servindo-se de José Castilho — um d'esses portuguezes que para cá vieram explorar a litteratura como podiam explorar o café -- moveu a mais alta personalidade litteraria que jamais tivemos, a José de Alencar. Nenhuma empreza scientifica ou litteraria se fundou entre nós que elle não acompanhasse com o seu interesse, com o seu amparo, com a sua protecção. A estes titulos que o tornaram benemerito do de « protector das lettras» não quero ajuntar as suas proprias obras que, parece-me, nunca foram publicadas.

As poucas que conheço, tudo poesia, não dão certamente senão mediocre idéa do seu talento litterario.

Os nossos politicos e estadistas, com excepções excessivamente raras, foram sempre estranhos e antipathicos a todas preoccupações que não fossem a politica do dia e os interesses do seu partido. Um Thiers, amador e colleccionador de quadros e critico d'arte, historiador e publicista, um Gladstone, traduzindo e commentando Homero, um D'israeli, escrevendo romances, um De Sanctis, fazendo critica nos jornaes e conferencias litterarias, e tantos outros que fóra d'aqui não acham incompativel as mais arduas preoccupações da politica com o mais sincero gosto pelas cousas de arte, de sciencias e de lettras, não os comprehendemos. Entre os nossos estadistas, D. Pedro II foi talvez o unico que teve essa elevada e desinteressada preoccupação, sómente elle talvez cuidou de outra cousa que não fosse a eleição, o orçamento, as garantias de juros, as estradas de ferro as nomeações dos funccionarios e quejandos assumptos.

Os seus ministros não occultavam sempre a sua má vontade por isso e alguns haveria que deviam achar singularmente estranho que elle lhes fallasse no ultimo livro de Rénan ou nà ultima communicação feita á academia das sciencias. Eis como elle ganhou a fama de protector das lettras e de monarcha sabio: sendo o unico que na alta governação do paiz mostrou constante desvello pelo lado intellectual do nosso desenvolvimento nacional.

Para que sem nenhum outro sentimento que o da verdade e da justiça, lhe davamos muito por esse lado da sua influencia, não foi preciso que elle fosse um artista, um escriptor ou um sabio — e póde muito bem ser que não fosse nada d'isso — e nem tão pouco era necessario que houvesse, tão declaradamente, mostrado o seu interesse pela nossa vida espiritual, bastou que a sua grande elevação moral — uma das maiores que o seculo tinha visto — nos haja dado, como nenhum outro povo teve, essa atmosphera fecunda de liberdade onde poderão vingar e medrar todas as manifestações do nosso escripto.

Só por isso elle foi, talvez, o mais importante factor do nosso desenvolvimento intellectual.

Quantos n'este paiz têm a honra de empunhar uma penna convencida e honrada por modesta e obscura que seja, reconhecerão que jámais durante o seu longo reinado tiveram de deixal-a cahir por falta de liberdade ou siquer de illudir ou velar o seu pensamento. Todos pensavamos como queriamos e diziamos o que pensavamos.

Eu não sei que maior elogio se possa fazer a um estadista, nem que maior serviço podesse elle ter feito ao nosso desenvolvimento espiritual.

Quantos ainda temos fé na Republica só devemos desejar que ella o continue n'este ponto e que nos restitua sem intermitencias, nem restricções, a liberdade que com D. Pedro II tivemos.

JOSÉ VERISSIMO.

(Do *Jornal do Brazil*).

D. PEDRO II

ULTIMOS MOMENTOS

Telegrammas recebidos pelos nossos collegas d'esta capital referem, com pormenores commoventes, os derradeiros momentos de vida do Sr. D. Pedro II.

Como sabem os leitores, expirou o grande brazileiro no dia 5 do corrente, ás 12 horas e 30 minutos da noite, nos aposentos que estava occupando no hotel Bedford, em Pariz.

Foi uma agonia lenta e serena, confortada pela religião, cujos soccorros lhe ministrou o cura da parochia da Magdalena, Monsenhor Rebours. O illustre enfermo já havia recebido a communhão no dia do seu anniversario natalicio, 2 de Dezembro, por occasião da missa que se celebrou no seu quarto.

Durou duas horas a agonia, e as suas unicas manifestações foram a perda dos sentidos e a respiração que pouco a pouco se ia enfraquecendo.

Por volta da meia noute, o pulso tornou-se filiforme, o resfolegar cada vez mais fraco e entrecortado, descahindo brandamente a encanecida cabeça de Sua Magestade sobre o hombro esquerdo, como que n'um movimento de completa resignação á hora da despedida suprema.

Junto ao leito de seu augusto pai, ajoelhada e debulhada em pranto, achava-se a princeza Sra. D. Izabel, estando igualmente de joelhos os Srs. Conde d'Eu, Duque de Saxe e D. Pedro Augusto.

Presentes ainda os Srs. Conde de Motta Maia, Conde de Aljezur, Barão de Penedo, Visconde de Cavalcanti (conselheiro Diogo Velho), Barão da Estrella, Conselheiro Dr. Silva Costa, Barão de Albuquerque, Dr. Eduardo Prado, Dr. Alfredo Rocha, Sebastião Guimarães, Barão de S. Joaquim, Calogeras, professor Seybold — mestre de hebraico e linguas orientaes de Sua Magestade, Ferdinando Hex, Condessa de Motta Maia, Baroneza de Muritiba, viuva Silva Coutinho e seis criados da casa.

Antes das 10 horas, haviam sido recebidos o Principe de Joinville, cunhado de Sua Magestade, os Duques de Aumale, de Nemours e de Chartres, que, como o Sr. Conde de Nioac, se retiraram, não prevendo tão proximo o fatal desenlace.

Logo depois de expirar Sua Magestade, as pessoas de sua familia e as demais que se achavam presentes, conservaram-se recolhidas em oração por algum tempo. No quarto, situado ao lado direito da grande sala de recepção no segundo andar do hotel Bedford, cujas janellas dão para a rua de l'Arcade, tinha sido armado um pequeno altar com Crucifixo e ardiam velas de cera,

A Princeza levantou-se e foi abraçar o corpo de seu pai, retendo-lhe a dextra por muito tempo nas suas mãos.

Todos os presentes beijaram então a mão do morto.

O Sr. D. Pedro II parecia apenas estar dormindo, tal a placidez e compostura do seu venerando rosto, emmoldurado n'aquella bella barba branca.

Estava tudo consummado! Cuidou-se então dos preparativos mortuarios.

*
* *

O auto de fallecimento foi lavrado pelo camarista Conde de Aljezur, e assignado pelos membros da familia imperial e por todas as pessoas presentes ao trespasse.

A's 8 horas da manhã, houve missa no aposento mortuario, á qual assistiram, além de grande numero de brazileiros, os Duques de Nemours e de Chartres.

Foi encarregado do embalsamamento do corpo o Dr. Poirier.

Os Drs. Charcot, Bouchard e Conde de Motta Maia firmaram a certidão de obito, dando como causa immediata da morte uma pneumonia no pulmão esquerdo.

A declaração da lei foi feita na *mairie* do 18° *arrondissement* pelo Srs. Visconde de Cavalcanti, Barões de Penedo, de Muritiba e da Estrella.

O Sr. Conde de Motta Maia, auxiliado pelos fieis criados de Sua Magestade, Camerlower e Boucher, foi quem vestio o cadaver, sendo este collocado n'um pequeno leito de madeira preta, adornado com bambinellas de seda azul. O Sr. D. Pedro II, tinha nas mãos encruzadas precioso Crucifixo de Prata, que lhe fôra dado por Sua Santidade o Papa Leão XIII.

Mal que se espalhou a infausta nova, as immediações do hotel, nas ruas Pasquier e de l'Arcade, encheram-se do povo, que ainda não se havia recolhido, manifestando todos o mais profundo pezar pela morte d'esse soberano tão conhecido, respeitado e querido, geralmente, em todo o mundo civilisado.

A pneumonia a que succumbio o Sr. D. Pedro II, foi devida a um resfriamento apanhado n'um passeio de carro á noite, pela margem do Sena, até Saint Cloud, depois de uma sessão do Instituto de França, á qual insistira em ir quinze dias antes, não obstante as admoestações do seu dedicadissimo medico, o Sr. Conde de Motta Maia. A noite estava fria, noite de inverno, e a capa do carro abatida; d'ahi resultou um ataque de influenza ou grippe, que se resolveu na molestia que o matou.

Apezar da hora adiantada em que falleceu, toda a imprensa de Pariz, na manhã de 5, pôde registrar o infaustissimo successo, com palavras de condolencia, de sympathia e da mais respeitosa homenagem ás grandes virtudes e excellencia do illustre monarcha.

O *Times* de Londres, n'esse mesmo dia, publicou longo artigo sobre o Sr. D. Pedro II, lamentando que esse soberano, que tanto havia amado e tão bem servido o seu paiz, se tornasse em algumas horas um exilado, condemnado a soffrer crueis provações e a succumbir em terra estranha.

Aliás, a triste noticia tem produzido a mesma impressão de magoa em toda a parte : em Berlim, Bruxellas, Roma, Nova-York, Buenos Aires, onde os jornaes estamparam artigos que todos fazem a maior honra ao fallecido soberano, segundo referem telegrammas d'essas procedencias. A *Patria Italiana* de Buenos Aires deu o seu retrato.

Os telegramas de pezames enviados á familia, de todos os pontos do mundo, são tão numerosos, (diz um correspondente), que ainda não tinha sido possivel abrir-se a quarta parte d'elles.

(D'*O Brazil*).

ESCRINIO

Um grande assumpto tem occupado a attenção publica—o infausto passamento do Sr. D. Pedro II.

Ante a magnitude d'esse evento todos os mais são liliputianos, e entre estes a tentativa da deposição do Sr. Portella.

Que bem importa á Nação, no fim das contas, que o governador do Estado do Rio seja Portella ou Porciuncula? Mera questão de pennacho na tribu republicana.

Sobre o magno e lutuoso successo, a morte do mais generoso e illustre dos brazileiros, todos os jornaes se pronunciaram de modo favoravel á memoria do Sr. D. Pedro II.

Exceptuou-se o *Diario de Noticias*. Mas basta ponderar que esta folha se acha confiada á direcção de Ninô Azeredo, para reconhecermos que não é possivel querer-lhe mal.

(D'*O Brazil*).

D. PEDRO DE ALCANTARA

De telegrammas recebidos por nossos collegas, extrahimos o seguinte:

A's 3 horas da madrugada do dia 5, já a camara mortuaria transformara-se em verdadeira capella de flores. Não havia absolutamente mais espaço onde collocar as corôas e *bouquets* que chegavam.

Nas duas ruas do hotel fazia comprida e ininterrupta cauda grande multidão de pessoas, anciosas por inscreverem seus nomes nos registros que para esse fim estavam no escriptorio do hotel.

O pateo interior d'este, assim como suas proximidades, ficaram repletos de tudo que Pariz conta

de mais notavel nas lettras, artes, politica, finanças, commercio e industria, e tambem na aristocracia franceza.

O presidente Carnot, achando-se ausente de Pariz, ordenou a todo seu estado maior militar que, em seu nome, fosse apresentar seus pezames á Sra. D. Izabel.

Com effeito, apresentaram-se no Hotel Bedford, em commissão, trajados com a farda de grande gala, o general A. J. Brugère, general de divisão, secretario do Presidente, o chefe de sua casa militar, o almirante Jaureguiberry, os coroneis Chamoin e Dalstem e o chefe de esquadra Pistor, que saudaram a Sra. D. Izabel em nome do Presidente Carnot.

A Sra. D. Izabel foi tambem visitada pela ex-Rainha D. Isabel II de Hespanha, e pela Infanta D. Maria Eulalia, sua terceira filha.

Extraordinario numero de despachos telegraphicos de toda a Europa e da America foram recebidos pela familia.

Entre esses os do Imperador da Austria-Hungria, do Rei Oscar II da Suecia-Noruega, do velho Rei Christiano IX da Dinamarca, em seu nome e no de seus filhos, da Rainha regente da Hollanda, dos Grão-Duques de Hesse-Mecklemburgo, de Baden, de Luxemburgo,dos Duques de Gotha e da Imperatriz viuva da Allemanha.

Eram esperadas em Pariz as duas irmãs do illustre morto, as Sras. D. Januaria e a Princeza de Joinville.

*
* *

Além das visitas officiaes já citadas, compareceram na camara mortuaria o Sr. Freycinet, presidente do conselho de ministros e o Sr. Conde d'Ormesson, introductor dos embaixadores que, em

commissão do ministro dos negocios estrangeiros, foi apresentar á Princeza, em nome do governo e do povo francez, os sentimentos de seu profundo pezar pela morte de seu pai, e fazendo sentir que o governo da Republica Franceza deseja prestar ao corpo do finado, por occasião do sahimento, as maiores honras funebres, que póde decretar.

Tendo a Sra. D. Izabel accedido aos desejos manifestados pelo governo francez, foram immediatamente expedidas ordens para que as honras funebres fossem feitas com a maior pompa.

O ministro da guerra mandou logo telegraphar ás guarnições das provincias mais proximas de Pariz ordenando aos respectivos commandantes que fizessem partir as forças de que dispunham e que viriam reunir-se ás já existentes n'aquella capital, afim de prestarem as honras militares.

Todo o ministerio e corpo diplomatico deviam comparecer officialmente ao acto.

Depois das exequias que se realisarão amanhã, quarta-feira, partirá o cortejo funebre em direcção á estação da estrada de ferro; d'ahi seguirá o feretro para Lisboa.

*
* *

O cadaver foi embalsamado pelo Dr. Poirier, ajudado pelos Drs. Charcot Junior, Tramaud e Baudiau. Seis litros de chlorydrato de zinco e aluminio foram injectados na carótida, em presença de Mr. Caseneuve, magistrado, delegado pelo tribunal local.

Não se fez autopsia.

O cadaver foi depois vestido com o uniforme de general, com as fitas das grã-cruzes das ordens brazileiras, e envolvido n'uma bandeira brazileira do tempo da monarchia.

*
* *

Durante a noite de ante-hontem começou de novo a afluir muita gente para ver o cadaver na camara ardente. Nas ruas adjacentes ao hotel era enorme a concurrencia de povo, desejoso de penetrar n'aquella camara. Notavam-se a burguezia, sobre tudo professores, grande numero de brazileiros que residem modestamente em Pariz e mesmo pretos e pretas, que por meio de soluços manifestavam o seu pezar.

Até aquella hora já os livros da porta contavam mais de 40 paginas cada um, cobertas de assignaturas de visitantes.

O numero de telegrammas excedia a 2.000, e entre esses viam-se os dos Reis da Allemanha e Italia, e muitos procedentes do Chile, dos Estados Unidos e da Republica Argentina.

*
* *

Notou-se entre os visitantes Mme. Jacquemart, que fez o retrato do defunto, no seu leito.

*
* *

Os jornaes de Nova York, segundo communicações recebidas em Pariz, traziam muitos artigos mencionando detalhadamente a vida do ex-Imperador. Dos principaes de Pariz o nosso collega do *Jornal do Brazil* inseriu as seguintes phrases mais notaveis :

. . . .
. . . . (10)

(Da *Gazeta de Noticias*).

---

(10) Deixamos de reproduzir aqui os referidos topicos por acharem-se já publicados ás paginas 14, 15, 19 e 20.

A NOVA PHASE

A morte do grande homem, cujo cadaver ainda insepulto recebe as homenagens do mundo inteiro, attrahindo em piedosa romaria ás portas do hotel modesto tudo quanto a capital do mundo civilisado tem de mais notavel, veio abrir uma nova éra aos destinos da Patria que tanto estremecia.

Portentoso destino o d' este homem cujo nome a historia archivará junto aos dos grandes benemeritos da humanidade!

Ainda infante, o seu berço foi o laço de cohesão que manteve unida a grande Patria Brazileira e o pharol que guiava os passos dos grandes patriotas de 31 na difficil tarefa de constituir uma nação; hoje seu tumulo vai ser o laço de união de todos os patriotas na grande obra da reconstrucção da Patria n'estes tenebrosos dias que atravessamos.

Quando, em 15 de novembro de 1889, baqueava o unico throno americano e o povo estupefacto via partir barra fóra aquelle que durante 50 annos fôra chefe supremo da nação, todos os corações brazileiros se confrangeram e nenhuma só voz discordante se ergueu para tentar ao menos quebrar a harmonia do concerto de bençãos e de saudades que acompanhava em seu desterro o velho banido.

Mas apezar de tudo o povo não protestou: é que na consciencia intima de todos bradava bem alto a voz do patriotismo que dizia:—« Os dias da monarchia na America estão contados, entre nós ella deveria durar tanto quanto o grande Impeperador; mas, velho, alquebrado pela enfermidade, com as energias enfraquecidas, que seriam os ultimos dias de seu reinado? Impossibilitado de imprimir o cunho de sua longa experiencia, de seu acrysolado patriotismo e de sua immaculada probidade aos governos que em seu nome e sob sua

responsabilidade moral dirigissem os destinos do paiz, quem sabe se d'ora avante não terá de marear-se a luminosa aureola que o cerca e que illuminará na historia seu longo e feliz reinado? Quantos males não arrastaria para a patria a permanencia no poder de homens que vivessem fóra da lei, governando sem a interferencia e sem a indispensavel acção do chefe supremo do Estado? »

Eis o verdadeiro e unico motivo que explica a attitude do povo brazileiro em face dos acontecimentos de 15 de novembro e eis ainda mais o que justificará e sanccionará perante o historiador do futuro o proprio exercito e a propria armada nacional, principaes factores da revolução triumphante.

A instituição da fórma republicana no governo do paiz era fatal e irrevocavel; todos o presentiam, era necessaria por todos os motivos, até mesmo porque, depois de D. Pedro II, nenhum outro soberano poderia satisfazer as aspirações nacionaes.

Excepção luminosa entre as testas coroadas, o grande brazileiro não podia nem devia ter successor no throno. Nenhum brazileiro, digno d'este nome, poderá contestar esta verdade; e elle proprio, o neto de Marco Aurelio, era o primeiro a reconhecel-a e a proclamal-a.

Quem escreve estas linhas ouviu de seus proprios labios o seguinte nobilissimo conceito:—«O Brazil ainda necessita por algum tempo d'esta forma de governo; mais tarde ha de ser uma Republica e é assim que eu sou monarchista *si et in quantum*.»

Entretanto, proclamada a Republica sem protesto e acceita tacitamente pelo paiz inteiro, até hoje uma grande parte dos cidadãos brazileiros tem-se abstido de collaborar effectivamente para a consolidação das novas instituições; e esta

abstenção palpavel e funestissima, se evidencía não sómente nas classes dirigentes da sociedade, mas, e principalmente, na grande massa dos cidadãos activos.

E para que negal-o? Esta abstenção era o unico protesto de muitos contra a occasião e contra o modo da proclamação da nova fórma de governo. E ainda (porque não o diremos?) para a grande maioria da nação o tristissimo espectaculo que dava ao mundo esse velho monarcha, ante o qual os proprios republicanos do mundo inteiro se curvavam reverentes, exilado da Patria a cuja organisação tinha dedicado 50 annos de sua honrada existencia, era razão bastante, sinão para tentar uma contra-revolução que o sentimento de patriotismo repellia, pelo menos para absterem-se completamente de qualquer interferencia na consolidação da Republica.

D'ahi a grande abstenção que se tem observado nos comicios eleitoraes e o absenteismo politico de tantos brazileiros illustres que tão grandes serviços poderiam ter prestado á reorganisação do paiz; e ainda mais o facto anomalo de até agora nenhuma tentativa séria ter sido feita para a organisação dos nossos partidos politicos, sem os quaes impossivel é o andamento regular e harmonico das novas instituições republicanas.

Quaes as consequencias da quasi total ausencia do elemento popular na orientação dos governos que se têm succedido, desnecessario é dizel-o, porque todos as sentem e ellas se traduzem no mal estar geral, nos receios e nos sobresaltos que perturbam a alma nacional.

Eis porque dissemos que o tumulo que se acaba de abrir vai ser o laço de união de todos os patriotas na grande obra da reconstrucção da Patria. D'ora avante a ninguem será mais permittido,

por nenhum pretexto acceitavel, evitar a luta e fugir da arena onde vão bater-se os brazileiros dignos d'este nome na incruenta faina de reerguer o Brazil republicano á altiva posição que lhe compete e que por tantos annos soube manter; d'ora avante só os fracos, os cobardes e os egoistas poderão esquivar-se ao dever civico de reorganisar a Patria que devemos legar aos nossos filhos honrada e digna como a recebemos dos nossos predecessores.

(Do *Correio do Povo*).

HONRA A' FRANÇA

O *Jornal do Commercio* publicou hontem os seguintes telegrammas:

«PARIZ, 5 de Dezembro (ás 5 e 20 da tarde).

O conde d'Ormesson, introductor dos embaixadores, veio em commissão do Ministro dos Negocios Estrangeiros apresentar á Princeza, em nome do governo e do povo francez, os sentimentos de seu profundo pezar pela morte de seu pai, fazendo sentir á Sua Alteza que o Governo da Republica Franceza deseja prestar ao corpo do finado, por occasião do sahimento, as maiores honras funebres que pode decretar.»

«PARIZ, 6 de Dezembro (ás 7 40 da noite).

O conde d'Ormesson voltou ao hotel para de novo communicar á Princeza a intenção do Presidente da Republica de prestar as honras funebres de que acima fallei, accrescentando que o governo francez e a opinião publica desejavam extremamente que fosse aceita essa homenagem.»

A Princeza accedeu então a essas instantes solicitações, e ordenou ao mesmo tempo que o cadaver seja conduzido terça-feira, á tarde, para a igreja da Magdalena.

Depois das exequias que se realisarão quarta-feira partirá o cortejo funebre em direcção á estação da estrada de ferro; d'ahi seguirá o feretro para Lisboa.

O ministro da guerra mandou telegraphar ás guarnições das provincias mais proximas de Pariz, ordenando aos respectivos commandantes que façam partir as forças de que dispõem que virão reunir-se ás já existentes n'esta capital, afim de prestarem as honras militares.

Todo o ministerio e corpo diplomatico comparecerão officialmente ao acto.»

O povo heroe que através de um seculo soube adiantar-se a toda a Europa na conquista das liberdades publicas, acaba de dar ainda uma vez prova exuberante da grandeza de sua alma, aberta sempre a todas as justiças.

Tendo acolhido em seu seio o velho D. Pedro de Alcantara, banido da sua patria pelas necessidades invenciveis de uma nova politica que abria campo vasto ao desenvolvimanto de todas as suas pujanças represadas pelos moldes estreitos do regimen monarchico, soube, nos limites de suas forças, proporcionar ao illustre brazileiro os elementos precisos para que pudesse fazer a dolorosa jornada do seu banimento.

Na capital da grande nação, grande pelo patriotismo de seus filhos e grande pelas suas instituições, se o illustre brasileiro não pôde vencer os dilaceramentos do coração movidos pela saudade que o pungia a todos os instantes, saudade do paiz que lhe foi berço e onde passou toda sua existencia; comtudo, encontrou no coração d'aquelle grande

povo a comprehensão perfeita das suas grandes maguas, traduzida no respeito e veneração que lhe tributava.

E' que a França não viu n'esse homem illustre o representante de um systema contra o qual bateu-se heroicamente por diversas vezes.

A França quando estendeu a mão amiga ao exilado, lembrou-se, sem duvida, da celebre entrevista realisada entre um dos seus mais queridos filhos e o *timido* monarcha deposto; lembrou-se dos conceitos formulados n'essa occasião pelo extraordinario representante de uma dymnastia, conceitos esses que foram ligar-se perfeitamente ás mais adiantadas idéas do grande poeta.

E assim, quando esse vulto venerando alli appareceu, deixando atraz de si a corôa despedaçada pelo braço possante da Revolução, a França viu em sua bella fronte coberta de cabellos brancos, a aureola de patriotismo, substituindo a corôa perdida.

Depois... acompanhou todos os instantes da vida d'esse homem illustre que engrandeceu ainda mais no exilio pela grandeza da sua abnegação e pelos altos sentimentos, nunca desmentidos, do seu amor á Patria!...

E é por isso que hoje a França Republicana faz sentir á filha dilecta do Imperador deposto, o desejo que tem de prestar-lhe, por occasião do sahimento de seu corpo, *as maiores honras funebres que póde decretar.*

Honra á França!

(Do *Correio do Povo*).

D. PEDRO II

The death of the aged Emperor Dom Pedro II. was not altogether unexpected, but it has fallen upon this country nevertheless with a shock which

has been deeply felt and openly manifested. An exile from the land of his birth, which he loved with unselfish devotion,aged and broken in health, there remained for him nothing but the peace and rest which death only can give. Life must have become to him a daily round of unsatisfied longing and hopeless pain—a longing for the home in which his childhood, manhood and old age had been spent, hallowed with so many associations of family and friends, and with memories of the faithful wife and mother who had been so devoted a companion for nearly half a century, and pain for the ingratitude and desertion of those in whom he had trusted and for whom he had done so much. He may not have been and ideal sovereign and he may not have always ruled wisely, but no one will question his patriotism and good purposes. His first and only thought was for the good of his country and the well-being of his people. He gave his whole life to the service of his country ; e saved nothing ; he died in exile and poverty. Had he been less unselfish,less patriotic,less devoted to the welfare of his country, he would have saved something for the day of adversity as other rulers have done, but he gave everything he had to his people. How much he gave no one will ever know. His charities were innumerable and unending. He gave often unwisely, often unthinkingly, but always spontaneously. Many a Brazilian owes his education to the charity of D. Pedro II.; many a Brazilian owes his place and success in life to his protection. His private pension list was a long and burdensome one, but he managed somehow to meet all its demands without ever appealing to the public treasury for relief. And yet, notwithstanding all his charities, sacrifices and dreams fort the aggrandizement of his country, he has died in exile, and

his ashes will rest in foreign soil. The Brazil of his dreams was never realized perhaps, but at the same time by for the greater part of its material development was secured under his guidance. All the great servants of modern civilization were introduced under his patronage, and he sought to secure for his people everything that would contribute to their progress and happiness. These efforts may not always have been crowned with success, but the purpose was good and should be honored, even by those whose political hostility has degenerated into unseemly personal malice. Time and history we may be certain, will do justice to the dead, and while they may not exalt him as a ruler of men, they will certainly honor him as a man and a patriot. And they will record that in his death Brazil lost her most devoted and unselfish servant, her warmest and most disinterested friend.

(Do *The Rio News*).

D. PEDRO II

The death of the exiled Emperor D. Pedro II. took place at the Hotel Bedford, Paris, at half past twelve o'clock on the morning of the 5th inst. He had been suffering from a severe attack of influenza which, in his enfeebled condition, he was unable to resist. At the hour of death the Comte and Comtesse d'Eu and his grandson D. Pedro de Saxe were at his bedside. A number of old and faithful friends were also present. His death was peaceful and apparently painless, his face wearing the aspect of one who had fallen asleep.

The French government as well as the municipal authorities of Paris manifested the deepest sympathy with the bereaved family, and accorded

every honor due to the high character and position of the illustrious dead. Telegrams were also received from all parts of Europe and America expressing profound sympathy with the Princess Imperial and speaking in the highest terms of the character and ability of the dead sovereign. At the earnest wish of President Carnot the obsequies were carried out wish official honors, and the catafalque will be exposed for a day at the Madelaine before starting for Lisbon where the mortal remains of D. Pedro II. will be laid at rest in S. Vicente de Fora beside those of the Empress. The sympathy and reverence shewn by the people of Paris, and by the people of all countries have been touching in the extreme, and from none have the eulogies been more earnest, the expression of sympathy more fervent and the regret more poignant than from the United States and other republics of the western continent. According to the announced programme the official funeral ceremonies will take place to-morrow at the Madelaine, after which the remains will be taken to Lisbon by special train.

D. Pedro de Alcantara, João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Raphael Gonzaga, second Emperor of Brazil, was born at the Boa Vista palace, S. Christovão, in this city, on December 2nd, 1825. His father, D. Pedro I., was the son of D. João VI. of Portugal, and his mother the Archduchess Leopoldina of Austria, who died about twelve months after his birth. He was a descendant therefore of the Braganças, the Bourbons and the Hapsburgs. Shortly after his fifth birthday, on April 7th, 1831, his father, D. Pedro I., abdicated and returned to Portugal, leaving the young Prince heir to the Brasilian throne. The country was governed by regencies

during his minority, which was suddenly terminated by a political revolution in 1840 which led to a legislative act (July 23) declaring his majority. He was, therefore, only a little over 14 1/2 years when his long reign began. He was crowned July 18th, 1841, and one year later a contract was signed at Vienna for his marriage with Princess Thereza Christina Maria de Bourbon, daughter of Francis I., of the Two Sicilies. He was married by proxy on May 30th, 1843, and his bride, the devoted companion of very nearly his whole life thenceforward, landed in Rio de Janeiro on the 4th September following.

His youth was spent in the midst of incessant political intrigues and revolutions. His education was therefore spasmodic and was obtained in the worst possible school. Studious by habit, impressionable and ambitious, he had in him the qualities of a truly great man, but between his instructors who sought to please the Prince rather than to train his mind, and his political counsellors, who intrigued for power by ministering to his little vanities, his education was both neglected and perverted. His pronounced tastes as a student, however, strongly colored his whole life and led him into pursuits and associations rarely chosen by Princes. During his long and busy life he found ample time for literature and science, for pleasant associations with learned men and societies, and for the encouragement of learning among his own people. He was a student by taste and had his lot been cast in a humbler sphere he would have achieved by force of the talents with which nature had endowed him, a prominent place among the investigators and educators of his time.

During his long occupancy of the Brazilian throne, which lacked but a few months of a half

century, his life was one of almost uninterrupted peace and quiet. The turbulency which marked the years of his minority soon disappeared. A revolution in Rio-Grande which cost a severe struggle, and a less important attempt in Pernambuco, were the only serious efforts against his authority that he had to encounter at home, while abroad a war against the Argentine dictator Rosas (1850-52), an armed intervention in Uruguay in 1864 and a war against the Paraguayan dictator Lopez (1865-70) were the only occasions on which he had to appeal to the sword. His victories were largely those of peace the building of railways, the opening of cable and steamship communication with the outside world, the founding of schools, the development of commerce and agriculture, and the acquisition abroad of all that science and genius had been able to discover for the progress and refinement of mankin.

His first visit to Europe took place in 1871, and during this visit, under the regency of his eldest daughter, the Princess Imperial, was adopted the first emancipation act, known as the Rio Branco law. In 1876 he visited the United States, returning the following year by way of Europe. In 1887, his first serious illness led his physicians to advise another trip to Europe, during which the second and final act of emancipation was passed. At the very time this act was passed the Emperor was gravely ill at Milan, Italy, and was saved only throngh the consummate skill of his physicians. His return home in August of that year was made the occasion of an elaborate manifestation in his honor, the whole population turning out to receive him.

The seeds of discontent and revolution, however, had already been sown. There was insubordination in the army over questions of privilege, and

the act of abolition had aroused the antagonism of the richest and most powerful class in the country. Various unpopular administrative acts also conspired to extend the prevailing feeling of discontent. On November 15th a military revolt against the Ouro-Preto cabinet was skillfully diverted into a revolution for the overthrow of the monarchy, and as his friends deserted his cause the aged Empenor, with all the members of his family, were placed on board a war vessel in port and sent into exile. In the following year his life-long companion died in Lisbon with blessings for the land of her adoption on her lips, and now D. Pedro himself, full of years and honors, quietly follows her into the shadowy realm of death.

(Do *The Rio News*).

9 de Dezembro de 1891

O FUNERAL

Começa hoje a penultima jornada. Os restos mortaes do grande Brazileiro vão ser transportados da Magdalena, em Pariz, a S. Vicente de Fóra, em Lisboa, com toda a pompa de um sahimento régio. D'esse grandioso espectaculo, como nenhum outro proprio para ferir a imaginação dos que acompanham com maior interesse do que as machinações humanas, os designios da Providencia, é impossivel dizer qual elemento é mais dramatico e mais imponente.

Tudo se reune n'essa demonstração unica para dar-lhe o cunho de uma grandeza original e suggestiva. O primeiro caracter d'esse luto é ser universal. O mundo inteiro toma parte n'elle, sentindo

que não faz senão elevar a propria humanidade rendendo esse tributo a um dos seus vultos supremos, e é a França, o cerebro e o coração da raça Latina, que se faz o orgão da veneração unanime dos Dous Mundos, o conductor d'essa epopéa funebre.

A scena em Pariz apresenta-se de uma grandiosidade indisivel ao coração brazileiro. A guarnição, sob o commando do general Saussier, prestará honras militares ao homem que durante cinco annos foi a alma do nosso exercito e de nossa armada, o chefe a quem morreram fieis os Caxias, os Hervaes, os Porto-Alegres, os Amazonas, e a multidão enorme das fileiras.

A guarnição de Pariz só por si é um grande exercito, e a formação d'elle em honra de um exilado póde servir de exemplo ainda mais do que á magnificencia, á elevação e ao desinteresse da hospitalidade franceza. Na nave da Magdalena o cortejo funebre tomará as feições de um congresso do Espirito Humano.

Pela primeira vez se apresentam aos olhos da Europa conduzindo os funeraes da realeza, as sciencias e as lettras. São ellas que elle preferia a tudo na admiravel cultura de que Pariz é o centro, e são os seus confrades do Instituto que se elle pudesse apontaria para estarem mais perto d'elle, com precedencia aos herdeiros de titulos antigos ou aos occupantes de posições sociaes. Tambem nunca as sciencias e as lettras ter-se-hão incorporado ao cortejo de um imperante com tanta consciencia de que acompanhavam um collega ao seu descanço final. Nem a representação das grandes vocações especulativas se limitará na Magdalena, é licito presumir, ao genio da França. Se não em pessoa, pelo espirito tomaram parte na demonstração os vultos intellectuaes dos outros paizes, porque de muitos

d'elles D. Pedro fôra um correspondente e amigo, e de todos um apreciador intelligente. Mas, se primeiras alli pela distincção e escolha do illustre morto, as sciencias e as lettras não occupam, socialmente fallando, senão uma categoria modesta, porque em humilde e restricta comparação se pode dizer que tambem o seu reino não era ainda d'este mundo. Os primeiros aos olhos da multidão n'aquelle sequito innumeravel serão os altos representantes da Europa monarchica e da França republicana, reunidos para prestar as ultimas honras ao chefe exilado da monarchia extincta da America. A ceremonia só por si dá perfeita idéa do progresso realizado nas idéas politicas do proprio povo pariziense. Pariz não é mais o ninho, que foi por vezes um instante, de um jacobinismo pervertido pela sensualidade que só encontra satisfação no crime e gozo no sangue. A Republica Franceza não é hoje a imposição de uma insignificante minoria fanatica e autoritaria ás massas timoratas do paiz ; funda-se na opinião e não na força, legitíma a sua existencia, não por um dogma politico de seita, mas pela preferencia expressa e conhecida do suffragio universal. Por isso ella, democracia culta, assim como não commette o erro grosseiro de confundir com as instituições democraticas, o militarismo Sul-Americano, tambem reconhece a monarchia constitucional, systema que D. Pedro II tão admiravelmente representou por meio seculo, um regimen de liberdade parlamentar do mesmo genero, ainda que não, pela fórma exterior sómente, da mesma especie, que os governos republicanos mais adiantados. E' a largueza d'esse ponto de vista que faz a Republica Franceza,—e n'esse pensamento, pelas homenagens da sua imprensa se vê, os Estados-Unidos a acompanham duas vezes como democracia verdadeira e como primeira Nação Americana—prestar

o elevado tributo do seu respeito ao representante que foi na historia da America do Sul, sob a bandeira da monarchia constitucional, de uma extensa calma e continua excepção a favor da lei, da liberdade e do bem publico.

A Nação Brazileira sente-se n'este momento para com a França sob o peso de uma divida immensa. Se no paiz, a que elle dedicou a sua vida toda, cogitações muito diversas e provenientes do desmantelo causado na ordem moral e na ordem politica pela inadequada substituição de regimen, desviam no dia de hoje de seu passamento a reflexão de tão grande parte do nosso povo, dia virá, em que sem distincção de partidos, todo elle se coadune no sentimento de que foi a França quem generosamente se encarregou de cumprir para com o fallecido Imperador os deveres que por todas as leis naturaes incumbiam á Nação Brazileira. Não faltam, entretanto, e são innumeros, Brazileiros cujo pensamento no dia de hoje esteja inteiramente voltado para a primeira e lutuosa parada do cortejo funebre que a Princeza Imperial, como filha extremosa, vai ter a dôr e o privilegio de conduzir através da França e da Peninsula.

Os francezes tem o genio das artes e em nada elle é mais distincto e brilha melhor do que na organisação das suas grandes solemnidades publicas. Pariz só por si é um scenario esplendido e sempre prompto para as glorificações populares. Accrescente-se á incomparavel perspectiva da estrada que o cortejo tem de percorrer, margeada de multidões de povo, entre alas contínuas de soldados, o imponente prestito funebre, e quem viu Pariz em uma d'essas occasiões em que a cidade parece fazer appello a todos os seus recursos para manter a sua incontestavel preeminencia, póde representar-se pela imaginação o quadro que alli se desenrolará

hoje na apotheose de D. Pedro II. Mais do que tudo isso, infinitamente, elle prefiriria ser enterrado entre nós e por certo que o tocante symbolismo de fazerem o seu corpo descansar no ataúde sobre uma camada de terra do Brazil interpreta o seu mais ardente desejo.

Ao brilhante cortejo da Magdalena elle teria preferido, em falta de tantos que reputára seus amigos, o modesto acampanhamento dos mais obscuros de seus patricios, e daria bem a presença de um dos primeiros exercitos do mundo em troca de alguns soldados e marinheiros que lhe recordassem as gloriosas campanhas nas quaes o seu coração se enchêra de todas as emoções nacionaes.

Mas foi a sua sorte morrer longe da patria, e é uma consolação para todos os Brazileiros que veneram o seu nome, vêr que elle na sua posição de banido recebeu ainda da gloriosa Nação Franceza as supremas honras que ella póde tributar. No dia de hoje o coração Brazileiro pulsa no peito da França.

JOAQUIM NABUCO.

(Do *Jornal do Brazil*).

D. PEDRO DE ALCANTARA

Não podem deixar de ser gratas á nação brazileira as manifestações de respeito que o governo da Republica Franceza, a França e todos os povos d'este e do outro continente prestaram á memoria do brazileiro que foi o primeiro magistrado do Brazil durante cincoenta annos e aqui deixou, com o seu bom nome, os fructos dos serviços da sua laboriosa existencia.

Para a Europa e para o estrangeiro, por convicção erronea mas que procede do regimen

politico representado pelo fallecido Imperador, o Brazil era o Sr. D. Pedro II, e nas demonstrações a que alludimos agradecidos, incontestavelmente temos a nossa parte.

Não podem, nem devem offender a esta novel democracia o preito saudoso á memoria do illustre finado e elle o merecia, senão por tudo quanto poderia ter feito, ao menos pelo muito que fez. A republica e o povo e se o povo não se podia receiar do Imperador no throno, não tem que temer da homenagem ao corpo, que para repousar sobre a terra da patria precisou do piedoso subterfugio de alguns punhados de argilla levados d'aqui para o paiz que o abrigou no exilio.

D. Pedro II, se não teve em vida dedicações activas, não desmereceu d'este devotamento posthumo á sua pessoa e ás suas virtudes. E' caso de consciencia a efficacia de taes dedicações antes e depois do seu exilio e não queremos nem devemos querer perscrutar a consciencia e a sinceridade da dôr dos que pranteiam o nefasto acontecimento.

Como brazileiros tambem o lamentamos profundamente, convencidos de que perdemos um concidadão que honrava a nossa patria pelas suas virtudes civicas, e pelo seu exemplo de dedicação á causa publica.

Nenhum patriota se desdoura em reconhecer e proclamar o merito de quem illustra o seu paiz, seja qual fôr o partido e a politica a que haja pertencido. A grandeza d'esses cidadãos benemeritos é um patrimonio nacional; não pertence a partido nenhum.

Se D. Pedro II não foi um genio como estadista responsavel pelos destinos de um povo, foi um grande cidadão no valor moral e politico d'essa honrosa denominação.

A generalidade do sentimento que a sua morte despertou no Brazil é mais pessoal do que

politico, porque republicanos os mais insuspeitos no seu vinculo ao novo regimen não o disimularam, antes o apregoam pelos seus orgãos na imprensa. Não se renega uma crença respeitando a virtude, seja qual fôr a fé a que se abrigue o virtuoso.

(D'*O Tempo*).



10 de Dezembro de 1891

O PRESTITO FUNEBRE

Não podemos infelizmente fazer senão uma ideia geral da solemnidade que a população de Pariz hontem presenciou. Dos seus innumeros detalhes não nos chegam senão os que mais devem ter commovido os nossos correspondentes, todos brazileiros pela patria ou pelo coração, isto é, o lado moral da grandiosa manifestação, feita, digamos logo a verdade, em honra do Brazil. N'aquelle momento elles não tinham olhos para observar o conjuncto de um espectaculo que entretanto deve ter sido da ordem d'esses que nunca mais póde esquecer quem os viu. Para elles a scena revestia um caracter de grandeza antithetica; elles acompanhavam-n'a antes com a imaginação posta em todos os seus profundos contrastes do que com a admiração a que a vista mal poderia furtar-se. Por fortuna nossa houve ainda conselheiros de estado, servidores da antiga casa imperial, e altos funccionarios da monarchia em numero bastante para tomarem os cordões do feretro, fazendo assim crer ao mundo que o abandono do soberano desthronado pelas creaturas de que elle se havia mais de perto cercado não fôra tão completo quanto se podia imaginar. Ainda sem

elles o funeral teria assumido a feição de uma demonstração nacional, porque, os telegrammas nos referem, não faltaram no Hotel Bedford brazileiros de todas as classes para assumir a responsabilidade do luto publico pelo Imperador, mas é consolador ver que os representantes da nossa nacionalidade, no prestito que hontem atravessou Pariz, foram tirados do numero dos servidores a quem essa honra teria tocado se elle tivesse morrido no fastigio do throno. D'entre elles pela sua posição politica todos destacaram aquelle mesmo que na ultima hora, quando ainda se desconheciam as intenções e o alcance do pronunciamento da manhã, elle acceitára para seu ministro, Gaspar da Silveira Martins. O telegrapho nos representava hontem a tempera de ferro do tribuno Rio Grandense estalando em lagrimas de dôr perante os restos inanimados do seu companheiro de exilio. Ninguem melhor do que elle, actor e espectador a um tempo, poderá contar aos seus patricios as emoções de um coração profundamente brazileiro durante a jornada de hontem. Dias antes, se não houvesse terminado a revolução de sua varonil provincia, que tantas horas de anciedade lhe deve ter causado no estrangeiro, o seu espirito formado em Plutarcho teria associado intinctivamente áquelle acontecimento a lembrança dos funeraes de Alexandre. Passado porém o eclipse da unidade nacional, só elle nos poderá dizer se prevalecia no seu pensamento durante a triste marcha a esperança de um futuro consolidado ou o irresistivel presentimento de uma desaggregação fatal. Postas de lado, porém, todas as contingencias reservadas ao nosso paiz, a recordação do passado devia, no meio de todo aquelle panorama estranho, inspirar aos leaes servidores da monarchia proscripta os mesmos sentimentos retrospectivos.

Para a massa incalculavel dos assistentes aquelle funeral era apenas um grandioso espectaculo. O morto Imperador não era um personagem que roubasse com o seu desapparecimento, como Thiers, um grande elemento pessoal de força a um partido politico, nem que privasse do seu melhor guia um reinado aventuroso, como o duque de Morny, ambos conduzidos n'aquelle mesmo coche.

Em torno dos seus despojos mortaes não havia pois a desolação de uma opinião nacional nem a luta de sentimentos oppostos; havia sómente a unanimidade da estima e da veneração. Pariz vio desfilar esse prestito, póde-se dizer, com essa especie de emoção impessoal que produz uma grande pagina da historia, quasi uma fórma da arte. O velho soberano não era conhecido d'aquellas multidões senão por sua legenda, a mais bella que a realeza moderna conseguio produzir. A glorificação mesma era de tal ordem que substituia no pensamento de todos a idéa da morte, que é triste, pela da immortalidade, que é radiante.

Para os brazileiros, porém, a serena apotheose exterior convertia-se em uma tragedia nacional. O que então lhes occupava o espirito não podia ser o espectaculo que se desenrolava aos olhos de Pariz nem mesmo a sublimidade do cortejo, que o genio poderia reduzir a um drama Shakesperiano. Grande por certo, devia ser a impressão dos brazileiros vendo a Princeza Imperial conduzindo em pessoa o luto de seu pai, em procura para o seu descanço final da terra Européa que mais se parece com a da patria. Mas apezar de todo o pensamento dos que acompanhavam com alma brazileira, ao longo da via triumphal do Sena, o ultimo prestito Imperial, devia concentrar-se na relação ainda mysteriosa e desconhecida entre o desapparecimento do grande morto e a sobrevivencia da sua obra abalada. Aquella

manifestação era uma derradeira conquista sua para o nome e a gloria do Brazil. Foi a Nação Brazileira que se vio glorificada no representante de sua civilisação, de sua liberdade e do seu adiantamento.

JOAQUIM NABUCO.

(Do *Jornal do Brazil*).

PIF...

Desde algum tempo, vivia na doce illusão de que havia conseguido domar a pequena féra que sinto no peito, do lado esquerdo.

Pensava que a minha sentimentalidade se havia esgotado na dolorosa travessia da existencia, em cujos marcos fui deixando as pobres illusões que me acompanhavam desde a primeira idade; as loucas phantasias dos meus sonhos de moço e as douradas esperanças que me impelliam para o futuro.

Pensei que não podesse mais sentir as vibrações dos pesares alheios, depois de haver descido a tortuosa ladeira do infortunio, em cujo pó foram envolver-se as lagrimas que verti, movidas pelo desespero.

Engano!...

Tive a prova do contrario, hontem, associando-me á consternação do povo, sorprendido pela noticia de que havia desapparecido de entre os vivos o homem honesto que durante cincoenta annos teve nas mãos a sorte do Brazil e que, finalmente, quando o braço do Destino o arrebatou do seio da Patria para lançal-o no exilio, encontrou-o nas mais rigorosas condições modestas, a ponto de ser preciso a resolução, de offerecer-lhe o necessario para viver em paiz estrangeiro.

E diante do tumulo d'esse grande brazileiro, grande pela resignação e grande pelo patriotismo, esqueci-me de que os infortunios que elle soffrêra haviam sido movidos pela necessidade imperiosa de dar um golpe profundo no systema que representava, afim de que este paiz podesse entrar no grande concerto das nações livres americanas.

Esqueci-me que durante quinze annos pertenci ao batalhão sagrado que de dia a dia, instante a instante, ganhou terreno através de perigos e difficuldades e que, sem desanimar um só momento, fez a grande jornada através das idéas republicanas com o fim de destruir o throno do grande morto!

Isto tudo, porém, cedeu logar á impressão triste que recebi com a noticia do seu fallecimento.

Passou-me pelo espirito a scena dolorosa da sua partida; a resignação que sempre mostrou na Europa, deixando perceber, apenas, o desejo invencivel de receber o ultimo osculo do sol na sua patria querida; e, por fim, a agonia dilacerante que, naturalmente sentiu, quando a triste e velha companheira dos seus dias deixou-o viuvo na terra do exilio!

E pensando n'isto, descobri-me com respeito ante o tumulto de D. Pedro de Alcantara.

PAF.

(Do *Correio do Povo*).

D. PEDRO DE ALCANTARA

Verdadeiramente magestoso o prestito funebre, em ultima e commovente homenagem ao illustre morto D. Pedro II.

As descripções dadas por alguns dos nossos collegas, especialmente o *Jornal do Commercio*,

dão a esse prestito a magnificencia d'uma solemnidade augusta, o realce de um alto acontecimento de vulto.

Todas as ruas e praças de Pariz, á passagem do immenso cortejo, apresentavam um aspecto extraordinariamente arrebatador, não só pela multidão que as enchia como tambem pelo ar de profunda compuncção e tristeza que essa mesma multidão mostrava.

Seis carruagens de dimensões colossaes conduziam á egreja da Magdalena as innumeras corôas que de toda a parte tinham sido enviadas, sobresahindo entre ellas, pela belleza e luxo, duas ou tres remettidas do Rio de Janeiro.

O caixão do insigne morto foi collocado no mesmo carro funebre que servio ao cardeal Morlat, ao Duque de Morny e a Thiers.

Seguraram os cordões os Srs.: Gaspar da Silveira Martins, Visconde de Cavalcante, Barão da Estrella, Conde de Aljezur, Conselheiro Silva Costa, Barão de Muritiba, Conde de Motta Maia, General José Vieira do Couto Magalhães, Conde de Nova Friburgo, Conde de Villeneuve, Conde de Nioac e Visconde da Penha.

Fizeram as honras militares as tropas sob o commando do general Saint-Marc.

Ao desfilar do imponente prestito os clarins soaram, abatendo-se em cortezias as bandeiras das differentes nações.

O espectaculo que apresentava toda a tropa, junto aos altos dignatarios das nações, com os seus fardamentos bordados, em grande gala, era de um nobre e austero esplendor.

Perto do Hotel dos Invalidos, n'um parque, troaram salvas de artilheria.

As ceremonias da egreja da Magdalena tiveram igual imponencia.

Todo o templo achava-se coberto de crépe, illuminado por miryades de luzes em lampadas enormes de prata, cujo clarão amortecido e esverdiado mais imponente se torna.

Canticos mysticos sóbem para as naves e todos os orgãos da egreja fazem ouvir mysteriosas e profundas harmonias.

Na Magdalena, por occasião da familia do ex-Imperador lançar agua benta no caixão, o embaixador inglez, o Conde de Lylton, depositou sobre o catafalco uma corôa em nome da Rainha Victoria.

O ataúde dirige-se á estação de Orleans e no trajecto as musicas que lhe fazem cauda executam, n'uma larga orchestração plangente, a celebre *Marche funèbre* de Chopin.

O caixão é afinal deposto em uma capella preparada, a proposito, no caés da estação, ahi ficando até 8 horas da noite, quando será conduzido para Lisboa, em companhia da Condessa d'Eu e sua familia, dos seus camaristas e do conselheiro Gaspar da Silveira Martins. (11)

(Do *Novidades*).



11 de Dezembro de 1891

D. PEDRO DE ALCANTARA

OREMOS PELO SR. D. PEDRO II

Um orador da tribuna sagrada começou o panegyrico de S. Luiz notando que quando um soberano é verdadeiramente digno do throno, quando reina para triumpho da religião e felicidade

11) Trouxemos aqui este artigo embora seja o resumo de telegrammas já publicados nas paginas 41 e 42 porque differem algum tanto dos originaes.

de seus subditos, seu nome, consagrado pelo amor, torna-se mais caro e maior de geração em geração, e as bençãos que elle recebe de idade em idade formam uma especie de culto universal que lhe assegura a veneração de todos os povos e as acclamações de todos os seculos.

Para o Sr. D. Pedro II esse culto começa com as homenagens de todas as nações civilisadas e as lagrimas de um povo que, por elle governado durante meio seculo, vae hoje orar por sua alma no templo do Senhor.

O orador, que ha pouco citámos, completou a sua peroração com estas palavras do propheta Isaias: — « elle sentar-se-ha sobre o throno, afim de consolidal-o e fortifical-o, pela sabedoria e a justiça, agora e para todo o sempre ».

Porque não se realizou esta prophecia no Sr. D. Pedro II? Porque percorreu elle a via dolorosa que o conduzio do palacio de Petropolis ao quarto n. 391 de um hotel da rua Arcade, em Pariz, e ahi finou-se no banimento? Porque tão flagrante contradicção entre um throno que se abate e uma estatua que se eleva? E' preciso explical-o para que o termo que assevera o passamento do segundo monarcha brazileiro, filho do que trabalhou pela nossa independencia e fundou o imperio, não seja o estigma da ultima verba testamentaria da victima de Santa Helena negrejando na fronte d'esta nação: — lego á casa imperial da Inglaterra o opprobio de minha morte.

A humanidade sob a apparencia de contradicções, tem uma marcha logica para o seu destino, que é o progresso porque é guiada por Deus que deu ás sociedades de que ella se compõe regras tão certas e invariaveis como as equações da algebra eterna que conduz os astros do firmamento; mas nascidos das nações os grandes e lamentaveis factos

sociaes são a resultante dos erros de governantes e governados.

Um povo que depõe o seu soberano, cercando-o de respeito, offerecendo-lhe subsidios, compartilhando-lhe os soffrimentos e pranteando-lhe a morte, dá prova de nobreza de caracter, de gratidão e de justiça. Si assim é, repetimos a nossa interrogação, qual o motivo da contradicção que se nota entre um throno que se abate e uma estatua que se eleva ?

A abolição immediata e sem indemnisação e á revelia dos proprietarios agricolas, outras causas concumitantes accumuladas ficam para trabalho de mais longo folego, lançando-os, pelo resentimento, e a indifferença, conchegou os fracos elementos revolucionarios que, não temendo mais a resistencia da grande propriedade, fizeram explosão em 15 de Novembro.

O direito de propriedade, já se disse, é o gigante que os primitivos suppunham deitado no fundo das crateras vulcanicas e cujos movimentos precipitados provocam tremores de terra.

Violou-o a lei, mas esta, considerada como disciplina social, disse um jurisconsulto, não vale mais do que a força, quando não é a expressão da força, e tem tambem suas leis, fóra das quaes não vale mais do que os perigos que é destinada a conjurar, porque em presença da oppressão organisada, só resta ao opprimido um recurso, a insurreição, que é o desencadeamento das forças individuaes.

Violou-o, — teve as suas consequencias — a insurreição da indifferença, o desencadeamento das forças individuaes.

Collocado no tombadilho da náu do Estado, viu o chefe da nação passar as ondas impetuosas sem lhe dizerem de onde vinham nem para onde iam e os vigias que elle collocára nos cestos da gavea não lhe bradaram : arrebentação á proa !

Alexandre II disse, e podia dizêl-o, porque era o autocrata de todas as Russias, que as revoluções devem partir de cima, si não se quer que partam de baixo, e libertou muitos milhões de servos; mas apezar de ter como collaboradores na grande reforma a classe que usufruia os serviços d'aquelles infelizes, morreu victima da dynamite. Lincoln entrou na Casa Branca no intento de emancipar quatro milhões de escravos pela indemnisação, e libertou-os faltando a sua promessa mas ateou a guerra civil na União, provocando a desunião, e cahiu diante de um revólver. O Sr. D. Pedro II aboliu a escravidão e teve de repetir as palavras de um escriptor: — Os grandes feitos nascem nas lagrimas, não é muito que custem o preço da dôr. »

Ha leis, disse no parlamento francez o chanceller Maupéon, que os reis estão na feliz impotencia de mudar, e Bossuet accrescentou: — « ha leis nos imperios contra as quaes tudo o que se faz é nullo de direito: a acção da justiça nacional é imprescriptivel ».

Digamol-o em honra do Sr. D. Pedro II, de uma classe e da nação; digamol-o em homenagem á historia, que não é a adulação do interesse ao poder para perdel-o, mas a verdade contada ás gerações que veem do porvir para guial-as

Como consolação á sua successora, cuja philantropia e fé religiosa são tão firmes, digamos duas palavras.

A historia, applaudindo o grande philantropo que leva para a eternidade na corôa de seus feitos a redempção dos captivos, ha de notar, é certo, o erro do estadista que não consultou os signaes dos tempos, mas repartindo-o com os retardatarios e precipitados e principalmente com os seus conselheiros que não souberam cumprir a sua missão

dizendo-lhe respeitosamente : — « O soberano deve ser sempre um tanto conservador e, em todo o caso, reina, mas não governa e não pode ser o seu primeiro ministro. »

Si, como quer Bonald, de facto uma nação não é completamente livre na escolha de seu soberano, encontra sempre nos degráos do throno alguns homens poderosos collocados pela providencia; si, como assegura Fonfréda, a vontade nacional levada ao seu mais alto gráo de acção, póde, quando muito consagrar officialmente um poder que já acha feito pelos acontecimentos e pela natureza das cousas, e por isso, ha thronos acclamativos e não electivos, tambem como diz Bossuet, é a providencia que transfere o poder de um homem para outro, de uma casa para outra, de um povo para outro.

E fechando este artigo, faremos aos brazileiros uma interrogação, a qual nós mesmos daremos a resposta.

Quando o gemer do cabrestante advertiu ao Sr. Pedro II, que o *Parnahyba* levantára ferro e era chegado o saudoso momento de volver as vistas pela ultima vez, ás serranias da terra que lhe foi berço, elle, não mais como philosopho, mas como estadista e desinteressado patriota, manda-nos, pelo seu velho e leal amigo Marquez de Tamandaré, este conselho : — o que está feito, está feito, resta-vos restabelecer a ordem e consolidar as vossas instituições ».

Mas, que está feito, está feito, ou far-se-ha, vestindo o governo alternadamente, como Caracolla as fardas de todas as legiões e depondo o federalismo governadores legalmente eleitos ?

Não, isto seria a agonia lenta de uma civilisação e as civilisações que agonisam lentamente não deixam materia plastica para a sua resurreição. Si

continuarmos como vamos, si não nos reorganisarmos quanto antes... realisar-se-hão as palavras da Biblia: o fim será como o principio.

Vamos orar pelo Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil.

(Do *Diario do Commercio*).

GLORIA E DESPEITO

Ao governo d'esta republica não pareceu bem que o da França prestasse ao glorioso brazileiro, finado em terra estranha, as honras que para elle estava reclamando a opinião publica em todo o mundo civilisado.

Emquanto por toda a parte, em o novo como no antigo continente, unanimes se levantavam as nações deplorando, pela voz da imprensa, o passamento do Imperador do Brazil, o governo brazileiro telegraphou ao seu ministro, que tambem o fôra da precedente dictadura, determinando-lhe o inconveniente proceder de que rezam as ultimas noticias.

« Era demais o que se pretendia fazer... Honras magestaticas seriam humilhações aos poderes publicos actuaes... Para que saudar em um cadaver a dignidade do infortunio, o saber e a virtude, o amor da liberdade e a magnanimidade no poder como no exilio? Para que enviar aos compatriotas do grande morto a manifestação de um pezar que viria confortal-os na sua magoa ? »

Assim pensou a politica do Rio e assim fallou o seu representante em Pariz.

Projectavam-se manifestações commoventes... A'luz meridiana, na capital do mundo culto, ver-se-hia sobre o feretro a bandeira auri-verde que

durante sessenta e sete annos symbolisou a patria brazileira. E diante d'esse augusto symbolo inclinar-se-hiam em continencia os estandartes tricolores da França.... No coração de todos os filhos do Brazil isto constitue a mais significativa demonstração de fraternidade internacional, nobilissimo, grandioso sentimento muito acima das pequenas rivalidades da politica interna....Porém muito outro foi o sentir do grupo official, e, consoante ás ordens superiores, o do Sr. Pisa, ministro plenipotenciario d'esta republica junto ao governo francez.

E' certo que duplamente respeitavel se deparava a planeada homenagem. Havia no conjuncto das demonstrações officiaes dos Francezes duas cousas que impunham respeito e gratidão a qualquer coração bem formado; tratava-se de um morto e de um illustre compatriota. A morte, entre seus horrores, tem um bom resultado—suavisa os rancores. E em terra de estranhos mais se afervora o sentimento do patriotismo. Mas a republica no Brazil, que começou por desterrar um ancião benemerito e apressar o termo da existencia da mais virtuosa das mãis de familia, não tem nem o sentimentalismo que estaca respeitoso diante do cadaver, nem a pieguice de esquecer os odios politicos na plaga estrangeira. E o representante do Brazil, interprete fiel de Floriano como o tinha sido de Deodoro, expressou em termos eloquentes a indignação d'esta republica e o ciume que ella concebêra de um morto.

Infelizmente—para os creditos diplomaticos do Sr. Pisa—as suas reclamações não foram ouvidas.

A bandeira imperial sahio á rua e foi saudada pelos heroicos soldados da França.

O bronze dos Invalidos troou magestoso, lamentando na perda de um homem o immenso vacuo que elle deixou na familia humana.

Enviados de todas as nações compareceram á funebre ceremonia; e na Magdalena, entre os membros do corpo diplomatico, só se notou um logar vasio,—o do representante do nosso paiz... O Brazil official negou-se a tomar parte na maior glorificação do nome brazileiro!

A França procedeu correctamente. Ella, a nação generosa por excellencia, nunca poderia imaginar que se melindrasse o Brazil pela esplendida homenagem prestada ao maior dos brazileiros. A suprema respeitabilidade do Sr. D. Pedro II, e a estima que universalmente o rodeiava, affiguraram-se ao governo francez sufficientes penhores da sympathia com que na patria do venerando morto seriam recebidos os testemunhos de apreço á sua imperecedoura memoria.

Não se enganou a França. Em todo este vasto paiz vibra unisona a fibra patriotica, e não ha peito brazileiro em que não pulse a mais entranhada gratidão ao povo francez.

Não ha... Enganamo-nos... Existe um grupo official, cuja lingua é o Sr. Pisa, ministro que foi do dictador Deodoro e representante actual do general Floriano.

Mas essa minoria insignificante perde-se no oceano de sympathias eternamente votadas á França, que tão cavalheirosamente hospedou o grande Imperador.

O mais que obteve Pisa, o interprete das dictaduras ferozes e das republicas despeitadas, foi diminuir o numero de batalhões que ao illustre morto prestaram as honras derradeiras. Eis o que, em ultima analyse, têm conseguido os republicanos do Brasil contra a gloria do Sr. D. Pedro II; lá como aqui, subtrahiram-lhe alguns soldados. O mais resiste á sanha demolidora, e tanto mais resplandece quanto mais julgam obscurecêl-o.

Nosso pezame ao nobre ministro de estrangeiros, cujo nome não nos occorre, pelo desastre diplomatico a que submetteu o Sr. Pisa. (12)

(D'*O Brasil*).

D. PEDRO II

O nosso collega do *Rio News*, que é sempre tão severo na apreciação de nossas cousas e que não póde ser suspeito ás idéas republicanas de que é infatigavel collaborador, referindo-se á morte do Sr. D. Pedro II diz (13) em seu numero de 8 do corrente, o seguinte :

« A morte do velho Imperador, D. Pedro II não era sorpreza para ninguem ; entretanto cahiu sobre este paiz como um grande golpe, profundamente sentido e abertamente manifestado.

« Desterrado da terra do seu nascimento, que amava com dedicada abnegação, velho, com a saude arruinada, nada mais lhe restava do que o descanço, o repouso que a morte e só ella lhe podia dar.

« A vida devia ter-se tornado para o Imperador um cyclo de anhelos não satisfeitos e de desejos

---

(12) Lê-se nas *varias* do *Jornal do Commercio* :

« Tem sido accusado em algumas rodas o nosso ministro em Pariz, o Sr. Dr. Gabriel de Toledo Pisa, por não ter comparecido officialmente ás exequias do ex-Imperador, na egreja da Magdalena.

A accusação, a julgal-a por tudo quanto pudemos saber n'esta distancia, é de todo ponto injusta.

A solemnidade religiosa foi mandada fazer, não pelo governo francez, mas pela Sra. D. Isabel, e os convites foram expedidos sob a assignatura do Sr. conde de Aljezur, como camarista da casa imperial.

Está claro que o ministro do Brazil não podia comparecer á ceremonia. O facto é que elle merece a nossa sympathia pela posição difficil em que ficou em Pariz, onde é tão justamente estimado. »

(13) Demos o original na pagina 337. Quanto a esta traducção do *Jornal do Commercio* ella foi reproduzida n'*O Brazil* e na *Gazeta da Tarde*.

sem esperanças — um anciar pelo paiz em que passára sua meninice, virilidade e velhice, paiz para elle tão grato por tantas associações de familia e de amizade, e repleto da memoria de sua fiel mulher, que tinha sido tão dedicada companheira por quasi meio seculo : dôr pela ingratidão, pela deserção d'aquelles em quem confiára e por quem tanto tinha feito.

« D. Pedro II póde não ter sido um soberano ideal e póde ser que nem sempre tivesse governado sabiamente; mas ninguem porá em questão o seu patriotismo e rectas intenções. Seu primeiro e unico pensamento era pelo progresso do seu paiz e felicidade do seu povo. Consagrou toda a sua vida ao serviço da patria.

« De bens d'este mundo não tinha guardado nada, pois morreu no desterro e em pobreza. Tivesse elle menos abnegação, fosse menos patriota, menos dedicado ao bem-estar do seu paiz, e teria economisado alguma cousa para o dia da adversidade, como outros soberanos têm feito : mas tudo que elle tinha déra ao seu povo.

« Ninguem poderá dizer quanto espalhou, pois as esmolas eram innumeraveis. Muitas vezes dava com pouca prudencia, mas espontaneamente.

« Muitos brazileiros devem a sua educação á generosidade de D. Pedro II e muitos mais devem a sua posição e bom exito na vida á sua protecção.

« A lista de pensões particulares era longa e pesada, mas elle sempre soube satisfazel-as sem nunca ter appellado para o thesouro publico ; e entretanto, a despeito de toda a sua caridade, dos seus sacrificios e dos seus sonhos para o engrandecimento do seu paiz, D. Pedro II morreu no desterro, e suas cinzas irão agora repousar em sólo estrangeiro.

« O Brazil dos seus sonhos nunca foi realizado talvez ; mas ao mesmo tempo o que este ganhou em desenvolvimento material foi obtido debaixo do seu governo.

« Todos os grandes serviços da sua civilisação moderna foram iniciados sob o seu patrocinio e elle procurou sempre dar ao seu povo tudo que contribuisse para o seu progresso e felicidade.

« Alguns d'esses esforços podem não ter sido sempre coroados de bom exito, mas o seu fito foi sempre recto e deve ser honrado, mesmo por aquelles cuja hostilidade politica degeneravam em injustificavel malicia pessoal.

« O tempo e a historia, podemos estar certos, farão justiça ao morto e ainda que exaltem-o como um chefe de homens, certamente o honrarão como homem e patriota ; e votarão que com a sua morte o Brazil perdeu o seu servo mais dedicado, mais cheio de abnegação e seu amigo mais caloroso e desinteressado. »

(Do *Jornal do Commercio*).

MANIFESTAÇÃO Á FRANÇA

De um amigo nosso que se occulta com as iniciaes abaixo, publicamos o que se segue, com a melhor boa vontade e desde já declaramos que envidaremos todos os nossos esforços para que se leve a effeito qualquer manifestação de sympathia á França:

« O nobilissimo procedimento e sem duvida insuspeito da Republica Franceza com relação ao Brazil, na pessoa não do ex-Imperador, mas do homem que sempre lhe fez honra não deve passar despercebido aos que illustram e elucidam a opinião publica. — E si é sagrado dever ser grato, em

nenhuma melhor occasião poderá prestar serviço a nossa esclarecida imprensa, do que acompanhando a opinião publica tão manifesta e tão clara tambem, a respeito do sentimento pela morte do Sr. D. Pedro d'Alcantara.

« E é assim, que, vós que sois tambem orgão d'essa opinião, devieis convocar uma reunião solemne, em a qual se discutisse o melhor meio de patentear á França os nossos agradecimentos. N'essa reunião se deve discutir o modo de obter donativos para que seja levantada em qualquer das nossas praças e com as devidas licenças e que no caso não seriam negadas, ser levantada, dizemos, uma estatua da Republica Franceza — ou então uma subscripção popular, para presentear-se com qualquer objecto de valor grande, ao Sr. Sadi Carnot, representante do grandioso povo francez.

« Esta idéa, melhor apreciada por vós e em outros termos redigida, que não a pressa como foi, bem merecerá vos affirmo de todos os brazileiros.

« Quem recusará um pequeno obolo, para pagar-se uma divida de gratidão?

Rio, 8 de Dezembro de 1891.»

B. M.

P. S. — Aventada e acceita desde já nos inscrevemos com 500$000, que serão oportunamente remettidos.

(Da *Cidade do Rio*).

NÃO E' NOBREZA

Sendo geral n'esta capital, como em todo o Brazil, o sentimento pela morte do ex-Imperador D. Pedro II, não poucas casas içaram a bandeira nacional a meio páo, como demonstração de pezar, o que é justo.

Não vêmos n'isto a menor offensa á republica mas não pensou assim a policia que, sem demora, mandou intimar á diversas casas que içaram a bandeira, a descerem-n'a ! ! Onde estaria o perigo contra as outras instituições promettidas ?

Com certeza não será com tal zelo que se suffoque os sentimentos de pezar pela morte de um brazileiro illustre e se faça esquecer as saudades da monarchia.

Entretanto, como até agora não temos podido comprehender as garantias da republica, declaramos que a policia tem plena razão.

(Do *Apostolo*).

12 de Dezembro de 1891

DOM PEDRO

JUIZO DA IMPRENSA ARGENTINA (14)

A morte o havia marcado com o sello sinistro que imprime á suas victimas. Depois da perda de sua corôa e do fallecimento de sua amada companheira, D. Pedro havia cahido em invencivel melancolia, esforçando-se em vão por distrahir-se no exilio, na cultura das lettras e na convivencia dos escriptores, que sempre foram o objecto predilecto de suas sympathias. Vagou como uma sombra de Lisboa a Pariz, de Pariz a Versailles, de Versailles a Nice, levando comsigo a todos os lugares as tristes recordações e as desconsoladoras desillusões que amarguraram sua velhice.

Ah ! o nobre ancião que dignificou a corôa e soube harmonisar a magestade monarchica com a

(14) Extrahido de *El Censor.*

simplicidade democratica, o poder real com o sentimento humanitario e com os principios liberaes, recebeu um golpe mortal ao ser deposto e desterrado pelo povo ao qual tanto havia amado e servido! Dando provas de uma grandeza de animo pouco commum na historia, acatou a vontade popular e abandonou sem resistencia, sem protestos, sem queixas, sem recriminações, o solo em que viveu e reinou; não podia, porém, sobreviver muito tempo a tão grande catastrophe e acaba de succumbir. Sua vida n'estes ultimos mezes era uma agonia lenta, tranquilla e resignada; a ninguem causará estranheza o desenlace.

Sobre seu tumulo só podem ser depositadas flôres e lagrimas: era um homem bom, um coração magnanimo, um espirito que honrava altamente o seu seculo. A evolução historica e o progresso das idéas politicas o arrancaram do throno do Brazil: nenhum rei, porém, mereceu menos o desthronamento.

Ao deixar de ser imperador nada perdeu de sua reputação de homem, e no seio da humanidade foi um legado de virtudes, um patriarcha digno de haver nascido na idade antiga.

Amou o progresso, a arte, a sciencia, as grandes idéas, com amor apaixonado; e, se fosse possivel apagar-se a memoria de seus altos feitos como soberano, ficariam sempre recommendando-o e ennobrecendo-o no conceito da posteridade suas iniciativas e suas obras de cidadão livre, illustrado e generoso.

Desça a eterna sombra sobre essa figura formosa, merecedora de veneração e respeito; que em meio da noite do sepulchro, brilhará sempre sobre D. Pedro de Alcantara a luz da justiça das gerações.

(Do *Jornal do Brazil*).

O FANATISMO PELA FRANÇA ACTUALMENTE

Estamos n'um momento de fanatismo pela França.

Parece que n'alma brazileira echôa immenso hymno de glorificação d'esse povo, que, n'uma phase da historia, representou o primeiro papel, transformando a sociedade moderna, completando a obra sublime do Evangelho.

«Christo, pondera o illustre Laboulaye, si não tivesse vindo diffundir a sua doutrina de liberdade e de amor — a humanidade teria ignominiosamente desapparecido de sobre a face da terra ; de alto a baixo só dominava a vontade omnipotente de Cesar, e Cesar poderia d'um golpe decapitar o genero humano.»

A redempção operada pelo Christianismo inoculou no homem a conscienciae a força do direito, supremacia da justiça.

Mas os seculos de barbaría abafaram a luz da verdade ; o direito, supplantado pela força brutal, cessou de ser o principio dominante.

A humanidade atravessou os tempos mediévos, sem os instinctos da liberdade.

A revolução franceza, terrivel e hedionda em seu modo de proceder, foi admiravel em seus resultados beneficos.

Depois do Chistrianismo não ha, na historia do mundo social, um facto tão importante e de tão fecundas consequencias, como essa revolução, que a França realizou, com uma abnegação sobrehumana, em beneficio de todos os povos, quebrando-lhes os grilhões, que os escravisavam.

Está, pois, nos destinos d'esse povo vinculada a missão de guiar a humanidade, e, cousa admiravel ! a França desempenha tal missão com heroismo e admiravel grandeza.

Onde ha uma causa generosa a defender — o sangue e a espada gloriosa da França ahi se acham. N'um dia arranca a Grecia á tyrannia da barbaria musulmana; no outro dia levanta do pó do sepulchro o cadaver da Italia e rediviva fal-a uma nação forte e digna, que hoje honra e illustra a Europa.

Os exemplos abundam, provando a supremacia do povo francez sobre todas as raças humanas pelas armas, pelas artes, pelas sciencias, pelo gosto, pelas lettras, e até pelo despotismo das modas...

Este povo, que tem uma longa historia de heroismo; que vê á sua frente um governo bem organisado com instituições livres, acaba de lançar os raios de sua gloria, as opulencias de suas grandezas, o prestigio do seu nome sobre o povo brazileiro, prestando ao imperador D. Pedro II um tributo da mais alta consideração, fazendo aos seus despojos mortaes as honras com que a gratidão e o nobre orgulho nacional galardoaram os seus cidadãos eminentes.

D. Pedro reinou meio seculo no Brazil; é nosso compatriota e ainda mais uma grande personalidade, que, na phrase de Plinio Junior, é o lustre e a gloria do seu paiz e do seu tempo.

A revolução, que annullou pela força a realeza, não destruio nas almas da maioria, ou da quasi totalidade dos brazileiros, a fé das crenças do passado.

O facto material subsiste, mas a consciencia do povo não lhe confere a autoridade moral, que é a unica força duradoura, benefica, fecunda e sobretudo invencivel.

D. Pedro, no conceito da França, era o representante da soberania da nacionalidade brazileira. Firme n'esta convicção, que o mundo civilisado confirma e o Brazil não contesta, a França

tomou a si a piedosa tarefa de honorificar os restos mortaes do Imperador, no proposito evidente de dar um testemunho de sua amisade e estima ao antigo imperio: praticou um acto de solidariedade humana.

Não era preciso mais, para accender nos peitos dos nossos compatriotas o enthusiasmo delirante, o fanatismo pelo povo e o governo francez.

Honrando os despojos mortaes do Imperador, aquelle povo e governo elevaram o nome brazileiro a uma altura, da qual o nosso paiz se ufana e pela qual se julga em perenne gratidão.

Em verdade, uma nação illustre e gloriosa, o mais nobre representante não só da raça latina, como dos povos da Europa culta; um povo, que tem uma historia de heroismo; emfim, uma população imaginosa, cheia dos melhores sentimentos humanos, levanta ao nome brazileiro a mais bella pagina da historia, honrando com uma veneração filial, com um culto religioso, o velho monarcha, que sobre o solio imperial lembrára Marco Aurelio, superando o pagão pela excellencia das virtudes christãs, pela pureza de seus costumes, pela moralidade de sua vida.

Esta apotheose fez com que os brazileiros comprehendessem a grandeza d'alma do Sr. D. Pedro, que cifrou toda sua vida na abnegação e desinteresse, que se nivelava com a pobreza, em que morreu, quando podia possuir grandes thesouros, si elle não respeitasse o povo que governou, e não fosse o homem de coração repleto de affecto por seu paiz.

Si nos cabe a nós o orgulho que provém d'essa apotheose, pertence de direito ao Imperador defunto a maior gloria, que a historia antecipa pela voz insuspeita d'uma nação de 40 milhões de homens.

A consciencia brazileira se confrange commovida e consagra o juizo da França. Sim, não ha ahi quem não reconheça e confesse que D. Pedro nos deixa um legado precioso de probidade, como cidadão, de honra politica, como representante do poder publico.

E' por isso que seu nome será charo e abençoado, e a sua memoria venerada, ainda mesmo por aquelles que, como nós, são avessos á idolatria, até dos grandes nomes da historia.

Sob o nosso regimen actual de governo, que tem por base a democracia, isto é, o respeito e consagração de todas as manifestações da liberdade humana, é licito venerar e rememorar as virtudes do varão illustre, sem violar a nossa lei escripta; é licito a cada cidadão render esta homenagem respeitosa.

Não; o principio republicano não periga ao contacto das acções que nobilitam o cidadão. O perigo só surgirá do seio dos erros, que fizeram tambem succumbir o principio monarchico.

A França republicana glorifica o cidadão eminente e o proclama á face do mundo, da historia e da posteridade.

Apezar do enthusiasmo que a França merece e lh'o não regatearemos, releva ver que a morte do Sr. D. Pedro II ministrou á França uma conjuntura de realizar um pensamento politico.

Republica, isolada entre as monarchias tradicionaes do continente europeu, tendo pelas ilhargas o sabre e o canhão prussianos, repellida da alliança austriaca e italiana, não podendo contar com o egoismo inglez, o governo francez, entendeu conveniente provar á Russia — que uma republica em França identifica-se perfeitamente com a causa da realeza.

A morte de D. Pedro foi um feliz achado; no morto se reuniam todas as grandes qualidades, que

justificam as imponentes demonstrações que o povo francez comprehendeu, realizou e applaudiu.

N'este concerto unanime de todos os Estados no mesmo pensamento—só um parece em completo isolamento—fóra da zona da civilisação ; só um não concorreu a esse grandioso concilio ecumenico, em que—em nome da justiça, da razão e da historia—um benemerito da humanidade fôra consagrado pela veneração dos povos.

Acaso os brazileiros o ignoram ?

(Do *Diario do Commercio*).



12 de Dezembro de 1891

D. PEDRO II

Nel nostro numero passato abbiamo dato la notizia telegrafica giunta il mattino stesso da Parigi sulla morte dell'ex-Imperatore del Brasile D. Pedro II.

Crediamo oggi far cosa di dovere fornendo, nel posto d'onore, tutti i particolari che riguardano la perdita del Grande Brasiliano e delle onoranze tributategli da tutto il mondo civile, giacchè il glorioso Estinto appartenova piú che ad una data nazione all'Umanità tutta e meritatamente venne chiamato da Victor Hugo, il Marc'Aurelio del suo secolo e l'unico regnante ancora possibile.

Desideriamo prima dar alcuni appunti storici sulla di lui vita.

D. Pedro de Alcantara che regnó 50 anni al Brasile, nacque il 2 Dicembre 1825 in questa cittá, al palazzo di S. Cristoforo, era figlio di D. Pedro I e di Leopoldina, arciduchessa d'Austria.

Era legato per nascita alle più grande dinastie d'Europa.

Il 7 Aprile 1831, abdicando il padre suo, si ebbe la corona imperiale, rimanendo sotto la tutela del patriarca dell'indipendenza brasiliana, Dr. José Bonifacio.

Non contava dunque che sei anni d'età.

Il Governo venne affidato ad una Reggenza.

Il 23 Luglio 1840 venne plocamata la maggiorità del giovane monarca e fu incoronato solennemente nella cattedrale di Rio Janeiro il 18 Luglio 1841.

Il 21 Aprile 1843, in Napoli, sposava per procura e rappresentato dal principe di Siracusa, la principessa Teresa Maria Cristina, figlia a Francesco I, re delle due Sicilie e che qui giunse accompagnata dalla squadra navale brasiliana e da una divisione napoletana, il 2 Luglio stesso anno.

Dal matrimonio colla virtuosissima D. Teresa Cristina, chiamata la Madre dei Poveri, per le doti eccelse ed elette del suo cuore, ebbe D. Pedro due figli, D. Alfonso e D. Pedro che morirono bambini, e due figlie D. Isabella sposata al conde d'Eu e D. Leopoldina sposata al duca di Saxe, morta nel 1881.

Il glorioso monarca D. Pedro ebbe molto a lottare nei primi tempi del suo impero, colle guerre intestine nelle varie provincie nonchè colle Repubbliche del sud, nel 1851 contro Rosas, della Repubblica Argentina e poi al 1864 contro il dittatore Lopez del Paraguay, l'ultima guerra che coprí di gloria le armi brasiliane terminando colla vittoria di Riachuelo l'11 Giugno 1865.

Il paese poscia saggiamente governato prosperava, una sola macchia rimaneva, quella della schiavitú.

Trovandosi il 13 Maggio 1888 in Milano gravemente ammalato, Don Pedro si ebbe la consolante notizia telegrafica dalla di lui figlia Isabella reggente il trono, essersi al Brasile decretata l'abolizione della schiavitú.

Ritornato in Brasile il 5 Agosto 1888, fra l'entusiastiche acclamazioni del popolo, non poteva certo pensare che troppo presto avrebbe lasciato per sempre il trono e la Patria, condannato all' esilio.

L'idee repubblicane eveano fatto grande strada e il 15 Novembre 1889, essendo capo del Gabinetto il signor Alfonso Celso, D. Pedro colla di lui augusta famiglia ritornava in Europa, ove si vide morire la veneranda consorte che non poté resistere allo strazio dell'anima, spirando Lui pure, un anno dopo, fra il compianto dei migliori.

In una modesta stanzetta dell'*Hotel Bedford*, in Parigi, alle ore 12 e 20 di notte, del 4 al 5 corrente il grande Brasiliano spirava, tenendo fra le mani un crocefisso, attorniato dai suoi di famiglia.

Vestito dal di lui fedele medico conte di Motta Maia che fu aiutato dai devoti servitori dell'ex-Imperatore, si procedette alla dichiarazione di decesso fatta dal conte de Aljesur e firmata dalla famiglia e altre persone presenti.

Non appena si sparse in città la notizia della di Lui morte una gran folla si recò dinanzi all'*Hotel*, abdimostrando il dolore per la perdita dell' augusto monarca.

Tutti i giornalli di Parigi ne diedero notizia, accompagnata da espressioni di dolori ed elogiando il glorioso Defunto.

Quanto vi ha di più illustre in Parigi nella scienza, lettere, arti, politica, finanze e commercio, concorse all'*Hotel*, apponendo la firma nei libri esposti.

Venne eretto un altare nella camera che fu convertida in capella, raccogliendo i fiori che da ogni parte si mandarono.

A nome del Presidente della Repubblica signor Carnot, una Commisione d'ufficiali si recò a porgere le condoglianze a D. Isabella che fu visitata pure dalla Regina di Spagna e dalla figlia di questa D. M. Eulalia.

Tutti i monarchi d'Europa e presidenti di Repubblice d'America mandarono telegrammi, distinguendosi quelli di Re Umberto e dell'Imperatore di Germania.

Il governo francese fece sapere alla principessa Isabella ch'era disposto a rendere al Defunto i più grandi onori funebri che si possano decretare.

Ministri, ambasciatori, generali si recarono ad offrire le condoglianze.

Il cadavere fu imbalsamato dal Dr. Charcot ed altri medici

Vestito da generale e condecorato fu il corpo avvolto in una bandiera brasiliana.

Accondiscendendo D. Isabella alle onoranze funebri offerte pel Padre suo, il ministro della guerra telegrafó a tutte le guarnigioni delle provincie vicine a Parigi di passare alla capitale per gli onori militari.

Il cadavere venne ritrattato dalla pittrice André Jacquemart e riuscí un capo lavoro.

La cittá di Cannes risolve di dare il nome al suo *boulevard* principale, chiamandolo *Boulevard de D. Pedro.*

Dovendosi trasportare a Lisbona la salma dell'Imperatore, tutte le stazioni di Francia e Spagna resero le onoranze all'Estinto.

Alla capella ardente, all'*Hotel Bedford*, fecero la guardia gli ufficiali della *Garde Républicaine.*

Tre sono le casse che racchiusero la salma.

Una di piombo rivestita di seta bianca, un'altra di quercia inverniciata e l'ultima pur di quercia coperta di velluto nero.

La cassa di piombo ha la parte superiore di cristallo.

Nella cassa principale vi è una placca d'argento con tre epigrafi.

La salma venne collocata sopra un poco di terra del Brasile che lo stesso D. Pedro avea mandato a prendere nascostamente pochi mesi prima. Questo fatto produsse grande impressione.

Martedí notte il cadavere di Don Pedro fu trasportato alla chiesa della Maddalena.

La casa portata a spalle dagli impiegatí delle Pompe funebri passò dinanzi la famiglia dell'Imperatore.

In sei carri colossali furono deposte le corone destinate a la chiesa.

Il corteo funebre era il seguente: Il carro mortuario di gran pompa tirato da 8 cavalli neri (quello stesso che trasportò l'ex presidente della Repubblica francesse Signor Thiers e il duca di Morny); il conte d'Eu e famiglia, i camaristi di D. Pedro, il conte di Motta Maia e i rappresentanti della Colonia brasiliana. Vi si trovavano pure il duca di Chartres, il principe di Joinville.

Due sacerdoti passarono la notte pregando presso il cadavere.

L'ultima a ritirarsi fu Donna Isabella.

La chiesa era foderata di velluto com stelle d'argento e colle insegne imperiali.

Grandioso il catafalco.

La salma era ricoperta de una bandiera brasiliana imperiale adornata di pietre preciose e ricamata di oro.

Alle 11 del mercoledí 8, ebbero luogo le solenni essequie.

Giunsero la regina di Spagna colla principessa Eulalia, le famiglie d'Orleans e dei Borboni.

Quindi tutto il corpo diplomatico in grande gala; mancava soltando il rappresentante del Brasile.

Attorno il catafalco diversi brasiliani, fra i quali Gaspar da Silveira Martins.

Tutti i membri dell'Istituto di Francia in uniforme, il grande Cancelliere della Legione d'onore, molte senatori e deputati, lo stato maggiore del presidente Carnot e generalli e colonnelli.

Il cardinale Richard, accompagnato dal suo capitolo, si assise presso l'altar maggiore.

Nel parco degli invalidi l'artiglieria fece rimbombare i cannoni.

Terminato il servizio funebre la famiglia imperiale e il corpo diplomatico spruzzano d'acqua santa il catafalco.

Poi, l'ambasciatore inglese andò a deporre una corona sul cassone, e ció a nome della regina Vittoria.

Il cassone si trasportò al carro funebre ai di cui lati quatro grandi angioli d'argento sollevavano la corona imperiale.

Sotto il comando del generale Saint-Mars, 8 reggimenti di fanteria, 2 di corazzieri e 2 d'artiglieria, con rispettive musiche, aprirono il corteo immenso.

I cordoni furono tenuti da brasiliani, ammiratori di D. Pedro.

Enorme la folla nelle strade e nelle piazze ove sfilava il corteo, specialmente ai Campi Elisei e nel giardino delle Tuileries.

Dinanzia alla Camera legislativa, i deputati presenti s'inchinarono innanzi al feretro.

Il presidente del Museo di Storia Naturale pose due palme verdi brasiliane nel carro, di quelle che lo stesso D. Pedro offerse tempo fa al Museo.

Di fronte alla Facoltà di Medicina, tutti gli studenti allineati rimasero a capo scoperto passando il corteo.

Giunti alla stazione, i reggimenti resero gli onori militari, sfilando davanti il carro funebre colle armi e le bandiere abbassate.

Lo sfilare delle truppe durò circa un'ora.

Il cassone venne posto in una capella eretta nella stazione appositamente.

La Legazione brasiliana in Parigi avea insistito perchè si sopprimessero alcune onoranze, ma non venne soddisfatta.

Il Governo di quella Repubblica volle render il più solenne tributo possibile, ed è perciò che Carnot stesso si fece rappresentare e si trovarono presenti alle esequie i ministri di Stato.

Coll'attuale regime repubblicano il Governo del Brasile non potè ufficialmente accompagnare il lutto della popolazione e tanto meno prestar onoranze alla salma Augusta, però siamo certi che nessuna divergenza avrá luogo col Governo francese che volle far exequie imperiale al Monarca cui il mondo civile ne piange la perdita.

Mentre scriviamo la salma dell'Augusto ex-Imperatore del Brasile è diretta a Lisbona ove troverà riposo presso la veneranda e sventurata ex Imperatrice.

Uniamo anche noi le parole di dolore alle generali condoglianze.

(De *La Voce del popolo*).



13 de Dezembro de 1891

A PHILOSOPHIA DA HISTORIA

Ex ore tuo te judico, disse Jesus um dia, estabelecendo a mais esmagadora das provas que alguem póde ter contra si : sim, julgo-te pela tua propria boca—*ex ore tuo*, o que é mais e muito mais do que julgar o réo pela simples confissão do crime.

A confissão do crime ainda póde deixar margem a muitos elementos de defesa, já estabelecidos e previstos pelo direito, já reservados ao bom senso dos juizes que formularão brilhantissimos allegados em favor do accusado.

Mas quando o divino Mestre julgou o culpado segundo a propria boca d'elle, referia-se a theorias seguidas pelo proprio culpado, theorias segundo as quaes lavrava elle proprio sua mesma condemnação.

E como não ?

Se a luz da razão, se as idéas são o luminar, guia e regra da vontade e conseguintemente de todo o proceder e de toda a moral humana ; se a ninguem é licito ter dois pesos e duas medidas, um para si e outro para os demais, desde que admittirmos como excellente um principio, nada mais justo do que por elle sejamos julgados....

O principio das maiorias, como regra nas divisões, não é um principio absolutamente são, nem absolutamente seguro.

Além de que a experiencia tem mostrado quanto se póde arranjar de artificial em negocio de maiorias de occasião, como por exemplo, no ultimo congresso quando passou o projecto da prioridade do casamento civil por 59 votos contra 58, salvo erro, mas com certeza, pela differença de um unico

voto, obtido bem se sabe como foi, não é impossivel nenhum que em certa e determinada hypothese o voto de um só seja o mais sensato, o mais razoavel, o mais esclarecido, posto em competencia com todos os outros de uma corporação.

Está porém muito acceito, geralmente acceito que em materia de deliberações prevalecem as maiorias.

E' muito material, mas admittamos o principio das maiorias e conversemos.

Tem a sociedade brazileira acompanhado com attenção o movimento de pezar, as demonstrações enormemente significativas que o povo brazileiro em todos os pontos do paiz tem levantado ao saber da morte do Sr. D. Pedro II?

Sim; ainda os mais indifferentes aos factos de maior alcance politico não se têm podido esquivar de testemunhar que o Sr. D. Pedro II não merecia de modo algum ser esbulhado do governo da nação.

Deixemos de parte, por emquanto, seus erros, mesmo aquelles que foram tão pungentes á classe que representamos; o Sr. D. Pedro II não merecia de modo nenhum, nem uma só das violencias de que foi victima.

E as demonstrações imponentissimas de que se tem rodeiado desde o primeiro momento a noticia de sua morte no exilio, significam do modo o mais eloquente que não foi elle que alguma cousa perdeu, perdendo o throno, mas o povo brazileiro, a nação em peso que perdeu muito, perdendo tão eximio soberano.

Ainda mais: não se julgue d'essas demonstrações sómente pelo que apresentam ellas, pelo que revelam nas solemnidades publicas.

Os templos em que se tem solemnisado as exequias pelo fallecido monarcha não têm podido

comportar as multidões, que com difficuldade ahi disputam estreitissimo logar.

Mas o que vai por ahi a dentro, na intimidade de todos os lares, dos ricos, dos pobres, dos doutos, dos ignorantes, que admiravel e nunca vista unanimidade em taes e tão sinceras demonstrações !

E' tal, que já não se trata aqui de uma notavel maioria, mas de quasi absoluta universalidade.

Ora, seria ridiculo, e mesmo stulto affirmar, que todos os que tão francamente assim se manifestam a lamentar a morte do inditoso monarcha, votariam pelo seu desthronamento e pelo seu exilio, se tal assumpto fosse posto a votos.

Quem ousaria affirmar o contrario ? perguntamos nós com a mais profunda convicção.

Contestam-no exactamente aquelles que segundo o interesse do momento gritam que o principio das maiorias é o unico principio victorioso ; mas em outro momento e quando a maioria se lhes mostra tão pomposamente, tão pujantemente adversa como a 4 de Dezembro para cá, condemnam o soberano principio das maiorias, porque no seu alto modo de entender, o povo é a besta de carga, incapaz da minima comprehensão de seus mais vulgares interesses.

Taes são os que são do lado da revolução d'estes dous ultimos annos, depois que foi desthronado e exilado o Sr. D. Pedro II em cujo favor, quer como homem, quer como incarnação de um principio, tem se levantado ha oito dias protestos tão eloquentes como este que ahi está a testemunhar o universo inteiro.

E invocam a maioria a favor da revolução!

(Do *Apostolo*).

RETROSPECTO DA SEMANA

Sob a pressão da grande dôr que fez sangrar o coração da patria continuou ainda esta semana, durante a qual todos entregues a profundas considerações philosophicas, recordavam o passado, lamentavam o presente, faziam comparações, tiravam conclusões e traziam á lembrança a hypocrisia, a ingratidão de muitos, sendo o objecto principal de tudo a pessoa e morte de D. Pedro II, hoje pertencente á historia que lhe fará justiça.

Todos o choram, todos lamentam seu passamento, admirando-o no exilio, e nós tambem por nossa parte acompanhando a nação em sua justa dor sobre seu tumulo derramaremos saudades, perpetuas e goivos.

Foi grande até a hora da morte, quando talvez reconhecendo seus erros (quem os não tem?) quiz antes de tudo reconciliar-se com Deus e deu plena satisfaçao á Egreja. Rompeu com os preconceitos do mundo, achando o mais nobre exemplo, confessou-se e recebeu todos os sacramentos, entregando a seu Creador a alma purificada na piscina da penitencia.

No exilio, na nobre França recebeu o illustre monarcha tantas e taes honras do mundo culto, que o Brazil confundido, como patria ingrata, cobre-se de vergonha diante do mundo inteiro; mas não é o Brazil, fallamos do governo da republica.

(Do *Apostolo*).

LA REPUBLICA FRANCEZA

E I FUNEBRI RESI A D. PEDRO II

Il Club Republicano Rio Grandense qui in Rio tenuto un *meeting* abbastanza numeroso per concorso di popolo in piazza S. Francisco, protestava contro tanto simpatico omaggio.

Noi, ancora l'essere taniati di filo galli, troviamo che la Republica Franceza — fu al suo posto — rendeedo gli onore funebri dovuto alla maestá decaduta di Pietro II: ricordando ai ferventi republicani che, non é ancora un mese, la stessa Republica pagava un debito di gratitudine, sacrando un monumento ben più duratore a Guiseppo Garibaldi; l'eroe legendario che nelle file dei *farrapos* combatteva contro l'impero a favore dei Rio Grandensi sorti in Republica.

Consideriamo poi che Pietro II fu più grande e degno nell'esilio di quanto lo sia stato realmente, ad apparentemente durante ben mezzo secolo regendo i destini del Brazile.

(Do *Corriere d'Italia*).

14 de Dezembro de 1891

EM S. VICENTE DE FORA

A trasladação dos restos mortaes do Sr. D. Pedro II, ficou ultimada com as imponentes ceremonias hontem descriptas pelo nosso correspondente especial, e ha dous dias que elles descansam ao lado do tumulo da Imperatriz. Não é mais sobre Pariz que a esta hora se concentra a attenção com que o nosso povo tem acompanhado os despojos do seu grande soberano. A Magdalena, despida de suas ricas armações, não offerece mais a ondas de visitantes a vista do soberbo catafalco. Ao passo lento e grave do prestito nas ruas de Pariz, demorado por vezes para receber algumas d'essas tocantes homenagens com que a França, mesmo na hospitalidade e no luto, mostra não abdicar o privilegio

da imaginação, succedêra a marcha vertiginosa do expresso devorando noite e dia a distancia entre a capella ardente improvisada na *gare* de Orleans e o jazigo da casa de Bragança. As noticias nos chegam de que por toda parte foram rendidas ao fallecido Imperador as honras,—ainda que não todas as honras que elle teria outr'ora recebido,—devidas á sua alta hierarchia e, melhor do que isto, tributos de veneração e respeito, em parte prestados ao caracter do soberano e em parte á dignidade do exilado. Como já o eramos para com a França, somos hoje devedores á nação hespanhola e á portugueza por essas demonstrações, que são o commentario do mundo á benignidade do reinado.

A monarchia hespanhola resente-se n'este momento de uma fraqueza de que, entretanto, a qualidade caracteristica da raça tem feito a sua força. Republicanos mesmo cedem á estranha fascinação que não é outra cousa senão a combinação dos dous prestigios, da maternidade e do infortunio, e assignam trégoas nacionaes com a joven Rainha que defende sómente com a sua fraqueza a côroa de seu filho. Lamartine em 1848 sentio na camara dos deputados o poder d'essa emoção e um instante pensou em proteger com a sua palavra victoriosa a joven Duqueza de Orléans. Lafayette teve essa mesma fragilidade dos corações fortes ao apresentar ao povo o Delphim nos braços de Maria Antonieta. Conhecia as profundas correntes de sentimento popular o ministro de Luiz Felippe que pensou em aniquilar com a boa fama da Duqueza de Berry as esperanças futuras de Henrique V. Mesmo Napoleão imaginou que a infancia do «Rei de Roma» teria maior poder sobre o povo francez e a Europa do que a sua infinita trajectoria de gloria. Se, em vez de passar com a rapidez da locomotiva, o prestito

atravessasse a peninsula com a lentidão dos antigos cortejos mortuarios, creando na imaginação quadros como esse que inspirou a téla de Pradilla, o povo hespanhol divisaria no segundo plano d'esses funeraes da realeza um grupo em profundo contraste de fortuna com o que elle se deleita em contemplar no luxuoso desfilar do Prado ou nas sombrias alamedas de Aranjuez.

Em Portugal, os elementos para a formação do sentimento a respeito de D. Pedro II são diversos dos que possuem os outros paizes; em mais de um sentido são os mesmos que entre nós. A divisão dos Portuguezes em dous campos, o monarchico e o republicano, terá introduzido nas homenagens prestadas ao fallecido Imperador o fermento da dissensão partidaria? E' de presumir que os proprios republicanos portuguezes tiveram a sagacidade de reconhecer que a massa dos seus patricios, antigos residentes no Brazil, levaram a convicção de que o finado Imperador tinha direito ás mais elevadas provas de respeito que lhe pudessem tributar. Nem o capital politico que o partido republicano por acaso pensasse em extrair de uma situação passageira seria nunca tão consideravel que pudesse comparar-se a hypotheca perpetua que Portugal ficará tendo sobre a nossa gratidão pelo facto de ter acolhido os restos e de guardar a sepultura de D. Pedro II. A Republica no Brazil deu um momento grande impulso ao republicanismo portuguez, mas se este não tiver forças proprias e se vir reduzido para crescer e triumphar a contar sómente com a propaganda feita em Portugal pelo exemplo das nossas instituições, o militarismo, os golpes de estado, o estado de sitio, e ainda agora as expedições para trancar as Constituições dos estados recalcitrantes, lhe tiraram tudo quanto a victoria facil e inesperada da

revolução lhe possa ter dado em Novembro de 1889, sem fallar do tremendo proselytismo que a desorientação do cambio opéra em sentido contrario. E' assim natural que o movimento republicano Portuguez não tenha querido confundir a sua causa com a dos que se suppoem policamente lesados pela glorificação do Marco-Aurelio americano. E' licito antecipar que os elementos todos da opinião portugueza se manifestaram com a espontanea e sympathica unanimidade com que o fizeram sempre em todas as graves contingencias a que o sentimento nacional brazileiro se tem achado exposto e que o têm profundamente abalado.

Se o fallecido Imperador pudesse ter consciencia da mudança de scena sentiria que está no meio dos seus. Por certo Portugal não é ainda o Brazil, os seus invernos são ás vezes rigorosos, a sua vegetação não é a dos tropicos, e o paiz não suggere de fórma alguma a lembrança do immenso territorio com o qual elle se havia identificado. Mas por outro lado Portugal e o Brazil tiveram até certa época a mesma historia, terão sempre a mesma litteratura e a mesma lingua, e d'ora em diante o tumulo de Pedro II será uma força de attracção entre elles mais poderosa talvez do que todas as outras. E' cedo ainda para prever sob que fórma se accentuará o novo culto luzo-brazileiro de que S. Vicente de Fóra vai ser o sanctuario, mas desde já se pode ter certeza de que as reliquias entregues á nação portugueza receberão d'ella perpetuamente todos os officios da devoção e do respeito que os povos de alma e coração sabem prestar aos grandes manes de que são depositarios.

Teremos muitas occasiões para proclamar no decurso da nossa vida a divida em que ficamos para com Portugal e não ha duvida que a permanencia dos restos do Imperador em S. Vicente de Fóra tem

que dar lugar a constantes episodios de sympathia, em nossas relações com a antiga metropole, até que um dia, extinctas as paixões, apagados os preconceitos, e destruido os obstaculos, outra geração que comprehenda melhor o patriotismo e offereça mais seguro abrigo á piedade nacional, se encarregue de ir buscar através do Atlantico os restos do homem que, no mais elevado sentido da expressão, foi o fundador de nossa patria. Com a França, porém, póde-se considerar fechada a conta da nossa divida, e por isto mais uma vez é-nos grato reconhecel-a. Fez-se uma tentativa, mas sem resultado, para transportar para o campo das animosidades politicas, o acto de deferencia da França á alta hierarchia do seu hospede em uma ceremonia excepcionalmente privilegiada por todas as leis humanas, como é a dos funeraes. Nenhuma outra bandeira podia cobrir o ataúde do Sr. D. Pedro II senão a antiga bandeira nacional, e seria exigir muito de uma nação soberana impor-lhe que arrancasse de sobre um feretro o emblema da gloria e da personalidade do morto.

JOAQUIM NABUCO.

(Do *Jornal do Brazil*).

DOM PEDRO

En Europe, on nous connaît peu et l'on nous juge avec une légèreté étrange d'après l'opinion qu'on s'est faite sur les républiques hispano-américaines.

Et pourtant, un peu de réflexion suffirait comme correctif; quelques pages d'histoire : quel homme d'Etat brésilien peut être comparé a Oribe, Rosas, Lopes, Balmaceda ?!... Aucun !...

Nous sommes jeunes comme nation ; mais si jeunes que nous soyons, nous avons donné à l'histoire de l'humanité des dates immortelles, comme elle n'en avait jamais enrigistrées.

Quel est le peuple qui, en un jour, a libéré tous ses esclaves, sans que les petits potentats intéressés osassent lever la voix ?...

Quel est le peuple, qui aurait changé le gouvernement monarchique en régime républicain, sans que le sang inondât les rues ?...

Quel est le peuple, dont le premier magistrat jugeant, à tort ou à raison, devoir dissoudre les Chambres et se proclamer dictateur, a rencontré en ce même pseudo-despote, le grand patriote qui abdiqua le pouvoir suprême, lorsqu'il jugea que l'opinion lui était contraire, disposant, cependant, d'éléments sérieux pour engager cette lutte, qui répugnait á son cœur brésilien, purement brésilien, aux pulsations du même sang dont une partie avait été versée au service de la patrie, á sa main dont l'épée n'avait été rougie que dans les combats livrés en défense de l'étandart vert et or?

Quel est le peuple qui, obéissant au sentiment démocratique,a su, tout en bannisant son concitoyen-empereur, respecter, dans le banni, un citoyen patriote, qui, si, de son côté, regrettait le pays qu'il aimait tant, était aussi regretté comme homme de tête, comme homme de cœur, comme véritable brésilien, par nous tous, qui ne pouvions, cependant, nous faire illusion sur les dangers que sa présence entre nous auraient présentés, non que la monarchie eût des racines en Amérique, ou que D. Pedro fût capable de provoquer une restauration : Dom Pedro avait l'âme trop haute pour tenter l'impossible, ou le possible même, si éphémère qu'il fût, au prix du sang de ses concitoyens ; mais partout on rencontre qui aime â pêcher en eau trouble.

Et si l'Europe nous a lancé l'anathème, si l'on nous a considerés ingrats parce que le 15 Novembre nous avons déposé l'empereur, que l'on se rappelle, que l'homme qui fut banni, était un malade séquestré par un entourage odieux á tous.

L'innocent pâtit pour le coupable, dira-t-on; soit!... mais, si grand que soit un homme par ses vertus et par son passé, ce n'est qu'une unité à laquelle on ne peut sacrifier l'avenir d'une nation.

Dans l'Amérique même, nous avons un terrible exemple de cette loi fatale.

Un homme de cœur, un homme de tête, un homme dont on ne pouvait s'approcher sans être captivé, l'archiduc Maximilien d'Autriche, le poète de Miramar, l'organisateur de la flotte qui vainquit à Lissa, enfin, ce chevalier du Moyen-Age, mourut à Queretaro. Juarez lui offrait les moyens de s'évader, il préféra mourir avec Meija e Miramon, et Juarez obéissant à son devoir, dut permettre son exécution. Beaucoup de Meixicains ont pleuré la victime, et tous l'ont plainte e admirée.

Nous tous avons admiré les hautes qualités de notre concitoyen qui vient de mourir dans cette France qu'il aimait presque autant que son pays, nous tous avons plaint cet homme qui aurait pu mourir entre nous; mais hélas, si chez Louis XIV la grandeur

« retenait au rivage »

la fatalité d'avoir hérité une couronne exigeait l'absence de D. Pedro d'Alcantara.

Mais s'il n'est pas mort entre nous, cet homme qui nous connaissait, n'a pu douter á son dernier moment que sa perte constituât un deuil national.

Ce n'est pas sans émotion qu'on apprend qu'un des siens a perdu la vie, et D. Pedro a toujours

été considéré par les Brésiliens, avant, comme après le 15 Novembre, comme un des hommes qui honoraient le plus la patrie brésilienne.

Aussi, dès que la triste nouvelle arriva, les banques et le commerce se retirèrent, la plupart des journaux apparurent en deuil, les bals furent remis á un autre jour; les cloches des églises sonnèrent le glas funèbre... le canon ne parla pas, il est vrai, mais l'attitude de notre population, si arriérée, si sauvage même, fut telle que chaque européen de bonne foi dut se découvrir devant ce peuple qui, inspiré des sentiments démocratiques, sait bannir un empereur, et pleurer en la mort de celui-ci celle d'un citoyen tel que D. Pedro.

(Do *Correio do Povo*).



18 de Dezembro de 1891

D. PEDRO II

*Namque erit ille mihi
semper Deus.*

L'impression produite à Rio de Janeiro et dans tout le pays par la mort de l'ancien souverain du Brésil, a été immense. Elle a pris le caractère d'un véritable deuil public, qui n'aurait pu être plus profond si l'ex-empereur avait rendu le dernier soupir dans son palais de Saint-Christophe. Il ne lui a manqué, en effet, que les démonstrations officielles, dont l'absence même a fait plus vivement ressortir la grandeur de l'émotion dont nous venons d'être témoins.

Elle montre à quel point était resté populaire ce prince banni de sa patrie, non, il est vrai, par une

révolution du peuple, mais par un *pronunciamento* auquel le peuple ne prit aucune part. La presse, les orateurs des innombrables réunions tenues à cette occasion ont célébré les vertus du souverain, clément et libéral autant que le fut jamais aucun chef d'Etat, vrai *pasteur des peuples*, dont le long règne de cinquante ans a tant fait avancer le Brésil dans la voie du progrès, et qui, depuis l'époque de sa majorité, lui assura sans interruption les bienfaits immenses de la paix intérieure et de liberté, dont on ne commence à sentir bien tout le prix que lorsqu'on s'en est vu privé.

Les partisans les plus convaincus de la supériorité du système républicain, eux-mêmes, ont pleuré la perte de ce grand Brésilien, en insistant sur ses vertus privées, la pureté de sa vie, la simplicité de ses mœurs, son désintéressement, son amour de la science, son patriotisme.

Tous admirent sa dignité dans l'exil.

Pour nous, étrangers aux luttes des partis dans le pays, nous ne considérerons ici que les titres de Dom Pedro II à la reconnaissance de l'Humanité. Il fut encore plus qu'un roi sage et éclairé, qu'un homme doué de grandes vertus privées. Ce fut un libérateur. L'histoire de son règne montre que sa préoccupation la plus constante a été l'abolition de l'esclavage. La première loi qui la prépara, en septembre 1871, quoique votée pendant son premier voyage en Europe, fut due évidemment à son inspiration, et quand sa noble fille, *Isabel Libératrice*, porta le coup mortel à la funeste institution, le 13 mai 1888, elle savait donner une consolation suprême à son Père, encore en Europe, et dont la vie paraissait condamnée. L'anxiété indicible avec laquelle la population de Rio se pressait dans la rue do Ouvidor, avide de nouvelles de l'illustre malade, est encore présente à nos yeux. Et, lorsque la mort

eut reculé devant les efforts de deux princes de la science, l'un, gloire de France, et l'autre, orgueil d'une nation sœur, l'Italie, et que le souverain revint dans son pays, désormais libre, qui peut oublier l'ovation triomphale que lui fit tout le peuple ?

Hélas ! le même souverain, un an après, repartait en proscrit, devant le peuple consterné.

Il est mort loin de sa patrie, loin de ceux qu'il avait rendus á la liberté, et que la soudaineté du mouvement triomphant a empêchés de le défendre, mais qui n'oublient pas son nom. Les amis de l'humanité dans le monde entier ne l'oublieront pas davantage en y associant, comme eux, celui de *Dona Isabel.*

Au moins les derniers hommages n'ont-ils pas manqué à sa mémoire. A ce prince banni, la République Française a fait des funérailles solennelles. Les sommités des lettres, des sciences et des arts, la jeunesse studieuse, le peuple entier de Paris ont salué avec un sympathique respect les restes mortels du roi qui vécut comme un sage et est mort comme un juste, et qui plus grand que l'illustre Romain, loin de se plaindre de l'ingratitude deshommes, a voulu dormir son dernier sommeil sur un peu de terre apportée de la patrie.

(De *L'Etoile du Sud*).

MANIFESTATIONS A LA FRANCE

Les hommages rendus par le gouvernement de la République Française et par le peuple de Paris et de la France à la mémoire de D. Pedro II ont profondément ému la population brésilienne.

Il n'est, pour ainsi dire, pas de journal, pas de réunion convoquée à l'occasion de ce triste évènement où ce sentiment ne se soit manifesté; et il s'est traduit par des démonstrations significatives.

Après la grande réunion populaire tenue le 8 courant, la commission nommée à cet effet, présidée par M. le marquis de Tamandaré et composée des membres les plus éminents d'anciens ministères, a adressé á M. le ministre de France au Brésil le télégramme suivant :

A Son Excellence M. le ministre de la République Française au Brésil—Petropolis.

« La réunion tenue aujourd'hui en hommage á la mémoire de Sa Majesté D. Pedro II, nous charge d'exprimer à Votre Excellence, comme digne Représentant de la France, les sentiments de profonde gratitude du peuple brésilien pour la façon dont cette noble nation et son grand gouvernement ont rendu à leur hôte illustre les derniers hommages.

« Nous nous empressons de nous acquitter de cet agréable devoir, et prions Votre Excellence de vouloir bien transmettre au même gouvernement l'expression de la reconnaisance des brésiliens. — *Marquis de Tamandaré —Vicomte de Sinimbú.— João Alfredo Corrêa de Oliveira.— Baron de Ladario.— Vicomte de Ouro-Preto.*

D'autre part, M. le Dr. Carlos Perdigão propose, dans le *Jornal do Commercio*, l'ouverture d'une souscription destinée à élever à Paris, le plus près possible de hôtel Bedford, un monument portant cette inscription :

A LA MAGNANIME FRANCE

LA RECONNAISSANCE BRÉSILIENNE

1891

M. le ministre de France a également reçu ce télégramme de Ouro-Preto, capitale de l'Etat de Minas :

« Le peuple de Ouro-Preto, comme organe de la population de Minas, vous prie de vouloir bien transmettre à Son Excellence M. le Président Sadi-Carnot les sentiments de son immense reconnaissance à l'héroique peuple français, pour les preuvres de considération données à notre bien-aimé compatriote, le feu Empereur.

« Sadi-Carnot mérite de personnifier la nation qui marche à la tête de la civilisation, et a acquis des droits absolus à toute la sympathie du peuple de Minas. »

(Suivent pluseurs signatures.)

Les journaux du 13 courant publient la réponse de M. le ministre de France au premier de ces télégrammes. Elle est conçue dans les termes suivants :

« Monsieur le marquis de Tamandaré.—J'ai reçu le télégramme que m'a fait l'honneur de m'adresser la commission nommée par la réunion populaire de l'Asile de Nossa Senhora da Conceição.

« J'ai été profondément touché des sentiments que la réunion et la commission y expriment à l'égard de mon pays, et de l'expression de reconnaissance que vous me priez de faire parvenir au gouvernement de la République Française, ainsi qu'à la nation qui, en rendant les derniers devoirs à Sa Magesté l'ex-Empereur Dom Pedro II, ont voulu honorer le Brésil lui-même.

« Je ne manquerai pas selon votre désir de transmettre à mon gouvernement le texte du télégramme que vous m'avez adressé.

« Veuillez accepter, monsieur le marquis, l'assurance de ma haute considération.—*A. Gérard.* »

(De *L'Etoile du Sud*).

UNE PROTESTATION

Fidèle à notre rôle de narrateur impartial des démonstrations qui ont suivi la nouvelle de la mort de l'ex-Empereur du Brésil, nous ne pouvons passer sous silence une manifestation en sens contraire, la seule, jusqu'au moment ou nous écrivons, qui se soit élevée contre la conduite de notre gouvernement à l'occasion des funérailles de Pedro II, en regard de tant d'expressions de sympathie, comme on l'a vu plus haut.

Cette manifestation, provoquée par le Club Républicain *Rio Grandense*, a eu lieu le 11 courant sur la place *San-Francisco de Paula*, sous la présidence de M. le colonel Solon, l'un des principaux acteurs du mouvement du 15 novembre 1889. Elle avait pour but de protester à la fois contre les manifestations faites à Rio et contre les obsèques officielles décrétées par le gouvernement français.

On y a résolu de faire traduire et publier en France un manifeste rédigé dans le même sens, d'expédier immédiatement à Paris un télégramme rendant compte du *meeting* réalisé, et d'envoyer une commission au Vice-Président de la République brésilienne pour le prier d'exprimer son déplaisir, par l'intermédiaire de la légation à Paris, au gouvernement de M. Sadi-Carnot.

Disons tout de suite que la réponse de M. le maréchal Floriano Peixoto a été ce qu'il était facile de prévoir. Le Vice-Président, après avoir applaudi les sentiments patriotiques des auteurs du *meeting* a ajouté que, en ce qui regarde les obsèques célébrées à Paris, son gouvernement agirait avec la dignité nécessaire, mais avec toute la réserve imposée par les circonstances.

Nous ne traduirons pas le télégramme expédié, parce qu'il sera connu de la presse française.

Le manifeste, qui a déjà été publié à Rio, commence par déplorer l'ignorance où se trouve le Monde de l'histoire du Brésil. Il expose, au point de vue de ses auteurs, les fautes de l'Empire, et conclut par la déclaration qu'ils ne confondent pas la France avec son gouvernement actuel.

Ce document est trop étendu pour que nous en donnions de longs extraits. Nous n'y relèverons qu'une phrase, que nous traduisons littéralement : « Où existe-t-il une plus grande liberté que dans notre Patrie, depuis que nous avons aboli la monarchie ? »

Voilà une assertion de nature à surprendre beaucoup de gens, même parmi ceux qui connaissent l'histoire du Brésil, et pour notre part, elle nous semble fort hasardée.

(De *L'Etoile du Sud*).

22 de Dezembro de 1891

D. PEDRO DE ALCANTARA

Um dos nossos correspondentes de Pariz escreveu-nos, em data de 6 de Dezembro, a carta que ora publicámos, embora não dê pormenores que já não nos tenham sido communicados telegraphicamente :

Quando estas linhas chegarem ao Rio, já o telegrapho lhes terá dado todas as particularidades sobre a morte do Principe eximio, que por 50 annos governou o Brazil.

O Sr. D. Pedro de Alcantara achava-se muito enfraquecido nos ultimos dias da sua vida.

A ultima crise da sua longa molestia diabetica teve-a elle em Vichy, no verão passado. Um córte

no pé esquerdo trouxe uma grangrena que pôde ser atalhada e, dadas as condições particularmente desfavoraveis do illustre enfermo, a sua cura n'aquella occasião foi quasi um milagre. Infelizmente o milagre foi talvez causa do desfecho fatal de hoje. Até aquella data, o tratamento hydrotherapico tinha dado ao depauperado organismo do ex-Imperador uma immunidade relativa para os accidentes das vias respiratorias. Graças ao regimen das duchas evitavam-se os resfriamentos e por consequencia as bronchites e as pneumonias. A grangrena impedio a continuação do tratamento hydrotherapico e a consequencia foi que, logo aos primeiros frios do inverno, um simples resfriamento d'esses, a que os medicos todos dão hoje o nome vago de grippe ou de influenza, transformou-se em poucos dias em uma pneumonia fulminante na sua marcha. O illustre Principe tencionava partir dentro de poucos dias para Cannes, onde o clima mais benigno lhe permittiria supportar o inverno europeu, que cada anno mais penoso se tornava para a sua natureza de sul-americano. No dia 23 do corrente, segunda-feira, houve sessão no Instituto na Academia de Sciencias, da qual era socio Sua Magestade.—N'esse dia procedia-se á eleição de um novo membro da douta assembléa. O Sr. D. Pedro de Alcantara compareceu, demorou-se durante todos os trabalhos da Academia, votou pelo Sr. Boissier, que n'esse dia foi eleito e, depois, ao sahir da atmosphera aquecida, da pequena sala do Instituto foi dar um passeio de carro descoberto a Saint Cloud nas margens do Sena. A humidade enregelada do rio, o ar frio de um cahir de tarde de inverno, foram-lhe fataes. O Sr. D. Pedro voltou para o Hotel Bedford e n'essa mesma noite sentio alguma febre e arrepios de frio. No dia seguinte estava melhor e pôde ainda dar um passeio. No dia 25 o

seu estado aggravou-se de novo. A grippe tornou-se mais violenta ; cedeu depois, e no dia 30 o doente achava-se de novo melhor. A 2 de Dezembro começou a sentir uma fraqueza crescente. N'esse dia veio ao Hotel Bedford toda a colonia brazileira e vieram tambem cumprimentar ao Sr. D. Pedro de Alcantara muitas notabilidades parizienses que pelos jornaes, sabiam do seu anniversario natalicio e do seu estado melindroso.

O illustre Principe não pôde já receber todas estas homenagens, que muito gratas seriam por certo ao seu coração, pois, no exilio e desthronado, essas homenagens eram expressão sincera e desinteressada do sentimento de admiração e respeito que, em todo o mundo civilisado, cercava a grande figura de D. Pedro II.

No dia 3 de Dezembro o estado de fraqueza aggravou-se ainda. Foi admittido á presença do enfermo o abbé David, o sabio membro do Instituto de França e á este sacerdote fez o Sr. D. Pedro a sua confissão. No dia 4 pela manhã o doente apresentou de novo melhoras consideraveis, pela tarde, porém, a febre augmentou rapidamente chegando a 41 gráos ás 9 horas da noite. O Sr. D. Pedro de Alcantara começou a perder a consciencia, que pareceu recobrar quando, ás 10 1/2 da noite, foi-lhe administrada a Extrema Unção pelo cura da parochia da Magdalena.

Entrou logo depois em agonia.

Não teve estertores nem revelou soffrimento. A sua respiração foi gradualmente diminuindo, e durante muito tempo apenas foi perceptivel.

Achavam-sé no modesto aposento do segundo andar do Hotel Bedford alguns brazileiros além da Princeza D. Isabel, do Sr. Conde d'Eu e do Principe D. Pedro. Eram elles os Srs. Visconde da Penha, Visconde de Cavalcante, Barão da Estrella, Barão

de Penedo, Barão de Albuquerque, Barão de S. Joaquim, Barão de Muritiba, Conde de Aljezur, Conde de Motta Maia, Conselheiro Silva Costa, Dr. Seybold, Dr. Eduardo Prado, Dr. Alfredo Rocha, o Sr. Pandia Calogeras e sua senhora.

A' meia noite e 20 minutos, o augusto enfermo cessou de respirar. Uma intensa pallidez invadio-lhe a larga fronte e foi tudo.

Durante alguns minutos conservaram-se ajoelhados todos os assistentes. A' esquerda da cama de madeira preta, sob uma pequena mesa, onde havia alguns livros e varios cadernos de notas escriptas ultimamente pelo Sr. D. Pedro de Alcantara, ardiam dous cirios ao lado de um crucifixo de prata.

A Sra. Princeza D. Isabel ergue-se então e tomando a mão do Imperador beijou-a longamente entre soluços, e todos os assistentes um a um foram beijar a mão do velho soberano que, já amarellecida da morte, pousava sobre a brancura das roupas do leito.

Em seguida todos os presentes beijaram a mão da Princeza e apresentaram as suas condolencias ao Sr. Conde d'Eu e ao Principe D. Pedro de Saxe.

O Sr. D. Augusto achava-se ausente em Vienna d'Austria. Momentos depois o Sr. Conde de Aljezur, Camarista do Imperador, escreveu o seguinte auto, que foi assignado pela familia e pelas pessoas presentes:

« A meia hora depois de meia noite, de quatro para cinco de Dezembro de mil oitocentos e noventa e um, n'esta cidade de Pariz, em um dos aposentos do Hotel Bedford, sito á rua de l'Arcade numero dezesete, teve lugar o infausto obito de Sua Magestade o Imperador o Sr. Pedro II, nascido na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro no dia dous de Dezembro de mil oitocentos e vinte e cinco, e baptizado com os nomes de D. Pedro de Alcantara, João Carlos Leopoldo Salvador Bibiano

Xavier de Paula Leocadio Miguel Gabriel Raphael Gonzaga, filho legitimo de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro I do Brazil e 4° de Portugal, e de Sua Magestade a Imperatriz D. Leopoldina Archiduqueza da Austria, casado com Sua Magestade a Imperatriz a Sra. D. Thereza Christina Maria, Princeza de Bourbon e das Duas Sicilias, já fallecida; tendo Sua Magestade Imperial recebido os Sacramentos da Igreja. E para constar lavrei este, eu, o Conde de Aljezur, Gentil Homem da Imperial Camara, que o fiz e assigno com as pessoas presentes, em duplicata. »

(Assignados) Isabel — Gastão de Orleans — D. Pedro Augusto—Visconde de Cavalcante—Visconde da Penha—Dr. José da Silva Costa—Barão de Penedo—Barão de Muritiba—Barão da Estrella—Barão de Albuquerque—Barão de São Joaquim—Sebastião P. B. Guimarães—Eduardo da Silva Prado.—Alfredo Augusto da Rocha.—P. Calogeras.—Conde da Motta Maia, medico assistente de Sua Magestade o Imperador—Conde de Aljezur, Gentil Homem da Imperial Camara.

De ordem da Sra. Princeza D. Isabel as pessoas de seu serviço occuparam-se desde logo em mandar telegrammas ás pessoas da familia e da amizade do Imperador em varios paizes da Europa, sendo o primeiro telegramma expedido assignado pela Princeza e dirigido ao seu Mordomo coronel Lassance, no Rio de Janeiro, para que o publicasse. Já publicámos o telegramma. (15)

---

(15) Eis o telegramma inserido em todos os jornaes do dia 7:

« Queira fazer publicar o seguinte :

« Approuve a Deus ferir-me com o golpe o mais doloroso, chamando a si meu muito amado Pai. Junto do leito em que expirou, meu primeiro pensamento é o de annunciar a minha desgraça aos meus patricios, certa de que elles hão de associar-se á minha dôr pela perda de quem, em sua longa existencia, consagrou todos os seus desvellos á felicidade e grandeza da nossa Patria. »

A's 8 horas da manhã compareceram ao hotel Bedford os Drs. Charcot e Bouchard, que assignaram o seguinte attestado de obito :

« Nous sousignés, professeurs à la Faculté de Médecine de Paris et à la Faculté de Médecine de Rio de Janeiro, certifions que D. Pedro II d'Alcantara est mort à l'hôtel Bedford, rue de l'Arcade, ce matin du 5 Décembre 1891 à minuit trente au cours et à la suite d'une pneumonie aigue du poumon gauche.

Paris le 5 Décembre 1891.—*Charcot—Bouchard —Motta Maia.* »

Este attestado foi apresentado a *Mairie* do 8º *arrondissement* de Pariz, onde foi declarado o obito pelos Srs. Barão de Penedo, Barão da Estrella, Visconde de Cavalcante e Barão de Muritiba.

O coadjuctor da igreja da Madaglena disse pela manhã uma missa na camara mortuaria, á qual assistiram muitas familias brazileiras e os Srs. Duques de Nemours e de Chartres.

Até á hora em que escrevemos nada ha de decidido quanto aos funeraes.

Sabemos sómente que o corpo será embalsamado pelo Dr. Poirier.

— Recebemos igualmente diversos jornaes europêos contendo as primeiras apreciações relativamente ao passamento do ex-Imperador do Brazil. Em geral, taes artigos, reconhecendo as virtudes do antigo soberano, mostram pouco conhecimento das cousas do Brazil.

(Do *Jornal do Commercio*).

2 de Janeiro de 1892

D. PEDRO DE ALCANTARA

O importante jornal *Le Temps*, em seu numero de 5 de Dezembro, dedica as seguintes linhas á memoria do Sr. D. Pedro de Alcantara:

« D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil, falleceu hontem em Pariz. Esta morte, comquanto esperada, não deixou de causar certa emoção, não só entre os antigos subditos do ultimo dos Braganças, mas tambem no velho mundo. Esse Americano era tão bom Europêo, que seria ingrata a Europa se lhe não tributasse provas de pezar.

E' este o traço caracteristico d'esse representante de uma velha dynastia, nas veias de quem corria o sangue de tres das maiores familias reaes ou imperiaes do mundo, que fôra victima da indisposição que sentira no momento em que sahia de uma modesta sessão do Instituto, indisposição que, aggravando a sua enfermidade constitucional, devia arrebatal-o do mundo dos vivos. E' que com effeito D. Pedro havia guardado, d'esse largo e liberal espirito do qual eram animadas, em tão alto gráo, no seculo XVIII, as classes nobres e mesmo certas familias reinantes, um gosto apaixonado pelas cousas de espirito, um culto simultaneamente singelo e respeitoso pela sciencia e pelo estudo.

Esta face do seu caracter foi principalmente posta em evidencia aos olhos francezes, depois que uma resolução inesperada derrocou o throno e expellio de seu paiz, após cincoenta e oito annos de reinado, um soberano em quem estavamos habituados a vêr uma especie de realização imperfeita, mas real, do ideal platonico do rei philosopho. Ninguem póde crêr, de resto, que esse

longo exercicio do poder tenha sido sem resultados proficuos.

Sob D. Pedro, o Brazil chegára a uma estabilidade interna, que o distinguia felizmente do estado cahotico das Republicas sul-americanas, suas visinhas.

Além d'isso, no exterior, uma politica ao mesmo tempo de firmeza e de moderação, guerras preparadas com cuidado e mantidas com successo, a parte tomada pelo Governo no Rio de Janeiro na quéda de Rosas e Solano Lopez, haviam dado ao immenso imperio, que a casa authentica de Bragança preferia ao pequeno reino de Portugal, uma incontestavel preponderancia na America do Sul.

Não é tudo. D. Pedro, discipulo fiel dos reformadores philantropos do seculo XVIII, tivera por missão apagar do escudo do Brazil a nodoa da instituição servil, a suppressão do tratado, a abolição do elemento escravo, preparadas desde 1871 e realizadas em menos de vinte annos, eis o que fará, para a historia, a honra imperecivel d'esse reinado de mais de meio seculo. E' certo, se devemos crêr em informações autorisadas, que essas grandes reformas organicas não deixaram de contribuir para a quéda inopinada da dynastia de Bragança. Deixamos a outros, mais sabios, o cuidado de decidirem se é isto real.

O que acreditamos poder affirmar é que, se a revolução de 15 de Novembro de 1889 demonstrou á toda a luz que a monarchia imperial não tinha, no Brazil, alicerces bastantes solidos : os acontecimentos que sobrevieram provam por sua vez que a republica não havia encontrado terreno bem preparado, nem conseguio lançar fundas raizes no solo. D. Pedro desapparece no momento em que surgem todas as questões para seus antigos subditos.

Não se saberia dizer se elle leva para o tumulo as probabilidades de uma restauração imperial no Brazil. O que é bem certo, entretanto, é que desapparece elle no momento em que, de qualquer lado que nos voltemos, nuvens sombrias cobrem o horisonte da patria que elle nunca cessou de amar. »

3 de Janeiro de 1892

D. PEDRO DE ALCANTARA

Do *Times*, de 7 de Dezembro, traduzimos o seguinte :

« Poder-se-hia escrever um livro para edificação e aviso dos bons reis, mostrando-lhes de que modo elles frequentemente têm máos fins. A lista de exemplos seria extensa ; com quem começaria ella, ou todos os nomes que incluiria, não o sabemos, mas deveria terminar com D. Pedro. Elle morre no exilio, abandonado pelo seu povo, do qual nenhum monarcha jámais mereceu mais. Durante meio seculo elle governa o seu paiz sabia e felizmente, e comtudo no tempo de menos de uma hora elle e sua dynastia, cahem, sem que se levante uma unica mão em sua defesa. Como se fosse tocada alguma mola secreta, que retirasse todos os esteios, o edificio inteiro do Imperio desmorona-se em um momento. A razão porque foi elle obrigado a fugir é actualmente quasi tão enigmatica como o era ha dous annos.

O seu reinado foi fructifero em beneficios solidos para o Brazil. Sempre amára a paz e cultivára as suas artes. Lutára forte e victoriosamente para terminar com a escravidão, e todos suppunham

que havia conquistado o amor de seus subditos com a sua magnanimidade, sua bondade e variados dotes attrahentes. O seu fim foi o que se suppõe reservado aos tyrannos e oppressores. O 7º batalhão de infantaria resolve ter um governo novo e dentro de algumas horas está tudo feito — o Imperador e sua familia em viagem para Lisboa, a Republica proclamada e o Imperio — assumpto da historia. Alguns dos seus patricios disseram que elle foi tratado como outro Aristides ; os seus subditos estavam cansados de ouvir louvores a si. Outros acharam a explicação da quéda da sua dynastia na sua ausencia prolongada de seu paiz, e no « seu desordenado amor a sciencia » que não lhe deixava tempo para deveres humildes, porém urgentes. Uma opinião commum sobre a revolução é que ella foi a vingança dos ex-escravocratas descontentes, que nunca se esqueceram que elle sempre fôra um abolicionista ardente, e outra explicação é que ella nasceu da desaffeição patente do Imperador pelo exercito, que desprezava os paisanos e ás occupações favoritas de D. Pedro, mas que possuia poucas virtudes militares, entre ellas a da obediencia, apparentemente nenhuma explicação diminue o espanto pela ingratidão dos seus subditos ou pela ironia do destino reservado a um dos melhores principes. Que texto para sobre elle discorrer um discipulo de Machiavel ! O publicista florentino propôz a questão se era melhor para um rei ser amado ou ser temido e deu razões ponderosas para pensar que, sendo os homens o que em geral são, ingratos, voluveis, inconstantes, hypocritas, timidos e ambiciosos, era muito melhor contar com o receio d'elles — que « o amor se prende com uma cadêa de obrigações que a natureza má da humanidade quebra em todas as occasiões que se apresentam para beneficio

seu, ao passo que o temor depende de uma apprehensão sempre presente de castigo ». Acharia elle nos destinos dos senhores de Mantua, de Ferrara, de Bentivoglio e de Milão, exemplos mais frisantes d'este principio, pedra angular da politica machiavelica, do que a historia, cujo final pathetico narrámos sabbado dando noticia do fallecimento de D. Pedro?

Póde ser que, examinando mais de perto os factos, os destinos dos reis bons não sejam no todo tão paradoxaes como á primeira vista parecem, nem o argumento da necessidade de ser tyranno é tão poderoso como se afigura. Alguns dos monarchas de que naturalmente pensámos como tendo partilhado das desgraças de D. Pedro, podem haver sido mal tratados porque os seus subditos fossem indignos d'elles, ou porque as suas virtudes não estivessem reforçadas de certo numero de qualidades vulgares. Os que conhecem o Brazil melhor e estão mais esperançosos sobre o seu futuro, confessam que, possuindo muitas qualidades boas, o povo resente-se da falta das virtudes publicas de communidades em que a vida é muito menos risonha.

O Brazileiro é apathico e fatalista. Dizia-se frequentemente, muito antes da revolução que D. Pedro seria o ultimo da sua dynastia. A situação anomala do Brazil, um Imperio no meio de jovens republicas, era assumpto permanente de observação nos jornaes do Rio e da Bahia, e o Brazileiro acostumára-se a ter como facto julgado, porque — provavelmente elle o não sabia, que o Imperio era puramente provisorio, e que era unicamente questão de tempo a época em que o seu paiz seria governado como o são os seus vizinhos. Um governo firme — presuppõe base solida de maneiras e tradições, uma sociedade cujas necessidades se acham

satisfeitas. No Brazil sabemos agora, depois da experiencia do governo do marechal Fonseca, se não o sabiamos antes, que nada de semelhante existe. Uma intriga de caserna póde dar em terra com um Imperio ; mas, um soldado só póde com igual facilidade despedir um Congresso e substituir a Republica por uma dictadura. Nas areias movediças da politica do Rio — só se póde dar este nome ao jogo de vulgares intrigas pessoaes — póde-se levantar com presteza quasi igual qualquer estructura, e uma cousa será tão ephemera como a outra.

Considerando o estado de cousas revelada pela politica do marechal Fonseca, deveria talvez causar espanto, não que o governo de D. Pedro fosse lançado por terra, mas que durante meio seculo elle perdurasse havendo apenas uma tentativa séria para se fazer uma revolução. Parece no entanto que um pouco de firmeza teria desviado o golpe de Novembro de 1889.

A occasião exigia energia e coragem.

Um homem póde ter nascido para dominar um Congresso de Sciencia Social ou deixar o seu nome a um lichen recem-descoberto, e todavia não estar bem na altura das exigencias da administração de um paiz em que o exercito, tendo raras vezes occasião de entrar em serviço activo é um foco de intrigas politicas. Os conselheiros do Imperador, nós sabemos, tinham percepção vaga dos perigos da dynastia. Tinham um plano para enfraquecer o poder dos militares dispersando-os pelas fronteiras e pelas provincias longinquas.

Mas, não lançaram mão dos meios de levar a cabo o seu plano. Não procuraram dividir os conspiradores.

Não chamaram a si os officiaes de influencia ; e por isso, quando o 7º batalhão se revoltou, não se

deu um tiro, nem se desembainhou uma espada em prol de D. Pedro.

O Imperador era o mais brazileiro dos brazileiros, e sabemos que as suas ultimas palavras respiravam amor e solicitude por sua patria. Uma natureza menos magnanima do que a sua teria tido secreto prazer testemunhando as estravagancias dos seus antigos subditos e o curso desastrado tomado pelas cousas depois que elle foi deposto. As finanças do paiz foram mal administradas, e já ouvimos fallar muito das « tendencias gananciosas » dos que estão no poder.

O exercito já custa duas vezes mais do que antes da revolução, e não pouca luz se fez recentemente mostrando até que ponto a cubiça e a baixa jogatina entram como elemento nos movimentos revolucionarios sul-americanos.

O povo póde applaudir uma mudança de Governo porque isso quebra a monotonia da vida ; póde dar-se ao luxo de uma revolução assim como em outros logares vão tomar ares ou tomam feriados. Nos soldados o motivo póde ser geralmente a ambição vulgar de *Boulangers* de quartel ; muitas vezes, porém, a multidão que acclama e o general sem escrupulos podem inconscientemente, ser instrumentos dos que têm alguma cousa a ganhar com a mudança, e que promovem uma revolução do mesmo modo que fardam uma companhia. Dizem-nos frequentemente que ha de vir uma época em que as corôas serão desconhecidas excepto quando se encontrarem-n'as na casa *Christie* ou nas collecções particulares. A experiencia dos ultimos dous annos no Rio não parece que ha de apressar a chegada d'essa época. Mais preciosas do que sempre depois de dous annos de experiencia do governo revolucionario afiguram-se-nos o absoluto desinteresse e a sinceridade do Imperador. Elle viveu

bastante para testemunhar as difficuldades dos seus successores. Não desejava ver o castigo dos seus ingratos subditos.

E' pena, porém, que elle não chegasse a viver para ouvir—como em breve haveria de ouvir—as expressões de sentimento de haver elle sido tão vergonhosamente expulso.

Póde ser que, bem considerado o seu destino venha a ser um dia citado para provar o reverso exacto da doutrina machiavellica. E' esse, com certeza, frequentemente o triste fim de principes virtuosos, e bem intencionados; mas, ha tambem o dia seguinte, a época em que se lhes faz justiça; e no caso de D. Pedro ella chegou cedo. Até o mais frivolo dos seus subditos deve ter n'este momento suas duvidas sobre a prudencia do passo que levianamente deram ha dous annos passados, e talvez que os que mais sinceramente o pranteam, se achem entre aquelles que o viram partir sem uma palavra de sympathia ou de remorso.»

Do *Standard*, de 5 de Dezembro ultimo, traduzimos o seguinte:

«A noticia que D. Pedro ex-Imperador do Brazil succumbio da molestia de que estava soffrendo, será recebida com sentimento de sincero pezar, não sómente por aquelles de seus subditos que permaneceram leaes á causa do seu co-soberano mas em todo o Velho e Novo Mundo. Durante as visitas que, antes da perda de seu throno, elle fez aos Estados-Unidos e aos principaes paizes da Europa, D. Pedro conquistou para si uma grande somma de estima e respeito pessoal, e esses sentimentos tornaram-se depois mais intensos com as circumstancias de dureza e ingratidão com que elle foi expulso do paiz a cujos interesses elle prestára uma dedicação vital. A sciencia de que o Imperador era muito mais sinceramente dedicado á causa

da liberdade e das verdadeiras reformas do que o eram os conspiradores militares que, ao passo que blasonavam de liberdade e dos direitos do homem, estavam na realidade obrando como instrumento de um grupo de escravagistas que haviam jurado tirar vingança do autor do decreto da emancipação, creou a sympathia pelo Exilado Imperial especialmente grande na Inglaterra.

Não era provavel que os patricios de Wilberforce tivessem outros sentimentos senão de indignação pela deposição de um administrador, contra o qual a queixa mais grave que se podia allegar era a de haver resolvido arredar de seu reino a censura de ser o unico paiz christão em que os homens ainda reivindicassem propriedade sobre seus semelhantes. A morte de sua mulher—a devotada companheira do seu desterro—accrescentou mais outra nota pathetica á historia da quéda do Imperador. A Imperatriz nunca se restabelecêra do choque do golpe de estado militar pelo qual seu marido se vio privado de seus estados. A captura á horas mortas da Familia Imperial por uma escolta de officiaes, de cuja fidelidade até aquelle momento nunca houvera nenhuma duvida, abalaria os nervos de qualquer homem forte.

Para uma mulher já adiantada em annos, e com falta de saude, foi pouco menos de uma sentença de morte; e os exilados não estavam ha muito na Europa quando a Imperatriz succumbio de uma molestia constitucional que, é impossivel pôr em duvida, aggravou-se fatalmente com o terrivel abalo que soffreu. Até Novembro de 1889, o Imperador do Brazil parecia ser um monarcha prospero e feliz.

Se o seu throno trahia indicios de fraqueza quando comparado com as dynastias da Europa, parecia, quando julgado pelo padrão sul-americano de estabilidade politica, excepcionalmente seguro.

O proprio D. Pedro não havia muito tempo se restabelecêra de uma doença perigosa, durante a qual o edicto completando a libertação dos escravos havia sido recebido sem causar disturbios. Todavia, no espaço de menos de um anno, o Imperador perdeu o seu throno e sua consorte, e depois de dous annos de saude enfraquecida, morreu antes de seu tempo, e havendo, comtudo, sobrevivido a tudo porque valia a pena viver. A nenhum moralista jámais se apresentou assumpto mais apropriado a uma homilia sobre a mutabilidade das cousas humanas. Um soberano que subio ao throno na idade de cinco annos e que reinou durante cincoenta e oito, apezar de uma serie de perturbações politicas de caracter apparentemente insupperavel; vio-se afinal desthronado por uma conspiração em que tomaram parte muitas pessoas quasi desconhecidas.

Causa, entretanto, satisfação pensar que o cabeça da revolta, o qual tomára ares de poder legitimo, já foi expellido da sua autoridade de curto prazo — usurpador infellz e mallogrado. E por ironia do destino, o amo a quem elle trahio viveu depois de ser testemunha da sua punição.

Se se tiver de procurar razão para a quéda completa e subita do ramo brazileiro da Casa de Bragança, achar-se-ha no facto de não haver o fallecido Imperador sido designado pelo destino para dirigir homens.

Como cabeça hereditaria de uma Republica corôada, D. Pedro poderia ter grangeado elevada reputação pela sua prudencia e discripção. Nascido com os instinctos de um *savant* e, retrahindo-se naturalmente dos cuidados e das amarguras do poder, elle poderia ainda ter representado papel util ensinando a uma successão de ministros as doutrinas esotericas da praxe constitucional. Infelizmente, foi chamado a preencher um papel mui

differente, papel que, comquanto procurasse desempenhal-o valorosamente, estava acima de suas forças. As raças latinas só podem chegar a respeitar um monarcha que governe tão bem como reine, e que no seu modo de governar as faça sentir que elle é senhor d'ellas. E se isto é verdade na Europa, é-o ainda mais nos estados semi-povoados, semi-civilisados da America do Sul.

Não sómente os descendentes dos primeiros colonisadores portuguezes, mas tambem os negros, os indios e as varias fórmas de mestiços que compõem o resto da população brazileira, precisam da mão de um homem forte para dominal-os. Sómente inspirando medo e aquella admiração que nos povos semi-civilisados nasce do medo, é que seria possivel crear um sentimento duradouro de lealdade no Brazil. Lopez, o tyranno do Paraguay, acabrunhou os seus subditos com todas as fórmas possiveis de oppressão. Todavia estavam promptos, como se fossem um só homem, a morrer por elle ou a obedecer-lhe ás suas mais estravagantes ordens. D. Pedro, que nunca cuidou dos seus interesses, cahio sem que se levantasse um dedo em sua defesa. Entretanto o sentimento que tinha do dever publico era forte e activo. Não é possivel que elle tivesse qualquer desejo pessoal de voltar para entre um povo ingrato. O seu desejo deve ter sido viver os seus ultimos dias em paz e obscuridade. Mas, durante as recentes perturbações no Brazil, em que parecia imminente uma guerra civil, elle declarou que estava prompto a retomar o poder se com isso elle pudesse desviar a calamidade da luta intestina. Mas, parece que os seus subditos não sentiram muito a sua perda. Tomavam a sua benignidade por fraqueza ; ficaram extremamente contentes vendo-o substituido por um Dictador que, muito longe de ter escrupulos de fuzilar

insurgentes, havia de ter todo o cuidado de se fazer obedecer, tivesse ou não razão. O que admira, é que D. Pedro conservasse o seu sceptro por tanto tempo como o conservou. O facto de que, emquanto elle permanecesse no throno os capitalistas européos estavam promptos a emprestar dinheiro para construir-se estradas de ferro e portos, tenha talvez contribuido para que se não fizesse nenhuma tentativa séria de revolução até o fim do anno atrazado. Isso só, porém, não seria bastante para evitar uma commoção. Os grandes agricultores escravocatas mostravam-se provavelmente avêssos á revolução até que o ultimo golpe da politica da emancipação fêl-os resolverem-se a não sustentar mais uma dynastia que sacrificára os seus interesses.

Quando se retirou esse sustentaculo, o throno ficou á mercê do primeiro aventureiro militar com coragem para atacal-o.

Foi necessario apenas um certo numero de soldados e officiaes, para se capturar o Imperador e sua familia, e embarcal-os para a Europa.

Feito isto, a mudança de monarchia para proclamação foi feita com tanta facilidade como em uma opera buffa. Uma proclamação em typo grande, annunciando a formação de um Governo Provisorio, foi, na realidade, o unico apresto necessario para revolucionar completamente a Constituição. »

(Do *Jornal do Commercio*).

4 de Janeiro de 1892

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

Sob as gelidas abobadas do Pantheon da dynastia bragantina, em S. Vicente de Fóra, dorme alfim, o seu derradeiro e eterno somno, longe da

gloriosa terra de Santa Cruz, onde nascêra, e que tão estremecidamente amou sempre, o Sr. D. Pedro de Alcantara, que foi Imperador do Brazil, e que por espaço de mais de meio seculo presidio aos altos destinos d'essa grande e briosa nação, cujos progressos e prosperidade eram o seu unico e luminoso objectivo.

Uma revolução o collocára, menino e orphão dos carinhos da familia no throno erguido, na prosperrima e emancipada colonia, por seu augusto pai, a onda revolucionaria o prostrou tambem, no ultimo quartel da vida, do solio que nunca deslustrara, antes honrava, por certo, pelas suas eminentes e singutares virtudes.

E' cedo ainda para se poder julgar, serena e imparcialmente, do caracter, da influencia e dos serviços prestados á causa da civilisação pelo prestigioso principe extincto. O que, porém, póde desde já affirmar-se, com desassombro e inteira verdade é que o Sr. D. Pedro de Alcantara, se como chefe do Estado acaso, por vezes, não orientou a sua politica no sentido mais correcto ou conveniente aos interesses geraes, soube, no exilio, resgatar nobilissimamente as faltas de imperante, se as teve, aceitando, resignado, o seu destino, e exprimindo de continuo até o ultimo suspiro, em uma absoluta abstenção de despeitos ou de resentimentos, os mais fervorosos votos pela grandeza e pela felicidade da nação, que, talvez inconscientemente, o repudiára.

Grande patriota e grande Brazileiro! Descanse em paz junto dos despojos mortaes da Santa esposa e do progenitor famoso, na terra heroica e entre o povo irmão com quem repartia os seus mais affectuosos sentimentos.

*
* *

Acompanhado do seu ajudante de campo e dos Srs. ministros dos negocios estrangeiros e das

obras publicas, commercio e industria, S. A. o Sr. Infante D. Affonso Henriques partio da *gare* da estação central dos caminhos de ferro portuguezes pelas 6 horas e 20 minutos da manhã de 12, em um expresso, com destino ao entroncamento. No mesmo expresso foi o Sr. Conde de Villa Nova da Cerveira, camarista de El-Rei, por Sua Magestade designado para ficar ao serviço do Sr. Conde d'Eu durante a sua estada em Lisboa. Do mesmo comboio faziam parte carruagens de primeira classe, reservadas por iniciativa do Sr. Commendador Gonçalves Pereira, para os membros da colonia brazileira e representantes da imprensa. Além de muitos outros foram ao entroncamento os Srs. Dr. Carvalho Monteiro, Barão de Mattozinhos, Carlos Santos, Manoel José Monteiro, J. Gonçalves Pereira, Ramalho Ortigão, Mariano Pina, Brito Aranha, etc. Seguiram por igual no comboio os Srs. Francisco Wanzeller, administrador delegado da companhia, Manoel Espergueira, director geral, e varios empregados da fiscalisação das linhas.

Em Santarém, onde o comboio parou, subio para o salão dos ministros o Sr. Visconde de Andaluz, governador civil do districto, acompanhado pelo commissario de policia.

Eram pouco mais de 8 horas quando o expresso chegou ao entroncamento. O Sr. Conde d'Eu, acompanhado de seu filho e do Principe de Saxe, assim como da respectiva comitiva, esperavam a porta da estação o Sr. Infante D. Affonso. Depois de se abraçarem, o Sr. Infante apresentou aos Principes estrangeiros os Srs. ministros, e todos se dirigiram para o salão onde estava a Sra. Condessa d'Eu, á qual o Sr. D. Affonso e os ministros apresentaram as devidas homenagens em nome de El-Rei D. Carlos e do governo.

O Sr. Infante vestia o seu grande uniforme de official do regimento de artilharia n. 1, com a Grã-Cruz da Torre e Espada. Os dous ministros iam de farda, levando o Sr. Conde de Valbom a Grã-Cruz da Ordem da Rosa, do Brazil.

O encarregado dos negocios de Portugal em Hespanha, Sr. Augusto Thedin, acompanhára o cadaver do ex-Imperador até Marvão, onde se apresentaram as autoridades portuguezas e foram prestadas as honras militares pelo regimento de infantaria n. 22.

D'ahi a um quarto de hora, formou-se o comboio funebre, que partio logo para Lisboa, chegando á estação de Santa Apolonia ás 11 horas e 40 minutos. Já alli estava Sua Magestade El-Rei, que chegára ás 11 horas, acompanhado pelo Sr. general Folque, Conde de Linhares e D. Fernando de Serpa Pimentel, sendo recebido á entrada pelos Srs. ministros da fazenda e da justiça, governador civil, autoridades militares, grandes do reino, ecclesiasticos e entre elles o beneficiado Almeida, capellão das reaes capellas, mais dous capellães e um acolyto.

Sua Magestade a Rainha D. Maria Amelia fôra directamente do paço para S. Vicente.

A *gare* estava então já cheia de tudo quanto ha de distincto na nossa sociedade. Grandes deputações das Camaras legislativas, Camara municipal, muitos socios da Academia Real das Sciencias de Lisboa, a direcção e grande numero de socios da Sociedade de Geographia, representantes das escolas superiores, ministros de estado honorarios, officiaes generaes e superiores de terra e mar, altos funccionarios, etc., etc. Notavam-se muitas damas brazileiras vestidas de luto rigoroso.

Achava-se tambem largamente representada a colonia brazileira, e a imprensa periodica de todas

as parcialidades, encontrando-se alli, por igual, os correspondentes do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, d'*O Paiz* da mesma cidade, e de outras folhas brazileiras.

As deputações das Camaras eram compostas: a dos pares, dos Srs. Telles de Vasconcellos, presidente, Conde de Avila e Visconde da Silva Carvalho, secretarios, Marquezes da Praia, de Fronteira e de Pomares; Condes de S. Januario, de Castro, de Carnide, de Thomar, de Botelho, Conselheiros Serpa Pimentel, Antonio Candido, Oliveira Monteiro, Candido Costa e Agostinho de Ornellas, Carlos Palmeirim, Hintze Ribeiro, José Quirino de Castro, Mathias de Carvalho, Souza Avides e Thomaz Ribeiro; a dos deputados: Srs. presidente e secretarios, Conrado José Coelho, Frederico Arouca, Alves Bibiano, Pessana de Vasconcellos, Alves Passos, Ferreira do Amaral, Antonio Maria Cardoso, José de Azevedo Castello Branco, Xavier da Cunha, Francisco José Machado, João Figueiredo, Frederico Laranja, Conde de Villa Real, Adolpho Pimentel, Campos Henriques, Francisco José de Medeiros, Joaquim Germano de Siqueira, Amandio Eduardo da Motta Veiga, João de Paiva, Almeida Brito, Pedro Ignacio de Gouveia, Moraes Sarmento, Barros Mimoso, Sanches de Castro, Horta e Costa, Alberto Pimentel, Carlos Lobo d'Avila, Lencastre e Menezes e Joaquim Antonio Gonçalves.

No dia 10 chegára á capital o Sr. capitão-general D. Joaquim Jovellar, antigo presidente do conselho, que veio na qualidade de embaixador extraordinario, para representar Sua Magestade a Rainha regente de Hespanha nos funeraes do Sr. D. Pedro de Alcantara. Esse alto personagem apresentou-se tambem na estação, acompanhado do seu ajudante de campo o Sr. coronel Montes, e do Sr. major de engenharia Carlos Roma du Bocage,

que o Sr. ministro da guerra mandára pôr ás suas ordens.

O principe Alberto da Prussia, regente de Brunswick, nomeado para representar S. M. o Imperador da Allemanha nas ceremonias funebres, não chegou a tempo de poder assistir ao enterro.

O prestito formou-se no largo da estação de Santa Apolonia, seguindo pela rua da Fundição, calçada do Paraizo, campo de Santa Clara, Arco Grande e S. Vicente de Fóra.

Rompia o sahimento um esquadrão de lanceiros, precedidos por dous batedores, sargentos do mesmo regimento, atrás os trens e carruagens conduzindo todas as pessoas, que deviam encorporar-se ao cortejo, e depois os coches da casa real pela ordem, que segue:

1º, Srs. Conde de Linhares, general Folque, D. Fernando de Serpa e D. Antonio de Noronha; 2º, Srs. Conde de Villa Nova da Cerveira e tres personagens da comitiva dos Srs. Condes d'Eu; 3º, Srs. Conde de Aljezur, duas pessoas da referida comitiva e a Exma. Sra. Condessa de Seixal; 4º, Srs. Duques de Loulé e de Palmella e Conde de Ficalho; 5º, Suas Altezas os Srs. D. Pedro Augusto, Infante D. Affonso e capitão-general D. Joaquim Jovellar; 6º, Sua Magestade El-Rei, dando a direita á Sra. Condessa d'Eu, os Srs. Conde d'Eu e Principe do Grão-Pará; 7º, os capellães da real casa e acolytos; 8º, coche de respeito coberto de velludo preto franjado a ouro; 9º, o feretro, puxado a quatro parelhas, cobertas de baetas pretas, sendo tanto este como o anterior ladeados por criados da casa real com tochas accesas, entre duas alas de moços de estribeira á pé e descobertos.

A' estribeira ia o Sr. general commandante de divisão Malaquias de Lemos, seguido pelo chefe e sub-chefe do estado-maior, cirurgião de divisão e

ajudantes. Depois seguiam os regimentos de lanceiros n. 2, com as bandeirolas enroladas e cobertas de crepe, e de cavallaria n. 4, formando uma brigada sob o commando do Sr. coronel Queiroz.

Os regimentos de caçadores ns. 2 e 5 e de infantaria ns. 1, 2, 5, 7 e 16, que formavam alas nas ruas do trajecto, marcharam atrás da cavallaria, indo tomar as devidas posições no campo de Santa Clara onde se achava o regimento de artilharia n. 1.

Quando o prestito chegou a S. Vicente, o caixão foi tirado do respectivo coche pelos competentes dignitarios, e collocado sobre um pouso.

Sua Magestade a Rainha D. Maria Amelia esperava no vestibulo de S. Vicente, e á chegada do cortejo foi logo dar os pezames aos Srs. Condes d'Eu.

A Sra. Condessa d'Eu entrou na igreja pelo braço de Sua Magestade El-Rei, e Sua Magestade a Rainha pelo braço do Sr. Conde d'Eu. Atrás seguiam os Principes, acompanhados pelo Sr. Infante D. Affonso e pelo Sr. capitão general Jovellar.

Segundo o antiquissimo estylo, o caixão foi conduzido em um esquife pela Irmandade da Santa Casa da Misericordia, para a primeira eça collocada no meio da igreja, onde a collegiada da mesma santa casa cantou os responsorios da sua competencia. D'ahi foi o mesmo caixão levado pelos officiaes móres da casa real para a segunda eça levantada no centro da quadratura patriarchal, mandando então o Sr. cardeal patriarcha assistido pelo cabido da Sé, rezar as orações do ritual.

Terminados todos os actos religiosos foi o feretro depositado no Pantheon real, sendo a entrega feita pelo mordomo-mór e pelo Conde de Aljezur, que prestaram juramento ácêrca da identidade do cadaver, assignando os dignitarios do paço como testemunhas dous termos de entrega do

ataúde, e de uma das suas chaves ao Sr. cardeal patriarcha.

As fortalezas e navios de guerra salvaram á chegada do feretro a Lisboa, dando tiros de quarto em quarto de hora até que findo o funeral repetiram a salva de 21 tiros.

Assistiram ás exequias todos os arcebispos e bispos que se encontravam em Lisboa, em consequencia da reunião convocada pelo Sr. cardeal patriarcha, incluindo tres prelados de dioceses ultramarinas (Moçambique, Meliapor e Cochim).

Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia, que por incommodo de saude não pudera ir á S. Vicente, no sabbado, fez-se alli representar por um dos seus camaristas.

No comboio funebre vinham dous *fourgons* litteralmente cheios de corôas e *bouquets*. Não se puderam tirar todas, nem cabiam no coche funerario. A maior parte d'ellas foram conduzidas de tarde para o Pantheon.

O ataúde foi coberto com a bandeira brazileira.

Entre as muitas corôas commemorativas aqui offerecidas merecem especial menção as seguintes:

De El-Rei e da Rainha— de anemonas, lilaz e glycineas— legenda: *A nosso querido tio. Carlos e Amelia.*

De Sua Magestade a Rainha a Sra. D. Maria Pia — de heras pretas e lyrios rôxos — legenda: *A meu querido tio. Sua sobrinha affeiçoada e reconhecida, D. Maria Pia.*

Do Infante D. Affonso - de violetas, lilaz e rosas — legenda: *Ao meu querido tio. Seu sobrinho affeiçoado e respeitador, D. Affonso Henriques.*

Da Sra. Condessa d'Edla—de perpetuas e margaridas rôxas — legenda: *A S. M. o Imperador D. Pedro. Saudade e gratidão. Condessa d' Edla.*

Dos advogados do Rio de Janeiro — de louro e carvalho — legenda : *Ao defensor das liberdades civicas.*

Da familia Candido Mendonça — de flôres de loureiro e rosas brancas — legenda : *Ao Sr. D. Pedro II. Tributo de reconhecimento e pungente saudade.*

Do Instituto Historico e Geographico do Brazil — de folhagens diversas com glycineas rôxas — legenda : *Ao seu augusto protector, lembrança de eterna saudade.*

Uma corôa grande de violetas com *bouquets* de rosas todas veladas de crépe, com fitas verdes e amarellas, tendo riquissima franja de ouro e a dedicatoria : *Ao socio benemerito D. Pedro de Alcantara. A Sociedade de Beneficencia Brazileira em Portugal.*

Uma formosissima cruz de folhagens finas, medindo 1 metro de alto com *torsade* de rosas e jacinthos, largas fitas verdes e amarellas franjadas de ouro, com a dedicatoria : *Ao S. D. Pedro II, seu protector perpetuo. A irmandade da Cruz dos Militares do Rio de Janeiro.* 5 — 12 — 91.

Uma corôa de violetas, acacias e botões de rosas, fitas verdes e amarellas com a dedicatoria : *A Sua Magestade Imperial D. Pedro de Alcantara. Os estudantes brazileiros da Escola Academica.* 12 — 12 — 91.

O aspecto do templo era imponente e verdadadeiramente sumptuoso, sendo todas as decorações dirigidas pelo architecto Sr. Domingos Parente.

Toda a armação era de velludo com bordados de lhama de ouro, formando sanefas, tanto na parte superior, como nos rodapés. A capella-mór tinha espaldar de brocado com guarnições de lhama de ouro.

No cruzeiro foram armadas duas tribunas forradas de damasco de seda rôxa, com parapeitos de

velludo e guarnições entrefinas. Uma d'estas tribunas foi destinada para o corpo diplomatico e outra para os ministros e altos dignitarios. No altar-mór, do lado da Epistola estava a tribuna da familia real, e do lado do Evangelho, a das damas. As capellas do corpo da igreja e altares do cruzeiro estavam ornamentados com cebastos bordados em lhama e guarnições com encerro de velludo ouro e prata. Na capella-mór havia bancadas para a camara municipal, camara ecclesiastica, autoridades civis e militares, etc., etc. Ao centro via-se armado o catafalco, que era de bom desenho, e guarnecido com riquissimos pannos de velludo preto, bordados a ouro e prata. Estava ladeado por doze grandes tocheiros.

No cruzeiro estava a eça de descanço, erguida sobre dous degráos e ladeada de seis tocheiros.

Sua Magestade a Rainha D. Maria Amelia, que se achava no templo, como já dissemos, acompanhada pelas damas Sras. Marqueza de Pombal, Condessas de Sabugosa, de Valbom e de Alcaçovas, D. Josepha de Sandoval Vasconcellos e Souza e D. Isabel de Mello, trajava de luto, tendo a tiracollo a banda das duas ordens de Santa Isabel e Maria Luiza.

A direcção do ceremonial, em S. Vicente, coube ao Sr. Conde de Alcaçovas (D. Luiz), que se desempenhou do encargo com muito acerto. O serviço policial, tanto no templo, como nas ruas do trajecto, desde Santa Apolonia, onde a concurrencia de povo foi enorme, não podia ser feito mais exemplarmente. Não consta que occorresse n'esta parte incidente algum desagradavel.

Na tribuna do corpo diplomatico viam-se os representantes de todas as nações acreditadas na nossa côrte, exceptuando a republica dos Estados

Unidos do Brazil, que nem alli nem no prestito se fizera representar.

O procedimento do Sr. Araujo Beltrão, que nos parece impossivel fosse determinado por ordens expressas do governo brazileiro, causou verdadeira estranheza e tem sido menos benevolamente commentado pela imprensa.

Todas as folhas periodicas têm publicado artigos muito honrosos para a memoria do Sr. D. Pedro de Alcantara.

Ante-hontem, finalmente, como se resolvêra, partiram para Pariz no *Sul-expresso* tencionando demorar-se dous dias em Madrid, Suas Altezas Srs. Condes d'Eu, seu filho o Principe D. Pedro de Alcantara, seu sobrinho o Principe D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo-Gotha e seus camaristas.

Os illustres Principes retiraram-se de Portugal profundamente reconhecidos á sympathia generosa e affectuosa maneira como a nação portugueza, mais uma vez, lhes demonstrou a sua consideração na unanime e significativa homenagem prestada á memoria do venerando Imperador. A Sra. Condessa d'Eu repetio na *gare* a Sua Magestade El-Rei quanto estava penhorada pela manifestação com que Portugal, que sempre considerára nação amiga e lealissima do seu querido Brazil, honrára a memoria de seu estremecido pai.

No domingo pelas dez horas da manhã, estiveram Suas Altezas em S. Vicente, onde foram ouvir missa, na capella do Pantheon real, pelo eterno descanso da alma do ex-Imperador.

Officiou o reverendo padre Rigaud. Entre os assistentes vimos os Srs. Conde de Aljezur, Barões de Muritiba, Visconde de Cavalcante, Barões de S. Joaquim, Barão da Estrella, Barão de Maia Monteiro, Barão de Nioac, Conde de Motta Maia, João de Souza Dantas, Paulo Prado, Sebastião

Guimarães, José Paranaguá, Escragnolle Taunay, Alfredo Rocha, Condessa de Seixal, Eugenia Penha e Commendador Gonçalves Pereira.

Depois do meio-dia foram ao Paço de Belém, recolhendo-se ao palacio das Necessidades cerca das 5 horas da tarde, depois de terem apresentado a Suas Magestades as pessoas, que haviam acompanhado Suas Altezas desde Pariz, que todas ficaram encantadas do modo porque os soberanos portuguezes os acolheram. Nas Necessidades receberam depois Suas Altezas os cumprimentos de avultadissimo numero de pessoas, entre as quaes sobresahiam os membros da briosa e illustrada colonia brazileira de Lisboa.

Ante-hontem de manhã voltaram Suas Altezas a São Vicente, acompanhadas por Suas Magestades el-Rei e Rainhas D. Maria Amelia e D. Maria Pia, e alli ouviram missa. Depois de se retirarem Suas Magestades e Altezas, o Sr. Conde de Motta Maia ficou alli, afim de dirigir a collocação do ataúde do Sr. D. Pedro de Alcantara, de sorte que ficasse, como ficou, perfeitamente ao lado do da ex-Imperatriz D. Thereza Christina.

Mais tarde ainda Suas Altezas voltaram a S. Vicente, afim de se despedirem de seus saudosos paes, foi uma scena devéras commovente. Não só os Principes, mas tambem os velhos e leaes amigos e servidores, choravam commovidos. A Sra. Condessa d'Eu, sahio, a soluçar, do Pantheon, e como que arrastada, volvendo repetidas vezes os olhos, rasos de lagrimas, para o lugar onde ficavam os restos mortaes dos que lhe haviam sido tão caros.

Depois de haverem ido aos paços da Ajuda e de Belém despedir-se de Suas Magestades, Suas Altezas dirigiram-se para a estação central do Rocio (defronte do theatro de D. Maria II). Era numerosa e selecta a concurrencia na espaçosa *gare*,

achando-se a colonia brazileira largamente representada. Prestadas as homenagens devidas, já se dera o signal para partida, quando chegaram Suas Magestades El-Rei e a Rainha. O Sr. D. Carlos beijou a mão da Sra. Condessa d'Eu, e Sua Magestade a Rainha abraçou-a e osculou-a na face. Sua Magestade El-Rei foi em seguida despedir-se de Sua Alteza Real o Principe Alberto da Prussia, que já entrára para carruagem e que desceu para agradecer a amabilidade do monarcha e cumprimentar Sua Magestade a Rainha. Quando o comboio partio, todos que estavam na *gare* se descobriram respeitosamente.

A viagem fez-se sem novidade, segundo consta. Ao transpor a fronteira hespanhola, a Sra. Condessa d'Eu enviou os seguintes telegrammas á familia real portugueza.

«*A Sua Magestade a Rainha D. Maria Amelia.* – Je t'embrasse de tout mon cœur, chère Amélie, et encore une fois, je te remercie de toutes les affections et sympathies au milieu des mes douleurs. — *Isabelle.*»

«*A Sua Magestade El-Rei.* — Meu querido primo, mais uma vez agradeço de coração todas as honras prestadas a meu muito amado pai, e tantas provas de amizade n'esses dolorosos dias. — *Isabel.*»

«*A Sua Magestade a Rainha D. Maria Pia.* Mais uma vez, querida prima, abraço-a de coração, e lhe agradeço toda a parte, que tomou em minha dôr. — *Isabel.*»

«*A Sua Alteza o Sr. Infante D. Affonso.*— De coração lhe agradeço todas as provas de amizade, que nos deu n'estes dias de tanta dôr.— *Isabel.*»

(Do *Jornal do Commercio*).

D. PEDRO II

Da *New-York Tribune*, de 8 de Dezembro ultimo, traduzimos o seguinte artigo a respeito do fallecimento do ex-Imperador do Brazil.

« A morte de D. Pedro II no exilio não deixa de ter elementos patheticos. Elle amava sua patria, e tinha esperanças de exhalar o ultimo suspiro no seu modesto palacio de Petropolis. Quando foi empacotado com a sua familia ha dous annos passados e obrigado a partir para Lisboa com o aviso de poucas horas, as suas exclamações trahiam um espirito transtornado pela dôr :

« Peço só que me deixem morrer no meu paiz ! exclamou elle diante dos officiaes revolucionarios. « Que fiz eu para merecer isto ? Que crimes commetteu minha familia ? Não sabemos o que fizemos ! Só sabemos que o Brazil nos é muito caro ! »

« E d'esse modo, no meio de exclamações, entre soluços e suspiros, o velho Imperador dirigio-se para o navio á meia noite, e no dia seguinte quando o esteril promontorio rochoso de Cabo-Frio gradualmente cobrio-se de nuvens e escondeu-se nas brumas do occaso, o Brazil desappareceu-lhe da vista para sempre.

« A Imperatriz falleceu no primeiro mez do seu desterro. A vida do Imperador prolongou-se ainda por dous annos.

« Se elle fez um grande esforço mostrando interesse pelos estudos scientificos em Pariz, foi uma affectação desesperada de pedantismo para a qual não tinha mais animo. Um olhar demorado pelo jardim de rosas, onde elle costuma passeiar, no valle aprazivel encravado na Serra dos Orgãos teria valido para elle nos seus ultimos dias mais do que todas as consolações philosophicas de uma sabedoria que na melhor das hypotheses nunca foi muito profunda.

«O Imperador gozou durante um reinado longo da reputação de ser um dos soberanos mais illustrados da época.

«Era um monarcha que possuia muitos dotes fascinantes e estimaveis, que o tornavam caro á seu povo e impunham respeito no exterior. Foi o principal promotor na introducção de estradas de ferro, dos telegraphos e das obras publicas no Brazil, poz-se á frente do movimento nacional para realizar-se a emancipação, e revelou interesse decidido pela educação technica, e sagacidade pratica em dirigir as tendencias progressivas de uma nação muito conservadora. Tão grande era a medida das suas obras de beneficencias e de caridade, que, quando elle sahio do Brazil, não tinha dinheiro e teve de lançar mão de saque sobre o Thesouro que os revolucionarios tiveram satisfação em honrar. Era motivo de orgulho para elle tirar apenas o necessario para viver do officio de realeza que herdára.

« Não era um capitalista economico como um Principe da familia Orléans. Deu em obras de caridade o que bastaria para enriquecer a sua familia e manter uma côrte realmente esplendida.

« Contentava-se com viver no que para um monarcha era um modo de vida bastante modesto, em ter poucos criados, em andar em uma carruagem derreada, puxada por umas parelhas de mulas, não dando festas aos seus ministros nem aos estrangeiros, e gastando grande parte do seu tempo em trabalhos de fantasia litteraria, como, por exemplo, a traducção de livros hespanhóes para portuguez.

« Depois de terminada a relação dos serviços publicos e das virtudes particulares do Imperador, permanece o facto de manter elle um systema de centralisação que impedia as provincias federadas de possuir governo autonomico, reprimia aspirações

de governo proprio e creava uma classe de advogados administrativos na capital e de administradores cabalistas em todo o Brazil.

« Sob este systema eram as provincias governadas no interesse da administração imperial, e sugaram-nas a maior renda possivel os partidarios politicos, pro-consules militares e aventureiros rapaces. Com todo o seu descanso para o pedantismo litterario e scientifico, o soberano nunca achou tempo para examinar o funccionamento pratico da administração altamente centralisadora que estava paralysando as forças industriaes e embaraçando o desenvolvimento politico do Brazil. Monarcha bondoso e bem intencionado, tendo um coração que se commovia com a presença de todos os mendigos que encontrava nas ruas, faltava-lhe aquelle espirito necessario para analysar os males intoleraveis de um systema de governo tão complexo e tão terrivel como o de Metternich na Austria. Se tivesse sido menos homem de livros e menos solitario e fosse homem mais pratico e mundano teria adaptado o seu reinado ás condições do governo autonomico (*home-rule*) e ao progresso moderno e ter-se-hia poupado ás desgraças dos seus ultimos annos.

« O Imperador era um bom monarcha encra-Por vado em um systema completamente pernicioso. mais pathetica embora que fosse a sua morte no exilio, o Brazil está actualmente desembaraçado de todo do Imperio, e de toda a corrupção e compressão administrativa que este ultimo encerrava.

« Se os chefes republicanos se houvessem contentado em deixal-o no throno e em esperar até que a morte o levasse, teriam de se haver com uma Imperatriz resoluta, tendo todos os recursos do Clericalismo.

« Assim como foi, houve duas revoluções sem effusão de sangue e a Republica está de pé, e nenhuma outra cousa mais póde existir no Brazil ».

(Do *Jornal do Commercio*).

O BRAZIL E D. PEDRO

O *Temps* de 8 de Dezembro publicou um artigo, sob o titulo acima transcripto, sobre politica brazileira. Eis alguns trechos, que mais podem interessar aos nossos leitores :

« O Imperador commetteu um erro não abdicando no momento da lei da abolição, cuja responsabilidade e gloria deixára aliás á sua filha. Se bem que muitos de seus amigos o aconselhassem calorosamente a fazel-o, D. Pedro recusou-se a isso sob o méro pretexto de que queria celebrar no throno o seu jubileu em 1891. Este desejo do velho Imperador foi talvez causa de estar a esta hora a dymnastia imperial destituida e exilada.

Em que situação a morte do chefe deixa a familia Alcantara ?

Este successo parece abrir caminho aos pretendentes effectivos, que talvez não esperem, como estoicos, á maneira do fallecido Imperador, uma manifestação do povo brazileiro para fazer valer seus direitos.

A herdeira directa é a Condessa d'Eu ; ella, porém, não é popular e a opportunidade de se impôr á nação brazileira foi-lhe tirada por seu pai, no momento propicio.

Accusam-na de exagerado espirito religioso. Demais, a exemplo de seu pai, gostos artisticos distrahem-na muito das cousas do governo e far-lhe-hiam preferir uma sessão musical, a um conselho de ministros.

Por outra parte, seu marido, o Conde d'Eu, não gosava das reaes sympathias dos Brazileiros, em que o espirito nativista é assás pronunciado e que não viam com bons olhos influir nos seus negocios um Principe estrangeiro, de maneiras asperas e ambicioso de lucros, em perfeito contraste com o desinteresse do Imperador ».

Passa depois o articulista a enumerar os netos do ex-Imperador, e conclue:

« Tal é, a largos traços, a situação actual dos dous ramos da familia imperial. Tem algum d'elles enchança de voltar ao throno do Brazil? Só o futuro poderá dizel-o.

No Rio de Janeiro attribue-se ao general Peixoto a intenção de retirar-se e de ceder o posto, ou ao Sr. Prudente de Moraes, presidente do Senado e ex-candidato á presidencia contra o marechal Fonseca, ou ao Sr. José Hygino Duarte Pereira, senador por Pernambuco, que acaba de entrar para a combinação ministerial, na pasta do interior.

Mas não se crê que o exercito e a marinha, arbitros da situação, estejam dispostos a acceitar um paisano para chefe do governo. Si elles não conseguissem estabelecer um poder executivo viavel acabariam, talvez, por experimentar o restabelecimento da monarchia do mesmo modo por que proclamaram a republica, sem que a nação houvesse de intervir, e chamariam então um Principe da familia imperial, provavelmente o Principe do Grão-Pará. Este não tendo senão 16 annos de idade, seria auxiliado por um conselho de regencia, em que houvesse de predominar o elemento militar, ao lado de algum dos estadistas do Imperio como o senador Saraiva, os conselheiros João Alfredo Corrêa de Oliveira, e Manoel Dantas, etc.

Taes são, talvez, as unicas possibilidades de restauração que poderia ter a dymnastia imperial,

em razão da situação das cousas no Brazil e depois da morte de seu chefe.

Entretanto até aqui nada faz prever que os Brazileiros procurem retroceder do passo da revolução de 15 *de Novembro, cujos resultados tentam ao contrario consolidar».*

Não obstante esta phrase final, parece indispensavel observar que, como sempre, a imprensa estrangeira parte de um principio falso em suas criticas sobre a politica brazileira. Continúa a correr mundo a errada interpretação da nossa revolução de 15 de Novembro e um conceito desfavoravel sobre as nossas forças militares.

1.º Si o povo não fez aquella, acquiesceu, entretanto, e da maneira mais solemne. A grande massa de povo brazileiro é hoje republicana, porque não vê outro meio de salvar a ordem e a integridade da patria.

2.º As forças militares que proclamaram a Republica não voltariam hoje a auxiliar nem a promover um movimento de restauração monarchica, por que nem sentem saudades do regimen, nem isso se coaduna com a sisudez de seus principios. Irrogar-lhe semelhante disposição, importa offender profundamente o caracter do soldado brasileiro, e a nós nos incumbe pelo menos protestar energicamente contra essa leviana opinião.

3.º Não acreditamos que o exercito e a armada recusem a acceitar um paizano para chefe do governo. Elles só podem querer a vontade do povo soberano, e esta, estamos certos, tende cada dia a accentuar-se mais claramente, condemnando o militarismo, que nunca felicitou ao povo algum e que nos desconceitua perante o mundo civilisado.

(Da *Gazeta de Noticias*).

6 de Janeiro de 1892

VER, OUVIR E CONTAR

Se procuro no meu passado a primeira recordação do bondoso e leal Imperador que ha poucos dias adormeceu na paz imperturbavel da morte, ergue-se-me logo diante dos olhos a velha igreja da Lapa, no Porto, onde por uma esplendida manhã de ha vinte e tantos annos, elle foi ajoelhar junto do cofre que encerra o coração de D. Pedro IV. Uma turba enorme invadira a nave da igreja, resplandecente de metaes e de luzes. Lá fóra ouvia-se o rumor de milhares de vozes, semelhante ao murmurio do oceano. Por um favor especial minha familia obtivera dentro do templo, perto do altar-mór, excellentes logares, de onde poderiamos ver a ceremonia em todos os seus mais insignificantes pormenores. Era eu então um rapazito de oito a nove annos, bastante nervoso e impressionavel. A idéa de que ia contemplar um Imperador fizera-me passar em claro a noite precedente. Esta palavra—*Imperador*—tinha então para mim um prestigio quasi divino e mal podia acreditar que fosse feito como os outros esse homem a quem se dava esse maravilhoso titulo. As horas iam passando, o Imperador não apparecia e eu roia as unhas de impaciencia. Afinal, não podendo aguentar mais tempo a immobilidade a que me condemnava não só o respeito devido ao logar sagrado como a estreiteza do espaço, resolvi-me a vir esperar a chegada do monarcha para o largo que se estende em frente á igreja, tencionando logo que avistasse os coches de gala voltar depressa para o meu logar.

Sem consultar os meus, que de certo se teriam opposto a este projecto imprudente, dei execução ao meu plano, conseguindo, não sem custo, atravessar o dedalo de cadeiras que me separava de uma

das portas lateraes, no meio dos *schius* indignados dos occupantes a quem a minha sahida, um tanto ruidosa, escandalisava profundamente.

A porta estava guardada por duas sentinellas que me deixaram sahir sem objecção. Ainda eu não chegava á escadaria que desce para o largo, quando um clamor formidavel se elevou, uma girandola de foguetes subio ao ar, e as musicas militares entoavam o hymno brazileiro. A multidão que occupava o largo abrio-se em duas alas e um coche puxado a quatro cavallos appareceu no espaço livre. Chegava, emfim, o Imperador!

Tremulo de commoção, virei costas e corri para a porta de entrada, afim de regressar para junto dos meus. Ahi, porém, encontrei os dous mais broncos, obtusos e casmurros centuriões que jámais fizeram sentinella a uma porta qualquer. Sem piedade para o meu desespero, esses dous alarves declararam-me terminantemente que quem ia ao mar perdia o logar e que era inutil toda e qualquer tentativa da minha parte por voltar ao ponto de onde partira. Debalde lhes objectei com as lagrimas nos olhos que minha familia ia ficar em sustos com a minha prolongada ausencia e que eu era tão pequeno que o meu accesso na igreja não podia ser contado como uma infracção completa ás ordens que lhes haviam sido dadas. Era quando muito um terço ou um quarto de infracção, em que ninguem de resto attentaria. Mas os dous *bulldogs*, em vez de se enternecerem com as minhas supplicas, enfureceram-se e repelliram-me com uma grosseria de que ainda me não posso lembrar hoje sem estremecer de raiva. Entretanto lá fóra os vivas estrondeavam, os foguetes enchiam o ar com um clamor alegre, a multidão precipitava-se em ondas para a escadaria afim de ver a passagem do soberano. Quando me capacitei de que nada obteria dos meus

implacaveis janizaros e de que toda aquella bella e grandiosa festa com que eu sonhara durante tantos dias ia ter logar sem que eu a visse, senti o meu pequeno coração como que estrangulado por uma garra de ferro. Foi esse o primeiro encontro de minha vida com a estupidez e com a brutalidade. Não foi, porém, o ultimo infelizmente.

Repellido pelas sentinellas, achei-me no alto da escadaria, apanhado em uma verdadeira mó humana que me triturou á sua vontade. Erguido nos bicos de pés, procurava distinguir alguma cousa e o destino de certo se apiedou de mim, porque, durante o espaço de um segundo talvez, pude lobrigar no intervallo de duas barretinas de soldado uma fronte, uns olhos e uma barba que eu reconheci logo, porque havia em minha casa um bom retrato do Imperador. A visão durou um relampago. O Soberano entrou na igreja, com a Imperatriz que eu não consegui divisar. A turba-multa redopiou como um cyclone e a minha fragil pessoa foi levada no rodomoinho a uma grande distancia, de onde, chorosa, humilhada e com graves receios de um severo castigo maternal, regressou cabisbaixa ao seu domicilio.

Só me foi dado contemplar de novo D. Pedro II seis annos depois em Lisboa, em uma representação theatral a que o pobre soberano, fatigadissimo de toda uma série de passeios pedestres e de vertiginosas visitas a muzeus, a escolas e a hospitaes, assistio, perdido de somno. O publico sorria de o ver cabecear sobre o rebordo carmezim do seu camarote, mas sorria sem a malevolencia, porque o excellente homem era estimadissimo e sabia, como vulgarmente se diz, *metter toda a gente no coração*.

*
* *

Tornei a ver ha poucas horas essa bella e veneravel fronte, aureolada de cabellos brancos, essa barba alvissima que lhe dava um aspecto ao mesmo tempo magestoso e paternal, mas os olhos estavam cerrados, a tez era livida, o corpo estirado sobre um leito flanqueado de brandões accesos apresentava a rigidez dos cadaveres. Cessára de bater esse grande e generoso coração, e a serenidade augusta da morte resplandecia nas bellas e nobres feições que pareciam esculpidas no mais alvo marmore. Nunca elle me pareceu imponente, magestoso, verdadeiramente *Imperador* como n'esse leito de morte. Quando passei, confundido na turba anonyma, diante do corpo immovel e para sempre gelado que servira de involucro a uma alma tão pura, lembrei-me de subito do local onde estava, d'esse hotel cosmopolita, onde viera consummar-se no irrevogavel termo esse singular destino; lembrei-me das horas de agonia soluçadas entre as quatro paredes d'esse quarto que amanhã se alugará a outro forasteiro, no meio da mobilia summaria e banal de todas as hospedarias, entre o rumor e o vai-vem dos viajantes, d'essa agonia em terra estrangeira que tão dolorosa devia ter sido para a sua grande alma patriotica; lembrei-me dos sessenta annos d'esse reinado fecundo, *grande spatium ævi*, grande como duração e grande como gloria, durante o qual todos os laureis que podem circumdar uma fronte, laureis de sciencia, de civismo, de guerra, se entrelaçaram em torno d'essa cabeça exangue, lembrei-me de todo esse passado de esplendores, emmoldurado no magico panorama de um paiz de sonho e de poesia, resplandescente de mil acções nobres, justas ou uteis, de mil idéas fecundas traduzidas em factos gloriosos, e hoje para sempre apagados na densa bruma da morte. E em frente d'esse grande da terra, que o destino collocara tão alto e que, pelo

estudo, pela virtude, pela grandeza moral da sua alma ainda mais alto subira,—e eu pobre e obscuro atomo perdido n'este immenso turbilhão humano, sinto-me possuido de uma immensa piedade, alguma cousa de ardente e humido queimou-me os cantos das palpebras, e, sob o peso de uma emoção profunda e indizivel, pousei o joelho no chão.

(Do *Jornal do Commercio*).

7 de Janeiro de 1892

D. PEDRO II

E' do *New-York Times*, de 7 do mez passado a noticia que traduzimos e abaixo publicamos, sobre o fallecimento do ex-Imperador.

« A morte do mais recente, se não do ultimo dos Imperadores do Brazil coincide com o apparecimento de desordens que ameaçam ser fataes á Republica, pela qual foi elle substituido.

O homem sobreviveu dous annos apenas ao Imperador, mas esse prazo foi bastante para que elle visse na administração mudança mais violenta e não menos rapida do que a mudança na fórma de governo que, em vez de arruinar-lhe as esperanças e aspirações, veio dar-lhe liberdade para entregar-se a occupações mais de accôrdo com o seu genio.

Se D. Pedro fosse cynico teria tido satisfação com os embaraços soffridos por seus successores, e com o engano dos Brazileiros, que em vez de arcar com os males que já tinham, arremessaram-se para outros que não conheciam. Mas não tinha elle um temperamento que guardasse odios, e ha razão para acreditar-se que elle se satisfazia

sinceramente com a prosperidade da Republica e com o progresso pacifico do povo brazileiro sob o novo regimen.

Se elle se interessasse sériamente pela sua posição imperial, semelhante benevolencia teria sido impossivel e sobrehumana.

Effectivamente, comquanto procurasse sempre cumprir o seu dever « n'aquella posição a que approuve a Deus collocal-o » e preenchesse conscienciosamente o seu officio de Imperador, tudo indica claramente que elle já estava enojado d'elle. Teria feito resistencia para conservar a sua corôa se ella representasse alguma cousa de importante para si como elemento de prazer de utilidade. Teria, pelo menos, insistido, pois que tinha todo o direito de insistir, em conhecer do modo de pensar determinante do povo brazileiro, a respeito da questão se o governo do Brazil deveria ser uma Republica ou um Imperio.

Isso seria o menos que poderia fazer qualquer homem que sempre se tivesse mostrado tão apegado ao seu thesouro ; e é talvez isso o que poderia fazer esse homem no desempenho do seu dever, mesmo quando estivesse cançado do throno.

Segundo se deu, o pedido para que se retirasse não emanou do publico brazileiro, mas de uma cabala dos membros de um club da capital.

O Brazil se parece realmente com a Russia n'isto : tem povo mas não tem publico.

A disseminação da população produz o mesmo effeito em um caso quanto á unidade da acção que no outro, no que diz respeito á lentidão politica e ao barbarismo social.

Em cada um d'estes paizes ha grupos e facções de ambiciosos nas cidades, e foi de um d'esses grupos no Rio que partiram as intimações

para abdicar, a que o Imperador obedeceu com o que se póde chamar promptidão quasi indecente.

Não ha negar que essa intimação era sustentada pelos fazendeiros, que eram os que mandavam nos districtos ruraes do Imperio, e que haviam ficado decadentes com a abolição da escravidão sem indemnisação. Foi ella tambem sustentada pelo exercito, e o descontentamento do exercito era justo e nasceu, em gráo consideravel, da falta de attenção do Imperador para suas obrigações. A opinião do exercito é necessariamente de muita importancia em qualquer paiz sempre que se trata de uma revolução. E ella é especialmente no Brazil, onde não existe nenhuma outra força politica de igual importancia para contrabalançal-a, como ha na Russia, onde o unico simulacro de opinião publica é a opinião da classe militar, e é essa uma das muitas circumstancias ameaçadoras na situação actual da Europa.

Nada indica, entretanto que D. Pedro fizesse calculo algum sobre o exito da resistencia, ficando por demais satisfeito em depôr uma carga que sempre achára penosa e perturbadora para o seu espirito.

Nenhum monarcha jámais teve menos, e talvez que nenhum monarcha nascido na purpura jámais gosou de menor satisfação, com a mera grandeza e accidente da realeza. Só a considerou mero obstaculo para as suas occupações ou prazeres, e tinha satisfação sempre que podia deixal-a. E' bem provavel que houvesse muito mais ruido « ruido e ouropeis » na administração do Presidente Fonseca do que na do seu imperial predecessor.

O soberano que, ao desembarcar nas nossas plagas, fugio á recepção official preparada para si, e tomou com a Imperatriz um carro de aluguel

para dirigir-se a um hotel, deve ter-se sentido muito alliviado nos ultimos dous annos, e sem duvida que teria ficado contente em fazer a sua viagem para Portugal em um paquete de passageiros do que na fragata brazileira, tendo a bandeira imperial arvorada no mastro real, que lhe foi preparada pela consideração dos « rebeldes » que o haviam obsequiado insistindo para que elle não se aborrecesse por mais tempo com os cuidados do estado do Brazil.

Entretanto, não ha duvida que o descontentamento no Brazil é actualmente tão grande como no tempo em que se suppunha que esse genial philosopho dirigia os seus destinos, e que ha pelo menos, causas iguaes de descontentamento. A revolta contra D. Pedro, se revolta não é termo muito forte para ser applicado á occurrencia tão branda, foi um movimento menos popular e unanime do que a revolta contra Fonseca.

E' fóra de discussão que as condições commerciaes do Brazil são actualmente peiores do que o eram ha dez annos atrás, quando o papel-moeda bancario brazileiro valia quasi tres vezes mais do que vale agora. Mais ainda, a solução para os embaraços actuaes seria muito mais facil se houvesse um nucleo central como a monarchia, em redor do qual o patriotismo do paiz se pudesse crystallisar, em vez de dissipar-se, como parece que se dá, com interesses e sentimentos locaes e seccionaes. Não precisámos ir tão longe como Pope na famosa copla :

« For forms of government let poves contest ;
« That which is best administrated is best. »

« Quanto a fórmas de governo que os loucos disputem ;
« A que melhor administra é a melhor. »

Não é arriscado dizer que as differentes instituições servem a condições differentes, e é de duvidar que uma republica corresponda ás necessidades do Brazil tão bem como uma monarchia.

Já havia um partido republicano no Brazil em 1822, que talvez tivesse vencido, se não fosse a insistencia de um unico estadista—José Bonifacio de Andrada e Silva, que argumentava que seria mais facil conservar a integridade de paiz tão vasto sob uma monarchia limitada. A historia recente e a previsão actual do Brazil tendem a mostrar que elle não era sómente um orador admiravelmente persuasivo, mas tambem um homem muito prudente.

(Do *Jornal do Commercio*).

CORRESPONDENCIA DE LISBOA

(*Continuação*)

Os trabalhos parlamentares tem, por emquanto, offerecido menos interesse do que deveria esperar-se.

Na Camara dos Srs. Deputados, em sessão de 2, antes da ordem do dia, o Sr. Augusto Fuschini pedio...

....

Antes de encerrada a sessão o Sr. Luciano Monteiro propoz que se lançasse na acta um voto de profundo sentimento pela morte do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, proposta a que se associaram os Srs. Beirão, Dr. Manoel de Arriaga e Frederico Laranjo, e foi approvada por acclamação.

....

....

....

Em 11, em resposta ao Sr. Mendes Pedroso, o Sr. ministro da fazenda, fez algumas declarações importantes.

Disse, que se as economias realizadas são pequenas..

....

Resolveu-se não haver sessão no sabbado, nomeando-se uma grande deputação de 28 deputados para assistir ao funeral do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil.

....

....

....

Na Camara dos dignos pares, em sessão de 4, o Sr. D. Luiz da Camara Leme perguntou ao governo..

....

....

Logo depois de aberta a sessão de 7, o Sr. Hintze Ribeiro, referindo-se ao fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, disse, que ao extincto, que possuia raros dotes de intelligencia, um coração aberto e magnanimo, uma boa vontade e um espirito tão recto como illustrado, devêra sem duvida o Brazil as suas mais assignaladas conquistas liberaes. Terminou propondo, que se consignasse na acta um voto de profundissimo sentimento pela morte do ex-Imperador.

Declarou em seguida o Sr. Thomaz Ribeiro não querer perder a opportunidade de prestar á memoria do bondosissimo Principe a homenagem do seu respeito e por isso do melhor grado se associava ás palavras proferidas pelo Sr. Hintze Ribeiro. O nome do Sr. D. Pedro, disse, é digno de ficar registrado honradamente na historia do Brazil; e se tem havido homens sinceramente devotados aos deveres de imperante e amigo das franquias

populares, D. Pedro foi um d'elles ; propunha, pois, um additamento á proposta antecedente, que do voto da Camara se désse conhecimento á herdeira das gloriosas tradições do ex-Imperador.

O Sr. Mathias de Carvalho disse, que tendo tido a honra de ser quasi oito annos o representante de Portugal junto do Sr. D. Pedro, e havendo d'elle recebido as mais obrigantes provas de extrema benevolencia, faltaria ao cumprimento dos seus deveres se, por ventura, deixasse de se associar ás propostas dos oradores que o precederam, que exprimem o verdadeiro pezar pelo passamento de um homem, que póde dizer-se, foi illustre, entre os mais illustres, de um homem cuja apologia está no constante preito, que ao seu alto valor moral renderam sempre, antes e depois de 1889, os monarchicos e republicanos do Brazil.

Em phrases calorosas enalteceu o Sr. José Luciano de Castro as virtudes do finado, e terminou propondo que a sessão se encerrasse em signal de luto. Em seguida todas as propostas foram votadas por acclamação.

(Do *Jornal do Commercio*).

8 de Janeiro de 1892

CORRESPONDENCIA DO PORTO

As noticias do Brazil, ou antes, a falta d'ellas, nas condições de merecerem credito, trazem o espirito publico geralmente preoccupado para não dizermos sobresaltado ; porque os boatos que correm e os telegrammas confusos e até contradictorios dos jornaes do paiz e estrangeiros dão azo a

supposições pessimistas, alimentadas pela falta de noticias officiaes.

Uma situação tal, necessariamente actúa no estado d'esta praça, como é natural, attendendo ás relações commerciaes d'ella com o Brazil, e ao facto de residirem aqui numerosos capitalistas que ahi têm interesses consideraveis e negocios importantes.

Aguardam-se com impaciente anciedade as correspondencias vindas pelos paquetes, que alcancem os ultimos acontecimentos.

A morte do ex-Imperador do Brazil é ainda assumpto que occupa as columnas dos jornaes d'este paiz, que dos jornaes estrangeiros reproduzem os artigos em que se falla de D. Pedro de Alcantara, exaltando os meritos e narrando os titulos que elle tinha ao respeito e estima de todos os homens de bem.

D'esta cidade foram muitas pessoas presenciar a imponente solemnidade da chegada do cadaver á Lisboa, e do prestito funebre que o devia acompanhar a S. Vicente de Fóra, para d'alli ser depositado no Pantheon real.

D'esta magestosa solemnidade funeraria, terão os leitores do *Jornal do Commercio* noticia dada por quem melhor, e com todos os toques de côr local certamente a déra.

Aqui foi a Real Irmandade da Lapa, em cujo templo se acha o mausoleu que guarda o coração do primeiro Imperador do Brazil, que abrio o exemplo de suffragar a alma do que fôra D. Pedro II do Brazil, com officio funebre porque o illustre finado era seu juiz honorario.

Agora seguir se-hão outras demonstrações da mesma natureza ; na Misericordia, da qual D. Pedro de Alcantara era provedor honorario, na igreja dos Terceiros do Carmo, nos Congregados, etc.

Um grupo de individuos que residiram no Brazil, que hoje vivem em Penafiel e immediações, deliberou fazer celebrar, n'aquella cidade, exequias por alma do ex-Imperador.

Quasi se póde asseverar que nas principaes povoações do Minho será seguido este exemplo, porque é a provincia do Minho aquella em que ha maior numero de individuos, proprietarios e capitalistas, que no Brazil adquiriram a fortuna que possuem ».

(Do *Jornal do Commercio*).



10 de Janeiro de 1892

CORRESPONDENCIA DE LONDRES

Embora, de ha muito, inspirasse os maiores receios o estado de saude d'aquelle que foi D. Pedro II, Imperador do Brazil, era do publico em geral ignorada essa circumstancia e causou sensação a noticia, para a mór parte da gente totalmente imprevista, do illustre e melancolico inquilino do hotel Bedford, em Pariz, *where no one would have thought of looking for the home of an Emperor, even after his fall,* observou o correspondente do *Times* — onde ninguem poderia imaginar que residisse um Imperador, mesmo desterrado.

Na Inglaterra, como em toda a parte, despertou unanimes sympathias o triste fim de um soberano, cuja popularidade se póde dizer que foi universal.

Poderia muito bem se escrever um livro para edificação e ensino dos bons reis, disse o *Times*, fazendo-lhes ver como muitas vezes têm elles o

peior destino. Longa haveria de ser a enumeração dos exemplos, mas com qualquer nome que principiasse, sempre havia de acabar com o de D. Pedro II. Elle morre no exilio, abandonado do seu povo, do qual jámais ninguem merecera melhor.

Durante meio seculo esteve governando o seu paiz com prudencia e exito, e comtudo em poucas horas cahiram elle e a sua dynastia, sem que se estendesse uma só mão para os defender. Como se pela pressão de alguma mola secreta lhe tivessem tirado o sustentaculo, baquea em um momento todo o edificio do Imperio. Porque foi D. Pedro obrigado a fugir, fica hoje tão enigmatico como foi ha dous annos. Seu reinado foi fecundo em beneficios solidos para o Brazil. Amou a paz cujas artes cultivou...

E depois de recapitular em algumas palavras os grandes e principaes feitos do reinado de D. Pedro, continúa o articulista buscando, para a queda do monarcha, uma explicação que não descobre nenhuma explicação, podendo aliás diminuir a estupefacção causada pela ingratidão dos seus subditos ou a ironia do destino reservado a um dos melhores principes. Que texto para algum discipulo de Macchiavelli provar sua doutrina! O publicista florentino põe a questão se vale mais para um rei ser objecto de amor ou de medo, e dá poderosas razões para pensar que sendo em geral os homens o que são: ingratos, irresolutos, inconstantes, hypocritas, timidos e cubiçosos, o melhor é contar com o medo — pois que o amor prende a gente com uma cadêa de obsequios que a má indole da humanidade quebra por pouco que acha n'isso o seu proveito, emquanto que o medo nasce da apprehensão sempre presente do castigo. Poderia Machiavelli encontrar na sorte dos imperantes de Mantua,

Ferrara, Bentivogli e Milão exemplos mais impressivos d'aquelle seu principio—a pedra angular da politica machiavellica — de que na historia de que noticiámos o triste desfecho relatando a morte de D. Pedro?

Citei este longo trecho não sómente para mostrar quaes eram os sentimentos de profunda veneração que em toda a parte inspirava o monarcha brazileiro, mas para tambem tornar patente quão difficil está para um estrangeiro, sobretudo a tão remota distancia, penetrar os motivos de uma revolução, qual a que se tem produzido no Brazil e comprehender os moveis secretos dos actos de uma nação.

Peza-me dizer que no meio do tributo universal de respeito e admiração pago em todas as folhas da Europa inteira, a qualquer partido que pertencessem, á memoria do illustre desterrado, sómente distinguio-se pelo seu máo gosto o correspondente do *Times* em Pariz, Sr. de Blowitz, tentando ridiculisar o Principe a quem justamente o que reprova era o inexcedivel e enthusiastico amor á terra do seu nascimento! (*Times* de 7 de Dezembro p. 5.)

(Do *Jornal do Commercio*).

21 de Janeiro de 1892

O QUE VAI POR AHI

(Lisboa 27 de Dezembro de 1891)

Os leitores já sabem com certeza tudo quanto se refere á morte do Sr. D. Pedro de Bragança, occorrida em Pariz no dia 5 do corrente; já têm lido milhares de artigos commemorativos dos seus

merecimentos e qualidades ; apezar d'isso, hão de permittir que tambem eu como escriptor e como brazileiro consagre algumas linhas á memoria d'esse homem honrado, d'esse homem bom, d'esse homem verdadeiramente grande na prosperidade pela modestia, na adversidade pela coragem, em uma e em outra pelo fervoroso patriotismo.

Para lhes dar uma idéa da impressão que o triste acontecimento causou na Europa, não encontro phrase mais expressiva do que a seguinte, que se lê no *Standard*: « Esta morte vai ser deplorada em toda a extensão dos dous mundos ».

Quanto ao que se passou no velho mnndo, se lançarmos os olhos para todos os paizes, só veremos demonstrações de pezar, e mostras de consideração. Veremos as côrtes aristocraticas da Allemanha enviando um Principe de sangue para assistir ao enterro; a Rainha Victoria, como chefe da nação formalista por excellencia, mandando depositar uma corôa sobre o ataúde; a França republicana tornando-se inexcedivel em magnificencia e piedade; e a fidalga Hespanha mantendo briosamente os fóros da sua alevantada cortezia; e no glorioso reino de Portugal veremos o Rei e o povo, os indoutos e os eruditos lamentando a morte de D. Pedro, e acompanhando-o respeitosamente ao tumulo, que serve menos para encerrar-lhe o corpo, do que para conservar a lembrança eterna da sua gloria, para o tornar de hoje em diante citado nos discursos e acções da posteridade.

Mas... porque fez a Europa tudo isto?

O Sr. D. Pedro de Bragança destacava-se vivamente dos outros Principes. Com a simplicidade encantadora de seu trato, com os seus despretenciosos usos domesticos, sustentando uma luta porfiada com o ritual exigente das côrtes Européas,

o Sr. D. Pedro na sua primeira viagem, espantou — sim, este é o termo — o Sr. D. Pedro espantou os fiscaes das pragmaticas, que se denominam mestres de ceremonias. A' medida, porém, que se foi apreciando a sua physionomia, foi-se tambem conhecendo que toda aquella familiaridade, toda aquella doce franqueza eram um brilhante resumo da candura e sinceridade do povo brazileiro. O Sr. D. Pedro era um brazileiro puro, genuino, e, como qualquer dos seus compatriotas, não fazia constituir o brilho da sua alta magistratura no luxo faustoso da sua casa e na pratica de uma etiqueta inexoravel, mas da riqueza da sua terra, e na pontual execução dos seus deveres.

Analysando depois as feições permanentes e essenciaes do caracter do Sr. D. Pedro, a Europa reconheceu a dignidade singular impressa á sua pessoa, aos seus habitos, ás suas palavras, a grande superioridade de espirito que lhe grangeava a estima dos principaes sabios e homens de lettras e a veneração, com que elle honrava as idéas de patria, de religião, de familia, os sentimentos de piedade e de generosidade.

E, ao cabo de alguns mezes, o Sr. D. Pedro regressou ao Brazil, tendo alcançado o mais que poderia ambicionar: uma reputação gloriosa para o monarcha brazileiro, extensa e profunda sympathia para o homem particular.

A sua morte seria, portanto, geralmente sentida, se o venerando Imperador emittisse o derradeiro alento na terra em que soltára o primeiro vagido; se rodeado dos moveis mais predilectos, dos livros mais amigos, dos retratos mais estimados, das lembranças mais affectuosas, que tivesse accumulado no palacio de S. Christovão, principiasse a descobrir os horizontes infinitos que se abrem além do tumulo, escutando ainda o murmurio das arvores

com quem tantas vezes conversára, tendo ainda deante dos olhos o espectaculo da bahia do Rio de Janeiro, tão grandiosa quanto a incendeia o sol a prumo, como quando a lua estende por cima d'ella o seu enorme leque de prata. Mas o sentimento natural que produziria o fallecimento do esclarecido Principe, converteram-no em funda magua as desgraças que lhe angustiaram a extrema velhice. Com effeito, nos ultimos dous annos da vida do Sr. D. Pedro ha um encadeiamento de circumstancias, que o agigantam, nobilitando-o ainda mais pelo soffrimento, tornando-o mais digno de admiração pela firmeza inquebrantavel de que deu prova nos mais crueis lances da fortuna.

Que fonte de pathetico representa a sorte d'esse homem velho, alquebrado, deposto do throno em que luzira por cincoenta annos, viuvo de uma senhora que foi traslado e exemplo de virtudes, obrigado a viver em terra hospitaleira sim, mas terra estranha, e curtindo tamanhas dores sem maldições nem queixumes, suffocando até os suspiros em que desafoga o animo opprimido, pedindo á philosophia que o illuminasse com os principios que offuscam os males terrestres, e buscando na poesia a chave de ouro, que longe d'este globo e dos seus interesses lhe abrisse o céo das gratas illusões em que fazia consistir a sua riqueza!

Ainda se a philosophia e a poesia o soccorressem! Porém ellas, fortes para o fazerem esquecer os rigores do destino, eram debeis para mitigar-lhe as lembranças da patria e dos amigos que deixára. E por isso, o velho patriota, separado pelo Atlantico do objecto dos seus desejos, não podendo esgotar as ondas do mar, não podendo pisar a terra longinqua que se lhe não apartava da mente, passou dois annos compridos, pedindo ás vagas rumorosas que arrastassem comsigo a sua saudade, de modo

que se estendesse como superficie luminosa desde o Amazonas ao Prata, e pedindo ás brisas ciciantes que a levassem tambem nas suas azas, e que a segredassem amoravelmente aos ouvidos de todos os Brazileiros.

E' certo que ninguem lhe escutava um lamento, nem lhe via banhado em pranto o rosto sulcado pelo infortunio. Ah! mas as lagrimas internas são as que mais pungem; as cousas, que se sentem e que se não dizem, são aquellas que mais significam.

E' tão tocante a morte do Sr. D. Pedro, as particularidades da sua existencia abrem perspectivas tamanhas sobre a intensidade da dôr, que póde experimentar a alma humana, que parece tudo fantasiado e urdido por um habil dramaturgo. E attentando bem na grandeza do assumpto, na estatura moral do personagem, na difficuldade de caracterisar uma época explicando os acontecimentos pelo estudo das causas que os determinaram, sente-se o desejo de acordar Shakespeare do sepulchro para que o inimitavel psychologo nos torne conhecido o drama passado no coração de Pedro, o brazileiro, com a mesma genial sublimidade com que trouxe á luz o que se agitava no craneo de Hamlet o dinamarquez.

Quando o telegrapho annunciou que em um quarto do hotel Bedford fallecêra D. Pedro de Alcantara, revelando-se na morte como sempre se mostrára na vida, acudiram á memoria de toda a gente os factos que todos conheciam, e sem combinação de especie alguma entenderam todos que além de justo, era necessario como exemplo, em uma época em que campeam infrenes as ganancias e torpezas, honrar a memoria de um homem que sempre amou por igual a Deus, a patria, a virtude e o saber.

E a França, cujo solo hospitaleiro recebeu o velho carvalho quasi sem seiva e sem folhagem; a França, terra abençoada, em que a natureza artistica produz um Halévy e um Auber, em que as sciencias e as lettras florescem com um Cuvier e um Balzac; a França que é o vasto laboratorio da civilisação, o templo da liberdade e do progresso, cuja assembléa nacional tomou luto quando soube que voára ao céo o genio de Benjamin Franklin, o maior patriota da America do Norte, manifestou agora com a maxima eloquencia o seu pezar, quando voltou ao seio da Divindade o espirito de D. Pedro, o maior patriota da America do Sul.

A exemplo da Republica Franceza, Portugal prestou homenagem á memoria do Sr. D. Pedro e recolheu piedosamente na igreja de S. Vicente de Fóra os despojos mortaes do Principe, que tão brilhantemente continuára as tradições de D. Diniz, o rei trovador, e de D. Duarte, o rei poeta.

*
* *

« A sciencia, a arte de governar que hoje chamamos politica, teve sempre por alliadas intimas e indispensaveis as lettras e artes; é impotente sem ellas, são repugnantes e odiosos os seus esforços quando os não acompanham e suavisam aquellas. »

Estas palavras, proferidas por Garrett no elogio historico do Barão de Ribeira de Sabrosa, foram — porque assim digamos — a divisa do Sr. D. Pedro de Bragança. O ex-Imperador nunca se esquecia do que ensinára o autor do *Arco de Sant'Anna*: que sem a alliança de toda a politica com a litteratura e com as artes é impossivel a civilisação, é falso o progresso, e os fins da sociedade humana são frustrados.

E' por isso que considero a maior de todas as homenagens, que me é possivel tributar á memoria

do Sr. D. Pedro, pelo menos a que lhe seria mais grata se fosse tributada em sua vida, juntar n'esta humilde chronica o seu nome ao nome de Garrett.

Tratemos, pois, do grande poeta.

. . . .

. . . .

. . . .

RAUL.

(Do *Jornal do Commercio*).



24 de Janeiro de 1892

O SR. BELTRÃO

EDITORIAL DO NOVIDADES DE LISBOA

(14 de Dezembro de 1891)

Diversas pessoas que residiram no Brazil, ou alli nasceram, fizeram o favor de escrever-nos, e algumas até de procurar-nos. Queixaram-se-nos da maneira propositadamente desdenhosa com que o illustre Ministro, que em Lisboa representa aquelle grande paiz, tem procurado affixar a mais absoluta indifferença e o desdem mais desprezador, pelo fallecimento do homem honrado e bom, que por tantos annos consagrou a sua intelligencia e os seus desvelos ao engrandecimento e á prosperidade da sua patria. Com indignação sentida e com palavras de amarissima censura, tem-nos feito notar o contraste d'esse proceder com o do diplomata que o Brazil acreditou em Hespanha. Na passagem do comboio mortuario por Madrid, uma das corôas depostas sobre o esquife foi a que esse Ministro, coberto de

luto e com os olhos marejados de lagrimas, quiz, por sua propria mão, alli deixar.

O preito de quem assim pôz a sinceridade dos sentimentos acima das preoccupações do interesse, a nobilissima demonstração de quem não cuidou em dissabores possiveis, enfileirando-se no cortejo funebre—como cortezão da desventura—a attracção sympathica que exerce irresistivelmente a altiva manifestação de um caracter levantado, reproduzem-se no applauso com que se nos tem dirigido os molestados da intima sinceridade da sua dôr.

Seguramente que temos para estes a mais affectuosa attracção—o que não quer dizer que os acompanhemos nas palavras asperas, nas recriminações duras, nem mesmo em uma moderada censura áquelle que os respeitos diplomaticos afastam das lutas jornalisticas, principalmente quando, como agora, só póde ser accusado pelo desconhecimento e pelo desrespeito a sentimentos que estão fóra de todas as imposições.

O Sr. Ministro Beltrão de certo procede em harmonia com as instrucções do seu Governo. Em todo o caso só este lhe póde pedir explicações e só a esse elle precisa dá-las. Nada temos nós com o seu proceder.

Prezamo-nos de saber medir bem a distancia que nos separa,—por isso mesmo este artigo, apezar das referencias indispensaveis a tão illustre diplomata, só póde e só deve ser considerado como uma resposta aos que nos têm escripto e procurado.

*
* *

Ora, um dos mais magoados com a attitude do Sr. Beltrão, enumerando-nos as provas irritantes dos seus queixumes, contava que S. Ex. fôra imperialista enthusiasta com o Imperio, recebendo d'elle

o baptismo diplomatico : que depois fôra deodorista furibundo com o marechal, sendo promovido em categoria e vencimentos ; e que, ultimamente, era floriano-peixotista encarniçadissimo, mercê de conservação nos proventos e situações. Evidentemente estas observações não deslustram um diplomata e só accusam um desconhecimento muito para notar-se por parte dos que tão mal a proposito as invocam. O grande poeta, que foi tambem o glorioso escriptor da *Historia dos Girondinos*, lá explica que quem entrar com proveito da diplomacia precisa pôr de parte duas cousas, que fazem dignidade do caracter e a altivez da intelligencia : a fidelidade nas relações e a sinceridade nas convicções. Talleyrand, é o grande modelo.

O Sr. Beltrão, seguindo-o, mostra o conhecimento exacto e a comprehensão nitida das normas do mestre insigne, a quem chamavam « o cortezão do destino que só acompanhava a felicidade ».

Se o actual Sr. Ministro do Brazil em Lisboa foi imperialista enthusiastico, tambem o abbade de Autun foi partidario da realeza com Luiz XVI, foi o amigo Necker primeiro, e foi o seu inimigo depois da tomada da Bastilha. Se o Sr. Beltrão foi chamado por Deodoro para negociar o reconhecimento da Republica Brazileira por Portugal, tambem Talleyrand, foi chamado por Barrás para negociar o reconhecimento do directorio pela Inglaterra. Se depois do Campo-Formio o futuro principe de Benevent se declarou por Bonaparte, por que se estranha que o diplomata brazileiro, depois do Rio Grande, se declare por Floriano?

Por agora ainda não aconselhou o fuzilamento do Duque de Enghien ; talvez não escrevesse ainda a Laporte, que, para o caso, póde ser o Sr. Visconde de Ouro Preto ; é possivel que se não apresentasse ao Sr. Conde d'Eu, imitando a entrevista

com o Duque de Artois,— mas quem ha ahi que possa afiançar que, quando em vez de Carlos X venha a ser proclamado D. Pedro III, o Sr. Beltrão lhe recuse os seus serviços e as suas luzes? E porque motivo o faria? A divisa de Benevenutto Cellini é divisa para se não desprezar : *je sers qui me paie.*

*
* *

Postas as cousas por esta fórma, justificando historicamente o proceder do Sr. Beltrão, estamos convencidos que os seus accusadores se renderão ás verdades desapaixonadas da nossa espontanea defesa. Desde que se recebeu a noticia do fallecimento do velho Imperador, que o proceder do Sr. ministro do Brazil está sendo o assumpto especialmente dominante nos cavacos da cidade. Até o accusam por que não comprehendeu a delicada reserva de se conservar em casa, longe de divertimentos e de passeios, em *landeau* descoberto, na avenida! Até o accusam por não ter comprehendido que o brazileiro que se enterrava no Pantheon de S. Vicente, sendo parente proximo do chefe do Estado, junto do qual estava acreditado o Sr. Beltrão, essa circumstancia lhe impunha o dever de tomar parte no cortejo funebre, sem que com isso significasse uma manifestação a favor da causa imperial que deixára de servir.

Não precisamos rebater esta e outras muitas evidentes manifestações de má vontade. Se o Sr. Ministro do Brazil se diverte, tambem Talleyrand se divertia ainda mesmo depois de excommungado pelo Papa.

— « Bem sabe que estou excommungado. Venha consolar-me e ceiar commigo », — escrevia elle ao Duque de Lauzun.

Que o illustre diplomata se divirta. N'isso mesmo se não desviará do seu grandioso modelo.

Defenda-se e mantenha-se. Representando o Presidente Floriano ou representando qualquer futuro imperante, folgaremos em que aqui se conserve um diplomata tão geralmente sympathico. Ainda que no Brazil venha a reinar Fuão que nos não falte nunca Beltrão.

(*Do Jornal do Commercio*).

D. PEDRO DE ALCANTARA

Do Sr. M. Daubrée, membro do Instituto de França, recebemos um exemplar do discurso que em nome do mesmo, devia recitar nos funeraes de D. Pedro de Alcantara e que não pôde fazêl-o pela duração da ceremonia, pela solemnidade militar e pelo desfilar das tropas diante do cadaver. Eis o discurso :

« Senhores. No meio da dôr que se faz tão cruelmente sentir na Europa, como no Brazil, a Academia de Sciencias, sente-se particularmente ferida pela perda do illustre consocio que ella cercava de respeito e affeição unanime. Ha 15 annos concedemos a D. Pedro de Alcantara, já correspondente da Academia, a maior honra que podemos conceder a um sabio estrangeiro, nomeando-o um dos nossos oito associados. Quizemos assim reconhecer os grandes serviços que as sciencias deviam ao Imperador do Brazil.

E' que elle, dando o primeiro logar aos deveres que lhe impunha o governo dos seus Estados e consagrando-se aos progressos e á felicidade do seu povo, com a solicitude que nenhum outro soberano mostrou, D. Pedro tinha tempo para cultivar os principaes conhecimentos humanos.

A astronomia, as sciencias mathematicas e physicas, as suas surprendentes applicações e as

que o futuro podia prevêr, attrahiram a todo o momento a sua attenção. Nas sciencias naturaes, a botanica lhe era peculiar.

Não era menos versado na historia e nas grandes litteraturas pelos seus conhecimentos das principaes linguas da antiguidade e dos tempos modernos. Como não accrescentar que as artes n'elle tinham delicado apreciador? Esta especie de universalidade se explica não sómente por uma prodigiosa memoria, como mais ainda por uma infatigavel actividade de trabalho, que nos ultimos tempos talvez contribuisse para enfraquecer a vigorosa constituição do nosso augusto associado, emfim, pelas raras faculdades de espirito que reflectiam na sua nobre physionomia e no seu olhar penetrante.

D. Pedro não era sómente ávido de toda a especie de saber para si proprio. Ao mesmo tempo que espalhava a instrucção entre os humildes e desherdados, organisava escolas especiaes, entre outras a Polytechnica, no Rio, e mais recentemente a de Minas, em Ouro-Preto.

Animava as viagens de exploração e as pesquizas nas regiões do seu vasto Imperio. Fundou bibliothecas, museus, assim como observatorios astronomicos e meteorologicos, que dotava de instrumentos de primeira ordem. Era, além d'isso, dos seus recursos pessoaes que o Imperador tirava o necessario para esses institutos, destinados a espalhar em um paiz novo uma luz benefica. Não se póde esquecer com que promptidão e solicitude D. Pedro, sempre ávido de progresso com que pudesse ser util aos seus subditos, creou no Rio um instituto para applicação dos methodos de Pasteur. E' difficil de crêr que uma tal generosidade para com o seu paiz não diminuisse depois que o Imperador foi exilado: mas o donativo de sua

magnifica bibliotheca e de sua preciosa collecção mineralogica é d'isto uma prova irrecusavel.

Para esse soberano, a primeira soberania era a da intelligencia. Assim, o brilho da dignidade imperial não o impedia de dar o mais alto apreço ás homenagens expontaneas que lhe prestava a Academia. Quando por diversas vezes visitou a Europa, para illustrar-se, como o fizera aos Estados Unidos, no interesse do seu Imperio, não menos que para a satisfação de seu espirito, nos differentes trabalhos realizados no dominio das sciencias, das lettras e das artes, elle mostrou-se sempre apressado e sempre feliz de vir sentar-se entre nós.

Esta felicidade D Pedro a experimentava, sobretudo depois que foi obrigado a abandonar o paiz ao qual o prendia o patriotismo o mais ardente e o mais magnanimo. Era effectivamente a França, onde elle encontrava por toda parte a affeição que tanto merecia, era a França que elle tinha escolhido como sua segunda patria e em França estavam as sessões da Academia das Sciencias e nossas publicações que constituiam as suas mais queridas occupações. Sua correspondencia, assim como suas conferencias e as notas de que elle enchia as paginas dos nossos relatorios attestam a judiciosa attenção com que elle acompanhava os nossos trabalhos.

As alegrias do pensamento e a contemplação dos grandes phenomenos da natureza foram a consolação d'esse nobre Imperador na adversidade e das dôres physicas, novo exemplo do allivio que podem levar aos mais crueis pezares as cousas do espirito!

Bem recentemente, na ultima sessão annual da Academia Franceza, depois da Academia das Sciencias, nós vimos D. Pedro, dominando a enfermidade, vir ter comnosco, desejoso de entreter-se com os seus collegas, que por sua parte

maravilhavam-se da sua erudição e da sua competencia nos assumptos os mais differentes.

No emtanto, quaesquer que fossem a extensão e força d'essa bella intelligencia, o que mais devemos admirar n'essa nobre personalidade que nos foi arrebatada, é essa suprema bondade, essa benevolente simplicidade, essa resignação serena no meio dos revezes inesperados e immerecidos da fortuna, essa generosidade constante, deante das ingratidões e traições, em uma palavra, essa grandeza d'alma, que nunca melhor resplandeceu, que nas dôres do exilio.

Ha dous annos, testemunha enternecida de suas incompativeis qualidades de coração e de caracter, não posso deixar de proclamar a impressão profunda que me produziram e da qual partilharam todos os que tiveram a honra de approximar-se do soberano, do qual os homens nunca puderam diminuir a magestade.

Entre os muitos beneficios de que o Imperador, durante um reinado de quasi meio seculo, dotou o paiz que occupou o seu pensamento e o seu amor até o ultimo momento, o grande acto da abolição da escravidão será um titulo immorredouro ao reconhecimento da posteridade.

O nome d'este servidor devotado da humanidade ficará gravado na Historia: elle viverá tambem na memoria do Instituto de França.»

(Do *Jornal do Commercio*).

2 de Março de 1892

O *Tribuno*, jornal em Nova-Gôa, na India, consagrou algumas linhas á memoria do ex-Imperador do Brazil, demonstrando fundo pezar pelo

fallecimento do velho rei philosopho, como o denominou.

Assim termina o citado jornal:

« O grande poeta Castilho, dedicando-lhe o seu *Camões*, dissera: « Quem vê em ti o sabio esquece o Imperador».

De facto era o monarcha que merecia bem as bellas palavras de Pinheiro Chagas: «Se o acaso do nascimento o não houvesse collocado tão alto, saberia conquistar os cargos do Estado pela sua elevadissima intelligencia.

« Paz ao sepulto! »

(Do *Jornal do Commercio*).



AVULSOS

A MORTE DE UM GIGANTE

A D. PEDRO DE ALCANTARA

Morto um gigante!... Oh pigmeus fitai-o...
Pasmai deante d'essa envergadura,
D'essa rija e titanica estructura
Anniquilada ao perpassar de um raio!

Largo pasto p'ra corvos! Devorai-o!
Não vos espante da musculatura
A tempera immolgavel de armadura;
Elle está morto agora! desarmai-o!

Tendes as garras do falcão e as presas
Aguçadas, ferinas como accesas
Laminas fortes de um punhal malayo;

Eil-o morto o gigante! Quanto é bello
Corvos, o vosso intemerato zelo!
Largo pasto p'ra corvos! Devorai-o!

EUCLIDES FREITAS.

(*Gazeta da Tarde* de 5 de Dezembro de 1891).

—

O IMPERADOR

Sr. Redactor:—Bem longe estava eu de imaginar que vos fallava hontem de D. Pedro de Alcantara, talvez na mesma hora em que sua alma immaculada desprendia-se do mundo, para ir buscar no reino de Deus o premio das grandes e sublimes virtudes que praticou em toda a sua vida.

Agora, que me havia enchido de toda a coragem necessaria para romper o involucro da inactividade, em que me havia encerrado o meu temperamento; hoje, que a imagem d'aquelle veneravel ancião seguia-me por toda parte, mais querida que nunca, e que, gravada em meu peito, communicava-lhe todo o fervor, a dedicação e o valor de seu grande coração, impellindo-me para a sacrosanta batalha pela felicidade de nossa patria: hoje me dizem: — nunca!

Por que nunca? Por que razão não póde o profundo sentimento que hoje notámos em quasi todos os rostos, produzir alguma ramificação, ultimada por um raio de esperança? Por que será limitada a nossa gratidão pelos bons serviços que nos prestou o grande patriota, os sacrificios que fez pelo nosso paiz, os soffrimentos, o martyrio que lhe veio do exilio e da morte de sua idolatrada consorte?

Nos ultimos annos de sua vida, que poderia elle desejar de seus compatriotas em recompensa de uma vida toda cheia de honradez, de virtudes e de dedicações ao engrandecimento de nossa patria?

Sabemol-o perfeitamente todos nós que o estimámos lealmente.

Pois esse ser a quem elle amou, a quem ensinou as virtudes que encheram por actos todos os dias de sua preciosa existencia, que herdou-lhe o coração magnanimo, será inspirado por elle que, lá das

alturas, Santo entre os mais Santos, velará sempre por nós, por esta terra que elle tanto amou, e cujas recordações arrancaram-lhe as derradeiras lagrimas.

Rio, 5 de Dezembro de 1891.

VERISSIMO DE TOLEDO.

(*O Brazil* de 6 de Dezembro de 1891).

A D. PEDRO DE ALCANTARA

Soára a hora final de tua vida,
Soberano de paz, alma querida,
Vai tranquillo dormir;
Tua augusta missão fiel cumpriste,
Dos teus feitos a gloria subsiste...
Pertences ao porvir.

O Brazil—o torrão em que nasceste,
Perante o mundo inteiro engrandeceste,
Com amor e criterio;
E sob as tuas luzes, sublimado,
Altaneiro elevaste o teu reinado
N'um grandioso Imperio.

Amaste com profundo amor sagrado
Tua patria—este sólo abençoado
Que te vira nascer;
Porém distante d'ella, entristecido,
Pela dôr e saudade consumido
Não pudeste viver.

No teu seio repleto de amarguras
Não pudeste conter as desventuras
Que, trahido, soffreste;

Longe de tuas plagas exilado,
Tu, que devêras ser idolatrado,
Banido—pereceste.

....
....
....

Dorme, monarcha, o derradeiro somno
No silencio da campa, no abandono,
No mausoléo da gloria ;
Que o teu augusto nome celebrado,
Ha de, com lettras d'ouro, ser gravado
Nas paginas da Historia.

CESERINO DA ROSA.

(*Jornal do Comm.* de 6 de Dezembro de 1891).

NEGROLOGIO

Sunt lacrimæ rerum.

(VIRGILIO).

Tombou alfim! Só a morte pôde abater aquélla fronte augusta que nem as adversidades, as ingratidões, nem a rude e ignobil traição puderam fazer curvar!

Como Socrates, empunhando o calice da cicuta que o devia prostrar, o Sr. D. Pedro II foi philosopho. Deixou-se morrer com estoica abnegação, e no presentir do ultimo extremo, deve ter volvido o ultimo olhar de commiseração para o occidente, de onde viéra o veneno que lhe corroêra os ultimos dias da existencia!

Grande como monarcha de uma das nações maiores do mundo, foi tambem um dos maiores no cadafalso do infortunio! E a sua profunda e jamais experimentada paciencia o teria feito um grande imitador do Martyr do Golgotha, se as demais virtudes que eram dotes naturaes d'aquella nobre e grande alma, não o fizessem já um digno discipulo de Christo.

No exilio, como na patria, o Sr. D. Pedro II foi um modelo vivo para grandes e pequenos: modelo correctissimo das mais acrysoladas e peregrinas virtudes, entre as quaes refulgia impolluta a do amor da patria!

Fechou-se hoje o grande livro da historia que os posteros hão de relêr com assombro; ver-se-ha então que o Sr. D. Pedro II, ao perder o throno nos paços de S. Christovão, solidificou ainda mais o seu throno no amor de seus subditos que hoje lhe dão lagrimas sentidas, que desafogam amargas saudades e servem de lenitivo á immensa dôr da orphandade nacional.

Collegio Americano, 5 de Dezembro 1891.

DELPHIM MARIA.

(*O Brazil* de 6 de Dezembro de 1891).

---

5 DE DEZEMBRO DE 1891

Morreu longe da patria o ex-Imperador
Do Brazil amado filho e seu maximo esplendor;
Morreu, e a patria chora na sua grande alma
Quem das virtudes célicas já foi colher a palma;
Morreu, mas o seu nome, do Brazil perenne orgulho,
Não immergio dos erros no fervido marulho

D'aquella vida activa de mais de treze lustros
A patria registrou os fastos mais augustos;
Recebe-o em grande pompa da eternidade o templo,
Que foi dos seus irmãos, que foi dos Reis exemplo.

(*Jornal do Comm.* de 6 de Dezembro de 1891).

D. PEDRO DE ALCANTARA

EX-IMPERADOR DO BRAZIL

Pela imprensa, que, na sempre opportuna phrase do tribuno ibero, é o telegrapho do pensamento, rendemos homenagem á memoria de tão notavel cidadão, cujo nome sempre esteve e estará gravado no coração da consciencia nacional, e cujo passado representa um enorme clarão a illuminar a galeria dos homens virtuosos.

Os brazileiros sempre o veneraram e sómente um espirito tacanho poderia ver na deposição de tão notavel vulto politico uma ingratidão para com o venerado ancião, porquanto a patria, estando acima de nossa propria mãi, não podia ser sacrificada unicamente pela estima que o povo consagrava ao ex-Imperador do Brazil, deposto em occasião que pelo seu estado enfermo já não podia mais administrar este gigantesco paiz, e foi n'este momento que os nossos concidadãos militares (tendo sempre como ideal a imagem da patria e inspirados por este sacrosanto amor, — *dulcis amor patriæ*, como eloquentemente dizia o poeta Ovidio) realizaram a transformação politica de nossa patria, de modo glorioso para elles e honroso para o povo brazileiro.

A historia, que no dizer de Cicero, é a luz da verdade, dirá quem foi D. Pedro Alcantara.

Capital Federal, 5 de Dezembro de 1891.

ERNESTO V. DE SOUZA MONTEIRO.

(*Gazeta de Noticias* de 6 de Dezembro de 1891).

D. PEDRO II. O SABIO

A commoção que se apodera de nós e a tristeza que nos invade o coração, explicam o elevado gráo de respeito e admiração que tinhamos pelo Monarcha illustre que acaba de fallecer.

O nosso pranto corre demasiado por nossas faces e a nossa alma mais se constrange ainda quando nos recordamos que o excelso Imperador, o magnanimo Monarcha, falleceu distante de nós, n'um paiz estranho...

Como não foi para elle dolorosa a hora da eterna partida! Elle que tanto amava o Brazil, pelo qual muito se sacrificou e em cujo seio queria dormir esse derradeiro e mysterioso somno!

Oh! os homens que o baniram foram bem crueis!

Mas, como muito bem disse Isabel, a Redemptora, « hão de se arrepender ».

Agora que a sua alma, desprendendo-se de seu corpo, foi aos pés de Deus receber o premio de suas grandes virtudes, é justo, é digno, é mesmo de dever que todos os brazileiros, ainda aquelles que foram seus inimigos, ergam preces respeitosas á sua memoria, honrando o nome d'aquelle que durante tantos annos foi o maior patriota e o maior amigo do povo brazileiro.

E Deus, que é Todo Poderoso, por certo guarda-lhe um logar lá na mansão dos justos e virtuosos.

Paz á sua alma.

EDUARDO MAGALHÃES.

(O Brazil de 6 de Dezembro de 1891).

D. PEDRO DE ALCANTARA

Não roce os labios meus nem mais um riso,
Meu terno coração ralai saudades.

E' a vós, republicanos historicos, a quem me dirijo n'este momento.

Nem uma lagrima, nem um sentimento de dôr ainda não manifestaram pelo seu pensamento os brazileiros mais patrioticos que dentre todos os filhos d'esta terra tem havido.

Tomai o exemplo dos estrangeiros que cerraram suas portas e cobriram seus braços com o crepe significativo da dôr.

Tomai o exemplo do povo que chora sem alarma a perda do nosso ex-Imperador.

O povo de quem vos servis para as vossas manifestações populares sem o seu consentimento, hoje unisono se ergue e pede preces pelo seu repouso eterno.

Vós, republicanos de hoje, monarchistas de hontem, deveis seguir par e passo os sentimentos do povo que pranteia tamanha perda.

Cerrai as vossas portas, tarjai as vossas folhas e trazei por alguns dias o luto, senão em vossos

corações, ao menos externamente para que os povos estrangeiros não vos taxem de ingratos.

« Ingratus ille, qui gratiam bene merenti, non reponit ».

(*Gazeta de Noticias* de 6 de Dezembro de 1891).

D. PEDRO II

A natureza associou-se á profunda tristeza do universo.

Nublado e carregado de nuvens sombrias, o céo chora com a patria querida o tombar no sepulchro do envolucro corporeo da primeira individualidade do seculo.

E quem, no Pantheon da Historia, lhe poderá disputar a primazia? Napoleão, o genio assombroso das batalhas, encheu o mundo com o terror do seu nome, afogando em sangue a liberdade dos povos. Hugo, o grande Hugo, cujo cerebro gigante, foi um poderoso fóco de luz que deslumbrou toda a terra ; Hugo desceu o pedestal aurifulgente das suas glorias e inclinou-se perante o esplendor d'aquella magestade—muito antes que ella se deificasse cingindo a corôa sublime do martyrio.

D. Pedro II não tem na Historia Universal quem lhe dispute o primeiro logar entre a pleiade de monarchas patriotas, justiceiros, honestos e sabios.

Quando os chefes de grandes e illustradas nações como a França e os Estados Unidos da America do Norte, regidas pela mais pura democracia, assignam imperturbaveis as sentenças infames que levam ao patibulo os grandes desgraçados, o Monarcha do Brazil destaca-se brilhantemente d'entre os mais puros chefes de Estado, eleva-se ao zenith de grandeza e da gloria, transpõe triumphalmente os páramos da immortalidade e illumina para sempre as paginas da Historia de sua patria,

porque em meio seculo de reinado nunca a sua penna assignou que fôsse derramada sequer uma gotta de sangue humano, d'essa humanidade que elle conhecia, comprehendia e perdoava e que através dos seculos ha de apresental-o como o prototypo da virtude, da honra e do amor.

Aonde, porém, o velho Imperador impoz-se ao respeito e á veneração de todo o mundo foi no exilio, do qual elle fez uma divinisação e que constitue um poema sublime e unico nos fastos da humanidade. Depois de violentamente deposto de um throno que elle illustrou e engrandeceu; banido do sólo querido da patria, o grande Brazileiro não pensou senão em prestar mesmo de longe, relevantes serviços ao seu paiz, aconselhando aos plenipotenciarios que prestassem obediencia á nova ordem de cousas, empenhando-se com os monarchas europeus para que reconhecessem o novo governo do Brazil e tendo sómente palavras de ternura e de amor para com o grande povo ingrato, cujo indifferentismo se lhe fez perder um throno e uma corôa, deu-lhe um throno ainda mais bello e esplendoroso—o da immortalidade, e uma corôa mais sublime e refulgente—a corôa sacrosanta do martyrio.

O seu maior erro foi confiar demasiadamente na dedicação dos seus delegados, dedicação a que elle fazia jus pelas suas grandes virtudes. Aureolado por tantos infortunios, o maior desgosto d'este monarcha extraordinario foi não poder exhalar o ultimo alento sob o horisonte de seu amado Brazil.

Hoje, que a sua pura e nobre alma foi chamada pelo Omnipotente, curvemo-nos perante a sepultura immensa do primeiro e o mais illustre entre os Brazileiros.

José Augusto Corrêa.

(*O Brazil* de 6 de Dezembro de 1891).

CONSUMATUM EST

E' tudo findo. A musa n'este instante
Sobre um tumulo chora debruçada,
Relembrando quem mais do que imperante
Soube ser filho d'esta patria amada.

No exilio, que infortunio, e quanta gloria
Teve esse a quem a Morte agora hospeda!
E d'elle emfim ha de dizer a Historia:
— Grande no throno, foi maior na queda.

BANDARRA.

(*Jornal do Comm.* de 6 de Dezembro de 1891).

D. PEDRO II

Morreu o Imperador!

Morreu no exilio, longe, muito longe da terra que elle tanto servio e estremeceu, e em cujo seio ardentemente suspirava vir cerrar os olhos, dando o ultimo adeus á grandiosa natureza brazileira.

Exhalou o derradeiro alento em Pariz, para onde a sorte, como por commovedora homenagem, lhe guiou os passos. Pariz a capital do mundo civilisado, a cidade Mãi, o centro do orbe pensante, Pariz que podia bem aquilatar e comprehender quanto valia aquelle hospede excepcional, aquelle soberano digno, não já de outro povo, mas de outras épocas, de seculo diverso.

Tambem as sciencias, as lettras, as artes, na sua mais pura e elevada expressão, rodearam o ataúde do inclyto desthronado e o cobriram de flores, de palmas e de louros!...

Ah! Brazil, Brazil, quanta sabedoria, quanta experiencia accumulada, que profundo conhecimento dos homens e das cousas dispensaste na tua criminosa indifferença e desdenhosa e levianamente atiraste a margem!

Que destinos te reservam a justiça dos factos e a inflexibilidade da logica por tamanha inconsideração e tão estupendo menoscabo?

Entenebrecidos já os teus horizontes, outr'ora tão largos, limpidos e risonhos, que expiação terás de soffrer por essa durissima morte, por essa lenta agonia de dous annos longos, longos, interminaveis?

Nem um só instante, o pensamento d'aquelle homem, divinisado pelas mais sublimes angustias, se desviou d'esta patria, que na ordem moral e material elle, acima de todos e mais que ninguem, tanto nobilitou e engrandeceu.

Nos intervallos da santa meditação e do amado estudo, as pandas azas em que a sua alma se alava a regiões de intangivel serenidade, que dor funda e intima póde crêr que toda a dedicação da sua longa existencia dia por dia, o seu desprendimento sem igual, o seu patriotismo inexcedivel tinham por unica recompensa o esquecimento e a ingratidão!... Elle, que em cada brazileiro via, não um subdito ou um simples concidadão, mas um amigo, um filho! Elle, que tamanha fé depositava no seu povo, de que era, não um chefe no pinaculo das grandezas, não um potentado a gozar o poder e as glorias terrenas, porém sim o mais singelo, o mais solicito e terno pastor e guia!

Imaginar o mundo de idéas sombrias, repassadas de cruel desalento que nos ultimos dias de vida, em apertado quarto de hotel, lhe tumultuaram na mente sem conturbarem aquelle coração todo bondade, todo meiguice e perdão... contrapor o

mais nobre e ardente amor patrio á pungente realidade — o abandono, a solidão, o estigma do exilio — ah! como tudo isso é barbaro, iniquo e oppressor!...

A herança de D. Pedro II não pertence ao Brazil; pertence á humanidade. A ella é que cabe venerar devidamente o vulto, cujo nome refulge hoje para todos os povos como um symbolo de virtudes quasi sobrehumanas, a honrar a creatura e o Creador, o homem pequeno e fraco e Deus Immenso e Omnipotente.

VISCONDE DE TAUNAY.

(*Jornal do Comm.* de 7 de Dezembro de 1891).

D. PEDRO II

Chorai povo brazileiro
Chorai os sabios do mundo
Cubra-se o Brazil de luto
Que morreu Pedro segundo.

Chorai povo brazileiro
Chorai povo d'este paiz
Morreu D. Pedro segundo
Exilado lá em Pariz.

MANOEL DOS SANTOS TAVARES.

5 de dezembro de 1891.

(*Gazeta de Noticias* de 6 de Dezembro de 1891).

MANIFESTAÇÕES DE PEZAR

O Sr. Oswaldo Lopes, jornalista chileno, enviou-nos as seguintes linhas:

« A morte de um homem illustre, o unico monarcha que até dous annos atraz ainda tinha a America, o passamento d'aquelle que, mais que Imperador, foi um governante liberal e democratico: a desapparição moralmente legal da corôa imperial no Brazil, a perda de um mandatario que soube se fazer apreciar no Universo inteiro é hoje o thema repetido pelos milhares de fios telegraphicos, enviando-se-nos a fatal noticia do velho ao novo continente (quando devia ser o contrario), communicando-a de povo em povo, de nação á nação e espalhando-se por todo o mundo civilisado de um a outro confim.

« Se é bem certo que, a 15 de Novembro de 1889, quando nos paizes sul-americanos conheceu-se o resultado da mudança de governo, a admiração e o republicanismo surprehenderam-se ante esse espectaculo exemplar que apresentou o Brazil, não é menos certo que os corações justiceiros palpitaram com emoções de sentimentos amistosos que repetiam interna e silenciosamente: « Aguardai um pouco — vosso ideal é grandioso, mas é tambem prematuro ».— Era que n'esse azul estrellado do estandarte brazileiro destacava-se a augusta sombra de D. Pedro II!

« Os povos sul-americanos com que este paiz tem mantido união e amizade internacional, alegraram-se ao ver apresentar-se no Brazil a sympatica figura da Republica; mas sentiram-se tambem pela retirada do governante que tão solidas bases de confraternidade havia sabido cultivar na America.

« Acaso não é possivel que uma mãi possa regosijar-se pelo matrimonio de uma filha e ter

sentimento ao mesmo tempo da separação e vasio que ella deixa no proprio lar?

« A Republica Argentina, Venezuela, o Uruguay, o Chile, o Perú, etc., que foram sempre amigos do Brazil, assim o demonstraram com suas enthusiastas manifestações pelo advento republicano; porém entre todas essas republicas, o Chile, estamos convictos, hoje enluta suas bandeiras ao saber do fallecimento d'aquelle que foi um amigo leal, franco e carinhoso.

« Assim como todo brazileiro agradecido sentirá tristeza pela morte do homem que, sendo Imperador, soube implantar, elle mesmo, o republicanismo, libertar escravos, ensinar doutrinas liberaes e governar democraticamente, assim tambem os povos que foram seus amigos devem hoje unir seus votos de condolencia por tão sensivel perda.

« Todos os Chilenos e nós, com maior razão, que rezidimos n'este formoso paiz, temos o dever de unir nosso pezar, juntar nossas lagrimas pela morte do monarcha exemplar, que foi um carinhoso pai para este povo, que soube governar, fazendo respeitar sua patria e que foi, afinal, um illustre, esclarecido e honrado brazileiro, cujas virtudes posthumas não tardaram a ser conhecidas.

« Ainda que sem representação de classe alguma julgo ser o interprete dos sentimentos de meus compatriotas chilenos ao manifestar publicamente meu profundo pezar pelo infausto acontecimento que veio cobrir de luto a todos nós.

« Brazileiros e Chilenos: Nós, que sempre temos participado conjuntamente das alegrias e glorias de nossas patrias, hoje com o coração enlutado louvemos a sacrosanta memoria de tão preclaro americano e prostremo-nos reverentes ante a magestosa sombra de D. Pedro II, emquanto o

povo, agradecido pelas liberdades que elle lhe deu, tece a corôa funebre que indubitavelmente depositará em sua tumba!... *Oswaldo Lopes.*»

(*Jornal do Brazil* de 7 de Dezembro de 1891).

MEMORIA A D. PEDRO DE ALCANTARA

Longe da patria morreu,
Pelo exercito banido,
Monarcha exemplar,
Pelo povo amado e q'rido.

D. Pedro Segundo
Ao Brazil pertence,
O povo exige seu eterno repouso.

Longe e bem longe
Da patria os olhos fechou,
Chorando pelo povo
Que tanto amou.

Povo inteiro sua falta sente,
Morrer tão longe
Da sua patria ausente.

Tumulo sagrado
Seu corpo encerra,
Gloria á America
Por quem venera.

O Brazil só gloria tem,
Pedro Segundo
Só praticou o bem.

J. A. Oliveira.

(*Jornal do Brazil* de 7 de Dezembro de 1891).

D. PEDRO DE ALCANTARA

Morreu !...

O telegrapho acaba de nos transmittir este lutuoso acontecimento.

Fóra da patria, lá longe, em um canto da Europa, foi exhalar o ultimo suspiro aquelle a quem o Brazil deve os seus dias de gloria, aquelle de cujo patriotismo a ninguem é licito duvidar.

O exilado de 15 de Novembro de 1889 não era um ambicioso, um egoista, não; os actos por elle praticados provam-no exuberantemente.

Durante o longo periodo do seu reinado o paiz gozou sempre de inalteravel paz, e o povo viveu no gozo da mais plena liberdade, liberdade de que foi elle a primeira victima.

Educado pelo illustre varão D. José Pedro, bispo de Chrysopolis, que soube incutir no animo de seu discipulo os sagrados preceitos da doutrina christã, elle era caridoso e benevolo em extremo, e de uma probidade immaculada.

O povo, essa massa que se compõe dos filhos do trabalho, d'aquelles que regam com o suor do corpo o pão que comem, tinha n'elle um pai, um protector sempre prompto a amparal-o nas difficuldades da vida e era elle o seu idolo querido, porque estava acostumado a vel-o sempre á frente de todos os grandes commettimentos.

A maneira correcta porque se portou na questão *Christie*, e o acendrado patriotismo de que deu provas na lutuosa guerra do Paraguay, não consentindo que se fizesse uma paz que aviltava o Brazil, tornaram-n'o não só querido do povo como admirado e respeitado na Europa.

Não ha um dos grandes melhoramentos realizados no paiz a que o seu nome não esteja ligado.

A sua boa fé e o desejo de ser util, levou-o a commetter alguns erros que foram habilmente explorados por seus inimigos que tiraram todo o partido que puderam para derrotal-o.

Diz-se que o povo assistio *bestialisado* ao seu banimento, que, nem ao menos, protestou !...

Diante da surpresa e a ainda á vista do estado precario da saude do benemerito cidadão (estado que só os interessados procuravam occultar), o que podia fazer o povo?...

Reagir quando elle foi o primeiro a dar o exemplo da mais evangelica resignação, submettendo-se á imposição de seus inimigos?...

Não, o povo procedeu correctamente : acceitou a Republica, poupou o sangue de seus irmãos e deu mais uma prova do seu amor ao banido, resignando-se como elle, ao seu destino.

....

São passados dous annos e durante esse periodo o paiz tem passado uma crise calamitosa ; o povo soffre com resignação e vê approximar-se a miseria, ao passo que aquelles que se diziam patriotas, aquelles que têm obrigação de zelar pela prosperidade do paiz e pelo bem estar d'este povo de carneiros (como lhe chamam) só procuram empolgar o governo pondo até em risco a integridade da patria !

Diz-se que o povo não está educado para a republica, não ; não é o povo que não está educado, são os nossos homens politicos ; o povo acceita qualquer governo que se lhe dê ; elles é que estão dando provas de uma ambição sem limites ; elles é que não se compenetram dos seus deveres ; elles é que não sabem ser patriotas.

Tinham medo do sebastianismo (ou fingiam ter) porque no estado em que se achava D. Pedro de Alcantara era-lhe materialmente impossivel

reassumir o governo do Estado. O seu desapparecimento da scena da vida deve acabar de convencel-os de que o sebastianismo já não existe, e que devem tratar de reparar os males que têm feito.

Receberam o paiz em via de prosperidade e engrandecimento, é pois um dever de honra para aquelles que têm a responsabilidade do governo promover por todos os meios essa prosperidade e esse engrandecimento, não consentindo no desmembramento d'este grande Brazil.

Rio, 6 de Dezembro de 1891.

UM OPERARIO TYPOGRAPHO.

(*Gazeta de Noticias* de 8 de Dezembro de 1891).

LE GLAS!

Enfin! elle a sonné l'heure de délivrance!
Tous ses maux sont finis!... Toi! c'est toi! chère France,
Qui reçus de l'Aïeul le suprême soupir;
C'est toi qui lui donna à son heure dernière
Cette hospitalité qui doit te rendre fière!
C'est dans ton sein ami qu'il est allé mourir!

Ah! malgré la douleur dont notre âme est la proie,
Il s'y glisse furtif, comme un rayon de joie,
En songeant que ta terre aura le noble orgueil
De garder en ses flancs la dépouille mortelle
D'un Empereur, laissant une trace immortelle
Au pays adoré qui lui nie un cercueil!

O destins rigoureux ! O comble de misère !
De la coupe il a bu jusqu'à la lie amère
Ce sublime proscrit, qui dans l'adversité
Sembla grandir encor ! Non, jamais sous la pourpre
Et sous le fier bandeau que le méchant empourpre
Il n'eut plus de noblesse et plus de majesté.

Lors donc, il dormira sur la terre lointaine
L'Exilè, dont le cœur ne connut pas la haine
Et qui sut pardonner à tous ses ennemis ?
Il dormira lá-bas, le cher et doux Felibre
L'esclave du malheur qu'enfin la mort fait libre,
Prés de nos grands héros à jamais endormis.

Mas non ! cette pensée est un pur égoisme,
L'on doit à ses vertus, à son patriotisme
Pour ce Brésil qui fut son souriant berceau
Le retour sous son ciel. Oui ! qu'on donne à sa cendre
La dernière demeure où nous devons descendre :
Que l'on donne au Vaincu, que l'on donne un tombeau

Puissants du jour ! rendez cet éclatant hommage
Aux mânes du Banni, dont la touchante image
Est gravée en nos cœurs, cet immuable airain ;
Ecoutez par pitié, notre ardente prière :
Que ses os soient mélés à la chère poussière
De ce sol qu'il aima d'un amour souverain !

Écoutez, écoutez cette voix qui vous crie :
Il est fils comme vous de la grande Patrie !
Laissez-l'y reposer... de souffrir il est las.
Ah ! rendez les honneurs à ses restes augustes ?
Et l'Histoire dira que vous fûtes des justes,
Que l'air vibre et résonne au formidable glas.

Tu lui dois bien cela, toi ! jeune République,
Dont il ne voulut pas que la blanche tunique
Eût dans ses plis neigeux une tache de sang.
A lui, qui t'épargna, fais, oui ! fais cette aumône :
—De générosité le « pouvoir » se couronne—
Et grande tu seras autant qu'il fut puissant !

Rio, 5—12—91.

ROSE MÉRYSS.

(*Jornal do Comm.* de 8 de Dezembro de 1892).

AO FINADO IMPERADOR D. PEDRO DE ALCANTARA

Já não pertence a este mundo, esse grande e magnanimo monarcha, em quem encontrei sempre, não sómente um soberano liberal, constitucional e bondoso, mas sim tambem um protector, um pai, e em sua virtuosa esposa a finada Imperatriz, de saudosa memoria, uma māi. Agora pertence su'alma á côrte celeste, já não se lhe deseja a morte.

Alguns causadores de seus desgostos já foram adiante e já estão julgados e no lugar que lhes competia; os demais irão após.

Os Brazileiros sensatos e amigos do illustre finado cobriram-se de luto, porém notei em proporção, mais sentimento nos estrangeiros aqui residentes, e com especialidade a colonia portugueza, nossos irmãos de sangue, do que nos brazileiros, e alguns até conhecidos meus que iam amiudadas vezes pedir esmolas ao illustre finado.

Infames e ingratos, que hoje applaudem a republica, com a mesma facilidade applaudirão amanhã a restauração monarchica, se ella viesse.

Respeito os republicanos de principios ou historicos, mas não estes que se tornaram republicanos por despeito e por terem perdido meia duzia de negros com a abolição. Os heróes do seculo actual vão caindo e morrendo moralmente ao orgulho d'elles, e vão sendo aniquilados. Eu continúo no meu terreno, obedecendo ás leis do meu paiz como brazileiro que sou, porém meu coração pertence depois a Deus e sua igreja, á familia imperial desterrada e banida pelas armas e não pelo povo.

Imploro ao céo a salvação da alma do meu Imperador e protector.

Rio de Janeiro, 7 de Dezembro de 1891.

JUVENAL DE SAMPAIO OSORIO

(*Jornal do Brazil* de 8 de Dezembro de 1891).

AOS FRANCEZES

O que acaba de praticar a grande nação de Victor Hugo, com o infausto passamento de S. M. o Sr. D. Pedro II, é digno da gratidão de todos os Brazileiros que estimavam o seu velho e querido Imperador; por isso, dignos francezes, permittam que um obscuro filho d'este infeliz Brazil vos diga com toda a gratidão de seu coração :— obrigado.

UM BRAZILEIRO.

Rio, 9 de Dezembro de 1891.

(*Jornal do Comm.* de 9 de Dezembro de 1891).

D. PEDRO DE ALCANTARA

A Republica não póde ser feliz: a sua base é o martyrio, é a morte de dous entes que deram ao Brazil longos annos de paz, de liberdade, de sisudez e bem estar.

A Santa Imperatriz fallecendo no exilio, sob os rigores de um inverno a que já não podia mais dobrar o seu organismo depauperado e sobretudo habituado ao nosso clima tropical; succumbindo principalmente á dôr e á magoa no desconforto banal de uns quartos de hotel, privada até na sua agonia, dos commodos materiaes a que tinham direito a sua posição e a sua idade; o nosso venerando Imperador expirando agora, victima tambem dos frios europêos que desfecharam o golpe final á sua natureza minada pela molestia e pelos amargos desgostos — ah! que triste, que horrivel pedestal para a nova instituição!

Nenhum brazileiro ignora, felizmente, no seu intimo, quem foi esse que acaba de morrer em Pariz, banido, cercado apenas de meia duzia de fieis, longe de sua patria e do povo ao qual dedicou todo o seu amor, toda a sua vida de homem de bem, justo, sincero, honesto e desinteressado. Não! ninguem o ignora, e a prova d'isto está na commoção com que foi recebida a fatal noticia, no luto, que apezar de todas as ingratidões e perfidias, envolve muita gente, e nas lagrimas, emfim, que escorrem pelas faces de quantos evocam aquelle grande vulto encanecido que nunca mais avistaremos entre nós, desapparecido para sempre, como aliás o largo periodo de suaves alegrias que aqui representou e de que era ainda na Europa a imagem viva.

Chorem os Brazileiros! cerrem-se as portas! cubra-se de *crépe* a bandeira nacional! D. Pedro II

deixou de existir. Fechou os olhos no desterro quem foi nosso pai, nosso amigo, nosso defensor durante 49 annos.

E as proprias honras imperiaes que tributam na Europa ao seu corpo, se por um lado nos engrandecem, dando-nos a exacta medida do enorme apreço em que era tido, por outro nos deve encher de inveja e de confusão. Era a nós, seus subditos, seus filhos, que competia fazer guarda ao seu illustre cadaver, beijar-lhe a magnanima dextra inanimada, cobrir de flôres o seu ataúde e formar-lhe, á sua ultima passagem pelas ruas, um cortejo de lagrimas, de soluços e saudades.

De resto, quem sabe? talvez que possamos algum dia cumprir esta suprema homenagem, que divida consideramos para o Brazil inteiro. Napoleão I voltou á França e n'ella repousa, havendo, emfim, recebido o seu corpo as honras que lhe eram devidas. Mas ah! que dolorosa esperança! que triste e incerto consolo! De que serve?... A verdade é esta: D. Pedro II não existe mais. A sua bella e veneravel cabeça branca jaz inerte em terra estranha... Nunca mais o veremos entre nós — figura verdadeiramente magestosa, symbolico vulto que nos acompanhou tantos annos como anjo protector da nossa patria; morreu, emfim, o maior dos Brazileiros, e estas linhas são dictadas pelo mais pungente desgosto, pela mais viva saudade.

UM FIEL.

7 de Dezembro de 1891.

(*Jornal do Comm.* de 9 de Dezembro de 1891).

APOTHEOSE

AO PASSAMENTO DE D. PEDRO II

Eil-o do jugo asperrimo
da vida libertado
o triumphante espirito
do inclyto exilado.
Deposto exemplarissimo
de um throno, elle cresceu
de magestade intrinseca
— nos transes que venceu.

Azas ganhou magnificas
do proprio soffrimento.
Que redivivo Socrates
no injusto banimento!
Brazão de um povo e victima
de ingratidão fatal,
subio — despindo a purpura —
no apreço universal.

De almo incentivo ao postero
sirva tão vera gloria,
sobrevivendo a seculos
no pantheon da historia.
Filho de terra prodiga
em dons preciosos mil,
resuma tal prototypo
grandezas do Brazil.

Sem apparatos bellicos
de pompa sanguinaria;
sem consumir exercitos
na usurpação precaria;

sem arvorar-se em arbitro
de prosperas nações,
povos tornando automatos
de insidias e oppressões;

do norte ao sul da America,
do Novo ao Velho Mundo,
— vivo luzeiro civico —
brilhou Pedro Segundo.
Rei de alma democratica,
modesto bemfeitor,
equiparou-se a Washington
na honra e no labor.

Rei prematuro — obstaculo
ás sanhas da anarchia —
á liberdade amplissima
deu firme garantia.
Que afan! que senso omnimodo
no longo, arduo reinar!
Que guarda entre o bem publico
e o bem particular!

Ora acclamado idolo,
ora soffrendo aggravos,
quer de plebêos, quer de aulicos,
da vil cubiça escravos;
mas, sempre a haurir, tão avido,
— sedento de saber —
n'um livro o prompto antidoto
aos tedios do poder.

Que pequeninos criticos
do principe atilado!
Para uns — astuto despota;
para outros — vão lettrado.

Enredos da politica,
eivada de ambição,
elle as frustrava, subito,
na quéda ou na ascensão.

Pudesse eu ter a impavida,
genial perspicuidade
e a concisão de Tacito
no culto da verdade!
Mas, inda é cedo... Esquiva-te,
musa, a desejos taes;
passa em silencio paginas
dos fastos nacionaes.

. . . .

Ah! quanta vez, no estrepido
das plagas européas,
era transposto o Atlantico,
n'um turbilhão de idéas,
e da saudade aligera
captivo o Imperador,
á Guanabara esplendida
volvia em santo ardor!

Não lhe valeram titulos
de probidade illesa,
nem os seus grandes prestimos
da patria na defesa.
Enfermo e já decrepito,
expulso como um réo,
forçado a entrar no tumulo,
longe do patrio céo;

ninguem lhe ouvio, no exilio,
imprecações de *Lear*,
pedindo a Deus catastrophes,
quaes ideou Shakespeare.

Que homem no rei magnanimo !
Teve oblação cabal
da França, digna interprete
do apreço universal.

Que heróe moderno ou prisco
soube cahir mais forte?
Foi-lhe o infortunio—auréola
a coroar-lhe a morte.
Patria, que a luz do Golgotha
não pódes encobrir,
ante o finado prostra-te,
rendendo-te ao porvir.

Em funda magoa absorve-te,
chora teu filho, chora,
emquanto aos pés do Altissimo
elle o perdão implora.
N'essa influencia posthuma,
cheia de amor e paz,
salvem-te, ó Patria, estimulos
de que tão pobre estás.

ROZENDO MONIZ.

(*Jornal do Brazil* de 10 de Dezembro de 1891).

D. PEDRO II

Agora que a patria brazileira sente unanime o ruido sinistro de uma grande quéda, agora que o coração nacional lacrimeja de saudade, agora que sentimos todo o peso de nossa punição pelo crime de assistirmos *bestialisados* e covardes á expulsão d'esse grande homem, diante de cujo envolucro se curva reverente e contricto o espirito universal,

concretisado na França, agora é preciso, é urgente, é imprescindivel que fallemos claro.

Um cadaver é um sanctuario. Ao odio diante da morte, só cabe a attitude muda e humilde de um condemnado. Qualquer sentimento ignobil na memoria de Pedro II, seria um corvo sobre seus cabellos brancos.

Não fallamos em vingança, lembramos uma rehabilitação.

Não tentamos despertar no espirito nacional um sentimento de revolta, mas procuramos simplesmente devassar o que pensam todos, o que sente esta pobre terra depois que foi trocado um regimen de paz, de probidade e de grandeza, por um governo inepto que nos deixou no declive perigoso que conduz á ruina e á deshonra.

Apregoou-se o dominio da democracia, foi annunciada, pelos arautos do *systema salvador*, a proclamação de todas as liberdades, e nunca tanto se investio contra a democracia, e nunca contra a liberdade se commetteu tantos attentados.

Hoje, diante do cadaver quente do Imperador quem não pranteia a sua memoria? quem não compara as épocas? quem não sente o peso da differença d'essas duas phases da vida nacional?

Ha um unico cidadão, que tendo a comprehensão exacta das cousas sociaes, vacille entre o reinado inteiro de Pedro II e dous annos de *democracia*?

O governo das nações é uma cousa complexa.

A direcção de um paiz, sejam quaes forem as suas condições, é um commettimento penoso e difficil que não se delega a qualquer. Dirigir é conceber — sem comprehensão não ha concepção. E, para comprehender as necessidades de um povo que cresce, para attender, conjurar e solver todos os problemas que surgem de momento na vida das nações, é preciso que se seja culto, que se seja

honesto, que se seja superior. E' preciso, para não atrophiar a vida de uma nacionalidade não interromper o seu desenvolvimento com uma luta de ambições, não abastardar o caracter nacional com exemplos de pusillanimidade, não habituar o espirito publico a ver claro nas espheras altas passarem impunes delinquentes do codigo penal.

E' preciso que alguma cousa de superior esteja investida do poder de governar este povo. Elle acaba de provar que não se dirige sem a estabilidade da monarchia, sem o prestigio austero de uma entidade que escape ás suggestões criminosas dos prevaricadores. Elles vivem no perystilo dos palacios a offerecer suas luzes, firmes, erectos, immoveis, como um candelabro no saguão de nossas habitações. Quando, porém, desejam atacar a probidade do governo, em seu beneficio, eis que a sua consciencia lhes apaga no caracter a noção da honra, como um ratoneiro apaga o candelabro da nossa porta, para atacar-nos entrando.

E quando não tem a rija composição das cousas ferreas o caracter do homem que governa, elle dobra e cahe, cahe e esphacela-se na vergonha e no opprobrio.

Entretanto, é mais um caracter pôdre, mas a nação pagou caro essa decomposição e ficam ainda envoltos na alma nacional os fragmentos decompostos desse supremo orgão de nossa structura moral.

Sendo inatacavel, pura e immaculada a consciencia do poder publico: sendo rija, intransigente e severa a compostura governamental, está feita a felicidade de uma nação.

Lembramo-nos todos que, emquanto reinou o veneravel ancião que hoje pranteámos, era outra a nossa individualidade, outra a severidade de nossos habitos, outro o respeito pela autoridade e o acatamento pelo poder publico.

Aquella fronte veneranda presidindo os destinos d'esta nação inclinava-se ás vezes para consultar aquella consciencia de alabastro, como consultavam Deus os patriarchas antigos sobre os destinos de seus povos.

Pendiam sobre os decretos do governo aquellas barbas brancas da qual cada um fio era um cuidado pela patria, e deitando o olhar sereno e intelligente pela immensidade d'este paiz elle estremecia de jubilo e de receio que lhe fugissem as forças de poder manter a patria como ella era, grande, immensa, rica, forte e respeitada.

Destruiram a sua grande obra de meio seculo com dous annos de inepcia, e oxalá o governo patriotico em cujo seio se acham homens de caracter e talento, como José Hygino, Mello, José Simeão e outros, procurem erguer-nos do meio dos destroços e miserias em que nos sepultou um regimen mal fadado.

VAS.

(*Jornal do Comm.* de 11 de Dezembro de 1891).

O EX-IMPERADOR

Entre os reis do seu tempo, rei primeiro
Banido, feneceu, por ti perjuro,
Ingrato povo, cujo peito duro
Banio tambem seu Deus e seu Cruzeiro!

Já fermentas, oh bando traiçoeiro,
Da miseria moral no antro escuro;
O sordido metal, o mais impuro
E' teu sonho, teu guia, o teu luzeiro.

Conquista cada qual o que appetece
N'este meio fatal — a triste sorte
Do caracter do povo que apodrece...

Levanta-te, Brazil, do sul ao norte!
O Mundo te contempla e não esquece
De Dom Pedro Segundo a vida, a morte!

R.

(*Jornal do Comm.* de 11 de Dezembro de 1891).

O IMPERADOR

O PASSADO E O PRESENTE

Quanto amor e que saudades se tem para tudo aquillo que vêmos ao longe, em dias que já passaram!? Sempre acreditámos que o nosso passado foi melhor e teve mais encantos que o nosso presente, mesmo que este seja absolutamente igual áquelle.

E nós bem o reconhecemos; mas é que o tempo estende sobre os dias idos um véo que lhes suavisa a luz, tirando-lhes a aspereza da realidade, e lhes dá uns tons de doce melancolia, que deleitam nossos sentidos, como se foram um sonho calmo e tranquillo de innocentes.

Mesmo para aquelles que tiveram dias de amargura e de padecimentos, e que têm um presente alegre e feliz, o passado é sempre relembrado com sympathia, e quando lhes vêm á memoria os soffrimentos de um dia, seus corações ainda têm para elles uma saudade, e as vezes sentem mesmo um vago desejo de novamente experimental-os.

E si n'esta proporção do sentimento humano, chegarmos ao ponto em que se invertem os acontecimentos ; isto é, em que tenhamos de prantear um passado risonho e feliz, quando o presente é desolador e cheio de horrores e de incertezas, veremos então quanto mais formosos são esses dias que não voltam mais, e quão horriveis são estes que vão, tanto mais negros quanto mais se comparam com aquelles.

A muitos infelizes leva este facto ao desespero e ao suicidio, tão acabrunhador e afflictivo é ser o individuo condemnado pelo destino a uma vida de infortunios e desalentos, quando elle já gozou de todas as venturas e de todas as alegrias da felicidade.

Quando a minha imaginação me leva a estas considerações, vem-me logo o desejo de conhecer qual o effeito que esta desgraça operaría em uma nação... e lanço os olhos para os dias sombrios que atravessa a nossa Patria. O individuo, que é pequeno, fraco e impotente, mata-se; mas si a um paiz, que é grande, forte e poderoso, apresenta-se algum obstaculo no seu progresso e na sua vida, cedo ou tarde, póde elle removel-o e recomeçar a marcha interrompida.

E' isto o que teremos de presenciar em nossa terra, em razão dos males que, no presente, a forçam a recordar-se com a mais funda saudade de todas as venturas de outr'ora, e a desejar com mais ardor readquirir a felicidade perdida.

Pretender demonstrar quanto funesto tem sido para o desenvolvimento do Brazil os governos dictatorial e o chamado republicano, comparando-os com as excellencias do antigo regimen, seria assim como dizer que o Perú não está situado em continente asiatico, ou a China no americano.

Os nossos patricios que trabalham, que lutam com todas as difficuldades para produzir a fortuna

nacional, não podem de fórma alguma estar contentes com os homens que lhes promettiam d'antes um progresso maravilhoso, e que hoje lhes antepõem aos passos as mais insuperaveis barreiras.

Elles guardam, é certo um silencio absoluto diante dos factos mais lamentaveis; porém, muito errado andaria quem n'isso descobrisse uma approvação.

Nenhum de nós desconhece que essa compostura é imposta pelos que governam, os quaes não permittem manifestações de idéas contrarias ás suas, o que quer dizer que exigem a approvação de tudo que emana de sua vontade omnipotente.

Mas todo aquelle que um dia voltou para a propria consciencia os olhos do espirito, terá tido ensejo de comprehender que, quando um sentimento qualquer é comprimido e recalcado no intimo do coração por uma força estranha á nossa vontade, esse sentimento á semelhança dos gazes toma mais força, mais intensidade e a sua expansão depois será tanto mais terrivel quanto maior tenha sido a pressão sobre elle exercida.

E' assim pensando que deposíto a maior confiança na reivindicação dos nossos direitos, em dias que se approximam e em que estamos congregados todos os Brazileiros impellidos pela mesma idéa trazendo a mesma vontade, abrigados sob a mesma gloriosa bandeira, unanimes na obra da salvação da nossa Patria.

Rio, 10 de Dezembro de 1891.

VERISSIMO DE TOLEDO.

(O *Brazil* de 11 de Dezembro de 1891).

SUA MAGESTADE O SR. D. PEDRO II

Hoje que não me resta mais a doce esperança de beijar as mãos do grande monarcha que Deus houve por bem chamar para junto de Si, obedeço ao impulso do meu coração, enviando os meus mais sinceros pezames á Augusta Familia do pai dos Brazileiros.

Aos meus compatriotas, assim como a todas as pessoas que se nobilitaram, rendendo homenagem ao venerando Imperador, meus protestos de veneração e estima.

A' grande França direi :

Si não fôsse brazileiro, quereria ser francez.

Rio de Janeiro, 11 de Dezembro de 1891.

ALFREDO GUILHERME SCHULZE.

(O *Brazil* de 11 de Dezembro de 1891).

A ULTIMA MORADA

Lá vem, caminho de S. Vicente de Fóra, o cadaver do Excelso Imperador do Brazil, e Chefe da Illustre e Serenissima Casa de Bragança.

Si a terra da patria não lhe abrio o seio na morte ao menos, si a patria, por ingrata, não possue seus ossos,—repousarão elles em terra amiga, no Pantheon de seus maiores!

Entra, entra na crypta, que vozes amigas e ternas te chamam! Todos os que lá moram são teus mui proximos parentes; lá está tua querida esposa, ao pé da qual vais dormir teu ultimo somno; lá repousa teu Illustre e Valente Pai, o immortal Duque de Bragança, Imperador do Brazil e Rei de Portugal; tuas Augustas irmãs, a Senhora D. Maria II. e a Serenissima Senhora D. Amelia!

E tantos e tantos illustres parentes!

A' entrada do Pantheon depararás com duas sentinellas. Nada receies. Entra. São dous illustres soldados; são os marechaes Duque de Terceira, o heróe d'Asseiceira, e Duque de Saldanha, o heróe d'Almoster. Foram amigos e camaradas de teu pai, foram fieis soldados de tua Augusta irmã a Sra. D. Maria II. Foram dous paladinos das instituições que juraram; cobriram-se de gloria no campo da batalha; e, com elles, as suas espadas baixaram ao tumulo honradas, honradissimas.

Desde a Terceira a Evora-Monte, de Evora-Monte a Torres Vedras, de Torres Vedras a Gramido, sempre as espadas dos illustres marechaes, sempre honradas. Por isso lá estão elles, no dizer de um escriptor, á entrada do Pantheon, como sentinellas, honrando e guardando os restos mortaes da Illustre Familia de Bragança.

Entra e vai dormir o teu ultimo somno em santa paz, Monarcha Incomparavel, Brazileiro distinctissimo! A tua ultima morada não será profanada pela demagogia nem as sedições dos desvairados e dos ambiciosos deporão o teu cadaver, que a Egreja abençoou, da eça onde vais repousar! Não, que és defendido, tu e os teus que lá moram, pelas espadas sempre puras, sempre honradas, dos valentes marechaes, Bayards da liberdade e da monarchia portugueza, os illustres paladinos, como lhes chamou teu Illustre e Valente Pai, os para todo o sempre honrados Duque de Saldanha e Duque da Terceira!

Descança em paz, em terra que sempre te amou e que é tambem tua!

UM MONARCHISTA PORTUGUEZ.

(*O Brazil* de 11 de Dezembro de 1891).

A MORTE DO EX-IMPERADOR

O maior inimigo das instituições republicanas esforçando-se a favor da restauração, não teria podido fazer-lhes maior mal do que os autores da publicação *A morte do ex-Imperador.*

Ainda que tudo o que um odio implacavel e uma raiva impotente dictaram ao autor d'aquelle artigo, fôsse verdade, ainda que D. Pedro II não tivesse possuido as grandes qualidades que o mundo inteiro, com excepção do autor do artigo lhe attribue, ainda que em logar da gratidão e veneração dos Brazileiros, o defunto não merecesse senão a mais fria indifferença, a voz do respeito devia calar-se diante da magestade da morte e muito menos devia atacar os sentimentos de uma nação amiga, que honrando o defunto ex-monarcha pretende honrar a nossa patria.

Como é que a republica poderá criar raizes no animo de um grande povo, se aquelles que se inculcam os seus verdadeiros representantes em logar de honrarem os seus concidadãos benemeritos, procuram cobrir com o fel do odio e do despreso a sagrada memoria do grande cidadão, cuja imagem se tornou para a grande maioria do povo brazileiro, um pharol de dignidade, de honradez e de patriotismo?

Por mais que se ame a instituição republicana, acima da Republica está a Patria; e ai do Brazil se não souber honrar os seus grandes homens seja qual fôr a fé politica que elles professem.

OS VERDADEIROS PATRIOTAS.

(*Jornal do Comm.* de 12 de Dezembro de 1891).

A MORTE DO EX-IMPERADOR

Na guerra de 1866 entre a Prussia e a Austria o rei George do Hannover, que tinha combatido como alliado da Austria, foi vencido pelos prussianos.

Transformou-se o reino de Hannover, em provincia da Prussia, e o ex-rei retirou-se para a França, onde com as grandes sommas que lhe sobraram dos direitos levantados no seu antigo reino, formou um pequeno exercito destinado a lutar do lado da França na guerra imminente entre este paiz e a Allemanha.

O despeito tinha levado este monarcha ao extremo de se declarar abertamente inimigo da sua patria.

Morreu o ex-rei do Hannover e a França prestou-lhe todas as honras de monarcha, da mesma fórma como acaba de as prestar a D. Pedro II.

Não se sabe, se a Prussia vio com bons olhos as honras funerarias prestadas pela França a George do Hannover, o qual tinha-se transformado em seu acerrimo inimigo.

O que, porém, se sabe com toda a certeza, é que tanto o povo como o governo da Prussia acceitaram agradecidos as honras prestadas pela França ao ex-monarcha, e que nem uma voz de desharmonia perturbou aquellas solemnidades funerarias.

O rei George era inimigo declarado da Prussia; Pedro II era o mais dedicado amigo do Brazil.

Aquelle procurou lutar contra as idéas patrioticas acceitas por toda a Allemanha; da boca d'este só sahiram palavras de amor á nação e de saudades á patria.

Aquelle pretendeu inundar o sólo da sua patria com o sangue dos seus concidadãos para reivindicar os seus suppostos direitos de rei; este viveu e

morreu abençoando aquelles que o expulsaram da sua querida patria.

Dizeis que o Prussiano é duro e brutal e que o Brazileiro é sentimentalista por natureza; mas os sentimentos de humanidade foram esquecidos pelo autor do artigo *A morte do ex-Imperador*, quando escreveu as linhas destinadas a deprimir a estatura moral de D. Pedro II.

*
* *

Nos cantos de Homero o victorioso Achilles amarra o corpo inanime do seu vencido inimigo ao eixo do seu carro de batalha, arrastando-o pelo pó e pelo lodo da estrada.

Os tempos mudaram. Hoje a civilisação nos ensinou o respeito ao inimigo vencido. A humanidade não nos permitte despresar e desprestigiar uma desgraça verdadeiramente tragica; e não é, como diz o autor do artigo *A morte do ex-Imperador*, o sentimentalismo do povo brazileiro que nos manda respeitar os mortos, ainda que tenham sido os nossos adversarios, mas o progresso humanitario da civilisação.

Na idade média considerou-se a desgraça como castigo do céo e a misericordia como revolta contra o julgamento de Deus.

A educação do nosso tempo prescreve-nos o sagrado dever de considerarmos a desgraça, ainda que merecida, como digna de compaixão.

Mas ainda que tudo isto seja na realidade sentimentalismo, ainda que a humanidade não prescrevesse o nosso procedimento, julgaes por acaso servir á Republica com o despreso que pretendeis chamar sobre o finado representante da monarchia?

Não, mil vezes não. Não é rebaixando a sagrada memoria do ex-Imperador que poderemos justificar e glorificar a revolução, mas purificando os

nossos costumes e provando ao mundo que o Brazil republicano é moral e intellectualmente superior ao Brazil monarchico.

Tolo é quem procura desprestigiar e rebaixar o seu inimigo. Victorioso, elle terá diminuido a sua gloria; vencido, terá augmentado a sua vergonha.

A desthronisação e expulsão de D. Pedro II serão consideradas na historia como um crime imperdoavel, se succumbirmos na luta contra as paixões baixas do odio, do rancor, do desejo do poder e do partidarismo politico; e serão ao contrario consideradas como o cumprimento de um triste mas necessario dever e talvez como um acto patriotico, se acharmos na alma da nossa nação bastante força e sentimentos assás puros e elevados, para dignamente preenchermos a elevada tarefa de uma verdadeira republica democratica.

OS VERDADEIROS PATRIOTAS.

(*Jornal do Comm.* de 13 de Dezembro de 1891).

EXPLOSÃO!

Sim, *elle* ha de voltar!...

Repetimos com emoção esta phrase do illustre redactor d'*O Brazil*, e o peito se nos estremece de alvoroço e esperança, como se os horizontes já principiassem a rasgar-se, deixando entrever a luz que se ha de novamente irradiar sobre os destinos da nossa patria.—Repitam-se embora os *meetings*, aliás interrompidos por vaias e motejos do povo; surjam nomes desconhecidos a firmar protestos ridiculos enviados para o estrangeiro, e sobresaltem-se com razão os interessados em continuar a desgraçada situação presente... Venham até medidas

repressivas pesar sobre a explosão do sentimento nacional, declarando-o perigoso e insultante para a Republica... Tudo é e será inutil! A onda approxima-se, delirante e soberba, tanto mais impetuosa quanto hesitou a principio, na duvida se era ou não uma força baseada na verdade, essa que se lhe erguia em frente, qual barreira a tolher-lhe o natural impulso. Mas hoje, nenhuma vacillação resta mais... O obstaculo cahio por si mesmo, dissolvido na lama, na desordem, na anarchia e na immoralidade. E cresce a grandiosa vaga popular, que tudo avassalará sob a sua acção restauradora, varrendo até o ultimo vestigio dos factos que já começam a encher-nos de vergonha.

Que importa a resistencia automatica dos que ainda obedecem passivamente á disciplina d'aquelles que usurparam o mundo? Tudo será vencido pela logica e ainda mais pelo proprio instincto de fidelidade que dormita apenas no coração dos obscuros representantes da força. Vêde o movimento fremente que já se produz!... Duas mil pessoas concorrem ás exequias officiaes do excelso monarcha e banham de lagrimas a sua effigie envolvida em crepe.

Por toda parte, missas, prantos, palavras repassadas de saudades, manifestações de dôr e agradecimentos calorosos á França pela fórma de apotheose que ella deu aos funeraes do nosso Imperador. As listas crescem, avolumam-se: todos disputam o direito de ter estado presente ás reuniões em homenagem ao amado Soberano, cujos retratos compram-se ás centenas, logo cobertos de inscripções tocantes e commovidas.

Nomes illustres, brilhantes, representando longos e eminentes serviços prestados ao paiz, e desapparecidos durante este abominavel parenthesis de vida brazileira, resurgem agora, assignalando o

periodo de esperança que já se manifesta e impõe aos mais recalcitrantes em acreditar em uma mudança de situação.

E notem que ninguem se revolta, ninguem conspira... Isto é que se torna bello e admiravel.

A propria logica é que unicamente domina e vence os acontecimentos brutaes, estabelecendo ferozmente o confronto e pondo em ironico parallelo 50 *annos de paz e moralidade com dous annos de violencia e torpezas*. Que hesitação póde haver diante d'esta evidencia? Ás cousas fallam por si.

Mas ah! foi necessario que baqueasse no tumulo o nosso grande patriota, o Sr. D. Pedro II, para que os olhos do povo se abrissem emfim ao clarão da verdade e soluçassem todos os peitos de remorso e de arrependimento. As grandes catastrophes trazem ás vezes d'estes resultados: reacção benefica e favoravel, que succede sempre ás crises agudas. Não importa!... á memoria do nosso velho Imperador sorrirá de certo ainda este sacrificio—o supremo e derradeiro—da sua vida, que veio emfim sacudir o povo brazileiro do seu lethargo inexplicavel, despertando-lhe os brios, a generosidade, e acordando-lhe novamente o sentimento monarchico, da legalidade e da justiça, unico que póde salvar a nossa patria da anarchia e decadencia em que se está despenhando.

D. Pedro II ha de voltar! Inanimado, sim, frio e inerte no seu esquife imperial, mas vivo, bem vivo no coração dos Brazileiros, que o receberão com gritos de amor e de saudade, acclamando-o freneticamente na sua dynastia restaurada.

Brazileiros, coragem e esperança!

UM FIEL.

12 de Dezembro de 1891.

(*Jornal do Comm.* de 13 de Dezembro de 1891).

SUA MAGESTADE O SR. D. PEDRO DE ALCANTARA

Ah! tudo elle perdeu:—o throno, a esposa, a patria, a saude, meio seculo de labor quotidiano, o bem estar domestico no regaço da familia idolatrada e, finalmente, a sua preciosissima existencia, ficando-lhe apenas das passadas glorias o renome de soberano exemplar, senão a triste certeza de que só Deus é grande, immutavel, eterno e omnipotente, embora sempre procurasse beneficiar a mór parte d'aquelles que depois tantos males lhe causaram...

Acaba o telegrapho de transmittir-nos a triste quão dolorosa nova do passamento de Sua Magestade o Imperador, fenecendo com elle as ultimas esperanças da Patria.

Valetudinario, banido como se tivesse commettido algum grande crime, ferido cruelmente pela perda de sua idolatrada esposa e pela perfidia dos taes aulicos do Paço e fidalgos da Casa Imperial, e transido de saudades do seu adorado Brazil, cuja lembrança havia necessariamente de causar-lhe terrivel nostalgia, — nem siquer pôde, conforme tanto almejava, vir repousar no solo abençoado da Patria o somno eterno, que o mais humilde e obscuro dos brazileiros logrará:

— « Amou a liberdade e a independencia
Da doce cara Patria, a que a Demagogia
Ainda opprime sem dó, com riso e mofa:—
Eis o seu crime todo!...»

Devem, portanto, estar satisfeitissimos os *sans-culottes* que desterraram o velho Imperador, e bem assim aquelles que, segundo a linguagem severa de Tacito, tudo fazem servilmente para alcançar o poder:—« *Omnia serviliter pró dominatio ne...* »

Entretanto, Sua Magestade o Sr. D. Pedro de Alcantara foi para a nossa Patria, como bem o classificára préviamente José Bonifacio, em um dos seus multiplices discursos pronunciados no Parlamento Brazileiro,—« o iris de bonança, se não o anjo da paz na Terra de Santa Cruz. »

Curvemo-nos, pois, respeitosamente ante a memoria do primeiro Brazileiro, já que não podemos tambem desfolhar sobre a sua campa as saudades da Patria :

« Gallicana donzella, lacrimosa,
Trajando roupas lutuosas, longas,
Do seu pobre sepulchro a tosca lousa
Só cobrirá de flôres ».

« Que um Governo inclemente, ingrato ou fraco,
A's suas cinzas um buraco negue;
Talvez tempo virá que ainda pranteie
Por elle com dôr pungente... »

Brótas, no Estado de S. Paulo, 8 de Dezembro de 1891.

NIVALDO BRAGA.

(*O Brazil* de 13 de Dezembro de 1891).

O SR. D. PEDRO II

« Feriram ao pastor, as ovelhas estão em desarranjo.»

JESUS.

A triste noticia da morte d'aquelle que durante meio seculo foi um monarcha exemplar, um pai extremoso, um philosopho christão, um modelo de virtudes, veio ferir nosso coração magoado pelas saudades.

Após a noite do tumulo, já o sol da justiça brilha sobre sua memoria.

Os espinhos da sua corôa lhe sirvão de degráos, para que sua alma pura suba aos pés de Deus. As nossas lagrimas e as nossas preces, verdadeira prova de uma gratidão sincera, serão a sua glorificação na terra e sua santificação no cèo.

Rio, 13 de Dezembro de 1891.

José Alvares de Magalhães.

(*Jornal do Brazil* de 14 de Dezembro de 1891).

O IMPERADOR

Escreve-nos de S. João d'El-Rei o nosso amigo Sr. Aureliano Pimentel, illustradissimo professor e distincto homem de lettras:

« Salve, meu amigo!

Acabo de assistir as solemnes exequias hoje celebradas na egreja do Carmo aqui.

Hontem o foram na do Rosario, promovidas pela gratidão... Sim, o verdadeiro povo, colmeal de trabalhadores, é dedicado ao catholicismo, e não póde apoiar esta situação que declarou guerra a Deus, e só se mantém pela força, tendo suffocado a liberdade do voto. Esta, porém, procura um desafogo, e acha-o na sombra do sanctuario, onde se apinha a multidão dos crentes. Escusado é pois dizer que assaz concorridas tem sido aqui as exequias pela alma do nosso Imperador. Os cenotaphios, elegantemente armados e com o retrato do Libertador, eram dignos dos magestosos templos d'esta cidade. No do Carmo em dous quadros collocados alli em frente liam-se estes dizeres: Lei de 28 de Setembro de 1871.—Lei de 13 de Maio de 1888.— Conciso e sublime elogio!

Nenhum epitaphio dos grandes conquistadores póde competir com esse: não!

A oração funebre foi feita pelo padre João Pimentel, o mesmo que havia sido o orador das festas de 13 de Maio, e que, tendo vivido dous annos sob o mesmo tecto com o Sr. D. Pedro II, dá testemunho da inexhausta liberalidade com que Sua Magestade soccorria os pobres, das reverentes homenagens por elle prestadas ao SS. Sacramento. A estreiteza de tempo não me permitte mais dizer.

Deus se ha de compadecer do nosso povo que não conspirou contra seu Ungido. Ainda espero beijar a mão da legitima herdeira do throno perseguida pelos inimigos da Cruz, como se vê pelos seguintes versos:

« Na hora propicia em que a deusa o queira,
has de ir descalça, tu, varrer a esteira
da capella pagã, turma d'atheus!
tal como dizem que a princeza herdeira
ia varrer o templo do bom Deus,
por sua propria mão...
Humildade christã, que foi virtude;
hoje, crime de tanta magnitude
que escandalisa a terra e brada aos céos,
Outro crime:—Abolio a escravidão!!!
Chora, senhor! que mais pódes fazer?
chora, perdôa e ama, e espera a morte.
Não sondes do futuro o negro arcano.
. . . .
Bem dizia Herculano
ao ver o inferno dos baldões da sorte
—As vezes dá vontade de morrer!

1 de Janeiro de 1890.—THOMAZ RIBEIRO.

Bom é que o povo saiba qual a verdadeira causa do levante ou sedição. Ora, ninguem melhor

que um grande poeta póde dar lições de historia ás gerações vindouras. Ainda ha muitos simplorios que não enxergam ou não querem enxergar o caracter satanico da revolução.

Basta de roubar os preciosos momentos de meu amigo.»

(*O Brazil* de 15 de Dezembro de 1891).

SUA MAGESTADE O IMPERADOR

VILLA NOVAES

Estação do Cruzeiro

Hoje foi celebrada na capella da fazenda do major Novaes, pelo virtuoso e illustrado vigario da villa do Cruzeiro, uma missa com *Libera-me* pelo eterno descanço de Sua Magestade o Imperador.

A respectiva capella, préviamente adornada tendo no centro uma decente éça com os bustos imperiaes, achava-se repleta de fieis, que com fervor sincero oravam pelo repouso da alma do pranteado e querido monarcha.

Terminadas as ceremonias religiosas tentou fallar sobre o acto o major Novaes, que não pôde continuar logo após as primeiras palavras por sentir-se commovidissimo.

N'este momento então achando-se presente o cidadão Bernardino de Brito, embora de passagem n'esta villa, onde residio por muitos annos, tomando parte activa e saliente na direcção politica local, na qualidade de amigo pessoal do major

Novaes, e admirador do illustre morto, tomou incontinente a palavra, e de improviso proferio uma brilhante e florida allocução ; pela clareza e sinceridade de suas palavras teve um triumpho completo, arrancando lagrimas de alguns dos circumstantes, sendo ao terminar muito felicitado. Tomando novamente a palavra o major Novaes, declarou que, com o mais intenso pezar, era obrigado a reformar seu testamento porque com a morte do monarcha estava prejudicada uma de suas mais espontaneas disposições. Aberto o referido testamento pelos dignos moços Bernardino de Brito e tabellião João Abrandino, foi mostrado ao publico e lido na parte referente ás Suas Magestades, onde de facto o major Novaes fazia doação a estes de um confortavel terreno em sua importante fazenda em o local escolhido de preferencia para a construcção de um palacete, ou quinta, com suas dependencias adjacentes, afim de Suas Magestades utilisarem como melhor aprouvesse. Rogava a seus filhos que fossem sempre fieis, leaes e generosos á familia imperial em qualquer transe, venerando-a dedicadamente como elle ; que com esse procedimento respeitariam sua memoria e acatariam suas cinzas de progenitor. Se fosse mister provar a amizade sincera do major Novaes a Suas Magestades estaria na leitura d'esse documento antigo a prova fiel de nossa asserção. Parabens ao illustre paulista major Novaes.

Terminado o acto solemne da missa, mandou ainda esse cavalheiro fazer distribuição de esmolas em cedulas de 1$ e 2$ á pobreza presente e necessitada, sendo avultada a somma distribuida, além da que já fôra dada pelo mesmo major na igreja de S. Francisco, na Capital Federal, no dia 6 do corrente, após a missa alli mandada suffragar.

A'vante major!

Actos d'estes muito o elevam perante os homens honestos e a sociedade.

MONARCHISTA.

Villa Novaes, 10 de Dezembro de 1891.

(*Gazeta de Noticias* de 16 de Dezembro de 1891).

AO POVO

Retirando-nos da imprensa, e talvez que definitivamente, devemos ao povo a explicação das razões que a isso nos obrigam.

Em nosso numero de hontem expuzemos o facto de que fomos victimas; mas abstendo-nos de enunciar qualquer proposito ou deliberação que sómente poderiamos tomar depois de conferenciar com o Governo do paiz, a quem sobretudo incumbe a garantia da legalidade e da ordem de que se diz sustentador.

Essa conferencia realizamol-a hontem, na secretaria do interior, com o Sr. Dr. José Hygino Duarte Pereira, que entre os diversos ramos sob sua administração tem o da justiça. Estava tambem presente o Sr. Dr. José Caetano Rodrigues Horta, presidente da Companhia *O Brasil*, e, como tal, representante da propriedade juntamente ameaçada com a redacção d'esta folha.

Recebidos attenciosamente por S. Ex., expuzemos-lhe com a devida precisão o desacato que nos fôra feito em uma das ruas centraes d'esta cidade, durante uma hora, ou mais, sem que da parte da policia de S. Ex., houvesse acto que demonstrasse estarem vigorando as leis protectoras

da segurança individual, do direito de propriedade e, mais que tudo, da livre manifestação do pensamento.

Agglomerar-se um grupo em frente de uma casa, clamar por determinada pessoa para assassinal-a, procurar uma escada, escalar um sobrado —tudo isto se fez em local que demora a meio minuto de distancia do largo de S. Francisco de Paula e a cinco minutos da repartição de policia.

D'esse plano, accrescentámos, foramos prevenido, e amigo nosso, relacionado com o nobre ministro, se offerecera para de nossa parte solicitar garantias; mas prohibimos-lhe que o fizesse fallando por nós, porque em paiz civilisado não é preciso que os cidadãos estejam, por qualquer boato, a incommodar a autoridade. Esta deve ter consciencia de seus deveres e cumpril-os austeramente. Diante, porém, do principio de execução de planos criminosos, tinha todo logar o perguntar-se ao ministro da segurança publica até onde a podia garantir aos jornalistas, posto que seus adversarios politicos.

Ha mais, Sr. ministro, ponderámos ainda. Diversos cidadãos, entre os quaes alguns que representam grandes serviços á nossa patria, reuniram-se para promover uma solemne manifestação de pezar pela morte do Imperador e suffragar-lhe a alma tão boa e generosa. Desde então esses homens estão sendo continuadamente avisados, por pessoas de criterio e dignas de attenção, de que em um *club* denominado *Tiradentes* e em outra reunião de moços, presididos ambos por membros do Congresso, se tem planeado o assassinio dos membros da commissão de exequias.

Escusado é accentuar a triste gravidade de tal situação e o papel que n'isto desempenham os poderes publicos.

Se as exequias do Sr. D. Pedro II, a juizo do Governo, constituem um perigo para a estabilidade das instituições republicanas, o que ao mesmo Governo competia era declaral-o francamente, prohibindo-as, caso em que nenhum dos honrados membros da commissão, muitos dos quaes já foram homens politicos, duvidaria em obedecer as ordens da autoridade. Permittil-o, porém, e tolerar que sob as vistas do ministerio se arme um grupo de *fanaticos* para perturbal-as, revivendo no regimen da *legalidade* o processo dos *suspeitos*, certamente importa no mais formal descredito da respeitabilidade governamental e dos nossos fóros de nação regida constitucionalmente.

Quanto á imprensa, declarámos ao Sr. ministro que ainda mais razão de queixa tinhamos do seu Governo que dos que haviam precedido na Republica.

Com effeito, o Provisorio trucidou o livre jornalismo politico em 23 de Dezembro de 1889. A dictadura Lucena decretou o estado de sitio. Medidas foram essas tyranicas, não ha duvida, mas francas. Diante d'ella só havia o calar. Mas o actual Governo assegura a liberdade, e tolera nas ruas a *mashorca* ameaçando a imprensa, o commercio e a pedir cabeças de adversarios!

Se ha conspirações, Sr. ministro, dissemos (e a isto S. Ex. atalhou observando que nunca fallára em conspiradores), se ha conspirações, cumpra o Governo a sua obrigação, vigiando, colhendo provas e punindo os culpados segundo as leis do paiz. Onde, porém, a demonstração das accusações vagas do Sr. Lucena contra os monarchistas? E outro não é o systema agora seguido pelos amigos do Governo.

No terreno da propaganda ou nos deixam a liberdade, ou não haverá democracia. A Republica

de V. Ex.—dissemos—sómente se póde consolidar sendo honesta e tolerante. (*Acquiescencia do Sr. ministro*). V. Ex. é um homem de bem, nós o reconhecemos, mas já estamos vendo que não póde incutir em seu Governo a tolerancia de que elle necessita para subsistir.

A tudo isto, que o Sr. Dr. José Hygino fez-nos o obsequio de ouvir, S. Ex. contestou que, realmente, deplorava o que assim levavamos ao seu conhecimento. Que ainda não tinha lido *O Brasil*. Que o Governo, sem ostentar legalidade, muito estimaria fazêl-a respeitar, mas que lutava com as maiores difficuldades pelo estado de anarchia em que encontrára o paiz e não podia reprimir o elemento (*teve hesitação*), o elemento *arruaças*.

— V. Ex., atalhámos, confessa então a impotencia do Governo para garantir o livre exercicio da imprensa opposicionista e a existencia ameaçada de varios cidadãos?!

Aqui S. Ex., em cuja sympathica physionomia liamos o conflicto entre a sua consciencia e a sua difficil posição official, entrou em rectificações para dizer, em summa, que o Governo não era de todo impotente para a repressão das turbulencias e crimes, mas que estava summamente embaraçado para effectual-a.

Então, e visivelmente penetrado pela bôa razão que nos assistia, S. Ex. pedio-nos lhe indicassemos o que desejavamos fosse feito para garantir o nosso direito, offerecendo-se para mandar guarnecer o nosso estabelecimento com forças de policia.

Declinámos da offerta.

Perguntou-nos então S. Ex. o que queriamos fizesse o Governo.

— Não nos ponha V. Ex., respondemos, na situação de ensinar a pessoa tão illustrada os seus

deveres governamentaes. Se o Governo quizesse, ou pudesse, taes cousas não se fariam. Mas desde que elle, com menosprezo do proprio exercito, da armada e da guarda nacional, de que V. Ex. é o chefe, como Ministro da Justiça, tolera que se armem fanaticos e se constitua a intimidação systematica, só resta aos opprimidos darem á Republica de V. Ex. o presente que ella almeja: a paz de Varsovia.

Com estas palavras nos despedimos do honrado ministro, que em nosso espirito deixou a impressão de uma notavel e triste bondade — triste pela perfeita noção de que deve fazer o bem e de que se acha na impossibilidade de o realizar.

Esta é a verdade: o Governo, ou pelo menos o elemento são que o constitue, está de braços atados diante da *mashorca* triumphante!

Que fazer?

Como jornalista, cessar a publicação d'*O Brasil*.

Chefe do partido com que fantasiosamente nos gratifica a imaginação accesa dos desordeiros, nós tocariamos a rebate e chamariamos a postos os nossos amigos para o terreno aonde somos provocados.

Mas o monarchismo não é um partido. E' uma aspiração nacional.

N'estas condições como discutir com quem não nos deixa fallar? Como oppôr o argumento ao tiro ou á punhalada? Como ter em constante perigo a vida dos nossos collegas e dos honestos operarios que comnosco trabalham?

Ceder á força não é desdouro. Quem se deshonra é a força injusta e prepotente.

A Republica, em todas as suas phases, tem sido a perseguição da imprensa.

Aquella bandeira imposta pela violencia é um symbolo.

Pela escalada e pela vozeria é que esta democracia pretende vencer a opinião adversa.

Nos debates do jornalismo temos sempre sido antagonista intransigente, mas prezando-nos de cortezia e deferencia para com as alheias convicções.

Se ganhámos terreno, é porque defendiamos a boa causa—a da religião contra o philosophismo e a da liberdade contra a tyrannia, ou esta se chame o 23 com Bocayuva ou *estado de sitio* com Lucena ou *legalidade* com Floriano.

O Governo que não demonstra com factos a sua efficacia para repressão do tumulto e das arruaças. perde mais do que nós com a suppressão d'esta folha.

Não ha um unico homem de bem que nos attribua o pensamento de retrahir-nos quando pudessemos escrever livremente.

Se nos calamos, é que o *Terror* se faz auxiliar da Republica.

Quanto aos nossos respeitaveis amigos, membros, como nós, da commissão indicada pelo povo para tributar á memoria do Sr. D. Pedro II a solemne demonstração a que ella havia direito, se d'aqui lhe puderamos dar algum conselho, seria que de tal se abstivessem.

Já não ha nem liberdade para publicamente orar pelos amigos!

Retraiam-se, como nós, para tranquilisar os homens da situação e não tornar mais difficil o inglorio papel dos poderes publicos n'este desgraçado paiz.

E que mais solemne do que esta poderiam ser as exequias do tolerante e magnanimo Imperador!

Forçoso será reconhecer que com elle pereceram as nossas liberdades civicas!

CARLOS DE LAET.

(*O Brasil* de 18 de Dezembro de 1891).

Á MEMORIA DO FINADO D. PEDRO II

EX-IMPERADOR DO BRAZIL

Que dôr! que pranto!
Pezares mil;
De luto o manto
Cobre o Brazil.

Sem culpa ou erro,
Pai muito amante;
Morre em desterro
Nosso Imperante!

Cesse o chorar;
O' povo crente,
Convém orar.

O Deus potente
Póde lhe dar
Um reino ingente.

Mariana, 7 de Dezembro de 1891.

(*O Apostolo* de 18 de Dezembro de 1891.)

GOYAZ

D. PEDRO DE ALCANTARA

Tambem n'esta remota localidade o povo, que nunca beijou as mãos d'aquelle illustre morto, procurou render homenagens á sua memoria.

Por iniciativa do coronel Joaquim Luiz Teixeira Brandão, foi celebrada uma missa por alma do ex-imperador, á qual concorreu grande numero de pessoas gradas. Findo o acto religioso, o Dr. João Luiz P. Brandão, no estylo laconico e vibrante, que lhe é peculiar, fez um lindissimo discurso analogo ao acto.

Quem conhece a facilidade com que o Dr. Brandão sabe desenvolver-se em questões difficeis, poderá avaliar a belleza de seu discurso, considerando a sublimidade do assumpto.

Para este povo era D. Pedro a pedra angular de todas as nossas liberdades.

Pirenopolis, 12 de Janeiro de 1892.

(*Jornal do Comm.* de 28 de Janeiro de 1892).

JORNAL DOS JORNAES

O Sr. Stephen Liégeard, autor da *Costa d'Azul* e dos *Grandes Corações*, era como se sabe um dos mais fervorosos amigos e admiradores do Imperador D. Pedro II e bem acaba de o testemunhar publicando na *Autorité* de 2 de Fevereiro o mais caloroso panegyrico que a memoria do soberano inspirou até agora a um homem de lettras. As dimensões d'esse trabalho não permittem a sua inclusão integral n'esta chronica e outra razão ainda me impede de offerecer aos leitores do *Jornal* uma traducção completa do estudo que o Sr. Liégeard intitulou:—*D. Pedro II d'Alcantara, patriota e poeta.*

Arrastado pela sua dedicação ao desventurado soberano, a penna do panegyrista deixou-se resvalar pelo terreno escorregadio da politica e entregou-se a considerações vehementes sobre assumptos que não são do meu dominio. Estão ainda excessivamente proximos de nós os acontecimentos e

demasiado quentes as paixões que elles suscitaram, para que seja conveniente collocar sob os olhos dos leitores apreciações por certo muito sinceras, mas que podem parecer a alguns tanto mais irritantes quanto é certo que emanam d'um estrangeiro.

De resto, é essa a parte fraca do estudo do Sr. Liégeard; o que elle diz dos homens e cousas do Brazil, onde supponho que nunca foi, deve ter feito vir um sorriso aos labios dos Brazileiros que leram o artigo nas columnas da *Autoridade.* E quando elle, alludindo á desgraçada morte de Silva Jardim, falla das *fendas do Vesuvio abrindo-se vingadoras, sob os passos d'um cumplice* dos que derrubaram D. Pedro, afigura-se-me que abusa um pouco das liberdades concedidas a um poeta, sobretudo quando escreve em prosa, e que deseamba um pouco no ridiculo por excesso de emphase e de prosopopéa.

Eis em compensação um bonito esboço da vida patriarchal do soberano, na sua residencia favorita junto ao Mediterrano:

« Cannes, a perola da Costa d'Azul, Cannes, ella propria a sua predilecta, se encantava os seus olhos, não conseguio captivar-lhe o coração. Foi ahi, á vista do Golpho de Napoles, n'esse hotel bem intitulado *Beau Séjour*, que D. Pedro viveu os ultimos invernos da sua vida. Da varanda de seu gabinete, o seu olhar abrangia os magicos horizontes do Esterel ; o ar balsamico dos pinheiros retemperava-lhe as forças; podia sonhar com a *Diamantina*, á scintillação dos carbunculos dansando na vaga azul.

Senhor então de um dos mais bellos imperios do mundo, adorado pelo seu povo, D. Pedro vinha pedir a saude á fada encantadora do Littoral e esta servia-lh'a a plena taça. Por isso tambem nunca foi mais activo o commercio de espirito entre o

imperador e a elite dos seus correspondentes. As communicações do instituto afluiam, as brochuras de todas as côres constellavam a mesa de trabalho. Sabios illustres como o seu velho amigo, o Sr. Daubrée, professores eminentes como o Sr. Fustel de Coulanges ou o meu confrade da Academia de Lyon, o Sr. Clément Jobert, litteratos de marca, taes como os presidentes Rigaud e Rolland, Planchut, e tantos outros, sentiam prazer e gloria em visitar o augusto erudito. As horas voavam celeres, emquanto se discutia a descoberta recente ou o livro novo. Por vezes o salão transtornava-se em laboratorio... E sempre a imagem do Brazil, o cuidado da sua gloria, o interesse pelo seu futuro, pairavam nos labios do mestre. Assisti um dia aos interessantes esclarecimentos fornecidos, com auxilio de chapas microscopicas, pelo Sr. Jobert, ácerca do phylloxera do café e os meios de o destruir. O habil experimentador tivera o dom da convicção e recebêra convite para ir no anno seguinte ao Rio de Janeiro. A essa hora mesmo, um microbio mais perigoso, o da ambição miseravel, o da traição...... »

Alto ! Lá escorregamos para a politica. Deixemos os microbios em paz, incluindo aquelle tal *philloxera do café*, que deve fazer bramar de furor não só os plantadores como os etymologistas.

Abundam no artigo do Sr. Liégeard as referencias á intimidade intellectual com que o soberano o honrava e, agora que o estou relendo mais attentamente, noto que o autor cedeu com demasiada complacencia ao prazer de fallar de si, tanto pelo menos como d'aquelle que se propunha a elogiar. D'ahi a ostentação demasiado prolixa de todos os encomios que D. Pedro lhe dispensou em cartas particulares, desde a em que lhe chamava

— *coração cheio de harmonia* — até aquella em que lhe envia a traducção d'um soneto do Sr. Liégeard em honra de Beatriz. A descripção d'uma conferencia que, a pedido do Imperador, o poeta realizou, tendo por assumpto o Brazil, serve-lhe de pretexto para recordar os applausos com que o conferente foi saudado pelo publico e as lagrimas que a sua eloquencia arrancou á sensibilidade do augusto ouvinte. Em summa, o panegyrico de D. Pedro é nas mãos do Sr. Liégeard um manto assás largo para envolver nas suas dobras o poeta e o soberano. Quero crer que é por pura gratidão que a alma do Sr. Liégeard se compraz em evocar os favores recebidos de mão tão augusta, mas a sua modestia soffreria talvez menos se a cada paragrapho do seu artigo não encontrassemos referencias habilmente conduzidas, ao apreço que o seu illustre amigo votava aos talentos do autor.

(*Jornal do Comm*. de 6 de Março de 1892).

D. PEDRO II

Um dos nossos amigos enviou-nos a seguinte narrativa da sessão mortuaria em homenagem á memoria do cidadão que por muitos annos governou este paiz, e que é conhecido na historia pelo nome suppra escripto.

« Foi na noite de 4 do corrente, no antigo paço onde o *Instituto Historico e Geographico* sempre celebrou suas sessões.

A sala das sessões estava muito illuminada, vendo-se no fundo o busto do Imperador, com uma corôa de louros, descançando sobre um pedestal coberto de crépe.

Ao lado guardavam-no os bustos de velho general Cunha Mattos, e do conego Januario da Cunha Barbosa, fundadores do Instituto.

A cadeira, no topo da mesa, em que se sentava o venerando monarcha, estava coberta de crépe.

Estiveram presentes os socios Conselheiros Olegario, Portella, Correia, Araripe e Fernandes de Barros, o Sr. H. Raffard, o Barão de Capanema (a principio), os Commendadores Luiz Alves, Luiz Rodrigues e A. J. Gomes Brandão, e Drs. Cesar Marques, Macedo Soares e Teixeira de Mello.

Entre os espectadores notavam-se os Viscondes de Soccorro e de S. Luiz do Maranhão, Drs. Baptista Pereira e Carneiro Leão, Carlos Perdigão, Barão de Franco, Bento Carneiro, Barão do Ladario com sua Exma. senhora, a senhora, filhas, genro e filhos do Conselheiro Olegario, Conselheiro Costa Carvalho, Dr. Delphino Filho, etc., etc.

A's 7 horas o presidente Conselheiro Olegario abrio a sessão lendo um bellissimo discurso, escripto com a penna da saudade, recheiado de considerações historicas e litterarias, fazendo realçar o governo, os dotes, as excellentes qualidades e as acrysoladas virtudes do venerando finado, sempre em estylo alevantado e com eloquentes phrases.

Revelou elle, que quando o velho monarcha chegou da Europa, o Conselheiro Miranda Rego, como mordomo interino, apresentou-lhe as contas da gerencia de sua casa, e disse-lhe : « Senhor, ha um saldo a favor da Casa Imperial de 13:000$000.»

Qual saldo, replicou o Sr. D. Pedro, não quero que digam que eu enthesouro dinheiro, dê quanto antes essa quantia aos nossos pobres.

Terminou offerecendo a obra—*A arte de ser Avô* com um enveloppe onde se acha o retrato do venerando Victor Hugo, abraçado por seus dous netos, que ao velho D. Pedro foi offerecido por esse sabio poeta francez, como se lê na *Dedicatoria*.

O Sr. D. Pedro mimoseou o Sr. Olegario com tudo isto, e com uma carta, toda escripta pelo seu

proprio punho, revelando a sua profunda saudade pela morte da Santa Imperatriz.

Ainda n'essa hora elle pensava no Brazil promettendo mandar-lhe apontamentos para o Codigo, e pedia-lhe que, no caso de Julio Ribeiro ter publicado mais algum livro, que lh'o mandasse.

Todas estas preciosidades foram offerecidas ao Instituto, como recordação d'aquelle dia.

Seguio-se o provecto e illustrado orador o Sr. Conselheiro Correia, que, com sua palavra, com sua eloquencia sempre florida, discorreu com acerto sobre o assumpto, adquirindo n'esta occasião muitas flores de gloria para si.

Adoecendo o Sr. Barão de Capanema, pedio e obteve que fosse incumbido o Dr. Cezar Marques de ler uma pequena, porém, mui substancial nota sobre a questão das Missões.

O Dr. Cezar Marques desempenhou a commissão, precedendo-a de algumas palavras, onde disse que ahi estavam os corpos dos membros do Instituto, mas que as suas almas, cheias de saudade, estavam longe e bem longe, ajoelhadas ao redor do tumulo do grande patriota, e do incansavel protector do Instituto, e que n'essa hora solemne, só se fallava a linguagem da verdade, como se ia ver no trabalho do illustre Barão de Capanema.

A nota consiste em provar, que o Imperador nunca insinuou cousa alguma em relação ao territorio das Missões, que elle foi, como chefe da commissão, incumbido de demarcar.

Que muitas vezes lhe disse, que não cederia um só palmo de terra da Patria, por convenção ou combinação alguma, e sim quando pelos juizes competentes fosse decidida a questão, que por arbitragem, para provar a imparcialidade do Brazil, seria confiada a um paiz republicano.

Seguio-se com a palavra o orador do Instituto, o Sr. Commendador José Luiz Alves, que em um longo e minucioso discurso descreveu a vida tão preciosa do grande exilado, que longe da patria querida, dos amigos, dos subditos, quasi filhos, expirou o ultimo alento de sua vida tão preciosa.

O orador nos revelou, que um dia o Visconde do Bom Retiro em conversa amigavel com elle disse : « Senhor—Ha muitos annos Vossa Magestade governa o Brazil ; já ha muito material para se escrever a sua biographia ».

Para que, interrompeu o velho Philosopho? A minha biographia escreve-se em meia folha de papel em branco, tendo no alto o meu nome, e em baixo estas palavras :— « O meu successor fará com que me façam justiça ».

Acabou-se a sessão pouco antes das 10 horas.

Philosophemos.

De todos os entigos senadores só lá se viram o conselheiro Correia, Barão de Pereira Franco e Visconde de S. Luiz do Maranhão

De deputados, de conselheiros, de fidalgos, de antigos ministros e de tantas pessoas a quem elle fez subir em posição de fortuna, nem uma só lá estava.

Quando no poder o Sr. D. Pedro II grande era o numero de amigos, de admiradores e de apreciadores que o endeosavam.

Cahio do poder... arribaram as andorinhas. Bem disse *Ovidio*, o poeta latino :

Donec eris felix multos numerabis amicos.
Tempora si fuerint nubila, solus eris.

Esta sentença foi tambem expressada pelo escriptor francez Ponsard, na comedia L'honneur et l'argent :

Heureux ? vous trouverez des amitiés sans nombre.
Mais vous resterez seul, si le temps devient sombre.

Tudo isto foi depois para a nossa lingua, pelo notavel romancista portuguez, assim traduzido :

Amigos... terás muitos, se és ditoso.
Ennublou-se o teu céo ? eis-te sózinho.

Não vimos lá um só militar do Exercito e da Armada, embora consocio.

Seria por serem republicanos ?

Não aproveita a desculpa, porque lá estavam o Conselheiro Alencar Araripe e o Dr. Macedo Soares, que o são de outras éras, e não *adhesistas*, isto é, quando o sol da Republica, por traição ou surpreza, despontou bem triste nos horizontes da Patria.

Consta-nos que faltaram por estarem doentes o legendario Marquez de Tamandaré e o Sr. Marquez de Paranaguá.

Honra a esses benemeritos cidadãos que não tiveram receio, antes se orgulharam de ser os cortezãos da desgraça.

(*Jornal do Comm*. de 9 de Março de 1892).

D. PEDRO II

Ao grande e sabio e justo e bom Pedro Segundo,
Amado de seu povo, honrado em todo o mundo,
Que zeloso ao Brazil cincoenta annos servio,
Que era o mais patriota e illustre brazileiro,
No alto cargo, em serviço, em merito o primeiro,
Militar sedição prendeu, depôz, banio!

Tão enorme era o facto e tão enorme o crime,
Que incrivel pareceu; e o pasmo não se exprime
Que ao povo brazileiro e ao mundo elle causou.
Foi rapida surpreza; os animos tomados
Ficaram de estupor; e um troço de soldados
Pela cidade inerte, ovante passeiou.

Temeram que acordasse o povo...Condemnado
A exilio com os seus... ei-lo que despertado
Alta noite, qual réo, já para sempre sae...
Entre fileiras, grave e calmo, vai passando...
Armas empunham contra o velho venerando,
Quaes filhos apontando ao peito de seu pai!

Inda a nova estupenda ao longe não corria,
E a cidade aterrada e attonita queria
Ao monarcha infeliz dizer o ultimo adeus,
Já elle e a imperial familia navegavam,
E da patria a saudade amarga já provavam,
Na vasta solidão em que ha só mar e céos.

Ao ver longe, a sumir-se, a terra patria amada,
E ao contemplar do sul a abobada estrellada,
A refulgente Cruz, por derradeira vez,
Nas ondas immergindo o antarctico hemispherio,
Como nas da revolta immerso fôra o imperio...
Talvez se lhe turvasse a heroica placidez.

Ah! certo padeceu funda melancolia,
Quando de noite o vento em torno lhe gemia,
E o seu lamento eterno o mar fazia ouvir!
Mas nada revelou do olhar sereno o lume,
Não deixou escapar jámais um só queixume,
Nenhuma increpação lhe ouviram proferir.

Tal havia de ser-lhe o galardão supremo!
Quando estava a chegar da vida ao termo extremo,
E doença fatal o quebrantava já.
D'este mundo fallaz crueis vicissitudes!
Oh! quantas vezes dás em premio das virtudes
Cicuta ou proscripção, Fortuna vária e má!

Quando solta anarchia esta nação gigante
Pudera espedaçar, o Imperador, infante
Em fragil berço, foi que salvação nos deu;

E da guerra civil o facho incandescente
Ao depois apagou, com mão branda e prudente,
E a nossa integridade em forte nó prendeu.

Mais tarde, quando audaz e barbaro inimigo
Nossa honra insultou, ao subito perigo
Da patria, o pundonor lhe soube sustentar.
Quem mais ardente e firme e resoluto e activo?
Ao exercito e ao povo o seu fervor tão vivo
Deu força e confiança, e fez-nos triumphar.

Nunca repouso teve... e da paz no remanso
Tambem cogita sempre e lida sem descanso,
Em tudo o mesmo zelo, em tudo o mesmo ardor.
Era demais um sabio... a quem ha muitos annos
Disse aquelle primaz dos vates lusitanos
« Quem mede em ti o sabio, esquece o Imperador.»

Sciencia e artes amou e lettras; caridade
Generoso espalhou; manteve a liberdade;
O nome do Brazil honrou entre as nações;
E emfim de seu reinado aos actos tão fecundos
Remate poz, ao som de applausos dos dous mundos
Aos escravos quebrando os horridos grilhões.

Por crimes taes lhe dão—a quéda e o banimento,
E não se quer que fique em nenhum monumento
Seu nome, qual si fôra o de um tyranno atroz.
Na memoria do povo ha de viver; não podem
As lagrimas vedar, que espontaneas acodem
E não podem calar da historia a grande voz.

Ao exilio chegar o vi... triste, vestido
De luto, inda a sangrar o coração ferido
Do golpe que o privou da santa Imperatriz;
E ao lado seu aquella a quem de Redemptora
Davam o nome ha pouco... Oh! gloria enganadora!
Agora mergulhada em magoas, infeliz.

Elle hoje dorme em paz... tão longe, em terra estranha,
Quem da patria fez jús a gratidão tamanha,
De albergue em pobre leito ao longe foi morrer.
Salve! grande nação, a quem nenhuma excede,
Republicana és tu, mas isso não te impede
De regios funeraes a tal varão fazer.

Scipião, a quem deu Roma tanto respeito,
Sendo accusado só, tomou-se de despeito,
« Ingrata patria, diz, meus ossos não terás ».
Este que ingratidão injusta assim desterra,
Um pouco faz levar da brazileira terra,
Deitado n'ella agora o seu cadaver jaz.

De iniquidade tal querem que gloria immensa
Proviesse ao Brazil e que a todos pertença,
Querem outros labéo lançar sobre a nação...
Mas verdade dirá a historia finalmente:
De poucos obra foi; a elles tão sómente
Justo será que caiba a gloria ou maldição.

E geme agora a patria, incerta, angustiosa,
Como nave em parcéis, por noite procellosa,
Sem bussola, e sem ter por guia alguma luz.
Protege, Omnipotente, o povo brazileiro...
Seja feliz auspicio o emblema do Cruzeiro
A'quella que já foi—*Terra de Santa Cruz.*

F. S. F.

(*Jornal do Commercio* de 2 de Janeiro de 1892).

DIA A DIA

O banimento que ferio o Imperador do Brazil não conseguio arrancal-o do coração de sua patria.

Os ultimos dias do monarcha finaram-se no estrangeiro; com a morte não cessou o exilio que pesa agora sobre um cadaver; mas, esperando a

morte em terra estranha ou repousando no tumulo dos seus—sua alma, com todas as suas virtudes, seu nome com todo o seu prestigio não deixaram por um dia a memoria do povo, punido tão claramente por essa ausencia como se fosse elle o culpado.

Um anno depois da morte do Imperador celebrámos o grande acontecimento com a mesma tristeza com que o chorámos então.

A memoria d'esse dia, de tão viva parece ter supprimido os dias que vieram depois, e fez-nos sentir ainda hoje as emoções com que acompanhámos os lances das exequias do rei desthronado: o prestito funebre atravessando tres paizes, por entre o luto geral; as nações chorando este passamento, com amarguras da patria.

Revemos ainda com uma intensidade que o tempo não diminuio o final da existencia do Imperador, estes dois annos de exilio cheios de alta nobreza e de lições admiraveis de desinteresse, bondade, patriotismo.

O seu longo reinado póde impressionar differentemente os espiritos; este periodo da vida nacional, naturalmente despertará criticas tão oppostas quanto os interesses que se hostilizavam. Mas a vida do rei desde o dia que marca o começo do infortunio até ao ultimo não está sujeita a controversia. Do ponto em que termina o reinado, como n'uma montanha a altura em que chegam as nuvens, deve começar para quem fita esta eminencia moral— o respeito sem restricções, a admiração absoluta; acima do nevoeiro das paixões, está o cimo illuminado e inaccessivel, em que o animo estoico tem a altivez erecta de um pico de granito, immerso n'uma serenidade de céo todo azul.

O contemplador d'este quadro, não precisa ser brazileiro para admiral-o; o que é para nós um

orgulho de patriota, deve ser para os outros um orgulho de homem.

Triste idéa dariam de si os adversarios da politica d'este rei se não manifestassem, ou pela confissão leal de sua homenagem, ou, melhor, pelo seu silencio, o culto que merece uma desgraça tão digna, e um exilio tão austero.

Negar a grandeza do banido é de certo modo diminuir os thesouros moraes da nossa especie e da nossa patria.

Se a alma estivesse sujeita ao confisco, prestaria um serviço ao seu paiz quem se apoderasse d'esta para enriquecer com tamanha riqueza—a causa do vencedor.

C. A.

(*Jornal do Brazil* de 5 de Dezembro de 1892).

UMA LAGRIMA DE SAUDADE A' MEMORIA DO MONARCHA D. PEDRO II

Será pelo povo brazileiro
Sempre recordado e chorado,
Pedro Segundo o laureado,
Na caridade o primeiro!

A patria traja de luto o coração...
Hoje o primeiro anniversario da morte,
Do heróe Pedro Segundo, illustração
Digno de governar a nação do sul ao norte

Monarcha dotado de grande bondade...
Amigo da patria e de um povo em geral,
Tendo n'alma firme a sublime caridade,
De afago sincero e muito natural.

Foi sempre apreciador da sciencia,
Dedicado ao homem probo e virtuoso,
Admirador da grande intelligencia,
Afagando e acariciando o joven talentoso.

Animando as lettras, as industrias e as artes,
Querendo ver o paiz bem harmonisado,
Florescente, grandioso em todas as partes
Sendo por todos os paizes muito estimado,

Eis porque hoje está o povo dolorido !...
E' por esta perda tão grande lastimada,
D'esse monarcha de todos em geral querido,
Que pela patria foi su'alma dedicada.

O' cruel, perfida e terrivel fatalidade!...
Porque assim tens-nos roubado as glorias,
Apparecidas amantes da nossa liberdade,
Querendo para o Brazil esplendidas victorias.

Prostramo-nos de joelhos diante da Divindade,
Implorando com bastante fé e contricção,
Para nos valer n'esta cruel calamidade,
Em que está passando a nossa nação.

E tu, ó Pedro Segundo, heróe brazileiro!
Recebe da patria as lagrimas sentidas
Por ter perdido a ti seu magestoso luzeiro,
Invocando a Deus paz p'ra tu'alma bemdita.

A. C. DE MEDEIROS GOMES.

(*Jornal do Comm.* de 5 de Dezembro de 1892).



DEMONSTRAÇÕES DE PEZAR

5 DE DEZEMBRO DE 1891

D. Pedro de Alcantara

Ao espalhar-se a noticia do fallecimento do ex-Monarcha grande foi o sentimento do povo.

Em signal de pezar quasi todos os bancos e companhias cerraram as suas portas e algumas casas commerciaes.

Muitas igrejas têm dado o signal funebre.

*
* *

Na rua d' Alfandega, onde funcciona o *Ensilhamento,* (1) foram affixados por alguns moços boletins convidando os seus collegas a retirarem-se como prova de sentimento por esta noticia.

(Da *Cidade do Rio*).



6 DE DEZEMBRO DE 1891

A Noticia na cidade

A cidade cobrio-se de luto ao conhecer a fatal noticia da morte de D. Pedro. As manifestações de pezar foram geraes: todos os cidadãos apressaram-se em testemunhar o seu sentimento pela perda do venerando brazileiro.

---

(1) Denominação do centro de reunião dos especuladores fóra da Bolsa.

Todos os bancos nacionaes e estrangeiros, logo pela manhã, cerraram suas portas e muitos d'elles hastearam a meio-páo a bandeira nacional. Quasi todo o commercio e muitas casas particulares tiveram igual procedimento. Na rua do Ouvidor todas as casas commerciaes e quasi todos os jornaes cerraram tambem as suas portas e puzeram em funeral a bandeira brazileira.

A bolsa não funccionou. Grande numero de associações particulares significaram logo por varios meios o seu pezar. Não eram raros os cidadãos que se vestiram de luto, e o sentimento geral, em todos dominante, era o da mais profunda magua pelo desapparecimento de um compatriota que tantos serviços prestou á patria.

*
* *

O Dr. Ventura Leite, juiz do Tribunal Civil e Commercial, propoz uma moção de profundo pezar, pelo fallecimento do grande brazileiro D. Pedro de Alcantara, nosso ex-Imperador, que banido da patria á qual prestara meio seculo de desinteressados e inolvidaveis serviços, continuou no estrangeiro a ser o mesmo extraordinario patriota dando ao mundo um rarissimo exemplo de abnegação.

Nos mesmos termos manifestou-se o Dr. Costa França.

*
* *

Na sessão da Camara Criminal do Tribunal Civil e Criminal propoz o Dr. Dodsworth um voto de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil.

Orou o Sr. Dr. Pitanga, e a proposta foi unanimemente approvada.

*
* *

O Sr. Bispo Diocesano logo que teve noticia do falleci mento do Sr. D. Pedro de Alcantara ordenou que pelo sino grande da Igreja Cathedral fosse dado a todas as Igrejas da capital, aviso do triste acontecimento e que estas dobrassem ao meio-dia.

Determinou mais S. Ex. que no 7º dia do passamento do Sr. D. Pedro de Alcantara fosse feito o seu funeral na Cathedral, com Missa Pontifical e absolvições solemnes conforme o ritual romano.

Muitos sacerdotes que hontem antes de celebrarem souberam da noticia rezaram depois da missa um *memento* por alma do ex-Imperador.

*
* *

O Club dos Voluntarios da Patria em demonstração pelo fallecimento de seu consocio o Sr. D. Pedro de Alcantara, resolveu que os seus socios tomassem luto por oito dias.

*
* *

A Associação Commercial, que cerrou as portas ao meio dia, enviou dois telegrammas á Condessa d'Eu, um dando-lhe os pezames e outro declarando que se faria representar nos funeraes do ex-Imperador.

*
* *

A directoria do Gabinete Portuguez de Leitura reunio-se hontem, em sessão extraordinaria, e, como demonstração de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, presidente honorario d'aquella associação,deliberou encerrar os seus trabalhos por tres dias, fazer rezar uma missa no setimo dia do seu passamento e officiar á familia do ex-Imperante apresentando-lhe suas condolencias por tão infausta perda.

*
* *

A Congregação dos Filhos do Trabalho D. Carlos I de Portugal resolveu pôr a bandeira em funeral e tomar luto por oito dias.

*
* *

No Externato do Gymnasio Nacional, ex-Pedro II, de que foi fundador o illustre morto, foram hontem suspensos os exames.

*
* *

Na reunião que hontem se effectuou no Banco Mineiro, sob a presidencia do Sr. conselheiro João da Matta Machado, o accionista commendador Manoel Marques Leitão propôz que na acta da reunião fosse exarado um voto de profundo pezar pelo fallecimento do illustre brazileiro D. Pedro de Alcantara.

A proposta foi approvada por unanimidade.

*
* *

O Banco dos Funccionarios Publicos suspendeu os seus trabalhos.

*
* *

As sociedades Musical Flôr de Botafogo e Club Familiar de Botafogo suspenderam por tres dias os seus divertimentos.

*
* *

A directoria do Lyceu de Artes e Officios em sessão resolveu suspender seus trabalhos por sete dias, conservando durante esse tempo encerradas as portas, a bandeira a meia haste e coberta de crepe, bem como lavrar na respectiva acta um voto de profundissimo pezar pelo fallecimento do seu grande protector e bemfeitor, o Sr. D. Pedro de Alcantara.

*
* *

O Banco do Brazil e Londres, em demonstração de pezar, suspendeu seus trabalhos.

*
* *

Entre outros vimos o seguinte telegramma remettido para Pariz pelo Dr. Menezes Vieira: Deponha corôa saudades inscripção: *Os surdos mudos do Brazil ao seu redemptor e extremoso pai!*

(Do *Jornal do Commercio*).

Demonstrações de pezar

A noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro II foi sabida aqui logo pela manhã, e, apenas divulgada, produzio a mais profunda emoção.

Como verão os nossos leitores foi geral o luto causado pela consternadora noticia. Entre as innumeras demonstrações de pezar, publicamos algumas das mais significativas.

*
* *

Toda a imprensa hasteou a meio páo a bandeira nacional, e cerrou as suas portas, como fez a quasi maioria das casas de commercio da rua do Ouvidor e adjacentes.

* * *

Defronte das diversas redacções accumulou-se muito povo, avido por saber detalhes do facto, o qual constituio o unico e absorvente assumpto do dia.

* * *

Quasi todo o commercio cerrou as portas, tendo sido nullas as transacções por atacado. A maioria das casas importadoras fechou ás 2 horas da tarde.

Os negociantes inglezes, em geral, não abriram hontem seus estabelecimentos.

* * *

Grande numero de telegrammas particulares foram expedidos á S. A. a Sra. Condessa d'Eu, expressando-lhe os mais vivos sentimentos de pezar pela dolorosa perda de seu augusto Pai. A essas profundas condolencias tambem nos associamos, fazendo votos para que na manifestação do reconhecimento encontre a Sra. D. Isabel lenitivo á sua profunda dôr de filha extremosa e devotadissima.

* * *

Muitas associações e sociedades beneficentes ou recreativas içaram suas bandeiras a meio páo; entre as quaes notámos: Bibliotheca Fluminense, Lyceu de Artes e Officios, S. Auxiliar Artistas Patriotas, Derby-Club, Jockey-Club, A. B. A. Conde S. Salvador de Mattosinhos, A. B. D. Pedro II, A. B. Capello e Ivens, Fraternidade Açoriana, Club dos Fenianos, Club dos Politicos, S. Euterpe Tenentes do Diabo, Gabinete Portuguez de Leitura, etc.

* * *

A directoria do Banco do Brazil logo que soube do fallecimento do Sr. D. Pedro II, mandou cerrar as portas do banco, enviou um telegramma de condolencias á Sra. Condessa d'Eu e resolveu mandar celebrar uma missa no 7.º dia do passamento.

* * *

A Irmandade de Santa Cruz dos militares fez içar a bandeira a meio páo, ordenou que os sinos de sua igreja dobrassem tres vezes ao dia e fará celebrar exequias por seu protector perpetuo.

*
* *

A Irmandade do Divino Espirito Santo fará celebrar uma missa de setimo dia.

*
* *

O Revm. cabido da Cathedral fará celebrar solemnes exequias no dia 11 do corrente por alma do Sr. D. Pedro II, na igreja da Nossa Senhora do Monte do Carmo, actualmente servindo de Cathedral d'este bispado.

*
* *

Reunem-se hoje, ao meio dia, em sessão extraordinaria, a directoria e conselho da Associação Nacional dos Artistas Brazileiros Trabalho União Operaria para tratar da maneira pela qual manifestará seu pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro II.

*
* *

A Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco da Penitencia, de que o Sr. D. Pedro II era protector perpetuo, mandará suffragar a sua alma com missa de setimo dia e opportunamente annunciará o dia em que fará celebrar exequias solemnes a que o mesmo senhor tem direito como dignatario da ordem.

Ordenou igualmente o encerramento das portas de sua secretaria e hospital,tomando o pessoal luto por oito dias e fazendo dobrar os sinos de sua igreja.

*
* *

No convento de Santo Antonio o Revdm. provincial pretende celebrar solemnes exequias.

*
* *

O Sr. conselheiro Paulino José Soares de Souza, provedor da Misericordia, ao receber a noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro II ordenou que se cerrassem as portas do hospital geral, se hasteasse a bandeira em funeral e que dobrasse o sino da igreja da Santa Casa, dando-se em todos os estabelecimentos da Misericordia as demonstrações de pezar devidas aos grandes bemfeitores da instituição.

*
* *

A directoria da Sociedade U. Beneficente D. Pedro II ao ter noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro II ex-Imperador do Brazil, resolveu hastear o pavilhão em funeral, tomar luto por 30 dias e lançar na acta um voto de pezar por tão infausto acontecimento.

* * *

A directoria do Banco Federal do Brazil, penalisado pelo fallecimento do Sr. D. Pedro II resolveu fechar o Banco por tres dias.

* * *

A directoria do Derby-Club faz-se representar nas exequias pelo Dr. Raymundo de Castro Maia, e mandou depôr uma corôa no feretro.

* * *

A directoria do Jockey-Club resolveu :

Não realizar a corrida annunciada para hoje ;

Enviar um telegramma de pezames á familia do ex-Imperador ;

Mandar depositar sobre o feretro uma grinalda ;

Mandar rezar uma missa no 7º dia do fallecimento;

E nomear uma commissão composta dos Srs. Klingelhoefer, Cesario Porto e Jorge Schmidt para assistir a todas as exequias que se realizarem aqui.

* * *

Adiaram os bailes que se deviam realizar hontem em seus salões as sociedades E. Commercial Tenentes do Diabo, Club dos Democraticos, Club dos Fenianos, Club da Mangueira, Progressistas e Congresso Gymnastico Portuguez.

Em Nitheroy dobraram durante o dia os sinos das igrejas de S. João Baptista e da Conceição, cerrando suas portas a maior parte das casas commerciaes.

O jornal *A Imprensa* tambem cerrou suas portas.

* * *

Segundo telegramma recebido de Pariz, a imprensa da manhã é unanime em manifestações de pezar pela morte do Sr. D. Pedro II.

* * *

Os nosso collegas da tarde appareceram hontem com suas columnas de honra tarjadas de preto.

Dos artigos que consagraram á morte do ex-Imperador extrahimos os seguinte trechos:

. . . . (2)

Diversas instituições e particulares têm telegraphado a seus correspondentes em Pariz para depôrem ricas corôas sobre o feretro do Sr. D. Pedro II.

(Do *Jornal do Brazil*).

O dia de hontem

Pela manhã de hontem foi a nossa cidade tristemente surprendida pela noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara.

Varias foram as demonstrações de pezar feitas em homenagem ao illustre morto.

* * *

O governo recebeu do nosso ministro em Pariz Sr. Gabriel de Piza a noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara.

* * *

As redacções, alguns estabelecimentos publicos e varios navios hastearam a bandeira nacional a meio páo.

* * *

(2) Aqui dispensamos os extractos de diversos jornaes, por tel-os já reproduzidos.

A policia entendeu conveniente, talvez para evitar qualquer pequeno conflicto, pedir ás redacções dos jornaes para não terem em funeral as respectivas bandeiras nacionaes.

Tendo algum dos nossos collegas requisitado ordem escripta, a policia, que não havia nada ordenado, naturalmente negou a ordem pedida.

Todos os jornaes mantiveram, pois, a meio páo os seus estandartes.

*
* *

A illustre directoria da Euterpe Commercial Tenentes do Diabo distinguiu o *Diario do Commercio* para designar a Casa de Caridade á qual seja offerecido o *buffet* encommendado para hoje.

*
* *

Todas as sociedades sportivas e book-makers cerraram as suas portas.

*
* *

Os Srs. conego Venerando da Graça, director do Collegio Venerando, e Fabio Jansen de Faría, vice-director do Lyceu do Engenho Velho, fizeram suspender os respectivos trabalhos escolares, o primeiro por tres e o segundo por 10 dias.

(Do *Diario do Commercio*).

Manifestações de pezar

Hontem pela manhã, circulou com incrivel rapidez, por todos os angulos da cidade, a tristissima nova do fallecimento do Sr. D. Pedro II, em terra do exilio, longe da patria que elle tanto amára e a que servira com inimitavel dedicação.

A' meia noite e meia hora de 5 do corrente (segundo a hora de Pariz), rendia Sua Magestade a alma ao Creador, n'aquella capital.

Rodeavam-lhe o leito sua estremecida filha a princeza D. Isabel, o Sr. Conde d'Eu e talvez quinze brazileiros.

O Sr. D. Pedro II foi sacramentado e ungido pelo cura da parochia de Magdalena. Teve, pois, morte christã.

Todos os jornaes de Pariz deram conta do infausto successo, rememorando com alevantadas e justas palavras os gloriosos serviços e a vida exemplarissima do grande homem.

Deve-se observar que entre a hora de Pariz e a nossa ha uma differença de quasi tres horas justas.

Assim, o ex-Soberano falleceu ás 9 horas e 28 minutos da noite de 4, segundo a nossa hora.

⁂

Logo que se espalhou a triste noticia foram unanimes as demonstrações de profundo pezar por parte da população.

O commercio em geral fechou as portas, e algumas casas cobriram-se de crepe e hastearam bandeira em funeral, envolta tambem em crepe.

Depois do meio dia todos os bancos cessaram as suas operações. A Bolsa não funccionou.

A imprensa cerrou as portas. Os boletins por ella expostos ao publico eram lidos com avidez e dolorosamente commentados.

Pelas ruas eram vistas muitas pessoas trajando luto, lendo-se-lhes nos semblantes a maior consternação. Respirava-se uma atmosphera carregada de tristeza.

As corridas do Jockey-Club, annunciadas para hoje, foram transferidas; e bem assim muitas outras diversões que se deviam realizar na noite de hontem em sociedades particulares.

O bello edificio, quasi concluido, que a casa Villa-Verde está fazendo construir na rua do Ouvidor, canto da da Quitanda; da *Gazeta da Tarde* e o d'esta redacção tinham fitas de crepe pendentes das sacadas.

O Gabinete Portuguez de Leitura arvorou a bandeira a meio páo e cobrio-a de luto.

O commercio da cidade nova tambem cerrou as portas.

⁂

O Sr. major Freitas Novaes manda celebrar hoje, ás 10 1|2 horas da manhã, na igreja de S. Francisco de Paula, uma missa por alma do eminente brasileiro.

⁂

O Collegio Americano, em S. Christovão, encerrou tambem as aulas ao meio dia e as conservará suspensas por tres dias, mandando celebrar uma missa de *Requiem* no dia 9 (quarta-feira).

* * *

Os trabalhadores da Alfandega, como demonstração de pezar, interromperam a faina por deliberação propria, e, segundo nos consta, recusaram-se a voltar ao serviço, apezar de convidados a isso.

* * *

Ao respeitavel Sr. Conde de Aljezur enviou a redacção d'*O Brazil* um telegramma pedindo-lhe transmittisse a S. M. a Sra. D. Isabel protestos da mais respeitosa condolencia; e, outrosim, solicitando do Sr. Aljezur a graça de representar a mesma redacção nos funeraes do Imperador.

* * *

Os amigos do Sr. D. Pedro II, Imperador do Brazil, são convidados para uma reunião que se ha de celebrar quarta-feira, 9 do corrente, á 1 hora da tarde, no salão do Asylo de Nossa Senhora da Conceição, á rua do General Camara n. 182.

Esta reunião tem por fim organisar uma solemne manifestação do sentimento publico, tão dolorosamente impressionado pelo infausto passamento do venerando Brazileiro.

* * *

São convidados todos os monarchistas a tomarem luto pelo Sr. D. Pedro II durante 15 dias, a contar do dia do passamento.

A redacção d'esta folha fará suffragar a alma do mesmo augusto senhor na matriz do SS. Sacramento, sexta-feira, 11 do corrente, ás 9 horas.

* * *

Contra o luto!

Por ordem da policia foram intimadas as redacções dos jornaes que tinham hasteado bandeira nacional a meio páo, em demonstração de luto pelo fallecimento do Sr. D. Pedro II, a retirarem esse signal, *para evitar qualquer desacato.*

A mesma intimação foi feita a diversas casas de negocio.

Obedeceu o nosso collega *Jornal do Brazil,* mas a bandeira continuou em outros jornaes.

A nós não havia que fazer a intimação. Nunca hasteámos bandeira. O nosso pezar, exprimimol-o cobrindo de crepe a taboleta em que se lê o titulo da folha, e conservando cerradas as nossas janellas.

***

Supremo Tribunal Federal

Hontem, ao abrir-se a sessão do Supremo Tribunal Federal o Sr. Visconde de Sabará propoz que fosse suspensa a sessão em signal de pezar pelo fallecimento do ex-imperador o Sr. D. Pedro II.

Os Srs. conselheiros Araripe e Olegario impugnaram a proposta como intempestiva e requereram o seu adiamento para quando fosse confirmada a noticia do infausto acontecimento.

A isto oppoz-se o Sr. Visconde de Sabará, declarando que a noticia não precisava de confirmação e que seria uma indecencia funccionar o tribunal quando toda a população dava as mais significativas provas de condolencia; mas, apezar de tudo, passou o adiamento contra o voto de S. Ex. e do Sr. Souza Mendes.

O Sr. Sabará retirou-se e o tribunal continuou a sua ingloria sessão.

(D'*O Brazil*).

Manifestações

O trapiche Silvino cerrou portas e fechou o expediente ás tres horas, quando devia funccionar até ás cinco.

***

Todo o commercio varejista cerrou as portas dos seus estabelecimentos.

***

A maioria dos navios mercantes, surtos no porto, içaram bandeiras a meio páo.

(Do *Diario de Noticias*).

Demonstrações de pezar

Podem-se considerar unanimes, por parte de toda a sociedade fluminense, as demonstrações de pezar que hontem foram dadas, ao conhecer-se a noticia da morte do velho ex-Imperador, noticia que circulou rapida em toda a cidade, apenas nós e outros collegas de imprensa affixámos os primeiros boletins.

E' que na alma popular perduravam o respeito e consideração pela pessoa d'aquelle que durante mais de meio seculo fôra o primeiro magistrado da nação, onde não deixara nem odios e nem desaffeições que attingissem ao seu caracter individual.

E abona por isso de muito os sentimentos do povo brazileiro, podemos dizer, nós que somos insuspeitos e mantivemo-nos afastados do respeitavel cidadão, por effeito do regimen politico que elle representava e que o Brazil ha dois annos reconheceu não ser já o que convinha ao seu estado de adiantamento moral e material.

E a redacção d' *O Paiz*, que sempre tributou á pessoa do ex-monarcha todas as deferencias, acompanhou o publico n'essas justas manifestações de pezar, fazendo cerrar as portas do seu edificio e arriar o pavilhão nacional até á postura funebre.

* * *

O commercio de Nitheroy cerrou hontem as suas portas ao ter conhecimento da morte do ex-Imperador.

(D'*O Paiz*).

D. Pedro II

A noticia da morte do ex-imperador do Brazil, comquanto não fosse uma surpreza, entretanto impressionou dolorosamente o publico, que desde logo por todos os modos deixou transparecer o seu justo sentimento.

* * *

Recebida a noticia do infausto passamento de S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara, a Praça do Commercio cerrou as portas, sendo affixado o seguinte boletim que justifica o facto de não ter havido Bolsa:

«Por ordem do Sr. Presidente da junta dos corretores deixa de haver Bolsa hoje. Rio, 5 de Dezembro de 1891.»

(Do *Correio do Povo*).

7 DE DEZEMBRO 1891

Manifestações de pezar

Sob a presidencia do Sr. Terencio Leal Pimentel reunio-se hontem o conselho da Associação Nacional dos Artistas Brazileiros, Trabalho, União e Moralidade, e resolveu: mandar á princesa D. Isabel cópia da acta da sessão na qual está consignado um voto de pezar pela morte do Sr. D. Pedro de Alcantara: cerrar as portas do edificio até ao setimo dia e n'esse dia mandar celebrar uma missa com *libera-me* na igreja de Nossa Senhora do Rosario.

* * *

A administração da irmandade do Divino Espirito-Santo da Lapa do Desterro reunio-se em sessão especial e resolveu mandar suffragar a alma do virtuoso brazileiro o Sr. D. Pedro de Alcantara no dia 12 do corrente, ás 8 1/2 horas da manhã e inserir na acta um voto de profundo pezar pelo seu fallecimento.

* * *

Os carteiros da *Western Brasilian Telegraph* dirigiram um telegramma de pezames á princeza D. Isabel.

* * *

A Sociedade Auxiliadora das Artes Mecanicas Liberaes e Beneficente resolveu fechar a secretaría e tomar luto por oito dias, mandando celebrar uma missa com *sequentia* cantada, no setimo dia, na igreja do Senhor dos Passos.

* * *

Na Barra Mansa causou geral consternação a noticia do fallecimento do ex-Imperador. O commercio cerrou as portas e propala-se celebrar solemnes exequias no 7.° dia do passamento.

(Do *Jornal do Commercio*).

Gremio das Violetas

A partida que devia ter logar hoje 7, fica transferida para 12, em signal de profundo pezar pelo passamento do nosso ex-Imperador Sr. D. Pedro II.

A secretária, *Alice de Paula e Silva.*

(Do *Jornal do Brazil*).

Chronica do dia

Que immensa curiosidade despertou no espirito do publico a noticia da morte do velho Imperador!

Queriam todos saber o que diriam os jornaes do deploravel acontecimento, e foi então uma venda douda de folhas. O preço, o celebre preço de tres vintens, por causa do imposto em ouro, foi elevado gradualmente a 100 e 200 réis e mesmo em alguns pontos da cidade a muito mais.

Aconteceu aos jornaes o que tem acontecido á carne verde: subiram de preço.

⁂

Não passou de curiosidade, entretanto, o grande afan em saber noticias. Estava bem morto no coração do povo, o illustre fallecido de ante-hontem, e desde muito tempo.

Os novos horizontes, em plena aurora, escureceram o fulgor do velho sol.

Dobraram os sinos em algumas igrejas, fecharam-se algumas portas, estiveram a meio páo algumas bandeiras da Republica. Puro fogo de vistas!

Peior, porém, que tudo isto, soberanamente digno de nota, foi o pedido da policia aos jornaes e alguns estabelecimentos particulares, para que não conservassem as bandeiras em funeral.

Por causa d'este pedido, provavelmente, a *Gazeta da Tarde* esteve meio atrapalhada lá para as 5 horas da tarde. Arriou a

bandeira nacional e ergueu a meio páo a bandeira argentina. Triste ironia! Poucos minutos depois arriou a bandeira argentina para tornar a içar uma bandeira auri-verde, que poucos minutos depois desceu, trazendo a reboque a cabeça do mastro e partindo um vidro de janella. Afinal um pedaço de crepe substituio a bandeira ou as bandeiras.

. . .

Acabou-se a esperança de monarchia no Brazil.

(Do *Diario do Commercio*).

O Sr. D. Pedro de Alcantara

Nem mais justas e nem mais verdadeiras podiam ser as demonstrações de pezar que ainda hontem foram geralmente dadas publica e solemnemente pelo infausto passamento do grande cidadão o Sr. D. Pedro de Alcantara.

A imprensa, sem exclusão de nenhum orgão, unanime e como que animada de um unico sentimento—o da justiça—calou as divergencias de credos politicos, e, extreme de paixões e de egoismos, rendeu todas as homenagens ao venerando e saudoso morto, rememorando todos os actos da sua vida de monarcha e todos os meritos da sua vida de cidadão.

E essas demonstrações, grandemente eloquentes da estima pessoal que o Sr. D. Pedro de Alcantara deixou em todo o Brazil pela pureza dos seus sentimentos de homem, reunem-se ás da Europa, onde a noticia de sua morte foi recebida com a maior magua.

Os extensos telegrammas de Pariz que publicamos no competente logar dizem o quanto occorreu e vai occorrendo diante do cadaver d'aquelle que foi o soberano do Brazil.

(D'*O Paiz*).

Côrte de Appellação

O Dr. Barros Pimentel propoz o seguinte na sessão de hoje da côrte de appellação:

«Proponho que se inscreva na acta da presente sessão, a primeira que se celebra depois de recebida a infausta noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do

Brazil, a expressão do profundo pezar de que se acham possuidos os membros d'este tribunal, pelo golpe mais doloroso que podia ferir o coração da patria brazileira.

Rio, 7 de Dezembro de 1891.—Assignado—O desembargador, *Esperidião Eloy de Barros Pimentel.*»

A presente proposta foi approvada contra o voto do Sr. Macedo Soares, que declarou: que votava contra, não por discordar dos conceitos do seu autor ácêrca da memoria veneranda do finado imperador, mas por entender que o tribunal não tem no seu regimento attribuição para moção ou qualquer proposta que não tenha relação com a administração da justiça.

(Da *Gazeta da Tarde*).

D. Pedro de Alcantara

Têm sido profundamente commoventes as demonstrações de sincero pezar da familia brazileira por aquelle que durante longos annos a conduziu á felicidade e a paz.

A morte do Sr. D. Pedro de Alcantara, o 2º e ultimo Imperador do Brazil, produziu em todas as classes da nação brazileira dolorosa sensação, sendo interessante observar-se a commoção d'este povo indifferente pelo seu antigo chefe, o honrado D. Pedro II. Até as crianças e as senhoras, no Brazil, tão indifferentes aos acontecimentos politicos e á vida nacional por causa da sua educação atrazadissima,sentiram de modo desusado este funesto acontecimento, que enlutou 14 milhões de corações honestos.

Todas as associações, até os collegios da Republica, todas as corporações, todas as aggremiações civis, o commercio, a industria, a agricultura, a imprensa, o Brazil inteiro, emfim, cobriu-se de luto por causa d'essa tremenda fatalidade.

Chovem os telegrammas de pezames, os templos estão tomados a alto preço para a celebração de pomposos e solemnes funeraes, monarchistas trajam de preto, fumo nos chapéus,o sentimentalismo nacional exaggera-se diante do tumulo sagrado.

Eis o que vimos e observamos por toda a parte. E esta é a maior homenagem que um povo livre e independente podia prestar áquelle a quem sempre amou, apezar das transformações politicas e das grandes crises sociaes da Patria.

(Do *Novidades*).

8 DE DEZEMBRO DE 1891

Manifestações de pezar

Asseguram-nos que, devendo reunir-se muito brevemente o Congresso Nacional, o Poder Executivo prefere deixar-lhe a iniciativa do tributo nacional de respeito que se deve dar á memoria do Sr. D. Pedro II

Entretanto pouco abalam aos brazileiros estas conveniencias da administração, sendo apenas de lastimar que, ao passo que todo o mundo civilisado rende á memoria do ex-Imperador todas as honras possiveis, o governo d'aquelle paiz onde nasceu, que amou estremecidamente e em cujo serviço encaneceu, se veja inhibido, por considerações politicas, de dar corpo ao genuino pezar de que está possuida toda a população.

* * *

Os juizes do Tribunal Civil e Criminal, Drs. Gonçalves de Carvalho, Silva Mafra e Salvador Muniz dirigiram á Sra. D. Isabel telegramma de pezames pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara.

* * *

O Sr. Dr. Silva Mafra, juiz do Tribunal Civil e Criminal, ao dar hontem audiencia, mandou que fosse consignado no protocolo um voto de profundo pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil.

* * *

No dia 5 do corrente, reunida a mesa administrativa do Asylo de Santa Leopoldina, em sessão ordinaria, resolveu, por proposta do seu provedor o Sr. Dr. Liberato de Castro Carreira, consignar na acta da sessão um voto de profundo pezar pelo infausto passamento do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, e bem assim tomar luto por oito dias e fazer suffragar a alma do mesmo finado, fazendo celebrar uma missa do 7º. dia a 11 do corrente, ás 8 1/2 horas da manhã, na capella do referido asylo do qual o illustre finado foi grande protector.

Igualmente resolveu a mesa administrativa, por proposta do Sr. Elisiario José Riodades, suspender a sessão em signal de profundo sentimento.

* * *

Na sessão de 7 do corrente, da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, sob a presidencia do Sr. Marquez de Paranaguá e achando-se presentes muitos socios, o Sr. Presidente faz a seguinte proposta:

«Caros consocios. — O infausto acontecimento que nos consterna e que o Brazil hoje lamenta, acompanhado das Nações cultas da Europa e da America, vem causar na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro a mais profunda e dolorosa impressão.

No Sr. D. Pedro II, esta Sociedade contempla, além das virtudes civicas e privadas que lhe realçam o merito, dos inolvidaveis serviços prestados á Patria durante quasi meio seculo de um dos reinados mais illustrados, mais proficuos e mais honestos que a historia tem de registrar, no Sr. D. Pedro II, repito, a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro contempla o seu Presidente Honorario, que acaba de fallecer no exilio, o protector desvelado das lettras, das sciencias, das artes, da industria, do commercio; em uma palavra, de todos os elementos de prosperidade, de civilisação, de progresso e de grandeza de nossa Patria.

Quantas vezes aqui o vimos honrar com sua augusta presença as sessões da nossa Sociedade de Geographia, o que folgava de assistir, animando os commettimentos scientificos e ouvindo com o mais vivo interesse as conferencias importantes que tiveram logar n'este vasto recinto, que mal podia caber os espectadores!...

Não ha muito escreveu-me elle de Vichy (em 19 de Agosto) uma carta que aqui tenho presente accusando o recebimento da nossa Revista e o volume sobre a exposição geographica sul-americana. Então, dizia-me Sua Magestade que a nossa Sociedade de Geographia continuasse a viver e a progredir e que o fizesse viver da sua vida.

E' que o sabio Imperador bem comprehendia que proteger as lettras e as sciencias, como elle sabia proteger, identificando-se com os estabelecimentos e associações que as cultivam é seguir com segurança o caminho da immortalidade.

Sim, o estremecido protector e Presidente Honorario d'esta Sociedade, o Sr. D. Pedro II, deixou de existir, mas continuará a viver na saudosa lembrança não só d'esta Sociedade, mas na de todo o Brazil, que elle tanto amou e que um dia, não muito distante, disputará á antiga Mai Patria a honra insigne de possuir os restos mortaes do mais illustre dos Brazileiros.

E, pois, tomando viva parte na dôr que afflige a desolada familia do illustre morto, n'este transe cruel, julgo bem interpretar os sentimentos da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, da qual era elle Presidente Honorario, propondo como manifestação de pezar o seguinte:

1.º Que se mande depositar uma grinalda de saudades sobre o feretro de Sua Magestade, por parte da Sociedade de Geographia.

2.º Que a mesma Sociedade se faça representar nas exequias por uma commissão nomeada para esse fim.

3.º Que mande, por telegramma, sentidos pezames a Suas Altezas, a Sra. Condessa d'Eu e ao seu augusto esposo, tambem nosso Presidente Honorario.

4.º Que se mande rezar uma missa no 7.º dia pelo repouso eterno do illustre morto.

5.º Que se nomeie uma commissão de sete membros para representar a Sociedade no funeral que aqui mandam celebrar os amigos do Sr. D. Pedro II.

6.º Que se consigne na acta uma manifestação do mais profundo pezar que sente a Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro pelo infausto acontecimento.

7.º Que em demonstração do mesmo pezar levante-se a sessão.»

Terminada a leitura, no meio de profundo silencio, o Sr. Dr. Paulas Freitas propoz para representar na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro nas exequias a celebrar em Pariz, o socio Dr. José Paranaguá.

Submettida esta proposta e a do Sr. Presidente a votos foram unanimente approvadas.

Em seguida foram nomeados para representar a Sociedade nas exequias que se têm de celebrar n'esta capital os socios Dr. Paula Freitas, Dr. Torquato Tapajós, conselheiro Faria Lemos, commendador Catramby, Dr. Portugal, commendador Hermida Pazos, conselheiro Dr. Nascentes Pinto.

O Sr. thesoureiro communica que vai passar os telegrammas para Pariz com urgencia.

Levantou-se a sessão ás 7 horas da noite.

* * *

Um socio do Club Guanabarense, desejando associar esta sociedade a uma demonstração de pezar pelo infausto passamento do venerando e adorado ex-Imperador do Brazil, resolveu instituir, em nome do Club e sob a denominação de D. Pedro de Alcantara, um premio annual de 1:000$, em beneficio da orphã do asylo de educação da Santa Casa de Misericordia, que mais se distinguir annualmente por sua applicação e aproveitamento moral, a juizo da administração d'aquelle estabelecimento.

* * *

A S. União Commercial dos Varejistas, reunida a directoria, deliberou mandar consignar na acta um voto de pezar, suspender os trabalhos por tres dias e fazer celebrar uma missa.

* * *

A S. M. Memoria a El-Rei D. Sebastião mandou inserir na acta um voto de pezar e deliberou conservar por oito dias a bandeira em funeral.

* * *

Os moradores da freguezia do Espirito-Santo fazem celebrar uma missa com *libera-me* na igreja matriz, em suffragio da alma de D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil.

* * *

A mesa da administração da Irmandade do Santissimo Sacramento da Candelaria manda, no sabbado proximo, celebrar exequias solemnes por alma do Sr. D. Pedro de Alcantara.

* * *

A mesa administrativa da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Gavea manda celebrar, no sabbado, ás 9 horas, missas com *libera-me* em suffragio da alma de S. M. ex-Imperador do Brazil, que sempre protegeu a mesma irmandade.

* * *

Muito tocante tem sido a manifestação de pezar entre os Allemães mais pobres e antigos da colonia da antiga fazenda que hoje constitue Petropolis.

Reuniram-se no domingo e resolveram correr uma subscripção que ainda não ficou decidida.

Entretanto mandaram á Princeza D. Isabel um longo telegramma de pezames.

* * *

Sabemos que hontem e ante-hontem foram telegraphadas d'esta cidade á mesma Senhora mais de cem mensagens de pezar.

* * *

Muitas pessoas tomaram luto. De certo que amanhã, dia das exequias, é muito natural e proprio que todos os Brazileiros, sem distincção de idéas politicas, tomem luto pelo grande compatriota que se finou.

* * *

O conselho administrativo da Sociedade de Beneficencia Bons Amigos União do Bomfim, em sessão de 7 do corrente mez, resolveu inserir em acta um voto de pezar pelo fallecimento do seu socio protector o Sr. D. Pedro de Alcantara, mandar celebrar uma missa no trigesimo dia do fallecimento, nomear uma commissão para assistir as exequias, cerrar as suas portas durante sete dias e tomar luto por esse mesmo tempo

* * *

A Sociedade Brazileira de Beneficencia, reunida hontem em sessão, approvou o telegramma que o seu vice-presidente enviou a Pariz, depositando uma corôa, com a inscripção « A' seu protector D. Pedro II a Sociedade Brazileira de Beneficencia do Rio de Janeiro » ; hastear seu pavilhão em funeral, mandar rezar uma missa e enviar uma mensagem de pezames á Sua Alteza a Sra. Condessa d'Eu, pela morte de seu augusto pai, suspendendo em seguida a sessão como demonstração de sincero pezar.

(Do *Jornal do Commercio*).

O Imperador

O conselho da Associação de Socorros Mutuos Memoria a El-rei D. Affonso Henriques reunido em sua maioria, após a leitura da acta, sob proposta do Sr. Antonio Moreira da Costa, procurador da associação, resolveu suspender-se a sessão; adiar os trabalhos em acto de profundo pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara; nomear uma commissão para assistir as exequias que se celebrarem n'esta capital; conservar seu pavilhão em funeral durante esse tempo e enviar uma mensagem de pezames á Sra. Condessa d'Eu.

. . .

O conselho administrativo da Associação Typographica Fluminense, ao saber do infausto passamento do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil e seu desvelado protector, de quem tantos beneficios recebeu desde a sua installação, mandou cerrar as portas de sua secretaría por tão lamentavel acontecimento para todo o Brazil, lançar um voto de profundo pezar na acta, suspendendo os seus trabalhos por oito dias.

* * *

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro em sessão de hontem resolveu, em homenagem ao seu presidente perpetuo, o Sr. D. Pedro II, mandar celebrar uma missa no setimo dia de seu fallecimento, nomear uma commissão para assistir ás solemnidades funebres em Pariz e em Lisboa, fazer uma sessão magna especial em honra ao grande cidadão e sempre memoravel presidente d'aquella instituição e por proposta do Dr. Cesar Marques que fosse coberta de crepe a cadeira d'aquelle illustre presidente e fosse deposta uma corôa de saudades sobre o busto do mesmo pranteado brazileiro. (3)

(Do *Jornal do Brazil*).

Luto

O Asylo D. Bernardina Azeredo tomou luto por tres dias, suspendeu as suas aulas e fará celebrar missa.

* * *

A Faculdade Livre de Sciencias Juridicas e Sociaes do Rio de Janeiro, em sessão de hontem, suspendeu os seus trabalhos e telegraphou ao conselheiro Silva Costa para que representasse a Faculdade nos funeraes do Sr. D. Pedro de Alcantara.

(Do *Diario do Commercio*).

---

(3) Ha equivoco,pois que as propostas foram formuladas pelo 1° secretario que as leu antes de qualquer socio insistir sobre ellas; tambem não é perfeitamente exacta a noticia dada pelo *Diario do Commercio* sobre a sessão extraordinaria do Instituto Historico.

Demonstrações

A Associação de Soccorros Mutuos Memoria a El-Rei D. Fernando mandou inserir em acta um voto de profundissimo pezar pelo infausto passamento do Sr. D. Pedro de Alcantara e arvorar o seu pavilhão em funeral por oito dias.

* * *

Em reunião do Congresso da Democracia Brazileira foi approvado que se suspendesse a sessão e que na acta fosse consignado um voto de profundo pezar pelo fallecimento de D. Pedro de Alcantara.

* * *

A administração do Gremio B. á Memoria de Camillo C. Branco, ao ter noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, resolveu hastear o pavilhão por oito dias em funeral, lançar em acta um voto de profundo pezar, e nomear uma commissão para assistir as exequias que se realizarem n'esta capital.

* * *

A administração do Congresso do Sagrado Coração de Jesus e Santo Antonio, erecta na matriz de Santa Rita, deliberou lançar na acta de suas sessões um voto de pezar pela morte de D. Pedro de Alcantara e mandar rezar uma missa por sua alma.

(Da *Gazeta de Noticias*).

D. Pedro de Alcantara

O passamento do ex-monarcha do Brazil foi ainda hontem objecto de demonstrações de pezar, ungidas do mais verdadeiro sentimento.

Quanto ao que passa-se em derredor do despojo mortal do grande cidadão, remettemos os nossos leitores para os telegrammas recebidos do nosso correspondente de Pariz e que publicamos no logar do costume.

(D'*O Paiz*).

Manifestações

O collegio S. Francisco das Chagas, no Andarahy Grande, suspendeu hontem as suas aulas em signal de pezar pela morte de D. Pedro de Alcantara e deliberou mandar dizer uma missa solemne sexta-feira proxima, na igreja de Nossa Senhora das Dores e S. José, do mesmo bairro.

O Sr. Dr. Paes Barreto, professor de preparatorios do referido collegio, por occasião de suspender as suas aulas, dirigio aos discipulos as seguintes palavras:

« Se o sentimento republicano é uma realidade no Brazil, este deve reclamar os restos mortaes do grande soberano, que na suprema infelicidade soube provar pela sua abnegação e generosidade ser o maior amigo da Republica Brazileira!

« A vós, discipulos, cujos corações verdes e infantes são paginas brancas e limpas onde podemos escrever o que quizermos, cumpre-me dizer que D. Pedro II, assumindo a nobre atitude que o distinguio no seu banimento, recommendou-se á profunda e eterna gratidão do Brazil.

« Como a aguia, elle abaixou-se para elevar mais alto o seu vôo! E voou muito alto... não sei mesmo para onde!... Quero que cada um dos meus discipulos acostume-se a reverenciar a memoria de um homem que soube ser ainda maior no infortunio que nas grandezas!

* * *

Consta que os artistas das diversas companhias que trabalham nos theatros d'esta capital vão mandar rezar uma missa por alma de D. Pedro de Alcantara.

As orchestras de todos os theatros formarão uma unica, que será regida pelo maestro Carlos Gomes, e as nossas melhores actrizes cantarão os solos, que serão acompanhados pelos corpos de coristas de todos os theatros.

(D'*O Tempo*).



9 DE DEZEMBRO DE 1891

Demonstrações de pezar

Da Camara Criminal da Côrte de Appellação — O Sr. desembargador Pindahyba de Mattos, presidente, apresentou a seguinte moção:

« Creio interpretar os sentimentos de todos os meus nobres collegas, propondo que se consigne na acta do tribunal, um

voto de profundo pezar pelo fallecimento do ex-Imperador Sr. D. Pedro II, o Grande Cidadão que em todas as épocas de sua longa vida tanto honrou o nome brazileiro. »

Esta proposta foi acceita e approvada por todos os membros do tribunal.

* * *

Na sessão extraordinaria da directoria e conselho em 8 de Dezembro de 1891, da Associação Promotora da Instrucção, sob a presidencia do conselheiro Manuel Francisco Correia, estando presentes os socios desembargador Ribeiro de Almeida, conselheiro Adolpho Lisboa, commendadores Alves Affonso e Freitas Guimarães, Drs. Paula Freitas, Venancio Lisboa, Cunha Barbosa e Pinheiro de Bittencourt, tenente-coronel Henrique de Villeneuve, Henri Raffard, Dr. Menezes Prado, e conselheiro Francisco José Ferreira, 1° e 2° secretarios.

Lida e approvada a acta de 22 de Novembro o presidente disse :

« Senhores.—Com vivo pezar transmitto á directoria e ao conselho a triste noticia do fallecimento universalmente sentido do Sr. D. Pedro II, primeiro socio benemerito da Associação, e, como tal, presidente dos actos solemnes por ella celebrados.

Não se podem apagar de nossa agradecida lembrança os valiosos serviços prestados á Associação pelo ex--Imperador, a que foi devidamente conferida a medalha dos bemfeitores, realizando-se a entrega na sessão solemne de 12 de Setembro de 1886.

Tive então a honra de proferir estas palavras, que o momento exige repita agora :

« Senhor. — As mãos dadivosas de V. M. Imperial ergueram á educação do povo dois monumentos que serão sempre examinados com proveito.

« A honra immerecida que V.M.Imperial me conferio,chamando-me para assistir á inauguração de uma e outra escola, permitta-me dizer que foram n'ellas respeitadas as condições sem as quaes os estabelecimentos escolares não preenchem satisfactoriamente o seu fim.

« Mas não pararam ahi os beneficios de S. M. Imperial. Seria incompleta a obra meritoria. As escolas são mantidas exclusivamente por V. M. Imperial. E ao lado das aulas estão as officinas onde os alumnos se preparam para o exercicio de profissões lucrativas.

Nenhum cidadão ainda fez tanto.

« E', pois a justiça que vos proclama *benemerito da instrucção.*

« Aos benemeritos da instrucção reserva a Associação aqui congregada a *medalha dos bemfeitores*, que V. M. Imperial dignificou consentindo seja trazida em sua augusta presença.

Approuve a V. M. Imperial, captivando aînda mais o reconhecimento da Associação, acceitar a que á V. M. Imperial compete com o mais fundado direito, e permittir que eu a entregue n'esta solemnidade. »

« Se em alguma parte póde ser esquecido o nome do ex-Imperador, não é seguramente nos institutos destinados á instrucção publica, nem nas associações empenhadas em promover a educação do povo.

« A nossa Associação lhe deve tanto, que espero sejam tomadas n'essa sessão extraordinaria deliberações impostas pelo elevado sentimento de gratidão.»

Resolveu-se: mandar dizer, no dia 10,uma missa por alma do illustre socio benemerito, convidando-se para assistir a ella aos socios e socias; dar pezames em nome da Associação á augusta familia do finado; nomear uma commissão para representar a Associação nas exequias que se têm de celebrar na Cathedral; e levantar a sessão.

A commissão ficou composta dos socios: desembargador Ribeiro de Almeida, Drs. Paula Freitas e Cunha Barbosa.

Os membros presentes resolveram tomar luto por oito dias.

* * *

Aos Srs. conselheiro Dr. Silva Costa e Dr. Eduardo Prado foi ante-hontem dirigido por mais de 50 advogados do nosso fôro o seguinte telegramma:

« Muitos advogados aqui pedem-vos representeis funeraes Imperador. Elle presidio durante meio seculo desenvolvimento organico direito nacional, foi a maior garantia da liberdade civil em seu paiz, gloria de sua patria, symbolo da grandeza moral de seu seculo.»

O Sr. Dr. Silva Costa foi tambem autorisado a collocar sobre o feretro do velho Imperador uma grinalda.

* * *

Ante-hontem, na sessão da Junta Commercial, o deputado João Alves de Azevedo Lemos propoz e foi unanimemente approvado que, depois de lançar-se na acta um voto de profundo pezar pelo infausto passamento do inexcedivel Brazileiro ex-Imperador D. Pedro II, fosse levantada a sessão como demonstração de pezar.

* * *

A administração Fraternidade Beneficente da Colonia Portugueza, em sessão extraordinaria de 7 do corrente, resolveu lançar na acta um voto de profundo pezar pela morte do Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil, conservar o pavilhão em funeral durante 7 dias, mandar uma mensagem a S. A. Condessa d'Eu, e nomear uma commissão para se fazer representar em todos os actos funebres que forem celebrados em memoria do grande brazileiro.

∴

Na assembléa geral da Sociedade Hespanhola de Beneficencia effectuada no domingo 6 do corrente, sob a presidencia de D. Anselmo José Barbeito, foi, por phrases repassadas de verdadeiro sentimento, proposto pelo socio benemerito o commendador José Hermida Pazos, que se inserisse em acta um voto de profundo pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, o que foi unanimemente approvado.

∴

A Sociedade de Soccorros Mutuos Marquez de Pombal resolveu em sessão de hontem inserir em acta um voto de profundo pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, conservar o pavilhão em funeral até ao 7.° dia, mandar rezar uma missa por alma do mesmo Augusto Senhor, e suspender a sessão.

∴

Na Caixa de Soccorros Conde de Leopoldina, em sessão de directoria, ficou resolvido que se lançasse em acta um voto de pezar pela morte do Sr. D. Pedro de Alcantara e que se mandasse celebrar no 30° dia de seu passamento uma missa com *libera-me*, sendo para isso convidado S. Ex. o Sr. conde de Leopoldina, bem como as associações congeneres.

∴

A administração da S. B. H. ao Tenente Vinhaes, reunida em sessão especial, resolveu em signal de profundissimo pezar pelo infausto passamento do primeiro e mais eminente Brazileiro e grande patriota D. Pedro de Alcantara, fazer-se representar em todas as exequias que se celebrarem n'esta capital, suspender seu expediente por 30 dias e bem assim convidar aos membros do conselho para tomarem luto por 8 dias.

∴

*
* *

Na A. B. H. a D. Pedro de Alcantara, em sessão do conselho d'esta associação realizada hontem, 7, foi resolvido:

Archivar todos os jornaes da capital federal, que noticiaram a morte do seu Grande Protector;

Inserir em acta um voto de pezar pelo passamento de tão distincto Brazileiro:

Mandar rezar missas com *libera-me* de setimo e trigesimo dia:

Enviar uma mensagem de pezames á Princeza Condessa d'Eu, pela perda de seu querido pai:

Conservar em funeral por 30 dias o pavilhão social e coberta de luto a taboleta;

Cobrir para sempre de crepe o retrato do illustre Morto e suspender a sessão.

*
* *

Depois de aberta a audiencia de hontem, o Dr. Enéas Galvão, juiz da 6ª pretoria do districto federal, mandou consignar no Protocolo da mesma, um voto de profundo pezar pela sentida morte do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil.

(Do *Jornal do Commercio*).

Demonstrações de pezar

A V. O. 3ª de N. S. das Mercês, erecta na igreja de N. S. do Parto, em sessão de mesa administrativa no dia 6, deliberou de commum accôrdo que se suffragasse a alma do exemplar catholico, de saudosa memoria, o Sr. D. Pedro de Alcantara, celebrando-se missa com *libera-me* pelo setimo dia do seu passamento á mansão dos justos.

*
* *

O conselho administrativo da Associação Beneficente Commercial e Artistica resolveu, por unanimidade de votos, em signal de profundo pezar pelo fallecimento do ex-Imperador do Brazil D. Pedro II, suspender a sua sessão, conservar em funeral o pavilhão social e consignar na acta um voto de profundo sentimento.

*
* *

A commissão constructora da nova matriz de Petropolis manda rezar uma missa por alma do Sr. D. Pedro II, ás 9 horas da manhã do dia 10 do corrente, na igreja do Carmo.



A assembléa geral da Associação Beneficente Homenagem ao Escriptor Portuguez Ramalho Ortigão, realizada no dia 5, resolveu encerrar os seus trabalhos, inserir em acta um voto de immenso pezar pelo infausto passamento do pranteado Principe D. Pedro de Alcantara e hastear em funeral o seu pavilhão durante tres dias.

(Do *Jornal do Brazil*).

D. Pedro de Alcantara

O mundo inteiro, póde-se dizer, tem prestado todas quantas homenagens tinha direito o Sr. D. Pedro de Alcantara, conquistadas pelas suas virtudes de grande Cidadão.

E é assim que diante de seu cadaver descobrem-se n'este momento as maiores e mais respeitaveis personalidades, representando o que de mais elevado têm as artes, a politica, as classes militares estrangeiras, os chefes das diversas nações e o povo da grande Republica Franceza.

Aqui continuam as manifestações de pezar, manifestações que não se ligam a nenhum interesse e que não têm outro fim que não seja o de exprimir a estima e a veneração que o Grande Brazileiro firmou entre os seus compatriotas pelas qualidades que exalçavam o seu caracter individual.

(D'*O Paiz*).

O Sr. D. Pedro Segundo

Ainda continuam as manifestações de pezar pela fallecimento de D. Pedro de Alcantara, geralmente estimado e respeitado.

De toda parte do mundo são enviados telegrammas trazendo expressões sentidissimas do luto que cobrio os corações, como uma grande homenagem de dôr ao illustre morto.

Abstrahindo-se dos principios politicos, póde-se affirmar que esse procedimento elevado das diversas nacionalidades que

têm enviado condolencias pela morte do ex-Imperador, é de uma alta significação moral, dignificando os que assim praticam.

Não só de varios paizes da Europa, mas tambem dos Estados chegam as provas mais significativas e mais tocantes da tristeza que enlutou a alma dos brazileiros com o desapparecimento de sobre a terra da veneranda e idolatrada figura do ex-monarcha.

Todas essas manifestações são de um cunho profundamente sympathico, de um caracter carinhoso e sagrado que as torna inaccessiveis a qualquer interpretação menos digna.

O que se deve vêr nellas é uma expansão final de affecto, de respeito e até de dolorosa continencia ao Soberano desthronado, que para lá se foi morrer em Pariz, entre as honras militares e as bellas rosas dos jardins de França, longe d'estes céos limpidos e vastos que elle tanto amou.

(Do *Novidades*).

D. Pedro de Alcantara

Reuniram-se hoje, á 1 hora da tarde na casa n. 182 á rua do General Camara, muitos amigos do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, afim de deliberarem o modo de honrar a memoria do illustre morto.

Presidio a reunião o Sr. Marquez de Tamandaré, sendo vice-presidente o Visconde de Sinimbú, secretarios os Sr. Visconde de Ouro Preto e conselheiro João Alfredo, thesoureiro o Sr. Barão do Ladario.

Estes senhores ficaram encarregados de apresentar o modo de se levar a effeito os desejos dos amigos do ex-Imperador.

Compareceu á reunião o que esta cidade possue de melhor na politica, no commercio, na industria e nas artes, trajando muitas pessoas rigoroso luto.

(Da *Gazeta da Tarde*).

Demonstrações de pezar

Hontem, no Supremo Tribunal Federal, depois de aberta a sessão, o presidente conselheiro Freitas Henriques pronunciou uma breve allocução, sendo em seguida unanimemente

approvada a moção de pezar apresentada na ultima sessão pelo Sr. Visconde de Sabará, e resolvendo-se mais mandar celebrar uma missa de setimo dia do fallecimento do ex-Imperador.

* * *

Instituto Historico Geographico Brazileiro

Sessão Extraordinaria em 7 de Dezembro de 1891.—Presidencia do Sr. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.—A's 7 horas da noite achando-se presentes os socios Srs. conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, general Dr. João Severiano da Fonseca, Henrique Raffard, conselheiro Tristão de Alencar Araripe, commendador José Luiz Alves, conselheiro Manoel Francisco Correia, Dr. Cesar Augusto Marques, Barão de Capanema, Dr. Maximiano Marques de Carvalho, major J. José Gomes da Silva Netto, Marquez de Paranaguá, Dr. Alfredo do Nascimento Silva e Dr. Feliciano Pinheiro de Bittencourt, servindo de 2º secretario, abre-se a sessão.

O Sr. presidente communica o lamentavel fallecimento do immediato protector do Instituto; diz que já remetteu um telegramma de pezames á S. A. a Sra. Condessa d'Eu, mandou que ficassem cerradas as portas da casa durante sete dias e fez convocar a presente sessão extraordinaria para tratar de resolver como podem ser manifestados os sentimentos de profunda magua de que se acham possuidos pelo infausto passamento de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II; accrescenta parecer-lhe que se deve mandar suffragar a alma do illustre finado e que os consocios ponham luto pelo espaço de tempo que entender conveniente.

Usam da palavra diversos socios, e diversas propostas apresentadas, depois de resumidas pelo Sr. presidente, são adoptadas nos termos seguintes:

I. Ficam approvadas as providencias já tomadas.

II. Os Srs. socios tomarão luto pelo tempo que julgar conveniente.

III. O Instituto mandará celebrar uma missa de setimo dia pelo eterno descanso do pranteado morto, sendo convidado para o acto o distincto consocio Sr. Bispo de Olinda.

IV. A mesa fica constituida em commissão para assistir as solemnes exequias mandadas celebrar pelo Sr. Bispo Diocesano.

V. Cobrir-se-ha de crepe, durante um anno, a cadeira em que se sentava Sua Magestade para presidir as sessões do Instituto.

VI. Corôas de louro serão collocadas sobre o busto do Sr. D. Pedro II e o respectivo pedestal ficará coberto de luto.

VII. Os socios Conde de Mota Maia, Barão do Penedo e Barão do Rio Branco são nomeados para assistirem as exequias em Pariz e depositar corôas em nome do Instituto.

VIII. Os socios Manoel Pinheiro Chagas, major Serpa Pinto e Pedro Wencesláo de Brito Aranha são nomeados para assistirem as exequias em Lisboa e depositar corôas em nome do Instituto.

IX. Realizar-se-ha no dia 5 de Janeiro proximo vindouro, trigesimo dia do fallecimento, uma sessão commemorativa, na qual, depois de aberta pelo vice-presidente, que em breve allocução declarará o fim especial da mesma, será dada a palavra ao orador para fazer o elogio do venerado finado, depois do que serão igualmente convidados quaesquer outros membros do Instituto, que com antecedencia de 15 dias tiverem avisado a mesa d'este seu desejo.

X. A sessão anniversaria que devia ter logar no dia 15 do corrente se realizará em meado do mez de Janeiro proximo futuro ; quanto á sessão de eleições geraes effectuar-se-ha no dia marcado pelos estatutos.

XI. O Instituto deferirá um premio que consistirá em uma medalha de ouro, a quem apresentar, dentro do prazo de 8 mezes, a contar de 5 de Janeiro, o melhor trabalho historico e biographico do augusto fallecido, devendo a mesa pronunciar-se sobre a preferencia que houver de ser dada aos trabalhos apresentados. O preferido será publicado pelo Instituto.

XII. Os secretarios da mesa ficam encarregados de fazer em um livro especial a compillação de todos os artigos que houverem sido publicados com relação á pessoa de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II desde o dia 5 do corrente mez.

XIII. Consigne-se na acta o voto ardente que faz o Instituto para que, o mais breve possivel, os restos mortaes do grande cidadão Brazileiro sejam trasladados para a terra da patria que tanto amava.

XIV. O presidente fica autorisado a providenciar, como tiver por melhor, a respeito da execução das deliberações tomadas.

O 1º secretario, o Sr. Henrique Raffard, obtendo a palavra, participa ter recebido cartas dos socios commendador Luiz Cruls annunciando que não póde assistir á presente sessão, tendo de se ausentar hoje da Capital por motivo de serviço publico, e capitão de fragata José Egydio Garcez Palha declarando deixar de vir á sessão d'esse dia por incommodos de saude e ponderando que, seja qual fôr a manifestação que o

Instituto queira patentear pelo fallecimento do Grande Patriota que se chamou no Brazil e no mundo — Pedro II —, a ella se associa e de coração a subscreve.

Levanta-se a sessão.

Dr. Feliciano Pinheiro de Bittencourt, servindo de 2º secretario.

* * *

Monte-Pio Geral de Economia dos Servidores do Estado Em sessão extraordinaria reunio-se hontem a directoria d'este estabelecimento, sob a presidencia do Sr. Marquez de Paranaguá, achando-se presentes os Srs. conselheiros Ribeiro da Luz, Meira de Vasconcellos, Ewerton de Almeida, Lima e Silva, Nascentes Pinto e Fernandes da Cunha e commendador Carlos Augusto da Sá.

O Sr. presidente disse commovido:

«O protector constante das instituições beneficentes do Brazil, aquelle que no afanoso e indefesso lidar pelo bem publico, durante quasi meio seculo do seu glorioso reinado, servio de antemural aos servidores do Estado contra as injustiças e as paixões partidarias e de amparo a suas familias, livrando-as da miseria acaba de fallecer exilado, longe da patria que tanto amou.

Maior, se é possivel, no infortunio pela resignação evangelica e pela magnanimidade dos sentimentos patrioticos e humanitarios que manifestou sempre, o Imperador philosopho e liberal elevou-se ainda mais na admiração de todos os povos civilisados da Europa e da America, os quaes, n'este momento solemne, curvam-se respeitosos diante do feretro do mais illustre dos brazileiros.

A generosa França, cerebro do mundo, deu o exemplo, proclamando nobremente as virtudes do illustre morto, e decretando-lhe as maiores honras, no seu funeral e no seu sahimento.

D'esta arte aquella poderosa Nação, ao mesmo tempo que exaltou-se a si propria, penhorou a gratidão dos Brazileiros que estremeciam o Sr. D. Pedro II.

E, pois, tomando a mais viva parte na dôr que afflige e opprime a desconsolada familia do finado Imperador, a directoria do Monte-Pio Geral dos Servidores do Estado resolve:

1° Enviar á Suas Altezas, a Sra. D. Isabel, Condessa de Eu, e seu augusto esposo, o Sr. Conde d'Eu, os mais sentidos pezames pelo infausto acontecimento:

2° Consignar na acta d'esta sessão extraordinaria um voto do mais profundo pezar:

3° Mandar celebrar uma missa no setimo dia, por alma do illustre finado, comparecer ás exequias que se celebrarem na Cathedral:

4° Tomar luto, com os empregados da Secretaria do Monte-Pio, por 15 dias.

Approvadas unanimemente estas propostas, levantou-se immediatamente a sessão.

* * *

O Sr. Dr. Carlos Perdigão escreve-nos o que se segue, suggerindo o modo de tornar permamente nossa gratidão á França:

« O dia 5 de Dezembro de 1891 estabeleceu tregua santa entre os brazileiros em arraiaes contrarios. Monarchistas e republicanos inclinam-se todos, em homenagem e respeito á dor, ante a mansão do luto e vão atraz da bandeira da Cruz offererecer a Deus o incenso da oração por essa alma catholica e eminente, honra do seculo, que se chamou D. Pedro II, de preclarissima memoria e que, sendo nosso Imperador por cincoenta annos, tornou mais singulares que a magestade os dotes raros de sã virtude e do mais nobre coração; e assim, tocado pela mão da morte, pôde olhar sereno para o céo, sem que o fizessem tremer seu presente, nem seu passado, entregando a Deus sua alma sem remorsos.

Dobram todos os brazileiros, portanto, hoje o joelho e prestam a esse morto a oblação sincera ante a religião, o que não podiam sem duvida alguns republicanos render ao throno.

Morreu o eminente Imperador, a quem em sua velhice, a desventura levou aos labios a taça de todas as amarguras da vida para que a esgotasse até ás fezes, pobre, mas honrado e nobre, nas plagas do exilio.

Mas, não é bastante esse preito ao morto.

A França é nossa credôra por sua magnanimidade. E' preciso que os Brazileiros vão até alli perpetuar a viveza e o tributo de sua gratidão.

O culto da gratidão é placido; não é como o das disputas tumultuosas das sciencias vãs e das investigações temerarias: é, como diz S. Paulo *(Ep. 2ª aos Corint,* Cap. X, v. 5°), fallando d'aquelle que creou Jesus Christo, o culto da obediencia do coração, da submissão da intelligencia, sujeita ao jugo da fé, e que, na profundeza de seus designios, rompe com as exigencias orgulhosas da razão, para submetter-se humilde á simplicidade da fé, pelo sentimento e pela religião.

A França n'essa adversidade foi eminente! Substituio os brazileiros com seu nobre e luminoso espirito, remontando-se até ás regiões em que só habita a grandeza.

Foi essa nação privilegiada, que exerce ascendente, em todas as épocas, no mundo dos factos e das idéas, pela incontestavel superioridade de sua civilisação, das leis que presidem ao desenvolvimento de seu poder, á estabilidade de sua grandeza, quem, abraçando-se com a Igreja Catholica, quiz honrar os Brazileiros n'aquella perda immensa do primeiro cidadão d'elles e d'ella venerado hospede pela virtude e pelo infortunio!

Pois bem, passemos em continencia diante d'essa magnanimidade e vamos, nós Brazileiros, sem distincção de crenças, alli, junto ou proximo á casa em que falleceu o grande ex-Imperador, n'aquelle terreno abençoado da culta e radiosa França, dentro d'aquella cidade tão justamente chamada a Capital do mundo, erigir monumento singelo, mas que perpetue e mostre aos vindouros qual nossa gratidão, tendo sómente este distico:

A' MAGNANIMA FRANÇA

A GRATIDÃO BRAZILEIRA

1891

Para chegar a esse resultado, abrirão os jornaes listas nas quaes venha dar o quanto lhe fôr possivel cada um dos Brazileiros que assim honram a memoria augusta de seu ex-Imperador, e ao mesmo tempo pagam pela gratidão o tanto que nesse doloroso transe devem a França. »

*
* *

A directoria e professores do Lyceu de Artes e Officios, contristados pelo passamento do protector e bemfeitor d'este estabelecimento, o Sr. D. Pedro II, ex-Imperador, mandam celebrar sabbado, 12 do corrente, ás 9 horas, na matriz do Sacramento, uma missa por alma d'esse illustre e pranteado Brazileiro.

*
* *

A directoria da Associação Promotora da Educação da Infancia Desvalida de Paquetá, convocada extraordinariamente, resolveu, por deliberação unanime, que se consignasse na acta um voto de profundissimo pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil, que os membros da directoria tomassem luto até ao dia das exequias solemnes realizadas na Cathedral, e uma mensagem de pezames fosse dirigida a S. A. a Sra. Condessa d'Eu.

*
* *

Reunido o conselho administrativo do Congresso Beneficente Homenagem a Capello e Ivens em sessão no dia 7 do andante, deliberou por unanimidade a seguinte manifestação de pezar:

1.° Inserir em acta um voto de consternação e sincera magua e suspender os trabalhos sociaes em signal de profunda dôr pelo infausto passamento do integro Brazileiro ex-Imperador D. Pedro II ;

2.° Hastear em funeral e cobrir de crepe o pavilhão social até ao setimo dia do seu passamento ;

3.° Assistir a todos os actos funebres e religiosos que se realizarem n'esta capital em seu suffragio.

* * *

A Irmandade do SS. Sacramento de S. Christovão manda celebrar uma missa por alma do Sr. D. Pedro II, sexta-feira 11 do corrente, ás 8 horas, na igreja matriz.

* * *

Os Religiosos Benedictinos mandam celebrar no seu mosteiro, sexta-feira 11 do corrente, ás 8 horas, uma missa com *libera-me*, por alma do nosso nunca assás pranteado ex-Imperador do Brazil o Sr. D. Pedro II.

* * *

Hontem, por occasião de reunir-se o Tribunal Correcional da 13ª pretoria, o respectivo juiz Dr. Ataulfo Paiva mandou lavrar na acta o seguinte :

« Este juizo saudosa e profundamente commovido pela pranteada perda do grande patriota e immortal Brazileiro D. Pedro de Alcantara, consigna um voto de eterno respeito e homenagem á sua memoria.

* * *

Reunido o Conselho Administrativo da Sociedade Auxiliadora dos Artistas Alfaiates em sessão no dia 7 do corrente, resolveu por unanimidade a seguinte manifestação de pezar:

1.° Suspender a sessão e inserir em acta um voto de saudoso pezar pelo doloroso passamento do meritissimo Brazileiro ex-Imperador D. Pedro II ;

2.° Hastear em funeral e envolto em crepe o pavilhão social até ao setimo dia do seu passamento e assistir as exequias que em seu suffragio forem realizadas n'esta capital;

3.° Consagrar uma das paginas do relatorio annual á sua idolatrada memoria como tributo do muito que fez pelas artes e pela sciencia.

*
* *

A directoria da Liga de S. Sebastião, em sessão de 8 do corrente, mandou lavrar em acta um voto de profundo pezar pelo passamento de S. M. o Sr. D. Pedro II e resolveu mandar celebrar uma missa de *requiem* no trigesimo dia do seu fallecimento em suffragio da alma do mesmo senhor.

*
* *

O conselho da S. U. B. das Familias Honestas resolveu encerrar os seus trabalhos e consignar em acta um voto de sincero e profundo pezar pelo passamento do eminente cidadão o Sr. D. Pedro de Alcantara.

*
* *

A empreza do Panorama em signal de respeito pela memoria do Sr. D. Pedro II resolveu distribuir aos pobres a importancia de 138$, producto das entradas de hontem, dia das exequias do preclaro monarcha. Nosso collega d'*O Paiz* encarregou-se da distribuição.

*
* *

A directoria da Companhia Technico-Constructora, logo que teve noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro, resolveu mandar cerrar as portas dos estabelecimentos, lançar em acta um voto de profundo pezar por tão infausto passamento, e tomar luto por oito dias.

*
* *

Na sessão de hontem do Instituto Polytechnico Brazileiro sob a presidencia do Sr. conselheiro Epifanio Pitanga, e achando-se presentes muitos socios, depois da leitura e approvação da acta da sessão antecedente, o Sr. presidente diz:

«O Instituto Polytechnico Brazileiro tem consciencia da profunda magua com que tem sido recebida em todos

os angulos da Grande União Brazileira a compungente noticia do passamento do preclarissimo Sr. D. Pedro de Alcantara, distinctissimo socio e presidente honorario do Instituto Polytechnico.

Esta noticia não póde deixar de despertar no seio da nossa associação o mais vivo sentimento de pezar, e em taes condições, considerando unanime a justa magua por tão triste acontecimento, e julgando bem interpretar os sentimentos dos socios no Instituto, proponho que:

1.º Se insira na acta um voto de profundo pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara;

2.º Se envie um telegramma apresentando condolencias á Sua Alteza Real o Sr. Conde d'Eu e á Sua Augusta Esposa;

3.º Se nomeie uma commissão para assistir as exequias que se celebrarem n'esta capital por tão lutuoso acontecimento;

4.º Se conserve a primeira pagina do primeiro numero da revista, que se publicar, ao Sr. D. Pedro de Alcantara, como presidente honorario do Instituto, juntando-se o seu retrato;

5.º Se suspendam os trabalhos da presente sessão. »

Esta proposta é unanimemente approvada, tendo tambem fallado sobre o assumpto os Srs. Drs. Moscoso, Diniz e Paula Freitas.

Em seguida são nomeados para a commissão supra mencionada os Srs. conselheiros Nascentes Pinto, Dr. Paula Freitas, Dr. Diniz, Dr. Moscoso e Dr. Frederico Draenert.

Levanta-se a sessão ás 8 horas da noite.

*
* *

A Irmandade da Santa Cruz dos Militares, em sessão extraordinaria de mesa plena, de hontem, tomou conhecimento de ter o provedor mandado içar a bandeira da Irmandade a meio páo, quando soube-se da morte do Sr. D. Pedro de Alcantara, protector perpetuo da mesma Irmandade, e bem assim de se ter executado a ordem do bispado, para que os sinos tocassem a finados.

A mesa resolve: 1.º, que se expedissem para Lisboa dois telegrammas, um de pezames á princeza D. Isabel e outro, á escolha do provedor, a pessoa idonea para representar a Irmandade nos funeraes e em nome d'ella depositar uma corôa;

2.º Que se mandasse celebrar um officio funebre;

3.º Que se lançasse em acta um voto de profundo pezar pela morte de seu protector perpetuo;

4.º Que se mandasse talhar em marmore um busto do Sr. D. Pedro de Alcantara.

*
* *

O conselho administrativo da Sociedade de Soccorros Mutuos Luiz de Camões, reunido hontem em sessão, resolveu adiar seus trabalhos, inserindo em acta um voto de profundo pezar pelo passamento do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, e em seguida suspendeu a sessão, nomeando uma commissão para assistir as exequias que se realizarem n'esta capital.

*
* *

Em nome do Lyceu de Artes e Officios foi deposta uma corôa de saudades sobre o corpo do Imperador.

*
* *

O conselho administrativo da Sociedade Concordia Fluminense, em sessão de 9 do corrente e por proposta do Sr. vice-presidente, mandou inserir em acta um voto de profundo pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, nomeando-se uma commissão para assistir as exequias que devem ser effectuadas na Cathedral e suspendeu os seus trabalhos até ao setimo dia.

*
* *

A irmandade de S. José e Nossa Senhora das Dôres, no Andarahy Grande manda celebrar uma missa na sua igreja no dia 11 do corrente ás 7 1/2 horas da manhã pelo descanso do espirito do Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil.

*
* *

A empreza, os artistas e todo o pessoal do theatro Variedades, pretendem realizar por estes dias exequias na igreja de S. Francisco de Paula, afim de commemorarem por esse acto religioso o passamento do ex-Imperador do Brazil.

Para esse fim foi nomeada uma commissão composta dos actores Peixoto e Porto e do machinista Velloso Braga.

(Do *Jornal do Commercio*).

Esmola do Imperador

Hontem na Santa Casa ao começar a sessão da Mesa e Junta, o Sr. conselheiro Paulino José Soares de Souza, Provedor da Misericordia, proferio as seguintes palavras:

« Antes de tratarmos dos assumptos que motivaram a presente convocação da Mesa e Junta devo referir-me ao triste acontecimento que desde o dia 5 do corrente mez traz ulcerado o coração Brazileiro.

O principe illustre cujo funeral a França Republicana solemnisa hoje com tanto lustre, mostrando quanto uma grande nação sabe honrar um grande homem, foi em todo o seu longo e feliz reinado protector assiduo e desvelado bemfeitor da Santa Casa de Misericordia. Foi elle quem ainda na adolescencia lançou a 2 de Julho de 1840 a pedra fundamental d'este grandioso hospital e tomou sob seus auspicios valiosissimos a execução do pavimento que José Clemente Pereira concebêra de levantar o monumento de todos o mais honroso aos sentimentos do povo brazileiro.

Foi dia de sua sagração que para assignalal-o com um grande acto de caridade christã autorisou por decreto de 18 de Julho de 1841 a Santa Casa da Misericordia a fundar o Hospicio onde se abriga a mais cruel das desgraças humanas e a que deu o seu augusto nome. O Recolhimento das orphãs, a Casa dos Expostos, todos os estabelecimentos da Misericordia receberam das suas mãos beneficentes repetidas esmolas e protecção constante.

As duas estatuas que alli vêdes hoje na entrada d'esta sala pela primeira vez em frente uma da outra (D. Pedro II e José Clemente Pereira) exprimem o mesmo sentimento irradiado do Omnipotente reflectindo a bondade Divina nos corações dos dois homens que no nosso seculo fizeram mais n'esta casa pelos enfermos, pelas orphãs, pelos pobres e pelos infelizes.

Considerando o Sr. D. Pedro II um dos maiores bemfeitores da Misericordia, ordenei, ao receber a infausta noticia do seu passamento que se déssem em todos os nossos estabelecimentos as demonstrações de pezar que a Misericordia na primeira afflicção da viuvez costuma a dar pela perda do Chefe da Instituição e que são as maiores nas tradições da casa. Determinei que se rezassem missas de 7° dia em todos os nossos hospicios e asylos e que se celebrasse no dia 14 do corrente, ás 10 horas da manhã, um officio solemne, para o qual convido os membros da administração, os irmãos e os funccionarios da Misericordia e no qual serão representadas as recolhidas e asyladas da Misericordia.

Acredito interpretar fielmente os sentimentos de todos os membros presentes da administração declarando para se escrever na acta, que a noticia do passamento de S. M. o Sr. D. Pedro II foi recebida com o mais profundo pezar e que a sua memoria será sempre querida e venerada na Santa Casa.

O acontecimento que deplorámos trouxe a necessidade de resolver sobre um ponto, a que tomei a liberdade de prover desde logo de accôrdo com a minha primeira inspiração. Todos os annos quando sua Magestade visitava os enfermos d'este hospital mandava entregar para ser distribuida em prestações mensaes por certo numero de necessitados uma determinada quantia que na escripturação da Santa Casa se inscrevia sob o titulo—Esmola do Imperador.

Fallecendo agora o bemfeitor e não se devendo extinguir o beneficio já por bem dos favorecidos, já em honra de quem o fez durante tão largos annos, nem querendo eu onerar com essa despeza o cofre do Hospital Geral, peço á Mesa e Junta que me consintam tomar a mim pessoalmente esse cargo, emquanto viver, continuando a figurar nos livros da Santa Casa sempre com a rubrica—*Esmola do Imperador.*

Entrego n'este acto ao irmão thesoureiro a contribuição até ao fim do anno compromissal, compromettendo-me a renoval-a todos os annos.

Foi minha primeira intenção entender-me, reservadamente, com o nosso prezado irmão sobre a effectividade do intuito, conservando o silencio essencial a actos d'esta ordem. Resolvi, porém, preterir a delicadeza dos meus sentimentos não só porque o reconhecimento da Santa Casa exigia de mim a confissão do beneficio feito aos infelizes que se abrigam sob a sua sombra, sem mais ferir susceptibilidade do bemfeitor, como porque me honro de, seguindo o exemplo por elle deixado, dar assim publico testemunho de affecto e do mais profundo respeito a memoria do Principe virtuoso, que a ausencia dos esplendores da realeza tornou ainda maior aos olhos do mundo,deixando-o ver fóra das sombras inherentes ás grandezas sociaes, na elevação da sua grande estatura moral, na plenitude de seu caracter purissimo, como a Misericordia o contemplará sempre nas expansões da sua alma sinceramente bemfazeja.»

Depois d'estas palavras vivamente applaudidas por todos os irmãos presentes, o Sr. conselheiro Theodoro Machado pede ao illustre Provedor que consinta aos membros da alta administração da Santa Casa, associarem-se-lhe no encargo de conservarem a — Esmola do Imperador — não deve ella continuar sómente durante a vida de S. Ex. mas perpetuar-se com a Misericordia a cargo de sua administração sejam quaes forem os irmãos que d'ella façam parte.

Espera que acceita por todos como é sua proposta não lhe negue o dignissimo Provedor, ainda que lhe custe, a sua acquiescencia.

O Sr. Provedor declara que já entregou ao irmão thesoureiro a sua contribuição: pertence ella já aos pobres da Santa Casa, não póde mais recebel-a nem ella lh'a poderia restituir.

O Sr. conselheiro Theodoro insiste dizendo que respeita o facto consummado e limita a sua proposta aos annos posteriores.

Acceita a proposta por toda a mesa declara o Sr. Provedor que concorda tambem por sua parte e pela razão que não tendo o direito de passar com a provedoria ao seu successor um encargo que se legitima pela expontaneidade e tendo a mesa a faculdade de perpetual-o, como condição de posse da administração, deve deixar o alvitre que assegura a perduração indefinida da — Esmola do Imperador — a beneficio dos pobres da Santa Casa.

O Sr. conselheiro Thomaz Alves propõe e é approvado que se remetta cópia da acta d'esta sessão á Sra. Princeza D. Isabel, com as condolencias da Administração da Santa Casa.

Em seguida o irmão Provedor communica que um digno socio do Club Guanabarense remetteu-lhe a quantia de 1:000$ para ser dada á educanda da Santa Casa que mais se distinguir por sua applicação e adiantamento moral, sendo este premio instituido sob a denominação — D. Pedro de Alcantara —, renovado annualmente pelo instituidor. Sendo o fim d'este prestar o culto de admiração ao illustre principe, não póde declinar o nome do bemfeitor que se esquiva á publicidade.

O Sr. conselheiro Barros Barreto diz que tendo o illustre Provedor ordenado todas as demonstrações de pezar que a Santa Casa podia dar n'esta occasião, só resta á Mesa e Junta suspender a sessão, para não se tratar hoje de outro assumpto.

Assim propôz e é approvado.

(Do *Jornal do Commercio*).

Manifestações

A Associação de Soccorros Mutuos Memoria á Restauração de Portugal suspendeu em 7 do corrente a sessão em signal de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro II, lavrando em acta um voto de profundo pezar, depois de haver deliberado

conservar o pavilhão social em funeral por 8 dias, e mandar rezar uma missa na igreja de Sant'Anna no setimo dia, ou em outro em que seja possivel.

*
* *

A redacção e gerencia d' *O Brazil* fazem celebrar uma missa pelo eterno repouso de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, na sexta-feira 11 do corrente, ás 9 horas, na igreja-matriz do Sacramento; e para esse acto de religião convidam os amigos e admiradores do venerando Imperador.

*
* *

Em demonstração de pezar pelo fallecimento do illustre Brazileiro D. Pedro de Alcantara, foi deliberado, em sessão de 5 da Sociedade Particular de Musica Estrella do Oriente, mandar celebrar a missa do setimo dia na igreja de N. S. do Rosario, no dia 11 do corrente, pelas 9 horas da manhã bem como suspender os seus trabalhos por 8 dias.

*
* *

O conselho administrativo da Sociedade Loterica Beneficente União Fluminense reunio-se no dia 8 do corrente, em sessão extraordinaria e resolveu inserir em acta um voto de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador, e em seguida suspendeu a sessão.

*
* *

O proprietario da *Revista do Sport*, Sr. Juvencio Pinto, manda celebrar depois de amanhã uma missa por alma do Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil.

*
* *

Em Santos, por proposta do presidente da intendencia municipal, lavrou-se na acta um voto de pezar pelo fallecimento do ex-Imperador.

Reunião popular

Effectuou-se hontem, á 1 hora da tarde, a reunião popular que fôra convocada para a manifestação de profundo pezar pelo infausto passamento do Sr. D. Pedro II.

O grande salão do Asylo de Nossa Senhora da Conceição, á rua do General Camara, foi demasiado pequeno para conter todas as pessoas que acudiram ao convite. O vestibulo e as escadas encheram-se tambem. A maioria dos assistentes, não obstante o crescido numero de cadeiras, teve de conservar-se de pé. Muitas eram as senhoras e da nossa melhor sociedade.

No fundo do salão ha um quadro que representa memoravel successo da nossa historia: a assignatura da lei de 28 de Setembro de 1871 pela então Princeza Regente a Sra. D. Isabel. Acham-se representados na tela os ministros, illustres collaboradores d'esse acto glorioso.

Foi acclamado presidente da assembléa o venerando Sr. Marquez de Tamandaré que, ao tomar assento na mesa, recebeu estrondosa manifestação de apreço. A mesa, por indicação do Sr. Dr. Joaquim Nabuco, tambem acceita com applausos calorosos, ficou constituida com os Srs. Viscondes de Sinimbú e de Ouro-Preto, conselheiro João Alfredo e Barão do Ladario, todos presentes e que igualmente passaram a occupar os seus logares.

O Sr. Dr. Joaquim Nabuco, tomando a palavra disse que, tendo sido um dos iniciadores da idéa da reunião o redactor principal d' *O Brazil*, talvez houvesse este de propôr qualquer plano para a manifestação projectada: mas, achando-se formada a mesa por cavalheiros distinctissimos e da plena confiança de todos os presentes, á commissão por elles composta se deveriam attribuir poderes para deliberar como entendesse melhor.

O Sr. Professor Silva Santos, que já se achava com a palavra, leu a seguinte proposta:

« Sr. Presidente — Parecendo-nos que seria uma ingratidão de nossa parte, se no dia em que nos reunimos para manifestar o alto apreço em que era tido o Grande Cidadão que, na opinião do conselheiro Paulino de Souza, governou este paiz por mais de cincoenta annos com honestidade, desinteresse e patriotismo, não procurassemos estendel-o tambem á Excelsa Imperatriz, que por suas virtudes passará á historia com o sublime nome de Mãi dos Brazileiros: propomos por isso, afim de perpetuar condignamente a memoria d'esses dois venerandos vultos de nossa patria, a fundação de um asylo que se denominará Pedro II e Thereza Christina, devendo ser uma parte dos beneficiados por essa instituição constituida de naturaes repartidamente de cada um dos estados do Brazil, symbolisando assim

a unidade e confraternisação da patria brazileira, e a outra de estrangeiros de todas as nacionalidades, o que significará a nossa hospitalidade e ao mesmo tempo um tributo do nosso reconhecimento ás diversas nações que se têm disputado a honra de prestar ao ex-Imperador as homenagens de sua consideração e respeito, devendo haver n'esse asylo um mausoléo em que sejam recolhidos mais tarde os despojos mortaes dos dois augustos soberanos.

Tendo sido a Quinta de Bôa-Vista o scenario onde mais resplandeceram as virtudes dos augustos finados, propomos mais que se solicite, em occasião opportuna dos poderes publicos, a doação de terrenos situados na mesma Quinta para a fundação do referido asylo. »

O Sr. Dr. Carlos de Laet declarou que obscuro cidadão, em assembléa onde figuravam cavalheiros de maior respeitabilidade pelas suas posições e pelos seus grandes serviços ao paiz, nada teria que dizer se não tivera sido nominalmente designado por seu illustre amigo Dr. Joaquim Nabuco.

Se cooperou para que esta reunião se effectuasse foi pelo desejo de expurgar da pécha de ingratidão o povo brazileiro, que, pelo retrahimento do grupo official, não deve perder o direito de patentear os seus sentimentos para com o grande homem cujos restos mortaes estão sendo honrados em paiz estrangeiro.

Louva-se nos conceitos do Sr. Dr. Joaquim Nabuco e entende que á mesa, constituida em commissão, se devem conferir todas as faculdades para a expressão do sentimento popular.

O Sr. Joaquim de Sequeira propoz então que entre as manifestações não se esquecesse uma á França, á gloriosa nação que tanto se tem esmerado em tributar honras publicas aos restos inanimados do Imperador.

Seguio-se, com a palavra o Sr. Visconde de Ibituruna e, commovidissimo, leu a seguinte proposta:

« A maioria do povo brazileiro tem duas grandes dividas a pagar.

A primeira é a do seu eterno reconhecimento á generosa França e ao seu governo pelas provas da mais elevada consideração e estima que estão dispensando ao nosso idolatrado Imperador Sr. D. Pedro II, que terminou seu exilio no dia 5 do corrente, exhalando o ultimo suspiro em Pariz, no coração d'essa heroica nação que elle sempre apreciou devidamente, e a todas as outras nações da Europa e da America, que tão dignamente souberam honrar o illustre morto, honrando tambem a terra do seu berço, que elle engrandeceu, illustrou e felicitou durante meio seculo!

A essas generosas nações protestemos indelevel gratidão.

A segunda divida refere-se ao procedimento que devemos ter para que se realizem os ardentes desejos que sempre manifestou o preclaro Brazileiro: de que seu corpo repousasse eternamente na terra em que teve a felicidade de nascer.

Proponho que envidemos todos os esforços para erigir em um dos cemiterios das Ordens Terceiras d'esta capital, em terreno que trataremos de adquirir, uma modesta capella mortuaria para onde, em tempo opportuno, possam ser trasladados seus restos mortaes, os da sua virtuosa esposa, a Imperatriz do Brazil e Mãi dos Brazileiros, e bem assim os de sua augusta Mãi, de sua irmã a princeza D. Paula, e de seu neto, o primogenito da princeza Isabel que se acham na capella de N. Senhora das Dôres no convento da Ajuda d'esta capital.

Confiando na generosidade, no espirito de justiça e nos sentimentos de gratidão dos Brazileiros, proponho que se abra uma subscripção popular para, com o seu producto, levantar-se um monumento sepulchral que, ás gerações futuras, atteste a nossa gratidão para com o monarcha mais notavel do nosso seculo por sua illustração e patriotismo, que soube conquistar para nossa patria, que elle chamava seu amado Brazil, a amizade e a admiração do mundo!

Para a realização d'este empenho de honra devemos contar com o auxilio da maioria dos nossos compatriotas d'esta capital e dos estados, de todas as classes da nossa sociedade e mesmo dos estrangeiros que sempre se mostraram prodigos de louvores aos altos merecimentos do Sr. D. Pedro II, cujo passamento acaba de enlutar o universo inteiro!»

O Sr. Dr. Alves Linhares suggerio tambem a idéa de expedição immediata de um telegramma á Sra. D. Isabel.

Vieram mais á mesa as seguintes propostas:

«Proponho que se responda de modo condigno ao telegramma que á Nação Brazileira dirigio a Serenissima Princeza, por intermedio do general Lassance, annunciando o fallecimento de seu prezado pai, certa de que o povo se associaria á sua dôr.—*C. da Franca Amaral*».

«Proponho que se convide o povo a dirigir uma mensagem, exprimindo o seu profundo reconhecimento ao povo e governo francez, pelas homenagens tributadas ao illustre morto, ao distincto Brazileiro que em si personificou todas as glorias e grandezas de sua patria.—*C. da Franca Amaral.*

«Proponho que se abra uma subscripção nacional para, com o seu producto, erigir-se um monumento que perpetue, não a memoria do grande Imperador, porque esta já se acha inscripta nas paginas mais gloriosas da historia d'este seculo, mas a gratidão do povo para com o seu bemfeitor, seu pai e seu pastor,

durante meio seculo de prosperidade e engrandecimento do Brazil.—*C. da Franca Amaral.*»

Todos os oradores que em concisas allocuções occuparam a attenção da assembléa, mereceram demonstrações de acquiescencia, e foi acolhida com uma salva de palmas a redacção d'*O Brazil*, na pessoa do redactor, que alli se ergueu para dizer algumas palavras.

Tendo-se vencido que a commissão ficaria autorizada para proceder como mais conveniente julgasse, não foram submettidas á votação as propostas enviadas á mesa, havendo, porém, de ser tomadas na devida consideração.

O Sr. Marquez de Tamandaré encerrou a sessão com phrases em que tornou publica a sua gratidão pela unanime escolha de que tinha sido objecto para presidir a reunião e convidou todas as pessoas presentes a assignarem os seus nomes.

A lista dos circumstantes dal-a-hemos amanhã, devendo comtudo notar-se que pela relativa exiguidade do recinto, muitissimas pessoas se retiraram sem poderem subscrever.

— A commissão, entrando a funccionar logo em seguida, deliberou enviar os seguintes telegrammas.

A Sra. D. Isabel, Pariz :

« Uma grande reunião de Brazileiros, convocada hoje, elegeu a commissão abaixo assignada e lhe conferio illimitado poder para dar publicas e solemnes demonstrações de pezar pela desgraça que acaba de enlutar o Brazil e o mundo culto.

« A commissão começa a desempenhar a sua honrosissima tarefa beijando a angusta mão de Vossa Alteza Imperial, a quem apresenta sentidissimas condolencias, no que é geralmente acompanhada por toda a Nação Brazileira — *Marquez de Tamandaré—Visconde de Sinimbú—João Alfredo Corrêa de Oliveira — Barão do Ladario — Visconde de Ouro Preto.*»

A S. Ex. Sr. ministro da Republica Franceza no Brazil, Petropolis.

« A reunião celebrada hoje em honra á memoria de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II encarrega-nos de expressar a V. Ex., como muito digno representante da França, os sentimentos da profunda gratidão do povo brazileiro pelo modo como essa nobilissima nação e o seu illustrado governo prestaram ao augusto hospede as ultimas homenagens.

« Apressamo-nos a cumprir este grato dever, rogando a V. Ex. o favor de transmittir ao mesmo governo o testemunho do reconhecimento dos Brazileiros — *Marquez de Tamandaré — Visconde de Sinimbú — João Alfredo Corrêa de Oliveira — Barão do Ladario — Visconde de Ouro Preto.*»

. . .

A commissão reune-se hoje para proseguir em seus trabalhos, á 1 hora da tarde, na casa da residencia do Marquez de Tamandaré, á rua do Rezende 20.

Damos abaixo os nomes das pessoas que compareceram á reunião e assignaram seus nomes:

Marquez de Tamandaré, João Vieira Lins Cansansão de Sinimbú, Visconde de Ouro-Preto, João Alfredo Corrêa de Oliveira, Barão do Ladario, Claudio José da Silva, Oscar Tronpowsky, Pedro Paulo Ribeiro Rosado, Dr. Custodio Martins, Firmo de Albuquerque Diniz, Dr. Jorge Street, Barão de Miranda Reis, Dr. Antonio Tiburcio Figueira, Leopoldo Figueira, Valerio Publicola Alves de Souza, Carlos Emilio Segond, Sergio Teixeira de Macedo, Manoel Jesuino Netto, Henrique David de Sanson, Lucidio J. P. do Lago, C. da Franca Amaral, Dr. Fernando Mendes de Almeida, Alfredo Augusto de Paulo Pereira, Visconde de São Francisco, Antonio de Paula Ramos Junior, Barão de Loreto, Luiz José Pereira Simões, Ananias de Albuquerque, Francisco José Baptista da Motta, Manoel da Silva Mafra, Joaquim Antunes de Figueiredo Junior, Dr. Pedro Nabuco de Araujo, José Bento Carrilho, Dr. Lopo Diniz Cordeiro, Domingos Pacheco, Dr. Carlos Marques de Sá, Dr. Antonio Baptista de Moraes, Manoel Augusto do Nascimento, Antonio Joaquim de Cordovil Maurity, Fernando Manoel Antonio Tupper, José Lopes da Costa Moreira Junior, José Nolthenio Tolentino Alvares, Francisco José Gonçalves Agra Filho, engenheiro Francisco Leão Ferreira, Barão de Inohan, Candido Carvalho de Souza Junior, Dr. Irineu Joffily, José Antonio da Cunha Silveira, João Francisco Soares, Diogo H. Pinto, Dr. João Francisco dos Reis, Heitor B. Cordeiro, José Agostinho dos Reis, Placido de Oliveira Castro, Carlos José dos Santos Borges, Antonio da Costa Ribeiro, A. Jaceguay, Dr. Antonio Martins Pinheiro, Joaquim de Mattos Faro, Alfredo Mendes Guimarães, pharmaceutico Benedicto Hyppolito de Oliveira, José Manoel Moreira Pacheco, Julio Ribeiro de Andrade, José Ayres Pimenta, Pedro Moser, Virginio Bruno, Francisco Diogo Ferreira da Silva, Boaventura Pinto, João Joaquim da Silva, Cesario Augusto Teixeira, Francisco da Costa Miranda, Antonio Moreira da Costa, Damião Pinto de Mello, Alfredo Fernandes de Castro Bravo, Henrique Antão de Vasconcellos, João Baptista Quintanilha, João Teixeira de Abreu, Dr. José Moreira da Silva, Commendador José Maria Moreira Senra, Dr. Alcino José Chavantes, Manoel Thomaz de Oliveira Junior, Militão M. de Souza Netto, Graciliano Aristides do Prado Pimentel, Carlos Tavares de Mattos, Retiro Litterario Portuguez, J. J. dos Santos Ramos, Francisco José da Silva Leal, Joaquim Passos de Oliveira, Henrique Tanner de Abreu, Frederico Machado da Silva, João Baptista Pereira Martins, Barão de Paraná,

Boaventura José de Oliveira, Antero Pereira da Silva Moraes, Ricardo de Nilson, Alberto Pereira da Silva Cunha, André de Faro Fleury, Dr. João Baptista dos Santos Filho, Francisco Antonio Santos, Verissimo de Toledo, Dr. Joaquim Avelino de Castro Carneiro Leão, Carlos Alberto Carneiro Leão, Heitor Berna, Antonio José Vieira Gonçalves, G. S. Lemos, Manoel de Almeida Cruz, Caetano Alexandre Barreira, desembargador Esperidião Eloy de Barros Pimentel, D. Maria José Norton Murat de Pilar, José da Silva Santos, Visconde de Taunay, Franklin Sampaio, Antonio Gonçalves Pinto de Rezende, Miguel Joaquim de Castro, 2º tenente da armada Alfredo de Carvalho Moreira, brigadeiro reformado Manoel Joaquim Guedes, Antonio Francisco Bandeira Junior, F. de C. Soares Brandão, Dr. J. B Augusto Marques, Saturnino C. Gomes, Alfredo Ferreira das Neves, Dr. Sancho de Barros Pimentel, conselheiro Rodolpho Dantas, Olegario Santos, Luiz Caetano Muniz Barreto, Barão de Pinto Lima, Augusto Pinto Lima, Ildefonso José Pereira Simões, Domingos Gonçalves Leite, Dr. Ladisláu de Carvalho, Domiciano Leite Pinto, Visconde de Beaurepaire-Rohan, engenheiro Manoel Lara, Francisco de Paula Pires, Leopoldo A. da Costa, Juvenal de Sampaio Osorio, J. da Costa Pereira Cotrim, J. A. G. Pinto, Dr. Affonso Pereira Pinheiro, C. A. Cabral Lopes, José Francisco Moreira, engenheiro civil Mariano Alves de Vasconcellos, Dr. João Manoel de Castro, Manoel Joaquim Pereira da Silva, Henrique Alves de Mesquita, Joao Carlos de Souza Ferreira, Conselheiro Dr. João Capistrano Bandeira de Mello, DD. Maria Euphrasia Marques Lisboa, Isabel Liberal Dias, Francisca de Beaurepaire Pinto Peixoto, Evangelina Henriques Ferreira, Maria Thereza de Oliveira, Maria do Sacramento Ribeiro, Thereza de Oliveira, e Josepha Linhares, Henrique de Oliveira, Antonio Oliveira, Aquilino Henriques Ferreira, D. Francisca Marques Lisboa Mereilles, Henrique Gonzaga de Oliveira, D. Theodora de Schiffer Almeida, Barão de Mamoré, conego Venerando da Graça, Mariano Antonio Amorim Carrão, Mario Mattos, Augusto Pereira Lima, Carlos Vianna, Commendador Domingos da Costa Braga, Antonio José Nunes Gouveia, Torquarto Tapajós, Francisco José de Araujo Gomes, Torquato José Fernandes Couto, Paulo Pereira de Carvalho, Francisco do Rego Barros Barreto, D. Emilia do Rego Barros Barreto, Francisco de Barros Barreto, conselheiro Ignacio da Cunha Galvão, Dr. Eugenio de Barros Raja Gabaglia, João Franklin do Souto, Francisco Linhares, Alfredo Gonçalves Guimarães, Possidonio de Carvalho Moreira, Viscondessa de Carvalho Moreira, V. Liberalino de Albuquerque, Henrique Martins, Pinheiro, Valentim Tavares, Arthur Werneck, Manoel Jacintho Nogueira da Gama, J. Lapelle França, José Raymundo de Almeida Machado, Dr. Manoel da Silva Pereira, Dr. Joaquim

José de Siqueira, Dr. José Maria Leitão da Cunha, Conselheiro Manoel do Nascimento Machado Portella, Victor de Assis Silveira, Antonio Marques da Costa, Raymundo Pereira, Visconde de Thayde, director do Collegio Americano Sá de Menezes, Carlos de Laet, Luiz Tosta da Silva Nunes, João Roberto d'Escragnolle, Dr. Visconde de Ibituruna, Antonio Pinheiro dos Santos Bastos, conselheiro Candido de Oliveira, advogado Francisco Costa Chaves Faria, Manoel do N. Alves Linhares, Dr. Alvaro Caminha Tavares da Silva, Dr. Affonso Celso, conselheiro Dr. Catta Preta, Alfredo José de Freitas, João Carlos Muratori, Manoel Pinto de Miranda Montenegro, J. A. C. Vianna, Alfredo Smith de Vasconcelios, Pedro de Barros, Adolpho de Barros, Dr. Joaquim Januario dos Santos Pereira, Barão de Vasconcellos, (Rodolpho) Baroneza de Vasconcellos, D. Alice Smith de Vasconcellos, Benigno Antonio Pimenta, Dr. João Pereira Lopes, Marquez de Paranaguá, Julio Paranaguá, Dr. Ricardo Paranaguá, Terencio Leal Pimentel, José Antunes Rodrigues de Oliveira Catramby, Dr. Francisco da Silva Cunha, Umbelino Nunes da Cunha Velho, Tobias Moscoso, Antonio da Cruz Rangel, Eduardo de Andrade Pinto, conselheiro A. S. Teixeira de Macedo, Dr. Jeronymo Sodré Pereira, Joaquim de Siqueira, José Silveira do Pillar, bacharel Oscar Moncorvo, Oscar Bandeira de Mello, D. Emilia Moncorvo Bandeira de Mello, Dr. Ernesto da Cunha de Araujo Vianna, Dr. Paula Lima, Antonio Teixeira Coelho, J. R. de Lima Duarte, Honorato Candido Ferreira Caldas, Antonio R. da Costa Pinto, Antonio Pedro da Costa Pinto, Eloy Pedro de Santa Barbara, Dr. Joaquim Nabuco, M. A. Pimenta Bueno, Francisco Borges de Almeida Corte Real, Sebastião Gomes da Silva Belfort, Sizenando Barreto Nabuco de Araujo, Plinio Pereira Monteiro, Fructuoso José Fernandes, Arthur Teixeira, Pinto Peixoto, José Ponciano de Oliveira, Antonio Pinto de Miranda Montenegro, Miguel da Costa Barros Sayão, Domingos Braga, Dr. Vicente Pimentel, José Martins Duarte Porto, Pedro Carvalho de Moraes, D. Isabel Leonor de Araujo Carvalho de Moraes, D. Thereza Maria Carvalho de Moraes, João Pedro Carvalho de Moraes, José Affonso Bandeira de Mello, estudante de direito José B. Lannes, Francisco José Ribeiro, Barão de Javary, Luiz B. Bittencourt Freire, Luiz Pinto de Mello Junior, Joaquim Manoel Pereira da Cruz, Luiz Francisco Luz Bessa, Manoel Pinto Carneiro, J. A. Monteiro, Frederico Augusto Schmidt, Joaquim Antonio Teixeira, Dr. Mario de Souza Ferreira, Carlos Verran, conselheiro Felippe Franco de Sá, Pedro Hyppolito Duarte, 1º tenente reformado José Candido Duarte, Manoel Simões das Neves, Benevenuto Berna, A. D. Simões da Silva, Antonio Carlos Simões da Silva, Francisco Antonio Monteiro, Manuel Pinto R. de Carvalho, Antonio

Achilles de Miranda Varejão, Barão de Saramenha, Francisco E. de Almeida Cavalcanti, Luiz Maria Pinto de Mello, Miguel Antonio Taborba, Estanisláo B. de Souza Vianna, Dr. José Caetano Rodrigues Horta, Francisco Luiz Soares de Souza Mello, Antonio Ribeiro Velho de Avellar, Antoniode Paula Magalhães Junior, Machino Augusto de Campos, Dr. Candido Mendes de Almeida e José Alexandre Lopes do Couto.

Enviaram cartas declarando-se accordes com as manifestações em honra do fallecido Imperador os Srs. Dr. Menezes Vieira, inhibido de comparecer pelo fallecimento da Sra. sua mãi; Conselheiro Duarte de Azevedo, solicitador Augusto Frederico Fróes, Visconde do Cruzeiro, conselheiro André Fleury, Fausto Barreto, Dr. Fortunato Duarte e Benjamin Leite de Souza.

(D'*O Brazil*).

Luto

A Associação Beneficente D. Isabel a Redemptora resolveu, em demonstração de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, tomar luto por sete dias, hastear a bandeira em funeral e celebrar exequias por alma do illustre morto.

(Do *Diario do Commercio*).

Legação franceza

Sabemos que um grupo de Brazileiros pretende iniciar uma subscripção publica, com o fim de adquirir um edificio para ser offerecido á legação franceza, em demonstração de reconhecimento pelas honras que o governo da França tem dispensado a D. Pedro de Alcantara.

(Da *Gazeta de Noticias*).

D. Pedro II

Já não pertence ao rol dos vivos o Sr. D. Pedro II.

Esta noticia, transmittida pelo telegrapho, circulou de boca em boca, enchendo a todos de consternação profunda.

A historia do—grande homem—, como bem póde ser chamado, daria logar a extensos volumes e eu, confesso, não tenho competencia para fazel-a, ainda mesmo que possivel fosse traçar o seu necrologio, sob a pressão do golpe.

Depois de meio seculo de reinado elle morre sem deixar um inimigo pessoal, sem ter exercido uma só vingança, sem ter prejudicado a qualquer pessoa. Amigo do seu povo, pai da pobreza, protector das sciencias e das artes, durante o seu reinado, foi o maior defensor da liberdade e o mais decidido democrata.

Salientemos, porém, o patriotico papel que elle representou no exilio.

Grande na desgraça, desthronado, saube impor-se á consideração de todos pela abnegação que mostrou, não pronunciando uma só palavra amarga ou de queixume : ao contrario, só desejando o progresso e o engrandecimento de sua patria.

E' essa a mais bella pagina de sua vida.

Elle, que nunca tyranisou pessoa alguma, que nunca fez paralysar a imprensa, cuja liberdade ardentemente defendia, a 15 de Novembro fôra o primeiro a comprehender que, por motivo de baixa politica, não devia pertubar a paz e a marcha natural das cousas.

E por isso retirou-se.

Conheceu que o Brazil precisava da republica que lhe daria cousas que a monarchia não podia offerecer.

E cedeu com resignação e patriotismo.

Só lhe alimentava a esperança de morrer aqui.

Seu mais constante desejo era que os seus restos inanimados repousassem no Brazil.

E' bonito dizer-se que a nós se impõe a gratidão de reclamar os despojos mortaes de D. Pedro, como proprietario da patria.

Mas, se sua familia está banida, como podemos fazer tal imposição que tanto monta prohibir que sua filha e mais parentes, por entre lagrimas de amizade, vejam quando quizerem (e como é natural) o homem que foi a modestia na grandeza e a pobreza nos ouropeis ?

Poupemos esse desgosto aos seus descendentes e, não occultando a dôr que ora confrage a todos nós, glorifiquemo-nos por ter havido um brazileiro cujo nome jamais se apagará no coração dos seus compatriotas.

*

Com a morte de D. Pedro de Alcantara mutilou-se devéras o sebastianismo e findou-se a esperança de uma restauração monarchica.

Não erramos, mesmo, dizendo que, se elle aqui estivesse, a republica seria proclamada no dia do seu fallecimento.

Apezar disso, convém não confundir as condolencias que dirigem á patria os que mais o combateram em vida com algumas manifestações de pezar que aqui se estão fazendo.

Taes manifestações têm indubitavelmente caracter politico.

Os que nos fazem gemer ao peso de preços exorbitantes, de generos que nada têm de ver com os direitos de importação, estrangeiros em sua maioria, longe de querer manifestar o seu pezar, acharam, apenas, propicia a occasião para evidenciar um monarchismo já patente e bastante conhecido, por outros factos.

E, demais, desconhecendo o direito que assiste a um incompetente em politica, que quando muito póde ser presidente da sociedade Beneficente Memoria aos Heroes de qualquer cousa ou secretario da Dansante Prazer das Moreninhas, de içar o pavilhão de um paiz que é de nós todos, sem responsabilidade de opinião, exhibindo o seu monarchismo, só encontro elogios para o acto do Sr. Dr. Xavier da Silveira, chefe de policia d'esta capital, pedindo á imprensa e ordenando á certa gente que não conservasse a bandeira a meio-páo.

A imprensa immediatamente accedeu ao pedido feito e não teria dado logar a elle se, em tempo, houvesse suspeitado sequer que a manifestação de pezar pela morte do homem que — não sendo um rei de truz, foi entretanto um exemplo como cidadão — estava sendo explorada por manhosos adversos da instituição republicana.

(D'*O Tempo*).

D. Pedro de Alcantara

Rezou-se hoje na igreja matriz do Engenho-Velho uma missa com *Libera-me* acompanhada a orgão, por alma do Sr. D. Pedro de Alcantara, e mandada dizer pela irmandade dos Filhos das Sete Dôres de Maria Santissima.

Grande numero de senhoras e cavalheiros de todas as classes compareceram ao acto.

(Da *Gazeta da Tarde*).

11 DE DEZEMBRO DE 1891

Em sessão de hontem do Conselho Supremo Militar, sobre proposta do Sr. General Miranda Reis, foi lançado em acta um voto de pezar pela morte do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, sendo em seguida suspensa a sessão.

* * *

O Club Sciencia e Caridade, instituido n'esta villa de S. Sebastião do Parahyba, celebrou hontem uma sessão funebre em signal de profundo pezar pelo fallecimento do ex-Imperador D. Pedro II.

Depois de proferidas diversas allocuções, repassadas de profunda dôr, por parte de muitos socios, resolveu-se celebrar exequias solemnes por alma do mesmo monarcha.

* * *

O conselho administrativo da Sociedade Maritima de Beneficencia, reunido em sessão extraordinaria de 9 do corrente, resolveu que fosse lançada na acta um voto de profundo pezar pela morte do Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil, e conservar o pavilhão em funeral durante 7 dias, nomeando uma commissão para assistir as exequias que se realizarem n'esta capital em memoria ao grande Brazileiro.

* * *

O presidente da Sociedade Fraternidade Filhos da Lusitania, ao abrir a sessão ordinaria do conselho, em 9 do corrente, declarou que, em virtude da infaustissima noticia do passamento do Sr. D. Pedro de Alcantara, se erguesse em funeral o pavilhão social durante 7 dias e que se suspendesse a sessão por tão sentida perda. O 1º secretario accrescentou que se nomeasse tambem uma commissão para representar a mesma sociedade em todos os actos funebres e que se inserisse em acta um voto de profundissimo pezar, para rememorar tão pungente e doloroso acontecimento.



A Directoria do Instituto Fluminense de Agricultura convidou por telegramma o Sr. Visconde de Cavalcanti para representa-la nos funeraes do ex-Imperador.



A directoria da Caixa de Soccorros de D. Pedro V, reunida em sessão extraordinaria, no dia 7 do corrente, resolveu lavrar em acta uma manifestação de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro II; mandar cerrar as portas do seu edificio, hastear a bandeira em funeral até ao 7º dia e mandar rezar uma missa.



A S. U. B. Protectora dos Cocheiros, em reunião do conselho, a 9 do corrente, em signal de profundo pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, resolveu collocar a sua bandeira a meio páo até ao 7º dia, mandar suffragar a sua alma no 30º dia do seu passamento e em seguida suspendeu a sessão.



O conselho administrativo da Associação de Soccorros Familiar Homenagem a Serpa Pinto, em sessão de 9 do corrente, resolveu por unanimidade de votos, em signal de profundo sentimento pelo passamento do Sr. D. Pedro II, consignar em acta um voto de profundo pezar, conservar em funeral o seu pavilhão social e em seguida levantou a sessão.



Rezaram-se hontem na capella do Asylo das Orphãs, mantido pela Sociedade Amante da Instrucção, as missas com *libera-me* acompanhadas pelas orphãs, que a mesma Sociedade e a Associação Promotora da Instrucção mandaram celebrar pelo eterno repouso do ex-Imperador, protector do Asylo, e primeiro socio benemerito d'aquella Associação.

Assistiram á solemnidade as dignas superintendente, a administração e numeroso concurso de socias e socios.



O conselho da Associação de Auxilios Medicos resolveu encerrar a sua sessão, e consignar em acta um voto de profundo e sincero pezar pelo infausto passamento de S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara.



A A.' de S. M. á M. de D. Maria II, em sessão de 9, resolveu

Conservar em funeral por oito dias o pavilhão social e inserir em acta um voto de immenso pezar pelo passamento de D. Pedro de Alcantara ; nomear uma commissão, composta dos Srs. José Marques da Silva, José A. Gonçalves Cardoso e Luiz Antonio Barroso, para assistir a missa que manda celebrar hoje a A. B. H. a D. Pedro de Alcantara e suspendeu em seguida a sessão.



O Congresso Operario reunio-se em assembléa geral a 9 do corrente e por proposta do socio secretario da classe de fundadores Luiz Gonzaga de Menezes Ramos foi approvado unanimemente para que se conserve o pavilhão social em funeral durante quinze dias, a contar d'aquella data, e fosse nomeada uma commissão de tres membros para representar o Congresso em todos os actos funebres, e bem assim lançar em acta um voto de pezar pela morte de D. Pedro de Alcantara.



Na Academia Nacional de Medicina, em sessão ordinaria c elebrada hontem, esta academia resolveu transmittir á Princeza D. Isabel, uma mensagem de profundo pezar pelo infausto pas samento do seu augusto pai o Sr. D. Pedro de Alcantara.

Resolveu mais que seja coberto de crepe o retrato que como primeiro benemerito da Academia, acha-se na sala das sessões: seja celebrada uma missa no trigesimo dia, e se reserve as primeiras paginas dos Annaes para ser publicada uma noticia biographica do Sr. D. Pedro de Alcantara:

A mensagem é a seguinte:

«Senhora. — E' com pezar que a Academia Nacional de Medicina do Rio de Janeiro lamenta a perda do vosso excelso pai, primeiro benemerito d'esta Academia que foi um modelo de virtudes, e amante de seu paiz. Dignai-vos, Senhora, receber as sinceras condolencias d'esta Academia por motivo de tão infausto acontecimento. — Dr. *J. B. de Lacerda*, presidente. — Dr. *Pinto Portella.*»

* *
*

A Legação e Consulado de Portugal receberam de seu Governo instrucções para, em manifestação de pezar pela morte do ex-Imperador, pôr a bandeira em funeral por tres dias seguidos; e, no dia em que se effectuarem as exequias solemnes em Lisbôa, tomar luto por vinte dias, cobrindo de crepe as respectivas armas.

* *
*

Associação Protectora da Infancia Desamparada. — Em sessão de hontem, a que compareceram os Srs. conselheiros Correia, Visconde de Ibituruna, Dr. Paula Freitas, Dr. Lopo Cordeiro, commendador Gross, Barão de Pereira Franco, D. Anna Penna, D. Emilia Netto Machado, D. Dolores Paula Freitas, D. Maria Guilhermina Raythe, conselheiro Duarte Silva, Visconde de S. Francisco, Barão de Quartin, Dr. Menezes Prado, Candido Gaffrée, commendador Manoel Mattos Gonçalves, conselheiro Soares Brandão, commendador Tobias Figueira de Mello, commendador Affonso, conselheiro Adolpho Lisboa, Barão de Menezes, Jeanne Dunlop, Julio Dunlop, Raul Dunlop, Dr. Heitor Cordeiro, Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão de Werneck e commendador Raythe, o Sr. conselheiro Correia, presidente, diz:

«Senhores: Um dos traços salientes do elevado caracter do Augusto presidente honorario da Associação, o Sr. D. Pedro II, era o interesse nunca desmentido que manifestava pelo melhoramento da sorte da infancia desfavorecida da fortuna; traço nobilissimo pelo qual se póde aferir o merito moral.

Tivemos repetidas occasiões de apreciar em nossa Associação quanto se empenhava o Imperador em prol dos meninos sem arrimo, que acolhemos em o Asylo Agricola Santa Isabel. Estes seus protegidos ouvirão pelo eterno repouso do finado bemfeitor uma missa, que ha de ser rezada na capella do asylo.

Nós devemos tambem ao egregio varão, cujo passamento tem sido tão universalmente sentido, especial reconhecimento pelos valiosos serviços que prestou a esta humanitaria Associação, dos quaes conservaremos sempre a mais agradecida lembrança.

Resolveu-se consignar na acta d'esta sessão extraordinaria um voto de profundo pezar pela dolorosa perda que a Associação acaba de soffrer; mandar dizer uma missa, no dia 14, ás 9 horas, no Carmo, pelo eterno repouso do excelso Presidente honorario; dar pezames em nome da Associação á augusta familia do finado; nomear uma commissão para representar a Associação nas exequias que se vão celebrar na Cathedral, e levantar a sessão.

A commissão ficou composta dos Srs.: D. Anna Penna, D. Emilia Netto Machado, D. Dolores Paula Freitas, Visconde de Ibituruna, Dr. Paula Freitas, Dr. Lopo Cordeiro, commendador Gross, commendador Mattos Gonçalves, Barão de Pereira Franco, conselheiro Soares Brandão, Julio Dunlop, Raul Dunlop e Barão de Werneck.

Os membros presentes resolveram tomar luto por oito dias.

Os pezames foram dados no seguinte officio, assignado por todos os socios e socias presentes.

« Serenissimo Principe Sr. Conde d'Eu. Com extremo pezar recebeu a Associação Protectora da Infancia Desamparada a infausta noticia do fallecimento de S. M. o Imperador, Sr. D. Pedro II, seu egregio Presidente honorario.

Em sessão de 10 do corrente a directoria e o conselho resolveram, por unanimidade de votos, suspender os trabalhos, em consequencia do triste acontecimento, e dirigir á Vossa Alteza Real, á sua excelsa esposa e a toda a augusta familia sinceras condolencias pelo golpe que soffreram.

A Associação Protectora da Infancia Desamparada, cumprindo sagrados deveres de gratidão, mandou tambem dizer uma missa pelo eterno repouso do augusto finado.

Deus guarde á Vossa Alteza Real. Rio de Janeiro, 12 de Dezembro de 1891. (Seguem-se as assignaturas.)

O conselho da Sociedade Beneficente Protectora das Colonias Memoria ao Poeta Victor Hugo, resolveu em demonstração de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, suspender a sua sessão e consignar na acta um voto de pezar e hastear a bandeira em funeral por oito dias.

* * *

A Sociedade Beneficente Pedro Alvares Cabral, em signal de sentimento pela morte do illustre Brazileiro D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, hasteou em funeral o seu pavilhão e far-se-ha representar nas exequias que forem celebradas.

(Do *Jornal do Commercio*).

Uma idéa

O Sr. Dr. Fernandes de Barros nos communica uma idéa autorisando-nos a publical-a.

Nós vamos fazel-o, porque n'este momento, temos o proposito de facilitar a manifestação de todas as opiniões.

Já publicámos a idéa, que nos communicou o Sr. Dr. Carlos Perdigão; não teriamos nenhuma razão para proceder diversamente com o distincto Sr. Dr. Fernandes de Barros.

O *Diario do Commercio*, como orgão da opinião, tem o dever de exprimir os sentimentos e idéas que refluem na correnteza dos acontecimentos: é d'esta arte que a imprensa póde, por assim dizer, photographar o estado do espirito publico.

Echo do que se agita na opinião publica—a imprensa, qualquer que seja o seu juizo sobre os factos occurrentes, deve preferir manifestar a opinião geral, a que lhe cumpre obedecer, salvo o direito de esclarecel-a, seguil-a, ou combatel-a, si porventura puder convencel-a do erro.

Eis aqui a idéa do Sr. Dr. Fernandes de Barros:

—O povo brazileiro se acha em grande divida de gratidão para com o povo francez.

A despeito do caracter personalissimo de tantas honras cumuladas sobre o cadaver do ex-Imperador, não ha duvida que todas as manifestações da estima da nação franceza e do seu illustrado governo enaltecem o nome brazileiro.

Si fossemos uma horda de selvagens, de certo olhariamos com desdem ou indifferença do ignorante para este grandioso espectaculo de tanta grandeza, que irradia sobre a nossa nacionalidade; que eleva e glorifica o nome d'um compatriota nosso, o qual, durante meio seculo, foi o representante da soberania brazileira.

Ora não nos é dado corresponder á gentileza da generosa França, sinão com a confissão sincera da nossa indelevel gratidão.

O povo brazileiro poderia manifestal-a de um modo bem simples e facil, promovendo uma subscripção popular para levantar um monumento digno de servir de Palacio da legação franceza n'esta capital, offertado como um testemunho do nosso reconhecimento.

A nossa dadiva não seria excessiva, nem siquer comparavel com a avultada despeza, que o Governo do Sr. Carnot está fazendo para honrar o nome brazileiro, sem fallar no movimento do numeroso exercito, que tem de tributar honras imperiaes ao Sr. D. Pedro II.

Entrego esta idéa á boa vontade e ao criterio dos nossos patricios, que sabem collocar o pundonor da Patria ácima de quaesquer conveniencias. »

Ao concluir estas linhas, julgamos dever dizer que o nosso distincto collega da *Gazeta de Noticias* alludio á esta idéa, que provavelmente já lhe tinha sido communicada.

Além d'isso muitos cidadãos distinctos já preparam listas para promoverem a subscripção, e um d'elles subscreveu com avultada somma.

Sem duvida a idéa, de que nos occupamos, parece ter acolhimento da população e de todos aquelles que reconhecem a generosidade do procedimento praticado para com o Brazil.

(Do *Diario do Commercio*).

Exequias

A Commissão Central nomeada para promover as demonstrações de luto publico pelo fallecimento do Sr. D. Pedro II realizou a sua primeira reunião hontem, na residencia do Sr. Marquez de Tamandaré, e resolveu abrir uma subscripção nacional para fazer celebrar exequias solemnes e perpetuar a memoria do fallecido Imperador.

Para esse fim a Commissão vai dirigir por estes dias um appello á Nação Brazileira e nomear commissões especiaes, encarregadas de grangear donativos.

A Commissão convidou para auxilial-a nos seus trabalhos geraes aos Srs. Dr. Carlos de Laet, Visconde de Taunay, conselheiro Rodolpho Dantas, conselheiro Eduardo de Andrade, Dr. Affonso Celso e Dr. Joaquim Nabuco.

Foram recebidas adhesões ao pensamento da Commissão por parte dos Srs. Visconde de Valdetaro, Dr. Leandro Ratisbona, senador Castro Carreira, Marquez de Muritiba e Dr. Francisco Tosta.

Para se encarregar de effectuar as exequias no trigesimo dia do passamento foi organizada a seguinte commissão: Dr. Visconde de Ibituruna, Barão do Cattete, Visconde de S. Francisco, Barão de S. Francisco de Paula, Barão de Itacurussá, conselheiro Soares Brandão, commendador João Antonio Guimarães Pinto, Dr. Carlos de Laet, conselheiro Antonio Ferreira Vianna, Dr. Lopo Diniz Cordeiro, conselheiro Ignacio da Cunha Galvão, commendador Manoel Antonio Pimenta Bueno, Dr. Antonio de Paula Ramos e Dr. Firmo de Albuquerque Diniz.

A commissão resolveu assistir hoje á missa de setimo dia que manda rezar a redacção d'*O Brazil* na matriz do S. S. Sacramento e depois ao officio mandado celebrar por S. Ex. Rvma. o Sr. Bispo do Rio de Janeiro na igreja Cathedral.

A commissão reune-se novamente amanhã, sabbado, ás 3 horas da tarde, no mesmo local, á rua do Rezende 20; e são convidados a comparecer á reunião os auxiliares nomeados.

***

Na cópia do telegramma que a Commissão Central deliberou enviar á Sra. D. Isabel, e que hontem publicámos, deu-se alteração de uma palavra *(geralmente* em vez de *seguramente)*, que affecta o sentido; pelo que julgamos dever reproduzir o mesmo telegramma, como vai em seguida;

A Sra. D. Isabel, Pariz.

« Uma grande reunião de Brazileiros, convocada hoje, elegeu a commissão abaixo assignada e lhe conferio illimitado poder para dar publicas e solemnes demonstrações de pezar pela desgraça que acaba de enlutar o Brazil e o mundo culto.

« A commissão começa a desempenhar a sua honrosissima tarefa beijando a augusta mão de Vossa Alteza Imperial, a

quem apresenta sentidissimas condolencias, no que é seguramente acompanhada por toda a Nação Brazileira. — *Marquez de Tamandaré.* — *Visconde de Sinimbú.* — *João Alfredo Corrêa de Oliveira.* — *Barão do Ladario.* — *Visconde de Ouro Preto.*„

Pedem-nos rectificação dos seus nomes incluidos na lista hontem publicada n'esta folha, os Srs. Antonio José Nunes Garcia (e não *Gouvêa*) e Alfredo Augusto de Freitas Pereira (em vez de *Paulo* Pereira).

A'quella relação temos que accrescentar as pessoas abaixo mencionadas, que abriram em nosso escriptorio uma lista supplementar, muitas das quaes estiveram presentes á reunião de ante-hontem, sem poderem, como noticiámos, assignar os nomes, e outras deixaram de comparecer por motivos independentes da sua vontade :

Commendador Jorge Naylor, José Tavares da Silva Castro, Barão de Novaes, José Francisco Gonçalves, Dr. Francisco Netto Carneiro Leão, Dr. Manso Sayão, Dr. Pedro Fortes Marcondes Jobim, tenente-coronel Manoel Joaquim Borges de Lima, Antonio Joaquim Soares Ribeiro, Francisco Castilho A. Nunes, Polibio Affonso Alves, Barão do Cattete, Barão da Saude, engenheiro Antonio Feliciano de Castilho, Dr. Luiz M. Pinto Metto, Luciano Montenegro, Dr. Fenelon Alcoforado, Eduardo Moraes Gomes Ferreira, commendador Antonio Ferreira de Carvalho, conselheiro José da Costa Carvalho, major José da Silva Lemos, Lucien Sallaberry, Antonio Maria da Silva Costa, Antonio Pereira Valado, Antonio Araujo, Dr. Eduardo Augusto Pereira de Abreu, José Leandro Ribeiro, commendador João Ignacio da Silva, Augusto Germano da Fonseca Costa, Dr. Antonio Fernandes Pereira Portugal, Dr. Antunes de Campos, conselheiro Dr. João Baptista Pereira, conselheiro Dr. Americo Monteiro de Barros, Dr. Luiz Gonzaga de Souza Bastos, Dr. Francisco Augusto de Almeida, Dr. Antonio da Cunha Barbosa, Carlos Coutinho, Visconde de Assis Martins, Visconde de S. Luiz do Maranhão, Dr. J. de Oliveira Fernandes, Dr. José da Silva Mattos, Ricardo Machado de Azevedo, Adriano Pereira Corrêa, J. J. Antunes Braga, João Antonio de Velasco Molina, Affonso Cesar Lopes, José Carlos Coimbra de Gouvêa, Luiz Carlos Coimbra de Gouvêa, Isaac José Moss, Augusto Leite de Vasconcellos, Edgard Pragana, Alberto Porto, Francisco José Cascão, Eduardo Rosa Teixeira, Dr. Accacio Polycarpo Figueira de Aguiar, João Pereira Darrigue Faro, Frederico Augusto de Souza Nogueira, Dr. Luiz da Costa Chaves Faria, Carlos Faria, Luiz de Castilho, Dr. Elysio Firmo Martins, Dr. Gregorio de Almeida, Ubaldo Soares da Silva, José Coelho de S. Paio, Luiz Maria Sether, professor Adolpho dos Santos.

Entre os nomes hontem relacionados escapou o do Sr. Dr. José Antonio Pereira de Abreu.

Escreveram-nos declarando associar-se plenamente ás demonstrações de pezar pelo infausto passamento do Sr. D. Pedro II, conforme o resolvido na reunião popular de ante-hontem e o mais que fôr deliberado pela Commissão Central, os Srs. tenente-coronel José Pastorino, Dr. Joaquim Maria dos Anjos Espozel e Dr. Miguel Lucio d'A. Mello Filho.

Temos a seguinte carta do Sr. Dr. Pedro Leão Velloso Filho:

« Sr. Redactor.— Só molestia, e molestia que me faz guardar ainda o leito, me impedio de comparecer á reunião hontem realizada no Asylo de N. S. da Conceição, para a manifestação de profundo pezar pelo infausto passamento do nosso Imperador.

Peço-lhe, pois, que torne publico o motivo que forçou-me a não cumprir um dever que me era imposto pelo meu patriotismo e dedicado affecto á Familia Imperial.

Acho-me accorde com o que foi deliberado n'aquella reunião, acompanhando os illustres patricios que alli compareceram nas publicas e solemnes manifestações de doloroso sentimento pela desgraça que acaba de ferir a nossa idolatrada Patria.

Sou com maxima estima e consideração de V. etc., — *Pedro Leão Velloso Filho.*

Rio, 10 de Dezembro de 1891—Rua Marquez de Abrantes n. 30. »

Estiveram imponentissimas as exequias de S. M. o Sr. D. Pedro II, realizadas ante-hontem em Pariz. A grande nação Franceza, sempre cavalheirosa, sempre alevantada e digna, e o governo do Sr. Sadi-Carnot constituiram-nos a nós Brazileiros, a nós patriotas, em perenne divida de gratidão pelo modo como souberam honrar os preciosos despojos mortaes do nosso amado monarcha.

(D'*O Brazil*).

Meeting

Hoje, á 1 hora da tarde, haverá um *meeting*, no largo de S. Francisco de Paula, convocado por antigos e bons republicanos, afim de ser lavrado um protesto contra o exaggerado sentimentalismo que se faz actualmente em torno da morte do ex-Imperador.

(Do *Diario de Noticias*).

Officio

Na igreja da Misericordia celebrar-se-ha na segunda-feira, ás 10 horas da manhã, um officio funebre por alma do ex-Imperador, fazendo a oração o monsenhor Brito.

(D' *O Paiz*).

Manifestações

As manifestações de pezar com relação á morte de D. Pedro de Alcantara continuam ainda.

Desde o dia do seu fallecimento até hoje alguns dos nossos collegas têm trazido não só noticias detalhadas, por telegramma, dos funeraes e exequias em Pariz, como das manifestações feitas ao morto na nossa Patria.

(Do *Novidades*).

D. Pedro de Alcantara

Hoje, ás 9 horas da manhã, na igreja do Santissimo Sacramento, rezou-se uma missa acompanhada a orgão, por alma de D. Pedro de Alcantara.

A igreja achava-se totalmente cheia, não podendo conter a grande quantidade de pessoas, ficando parte na sacristia e corredor.

(Da *Gazeta da Tarde*).

Manifestações de pezar

Logo que foi conhecida a noticia da morte de D. Pedro II, um grande sentimento de pezar dominou toda a população d'esta capital.

A bolsa fechou como todos os bancos e os estrangeiros içaram bandeira a meio-páo, as casas importadoras fecharam totalmente suas portas e quasi todo o commercio cerrou as suas.

As igrejas dobraram os sinos e se preparam em algumas solemnes exequias.

Os theatros não deram espectaculos e os prados suspenderam suas corridas.

Toda a imprensa occupou-se do illustre morto, fazendo justiça ás suas qualidades e recordando seus serviços á patria.

* * *

De Ouro Preto recebemos o seguinte telegramma:

« A noticia do fallecimento do Imperador do Brazil causou consternação geral, tristeza penetrante, dôr immensa, toda a cidade está commovida. — *Diogo de Vasconcellos.* — *Pedro Feu.*

(Do *Apostolo*).

12 DE DEZEMBRO DE 1891

Demonstrações de pezar

A Irmandade da Santa Cruz dos Militares resolveu fazer celebrar, no dia 22 do corrente, solemnes exequias pelo Sr. D. Pedro de Alcantara, nada poupando para o seu esplendor e magnificencia.

* * *

Solemnes exequias tambem serão celebradas: na de S. Pedro, para cujo fim vai reunir-se em sessão extraordinaria a respectiva irmandade; na da Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, hoje, ás 11 horas, sendo a oração funebre pelo padre Castello Branco; na igreja do Santissimo Sacramento, hoje, estando o templo magestosamente

adornado e coberto de luto; em todas as igrejas e matrizes urbanas e suburbanas missa e *libera-me.*

* * *

Na igreja Cathedral foram hontem celebradas as exequias solemnes pelo Exm. Sr. Bispo Diocesano e Illm. Cabido, sendo fielmente cumpridas as ceremonias religiosas, conforme hontem noticiámos, alterando-se apenas a ordem das absolvições, que, com o comparecimento do Sr. Bispo de Olinda, coube a S. Ex. a primeira.

E' impossivel descrever-se.

Havia o maior recolhimento no concurso immenso de pessoas que, desde a rua até aos cancellos do templo, assistiam aquelle acto de religião.

Corredores, sacristia, adro e área da igreja regorgitavam de povo.

As tribunas foram occupadas pelas seguintes pessoas :

1.ª da direita, Marquez de Tamandaré, conselheiro João Alfredo, Visconde de Ouro-Preto, Eduardo de Andrade Pinto e Dr. Joaquim Nabuco e suas familias.

2.ª Barão Pereira Franco, conselheiros Correia, Olegario, desembargador Fernandes Pinheiro, Dr. Leão Velloso Filho e familias. (4)

3.ª A Exma. mãi e irmãos do Sr. Bispo de Olinda.

1.ª da esquerda, Conde e Condessa da Estrella, Dr. Emilio Netto Machado, representante da commissão da Infancia Desamparada e o Dr. Pereira Campos e familia.

2.ª Barão de Miranda Reis, Drs. Santos Pereira e Tapajós e sua familia.

---

(4) Manda a verdade que se diga ter sido a 2ª tribuna occupada pelos representantes do Instituto Historico: Conselheiro Olegario H. de Aquino e Castro, *Presidente*, Conselheiro Manoel Francisco Correia, *Vice-Presidente*, Henrique Raffard, *Secretario*, Commendador José Luiz Alves, *Orador*, que receberam os Exms. Srs. Barão de Pereira Franco, Desembargador Fernandes Pinheiro, Dr. Leão Velloso Filho e mais pessoas. Outros socios do Instituto, como o Marquez de Paranaguá, Visconde de Beaurepaire Rohan, Barão de Capanema, Conselheiro Fernandes Pereira de Barros, Dr. Sacramento Blacke, Commendador João Barbosa Rodrigues, General Dr. João Severiano da Fonseca, Capitão de Fragata F. Calheiros da Graça, conservaram-se no interior da igreja onde já tinham assistido com os precedentes as missas mandadas dizer pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro e o Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

3.ª Conselheiro Ferreira Vianna, Fr. João, Provincial da Ordem de Santo Antonio, conselheiro José Bento de Araujo e Dr. Salvador Muniz.

Junto aos cancellos achavam-se os Srs. Marquez de Paranaguá e sua familia, o chefe do corpo de saude do exercito Dr. João Severiano da Fonseca.

Muitas associações se fizeram representar.

Em diversos pontos da igreja foram collocadas mesas forradas de panno preto com os competentes livros, onde foram lançadas para mais de 5,000 assignaturas.

Terminada a solemnidade, foram comprimentar o Exm. Sr. Bispo Diocesano, todas as pessoas que das tribunas assistiram ao acto, a cujo exemplo acompanharam os demais fieis que na occasião alli se achavam.

. .

A Irmandade de S. João Baptista e Nossa Senhora do Soccorro mandou hontem rezar missa de *libera-me* na sua igreja por alma do ex-Imperador.

. .

O conselho da S. M. de S. M. Recreio de Botafogo mandou suspender a sessão em signal de pezar pelo fallecimento de S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara, e celebrar uma missa de trigesimo dia.

. .

Na matriz do Sacramento rezou-se a missa mandada celebrar pela redacção d'O *Brazil*, e na matriz da Gloria, pela administração da Irmandade.

Em ambas foi extraordinaria a concurrencia.

.

A directoria da Sociedade Portugueza de Beneficencia, que ao ter noticia do fallecimento de S. M. o Sr. D. Pedro II mandou cerrar as portas dos seus edificios e pôr bandeiras em signal de respeito por sete dias, resolveu mais enviar para Lisboa a S. A. a Princeza D. Isabel o seguinte telegramma:

« A directoria da Sociedade Portugueza de Beneficencia aguardou o dia de hoje em que a nação portugueza recebe em seu solo os restos mortaes do venerando Sr. D. Pedro II, para reverentemente apresentar a Vossa Alteza os sentimentos

de que se acha possuida por tão infausto golpe. — *Visconde de Santa Marinha.—Henrique R. G. Braga.— João Rodrigues Teixeira.— José Vaz de Oliveira.— José Gonçalves da Motta.* »

*
* *

O conselho administrativo da Sociedade de S. M. Protectora dos Artistas Sapateiros e Classes Correlativas, em sessão de 10 do corrente, resolveu, em signal de veneração e respeito pelo fallecimento de S. M. Sr. D. Pedro II, inserir na acta um voto de profundo pezar, nomear uma commissão para assistir as exequias que se celebrarem e suspender em seguida a sessão.

*
* *

A Sociedade Fraternidade Açoriana, em sessão de hontem, consignou em sua acta um voto de profundo pezar pelo passamento do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, e suspendeu a sua sessão pelo mesmo motivo.

*
* *

Acta da sessão do conselho da S. Propagadora das Bellas Artes, em 10 de Dezembro de 1891, presidencia do commendador Caetano Pinheiro da Fonseca :

A's 8 horas da noite, havendo numero legal de socios, o Sr. presidente abrio a sessão.

Lida e approvada a acta da sessão de 10 de Setembro findo, o Sr. presidente disse que tratando-se de um acontecimento que enchia de grande pezar os corações brazileiros, qual era a morte do Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil, a S. Propagadora das Bellas Artes não podia deixar de associar-se ao luto geral, demonstrando tambem e por sua vez o seu profundo sentimento pela perda d'aquelle que fôra por tantos annos seu desvelado amigo.

O Sr. 1º secretario, expondo ao conselho os notaveis e nunca esquecidos serviços que o Sr. D. Pedro II dispensára á esta sociedade, protegendo o Lyceu de Artes e Officios, o interesse que, desde o seu inicio, tomou pelo florescimento d'esta benemerita e popular instituição, animando com sua presença os desprotegidos da fortuna e incitando os commetimentos altruisticos do Lyceu, informou que, ao receber a noticia da morte do illustre Brazileiro, a directoria do Lyceu, reunindo-se, manifestára pela sua parte o pezar de que se achava possuida, mandando suspender os trabalhos do estabelecimento por sete dias, cerrar as portas, e cobrir de luto a bandeira da sociedade, hasteando-a a meio-páo.

Não obstante, cumprindo tambem á S. Propagadora dar testemunho de suas inolvidaveis saudades, propunha que, para perpetuar esse sentimento, além de ficar consignado em acta um voto de intimo pezar, a Sociedade Propagadora das Bellas Artes instituisse um premio annual denominado « D. Pedro de Alcantara » devendo ser conferido ao alumno que mais se distinguisse nas aulas do Lyceu por seu comportamento, assiduidade e exemplo ; que se suffragasse a alma do inditoso monarcha, convidando-se para esse acto todas as instituições congeneres, e que se communicasse á Sra. D. Isabel, Condessa d'Eu, os sentimentos de que a sociedade se achava possuida por esse tristissimo acontecimento.

Postas á votos essas propostas, foram approvadas por unanimidade.

O Sr. 1º secretario informou ainda que no ataúde do Imperador fôra collocada uma grinalda de saudades, em nome do Lyceu de Artes e Officios.

Pedindo a palavra, o Sr. commendador Emilio de Miranda propoz que se désse um testemunho de gratidão á França, mandando-se colleccionar todos os artigos publicados sobre a morte do Imperador, e, vertidos em francez, fossem offerecidos áquella Republica.

Prejudicada essa proposta, por della já se ter occupado de modo identico outra instituição, os Srs. Dr. Noronha Feital e commendador Segadas Vianna lembraram a idéa de mandar-se cunhar uma medalha de ouro, tendo na primeira face a inscripção « *D. Pedro* » e no verso : « *Ao Presidente da Republica Franceza* », afim de ser offerecida ao Sr. Sadi Carnot, como testemunho indelevel de gratidão á Republica que representa pelas homenagens de respeito prestadas aos funeraes do seu socio grande benemerito e bemfeitor, lembrando mais que se cobrisse de crepe o retrato do Sr. D. Pedro II que se acha na sala das sessões do conselho, até ao 30º dia do seu passamento.

Consultado o conselho, approvou estas propostas.

O Sr. presidente, accentuando a tristeza do assumpto de que se tratava, agradeceu a presença do numeroso conselho e directoria e levantou a sessão.

.˙.

Hoje, ás 9 horas da manhã, na igreja do Sacramento, será rezada uma missa que a directoria e professores do Lyceu de Artes e Officios mandam celebrar por alma do Sr. D. Pedro II.

Em sua ultima sessão administrativa, resolveu o Congresso B. Martins de Pinho, em signal de vivíssimo sentimento pela morte do grande benemerito da patria, D. Pedro de Alcantara, lançar em acta um voto de pezar, por este triste acontecimento: fazer-se representar nos suffragios que aqui se realizarem por alma de tão illustre Brazileiro; e conservar á meia haste, em demonstração de luto, o pavilhão do Congresso.

* * *

A Irmandade de S. Braz, erecta em S. Bento, deliberou, em sessão extraordinaria, suffragar a morte do Sr. D. Pedro de Alcantara, com solemnes exequias.

(Do *Jornal do Commercio*).

Manifestações de pezar

O conselheiro João Alfredo faz rezar uma missa, hoje ás 9 horas, na matriz da Gloria, por alma de S. M. o Sr. D. Pedro II.

* * *

A irmandade de S. João e Nossa Senhora do Allivio fez celebrar, hontem, na sua igreja erecta á rua Bella de S. João, uma missa solemne por alma do Sr. D. Pedro de Alcantara, a qual foi muito concorrida.

* * *

A irmandade do Santissimo Sacramento da Antiga Sé, faz celebrar, hoje, ás 10 horas, um officio solemne por alma do Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil, devendo fazer a oração funebre o Rev. monsenhor Luiz Raymundo da Silva Brito.

* * *

A irmandade de S. José e Nossa Senhora das Dores, no Andarahy-Grande, mandou celebrar hontem em sua igreja uma missa pelo descanso do grande Brazileiro, o Sr. D. Pedro II.

A's 7 horas da manhã principiou a concurrencia de povo para prestar a ultima homenagem de que se tornou merecedor o Sr. D. Pedro II.

A's 7 1/2 horas compareceram no templo os professores e alumnos do collegio de S. Francisco das Chagas, incorporados,

com a sua magnifica banda de musica, composta de alumnos e tomando o logar que lhes competia, a banda de musica executou uma brilhante marcha funebre durante o acto religioso.

De muitos olhos desprendiam-se lagrimas em testemunho de saudade e reconhecimento aos incomparaveis serviços prestados a este paiz pelo Sr. D. Pedro II, symbolo da justiça.

* * *

Na igreja matriz da freguezia do Engenho-Novo, o Club do Engenho-Novo mandou celebrar hontem, ás 9 horas da manhã, exequias solemnes pelo repouso eterno de Sua Magestade o ex-Imperador.

O templo estava litteralmente cheio.

Após a solemnidade funebre, em que officiou monsenhor Breves, este orou tendo por assumpto o inexcedivel patriotismo, integridade moral e philantropia do augusto finado e a magnanimidade do coração da sempre lembrada Imperatriz D. Thereza Christina. Commissionado pelo dito Club fallou, em seguida, o Sr. Candido de Carvalho que, em palavras produzidas pelo mais profundo sentimento de saudosa recordação, salientou que, no apogêo da gloria ou sob a pressão do mais cruel e injusto dos infortunios, foi o pensamento constante do ex-Imperador — a felicidade da Patria.

* * *

Em diversos templos d'esta capital foi hontem suffragada a alma do Sr. D. Pedro de Alcantara, conforme estava annunciado.

Em todas as igrejas a affluencia de pessoas foi extraordinaria, deixando muitas familias de entrar, tal era a agglomeração.

Todas as igrejas dobraram a finados.

— Celebrou-se a missa que mandaram rezar nossos collegas d'*O Brazil*, ás 9 horas, na matriz do Santissimo Sacramento, á qual assistio a commissão central nomeada para organisar demonstrações de sentimento pela morte do ex-Imperador e enorme quantidade de pessoas gradas, tendo sido distribuidas tochas ás pessoas presentes.

— A's 10 horas da manhã começaram na Cathedral as solemnes exequias mandadas celebrar pelo illustrissimo Cabido e o Sr. Bispo Diocesano.

A igreja achava-se coberta de luto, o sólio episcopal de roxo e as cadeiras dos capitulares forradas de preto.

Na nave principal do templo erguia-se um catafalco com 10 metros de altura, ladeado de 120 castiçaes de prata, tendo

no centro de uma corôa de goivos e saudades, o retrato do Sr. D. Pedro II, coberto de crepe.

Pontificou monsenhor João Pires de Amorim, vigario geral, acolytado pelos conegos Accacio, Rosa e Gouvêa.

Assistiram ao sólio como presbytero monsenhor Dr. Pedro Peixoto de Abreu Lima e como diáconos os conegos Xavier Pinheiro e Diniz.

A orchestra foi regida pelo mestre da Cathedral, professor Cerroni, e executou a missa de José Mauricio e *libera-me* de Pernambuco.

Foram tambem presentes á solemnidade os Srs. bispos de Marianna e Olinda, Sá e Benevides e monsenhor J. Esberard.

— O Sr. marquez de Tamandaré, que se achava presente, usava na casaca a chave de ouro de antigo camarista e no peito a condecoração da Imperial Ordem do Cruzeiro e era a mesma que ornava o peito do Sr. D. Pedro II em Uruguayana, quando se apresentou como primeiro voluntario da patria. Deu-a em troca ao mesmo marquez de outra que delle recebeu.

Ornava-lhe igualmente o peito a medalha de ouro da Independencia ou Restauração da Bahia.

Um livro de presença ficou cheio de assignaturas.

— A igreja conservando a mesma ornamentação realizará hoje as exequias que manda celebrar a Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo.

Da oração funebre encarregou-se o Rev. padre-mestre Dr. Castello-Branco.

(Do *Jornal do Brazil*).

Exequias

A's 10 1/2 horas da manhã de hontem, foram celebradas na igreja da Misericordia solemnes exequias por alma do Sr. D. Pedro de Alcantara, sendo o acto promovido pela respectiva irmandade, em testemunho de reconhecimento á protecção que sempre lhe dispensou o ex-Imperador do Brazil.

Um grande catafalco, encimado por uma urna coberta de corôas, occupava o centro da igreja, e era ladeado pelo busto de D. Pedro e pela bandeira da irmandade, envolta em crepe.

As paredes do templo desappareciam sob grandes cortinas pretas, offerecendo toda a decoração interior o mesmo funebre aspecto.

Toda a administração da Santa Casa, grande numero de irmãos, orphãs do asylo sustentado pela irmandade, irmãs de

caridade e outros membros do pessoal d'aquella pia instituição assistiram á ceremonia, que foi enormemente concorrida por pessoas do povo.

Monsenhor Raymundo de Brito fez o elogio do finado, em phrase commovida e arrebatada.

(Do *Diario de Noticias*).

Manifestações

O povo de Ouro Preto dirigio ao Exm. ministro de França no Rio o seguinte telegramma:

« O povo ouro pretano, orgão do povo mineiro, pede-vos bondade de transmittir a S. Ex. o Sr. presidente Sadi Carnot os sentimentos de sua immensa gratidão ao heroico povo francez pelas provas de consideração prestadas ao idolatrado compatriota, fallecido Imperador. Sadi Carnot merece personificar a nação chefe civilisação do mundo, e no povo mineiro creou dominio absoluto de toda sympathia.—*Diogo de Vasconcellos, Pedro Feu, J. Periquito,* padre *Camilo Velloso,* padre *Candido Velloso, Alacrino Soares, Alfredo Catta Preta Santos, Arnaldo Oliveira.*

⁂

A S. D. F. G. da Montanha, em sessão de ante-hontem, lançou um voto de pezar em acta e suspendeu os seus trabalhos.

(Da *Gazeta de Noticias*).

Missa

A directoria e o conselho deliberativo do Gabinete Portuguez de Leitura mandaram hoje celebrar na igreja de S. Francisco de Paula uma missa por alma do Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil, sendo celebrante monsenhor Amorim, digno vigario capitular do bispado, terminando por um responso rezado pelo mesmo monsenhor.

O templo foi muito concorrido e muitos cavalheiros comprimentaram a directoria nas pessoas dos Srs. commendadores Guilherme Klerk, presidente interino, e H. Liberal, thesoureiro.

O edificio do Gabinete acha-se hoje, dia do funeral do Sr. D. Pedro II, coberto de crepe e bem assim o seu pavilhão e bandeira portugueza.

O Gabinete Portuguez de Leitura, honrando a memoria do seu presidente honorario provou mais uma vez que as tradições cavalheirosas do nobre povo portuguez, acham dignos representantes entre nós.

(Da *Gazeta da Tarde*).

D. Pedro de Alcântara

Na igreja Cathedral celebraram-se hontem exequias solemnes pelo ex-Imperador D. Pedro II.

A igreja estava sumptuosamente ornada de luto, tendo no centro um alteroso cenotaphio com o retrato e a bandeira do augusto finado. Nas exequias seguiram-se todas as ceremonias do ritual romano, dando a ultima absolvição o Rvdm. Conde de Santo Agostinho.

Foi enorme a concurrencia de fieis não só pela piedosa homenagem de uma oração que merecia o finado, como pela curiosidade de vêr e de admirar a luxuosa ornamentação da Cathedral.

A igreja esteve todo o dia exposta á visitação do publico e não transcrevemos a completa descripção que deu o *Jornal do Commercio* por falta absoluta de espaço.

Em todas as igrejas matrizes e capellas rezaram-se tambem missas na mesma religiosa intenção, sendo em todas grande a concurrencia de fieis.

A boa memoria que deixou de si o Sr. D. Pedro II explica muito bem essa geral manifestação de sentimento que a sua infausta morte despertou no povo fluminense.

(D'*O Tempo*).

Demonstrações de pezar

A ordem terceira do Carmo fez celebrar hontem com grande pompa as exequias em homenagem ao Sr. D. Pedro de Alcantara.

A's 10 horas teve principio a ceremonia religiosa, cantando a missa o Revm. padre Accioli, acolytado pelos padres José Gouvêa e Vereza.

Ao terminar a missa, subio á tribuna o Revm. padre Dr. Castello Branco, que em uma admiravel oração exaltou os serviços prestados pelo illustre morto á sua Patria.

O distincto prégador tomou por texto a seguinte inscripção, que se achava no catafalco- *Timenti Dominum bene erit in extremis, et in die defunctionis suæ benedictur.*

Finda a oração funebre, seguio-se o *libera-me*, cantado por muitos sacerdotes, terminando assim o acto religioso.

O Revm. conego Eduardo Christão mandou hontem photographar o templo pelo Sr. Luiz Ferreira.

∴

O Provedor e a Mesa da Misericordia fazem celebrar na igreja da Santa Casa, amanhã 14 do corrente, ás 10 horas da manhã, um officio solemne pelo descanso eterno da alma do Sr. D. Pedro II, achando-se encarregado da oração funebre o Revm. monsenhor Luiz da Silva Brito. A orchestra, sob a regencia dos maestros Henrique de Mesquita e João Pereira, executará os responsorios e a missa grande do padre José Mauricio e *libera-me* de Pernambuco.

∴

Foram solemnes as exequias mandadas celebrar em honra á memoria do Sr. D. Pedro II por antigos colonos moradores de Petropolis. Estava a matriz paramentada com muito decoro, erigindo-se no centro vistosa eça cercada de tocheiros e pavilhões das principaes potencias da Europa e America. A' direita, na frente, a bandeira imperial do Brazil, defronte da gloriosa e insignia da França.

Tudo quanto Petropolis tem de distincto se acotovellava no templo, pequeno demais para conter os fieis que acudiam a tão significativa ceremonia.

O corpo diplomatico estrangeiro compareceu, entre outros: os Srs. Conde Dunhoff, ministro da Allemanha: Windham, ministro da Grã-Bretanha; A. Gérard, ministro de França; Conde de Paço d'Arcos, ministro de Portugal: Arroyo, Ministro Argentino e sua senhora; Casas de Anethan, ministro da Belgica e sua senhora; Delavat, ministro da Hespanha e sua senhora; Paulze d'Ivoy, secretario da legação franceza e sua senhora; Condes de Seliz e de Castro, membros da legação portugueza.

Quando entrou o Sr. Arroyo na igreja, a commissão das exequias, por commovedora attenção foi collocar a bandeira argentina encostada á eça, em que fulguravam as armas imperiaes e o retrato do Sr. D. Pedro II.

Começaram as ceremonias religiosas ás 10 horas, sendo cantado o officio funebre por seis sacerdotes.

Boa musica e afinados cantores concorreram para o brilhantismo das exequias, que findaram depois do meio-dia, seguidas sempre por enorme e contricta assistencia.

No numero de muitas pessoas que compareceram notavam-se os Srs. Visconde de Taunay e sua senhora, Condes de Sapucahy e Wilson e suas senhoras, conselheiro João Baptista da Fonseca e sua familia, Armelim, commendadores Veiga, Aguiar e Lima, C. T. A. Rodrigues, Sabino Lopes e sua senhora, H. de Carvalho, Leite, Brandão e muitos dos representantes das mais antigas familias da localidade em rigoroso luto.

Em todos se manifestava profundo sentimento de saudade e dôr.

* * *

A V. O. T. dos Minimos de S. Francisco de Paula, reunida em sessão que foi hontem especialmente convocada, deliberou expedir o seguinte telegramma a S. A. a Sra. Condessa d'Eu:

« A mesa administrativa da V. O. T. dos Minimos de S. Francisco de Paula, em sessão especial de hoje vem apresentar a Vossa Alteza os sentimentos de que se acha possuida pela perda de seu virtuoso protector e vosso digno pai o Sr. D. Pedro II. Rio de Janeiro, 12 de Dezembro de 1891.— Pela administração, *Barão de S. Francisco de Paula.* »

Resolveu unanimemente fazer celebrar solemnes exequias por alma do seu muito digno irmão Protector Perpetuo S. M. o Sr. D. Pedro II, ex-Imperador, e resolveu mais, unanimemente, que fosse cedido em o seu cemiterio o terreno que se tornar preciso para a construcção do monumento patriotico projectado pela commissão, de que é presidente o Exm. Sr. Marquez de Tamandaré.

* * *

Na reunião do grande Conselho do *Gremio Militar Brazileiro* que teve logar ante-hontem, foi unanimemente votada uma proposta do Sr. coronel Malvino Reis, para que fosse lançada na acta um voto de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara. Signal de sentimento já tributado na reunião da directoria do mesmo gremio em sessão passada.

* * *

Teve hontem logar na igreja do seminario do Rio Comprido a missa que o Sr. coronel Malvino Reis e sua familia mandaram celebrar pela alma do ex-Imperador do Brazil, sendo muito concorrida e especialmente pelas senhoras.

* * *

Reza-se amanhã, ás 9 1 4 na igreja da V. Ordem Terceira do Carmo, a missa que a Associação Protectora da Infancia Desamparada manda celebrar pelo eterno repouso do ex-Imperador, seu presidente honorario. Será celebrante monsenhor Freire.

* * *

A Policlinica Geral, em sua primeira reunião do conselho, celebrada após o recebimento da infausta noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro II, protector da mesma instituição, resolveu inserir na acta um voto de pezar por tão doloroso acontecimento e dirigir um telegramma de pezames á sua augusta familia.

* * *

A A. B. H. D. Pedro de Alcantara mandou rezar uma missa, no dia 11 do corrente, na capellinha da Lampadoza. No centro da igreja erguia-se magestoso catafalco com o busto do venerando cidadão D. Pedro de Alcantara, amigo e protector da associação.

O templo achava-se repleto de consocios e suas familias, tendo comparecido ao acto commissões da A.B. H. ao Conde de Leopoldina, S. B. Bethencourt da Silva, S. B. M. Conde de D. Henrique e A. S. M. M. D. Maria II.

* * *

Em sessão da Associação de Soccorros Mutuos Memoria a D. Pedro I, realizada hontem, foi, por unanimidade, resolvido suspender os trabalhos, em demonstração de pezar pelo infausto passamento de S. M. o Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil, e tomar as seguintes deliberações: 1° lançar na acta um voto de pezar por tão lamentavel acontecimento; 2°, constituir a directoria e conselho em commissão para assistir as exequias que tiverem logar n'esta capital pelo eterno descanso de tão preclaro cidadão; 3°, que seja hasteado em funeral o pavilhão da Associação até ao trigesimo dia do seu passamento.

* * *

Reunido o conselho director da Associação Beneficente Homenagem ao Conde de S.Salvador de Mattosinhos, em sessão de hontem, resolveu por unanime votação, dar as seguintes manifestações de pezar:

1.° Suspender a sessão e inserir em acta um voto de extrema consternação pelo passamento do emerito Brazileiro, ex-Imperador D. Pedro II.

2.° Conservar hasteado em funeral, envolto em crepe, o pavilhão social, até ao trigesimo dia do seu fallecimento, e assistir as exequias que se effectuarem n'esta capital.

3.° Mandar suffragar sua memoria com uma missa rezada no trigesimo dia do infausto passamento.

*
* *

A commissão nomeada pela empreza, artistas e demais pessoal do theatro Variedades e composta dos artistas Srs. Peixoto e Porto e do machinista Sr. Velloso Braga, dirigio-nos a seguinte communicação:

« A commissão do theatro Variedades, interprete dos sentimentos dos seus collegas e companheiros, tem a honra de communicar-vos que na terça-feira proxima, 15 do corrente, ás 11 horas da manhã, serão celebrados actos funebres na igreja de São Francisco de Paula, pelo eterno repouso do ex-Imperador do Brazil, o Sr. D. Pedro de Alcantara ».

*
* *

Reuniram-se hontem em sessão extraordinaria a directoria e o conselho da Sociedade Amante da Instrucção, sob a presidencia do conselheiro Manoel Francisco Correia, estando presentes os socios commendador Oliveira Moraes, Alves Affonso, Henrique Chagas, Freitas Guimarães, João Lima, Valverde de Miranda e Teixeira de Pinho, Visconde de Santa Cruz, Thomaz Costa, Souza Rabello, coronel Lima Braga, capitão Alberto Braga, Custodio Magalhães, Antonio Joaquim Marques, Silvestre Ferreira, Moreira da Silva, Daniel Macedo, João Francisco de Freitas, Raphael Lima, Ribeiro de Carvalho, Dias Pimenta, João Manoel Gonçalves, Anastacio da Silva, Julio Cesar de Oliveira, Visconde Duprat, Thomaz Quartin, Hermida Pazos, Francisco Cardoso Laport e commendador José Luiz Alves.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o presidente disse:

« Senhores. Nem sempre sopraram galernos os ventos para a nossa sociedade.

Em 1859, agitadas as ondas, borrasca imminente ameaçava traga-la.

Uma occurrencia feliz operou salutar mudança.

Narra-a assim o socio fundador commendador Joaquim Bernardo Leal na memoria que leu ao celebrar a Sociedade meio seculo de existencia:

« No dia 5 de Setembro de 1859 o Imperador pela primeira vez compareceu sem ser esperado na sala em que estava

reunida a assembléa geral dos socios para solemnisar o trigesimo anniversario da fundação da Sociedade. Isto só foi bastante para reanimar os bemfeitores d'esta casa que viram o interesse que tomava o augusto protector para que não se abalasse esta arvore que já havia dado tão sasonados fructos; e póde-se affirmar sem temor de ser desmentido que *esse procedimento do Imperador salvou a instituição.*

Ficou d'este modo vinculada a existencia da Sociedade Amante da Instrucção á protecção solicita que, em critico momento, lhe dispensou o Sr. D. Pedro II.

Hoje que tão pranteada é a morte do monarcha illustre que soube recommendar seu nome á estima do mundo, a nossa sociedade tem pago o mais merecido tributo de gratidão nas demonstrações de pezar que ha dado pela dolorosa perda do inclyto Protector do Asylo.

Mas alguma especial manifestação impõe-lhe ainda a peculiar divida em que se acha para com o augusto finado.

Com tal intento autorizemos desde já, em homenagem á sua memoria veneranda, a admissão em nosso internato das orphãs que o têm até agora requerido, embora a execução d'esta resolução fique dependente da inauguração, aliás proxima, da parte nova do edificio do Asylo.

E' o que proponho.»

A proposta foi unanimemente approvada.

Resolveu-se mais: lançar na acta da sessão extraordinaria um voto de profundo pezar pelo fallecimento do benemerito Protector do Asylo; enviar uma mensagem de pezames á sua augusta familia e levantar a sessão.

Os membros presentes resolveram tomar luto por oito dias.

* * *

Em sessão de ante-hontem, a Intendencia da capital de S. Paulo resolveu suspender os seus trabalhos em signal de pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara e dar este nome á rua das mais importantes do centro da cidade.

(Do *Jornal do Commercio*).

Reunião

Celebrou-se hontem a segunda sessão da commissão central incumbida de promover solemne manifestação de pezar publico pelo passamento de S. M. o Sr. D. Pedro II.

Estiveram presentes os Srs. Marquez de Tamandaré, conselheiro João Alfredo, Barão do Ladario, Visconde de Ouro Preto, Visconde de Taunay, conselheiros Rodolpho Dantas e Eduardo de Andrade Pinto, Dr. Joaquim Nabuco, Dr. Affonso Celso e

Dr. Carlos de Laet, comparecendo mais os membros da commissão de exequias Drs. Firmo de Albuquerque Diniz e Visconde de Ibituruna.

Foi lida a resposta do Sr. ministro da França, A. Gérard, ao telegramma que lhe expedio a commissão central. E' do teor seguinte:

« Sr. Marquez de Tamandaré—Recebi hontem á noite o telegramma que me fez a honra de endereçar a commissão designada pela reunião popular do Asylo de Nossa Senhora da Conceição.

Profundamente me commoveram os sentimentos que a reunião e a commissão ahi exprimem ao meu paiz— e outrosim o testemunho de reconhecimento que me pedis faça eu chegar ao governo da Republica Franceza, bem como a nação que, prestando os ultimos deveres a Sua Magestade o ex-Imperador D. Pedro II, quizeram honrar o proprio Brazil.

Não deixarei de, segundo o vosso desejo, transmittir ao meu governo o texto do telegramma que me enviastes.

Acceitai Sr. Marquez, as seguranças da minha alta consideração. —*A. Gérard.* »

O Sr. presidente declarou que muito grata era á commissão a resposta do Sr. ministro francez.

Foram lidas as seguintes cartas:

Dos Srs. Serafim Gonçalves da Costa Junior e Francisco Leal Nunes, offerecendo seus prestimos para tudo que a commissão julgar conveniente.

Do Sr. capitão honorario do exercito José Maria das Chagas Fernandes de Brito, no mesmo sentido.

Do Sr. José Caetano Fiuza Lima Junior — para identico fim.

Do Sr. conselheiro L. A. da Silva Nunes, assegurando inteira adhesão ao pensamento da commissão, em seu nome e no de seu filho e seu genro, Drs. João Tosta da Silva Nunes e Luiz Pereira Ferreira de Faro.

Do Sr. Manoel de Azambuja Monteiro, acquiescendo ao mesmo pensamento e declarando que desde já se inscreve como subscriptor da quantia de 50$000.

Do Sr. Francisco Joaquim Baptista Coimbra, artista pintor e decorador de casas, com os seguintes dizeres:—« Meritissima commissão — Sou pobre, mas para tão nobre idéa offereço 50$. e si mais tivera mais daria. Sou monarchista desde que me entendo. Sou etc. *F. J. Baptista Coimbra.* »

Leu-se mais um telegramma do Sr. Antonio Carlos Bello Lisboa, do Ypiranga, comprimentando a commissão e acquiescendo á idéa da homenagem á memoria do Sr. D. Pedro II.

Foi tambem transmittido á commissão o offerecimento do Sr. Francisco Antonio Monteiro, negociante estabelecido á rua da Candelaria, prestando-se a fornecer graciosamente a cêra de que houver necessidade.

O Sr. Dr. Firmo Diniz declarou que o Sr. Barão de S. Francisco de Paula, não podendo comparecer á sessão por justo motivo, acceitava todas as resoluções que fossem tomadas pela commissão; e que a Exma. Sra. D. Josephina Carolina de Araujo Gondim, desejava associar-se a todas as manifestações que se fizerem.

Ficou a commissão inteirada das communicações, sendo recebida com especial agrado as offertas supra-exaradas.

O Sr. presidente, Marquez de Tamandaré fez sentir que já fôra pago o tributo de gratidão á França, porém que se tornava necessario tambem manifestal-a á Hespanha, pois, segundo os ultimos telegrammas, solicita havia acolhido os restos mortaes do Imperador.

De accôrdo com as observações do Sr. presidente, deliberou-se que ao Sr. D. José Delavat, ministro da Hespanha no Brazil, seria enviado um telegramma e foi acceita a seguinte redacção:

« Os abaixos assignados apresentam ao Sr. D. José Delavat os seus attenciosos comprimentos e rogam a S. Ex. querer acceitar o encargo de transmittir ao seu illustrado governo os sinceros e profundos agradecimentos de que estão possuidos os amigos reverentes de S. M. o Sr. D. Pedro II, pelas homenagens que foram prestadas aos seus restos mortaes em territorio Hespanhol por S. M. a Rainha e a Nação Hespanhola. —*Marquez de Tamandaré.* —*Visconde de Sinimbú.* —*Visconde de Ouro Preto.* —*João Alfredo Corrêa de Oliveira.*—*Barão do Ladario.*—*Visconde de Taunay.*—*Rodolpho Dantas.*—*Eduardo de Andrade Pinto.* —*Carlos de Laet.*—*Affonso Celso.*—*Joaquim Nabuco.* »

O Sr. Dr. Joaquim Nabuco leu a redacção do manifesto ao Povo Brazileiro, documento que em outro local publicámos.

Deliberou a commissão que se nomeassem commissões parochiaes compostas de senhoras e cavalheiros para auxilial-a no desempenho de sua missão, devendo brevemente publicar-se os nomes d'esses auxiliares.

Ficou assentado que a proxima reunião será na quarta-feira, no local e á hora do costume.

Eis aqui o appello ou manifesto a que se allude:

« *Ao povo brazileiro.*—Fomos incumbidos por uma numerosa reunião de amigos reverentes da memoria de S. M. o Sr. D. Pedro II de promover uma solemne e condigna demonstração

do luto publico e de reunir os meios precisos para elevar-lhe um testemunho sempiterno da gratidão nacional.

No desempenho d'esse honroso encargo, recorremos hoje a todos os que consideram um dever seu para com a Patria, render a ultima homenagem ao Brazileiro que durante meio seculo a personificou aos olhos do mundo de um modo tão nobre, tão elevado e tão superior a motivos, preoccupações e intuitos pessoaes ou dynasticos. Invocamos o concurso dos Brazileiros e não dos Brazileiros sómente; mas de todos os residentes no Brazil, não importando a nacionalidade, que reconheçam a divida de honra d'este paiz para com a memoria do seu maior bemfeitor e amigo.

Cincoenta annos do mais puro e desinteressado patriotismo no throno e no exilio são o legado que elle deixa ao Brazil; e seria duvidar de todas as virtudes que distinguem o nosso povo, imaginar que elle se mostre indifferente ao appello que fazemos n'esta hora ao seu cavalherismo, á sua gratidão e á sua saudade.

Interpretando, de accôrdo com a lição de sua vida inteira, a ordem que elle daria se pudesse ter conhecimento d'esta manifestação, desejamos que ella não seja pesada a ninguem. A sua significação é ser um movimento espontaneo, e são as pequenas offertas que lhe hão de imprimir o caracter imperceptivel de um testemunho nacional.—*Marquez de Tamandaré.—Visconde de Sinimbú.—Visconde de Ouro Preto.—João Alfredo Corrêa de Oliveira.—Barão do Ladario.—Visconde de Taunay.—Rodolpho Dantas.—Eduardo de Andrade Pinto.—Carlos de Laet.—Affonso Celso.—Joaquim Nabuco.* »

Os donativos devem ser entregues ao Sr. Barão do Ladario, thesoureiro da commissão, ou ás redacções dos jornaes que abrirem subscripção para o mesmo fim.

(Do *Jornal do Brazil*).

Demonstrações de pezar

Rezou-se hontem, ás 9 horas, na igreja matriz do Santissimo Sacramento, a missa pelo eterno repouso do nosso venerando Imperador, mandada celebrar pela redacção e gerencia d'*O Brazil*.

Foi celebrante o Revd. Sr. padre João Cordeiro da Cruz Saldanha, acolytado pelos Srs. Drs. Pedro Fortes Marcondes Jobim e Ladisláo José de Carvalho. Pegaram em tochas diversos cavalheiros, dos mais grados da nossa sociedade.

Terminada a missa, revestio o celebrante a capa de asperges e veio dizer o *Responso* junto á pequena eça collocada no

centro do templo, servindo de acolyto o Revd. padre Pedro Cavalcanti da Rocha.

Toda a ceremonia foi bellamente acompanhada a orgão pela Exma. Sra. D. Jesuina Ramos, que a isso se prestou com a maior gentileza.

Numerosissima assistencia, tirada de todas as classes sociaes, enchia a igreja, dando assim grande realce á tocante solemnidade do culto catholico, que alli congregava a orarem a Deus, tantos amigos e admiradores do Sr. D. Pedro II.

Não podemos citar os nomes de todos, nem talvez mesmo os da maioria, si não, além de alguns de quem nos recordámos, os dos que assignaram as listas de presença que tinhamos feito distribuir, e em seguida publicámos, pedindo desculpa das omissões; pois é certo que muitas pessoas, mórmente senhoras, se retiraram sem ter assignado:

D. Georgina Drummond Franklin, D. Clotilde Drummond Franklin, D. Augusta Drummond Franklin, conselheiro André Augusto de Padua Fleury, Luiz Pereira de Faro, D. Herminia Lage de Faro, D. Anna de Faro Lage, D. Herminia de Faro, D. Alice Mattos Cresta, D. Augusta de Faro Fleury, Alvaro de Faro, André de Faro Fleury, Horacio Pereira Faro, D. Maria Carmen Andrew Borges de Castro, Benevenuto Berna, Alberto Luiz da Rosa, Martiniano Candido da Silva, D. Leonor Carneiro Leão, Carlos Alberto Carneiro Leão, Dr. Carlos de Laet e sua familia, commendador João Maximiano Mafra e sua familia, João Maria Mafra e sua senhora, Visconde de Sabará, Dr. Joaquim Nabuco, Visconde de S. Luiz do Maranhão, Visconde do Cruzeiro, conselheiro João Alfredo, Dr. Joaquim Maria dos Anjos Espozel e sua senhora, D. Laura Dias de Souza Barros, Manoel Luiz Vieira da Silva Mello, Antonio Corrêa de Mello Oliveira, Antonio José de Medeiros, Manoel Simões das Neves, Manoel Esteves Garcia, Fortunato José da Cunha, Ramiro Antonio Sebastião Braz, Dr. Luiz José Pereira Simões, commendador Victor Meirelles, Visconde de Ouro Preto, Dr. Affonso Celso, Domiciano Leite Pinto, Polybio Affonso Alves, commendador Manoel Joaquim Pereira da Silva, Dr. João Alves Meira, J. de Oliveira Maia Outeiro, Dr. Irineu Joffily, Ildefonso J. Pereira Simões, Dr. José Peixoto Fortuna, engenheiro José Pinto Machado Junior, Alfredo Victor Thompson, Luiz Felippe de Sampaio Vianna, Barão de Sampaio Vianna, Benigno Antonio Pimenta, José Silveira do Pillar, Serafim Gonçalves da Costa Junior, Francisco Leal Nunes, João Alves da Visitação, Manoel Rodrigues Alves, Francisco de Paula Ribeiro, D. Maria Candida de Oliveira Alves, José de Brito e Oliveira, Francisco Fernandes Gonçalves, Silvestre André Salgado, A. de Souza Leão, Francisco da Cruz Antunes, José Antonio de Campos Lima, Manoel Luiz da Silveira, M. de Castro Nascimento, Dr. Pedro

Carvalho de Moraes e sua familia, Antonio Boscoli, João Domingues dos Santos, Carlos Castello, Dr. Francisco Netto Carneiro Leão, Dr. José de Miranda Monteiro de Barros, Raul de Sampaio Vianna, Carlos F. de Sampaio Vianna, D. Amelia Adelaide Ferreira, viuva Berna e suas filhas, Luiz Antonio Ferreira, Heitor Berna, Alvaro Cesar, D. Amelia Carolina de Lemos, José Joaquim Gomes de Souza, Alexandre Ferreira Pereira, Antonio Duarte Sampaio, Francisco Luiz de Oliveira, Dr. João Francisco dos Reis, commendador J. Antonio Pereira de Abreu, Ignacio Affonso Martins, Dr. J. A. C. Carneiro Leão, Antonio Braga, Carlos Tavares de Mattos, Sebastião Benevenuto Vieira de Carvalho, Dr. Francisco Antonio Marques, José Carlos P. Vieira de Carvalho, Joaquim Fernandes da Silva Junior, major João Paulo da Costa, Francisco Augusto de Athayde, Francisco Luiz de Oliveira, Thomaz José Almeida, João José Pereira das Neves, Francisco J. Fernandes, José Ribeiro Peres Machado, Alberto Jayme Smith, João Celestino Drumond, Rodolpho Henrique de Araujo, professor Adolpho dos Santos, João Francisco Elliot, Leopoldo Ribeiro Peres Machado, Eugenio L. Gomes da Silva, Carlos A. Coimbra de Gouvêa, José Ferreira Sampaio, Antonio C. Coimbra de Gouvêa, Dr. A. Gonçalves de Carvalho, Dr. Franklin Sampaio, Dr. Francisco de Góes, Bernardino José Borges, J. M. Pessoa, José Manoel Moreira Pacheco, Quintino de Almeida, Luiz Firmo, João Francisco Soares, Dr. Mario de Souza Ferreira, Francisco de Paula Pires, conselheiro Rodolpho Dantas, Alfredo Napoleão, Diogo H. Pinto, Arthur de Oliveira, Antonio Dias Lopes, Braulio Cordeiro, Salles Freitas, D. Elvira R. Ferreira, João C. Pereira Lima, João Teixeira de Abreu, Ernesto Candido da Rosa, Edgar Dias da Cruz, Oliverio Pereira Monteiro, Antonio Manoel Fernandes Joaquim de Souza Maia, Alberto Carlos dos Passos Macedo, Augusto Gavião, José Ayres Pimenta, Octavio Lassance, Pedro Moser, João Ribeiro de Andrade, João Martins Pinheiro, Antonio Carlos Velho da Silva, Antonio Joaquim Cordovil Maurity, Maria Euphrasia Marques Lisboa, D. Elvira de Magalhães Castro, Dr. Francisco da Silva Cunha, D. Rosa Teixeira Mendes da Silva Cunha, Luiz Gastão da Silva Cunha, Thomaz Bernardino da Silva Cunha, Bento Antonio da Silva, Joaquim Antonio Dantas, Thomaz José de Oliveira, Angelo Perdigão, Francisco José Baptista da Motta, D. Maria Benedicta Noronha da Motta, Dr. Ernesto da Cunha de Araujo Vianna, Balduino Sabino Borges, João Nascentes Pinto, Carlos da Silva e Oliveira, conselheiro Eduardo de Andrade Pinto, conselheiro João Carlos de Souza Ferreira, D. Orminda Barreto de Souza Ferreira, Antonio José de Miranda e Silva Junior, Alberto de Souza e Mello, Antonio Joaquim Vianna, Dr. Joaquim Antunes de Figueiredo, João Ramos de Azevedo, Virginio Bruno, Thomaz

dos Guimarães Peixoto, professor J. A. Ferreira da Gama, Pedro Cunha, João Januario dos Santos Ramos e sua senhora, Atanalpa de Vidigal, Dr. Ismael Torres de Albuquerque, José Lopes da Costa Moreira Junior, D. Eufrasina C. C. Monteiro, D. Noemia Arêas Monteiro, D. Henriqueta de Oliveira, D. Polucena Maciel Carvalho, Adriano Fortes de Bustamante, condessa de Lages, D. Elisa de Beaurepaire Pinto Peixoto, D. Francisca de Beaurepaire Pinto Peixoto, D. Isabel Liberal Dias, D. Augusta de Faure Fleury, D. Brites d'Illion, João Baptista da Costa, Dr. Luiz Faria, Sebastião Gomes da Silva Belfort, Julio Paranaguá (representando a familia do Marquez de Paranaguá), C. da Franca Amaral, D. Anna Ferreira França da Franca Amaral, Barão da Taquara, Albano Raymundo da Fonseca Marques, Leopoldo do Amaral, Tito do Amaral, capitão Francisco Joaquim da Costa, Thomaz José Pinto de Serqueira, Domingos Pacheco, Olavo Sabino dos Anjos, Terencio Leal Pimentel, commissão do Retiro Litterario Portuguez, José Antonio da Cunha Silveira, commendador Antonio Ferreira de Carvalho, José Bento Carrilho, José Dionysio Meira, Dr. Sebastião J. Saldanha da Gama, Mucio Teixeira, Dr. Ricardo Paranaguá, José Antonio Barreiros, Manoel Antonio Barreiros, Antonio Bernardo da Silva Guimarães, José Luiz Teixeira, Francisco A. de Lima e Silva, Americo Brasil Fortes Bustamante Sá, Alexandre A. Ribeiro Cirne, Otton Ribeiro Cirne, Henrique Correia dos Santos, conselheiro João Capistrano Bandeira de Mello, José Nolthenio Tolentino Alvares e sua senhora, major Bento Pereira de Bulhões Carvalho, Henrique da Rocha Carneiro, Manoel Lopes de Barros, Francisco Antonio de Athayde, J. de Oliveira Lacaille, J. B. Quintanilha, Miguel Candido, Alfredo Barroso Pimentel, pharmaceutico Benedicto Hyppolito de Oliveira, Cyro Alberto da Silva, Dr. José Paulo Nabuco Araujo Freitas, Alberto Nunes Pires, Rufino José Ribeiro, Francisco de Queiroz Pereira, Thomaz Gomes dos Santos, Dr. João Antonio de Souza Ribeiro, Manoel Jesuino Netto, Dr. Accacio de Aguiar, Roberto Escragnolle, Dr. João Baptista Pereira, Visconde de Assis Martins, Dr. Luiz Gastão de Escragnolle Doria, Nicoláo Ferani, Francisco Antonio de Souza, Fernando José Alves, Alfredo Capparelli, Feliciano Marques Perdigão, João José Alves Ferreira, alferes Sotero Joaquim de Almeida, Raymundo Zacarias Sophia, Leopoldo J. P. Leal, Valentim Tavares, capitão B. A. Barreiros, D. Adelaide d'Escragnolle Doria e suas filhas, Juvencio Pereira Ferreira e seu filho, Guilherme Garibaldi, Manoel José Villela Vianna, João Pinto Pereira de Souza, Braz de Vasconcellos, F. Meirelles, Ezequiel Alves da Silva, Arthur Alfredat Rensburg, Alfredo d'Oliveira, Dr. Ernesto de Souza e Oliveira Coutinho, Antonio José Rodrigues Torres Neto, Ernesto Vater, José Augusto da Silva, João Carlos A. L. Bittencourt,

Luiz José Meirelles, advogado Francisco da Costa Chaves Faria, Luiz do Valle Guimarães, Francisco C. Martins, Antonio Luiz Corrêa, Lourenço José de Souza, engenheiro José Xavier Ferreira, Barão do Ladario, Barão de Loreto, Luiz Francisco da Veiga, Dr. Serafim Muniz Barreto, Dr. Pedro Leão Velloso Filho, Dr. Deodato C. Villela dos Santos, Eugenio A. Castro Pereira, Cesar Farani Eboli, Dr. Americo Marcondes, F. Remigio Vieira, Benoni Carlos da Veiga, Carlos A. Pinto de Araujo, Anacleto Carlos Pereira, major Pedro Corrêa de Albuquerque, Henrique Pinheiro, Emilio Simonsen, Victorino Soares Napoleão, Felippe M. Barros, Guilherme Arnaud Coutinho, Bernardino Constancio Quintanilha Junior, Candido Brandão de Souza Barros Junior, Francisco Caetano Teixeira, Dr. Francisco Augusto de Almeida, Dr. Sizenando Nabuco, Francisco José Gonçalves Agra Filho, Manoel Netto Machado, Edgard Pragana, José da Silva Santos, Sabino de Vasconcellos, D. Rita de Vasconcellos, Manoel Gomes de Siqueira Monteiro, Alberto Biancolino, Gaspar Francisco da Silva Guimarães, D. Eponina da Silva Guimarães, D. Maria Candida da Silva, João Teixeira da Costa, D. Anna O. da Silva, José Teixeira da Costa, D. D. Emilia de Miranda Teixeira da Costa, Herminia Teixeira da Costa, Gertrudes Maria Soares de Serqueira e Carolina de Serqueira Pinheiro, Francisco Teixeira da Costa, Arthur de Serqueira Pinheiro, João Pinto Correia, Antonio Maria Lisboa, H. Schroder, Sebastião Gomes Coutinho, José Nunes Vallim, José Francisco Lobo Junior, Dr. Carlos Augusto d'Oliveira Figueiredo, Adolpho E. da Rocha Soares, Jonathas Pereira, Augusto Leite de Vasconcellos, Antonio Pinto dos Santos, José Coelho de Sampaio, Luiz Maria Sether, Carlos Alberto Nunes de Souza, Francisco Souza e Silva Braga, João José Torres, Alfredo Guedes Pinto, Domingos P. Alves de Magalhães, Arthur F. Teixeira, Dr. José Freire Parreiras Horta, João de Deus Souza Braga, Alberto Braga, Accacio A. Santos Lima, José Alves da Visitação, Hermogeneo Maia, João de Almeida Bispo, Manoel de Jesus Denos, José Leandro Ribeiro, Manoel de Almeida Cruz, major Dr. Antonio Antunes Guimarães, Luiz Pereira de Araujo, Manoel F. Malheiros, José de Araujo, Custodio Mafra e Candido Pereira de Noronha e Silva.

* * *

A administração da Irmandade do Divino Espirito Santo da Lapa do Desterro faz celebrar hoje, por seu capellão monsenhor Freire, uma missa com *libera-me*, por alma do virtuoso e venerando Brazileiro Sr. D. Pedro de Alcantara, seu protector perpetuo.

O templo acha-se todo coberto de crepe, tendo sido erguido no centro um modesto catafalco, onde está collocado o retrato do illustre finado, todo coberto de luto, assim como a corôa e sceptro do imperador do Divino que ha 71 annos não tem servido.

Duas lindas corôas depositadas ao lado do ataúde demonstram sinceramente o pezar de que a Irmandade se acha possuida.

A Irmandade apresentar-se-ha de cruz alçada, tendo a sua bandeira coberta de fumo.

* * *

O conselho administrativo da S. Beneficente Memoria ao Conde D. Henrique, compartilhando da sincera dôr que ferio a todos os corações que idolatravam o Eminente Brazileiro o Sr. Pedro II, resolveu em sessão de ante-hontem consignar em acta um voto de profundo pezar, conservar em funeral o pavilhão social e levantar a sessão; prestando assim um tributo de sincera homenagem á sua memoria.

* * *

Em sessão de directoria do Partido Proletario do Brazil realizada no dia 10 do corrente, por proposta do vice-presidente Victor Manoel da Rocha, foi lançado em acta um voto de sincero pezar pelo infausto quanto inesperado fallecimento do sempre chorado ex-Imperador do Brazil.

O director Albano de Miranda propoz que o Partido se fizesse representar nas exequias que se vão realizar n'esta Capital.

Esta proposta foi acceita e o presidente nomeou para o fim da mesma uma commissão composta dos directores Luiz de Paiva Borges Nogueira, Misael Gomes da Silva e Albano de Miranda.

* * *

A S. Beneficente Egas Muniz em sessão ordinaria de ante-hontem, resolveu sob proposta do presidente interino Sr. Antonio Teixeira Campos, consignar na acta um voto de pezar pela morte do Sr. D. Pedro II, suspender a sessão em homenagem a tão egregio cidadão, arvorar a meio páo o pavilhão da sociedade e nomear uma commissão para assistir ás exequias; o que tudo foi approvado unanimemente.

* * *

Na matriz de Sant' Anna celebrou-se hontem, com grande concurrencia de fieis, uma missa acompanhada a orgão, havendo tambem numerosas communhões, por tenção do eterno repouso de S. M. o Sr. D. Pedro II. Prestou-se graciosamente a celebrar o acto o Rvd. Sr. padre Madeira, a quem servio de acolyto o Sr. F. Neves.

Ao lado do altar-mòr estava collocado um excellente retrato de Sua Magestade, coberto de crepe e flanqueado de luzes.

Entre a grande multidão de povo, que, todo elle, contricto e de joelhos participava das orações, notavam-se muitos homens de côr, de cujos olhos manava copioso pranto. Outros diante da vera effigie do glorioso monarcha entregavam-se a effusões da mais pungente magua.

* * *

Ao Sr. Dr. Visconde de Ibituruna foi enviado o telegramma seguinte obsequiosamente communicado por S. Ex. a esta redacção:

« PETROPOLIS, 10.

« Peço subscreva tudo que fôr em honra da memoria do Imperador. — *João Baptista da Fonseca.* »

* * *

Escreveu-nos o Sr. Dr. Fernando Teixeira, conceituado medico d'esta capital, declarando que, comquanto não tivesse podido assistir a reunião popular effectuada no Asylo de Nossa Senhora da Conceição, plenamente acquiesce a todas as manifestações planeadas em homenagem ao venerando Imperador do Brazil.

No mesmo sentido se pronunciaram os nossos amigos Srs. Cesar Farani Filho, coronel Gentil José de Castro, Francisco de Paula Carvalho Verani e José Ventura Boscoli.

* * *

Além das pessoas cujos nomes temos publicado, declaram mais ter comparecido á reunião popular no Asylo de Nossa Senhora da Concéição, ou acquiescer ás resoluções alli tomadas, os seguintes Srs. e Exmas. Sras:

Dr. F. A. Fernandes de Oliveira, com as senhoras de sua familia, D. Amelia Carolina de Faria e Oliveira, D. Amalita de Oliveira e D. Carmen de Oliveira; Dr. Custodio de Faria e D. Maria Faria: Clara José de Brito e Oliveira, professora; J. A. Ferreira

da Gama, Ricardo Ferreira de Carvalho, Barão e Baroneza de Itacurussá, Baroneza de Bom Fim, Theodosio do Rego Macedo, engenheiro Francisco de Souza Ferreira, Visconde e Viscondessa de Maracajú, Dr. Bento Maria da Costa, José Carlos Portelli Vieira de Carvalho, Dr. Sebastião Benevenuto Vieira de Carvalho, Condessa de Lages, José do Rego Macedo, coronel João José Corréa de Moraes, João Luiz Pinto de Araujo, Gustavo José Alberto, Honorio Quintanilha Netto Machado, Joaquim de Oliveira Maia Outeiro, Dr. Candido Benicio da Silva Moreira, Sebastião Francisco de Araujo Lessa, Carlos Alberto Dias da Silva, Manoel da Silva Costa Junior, José Antonio da Silva Mederno, capitão José Pinto Penna Firme Ramos, Dr. Paulo de Lacerda, Antonio Nunes Galvão, Candido Pereira de Noronha e Silva, pharmaceutico 2° tenente honorario da armada Antonio da Costa Moraes, Benicio Henrique de Oliveira, Manoel Antonio de Oliveira, tenente-coronel Julio Cesar de Oliveira, F. Remigio Vieira, Luiz de Paula e Silva, Luiz Manoel da Costa, Justino José Ferreira Alegria, Dr. Antonio Eulalio Monteiro, José Ferreira Sampaio, Jonathas Pereira, Visconde do Serro Frio, Dr. Olympio Valladão e Dr. Alfredo Camillo Valdetaro.

Exequias na Cathedral

Com toda a imponencia do culto sagrado realizaram-se hontem, como estava annunciado, as solemnes exequias que o nosso venerando prelado e o Illm. Cabido mandaram celebrar por alma do finado Imperador D. Pedro II na igreja da V. O. 3.ª do Carmo, que provisoriamente está servindo de Cathedral.

O interior do templo, preparado adrede para tão pungente acto apresentava aspecto tristonho, não só pelo grande catafalco que se erguia ao centro como tambem pelos pannos pretos que cobriam as tribunas, parte das paredes e todo o chão.

No altar-mór via-se a modo de Calvario uma pequena elevação, em cujo centro se erguia grande cruz com uma perfeita e piedosa imagem de Jesus Christo em agonia. Este crucifixo media cerca de cinco metros de altura e repousava sob rico docel de velludo roxo; aos pés, sobre a banqueta seis castiçaes de jacarandá.

De roxo cobria-se tambem o solio episcopal e eram forradas de preto as cadeiras dos capitulares.

Em a nave principal do templo, o catafalco apresentava com a profusão das luzes e objectos de prata que o flanqueavam ou adornavam, magestoso aspecto.

Sobre uma base de oito metros quadrados e 1 metro e 20 de altura, ladeada de doze tocheiros e muitos ramos de cypreste,

havia na parte inferior do mausoléo uma peanha formada com bandeiras imperiaes, e sobre estas pousava uma corôa imperial servindo de pedestal á effigie do virtuoso Monarcha, que tinha de cada banda uma grinalda e varios ramos de flôres naturaes e estava coberta por finissimo crepe.

Na parte superior, uma antiga bandeira imperial preciosamente recamada desdobrava-se e cahia sobre a eça, a qual se achava coberta com rico panno de damasco preto bordado a ouro. Sobre o estandarte, o sceptro e emblema da Justiça.

Grande cupola tendo a corôa imperial prendia-se ao tecto; della partiam fitas de velludo preto, de largura de um metro que, tocando as cimalhas da igreja, d'ahi cahiam em amplas pregas até ao chão.

Segundo o ritual dos bispos, todas as tochas e velas, quer no catafalco, quer nos altares eram de cera virgem.

O pontifical entrou ás 10 horas precisas, começando então a dobrar, conforme as determinações do bispado, todos os sinos das igrejas d'esta capital; e assim durante toda a ceremonia, a intervallos regulares. A igreja da Cruz dos Militares arvorou a bandeira do Cruzeiro.

Com assistencia do Exm. e Rvm. Sr. Bispo Diocesano, de todo o Illm. cabido e clero, officiou monsenhor João Pires de Amorim, acolytado pelos Srs. conegos Acacio de Abreu, Gouvêa e Bueno da Rosa.

Serviram no solio monsenhor Peixoto, como presbytero, e os Srs. conegos Xavier Pinheiro e Diniz, como diáconos.

Terminado o officio solemne fizeram-se as cinco absolvições prescriptas pelo ceremonial, sendo a primeira dada pelo Exm. Sr. D. João Esberard, bispo de Olinda, a segunda por monsenhor Peixoto, a terceira, por monsenhor Amorim, a quarta por monsenhor Freire e a quinta, finalmente, pelo Sr. bispo Conde de Agostinho.

Orchestra magnifica, regida pelo *maestro* Cerrone, mestre da Cathedral, executou os responsorios, *Missa* do padre José Mauricio e *Libera-me* de Pernambuco.

Desde muito cedo começou a affluir povo á Cathedral, e antes da hora marcada para os funeraes já não havia um logar: côro, tribunas, capella-mór, naves, corredores, toda a igreja estava repleta da multidão, que silenciosa e recolhida parecia antes chorar a morte de um pai que a de um imperador.

Difficil tarefa seria dar aqui os nomes de todos os que assistiram ao magno acto de hontem; pois, sem exaggeração, póde-se calcular em mais de duas mil pessoas, sem accepção de categorias sociaes, desde os mais graduados e eminentes personagens até ao humilde homem do povo, notando-se crescidissimo numero de distinctas senhoras, que até ao fim se conservaram nos seus logares.

Occorre-nos, comtudo, que lá estiveram os Srs. Bispo de Olinda, Viscondes de Ouro Preto, de S. Luiz do Maranhão, do Cruzeiro, de Assis Martins, conselheiros Corrêa, Olegario, Ferreira Vianna, Andrade Pinto, Thomaz Coelho, Dantas, Dr. Visconde de Ibituruna, Dr. Joaquim Nabuco, Dr. Affonso Celso, Barão de Pinto Lima, conselheiro João Alfredo, commissões do Instituto Historico, do Instituto Polytechnico (Drs. Paula Freitas, Draenert e Moscoso), Associação Protectora da Infancia Desamparada, Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, Associação Promotora da Instrucção, Irmandade de Santa Luzia, Dr. Lopo Diniz Cordeiro, conselheiro Ignacio da C. Galvão, commissão do Congresso B. H. a Capello e Ivens, desembargador Tito de Mattos, conselheiro Franco de Sá, Dr. Prado Pimentel e muitissimos outros.

Compareceu toda a redacção d'*O Brazil.*

O venerando Sr. Marquez de Tamandaré, cuja presença infundia respeito e commovia a todos, trazia a condecoração da Imperial Ordem do Cruzeiro, — a mesma que ornava o peito do Sr. D. Pedro II quando se apresentou em Uruguayana como primeiro voluntario da Patria, para assistir á rendição dos Paraguayos que a occupavam. Deu-a Sua Magestade ao Sr. Marquez em troca de outra que d'este recebeu.

Ornava-lhe tambem o peito honrado a medalha de ouro da Independencia ou Restauração da Bahia.

Na casaca trazia a chave de camarista do Sr. D. Pedro II.

Na frente do catafalco, cuja descripção fizemos, lia-se :

Petro Secundo.
Brasiliæ. Imperator.
Patriæ. Ornamento. Et. Civium. Honori.
Circiter. Dimidium. Sœculi. Sapienter.
Gubernanti Artium. Scientiarumque.
Assiduo. Propagator. Ad Exteras. Ejecto.
Sodalibus. Relictis. In. Exilio.
Multas Arumnas. Patienter. Perpesso
Parisus. Nuper Pii. Obienti. In. Domino
Capitulum. Sancti. Sebastiani.
Fluminis. Januarii Fratum. Suorum
Justi. In. Nomino Plorans.
Justa. Solvit.

Nos lados :

Cum orphanis et vidiis thesauros suos expendebat et indigentiæ populi nunquam oblitus est.

Rex sapiens stabilimentum populi est.
(Lib. Sap. Cap. 6 — V. 26).

Timenti Dominum bene erit in extremis, et in die defunctionis suæ benedicitur.
(Lib. Eccl. Cap. 1 — V. 13).

(D'*O Brazil*).

Offii solemne

Realizou-se hontem, na matriz do Sacramento, o officio solemne que a irmandade do Santissimo Sacramento da antiga Sé fez celebrar pelo eterno descanso do seu irmão protector perpetuo o Sr. D. Pedro II.

A igreja achava-se convenientemente preparada para a lutuosa ceremonia, tendo sido toda a armação feita pelo artista Sr. Antonio Maria Lisboa.

No centro do altar-mór, todo coberto de preto, assim como os altares lateraes, destacava-se a bella imagem de Christo, toda de marfim, medindo mais de um metro de altura, em cruz de prata, havendo de cada lado tres castiçaes tambem de prata.

Em a nave principal erguia-se sumptuoso catafalco de doze metros de altura, por quatro de largo e seis de comprimento, dividido em tres ordens, sendo a terceira, em que pousava a urna, sustentada por columnas.

No alto, uma cupola da qual pendiam quatro faixas pretas.

No catafalco, em torno do qual ardiam 244 castiçaes, liam-se as seguintes inscripções:

Lado do altar-mór:

« Nasceu a 2 de Dezembro de 1825
« Falleceu a 5 de Dezembro de 1891. »

« Rasga a morte illusões que a vida cria. »
« Ditosa patria que tal filho teve. »
« Tu vais dos astros augmentar o brilho. »

Do lado da rua do Sacramento:

« Mais do que em bronze um pedestal erguido
« E' vêr o escravo, á luz de immensa ideia,
« Alevantar os pulsos sem cadeia !...
Proferir-vos o nome! »

A

SEU IRMÃO PROTECTOR PERPETUO

D. PEDRO II

de saudosa memoria

RECONHECIMENTO DA

Irmandade do SS. Sacramento

Em frente á entrada, estava o retrato do venerando monarcha, fielmente desenhado pelo artista Valle. Abaixo do retrato, sobre uma columna, a corôa imperial e o sceptro envoltos em crepe, e por traz, fazendo fundo, antiga bandeira imperial tambem coberta de fumo.

O officio que principiou ás 10 horas da manhã e terminou ás 2 horas da tarde, foi celebrado pelo Rvm. Sr. conego Eduardo Christão, acolytado por diversos sacerdotes.

Terminado o acto, orou o Rvm. monsenhor Luiz Raymundo da Silva Brito, que produzio uma das mais inspiradas e tocantes orações que hão repercutido sob as abobadas dos nossos templos.

O eminente orador em phrase sempre arrebatada, que parecia borbotar-lhe dos seios d'alma, rememorou os importantes serviços prestados ao Brazil pelo finado Imperador; mostrou quanto era modesto e esmoler, tirando de si para dar aos pobres e que nenhum brazileiro tem mais direito á gratidão nacional do que aquelle, porque todo o seu tempo consumia-o em serviço da Patria.

Por occasião em que monsenhor Brito tratava das esmolas que com mão dadivosa e incansavel dispartia o Sr D. Pedro II, ouvio-se como que um côro de gemidos e soluços partidos de todos os angulos do templo, onde se agglomeravam muitos dos infelizes a quem Sua Magestade havia soccorrido nas duras afflicções. Algumas pessoas chegaram a desfallecer, tal a commoção produzida no auditorio.

Ao terminar o seu bellissimo discurso, que tanto desejariamos pudesse ser guardado nas paginas de um livro, foi S. Revm. vivamente felicitado e abraçado por muitos cavalheiros e senhoras.

A igreja transbordava, tendo-se retirado cedo muitas pessoas por não acharem logar.

* * *

Na mesma igreja, ás 9 horas, houve uma missa mandada celebrar pela irmandade de S. Miguel e Almas, alli erecta ; e outra mandada dizer pelo Lyceu de Artes e Officios acompanhada de canticos e á qual compareceram quasi toda a directoria e alumnos daquelle estabelecimento.

Rezaram-se ainda varias missas mandadas dizer por particulares.

* * *

Realizaram-se ante-hontem, em Petropolis, as exequias solemnes que a commissão de Petropolitanos mandou celebrar.

O templo ficou apinhoado de representantes de todas as classes, comparecendo todo o corpo diplomatico estrangeiro— os illustres Srs. Dunhoff, ministro da Allemanha, Windham, ministro da Gran-Bretanha, Gérard, ministro da França, Delavat, ministro da Hespanha, Barão de Anethan, ministro da Belgica, Conde de Paço d'Arcos, ministro de Portugal, muitas senhoras, e os secretarios da legação Paulze d'Ivoy, Conde de Selis, Castro e outros diplomatas.

Retiraram-se todos os assistentes muito impressionados pelo decoro d'essa importante ceremonia, durante a qual se manifestou a funda magua de quantos foram prestar suas homenagens de saudades ao inclyto bemfeitor de Petropolis, de cujo desinteresse provieram a prosperidade e riqueza d'essa bella cidade.

* * *

Alguns professores da antiga Academia das Bellas Artes fazem celebrar uma missa amanhã, ás 8 1/2 horas, na igreja do convento de Santo Antonio.

* * *

Em suffragio da alma do mesmo Augusto Senhor, o Supremo Tribunal Federal e respectiva secretaria mandam tambem rezar uma missa, quinta-feira 17 do corrente, ás 9 horas, na igreja de S. Francisco de Paula.

* * *

A's 9 horas da manhã de hontem, na igreja matriz de Santo Antonio, como fôra annunciado, celebrou-se a missa que, pelo eterno descanso de S. M. o Imperador, fez celebrar o Exm. Sr. Marquez de Tamandaré.

Foi celebrante o Rev. Sr. conego Quintiliano do Amaral, digno vigario da parochia, e numeroso o concurso de senhoras e cavalheiros de varias classes sociaes, os quaes, elevando suas preces ao Altissimo pelo illustre finado, ao mesmo tempo prestavam, com suas presenças, uma homenagem de respeito e amizade ao Sr. marquez, venerando ancião coberto de serviços relevantes á Patria e vivo exemplo de honra e fidelidade.

Entre a numerosa assistencia conseguimos reconhecer as pessoas cujos nomes aqui mencionamos, pela ordem porque foram tomados e sem attender a posições sociaes:

Exms. Srs. Barão de Loreto e familia, Dr. Firmo de Albuquerque Diniz e familia, Dr. Lopo Diniz Cordeiro e familia, Dr. Heitor Basto Cordeiro, desembargador Jorge Rodrigues, conselheiro Ponte Ribeiro e senhora, commendador Hermida Pazos, conselheiro Andrade Pinto e familia, Dr. Martins Pinheiro, Barão do Lavradio e familia, Dr. Marques Lisboa, familia do Exm. Bispo de Olinda, commendador Graça, João Escragnolle, Baroneza d'Escragnolle, D. Josefina de Paula Fonseca, D. Amalia da Fonseca Mascarenhas, Dr. Francisco Bulhões, viuva Ancora e filha, D. Adelia Rebello, conselheiro Lima e Silva, Guilherme da Silva Lemos, Guilherme José da Graça e neto, João Baptista Ferraz de Campos e senhora, Ernesto A. de Souza e Mello, D. Maria José Lisboa de Oliveira Bello e filho, Francisco Barros e filho.

*
* *

Tendo chegado ao conhecimento do conselho da Sociedade B. União e Fraternidade a noticia do infausto passamento de S. M. Imperador o Sr. D. Pedro d'Alcantara e sendo ella recebida com profundo pezar, como foi, por todos que amam a virtude, a paz e a honestidade, o mesmo conselho resolveu cerrar as portas do edificio social por tres dias suspender os trabalhos e mandar celebrar uma missa de 30° dia, no dia 5 de Janeiro proximo, na igreja matriz da Lagôa, ás 8 1/2 horas.

(D'*O Brazil*).



13 DE DEZEMBRO DE 1891

Exequias

Celebraram-se ante-hontem na cathedral, solemnes exequias por alma de S. M. o Imperador D. Pedro II mandadas fazer por S. Ex. Revm. o Sr. Bispo Diocesano, que assistio com todo Cabido e grande numero de sacerdotes.

Officiou pontificalmente o Exm. Monsenhor Amorim, Vigario Geral.

Toda igreja, armada de pesado luto, achava-se litteralmente cheia de pessoas de todas as classes sociaes e numerosas commissões de diversas sociedades.

Ao altar, officiando o Exm Monsenhor Amorim, servio de presbytero o Rvm. Conego Diniz e de diacono e sub-diacono os Rvms. Conegos Amador e Gouvêa.

Ao solio serviram de diacono assistentes os Rvms. Monsenhor Peixoto e Conego Xavier Pinheiro.

As absolvições foram dadas pelo Exm. Sr. Bispo de Olinda, Monsenhores Amorim, Peixoto e Freire e a ultima pelo Sr. Bispo Diocesano.

Estiveram presentes os representantes de todas as ordens religiosas, corpo docente dos seminarios e alumnos, como toda a Ordem Terceira do Carmo.

O retrato de Sua Magestade em um dos lados da eça, velado de crepe, tinha a corôa e a bandeira do Brazil.

Depois do officio ficando a igreja aberta e em exposição até ás 3 horas da tarde, entrava o povo para beijar a corôa e a antiga bandeira da nação, notando-se que muitos choravam.

Dois grandes livros para receberem os nomes das pessoas presentes foram cobertos de assignaturas. Estes livros vão ser enviados á Princeza Imperial, em Pariz.

— Hontem na igreja da Ordem Terceira do Carmo celebraram-se exequias pelo mesmo fim.

— Amanhã na igreja da Misericordia celebram-se tambem exequias.

— Em muitas outras igrejas, além de missas, tem-se celebrado officios.

Nota-se em todas as igrejas grande concurso de povo.

(Do *Apostolo*).

14 DE DEZEMBRO DE 1891

Demonstrações de pezar

A mensagem de pezames, assignada por todos os membros da directoria e conselho que assistiram á sessão extraordinaria de ante-hontem da Sociedade Amante da Instrucção é assim concebida:

« Sociedade Amante da Instrucção, Asylo das Orphãs. Rio de Janeiro, 12 de Dezembro de 1891. — Senhor: Esta Sociedade deve a Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, cuja morte tanto tem contristado o Brazil, gratidão especial, que decorre do facto assim narrado pelo historiador da Sociedade, o socio fundador commendador Joaquim Bernardo Leal, na sessão solemne de 5 de Setembro de 1879:

No dia 5 de Setembro de 1859 o Imperador pela primeira vez compareceu sem ser esperado na sala em que estava reunida a assembléa geral dos socios para solemnisar o trigesimo anniversario da fundação da sociedade. Isto só foi bastante para reanimar os bemfeitores d'esta casa que viram o interesse que tomava o Augusto Protector para que não se abalasse esta arvore que já havia dado tão sazonados fructos; e póde-se affirmar sem temor de ser desmentido que esse procedimento do Imperador salvou a instituição.

Por isso a Sociedade, ás demais demonstrações de pezar que a gratidão lhe impunha, accrescentou a de mandar admittir no asylo todas as orphãs que até agora o têm requerido, 18.

Acreditando que esta resolução será benevolamente acceita por Vossa Alteza e por sua Excelsa Esposa, digna filha do venerado Imperador, a Sociedade dirige respeitosamente a Vossas Altezas e a toda a augusta familia os mais sentidos pezames. — Deus guarde a Vossa Alteza Real. — A. S. A. Real o Sr. Conde d'Eu. »

* *

A Associação Bahiana de Beneficencia, na sessão que hontem realizou em uma das salas do Lyceu de Artes e Officios, sob a presidencia do Sr. Barão de Pereira Franco, em virtude de proposta d'este, resolveu mandar inserir na acta um voto de profundo pezar pela morte do ex-Imperador do Brazil, o Sr. D. Pedro II, e levantar a sessão em signal de grande sentimento por tão infausto acontecimento.

(Do *Jornal do Brazil*).

15 DE DEZEMBRO DE 1891

Demonstrações de pezar

Com a solemnidade e magnificencia que realçam sempre os actos religiosos da sua igreja, a Santa Casa de Misericordia celebrou hontem o officio funebre em honra de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II.

Já no setimo dia do passamento se tinham feitos suffragios religiosos nos diversos estabelecimentos da Misericordia.

O acto foi imponente já pela concurrencia da irmandade, da qual fazem parte os homens mais eminentes de todas as classes da população d'esta Capital, já pela apparato da solemnidade e pelo esplendor da ornamentação do templo.

O officio foi rezado por 12 sacerdotes presididos pelo Rvm. capellão da Misericordia que celebrou a missa acolytado pelos Rvms. padres Pedro Cavalcanti da Rocha e Leopoldo da Guia, servindo de mestre de ceremonias o Rvm. padre-mestre José Maria da Trindade e de regentes os Revms. padres João da Matta Tarlé e Antonio José de Gouvêa.

A orchestra foi regida pelos maestros Henrique de Mesquita e João Pereira, executando os responsorios e Missa Grande do padre José Mauricio e o *Libera-me* de Pernambuco.

A capella-mór na qual se achava o provedor, administração e tão avultado numero de irmãos, como não ha exemplo de tamanho concurso n'aquelle templo, estava ornada com a riqueza severa propria do acto, destacando-se nos pannos de velludo grandes cruzes de prata em campo preto espargidos de lagrimas do mesmo metal.

Logo abaixo da capella-mór no primeiro corpo da nave, ladeando quatro altares da igreja, erguia-se magestoso catafalco onde sobre tres planos ardiam em riquissimos tocheiros no meio de palmas de prata e de flores, lindissimos e innumeros cirios, que allumiavam o templo, elevando-se d'entre as tres ordens de banquetas em quadra um quarto plano coberto com um esplendido panno de velludo bordado de ouro sobre o qual assentava a eça grande da Misericordia, (n'esse genero o que ha de mais sumptuoso) encimando o cenotaphio um ataúde de marmore escuro e bronze dourado recebido pela Santa Casa como um dos mais apparatosos specimens das pompas funebres na Europa.

Do ataúde, que se elevava quasi á abobada do templo, pendiam doze grinaldas primorosas, offerecidas pelos estabelecimentos da Misericordia e em cujas largas fitas se liam em lettras de ouro as indicações dos offertantes: *Recolhimento das Orphãs, Casa dos Expostos, Asylo de Santa Maria, Asylo da*

Misericordia, Hospicio de Nossa Senhora da Saude, Hospicio de Nossa Senhora das Dores, Hospicio de S. João Baptista, Hospicio de Nossa Senhora do Socorro e Instituto Pasteur.

Na face que olha para a capella-mór, sob a bandeira da Misericordia, envolta em crepe, sobresahia em lettras brancas o seguinte distico do cenotaphio da Cathedral: « Cum orphanis et videus —Thesauros suos expendebat — Et indigentia populi nunquam oblitus est. »

Na face que deita para a nave, tornava-se saliente o busto do Imperador em marmore branco, mandado collocar em Junho ultimo no Instituto Pasteur, sob o qual estavam escriptas as singelas palavras expressivas da resignação de Job : *Dominus dedit, Dominus abstulit.*

Junto á peanha do busto, coberta de saudades e violeta com espigas de ouro, destacavam-se duas grinaldas magnificas com as seguintes inscripções : *Ao grande bemfeitor a Santa Casa de Misericordia — A' S. M. o Sr. D. Pedro II, o Provedor da Misericordia.*

Da abobada do templo e sobre o catafalco pendia uma cupola de velludo preto com franjas de ouro, da qual partiam quatro largas fitas de velludo preto com cerca de um metro de largura, que terminavam na entrada da capella-mór e na nave, descendo pelas paredes do templo em columnas semeadas de lagrimas de prata.

Toda a ornamentação do templo foi feita pelos armadores da Santa Casa, não se empregando sinão objectos pertencentes a irmandade e que ainda não tivessem servido, novos em flor pela maior parte, como ordenára a administração.

Depois da missa, duas commissões de orphãs do Recolhimento e de Asyladas de Santa Maria dirigiram-se em nome das suas companheiras ao Sr. Provedor da Misericordia e lhe pediram licença para collocar junto ao busto de marmore as flores naturaes trazidas em offerenda espontanea áquelle que fôra tão largos annos no Brazil o pai dos infelizes.

Antes do *libera-me* e dos canticos com que o acompanhou a orchestra, monsenhor Raymundo da Silva Brito pronunciou uma eloquente oração funebre em que relembrou as virtudes e os grandes dotes d'alma, que assignalaram ao reconhecimento dos Brazileiros e á benemerencia da humanidade o principe illustre, a que a Santa Casa rendia n'aquelle momento o preito da gratidão por parte dos enfermos, das viuvas desvalidas, dos orphãos e dos necessitados.

Terminada a solemnidade o Sr. Barão de Itacurussá, thesoureiro da Santa Casa, communicou ao Sr. conselheiro Provedor que sua excellentissima esposa offerecia a quantia de 1:000$ para ser dada annualmente, emquanto esta viver, como premio

á orphã do Recolhimento que mais se distinguir pela sua applicação e principalmente pelas suas qualidades moraes, denominando-se o premio D. Christina, em honra á memoria da fallecida Imperatriz.

A igreja da Misericordia estará aberta durante tres dias nas disposições em que se achou para a solemnidade realizada.

Foi celebrante monsenhor Freire.

*
* *

Na sessão administrativa da S. B. Memoria aos Heroes Portuguezes, por proposta do Sr. Salgado foi suspensa a sessão em signal de pezar pela morte do ex-Imperador, e nomeada uma commissão para assistir as exequias de trigesimo dia do passamento.

No mesmo dia fará celebrar uma missa o Club dos Voluntarios da Patria.

*
* *

Na cidade do Rio Claro, estado do Rio de Janeiro foi celebrada no dia 11 uma missa por alma do ex-Imperador, sendo grande a concurrencia.

(Do *Jornal do Commercio*).

Subscreveram as listas que temos em nosso escriptorio, declarando-se accordes com o pensamento da reunião effectuada no Asylo de Nossa Senhora da Conceição, mais os seguintes Srs :

Arthur Marinho da Silva (proprietario), José Garcia Christo (professor de piano), engenheiro Luiz Schreiner, Manoel José Tavares, Estanisláo de Figueiredo e Mello, Joaquim Pereira de Noronha e Silva, Annibal Lopes da Silva, Hilarino Ramos de Oliveira Andrade, Dr. Luiz Theodoro Schreiner, Luiz Gomes Anjo, Dr. Julio Augusto da Silva Maya, Dr. Basilio dos Santos Miranda, padre João Cordeiro da Cruz Saldanha, José Stockmeyer, Benigno Rios, Dr. Honorio Hermeto Pinto de Figueiredo, Dr. Manoel Marques de Sá, D. Maria Luiza Marcondes Ribeiro Marques de Sá, conselheiro José Augusto Nascentes Pinto, Joaquim Fagundes Leal, João Cardoso Vieira e Azera, José Marcellino da Silva Aranha, João Antonio Teixeira de Aguiar, Francisco Bernardino de Senra, José Cesario de Miranda Lima, José Fernandes de Oliveira, Antonio Amalio Ribeiro, João Antonio Linihan.

No mesmo sentido manifestaram-se por carta os Srs. Dr. Francisco de Paula Oliveira Borges (Queluz de S. Paulo), major Antonio Martiniano de Oliveira Borges (Guaratinguetá), Dr. Luiz Francisco da Veiga, tenente-coronel Joaquim de Oliveira Souza, (Monte-Verde do Mar da Hespanha), Francisco Sodéro (Silveiras), padre Antonio de Padua e Silva (Vigario da Candelaria), Alexandre dos Santos Silva, Constancio Quêlhas, Manoel de Azambuja Monteiro.

* * *

Por intermedio do Sr. Dr. Carlos de Laet, vai ser entregue á commissão central acclamada na reunião popular a quantia de 50$, enviada pelo Sr. João Ernesto da Silva, que assim se associa á solemne manifestação de luto publico pela morte do Sr. D. Pedro II.

— Os artistas Srs. João Baptista da Costa, pintor, e Benevenuto Berna, esculptor, offereceram graciosamente ao Sr. Dr. Laet, membro auxiliar d'aquella commissão, todos os serviços que puderem prestar e com os quaes desejam concorrer para o fim que se tem em vista.

Foi celebrada em Angra dos Reis, pelo eterno repouso do Sr. D. Pedro II, uma missa com *libera-me*.

Ornamentou-se decentemente o templo, onde figurava modesto, porém bello catafalco. A musica nada deixou a desejar. Foi, emfim, uma tocante manifestação, á qual se associaram com as suas presenças muitissimos habitantes de Angra.

A' porta da igreja, foram distribuidas pelos pobres esmolas na importancia de 200$000. Segundo nos informam esta singela, mas expressiva demonstração effectuou-se a expensas de um illustrado engenheiro residente n'esta capital, e effectivamente grato á memoria do grande homem que o Brazil acaba de perder.

Por iniciativa do Rvd. vigario padre Antonio Cardoso Damasceno e da Corporação Musical da cidade de Prados, no estado de Minas, celebrou-se alli, no dia 12 do corrente, uma missa de *Requiem*, com *libera-me* solemne pelo descanso eterno da alma do Sr. D. Pedro II.

No dia 11 celebraram-se exequias pelo mesmo motivo na matriz de Baependy.

Houve missa cantada de *Requiem*, e *libera-me* com grande solemnidade.

Aos lados do catafalco formaram em quadro as irmandades do Santissimo Sacramento, N. S. da Bôa Morte, N. S. das Mercês e do Rosario; e a igreja, que aliás é espaçosa, tão cheia estava da multidão, que estas irmandades com muito custo se puderam collocar de modo a deixar espaço para as funcções funebres em derredor do cenotaphio.

Commungaram algumas pessoas por tenção ao Sr. D. Pedro II; e o recolhimento do povo e as lagrimas que de muitos olhos corriam, accentuaram ainda mais a gravidade d'estes actos.

Era extraordinaria a concurrencia de libertos, que todos se mostravam profundamente consternados pela morte d'aquelle a quem chamavam — *nosso Pai.*

Um delles, de origem africana, horas depois de terminados os officios divinos, dirigio-se á sacristia a saber do vigario, Revd. padre Marcos Pereira Gomes Nogueira, si lhe era permittido, bem como aos seus companheiros, concorrer para aquella missa do Imperador. Não podendo ter isto logar porque todo o serviço da ceremonia, inclusive a musica, fôra gratuito, S. Rvma., querendo corresponder á boa vontade e piedosa intenção dos pobres pretos de Baependy, designou o dia 5 de Janeiro, trigesimo do passamento do Sr. D. Pedro II, para a missa dos libertos.

E' um tributo de gratidão precioso, e sobremaneira commovente, que estes rendem á memoria do grande Brazileiro.

Exequias iguaes ás de que aqui damos noticia, celebraram-se no mesmo dia na capella de Nossa Senhora dos Remedios de Caxambú, da mesma parochia ecclesiastica de Santa Maria de Baependy.

* * *

Estiveram solemnissimas as exequias realizadas no dia 12, na cidade de Barra Mansa, por alma de S. M. o Imperador.

O templo regorgitava de povo da cidade e demais freguezias do municipio. No centro da matriz, cujo interior estava todo vestido de crepe, erguia-se magestoso catafalco, tendo na parte que olhava para a porta principal o retrato do illustre morto encimado por uma corôa imperial de prata massiça.

O Rvm. conego Angelim pronunciou eloquente e commovedora oração.

Enorme massa de libertos beijava, com lagrimas do maior sentimento, o retrato do finado monarcha, notando-se em todos os presentes a mesma dôr profundissima.

A commissão organisadora das exequias vai tambem dirigir mensagem de pezames á Sra. D. Isabel. E' composta essa commissão dos Srs. Dr. Adolpho Pereira Burgos Ponce de Leon,

José Pereira Leite, Dr. José Hyppolito de Oliveira Ramos, Antonio da Rocha Sanches de Figueiredo, Antonio Pinto Brazileiro, Augusto José Xavier e Manoel Ribeiro de Souza Barata.

* *

A Irmandade do SS. Sacramento da Candelaria manda fazer exequias solemnes no dia 17 pela alma do seu protector o Senhor D. Pedro II.

Serão executadas a marcha funebre de Gluck, a grande Missa de *Requiem* do padre José Mauricio com solos de Verdi e Donizetti e *libera-me* do finado maestro Raphael Couto Machado.

* *

Celebram-se tambem amanhã, ás 10 horas, na igreja matriz de S. João Baptista de Nitherohy, solemnes exequias por alma do mesmo Augusto Senhor.

E' uma homenagem de saudade e respeito tributada á memoria do grande Brazileiro pela generosa população da capital do Rio de Janeiro, a qual da melhor vontade acudio ao appello da commissão que tomou a si levar a effeito essa piedosa demonstração, e se compõe dos Srs. conego Aureliano J. Corrêa dos Santos, Diogo Alves da Costa, Coriolano Augusto Alves de Oliveira, Carlos Barretto Montebello, Antonio Corrêa Bandeira, Francisco de Paula Carvalho Verani.

* *

O Centro Beneficente dos Foguistas reunio-se hontem em assembléa geral extraordinaria, com o fim de manifestar o seu profundo pezar pela morte do grande patriota D. Pedro de Alcantara.

As 7 horas da noite, o cidadão presidente interino da associação declarou aberta a sessão, sendo, por proposta da mesa, acclamado pela assembléa para dirigir os trabalhos o socio honorario Dr. Manoel Clementino do Monte, advogado do Centro.

Assumindo a presidencia, o Sr. Dr. Monte fez em linguagem fluente o panegyrico do grande monarcha, indo apanhal-o no berço até ao exilio e á morte.

A assembléa resolveu unanimemente que se consignasse na acta um voto de profundo pezar pela morte do grande e preclaro patriota D. Pedro de Alcantara, e que a directoria

dirija uma mensagem á Serenissima Sra. D. Isabel, Condessa d'Eu, significando-lhe as sentidas condolencias da Associação dos Foguistas.

* * *

Reunindo-se hontem em sessão ordinaria o conselho administrativo da Sociedade Philantropica dos Artistas, o presidente Sr. capitão Paiva Junior proferio as seguintes palavras :

« Meus senhores, antes de passarmos á ordem do dia cumpre-me tratar do lutuoso acontecimento que, ha oito dias, faz sangrar o coração d'esta terra americana.

Na generosa e nobilissima França aprouve á Divina Providencia fazer tombar prostrado pela morte o grande cidadão Sr. D. Pedro II.

Nos dois ultimos annos de sua vida mais uma corôa veio cingir-lhe a veneranda fronte — a corôa do infortunio. Vio-se então a verdadeira magestade da dôr na realeza da resignação.

Hoje que sua alma tem voado para a Eternidade, com fulgurante brilho passou seu nome para a posteridade.

Todas as nações cultas do velho e novo continente acabam de consagrar-lhe o merito real. E á França, a primeira Republica do mundo, a principal arteria da humanidade, coube o generoso encargo de prestar ao grande morto as honras funebres, de modo o mais solemne, bello e grandioso. Elevando o grande exilado, glorificou-se a briosa nação, escrevendo mais uma pagina brilhantissima da sua historia.

Curvando-me respeitoso e immensamente grato ante aquella grande nação, eu sinto o meu coração de brazileiro pulsar com mais legitimo orgulho, vendo as homenagens prestadas ao primeiro dos meus compatriotas.

Eu nunca soube o que mais admirar-lhe: si o patriotismo, si a immaculada probidade ou a caridade evangelica.

Como patriota, nunca pedio meças aos que mais o foram; probo e caridoso, ao deixar a terra natal, partio para o exilio pobre porque tudo dava aos pobres.

Hoje, meus senhores, que está feita a consagração universal, pois que todas as nações prostraram-se ante o tumulo venerado: quando a alma nacional verte as mais sentidas lagrimas: quando finalmente todas as associações dão publico testemunho do sentimento que as afflige, a Sociedade Philantropica dos Artistas não podia ser indifferente ao infausto passamento d'aquelle Grande Operario do dever.

Por isso, a nossa bandeira social conserva-se ainda em funeral, e no trigesimo dia d'aquelle sentido acontecimento, em nome da Philantropica dos Artistas, será celebrada uma missa.

Creio ter interpretado fielmente os sentimentos do conselho: entretanto, concederei a palavra aos senhores que quizerem tratar do assumpto. »

Applaudidas as palavras do Sr. capitão Paiva Junior, foi pelo Sr. Antisthenes de Macedo proposto que se remetta á Princeza Sra. D. Isabel, cópia da acta da sessão de hontem, o que foi approvado.

O Sr. Bernardino Guimarães, propoz tambem que a cópia da acta seja encadernada em velludo preto; e que fosse suspensa a sessão, assim tendo sido resolvido.

* * *

Escreve-nos o nosso correspondente de S. Paulo, em data de 11 do corrente:

« Hoje, á 1 hora da tarde, no consistorio da igreja de São Gonçalo, n'esta capital, teve logar a reunião de monarchistas convocada pelo illustre Sr. Dr. João Mendes de Almeida, para se tratar das exequias a Sua Magestade o Imperador e mais assumptos congeneres.

Compareceram muitos cidadãos qualificados e pessoas de todas as classes sociaes, representando perfeitamente a população Paulista.

Deixo de citar nomes, receiando omittir muitos, o que aconteceria com a pressa de lhe communicar o occorrido.

Foi acclamado presidente o Exm. Sr. Marquez de Tres Rios, e serviram de secretarios os Srs. Drs. João Mendes de Almeida e José Maria Corrêa de Sá e Benevides.

O Exm. presidente, abrindo a reunião, deu a palavra ao Sr. Dr. João Mendes de Almeida, o qual em eloquentes phrases, explicou o motivo do congraçamento de tão distinctos cidadãos.

Em seguida foi eleita a commissão das exequias que ficou composta dos Exms. Srs.: Marquez de Tres Rios, presidente honorario; Barão de Pirapetinguy, Dr. Antonio Francisco de Aguiar e Castro, Dr. Antonio Ferreira de Castilho, Manoel José de Araujo Costa e Dr. Manoel José Ferreira.

A' commissão foram delegados amplos poderes para a celebração das exequias solemnes, no dia 5 de Janeiro proximo futuro.

O Sr. Dr. Estevão Leão Bourroul foi incumbido da organisação da *Polyanthéa* á memoria de S. M. o Imperador, devendo na publicação ser incluidos os retratos do Sr. D. Pedro II e da excelsa Imperatriz do Brazil.

O Sr. Araujo Costa apresentou moção para ser enviado um mimo ao presidente da Republica Franceza por intermedio

do ministro francez no Brazil, como homenagem dos paulistas ao modo por que a França tem se portado nas exequias imperiaes celebradas em Pariz.

O Sr. Dr. E. L. Bourroul apresentou a proposta de ser inserido na acta um voto de louvor, sympathia e gratidão á magnanima nação franceza pelas honras extraordinarias prestadas ao Brazil nos despojos mortaes do Sr. D. Pedro II.

Fundamentando a sua proposta, disse S. S. que ella importava um protesto solemne contra o inqualificavel retrahimento da legação brazileira em Pariz e a ingratidão do governo de facto d'este paiz ante o lutuoso acontecimento, verdadeira catastrophe para ambos os mundos.»

O Sr. Dr. José Vicente de Azevedo apresentou a seguinte proposta:

« Proponho que se levante n'esta capital um monumento que perpetue de maneira condigna, e de accôrdo com os seus sentimentos e altos dotes de espirito e coração, a memoria do grande e preclarissimo Brazileiro o Sr. D. Pedro II, o melhor e mais sincero amigo do Brazil.

Que esse monumento seja um vasto asylo para crianças desvalidas, o maior do mundo, si fôr possivel;

que tenha a denominação de — D. Pedro Alcantara — e em seu frontespicio seja inscripta em grande relevo a seguinte dedicatoria: — Ao Senhor D. Pedro II os seus amigos;

que, para esse fim, depois de iniciada em S. Paulo, seja aberta em todo o Brazil uma subscripção popular para a qual serão tambem convidados os soberanos reinantes, principes e mais pessoas, sem distincção de nacionalidade, crenças e posições, que como amigos do illustre morto, queiram concorrer para esta justa homenagem à sua saudosissima e veneranda memoria; e outrosim

que, sendo a localidade escolhida a collina historica do Ypiranga, desde já ponho á sua disposição todo o terreno necessario para o edificio e suas dependencias e mais a quantia de 50:000$ para auxilio das despezas de construcção:

que na mensagem de pezames que fôr dirigida a sua Alteza Imperial, seja-lhe feito o offerecimento de um palacio, no ponto á sua escolha n'esta capital, para sua residencia e de sua familia, caso algum dia venha rezidir no Brazil. — *José Vicente de Azevedo.* »

Usaram da palavra os Srs. Bourroul, Ferreira de Castilho, Fernandes Coelho e outros, sendo approvadas as propostas e adiada a do Sr. José Vicente, para a qual será opportunamente convocada uma reunião especial, attenta a sua grande importancia.

Cerca das 3 horas da tarde dissolveu-se a reunião, que correu na melhor harmonia, sendo préviamente votado por acclamação e acto continuo expedido pela mesa um telegramma de pezames profundos á Sua Magestade a Imperatriz, a Senhora D. Isabel. »

(D'*O Brazil*).

Suffragio

Venda das Pedras, 14. — Celebrou-se hoje a missa de setimo dia, com *libera-me*, por alma de D. Pedro II, tocando a sociedade D. Isabel. Houve grande concurrencia. — Redacção da *União* (Itaborahy).

— O conselho administrativo da Associação Nacional dos Artistas Brazileiros Trabalho, União e Moralidade resolveu mandar rezar uma missa com *libera-me* por alma de D. Pedro II.

A ceremonia religiosa realisar-se-ha amanhã, ás 9 horas, na igreja de N. S. do Rosario.

* * *

Na cidade do Mar de Hespanha celebrou-se no dia 11 do corrente uma missa solemne por alma do ex-Imperador, cuja morte foi alli muito sentida.

* * *

A população da capital do estado do Rio de Janeiro, representada por uma commissão, composta dos Srs. conego João Aureliano Corrêa dos Santos, Diogo Alves da Costa, Coriolano Augusto Alves de Oliveira, Carlos Barreto Montebello, Antonio Corrêia Bandeira e Francisco de Paula Carvalho Verani, manda celebrar amanhã, ás 10 horas, solemnes exequias, na matriz de S. João Baptista de Nitherohy, por alma do Sr. D. Pedro de Alcantara.

(Da *Gazeta de Noticias*).

Homenagem

A Familia, excellente jornal feminino, que se publica n'esta capital, occupa-se em toda a primeira pagina de seu numero de 12 do corrente com o Sr. D. Pedro de Alcantara, prestando-lhe muitas homenagens.

O artigo é assignado pela Sra. D. Ignez Sabino.

(Do *Diario do Commercio*).

16 DE DEZEMBRO DE 1891

Recebemos de Ouro-Preto o seguinte telegramma:

« Ouro-Preto, 14 de Dezembro. — Associação de caridade Santa Isabel Rainha de Hungria, fez celebrar na capella de S. Francisco de Assis, missas em suffragio de D. Pedro II, ás quaes assistiram todas as associadas, e grande numero de pessoas de todas as classes. (Assignadas). — Directora, *Amalia Bernanhes*. — Thesoureira, *Maria Clara Palhares*. — Secretaria, *Emilia Augusta de Lima Brandão*. — Indicadora, *Virginia Salles Couto*. »

(Do *Jornal do Brazil*).

D. Pedro de Alcantara

Rezou-se hontem na igreja de S. Francisco de Paula a missa com *libera-me* mandada celebrar pelo pessoal da empreza do theatro Variedades, pelo eterno repouso do Sr. D. Pedro de Alcantara.

O templo achava-se vistosamente adornado, destacando-se um grande catafalco rodeado por 12 tocheiros, vendo-se o retrato de D. Pedro de Alcantara envolto em crepe.

O officio foi rezado por 12 sacerdotes, tendo a elle assistido grande numero de pessoas, entre ellas artistas dramaticos de quasi todos os theatros da capital.

A commissão de recepção era composta dos actores Peixoto, Porto, Pinheiro e machinista Velloso Braga.

A Sociedade B. dos Artistas, em São Christovão, em signal de profundo pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil, resolveu conservar sua bandeira em funeral por sete dias, tomar a sua administração luto pelo mesmo tempo e mandar celebrar uma missa pelo descanso da alma d'esse benemerito monarcha. A missa realizar-se-ha a 19 do corrente, pelas 8 horas, na matriz de S. Christovão.

(Da *Gazeta de Noticias*).

Collegio Americano

Ao chegar a noticia do fallecimento do Sr. D. Pedro II ao Collegio Americano, sabbado, 5 do corrente, ao meio-dia, o respectivo director, Sr. Sá Menezes, reunindo todos os alumnos que orçavam por oitenta e dois, dirigio-lhes as seguintes palavras:

« Meus caros alumnos — Tão bruscamente nos surprende n'este momento a dolorosa noticia da morte do Sr. D. Pedro II! Eu, que o vi encanecer de momento a momento nos estremecimentos patrioticos de 1865 a 1870; eu que o vi ávido de engrandecimento para o seu paiz, que muito amára, já illustrando-se e fazendo-se rei sabio para melhor servir o seu paiz, que tanto elevou no conceito dos povos cultos; eu que vejo ainda n'este momento desenrolar-se aos olhos de minha alma um passado immaculado de uma vida de constante patriotismo e abnegação por amor de seu berço, da sua nação, do seu povo, sempre idolatrado por elle; eu, finalmente, que vejo no perfil augusto d'este magnanimo Monarcha um modelo de preclaras virtudes, não posso nem devo deixar de fallar ás vossas almas impollutas, onde se gravam as imagens das grandes verdades e os sentimentos e affectos mais nobres e generosos.

« Devo fallar tambem aos vossos corações, séde augusta, onde se aninha o amor da patria, como todos os grandes predicados que fazem de um cidadão a honra e gloria de seu paiz.

« Quero tambem fallar á vossa memoria, essa benefica faculdade d'alma, para que a data presente tão angustiosa, vos fique indelevel com todo o cortejo de nobres sentimentos que este lutuoso facto desperta, não só em peito brazileiro, mas até em milhares de peitos jamais alentados pelas brisas da opulenta America Meridional.

« Em face do lutuoso acontecimento, temos presente a augusta imagem da Patria, que — porque é soberanamente

justa — curva-se reverente e coberta de luto ante o cadaver d'aquelle que vivêra sómente para engrandecel-a e honral-a. Não direi que me parece vêr n'ella a viuva consternada, inundando o sopedaneo da cruz, que é o marco milliario á cabeceira do mallogrado esposo que a ennobrecêra e honrára; mas direi, com a profunda convicção, que vejo n'esta grande patria a heroica matrona rastejando crepe, de pé, empunhando na dextra a capella das saudades, e o index da esquerda apontando as paginas da Historia que são um padrão de immortalidade!

« Não é ella a desolada viuva, mas a consternada Mãi enfrentando o cadaver augusto do heroico primogenito que fizera o orgulho de sua estirpe, honra e gloria do seu berço.

. . . .

« Nascera o Sr. D. Pedro II no palacio de S. Christovão aos 2 de Dezembro de 1825. Não penseis, porém, caros alumnos, que elle ascendêra ao fastigio do poder por vontade propria, ou fôra imposto á Nação pela força bruta que parece ser hoje o ultimo argumento pelo qual se rege a nação consternada. Não: elle não se fizera a si Imperador; ainda no berço infantil, foi penhor deixado ao Brazil pelo fundador d'esta nacionalidade, e protegido e amparado, guardado e escolhido pelos grandes patriotas de 1831, quando após a orphandade materna ficára tambem virtualmente orphão de pai, que, ao abandonar as plagas brazileiras, confiára á Nação o futuro fautor dos seus destinos.

« Aos quinze annos, pois, na idade em que a primavera da vida inflora a existencia de moço e abre-lhe campo largo ás illusões da mocidade, aos prazeres e desprendimentos de toda a casta, o Sr. D. Pedro II foi collocado ao leme da grande náo do Estado, cujos mares encapellados exigiam serios e porfiados cuidados. Era um infante sem infancia, um moço sem mocidade, homem feito menos no corpo que na gravidade, no talento e sobretudo no patriotismo já.

« Aos quinze annos começou ao serviço da Patria, exaltando-a ao desaffrontar-se no Paraguay; ennobrecendo ao estancar as fontes do captiveiro; assombrando o mundo com a incruenta libertação dos captivos. Aos 66 annos, depois, morre expatriado e pobre, recebendo em paga de um honrosissimo passado de dedicação até ao sacrificio, de um encanecimento prematuro, a ingratidão, mais do que isto... o banimento dos scelerados!...

« Ao passo que ao mais humilde servidor se concedem modestos recursos de subsistencia na invalidez e decrepitude, áquelle que foi o maior, o mais leal e o honrado servidor da Patria não lhe hão de conceder, talvez, na morte nem as honras de capitão que baixa ao tumulo... Ingrata Patria!...

« Si nós não proclamamos o merito real de nossos concidadãos, se desdenhamos dos que em tão subido grão sabem honrar e engrandecer o Brazil, mórmente quando estranhos o proclamam, seremos, sim, um povo grande como senhores de um territorio immenso, mas maior ainda como povo selvagem, iconoclastas que vivem a despedaçar os idolos de suas glorias... Um povo assim não é digno de ser tido na conta das nações civilisadas...

« Honremos, pois, a memoria d'este grande patriota, e demos um testemunho publico de nossa immensa magua pelo fallecimento d'aquelle a quem este verso de Virgilio se póde, com a maior propriedade applicar:

" Semper honos, nomenque tuum,
laudes que manebunt."

« Ficam suspensas as aulas por tres dias, celebrando-se no quarto dia uma missa, na matriz do Engenho Velho.»

***

O conselho da Sociedade Beneficente Memoria ao Marechal Duque de Saldanha, extremamente compungido pelo infausto passamento do honesto, leal e bondoso Monarcha S. M. o Imperador o Sr. D Pedro II, resolveu consignar em acta um voto de sincero pezar por tão triste fatalidade, hastear a bandeira em funeral, mandar suffragar no 30º dia a alma d'aquelle illustre finado e suspender os seus trabalhos administrativos.

***

Diversos moradores da freguezia de Santa Rita mandam celebrar amanhã, ás 9 horas, na respectiva matriz, uma missa pelo eterno descanso do Sr. D. Pedro II.

***

Declaram associar-se a todas as homenagens prestadas á memoria saudosissima de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II as Exmas. senhoras e cavalheiros abaixo mencionados:

José Joaquim Telles, Luiz de Souza Pereira Guimarães Junior, Francisco José de Carvalho Junior, Antonio de Mariz Sarmento, Manoel Secioso Moreira de Sá, pharmaceutico Permenio Corbianno de Araujo Jatobá, Dr. Gustavo Camera, D. Carlota Camera, D. Isabel de Mello Sampaio, Dr. Emilio Smith,

Napoleão Smith, João Celestino Drummond, Dr. Manoel Antonio da Fonseca Costa (Barbacena), e Carlos Lopes de Sampaio (Juiz de Fóra).

* * *

Do illustrado Sr. Dr. Emilio Smith e de seu filho Napoleão Smith recebemos 20$ com que contribuem para as exequias do Sr D. Pedro II.

Para o mesmo fim nosso amigo o distincto artista Francisco da Cruz Antunes enviou-nos 50$000.

D'essas quantias fizemos entrega ao thesoureiro da commissão, Sr. Barão do Ladario.

(D'*O Brazil*).



18 DE DEZEMBRO DE 1891

Démonstrations de deuil

Les démonstrations auxquelles a donné lieu la mort de Dom Pedro II sont si nombreuses qu'il nous serait impossible d'en citer seulement une grande partie.

Nous nous bornerons donc á relater les principales.

Aussitôt que la triste nouvelle fut connue, tous les journaux brésiliens mirent le drapeau national en berne. Ils parurent encadrés de noir, consacrant de longs articles sympathiques à celui qui fut, pendant cinquante ans, le souverain du Brésil, et a tant contribué à le faire connaître en Europe. Les banques brésiliennes et étrangères fermèrent leurs portes, ainsi qu'un grand nombre de maisons de commerce, dans le centre de la ville et jusque dans les quartiers les plus éloignés.

La Bourse ne fonctionna pas: les courses du lendemain furent remises à une autre date, ainsi que les fêtes et les bals projetés. Nombre de sociétés particulières, de différentes nationalités, placèrent leur pavillon, á demi-mât.

Rio de Janeiro présentait l'aspect d'une ville frappée d'un malheur public.

Les démonstrations de deuil commencèrent aussitôt et se continuent encore. On peut dire qu'il n'est pas d'association où

de corps constitue qui n'y ait pris part. Nous citerons, entre autres:

Le Suprême Tribunal Fédéral, la cour d'Appel, le tribunal Civil et Criminel de Rio, et les avocats du barreau de la ville;

L'Association Commerciale:

Les *Volontaires de la Patrie* de Rio de Janeiro:

La Société de Géographie, l'Institut Historique et Géographique du Brésil:

L'Académie de médicine, la Policlinique:

L'Institut Polytechnique Brésilien:

L'hôpital de la *Misericordia*:

De nombreuses sociétés de bienfaisance;

Les associations ayant pour objet la diffusion de l'instruction, entre autres, le Lycée des Arts e Métiers, et la *Sociedade Promotora da Instrucção*:

Plusieurs sociétés ouvrières.

De tous les coins du Brésil, arrivaient des nouvelles de démonstrations semblables.

La presse de Rio, surtout le *Jornal do Commercio* et le *Jornal do Brazil*, publiaient chaque jour de longs télégrammes de Paris, sur les derniers moments de Dom Pedro II, les préparatifs de ses funérailles, la pompe dont les a entourées le gouvernement français.

Un trés grand hombre de services funèbres ont été célébrès pour la mémoire de l'ex-empereur.

La foule, parmi laquelle on remarquait un grand nombre de personnes de couleur, s'y pressait avec recueillement. Les principaux ont été: celui de la cathédrale, due à l'initiative de l'évêque de Rio, et les services commandés par l'Institut Historique et Géographique et par le grand hôpital de la *Misericordia*, qui constitue l'Assistance publique de Rio de Janeiro.

Il en a été de même partout. A Petropolis, la grande majorité du corps diplomatique, dont cette ville est la résidence habituelle, a assisté á la messe solennelle pour l'âme de Dom Pedro. A Bahia, où la population noire est très nombreuse, la cérémonie funèbre a présenté un caractère particulièrement émouvant. Les gens de couleur, dit un télégramme, tout en larmes, sont venus baiser avec vénération, après le service, le portrait de leur bienfaiteur.

L'Institut Historique et Géographique a mis au concours une étude biographique sur l'ex-monarque, qui fut le fondateur et le président effectif de cette société savante; et le comité de la grande réunion populaire dont nous parlons plus loin a décidé d'ouvrir une souscription, entre les brésiliens et les étrangers, pour élever un monument à la mémoire du

prince qui, à quelque parti ou quelque nation que l'on appartienne, représente une des figures les plus grandes et les plus sympathiques de l'Amérique.

(De *L'Etoile du Sud*).

Suffragios

Por alma de D. Pedro II, em quasi todas as igrejas d'esta capital se tem feito exequias, notando-se em todos os logares grande concurso de gente de todas as classes sociaes.

De fóra, de diversos pontos temos recebido participações, quer dos vigarios e sacerdotes, quer de particulares, nos participando que sendo a noticia da morte do grande monarcha recebida com profundo pezar, ceremoniosas missas e suffragios celebram-se concorrendo o povo que sente a mesma perda que soffre a patria.

(Do *Apostolo*).

---

20 DE DEZEMBRO DE 1891

Suffragios por D. Pedro II

Continuamos a receber de diversos pontos noticias de participações de suffragios que são celebrados por alma do chorado Imperador D. Pedro II.

N'esta capital, na igreja de S. Pedro, fizeram-se antehontem exequias solemnes e hontem no convento de Santo Antonio.

Em Ouro Preto a mesa da Irmandade de S. José resolveu em sessão extraordinaria, segundo nos participa:

1.º Enviar á princeza D. Isabel copia da presente acta e pezames pelo infausto acontecimento;

2.º Consignar na acta d'esta sessão extraordinaria um voto de pezar;

3.º Mandar celebrar no dia 16 do corrente mez ás 8 horas da manhã, uma missa por alma do venerando finado e comparecer ás exequias que o povo manda celebrar no dia 14, ás 10 horas da manhã, na igreja matriz de Ouro Preto;

4.º Cobrir de luto por espaço de 30 dias o retrato do Sr. D. Pedro II;

5.º A mesa administrativa tomará luto por 15 dias;

6.º Que se officie aos Exms Srs Visconde de Ibituruna, Dr. Carlos de Laet e Affonso Celso para que representem a mesa administrativa em todos os actos celebrados por alma do Sr D. Pedro II.

(Do *Apostolo)*.

---

22 DE DEZEMBRO DE 1891

O Sr. D. Pedro II

Reunio-se hontem a maioria dos membros da commissão encarregada de promover uma solemne demonstração de pezar publico pelo passamento do Sr D. Pedro II Tendo em vista o movimento de reação causado pelas interpretações dadas a algumas das homenagens prestadas ao grande morto, tanto dentro como fóra do paiz, a commissão lastima ser forçada a abandonar a idéa de fazer celebrar as annunciadas exequias no trigesimo dia

Assim procedendo, ella conforma-se exclusivamente á profunda veneração que lhe inspira o nome do Sr. D Pedro II. A historia, recolhendo de nossa imprensa os numerosos episodios que reflectem o estado actual dos espiritos, dirá que não é este o momento de entregar a paixões fanaticas, indefesa em seus crepes funebres, a impassivel effigie do soberano que tão admiravelmente symbolisa a liberdade e a tolerancia

Quanto ao testemunho destinado a perpetuar a gratidão dos brazileiros, a commissão continuará a receber donativos, mas sómente no futuro resolverá a fórma que elle deva assumir. Hoje não seria infelizmente possivel elevar semelhante monumento dentro no nosso territorio, e é muito cedo para os brazileiros se resignarem a levantal-o em terra estrangeira.

Rio de Janeiro, 21 de Dezembro de 1891.

(Do *Jornal do Commercio*)

23 DE DEZEMBRO DE 1891

D. Pedro II

SESSÃO DA CONGREGAÇÃO DE NOSSA SENHORA DO AMPARO DE PETROPOLIS

Reunidas na capella particular da congregação, ás 5 horas da tarde, do dia 15 do corrente a irmã Francisca de Nossa Senhora das Dores, directora; irmã Francisca do Coração de Jesus, secretaria; irmã Eulalia de S. José, vice-directora; irmã Emiliana de Santa Clara, vice-secretária; irmã Isabel do Menino Jesus, thesoureira; irmã Amelia de Santa Thereza, procuradora; irmã Candida de Santa Barbara, irmã Elisa do Santissimo Sacramento, irmã Joanna de S. Francisco de Assis, irmã Jesuina do Coração de Maria, conselheiras; o Sr. conego Amador Bueno, declarou aberta a sessão e dispensou a leitura da acta da sessão transacta e fez a seguinte allocução:

« Antes de darmos principio aos nossos trabalhos communicarei ás nossas irmãs o doloroso acontecimento que cobrio de luto este vasto territorio brazileiro.

« Sabeis que o telegrapho foi portador no dia 5 do corrente do passamento, em Pariz, de S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara, primeiro protector da Escola Domestica e de nossas educandas; como era de esperar, o Brazil todo, de norte ao sul, de éste a oeste, tomou parte na profunda magua de sua Alteza a Princeza D. Isabel, significando todas as classes da sociedade a grande dôr da nação inteira, bem como do mundo civilisado.

« Nós, minhas irmãs, como brazileiros acompanhamos o sentimento que vai na alma de todos os nossos patricios, porém, ainda mais pranteamos a perda de tão illustre Principe, tão augusto monarcha, lembrando-nos que Sua Magestade foi o primeiro protector de nossas educandas.

« Desde o anno de 1868, quando o Padre João Francisco de Siqueira Andrade, iniciou os seus trabalhos n'esta cidade em favor da orphandade desvalida, encontrou o benemerito sacerdote em Sua Magestade, Sua Augusta esposa, e em toda a sua familia toda protecção que jamais cessou até a hora do exilio.

« Já celebrei quatro missas por essa bôa e generosa alma, já orastes e offerecestes vossas communhões em suffragio

de quem tanto beneficiou esta escola : entretanto, para tornar mais solemne a vossa manifestação de pezar, offereço a vossa consideração o seguinte :

« 1º Ficam suspensas as aulas d'esta escola por tres dias ;

2º Amanhã cantarei a quinta missa com *libera-me* por alma de Sua Magestade na capella de nossa Escola Domestica ;

3º Para perpetuar a lembrança da protecção de SS. MM. D. Pedro de Alcantara e D. Thereza Christina, ficam creados dous logares na escola para duas meninas que devem uma tomar o sobrenome de Alcantara, outra o de Christina :

4º Fazer chegar ao conhecimento de Sua Alteza a Condessa d'Eu nossas sinceras condolencias.

5º Em nome de tão triste acontecimento hoje de nada mais se tratará, ficando suspensa a sessão».

Foi unanimemente approvado.

(Do *Apostolo*).

Exequias

As irmandades do Santissimo Sacramento da freguezia e Glorioso Patriarcha S. José mandaram celebrar hontem, na igreja matriz, solemnes exequias pela alma de seu augusto protector perpetuo o Sr. D. Pedro II.

Abaixo do cruzeiro erguia-se um imponente catafalco guarnecido de castiçaes e candelabros de prata, onde ardiam cerca de 300 luzes, sendo as velas e brandões de côr amarella.

Na frente do cenotaphio via-se a effigie do augusto finado, orlada com crepe preto, encimada por uma rica corôa de saudades.

O acto religioso principiou por officio a cantochão, do qual fizeram parte 24 sacerdotes, seguindo-se a missa de *Requiem* celebrada pelo Rev. vigario da freguezia padre Antonio José de Souza, servindo de directores e mestres de ceremonias os Revds. conego Christão e padre Jeronymo Rodrigues. Uma orchestra e côro compostas de 50 profissionaes, sob a regencia do conhecido maestro Guilherme Lopes de Oliveira, executaram a grande missa de *Requiem*, do lembrado padre-mestre José Mauricio e o magestoso *Libera-me* do maestro Montano, e o *Agnus-Dei* do *Requiem* de Verdi.

Assistiram a funebre ceremonia pessoas altamente collocadas, numerosas familias e grande concurrencia de fieis.

Exequias

A Irmandade da Santa Cruz dos Militares mandou celebrar, hontem, em sua igreja, solemnes exequias pelo eterno descanso do Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil. No centro do templo erguia-se soberbo è magestoso cenotaphio, sendo allumiado para cima de 300 luzes, produzindo bello e commovente effeito. Toda a igreja estava coberta de crepe. Pontificou na missa de *Requiem* o capellão da irmandade, monsenhor Peixoto, sendo acolytado pelos conegos Gouvêa e Rosa, e servindo de mestre de ceremonias o Rev. conego Christão.

As respostas do *Requiem* e *Libera-me* foram feitas por 14 sacerdotes. A orchestra e vozes, compostas de 60 professores, a cargo dos professores Raphael Filho e Guilherme de Oliveira, e sob a regencia d'este, executaram a symphonia funebre de *Chopin*, a grande missa de *Requiem* do padre-mestre brazileiro José Mauricio Nunes Garcia, com sólos de *Lima Lisboa, Donizetti* e *Verdi*, o offertorio de *Stradella, Agnus-Dei*, de *Verdi*, e o grande *Libera-me* do maestro *Montano*. Cantaram os sólos as Exmas. Sras. DD. Dolores de Vêga, Amelia Tavares, Laurinda Robperberg, Maria da Gloria Noronha e Silva, Elvira Ferreira e Rosa Goffi dos Santos, e os Srs. Alberti, Pedro Cunha, Caetano Pozzi e Alexandre Rossi.

Assistiram ao acto funebre grande numero de familias, as irmãs da Devoção de Nossa Senhora da Piedade e grande numero de fieis.

(Do *Jornal do Commercio*).



CONVITES

PARA OS

OFFICIOS RELIGIOSOS

(Dezembro de 1891)

D. Pedro II

Amanhã, 9 de Dezembro, o Collegio Americano manda celebrar uma missa por alma do Sr. D. Pedro II, na igreja de S. Francisco Xavier (Engenho Velho), ás 9 horas.

D. Pedro de Alcantara

Satisfazendo a vontade do benemerito fundador do Asylo da Velhice Desamparada, situado á rua do General Gurjão, 4 (Cajú), reza-se hoje, quarta-feira, 9 do corrente, ás 8 horas, uma missa por alma do Homem que, durante quasi meio seculo, constituio a felicidade do Brazil.

Imperador D. Pedro II

Na matriz de Nossa Senhora da Gloria ás 9 horas, hoje, quinta feira 10 do corrente, mandam rezar uma missa por alma de sua Magestade, a Marqueza de Itamaraty e sua familia.

Devoção das Filhas das Sete Dôres da SS. Virgem, na Matriz do Engenho Velho

Esta devoção manda celebrar na quinta-feira 10 do corrente, ás 8 horas, n'esta matriz, uma missa por alma de D. Pedro de Alcantara, protector da mesma devoção. São convidados todos os associados e fieis para assistirem a este suffragio. Rio, 7 de Dezembro de 1891. — A secretaria, *Eufrasia Fausta.*

S. M. o ex-Imperador

A Sociedade Amante da Instrucção, extremamente penalisada pela morte de Sua Magestade o ex-Imperador, egregio protector do Asylo das Orphãs, manda rezar, na capella do mesmo asylo, uma missa com assistencia das orphãs, quinta-feira 10 do corrente, ás 8 1/2 horas.

A Associação Promotora da Instrucção, em demonstração de profundo pezar pelo fallecimento de Sua Magestade o ex-Imperador, seu primeiro socio benemerito, manda dizer uma missa pelo eterno descanso de sua alma, hoje, quinta-feira, 10 do corrente, ás 8 1/2 horas, na capella do Asylo das Orphãs, rua do Ypiranga n. 20.

S. M. o Imperador

A commissão constructora da nova matriz de Petropolis manda rezar uma missa por alma de S. M. o Sr. D. Pedro II, hoje quinta-feira, 10 do corrente, ás 9 horas, na igreja da Veneravel Ordem Terceira de N. S. do Monte do Carmo.

Firmo de Albuquerque Diniz e Lopo Diniz Cordeiro e suas familias, e Heitor Bastos Cordeiro fazem rezar missas em suffragio da alma do inolvidavel monarcha, quinta-feira 10 do corrente, ás 9 horas, na igreja do Carmo.

Será celebrante monsenhor Freire.

D. Pedro II

O Barão de Itacurussá manda celebrar, na capella da casa de sua residencia, á rua do Conde de Bomfim n. 73, ás 10 horas, hoje, quinta-feira 10 do corrente, o santo sacrificio da missa, pelo repouso eterno da alma de S. M. o Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil.

D. Pedro de Alcantara

Por sua alma fazem celebrar a Baroneza de Suruhy e suas filhas uma missa hoje quinta-feira, 10 do corrente, ás 9 horas, na capella do Asylo de Nossa Senhora do Amparo, em Petropolis.

CIDADE DO PIRAHY

D. Pedro II

Hoje quinta feira 10 do corrente, ás 10 horas, será celebrada, na igreja-matriz d'esta cidade, uma missa de setimo dia, por alma do grande patriota e notavel Brazileiro, D. Pedro II, Imperador do Brazil, homenagem ás suas virtudes e tributo de saudade que á sua memoria prestam os habitantes d'este local.

S. M. o Imperador D. Pedro II

Na igreja de S. Joaquim, ás 9 horas, amanhã sexta-feira 11 do corrente, celebrará monsenhor Brito uma missa de setimo dia pelo descanso eterno de Sua Magestade: a irmandade assistirá e são convidados os amigos do grande e piedoso Monarcha.

Imperador D. Pedro II

Na matriz de Petropolis, as 8 1/2 horas do dia 11 do corrente, mandam rezar uma missa por alma de Sua Magestade, José Calmon e sua familia.

S. M. o Imperador

Em suffragio da alma de S. M. o Sr. D. Pedro II, o Marquez de Paranaguá, o Barão de Loreto e sua senhora, o desembargador Seraphim Moniz Barreto e sua senhora, os Drs. Julio e Ricardo Paranaguá, fazem rezar uma missa hoje, sexta-feira 11 do corrente, ás 8 horas, na igreja da Lapa do Carmo.

S. M. o Imperador

O Marquez de Muritiba e o conselheiro Silva Nunes e sua familia fazem rezar uma missa pelo eterno descanso do virtuoso monarcha, amanhã, sexta-feira, ás 8 1/2 horas, na igreja da Lapa do Desterro.

D. Pedro II

O Dr Tobias Leite, João Maximiano Mafra, José Rabello Leite, Antonio Joaquim de Moura e Silva, Joaquim Borges Carneiro, Candido Jucá, Benedicto Raymundo da Silva, director e professores do Instituto dos Surdos-Mudos, mandam celebrar uma missa hoje, sexta-feira 11 do corrente, ás 8 1/2 horas, por S. M. o Sr. D. Pedro II, fundador e constante protector do mesmo Instituto.

A commissão organisada pelo *C. M. do Engenho Novo*, para manifestar o sentimento de profundo pezar que fere ao mesmo Club e em geral a população da freguezia do Engenho Novo, pela morte de S. M. o Sr. D. Pedro II, pelo presente convida toda a população d'esta localidade e os amigos do Augusto finado para assistirem os funeraes que por sua alma serão celebrados na matriz do Engenho Novo, hoje, sexta-feira 11 do corrente, ás 9 1/2 horas; a oração funebre é feita pelo monsenhor João Onofre de Souza Breves e a orchestra está confiada á congregação dos professores de orchestra, debaixo da regencia do professor José Soares Barbosa; a commissão agradece a todas as pessoas a quem se dirigio a sua valiosa coadjuvação. — *A commissão.*

O conselheiro Dr. Duque Estrada e sua familia fazem celebrar uma missa por suffragio da alma do exemplar monarcha, prototypo do patriotismo, da caridade e da honra o Sr. D. Pedro II, a qual terá logar amanhã sexta-feira 11 do corrente, ás 8 1/2 horas, na matriz da Gloria.

S. M. o Sr. D. Pedro II

O Conde de Araruama, seus irmãos os Viscondes de Ururahy e de Quissamã e toda a familia, profundamente sentidos pelo fallecimento de seu sempre lembrado Imperador fazem celebrar uma missa de setimo dia, em suffragio de sua alma, na igreja matriz de Quissamã, ás 10 horas, amanhã, sexta-feira 11 do corrente, e para este acto convidam a todos os seus parentes e amigos.

S. M. o Sr. D. Pedro II

O major Manoel José Gomes Calaça, o engenheiro Francisco Calaça (ausentes), o engenheiro Aristoteles Calaça e o padre Populo Calaça, eternamente gratos á memoria do seu inolvidavel monarcha, fazem rezar uma missa por sua alma, amanhã 11 do corrente, ás 9 horas, na matriz de S. José.

S. M. o Sr. D. Pedro II

Em suffragio de sua alma a directoria da Sociedade Amante da Infancia e dos Pobres, fará celebrar uma missa amanhã, sexta-feira 11 do corrente, ás 8 1/2 horas, na igreja de S. Francisco de Paula, pedindo o comparecimento de todas as socias e socios.

D. Pedro II

O Visconde de Beaurepaire Rohan e sua familia mandam rezar uma missa por alma do Augusto finado, amanhã, 11 do corrente, ás 8 1/2 horas, na igreja da Lapa do Desterro.

D. Pedro II

Um grupo de patriotas, moradores na rua de D. Feliciana, Senhor de Mattosinhos e Conde d'Eu, querendo manifestar os sentimentos de que se acham possuidos pelo passamento de tão illustre e venerando brazileiro, convidam a todas as pessoas admiradoras do mesmo Augusto Senhor, para assistir a missa que se ha de celebrar hoje, sexta-feira 11 do corrente, na igreja do Espirito-Santo, ás 8 1/2 horas, pelo que se confessam eternamente gratos.

D. Pedro II

O Gremio das Violetas manda celebrar uma missa por alma do ex-Imperador do Brazil, na igreja matriz da Gloria, amanhã 11 do corrente, ás 9 horas.

D. Pedro II

Pela alma d'este Soberano, rezar-se-ha uma missa hoje 11 do corrente, ás 9 horas, na igreja de S. Pedro. São convidados todos os amigos do mesmo.— *Um amigo*.

D. Pedro II

A commissão abaixo assignada desejando manifestar os sentimentos de que se acha possuida pelo infausto passamento do venerando brazileiro, convida todos os amigos admiradores do mesmo Augusto Senhor para assistirem á missa de setimo dia, que será celebrada na capella dos Salesianos, em Santa Rosa, hoje, 11, ás 8 1/2 horas; e por este acto de religião e patriotismo confessa-se summamente grata.— *João Braziliense da Silva Cesar, Luiz Alves Tinoco. José de Souza Machado.*

A Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de S. Christovão manda celebrar uma missa por alma do Senhor D. Pedro II, sexta-feira 11 do corrente, ás 8 horas na igreja matriz.

D. Pedro II

Na matriz da Lagôa celebra-se uma missa com *Libera-me*, amanhã, sexta-feira 11 do corrente, ás 8 1/2 horas, em suffragio da alma de Sua Magestade.

Ao eminente brazileiro D. Pedro de Alcantara, a Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora das Mercês, erecta na igreja de Nossa Senhora do Parto.

Em sessão da mesa administrativa, no dia 6 do corrente, deliberou de commum accôrdo, que se suffragasse a alma do exemplar catholico de saudosa memoria

D. PEDRO DE ALCANTARA

celebrando-se missa com *Libera-me* pelo setimo dia de seu passamento á mansão dos justos, sexta-feira, 11 do corrente, ás 8 1/2 horas, em ponto.

Convido a todos os irmãos e irmãs para, revestidos de seus habitos, assistirem a esta solemnidade e bem assim ao publico em geral para renderem a devida homenagem ao grande patriota, que com evangelica resignação soube com admiração geral supportar a sorte que lhe foi imposta.—O secretario, *João Silveira Avila de Mello.*

Matriz da Gloria

De ordem do irmão provedor convido os nossos irmãos, irmãs e fieis, para assistirem á missa que será celebrada no altar do Santissimo Sacramento, amanhã sexta-feira 11 do corrente, ás 8 1/2 horas, por alma do nosso irmão protector perpetuo o Sr. D. Pedro de Alcantara.

Secretaria da irmandade, 9 de Dezembro de 1891.— O secretario, *Antonio José da Rocha.*

D. Pedro de Alcantara

A Irmandade de Nossa Senhora da Conceição da Gavea manda celebrar na sua capella, sexta-feira, 11 do corrente ás 9 horas, uma missa com *Libera-me* em suffragio da alma do ex-Imperador D. Pedro de Alcantara.

O conego Santos Castro, vigario de Campo Grande, convida a todos os seus parochianos para assistirem, sexta-feira, 11 do corrente, pelas 9 horas, á missa que rezará em sua matriz, em suffragio da alma do grande brazileiro D. Pedro de Alcantara.

Luiz Ferreira Goulart manda rezar uma missa por alma do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, na igreja de Nossa Senhora do Monte do Carmo, amanhã, 11 do corrente, ás 8 horas, e convida as pessoas que quizerem assistir a este acto de religião, e desde já agradece.

Em demonstração de pezar pelo fallecimento do illustre brazileiro D. Pedro de Alcantara, foi deliberado, em sessão de 5 do corrente, mandar celebrar a missa de setimo dia, na igreja de Nossa Senhora do Rosario, hoje, sexta-feira 11 do corrente, pelas 9 horas da manhã, bem como suspender seus trabalhos por 8 dias. A directoria pede o comparecimento dos socios em geral, e d'aquelles que foram amigos do fallecido, agradecendo desde já a este acto religioso.

Secretaria da S. P. M. Estrella do Oriente, 10 de Dezembro de 1891.—O secretario interino, *Rocha*.

A Irmandade de Nossa Senhora da Luz manda celebrar em sua capella, erecta em S. Francisco Xavier, amanhã, sexta-feira 11 do corrente, ás 8 1/2 horas, uma missa por alma do seu protector D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil.

Convida a nossos irmãos para, com suas familias, assistirem a este acto de religião, patriotismo e profunda gratidão.

Veneravel Confraria de Nossa Senhora da Lampadosa

A mesa administrativa d'esta confraria interpretando os justos sentimentos de todos os seus irmãos e no desempenho de um triste mas sincero dever de gratidão, fará celebrar n'esta igreja, uma missa com *Libera-me*, por alma do venerando Sr. D. Pedro de Alcantara, de saudosissima memoria, amanhã, sexta-feira 11 do corrente, ás 9 horas; e, para assistir a

este acto de religião e merecido preito, convidamos a todos os nossos irmãos e mais pessoas que tenham veneração á memoria do illustre morto.

Consistorio, 9 de Dezembro de 1891.—*P. de Macedo*, secretario.

Veneravel confraria dos Martyres S. Gonçalo e S. Jorge

A administração d'esta Veneravel Confraria em demonstração de profundo pezar pelo fallecimento de Sua Magestade o ex-Imperador, manda rezar uma missa pelo eterno repouso de sua alma, amanhã, sexta-feira 11 do corrente, ás 9 horas; assim como pede a assistencia dos fieis e devotos para esse acto de religião.

Secretaria da Veneravel Confraria, 10 de Dezembro de 1891.— O secretario, *Adolpho Amador de Vasconcellos.*

Sociedade Auxiliadora das Artes Mecanicas e Liberaes e Beneficente

O Conselho administrativo grato á memoria do seu Augusto Protector o Sr. D. Pedro de Alcantara, manda celebrar amanhã, sexta-feira 11 do corrente, setimo dia do seu fallecimento, uma missa com *Sequentia cantada*, ás 9 horas, na igreja do Senhor dos Passos. De ordem do nosso presidente convido a todos os Srs. conselheiros e mais socios a comparecerem a esse acto de gratidão e religião.

Secretaria, em 10 de Dezembro de 1891.— O 1º secretario, *Gurgel do Amaral.*

A mesa administrativa do Asylo Santa Leopoldina manda suffragar a alma do seu protector perpetuo o Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, fazendo celebrar uma missa de setimo dia, na capella d'este Asylo, no dia 11 do corrente, ás 8 1/2 horas. Para assistirem a esse acto convida a mesa administrativa a todos os irmãos assim como os admiradores das excelsas virtudes do caridoso protector d'esta pia instituição.

Asylo de Santa Leopoldina, em 6 de Dezembro de 1891. —O secretario, *Belarmino Ferreira da Silva.*

A Irmandade de S. José e N. S. das Dôres no Andarahy Grande manda celebrar uma missa na sua igreja amanhã, sexta-feira 11 do corrente, ás 7 1/2 horas, por alma do Grande Brazileiro o Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil.— *J. Ferreira Nunes*, secretario.

Irmandade de Nossa Senhora da Gloria do Outeiro

A mesa administrativa d'esta irmandade manda rezar amanhã, sexta-feira 11 do corrente, ás 8 1/2 horas, na sua capella, uma missa de setimo dia, por alma de seu irmão protector-perpetuo *o Sr. D. Pedro de Alcantara*, fallecido em Pariz, no dia 5 do corrente.

A mesa pede o comparecimento dos irmãos.

Consistorio, 7 de Dezembro de 1891.— *Luiz Accacio de Araujo Roso*, secretario.

A Associação Beneficente Homenagem a D. Pedro de Alcantara

Convida aos seus consocios e suas Exmas. familias para assistirem á missa com *Libera-me*, que por alma do seu grande protector o Sr. D. Pedro de Alcantara, manda celebrar amanhã, sexta-feira 11 do corrente, ás 8 1/2 horas na igreja da Lampadosa.— O 1º secretario, *F. Salgado*.

Quinta da Boa-Vista

DEVOÇÃO DE NOSSA SENHORA SANT'ANNA

A mesa administrativa d'esta devoção, profundamente penalisada pela irreparavel perda de seu benemerito irmão e bemfeitor, o *Sr. D. Pedro de Alcantara*, ex-Imperador do Brazil, manda rezar uma missa em suffragio de sua alma amanhã, sexta-feira 11 do corrente, ás 8 horas, na capella da mesma devoção, na Quinta da Boa-Vista, conjunctamente com os musicos da banda da ex-casa imperial, que espontaneamente se prestam a entoar o coro em homenagem ao illustre morto:

portanto a mesa administrativa da mesma devoção convida a todas as pessoas amigas do mesmo finado a assistirem a este acto de caridade e religião.

Capital Federal, 10 de Dezembro de 1891.— O 1º secretario. *Valentim J. Ramos.*

O alferes Pedro de Alcantara Rodrigues de Paula faz celebrar uma missa pelo descanso eterno da alma de seu virtuoso padrinho o Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, amanhã, sexta-feira 11 do corrente, ás 9 horas, na igreja de Santo Antonio dos Pobres.

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

Pelo descanso eterno da alma de seu Augusto protector S. M. o Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil, manda o Instituto Historico e Geographico celebrar uma missa hoje, sexta-feira 11 do corrente, ás 9 horas, na igreja de Nossa Senhora do Carmo, actual cathedral do bispado.

De ordem do presidente o Exm. Sr. conselheiro Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro, convido a todos os socios benemeritos, honorarios, effectivos e correspondentes, a assistir a esse acto de religião. O capitão de fragata, *José Egydio Garcez Palha,* 2º secretario.

A Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, manda celebrar uma missa pela alma do Sr. D. Pedro de Alcantara, presidente honorario d'esta Sociedade, amanhã sexta-feira 11 do corrente, ás 9 1/2 horas na igreja da V. O. T. de Nossa Senhora do Monte do Carmo.— O secretario, *Calheiros da Graça.*

Petropolis

Os amigos petropolitanos do sempre pranteado D. Pedro de Alcantara mandam celebrar missa solemne, sexta-feira 11 do corrente, ás 10 horas, na matriz.

Valença

Os moradores da cidade, consternados pelo fallecimento de S. M. o Sr. D. Pedro II, mandam celebrar solemnes exequias na igreja-matriz hoje, 11 do corrente mez, e esperam o comparecimento dos seus co-municipes.

VILLA DE IGUASSU'

D. Pedro II

Hoje sexta-feira 11 do corrente, ás 9 1/2 horas, celebra-se na matriz d'esta villa uma missa para descanso da alma do preclaro e pranteado ex-Imperador do Brazil.

D. Pedro de Alcantara

Os moradores da Penha e adjacencias fazem celebrar uma missa com *Libera-me*, hoje sexta-feira 11 do corrente, ás 10 1/2 horas na capella de Nossa Senhora da Penha, por alma d'este eminente cidadão.

ITAGUAHY

Sr. D. Pedro de Alcantara

O cidadão Antonio Costa Pereira, profundamente sensibilisado pelo passamento d'este grande patriota, e em homenagm ás suas eminentes virtudes civicas, manda celebrar uma missa na matriz d'esta villa, que terá logar sexta-feira, 11 do corrente, ás 8 horas, e para este acto religioso convida a todos os seus amigos.

Desengano

Os moradores d'este logar mandam celebrar uma missa na igreja de Nossa Senhora do Patrocinio, amanhã, 11 do corrente, ás 9 1/2 horas, pelo repouso eterno do Sr. D. Pedro de Alcantara, de saudosissima memoria.

D. Pedro II

Pelo repouso eterno de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, manda o Marquez de Tamandaré celebrar uma missa na matriz de Santo Antonio, hoje sabbado 12 do corrente, ás 9 horas, dia em que os restos mortaes de Sua Magestade devem chegar a Lisboa.

Amanhã sabbado 14 do corrente, ás 8 1/2 horas, na freguezia de N. Senhora da Gloria, Josephina Leopoldina de Araujo Gondim manda celebrar uma missa pelo descanso eterno da alma do muito pranteado e incomparavel Soberano Pai dos Brazileiros, O Senhor D. Pedro II.

Izabel Leonor de Araujo Carvalho Moraes e seus filhos, gratos á memoria de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, fazem celebrar sabbado 12 do corrente, ás 9 horas, na igreja do Carmo, uma missa por alma do Augusto finado.

O conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira e sua familia fazem rezar uma missa por alma de S. M. o Sr. D. Pedro II, hoje sabbado 12 do corrente, ás 9 horas, na matriz da Gloria, e para ella convidam aos veneradores da memoria do pranteado soberano.

Uma devota da capella de Nossa Senhora da Conceição do Andarahy Pequeno, á rua Conde de Bomfim, manda rezar na mesma capella, ás 8 1/2 horas, hoje 12, uma missa pelo eterno repouso da alma do magnanimo monarcha D. Pedro II, e para esse acto religioso pede a presença de todos os fieis.

Um grupo de moradores manda celebrar, na capella de N. S. da Copacabana, hoje, 12 do corrente, ás 9 horas, uma missa pelo descanso eterno de S. M. o Sr. D. Pedro II, e convida aos moradores e amigos do illustre morto a assistirem a este acto de religião e desde já agradece.

D. Pedro de Alcantara

Malvino da Silva Reis e sua familia mandam celebrar uma missa amanhã, sabbado 12 do corrente, ás 8 horas, na igreja do Seminario Menor do Rio Comprido, pelo eterno descanso do venerando Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, de saudosa memoria.

O pessoal docente e administrativo do Collegio na Tijuca manda rezar, na capella do mesmo collegio, sabbado 12 do corrente, ás 10 1/2 horas, uma missa por alma do ex-Imperador do Brazil. Para este acto de caridade e religião convida-se aos amigos do sabio e muito virtuoso finado.

A directoria e o conselho deliberativo do Gabinete Portuguez de Leitura mandam celebrar uma missa no templo de S. Francisco de Paula, amanhã, sabbado 12 do corrente, ás 8 1/2 horas, por alma do Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil e presidente honorario d'esta associação, e para este acto religioso convidam a todos os socios do Gabinete e as pessoas que desejarem assistir a esta homenagem e tributo de respeito e saudade.

D. Pedro II

A directoria e professores do Lyceu de Artes e Officios, compungidos pelo fallecimento do protector e bemfeitor d'essa instituição, o Sr. D. Pedro II, mandam celebrar amanhã, sabbado 12 do corrente, ás 9 horas, na igreja matriz do Sacramento, uma missa por alma de tão illustre brazileiro.

Veneravel Ordem 3.ª de N. S. do Monte do Carmo

Esta Veneravel Ordem manda celebrar officio solemne pelo eterno repouso da alma de seu irmão Protector Perpetuo Sua Magestade o *Sr. D. Pedro II*, ex-Imperador do Brazil, no dia 12 do corrente, ás 10 horas da manhã.

De ordem do carissimo irmão Prior e Mesa Administrativa convido a todos os nossos irmãos e o publico em geral a assistirem a este acto de religião.

Secretaria da Ordem, 10 de Dezembro de 1891. — O secretario, *Tobias Lauriano Figueira de Mello.*

Irmandade de S. Miguel e Almas da Freguezia do Santissimo Sacramento

A mesa administrativa d'esta irmandade faz celebrar amanhã, sabbado 12 do corrente, ás 9 horas, uma missa por alma do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil; e, em seguida, assistirá ao officio solemne, celebrado pela Irmandade do Santissimo Sacramento. Em nome da mesa administrativa convido a todos os irmãos em geral e bem assim a todos os admiradores das grandes virtudes d'aquelle varão illustre para assistirem ao referido acto.

Secretaria da Irmandade, em 11 de Dezembro de 1891.—O secretario, *Arthur Fernandes da F. Sabrosa.*

Irmandade do Senhor Santo Christo dos Milagres

Esta Irmandade faz celebrar em sua capella, sabbado 12 do corrente, ás 8 1/2 horas, uma missa por alma de D. Pedro de Alcantara e para assistir a este acto de religião convida as irmãs e irmãos d'esta Irmandade, e bem assim a todos os fieis á memoria d'esse eminente brazileiro.

N'esta missa será cantada a *Sequentia* pelo professor Domingos Machado que gentilmente se presta.

Rio, 9 de Dezembro de 1891. — *Manuel de Siqueira Chaves*, secretario adjunto.

Irmandade do Santissimo Sacramento da Antiga Sé

A mesa administrativa d'esta veneravel irmandade, em extremo pezarosa pelo sentido passamento do seu irmão protector perpetuo o Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brazil, de saudosa memoria, faz celebrar no sabbado 12 do corrente, ás 10 horas, um officio solemne pelo eterno descanso de sua alma. Encarrega-se da oração funebre o eminente orador sagrado Exm. Sr. monsenhor Luiz Raymundo da Silva Brito e da orchestra o eximio professor Joaquim Pedro de Carvalho.

Em nome da mesa administrativa convido aos irmãos em geral e a todos os admiradores das extraordinarias virtudes d'aquelle varão illustre para assistirem ao referido acto.

Secretaria da irmandade, em 9 de Dezembro de 1891. — O secretario, Dr. *Francisco Augusto de Almeida.*

PETROPOLIS

S. M. o Imperador

Alice Yeats e Elvira Freeland mandam rezar uma missa por alma do pranteado monarcha, na matriz d'esta cidade, sabbado 12 do corrente, ás 8 1/2 horas.

Maricá

Climerio José dos Santos Mendes convida aos amigos e admiradores do finado grande brazileiro D. Pedro de Alcantara, a assistir uma missa que pelo repouso eterno de sua alma será celebrada n'esta cidade, sabbado 12 do corrente, ás 8 horas.

Cidade de Vassouras

Por alma do nosso ex-Imperador D. Pedro de Alcantara, esse magnanimo homem, que, pelos insondaveis mysterios da sorte, morreu no exilio, o Dr. Corrêa de Figueiredo manda celebrar uma missa de setimo dia, sabbado 12 do corrente, ás 9 horas, na matriz d'esta cidade. Pede, pois, a todo o povo vassourense o obsequio de comparecer a esse acto de caridade e religião, dando assim solemne demonstração do profundo luto que veste o coração de todos os Brazileiros, por este acontecimento. Haverá trem gratuito para todos os que quizerem d'elle utilisar-se.

BARRA MANSA

S. M. o Sr. D. Pedro II

Um grupo de admiradores das virtudes civicas de S. M. o Sr. D. Pedro II manda dizer uma missa por alma do mesmo Augusto Senhor, amanhã, 12 do corrente, ás 9 1/2 horas, na matriz da cidade.

Veneravel Ordem Terceira da Immaculada Conceição

RUA DO GENERAL CAMARA

O vigario e sacristães d'esta Veneravel Ordem, fazem celebrar, amanhã, segunda-feira 14 do corrente, ás 8 1/2 horas,

uma missa com *Libera-me*, por alma e eterno descanso de Sua Magestade o Sr. *Dom Pedro II*, Imperador do Brazil, de saudosissima memoria ; para este acto de religião convidam aos irmãos da mesma Ordem.

D. Pedro II

A Associação Protectora da Infancia Desamparada faz celebrar amanhã, segunda-feira 14 do corrente, ás 9 1/4 horas, na igreja do Carmo, uma missa pelo eterno repouso de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, seu augusto presidente honorario. Para assistir a esse acto são convidados todos os Srs. socios e socias.

Será celebrante monsenhor Freire.

S. M. o Imperador

Alguns professores da extincta Academia das Bellas-Artes fazem celebrar uma missa por alma de S. M. o Sr. D. Pedro II, amanhã, segunda-feira 14 do corrente, ás 8 1/2 horas, na igreja do convento de Santo Antonio.

S. M. o Sr. D. Pedro II

D. Maria Candida de Araujo Vianna e sua familia mandam celebrar amanhã, segunda-feira 14 do corrente, ás 8 horas, na matriz da Gloria, uma missa por alma de S. M. Imperador o Sr. D. Pedro II.

O Conde e Condessa da Estrella mandam rezar uma missa, por alma de S. M. o Sr. D. Pedro II, amanhã, segunda-feira 14 do corrente, ás 8 1/2 horas, no Seminario de S. José, no Rio-Comprido.

Os abaixo assignados, em testemunho de affecto e do mais profundo respeito que consagram á memoria do virtuoso e magnanimo monarcha, o Sr. D. Pedro II, mandam celebrar uma

missa solemne na matriz de S. Christovão, amanhã, segunda-feira 14 do corrente, ás 8 horas, e para este acto de religião são convidados os amigos do mesmo Augusto Senhor.

Antonio Corrêa de Mello Oliveira.
Carlos Eustachio da Costa.
Custodio José Mendes Guimarães.
Domingos José da Silva Campos.
Joaquim Alves Ferreira da Gamma.
José Joaquim Pinto.
José de Almeida Carvalho.
José Bento de Faria Braga.

Santa Casa da Misericordia

O provedor e a mesa da Santa Casa da Misericordia, em demonstração de affectuoso respeito e de profundo reconhecimento ao grande bemfeitor da instituição, o Sr. D. Pedro II, fazem celebrar na igreja da Misericordia, segunda-feira 14 do corrente mez, ás 10 horas, um officio solemne pelo descanso eterno de sua alma, e para elle convidam aos irmãos e funccionarios da Misericordia e todos que queiram assistir a este acto de caridade e religião.

D. Pedro de Alcantara

Um grupo de patriotas residentes em Villa Nova de Itamby, reunido ao seu parocho, querendo manifestar os sentimentos de que se acham possuidos pelo passamento de tão illustre e eximio brazileiro, convidam a todos os patriotas e pessoas admiradoras do mesmo Augusto Senhor para assistirem á missa que se ha de celebrar hoje, 14 do corrente, ás 10 horas, na igreja matriz d'esta freguezia.

Dôres do Pirahy

Pelo eterno repouso da alma de S. M. o Imperador, celebrar-se-ha uma missa, na matriz d'esta freguezia, amanhã, segunda-feira 14 do corrente, ás 10 horas.

S. M. o Sr. D. Pedro II

O Visconde de Taunay e sua familia fazem celebrar hoje, terça-feira 15 do corrente, ás 9 horas, na matriz de Petropolis, uma missa por S. M o Imperador do Brazil o Sr. D. Pedro II, o grande martyr e o mais glorioso dos Brazileiros até hoje e para todo o sempre.

Por alma de S. M. o Sr. D. Pedro II, a Condessa de Lages, seus filhos e noras, mandam rezar uma missa, hoje, 15, ás 9 horas, na igreja do Carmo.

João Africano e D. Rosa Maria da Conceição mandam celebrar uma missa por alma de S. M. o Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil, na igreja do Rosario, terça-feira 15 do corrente, ás 9 horas, e convidam a seus patricios e todos os bons cidadãos para assistirem a este acto.

D. Pedro de Alcantara

A commissão nomeada pela empreza, artistas e demais pessoal do theatro Variedades e composta dos artistas Peixoto, Porto e do machinista Velloso Braga, interprete dos sentimentos dos seus collegas e companheiros de trabalho, manda celebrar actos funebres na igreja de S. Francisco de Paula, amanhã, terça-feira 15 do corrente, ás 9 horas, pelo eterno repouso do ex-Imperador do Brazil o Sr. D. Pedro de Alcantara.

S. M. O Imperador

Em suffragio da alma de S. M. o Sr. D. Pedro II, o filho do fallecido Marquez de S. João Marcos, o commendador Ignacio Dias Paes Leme, sua senhora e filha mandam rezar uma missa hoje, quarta-feira 16 do corrente, na igreja da Lapa do Carmo, ás 9 horas, em signal de gratidão pelo seu protector de saudosa memoria.

O Visconde de Maracajú e sua familia, gratos á memoria de S. M. o Sr. D. Pedro II, mandam celebrar hoje, quarta-feira 16 do corrente, ás 9 horas, na igreja do Carmo, uma missa pelo repouso eterno de sua alma.
Para esse acto convidam seus parentes e amigos e todos que quizerem acompanhal-os n'essa demonstração de pezar.

Pelo repouso eterno de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, manda a Viscondessa de Lamare celebrar uma missa, na matriz da Gloria, amanhã, quarta-feira 16 do corrente, ás 8 horas.

Clara Margarida Mayrink Rabello (ausente) e seus filhos (ausentes e presentes) mandam celebrar hoje, 16 do corrente, na capella da Conceição do Asylo Izabel uma missa pelo eterno repouso de S. M. o Sr. D. Pedro II.

A mesa administrativa da Irmandade do Glorioso Martyr S. Braz, erecta no Mosteiro de S. Bento d'esta capital, pezarosa pelo infausto passamento do illustre Brazileiro o ex-Imperador do Brazil, o Sr. D. Pedro II, manda celebrar hoje, 16 do corrente, ás 9 horas, no mesmo mosteiro, uma missa com *Libera-me*, pelo eterno repouso de sua alma. Assim, pois, convida a todos os irmãos e mais pessoas, que respeitavam tão illustre morto, a comparecerem ao acto.
Secretaria da irmandade, 14 de Dezembro de 1891. — O irmão secretario, *Angelo Raul da Silveira Castro.*

Club dos Voluntarios da Patria

O Club dos Voluntarios da Patria profundamente penalisado pelo passamento do seu Preclaro Consocio o Sr. D. Pedro II, manda rezar uma missa em suffragio de sua alma, amanhã, quarta-feira 16 do corrente, ás 8 horas, na igreja do Rosario. Roga, portanto, a todos os Voluntarios da Patria o caridoso obsequio de compareceram a este acto de religião.

Pedro Constantino Paulo Cordeiro, commovido pela morte do Sr. D. Pedro de Alcantara, convida a seus amigos e os compatriotas do finado para assistirem a uma missa, na quarta-feira 16 do corrente, que vai mandar rezar na matriz da Gloria, ás 8 horas, e desde já se confessa grato.

Associação Nacional dos Artistas Brazileiros, Trabalho, União e Moralidade

O conselho administrativo d'esta associação, tendo resolvido em sessão extraordinaria de 6 do corrente, fazer rezar uma missa com *Libera-me*, por alma de D. Pedro II, no dia 16 do corrente, ás 9 horas, na igreja de Nossa Senhora do Rosario e S. Benedicto, convida a todos os associados, suas co-irmãs, artistas e todos os brazileiros a assistirem a este acto de religião e caridade. — O 1º secretario, *Antonio J. M. Zamith Junior.*

A Veneravel Irmandade do Santissimo Sacramento, Santo Antonio dos Pobres e Nossa Senhora dos Prazeres, em homenagem á memoria do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, deliberaram mandar celebrar uma missa com *Libera-me* solemne em suffragio de sua alma, amanhã, quarta-feira 16 do corrente, ás 8 1/2 horas, e para assistirem a estes actos religiosos convidam a todos os irmãos, a Congregação de Nossa Senhora das Dores, erecta na mesma matriz, e ao publico em geral.

Irmandade de Nossa Senhora da Lapa dos Mercadores

A mesa administrativa, cumprindo o seu dever de respeito, imposto de nobilissimo sentimento de pezar, votado á memoria honrosa das eminentes virtudes do ex-chefe da nação, o Sr. D. Pedro II, manda, em sua igreja, hoje, 16 do corrente, ás 9 1/2 horas, suffragar a alma do augusto finado, fazendo-se solemnes exequias, estando commettido o encargo da tribuna sagrada á proficiencia oratoria de S. Ex. Revd. o Dr. Joaquim de Sampaio Castello Branco.

Para este acto religioso convido de ordem da administração a todos os nossos irmãos e mais pessoas que queiram a elle assistir acompanhando-o com suas preces.

A parte musical está confiada á direcção dos professores Raphael Filho e Guilherme de Oliveira, que farão executar a symphonia funebre de Ramos e a missa de *Requiem*, do padre mestre José Mauricio e o *Libera-me* do finado maestro Raphael Coelho Machado.

Secretaria, 12 de Dezembro de 1891. — O secretario, *Domingos José Dias Pereira.*

Nitherohy

Quarta-feira, 16 do corrente, ás 10 horas, serão celebradas solemnes exequias na igreja matriz de S. João Baptista por alma do ex-Imperador o Sr. D. Pedro II. A commissão promotora d'essa solemnidade convida a todos os admiradores das elevadas virtudes de tão illustre brazileiro a assistirem a esse acto de religião.

S. M. o Sr. D. Pedro II

Pelo seu descanso eterno, a directoria da *Associação das Servas do Senhor* fará celebrar uma missa, amanhã, quinta-feira 17 do corrente, na capella do Collegio da Immaculada Conceição, em Botafogo, pedindo o comparecimento de todas as socias e socios e dos amigos do fallecido Imperador.

A Baroneza de Araujo Gondim, grata á memoria de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, manda rezar uma missa por sua alma, amanhã, quinta-feira 17 do corrente, ás 8 1 2 horas, na matriz da Gloria.

Benedicto Mariano Lopes e João Conrado mandam celebrar uma missa em suffragio da alma de Sua Magestade o Sr. Pedro II, na igreja de S. Francisco da Prainha, quinta-feira 17 do corrente, ás 7 1, 2 horas e para este piedoso acto convidam a todos os cidadãos, que em sua alma reconhecerem as altas virtudes de tão preclaro soberano.

O Dr. Liberato de Castro Carreira, sua mulher e filhos, gratos á memoria do illustre brazileiro o Sr. D. Pedro II, mandam celebrar na capella de S. Domingos uma missa por sua alma, quinta-feira 17 do corrente, ás 8 horas.

Os moradores de Madureira, mandam rezar, amanhã, 17 do corrente, na capella do Campinho, ás 9 horas, uma missa por alma de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, como homenagem ao immortal patriotico. São convidados os seus admiradores.

A mesa administrativa da Irmandade do Santissimo Sacramento da Candelaria, em homenagem ao seu augusto protector, o Sr. D. Pedro II, ex-Imperador do Brazil, manda celebrar exequias solemnes, em sua igreja, quinta-feira 17 do corrente, ás 9 horas, e por ordem do irmão provedor convido a todos os nossos irmãos para assistirem a este acto de religião e reconhecimento ao nosso grande bemfeitor. Secretaria, 15 de Dezembro de 1891.—O secretario, *Manoel Ferreira Miranda.*

Supremo Tribunal Federal

O supremo tribunal federal e a secretaria do mesmo tribunal fazem celebrar uma missa á qual assistirão em suffragio do venerando D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, amanhã, 17 do corrente, ás 9 horas, na igreja de S. Francisco de Paula.

A devoção de N. S. da Piedade convida a illustre Irmandade da Santa Cruz dos Militares e todas as Exmas. devotas para assistirem á missa que manda celebrar, ás 9 horas, de 17 do corrente, por alma do Sr. D. Pedro de Alcantara.

14 de dezembro de 1891.—*Leopoldina Level.*

A directoria e conselho da S. de S. M. Marquez de Pombal, em cumprimento á resolução tomada em sessão de 7 do corrente, mandam rezar uma missa, quinta-feira, 17 do corrente, ás 8 1/2 horas, na igreja de Francisco de Paula, por alma do sempre lembrado e digno brazileiro o Sr. D. Pedro de Alcantara. Para assistir a este acto de religião convidam a todos os seus consocios, e bem assim a quem desejar prestar este ultimo preito áquelle illustre finado, e antecipam os seus agradecimentos.

Secretaria da S. de S. M. Marquez de Pombal, 15 de Dezembro de 1891.—O 1º secretario, *Manoel A. da Silva Pilar.*

A directoria da Sociedade Turf-Club, em homenagem ás virtudes d'aquelle que em vida se chamou D. Pedro de Alcantara, manda celebrar uma missa quinta-feira, 17 do corrente, ás 8 1/2 horas, na igreja de S. Francisco de Paula, convidando aos accionistas da mesma sociedade e as directorias das dignas sociedades congeneres a fazerem-se representar n'aquelle acto.

Veneravel Irmandade do Principe dos Apostolos S. Pedro

EXEQUIAS DE D. PEDRO II

A mesa administrativa d'esta veneravel irmandade celebra em sua igreja no dia 18 do corrente, ás 10 horas, em suffragio da alma de D. Pedro II, finado Imperador do Brasil, pomposas exequias que constarão de officio cantado, missa solemne, absolvições e oração funebre pelo irmão provedor jubilado Exm. Revm. Sr. monsenhor Luiz Raymundo da Silva Brito.

Desejando o Revm. irmão provedor dar aos mesmos actos a maior solemnidade, de sua ordem e em nome da mesa administrativa convido a todos os nossos irmãos e amigos do finado para assistirem as referidas ceremonias.

Secretaria da Veneravel Irmandade do Principe dos Apostolos de S. Pedro, 15 de Dezembro de 1891.—O secretario da Irmandade de S. Pedro, conego, *Mariano Antonio de Velasco Molina.*

V. O. Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula

CHARITAS

A mesa administrativa d'esta Veneravel Ordem manda celebrar em sua igreja quarta-feira, 23 do corrente, ás 10 horas da manhã, solemnes exequias por alma do Sr. D. Pedro de Alcantara, segundo Imperador do Brazil, e C. Irmão Perpetuo da Veneravel Ordem.

São convidados os irmãos da ordem a assistirem revestidos de habitos a este preceito de compromisso.

Secretaria da Ordem, 19 de Dezembro de 1891.—O secretario, *Carlos de Carvalho.*

S. B. dos Artistas em S. Christovão

Esta Sociedade, em extremo penalisada com o prematuro passamento do Sr. D. Pedro II, ex-imperador do Brazil, manda celebrar uma missa por sua alma, na igreja matriz de S. Christovão, na manhã de 19 do corrente, pelas 8 horas; por isso convida a assistir a esse acto de religião e caridade,

não só aos seus associados como aquellas pessoas que tributam amizade a tão pranteado cidadão, confessando seu agradecimento desde já.—O 1º secretario, *Victorino Pinto Carvalheira.*

S. M. Sr. D. Pedro II

Um grupo de admiradores das virtudes civicas de S. M. o Sr. D. Pedro II manda dizer uma missa por alma do mesmo Augusto Senhor, sabbado, 12 do corrente, ás 9 1/2 horas, na matriz da cidade.

O major Novaes manda celebrar uma missa ás 10 1/2 horas, na igreja de S. Francisco de Paula, em homenagem a esse grande homem, cuja morte todo o Brazil pranteia.

D. Pedro II

Os abaixo-assignados, gratos á memoria do venerando brazileiro mandam celebrar uma missa de setimo dia por sua alma, na igreja matriz da villa do Rio Claro, ás 10 horas.

Rio Claro, 7 de Dezembro de 1891.—*Augusto Miller—André Augusto Miller—Adolpho Augusto Miller—Augusto Adolpho Miller—Basilio André Miller—Eduardo Augusto Miller—Luiza Miller—Amelia Vianna Miller.*

Eduardo de Andrade Pinto, sua mulher, sua filha, e suas irmãs mandam celebrar amanhã, terça-feira, na igreja da Lapa, ás 8 1/2 horas, uma missa por alma de S. M. o Sr. D. Pedro II.

A redacção e gerencia d'*O Brazil* fazem celebrar uma missa pelo eterno repouso do Sr. D. Pedro II, hoje, ás 9 horas, na igreja do S. S. Sacramento; e para este acto religioso convidam aos amigos e admiradores do venerando Imperador

---

O Sr. D. Pedro II

O conego Venerando da Graça celebra hoje, ás 8 1/2 horas, na igreja da Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora da Conceição, uma missa com *Libera-me* por alma do illustre finado.

S. M. I. D. Pedro II

A familia Farani, grata á memoria do augusto soberano, manda celebrar uma missa por sua alma, amanhã segunda-feira, ás 9 horas, na igreja da Lapa do Desterro.

A Irmandade de S. José e Nossa Senhora das Dôres, do Andarahy Grande, manda celebrar uma missa na sua igreja, no dia 11 do corrente ás 7 1/2 horas, pelo descanso do preclaro espirito de S. M. o Imperador D. Pedro II.

De ordem da mesa administrativa convido aos moradores do Andarahy Grande e a todas as pessoas gratas á memoria do Grande e Benemerito Brazileiro para assistirem a este acto de religião e eterna saudade.

Consistorio, 8 de Dezembro de 1891.—*J. Ferreira Nunes*, secretario.

D. Pedro de Alcantara

O encarregado da parochia da Gloria, conego Mariano de Velasco Molina, celebra hoje, quarta-feira, ás 8 1/2 horas, uma missa por alma do ex-Imperador do Brazil e convida aos parochianos para assistil-a.

Instituto Fluminense de Agricultura

A directoria d'esta associação manda celebrar hoje, ás 9 1/2 horas, na igreja de S. Francisco de Paula, uma missa por alma do seu fundador e presidente honorario, o Sr. D. Pedro de Alcantara; e pede aos seus consocios e amigos do finado o seu comparecimento a este acto de religião.

Curato de Santa Cruz

Amigos e admiradores do pranteado D. Pedro de Alcantara, commovidos pelo seu infausto passamento, mandam celebrar amanhã, segunda-feira, ás 9 1/2 horas, n'esta matriz, uma missa pelo seu repouso eterno.

Tendo-se reunido um grupo de artistas, afim de darem provas do sentimento que os cercam pelo infausto passamento do seu pranteado ex-monarcha, resolveu a commissão abaixo mencionada, convidar a todos quantos concorreram para este acto de patriotismo, e bem assim ao publico em geral, afim de assistirem ás missas que fazem rezar, hoje, nas igrejas de S. Sebastião, ás 8 horas, e na igreja do Seminario ás 6 horas, pelo descanso eterno do Sr. D. Pedro de Alcantara.

A mesma commissão aproveita a occasião para desde já apresentar os protestos de estima e consideração.

Rio, 11 de Dezembro de 1891.—*Olympio Gaspar da Silva —Manoel Joaquim Fragoso.—Athanasio Calixto Ferreira.*

(Janeiro de 1892)

Veneravel Irmandade de Nossa Senhora da Penha

Tendo a mesa administrativa deliberado suffragar com exequias solemnes no dia 2 de Janeiro pelas 11 horas, na nossa capella, a alma do nosso carissimo irmão protector perpetuo o Sr. D. Pedro de Alcantara, pelo presente convido a todos os irmãos e mais pessoas que quizerem assistir a este acto de nossa religião.

Da estação de S. Francisco Xavier, partirá n'esse dia para a Penha, ás 10 horas da manhã, um trem especial para conduzir os irmãos e mais pessoas que queiram render culto á memoria de tão illustre finado.

Rio de Janeiro, 30 de Dezembro de 1891.—*Bernardo José Affonso,* secretario.

Por alma de S. M. o Sr. D. Pedro II

O Barão de Miranda Reis e o Dr. Joaquim Januario dos Santos Pereira e suas familias, mandam rezar uma missa hoje, segunda-feira, 4 do corrente, ás 8 horas, na igreja matriz de S. Francisco Xavier.

José B. Lannes faz celebrar amanhã, 4 do corrente, ás 10 horas, na matriz d'este curato, uma missa de trigesimo dia em homenagem á memoria de D. Pedro II, que tanto soube honrar

e exaltar o nome do povo brazileiro. Certo de que interpreta os sentimentos de todos quantos rendem culto á virtude e ao patriotismo espera a assistencia publica.

Haverá um trem expresso ás 8 1/2 do Triumpho tocando ás 9 horas na estação de Macabú e regressando depois do meio-dia de Ventania.

A Sociedade Propagadora das Bellas-Artes manda celebrar hoje, segunda-feira 4 do corrente, ás 9 horas, na matriz do Santissimo Sacramento, uma missa por alma do seu socio, grande benemerito e protector Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil.

Os abaixo assignados, negociantes á rua do Dr. Nabuco de Freitas n. 78 e moradores d'esta freguezia de Sant'Anna, desejando solemnisar a infausta noticia do passamento do Sr. D. Pedro II, fallecido em Pariz, mandam rezar uma missa na igreja de Sant'Anna, no dia 4 de Janeiro, trigesimo dia, ás 8 1/2 horas, para repouso de sua alma; para este acto convidam todos que sentem pulsar no peito a memoria d'aquelle illustre brazileiro a concorrer com o seu obulo, afim de effectuar este acto religioso de tão saudosa memoria, á mesma rua acima. Capital Federal, 9 de Dezembro de 1891.—*João Duarte de Figueiredo —João Machado Carneiro.*

O Conselho da S. B. M. ao Marechal Duque de Saldanha, manda celebrar uma missa de trigesimo dia por alma de S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara, hoje, segunda-feira 4 do corrente, ás 8 1/2 horas, na igreja da Lapa do Desterro; para este acto convida a todos os consocios e suas familias e aquellas pessoas que queiram assistir.

A administração da Associação Beneficente Homenagem a D. Pedro de Alcantara convida os seus associados, suas Exmas. familias e Associações Beneficentes, para assistirem á missa com *Libera-me* de trigesimo dia que por alma do seu socio, grande protector, o Sr. D. Pedro de Alcantara, manda celebrar segunda-feira 4 do corrente, ás 8 1/2 horas, na igreja da Lampadosa, á rua do Sacramento, agradecendo desde já aos que assistirem a este acto de caridade e religião.—*F. Salgado*, secretario.

O conselho director da Associação B. H. ao Conde de S. Salvador de Mattosinhos, em reverencia e respeito ao passamento de D. Pedro de Alcantara, manda rezar uma missa na igreja da Veneravel Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, hoje, segunda-feira 4 do corrente, ás 8 horas, e convida os Srs. associados e mais pessoas a assistirem a tão piedosa commemoração.

Na capella do Asylo das Orphãs da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco de Paula, á rua Duque de Saxe n. 17, será celebrada uma missa hoje, segunda-feira 4 do corrente, ás 9 horas, pelo eterno descanso do Sr. D. Pedro de Alcantara, ex-Imperador do Brazil, protector perpetuo da Ordem, trigesimo dia do seu infausto passamento.

O conselho administrativo da Sociedade Philantropica dos Artistas, em demonstração de profundo pezar pelo infausto passamento do Sr. D. Pedro de Alcantara, faz celebrar uma missa solemne com *Libera-me*, na igreja do Senhor Bom Jesus do Calvario, segunda-feira 4 do corrente, ás 8 1/2 horas e convida aos seus associados e a todas as pessoas que queiram assistir a esse acto de caridade e religião.

Freguezia do Espirito Santo

A missa que os moradores d'esta freguezia pretendem mandar celebrar por alma do sempre lembrado D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brazil, terá logar no dia 4 do corrente, trigesimo dia de seu fallecimento.

A Viscondessa de Fonseca Costa, manda dizer uma missa de trigesimo dia, por alma do mesmo Augusto Senhor, amanhã, 5 do corrente, ás 8 horas, na matriz do Engenho Velho.

Manoel Pinto de Miranda Montenegro e sua senhora, como demonstração de respeito pela memoria de Sua Magestade o Sr. Pedro II, mandam rezar terça-feira, 5 do corrente, na matriz de Petropolis, ás 9 1[2 horas, uma missa de trigesimo dia, por alma do mesmo Augusto Senhor.

D. Pedro de Alcantara

A directoria do Instituto Fluminense de Agricultura manda rezar uma missa amanhã, terça-feira 5 do corrente, trigesimo dia do fallecimento de seu fundador e protector, o Sr. D. Pedro de Alcantara, na capella da fazenda do mesmo Instituto, no municipio de Santa Thereza.

A Directoria da Sociedade Portugueza de Beneficencia, em demonstração de respeito e pezar pelo fallecimento do Sr. D. Pedro de Alcantara, manda rezar uma missa na capella do hospital, amanhã, terça-feira 5 do corrente, ás 9 horas, trigesimo dia de seu fallecimento.

A administração da Sociedade S. M. Recreio de Botafogo convida a seus associados e suas Exmas. familias e as pessoas que quizerem comparecer para assistir á missa que esta Sociedade manda rezar amanhã, terça-feira 5 do corrente, ás 9 horas, na matriz de S. João Baptista da Lagôa, por alma do Sr. D. Pedro de Alcantara, trigesimo dia do seu passamento, agradecendo desde já aos que assistirem a este acto de caridade e religião—*J. Gomes de Amorim,* secretario.

Academia Nacional de Medicina

A Academia Nacional de Medicina convida a seus membros e á corporação medica em geral para assistirem no dia 5 do corrente, ás 9 horas, na igreja da Veneravel Ordem Terceira dos Minimos de S. Francisco de Paula, a missa que manda rezar pelo descanso eterno do seu primeiro e sempre lembrado benemerito D. Pedro de Alcantara.

Cascadura

Os moradores d'este logar querendo commemorar o trigesimo dia do fallecimento de D. Pedro de Alcantara mandam rezar uma missa funebre, amanhã, terça-feira 5 do corrente, ás 9 1/2 horas, na capella de N. S. do Amparo; a commissão convida a todos os moradores d'este logar a comparecerem a tão religioso acto.

Cascadura, 3 de Janeiro de 1892.—*A commissão.*

Barra do Pirahy

Convida-se ao povo d'esta cidade a assistir amanhã, terça-feira 5 do corrente, na capella de S. Benedicto, ás 10 horas, a missa de trigesimo dia, que por alma de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, será celebrada na referida capella.

Sua Magestade o Sr. D. Pedro II

Os moradores do Retiro Saudoso e Ponta do Cajú mandam rezar uma missa amanhã, quinta-feira, 7 do corrente, na igreja do Senhor do Bomfim, em suffragio da alma do Sr. D. Pedro II, de saudosa memoria. E' um justo tributo que prestam os habitantes d'este local á memoria do distincto Brazileiro.

A commissão convida a todos os moradores e a todos os fieis para assistirem a este acto religioso, pelo que desde já se confessam agradecidos.

D. Pedro de Alcantara

A Irmandade do Santissimo Sacramento da matriz de Santa Rita faz celebrar, quinta-feira 7 do corrente, ás 9 horas, em sua igreja, uma missa solemne em suffragio da alma do finado D. Pedro de Alcantara, ex- Imperador do Brazil, por ser o trigesimo dia de seu passamento. São convidados os nossos irmãos e mais fieis para assistirem a este acto de profundo respeito á memoria do Grande Patriota Brazileiro.

Consistorio da Irmandade, 4 de Janeiro de 1892.— *Manoel Thomaz José dos Santos,* secretario interino.

Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional

O Conselho Administrativo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, manda rezar no dia 8 do corrente, na igreja de S. Francisco de Paula, uma missa por alma do seu finado presidente honorario o Sr. D. Pedro de Alcantara, trigesimo dia do seu passamento; e a este acto de religião e caridade espera o comparecimento dos socios.— O Secretario Geral, *Augusto Alvares de Azevedo.*

(Dezembro de 1892)

Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II

O Conde e Condessa de Motta Maia, e seus filhos,e o Conde de Aljezur, fazem celebrar hoje, segunda-feira 5 do corrente,

uma missa em commemoração ao 1º anniversario do fallecimento de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, na matriz da cidade de Juiz de Fóra, ás 8 1/2 horas, prestando assim homenagem de immorredoura saudade a seu magnanimo e augusto soberano.

A Marqueza de Itamaraty e sua familia fazem rezar hoje, segunda-feira 5 do corrente, uma missa em commemoração ao 1º anniversario do fallecimento de S. M. I. o Sr. D. Pedro II, na matriz da Gloria, ás 9 horas.

O Visconde de Taunay e sua familia mandam celebrar na matriz de Petropolis, hoje, segunda-feira 5 do corrente, ás 8 horas, uma missa pela alma intemerata de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, gloria do Brazil e da humanidade.

Hoje, segunda-feira, 5 do corrente, primeiro anniversario do passamento de S. M. o Sr. D. Pedro II, o Almirante Marquez de Tamandaré, que foi seu Ajudante de Campo e Camarista, faz celebrar uma missa pelo repouso eterno de sua alma, na igreja matriz da freguezia de Santo Antonio, ás 8 horas, como dever de piedade religiosa e gratidão á benevolencia com que sempre o honrou.

Sua Magestade Imperial o Sr. D. Pedro II

Convida-se aos bons brazileiros para ouvirem uma missa, que será celebrada na igreja de S. Francisco de Paula, hoje, segunda-feira 5 do corrente, ás 8 1/2 horas, primeiro anniversario do fallecimento do Grande Patriota que por mais de meio seculo dirigio os destinos d'este paiz com zelo, honradez e illustração inexcediveis.

D. Pedro II e D. Thereza Christina Maria

Pelo descanso eterno das almas d'estes sempre pranteados Monarchas manda celebrar uma missa na matriz de N. S. da Gloria, ás 9 horas, hoje, 5 d'este tristissimo mez, primeiro anniversario do infausto passamento de Sua Magestade o Imperador e terceiro do fallecimento de Sua Magestade a Imperatriz, 28 d'este mesmo doloroso mez de Dezembro, a subdita fiel e grata Josephina Leopoldina de Araujo Gondim.

Clara M. M. Rabello e seus filhos fazem rezar uma missa no Convento da Ajuda, hoje, 5 do corrente, ás 9 1/2 horas, por alma do magnanimo monarcha o Sr. D. Pedro II, primeiro anniversario de tão lamentavel passamento.

———

Gustavo Adolpho Suckow e sua familia fazem rezar uma missa por alma de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, hoje, 5 do corrente, 1º anniversario do seu passamento, ás 9 horas, na matriz do Campo Grande.

———

Alfredo Eloy e sua familia mandam celebrar uma missa, hoje, segunda-feira 5 do corrente, na igreja do Parto, ás 9 horas, em memoria do sabio e justiceiro monarcha o Sr. D. Pedro II.

———

Os amigos e admiradores do finado Imperador do Brazil o Sr. D. Pedro II fazem rezar uma missa pelo eterno repouso de sua grande e generosa alma, hoje, 5 do corrente, primeiro anniversario, ás 8 horas, na igreja de Nossa Senhora da Conceição da Gavea.

———

Os amigos e admiradores do finado Imperador do Brazil, o Sr. D. Pedro II, fazem rezar missas pelo eterno repouso da sua grande e generosa alma, hoje, segunda-feira 5 do corrente, primeiro anniversario do infausto successo, ás 9 horas, na matriz do Santissimo Sacramento.



SUPPLEMENTO

A Visit to the Court

(1834)

« We returned to the city at eleven o' clock, in time to dress to visit the Court, which held a levee in honor of the anniversary of the independence of Brazil from the throne of Portugal.

« At half past twelve the American Legation reached the side entrance of the Palace, and alighting from the *caleças* made way through the gate to the stair. As we ascended, I learned from one of our party, that wearing gloves or hats in the imperial presence was equally contrary to etiquette. I had been instructed in the part which I was to enact in the pageant.

« At the head of the stairs, and entrance of the saloon, stood an halberdier, dressed in a harlequin suit of green, checkered with yellow stripes half an inch wide. In the first room, which was handsomely furnished, were several gentlemen of the foreign *Corps diplomatique*, and among them a Nuncio from the Pope. Of course all were in their Court dresses. From this, we passed into a larger room, fitted up in a much more elegant manner. Both were hung with portraits, and paintings illustrative Brazilian history, which seemed to be the topic of conversation with several foreign ministers, who were waiting for the opening of the Court. The subject of one of these pictures, is a story which I presume every good Portuguese and Brazilian ought to believe. It runs, that some time in the begining of the twelth century, the Moors and Portuguese were at war ; the forces of the two nations

were very unequal: the Moors counted three hundred thousand warriors, while the Christian army scarcely numbered thirteen thousand fighting men.

« Notwithstanding this great disparaty of force, Alphonso the Portuguese general, resolved to give battle, though to all the issue seemed not to be doubtful. He harangued his troops, and exhorted them to conquer or die, rather than yield to the infidel. Having increased their confidence by his eloquence, he announced the following day to be fixed for the conflict, and that Heaven would manifest some extraordinary, sign as a harbinger of victory!

« He retired to his tent, and read in the Bible, the history of Gideon, which he looked upon as similar to his own. While asleep, he dreamed that a venerable sage appeared and promissed him the victory.

That vision had scarcely passed away, when an officer informed him that a strange old man had entered the camp, and was extremely importunate to be admitted to his presence.

« Alphonso ordered the stranger to be conducted in to the tent; when he entered, the general recognised in him the person he has seen in his dream.

« Without waiting for interrogation, the old man stated that he was a fisherman, and had been doing penance for sixty years on a neighboring mountain: — that he had now come, by command of God, to announce victory to the arms of Portugal; adding « when you hear a clock strike, go forth from your tent; you will behold a bright manifestation of what Heaven is doing for you! » and immediately departed, leaving Alphonso filled with mingled joy and surprise. Some time after day break, hearing a clock strike, he hastily armed himself and sallied from the tent. In the midst of a flaming cloud he beheld a group of angels supporting a crucifix! A clear voice announced the victory, and that the soldiers would proclaim Alphonso king: the voice required that he should accept and wear the crown; prophesying that he would henceforward glorify God, and carry his religion to the most distant climates in the world! Alphonso prostrated himself and declared that he would obey the commands thus emanating from Heaven; and begged, in case his people should ever offend, that he might suffer chastisement in their stead.

« The vision vanished, and the victory was gained over Ismael!

« The story of the painting was just concluded, when the right hand door openened, and the ladies and gentlemen of the Brazilian Household entered. Dom Pedro II was accompanied by his sisters and the regency. The dresses of the members of the Court were splendid; that of the

young emperor was neat and simple. As they passed through the rooms, every head was bowed in salutation.

« Presently a flourish of trumpets fallowed by a grand march by a full hand, proclaimed the opening of the Court. We had all followed into the anteroom. In a few moments the chamberlain informed the *Corps diplomatique* that his Imperial Highness was ready to receive them.

« Those who had resided longest near this Court, took precedence and followed the chamberlain through the left hand door.

« The American Legation was last. Our Chargé preceded, and the officers followed according to rank, at about three yards from each other.

« On entering the presence, we all bowed; and again, when half way up to the däis, and repeated the reverence immediately before his Highness. Then retreating, with our faces towards the throne, and making three bows, we made our exit through the right hand door. This movement in a large room, is far from being graceful; and from the impediment experienced by the clergy, in consequence of wearing long robes, they have been excused from this retrograde step. We halted the room where the chamberlain had met us, to observe those who were still entering to pay their court to the infant emperor.

« The throne room was richly hung with green velvet, sprinkled with gold and silver stars, and the floor covered with a bright colored carpet, with a centre medaillon figure.

« Dom Pedro II, who bears a striking resamblance to his father, stood upon the däis — an elevation of one step, on which the throne is usually placed—with the regency on his right, and his two younger sisters ou his left hand. (1) His large, liquid eyes, wandered from one person to another with an expression of half indifference. His salutations were stiff, and the princesses who are his seniors (he is not six year old) seemed to suffer a Kind of *mauvaise honte*.

« Ladies and lords, officers bearing their respective insignia, stood along the walls on either hand. Many of the Courtiers were arrayed in rich suits of velvet of antiquated fashion, and wore those decorations of honor which it may have pleased royalty to bestow upon them.

(1) The late Empress left five children:
Dona Maria da Gloria. Queen of Portugal, born April 4th. 1819.
Dona Januaria, born 11 th. March 1821.
Dona Paulina Marianna, born February 17th. 1823.
Dona Francisca Carolina, born August 2d. 1824.
Dom Pedro de Alcantara, (Dom Pedro II) born December 2d. 1825.

The crowed soon began to move out of the palace towards their carriages. The music continued: conversation was gay: every body wore a holy-day face, and self approbation might be read in every countenance! »

(*Three years in The Pacific including Notices of Brazil, Chile, Bolivia and Peru* by an Officer of the United States Navy Philadelphia—Carey, Lea & Blanchard—1834).

Petropolis

O Sr. Manoel de Araujo Porto Alegre, (Barão de Santo Angelo) orador do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, na sessão de 15 de Dezembro de 1855, occupando-se do finado consocio Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho (Visconde de Sepetiba) fallou da fundação de Petropolis para a qual interveio o Sr. Dom Pedro II.

« Nomeado presidente da provincia do Rio de Janeiro, encargo mais administrativo do que politico, fez obras consideraveis que por longo tempo conservárão seu nome. Partidario do trabalho livre, para dar maior andamento á nova estrada da Serra da Estrella mandou vir 500 trabalhadores da Allemanha. O correspondente em vez de lhe mandar homens solteiros, enviou-lhe 500 familias. Ora, os commodos e providencias dadas para receber aquelles hospedes não erão os mesmos para acolher tanto casaes, porque a tarimba do homem solteiro afasta de razão o homem casado.

« N'estes grandes apuros, e como medida salvadora, concebeu o mordomo da casa imperial, o nosso consocio Dr. Paulo Barbosa, a idéa de realizar uma colonia no alto da Serra da Estrella, nas terras imperiaes, denominadas Corrego Secco; idéa que havia indicado anteriormente o engenheiro Frederico Koeler em um opusculo impresso, com o fim de crear uma companhia para esse fim: mas este desejo dependia da approvação do augusto proprietario.

« Sua Magestade foi além dos desejos do seu mordomo e abrio os cofres inesgostaveis de sua particular generosidade e sua soberania, e a nova colonia denominou-se Petropolis.

« Com a magestatica influencia e acção de um principe tão progressista, com os seus cofres abertos, com a actividade e zelo do seu mordomo, com os recursos da presidencia do Rio de Janeiro e com a direcção pratica do nosso consocio o fallecido Koeler, a colonia devia prosperar e crescer contra todos os embaraços naturaes, e os que suggeria a ignorancia, a inercia, e a má fé d'aquelles homens politicos e

mercenarios, que não consentem que seus adversarios lhes purifiquem a agua que estão bebendo etc., etc. »

(*Revista do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, Tomo XVIII*).

Dr. Lippold

....

Uma molestia chronica, de que o Dr. Lippold (cura dos Protestantes de Petropolis) padecia, aggravou-se mais e foi mister recorrer aos recursos da arte cirurgica para soffrer uma operação. O diminuto vencimento que percebia (50$000 por mez) não lhe permittia fazer tamanha despeza; mas a bemfazeja mão de S. M. I. sempre prompta a soccorrer os necessitados, abrio seu bolsinho e mandou-lhe a quantia de 5:000$000 para acudir as necessidades, acompanhadas de algumas palavras consoladoras, que ainda mais valião do que a consideravel somma!

Poucas horas depois (disse F. Dameke) vi o Dr. Lippold, e ainda estou lembrado das lagrimas que cobrião seu rosto —o pranto de gratidão!

....

(*O Mercantil,* 11 de Abril de 1857).

Donativos

« S. M. o Imperador mandou distribuir do seu bolsinho por 25 familias de colonos indigentes de Petropolis 940$000 e a Imperatriz 500$000 para as familias pobres recolhidas no Hospital. »

(*O Mercantil,* 14 de Maio de 1857).

Graças

« Da relação dos despachos publicados no faustissimo dia 2 de Dezembro anniversario natalicio de S. M. o Imperador em remuneração dos serviços prestados por occasião da epidemia do cholera morbus nos annos de 1855 e 1856, além de outros—*Cavalleiro da Ordem da Rosa*—Dr. Thomaz José da Porciuncula — Dr. Luiz Pinheiro de Sequeira —

Dr. José de Calazans Rodrigues de Andrade—*Cavalleiro da Ordem de Christo*—Dr. Bernardino Alves Machado—Dr. Roberto Malpas—Dr. Napoléon Thouzet. »

(*O Mercantil*, 4 de Dezembro de 1858).

Le Gouvernement Constitutionnel

Ceci n'est point un livre de monographies princières, l'auteur n'a rien de ce qu'il faut pour dignement parler des cours. Il ne touchera donc pas aux livrées, à l'étiquette, aux cérémonies, aux fêtes. Il ne pèsera point les diamants de la couronne, et ne comptera pas les clous du grand fauteuil. Il aime mieux chercher l'âme que la pourpre et laisse le vestiaire aux Dangeau. Ceci n'est point un livre de science politique ou sociale, une théorie dogmatique sur les principes, les institutions, les gouvernements. L'écrivain n'a pas à controverser, à cathéchiser, mais à chercher, à voir. Il prend les faits tels qu'ils sont, écarte le droit absolu, fait taire ses voix, comme disait Jeanne d'Arc, et ne demande qu'à la probité de l'enquête, la règle de ses jugements.

Ces choses dites, entrons dans l'étude. Voici un Empereur.

D. Pedro II avait à peine cinq ans, lorsque son père quittait le Brésil et s'en allait en guerre pour un autre royaume. L'enfant était né Brésilien ; la patrie l'adopta, il fut proclamé. Les crises cessèrent.

Comment ce pays si profondément agité depuis dix années se calma-t-il, ainsi, tout à coup ? y a-t-il prestige aux têtes blondes ? Le pays se calma tout à coup, et les eaux rentrèrent, parce qu'il y avait un conseil de Régence Brésilen, une administration Brésilienne, et qu'un prince Brésilien au pavois, c'était un dernier affranchissement. On pouvait se quereller aux chambres, dans les ministères, au conseil de Régence ; dans les provinces et dans l'armée, on pouvait tenter l'émeute et faire vacarme de discours ou d'épées, toutes ces violences n'étaient que souffle, petit vent et n'agitaient pas le fond. Les masses étaient tranquilles: sous la couronne de l'enfant, elles voyaient l'étoile : «Indépendance ! »

La pensée des peuples est tenace et longue.

Après dix ans de tutelle et minorité D. Pedro II entra dans l'entier et plein exercice de sa prérogative : il devint responsable devant l'histoire. Le jeune homme avait grandi dans le travail et l'ombre, assez détaché des plaisirs violents,

euvieux des idées, sans faste, et plus ouvert à l'étude qu'aux fêtes.

Que trouva-t-il devant lui, sur les marches du trône? une constitution: et que disait cette constitution? elle déclarait les droits et stipulait les devoirs de chacun, prince et peuple. Elle proclamait l'indépendance du Brésil, la souveraineté nationale, la liberté des citoyens, elle réglait tout, l'administratif, le commercial, le judiciaire, l'èxécutif et le législatif. C'était un contrat public entre le prince et le peuple, entre l'Etat et le Souverain.

D. Pedro II prêta serment á cette constitution du Brésil, il y a de cela quinze ans. Quinze ans: c'est une vie bien longue pour une charte; en Europe, ces choses là durent moins, et il y aurait eu, bien certainement avant l'étape une échéance de révolution.

Ici, le contrat n'a pas souffert. La loi générale y est toujours vivante, obéie. respectée. Point d'interprétations folles, partant point de crises. C'est que l'homme qui avait prêté serment, a gardé jusqu'au dernier scrupule la chaste probité de sa parole; c'est qu'il a la religion du devoir, et que sans détour ni réserve, il a pratiqué, maintenu la foi jurée.

Il était jeune et seul: il pouvait, comme tous les petits Xerxès, se laisser emporter aux ardeurs du sang, aux fièvres de l'orgueil, aux ennivrants parfums de la coupe et de la couronne. Où sont ses témérités, ses folles initiatives, ses violences, ses empiétements?

Jamais vieille tête de roi fut-elle plus tranquille, et garda-t-elle mieux les saints respects?

Il a eu des majorités faciles, des conseillers entreprenants, des serviteurs dévoués, ce que nous appelions jadisen Europe des ministres personnels. Or quelles majorités-a-t-il entraînées dans son ambition? où sont les hommes qu'il a compromis et perdus dans l'intérêt de sa prérogative, ou pour les besoins de sa dynastie?

On voulait lui donner un nouveau palais—son habitation étant chétive et peu—Versailles—il a refusé, disant «S'il y a lieu, vous aviserez plus tard aux termes de la constitution; il faut songer aux routes, aux banques, aux colonies et l'argent est au trésor, et l'architecte a gardé ses cartons.—Parlons nous bien d'un Empereur? ah! que l'on comprend mieux en Europe, et les splendeurs de l'écurie et les grandeurs de la mente! Il y a, dans l'histoire, une race d'hommes—et l'on en trouve encore ça et lá— qui se sont faits apôtres de justice, chercheurs et confesseurs de vérité, soldats et martyrs du droit humain, nous les aimons, ces fous de la besace et de la pensée. Le temps qui

les raille en passant, quand il a vieilli les relève, et leurs noms restent dans notre ciel comme les étoiles du souvenir. Ce sont nos saints. Il est d'autres hommes engagés dans les choses qui passent, mais à l'âme droite et franche. La probité leur est religion, et toute parole ou contrat leur est conscience. Ils honorent profondément ceux-là, le caractère humain: ils donnent force à la civilisation, contre le scandale des victoires impies. Ils sont exemple et châtiment. Après le martyr de l'idée qu'y a-t-il de plus grand sur terre que le magistrat du devoir ?

Scrupuleux observateur de la Constitution dans son esprit et dans sa lettre. D. Pedro II a-t-il fait appliquer les lois défensives, les arrêts de justice, les rigueurs pénales, avec la dureté froide, l'implacable sévérité de ces rois argonsins qui ne comprennent la prérogative que sous robe rouge, et qui font du sceptre un verrou ?

De 1831 à 1840, date du règne nouveau, bien des révoltes ont éclaté dans ces énergiques provinces du nord que travaille éternellement l'esprit de fédération et de république. Ces mouvements, convulsions toujours étouffées, jámais éteintes, ont été châtiés parfois jusqu'à la violence, jusqu'à l'échafaud; mais, en tutelle et mineur D. Pedro n'avait pas alors qualité pour intervenir, et la responsabilité reste aux régences.

Après son installation et couronnement, il y eut troubles dans la province des Mines, troubles à St. Paul. Sur certains points ou en vint aux luttes, à ces tristes luttes de famille, qui font saigner la patrie, pleurer la mère. L'insurrection fut vaincue, et les cours judiciaires s'ouvrirent, mais il n'y eut pas, cette fois, part au bourreau. Par un décret d'amnistie du 14 Mars 1844, les prisons se vidèrent, et. l'annèe suivante prit fin à Rio Grande du Sud, une vieille petite guerre qui avait duré dix années, comme le siége de Troie.

En 1848, grande date et pour les idées et pour les peuples, la commotion de l'Europe oscilla jusqu'aux mers du Sud. Les petites républiques des anciennes colonies espagnoles et de l'Equateur jouèrent á la junte, bousculèrent les présidents. Combats de généraux et combats de taureaux, on alternait d'une semaine à l'autre. C'était moins sérieux que dans vos plaines, ô Hongrie ! moins sérieux et moins grand. que sous vos murailles, ô Rome et Venise, les villes saintes !

Au Brésil il y eut agitation d'idées, mais les bras restèrent au repos, il n'y ent bataille qu'à Pernambouc, et cette fois cela dura treize heures.

Elle a bien souffert cette vieille cité de la révolution tant de fois meurtrie, jamais lassée, et cette dernière crise

lui coûta cher, trop cher ! Mais on a cicatrisé depuis, et voilà longtemps qu'il ne reste plus un vaincu dans les geoles. Que celles de l'Europe gardent bien mieux la douleur.

Cela paraîtra peut'être phénomène, excentricité, scandale aux politiques d'outre mer qui jugent, en droit romain, des Empires et des Empereurs, mais au Brésil, depuis des années. il n'y a ni procès politiques, ni prisonniers d'Etat, ni procès de presse, ni conspirations, ni transportations. La pensée n'y est point justiciable de la police, saisie en douâne, suspecte, marquée. L'âme est libre dans toutes ses confessions, et le citoyen dans tous les mouvements. La raison d'Etat chôme !

Et cela pourquoi ? parce que D. Pedro II a mis la Majesté, non dans la prérogative, non dans la personne, mais dans le caractère, dans les œuvres. Parce que l'esprit général du pays est tolérance, conciliation, sociabilité; parce que le catholicisme lui-même, quoiqu'ayant privilège d'Etat, n'ose plus y jongler de l'anathème et de la foudre.

Voilà les choses, voilà les mœurs publiques ; et nous ne faisons point au pastel un idoménée de fantaisie: là ne sont pas nos gouts:—nous prenons sur place, nous racontons et pouvons appeler en témóignage le premier de la rue, prolétaire ou bourgeois, panache ou guenille.

Il y a pourtant, des esprits délicats, des âmes élevées, des cœurs fiers et bons, qui souffrent profondément dans ce milieu de paix bourgeoise oú les ulcères de la servitude se cachent sous les fleurs; et nous aussi nous avons souffert, nous souffrons : et bien souvent, dans nos douleurs indignées, nous avons appelé les représailles sur la brute qui frappe l'homme ou qui le vend ; mais, ici, le crime n'est pas au Prince, n'est pas au gouvernement; c'est une maladie sociale, c'est la faute impie de cette propriété jalouse, avare, implacable, qui n'a qu'un œil, celui des chiffres, et qui voit rouge comme le taureau quand on touche à sa marchandise. Tôt ou tard, pourtant, il faudra bien que l'ulcère soit ouverte, si l'on ne vent pas que le malade s'éteigne, âme et corps, en lèpre et phtisie !

D'autres disent qu'il ne sied pas aux empereurs de vivre à la bourgeoise, en famille; qu'un cottage à Saint Christophe et deux étages à Rio ne font point Louvre, que les livrées sont un peu fanées, et que la splendeur du trône est necessaire au commerce.—Renvoyé au club des tailleurs, á l'académie des architectes, au bureau des modistes et à tous ces braves gens qui voudraient voir s'enfler jusqu'au bœuf le budjet qu'ils paient.

Mais il y a des habiles, des hommes d'Etat, des politiques profonds qui ne s'arrètent pas aux franges et qui

disent « il n'y a pas d'initiatives, pas de suite aux affaires. « pas d'organisation, pas de mouvement. Trop de discours « et point d'actes : il nous faudrait un gouvernement fort, « un homme fort ! »—Et la Constitution ? et le Serment ? faudrait-il balayer toutes ces misères à la mer ?

Qu'est ce à dire, d'ailleurs ? votre gouvernement vous l'avez dans les mains. Vous nommez les représentants qui font les majorités, et la loi des majorités gardant respect à la constitution, n'est-elle pas la loi du règne ? vous avez pouvoir de presse et droit de vote. Exposez énergiquement vos griefs et déléguez bien. Ne vous plaignez pas trop des timidités princières qui s'enferment dans le serment ; c'est rare : à vous, enfin, la responsabilité du ménage, et s'il y a gaspillage, indécision, anarchie, désordre aux affaires, c'est que votre presse n'éclaire pas, ne surveille pas, c'est que vous placez mal le mandat, ayant moins souci du bien public que des affaires !

Le chef de l'Etat est lié par la constitution et n'en veut point sortir : il a raison. Mais en tout ce qui n'est pas l'action politique, directe et personnelle, à quelle tentative, à quel essai refuse-t-il concours ? Les diverses colonies qu'on a depuis vingt ans ébauchées pour donner au Brésil sa pépinière humaine, les a-t-il rejetées ou servies ? Les voies ferrées, artères du désert qui s'ouvrent à peine, les a-t-il condamnées ou patronnées ? L'Institut historique, avec ses deux grandies classes d'histoire et de géographie —il eu faudrait d'autres—qui l'a fondé, qui le soutient et l'anime aux œuvres ? Qui suit de plus près l'éducation publique et ses colléges ?

Les Mécènes à la couronne, je le sais, ne cherchent guère, en ces choses, qu'une distraction d'une heure ou les baise-mains de la muse, et Louis XIV qui se donnait de grands poètes pour valets de chambre, n'aurait point daigné commettre sa gloire et sa personne en si petit lieu qu'une académie. Mais ici le chef de l'Etat ne patronne pas de si haut. Il donne actif concours, il est collègue et ne croirait point déroger, à prendre place entre Corneille et Fénélon. Cette surveillance des collèges, d'ailleurs, ces visites fréquentes aux écoles, aux petits bancs, n'indiquent-elles pas qu'on cherche moins le bruyant des phrases que les progrès pratiques de la culture humaine ?

Cela vaut mieux, ce nous semble, que d'aligner des tueurs d'hommes et passer des revues.

Oh ! l'on voudrait un bras fort, un gouvernement fort. Cela n'est pas aussi rare qu'un prince honnête homme. Cela se rencontre, ailleurs. Là tout marche en discipline, par escouades, avec surveillance de l'âme et de la guêtre.

comme en caserne. Là, point d'esprit public, point de contrôle, point d'initiative libre et personnelle. La nation-machine fonctionne, tourne les meules, oavre les sillons, sème, engrange,fabrique, achève ou vend, et de ce grand atelier il sort des merveilles, c'est vrai; mais c'est une Pénitentiaire!

Cette race latine est bien étrange, en vérité. Elle aime les arts, l'idée, ses combats, ses chants, ses tribunes, ses gloires; elle a des audaces folles vers la liberté qui fuit toujours, et, quand elle respire un peu, le baillon brisé, quand elle peut faire son lit et ses destinées, elle appelle le Préteur Romain!

Serait-elle boiteuse d'un pied, j'aime mieux une Constitution qu'un gouvernement fort: et ne pouvant avoir mon idéal, mon rêve, je préfère à *l'homme fort, l'honnête homme.*

(*Brazil Pittoresco* por Charles Ribeyrolles etc.t omo I. — Rio de Janeiro — Typ. Nacional — 1859).

Viagem ao Norte

« S. M. o Imperador e S. M. a Imperatriz pretendem visitar este anno algumas das provincias do norte. Já se mandárão preparar os vasos de guerra necessarios para esse fim.

SS. MM. irão primeiro á Bahia, visitarão Sergipe e depois hão de seguir para Alagoas, Pernambuco e Parahyba. As restantes provincias ficão para uma viagem no anno de 1860, ou logo que seja possivel.

« Sabemos que S. M. o Imperador mandou recommendar ás presidencias toda a economia e modestia no recebimento imperial, o augusto chefe não quer pompas nem illusões: quer ver as provincias verdadeiramente e deseja evitar o apparato official e despezas dos particulares.

« S. M. fez constar que acceitará como obsequio pessoal o emprego em obras de utilidade publica provincial de quaesquer quantias que se pretendão dispender em manifestações festivas no decurso de sua viagem.

« O monarcha brazileiro está animado de optimos sentimentos. Ha muito que elle deseja conhecer por si o norte do imperio: mas recuava diante do escrupulo de provocar essas faustosas recepções, em que se consomem fortunas.

« Porém não lhe sendo possivel adiar por mais tempo a satisfação de espraiar os olhos por tantas provincias dignas de sua imperial presença, tem tomado as providencias para que o

cumprimento de um desejo seja um beneficio para o paiz e não fonte de desperdicios e de encommodos.

« Damos parabens aos irmãos do norte. »

(*O Mercantil,* 1 de Setembro de 1859).

Beneficios

« S. M. o Imperador no seu passeio á fazenda de Santa Cruz fez os seguintes beneficios :

« Mandou distribuir pelos pobres da fazenda a quantia de 400$ e pelos do logar Pedra 300$000.

« Mandou igualmente distribuir pelos escravos velhos da fazenda 500$ e ordenou que todos os escravos tivessem dous dias de folga.

« Mandou passar carta de liberdade ao primeiro flauta da musica de Santa Cruz, o creoulo Antonio José, e gratificou aos escravos que trabalhárão na lavoura com arado, grade e rôlo. »

(*O Mercantil,* 4 de Outubro de 1860).

Saudação

(Transcripto do *Diario do Rio*).

Viva a Nação Brazileira!

Viva o Sr. D. Pedro II Constitucional!

Vivão os brazileiros que amão de coração a liberdade de seu paiz!

Nascido no risonho e magestoso Porto Alegre, criado nas campinas do Rio Grande e educado com a liberdade dos mares, saúdo com excessivo contentamento e verdadeiro orgulho o cidadão Theophilo Benedicto Ottoni, predilecto dos brazileiros que amão com sinceridade a liberdade de nossa adorada patria.

Qual o brazileiro que com o mais enthusiastico orgulho não saudará com prazer o modesto cidadão que tanto idolatra e defende as instituições livres do nosso bello Brazil? Oh !... Illustrados e generosos fluminenses, a vós estava reservado levantar este immorredouro padrão de gloria, e hastear o estandarte da liberdade do Brazil nas herculeas d'esse mineiro honrado de quem olygarchas tremem... Tremei, olygarchas! Vêde o mais correctivo exemplo que vos deu o povo, tanto nas eleições municipaes, como ultimamente nas eleições para deputados á assembléa geral!... Nas primeiras

triumphou o commendador José João da Cunha Telles, que havia pouco tinha sido desrespeitado por dous pedantes e inconsiderados ministros na defesa de direitos de seus concidadãos: e na segunda eleição, para deputados, vêde quem triumphou através de vossas machinações e posição official? Os dous leaes lidadores, os dous paladinos da imprensa liberal e o homem que mais o odeiaes e guerreiaes, forão os vencedores...

Arripiai carreira, se não quereis ser mais detestados e abominados do que sois por vossos concidadãos.

De nada vos valerão as intrigas, hypocrisia e ameaças, porque o municipio neutro e os brazileiros fluminenses já vos punirão....

Breve o primeiro philosopho americano, o typo brazileiro, o sabio, justo e imperial monarcha, o Sr. D. Pedro II vos dará a ultima lição... Este verdadeiro symbolo de união dos brazileiros, que preza mais o homem sincero que diz o que sente, do que o vil adulador que intriga para chegar a seus fins, que tributa o povo para fruir e desfructar o seu suor.

Não continueis a insultar e guerrear o homem a quem chamais republicano, porque vós é que sois os verdadeiros revolucionarios com a vossa maxima—De quanto peior, melhor. Respeitai o homem que nunca offendeu, nem offenderá o nosso adorado monarcha, como o vosso Timandro em seu libello do povo.

Torno á repetir: vós, olygarchas, sois quem conspiraes contra o povo e contra o imperador com desnecessarios tributos, que cheguem para vossos fabulosos rendimentos, muito embora soffra o povo; e quando apparece um audaz defensor de seus concidadãos é revolucionario, é republicano, é tudo.

Vós em geral, e sem excepção, é que sois réos confessos de lesa-magestade e de lesa-nação, e que respondão vossas consciencias, se tendes algum resto.

Os brazileiros querem paz, tranquillidade; amão o nosso monarcha como se adora a Deus: respeitão e amão os estrangeiros, porque são nossos irmãos, pais de nossos patricios, que nos educão para sermos uteis cidadãos, que nos ajudão em nosso progresso material, contra quem não temos nem devemos ter odio ou rivalidade. Vós, malvados, é que sois nossos verdadeiros inimigos porque sois inimigos do Brazil, de que pretendeis tirar a ultima gotta de sangue, se não houver um paradeiro, uma mão de ferro que vos detenha em vossa rapida carreira. O nosso sabio e justo monarcha bem vos conhece que sois a copia fiel dos ministros que levárão ao abysmo o rei, sobrinho de nossa virtuosa imperatriz, e que a desprezárão depois que o precipitárão...

Mas o monarcha americano tem o seu throno firmado no coração dos brazileiros, menos dessas harpias devoradoras, desses lagartos de fardas bordadas, que representão o seu carnaval á custa do povo, que infeccionão com o seu halito pestifero e asqueroso, os caracteres nobres que felizmente ainda temos. Sim! Felizmente ainda temos homens da tempera dos Exms. Srs. D. Manuel, Souza Franco, Vasconcellos, Dias de Carvalho, Ottoni, Octaviano, Saldanha Marinho, Martinho de Campos, Fernandes da Cunha, e muitos outros cidadãos que de fronte altiva se podem perfilar em frente das fileiras cerradas da olygarchia, e olhar com desprezo para o ludibrio da diplomacia brazileira, para essa mediocridade, que infelizmente já foi ministro que tanto se compromette quando escreve e quando falla.

Olhai para outro que principiou o seu tirocinio affrontando a moral publica no Hotel Figueiredo da Bahia, e tem sido ministro da nossa facção e hoje é o melhor serra-fila de vossas columnas cerradas, e muitos outros poderiamos indicar, mas a penna nos cahe da mão ao contemplarmos os doze annos de ostracismo porque o Brazil tem passado.

Agora com deslumbrante orgulho o partido liberal se congratula com esses campeões da liberdade que no parlamento brazileiro defenderão as nossas instituições livres, a monarchia e os mais sagrados direitos de toda a familia brazileira.

Pontifice africano,

Cardeal feliz asno

Frei Henrique de São Paulo: tirai as mitras e gritai comnosco:

Viva o partido liberal!
Vivão os deputados do municipio da côrte!
Viva o cidadão T. B. Ottoni.

O Guasca de Chilenas.

(*O Mercantil*, 9 de Fevereiro de 1861).

Ensaios sobre o Brazil

II

....

....

Perante os governos a monarchia americana apresenta-se encouraçada de uma constituição, e trazendo por cimeira uma coróa imperial, ás quaes deve ella o ter atravessado sã

e salva 39 annos de independencia, de liberdade, de combates parlamentares, quando todas as outras nações americanas, salvo os Estados-Unidos, republicas todas, gastárão esses 36 annos em fazer e desfazer constituições e revoluções sangrentas.

Ella resume, como uma nação já feita, uma população que, apezar de fraca, espalhada em um territorio immenso, acha em sua sabedoria e seu bom senso uma cohesão perfeita. No interior tem ella por alicerces um throno que nenhuma ambição cubiça, uma constituição que ninguem ataca, porque todos a amão e estão promptos a defendel-a, e leis que, feitas pelos eleitos de sua livre vontade, não podem ser impopulares. No exterior goza ella do prestigio de sua longa paz, de sua tribuna independente, de sua imprensa livre, do liberalismo de suas instituições e do espirito publico, da eminencia de seus estadistas, do bello aspecto de seu exercito, do desenvolvimento de sua armada, do movimento annualmente ascendente de seu orçamento, de sua guerra implacavel aos negreiros e a escravidão e do seu fraternal e incançavel convite aos trabalhadores livres do velho mundo.

....

....

L. PARIDAUT.

(*O Mercantil*, 2 de Abril de 1861).

Juiz de Fóra

« A's 5 1/2 horas da madrugada do dia 23 partirão d'esta cidade SS. MM. e AA. II. e tendo almoçado na estação do Campo do Barroso na Parahyba, chegárão a Juiz de Fóra ás 5 1/2 horas da tarde.

« SS. MM. e AA. forão ahi recebidas com grande enthusiasmo, sendo acompanhados pela officialidade do estado maior da guarda nacional e um piquete de cavallaria desde a cidade da Parahybuna até a casa do Sr. commendador Mariano Procopio, que teve a honra de hospedar a augusta familia imperial.

« Duas bandas de musica tocárão durante a sua passagem pela cidade e uma de cerca de 30 musicos esperava-os na casa do mesmo Sr. commendador.

« Tiverão a honra de cumprimentar a SS. MM. todas as pessoas gradas do logar.

« Uma excellente banda de musica postada n'um coreto preparado na estação da companhia tocou até depois da meia

noite lindas peças applaudidas por grande concurso de povo alli reunido.

« Toda a cidade, o morro em que está situado o castello do Sr. commendador Mariano, bem como os arredores que comprehendem o jardim e a estação estavão brilhantemente illuminados.

« No dia seguinte SS. MM. e AA. assistirão ao *Te-Deum* na igreja de Santo Antonio, depois do que derão beija-mão em casa do Sr. commendador Vallo Amado, a que concorrêrão as camaras municipaes da provincia de Minas, officiaes e guardas nacionaes e todas as pessoas gradas.

« S. M. o Imperador concêdeu á Exma. Sra. D. Maria José de Sant'Anna, mãi do Sr. commendador Mariano, o titulo de Baroneza de Sant'Anna: aos Srs. engenheiros Bulhões, Koeler e Malveiro diversos habitos, e nomeou o Sr. José Machado Castro seu guarda roupa.

« Sua Magestade acompanhado pelo Sr. ministro da justiça e semanario visitou a cadeia e collegios de meninos e meninas.

« A' noite illuminou-se toda a cidade e um arco levantado n'uma das ruas, ardendo um lindo fogo de artificio offerecido á SS. MM. II. pelos officiaes da guarda nacional.

« A's 10 horas recolherão-se SS. MM. e AA. aos seus aposentos.

« No dia seguinte SS. MM. e AA. forão visitar a colonia de Juiz de Fóra, e ahi almoçárão n'um bosque pittorescamente preparado para esse fim.

« SS. MM. e AA. regressão hoje á esta cidade e partirão amanhã para a côrte. »

(*O Mercantil,* 27 de Junho de 1861).

Donativos

« Regressou hontem á côrte a augusta familia imperial. S. M. o Imperador em sua viagem á cidade da Parahybuna fez os seguintes donativos: 3:000$ para a Casa da Misericordia, 1:000$ para o cemiterio, e 1:000$ para ser distribuido pelos pobres. »

(*O Mercantil*, 29 de Junho de 1861).

Caridade

« Como de costume, a inexhaurivel caridade do monarcha não cessou de manifestar-se sempre que foi solicitada e mesmo quando não foi, em todos os pontos em que descançou

na ida e na volta. Calculamos em mais de 10:000$000 as esmolas que com mão larga o Imperador distribuio por onde passou durante uma excursão de cinco dias...»

(*Viagem Imperial de Petropolis ao Juiz de Fóra* — Inauguração da E. C. União e Industria — cartas do correspondente do *Jornal do Commercio* — Rio de Janeiro —Typ. Villeneuve & C. — 1861).

Demonstrações

« Cabe-nos a honra de annunciar a chegada da familia imperial ao seu palacio de Petropolis. O recebimento de SS. MM. pelo povo de Petropolis foi puramente familiar, seguindo-se a recepção official por todas as autoridades do logar.

« Grande concurso de pessoas gradas concorreu a felicitar a mesma augusta familia.

« A expressão de alegria e contentamento foi geral e expontanea ; porém despida de todo apparato.

« Os sentimentos puros e verdadeiros são sempre modestos e sem disfarces.

« O amor e dedicação pela monarchia se conservará na mesma altura.

« Deus quer, o povo reconhece e nós propagaremos. »

(*O Mercantil,* 9 de Janeiro de 1862).

Manifestação

« Hontem na occasião em que o Sr. Theophilo Ottoni se dirigia á Praça do Commercio para assignar a representação do corpo commercial, foi recebido pelo povo que então enchia a rua Direita e a praça com vivas demonstrações de enthusiasmo.

« O nosso amigo ás demonstrações do povo respondeu com estas palavras:— Esperemos pelos actos ministeriaes. O governo hade saber manter a dignidade da Nação. Viva Sua Magestade o Imperador.

(*O Mercantil,* de 8 de Janeiro de 1863).

Subscripção

« Reunio-se no dia 13 a commissão nomeada pela praça do commercio para o fim de promover a subscripção nacional.

« Forão nomeados presidente o Sr. Visconde de Ypanema, secretario o Sr. Theophilo Benedicto Ottoni e thesoureiro o Sr. Barão de Mauá.

« A commissão deliberou nomear commissões nas capitaes de todas as provincias, as quaes por sua vez nomearão commissões locaes nos municipios e freguezias.

« A commissão central nomeia directamente as commissões locaes no municipio neutro e provincia do Rio de Janeiro, Minas e São Paulo.

« A commissão recebeu um officio do mordomo da casa imperial communicando que S. M. o Imperador subscreve com 8:000$ mensaes a contar de Janeiro corrente até preencherem-se os fins para que foi a commissão nomeada, isto é, com quantia em todo caso superior a 140:000$, visto que a commissão não póde durar menos de anno e meio.

« S. M. a Imperatriz subscreveu com 5:000$ desde já e mais 1:000$ mensal.

« As Serenissimas princezas subscrevêrão com a quantia de 1:000$ desde já e mais 500$ mensaes nas mesmas condições acima expostas.

« A's 6 horas da tarde a commissão foi admittida no paço de S. Christovão, onde o Sr. Th. Ottoni proferio a seguinte falla:

« Senhor! quando ha poucos dias as nuvens assomárão ameaçadoras no horizonte da politica externa, Vossa Magestade Imperial reclamou nobremente a sua qualidade de brazileiro, e correu, como tal, a compartilhar os perigos com os seus compatriotas.

« A tormenta abonançou, é verdade, mas um rugido longinquo nos adverte que novas procellas podem levantar-se.

« Assim o comprehendeu o patriotico povo fluminense como orgão dos sentimentos da nação inteira.

« O povo fluminense, Senhor, quer sem duvida a paz, se puder obtel-a com honra; mas entende que nos devemos preparar para qualquer eventualidade.

« Por isso forão os cidadãos presentes encarregados de promover uma subscripção patriotica para dotar-se a armada nacional com alguns vasos de guerra encouraçados.

« Vossa Magestade Imperial é sempre o primeiro entre os brazileiros. E frescas como estão na memoria de todos, as provas inequivocas de patriotismo que Vossa Magestade Imperial acaba de dar, censuravel seria a commissão se não

confiasse ver tambem no logar de honra da subscripção nacional o nome de Vossa Magestade Imperial.

« Effectivamente a commissão nem teve que o solicitar, vem sómente agradecer.

« Vossa Magestade Imperial não esperou que a commissão viesse cumprir o grato dever de appellar para o seu brazileirismo, e, apenas sabida a deliberação dos cidadãos reunidos na Praça do Commercio, dignou-se mandar annunciar-se subscriptor primeiro que todos.

« Ao nome augusto de Vossa Magestade Imperial a commissão se felicita e ao paiz, por ver immediatamente apreciados e com a mesma espontaneidade os nomes prezados e veneraveis de Sua Magestade a Imperatriz, de Sua Alteza Imperial a Serenissima Senhora Princeza D. Izabel e de Sua Alteza a Serenissima Senhora D. Leopoldina.

« Rio de Janeiro 12 de Janeiro de 1863.— *Visconde de Ypanema*, presidente.— *Theophilo Benedicto Ottoni*, secretario.— *João Baptista Vianna Drummond*.— *Barão de Mauá*.— *José Lopes Pereira Bahia*.— *José Joaquim de Lima e Silva Sobrinho*. »

« A esse discurso respondeu Sua Magestade o Imperador nos seguintes termos:

« Agradeço muito os sentimentos que me testemunha a commissão.

« Certo do patriotismo de todo o povo brazileiro deve elle tambem contar com o meu sempre que soar a hora do perigo. »

(*Diario do Rio*, 14 de Janeiro de 1863...?...).

Gentilezas

« No paquete francez Béarn partio para Roma, como todos sabem o Sr. arcebispo de Athenas, que por cinco annos exerceu n'este imperio o elevado cargo de internuncio apostolico. O que porém nem todos saberão, é que S. M. o Imperador, attendendo aos serviços de S. Ex., houve por bem nomeal-o grã-cruz da ordem de Christo e offereceu-lhe um album em que por seus proprios punhos escrevêrão: S. M. o Imperador alguns trechos de Silvio Pellico, S. M. a Imperatriz uma poesia italiana e S. A. Imperial a conhecida canção do nosso distincto poeta Gonçalves Dias

« Minha terra tem palmeiras
« Onde canta o sabiá. »

(*Jornal do Commercio*, 6 de Julho de 1863).

Pensão

« S. M. o Imperador concedeu á familia do finado artista João Caetano dos Santos a pensão annual de 600$000. Sendo esta pensão tirada do bolsinho do Augusto Senhor é mais uma prova do quanto era admirado esse grande artista e da inesgotavel protecção que o Monarcha Brazileiro prodigalisa a pobreza e ás artes. »

(O *Mercantil*, 22 de Outubro de 1863).

Recepção Petropolitana

« Parabens.

« Não appellamos em vão para os habitantes d'esta cidade: forão mais longe nossas previsões ácerca da recepção da Augusta Familia Imperial, e congratulamo-nos com elles pelo enthusiasmo com que se houverão por esse motivo Fidalgos e plebêos, grandes e pequenos, concorrêrão cada um, por sua vez, para o brilhantismo de uma festa régia pelo fim porque fôra concebida e de familia pelo geral contentamento que se notara em todos os semblantes.

« Eis pois em resumo, o que se fez e se vio.

« O Sr. Dr. Kopke, dirigindo cerca de cento e tantos alumnos seus, se foi postar debaixo da serra, ao encontro da comitiva imperial.

Um arco de folhas foi levantado pelos allemães, á entrada da cidade, tendo concorrido para essa idéa os Srs. tenente coronel João Baptista da Silva, major Kœler, F. Dameke.

« Em Villa Thereza, á entrada da cidade achavão-se postadas: ao lado direito, a municipalidade presidida, interinamente, pelo Sr. José Antonio da Rocha; ao lado esquerdo, a officialidade da guarda nacional; todas as autoridades, e a banda de musica particular portugueza.

« Logo abaixo, isto é, á rua de D. Januaria, postarão-se os professores das escolas publicas allemães com seus alumnos, de ambos os sexos, tendo cada um dos mesmos alumnos na mão uma pequena bandeira auri-verde, achando-se todos vestidos de branco.

« Em todos esses pontos, ondas de povo, invadião as janellas, portas e cumes das montanhas.

« A's 11 1/2 horas da manhã de 25 do corrente, chegaram a esta cidade SS. MM. Imperiaes, as Serenissimas Princezas, SS. AA. o Conde d'Eu e Duque de Saxe, damas de honra e semanarios; sendo seus vehiculos acompanhados por um immenso numero de outros, de varios particulares que tiveram a honra de ir ao encontro da augusta familia.

« Ao apearem-se SS. MM. á porta de seu palacio, e ao içar-se n'esta occasião ahi o pavilhão nacional. duas bandas de musica (a do batalhão da guarda nacional e a do Sr. Schaefer) tocárão o hymno nacional, ao som do qual foi dado o beijamão do costume.

« Reunida ahi a municipalidade, apresentou o seu presidente a S. M. o Imperador a felicitação, que segue, a qual, o mesmo Augusto Senhor se dignou responder: «Muito agradeço á camara municipal os votos que me tributa.»

« Senhor.— A camara municipal d'esta cidade como fiel representante dos sentimentos dos seus municipes, vem com o mais profundo respeito depositar nas Augustas Mãos de V. M. I. os votos que todos fazemos ao Altissimo pela conservação dos preciosos dias de V. M. I., de S. M. a Imperatriz, das Augustas Princezas e mais familia Imperial, a quem tributão religioso respeito.

« E saudando os augustos hospedes que acompanham a V. M. I. o fazemos cheios de jubilo, e esperamos que elles unidos a Augusta familia de V. M. I. por laços indissoluveis, muito cooperarão para mais firmar se é possivel, a augusta dynastia de V. M. I. no throno brazileiro, as instituições e o engrandecimento do Imperio.

Petropolis, 25 de Setembro de 1864.

« Os vereadores, *José Antonio da Rocha.— João Meyer.* — Dr. *Francisco Ferreira de Assis Pinto.— Bartholomeu Pereira Sudré.— Antonio José Correia Lima.— Antonio José Teixeira de Sequeira.*

« Como foi observado SS. MM. parecião achar-se satisfeitas do bello espectaculo que lhes offerecia o dia.

« Meia hora depois os já referidos alumnos de ambos os sexos, dirigidos tambem pelo Reverendo Pastor o Sr. Stroelle, entoárão, em frente ao palacio, seus harmoniosos hymnos, que forão ouvidos com geral satisfação.

« Depois tambem de algum repouso forão SS. MM. acompanhados de seus illustres hospedes, aos jardins do palacio, onde se demorárão algum tempo em percorrel-os.

A tarde houve *Te-Deum laudamus* na igreja matriz, a que assistio a Augusta Familia Imperial, e foi muito concorrido, findo o qual, sahirão a passear, a pé por differentes pontos de nossa cidade acompanhados das Serenissimas Princezas e os Srs. Conde d'Eu e Duque de Saxe.

« A' noite illuminarão-se em geral as casas, e tambem a da camara e dos quarteis; houve bailes publicos, e um bello passeio feito por centenares de subditos allemães (sobre o alto da montanha, em frente ao palacio sob o clarão de

um prodigioso numero de archotes) determinou uma constante invasão de observadores pelos terrenos limitrophes do palacio, pelo que mais alegre se tornou esta pittoresca residencia.

« Repitamos: parabens!

(*O Mercantil,* 27 de Setembro de 1864).

Voluntarios da Patria

« De Petropolis nos foi remettida uma carta da qual extrahimos os seguintes pormenores ácerca da passagem dos bravos voluntarios, que d'aqui partirão por aquella cidade. No dia 19, apenas chegados alli, dirigirão-se ao paço imperial, onde forão recebidos pelo Augusto Soberano que lhes disse algumas paternaes palavras e os acompanhou até o hotel de Bragança, onde forão hospedados »...

(*Parahybano,* 25 de Janeiro de 1865).

Entre muitos

Conhecida a invasão de Uruguayana e tendo o Imperador resolvido seguir para o theatro da guerra, o Governo contractou o vapor *Santa Maria* de uma companhia santista e fez preparar a camara para condignamente receber o Augusto passageiro que preferio o camarim do commandante afim de occupar menos logar.

Acompanhado pelos transportes *Oyapoc* e *Cruzeiro do Sul* que levavão tropas, no dia 10 de Julho de 1865 á 1 hora da tarde fez viagem o *Santa Maria* sob a direcção do capitão de fragata Faria. Além da officialidade de bordo achavam-se embarcados com o soberano, S. A. o Duque de Saxe, o ministro da guerra Ferraz (depois Barão de Uruguayana), marechal Caxias, os Barões de Itapagipe, Boa Vista, e Porto Alegre, varios deputados, o almirante Parker e seu ajudante de ordens, capitão-tenente Antonio Manoel Fernandes (hoje contra-almirante reformado que communicou o caso seguinte:

Partira-se n'uma tarde e como durante a noite o mar se tornára bastante agitado o almirante Parker foi na madrugada perguntar a Sua Magestade se desejava alguma cousa e encontrou tranquillamente deitado no chão o Sr. D. Pedro II que escorregára do beliche com o colchão por não ter sido posta a respectiva guarda.

Oppoz-se o Imperador a que fosse chamado em hora tão matutina o creado particular em serviço, o qual appareceu mais tarde como de costume.

(*Informação de uma testemunha ocular*).

Dia festivo

« Hontem foi um verdadeiro dia de festa nacional.

« Desde o amanhecer a população agitava-se descendo por todas as ruas desta côrte, a tomar logar no recinto do arsenal de marinha, onde devia effectuar-se o embarque de S. M. o Imperador que, depois de convidar os brazileiros á defesa da patria, cobarde e vilmente ultrajada em seus brios, resolveu ir com elles partilhar os azares da campanha e as saudades da familia.

« Erão 8 horas da manhã quando Sua Magestade, acompanhado por S. A. o Sr. Duque de Saxe, chegou ao arsenal, sendo alli recebido, no meio dos mais calorosos vivas, pelos membros do corpo diplomatico e consular, pelo das duas camaras do corpo legislativo, do ministerio, conselho de estado e muitos funccionarios civis e militares.

« Sua Magestade, acompanhada sempre por Sua Alteza, ajudantes de campo e semanarios, passou revista a toda a força que estava formada no arsenal, e assistio ao seu embarque nos transportes *Cruzeiro do Sul* e *Oyapoc*, aos quaes visitou depois, seguindo para bordo do vapor *Santa Maria* ao meio dia.

« Ahi recebeu Sua Magestade as diversas corporações que o forão comprimentar, entre as quaes a da camara municipal, do corpo consular, da praça do commercio e grande numero de pessoas titulares e do povo.

« Acompanhárão a Sua Magestade o Sr. Duque de Saxe e os Srs. ministro da guerra, o Visconde da Boa Vista, presidente do Rio Grande do Sul e a deputação d'esta provincia.

A' 1 hora da tarde partio o vapor *Santa Maria*. N'essa occasião, as saudações, que não havião cessado desde a chegada do Imperador, reproduzirão-se com mais calor e enthusiasmo, repetidas pelo povo apinhado á beira d'agua e nas eminencias, e pelas tripolações das embarcações surtas no porto, que salvárão, bem como as fortalezas.

« Muitos vapores accumulados de passageiros, acompanhárão o *Santa Maria* até a barra, seguindo d'ahi em conserva a corveta portugueza *Estephania*.

« Sua Magestade trajava casaca e bonet da marinha, bem como S. A. o Sr. Duque de Saxe. Com a serenidade no semblante, a palavra amavel nos labios, Sua Magestade a todos attendia e acariciava, abraçando a uns, apertando a mão a outros, e mostrando assim, na palavra e nos actos, que era o primeiro brazileiro, o Imperador popular, o pai do povo, o sustentaculo da nação.

« Fazemos votos ao céo pelo exito feliz da digressão de Sua Magestade e pelo seu prompto regresso.

« Por occasião em que o corpo consular dirigio-se a comprimentar Sua Magestade, o Sr. Eduardo Pecher, consul geral da Belgica, leu o seguinte discurso:

« Senhor. — Nós, os membros presentes do corpo consular, representantes dos interesses commerciaes estrangeiros, vimos respeitosamente offerecer a Vossa Magestade Imperial os votos ardentes que fazemos pelo feliz resultado da viagem que Vossa Magestade Imperial vai emprehender em defesa da honra e dos direitos do Brazil.

« O commercio estrangeiro deseja antes de tudo a paz do Imperio. O Paraguay perturbou-a; e hoje acreditamos obedecer a um dever, affirmando, em presença de Vossa Magestade Imperial, que na guerra actual o Brazil representa, ao inverso do seu inimigo, os verdadeiros principios da liberdade commercial, do progresso e da civilisação.

« Senhor, vezes ha em que a guerra apura a fortuna e o destino das nações e eleva tambem o seu caracter.

« Nós fazemos votos para que o sacrificio de homens e de dinheiro que o Brazil se impoz, com grandeza digna de admiração, seja recompensado com o triumpho de suas armas e com a gloria do reinado de Vossa Magestade Imperial.

« O corpo consular se consideraria orgulhoso e feliz, Senhor, se as respeitosas acclamações com que sauda a Vossa Magestade Imperial por occasião da sua partida da capital pudessem encontrar echo no antigo e novo mundo, para alli serem apreciados, em todo o valor de seu merito, os serviços que o Imperio do Brazil faz n'este momento, na America do Sul, aos interesses do commercio estrangeiro, aos da humanidade e da civilisação.

« Senhor, o corpo consular deseja ardentemente tambem que a felicidade acompanhe S. A. o Sr. Duque de Saxe na carreira de dedicação ao Brazil, que S. A. Real enceta ao lado de Vossa Magestade.

« O corpo consular tem a honra de rogar a Vossa Magestade Imperial de acceitar a homenagem de seu profundo respeito.

Rio de Janeiro, em 10 de Julho de 1865. — *L. A. Prytz*, consul geral da Dinamarca.— *Eduardo Pecher*, consul geral

da Belgica. — *F. Schmid,* consul geral da Austria. — *José M. Frias,* consul geral argentino. — *Hermann Bauck,* consul geral de Hamburgo. — *Alexander Lallemant,* consul geral de Lübeck. — *G. Ludwig Meyer,* consul geral interino de Bremen. — *Leonardo Akerblom,* consul geral interino da Suecia e Noruega. — *Gabriel Perez,* consul geral do Uruguay. — *Otto Kohler,* consul da Russia. — *R. Steigel,* consul da Prussia, — *Charles Riecke,* consul interino da Baviera. — *Antonio Aranaga,* vice-consul de Hespanha. — *Augusto Heyn,* consul de Hannover e consul geral de Hesse. — *David Moers,* consul de Saxe. — *Eugenio Emilio Raffard,* consul geral da Suissa. — *Hermann Haupt,* consul de Württemberg. — *Henrique Laemmert,* vice-consul de Bade. — *Carlos Guilherme Gross,* vice-consul de Saxe. — *D. O. Mello,* vice-consul dos Paizes Baixos. — *Pedro R. Fernandes Chaves,* consul de Venezuela. — *Henrique Harper,* consul interino do Chile. — *Manoel Calbô,* vice-consul do Perú. — *L. Boninghausen,* consul de Mecklenburg-Schwerin. — *João Liberalli,* consul de Oldenburg. — *H. Riédy,* consul da Grecia.

« S. M. o Imperador dignou-se responder: « Agradeço ao corpo consular a justiça que faz aos sentimentos do Brazil e aos meus. »

(*Correio Mercantil,* 11 de Julho de 1865).

Épisode

« Le «Mémorial de la Loire» raconte cet épisode de la visite de Dom Pedro á la manufacture d'armes de Saint Etienne:

« Dom Pedro avait mis pied à terre un peu avant la grille. Dans le quartier, beaucoup de monde sortait sur le pas de sa porte pour mieux voir ; beaucoup de commères, des groupes d'enfants machûrés, mais aucune manifestation.

« A un certain moment, les yeux de l'Empereur s'arrêtèrent sur un bambin de trois ou quatre ans, qui se met à sourire et dit : « Bonjour monsieur, c'est ici ma maison, entrez donc chez moi».

« Charmé de cette naïve bienvenue, l'Empereur entra dans le logis qui se trouvait au rez-de-chaussée. Personne, la père au travail, et la mère sortie pour les besoins du ménage, mais, dans un berceau, un autre petit enfant.

Après avoir promené son regard autour de l'appartement, et satisfait sans doute d'avoir vu comme spécimen cet intérieur d'ouvriers, l'Empereur Dom Pedro donne une petite tape sur la joue du bambin qui l'a introduit et part en lui laissant un billet de 100 fr. à titre de souvenir.

A' Lyon, autre épisode et des plus gais. L'anecdote est tirée du *Courrier de Lyon* :

« L'Empereur du Brésil se trouvant à l'hôtel Collet damanda une voiture pour sortir. Voyant qu'on tardait longtemps à l'avertir, il sort sur le trottoir et apercevant un fiacre il y entre avec un chambellan.

« Le cocher sans recevoir d'ordre, part et se dirige vers le temple israélite, mais il s'arrête bientôt au loin de l'hôtel et demande à l'empereur et à son compagnon s'ils font partie de la noce.

« Le prince ne comprend rien à la question.

« On s'explique enfin, et le cocher retourne à l'hôtel Collet avec ses deux voyageurs, pour se mettre à la disposition des convives d'une noce qui se faisait à l'hôtel et pour le service de laquelle il stationnait à l'entrée.

« Le cocher ne s'était aperçu de sa méprise que lorsque tournant la tête em arrière, il ne s'était vu suivi par aucune autre voiture de la noce. »

(*Courrier de France*, le 7 février 1872).

L'homme et le souverain

« Il ne nous reste plus maintenant qu'à envisager Dom Pedro II à divers points de vue spéciaux, soit comme homme, soit comme souverain. Sous le rapport physique, il est grand, fort, blond; il a les yeux bleus, un regard bienveillant et porte toute sa barbe, qui est déjà très grise, plus grise que les cheveux; le tout présente un extérieur sympathique et attrayant. Il accomplira sa cinquante et unième année au mois de décembre prochain. .

Dom Pedro est doué d'une activité extraordinaire ; il se lève à six heures (2), lit certains journaux pendant que son lecteur en passe d'autres en revue pour y marquer les passages dignes d'attention, travaille jusqu' à 9 heures et demie, déjeûne rapidement, (3) reçoit en audience publique, et sort généralement, soit pour visiter les écoles, les arsenaux, les forteresses soit pour assister aux séances des sociétés scientifiques, (4) etc., etc.; il dîne a cinq heures reçoit encore une

---

(2) On sait qu'à Rio on jouit d'un été perpétuel et que les jours commencent, a peu de différence près, vers six heures pour se terminer à la même heure le soir.

(3) Il ne reste jamais plus d'une demi-heure à table pour déjeuner comme pour diner.

(4) Dom Pedro ne manque jamais aux grandes réunions de l'institut d'histoire et de géographie brésilien dont il est le président d'honneur.

fois en audience publique et se met de nouveau au travail (5) quand il ne va pas au théâtre (qu'il aime beaucoup) ou a quelque concert, ou bal de sociétés particulières. Il ne se couche pas avant minuit.

Lors de ses visites aux établissements d'instruction appartenant soit à l'Etat, soit à des particuliers dans la capitale comme dans la province, il assiste aux examens des élèves et à la distribution des prix et fait prendre, à cette occasion, note des noms, de la famille et du lieu de naissance de ceux qui se sont distingués dans leurs études. Plus d'un de ces élèves a trouvé plus tard dans l'Empereur un protecteur convaincu. (6)

Dom Pedro ne protège pas seulement les lettres et les arts : il encourage et aide efficacement les sociétés industrielles d'utilité générale, soit en achetant de sa bourse un grand nombre d'actions, soit en demandant au corps législatif de considérables subventions en leur faveur. (7)

Il préside deux fois par semaine le conseil des ministres ; la séance commence à neuf heures du soir et dure quelquefois jusqu'à une heure du matin. En sa présence, chaque ministre expose à son tour les affaires de son département qui ont besoin de la signature impériale : l'Empereur les écoute avec attention et leur demande parfois des éclaircissements. S'il s'agit d'une affaire importante, surtout si elle touche aux droits ou à la bourse des citoyens, rien n'est décidé ce jour là ; mais il la prend à l'étude pour donner son opinion à la prochaine séance. Si c'est une innovation radicale, il l'examine longtemps dans tous se détails, consulte le conseil d'État, et ne l'adopte définitivement que lorsqu'il juge que le peuple est en état de la comprendre et de la pratiquer ; car sa longue

---

(5) Il possède de une bibliothèque et un cabinet des sciences physiques et naturelles très complets. Outre l'étude de ces sciences, ainsi que des sciences morales et politiques, il s'occupe beaucoup des littératures anciennes. Dans une synagogue à Londres, lors de son voyage en 1871, il ravit les rabbins en traduisant devant eux une page de leur bible en hébreu.

(6) Nous citons volontiers l'exemple suivant qui fait honneur à celui qui en a été l'objet : Quand M. Carlos Gomes (auteur brésilien), après avoir fait ses études à l'Ecole des beaux-arts à Rio et à Rome, fit dernièrement jouer pour la première fois, dans la capitale brésilienne, son bel opéra *Le Guarany*, qui a eu tant de succès en Italie et à Londres, il fut appelé à la loge impériale et là l'Empereur le félicita chaleureusement en lui remettant en même temps le diplôme et la plaque d'officier de l'ordre de la Rose en beaux brillants.

(7) Il n'existe pas au Brésil moins de 18 lignes de bateaux à vapeur subventionnées par l'Etat représentant une valeur de 9 millions 750 mille francs *par an*, sans compter 568 mille francs accordés annuellement à la Compagnie américaine *United States and Brazil Mail Steam-Ships* pour faire un voyage, par mois entre Rio et les Etats-Unis, en s'arrêtant à plusieurs ports brésiliens. Quant aux lignes de chemin de fer, nous savons déjà qu'elles ont presque toutes une garantie de sept pour cent.

expérience du gouvernement des hommes lui a appris que le vrai progrès ne résulte que des réformes progressives, opportunes et mesurées. Sous ce rapport il est conservateur libéral, comme doit l'être tout chef de nation qui veut à la fois respecter les lois établies et marcher avec la civilisation. (8)

Nous avons vu que Dom Pedro donne deux audiences publiques par jour; c'est à cette occasion qu'il révèle des qualités d'un souverain sincèrement libéral et fournit la preuve qu'il considère les intérêts de la famille brésilienne comme les siens propres. En effet, il accueille tout le monde, étrangers ou nationaux, avec affabilité, avec douceur, en serrant la main à ceux qui en sont dignes. Si c'est un artiste ou un savant qui se présente, Dom Pedro ne le quitte pas sans avoir amené l'entretien sur l'art ou la science qu'il cultive. (9) Si c'est une de ses connaissances, il l'interroge avec intérêt sur sa santé et celle des membres de sa famille: puis il cause. Pour les postulants il est devenu un peu réservé, d'abord à cause du grand nombre de ceux qui se présentaient, abusant de sa bonté, ensuite parce qu'il ne veut pas empiéter sur les attributions des ministres; néanmoins, il les écoute avec patience et attention, leur faisant de temps à autre une objection ou leur donnant des conseils; mais il n'entretient les ministres de leurs prétentions que s'il y va de la justice, de l'équité ou d'une bonne œuvre.

(8) En présence de cette activité et de cette intervention de la part d'un souverain constitutionnel dans les affaires de l'Etat, on pourrait croire à une absence d'initiative ou, an moins à une faible action gouvernementale des ministres. Ceci n'arrive pas, heureusement, au Brésil, oú l'Empereur a pour la Constitution et les pouvoirs publics qu'elle organise un respect presque religieux. Il suffit de dire qu'il n'a jamais, pendant son long régne, fait une seule fois usage du *veto* suspensif que lui donne la constitution. Jamais non plus il n'a imposé sa volonté à aucun de ses ministres; il les laisse agir librement. Mais précisément a cause du grand respect qu'il a pour les prescriptions de la loi fondamentale de la nation, et aussi parce que son expérience personelle lui a montré la necessité de ne pas se déssaisir de ses attributions souveraines, il les accomplit toutes jusqu'au bout, sans prendre d'autres conseils que ceux que lui donne sa conscience.

Cette conduite si loyale, cette action si bienfaisante du souverain dans les affaires du pays, sont néamoins l'objet des attaques des partis quand ils se trouvent dans l'opposition (ce qui est dejà un symptôme de manque de sincérité) comme eutaachées d'inconstitutionalité et de gouvernement personel. Ceux qui pretendent qu'il doit laisser exclusivement aux ministres le soin de gouverner la nation avec les majorités parlementaires, s'appuient sur cette maxime célèbre: *Le Roi constitutionel règne et ne gouverne pas.*

Cette maxîme est surtout fausse en face de la Constitution brésilienne qui confère au souverain, non seulement une ration très étendue dars l'exercice des pouvoirs politiques selon lesqueis la nation est gouvernée, mais aussi des attributions importantes de gouvernement qui le consernent *exclusivement.* L'accusation qu'on adresse à l'Empereur du Brésil, d'exercer un gouvernement personnel et illégitime, n'a donc pas de raison d'être.

(9) Dom Pedro parle plusieurs langues européennes.

S'il s'agit d'une plainte, soit de la part de fonctionnaires subalternes, qui supposent toujours qu'on leur fait injustice quand ils n'avancent pas assez vite dans leur carrière, soit d'un postulant déçu, ou de toute autre personne, pour n'importe quel motif, Dom Pedro se donne la peine de questionner et de discuter avec le plaignant sur la légitimité de sa plainte, afin d'en constater le fondement. Il concilie de la sorte, antant qu'il est possible, les devoirs que lui impose sa position politique avec ses sentiments particuliers, qui le poussent toujours à la bienveillance et à la clémence. C'est ainsi que tous les ans, à l'occasion de certaines fêtes religieuses, nationales ou dynastiques, il commue les peines des coupables ou des criminels.

Quoique le Code pénal brésilien établisse la peine de mort, elle n'a été appliquée que très rarement dans le commencement de son règne, et pas une seule foits dans les vingt dernières annés.

Ce que Dom Pedro prend le plus à cœur, c'est la manière dont la justice est rendue dans son empire (10). Aussi, lorsqu' un jour un plaignant eut l'audace de lui dire qu'un de ses ministres lui avait fait une injustice, il lui répondit avec une certaine vivacité: « Mes ministres ne font pas d'injustices. » —Mais, reprenant sa bienveillance naturelle, il ajouta: « Je vais examiner votre affaire » Déjà le sur lendemain, réparation était faite au plaignant, qui était du petit nombre de ceux qui avaient droit à une réparation.

Il est un fait particulier dans la vie de Dom Pedro, qui prouve combien il est enclin à pardonner même les offenses qui lui sont adressées; le voici: un jeune écrivain de talent, désirant probablement attirer sur lui l'attention des hommes qui gouvernaient le pays, écrivit un pamphlet contre l'Empereur et toute la maison de Bragance, dans un langage beaucoup trop violent pour qu'il fût sincère; néanmoins, il devint, quelques années plus tard, successivement député, ministre, conseiller d'État, sénatenr à vie, et reçut un titre de noblesse. Les esprits superficiels et hostiles à l'Empereur ne manquèrent pas de crier à la corruption, quoique cet écrivain se fût rétracté et qu'il n'eût acquis tous ces titres que bien longtemps après la publication de son pamphlet. Mais la vérité est qu'il ne doit la position qu'il occupe aujourd'hui qu'à son talent réel et à la magnanimité de son souverain, qui ne voulut jamais mettre le moindre obstacle à son élévation, surtout depuis sa rétractation

---

(10) Le gouvernement des Etats-Unis rendit hommage à cet esprit de justice de Dom Pedro, en même temps qu'a son savoir, en le nommant un des arbitres qui furent appelés à juger la célèbre question de *l'Alabama*. Le monarque se fit répresenter au tribunal d'arbitrage réuni á Genève par le viconte de Itajubá, ancien professeur de droit au Brésil. et ambassadeur actuel de l'empire à Paris.

et depuis qu'il eût mis son beau talent au service de la patrie au lieu de l'employer à diffamer ses institutions et l'autorité.

Quant aux libéralités du monarque brésilien. elles se manifestent de diverses manières : tantôt ce sont des aumônes (il en fait distribuer tous les samedis pour plusieurs centaines de francs), tantôt ce sont des dons faits à ceux qui les demandent ou accordés spontanément ou bien des pensions annuelles qu'il donne à certaines personnes qui le méritent : tantôt, enfin, ce sont des bourses d'étude qu'il donne aux jeunes gens appliqués, bourses qui sont parfois assez fortes pour leur permettre de venir étudier en Europe.

Une preuve édifiante de ses sentiments religieux, de son humilité chrétienne, c'est que tous les ans, le vendredi-saint, il lave publiquement les pieds des pauvres dans la chapelle impériale, et qu'à l'occasion de la procession du *Corpus Christi*, il porte le dais avec d'autres personnes pendant toute la durée de la cérémonie.

Toutes ces qualités que nous venons de mettre en relief n'indiquent-elles pas suffisamment ce que doit être Dom Pedro dans son intérieur, c'est-à-dire comme époux et comme père? Est-il besoin de dire qu'il est un excellent époux, un père modèle? L'impératrice, sa fidèle compagne depuis 1843, est une sainte femme, la providence des pauvres et des orphelins : il serait impossible de ne pas l'aimer quant ou connaît ses vertus. L'héritière du trône, le seul enfant qui lui reste, a reçu l'éducation la plus soignée et la plus conforme à son rang et à la mission qu'elle est appelée à remplir dans l'empire ; son éducation politique fortifiée par plusieurs voyages en Europe, surtout en Angleterre, où elle parassait chercher dans la reine Victoria un exemple à imiter plus tard, est l'œuvre exclusive de son auguste père.

Dejà l'essai qu'elle a fait du gouvernement, il y a quatre ans, lors de la première absence de l'Empereur, a été des plus satisfaisants et plein des meilleures espéraces pour l'avenir. Aujourd'hui encore qu'elle tient les rênes de l'Etat, Dom Pedro peut voyager tranquillement car il doit être convaincu que l'amour du peuple brésilien pour sa future Impératrice est aussi grand et aussi sincère que celui qu'il a pour son Empereur actuel.

« Les biographes ont généralement l'habitude d'établir des parallèles entre leurs personnages et ceux du même rang avec lesquels ils ont des points de ressemblance. A ce point de vue, nous trouvons que l'Empereur actuel du Brésil ne ressemble pas à um seul, mais à plusieurs souverains qui ont régné à diverses époques de l'histoire.

« Dans l'antiquité, nous ne voyons pas de ressemblance plus parfaite qu'avec les meilleurs empereurs romains. Comme

Vespasien, Dom Pedro II rétablit l'ordre dans l'empire bouleversé par les factions et les ambitieux, et donna de l'impulsion aux arts et aux sciences. A cet égard, il ressemble aussi à Auguste : mais il faut remarquer qu'il n'eut pas, comme ce dernier des auxiliaires tels que Merèux et Agrippa.

« Les nobles qualités de cœur qui caractérisent le monarque brésilien ne lui donnent— elles pas, comme à Titus, le droit de dire que le jour où il n'a point trouvé l'occasion de faire du bien est un jour perdu?

« Dom Pedro n'est pas guerrier comme Trajan; mais lorsque l'ennemi eut envahi le territoire de sa patrie, il alla lui même á sa rencontre et l'obligea à capituler et à accepter toutes les conditions du vainqueur; et si l'Empereur romain n'avait pu empêcher qu'on ne lui dressât une colonne pour rappeler ses triomphes, l'Empereur brésilien refusa la statue que son peuple voulut élever en son honneur après la guerre du Paraguay. Quant au reste, l'un vant l'autre par le respect de la justice et l'obéissance aux lois.

« Dom Pedro aime la paix comme Adrien, à cause de ses inappréciables bienfaits fondés sur le travail.

« Les vertus et la modestie d'Antonin le Pieux n'étaient pas supérieures à celles du monarque brésilien; mais c'est surtout par sa clémence autant que par la sévérité envers soi-même, que celui-ci mérite d'être placé, à côté de Marc Aurèle, le philosophe.

« Au moyen âge, nous pensons qu'il n'y a pas en de souverain auquel on puisse avec plus de justesse comparer Dom Pedro II, sous le rapport de l'organisation et de l'administration d'un État, de l'intérêt pour l'enseignement de la jeunesse, de la simplicité des mœurs et de l'activité personnelle, que Charlemagne, « cet homme qui, tout en gouvernant avec un regard l'empire qui s'étendait depuis l'Ebre jusqu'á la mer Baltique, donnait lui-même des instructions sur la manière de planter des arbres fruitiers dans ses fermes, déterminait combien d'œufs il fallait vendre et employait ses soirées à se perfectionner par l'étude ». (D. I. Beck Allgemeine Geschichte).

« Enfin, dans les temps modernes, nous pouvons rappeler le nom de Pierre le Grand, qui eut aussi beaucoup à creér, à améliorer et qui dut vaincre toutes espèces de résistances.

« Mais toutes ces comparaisons de souverains qui ont régné avant que les droits de l'homme eussent été affirmés sans retour et qui ne connaissaient d'autre loi que leur volonté, avec le chef d'une nation moderne, qui entend se gouverner par elle-même, parce qu'elle n'admet pas de pouvoir supérieur au sien; toutes ces comparaisons sont nécessairement défectueuses et incomplètes, parce qu'elles ne peuvent être établies qu'à des points de vue tout à fait restreints ou particuliers;

elles servent tout au plus à faire ressortir les vertus personnelles ou sociales d'un monarque.

C'est donc plutôt parmi les souverains constitutionnels qui ont également bien mérité de leur patrie et de l'humanité que nous devons chercher celui avec lequel Dom Pedro II a le plus de ressemblance, quant à la manière dont il a compris et appliqué le régime parlementaire.

« Sur ce terrain le choix n'est pas embarrassant, car ce souverain est celui-là même qui fut le maître de l'Empereur actuel du Brésil, dans la difficile science de gouverner un peuple libre. Nous voulons parler de Léopold I de Belgique, ce prince que l'histoire s'est empressée de surnommer le modèle du *Roi constitutionel.*

« A notre avis l'éléve a déjà égalé le maître; la postérité le jugera. »

(Dom Pedro II Empereur du Brésil *Notice biographique* par Anfriso Fialho Docteur en Sciences Politiques et Administratives, Major d'artillerie ayant fait la campagne du Paraguay, puis attaché militaire à diverses legations du Brésil — Bruxelles — Typographie de Mlle. Weissenbruch — 45 rue du Pouiçon — 1876).

Lettre

A' Sa Majesté l'Empereur du Brésil

Sire,

L'intérêt si hautement appréciateur avec lequel Votre Majesté Impériale a visité les Contingents industriels, envoyés par les différents peuples du Monde, à l'Exposition Universelle de Philadelphie, intérêt que j'ai eu l'honneur insigne de pouvoir aprécier de près, lors des visites que Votre Magesté Impériale a bien voulu faire aux Compartiments belges du Main Building et de la Machinery-Hall, m'enhardit à Lui offrir l'hommage de quelques lettres que j'ai publiées à l'occasion du Centenaire américain.

Rien des aperçus que contiennent ces lettres n'aura, certes, échappé à la clairvoyance de Votre Majesté Impériale, mais j'ai pensé que ce volume pourrait Lui être agréable, comme complétant les collections de documents qu' Elle a recueillis avec une si grande sollicitude.

J'ai eu l'occasion, dans mes lettres, de dire quelques mots, mais quelques mots seulement, des industries du vaste Empire aux destinées duquel préside Votre Majesté Impériale.

J'ai dû en toucher quelques mots encore dans les rapports officiels que j'ai adressés à mon Gouvernement, sur l'industrie de la tannerie, sur celle de la fabrication du papier et sur celle des amidons et fécules. Si ces rapports pouvaient offrir quelque intérêt à Votre Majesté Impériale, je serais très-fier de Lui en faire également hommage.

Veuillez agréer, Sire, avec l'expression de mon plus profond respect, celle de mon plus entier et absolu dévouement.

Molenbeck — Bruxelles, le 13 Décembre 1876.

PAUL MARLIN,
Ingénieur délégué du Gouvernement belge à Philadelphie.
57, rue de Birmingham—Bruxelles.

(Archivado no Instituto Historico e Geographico Brazileiro).

Comte Charles d'Ursel

« Quelques jours après mon arrivée (Décembre 1873), j'eus l'honneur d'être admis à présenter mes hommages à L. L. M. M. l'Empereur et l'Impératrice.

« Le château impérial de S. Christovão est situé á l'extrêmité d'un des faubourgs de Rio, sur une élévation de terrain d'où l'on découvre un horizon assez vaste. Le palais est considérable; il est construit dans le style de l'architecture italienne et contient quelques belles salles, meublées en général très sobrement.

« Malgré la présence des hallebardiers qui montent la garde sur les escaliers, le palais est ouvert à tous, et, dans l'accueil fait par les chambellans et l'entourage à ceux qui se présentent, on sent que le maître recevra chacun avec bonne grâce et bonté.

« C'était un samedi, jour d'audience pour ainsi dire publique, car tout le monde est admis à parler à D. Pedro II. A l'extrêmité d'une longue galerie, j'aperçus l'empereur, en habit noir, s'arrêtant auprès de chaque personne, tendant souvent la main, et écoutant toujours avec une visible attention son interlocuteur. Rien de plus frappant que le spectacle à la fois simple et émouvant que j'avais sous les yeux: j'ai vu lá des hommes de condition modeste et vêtus pauvrement attendre leur tour pour soumettre sans intermédiaire leur requête au souverain. L'empereur, avec autant de bienveillance que de dignité, laisse ainsi venir à lui, une fois par semaine, tous ceux d'entre ses sujets qui croient avoir

une réclamation à faire ou une faveur à solliciter. On raconte par la ville que cette excellente coutume est parfois un frein salutaire pour le founctionnaire qui serait tenté de se laisser entraîner à prende une mesure arbitraire.

« Mon chef, M. Barthélemys de Fosselaert, ministre de Belgique, me présenta à Sa Majesté, qui daigna me parler de la manière la plus gracieuse de mon pays et de ma famille. La mémoire est vraiement surprenante; elle se rappelle tous les noms, et revient sur des incidents dont les intéressés eux-mêmes ont souvent perdu le souvenir.

« Au sortir de l'audience de l'Empereur, nous nous sommes rendus chez l'Impératrice; il est impossible d'oublier l'accueil plein d'une gracieuse bonté que Sa Majesté fait á ceux qui ont l'honneur de l'approcher. Cette bienvenue souhaitée au nouvel arrivé est une des premières et des meilleures impressions qu'il m'ait été donné de recueillir dans ce beau pays du Brésil. »

(*Sud-Amérique*, etc., par le Comte Charles d'Ursel, Secrétaire de Légation—Paris—E. Plou & C.ie—Imprimeurs—Editeurs—Rue Jarancière 10—1879).

D. Pedro II

. . . .

Walking on the Ouvidor, of a pleasant morning, we sometimes get a glimpse of royalty, in its only South American representative. Men stand at the street-corners, and shopkeeper look out at their doors. With a rattle of wheels and a clatter of hoofs, a carriage sweeps by, followed by a score of mounted guards. We see bright trappings, and sleek liveries, and, in the midst of all, a handsome, white-bearded gentleman, seated bare-headed in the carriage. Except on *fête* days, or at palace receptions, that is all that the Rio crowd, or you and I, see of Dom Pedro d'Alcantara, Constitutional Emperor and Perpetual Defender of Brazil.

Americans have formed their own opinions of the Brazilian emperor; correct opinions, in the main, for he is at home what he was in the United States; or through gentleman, not at all assuming, but with just enough of pride and reserve to give him dignity in his office; a quiet, scholary man, who can converse well on almost any subject, from music to palæontology. He visites schools and hospitals about the city; occasionally, makes a flying trip to the provinces, where he is receveid with expensive outbursts of public rejoicing, ond is fêted and eulogized and bored, as royal personages

are, the world over. The emperor does not multiply these visits; he is content to shine nearer home. Above all, he likes to take part in the proceedings of scientific societies and art-clubs; with his encyclopedic knowledge, he can enter into a debate at a moment's notice.

But he is not a Napoleon, this emperor; he is simply a well-meaning, well-informed nobleman, who has the good of his country at heart, but is not always strong enough to force the benefits he would glady give. He could study our school system, and charm every one by his intelligent questions; but we cannot see that the Brazilian school are greatly the gainers. He could study yellow fever and its preventives at New Orleans, but there are the dirty, ill-smelling, badly-drained streets, the same pestilence-breeders that they were a year ago.

From his position, I think, the emperor cannot always see the real faults and needs of Brazil, he sees only the best side of things, just as you see the best side of a prison or an asylum that you may inspect; go there as an inmate, and you may tell another story. His Majesty may visit one of the public institutions on a set day; his faithful subjects set the carpenters and whitewashers at work on the building, and the tailors prepare broadcloth coats for the occasion: His Majesty's faithful institution is ready for His Magesty's inspection, and majesty is bowed to, and shown around, and humbugged into a very majestic idea of a very mean little affair. That is the misfortune of ereditary royalty; to see everything in its Sunday clothes. There is another misfortune. The people look at things from their own point of view, and blame royalty where they should pity it. So royalty and the people are forever falling out, because they cannot understand each other.

However, his German and Latin ancestors have bequeathed to Dom Pedro a large fund of good-nature and common-sense; adaptability, is the better word. His father had nothing of this adaptability; so got into trouble with his congress, and was forced to abdicate. Perhaps the Brazilians took a lesson from those stormy times; at any rate, the present emperor has held his position, peaceably in the main, for thirty eight years. (11).

There are those who murmur for a republic (they do not know that a republican government is precisely the most difficult to carry on); but the people in general are

11) When his father abdicated, in 1831, the Second Pedro was a child; until his majority, in 1840, the country was governed by a regency.

content to let their patriotism evaporate in minor politics; they have a reasonably good monarch, and they prefer him to the chances of an activety bad one. There are not wanting those who predict a revolution, to come when the present emperor dies. I think that will depend much on the time of his death: whether it be in a period of political peace, or after a day of storm.

In general, the emperor's influence is felt only through his ministers, of which there are seven; the « Ministro dos Negocios do Imperio », whom we may call prime minister, is essentially the ruler of Brazil, while he can keep his position. Unfortunately, the Emperor cannot always choose the best men for his cabinet. So affairs are ministerially mismanaged, until a crisis arrives, and a new set of mismanagers come into power.

For the rest, there is congress, very much like ours, except that the senators are chosen for life, and the deputaties (answering to our representatives) for four years; the emperor has a voice in the selection of the former, and the Imperial princes are members of the senate by right. The provinces answer to our states in theory, except that the presidents are nominated at Rio, instead of by the province, itself, as with our governors. Pratically, the provinces is completely under control of the General Government.

The Brazilian constitution is well enough, and the laws are well enough-models of clearness and justice. But we are beginning to learn, in these latter days, that constitutions do not always determine the fate of a country. We lay down this strong foundation, and on it we build gold, silver, precious stones, wood, hay, stubble — a sad lot of rubbish the constitution must supporte sometimes; and gets to wishing that it were a less solid foundation, that haply it might give way under its load, and leave clear ground for building anew. Brazil is sadly over-governed—that is one difficulty. There are twice as many officials as are required, and the whole government system is bound together with tangles of red tape, gibbet-ropes for justice and commerce. Most of the higher posts are filled by gentlemen, and they are ready-enough to do a service if you approach them in the right way. The petty officials are often stupid and tyrannical; they delight to show their power over their victims, but they cringe before their superiors like dogs. The results is, that everybody seeks the higher influence, and justice goes very much « by favor ». Hence, there is corruption and mismanagement.

There is corruption, also, in politics, even more than in the United States. Matters are worse here, because

Brazilians are blind partisans, and intensely hot-headed ones; a difference of political creed is enough to separate friends, or even members of the same familly. Yet it would be hard to show the distinctive beliefs of the two great political parties. « Conservative » and « Liberal » preach very much the same doctrines; only they fight for different men. The amount of vituperation used in these quarrels is something amazing. A political newspaper is an organ to abuse the opposing party, and this abuse, vile enough to ruin any respectable American paper, is heaped on with the least possible regard to truth; a man is bad, because he belongs to the other party; a law is bad, because he initiated it; and so on. Oh! it is a blak mass, this sink of Brazilians politics; there are ballot box stuffings, and false countings, and mean trickery without end; our own contests are as nothing to these for wickedness.

I do not believe that Brazil could successfully carry on a republican government; she lacks the first element of safety for a republic—the fusion of classes. Our North American civilization is not stratified, any more than the ocean is; if men stay at the bottom, it is by their own gravity, and not by birth or station. The stratified condition never did hold in the United States; but South America imported it from Spain and Portugal, and has clung to it ever since, as blindly as if it were an element of human progress.

Brazil does not recognize the mechanic—pedler class, as a factor in her civilization; but who shall say that it may not come to the surface, after all, and astonish the world with a miracle of human progress. The like has happened before: witness the French revolution, or the more quiet social revolution that is going on now in England. Unrecoignized elements are forever baffing political foresight.

Perhaps it is what South America needs: a revolution. Not a horizontal one: surface whirlpool of political strife, that would only serve to engulf some hapless hundreds or thousands; the world is surfeited with such movements. A good, honest, vertical revolution it should be; one to bring stronger elements to the top, and destroy forever the old, diseased ones. I like not to see a million or two of men seated on top of ten times their number of plebeians, and yelling « Freedom! » to a believing world. Stratified freedom! The French understood themselves better: to their « liberté » they pinned another idea, « égalité »; it has cost them torrents of blood—but compare France and Spain now!

Ah, well! I hope that, when the revolution does come it may come peaceably, and end in the amalgamation, not the wiping out, of the upper class; a class which, with all

its faults and mistakes, has yet many good and noble men in it. Remember that Brazilians are expiating the sins of their fathers, as well as their own. Society here was wrongly constituted in the outset; it is not the fault, but the misfortune, of the educated class, that they are separated from the rest of the nation.

. . . .

(*Brazil the Amazons and the Coast by.* Herbert H. Smith—New-York — Charles Scribner's Sons—743 and 748 Broadway—1879).

Carta

Marseille, 29 Novembre 1887.

A' Sa Majesté l'Empereur du Brésil

Marseille.

Sire.

Sachant que Votre Majesté honore Monsieur Ferdinand de Lesseps de son amitié, je prends la liberté d'offrir á Votre Majesté un exemplaire de mon rapport sur les travaux de l'isthme de Panamá, que j'ai visités l'an passé en qualité de délégué de notre Chambre de Commerce.

J'espère que Votre Majesté voudra bien parcourir ce compte rendu fidèle de ma visite sur les chantiers et je la prie d'agreér l'expression de mon plus profond respect.

Jules Ch. Roux

membre de la Chambre de Commerce et du Conseil Municipal,
Président de la Société de Géographie de Marseille.

(Archivada no Instituto Historico e Geographico Brazileiro).

Consequencias da lei aurea

Maranhão— S. Luiz 2 de Agosto de 1888— Ao contrario do que para a Côrte escrevêrão praguentos, continúa esta provincia a enveredar pela regeneração industrial, de que traçára a rota o Exm. Sr. José Bento de Araujo, que boa nomeada deixou por estas paragens.

E' verdade que d'esta illustrada capital e provincia partirão dez representações pedindo indemnisação e protestando contra os effeitos da gloriosa lei de 13 de Maio, mas lancem

mais a conta da politica partidaria do que da opinião da provincia estes tropeços remettidos de conta e ordem.

. . . .

O relatorio ultimo do *Banco Commercial*, posterior aos effeitos da lei de 13 de Maio, não reza de prejuizos novos e até abona lucros possantes aos accionistas.

O facto verdadeiro é que estamos á bica com abundantes safras de algodão e assucar, que se o auxilio as amparar, trarão progressivo melhoramento ás rendas publicas. Os libertos estão contentes e trabalhão, não emigrárão para as povoações e antes procurão os engenhos, porque dão-lhes maior fartura. Posso asseverar que em nenhuma provincia deu-se menor deslocação de braços do que n'esta, e a razão é de que a nossa escravatura era simples servidão, ha muito, e desde 1874, os Srs. Gomes de Castro, Maia, Franco de Sá e outros cavalheiros havião aconselhado os lavradores no sentido da substituição de braços e introducção de melhoramentos scientificos na lavoura.

. . . .

O dia 29 de Julho, anniversario natalicio de S. A. Imperial a Sra. D. Isabel, foi aqui muito festejado. Os libertos n'esta provincia, assim como em todo o norte, são enthusiastas e devotados á augusta regente, pelo que aproveitárão o dia em festejos e alegrias. Como a provincia é profundamente religiosa, revestio-se a festa das solemnidades da igreja.

. . . .

O concurso no templo era immenso, assistindo as principaes damas e homens graduados da cidade; os libertos erão legião, e ao som das eloquentes palavras do pregador vertião lagrimas de enthusiasmo e gratidão. A princeza tem na raça liberta e na arraia miuda do norte ardentes defensores, promptos para tudo.

. . . .

(*Jornal do Commercio*, 22 de Agosto de 1888).

D. Pedro II

« Aquelle que tem feito da magnanimidade uma das suas principaes virtudes e que em um reinado de quasi meio seculo não conta entre os seus subditos um só inimigo pessoal, não teme, nem receia o juizo severo e imparcial do historiador, e á despeito dos zoilos passará a posteridade que lhe decretará a devida e merecida apotheose. »

Barão de Lucena

*

Salve! te brada hoje a terra bem amada;
A's portas do teu berço,— o fulgido sacrario
Do amor do povo teu,— a patria libertada
Recebe-te festiva, Imperador lendario.

De muito longe vens de região da morte,
Para o seio da luz, o teu immenso imperio;
Aguia da apotheose entre brumas do norte
Em vão tentou levar-te ao páramo sidereo.

Prendia-nos a ti uma affeição tamanha
Que para nós volveste os olhos compassivo.
Ao troar d'artilharia, acclamam-te a montanha,
A selva, o mar, o céo— monarcha redivivo.

Pódes hoje ficar, pois a posteridade
Cerca-te ainda em vida o refulgente solio,
Lincoln ou tu, que importa? a deusa Liberdade
Pudera pôl-o aqui, e a ti no Capitolio.

SALVADOR DE MENDONÇA.

(Polyanthéa-Album de autographos offerecido a S. M. o Sr. D. Pedro II, em Setembro de 1888).

Dom Pedro II

EMPEREUR DU BRÉSIL

« Le prince philosophe dépasse le poète couronné de Potsdam, »
(LAMARTINE).

« Sire vous êtes le petit-fils de Marc-Aurèle ! »
(VICTOR HUGO).

« That is what I call a great and good Sovereign and a man who, by his conduct, is enabled to make the high station which he holds a pattern and a blessing to his race ! »
(W. E. GLADSTONE).

« L'Empereur a tant fait pour la science, que tout savant lui doit le plus grand respect. »
(CHARLES DARWIN).

Ecrire la biographie d'un empereur, ce n'est pas chose aisée, en France, à l'époque où nous sommes. C'est presque une témérité.

Aussi avouerai—je franchement que je n'eusse jamais entrepris de raconter, même sommairement, la vie de Dom Pedro II. empereur constitutionnel du Brésil, si cet empereur ne m'eût apparu, non comme un Souverain, mais comme un philosophe; non comme le maître da son peuple,—puis qu'il n'est pas un roi absolu, un autocrate—mais comme un philanthrope, comme un ami de l'humanité, comme le bienfaiteur de sa patrie.

Mon excuse donc, puisqu'il en faut me est tout trouvée.

Ce n'est pas d'un monarque que je vais parler, c'est du chef d'une démocratie couronnée, comme l'a dit tout récemment le général Mitre, ancien président de la république argentine, en parlant de la nation Brésilienne. C'est du premier citoyen de ce grand et beau pays, où selon Mr. de Grelle, ministre de Belgique, il règne un sentiment de démocratie, de nivellement des classes sociales, d'indépendance dans toutes les manifestations du libre arbitre bien autrement prononcée que dans beaucoup d'autres Etats, même de forme républicaine. » C'est d'un homme de bien, d'une intelligence et d'un cœur d'élite, d'un philosophe, d'un savant qui justifie pleinement ce mot célèbre de Platon: « Les peuples ne seront heureux, que quand les philosophes seront rois. »

D'ailleurs Dom Pedro II est le type le plus pur du vrai patriotisme, du désintéressement, de l'amour de la liberté, de dévouement à tous les progrès. Sa vie et son œuvre, exciteront certainement l'admiration de tous ceux qui, dans ce livre, apprendront à mieux le connaître.

On contemplera ce grand homme qui a si bien développé l'œuvre de son auguste père, lequel avait fondé l'empire du Brésil sur les immortels principes modernes.

On contemplera ce prince illustre qui a su conquérir l'amour de son peuple, ainsi que le respect et l'admiration de l'Europe entière, en dirigeant, depuis cinquante ans, l'étonnante évolution progressive de sa patrie, et en présidant à l'une des plus grandes œuvres de transformation sociale que notre siècle aura vue s'accomplir.

Les vrais patriotes français nous sauront gré d'avoir exposé à leurs yeux, les qualités civiques et humanitaires de ce roi libéral et populaire; et les esprits cultivés nous remercieront d'avoir mis au grand jour de la publicité une des plus belles pages de l'histoire contemporaine, dont ce prince philosophe fut l'admirable héros.

Maintenant, que nous voilà en règle avec l'opinion publique la plus sévère, entrons en matière et efforçons nous d'être, en tous points, conforme à la vérité historique qui doit planer sur toute considération individuelle; car l'histoire

c'est le tribunal impartial, incorruptible, où les rois, comme les peuples, doivent comparaître avec une complète égalité.

Ville de Monclar, Avignon. 1889.

BENJAMIM MOSSÉ.

(Préface d'un livre imprimé à Paris par Firmin Didot en 1889).

O ex-Imperador

Entre muitas composições poeticas offerecidas ao Sr. D. Pedro II, ex-imperador do Brazil, destacamos a seguinte, trabalho do padre Nouveau, professor do Seminario menor d'Autun:

« A SA MAJESTÉ

L'EMPEREUR DOM PEDRO

Hier encor, tu règnais sur un Empire immense,
D'innombrables vaisseaux s'abritaient dans tes ports;
L'Amazon aux flots bleus célébrait ta clémence;
L'esclavage vaincu fuyait loin de ses bords.

Hier, ta main répandait la féconde semence
Des sages libertés; et de joyeux transports
T'acclamaient!... Aujourd'hui la révolte en démence
Triomphe, et de Rio t'interdit les abords,

Mais tu sembles grandi en descendant du trône;
Le cœur étant chez toi plus grand que la couronne,
Tu quittes sans déchoir ton palais pour l'exil.

La Science et la Foi, l'Art et la Poésie;
A ton calice amer mêlant leur Ambroisie,
T'ouvrent des horisons plus grands que le Brésil.

NOUVEAU. »

(*Diario do Commercio*, 19 de Julho de 1890).

Dous de Dezembro

Completa hoje 65 annos o Brazileiro distincto que, por sua illustração, por seu patriotismo e por suas virtudes, seria digno de um throno, ainda quando não lh'o houvesse dado o

Senhor Omnipotente das nações e o consenso dos povos que constitucionalmente regeu por cerca de meio seculo, sem contar o tempo da minoridade.

Um levante fel-o descer da suprema cathedra nacional; mas o ex-Imperador, comquanto banido pelas paixões e interesses da occasião, nem por isso perdeu o direito á estima e ao respeito dos Brazileiros.

Aquelles mesmos que o banirão, ainda outro dia, em solemne documento, qual o da Mensagem do chefe do governo provisorio ao Congresso, consignárão um periodo no qual derão testemunho de que, já esvaecidos ante o lume da razão os phantasmas de uma allucinação revolucionaria, nenhuma duvida porião em agazalhal-o no seio da Patria, si a isto não se oppuzessem razões que considerão de publica salvação.

No longo periodo de seu governo o ex-Imperador commetteu, talvez, alguns erros, pagando assim tributo á inevitavel fraqueza humana; mas não padece duvida que do segundo reinado permanecerá nas paginas da historia a tradição de uma honestidade illibada, de um desinteresse a toda prova, de uma caridade que chegou ao ponto de entregar aos pobres boa parte da imperial dotação, e de um amor de liberdade cujos extremos singularmente facilitárão a victoria dos adversarios da monarchia.

N'este regimen que se proclama democratico, não faltará quem por taes dizeres nos atire a pécha de sebastianismo: mas agora, ou nunca, é a occasião de se fallar verdade; e quando o povo já se mostra aborrecido de ter medo, não seremos nós quem por temor de parvas accusações se abstenha de ennunciar o que aliás está na consciencia de todos.

A aspiração de alguns de nossos compatriotas—ignoramos ainda si em maioria, porque nada fiamos de panicas e interesseiras adhesões— a aspiração de varios compatriotas, diziamos, é a formação de uma vasta democracia sob a fórma republicana federativa.

Por ora apenas temos visto um prologo dictatorial que se inculca promotor de futuras e amplas liberdades. Que as promova e realise desempenhando-se dos tremendos compromissos que assumio perante a posteridade! Mas bem presente haja sempre que a republica não succede a uma quadra de tyrannia ferrenha e sim a uma fórma governativa sob a qual vicejavão direitos e franquezas, inclusive a das propagandas ostensivamente infensas ás instituições então vigentes.

Longe da patria o velho ex-Imperador deve ter, em meio de seus infortunios, a serena e doce consolação de ter offerecido á America o exemplo de um rei cidadão. N'elle se inspirem

os que, succedendo-lhe na direcção do paiz, nos devem pelo menos deparar iguaes feitos de civismo e a mesma somma de liberdades.

(*O Brazil*, 2 de Dezembro de 1890).

D. Pedro II

Em seguida transcrevemos duas magnificas poesias cujo objecto forão a partida do ex-Imperador, enfermo, para a Europa, em 1887, e o seu regresso das plagas européas em 22 de Agosto de 1888.

Simples homenagem litteraria e historica ao velho e venerando banido, poderiamos tel-a formado mais vasta e bem provida com varios discursos do Instituto Historico e das altas corporações que n'esse dia costumavão afluir ao cortejo, quando esta folha ainda não tinha nascido, e os seus redactores, escondidos em humillima obscuridade, não erão de certo os mais monarchistas n'esta cidade federal.

Demoverão-nos, porém, de tal proposito duas razões : a primeira, porque as mencionadas associações, e em geral os grandiloquos oradores de taes festividades, erão por demais prolixos, e muito espaço nos encherião as suas interminaveis manifestações de affecto e fidelidade ao soberano e ás instituições juradas...

Em segundo logar, poderia parecer satyra, o que longe está do nosso proposito n'estas paginas em que timbramos de ser moderados. Muitos dos ex-oradores monarchistas têm hoje posto a loquella e as convicções ao serviço da causa triumphante. Que se diria, por exemplo, de uma excavação em que, semi-curvos e empunhando papeis onde á Magestade só se dirigião com lettras maiusculas, fossem vistos alguns intransigentes e ferozes republicanos da actualidade? Como não nos accusarião de *perversidade* os que, com o seu enthusiasmo de hoje, desconhecessem o meigo phraseado de sua ex-oratoria?

Por isso preferimos recorrer á poesia, que em todos os tempos sempre teve a licença de tudo ousar, *quid libet audendi* — ; e de um folheto admiravelmente estampado na Imprensa Nacional, copiamos dois esplendidos poemetos do Sr. Barão de Paranápiacaba, a quem de certo não será desagradavel esta nossa lembrança.

Escusado é dizer que, sendo os versos do impeccavel auctor do *Jocelyn*, difficilimo fôra encontrar composições onde, com a mestria da fórma, mais ardentemente se alliassem a belleza do pensamento e a firme convicção que as inspirou.

*

Saudade

Partio! De um véo de lagrimas,
Seus olhos empanados
Lanção aos sitios proximos
Olhares contristados,
Onde saudade vivida
Funda impressão gravou.

Suspiros melancolicos,
Que os labios seus agitão,
Pintão as magoas intimas
Que nelle regorgitão;
Mas d'alma nos reconditos
De prompto as recalcou.

Amigos fidelissimos,
Que junto ao cáes solução,
E, em terno adeus frenetico,
Da rampa se debrução,
Movem-lhe as fibras rigidas
Do grande coração,

Da filha dilectissima
Ao fervoroso amplexo,
Luz-lhe nos olhos turgidos
Vivo, fugaz reflexo,
Trahindo d'alma energica
Algoz consternação.

Fitando as ondas turbidas,
Que a náo levão no dorso,
Soffreia o forte anhelito
Com soberano esforço,
E morde os labios pallidos
(Ai!) *para não chorar!* (12)

Ouvindo a triste alcyone
Soltar crébros gemidos,
Lembra seu alto espirito
Os subditos queridos
E a filha e os jovens principes,
Sós no soturno lar.

(12) E para não chorar os labios mordo

Verso de S. M. o Imperador.

Então aquella indomita
E senhoril vontade
Verga, afinal, ao cumulo
Da mais crüel saudade ;
E vem banhar as palpebras
Pranto, que embarga a voz.

Na Europa, entre as esplendidas
Conquistas do progresso,
N'essas viagens rapidas
De principe indefesso,
Da patria e de seus subditos
Leva a lembrança após.

Aqui rogamos supplices,
Aos pés do Omnipotente
Saude e paz ao inclyto
Imperador clemente ;
Que volte a nós incolume,
Nosso monarcha e pai.

Este anhelar unanime
Do povo Brazileiro
Suba ao Supremo Archétipo
Tão sabio e justiceiro,
Prece, meu Deus, tão férvida,
Benevolo escutai !

Barão de Paranápiacaba.

*

A volta

Partio ! Levando as ancoras,
Veloz na marcha, o *Congo*
Lança do tubo ignivomo
Rolos de fumo ao longo,
E fende as vagas tumidas
Que n'elle vão quebrar.

Em breve, o equóreo páramo
Que em derredor vanzeia,
E a ethérea, enorme abobada,
Que sobre o mar arqueia,
Vem do infinito o symbolo
Aos olhos desdobrar.

Singra o vapor aligero
Em mar, todo bonança,
E, ao sopro d'almo zephyro,
Suave se balança
Sobre a planicie liquida
De transparente azul.

Subito, em noite placida,
Quando o silencio impera,
Surge do céo da America
Na constellada esphera
Vivo pharol esplendido
Das regiões do sul.

Bemvindo, ó nucleo fulgido
Do Sideral Cruzeiro!
Salve, Custóde mystico
Do Imperio Brazileiro!
E's nossa luz Benefica,
O' cirio protector!

— Quem fita olhar sympathico
No signo resplendente?
Quem pelas faces mádidas
Correr o pranto sente?
— E' nosso saudosissimo,
Amado Imperador.

Lembra-lhe o acceso lábaro
Tudo que tanto amára;
Lembra-lhe a filha, os principes,
O povo, a patria cara;
Suspira e em doces lagrimas
Sua alma se desfaz.

Já sulca o mar brasilico
Na embarcação ligeira,
E traz nas mãos munifices
O ramo de oliveira,
Que é para a causa publica
Sacro penhor de paz.

Chegou! Rebenta em canticos
Nossa alegria immensa;
Voltou á Patria, incolume,
Salvo á lethal doença.
Subão aos pés do Altissimo
Ferventes orações.

Junquem-lhe a estrada olympica
Flores, laureis e palmas;
Oiça, qual hymno harmonico,
Terna expansão das almas,
E arda no intenso jubilo,
Que agita os corações.

Rio, 22 de Agosto de 1888.

BARÃO DE PARANÁPIACABA.

(*O Brazil*, 2 de Dezembro de 1890).

D. Pedro de Alcantara

Ainda está na memoria de todos os Brazileiros a significação da data de hoje!

Era o troar do canhão, era a harmonia do toque de uma banda marcial, era a enorme quantidade de bandeiras, era o apparecimento, emfim, de fardas, dragonas e commendas, que se incumbião de dizer ao povo que um acontecimento de raro valor lembrava o dia 2 de Dezembro!

E o povo, este generoso povo brazileiro, que sempre soube acatar aquelles aos quaes deve a sua gratidão, nunca se mostrou indifferente ao acontecimento a que se prende esta data.

A par com as manifestações sinceras, despretenciosas e espontaneas d'este povo, corrião os comprimentos e beija-mão daquelles vis famulos do paço imperial, que, sedentos de honrarias, posições e fortuna, especulavão quanto podião com a bondade e coração do rei que dominava, para depois de muito terem conseguido, dando expansão ao caracter baixo de sua nascença, traiçoeira e cobardemente elles, os *fidalgos* e *grandes* do imperialismo, exprimirem com cruel e inaudita prova de ingratidão a elevada estima e alto conceito que o povo tinha para com seu chefe.

O diá 2 de Dezembro data o anniversario natalicio de D. Pedro de Alcantara, que durante 57 annos dirigio com lealdade, justiça e patriotismo esta Nação, dando ao mundo inteiro sobejas provas da elevação e illustração do seu espirito e bondade e respeito á vontade popular.

Quando conhecemos as festas da data de hoje, que commemoravão o anniversario do então imperador do Brazil, nunca procurámos tomar parte saliente n'ellas, temendo que as nossas sinceras expressões de jubilo fossem se confundir com as tacanhas hypocrisias d'esses bizonhos fidalgos

e covardes titulares, mercenarios vis de todos os governos a quem sempre odiamos!

Os factos se incumbirão de mostrar que a nossa desconfiança tinha justa razão de ser; e n'um dia, quando menos a nação esperava e o governo contava, um facto accidental e imprevisto fez rolar o throno, e, rolando a monarchia, foi atirado para fóra do territorio patrio o conspicuo cidadão D. Pedro de Alcantara!

E n'esta transformação rapida de regimens que se succedêrão, a bagagem servil da criadagem imperial passou inteira e rapidamente para o novo systema adoptado!

Talvez hoje esses lacaios, cuja vida é uma cadeia de favores e beneficios feitos pela familia imperial, não se lembrem que fóra do Brazil, longe da nossa patria, porém, só em nós pensando, existe um velho ancião, a cuja estatura moral as nações cultas curvão-se, que na data do seu anniversario natalicio não lamenta não ser mais Rei, mas sente e só sente não viver no Brazil, sua patria a cujos filhos consagrou a intelligencia e o coração! O sol que nasce offusca com seus brilhantes raios a vista dos eternos abyssinios politico—sociaes, que só servem de atrazo e prejuizo para o paiz e nunca é filho da indisciplina; que viamos no Imperador as altas virtudes civicas de tão preclaro cidadão e não a caudal maliciosa de pingues empregos e proveitosos poderes concedidos pela constituição jurada, felicitamos na data de hoje D. Pedro de Alcantara, nosso ex-imperador, a quem deve estar preso o coração de todo o brasileiro ainda não degenerado, fazendo votos ao Omnipotente para que conceda-lhe vida e saude necessarias para elle vêr transformarem-se em realidades os desejos de felicidade, prosperidade e grandeza, unicos que elle, expatriado, alimenta pelo Brazil.

(Do *Alabama*, 2 de Dezembro de 1890 Reproduzido no *O Brazil* de 12 de Dezembro de 1890).

The exiled Emperor

« The empire is dead—long live the republic! » Such is the exclamation which many democrats who saw no good in the form of government administered by Dom Pedro doubtless made when news came that he was dethroned. Yet if republicans can ever feel entirely justified in sympathizing profoundly with the political misfortunes of any discrowned sovereign, such justification may eminently be felt in the case of the recent monarch of Brazil. Born to a throne, he never prated

of the right divine. Glorified by the nimbus of a crown, he put it on and off as a gentleman dons and doffs his hat. He used his scepter to free the enslaved. It became in his hands a divining rod by wich he found out where evil flourished that he might charm it away if possible. He was more democratic, not only in manner, but in feeling, than many a self-made millionaire who fought his way from the gutter among the democracy of our own United States.

It is for these reasons, and because the change of Brazil from an empire to a republic has been accomplished with such astonishing celerity, that attention is almost equally riveted upon the dethroners and the dethroned. The people in this country do not cease to care what becomes of Dom Pedro because they care very much what becomes of the nation he no longer rules. The Brazilians have begun without bloodshed an experiment which with us was baptized in blood, and is now a century old. In fact, our interest is quickened in all the States of South and Central America, which, until recently, seemed so languid in political importance and so remote in commercial advantages. When we remember that the ex-Emperor is living thousands of miles from the capital where he seemed to reign in such affectionate security; that the action taken by the news congress which is soon to assemble at Rio de Janeiro can not fail to be momentous; that the deliberations of the Pan-American Conference at Washington are full of significance; that the outlook of the Central American Federation is decidedly favorable; that the genius of progress still presides over the Nicaragua Canal; and that even the great intercontinental railway from Mexico to the Argentine Republic promises inception—the social and political questions that arise brim with more than ordinary importance and concern.

Out from among these complicated movements, the Brazilian phenomenon stands in startling picturesqueness. The Protean metamorphosis may be compared to an explosion without noise, an earthquake without shock, a cyclone without ruin. A dinasty has been dissolved as quietly a pearl in vinegar. The depreciation of the national securities upon the stock exchanges of Europe and the United States has been only nominal. True, everybody in Brazil had been looking forward to a republic, but not until after Dom Pedro's death. There was no personal antogonism to the Emperor. Treason, disguised, as a courtier, did not fawn around the steps of the throne the better to devise how best to level them. The ruler was respected and beloved by all classes. The merit of his character gave glory to his royal investiture. The kinghood of the mann gave manhood to the king. This

fact will connect his name imperishably with the history of Brazil and survive provisional manifestoes, a definite government named by the people, and the creation of a new constitution.

A few years ago I had the honor of several interviews with Dom Pedro, when he was at the height of his popularity and power. These interviews took place at his palace in Rio de Janeiro and at his summer residence at Petropolis, and are described in detail in my volume Around and About South America, which has recently been published. My recollections of Petropolis are especially durable, because it has all the sylvan attractions of a summer capital, and because it was there that the Emperor made his dignified and pathetic reply when informed of his deposition. It is only twenty-five miles from Rio Janeiro, and is the most famous and best patronized of all the neighboring mountain resorts. There Dom Pedro and his household resided during the heats of summer, when the ghastly yellow fever threatened the metropolis, which has not yet been able to protect itself against the fatal visitant; thither the diplomatic corps and the native aristocracy followed in the suite of sovereignty their own health and safety happily compatible with the requirements of court etiquette. There, too, floked the families of wealthy Rio Janeiro merchants, the hillsides and valleys being speckled with cottages and hotels, men of business going and returning every day. The situation of Petropolis is romantic and beautiful. It stands amid a cluster of hills, twenty-seven hundred feet above the level of the sea. Though warm during the day, the nights are generally cool, and the air is always pure and wholesome. The broad streets are lined with trees, whose intermingling shadows repose the exacting eye should even verdure fatigue it. The houses are gayly painted and tastefully ornamented, and the grounds surrounding them are broken up with flowers which grow with all the profusion of nature and display all the delicate enhancements of art. Drives and walks, beautiful and irregular as veins of gold in quartz, radiate in all directions. The population is about ten thousand, among whom are many Germans. In fact, the general appearance of Petropolis is more German than Brazilian, the alleged reason being that forty or fifty years ago a colony of three thousand Teutons established themselves there. Altogether, it is a delightful sanitarium, where Rasselas might have been happy and Candide might have arrived at sounder conclusions respecting the philosophy of life.

Upon the day appointed by Dom Pedro for my reception, when I made my exit from the door of the railway

station at Petropolis there upon the sidewalk, with but a single attendant, stood the most democratic of monarchs, the Emperor of Brazil. So little apparent was the burden of a crown that his Magesty had the aspect of a commoner out for a stroll and halting at the station to see the new arrivals. His easy manner was marked by that entire absence of condescension which is thoughtlessly described as condescending, and was more like that of a civilian nodding to acquaintances than of a sovereign acknowledging the salutations of his subjects.

The Imperial palace at Petropolis consists of a large two-story main building, with long, single-story wings, the whole made of brick and stucco, painted yellow and white, and of a style of architecture resembling that of a Florentine villa. To the most commonplace visitor it ought now to have a deeper interest of association than the villa of Napoleon III, pointed out to tourists at Vichy. It is surrounded by gardens and walks, in the turns and intricacies of which are found pleasant fountains and charming pavilions. The interior is plain but commodious. Not far distant was the residence of the princess imperial, a by no means imposing house, which, however derived a beauty from the encircling mass of ever-blooming flowers. The Brazilians royalties generally took the air in barouches drawn by four mules, with postilions, and a single mounted ordrly and doutbless never dreamed the time would come when they should take it at a day's notice in a steamer bound for Lisbon, or in lodgings engaged at a Continental hotel. They dreamed of it no more than I did, when, entering the palace, nothing was further from my thoughts than that the Provisional Government would inform the Emperor that is reign was over, and that he should reply with scornful austerity: «I resolve to submit to the command of circumstances, to depart with my family for Europe to-morrow, leaving this beloved country which I have tried to give firm testimony of my affectionate love and my dedication during nearly half a century as chief of the state. I shall always have kindly remenbrances of Brazil and hopes for its prosperity».

Everybody who has read much about Dom Pedro knows that his life at Petropolis, as elsewhere was a very active one. It was not the restless and nervous activity of a Napoleon, who, whether he had Europe or Elba at is command, was bent upon making everything and everybody subservient to the caprices of his will. On the contrary, it was the well-directed energy of a highly cultivated and benevolent intellect that desired less to rule than to have the benefit of his rule realized in the sphere over which it was exerted. His character had numerous facets. There was nothing of the

uncult diamond about him. He was developed upon many sides, morally, mentally, and physically. He had seduously prepared himself for his social and political duties. What Lord Chesterfield was as a more man of the world, Dom Pedro tried to make himself within the radius of a much more extendend and august influence. He neglected the body no more than the mind. He liked to take long drives and walks, and in his less mature days delighted in athletic exercises. He was compelled to relinquish these in great measure, more because of encroaching infirmities than because of that sort of decadence wich is attributable to old age alone.

I am afraid that the popular impression in regard to the employments of royalties is founded, to a certain extent, upon the nursery tradition which sets forth that « the king was in his parlor counting out his money, the queen was in the kitchen eating bread and honey. » Too many of us retain the convinctions derived from early picture books, wich represent the monarch, generally upon his throne, wearing a spiked crown (too painfully suggestive, however, of a crown of gilded thorns), his person covered with a gorgeous cloak spotted with dabs of ermine, and filling up the time between bouquets by ordering recalcitrant courtiers to instant execution. We think of these conventional monarchs as going to bed still with their crowns on and their maces in their hands, much as they are represented in effigy on the tombs in Westminster Abbey. All these naive ideas have to be fundamentally modified in regard to the ex-Emperor of Brazil. He was simply a gentleman with a scepter, a scholar in robes of state. He wielded the rod of empire as easily as a man in private life twirls a walking-stick. In 1876, when he landed in this city from Brazil, he arrived at his hotel wearing a linen duster and carrying a satchel. Only one other potentate landed as modestly — and that was Herbert Spencer.

All of us remember how Dom Pedro spent his time while here. He was out on the street at six in the morning,while his staff were still in bed, going everywhere, observing everything, and questioning everybody. He would have made a reporter of the first class had he not being a King.

In perceiving, inquiring, and investigating, he ignored the divinity which his said to hedge the purple. In reaching the throne he had never had to use his elbows.

He was more than willing to use them in getting at the real interest of the multitude. He was devoted to art and literature, to science and languages and, to find time for this, he willingly dispensed whit the cumbrous ceremonial and gorgeous festivities of a court. He speaks all the European languages fluently and at the time he received me at Petropolis,

he was deep in the study of Sanskrit. tought I am not warranted in saying that this was preparatory to a course of Theosophy, at present so universal a fad among cultivated persons. Dom Pedro studying Sanskrit at sixty was as interesting as Cato learning Greek at eighty, for Cato had certainly the more time of the two. The Emperor did not lose many minutes, for even while riding through the streets of Rio he generally sat bareheaded, his eyes fixed upon a book.

In fact, his mixture of intellectual and physical activity was remarkable. I have just read, in a Portuguese newspaper, an account of his life in Paris while on a visite to Emperor for the restoration of his healt. It is amazing that an invalid should so sport with vitality, if so profuse an expedinture of strength on legitimate objects may correctly be termed sport. Among scientists whom he visited was the celebrated astronomer Camille Flammarion. Attended by a suite of twenty-persons, Dom Pedro explored the astronomer's library and observatory, and examined his scientific collections and instruments. The gyrating dome contained a large equatorial telescope. an instrument of great precision, the management of which, however, was entirely familiar to the imperial visitor. The man who was really the fashion in the capital which has the reputation of making a worship of frivolity was the man who is now ex-Emperor. The only visitor who has since eclipsed him is our own Edison, who created as much sensation among the republicans as Franklin the first tamer of the lightning, did among the court of which he was the cynosure. Dom Pedro, living at the Grand Hôtel, admitted a constant stream of visitors, and ran as much danger of «making himself common» as the President of the United States during a hand-shaking at the White House. He talked to all intelligently and modestly, reserving to himself the right, conceded alone to kings and journalists, of asking questions. His walk in life there was a tessellated pavement of business and pleasure. After frequenting scientific institutions, he indulged society with his presence by attending balls. Whatever interested humanity appeared to come within his ken. Balzac called himself the secretary, inasmuch as he professed to do nothing but record his observations of it. Dom Pedro was also its secretary in a more restricted sense, for his observations, though not recorded for the public eye, were made with unflagging industry upon a vast range of material. He saw all the notable pictures, he was fond of meeting great artists. He did not forget the conservatory, he remembered the race-course, he was seen upon the exchange, and he applauded at the opera.

With but one exception, the reign of Dom Pedro is longer than that of any other living monarch. The accession ef Queen Victoria preceded his by four years. It was during his reign, and through his exertions and influence, that Brazil grew steadily in power and influence, that Brazil grew steadily in power and standing. Few persons realize that this country is nearly as large as Europe, larger than the United States was previons to the acquisition of Alaska. Of the South American states it is the first, not only in size, but also in enlightenment and importance. It has vast resources. Its soil is fertile, its pastures are immense. its forests are gigantic, its store of minerals and precious stones is apparentlye xhaustless. The national finances are in a prosperous condition. Railways have been built, telegraph and cable lines have been extended in all directions and all the large rivers have been made navigable. In these things, as well as in the abolition of slavery and the interest of free education throughout the empire, the hand of Dom Pedro has been felt. Procrastination in a good cause was not his vice. He can not be thought of as deliberately putting off till the last moment any thing necessary—excepting death itself.

But, after all, the vital question is whether a republic in Brazil is likely to prove a success. We are not reassured on recalling the history of the neighboring republics which are peopled by a similar race. Nevertheless, had not Brazil been so nearly a republic in everything but name, it is doubtful whether the empire would have lasted so long. Governments, like religions, to be useful and abiding must be suited to the genius of the people who adopt them. Time alone can prove whether the sovereign power of representatives elected by the people is better for the Brazilians than a limited constitutional monarchy. As the talented and original Marie Bashkirtseff remarks in her suggestive diary that is now being so widely read: « No other form of government can be compared to the ideal republic; but a republic is like ermine—the slightest blemish upon it renders it worthless. »

Will the republic of Brazil attain this lofty standard? Every worthy citizen of the United States should ardently hope so.

The military dictatorship, that constitutes the Provisional Government in Brazil, has the sympathy of the country, as is shown by the acceptance of the republic by all the provinces with very little hesitation, Bahia alone, the conservative original capital, mildly protesting against the overthrow of monarchy.

The persistence of the new authorities in destroying all visible traces of the empire has shown the intensity of the

republican animus. After the imperial coat-of arms and flag were ordered down from all buildings, the streets rechristened which were named after the Emperor and his family, and the word « imperial » stricken from the common use, the Government ungenerously ordered that the « Dom Pedro II Railway » be know hereafter as « The Central Railway of Brazil », and that the « Pedro II College » should be « The National Institution of Instruction ». In both of these the Emperor took great interest, and it will be impossible by the elimination of his name to suppress the identity of these and similar undertakings with his breadth of purpose.

The first move of the new Government in decreeing universal suffrage, instead of the educationally and pecuniarily limited suffrage of the old *régime*, and in dispensing extraordinary power for the state governments, has insured a broad popularity for its administration, even though the army sustaining the new Government has been largely incraesed. The words of Senator Paulo, ex-minister of two conservative cabinets, are illustrative of the general acceptance of the situation. « In the present circumstances, in view of the accomplished fact of the pacific revolution that proclaimed the republic, and taking into consideration the manner in which the population welcomed it and accompanies the logical developments of its consequences, the principāl preoccupation of Brazilians is the necessity for mantaining order....

The Provisional Government will have our decided support so long as is keeps within the limits traced by the duty of securing the free manifestation of the national vote for the organization of the definite form of government. We believe that we express the opinion of all, or nearly all, the citezens, whatever be their political connections or affiliations with the parties to which they belonged.

The last move of the Fonseca Government, in postponing the first national election until next fall and in revoking the financial allowances made to Dom Pedro on the eve of his departure, are not calculated to inspire confidence in the intrinsic strenght of the leaders, and the recent news of the death of the ex-Empress and her last words. « Poor Brazil! » condoling the misfortunes fallen upon the land of her constant thoughts, may cause an imperial reaction. But whatever the result, the world will always remember the wisdom and the kindheartedness of the Emperor whom Gladstone termed « the model ruler...

(*In and out of Central America*, etc. by Frank Vincent — New York.—D. Appleton and Company—1890).

Um amigo da França

Debaixo d'este titulo publicou o jornal parisiense *La France Moderne* um artigo em que largamente se occupa com a nação brazileira e o seu ex-imperador D. Pedro II.

O *Jornal do Commercio* estampou na *gazetilha* um resumo d'esse artigo; mas entendemos que com interesse o lerão na sua integra os nossos assignantes.

Em seguida, portanto, inserimos a traducção que d'elle fizemos.

—

A 10 de Julho de 1888, em Pariz, um banquete reunia as summidades politicas, litterarias, scientificas e artisticas da França para celebrar um dos maiores acontecimentos do seculo: a abolição do captiveiro no Brazil.

Entre os eloquentes discursos pronunciados n'esse memoravel festim, cumpre citar o do Sr. Julio Simon.

— « Quizera, dizia o illustre orador, ser eu proprio um escravo liberto de hontem — e mais accelerado não me batêra o coração n'este momento! — quizera sêl-o para dizer a Sua Magestade D. Pedro e á sua augusta filha, a Princeza imperial, a esses dous poderosos que se têm lembrado dos miseraveis, aquillo que dirá a posteridade! »

Nós, tambem, quizeramos ser um *escravo liberto de hontem*. Unido ao hosana dos Brazileiros, humildemente offerecêramos a Sua Magestade a respeitosa homenagem de um coração francez.

Sua Magestade D. Pedro de Alcantara é maior que todos os soberanos do seculo, mesmo sem sceptro nem corôa: pai do povo, estadista, chefe do exercito, politico habil e leal, prudente administrador, elle sobretudo foi o Bemfeitor da Humanidade.

A extraordinaria precocidade de sua intelligencia o tinha posto, muito joven, na primeira fila dos espiritos superiores. Que monarcha, aos 15 annos, foi considerado capaz de governar um povo e pacificar um estado entregue a anarchia?

O mais sabio dos reis foi tambem protector das sciencias, das lettras e das artes. D. Pedro é um dos homens mais eruditos da nossa época. Nenhuma litteratura lhe é desconhecida ; falla correntemente 14 ou 15 linguas. Ainda hoje estuda.

Emfim D. Pedro II, objecto da admiração universal, é o unico imperador ou rei cuja historia se tenha podido escrever em vida sua.

Para prevenir qualquer censura de exaggeração, lancemos rapida olhada sobre o Brazil e a fundação do governo imperial.

O Brazil, descoberto em 1500 pelo portuguez Pedro Alvares Cabral, foi colonisado até 1653, época na qual se tornou um principado sujeito a Portugal. Este reino foi ameaçado, em 1807, de ser invadido por Napoleão, dominador da Europa. D. João, regente em nome de sua mãi, a rainha D. Maria I, embarcou para o Brazil com a familia real. A séde do governo estabeleceu-se no Rio de Janeiro, que ficou sendo a capital (1808).

Alguns annos depois, em 1815, a antiga monarchia portugueza foi chamada Reino Unido de Portugal, Brazil e Algarves. O principe regente, acclamado rei pela morte de sua mãi, D. Maria I (1816) tomou o nome de D. João VI. Cinco annos mais tarde regressou para a Europa, deixando no Brazil seu filho D. Pedro, instituido principe regente do reino do Brazil.

Mas as côrtes, que funccionavão em Lisbôa, quizerão destruir no Brazil a obra civilisadora de D. João VI, supprimindo os tribunaes e as escolas de ensino superior. Decretárão que a Portugal voltasse o principe regente, e a creação de um grande numero de colonias, dependentes da capital, Rio de Janeiro.

Os Brazileiros não se deixárão intimidar. Sacudindo o dominio portuguez e pondo á sua frente o principe D. Pedro, travárão com as côrtes de Lisbôa uma lucta de que sahirão victoriosos. O principe regente proclamou a independencia do Brazil, e, pouco depois, a 12 de Outubro de 1822, foi acclamado imperador sob o nome de D. Pedro I.

Desde então até 7 de Abril de 1831, dia da abdicação de D. Pedro I, o Brazil foi perturbado per guerras incessantes, internas e externas. Além d'isso, grande rivalidade entre os Brazileiros natos e adoptivos dividio o imperio e suggerio ao soberano a resolução de abdicar em favor de seu filho D. Pedro, que tinha nascido no Rio, em 2 de Dezembro de 1825.

Assim terminou o reinado demasiado breve de um soberano cavalheiroso, que, rodeado de conselheiros inexperientes, teve a gloria de fundar o Imperio do Brazil. D. Pedro I soube estabelecel-o com autoridade, apezar de agitações inevitaveis e innumeras difficuldades causadas pelo estado physico d'esse immenso paiz, quasi selvagem e ainda inexplorado.

D. Pedro II só tinha cinco annos quando o acclamárão «Imperador constitucional e defensor perpetuo do Brazil.» Não tinha familia. Sua mãi, D. Leopoldina, filha do imperador da Austria, morrêra um anno depois do nascimento de D. Pedro II. Seu pai luctava em Portugal pela causa da liberdade.

Essa puericia, tal isolamento inspirárão no começo temores pelo porvir da monarchia brazileira. Mas cedendo a

sentimentos generosos, o povo se entregou ao jubilo de possuir emfim soberano nascido na terra do Brazil.

Constituio-se uma regencia para governar o estado durante a minoridade de D. Pedro. Esse periodo agitado teria infallivelmente trazido a dissolução do imperio si não forão o patriotismo e o illustrado bom-senso de uma grande parte dos Brazileiros.

No meio das luctas intestinas, das hostilidades que sem cessar renascião com paizes estrangeiros, D. Pedro recebia uma educação liberal, que lhe desenvolvia a intelligencia e o criterio. Trabalhador infatigavel, o joven imperador muitas vezes se levantava de noite para estudar: queria tudo aprender e saber tudo.

Quando outros estudantes ainda são crianças, D. Pedro II era um homem.

Diante das perturbações que desolavão o paiz, o parlamento julgou indispensavel abreviar a minoridade do imperador, que foi declarado maior aos 15 annos, em 23 de Julho de 1840. Estava na altura da missão perigosa que o Imperio lhe confiava. Resolutamente organisou o seu primeiro ministerio.

No anno seguinte, a 18 de Julho, a ceremonia da sagração e da coroação effectuou-se na cathedral do Rio, em meio do enthusiasmo popular, realmente indescriptivel.

A 23 de Julho de 1842 foi assignado em Vienna, o contracto matrimonial do imperador com a princeza Thereza Christina Maria de Bourbon, filha de Francisco I, rei das Duas Sicilias. A 30 de Maio de 1843 o imperador despozou-a por procuração, em Napoles, e pessoalmente em 4 de Setembro do mesmo anno. O anjo de caridade ia reinar sobre o Brazil.

Subindo ao throno, o imperador teve de acalmar a effervescencia dos espiritos revoltados em varias provincias. Rudissima tarefa para um monarcha de 18 annos! Mas tão corajoso quão habil assegurou a ordem por todo o Brazil, um dos mais vastos imperios do mundo, dezeseis vezes maior do que a França.

Em 1850 D. Pedro supprimio o trafico dos negros. Durante os dous annos seguintes, firmou a independencia do Uruguay, do Paraguay e libertou de cruel tyrannia os habitantes do Prata.

Os crimes do dictador Rosas, da Confederação Argentina, suas provocações que attingirão a honra do Brazil, exigirão a intervenção armada do imperio. D. Pedro appellou para a França e a Inglaterra, que resolvêrão intervir sós, sem o auxilio do Brazil.

O bloqueio das costas de Buenos Ayres durou cerca de tres annos, de 18 de Setembro de 1845 a 11 de Junho de 1848. A grande victoria de Obligado, que assignalou o primeiro anno do assedio, foi ganha pelos commandantes Tréouard e Hotam sobre as tropas de Rosas.

As provocações do dictador tornando-se dia para dia mais insultantes, o Brazil e o Paraguay assignárão contra elle um tratado de alliança (25 de Dezembro de 1850). Esta guerra de um anno acabou na batalha de Monte Caseros (3 de Fevereiro de 1852) ganha por uma divisão brazileira e outra paraguaya.

Rosas, vencido, refugiou-se na Inglaterra.

A intervenção do Brazil terminou uma guerra que indefinidamente se prolongava, apezar dos exercitos francez e inglez.

A *Revue des Deux Mondes* de 1852 apreciou n'estes termos o papel do Brazil :

«Não é possivel desconhecer a habilidade e o vigor que empregou o gabinete do Rio de Janeiro para tratar d'este negocio. Foi para elle incontestavel triumpho, tanto mais lisongeiro para o espirito nacional quanto ao Brazil cabe o dizer que foi bem succedido, onde tinhão naufragado os mais poderosos governos europeus.»

A partir d'essa época uma éra de civilisação e progresso se abrio para o Brazil. Graças á politica de conciliação do imperador, e aos sabios ministros de que soube rodear-se, gozou o paiz dos beneficios da paz. Depois de haver supprimido o trafico dos negros, D. Pedro quiz augmentar a prosperidade nacional. Traçou estradas, franqueou rios aos navios estrangeiros, inaugurou linhas de paquetes a vapor, introduzio as estradas de ferro e o telegrapho, construio escolas e chamou colonos da Europa.

Comparando o estado financeiro, commercial, industrial do Brazil em 1830 com o que hoje é, sentimo-nos tomados de admiração para com um soberano que soube operar tão prodigiosa transformação. Basta, para que d'isso nos convençamos, o erudito trabalho do Sr. Levasseur, do Instituto, sobre o commercio brazileiro.

O imperador D. Pedro, civilisador, philanthropo dentro do imperio, sempre seguio externamente conciliadora politica. Em todo o seu reinado apenas duas vezes esteve em guerra com vizinhos, e ainda assim porque fôra provocado. Nunca teve projecto de conquista, e nada tentou para engrandecer os seus estados.

D. Pedro II permaneceu fiel á sua divisa : *Progresso, liberdade, patriotismo* !

Cheio de indulgencia, perdoou os crimes politicos, e após suas victorias concedeu amnistia geral. Nunca permittio uma execução capital. A esse principe philosopho, amigo do povo, e que faz lembrar Marco Aurelio, o imperador romano, perfeitamente se applica o verso da *Henriade* de Voltaire:

« Il fut de ses sujets le vainqueur et le père! »

A famosa guerra do Paraguay, que devia ser tão longa, foi gloriosa para as armas brazileiras.

O Paraguay, desde muito tempo agitado pelas revoltas de dous partidos rivaes, *blancos e colorados*, repellio as justas reclamações que lhe fez o governo brazileiro. Sem declaração de guerra o dictador Lopez II, tyranno orgulhoso e sanguinario, começou as hostilidades capturando um navio brazileiro, cuja equipagem e passageiros aprisionou em 12 de Novembro de 1864.

Durante os cinco annos que durou a guerra, D. Pedro não cessou de activar os trabalhos e a expedição de tudo o que era necessario ao exercito. Inimigo de combates, lamentava as delongas d'essa campanha longinqua: mas cheio de confiança no exito animava as manifestações do patriotismo brazileiro.

Ao principe Gastão d'Orleans, Conde d'Eu, filho do Duque de Nemours, esposo da princeza imperial, D. Isabel, herdeira do throno, pertence a honra da victoria. Succedendo ao bravo marechal Caxias, esmagou os paraguayos e vindicou a honra de sua patria adoptiva. O dictador morreu na fuga, após si deixando sinistra recordação.

Em seguida á conclusão da paz, D. Pedro se occupou com preparar a abolição do captiveiro. O trabalho agricola estava entregue a escravos, a libertação precipitada arruinaria a lavoura e a nação. A prudencia exigia a necessaria lentidão em tal reforma. Em França a emancipação subita e sem preparo (1848) por muito tempo arruinou as suas colonias.

A liberdade dos nascituros foi concedida por uma lei que a princeza imperial Regente sanccionou em 28 de Setembro de 1871.

O imperador, realizando a sua primeira viagem por paizes estrangeiros no Egypto soube que de então em diante todos os filhos de escravos nasceriāo livres. Para o seu espirito christão foi alegria infinita!

Emfim, depois de muitos annos de luctas parlamentares entre os fazendeiros e os abolicionistas, triumphou o partido da humanidade.

A escravidão foi abolida no Brazil em 13 de Maio de 1888.

A princeza imperial, de novo Regente, teve a gloria de sanccionar esta lei e recebeu a *Rosa de Ouro,* que lhe conferio S. S. Santidade Leão XIII.

Assim, em menos de 17 annos o Brazil operava pacificamente essa transformação social, que dava a liberdade a dous milhões de escravos.

D. Pedro II recebia a justa recompensa de seus trabalhos e da sua generosa dedicação.

Houve descontentes: certo que os ha por toda a parte. Certos fazendeiros — pretensos republicanos! accusárão o imperador de impôr a sua vontade ao paiz. Esses mercadores de carne humana, para quem a liberdade não é mais do que o direito de tudo fazer, não receiárão ameaçar o mais caridoso dos principes e sua augusta filha a princeza imperial.

... Logo a nuvem que se achava no horisonte do Imperio adiantou-se ameaçadora... Desencadeiou-se a tempestade, fulminante na sua rapidez, terrivel nas suas consequencias!

Alguns soldados, cumulados de honras e beneficios pelo soberano, violentamente lançárão mão do poder, sem que um povo reconhecido consentisse em tomar parte n'essa conspiração urdida contra o melhor dos principes.

Obrigado a deixar o Brazil, cuja prosperidade promovera, D. Pedro II, recebia a consagração do martyrio!

A França eil-a aqui, tambem vencida, mas sempre valorosa, sempre de pé! Ao imperial exilado estendeu os braços...

Arrancárão aos filhos um pai bem amado; a França perdeu duas filhas adoradas. As augustas victimas têm o coração dilacerado com chaga sempre aberta. A sympathia que as enlaça, maiores e mais fortes torna uma e outra; e na dôr commum se inclue a esperança de proxima desforra e de estrondoso triumpho.

L. D. de Savignac.

(*O Brazil*, 23 e 24 de Fevereiro de 1891).

G. Verschuur

« Voici le palais de l'Empereur, modeste bâtiment, bourgeoisement meublé et ressemblant plutôt à un hôtel de province qu'à la demeure d'un souverain. Nous le parcourons entièrement; il ne présente aucun intérêt particulier, Dom Pedro menait une existence des plus simples; sa fortune était loin d'être considérable il la prodiguait volontiers aux

pauvres et aux institutions de bienfaisance. On m'affirmait partout que le pays était très démocratique qu'on avait une haute estime pour l'empereur à cause de ses qualités personelles et son noble caractère. »

(*G. Verschuur — Aux Antipodes — Voyages en Australie, á la Nouvelle-Zelande, aux Fidji, à la Nouvelle Calédonie, aux Nouvelles Hebrides et dans l'Amérique du Sud* — 1888—1889 - Paris—Librairie Hachette & C. 1891).

Dous de Dezembro

Faz hoje 66 annos o veneravel banido que por mais de meio seculo dirigio os destinos da sua e da nossa patria.

Grande como foi, na qualidade de chefe da nação brazileira, pelo seu patriotismo, pela sua dedicação ao cumprimento do dever, pela pureza illibada de sua vida, o Sr. D. Pedro tem-se mostrado ainda maior no infortunio pela sua sublime resignação e nunca desmentido amor á patria.

Todos os Brazileiros sem distincção de crenças politicas honrão-se em ter como compatriota um dos vultos mais importantes da segunda metade d'este seculo.

(*Jornal do Commercio*, 2 de Dezembro de 1891).

A' S. M. o Imperador D. Pedro II

D'estas longinquas plagas, saúdo, e reverente beijo as mãos saudoso pelo vosso feliz anniversario natalicio. A Deus peço que prolongue a vossa preciosa existencia por dilatados annos, e que ainda do exilio saia e venha conviver na vossa patria estremecida, junto a muitos de vossos amados filhos. São, Senhor, os ardentes votos de quem é e sempre será, seu subdito admirador.

Carlos Gomes de Oliveira Campbell.

S. Joaquim da Barra Mansa, 2 de Dezembro de 1891.

(*O Brazil*, 5 de Dezembro de 1891).

Honras

— O Governo resolveu que se prestasse ao Sr. D. Pedro de Alcantara todas as honras militares, conforme o uso seguido em caso de fallecimento, em territorio francez, de um ex-soberano de nação amiga da França.

Foi grande a affluencia de visitas ao hotel Bedford.

O corpo do ex-Imperador assim que expirou foi coberto com a antiga bandeira Brazileira.

Um artista distincto foi chamado ao hotel Bedford para retratar o Sr. D. Pedro depois de embalsamado.

Consta que os Srs. Condes d'Eu acompanhão os restos mortaes do Sr. D. Pedro d'Alcantara até Lisbôa.

O dia do funeral está fixado para quarta-feira (9) na igreja da Magdalena. Corre que o Sr. D. Pedro não deixou testamento politico.

— O Sr. Conde de Muritiba, veador da Condessa d'Eu, declarou a um redactor do *Eclair*, que sua augusta ama não tencionou nunca renunciar os seus direitos ao throno do Brazil a favor de seu filho, além de que não teve ainda occasião de se manifestar a tal respeito. Accrescenta o *Eclair*, que o Conde d'Eu o autorisára tambem a declarar, que são destituidos absolutamente de fundamento todos os boatos sobre actos politicos attribuidos á princeza herdeira do Sr. D. Pedro.

(Perdeu-se o nome e data da folha onde foi publicado o trecho precedente, mas que se presume ser o *Jornal do Commercio*).

Reunião popular

Ante-hontem, á 1 hora da tarde, teve logar no Asylo de Nossa Senhora da Conceição, uma grande reunião popular, convocada para uma manifestação de pezar pelo fallecimento de D. Pedro II.

Numeroso foi o concurso de pessoas e ficou resolvido: agradecer-se á França e á seu governo; tratar-se de transportar o cadaver do Imperador e reunir seus ossos e de todos os membros fallecidos de sua familia em uma capella edificada em um dos cemiterios d'esta capital.

(*Apostolo*, 13 de Dezembro de 1891).

D. Pedro de Alcantara

CAXAMBÚ

Os abaixo declarados, tendo feito celebrar hoje uma missa com *Libera-me* em suffragio á alma do exemplar ex-Monarcha D. Pedro de Alcantara, prototypo de patriotismo, honra e caridade, cumprem um imperioso e imprescindivel dever, agradecendo a todas as pessoas que, manifestando grande pezar e

sentimento pela dolorosa noticia do passamento de tão illustre cidadão, corrêrão pressurosas a tomar parte n'aquelle acto religioso.—*Manoel Antunes Baptista.— João Ferreira de Castilho.— Germano Xavier de Mendonça.— Venancio da Rocha Figueiredo Junior.— Joaquim Cornelio Lopes.— Martinho dos Santos.— José Gonçalves Borges.— Manoel de Salles Abreu. —Joaquim Ferreira Braga.— Eduardo Ernesto de Oliveira. —João Carlos Vieira Ferraz.*

Caxambú, 11 de Dezembro de 1891.

(*Jornal do Commercio,* 15 de Dezembro de 1891).

D. Pedro de Alcantara

Adormeceu tranquillo no regaço amigo da morte o homem illustre, que por muitos annos foi chefe de uma nação amiga, e que, no exercicio da sua elevada magistratura, teve ensejo para prender pela gratidão e pelo affecto numerosos portuguezes, os quaes hoje pagão uma divida sagrada no derradeiro tributo prestado ao que lhes foi amigo.

A morte de D. Pedro de Alcantara nem foi uma surpreza, nem póde hoje causar o menor sobresalto politico; e por isso a homenagem que lhe prestamos aqui é toda á memoria do homem illustre, que soube conquistar as sympathias de toda a Europa, e que, ainda quando o acaso o não tivesse feito nascer n'um throno e a vontade popular o não houvesse feito descer d'elle para o exilio, teria nas suas qualidades individuaes, na altissima nobreza do seu caracter e na larga opulencia da sua cultura intellectual, titulos sufficientes para a commemoração posthuma, para o elogio necrologico.

Porque a verdade é que se os Brazileiros não quizerão que D. Pedro de Alcantara continuasse a ser como fôra durante meio seculo, o presidente inamovivel e vitalicio da republica brazileira, e sobretudo talvez, que não podesse transmittir por herança a autoridade presidencial, nenhum d'elles, nem dos mais exaltados na fé republicana, deixão de se sentir honrados por terem D. Pedro de Alcantara por compatricio.

Se não o aureolavão já hoje os esplendores imperiaes, foi sempre e sempre será na historia da patria um brazileiro illustre, que pelo nascimento e pela imposição dos acontecimentos desempenhou no seu paiz uma alta missão.

Esse titulo basta para que a sua memoria honrada tenha jus á veneração dos portuguezes sempre amigos do Brazil,

sempre interessados pelas suas prosperidades, sempre sobresaltados pelas suas desventuras, ou ellas occorressem sob o regimen monarchico ou ellas possão vir a occorrer sob o regimen republicano.

* * *

A larga previsão antiga tinha marcado, com a confiança de uma certeza mathematica, os grandes acontecimentos do Brazil para o momento da morte do imperador D. Pedro II.

Havia n'este prognostico feito durante muitos annos, como que a prévia affirmação da vontade do povo brazileiro consorciada á veneração e respeito que lhe inspirava o ancião, encanecido e alquebrado no espinhoso officio de presidir aos destinos da nação; havia um commovedor sentimento de piedade filial da parte dos revolucionarios, querendo poupar commoções violentas e dolorosas ao velho imperador e propondo-se a adiar para depois da sua morte que a idade e os achaques deixavão antever proxima, a realização dos seus idéaes.

Nenhuma estranheza haveria, pois, em que os acontecimentos de 15 de Novembro se estivessem realizando agora ou quando D. Pedro cerrasse os olhos no palacio imperial, tornando o manto de imperador em mortalha propria e do imperio.

A torrente impetuosa dos factos politicos, porém, com surpreza talvez de muitos dos que n'elles figurárão, antecipou o desenlace da situação monarchica, e impedio a realização do terceiro reinado, supprimindo o segundo em vida do imperador.

Mas a republica triumphante, se o fez descer do throno, porque estava isso na logica dos acontecimentos, se o afastou do Brazil, porque estava nas exigencias da sua precaução, nem contra elle formulou accusações, nem acompanhou da maldição popular o navio que o transportava, deposto e exilado, á Europa.

Aquella revolução fôra pacifica em todas as regiões, desde a praça publica, onde ella triumphara, até ao paço, onde não encontrara a menor sombra de resistencia.

Leopoldo I da Belgica, o mais discreto dos reis modernos, dizia uma vez aos revolucionarios do seu paiz, que, se não estavão contentes com elle, o avisassem, bastava apenas com a precisa antecipação para preparar rapida a viagem de partida. D. Pedro nem de tanto precisou, nem a intimação ou aviso prévio tinha reclamado, e quando vio que a nação o não queria como chefe do Estado, resignou-se á sua sorte, doendo-lhe mais do que perder a corôa e sceptro, o perder o direito commum de todos os Brazileiros de viverem e morrerem na terra do Brazil.

Algumas vezes elle, na previsão dos acontecimentos, dissera que, se o desthronassem, o seu idéal seria ficar mestre de meninos na sua terra, ensinando aos outros o que sabia, cooperando no labor quotidiano para o progresso e illustração da sua patria.

Puro gracejo! os reinantes desthronados não cabem na terra onde exercêrão o supremo mando.

Por mais sincera que fosse a abnegação de D. Pedro, nem a sua presença, embora na mais modesta e inoffensiva das posições, deixaria tranquilla a republica, nem deixaria tranquillas as ambições soffregas dos monarchicos ou dos despeitados, que d'elle fizessem bandeira de protesto.

O exilio estava, pois, na logica das cousas, e, por muito doloroso que elle fosse a um velho, e sobretudo a uma pobre senhora, já carregada de annos e de doenças, e por muito doloroso que fosse até para os que o impunhão como necessario, era inevitavel á tranquillidade de todos, a d'elle propria mais do que a de ninguem.

* *

Os acontecimentos abrirão, pois, uma nova phase na existencia de D. Pedro de Alcantara.

Desapparecera o imperador do Brazil; ficára o homem que toda a Europa culta se acostumara a considerar e venerar; ficara o homem que tinha os chefes das casas reinantes por amigos e por parentes, que tinha os sabios das academias por consocios e companheiros de trabalhos; ficara o homem que não tinha patria, mas que encontrava nova patria em toda a Europa.

D. Pedro, se não era um genio, era um espirito de muita cultura e illustração, de natural bom senso e juizo prudencial, com larga experiencia do mundo e dos homens; e conseguintemente representando um papel distincto entre as illustrações dos diversos paizes, sabendo ver e investigar, procurando um ou mais dos trabalhos intellectuaes para a elles se dar com amor e com affecto, occupação dos ocios da sua vida, distracção das suas tristes preoccupações.

Assim viveu dois annos e poucos mais dias, depois que a revolução lhe impoz o caminho do desterro.

Perdera a sua boa e santa companheira, que não teve o stoicismo para resistir á dôr de a afastarem do seu Brazil tão querido, das suas amigas de tantos annos, do seu mundo e dos seus affectos. Alma de mulher, toda vivendo pelo sentimento e para o sentimento, esmoreceu no exilio e foi procurar outra patria nos mundos inescrutaveis de além da campa.

O ex-imperador ficou só, com a sua velhice, com as suas recordações, com os seus achaques, com os seus trabalhos litterarios, frequentando as academias, praticando com os sabios, consultando os mais notaveis medicos, que por milagre lhe entretinhão o debil fio da vida.

D. Pedro de Alcantara morreu, como devia morrer surprehendendo-o a ultima doença á saida de uma sessão scientifica: o brazileiro illustre expirou como devia expirar com o nome querido Brazil nos labios.

* * *

Aos seus restos mortaes prestou o governo da republica franceza as mais levantadas homenagens de consideração; prestou-lh'as espontaneas e significativas a população de Pariz. E essas homenagens por certo não representárão um protesto a favor da monarchia ou um sentimento de mal-querença contra a republica brazileira; representárão a veneração pela memoria do homem illustre pelas suas qualidades pessoaes, illustre pelo seu reinado de meio seculo sobre um paiz que, pelos seus vastos recursos, pela sua juvenilidade, pelas suas condições, elle teve a ventura de ver prosperar e progredir, tornando-se respeitado por todas as nações dos dois continentes.

As revoluções podem realizar o ideal dos povos, mas não apagão, nem procurão apagar a historia, que é o passado. Ao lado de toda a gloria de que se possa aureolar a republica brazileira de hoje, fica logar, na pagina anterior, para as glorias do imperio, em que se substanciou o quasi unico imperador do Brazil.

Portugal não podia deixar de prestar eloquente homenagem aos seus restos mortaes.

Sobre todas as considerações que determinavão os testemunhos da França, havia para os portuguezes a de que o illustre finado era parente proximo do nosso rei, chefe do estado por vontade da nação, e além d'isso a de que tinhamos nós a honra de receber aquelle morto hospede illustre, que nos pedia hospitalidade n'uma crypta para dormir ao lado de sua extincta mulher.

Honrámos a memoria do homem, que muitos portuguezes conhecêrão nas grandezas de imperador do Brazil, a que muitos portuguezes devêrão finezas inolvidaveis, e que tanto antes, como depois de deposto do throno, com as nossas melhores illustrações litterarias e scientificas praticou confraternalmente, honrando sempre a sciencia e a litteratura portuguezas.

Que nos importa que elle fôsse um monarcha desthronado de um paiz, cujas relações comnosco continuão a ser

affectuosissimas sob a nova fórma de governo? Era um parente nosso, um principe da casa de Bragança e sobretudo um homem bom, honrado de caracter e illustrado de espirito.

Que durma em paz no sarcophago de S. Vicente, que a historia não se levantará implacavel a accusal-o de crimes, nem no throno, nem no exilio.

Se a nação brazileira não recebe pezames pela morte do ex-imperador, recebe-os de certo pela morte de um brazileiro que a sua patria amou e a sua gente.

(*Correio da Europa*, 16 de Dezembro de 1891).

Varias noticias

Dizem de Pariz:

O Conde d'Eu achou n'um armario do Imperador um volume lacrado e sellado, e abrindo-o, vio que elle continha terra, e um papel em que se lia:

« *E' terra do meu paiz: desejo que seja posta no meu caixão, se eu morrer fóra da minha patria.* »

O Conde d'Eu executou promptamente a augusta vontade de seu sogro, enchendo com terra do Brazil uma almofada em que repousa a cabeça do Imperador.

* *
*

Foi verdadeiramente imponente a missa de *requiem* mandada celebrar pela benemerita *Sociedade de Beneficencia Brazileira* em Portugal, por alma de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, na Igreja da Encarnação. Foi grande o numero de membros da illustre colonia brazileira que alli prestou esta homenagem de reconhecimento e de saudade, sendo avultado o concurso de senhoras e cavalheiros. Celebrou o Sr. Dr. Garcia Diniz. No cruzeiro erguia-se um elegante catafalco, ladeado por tocheiros. A missa foi acompanhada a orgão e com canticos pelos alumnos da *Escola da Divina Providencia* da freguezia da Encarnação. E' digna de todo o louvor a forma correcta com que a *Sociedade de Beneficencia Brazileira* honrou a memoria do seu preclaro e illustre fundador e protector.

*
* *

Em Penafiel vão celebrar exequias solemnes por alma de Sua Magestade o Imperador do Brazil, sendo mandadas celebrar por varios individuos d'esta cidade que estiverão no Brazil.

*
* *

Veio tambem Sua Alteza Real o principe Alberto da Prussia.

Sua Alteza Real o principe Alberto Frederico Guilherme Nicoláo, sobrinho do Imperador Guilherme I, nasceu em 1837, foi regente do ducado de Brunswick, é inspector geral do exercito chefe de varios regimentos, reitor da universidade de Goettingue, cavalleiro da Aguia Negra, grão-mestre da ordem de S. João de Jerusalém, etc., etc.

Sua Alteza Real traz uma comitiva composta de cinco pessoas e entre ellas um illustre marechal do exercito allemão.

⁂

No noite de 14 partirão para Madrid, no *Sud express*, acompanhados das suas comitivas, os Srs. Conde d'Eu, seu filho e sobrinho, e o principe Alberto da Prussia.

Na *gare* do Rocio, vimos, Suas Magestades, o Sr. Infante D. Affonso, altos dignitarios da côrte e muitas pessoas da colonia brazileira e allemã.

⁂

O nosso collega Alberto Pimentel incluio apropriadamente na sua interessante *Revista da semana*, do nosso collega *O Economista*, um terno adeus da Imperatriz Amelia a D. Pedro II, noticiando este facto do modo seguinte:

« No Rio de Janeiro publicou-se em 1831 um folheto, hoje muito raro, que se intitula *Adeuses* da Imperatriz Amelia ao menino Imperador, cujo titulo basta a indicar o assumpto.

— « Adeus, menino querido, delicias da minha alma, — diz a mulher de D. Pedro I ao pequenino enteado,—alegria dos meus olhos, filhinho que o meu coração tinha adoptado! Adeus! para sempre! Adeus!

A proposito d'esta interessante referencia e da chegada a Lisboa do precioso corpo que encerrou a alma do homem que foi tão grande, tão sabio e tão bom, procuramos em a nossa carteira alguma cousa que se juntasse áquelle saudoso *Adeus* e encontramos um precioso *fac simile*, de uma carta escripta do proprio punho de D. Pedro de Portugal a seu filho D. Pedro do Brazil.

Fez ha pouco 60 annos este papel, que guardamos como uma reliquia pela raridade e porque n'elle vemos como que retractada a lettra de D. Pedro IV e que vamos transcrever com a exacta orthographia com que foi escripto pelo Imperador.

« Meu querido filho e meu Imperador. Muito lhe agradeço a sua carta que me escreveu, eu mal a podia ler porque

as lagrimas erão tantas que me empedião de a vêr; agora me acho, apezar de tudo, um pouco mais descançado, faço esta para lhe agradecer a sua, e para certificar-lhe que emquanto vida tiver as saudades jámais se extinguirão em meu dilacerado coração.

«Deixar filhos, patria e amigos, não póde haver maior sacrificio, mas levar a honra illibada, não pode haver maior gloria. — Lembre-se sempre de seu pai e ame a sua e minha patria, siga os conselhos que lhe derão aquelles que cuidarem na sua educação, e conto que o mundo o ha de admirar, e que eu me hei de encher de ufania por ter um filho digno da patria. Eu me retiro para a Europa: assim é necessario para que o Brazil socegue, o que Deus permitta, e possa para o futuro chegar aquelle grão de prosperidade de que é capaz. A Deus, meu amado filho, receba a benção de — seu pai que se retira saudoso e sem mais esperanças de o ver. — D. Pedro de Alcantara. — Bordo da Nau *Warspites*, 12 de Abril de 1831.»

Toda a imprensa de Lisboa consagrou artigos especiaes, da mais respeitosa homenagem, á memoria de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II.

* * *

O ultimo trabalho publicado pelo Imperador intitula-se:

Poésies *Hebraico Provençales* du *Rituel Israelite Contadin*, traduites et transcrites par S. M. Dom Pedro d'Alcantara empereur du Brésil. — Avignon. — Seguin Frères, Imprimeurs—éditeurs, rue Bouquerie, 13—1891.»

* * *

Para darmos ainda uma idéa do valor intellectual e moral de D. Pedro de Alcantara, vamos reproduzir um dos trechos mais brilhantes de um dos seus mais notaveis discursos academicos:

. . . .

«Encanta-me a leitura da Biblia. N'ella não vêmos sómente o pacto fundamental da nossa religião, senão que tambem (mórmente em alguns livros santos) os mais admiraveis modêlos de estylo, na elegancia, na grandeza, nas imagens, na altiloquia, na inspiração verdadeiramente divina. Os prophetas são os primeiros poetas do mundo: as *Lamentações* de Jeremias, deplorando a sorte da sua patria; a sublimidade de idéas, a energia dos quadros, a vehemencia do estylo de Isaias, no *cantico* sobre a *Ruina de Babylonia;* Daniel annunciando a vinda do Messias e as revoluções dos quatro grandes imperios; Ezequiel em seu estylo allegorico,

posto que um tanto obscuro, mas sempre colorido e vigoroso: tudo isso são paginas de que o espirito humano se ensoberbeceria, ainda quando não fossem revelações divinas. Não ha quem as leia sem sentir profunda commoção. E' tambem Tertuliano e principalmente a sua ferrea *Apologetica*, uma das obras religiosas que mais me exaltão.

« Entre os historiadores da antiguidade muito me apraz Thucydides. O auctor da *Historia da guerra do Peloponeso*, o modelo de Demosthenes, deveria sel-o de todos os historiadores: — imparcialidade, methodo, instrucção, bom juizo, tudo o habilita a explanar habilmente (e como sempre, para ser util, conviria á historia) as causas, mólas e consequencias dos successos; assim o seu vigor fosse um tanto mais temperado por poesia de estylo. Ainda mais me agrada Tacito, o conciso, o imparcial, o philosopho, o verdadeiro, o eloquente profligador do crime e da tyrannia. Feliz Augusto que tratou, premiou e inspirou taes vultos como Virgilio e Homero. Aquelle, rival de Homero, será sempre o typo da perfeição: este, sublime como Pindaro, gracioso como Anacreonte, numeroso como Archiloco e Sapho, este poeta intraductivel, como todos os grandes poetas, satisfaz tanto mais na leitura, quando exige frequentemente — attenção e estudo para conceder essa gratificação.

« E', em todos os sentidos, primeiro poema da linguagem italiana a *Divina Comedia* e das mais extraordinarias concepções. Afastados por mais de seis seculos d'aquelle idioma, d'aquellas illusões, d'aquellas obscuridades, que já no seu tempo o erão, não saboreamos hoje a *Trilogia* como fôra para desejar: mas por tal arte me enleva a sua leitura que conservo na memoria os mais notaveis dos seus cantos. Compulso com respeito as obras de Bossuet parecendo-me a sua *Historia das Variações* modelo de analyse e de argumentação; o *Tratado do conhecimento de Deus e de si mesmo*, obra do profundo philosopho e grande escriptor; as suas *Orações funebres*, essas irresistiveis demonstrações do nada das grandezas humanas, zenith da eloquencia.

. . . .

« Mas de classicos portuguezes... entre esses todos (Barros, Vieira, Bernardes, Camões, Lucena) o escriptor das minhas sympathias é o admiravel auctor da *Historia de S. Domingos* e da *Vida de Bartholomeu dos Martyres*. Essa elegancia de prosa, essa amabilidade de estylo, essa sublimidade de conceito casão-se tanto com as condições naturaes da minha admiração, que talvez seja o meu affecto a esse grande mestre, que me leva a considerar o drama *Fr. Luiz de Souza*, como a primeira entre tantas distinctas obras de Garrett. Cultivão em

Portugal com grande distincção as lettras n'este seculo e mórmente desde o fim do seu primeiro quarto. Muitos d'esses escriptores são dignos de honrosa menção: e n'essa pleiade brilhante avultão em primeira plana Alexandre Herculano, cuja gravidade de dizer e valentia d'estylo parecem inexcediveis, e Antonio Feliciano de Castilho, cuja musa, e não envelhece, teria produzido os maiores milagres poeticos da nossa lingua».

(*Correio da Europa*, 16 de Dezembro de 1891).

Opinião d'algumas folhas estrangeiras

« Hontem morreu em Pariz D. Pedro, imperador do Brazil. D. Pedro II d'Alcantara, filho de D. Pedro I e da archiduqueza d'Austria, Leopoldina, nascera em 2 de Dezembro de 1825. Era o decano dos soberanos vivos. quando, ao cabo de cincoenta e oito annos de reinado uma revolução o desthronou. E' justo reconhecer que, sob o governo constitucional de D. Pedro, o Brazil fez progressos sociaes lentos, mas da mais alta importancia; será um eterno titulo de gloria para o fallecido soberano ter presidido á completa abolição da escravidão nos seus Estados. Principe erudito, affavel, D. Pedro era muito conhecido na Europa e gostava, como se sabe, de residir no nosso paiz ».—Do *Mémorial Diplomatique.*

« Não chames a ninguem feliz até á hora da morte»......
« Era grande protector das lettras, das artes e das sciencias, e de todos os ramos do commercio e da industria ».—Do *Times.*

« A morte de D. Pedro de Alcantara de Bragança, que nos annunciou o telegrapho foi geralmente sentida. Foi mais que um imperador, foi um homem de bem...

«D. Pedro correspondente de varias Academias, collaborador de diversas revistas, admirador e amigo dos grandes poetas, não offendeu ninguem com as grandezas e esplendores da sua soberania. Estimavão-n'o os subditos; estimavão-o até os proprios que o desthronárão; ninguem o odiou.

«D. Pedro era quiçá unica figura respeitavel e interessante n'essa galeria de reis desterrados, que arrastão em Paris a sua ociosidade. Sentia a nostalgia do seu povo, não do seu throno, e fazia antes votos pela felicidade do povo do que pela restauração do Imperio. Era um homem de bem.

«Exerceu o poder supremo, foi imperador e não deixa atraz de si nem uma gotta de sangue. Quando se póde fazer de um rei oração funebre mais formosa? »—Do *El Liberal.*

« Foi o seu berço de ouro e marfim, nasceu imperador, teve um cerebro cheio de talento, no coração albergou a bondade,

conseguio o amor de uma familia, a adoração de um povo. Foi a felicidade que veio á terra e se fez homem.

« Deu gosto ao entendimento, chegando a ser erudito illustradissimo, um sabio. Proporcionou prazer á rectidão das suas intenções, governando com o coração.

« Vio chorar uma escrava, ao arrancarem-lhe a filha vendida, e abolio o inhumano trafico. Com uma pennada enxugou muitas lagrimas, mas cada uma d'estas roubou-lhe um partidario decidido. Perdeu não poucos amigos, mas evitou que muitos filhos perdessem as mãis. Lançou sobre si o odio de muitos e grandes interesses, sem que isto lhe importasse para cousa alguma, certo de que satisfazia as aspirações liberaes.

« Foi um homem que decretou o que sentia, esquecendo o que pensava. Comprehendeu a necessidade da liberdade e foi no throno do imperio um revolucionario. Durante o seu reinado, tão longo como vasto era o seu imperio, nem um momento descançou na missão de semeiar o bem ».— Do *El Imparcial.*

« D. Pedro II, ex-imperador do Brazil, succumbio hontem em Pariz. Esta morte, apezar de não surprehender, nem por isso deixará de causar certa commoção, não só entre os antigos subditos do ultimo dos Braganças, mas tambem em o nosso velho mundo. Este americano era tão bom europeu, que a Europa seria ingrata se não lastimasse a sua morte. E' caracteristico que esse representante de uma velha dynastia, nas veias da qual corre o sangue de tres das maiores familias reaes ou imperiaes do mundo, fosse atacado da enfermidade a que succumbio, á saida de uma modesta sessão da Academia das Sciencias. D. Pedro não deixára, com effeito, de alimentar as idéas rasgadas e liberaes, que animárão em alto grão, no seculo XVIII, as classes nobres e até algumas familias reinantes, o gosto enthusiastico das cousas do espirito, o culto sincero e respeitavel da sciencia e do intellecto.

« Este aspecto foi posto em evidencia para os francezes, desde que uma revolução, quasi inesperada, derribou do throno e expulsou da patria, após 58 annos de reinado, um soberano, no qual todos estavamos costumados a vêr uma especie de realização imperfeita, mas real, do ideal platonico do rei philosopho ». — Do *Temps.*

« A morte de um soberano é especialmente commovedora quando ás glorias do reinado se juntão, como hoje, as crueis tristezas do desthronamento e do exilio. Assim é a magestade duas vezes sagrada para nós que desapparece em D. Pedro II...

« ... Mui instruido, muito lettrado, mui artista, em relações permanentes com os nossos escriptores e sabios eminentes, membro correspondente da Academia das Sciencias, socio livre do Instituto, conhecendo bem as nossas primeiras composições e os nosso poetas, citando-os até de cór. D. Pedro

fixára a sua residencia em Pariz desde a sua queda do throno, e fôra tratado com tantos respeitos como se reinasse; mas essas homenagens, que o lisongeariâo em outro tempo, não destruião o luto que lhe envolvia a alma: e a sua constante preoccupação e o seu derradeiro pensamento foi o povo, onde reinára...»—Do *Figaro.*

« Se não fosse imperador seria mestre de meninos, disse um dia o Imperador do Brazil, e, n'esta breve phrase, esboçou elle o seu perfil, synthetisando em algumas palavras as suas aptidões e os seus gostos

« O soberano, que falleceu, foi, com effeito, não um mestre de meninos, como elle singelamente dizia, mas um pedagogo, na melhor accepção da palavra, um sabio avido de aprender para poder ensinar.

« Se tivesse nascido n'um meio commum, teria sido professor n'alguma faculdade; chefe de estado, tornou-se o educador do seu povo e a sua situação de soberano constitucional permittio-lhe desempenhar essa missão, o melhor que podia desejar...»—Do *Petit Journal.*

(*Correio da Europa*, 16 de Dezembro de 1891).

Estado de Minas Geraes

De Uberaba escreve-nos a 19, o nosso correspondente:

« O jury convocado para 14 deste não pôde funccionar nesse dia, por terem apenas comparecido 33 jurados, pelo que foi necessario fazer-se o sorteio de 15 supplentes.

No dia 15, tendo comparecido 44 jurados e aberta a sessão, foi admittido o juiz municipal, que apresentou dous processos preparados, fazendo-se em seguida a chamada geral das partes e testemunhas, bem como a tabella dos julgamentos.

Comparecêrão em seguida os réos Amelia Lucinda do Nascimento e José Soares Arthiaga, presos em flagrante e pronunciados incursos como co-réos nos ferimentos graves praticados em José Bernardes Ferreira, na noite de 3 para 4 de Novembro ultimo. Sendo accusados pelo promotor publico e defendidos pelo Dr. João José Frederico Ludovico, forão absolvidos, o segundo pela negativa e a primeira por justificativa fundada em defesa propria.

No dia 16, havendo 44 jurados presentes, compareceu para ser julgada a ré Cornelia, menor de 14 annos, pronunciada no art. 297 do Codigo Penal com referencia ao art. 63, por ter disparado um tiro em duas meninas no dia 28 do mez de Outubro deste anno, pelo que fôra presa em flagrante delicto. O promotor, no libello e no tribunal sustentou a

accusação no art. 306, gráo minimo, fundado na imprudencia, posto manifestasse faltar-lhe base para accusar. Defendida pelo seu curador, advogado Sampaio, foi absolvida.

Não havendo mais processos preparados, o juiz de direito encerrou a quarta sessão judiciaria deste anno, no termo desta cidade, depois de ter agradecido aos jurados, promotor e advogados o concurso e assiduidade, e ter publicado a relação dos jurados multados, da qual a somma se elevou a 562$000.

Presidio as sessões, o juizo de direito da comarca, Dr. Joaquim Ignacio Nogueira Penido, foi promotor o Dr. Egydio de Assis Andrade e escrivão João Baptista Pinheiro.

Todos os tres julgamentos forão considerados justos.

— No ultimo dia da sessão do jury, depois de sorteado e juramentado o conselho, o escrivão João Baptista Pinheiro pedio licença ao presidente do tribunal, para inserir na acta um voto de pezar, pelo fallecimento do ex-imperador do Brazil o Sr. D. Pedro de Alcantara; que outrosim fossem convidados os Srs. jurados a acompanhal-o nesse voto, assignando-o para serem seus nomes inscriptos na mesma acta.

O presidente, concedendo a palavra ao jurado Dr. Gabriel Junqueira, este, fazendo breve historico das virtudes e serviços prestados ao Brazil pelo illustre morto, concluiu, secundando o pedido do escrivão.

Concedida a palavra ao advogado da defesa tenente-coronel Sampaio, este, louvando-se nos generosos sentimentos do escrivão e do precedente orador, pedio que se attendesse a tão justo pedido. Orou ainda o promotor publico, Dr. Egydio de Assis Andrade, que exaltou com expressões de verdade e patriotismo os importantes serviços, amor e dedicação, que sempre havia manifestado ao seu paiz, o Sr. D. Pedro de Alcantara, mesmo em paiz estrangeiro, concluindo igualmente pela manifestação do voto proposto. O presidente convidou áquelle dos jurados presentes ou outros senhores, que desejassem orar sobre o assumpto e conhecendo que todos assentião satisfeitos á proposta, por sua vez orou, manifestando como era justo o pedido, fazendo então breve panegyrico dos serviços prestados pelo ex-monarcha ao paiz, e o quanto elle amava aos Brazileiros; concluindo com o autorisar o escrivão a escrever na acta o voto de pezar que havia indicado. Era commovente ver como os jurados e empregados do tribunal disputavão-se a escrever seu nome em apoio daquelle voto.

A pedido do tenente-coronel Sampaio foi tambem determinado pelo presidente que na acta se inscrevesse um voto de agradecimento ao governo e povo da França, pelo modo porque procedêrão com o illustre finado, antes e depois de seu passamento. Indicação que foi por todos apoiada.

— Na audiencia ordinaria do juizo de direito da comarca, presidida a 14 do corrente pelo Dr. Joaquim Ignacio Nogueira Penido, este fez lançar nos protocollos o seguinte:

« Declara o mesmo juiz que, sendo esta a primeira audiencia depois da noticia do fallecimento de D. Pedro de Alcantara, ex-imperador do Brazil, em consideração ao muito que fez D. Pedro em prol desta terra de Santa Cruz, manda que nos protocollos se lance um voto de sentimento por tão sentido passamento. »

(*Jornal do Commercio,* de..?.. de Dezembro de 1891).

D. Pedro de Alcantara

No dia 5 do corrente, falleceu na cidade de Pariz, o principe cujo nome epigrapha estas linhas.

O sentimento provocado por tão infausto passamento, para honra nossa, não foi vulgar, não foi tão pouco precoce e passageiro; produzio geral surpreza commovedora, abalou a população inteira da vastissima Republica brazileira. A imprensa unanime registrou, sentimentalisada, a morte do principe illustrado e magnanimo, que durante quasi meio seculo, dirigio os destinos do Brazil.

O povo surprehendido pela presteza de tão inesperado fim, sentio como se D. Pedro de Alcantara ainda fosse o legitimo chefe supremo do governo da Patria que elle nunca esqueceu no exilio.

O commercio do Pará, em signal de sentimento entrecerrou as suas portas durante tres dias, e os consulados de todos os paizes representados n'esta capital conservárão seus estandartes á meia haste, patenteando d'esse modo profundo sentimento que lhes produzio o passamento infausto e imprevisto.

Nasceu a 2 de Dezembro de 1825, na cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, filho do primeiro imperador do Brazil D. Pedro I de Bragança, foi educado por homens habeis que bem cedo conhecêrão no pequeno discipulo fidalguia de raça e de talento.

Aos 15 annos de idade foi-lhe confiada a responsabilidade extrema que sempre traz a tarefa de governar, em vista de ter de partir, por circumstancias imprevistas, para Portugal, seu pai, o então primeiro imperador do Brazil.

D'ahi começou a vida gloriosa do moço imperante; mostrando ter talento sufficiente para governar o povo que o adorava e que então sahia do berço.

Procurou todos os recursos para engrandecer sua patria, já pela sua illustração, fazendo-a conhecida da Europa culta, já pelo seu tino administrativo, bem pouco vulgar.

Foi reconhecido então o soberano mais illustrado entre todos os outros das nações civilisadas.

Empregou todos os esforços para desenvolver o ensino publico por todos os recantos da sua patria: queria-a grande e illustrada, perfeita e demasiadamente civilisada

Em 1889, obrigado pelo desejo do povo brazileiro, que a exemplo das outras nações da America, queria tornar-se livre e indifferente de thronos, partio para o estrangeiro, exilado, sem queixa, só tendo em fito o bem estar, o engrandecimento do povo que amou, da patria que extremecia. Longe, só pedia que não lhe vedassem a entrada, depois de morto em terras de sua patria, onde talvez queria que seu corpo repousasse á beira de um gigantesco rio sob a sombra de uma palmeira que o vento agitasse os leques.

Adoravel meio de manifestar o patriotismo! Era bem digno da estima de um povo aquelle que nutria tal desejo.

*
* *

Não adiantaremos mais: a historia na sua maneira imparcial de contar os factos se encarregará de glorifical-o.

*
* *

A *Gazeta Postal*, compungida, sobre o tumulo que encerra o envolucro daquelle peregrino espirito, desfolha uma corôa de goivos e violetas.

(*Gazeta Postal* — Pará, Brazil — Belém 20 de Dezembro de 1891).

D. Pedro II

Sobre o mesmo illustre finado diz *L'Indépendance*, folha belga:

« A morte de D. Pedro, ex-imperador do Brazil, não é despida de interesse politico. Parece ella tornar mais improvavel que nunca a restauração do imperio no Brazil.

Sabe-se que quando D. Pedro foi preso e exilado para a Europa, ha dois annos, era menos a sua pessoa que o principio do Regimen encarnado n'elle que os republicanos brazileiros querião arrancar da historia do seu paiz.

Se o povo brazileiro tivesse podido accommodar-se ainda com o systema de governo imperial, não teria hesitado em

conservar como imperador um personagem de temperamento tão benevolente e de caracter tão distincto como D. Pedro. Forão sobretudo os que o rodeavão, sua filha e seu genro, o Conde e a Condessa d'Eu, que tornárão o regimen monarchico odioso pelas tendencias clericaes e autocraticas que havião conseguido fazer prevalecer nos conselhos do governo.

Individualmente D. Pedro era amado e estimado e se, graças a novas complicações do genero das que fôrão acarretadas pelo recente golpe de Estado do marechal Fonseca, e pela insurreição do Rio Grande, se houvesse produzido uma reacção monarchica, teria sido sem duvida em proveito do velho imperador exilado, que não pedia mais do que, como elle proprio dizia, a restauração com um poder limitado por garantias democraticas e constitucionaes.

Hoje os pretendentes que o partido monarchico do Rio de Janeiro terão a apoiar, são a Condessa d'Eu e seu filho, que encarnão precisamente em si tudo quanto torna os membros das familias de Bragança e de Orleans impopulares, sem nenhuma das qualidades pessoaes do finado Imperador.

A morte d'este é, pois, provavelmente, motivo de regozijo para os republicanos do Brazil, por muito profundas que sejão as demonstrações pessoaes de pezar que alguns d'entre elles possão tributar á memoria de D. Pedro.

Diz-se que a Condessa d'Eu «não abdica dos seus direitos» mas que se abstem de proclamal-os por emquanto. E' prudente. A filha de D. Pedro comprehende sem duvida alguma, a inutil possibilidade de um manifesto reivindicando direitos a um throno destruido, e destruido sobretudo pela impopularidade a que a arrastárão a sua attitude e a de seu esposo».

(*Jornal do Commercio*, 2 de Janeiro de 1892.)

Correspondencia

Porto, 13 de Dezembro de 1891.

Noticias do Brazil — Exposição Industrial — Academia religiosa — Congresso episcopal — Exposição em projecto — Companhia Lyrica.

As noticias do Brazil, ou antes, a falta d'ellas, nas condições de merecerem credito, trazem o espirito publico geralmente preoccupado para não dizermos sobresaltado: porque

os boatos que correm e os telegrammas confusos e até contradictorios dos jornaes do paiz e estrangeiros dão azo a supposições pessimistas, alimentadas pela falta de noticias officiaes.

Uma situação tal, necessariamente actúa no estado d'esta praça, como é natural attendendo ás relações commerciaes d'ella com o Brazil, e ao facto de residirem aqui numerosos capitalistas que ahi têm interesses consideraveis e negocios importantes.

Aguardão-se com impaciente anciedade as correspondencias vindas pelos paquetes, que alcancem os ultimos acontecimentos.

A morte de ex-imperador do Brazil é ainda assumpto que occupa as columnas dos jornaes d'este paiz, que dos jornaes estrangeiros reproduzem os artigos em que se falla de D. Pedro de Alcantara, exaltando os meritos e narrando os titulos que elle tinha ao respeito e estima de todos os homens de bem.

D'esta cidade forão muitas pessoas presenciar a imponente solemnidade da chegada do cadaver a Lisboa, e do prestito funebre que o devia acompanhar a S. Vicente de Fóra, para d'alli ser depositado no pantheon real.

D'esta magestosa solemnidade funeraria, terão os leitores do *Jornal do Commercio* noticia dada por quem melhor, e com todos os toques de côr local certamente a dará.

Aqui foi a Real Irmandade da Lapa, em cujo templo se acha o mausoléo que guarda o coração do primeiro imperador do Brazil, que abrio o exemplo de suffragar a alma do que fôra D. Pedro II do Brazil, com officios funebres porque o illustre finado era seu juiz honorario.

Agora seguir-se-hão outras demonstrações da mesma natureza: na Misericordia, da qual D. Pedro de Alcantara era provedor honorario, na igreja dos Terceiros do Carmo, nos Congregados, etc.

Um grupo de individuos que residirão no Brazil que hoje vivem em Penafiel e immediações, deliberou fazer celebrar, n'aquella cidade, exequias por alma do ex-imperador.

Quasi se póde asseverar que nas principaes povoações do Minho será seguido este exemplo, porque é a provincia do Minho aquella em que ha maior numero de individuos, proprietarios e capitalistas, que no Brazil adquirirão a fortuna que possuem.

(*Jornal do Commercio, ...?...*

Exilio e Morte

A MEMORIA DE D. PEDRO DE ALCANTARA

Depois de haver imperado
Por dez lustros no paiz,
Foi da Patria desterrado
Doente, velho, infeliz.
Mas o triste soberano,
Ao transpor o largo Oceano,
Um mensageiro soltou
— Vivo emblema de amizade,
Penhor de eterna saudade
Ao berço que tanto amou.

E ao ver a ave nos ares
Vibrando a aza febril,
O Rei, recordando os lares,
Mandava um beijo ao Brazil!
Vendo em mente a natureza,
A portentosa grandeza
D'esta terra de Cabral,
Chorava a perda, no exilio,
Do bello torrão brazileo
Que o mundo não tem rival!

E após dois annos de maguas,
De terra em terra a soffrer,
A curtir no peito as fragoas
Do mais fundo padecer,
— Dois annos de nostalgia,
De intensa melancolia,
Mais que a doença, fatal —
Foi descançar da provança
No seio augusto da França,
Na mais culta capital!

Salve, Pariz! tu soubeste
Render um preito gentil,
Nas homenagens que déste
A quem reinou no Brazil!
Salve, Pariz! terra ingente,
Onde o progresso fulgente
Distende as azas de luz!
Cercaste d'honras e brilhos
Ao mais illustre dos filhos
Da terra de Santa Cruz!

Não morreu no Novo Mundo,
Na terra que o vio nascer:
Ferido de mal profundo,
Foi na França fenecer;
Não morreu ante as paisagens
Americanas — miragens
Que enchião-lhe o coração!
Mas... idéa lisonjeira!
Teve terra brazileira
No leito de seu caixão!

Sobre um punhado de terra
Da Patria que o condemnou,
A sorrir os olhos cerra.
Quando a morte o derribou!
E' que o nobre infortunado,
Dos vassallos exilado,
Por prazer supremo quiz,
No eterno somno de morto,
Sentir o grato conforto
Da terra de seu paiz!

Quiz o grande brazileiro
Dormir em terra natal.
Sem ver, embora, o Cruzeiro,
— A reliquia sideral —
E a terra que além o envolve
Em beijos e em prantos solve
Dos homens a ingratidão;
Como um saudoso lamento,
Interpréta o sentimento
Da brazileira Nação!

O corpo ao longe repousa
Em um moimento real,
Ao lado da cara esposa,
Sob o sol de Portugal!
Mas a alma patriota,
Vencendo a mortal derrota,
Vem n'um anceio febril,
Divagar nos patrios lares,
Ciciar entre os palmares
E bemdizer o Brazil!

A alma esquece o tremendo
Golpe da Revolução,
E, como Christo morrendo,
Só tem phrases de perdão!
Qual aguia amorosa e forte,

Percorre de Sul ao Norte
O idolatrado paiz,
Desejando que o gigante
Marche heroico e triumphante,
Honrado, rico e feliz!

Sombra errante que divagas,
Envolta em aureo clarão.
Por sobre as brazileas plagas
Qual phantastica visão!
Inspira valor, civismo,
Todo o teu patriotismo
A' geração actual!
Que a Patria comtigo aprenda
A seguir gloriosa senda
No regimen federal!

Que a sagrada Liberdade
Não seja um mytho infeliz,
Mas amor, fraternidade,
Concordia em todo o paiz!
Junto á Eterna Providencia,
Protege, sublime essencia,
Teu grande berço gentil!
Que em face ao novo horizonte
Levante mais bella a fronte,
Entre as nações, o Brazil!

Porto Alegre, 5 de Janeiro de 1892.

DAMASCENO VIEIRA.

(*Publicação avulsa*).

Bondade

O finado imperador D. Pedro II, passeando uma tarde no seu parque da Bôa Vista, divisou um homem do povo trepado n'uma arvore.

Roubava uns figos.

O imperador viu-o e afastou-se, procurando um grande desvio para chegar ao logar do seu designio.

— Mas Vossa Magestade vai mais perto por aqui! observou um dos veadores.

— E' que alli n'aquella arvore ha um homem comendo figos, disse o bom velho, e, se eu me approximar, elle é capaz

de assustar-se e tomará uma quéda desastrada. Ora, a vida de um homem vale mais que a minha propriedade.

(*Gazeta da Tarde,* 30 de Novembro de 1892).

Telegramma

Pariz, 5 de Dezembro.

Celebrarão-se hoje na igreja da Magdalena officios solemnes por alma do ex-imperador do Brazil.

A Sra. D. Isabel com seu esposo o Sr. Conde d'Eu, filhos e todos os membros da antiga familia imperial assistirão aos actos religiosos que tiverão grande concurrencia.

Além de quasi todos os membros da colonia brazileira, comparecêrão na Magdalena personagens notaveis da sociedade franceza e estrangeira e membros do Instituto e de outras sociedades scientificas e litterarias a que pertencia o augusto finado.

Terminados os officios, os assistentes desfilárão diante da Sra. D. Isabel e familia a quem apresentárão as suas homenagens.

(*Jornal do Commercio,* 6 de Dezembro de 1892).

---

17 de Novembro

1879.—A's 3 horas da madrugada o Imperador D. Pedro II e sua familia embarcão no largo do Paço com destino ao cruzador *Parnahyba.* A's 10 horas embarcão tambem os filhos da Princeza Imperial e um quarto de hora depois suspendeu aquelle navio com destino á Ilha Grande, onde tinha de esperar o vapor *Alagôas* destinado a conduzir a familia imperial para a Europa.

O ex-senador Taunay, na *Gazeta de Noticias* de 23 de Dezembro de 1890 transcreve a descripção seguinte que lhe foi feita dias depois d'aquelle acontecimento pelo almirante barão de Jaceguay.

Erão 2 horas da madrugada e o Imperador parecia resolvido a não embarcar. « Não sou nenhum fugido, » dizia com insistencia Sua Magestade.—«De certo não é, concordou o Sr. barão, mas a hora indicada parece mais conveniente; que quer dizer ficar Vossa Magestade, com sua augusta familia, sujeito a curiosidade banal de toda uma população agglomerada nos

telhados, nos cáes e nos morros para ver a sua partida? Ou poderão dar-se violentas manifestações afim de se obstar o embarque — e n'este caso correrá muito sangue — esse sangue brazileiro que Vossa Magestade poupou sempre tanto —sendo talvez victimas pessoas de sua affeição; ou então só apparecerão indifferenças e pouco caso e o seu coração ficará pungentemente ferido, ao presenciar tanto abandono e tamanho desapego.»

« O Imperador deixando cahir a cabeça sobre o peito, disse afinal com os olhos a meio cerrados e depois de uma pausa:—O senhor tem razão; eu parto. » E a esperar que todos se apromptassem, poz-se a conversar em voz baixa com o general barão de Miranda Reis.

« Desceu as escadas do Paço da cidade com toda a calma, como em dias de cortejo, dando o braço á Princeza D. Isabel, seguindo-se a Imperatriz que vinha arrimada ao Sr. Conde d'Eu. Os soldados, em baixo, apresentárão armas e Elle tirou o chapéo, correspondendo á continencia e assim fez a quantos saudárão.

« Ao embarcar, apressando alguem a entrada na lanchinha, o Imperador repetio varias vezes: « Nada de precipitação; não vamos fugindo. » Levava jornaes e revistas debaixo do braço.

« O Sr. Conde d'Eu viera do Paço ao Caes Pharoux a pé, tendo dito: « Não preciso de carro; irei com o Jaceguay e o Mallet. »

« No angustioso momento da partida, Sua Magestade a Imperatriz chorava convulsamente.»

« Resignação, minha Senhora, » aconselhou com meiguice o barão de Jaceguay. » Tenho-a e muito, respondeu Ella; mas a resignação não impede as lagrimas. E como deixar de vertel-as, ao sahir d'esta minha terra, que nunca mais hei de ver? » E beijou muitas vezes as poucas senhoras que alli estavão, no rosto e no collo.

« Os criados do Paço debulhados em pranto, despedião-se ruidosamente n'um desespero indizivel. Todos choravão sem excepção dos marinheiros da lancha. O Imperador era o unico que mostrava serenidade e olhos enxutos, mas de momento a momento concertava a garganta, patenteando que a custo sopitava immensa commoção. »

O encouraçado *Riachuelo* acompanha o *Alagôas* até perto da linha equinoxial.

(*Ephemerides Navaes* etc., por José E. Garcez Palha, do Instituto Historico e Geographico Brazileiro—Official superior da armada—publicadas em 1892).

———

José Gonçalves Pereira

O Sr. commendador José Gonçalves Pereira fôra muito amigo do defunto ex-imperador do Brazil, que lhe dispensava grande consideração.

Quando o Sr. D. Pedro II falleceu, alugou uma carruagem de 1ª classe que foi atrellada a um comboio especial para ir buscar ao Entroncamento o cadaver do imperador, e convidou os seus amigos mais intimos e os membros da imprensa da capital, a quem offereceu um almoço.

* * *

O fallecido esteve largos annos no Brazil, onde começou a sua vida como empregado da importante casa do Sr Couto. Alli permaneceu durante 30 annos, obtendo os largos meios de fortuna que hoje gosava.

(*Correio da Europa,* 14 de Julho de 1893).

O Governo

. . . .

Além de tudo, as grandes questões de interesse publico erão debatidas em conselho presidido pelo Sr. D. Pedro II, que ao seu raro bom senso, o mais são patriotismo e amor real pela causa publica, reunia sessenta annos de pratica dos homens e das cousas, e nunca recusou assento nos conselhos da corôa ao seu maior desaffecto, desde que elle tivesse merito real e o chefe de gabinete fizesse questão de tal auxilio.

. . . .

(*Gazeta da Tarde,* 5 de Julho de 1893).

A' memoria de S. M. I. D. Pedro II

I

Se ELLE foi grande quando a fronte altiva
a corôa real nobre ostentava;
se ELLE foi grande quando se alistava
voluntario da patria extremecida;

foi maior, sua gloria foi mais viva,
quando o throno, a corôa abandonava,
e, nobre e honrado sempre, caminhava
para o exilio assim no fim da vida.

Levando a consciencia immaculada.
tendo da patria procurado a gloria
com todo o ardor de um'alma apaixonada,

appellando p'ra Deus e para a historia
da ingratidão da patria idolatrada,
morreu legando ao mundo alta memoria.

II

Mas... não! A patria não lhe foi ingrata!
Não foi o povo—os seus queridos filhos—
quem lhe apontou do exilio os negros trilhos,
não foi a patria que o matou, oh! não!

Se a ingratidão, a serpe vil que mata,
feriu-lhe a alma e a vida envenenou-lhe;
não foi o povo, não, que esse votou-lhe
sempre justa e real veneração.

Foi a traição de poucos, o egoismo
desses que aos pés calcárão n'um momento
da justiça os dictames divinaes!

Mas tudo deu realce ao seu civismo,
que do exilio cruel o atroz tormento
mais exalçou-lhe os dotes immortaes.

III

Dorme, pois o teu somno derradeiro
tu, que esta patria nossa tanto amaste;
tu que o seu nome e gloria tanto honraste,
dorme, o teu somno eterno no estrangeiro!

Tu que dos filhos seus foste o primeiro,
emquanto a honra e o brio lhe guardaste;
tu que a senda da gloria lhe mostraste,
dorme no exilio, ó grande brazileiro!

Quizeste que em teu ultimo jazigo
esparzissem da patria a terra amada
que guardavas, zeloso, em santo abrigo.

Assim, longe da patria abençoada,
o pó do teu Brazil, sempre comtigo,
forra-te a campa triste e venerada.

IV

Pois bem: como guardavas cuidadoso
essa terra em que a patria tu revias,
e desse modo um culto lhe rendias
do teu ardente, acrysolado amor;

assim tambem teu nome glorioso
ha de da patria historia agradecida
receber a homenagem merecida
de bençãos, de saudade e de louvor.

A patria chora e curva, consciente,
a fronte de rainha soberana
ante o cadaver teu, PEDRO SEGUNDO!

Contempla-te em silencio, reverente,
e orgulhosa de ti, ergue-se ufana,
o teu exemplo apresentando ao mundo!

D. ANNA AURORA DO AMARAL LISBOA (Rio Pardo).

*

D. Pedro de Alcantara

Fatalidade! Sentir tanto, tanto, e por um singular e inexplicavel capricho da natureza, não conseguir transmittir ao papel todo esse poema de lagrimas que a pesada mão da desventura acaba de traçar soluçante no seio dos verdadeiros brazileiros.

A dôr tem capitulos mudos.

As vezes o coração sangra, sangra cruelmente; o soffrimento avassalla-nos a alma, e, no emtanto, a nossa penna molhada em prantos e a nossa lyra envolta em lutuoso crepe, emmudecem subitamente.

A recordação do grande homem, do inolvidavel patriota, do festejado sabio, do generoso pai do povo, acorda n'este momento, no amago do peito dos filhos d'este abençoado solo, um dilacerante suspiro de saudade, uma tristeza infinita, um como que remorso cruel por não haverem em tempo, diante do inimigo, descoberto o peito valoroso, que por todos os principios devia ser a bronzea muralha a proteger da ingratidão do povo o primeiro, o mais glorioso filho da nação brazileira!

Mas é tarde, é muito tarde para retroceder: um tumulo acaba de ser aberto e n'elle acolhido o vulto venerando que,

durante quasi meio seculo, fez jús á veneração dos brazileiros, que o deixárão como recompensa morrer lá, distante, em um paiz grande e generoso, porém que não era seu, sem ver o céo da patria, sem ouvir na hora derradeira os soluços de seus filhos, dos eleitos de sua alma, d'aquelles por quem elle luctara abnegadamente, sacrificando a vida, a preciosa vida, que a idade e os soffrimentos ameaçavão derribar a cada instante!

Todos, todos os sentimentos nobres sem contradicção abrigavão-se n'aquelle valoroso involucro, e elle era bom e justo, nobre e santo!

Protegia abertamente as artes, as lettras e as sciencias; tinha sempre franca a bolsa para soccorrer aos desprotegidos da sorte; não negava palavras de conforto aos proscriptos da ventura, e... no emtanto, não foi bom, não comprehendeu as necessidades do paiz, não trabalhou para engrandecel-o!

Irrisão!

Hoje que a morte protege-o com suas azas, talvez que a terra que o vio nascer conheça afim toda a magnanimidade do homem tão illustre quanto modesto que, para gloria nossa, sentou-se no throno brazileiro.

Talvez, e talvez que seja inda cedo. A espessa venda que, como por encanto, desenrolou-se diante d'este povo não cahio ainda; não cahio e nem cahirá, emquanto a mão da verdade não gravar com impereciveis lettras, no grandioso livro da historia, o nome aurifulgente do preclaro, do immortal D. Pedro de Alcantara.

Esse instante não tarda; approxima-se gloriosamente.

Bemdita seja a historia que não mente!

Bemdita seja a memoria do martyr brazileiro!

D. Julieta de Mello Monteiro (Rio Grande).

*

D. Pedro, o bom

E' cedo ainda para se saber quanto elle valia.

Talvez, em pouco tempo, do grande primogenito sul americano, escravisado hoje em nome da liberdade, não reste senão as paginas de seu reinado.

Novo Atlas, pode-se dizer que elle supportou, durante meio seculo, todo o peso da politica da America do Sul.

N'este paiz, onde, segundo um bom republicano, procura-se o nivelamento na infamia, elle sempre pairou nas regiões da honestidade. Excelsior! — era sua divisa.

Sua grande figura historica não teve sobre sua patria uma unica projecção de sombra.

A' semelhança de certos astros que, isolados, não têm conjuncções, elle só projectou luz sobre o Brazil, que hoje o chora ás occultas, apezar da *liberdade* que lhe *derão*, e que o ha de chorar mais cada dia que passar, comparando o que elle foi e o que são os que o banirão na velhice e o insultão na morte. Têm razão! Sua morte causou-lhes mais abalo do que o seu desterro. E' que a historia começa a julgal-os.

Para perpetuar sua memoria, seria preciso uma estatua que correspondesse ao Brazil como peanha.

No hemispherio sul brilha uma constellação que guia aos viajantes do mar e aos gauchos da campanha, qualquer que seja o ponto em que se perdem.

Não ha muito tempo elle pedia aos sabios, seus collegas, que déssem o nome do Brazil a um novo astro descoberto. Lendo aquelle nome na esphera celeste, elle repetia o da topographia impressa em sua nobre alma; pois bem, peçamos aos sabios seus collegas a denominação de D. Pedro para a estrella *Alpha* do Cruzeiro do Sul. Foi com este nome que elle durante 50 annos illuminou com suas virtudes, com o seu saber progressivo, com a sua infatigabilidade, com a sua bondade, toda a America do Sul, sem interrupção, guiando sua patria com vagar, para que crescesse sem se tornar epileptica, libertando os outros povos dos tyrannos que os opprimião.

Foi talvez isto que produzio a sua queda como rei para transformal-o em anjo como homem.

DR. ANGELO CARDOSO DOURADO (Bagé).

*

D. Pedro II

Chorar n'este momento diante do tumulo magestoso de D. Pedro II, finado imperador do Brazil, é chorar pela familia e pela patria.

CANDIDO S. RIBEIRO (Rio Grande).

*

Profissão de fé

Fui sempre, e hoje sou, mais do que nunca, um monarchista convicto. D'esta convicção nasce a idéa de que na historia politica do mundo não haveria immoralidades a registrar, se todo o cidadão, empenhando a sua actividade na conquista das grandes causas liberaes, fosse monarchista como eu sou.

—

Diante da traição que fez sangrar o coração de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, a minha alma de patriota sente-se ferida, sempre que penso que o mundo, ao lançar o insulto ás faces de um traidor qualquer, poderá dizer com justiça : « Tu és um brazileiro ! »

—

Para um povo ser feliz é bastante que monarchias e republicas sejão governos liberaes. Ha, porém, uma differença entre monarchia e republica : é que aquella é governada pelo povo e esta pelos especuladores do povo.

—

A monarchia constitucional é a unica forma politica de governo que oppõe estorvos á criminosa ambição dos bandidos que considerão o dinheiro e a força da espada como os factores principaes no triumpho das urnas.

—

Sei encarar os reis como simples funccionarios do povo.

Advem d'ahi a grande força que acompanha o meu principio politico.

Vale mais trazer do berço a reflexão de uma responsabilidade moral do que possuil-a a contra-gosto depois que se galga o poder sobre um montão de caracteres corrompidos.

São estes os casos da monarchia e da republica.

—

A necessidade que têm os reis de saber viver e de saber morrer é garantia bastante para a moralidade do governo.

—

Estimo e admiro os reis, porque eu não quizera ser o que elles são.

—

No dia lutuoso de hoje, os rio-grandenses me veem de joelhos diante do tumulo sacrosanto de S. M. o Sr. D. Pedro II.

Dia virá em que elles me verão erguido para beijar a mão de Sua Magestade a Sra. D. Isabel I, Imperatriz do Brazil.

Mario de Artagão (Rio Grande)

Una siempreviva

(Á LA MEMORIA DEL ILUSTRE E INMORTAL D. PEDRO DE ALCANTARA)

No solamente al puéblo brazilero cábele la honra de llorar la perdida del venerable D. Pedro de Alcantara, ex-emperador del Brasil. Tambien à las naciones sin distinción de bandera no les debe ser indiferente la muerte de aquel que, por espacio de medio siglo, fué el soberano modelo, el sábio que por sus virtudes y patriotismo consiguió governar una colosal nacion, sin jamás practicar un solo acto que pudiera desdorar el honor de su patria.

No es posible que pueda haber un solo brasilero que no vierta una lagrima, como último tributo, á la memoria del glorioso expatriado que en todos los instantes de su vida supo honrar y ennoblecer la nacion brasilera.

Yo, el último de mis conciudadanos argentinos, deposito respetosamente sobre el túmulo del inmortal D. Pedro una humilde siempreviva como simbolo de admiración y respeto.

CIRIACO PIUMA (Rio Grande).

*

O que eu penso

Se outro fôra S. M. o Sr. D. Pedro II, procuraria esquecer-se pelo grande mundo das ingratidões de muitos d'aquelles que lhe davão o nome de amigo : mas a resignação que banhava o seu coração bondoso alimentou-lhe a vida, até que Deus, como uma demonstração da sua inexoravel justiça, fizesse baquear o poderio d'aquelle que, perante os seculos, se collocou sob a alçada de todas as maldições.

Havia tanta grandeza n'aquelle coração de brazileiro, que estou quasi em affirmar que Sua Magestade sentio a desgraça do seu algoz !

M. J. DIOGO FERNANDES (Rio Grande).

*

O regio morto

Salve, ó rei! Rei no solio e no abandono,
mais rei no exilio do que os reis no throno :
rei até sobre o pó!

MENDES LEAL.

Já dos seus dons despido, o egregio soberano,
o nobre protector do enfermo e do mendigo,
da misera orphandade hospitaleiro abrigo,
das leis acatador, caracter puro e lhano,

ao exilio seguio em desespero insano,
forçado a abandonar o seu torrão amigo,
buscando em terra extranha o ultimo jazigo,
que vedado lhe fôra em solo americano.

E o povo brazileiro (oh! céos! que extranho caso!)
que sempre rejubila ao ver um astro novo,
emquanto que apedreja um outro sol no occaso,

detrae o regio morto e enfurecido brame!
Mas a historia dirá ao seu ingrato povo:
—Quem insulta um vencido é mais que vil, é infame.

GONÇALO DA CUNHA (Rio Grande).

*

D. Pedro

Imperador?

Não foi; mas sim, o melhor dos cidadãos; foi mestre e martyr!

Foi um erro? Foi um crime?

A expulsão tem desculpa?

Os factos fallárão e ainda não desvendárão os olhos d'aquelles que não sabem ou não querem ver; e fallarão ainda e não comprehenderão a sua linguagem; e os cegos ficarão mais cégos e precipitarão tudo pelo declive das trevas.

Então — D. Pedro! D. Pedro! — exclamarão, e uma voz lhes gritará na consciencia:

.Não somos dignos, nossa é a culpa: precipitamo-nos attrahidos pela novidade, pelo egoismo; o vento do indifferentismo encheu as velas do navio phantastico, feito de uma amalgama impossivel, architectado por ambições infantis, e lançou-o em um mar de cahos feito de pretenção, de egoismo e de vaidade, e coberto por um céo de hypocrisia.

Feliz D. Pedro! Tu te redimiste: venceste a ambição, calcaste aos pés o egoismo; o desprezo pelos ingratos e a compaixão pelos ignorantes trocarão-se em *amor* pelos teus semelhantes, pelos teus irmãos; e este reinou soberano no teu coração de pai do Brazil, até que deixaste o involucro material para elevar-te ás regiões mysteriosas do infinito, lá onde a lucta pela vida acaba, para principiar a lucta pelo *verdadeiro*, a lucta de si mesmo para comsigo mesmo e em si mesmo.

Sempre a vida, sempre o movimento incessante de todos os elementos naturaes concretisados em espirito e materia.

Tu venceste a materia, te será facil a lucta na vida espiritual; e, se contares com o favor de Deus, passarás seculos que te parecerão minutos.

E, no meio de teus arroubos, de tua felicidade, não te esqueças do teu Brazil, não; não te esqueças; tens aqui muitos corações que palpitão por ti, muitas vontades que te lembrão com saudade.

José C. Lanza (Rio Grande).

*

D. Pedro II

A historia, que se havia fechado para não registrar a ingratidão da maioria de um povo, abre-se agora, ao ver entrar no Pantheon do seculo o vulto mais eminente de uma dynastia.

Que cidadão não choraria sobre a memoria d'aquella sublimidade?

Que brazileiro não sentiria cahir as suas lagrimas sobre a recordação d'aquella grandeza?

Ainda muito cedo, S. M. o Sr. D. Pedro II subio ao throno do Brazil; acclamado pela confiança que, ainda menino, já tinha inspirado á nação, elevado pela sua competencia de herdeiro, começou cedo a dirigir os destinos da terra que lhe havia servido de berço.

A sua administração, coadjuvada por uma intelligencia não vulgar e apoiada nos elementos que se avolumárão n'aquella cabeça original, chegou a merecer os applausos de todos os povos e o respeito de todos os soberanos.

Cheio de patriotismo, cheio de magnanimidade, D. Pedro II chegara a ser o objecto da admiração dos quatro continentes: rei sabio, reunindo a estas propriedades, virtudes que o constituirão credor do respeito e do reconhecimento de todas as classes, era o alvo das ovações de toda a parte por onde passava.

Monarcha, elle soube conquistar todas as considerações, ainda mesmo d'aquelles cujo fervor de crenças republicanas não lhes permittia approximarem-se do throno brazileiro: foi sempre denodado patriota, sempre o mais forte debellador de todos os males, sempre o dissipador de todas as trevas.

Durante a importante campanha do Paraguay, devedor ao Brazil de uma divida de honra, elle, o monarcha sabio, o imperador magnanimo, o brazileiro patriota, recusou todos os pactos que lhe forão propostos, e sob pena de abdicar a sua corôa, para que não fosse maculado o estandarte de sua cara patria.

Com effeito, entrar em um accordo com uma nação que espontaneamente se constitue inimiga de outra, arrastando-a a ser theatro da consummação dos passos mais degradantes, é não experimentar a inspiração da causa sublime, a patria.

Porém elle, o chefe gigante do paiz gigante tambem, ao tempo que obrava como soberano, sentia como cidadão: fez-se soldado e voluntario: tendo descido de seu throno de rei, elevou-se ao altar da abnegação.

Durante o seu reinado, que durou quasi meio seculo, apoiando as artes e as sciencias, protegendo-as, fez com que fossem levantadas e mantidas diversas instituições, com o que operava o progresso e a civilisação de seu paiz.

Esse homem, esse soberano, esse ornamento sublime de todos as éras, foi finalmente uma victima da ingratidão da maioria do seu povo, de cujas accusações já tinha sido muitas vezes objecto, sem que o merecesse verdadeiramente.

Banido no momento em que o repouso lhe era mais mister, na hora em que a patria mais precisava d'aquelle sceptro, apenas observou a agitação iniciada pelos famintos do poder.

Embora de caracter ephemero, a revolução veio desmoronar o throno que elle occupava e que havia elevado á contemplação dos demais soberanos.

Prevalecendo-se d'este incidente, que ainda deploro, os inimigos do monarcha, os pretendentes que não tinhão subido, proclamárão uma nova forma de governo, o qual illegalmente, mas em exercicio, deu um primeiro passo, que foi o banimento do soberano que no ultimo periodo da sua vida era condemnado ao exilio perpetuo, era mandado morrer longe d'onde nascera.

Longe de indignar-se, o venerando monarcha chorou a ingratidão de que era victima, mais lastimando que procurando vingar-se.

Mas esse homem era brazileiro: tinha uma patria que devia extremecer; então quiz voltar, não ao throno, mas ao berço, queria morrer onde tinha nascido.... Nem moribundo, vio cumprida a sua ultima e por certo a sua maior aspiração!

De joelhos ante a sua imagem, sentindo que o pensamento obedece á minha dor, osculo a fronte veneranda do inditoso monarcha: coberto de luto meu coração, desfolho minha pequena grinalda sobre o morto illustre a quem se abrio não já a historia de uma nação, mas sim a do universo.

PLINIO CANARIM (Rio Grande).

D. Pedro de Alcantara

Além, na grande plaga lusitana,
elle descança n'um dormir sem fim;
cahio aos golpes de uma lucta insana
sem dizer ao Brazil: — Vejo-te alfim!

E teve como Christo atroz Calvario,
da saudade esgotando o amargo fel!
Guarda, porém, a historia o seu sudario
onde imprime-se a dor funda, cruel.

E quando um dia os homens do futuro
conhecerem da patria as tradições
e a historia d'esse exilio immenso, escuro,

hão de sentir fallar-lhe aos corações
de D. Pedro esse amor sublime e puro,
que o tornou immortal ante as nações!

D. Revocata H. de Mello (Rio Grande).

*

D. Pedro

Henrique III, ao contemplar o cadaver do duque de Guise, exclamou:

— Morto parece ainda maior do que vivo!

Nós, ao procurarmos saber o que era D. Pedro de Alcantara, pelo que deixámos de ver depois da sua deposição, ao tentarmos medir o gigante pelo vasto rasgão que abrio no disco da patria o seu desapparecimento prematuro, a mesma impressão nos salteia e exclamamos, a voz meio suffocada:

— De joelhos, monarchistas; de joelhos, ó patria brazileira! D. Pedro II, o modelo dos monarchas, aquelle que tão feliz nos fez, succumbio. De joelhos, patria! Uma prece ao teu filho modelo!

José J. G. Barreto (Rio Grande).

*

D. Pedro de Alcantara

Faz hoje um mez que deixou de existir Sua Magestade o Sr. D. Pedro II.

Um punhal cravado no meu coração não causar-me-ia tanta dor como a inesperada noticia do passamento do sempre chorado monarcha.

Longe da patria, abandonado, exhalou aquella grande alma o ultimo suspiro.

Os innumeraveis desgostos que dia a dia ião accumulando-se no coração do imperador benigno, do pai extremoso, do monarcha modelo, as dores da saudade do seu torrão amado, a ingratidão do povo que tanto estremecia, foi o que mais depressa abrio-lhe a sepultura.

Morreu, deixando um brilhantissimo nome na historia.

Foi um rei extremamente democrata, desprezando as ostentações, o que tornou-o infinitamente sympathico aos brazileiros e a todas as potencias estrangeiras.

As portas do seu palacio estavão sempre abertas para receber a pobreza, a quem elle estendia carinhosamente as mãos.

E foi a este virtuoso bemfeitor que os brazileiros enxotárão da patria como um malfeitor.

Para conhecer-se o excellente caracter e os estudos constantes que tanto preoccupavão o espirito luminoso do excelso monarcha D. Pedro II, basta ler a *Fé de officio* escripta pelo seu punho em Cannes, que effectivamente é, como disse o Exm. Visconde de Taunay, um dos documentos mais bellos, mais sinceros e honrados da historia do Brazil.

Eis a tocante e sublime phrase com que o chorado D. Pedro de Alcantara termina sua preciosa obra:

«Nas preoccupações scientificas e no constante estudo é que acho consolo e me preservo das tempestades moraes.»

Desappareceu esta brilhante luz que do grande pharol reflectia sobre a nação brazileira.

Cobre-te de crepe, ó patria, e ajoelha-te á beira do sagrado tumulo do grande monarcha, do grande brazileiro D. Pedro de Alcantara.

ABILIO DA COSTA CORRÊA LEITE (Rio Grande).

*

D. Pedro de Alcantara

Todo o Brazil coberto de crepe deplora a irreparavel perda do vulto mais respeitavel d'este seculo luminoso, do rei sabio entre os mais sabios, do cidadão illustre que deixou seu augusto e venerado nome escripto em lettras de ouro no sublime e grandioso livro de nossa historia patria.

Querido por todas as nações civilisadas, D. Pedro de Alcantara era para nós, como para cada uma d'ellas, o

prototypo das mais assignaladas virtudes, o exemplo vivificante de reaes commettimentos civicos, o pharol resplandescente que nos guiava á estrada do porvir, a brilhante aureola que se perpetuará entre os vindouros.

No exilio, para onde o levárão os caprichos mal fundados de homens fracos e injustos que hoje ainda desrespeitão, alguns d'elles, a saudosa memoria do grande homem, tornou-se elle credor da maior sympathia do estrangeiro, que hoje pranteia o desapparecimento do illustre estadista.

Lá, o seu unico pensamento, o seu principal objectivo era a felicidade do caro torrão natal, o engrandecimento da nação que elle tanto estremecia e que governou durante meio seculo no meio dos applausos de seus concidadãos e da admiração do mundo inteiro.

Para a morte, com toda a sua magestade, para a dor que experimentamos n'este momento não ha consolo possivel; resta-nos o conformarmo-nos como o inexoravel decreto da omnipotencia divina.

Não ha brazileiro que deixe de curvar-se reverente ante a tumba que encerra os preciosos despojos do venerando ancião, e sobre ella desfolhamos uma corôa de lacrimosas e sentidas saudades.

Alfredo Guimarães da Rosa (Bagé).

*

D. Pedro de Alcantara

Elle não teve por mortalha o manto de arminho recamado de estrellas: dorme tranquillo o somno derradeiro sobre a terra da patria, importada pelo seu immenso amor; dorme envolvido na bandeira que o patriotismo e a honra desfraldárão á luz do sol da gloria, molhada no sangue mais puro dos nossos heroes em Caceros, em Paysandú, na mezena do *Amazonas* no dia do Riachuelo, nos campos de Tuyuty, nas margens do Aquidaban.

Que heroe e que mortalha!

Quando elle era rei, os republicanos sagrarão-no: desthronado e banido, fizerão-lhe a apotheose.

Machado Filho (Pelotas).

*

Preito á França

APÓS AS HOMENAGENS PRESTADAS PELO MESMO GLORIOSO PAIZ AO SAUDOSO MONARCHA BRAZILEIRO

A ti que és a primeira entre as primeiras,
sempre ufana seguindo na vanguarda;
a ti que á liberdade fazes guarda
sem afastar-te um passo das trincheiras;

a ti que não vacillas nas fileiras,
que tens filhos heroes que honram a farda;
a ti que tens um riso a quem resguarda
o peito ás bayonetas estrangeiras;

a ti que foste o berço auri-rosado
do homem pelo secl'o proclamado
a gloria das modernas gerações,

o Brazil, que é tambem altivo e nobre,
curva-se agora e humilde se descobre
da gratidão nas santas effusões!

D. Julieta de Mello Monteiro (Rio Grande).

*

D. Pedro II

Quien te lo hubiera dicho, D. Pedro!

Si una sibila, o un sentimiento intuitivo te hubiese avisado, que conducta habrias observado?

No quiero, ni pretendo juzgarte; solamente Dios lo puede; El es el unico juez imparcial.

Dios! Dios! Quien es capaz de abarcar con el pensamiento este Ser! Siquiera como un relampago abarca nuestro cielo .. Nadie!

Nadie? La *umildad* junto con la *tolerancia* y con el *amor?* Quizas, si esta trinidad sosten del infinito no puede en cierto dia de la existencia, en la hora de contemplacion, en un minuto de olvido de si mismo, el ser mortal echo relampago de un segundo no abarque imperfectamente Dios; la idea de Dios, o Dios echo verbo en...—sera blasfemia? —en nosostros, en la naturaleza.

Estoy errando? El deseo de decifrar, de ver, de comprender que está hecho carne en esta maquina grosera, subirá el efecto del mal instrumento? Mi espiritu estará dominado por las apariencias caleidoscopicas de la materia tangible? O sabe desprenderse de la materia y percorrer el espacio y en un relampago de un segundo, de un minuto

tercero abarcar el infinito: y descubrir en el la vida, el movimiento, la luz y las tinieblas?

Responderé, hermanos mios? o guarderé aqui, en el segreto de mi alma mi descubrimiento?

Tengo miedo comunicarlo... y bien pensado, de quien puedo temer?

De Dios?

No, queridos hermanos.

De los hombres?

O! de los hombres! hay siempre que temer; porque condenan siempre todo aquello que no entienden y aquello que entendiendolo no conviene a sus miras y caprichos, intereses y vanidades.

Don Pedro! Don Pedro, quien te lo hubiese dicho?

Ingrata tierra, pobres ciegos, dignos soys de lastima: y el incomparable monarca, el hermano de sus conciudadanos —estoy de ello persuadido—imitô a Cristo, diciendo:

Dios mio, Ilumina a mis pobres hijos extraviados y llévalos al Calvario de la redencion de si mismos.

Dios ama y amar perdona

D. Pedro amó y perdonó.

José C. Lanza (Rio Grande).

*

O grande morto

Nobre, muito nobre e santo, foi, quando muito um bom e magnanimo coração; quando pouco, um martyr.

Soffreu—calado e triste, sem uma queixa, sem um lamento de maldição ao mundo—as penas do expatriamento, o banimento dos criminosos, e—coitado!— o seu crime foi ser sempre muito bom, muito honesto, muito democrata e sobre tudo muito caritativo e honrado. Como cidadão, era um modelo; como soberano, foi talvez bondoso de mais e da sua bondade, da sua indulgencia nasceu a implantação da republica—a fulgida deusa da liberdade! Fosse elle um tyranno, um despota, um rei autoritario, um verdugo, um czar maldito, e a sua preponderancia, a sua corôa passaria aos seus herdeiros, apezar dos gritos de liberdade dos corações altivos, das grandes almas que comprehendem a democracia do direito tal como ella deve ser encarada.

Que as lagrimas dos corações bondosos reguem-lhe a campa do exilio, para que medrem as saudades de todos que têm uma lagrima sincera para a sua memoria.

Paulo de Vergis (Rio Grande).

*

D. Pedro de Alcantara

O telegrapho, no seu fulminante laconismo acaba de annunciar á civilisação universal a morte de D. Pedro de Alcantara, isto é, o ultimo lampejo de um dos espiritos melhor orientados do seculo, a ultima palpitação de um dos maiores corações que têm batido em peito de homem.

Deslisárão-se-lhe os ultimos dias em França, no seio d'esse povo generoso e brilhante; e em Pariz, a cidade da luz, como a chamou o poeta, o encontrou a madrugada de 4 de Dezembro: justamente quando a natureza começava a sorrir, afagada pela primeira caricia do sol, inteiriçava-se-lhe o corpo na pallidez eburnea das estatuas gregas...

Foi em um modesto leito de madeira negra, envolto por um singelo cortinado azul, que ao derradeiro olhar se lhe teria talvez figurado carinhosa visão do céo que a sua religião lhe recordava pelos labios do sacerdote genuflexo, que o insigne ancião exhalou o ultimo alento que a princeza imperial colheu n'esta torturante angustia da dor filial, que faz sangrar o coração e que ninguem consola.

« Tinha o anjo da morte nos seus labios.
Dado o beijo que sorve a luz da vida. »

....

Não é ante o feretro rutilante das pompas da realeza, em caminho da olympica Magdeleine, e diante do qual acabão de inclinar-se em reverente continencia official as oitenta mil bayonetas de Carnot, nas ruas da deslumbrante metropole franceza, que eu me curvo n'este momento, commovido e saudoso; é sim perante a reliquia mortal do meu venerando compatriota cujo ataúde, em modesta sala do hotel de Bedford, repousa sobre um punhado da terra abençoada de Santa Cruz e desapparece sob fofa e olorante montanha de rosas de Pariz e orchideas brazileiras.

A pungente impressão sob cujo dominio eu sinto a alma, não a origina a magestade que a culminancia hierarchica assignalou: e sim aquella magestade mais dignificadora e mais real que inspirou a Ribeyrolles estas eloquentes palavras: «D. Pedro II synthetisou-a não nas prerogativas, não na personalidade, mas no caracter, nas obras», aquella que fez ao Sr. Adolphe Frank, do Instituto de França, ambicionar «que muitos republicanos fossem devotados como este imperador, á causa da justiça e da humanidade»: aquella emfim com que Pedro de Alcantara sagrou os talentos e as virtudes de Victor Hugo n'essa commovente

visita que passou á historia e que, como já disse alguem, faz lembrar os versos de Carlos IX a Ronsard:

« Tous deux également nous portons la couronne,
Mais, roi, je la reçois, poête, tu la donnes. »

Não é só o Brazil que está de luto: vestem pesado crepe as sciencias, as lettras e as artes, que constituirão a preoccupação favorita de seus ocios, fidalguia moral que D. Pedro herdou acrysolada, de sua mãi, da archi-duqueza Carolina d'Austria, d'essa formosa dama eminente a quem se deve a missão scientifica de von Martius, o autor da *Flora Brazileira* e que, primeiro, desvendou á Europa os thesouros da nossa opulentissima natureza; as sciencias, pelas quaes elle fez « tanto, que os sabios lhe devem o mais profundo respeito», segundo diz Charles Darwin na sua *Vida e correspondencia*; as lettras, que elle abnegadamente amou e protegeu começando por Lamartine, admiravel poeta das *Meditações*; as artes, que elle tanto d'alma animou, acalentando em seio amigo as intelligencias desajudadas da fortuna como Carlos Gomes e Pedro Americo, emquanto não creárão as azas com que hoje librão-se altaneiras no espaço!

Mas para que proseguir?

O que poderia a minha obscura penna no estreito limite de uma chronica ligeira adiantar sobre a vida e sobre as obras d'esse benemerito da humanidade, em que ha tanto a reflectir, a aprender e a louvar?

Não se farão esperar os Plutarchos, que tomarão a si o enaltecimento e a glorificação do nome do inolvidavel brazileiro, ao qual só faltava morrer para não ser um extranho no Pantheon da immortalidade.

Basta que, emergindo da minha obscuridade, eu ouse lançar a idéa de ser recolhido, com o mais carinhoso affecto, á terra natal que elle tanto amou, o cadaver de D. Pedro de Alcantara.

E d'ahi, quem sabe se não será melhor que ao lado da sempre chorada Thereza Christina, a sua amantissima companheira, elle repouse em S. Vicente de Fóra, tranquillo, no silencio de marmore de jazigos reaes?

Não é ainda de hontem a profanação incrivel do tumulo de Victor Emanuel, o grande rei liberal, pelos peregrinos que não lhe perdoão as glorias!

BENJAMIN FLORES (Porto Alegre).

*

Desgraça

A morte de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II foi uma desgraça nacional. E' por isso que os gemidos da alma popular abalão os alicerces da grande Patria.

João Alexandrino da Silva (Rio Grande).

*

A D. Pedro de Alcantara

Sangue latino svegliati, mostrati qual sei sempre stato, generoso, fuocoso, indomito ed esempio dello stato.

Uomo, sei nato in America in casa imperiale; e al tuo paese e hai vicini insegnaste a governar e ad amare.

Anima virile e tenera; virile, robusta, erculea come di Cristo; e tenera, compiacente e gentile come de Gesú.

Passaste come folgore per questo bel paese, illuminnado l'anima dei suoi monti e delle sue distese.

Fosti l'angelo custode di questa terra santa, fosti l'angelo Gabriele d'ell'America del Sud.

Amaste i tuoi frattelli del mondo miserando; che per missione propria hai scelto tu lassú.

Il bene, la luce, l'amore erano in té richiusi; ma, pochi ti compresero, nessun t'indovinó.

Sei morto, come hai vissuto, calmo, felice e inconosciuto.

Hai compiuta la tua missione; che Dio, ti dia il guiderdone che non marca mai ai buoni.

E, veglia, o *Buon Pedro,* sopra il paese che, attonito al par di un povero limbo, ti rese crudele ingiuria slanciandoti a immeritato esilio.

José C. Lanza (Rio Grande).

*

D. Pedro II

Elle teve um crime; ter nascido imperador.

—

Elle soube ser sempre bom e util para seu povo, ao qual amava mais que a si proprio.

—

Ninguem mais do que elle foi sincero patriota, para o que muitas vezes esqueceu-se de que era rei.

—

A maior prova de sabedoria foi governar a contento, durante meio seculo, o povo brazileiro.

–

Era tão sabio que, quando brazileiros menosprezavão a sua sabedoria, os genios do velho mundo curvavão-se ao seu saber.

J. J. Duarte Souza (Rio Grande).

*

Imparcialmente

Dois annos de republica corrêrão sobre o exilio de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II. E até hoje os senhores republicanos outra cousa não fizerão senão expulsar um brazileiro e envergonhar um povo.

Alberto Sampaio (Rio Grande).

*

Ingratidão

Se a ingratidão de um povo abateu o poder de Sua Magestade o Sr. D. Pedro II, a admiração da humanidade elevou o grande Brazileiro ás alturas onde só pairão os Espiritos immortaes.

Alberto Rodrigues Xavier (Rio Grande).

*

Morreu Imperador

Sua Magestade o Sr. D. Pedro II morreu Imperador para aquelles que não pactuão com as immoralidades dos homens que ha dois annos governão esta infeliz patria.

Joaquim Pereira Pegas (Rio Grande).

*

Homem Superior

Durante vinte seculos não haverá na historia do Brazil um homem superior a Sua Magestade o Sr. D. Pedro II.

João Manoel Gonçalves (Rio Grande).

*

D. Pedro II

O reinado de D. Pedro II encheu durante quasi meio seculo, as paginas mais gloriosas de nossos annaes. A sua memoria encherá os seculos de admiração, e de opprobrio esta geração de apostatas e vendilhões.

ALFREDO F. RODRIGUES (Rio Grande).

(Publicação avulsa—*D. Pedro Segundo*—numero unico commemorativo.—Rio Grande, 4 de Janeiro de 1892—30º dia de seu passamento).

Informação

Lê-se nas « Ephemerides Navaes » do Capitão de Fragata José Egydio Garcez Palha: 1 de Outubro de 1859 — Partem do Rio de Janeiro afim de visitar as provincias do Norte, á bordo do vapor *Apa*, o Imperador D. Pedro II e sua esposa. Os navios de guerra *Amazonas, Paraense* e *Belmonte* acompanhão o *Apa*.

(Publicação já citada de 1892).

Tamandaré

Quando o Imperador foi em 1859 visitar as provincias do Norte, a divisão naval que o transportava era commandada pelo chefe de esquadra Joaquim Marques Lisboa.

No regresso ao Rio de Janeiro fundeou a divisão no porto de Tamandaré, em Pernambuco. Ahi pedio licença Marques Lisboa ao Imperador para trazer n'um dos navios os restos mortaes de seu irmão Manoel Marques Lisboa Pitanga, que se achavão enterrados no cemiterio de Tamandaré, afim de deposital-os no tumulo da familia no Cajú. Quiz o Imperador saber como tinha fallecido naquella pequena villa um irmão do chefe de esquadra Lisboa e referio-lhe este que Manoel Marques Lisboa Pitanga, depois de combater como voluntario na guerra da independencia, adherira á revolução de 1824, que pretendia fundar a Confederação do Equador. Ahi, em Tamandaré, commandava elle uma força revolucionaria que foi atacada e vencida por outra do Governo, depois de renhido combate em que Pitanga praticára actos de heroismo, preferindo deixar-se matar do que entregar-se.

Ouvida essa revelação ordenou o Imperador que a trasladação dos restos de Pitanga a bordo do navio que os devia

levar fosse feita com todas as honras devidas a um militar valente e pundonoroso, por illegitima que fosse a causa que defendia.

Mais tarde quando o Imperador quiz distinguir o chefe de esquadra Marques Lisboa com um titulo, o ministro Paes Barreto propoz um titulo do Rio Grande do Sul, provincia da qual era oriundo aquelle militar. Mas o Imperador atalhou-o dizendo que queria que elle fosse Barão de Tamandaré, em recordação da gloriosa morte daquelle irmão.

E assim succede que o titulo do Marquez de Tamandaré tem uma origem republicana.

(Communicado por pessoa fidedigna que ouvio o proprio Sr. de Tamandaré narrar o facto nos alludidos termos no anno de 1893).

Observação do Dr. Joaquim Nabuco

« A missão na monarchia no Brazil não tem exemplo na historia das dynastias. O primeiro imperador creou a nacionalidade, o segundo constituio a nação, e sua filha, em uma curta regencia, aproveitando o que elle mesmo havia iniciado, realizou a abolição, fundando a igualdade social.

« Um creou a Patria, outro a nação, e a terceira pessoa dessa trindade nacional creou o Povo. De volta ao Brazil, ao fitar o solo da patria, o Imperador está diante da posteridade.

« Elle póde ler na alegria de uma raça libertada e da gratidão de um povo social e moralmente unificado durante o seu reinado a grande quietação da historia. »

(*O Imperador no Exilio,* livro do Dr. Affonso Celso, publicado em 1893.)

Correspondencia

Lisbôa, 23 de Abril de 1893.

— Nas associações dos archeologos e architectos portuguezes realizou-se no dia 16, a sessão solemne destinada á inauguração do retrato do fallecido socio o Sr. D. Pedro de Alcantara, que fôra imperador do Brazil, e desvellado protector da mesma associação.

Presidio o Sr. Serpa Pinto, representando El-Rei o Sr. D. Carlos, que não pôde assistir por estar em Alvito.

O Sr. Dr. Alfredo da Cunha leu o elogio historico do Sr. D. Pedro, de que fôra incumbido pela associação. E' uma peça litteraria de bastante valor, elegante e bem redigida, pondo em relevo o vulto sympathico do ex-imperador, principalmente

sob o ponto de vista politico e moral. Foi muito e justamente applaudido.

O Sr. Serpa Pinto entregou ao Sr. Possidonio da Silva, presidente da associação, a medalha de ouro, que ha muito a referida associação resolvêra conceder-lhe, e cuja cunhagem e entrega a exagerada modestia de S. Ex. achára sempre meios de adiar.

A associação dos archeologos e architectos portuguezes, prestando tão justa homenagem ao seu velho presidente e fundador, que tão importantes serviços lhe tem feito e ao paiz, praticou um acto, que sobremodo a honra, não menos que ao Sr. Possidonio da Silva.

(*Jornal do Commercio,* 16 de Maio de 1893).

Discurso do Dr. Alfredo da Cunha

SENHORES

Se ha assumpto que por igual se imponha ás reflexões da intelligencia e ás emoções do coração, é a vida do soberano, a cuja immaculada memoria hoje me cumpre, no desempenho d'uma incumbencia honrosa, consagrar algumas palavras de sympathia e de justiça.

Nem o encargo, embora espinhoso, era para mim declinavel. Se, por melindres justificaveis, póde recusar-se o panegyrico a quem se erga na culminação do poder, não deve nunca negar-se a um morto illustre, que cahira em desgraça, a homenagem aos altos dotes que lhe assignalassem o espirito, ás altissimas qualidades que lhe ennobrecessem o caracter... Além de que nenhuma fronte ha que se não incline ante o cadaver d'um homem, que havendo presidido aos destinos d'um dilatado imperio, como que se extinguio em vida, morrendo para as luctas da politica e para os esplendores da realeza, quando ainda tinha sensibilidade e tinha alento para as mais torturantes angustias da existencia.

Não é, por emquanto talvez, chegada a opportunidade de se formular uma apreciação despreoccupada, e conseguintemente definitiva, ácêrca do ultimo imperador do Brazil.

Ha anomalias, contradictorias aberrações nos juizos da historia, como é, d'alguma maneira, contradictoria a acção consumptiva do tempo, que tende a apagar cicatrizes nas mesmas frontes em que, dia a dia, vinca e aprofunda rugas inapagaveis.

Para o monarcha brazileiro, houve, comtudo, uma especie de prematura posteridade. E á semelhança do genial exilado que em Elba affirmara ter ouvido, como de dentro d'um tumulo, a voz das gerações futuras que o glorificavão, D. Pedro II,

sobrevivendo, por assim dizer, a si mesmo, pôde ainda apreciar, do seu longinquo retiro de França, em um côro unisono, o *veredictum* universalmente pronunciado sobre a sua larga obra de politico e sobre as suas egregias virtudes de patriota. E, n'esta parte, poucos reinados reclamão tão legitimamente da critica o «juizo do coração» de que fallava Pascal, porque em poucos soberanos, tanto como neste, os enthusiasticos dictames do sentimento dominárão os calculos frios e quasi sempre egoistas do raciocinio.

E' por demais sabido que a vida de D. Pedro não teve, como dos guerreiros de raça, a doiral-a de luz o sol ardente dos combates. A guerra do Paraguay — baptismo de fogo e sangue, de que o imperio surgio mais vigorosamente temperado para os certames da paz — foi um facto anormal, acceito apenas como uma prova de força que as circumstancias tornavão uma condição imprescindivel de vida.

Durante os cincoenta e oito annos decorridos de 1831 a 1889, nunca, a exemplo dos restantes estados da America, após a espada de um aventureiro prestigioso, o Brazil foi levado á incerta lucta, donde emergem as grandes glorias, mas onde igualmente se apagão as mais refulgentes auréolas. Vio-se, pelo contrario, conduzido, sem esforço e sem sobresaltos, pela mão prudente d'um homem que o estremecia e que personificava, na circumspecção com que lhe dirigia os passos, e no carinhoso affecto com que lhe preparava o futuro, o verdadeiro *pater patriæ*, no mais levantado e completo sentido da expressão. Pois é esta a caracteristica do seu reinado, e é este o porque dos defeitos, tanto como das virtudes, que lhe forão apontadas no cumprimento da sua ardua missão de governante.

Aventou-se que, em politica, na experiencia de D. Pedro II, a linha recta não parecia ser o caminho mais curto entre dois pontos. Não era, em certo modo, descabida a observação, nem era igualmente de censurar o procedimento do monarcha que a inspirava.

Um paiz sem tradições nem habitos de autonomia, e em cuja população, além do elemento servil, entrava, ainda não ha muito, por quasi uma decima parte, o elemento selvagem rebelde a todas as catecheses, não se governa como uma nação com fundas raizes no passado, com direitos adquiridos a ter opinião propria, e a fazel-a escutar e prevalecer na direcção dos negocios publicos. E o Brazil — como a Minerva do velho mytho — levantando-se abruptamente de colonia em imperio, surgio armado para a existencia independente e livre, porque assim se diga, d'um só jacto, d'uma impulsão unica.

Tornava-se, por isso mesmo, necessario que as armas que lhe entregavão, que a outorga de prerogativas concedidas

por uma constituição vasada nos mais amplos moldes das liberdades modernas, o não subvertessem nos perigos, que, na primeira idade da vida, ameação uma nacionalidade, tanto como um individuo.

O imperador de certo o comprehendeu lucidamente; e entendeu, e bem, que para reger um paiz que acaba de nascer para a independencia, era preciso mais do que uma passividade automatica escrupulosamente formalista; erão indispensaveis a acção e a iniciativa d'um chefe, que fôsse principalmente um guia e um educador, e que o levasse, embora contra a vontade que na infancia tantas vezes se transvia, para um fim de constante progresso material e moral.

O que aos olhos de muitos se afigurava portanto o disfarçado exercicio d'um poder que se cria absoluto no mando, essa pretendida omnipotencia que, no dizer d'um illustre publicista fluminense, convertia de facto o imperador no primeiro ministro permanente do Brazil, não ia além do natural auctoritarismo d'uma tutoria, aliás demasiado condescendente e benevola para os que contra ella mais ou menos ostensivamente se insurgião. Ora nem mesmo os defensores puritanos do systema representativo repudião a legitimidade, ou, o que é mais, a indispensabilidade, no regimen governativo d'um povo ainda não perfeitamente *compos sui*, sem a clara consciencia dos seus deveres e sem a plena posse dos seus destinos, de uma especie de despotismo paternal, cuja auctoridade, posto que limitada por preceitos constitucionaes, seja preponderante de facto. Foi-o realmente a auctoridade exercida por D. Pedro II; e porque o seu governo, sem de nenhum modo se mostrar intolerante ou retrogrado, era essencialmente pessoal, resentio-se, de principio a fim, das qualidades pessoaes do governante.

Muitas vezes succede, meus senhores, que uma simples palavra, um parallelo apenas esboçado, defina e precise um caracter como um termo se define e precisa por outro termo de rigorosa synonymia.

D. Pedro II suscitou ao mais fecundo genio poetico da França a recordação de Marco Aurelio, o doce philosopho, de cujo sereno e compassivo estoicismo, mais alto e mais puro que o do proprio Seneca, sobrelevavão duas paixões absorventes — a idolatria da patria e a idolatria do dever.

O monarcha brazileiro foi um philosopho e um christão convicto: a philosophia dominou-lhe a intelligencia, como a moral christã lhe dominou o coração. O mesmo, pois, é dizer que foi um austero e um bom.

Assim tambem dois factos, trahindo a acção d'estas influencias preponderantes, se mostrão capitaes no transcurso

do seu reinado: o desenvolvimento da instrucção geral, acompanhando e auxiliando o da riqueza publica, e, acima de tudo, a admiravel pertinacia em levar a cabo uma generosa reforma, contra a qual, desde começo, se conjurárão os mais inconfessaveis e intransigentes egoismos.

« E' geralmente sabido, escrevera Herculano a proposito de um livro de Gonçalves Dias, que o joven imperador dedica todos os momentos que póde salvar das occupações materiaes de chefe do Estado, ao culto das lettras. Mancebo, prende-se á mocidade, aos homens do futuro, por laços que decerto as revoluções não hão de quebrar, porque o progresso social não virá acommettel-o inopinadamente nas suas crenças e habitos.»

Enganou-se o lucido pensador, não quanto ao facto que apontava, mas quanto á prophecia que formulou, e em que não levava em conta o desrespeito e a ingratidão dos homens. Porque D. Pedro II foi accusado — como o fôra Marco Aurelio de querer impôr a sua philosophia ao povo — de se absorver por demais no estudo, em prejuizo dos negocios do Estado.

Possuindo uma assombrosa memoria e uma erudição vastissima, dotado, como observou Tissandier, d'uma intelligencia verdadeiramente universal, — sabio, litterato e artista — naturalissimo era, sem duvida, que as suas accentuadas predilecções em muito lhe occupassem o tempo e lhe absorvessem a attenção. Nunca, porém, justiça é confessal-o, o largo saber e a clara e ávida intelligencia de D. Pedro se voltárão em prejuizo do Brazil, que tirando consideração e respeito dos raros dotes por meio dos quaes, entre sabios e entre monarchas, se distinguia o seu soberano, na paixão que este votava ao estudo encontrou o factor que mais efficazmente concorreu para que as escolas, as bibliothecas e os mais variados estabelecimentos de ensino rapidamente se multiplicassem no imperio.

Ao mesmo tempo, por um outro idéal—o da alforria definitiva do escravo—anceava o seu coração, como os dos mais nobres propagandistas brazileiros,

O congresso de Pariz adoptára em 1867 a resolução de appellar para os governantes e para a opinião dos povos, afim de que a escravidão e o trafico fossem immediata e radicalmente abolidos. Não podia este appello ficar sem echo por parte d'um monarcha, que sendo um philosopho, não buscava comtudo explicar e legitimar a escravidão, como aliás havião feito os mais luminosos genios philosophicos da antiguidade. Porque para Socrates, o virtuoso, era a mesma virtude—como a sabedoria o foi para o idealismo puro de Platão—o criterio da distincção fundamental de duas

raças, que entre si se distanciavão, segundo o pensamento aristotelico, por differenças equivalentes ás que se constatão entre o corpo e o espirito, entre a intelligencia e a sensibilidade.

Casavão-se melhor com os sentimentos de D. Pedro as doutrinas genuinamente christãs dos moralistas, que, como S. João Chrysostomo nas *Homilias*, pensavão que a lei de Deus não se prestava a reconhecer a desigualdade firmada pela lei dos homens entre a raça livre e a escrava. E foi a harmonia d'estas duas leis que elle se esforçou por ir pouco a pouco estabelecendo, visto que tal *desideratum*, como em seu nome o governo brazileiro respondia á mensagem da Junta emancipadora franceza, obtemperava ao que «o espirito do christianismo desde ha muito reclamava do mundo civilisado».

Para a obra da emancipação concorria, porém, o imperador muito antes do congresso lhe chamar a attenção para tal assumpto, e tanto que datava de 1851, isto é, de dezeseis annos antes da reunião de Pariz, a leí prohibitiva da importação de escravos—providencia sobre a qual chegara terminantemente a declarar, n'um despacho celebre, que collocava a sua propria corôa.

A lei de 1871, cortando mais fundo, preceituava a condição livre do ventre; como todavia não bastasse a satisfazer as aspirações de D. Pedro, suscitou este em 1884 a proposição d'uma nova medida, que o parlamento rejeitou, mas que, a haver sido adoptada, terminaria de vez, em dez ou doze annos, com o elemento servil.

Dissolvida a camara, abrio-se renhida campanha eleitoral entre os *abolicionistas*, que querião a libertação de facto, e os *emancipadores*, que, illudindo as aspirações do imperador, se limitavão a um simulacro de emancipação. Coube aos segundos a maioria real, embora a nominal pertencesse ao partido adverso, e a proposta do governo teve de ser novamente adiada para melhor opportunidade.

Alludindo aos trabalhos precursores da lei de 1871, José d'Alencar, que involuntariamente rendia o mais levantado elogio á entidade que verberava, dizia indignado: «Não se tracta d'uma lei, tracta-se d'uma conjuração do Poder. Desde 1867 que o Poder conspira, fatigando a reluctancia dos estadistas chamados ao governo, embotando a resistencia dos partidos.»

Nesta conspiração, assim tão acremente estygmatizada, não desesperou todavia D. Pedro um só instante. E a isto deveu sem duvida o Brazil o não se ter realizado o triste vaticinio d'um dos mais ardentes evangelisadores do abolicionismo—de que a sua patria havia de celebrar o centenario

do descobrimento da America com a bandeira coberta de crepes, enlutada pela aviltante macula da escravidão. Se tal não succedeu, se a bandeira brazileira pôde tremular sem mancha n'essa commemoração recente, foi porque o imperador, depois de mil vicissitudes, de mil constantes esforços, depois de novamente batido por uma votação contraria do parlamento, logrou afinal que a lei de 13 de Maio de 1888, que, embora firmada pela Princeza regente, era a sua obra sobre todas querida, expungisse immediata e incondicionalmente a escravidão do Brazil.

Quem bem attentar n'este facto, em que, por ser culminante na historia do imperio, mais detidamente insisto, ha de admirar a perseverança, a tenacidade do soberano na realização do seu intento, fazendo concessões, torneando difficuldades, vencendo resistencias, suscitando conflictos que lhe punhão em risco a corôa, mas, com a obstinação e a força demolidora d'uma corrente que jámais retrocede sobre o seu proprio curso, abrindo sempre, constante e persistentemente, um leito viavel para a sua idéa fixa.

Na evolução social, a relação de determinação entre o passado e o presente, entre os antecedentes e os subsequentes, é uma das reivindicações em que mais insiste uma escola philosophica que no Brazil creou numerosos adeptos, e cujas doutrinas, porque fossem hauridas com soffreguidão demasiada, talvez em muito concorressem para a prematura subversão das instituições monarchicas tradicionaes. Mas essa escola, que para si reclama a prioridade de haver feito da historia uma sciencia com leis de filiação definidas, é a mesma que accentúa, pela penna de um dos seus eminentes primazes, o quanto é difficil aquella determinação, em que actuam elementos diversissimos—uma vasta complexidade de condições inherentes á innumerabilidade dos orgãos, á variedade das influencias, á complicação do machinismo, á infinita sequencia de imprevistas connexões.

Longe me levaria, por conseguinte, o desenvolvimento das causas efficientes dessa revolução, para a qual a força das idéas se conjugou, e quasi se confundio, com a força e o ardor das ambições, e que derribava o imperio n'um anno de bom presagio para os que, no seu prurido demolidor, queriam que 1889 fosse para o Brazil o que, precisamente um seculo antes, 1789 fôra para a França—a radiosa aurora d'uma época de redempção e rejuvenescimento.

Havia, desde muito, entre os brazileiros, quem aspirasse á identificação do regimen politico com o das republicas limitrophes. Tal aspiração estimulava, não de certo a necessidade, mas a curiosidade d'uma mudança de instituições, d'uma renovação de scenario constitucional, visto que o imperio

representava, aos olhos dos americanisadores intransigentes, uma anomalia antinomica com o natural modo de ser dos estados circumvisinhos.

Para os revolucionarios idealistas, para o doutrinarismo especulativo—não menos, digamol-o, que para o empirismo especulador—a prosperidade da nação dependia da conformidade governativa com os Estados que a cercavão, e a sonhada republica brazileira afigurava-se-lhes, como a Antichtona da velha escola italica, um astro que, embora ainda não radiasse na constellação politica do novo mundo, já se contava que devesse integrar, mais tarde ou mais cedo, o systema geral dos governos americanos.

Inevitavel, pois, como era, o conflicto de que devia resultar essa mutação, essencialmente theatral, rompia em Novembro de 1889, provocado pela indisciplina do caudilhismo insoffrido, e instigado pelo descontentamento dos fazendeiros feridos nos seus interesses pela lei emancipadora de Maio de 1888. Porque cumpre accentuar o facto de que foi a promulgação d'esta lei que abreviou os dias do imperio, como algumas dezenas de annos antes — notou-o atiladamente um abolicionista illustre — fôra tambem a causa da escravidão que em não pouco tempo contribuira para o ostracismo de José Bonifacio e para a entrega ao cadafalso dos nacionalistas pernambucanos.

Uma das theses do partido conservador, em 1837, era que o imperador « imperava, governava e administrava » ; uma das maximas do partido liberal, em 1869, era que o rei « reinava e não governava ».

Entre estas duas datas, não se poupárão esforços para a realização de um fim que os liberaes radicaes dizião ser a passagem do estado do fetichismo á democracia pura, e para cuja consecução era indicada, como primeiro passo a abolição do poder moderador.

Sem renegarem abertamente o seu credo monarchico, abalado desde que em 1868 se publicára o programma liberal-radical, os liberaes offerecião aos poderes constituidos o dilemma — reforma ou revolução, — optando os radicaes, em fins de 1870, pela chamada «revolução moral, » conforme se exprimião no manifesto de Dezembro deste anno.

Nenhum, porém, dos mais avançados partidos politicos brazileiros, nem os liberaes de 1869, nem os republicanos de 1870, que sem trepidarem ante os perigos de uma conflagração social proclamavão a urgencia das mais profundas reformas, fazia questão essencial do humanitario principio apostolado pelos abolicionistas. Os liberaes promettião a gradual — não a immediata — emancipação dos escravos, a qual confessavão « não ter intima relação com o objecto do

programma » que defendião; e os republicanos, na mesma dubia espectativa, mantinhão uma igual contemporisação com as instigações do interesse e com os philanthropicos protestos do abolicionismo, apressando-se comtudo a repudiar, logo que lhes foi attribuido, o levantado intuito de darem um golpe decisivo no estado servil.

Não me deterei, porque só pretendo apontar o estranho facto, a frisar o contraste entre o que havia de retrogrado, ou, pelo menos de nimiamente conservador, n'este procedimento que lisongeava egoismos, e o que inversamente se alardeava de progressivo nos processos politicos, que, sem excluirem a idéa extrema da revolução, devião conduzir á acquisição do poder. O que é todavia certo é que, a respeito de muitos dos que no Brazil se inculcavão reformadores de praticas obsoletas, não póde affirmar-se, como aliás tão justamente de D. Pedro se escreveu, que sempre collocassem os principios acima de si mesmos, n'um plano sobranceiro ao das suas menos legitimas conveniencias partidarias.

N'uma festa memoravel, com que as crianças das escolas celebrárão na capital do imperio a lei de 13 de Maio, um notavel tribuno, em uma eloquente apostrophe á Princeza regente, dizia-lhe: « A lei que sanccionastes abrio-vos os corações dos bons patriotas... E', senhora, por esta fórma que firmareis o throno dos vossos antepassados. »

Enganou-se o ardente democrata, como o maior dos nossos historiadores se illudira fallando do então joven imperador D. Pedro. E — decepção formal! — era aquella mesma generosa providencia que mais concorria para a revolução, que no anno seguinte ao da *lei diamantina* expatriava o imperante, pelo sabio escriptor reputado ao abrigo das tempestades politicas, e a Princeza que aos espiritos ingenuamente enthusiastas parecia ter assentado com a magnanimidade daquelle acto, em mais seguras bases os degráos do seu throno!

*
* *

E' em verdade, digno de reparo, meus senhores, que fossem os melhores dotes pessoaes do imperador, que fossem, não tanto os defeitos como as virtudes do seu caracter, que mais poderosa e decisivamente influissem para accelerar o movimento revolucionario que tão bruscamente lhe poz termo ao reinado. Porque se a emancipação do elemento servil, causa proximamente occasional da sua quéda, se havia imposto ao seu humanitarismo christão, o desenvolvimento rapido do ensino, por meio do qual os que officialmente o ministravão, fiados na tolerancia do soberano, ião incutindo no povo idéas demolidoras, afigurava-se-lhe um dever de consciencia, cujo

cumprimento nem mesmo sacrificaria ao natural empenho de continuar a cingir uma gloriosa corôa. Além de que a abnegação em frente de todos os interesses, o desprendimento de todas as ambições, consequencia da austeridade da sua philosophia, erão de molde a crear-lhe essa funesta lenda, com acerto explicada por quem lhe poz na bocca as nobres palavras do rei Juba, do *Catão*, de Garrett:

... se o throno ha de custar-me
uma só violencia, um só gemido,
.... abjuro o throno.

Indifferente á suggestões da vaidade — e tanto que trocára o monumento que os seus compatriotas lhe havião offerecido pela creação de novas escolas onde se educassem mais alguns filhos do povo — preferindo que o apreciassem como sabio a que o acatassem como imperador, as praxes, as exterioridades e etiquetas da côrte prendião-no pouco, prendião-no menos do que seria mister para a segurança do sceptro que empunhava ; e isto sem duvida concorreu para que tomasse corpo a crença no seu republicanismo, a extravagante convicção de que o imperador era o primeiro inimigo de si proprio!

« As fórmulas que ajudão a manter a nobreza do porte — diz, em um conhecido romance da escola naturalista franceza, um velho servidor á sua rainha no exilio — são a inflexivel armadura que sustenta de pé o soldado, ainda depois de mortalmente ferido.» D. Pedro nunca soube manter, em presença do povo, a cabeça bem erguida, bem altiva e bem hirta. Não admira portanto que a corôa lhe cahisse da fronte, quando esta mais se curvava para attender as queixas e para escutar os gemidos da classe mais desditosa e opprimida do seu paiz.

Quando ainda imperava de facto, annotando um livro celebre, escrevêra elle estas palavras, que erão por assim dizer, os artigos do seu crédo: «A *fé* religiosa não a separo da *esperança*, porque espero da misericordia infinita de Deus que todos os homens que houverem cumprido os seus deveres, tanto quanto o permitte a imperfeição humana, serão recompensados: não a separo tambem da *caridade*, a que repugna a *intolerancia*.» Submettido á mais dura das provas, foi na desgraça que crystalisou esse nobre e severo sentimento de esperança em uma justiça mais alta que a justiça humana, traduzido na serena indifferença perante o terror da morte, do mesmo modo que perante as vicissitudes da vida.

« — Tomai o meu patrimonio, se o quereis; se quereis o meu corpo, aqui o tendes... » dizia resignadamente o santo bispo de Milão ao imperador Valentiniano. Semelhantemente tambem, D. Pedro II, que deixára os seus bens ao abandono, expunha o corpo a uma morte inevitavel quando, alquebrado

pela doença, ao saber d'essa quasi pena de talião imposta áquelle que tão audazmente se lhe substituira no poder, se offerecia para voltar ao Brazil, se do Brazil delle porventura precisassem. E se o seu estoicismo culminou nas horas do infortunio, não é facil de conceber adversidade mais dolorosa do que a do venerando monarcha que, apenas expulso da patria, perde a esposa amantissima, doce e carinhosa companheira dos seus melhores annos, e que, após meio seculo de existencia consagrada por inteiro a realizar a divisa que uma revolução triumphante veio a inscrever no mais alto da bandeira que hasteou, ainda tem a desventura de viver o bastante para vêr esse lemma de «ordem e progresso» tornar-se, nas inevitaveis incertezas d'um regimen novo, de aspiração generosa para um melhor futuro, em simples *memento* evocador d'um mais feliz passado!

No povo, raro perdurão sympathias ou se radicão animadversões. Umas e outras oscillão á mercê das paixões, que lhe incitão, como a flammula ondeia ao capricho dos ventos que a fustigam. Mas umas e outras, reconheçamol-o, assentão n'uma permanente base de real ou de apparente justiça, como a flammula se prende á haste fixa em que tremúla.

Póde, no fundo, ser falso o impeto a que obedece; póde errar nos seus intuitos, como tantas vezes erra nos seus juizos; mas não é que o espirito publico consciente e propositadamente se mova por mesquinhas influições de rancor, quando nem sequer frequentemente o estimulão as legitimas instigações do interesse.

Ainda, porém, quando pratica o maximo mal, o povo — claro que não me refiro ás facções partidarias, mas a collectividade onde pulsa, n'um paiz, a alma nacional—não julga praticar a minima iniquidade. Tendo a inconsciencia d'um echo, como um echo apenas repete hoje a palavra de paz, e amanhã repercute o grito de exterminio. E assim é que quem lance com arte ás multidões um germen de calumnia ha de — do mesmo modo que a ondulação é igual na agua em que cae uma lasca de granito, ou uma lasca de diamante—vel-o fructificar, prolifico e fecundo, como aquelle que lhes inculta uma pura semente de verdade.

O glorioso tragico inglez, que personificou em typos de eterna verosimilhança as eternas e dominadoras paixões do homem, traçou um quadro da mais flagrante observação psychologica ao pintar, na scena da oração funebre de Marco Antonio sobre a morte de Cesar, as tergiversações, as dubiedades do povo, que a mão habil d'um guia conduz, com a mesma docilidade, para o bem ou para o mal, para a justiça ou para o crime, e bastas vezes até para a vida ou para a morte.

O Brazil offerece, na deposição do seu ultimo imperante, a prova real daquella incontroversa verdade historica. O acclamado de um dia era o expatriado do dia seguinte, em cuja sentença nem ao menos se levou em conta a attenuante do seu amor infindavel pela patria. E o finado imperador, ao sentir-se tão violentamente ferido nos mais ternos sentimentos da sua alma, havia de duvidar, duvidou de certo, da realidade do golpe que lhe vibravão, como na tragedia shakspeareana o sangue de Cesar acode ás bordas da ferida para se certificar se fôra a mão do amigo, mais do que todos querido, que o fizera romper a jorros do coração.

Não é, meus senhores, não é só a fortuna nas armas alliada ao vivo ardor da crença, que logrão santificar nomes como o de Luiz IX de França ou o de Fernando III de Castella; não é só a maravilhosa, a incomprehendida missão d'uma illuminada, coroada pelo mais brutal dos martyrios, nem a paciencia heroica, a heroica e viva fé na realização d'um audaz ideal, que recommendão á beatificação da egreja os nomes da martyr que morreu pela França e pelo seu delphim, ou o d'esse descobridor vidente, cujo nome não ha muito echoou nos dois mundos, erguido n'um hosanna glorificador, universalmente conclamado por milhões de boccas.

O resplendor da santificação dão-no, de facto, os grandes heroismos, os grandes martyrios, as crenças fundamente enraizadas; mas ha de tambem cingir a fronte d'aquelles que respondem com a suprema resignação ás ingratidões supremas. Porque a lenda, que já hoje se levanta como um nimbo em volta d'esse vulto, que morreu hontem, ha de pouco a pouco adquirir consistencia e fórma, illuminando-o da mystica auréola que dá ás incomportaveis desgraças uma estranha feição sobrenatural e quasi divina.

E bem explicavel, bem presumivel é que tal succeda com o homem que tendo, no naufragio de todas as suas grandezas, de todas as suas aspirações, perdido tambem tudo menos a honra, sò para o exilio levara a immensa amargura da sua nostalgia de velho proscripto, e aquella mesquinha pá de terra brazileira que devia cobrir-lhe o cadaver, quando a morte para sempre lhe extinguisse no coração a profunda e irreductivel saudade do seu paiz — essa saudade que, por ultimo, se diria ser o mais resistente, o mais forte, o unico e vivo alento da sua grande alma de patriota.

(De uma publicação avulsa archivada no Instituto).



EXPLICAÇÃO

O desejo de se reunir a maior copiá possivel de dados no presente volume fez com que se fosse aproveitando para a constante transcripção de novos documentos a morosidade da impressão, retardada por causas diversas, sendo uma bem conhecida.

Sobrevindo, porém, difficuldades na consulta e manuseio de algumas valiosas fontes de informações, entre as quaes mencionaremos a collecção do *Mercantil*, de Petropolis, resolveo-se a conclusão da obra sem mais adiamentos.

Eis a razão porque este livro, já bastante deficiente, apresenta muito sensiveis lacunas no *Supplemento* que é infeliz principalmente em tudo quanto se refere ao periodo tão interessante da abolição, iniciado em 1871 com a lei de 28 de Setembro e corôado em 1888 com a inesquecivel lei de 13 de Maio — o mais bello e puro florão de gloria do Brazil.

Não nos furtamos, entretanto, á obrigação de additarmos em tempo um novo trabalho que complete as deficiencias que somos os primeiros a reconhecer e lamentar.

Com a collaboração dos estudiosos e amantes da verdade esperamos augmentar cada vez mais este repositorio, de modo que o *Instituto Historico e Geographico Brazileiro* possa dar desempenho da missão que lhe cabe, fiel á sua divisa:

Auspice Petro Secundo Pacifica Scientiæ Occupatio

H. R.

